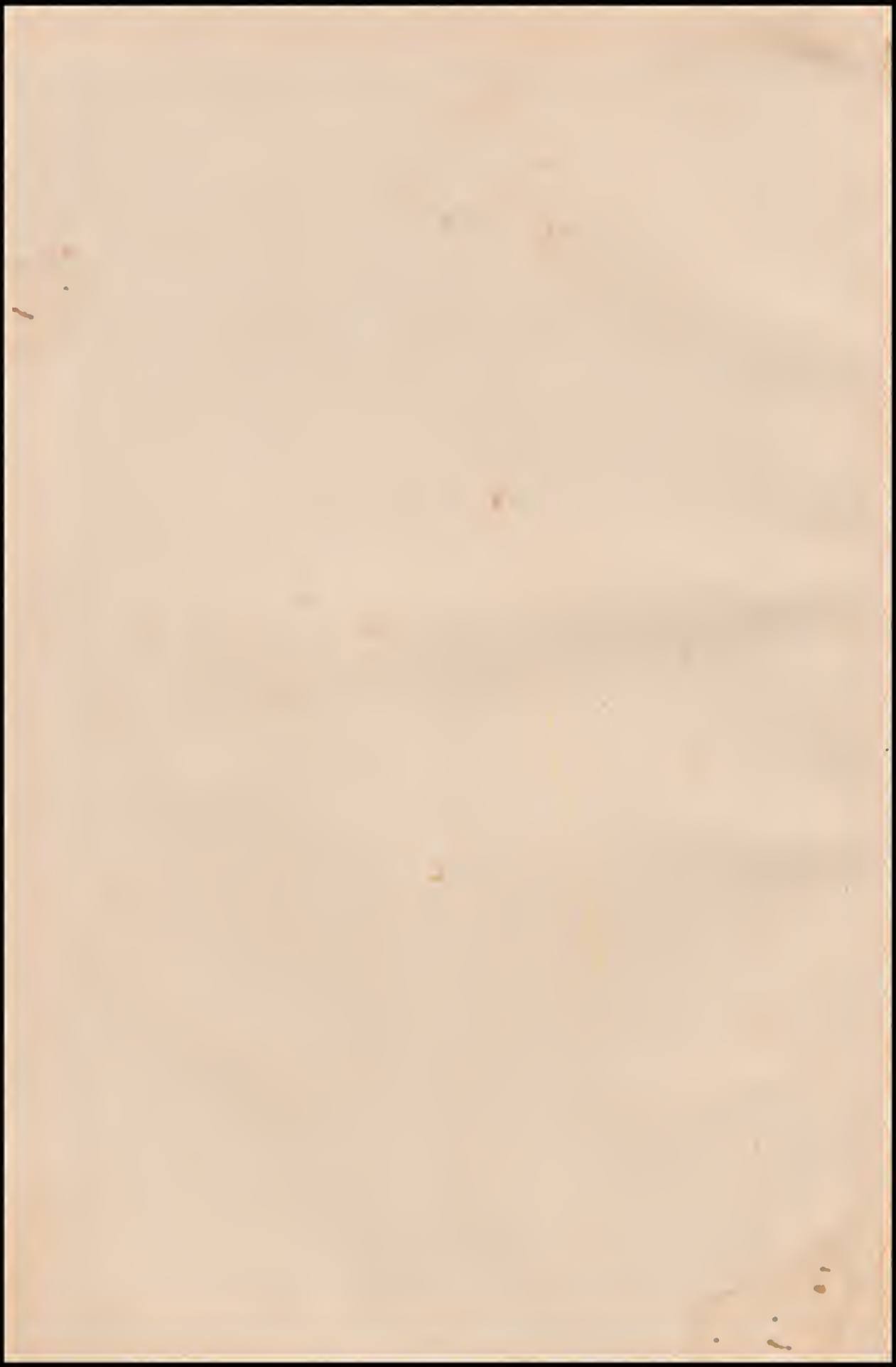


SciELO

242





SUPPLEMENTO D' « A LAVOURA »

ACTAS DA DIRECTORIA



Acto da 108.ª Sessão de Directoria em 8 de Janeiro de 1901

PREZENCIA DO SR. D. MOURA BRAZIL

No dia 8 de Janeiro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Moura Brazil, Aristides Castro, Fabio Leal, Wencesláo Bollo, Jacy Montelro, Sergio da Carvalho, Alberto Jacobina e Barão de Capuana, Antonio Augusto Pereira da Fonseca, Carlos Raulino, Demotrio Schoerl, Frederico Raulino e Dr. Augusto Bernacchi, é aberta a sessão.

EXPOSICENTE

Cartas do Exm. Sr. F. A. Rosa e Silva, Vice-Presidente da Republica, agradecendo e retribuindo felicitações pela entrada do novo anno; cartões dos Exms. Srs. M. Okochi, Ministro do Japão; Dr. João Felipe Pereira, Prefeito; Marechal Milet, Ministro da Guerra; Dr. Epitacio Pessoa, Ministro da Justiça; Dr. Thomaz Cochrano, Secretario do Presidente da Republica; Dr. Olyntho de Magalhães, Ministro da Relações Exteriores; do Director Geral dos Telegraphos; do Dr. Antonio B. Lopes Ribeiro Junior, Director da Imprensa Nacional; do General Quintino Lacyuva, Presidente do Estado do Rio; do Dr. Alberto Torres, do Sr. Antonio Augusto Pereira da Fonseca, do Dr. Gustavo R. P. d'Utra, Director do Instituto Agronomico de Campinas; do Sr. Nestor Passos, 1.º Secretario do Centro Catharinense, e dos Srs. Arens & Irmãos, agradecendo e retribuindo saudações pela entrada do novo anno.

Carta do Sr. Presidente da Camara Mercantil do Menos Ayres, accusando o recebimento da carta de 26 de novembro ultimo e da collecção d'« *Lavoura* ».

Officio do Dr. Arthur L. de A. Primo, Presidente do Conselho Municipal da cidade do Porto do Cachorro de Santa Leopoldina, Estado do Espirito Santo, respondendo á circular de 5 de novembro ultimo.

Officio do Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, Presidente da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná, communicando a existencia do Phylloxera em os vinhedos daquelle Estado e pedindo informações á Sociedade.

Officio do 1.º secretario da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná, accusando a remessa de um vidro com raizes de videiras phylloxeradas.

Officio do Sr. Dr. Leandro A. R. da Costa, Director da Secretaria do Ministerio da Industria, remetendo um pedido da *Executive Corporation*, por ordem do Sr. Ministro e pedindo que a sociedade lhe dê os esclarecimentos necessarios.

Carta do Director da *Colonia Rodrigo Silva* accusando o recebimento da carta de 20 de novembro proximo passado e pedindo informações sobre a sciencia.

Carta do Sr. Amadeu Mendes, 1.º secretario do Gremio Litterario Carlos Ferreira, pedindo a continuação da remessa d'« *Lavoura* » a aquella Instituição.

Carta dos Srs. Bromberg & C., do Porto Alegre, confirmando a carta de 18 de dezembro ultimo e communicando que os pulverisadores tiveram da Commissão de Tarifas uma classificação mais justa.

Carta do Sr. A. Delpech, desta Capital, pedindo a eliminção do seu nome do selo effectivo.

ORDEM DO DIA

O Dr. Oliveira Bello diz que fôra procurado pelo Sr. Euclides Plaisant, Secretario da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná, que lhe fallára para ceder-lhe temporariamente os productos que aquella Sociedade enviára para o Museu, afim de figurarem em uma exposição de productos paranaenses, que se ha realizar nesta Capital.

Não obstante lio parecer justa a solicitação, tanto mais quanto, o Sr. Plaisant assumia inteira responsabilidade, não decidio o caso sem ouvir alguns collegas da Directoria e depois de ouvir-os fez entrega dos mesmos productos, mediante uma lista assignada pelo Sr. Plaisant e que se acha na secretaria.

Fallaram sobre o assumpto o Sr. presidente e outros membros da directoria, sendo approvada unanimemente a deliberação do Dr. Oliveira Bello.

O Dr. Moura Brazil chama a attenção da Sociedade para as uvas allí expostas pelo distincto horticultor Sr. Pereira da Fonseca, que em todos os ramos de sua especialidade revela-se um homem operoso e de grande competencia. Como viticultor, o Sr. Pereira da Fonseca evidenciára mais uma vez o seu esforço bem dirigido, a sua longa experiencia, pois os productos allí exhibidos são de natureza a merecer os mais francos e entusiasticos louvores.

O Sr. Demetrio Schonert diz que o seu compatriota Salomão Boufarah, de Santa Cruz da Estrella, promptileza-se a fornecer ovos de bichos de seda a quem queira dedicar-se a sericultura.

O Dr. Pereira da Fonseca diz que tem a disposição dos sericultores, mudas de diversas variedades de amoreira.

O Dr. Moura Brazil diz que dirigiu-se ao Sr. Ministro da Viação, para tratar do passe e transporte para a fazenda de Santa Monica, sendo promptamente attendido.

Em seguida, refere-se ao systema de parceria que é o unico capaz de regularizar o serviço agricola e a necessidade de tornal-o extensivo aos retirantes coarcentos que tem chegado ao Estado do Rio. Muitos desses infelizes têm sido submettidos ao regimen do salário e attendendo no interesse de ambas as partes contratantes era preciso fixal-os ao solo por meio da parceria. *Os empregados de serviços agricolas* ja estão especulando com esses homens, e urge debellar essa exploração. Neste sentido, lembrou ao presidente do Ceará que a Sociedade Nacional de Agricultura poderâ incumbir-se de localisar esses trabalhadores.

O Dr. Bernardechi diz que como membro da commissão encarregada do cumprimento dos Exmos. Srs. Dr. Alberto Torres e general Quintino Bocaynva, deu cumprimento a sua missão apresentando a SS. EExas. os devidos cumprimentos, por parte da Sociedade do Rio.

O Dr. Aristides Carré convida a directoria a visitar a fazenda de Santa Monica a examinar os trabalhos realisados e pronunciar-se sobre outros que reclamam urgente execução. Des que lio foram remettidos com destino á mesma fazenda: euclidyptus, arvores fructíferas, plantas diversas pelo Sr. Antonio Augusto Pereira da Fonseca e um curso de cana mbá pelo Sr. Julio Correia e Castro.

Refere-se as molestias que tem apparecido nas videiras e pede um pulverizador, o que foi approvado.

O Dr. Fabio Leal propõe que a sociedade não se utilise para a propaganda do café dos 300 contos consignados no orçamento, sem que o Centro do Café confôrme com os governos de Minas e S. Paulo.

O Dr. Aristides Carré falla sobre a necessidade de adquirir-se estrume do Matadouro do Santa Cruz.

Alludindo ao assumpto o Dr. Moura Brazil preconiza a applicação do estrume de curral de mistura com cal e phosphato, julgando prejudicial em certos casos a applicação do adubo chimico puro.

E nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão.

Acta da 105ª sessão da Directoria em 29 de Janeiro de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. MOURA BRAZIL.

No dia 29 de Janeiro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde presentes, os Srs. Drs. Moura Brazil, Fabio Leal, Barata Ribeiro, Aristides Carrá, Venesinho Bella, Jacy Montelro, Sergio de Carvalho, o Barão de Capimora, Dr. Bomfim de Castro, Srs. Demetrio Schiori, Felipe Amigui e Brazilio Coeir, é aberta a sessão.

E proposto e accito socio effectivo o Sr. Prudente Rosa Corrêa, da estação de Sarandy, São Paulo.

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Theophilo Ribello, Director da Secretaria das Finanças do Estado de Minas, dizendo que a Sociedade não está bem informada sobre o imposto da mantelga e declarando ser esse um dos ramos da industria mineira que tem merecido maior beneficio por parte do Governo daquello Estado.

Cartão do Exm. Sr. Presidente da Republica agradecendo as felicitações pela entrada do novo anno.

Cartões do Dr. Alfredo Mala, Ministro da Industria; do Dr. Americo Werneck, Secretario da Agricultura do Estado de Minas; do Director dos Correios, do Dr. Ricardo Ernesto F. de Carvalho, do Dr. Francisco de P. Rodrigues Alves, Presidente do Estado de S. Paulo; do Dr. Severino Vieira, Governador do Estado da Bahia; do Dr. Manoel Páxoto Guimarães, Secretario da Camara Municipal do Espirito Santo de Guarará; do Sr. João Gitarra, Secretario da «Sociedade Recreio Familiar» de Pão de Assucar, Estado de Alagoas, agradecem e retribuem felicitações pela entrada do novo anno.

Officio do Exm. Sr. Dr. Olyntho de Magalhães, Ministro das Relações Exteriores remetendo as informações que recebera do Consulado Geral em Buenos Ayros, sobre a importação e exportação directas dos productos brazileiros e platinos.

Carta do Exm. Sr. Araujo Silva, Consul do Brazil em New Castle, enviando a traducção de um artigo publicado em um jornal de Londres.

Cartões do Director da Bibliotheca Publica do Maranhão e do Sr. Alexandre Mendes, Secretario da Sociedade Fraternaldo e Intreção Commercial, de S. Felix envião felicitações pela entrada do anno novo e agradecem a remessa de *Alavoura*.

Officio do Director da Bibliotheca da Capital do Estado da Bahia, pedindo remessa da lavoura e desejando boas festas.

Officio do Sr. C. Rouchon, Presidente da Camara de Commercio Francez, nesta Capital, accusando o recebimento do officio de dezembro ultimo e agradecendo as informações prestadas.

Officio do Dr. Victor Ferreira do Amaral, Presidente da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná, confirmando o officio de 31 de dezembro ultimo e remetendo um vidro contendo nove pacotinhos de raizes de videiras phyloxera las para serem examinadas.

Carta do Dr. José Augusto de Oliveira, de Alagoas, communicando a fundação da Sociedade Alagoana de Agricultura, em Maceió, filial a Sociedade N. de Agricultura.

Officio do Sr. Salvino de Almeida Pires, Presidente da Camara Municipal, do Missão Velha, communicando não lho ser possível remetter productos daquello municipio para o Museu por causa da secca que inflacta aquelle Estado.

Officio do Dr. Alfredo Ozorio de Cerqueira, de Barreiros, communicando a fundação «Club Agricola de Baereiros», no Estado de Pernambuco.

Officio do Sr. Mario Lagarde, Bibliothecario do Club Brazileiro Commercial, nesta Capital, fazendo votos pela prosperidade da Sociedade em o anno novo, e agradecendo a remessa da colleção de lavoura.

Carta do Sr. Salomão, Bonfarak de Santa Cruz da Estrella, remetendo uma bella amostra de secca e perguntando se o Governo da Uniao decreton premios para os sercienflores.

Officio do Sr. Dr. Julio Cesar de Magalhães Costa, Presidente da Sociedade Agricola Mnanense, communicando eleição do nova directoria daquella sociedade parã o biennio de 1901 a 1902.

Carta do Sr. Paulino Guimarães ao Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, desta capital, agradecendo a remessa dos ns. 31 a 33 d'A *Lavoura* e dos fascículos de 5 a 7.

Carta do Sr. Pedro Domingos Lopes, de Santa Maria Magdalena, comunicando sua mudança para a Capital daquelle Estado.

Carta do Sr. Dr. J. Saboya de Albuquerque, de Sobral pedindo a remessa de sementes de alfafa do Turkestan.

Carta do Sr. Antonio Melra, de S. José do Egypto, Pernambuco, pedindo sementes de feijão da China.

Officio do Sr. Alexandre Leon de Carvalho Roides, 1.^o Secretario da Sociedade de Agricultura da S. José dos Pinhães, communicando a fundação daquelle sociedade e pedindo diversas informações.

Carta do Sr. Carlos Renaux, de Brusque, Santa Catharina, pedindo a remessa de quatro saccos de sementes de algodão.

Carta do Sr. Joaquim Ignacio Loureiro, de Maceió, pedindo os estatutos da sociedade.

Carta do Sr. Francisco Inglez, de Iupira, accusando o recebimento da carta de 5 do corrente e tratando de parceria agrícola.

Carta do Dr. Augusto Moura, Presidente da Camara Municipal da villa de Sumidouro, offerecendo os serviços daquelle Camara em prol da propaganda agrícola.

Carta da Legação Italiana, nesta capital, convidando para assistir á missa que manda celebrar, no dia 30 do corrente, pelo repouso da alma do Exm. Sr. Conde P. de Antonelli.

Carta do Sr. Joaquim A. d'Oliveira Maia Outeiro, communicando a remessa para Santa Monica de sete armarios, uma estante e de um gazometro e remettendo a relação da despeza feita com o embarque dos referidos objectos na importancella de 408\$000.

Carta do Capitão de Mar e Guerra José Carlos de Carvalho, desta Capital, remettendo os livros e mais papeis pertencentes ao Centro da Lavoura do Café.

Ordem do dia — O Dr. Moura Brazil allude aos productos que foram offerecidos ao Muséo Permanente por diversos industriaes de herva matte no Paraná, tendo servido de intermediario o Sr. Euclides Plaisant e apresenta á Mesa algumas cartas no mesmo sentido, nas quaes aquelles senhores declaram que alguns dos productos, depois de figurarem na exposição devem ser distribuidos pelas pessoas indicadas nas referidas cartas.

Demorando-se a inauguração do Muséo, o Sr. Plaisant manifesta o desejo de tornar effectivas as determinações dos referidos industriaes.

Sobre o assumpto fallou os Srs. Sergio de Carvalho e Oliveira Bello, ficando resolvido que a Sociedade manifestasse ao Sr. Plaisant que, sendo o seu proposito inaugurar, ainda que provisoriamente, o Muséo, no mais curto prazo possivel, aguardaria essa oportunidade para dar cumprimento a tal deliberação.

O Dr. Oliveira Bello trata da necessidade urgente e inadiavel de Inaugurar o Muséo Permanente; diz que, na diffcultade de conseguir-se installação definitiva, seria proveitoso dar ao Muséo installação provisoria.

O Dr. Moura Brazil demonstra a impossibilidade de ser alugada uma casa para esse fim, attentas as despesas a que seria obrigada a Sociedade, e refere os esforços que tem empregado para obter uma casa para o Muséo. Proseguindo nessa ordem de considerações, refere todas as tentativas que fez junto ao Ministerio da Guerra, da Justiça e da Viação, para realisação desso *desideratum*, não tendo, entretanto, realiza lo seus desejos, por circumstancias que os seus collegas conhecem.

Fallam sobre o mesmo assumpto o Dr. Oliveira Bello, que propõe se peça a antiga Ucharia do Paço, e o Dr. Moura Brazil que, em additamento a medida suggerida por seu collega, propõe se ouvidos esforços para obter algumas salas no proprio edificio da Estatística, onde se fará uma installação provisoria, até que se obtenha um edificio apropriado. Ambas as propostas foram approvadas.

O Dr. Bernacchi refere a conferencia que teve em S. Paulo com o Dr. Rodrigues Alves, sobre a propagação do café, por delegação do Sr. Presidente, e manifesta a opinião de S. Ex. sobre o assumpto. O imposto de 2 %, não foi votado por attingir a grande somma de 600 contos, que, no conceito de S. Ex. seria excessiva, attenta a situação do Estado. Houve quem propuzesse um imposto minimo, o que não lhe pareceu sufficiente, senão certo, por eu, que S. Ex. concorda com a propagação e para garantir o exito desta já conta com pessoal.

O Dr. Aristides Cuire refere-se aos trabalhos da Santa Monica, sobre os

quaes apresentará relatório na própria sessão, o qual corresponderá ao anno findo.

O Dr. Moura Brazil refero-se a machina de descascar arroz, invenção do Sr. Joaquim da Silva Xavier, a qual flueza por 1:000.000.

O Sr. Xavier promptifera-se a assenda gratuitamente, já tendo seu filho, que é machinista, dado começo aos trabalhos respectivos. Pensa que a Sociedade deve concorrer com as despesas do passagem.

O Sr. Presidente refere tambem que o ex-deputado Italiano barão Guglielmini pretende realzar nesta capital uma conferencia sobre o café, a sumpto do que se occupa com o maior interesse e em resposta a essa communicação offerêra como lhe cumpria a sala das sessões da Sociedade.

L. nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente suspende a sessão.

Acta da 110ª sessão de Directoria em 23 de Fevereiro de 1901

PRESIDENCIA, DO SR. DR. MOURA BRAZIL

No dia 7 de fevereiro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Moura Brazil, Barata Ribeiro, Fabio Leal, Aristides Care, Wenceslão Bello, Domingos Sergio de Carvalho, e Barão de Capurona, os Drs. Bonifacio de Castro e Augusto Bernacchi é aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Officio do Exm. Sr. Dr. Euclido Mello, Governador de Alagoas, accusando o recebimento do officio de n. 1.350 e communicando a fundação da Sociedade Alagoana de Agricultura.

Officio do Exm. Sr. Dr. Olyntho de Magalhães, Ministro das Relações Exteriores, remettendo o relatório que foi apresentado áquelle Ministerio, pelo encarregado de negocios do Brazil em Berne sobre a viticultura na Suisa e tem agsam quatro brochuras e um volume cartonado que o acompanharam.

Officio do Exm. Sr. Dr. Olyntho de Magalhães, Ministro das Relações Exteriores, enviando o relatório que foi mandado aquelle Ministerio pelo 1º secretario da nossa Legação em Pariz sobre a viticultura em França.

Carta do Exm. Sr. Dr. José P. da Costa Motta, Ministro do Brazil em Santiago, remettendo diversas publicações.

Carta do Sr. Manoel Duarte Drummond, de Sant'Anna dos Ferros, Salto, Minas, pedindo sementes.

Carta do Sr. Salomão Bufarah, de Santa Cruz da Estrella, remettendo 10 kilos do casulo de bicho da seda.

Carta do Sr. Custodio M. dos Santos, desta Capital, Secretario do Instituto Brasileiro de Orlontologia, convidando para a sessão solenne que se realzara no dia 7 do corrente, as 8 horas da noite, no edificio da Associação dos Empregados do Commercio.

Circular do Centro Itabirano, de Itabira de Mate Dentro, Minas, pedindo as publicações da Sociedade.

Carta do Dr. Adalberto Ferraz do Lago, de Bello Horizonte, agradecendo sua inscripção como socio effectivo e pedindo os estatutos da Sociedade.

ORDEM DO DIA

O Dr. Fabio Leal communico que, em companhia do Dr. Jacy Monteiro, vislton a fazenda de Santa Monica e refere-se a diversos melhoramentos, que, no seu entender, são imprescindiveis.

Trata especialmente do rego para canalisação das aguas que deve servir de força motora para a machina de descascar arroz e pensa que a directoria poderia

solletar da Repartição de Obras alguns lubos que possam ser utilizados para tal fim.

Do contrario, serão consideraveis as despesas necessarias para aquelle melhora-mento.

O Dr. Moura Brazil refere-se á necessidade da obtenção de estumo para a fazenda de Santa Monica e ás providencias que se tem dado para obtel-o.

O Dr. Aristides Cairo fallia sobre as difficuldades que se tem opposto á reali-zação desse desideratum, concorrendo, entre outras a razão apresentada pelo Director do Matadouro, quanto á falta de pessoal.

Relativamente aos tubos para canalisação d'agua, acellto do alvitre do illustre Dr. Fabio Leal, o Dr. Moura Brazil inculca o Dr. Oliveiraello de entender-se sobre o assumpto com o Dr. Jeão Manoel da Silva, Engenheiro das Obras Publicas.

O Dr. Aristides Cairo trata da situação da Fazenda de Santa Monica, atindindo nos trabalhos realizados e reitorando a solletação já feita á Directoria de um auxilliar para os serviços de lavonia.

O Dr. Moura Brazil observa que seria preferivel que o Dr. Cairo permanecesse alli superintendendo todos os serviços, pois tem motivos para não acreditar nos chamados chefe de cultura, mórmente quando se apresentam como sabies em agromonia. Fajia laseado em longa experiencia e pensa que a Sociedade deve preferir o alvitre que suggerlo.

Dr. A. Cairo diz que val pensar sobre o facto e opportunamente responderá á Directoria.

E por nada mais haver a tratar o Sr. Presidente levanta a sessão.

Acta da IIIª sessão de Directoria em 20 de fevereiro de 1901

PRESENCIA DO SR. DR. MOURA BRAZIL

No dia 20 de fevereiro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Moura Brazil, Fabio Leal, Aristides Cairo, Jacy Montelro, Sergio de Carvalho, Neves Armond, e Augusto Bernarcelli é aberta a sessão.

E' proposto e accito soco honorario o Dr. Antonio Carlos Simões da Silva, desta Capital, apresentado pelo Dr. Domingos Sergio de Carvalho.

EXPEDIENTE

Officio do Governador do Estado do Piahy, accusando o recebimento do offello, desta Sociedade de 20 de novembro ultimo, e communicando que irá providenciar no sentido de serem remettidos os productos daquelle Estado para o Muséo.

Officio do Director Geral da Secretaria do Ministerio da Industria, em resposta ao do n. 1.372 desta Sociedade, pedindo es nomes, idades e profissões dos 10 immi-grantes syrios que seguem para a fazenda de Santa Monica.

Officio do Dr. José M. de Moraes Barros, vice-consul do Brazil em Bremen, remettendo uma caixa contendo plantas seccas de trigo, aveia e cevada, destinadas ao Muséo da Agricultura.

Officio do Dr. Gustavo A. da Silveira, Director da Estrada de Ferro Central do Brazil, communicando não poder dar passagens gratuitas aos 10 Immigrantes syrios, por não ter autorisação.

Carta do Sr. Alecu Victor Rodrigues, do Catalão, Estado de Goyaz, pedindo a remessa de sementes de soja, feijão chinez, aveia e outros productos.

Carta do Sr. Dr. Adalberto Ferraz, communicando a recepção de diversos numeros d'A Lavonia, e pedindo diversas informações.

Carta do Sr. Dr. A. Morales de los Rios, desta Capital, accusando o recebi-mento do ultimo offello, relativo á questião de extravio dos papels, e pedindo para ser considerado como retirado o pedido de demissão de socio effectivo.

Carta do Sr. Frederico Augusto A. da Silva, de Sete Lagoas, Minas, pedindo algumas informações e a indicação de livros que tratem detalhadamente do anil.

Carta do Sr. Edelis de Paula Xavier, de Lapa, Estado do Paraná, dando algumas informações e pedindo 500 grammes de sementes de cebolam.

Carta do Sr. José Placido de Castro, do Pará, remetendo um vale postal com a quantia de 508 sua annuidade como socio, do anno de 1901.

Circular do Club Recreativo dos Artistas, com sede na cidade de Amargosa, Estado da Bahia, pedindo as publicações da Sociedade.

Officio do Dr. Alfredo Osorio de Carqueira, 1.^o Secretario do Club Agricola do Barcelos, Estado de Pernambuco, communicando que o Sr. Dr. João Cardoso Moura Brazil foi eleito socio honorario daquelle Club, e enviando o diploma.

Officio postal do Sr. João Ferreira da Rosa, pedindo para ser remittida a *Leitura* para Poços de Caldas, e não para Caldas.

Cartas do Exm. Sr. Dr. Victorino Montelro, deputado pelo Estado do Rio Grande do Sul, offerecendo a Sociedade, por intermedio do Sr. Dr. Moura Brazil, 20 kilos de semente de alfafa.

Carta do Sr. José Placido de Castro, confirmando a remessa da quantia de 508, de sua annuidade do anno de 1901.

Carta do Sr. Torquato Alves de Almeida, da Cidade do Pará, Estado de Minas Geraes, pedindo para ser incluido na *Leitura* um trabalho sobre a maniçoba, e ao mesmo tempo remessa da mesma.

Carta do Sr. A. B. Bailly, da estação de Monte-Libano, Estrada de Ferro do Melhoramentos do Brazil, pedindo os estatutos da Sociedade.

Telegramma do Sr. Carlos Renaux, de Brusque, Estado do Santa Catharina, reiterando o pedido de sementes de algodão.

Circular do Sr. Dr. Fernando Mendes de Almeida, representante geral da Exposição Pan-Americana no Brazil, convidando a Sociedade Nacional de Agricultura para fazer parte da Commissão Central Brasileira.

Officio do Sr. O. da Silva Prales, 2.^o Secretario da Sociedade Brasileira para Annuação da Creação e Agricultura, sede em Paris, participando que por proposta dos socios os Exms. Srs. Drs. Domingos Jaguaribe, Virgilio Gordilho e Rodolpho Miranda, foi eleito o Sr. José Cardoso de Moura Brazil, membro honorario. Remetendo igualmente estatutos, e diversos exemplares de suas publicações.

Officio do Sr. Frederico Facó, pedindo 4 mezes de licença, a contar de 1 de março proximo futuro.

ORDEM DO DIA

O Dr. Jacy Monteiro observa que na acta da sessão anterior está alterado o nome do Engenheiro das Obras Publicas a quem se alludio, que era o Dr. José Manoel da Silva, Engenheiro-Chefe da 1.^a Divisão.

O Sr. Sergio de Carvalho diz que na acta da penultima sessão foi omitido o nome do Dr. Bonifacio de Castro, proposto e aceto, por unanimidade de votos, socio effectivo.

O Sr. Presidente manda que se insira na acta da sessão as corrigendas indicadas.

Em seguida, o Sr. Presidente apresenta á Sociedade o Dr. Antonio Carlos Sinoens da Silva, que, por resolução do Sr. Presidente da Republica no Rio de Janeiro, fôra investido da missão de representar a Sociedade Nacional de Agricultura, em caracter particular, junto ás sociedades congeneras da Republica Argentina, do Uruguay e do Chile, missão que o distincto brasileiro exerceu na altura dos attributos que o distinguem, honrando o Brazil e á Sociedade que com o maior acerto o investira de tão difficil encargo.

O Dr. Sinoens da Silva, depois de agradecer as palavras que lhe foram dirigidas, refere demoradamente a longa e utilissima excursão que fez pelas tres Republicas, visitando não só suas capitães e cidades mais importantes, senão tambem diversas regiões do interior, podendo assegurar pelas instituições agricolas que teve ensejo de visitar, que é extracrdinario o desenvolvimento daquellas Republicas em agricultura e nas diversas industrias que com ella se relacionam. O orador descreve succintamente o alto valor da Exposição de Palermo; refere-se a diversas instituições argentinas, á escola de veterinaria de La Plata, onde o ensino pratico é dos mais perfectos; allude á viticultura e á vinificação no Chile, cujos vinhos equipararam-se aos melhores da Europa; ao empenho com que os criadores chilenos, como os platinos, desenvolvem o aperfeccionamento das raças de gado vaccum e cavallar; e tratando da Republica Oriental, teve as mesmas expressões de applauso

o entusiasmo pela orientação a que obedecam no seu territorio os diversos ramos do serviço agrícola.

Em seguida, o Dr. Simoens da Silva apresentou uma grande collecção de sementes procedentes da Republica Argentina e offerecidas pela Bolsa de Buenos-Ayres, fazendo notar o cuidado que presidiu á confecção daquello valioso mimo, é outra tambem consideravel que lhe foi offerecida no Chile, a par de um catxote com passas e diversas amostras de productos agrícolas.

Completando uma exposição, o Dr. Simoens da Silva apresentou á Sociedade grande numero de publicações agrícolas das tres Republicas que visitou, declarando que a Sociedade Nacional de Agricultura pôde hoje estreitar relações com todas as suas congéneres das Republicas Argentina, do Chile e Oriental.

Conclue declarando que por toda a parte, onde teve de exhibir a carta de apresentação da Sociedade, lhe foram dispensadas as mais distinctas provas de consideração.

O Sr. Sergio de Carvalho diz que os serviços prestados pelo Illustré Dr. Simoens da Silva no desempenho de sua missão, são de natureza a merecer por parte da Sociedade todas as maiores provas de reconhecimento e consideração, que não mal poderão traduzir o muito que S. S. mereço pelo brilhante exito que conquistou. — Propunha que se lhe crevesse na acta um voto expressivo de gratidão por tão nobre devotamento á causa da lavoura brasileira, então incorporada na Sociedade Nacional de Agricultura, conferindo-se-lhe titulo de socio honorario.

O Dr. Moura Brazil secundou o orador precedendo e referindo-se com francas expressões de entusiasmo e elogio, no modo correctissimo porque o Dr. Simoens da Silva desempenhou a missão committida aos seus talentos e acendrado patriotismo, e applaude com effusão a proposta offerecida a deliberação da Casa.

Fallaram ainda sobre a proveitosa e brilhante excursão do Dr. Simoens da Silva os Srs. Bernacchi, Jacy Monteiro e Neves Armond, sendo approvada a proposta sem discussão e por unanimidade de votos.

O Dr. Simoens da Silva diz que agradece a alta distincção que lhe acaba de ser conferida, e declara que ao aceitar o encargo que o Sr. Presidente entendeu commetter-lhe, obedecen ás aspirações da estima que lhe devota e ao interesse com que encara todas as questões attinentes á agricultura nacional.

O Dr. Fabio Leal apresenta a seguinte proposta, que foi unanimemente approvada:

« Proponho que, por offello, se felicite o nosso socio honorario, o Dr. Ricardo Ernesto Ferrelra de Carvalho, pela nomeação com que foi distinguido pelo Governo do S. Paulo, para o cargo de Director da Escola do Piracicaba, o pehe que honro o nosso Boletim com algumas noticias e larga collaboração.»

O Dr. Aristides Cairo falla sobre a fazenda do Santa Monica ficando deliberado que o assumpto referido constituiria objecto da ordem do dia da sessão seguinte.

O Dr. Sergio de Carvalho propõe que se inclua tambem a questão relativa á fazenda Grande, o que é approvado.

O Dr. Moura Brazil referio-se em sentidos termos, a pelio que foy lançada na acta um voto de pezar pelo fallecimento do Dr. João da Matta Machado.

Nada mais havendo a tratar levantou-se a sessão.

Acta da 112ª sessão da Directoria em 26 de fevereiro de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. MOURA BRAZIL.

No dia 26 de fevereiro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Dr. Moura Brazil, Fabio Leal, Dr. Aristides Cairo, Wenceslao Bello, Augusto Bernacchi, Dr. Bonifacio de Castro, Dr. Neves Armond, Barão Andrea Guglielmini, visitante, ex-deputado no Congresso Italiano, e E. Jacy Monteiro, e aberta a sessão.

EXPEDIENTE

O Sr. Dr. Ladisláo A. do Almeida Fortuna, distincto advogado nesta Capital, pede ao Dr. Moura Brazil que sejam socios desta sociedade os Srs. Tertuliano Ramos, fazendeiro em Dores do Pirahy e Manoel José Melrelles Guerra, fazendeiro no Calçado, freguezia do Rio Preto, municipio de Petropolis.

Apresentadas á approvação da directoria foram unanimemente acceltos como socios effectivos.

Officio do Sr. Arnaldo Pinheira da Silva, 1.^o secretario, participando a fundação do club — Associação Agricola Pastoral, em Guarapirava, Estado do Paraná.

Officio do Ministerio do Exterior, remettendo um prospecto da Exposição Pan-Americana, Buffalo, por intermedio da legação brasileira em Washington, que desejando ver representados os productos brasileiros, pede remessa de pimentas de diversas qualidades.

Telegramina do Exm. Sr. Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, muito digno Presidente da Republica, agradecendo a directoria da sociedade as felicitações enviadas no dia do seu anniversario.

Carta do Sr. José Alves do Souza Curvalho, de Paracatu, Minas, pedindo informações sobre a manijoca e a maneira do seu plantio, duração da planta e outros mysterios.

Carta do Sr. R. de Paula Aragão, de S. Paulo, pedindo a assignatura d' *A Lavoura*.

Carta do Sr. Antonio Vicente de Magalhães, de Guarany, Minas, pedindo a remessa dos fasciculos ns. 5 e 6 da propaganda escripta pelos Drs. Germano Vert e Wenceslao Bello.

Carta do Sr. Frederico R. Vidiella do Montevideo, pedindo informações sobre a palmeira no Brazil.

Carta do Sr. Fontoura Xavier, consul brasileiro em Nova York, remettendo um catalogo illustrado de sementes da casa W. Atlee Burpee & C., de Philadelphia.

Carta dos Srs. Herlet Brothers, de Nova York, remettendo catalogos e preços correntes de diversas machinas, pedindo o auxilio da sociedade para com os nossos lavradores.

Carta do Sr. Henrique Kopf, secretario da Sociedade Nacional de Agricultura na colonia do Itajaly, Estado de Santa Catharina, pedindo a remessa d' *A Lavoura*.

ORDEN DO DIA

O Dr. Aristides Cairo expõe as condições em que se acha a fazenda de Santa Monica, as difficuldades com que tem lutado para organizar os serviços a seu cargo, de modo que, não tendo a residencia fixa na fazenda, nem sempre as ordens que transmittle ao pessoal do serviço tem cabal execução.

Alludo as reformas que se tornam necessarias naquella propriedade, a diversos serviços que reclamam instantemente a maior sollicitude, eul ha los interruptos, o que se poderá ser fielmente observado sob a immediata inspecção do quem tem a responsabilidade delles perante a sociedade.

Suadada a questão da necessidade do director de culturas residir permanentemente na fazenda de Santa Monica, em vista das ponderações que acabam de ser ouvidas e da difficuldade já comprovada de encontrar pessoa que reúna os attributos imprescindiveis no cargo de chefe de culturas, o Dr. Aristides Cairo, respondendo a interpellação que lhe foi dirigida, diz que poderá fixar residencia ali com o ordenado mensal de 1:000\$ que alias não compensa totalmente os prejuizos e alterações que a mudança lhe acarretará.

Discutida a questão pelo Sr. presidente e outros membros da directoria, foi approvado por unanimidade de votos que se fixasse o ordenado de 1:000\$ ao director de culturas, Dr. Aristides Cairo, estabelecida a condição de fixar sua residencia na fazenda de Santa Monica.

O Sr. Presidente discute a questão relativa á Penha, que entra tambem na ordem do dia, e pensa que quanto antes se deve concertar a cerca que divide o terreno, preparar terra para as plantações de agosto, cuidar das videiras e iniciar viveiros de arvores frutíferas, sendo a proposta approvada.

Os Drs. Bello e Jacy Monteiro se promptileam a ir, sempre que possível, examinar os serviços que allí vão ser realizados.

O Dr. Jacy Monteiro refere-se em termos encomiasticos ao Sr. Assis Brazil, nome que symbolisa o devotamento, o esforço e o mais acendrado amor á causa da lavoura nacional, postos ao serviço de um talento de eleição, avigorado por uma cultura que sabe dos moldes da educação theorica que, em geral, é o apañagio do homem publico no Brazil.

O illustre presidente da Sociedade Brasileira para animação da cultura e agricultura, graças á feição pratica que nos imprime á propaganda a que se dedica

cumulativamente com as funções de seu alto cargo, tem prestado á Sociedade Nacional de Agricultura serviços inestimaveis, que se reflectem sobre a lavoura do paiz, despertando novas estímulos entre aquelles que a representam.

Por essa attitude patriótica, o Ilustre brasileiro merece ser incluido entre os socios honorarios da instituição que não assignalades serviços lhe deve, homenagem que, alias, lhe parece muitissimo modesta, porque S. Ex. é de direito um benemerito, por seu apoio decidido á causa a que tem consagrado o prestigio do seu nome e o vigor do seu talento.

O título que lhe vai ser conferido não representa uma retribuição ao devotamento que se lhe deve, mas um preito de gratidão de admiradores reconhecidos.

Aprovella a opportunidade para congratular-se com a sociedade pela alta distincção que acaba de ser conferida ao seu digno presidente com o título de socio honorario da Sociedade Brasileira para animação da crração e agricultura.

O Dr. Moura Brazil agradece as congratulações de seus collegas e apola, com enthusiasmo, a proposta offerecida pelo Dr. Jacy, a qual é approvada por unanimidade de votos.

O Dr. Jacy Monteiro refere-se ao facto do Dr. Ennes de Souza (ex-presidente da sociedade), ter perdido em última instancia a acção judicial que lhe moveu a sociedade e não só não entregou os munitos e vallosos objectos a esta pertencentes, como nem as custas judicarias que para andamento do processo a sociedade adiantou.

O Sr. Sergio de Carvalho falla sobre o empenho que deve ter a sociedade em sollettar do Exm. Sr. Ministro da Viação a regulamentação da lei sobre auxilios á sericultura, como tambem as providencias necessarias sobre a obtenção de uma casa para o Museu Permanente.

Em sessão anterior fora estollida a antiga ueharia do paço e torna-se necessario que se procure obter aquelle proprio nacional para o fim indicado.

Pensa tambem que a sociedade deve dirigir-se ás municipalidades do paiz sollicitando que se inscrevam como membros da Sociedade Nacional de Agricultura, quo, por deficiencia de meios, não pôde dar eibal solução a todas as questões que lhe estão affeetas.

Todas as propostas foram approvadas, ficando assontado que a directoria procuraria o Exm. Sr. Ministro da Viação para tratar da distribuição da verba orçamentaria, relativa á sericultura, e tratar da obtenção do prédio para o Museu.

E per nada mais haver a tratar, o Sr. Presidente suspendeu a sessão.

Acta da 113ª Sessão de Directoria em 19 de março de 1901

PREZIDENCIA DO R. DR. MOURA BRAZIL.

No dia 19 de março de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Moura Brazil, Candido Barata Ribeiro, Fabio Leal, Neves Armond, Augusto Pernaehi, Aristides Cairo e E. Jacy Monteiro é aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Officio do Director Geral da Industria, 1ª sessão da Secretaria de Estado dos Negocios da Industria, Viação e Obras Publicas, pedindo de ordem do Exm. Sr. Ministro Informações e remessa de algumas obras que tratem sobre o fabrico do vinho affm de attender a um peddo da colonia de Ijuhy no Estado do Rio Grande do Sul.

Officio de Antonio Dias Barbosa e outros fazendeiros em Itamaraty, enviando a esta Sociedade uma expesição sobre a baixa do café, pedudo o auxilio da sociedade affm de ver se consegue que esse producto tenha o preço que merece, affm de poder a lavoura cafeeira salir do estado precario em que se acha.

Officio do Governador de Estado do Pará, enviando relaterics e mensagens de diversos Governadores.

Officio de Apilear Savassi, Director do Nucleo Colonial Rodrigo Silva em Barbacena, Estado de Minas Geraes, accusando a remessa de uma calxilha contendo sementes de bichos de seda, assim como enviando uma amostra de seda colhida na me na colonia no outro passado.

Officio de Adolpho Coymerte, Gerente da Sociedade Rural Argentina, em Buenos Ayres, agradecendo a esta Directoria em nome do seu Presidente, D. Ezequiel Ramon Mexia, a nomeação de socio honorario da Sociedade Nacional de Agricultura.

Officio do Director do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia, Belém, Estado do Pará, accusando o officio desta Sociedade de 5 de dezembro do anno passado.

Officio de José Fernandes de Barros Lima, Secretario, participando a fundação da sociedade « Congresso de Agricultores », dos municipios do norte do Estado de Alagoas, na cidade do Passo do Comaragibe.

Officio do Director Antonio Toledo Pisa, Repartição de Estatística e do Archivo, em S. Paulo, remettendo como offerta a Secretaria da Sociedade, 83 volumes de diversas obras e relatorios do tempo do Imperio, de 1852 a 1889, assim como os da Republica até o anno de 1900.

Officio do Dr. Miguel R. Galvão, 2º Secretario do Club de Engenharia, participando o nova directoria.

Carta de Pedro Martins, da Sacra Familia do Tinguá, accusando o recebimento das sementes de soja e feijão da China, tendo dado bom resultado o feijão, o quanto a soja aguarda o seu resultado, do que dará conhecimento á Sociedade.

Carta de Miguel José Barbosa, de Dorez do Imbuá, Minas, pedindo remessa de arroz do Japão.

Carta de F. Albert, chefe de secção do Ministerio da Industria e Obras Publicas, em Santiago, Chile, pedindo a Sociedade remessa de todos as publicações que passam interessar a botânica.

Telegramma da Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, agradecendo as felicitações enviadas pelo Presidente o Dr. Moura Brazil sobre a inauguração da sua exposição.

Telegramma da commissão Açude Quixadá, no Ceará, pedindo á sociedade a remessa de pastagens diversas; carta dos Srs. Blum & C., desta capital, pedindo remessa de quatro sacos com sementes de algodoeiro para o Sr. Carlos Renau, morador na colonia Brusque, Estado de Santa Catharina.

Officio do Vice-Consul do Brazil na Ilha da Madeira o Illm. Sr. C. Celsa de Salois e Silva, remettendo pela vapor allemão *Rolland*, 100 bacellos de videiras de diversas qualidades.

Officio do Sr. A. George Cahn, delegado consular da França em Tanhaté Estado de S. Paulo, pedindo providencias á Sociedade sobre a baixa do café, fazendo outras considerações, e apresentando bases para a boa collocação nos mercados da Europa.

Carta do Sr. João Baptista de Castro, desta Capital, pedindo que a Sociedade estude a meio da baixa do café, e fazendo outros considerandos.

Carta do Sr. J. G. R. de Avellar, morador em Jacarépagná, propondo-se para administrador da fazenda Santa Monica.

Carta do Sr. Augusto Celso de Moura, morador em Sete Lagoas, Estado de Minas Geraes, pedindo o preço da assignatura d'A *Lavoura*.

Officio do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, de 16 do corrente, accusando o officio desta Sociedade de 12, sob o n. 1124, no qual participava que o Dr. Domingos Sergio de Carvalho seguiu para Montevidéu como representante desta sociedade no 2º Congresso Scientifico Latino Americano.

Officio do Secretario da Intendencia Municipal de Brotas, Estado da Bahia, pedindo remessa d'A *Lavoura* e mais fasciculos sobre a propaganda agricola afim de fazer parte do seu archivo.

Na discussao da acta da 11ª sessão da Directoria, em 26 de janeiro proximo passado, pede a palavra o 1º Secretario, para declarar ter havido engano na respectiva redacção: foi o Sr. Moura Brazil quem propoz fosse nomeado o Sr. Dr. Assis Brazil socio honorario da Sociedade Nacional de Agricultura.

ORDEM DO DIA

O Dr. Moura Brazil queixa-se amargamente por varios factos que tem chogado ao seu conhecimento, da pressão, verdadeira perseguição que o Banco Hypo-



theorico está exorcendo contra os fazendeiros que se acham infelizmente na dependencia desse mesmo banco; e, depois de relatar alguns daquelles factos, propõe que sejam a respeito pedidas providencias no Governo a fim de entrar este em accordo com o banco no sentido de modificar, attenuar, melhorar a sorte dos fazendeiros hypothecados.

O Dr. Fabio Leal pede a palavra, e desenvolvendo succintamente a questão de que tem tambem conhecimento, demonstra a impraticabilidade dos esforços do Governo.

A vista das declarações do Dr. Fabio Leal o Dr. Moura Brazil retira a sua proposta.

Dilento se em seguida a questão do Museu de Agricultura cuja inauguração tem sido tantas vezes adiada por falta, principalmente de casa, de local onde se possa fazer condignamente a respectiva instalação.

Lembra o Dr. Moura Brazil, que em ultimo caso, se faça a inauguração do Museu na sede da Sociedade, sede por demais acanhada; mas em todo caso que alguma coisa se faça. Pede o Dr. Wenceslao Bello de officio ao Sr. Ministro da Viacão pedindo mais uma sala na Repartição de Estatística, onde funciona a Sociedade; — pergunta se esse officio foi feito.

O 1º secretario informa que o Dr. Wenceslao Bello não pode comparecer à presente sessão conforme communicou verbalmente, devendo ter prompto entretanto o mencionado officio.

O Dr. Moura Brazil propõe e é approvedo, que se dirijam circulares aos Presidentes e Governadores dos Estados, ás Camaras Municipaes e a particulares, pedindo remessa de productos agricolas, para o Museu permanentemente de agricultura, productos que devem vir acompanhados de informações exactas e minuciosas sobre preço, peso, uso, procura, etc.

Continuando com a palavra o Dr. Moura Brazil, refere-se á grande safra que é de esperar, de milho e de feijão no corrente anno; e propõe que se dirija ao Sr. Ministro da Viacão, minucioso officio demonstrando a necessidade do abateamento de tarifas da Estrada de Ferro Central do Brazil para facilitar a saída desses productos.

Entendida a questão é approveda a proposta.

É apresentado em sessão uma excellente amostra do arroz colhido na fazenda de Santa Maria e beneficiado na machina do Sr. Joaquim da Silva Xavier que de sua invenção tem patente privilegiada.

O 1º Secretario presta informações sobre a casa da Fazenda Grande da Penha.

É autorizada a despeza de 100\$ para reparos na referida casa a fim de poder residir nella o Sr. Lucio Albuquerque que, provisoriamente fiscalizara o serviço que na mesma fazenda se vai iniciar.

O Dr. Fabio Leal mostra mais uma vez as difficuldades com que luta a Sociedade para satisfazer seus compromissos: tem empregados a pagar, descezas a fazer como toda a sociedade tem e os socios, não todos, é bom de ver, mas grande numero, tem se atrazado no pagamento de suas annuaes. Recebem os entanto ás centenas pedidos e grandes pedidos de sementes, publicações e até de machinas de Lavoura, como se a Sociedade tivesse tudo isso de graça e a furtar para distribuir por todos. Lembra que as Camaras Municipaes poderiam facilmente auxiliar a Sociedade inscrevendo-se como socios effectivos, o que ja fizeram varias Camaras dando desse modo exemplo. É propõe que nessa sentido seja dirigido um apello ás Camaras Municipaes. Essa proposta é approveda.

E por nada mais haver a tratar o Sr. presidente levanta a sessão.

Acta da 11ª sessão de Assembléa Geral, ordinaria, realizada no dia 23 de abril de 1901

Aos 25 dias do mez de abril de 1901, não tendo comparecido o Exm. Sr. Barão de Capanema, presidente interino da Sociedade Nacional de Agricultura, occupa a cadeira da presidencia o Sr. Dr. Luiz Carlos Barbosa de Oliveira, servindo de secretarios *ad hoc* os Drs. Augusto Bernacchi e Aristoteles Calça, membros depositarios, estando presentes o Sr. Carlos Mercira, tambem membro depositario, e

os Srs. Drs. Antonio Augusto da Fonseca, Francolino Carneiro, Eurico Jacy Monteiro de Oliveira, P. P. de José Plácido de Castro, E. Jacy Monteiro, J. Jacy Monteiro, João R. Dantas, Oscar Varady, João Baptista de Castro, J. J. Bizarro, capitão do mar e guerra José Carlos de Carvalho, Drs. Oscar Wernneck, Julio de Novaes, J. Carqueira de Carvalho, Srs. Miranda Rebelo, Lulz D. da Lago, Drs. Domingos Sergio de Carvalho, Domingos Jacy Monteiro, Srs. Lulz Carlos Duque Estrada, Cornelio de Souza Lima, Drs. Fabio Nunes Leal, Aristides Gaire, Horacio R. Antunes, Antonino Filho, Wenceslao Bello, Srs. Jens Sand, Demetri Schoueri, Drs. Neves Armond e A. L. Cretano da Silva.

O Sr. presidente abriu a sessão da Assembléa Geral, declarando que via com extremo prazer o concurso o ajuizamento com que os illustres consócios tinham recebido o segundo appello da Assembléa Geral, para proceder a eleição da nova Directoria, o que, segundo os estatutos, a 1.^a sessão de Assembléa Geral não tinha podido funcionar por falta de numero e que embora na segunda convocação a Assembléa Geral pudesse funcionar com qualquer numero, notava-se, entretanto, com prazer que os consócios presentes eram em numero superior ao exigido para uma primeira convocação, motivo pelo qual rejubilava-se chamando sobre isso a attenção.

Em seguida o Sr. presidente deu a palavra ao Dr. Augusto Bernacchi, a fim de proceder á leitura das duas actas anteriores, aproveitando a presença dos Illms. consócios presentes, reunidos em Assembléa Geral.

Durante a leitura da primeira acta, o Dr. Jacy Monteiro deu um aparte pedindo que se substituisse o nome Barão de Aguias Claras, por engano escripto, pelo de Barão de Capanema, na pagina 11, na linha 1.^a, e tambem o Dr. Horacio Antunes deu um aparte declarando que não havia dados suficientes que demonstrassem a intervenção do Governo e ntra a Sociedade Nacional de Agricultura, que pelo contrario ella tinha muitas provas a favor e que lamentava que a Directoria o demittisse assim, ao que o Dr. Augusto Bernacchi respondeu que realmente esse facto era desagradavel, mas que, diante do artigo publicado no *Journal do Commercio*, a Directoria, como ella propria o declarou, sentia fallarem nelle as forças e não lhe restava outra solução.

Terminada a leitura da segunda acta que constava somente da 1.^a convocação da Assembléa Geral, consignando tão somente que tinha deixado de funcionar por falta de numero, sendo os estatutos, ambas postas a votos foram unanimemente approvadas e por todos os presentes assignadas.

Depois leu-se uma carta dirigida ao Dr. Jacy Monteiro, do consocio Dr. José Cretano de Almeida Gomes, que declarava não poder comparecer a sessão, mas que estaria de pleno accordo sobre tudo quanto se resolvesse.

Em segunda pediu a palavra o Sr. João da Silva Gandra, que propoz fosse acclamada a Directoria resignataria, attentos os serviços que prestou á Sociedade e á agricultura nacional. O Dr. Horacio Antunes pondera que não obstante applaudir os conceitos emittidos pelo consocio Sr. Gandra, entende que não se deve insistir nta questão perante a Directoria resignataria, porque esta já declarou formalmente que não voltaria ao seu cargo.

O Sr. Dr. Sergio de Carvalho declara que o Dr. Moura Brazil o autorizou a dizer que não acceptaria a reeleição, fazendo Montica declaração os demais membros da Directoria passada que se achavam presentes.

O Sr. Silva Gandra retirou então a proposta que apresentára, substituindo-a por outra que manda collocar na sala das sessões os retratos dos Directores, o que foi unanimemente approvado.

Depois foi aceita pelo Sr. presidente uma proposta escripta e assignada pelos Drs. Horacio R. Antunes e Aristoteles Calça, em que apresentavam o Dr. José Mattoso Sampaio Correa, agricultor no Estado do Rio e lente da Escola Polytechnica, para socio effectivo.

Não havendo ninguém que sobre isso pelisse a palavra, foi a proposta posta a votos e então unanimemente approvada.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. presidente annunciou que ia se proceder á eleição da nova Directoria, quando o Dr. Bello pediu a palavra e declara que, sendo já tarde, propunha que a nova Directoria fosse eleita por acclamação, enviando então á mesa a seguinte proposta assignada por elle e pelo Dr. Horacio Antunes:

Propomos a seguinte Directoria:

Para presidente, o Dr. Antonino Filho; 1.^o vice-presidente, Dr. João Baptista de Castro; 2.^o dito, Dr. Lulz Carlos Barbosa de Oliveira; 3.^o dito, Dr. Aristoteles Gomes Calça.

Director de Propaganda, Capitão de Mar e Guerra Dr. José Carlos de Carvalho, Director de Culturas, Dr. Bernardo Dias Ferreira; 1º secretario, Dr. José Mattoso Sampaio Corrêa; 2º dito, Augusto Bernacchi; 3º dito, Sr. Carlos Moreira; 1º thesoureiro, Sr. Jens Sand; 2º dito, João da Silva Gandra; *Wenceslao Bello*, Capital Federal, 23 de abril de 1901. — *Horacio Antunes*.

Não havendo ninguém que pedisse a palavra, foi posta a votos e unanimemente aclamada a nova Directoria, pelo que o Sr. presidente interino, Dr. Luiz Carlos Barbosa de Oliveira, convidou immediatamente o Dr. Antonio Fialho e demais membros presentes a assumirem os seus cargos na mesa.

Assumindo, pois, a presidencia o Dr. Antonio Fialho e os demais membros presentes, disse o Sr. Presidente que agradece em seu nome e dos companheiros a honra que acabavam de ter e que contavam com o auxilio de seus consocios e ex-Directores, para dar-lhe exacto cumprimento.

Neste momento irrompen uma salva de palmas á nova Directoria, que comovida agradeceu.

O Sr. capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, depois de alludir á missão que teve o Dr. Sergio no seio do Congresso Latino Americano, cumpria marcar dia e hora em que o ex-Delegado Brasileiro podesse expor o resultado de sua missão, que teve naquello certamen.

O Sr. presidente declarou, em resposta, que na sessão proxima, que se realizará na quinta-feira, será então determinado o dia em que o Dr. Sergio de Carvalho poderá realizar a sua conferencia sobre o assumpto e para a qual serão expedidos convites especiais.

Fallaram ainda os Drs. Oliveira Bello e Fabio Nunes Leal, declarando que, embora não continuassem na Directoria, promptificavam-se, contudo, a prestar os seus espontaneos serviços, crentes como estão da necessidade imprecindivel do desenvolvimento da nossa lavoura e da existencia da Sociedade Nacional de Agricultura.

Não havendo mais nada a tratar, foi pelo Sr. presidente encerrada a sessão de Assembléa Geral.

Para constar, lavrou-se a presente acta para os devidos effeitos, que passo como secretario a assignar.

Acta da 114ª sessão da Directoria em 2 de maio de 1901

PODEIRO SILVA DO BR. DE. ANTONINO ET ALII

Às 3 1/2 horas da tarde do dia 2 de maio de 1901, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Luiz Carlos Barbosa de Oliveira, Aristoteles Calça, Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, Carlos Moreira, capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, Jens Sand, Barão de Capanema, Wenceslao Bello, Jacy Monteiro, Fabio Leal, Aristides Cabro e Sergio de Carvalho, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O expoliente consta do seguinte :

Officio do 1º secretario da Associação Agricola e Pastoral Taquarense, comunicando a fundação d'aquella Associação.

Officio do Presidente da Camara Municipal da Varginha, no Estado de Minas Geraes, agradecendo a remessa d'*A Lavoura* e pedindo a admissão da Camara Municipal de que é Presidente como associada da Sociedade Nacional de Agricultura.

Carta de Joaquim Pereira Torres, do Sumidouro, no Estado do Rio de Janeiro, pedindo remessa de videiras de diversas qualidades e de sementes de hortaliça.

Carta de Ignacio Celestino da Motta, de Theophilo Ottoni, no Estado de Minas Geraes, pedindo que lhe sejam remetidas algumas sementes de soja.

Carta do Secretario do Instituto da Ordem dos Alvogados Brasileiros, agradecendo a remessa d'*A Lavoura*.

Carta de Antonio Joaquim do Nascimento, de Rio Claro, no Estado do Rio de Janeiro, pedindo informações sobre o plano do algodão.

Carta de Alexandre Marcondes Monteiro, de Paulamonhangaba, no Estado de S. Paulo, pedindo informações sobre o emprego do capim colônia como pastagem.

Carta de Frederica Augusto Alvares da Silva, de Sete Lagoas, no Estado de Minas Geraes, accusando o recebimento d'A *Lavoura* e de um folheto sobre o null.

Carta de Estanislão, Krowzynski, de S. Carlos do Pinhal, no Estado de S. Paulo, pedindo que lhe seja enviada o original de uma carta dirigida á Sociedade pelo Sr. Arnald Bronkorydson & Comp., de Varsavia.

Carta do Dr. Antonio José de Miranda Carvalho, de Parahyba do Sul, no Estado do Rio de Janeiro, remettendo uma ordem da quantia de 50\$, para pagamento da sua annuidade do corrente anno.

Officio de João Baptista Reimsat, de Pouso Alegre, no Estado de Minas Geraes, communicando a fundação de uma bibliotheca publica naquella cidade e pedindo a remessa d'A *Lavoura* para o archivo da mesma bibliotheca.

Carta de Alphon Victor Rodrigues, de Catalão, no Estado de Goyaz, accusando o recebimento d'A *Lavoura* e das sementes de soja.

Carta de Salomão Biffarali, de S. Luiz da Estrella, pedindo informações sobre os casulos do bicho da seda, que enviara a Sociedade.

Telegramma do Dr. Domingos Sergio de Carvalho, enviando saudações á Directoria da Sociedade.

Officio do Secretario Geral do Governo do Estado do Espirito Santo, remettendo diversos relatorios.

Carta de Alfredo Osorio de Cerqueira, enviando a quantia de 50\$, importancia da sua annuidade relativa a 1901.

Carta de Octavio F. do Amaral, Secretario do Interior no Governo do Estado do Paraná, enviando diversos relatorios e pedindo a remessa d'A *Lavoura* e de outras publicações da Sociedade.

Carta do engenheiro João de Carvalho Borges Junior, pedindo á Directoria que lhe seja fixado um dia para realisar uma conferencia sobre «A situação financeira do Estado do Rio de Janeiro».

Officio do Dr. Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho, Director da Escola Practica e Agricola do Piracicaba, no Estado de S. Paulo, agradecendo os cumprimentos que lhe foram feitos pela Directoria da Sociedade por occasião da sua nomeação para aquelle cargo.

Officio do Secretario do Governo do Estado da Parahyba, remettendo diversos relatorios.

Officio do Secretario do Governo do Estado do Ceará, remettendo diversos relatorios.

Carta de M. D. da Costa, da Capital Federal, em que suggere algumas idéas para melhorar a actual situação do mercado do café.

Carta do Bromberg & Comp., de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, accusando o officio da Directoria datado de 28 de Fevereiro proximo passado e agradecendo a remessa d'A *Lavoura*.

Carta do Dr. Antonio José de Miranda Carvalho, da Parahyba do Sul, no Estado do Rio de Janeiro, pedindo á Sociedade a indicação do melhor fabricante de machinas para o preparo da farinha da mandioca.

Carta do Torquato Alves de Almeida, do Pará (cidade), no Estado de Minas Geraes, pedindo a inserção n'A *Lavoura* do seu trabalho sobre a mandioca.

Carta do Dr. Regino de Paulo Aragão, de S. Paulo, pedindo informações sobre as condições dos socios que residem no interior.

Carta do Alé Chateney, secretario geral da Sociedade Nacional de Agricultura em França, com sôde em Pariz, felicitando a sociedade.

Telegramma do Ministro da Agricultura da Republica Argentina, Dr. Ezequiel Ramos Mexia, enviando saudações á sociedade.

Carta de Joaquim Pereira Torres e outros Lavradores do Sumidouro, no Estado do Rio de Janeiro, pedindo a intervenção da sociedade junto aos Governos da União e do Estado do Rio de Janeiro, para que sejam tomadas medidas que ponham termo as difficuldades com que luta a lavoura.

Carta da directoria da Associação Rural del Uruguay, em Montevideo, cumprimentando á directoria da sociedade.

Officio do D. Ezequiel Ramos Mexia, presidente da Asociacion Rural del Uruguay, felicitando a directoria da sociedade pela acertada escolha do Dr. Domingos Sergio de Carvalho como seu representante no Congresso Cientifico Latino-Americano.

Carta de José Gonçalves de Moraes Carvalho, pedindo exoneração do socio.

Carta de José Villola de Andrade, de Angaturama, no Estado de Minas Geraes, pedindo que lhe sejam remetidas sementes de soja e de capim Jaraguá.

Carta de A. B. Bally, da fazenda Monte Libano, agradecendo a remessa d'A *Lavoura*.

Carta de João R. Duarte, pedindo exoneração de socio.

Officio do engenheiro civil João de Carvalho Borges Junior, pedindo exoneração de socio.

Carta de Jens Sand & C., negociantes, enviando sementes de « soja gigantea » e pedindo a plantação dessas sementes na fazenda de Santa Monica.

Carta do 1º secretario da Sociedade Estadual de Agricultura do Parana, com sede em Curitiba, remettendo segundas vias dos officios de 31 de dezembro de 1901 e de 7 de janeiro de 1901.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Aristides Caire, ex-director de culturas da fazenda de Santa Monica, apresenta a directoria os relatorios que elaborou sobre aquella fazenda e que abrangem os periodos de sua direcção comprehendidos entre 28 de fevereiro de 1901 e 31 de dezembro do mesmo anno, e entre 1 de janeiro de 1901 e 11 de abril do mesmo anno.

O Sr. Dr. Fabio Leal diz que ao actual thesoureiro fez entrega dos dinheiros da sociedade que estavam em seu poder e pede que seja nomeada uma commissão de verificação de contas; diz mais que a quantia pertencente ao Centro da Lavoura do Café do Brazil, que lhe fora confiada por deliberação da ultima assembléa geral, tem tido applicação determinada por aquella mesma assembléa, não sendo possível, porém, fazer a entrega immediata dos saldos que ainda espera a apresentação de algumas contas que devem ser pagas.

O Sr. Dr. Wenceslão Bello chama a attenção da nova directoria para a fazenda de Santa Monica e mostra a necessidade de entender-se já a directoria com o novo director de culturas.

O Sr. Dr. Presidente communica que já tinha designado o sabbado proximo para conferenciar com o director de culturas.

O Sr. Dr. Sergio de Carvalho, justificando a demora havida na publicação d'A *Lavoura*, pensa ser necessaria a impressão de alguns numeros daquelle boletim da sociedade em qualquer typographia particular.

O Sr. capitão de mar e guerra J. Carlos de Carvalho diz que a nova directoria não se descuidará da publicação do boletim e que neste sentido irá entender-se com o director da Imprensa Nacional.

Em seguida pede ao Sr. Presidente para, interpellando o pensamento da directoria, solicitar do Sr. Dr. Wenceslão Bello o seu valioso auxilio na organização do Museu de Agricultura.

O Sr. Dr. Presidente, concordando com as opinões emitidas pelo Sr. capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, transmite ao Sr. Dr. Wenceslão Bello o pedido da directoria, pois espera que o Illustrado consocio não negará os seus serviços a tão util empreendimento.

O Sr. Dr. Wenceslão Bello, agradecendo a indicação do seu nome, pede para ser dispensado da commissão, por isso que deseja muito auxiliar a nova directoria, mas trabalhando em commissões mais obscuras.

O Sr. Dr. Presidente declara que não pôde receber o pedido de dispensa apresentado pelo Sr. Dr. Wenceslão Bello, que, á vista da insistencia, accoita a commissão.

O Sr. capitão de mar e guerra J. Carlos de Carvalho diz que, tendo a seu cargo o serviço de propaganda, não mais pode se occupar com o Museu de Agricultura; pede, portanto a sua exoneração do cargo de secretario daquelle commissão, indicando o Sr. Dr. Jacy Monteiro para substituí-lo.

O Sr. Dr. Presidente nomeia o Dr. Jacy Monteiro para a commissão de organização do Museu de Agricultura, que fica então composta dos seguintes Srs. Wenceslão Bello, Jacy Monteiro, Sergio de Carvalho e Augusto Bernacchi.

O Sr. Dr. Wenceslão Bello historia a fundação do Centro da Lavoura do Café do Brazil, e conclue dizendo que a sociedade pôde escolher um dos dous alvitreos que lembra ou a reconstituição do centro com uma nova directoria, ou a sua extincção, passando todos os seus encargos á sociedade.

O Sr. capitão de mar e guerra J. Carlos de Carvalho falla como ex-secretario do Centro, referindo-se á falta de interesse com que elle foi tratado pelos governos estaduais e pelos particulares; para fazer justiça, declara que, em

S. Paulo, que sempre teve o desejo de querer ficar com o monopólio do café, assim como ficou com o de imigração, apenas um homem trabalhou pelo Centro: o Sr. Conselheiro Leoncio de Carvalho, julga mais conveniente que a sociedade chame a si os encargos do Centro.

Passando a tratar da propaganda do café, para responder à pergunta do Sr. Dr. Fabio Leal sobre os recursos de que dispõe a sociedade para a execução proveitosa daquelle propaganda, entende que, com o auxilio dos 300:000\$ dados pelo Governo, já é possível fazer muito.

Vã vantagens na organização de exposições permanentes do nosso café em varias cidades da Europa e da America, escolhendo-se para isso 20 typos do Brazil, comprados aqui, e diz que, de accordo com esta maneira de pensar organizou e apresentou a sociedade um projecto, do cujo exame se verifica que a pequena quantia de 9:000\$ permite fazer exposições em 36 cidades das mais importantes.

O Sr. Dr. presidente submetto á discussão o projecto da extincção da Centro da Lavoura do Café do Brazil, «com consequencia da renuncia dos seus socios», conforme propoz o Sr. Dr. Sergio de Carvalho.

O Sr. Dr. Aristides Cairo lembra que os 300:000\$ forão dados ao Centro e não á sociedade e que, portanto, não pôde esta utilisar-se daquelle quantia. Não concorda portanto com a idéa suggerida da extincção do Centro.

O Sr. Dr. Presidente julga conveniente o adiamento da discussão, o que é approvedo.

O Sr. Dr. Sergio de Carvalho, aproveitando a oportunidade da reunião da directoria, offerece algumas amostras do café que trouxe da Republica Argentina onde o café brasileiro é vendido na casa «La Braziliens» como sendo proveniente de Java, Bolivia, Cuba, etc., fazendo-se portanto propaganda contra o Brazil com o dupheiro Brazileiro.

Offerece igualmente algumas amostras de lãs e sementes obtidas no Mercado de Cereales do Montevideo.

Faz entrega a sociedade de duas medalhas com que foi mimoseado pela Association Rural del Uruguay.

Refero-se em seguida ao boletim da sociedade, julgando conveniente que seja dedicado o numero do mez de Abril ao Congresso Scientifico Latino-Americano, devendo ser solicitada a collaboração de todos os representantes do Brazil naquelle Congresso; desta fórma sera retribuida a gentileza com que foi a sociedade distinguida pelos membros de Congresso.

Allude ao facto, que teve occasião de ver relatado, de receber o Rio Grande do Sul cabeças de gado estrangeiro, considerado tuberculoso pela Municipalidade do Montevideo, chamando para ello a attenção da Sociedade.

Referendo-se á crise do assucar, lembra que poha ser agora restabelecido o antigo commercio desse genero com a Republica Oriental do Uruguay, que é hoje abastecida do assucar pela Alemanha, e não pela Republica Argentina e Brazil.

Julga que os productos brazileiros podem vantajosamente concorrer com os allemães e communica que neste sentido, já teve occasião de expor as suas idéas ao Excm. Sr. Dr. Alfredo Maia e general Quintino Bezayva.

O Sr. Dr. Presidente, respondendo ao Sr. Dr. Sergio de Carvalho, agradece em nome da directoria, a offertas valiosas das amostras de café, de lãs e de sementes, e communica que a directoria mandara collocar em um quadro as medalhas offortadas pelo illustre consocio, como prova de reconhecimento aos muitos e dignos serviços por elle prestados á sociedade.

O Sr. Dr. Fabio Leal pede que seja designado o dia em que procederá o Sr. Dr. Sergio de Carvalho á conferencia sobre a missão de que foi incumbido pela Sociedade como seu representante no Congresso Scientifico Latino Americano.

O Sr. Dr. Jacy Monteiro lembra que na vantagens na distribuição de convites especiais para aquella conferencia.

O Sr. Presidente declara que de accordo com o conferencista, ficou o dia 14 de maio corrente, as 7 horas da noite, para realização da conferencia. Conforme propõe o Sr. Dr. Jacy Monteiro, mandará fazer os convites especiais a que S.S. se referio.

O Sr. Dr. Wenceslao Bello lembra a conveniencia de mandar a directoria imprimir os diplomas de socio, para que possam ser distribuidos, attendendo-se assim ás muitas reclamações feitas por diversos membros da sociedade.

O Sr. Jens Sand e João da Silva Gandra propoem para socio effectivo ao Sr. Oscar Heinzelmann morador em Petropolis, a rua Monsenhor Bacellar n. 1 A.

E' approvado unanimemente a proposta dos Srs. Jens Sand e João da Silva Gambrã.

O Sr. Dr. Sergio de Carvalho propõe para socios correspondentes os seguintes Srs:

Dr. Susvieja Guarch;

Assoctacion Rural del Uruguay;

Dr. Rodolpho Fonseca, Vice-Presidente da Asociacion Rural del Uruguay;

Dr. J. Arachavaleta, director do Museo de Montevideo;

D. Lucio Rodriguez Diez, Director del Departamento de Granadaira y Agricultura;

Engenheiros Agronomos:— DD. Felix Buxareo Orbe, Teodoro Alvarez, Julio Frommel, Teodoro Visuirez, Ray Lopez, Juan C. Bianco Sierra, residentes todos em Montevideo;

Dr. Carlos Rey de Castro (Peru);

Dr. Carlos Berg (Republica Argentina);

Eugenheiro Agronomo Girela (Republica Argentina).

E' approvada a proposta do Sr. Dr. Sergio de Carvalho.

As 4 horas e 40 minutos da tarde é encerrada a sessão.

Acta da 113ª sessão da Directoria em 7 de maio de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FLALHO

No dia 7 de maio de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Flalho, Baptista Castro, A. Gomes Calaña, Sampalo Corrêa, A. Bernacchi, Jens Sand, José Carlos, Jacy Montelro, A. Cairo, W. Belio e Sergio de Carvalho, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Carta de Jules Boll, professor de botanica em Saint-Sulplee, França, agradecendo á Directoria da Sociedade os diversos boletins que lhe tem sido enviados e sustação da remessa do mesmo boletim.

Officio do Presidente da Camara Municipal de Cabo Frio, no Estado do Rio, pedindo sementes de fumo, café, algodão e maniçoba, para attender aos pedidos dos lavradores do municipio.

Officio da Sociedade Agricola o Pastoral Castronse, do Castro, no Estado do Paraná, communicando a eleição da nova directoria e a do Dr. Moura Brazil para presidente honorario da mesma sociedade.

Carta de J. Teixeira da Silva, do Porto, agradecendo a remessa d' *A Lavouca*.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente, communicando á Directoria as providencias diversas que tem tomado no desempenho do seu cargo, diz que ira em breve visitar a fazenda de Santa Monica, e convlta a Directoria para uma visita á fazenda da Penha no proximo domingo. Diz que tem tolo o empenho em melhorar a situação financeira da Sociedade.

Communica que, em companhia do Sr. José Carlos, dirigiu-se ao Sr. Ministro da Viação, a quem fez o pedido de uma sala para installação do Museu de Agricultura, e que espera a resposta de uma carta que, neste sentido, enviou ao mesmo Sr. Ministro, depois de uma conferencia que teve com o Sr. Dr. Mendes da Rocha, Director da Estatistica.

Communica mais que, em companhia ainda do Sr. José Carlos, visitou a Imprensa Nacional, entendendo-se com o Dr. Director sobre a publicação do boletim da Sociedade.

O Sr. Gomes Calaña lembra a conveniencia de fazer publicar nos jornaes da Capital os convites para as reuniões semanais da Directoria.

O Sr. Sergio de Carvalho pede para ser dispensado do cargo de secretario da *A Lavouca*, não concedendo o Sr. Presidente o pedido de dispensa.

O Sr. Jacy Monteiro, referindo-se á contribuição annual, declara achá-la excessiva; lembra, portanto, que se modifiquem as disposições regulamentares que a ella se referem.

O Sr. W. Bello, diz que, a modificação lembrada pelo Sr. Jacy Monteiro, importando em uma reforma dos estatutos, só pode ser autorizada por uma Assembleia Geral.

O Sr. Jacy Monteiro declara não concordar com a opinião do Sr. Dr. Bello, baseando-se, para isso, em algumas disposições regulamentares, que lê.

O Sr. A. Bernacchi, diz que já teve occasião de organizar umas bases para reforma dos estatutos, tendo-as entregas ao Sr. Jacy Monteiro.

O Sr. Presidente diz que é conveniente adiar a discussão do assumpto, pedindo ao Sr. Jacy Monteiro que o estude, para explainá-lo em uma das proximas sessões.

O Sr. Bernacchi referindo-se á eleição do Sr. Dr. Moura Brazil para presidente honorario da Sociedade Agricola e Pastoral Castrense, fez a seguinte proposta:

« Proponho que se agradeça por offello á directoria da Sociedade Agricola e Pastoral Castrense a eleição do Sr. Dr. Moura Brazil para presidente honorario daquelle sociedade, e que se communique essa resolução ao Sr. Dr. Moura Brazil, dando-lhe o devido respeito, noticias nos jornaes desta Capital. »

E' approvada unanimemente a proposta do Sr. A. Bernacchi. E nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente declara encerrada a sessão. Para constar se lavrou a presente acta.

Sociedade Nacional de Agricultura

114ª sessão da Directoria (extraordinaria) realizada no dia 13 de maio de 1901 para ouvir o Sr. Dr. Domingos Sergio de Carvalho sobre o Congresso Latino Americano realizado em Montevideo.

Estiveram presentes os Srs. Candido Juci, Joaquim José Pereira, E. C. Antonio Lopes de Amaral, Carlos Moreira, Manoel Cavalcante de Albuquerque, João da Silva Gandra, José Antonio Fortes, Dr. Pa. Aristides Caire, Domingos Sergio de Carvalho, Wenceslão Bello, Aristides Calça, Marquez de Paranaguá, Dr. Neves Amond, Sampaio Corrêa, José Carlos de Carvalho, João Baptista de Castro, E. Jacy Monteiro, Jens Sand, Fabio Leal, Dr. Barbosa Rodrigues, Manoel Bonfim Carvalho e Augusto Bernacchi. Não se lavrou acta por ser conferencia publica.

Acta da 117ª sessão da Directoria em 21 de maio de 1901

PREZIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FLALHO

Em o dia 21 de maio de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Flalho, João Baptista de Castro, Aristoteles Gomes Calça, José Mattoso de Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, Jens Sand, João da Silva Gandra, Fabio Nunes Leal, Aristides Caire, Bonifacio de Castro, Horacio Antunes, Wenceslão Bello, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jacy Monteiro e Vicente de Agular Paiva, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de 7 de maio do corrente.

O expediente consta do seguinte:

Officio do Sr. Dr. T. Cochraue, secretario do Presidente da Republica, accusando o desta sociedade de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do Exm. Sr. presidente do Estado de S. Paulo, accusando o desta sociedade de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do Exm. Sr. presidente do Estado do Rio de Janeiro, accusando o desta sociedade de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do Exm. Sr. Prefeito do Distrito Federal, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do Exm. Sr. Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Carta do Exm. Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do Exm. Sr. Director Geral dos Telegraphos, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do Ex. Sr. director da Estrada de Ferro Central do Brazil, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do Exm. Sr. presidente do Estado do Rio Grande do Sul, accusando o recebimento do offello da directoria, de 11 de março do corrente anno.

Offello do Exm. Sr. Ministro da Republica Oriental do Uruguay, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez.

Carta da commissão Benjamin Constant, convidando a directoria para a sessão solenne do 11 de maio do corrente anno no salão de honra da Escola Polytechnica, em homenagem a independença do Paraguay.

Carta de Eduardo de Lacerda, da Bahia, pedindo informações sobre diversos livros de agricultura.

Carta de Jens Sand & C., negociantes nesta praça, enviando sementes do ervilha e do manihot e tagionensis adfm de serem plantadas na fazenda do Santa Monica.

Carta de Eurico do Ollvoira Santos, de Porto Alegre, pedindo sementes de maniçoba.

Carta do Dr. Alvaro Martins, do Ceará, enviando diversos exemplares do seu poema « Agonia Suprema », para serem vendidos pela sociedade em beneficio dos lavradores pobres do Ceará.

Carta do Exmo. Sr. Ministro da Industria, Dr. Alfredo Maia, capeando uma outra do Sr. Chas V. Page da « Iowa Seed Company » para Directoria dar informações sobre a mesma.

Carta de Manoel Corrêa de Almeida, desta Capital, apresentando desenho da machina de sua invenção para o preparo de farinha de mandioca.

Offello do Secretario da Sociedade de Agricultura « Alagoana » participando a fundação da mesma sociedade.

Carta de Josué Toledo Amparo, pedindo diversos numeros da « Lavoura ».

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente declara que deixou de ser mencionada na acta da ultima sessão uma referencia que fez sobre a administração da fazenda de Santa Monica e que por isso a reproduz.

O Dr. Cairo Ilic declarou que não influin de modo algum para a eleição do Dr. Bernarão Dias Ferreira para Director de Culturas, pelo contrario, allegou a seus companheiros varios motivos, entre outros que sendo elle seu parente havia as desvantagens de torna-se elle suspeito para se referir a administração passada; e o o Dr. Cairo parecer continuar de algum modo responsavel pela administração da fazenda.

Em nome da nova directoria o Sr. Presidente declara ao Dr. Cairo que, pelo contrario, e-tava satisfeito com a eleição do novo Director de Culturas, pois via em suas afinidades com o antecessor mais uma vantagem a accrescer a da aptidão do Dr. Ferreira, porquanto a substituição do prestimoso ex-Director por pessoa inteiramente estranha a seus intuitos e planos constituiria uma discontinuidade e mudança brusca, que, no seu entender, prejudicariam os interesses da fazenda e Sociedade, pelo que havia pedido e esperava que o Sr. Dr. Cairo continuasse a auxiliar a nova Directoria com seus conselhos.

Quanto a orientação que deverão ter no futuro os trabalhos da quella fazenda disse o Sr. Presidente entender que não deveria ser feita agora modificação alguma, mantendo-se no plano traçado pela ex-Directorla até ulterior conhecimento da propriedade e dos recursos que a Sociedade podera dispor para esse fim.

O Sr. Presidente comunica a Directoria que do Exm. Sr. Ministro da Viação espera ainda uma resposta do pedido que fez de mais duas salas na repartição da Estatística, para os trabalhos da Sociedade.

Diz que o máo tempo impediu que realizasse no dia fixado a projectada visita á fazenda da Penha.

O Sr. Horacio Antunes pedindo a palavra justifica uma proposta que submetto Directoria, lembrando que a Sociedade não pôde conservar-se silenciosa diante da idéa da queima do café, levantada em S. Paulo pelo Sr. Dr. Vicente de Carvalho, a que julga anti-economica.

Pensa que a opinião da Sociedade acerca deste assumpto de magna importancia, deve ser manifestada com a maior urgencia.

Em seguida, justificando a segunda parte da sua proposta, refere-se a falta de trabalhos feitos no Brazil e dos quaes se possa auferir um conhecimento perfeito sobre a situação e o cultura do café, ja no nosso paiz, já no estrangeiro.

Que no intuito de adquirir essa somma indispensavel de conhecimentos os governos de diversos paizes, entre os quaes cita a Hollanda, têm enviado diversos emissarios ás meções productoras do café, e pensa que este deve ser o proceder do Brazil.

Apresentando a sua proposta espera que ella mereça a attenção da Sociedade.

Proposta :

« Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura, attendendo a inconveniencia da medida proposta pelo Dr. Vicente de Carvalho, de um imposto de 20 %, em especie sobre a café que tiver de ser exportado, e destinada a ser queimado, convoque uma reunião para, depois de ouvida a opinião dos interessados, manifestar o seu juizo a respeito publico e solennemente.

Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura, attendendo á importancia que o conhecimento perfeito da situação da cultura do café, em diferentes regiões do globo, pôde trazer á lavoura nacional, orientando-a e guiando-a nos seus empreendimentos, resolva nomear, por conta do credito aberto destinado á propaganda, um ou mais commissarios que vão a essas regiões estudar o assumpto sob o ponto de vista cultural e economico.

Sala das sessões da Sociedade Nacional de Agricultura, em 21 de Maio da 1901.

— Horacio Antunes. »

O Sr. Presidente, depois de ter sido julgada objecto de deliberação a proposta do Sr. Horacio Antunes, dá a palavra ao Sr. Sergio de Carvalho.

O Sr. Sergio de Carvalho, diz que discorda dos conceitos emitidos pelo Sr. Horacio Antunes na justificativa que faz da segunda parte da sua proposta por isso que não sabe em que aproveitimento ao Brazil os estudos a que se refere a mesma proposta.

As informações sobre a cultura do café no estrangeiro são hoje bastante completas e constam de publicações feitas nas diversas revistas Norte-Americanas, no que diz respeito ao Mexico, e na Revue des Cultures Coloniales, quanto ao que se refere a França.

No Brazil, onde ha uma falta sensivel de dados estatisticos, a monographia do Sr. Porto-Alegre é muito importante e pôde prestar reaes serviços aos interessados no assumpto.

O Sr. Horacio Antunes, respondendo ao Sr. Sergio de Carvalho, diz que as informações obtidas nos livros estrangeiros não são satisfactorias, citando como exemplo, um trabalho que possui sobre a cultura do café no Congo e cuja leitura nada pôde ser deprehendida quanto ao plantio do café naquella região da Africa.

Vê vantagem não pequena na ida do lavrador, o maior interessado, nos paizes productores de café; somente de-ta fórma poderá elle observar com reaes vantagens os diferentes processos de culturas, ao envez de baseiar-se em dados não verdadeiros, apresentados por estranhos, que não tem o menor interesse no melhoramento daquelle genero de produção.

Mostra que a sua proposta attende nos fins importantissimos da Sociedade, e fins que não se alimentam ao serviço de distribuição de sementes.

O Sr. Jacy Monteiro diz que a questão do café está hoje muito bem estudada e desenvolvida sob diversos pontos de vista.

Não vê, portanto, vantagem na segunda parte da proposta do Sr. Horacio Antunes.

Declara que concorda com a primeira parte da mesma proposta e pensa que a Sociedade deve manifestar-se contra a queima do café.

O Sr. Presidente declara adlada para a proxima sessão a discussão da proposta do Sr. Horacio Antunes.

O Sr. Baptista da Castro, convenido da necessidade e alcance social e economico da formação de syn licatos agricolas, encarando a urgencia que temos no Brazil de

acclimatar essas instituições que se firmam no espirito de solidariedade e união dos agricultores de quaesquer paizes, tanto na essencia dessas instituições como em seus collaterios; credito agricola por meio de caixas ruraes, seguro mutuo abrangendo chuvas de pedras ou granizo, mortalidade do gado, soccorros mutuos, aposentadorias, etc.: não podendo nem devendo a Sociedade Nacional de Agricultura deixar de tomar a iniciativa de animação que lhe cabe no intuito de fomentar a união dos agricultores brasileiros, em torno dos seus legitimos interesses e aspirações dentro ou fóra das épocas de crise como actualmente acontece, autovendo finalmente a solução procurada para solvermos o problema que se prende, tanto á propaganda effeaz para o augmento do consumo do café brasileiro como para a venda mais directa aos consumidores, pelo facto de podermos manter com os syndicatos europeus em perfeita communhão de vistas o interesses solidarios os seus effeacissimos effeitos de acção.

Propõe:

« 1^a — Que a Sociedade Nacional de Agricultura constitua entre os seus membros uma commissão encarregada da propaganda e animação, pelos meios conhecidos para a formação de syndicatos agricolas nos municipios dos diversos Estados da União.

2^a — Que essa commissão de accordo com a propaganda do café, em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, entre desde já em relação com o Syndicato Central dos Agricultores de França e seus congêneres de outros paizes da Europa, para, nullo, entabularem relações que tenham o fim promover as vendas directas dos cafés brasileiros pela cooperação desses mesmos syndicatos europeus.

Sala das sessões, 21 de maio de 1901. — *João Baptista de Castro.*»

O Sr. Presidente diz que a proposta do Sr. Baptista de Castro fica sobre a mesa para ser discentida na proxima sessão.

O Sr. Sergio de Carvalho justifica as seguintes propostas:

« Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura, por sua Directoria, ou por uma commissão escolhida do seu seio, se dirija ao Conselho Municipal pedindo para ser convertida em lei a conclusão do Congresso Scientifico Latino Americano sobre a esterilização do leite e a adoção do processo de Stock, como meio de verificar-se o cumprimento desta providencia.

Proponho que a Sociedade solicite do poder competente sua adhesão ás conclusões do mesino congresso com respeito a policia sanitaria, para que seja organizado entre nós esse serviço de incontestavel importancia para a Hygiene Publica.»

O Sr. Presidente diz que a proposta do Sr. Sergio de Carvalho fica sobre a mesa para ser discentida na proxima sessão.

E por nada mais haver a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão, e lavrou-se a presente acta para os devidos effeitos.

Acta da 118.^a sessão da Directoria em 28 de maio de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

Aos 28 dias do mez de maio de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Aristoteles Gomes-Calaça, José Carlos de Carvalho, José Mattoso Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, Pens Sand, João da Silva Gandra, Barão de Capanema, Drs. Aristides Caire-Wenceslão Bello, Paulino Tinoco, E. Jacy Monteiro, Alberto Jacobina, J. M. Bouchaud, Dr. Bernardo do Figueiredo, Dominges Sergio de Carvalho, Demetri Schoucri, Jorge Salabré Malin, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta de 21 de maio corrente.

O Sr. Dr. Wenceslão Bello reclama contra uma phrase do Dr. Horacio Antunes, na sessão anterior, e que consta de acta lida, acerca dos fins da sociedade, dizendo o Sr. Horacio Antunes que não foi sen intuito criticar o modo do proceder da directoria da sociedade, e pelo Sr. Dr. Bello julga encerrado o incidente.

EXPEDIENTE

Officio do governador do Estado da Bahia, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do governador do Estado de Pernambuco, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do ministro da marinha, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do secretario do Estado do Paraná, em nome do governador, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do director geral dos correios, accusando o desta sociedade, de 6 do corrente mez, sobre a eleição e posse da nova directoria.

Officio do secretario do Estado de Coyz, em nome do presidente, remettendo diversas mensagens dos annos de 1891 a 1900.

Officio do Ricardo Belgiano, da cidade de Campanha, Minas, remettendo, por ordem do secretario do governo do Estado de Minas Geraes, o conhecimento de 500 garrafas de vinho nacional.

Carta do Dr. José Antonio Martins, de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, enviando a quantia de 50\$, sua annuidade do corrente anno.

Carta do presidente da Camara Mercantil-Barracas al Sur-Provincia de Buenos-Ayres, communicando a eleição da nova directoria.

Carta do Dr. Francisco de Azarias Queiroz Botelho, do Carmo do Rio Claro—Minas, enviando a quantia de 50\$, sua annuidade do corrente anno.

Carta do ministro brasileiro no Chile, enviando á sociedade diversos boletins sobre a agricultura.

Carta de Henrique Marinho, Petropolis, pedindo os numeros de *A Lavoura*.

Carta de Octavio da Silva Prates, 2º secretario da Sociedade Brasileira para animação da criação e agricultura em Paris, França, agradecendo a remessa de *A Lavoura*.

Carta do Antonio de Medeiros, da Capital Federal, participando a fundação do *Jornal dos Agricultores*, e enviando o prospecto.

Carta do 1º secretario da Associação Commercial do Porto, Portugal, remettendo o relatório do anno de 1900.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente põe em discussão apenas a primeira parte da proposta do Sr. Horacio Antunes, attendendo ás considerações feitas pelo mesmo socio sobre a importancia da publicação immediata da deliberação da sociedade ácerca do projecto da queima do café do Dr. Vicente de Carvalho.

O Sr. Horacio Antunes requer a leitura em sessão de uma carta sobre a « Crise do café », publicada pelo Dr. Vieira Souto em o *Correio Paulistano*; procedida a leitura dessa carta, tomam a palavra sobre o assumpto em discussão os Srs. barão de Capanema, Wenceslao Bello, Horacio Antunes e Augusto Bernacchi, condemnando todos o projecto da Sr. Dr. Vicente de Carvalho.

O Sr. Wenceslao Bello submete a discussão a seguinte conclusão, que foi approvada unanimemente.

« A Sociedade Nacional de Agricultura, estudando em todas as suas facas o projecto do Sr. Dr. Vicente de Carvalho, sobre a queima do café, para o fim de valorisar a nossa produção, condemna-o como violento, contrario aos preceitos economicos e ineffeaz, acreditando que outros são os meios a adoptar para chegar nos mesmos almeçados fins.

18 de maio de 1901. — *Wenceslao Bello.* »

O Sr. Augusto Bernacchi communica que em breve terá occasião de fazer alguma conferencia sobre as crises no Brazil, e então referir-se-ha ao caso especial do café.

Passada a discussão da segunda parte da proposta do Sr. Horacio Antunes e o Sr. Presidente submete a discussão as propostas do Sr. Baptista de Castro, sobre a fundação de syndicatos agricolas, tomando a palavra sobre o assumpto os Srs. presidente, Baptista de Castro, Augusto Bernacchi, Sergio de Carvalho, Wenceslao Bello e Horacio Antunes, propondo este ultimo a nomeação de uma commis-

ção de cinco membros, incumbida de formular umas bases para organização dos syndentos agrícolas.

Approvada unanimemente a proposta do Sr. Horacio Antunes, o Sr. presidente nomeia a seguinte comissão: Barão de Capanema, Baptista de Castro, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, Domingos Sergio de Carvalho e Wenceslão Bello.

Em vista do adiantado da hora, o Sr. Horacio Antunes requer o adiamento das discussões das propostas do Dr. Sergio de Carvalho, constantes da ordem do dia, tendo sido concedido unanimemente o adiamento requerido pelo Sr. Horacio Antunes.

O Sr. Baptista de Castro fez a seguinte proposta:

« Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura mande publicar em avulso os trabalhos emanados do nosso consocio da propaganda do café o Sr. José Carlos de Carvalho, bem assim os trabalhos quer sobre o café quer sobre a industria pastoril do Exm. Sr. Dr. Assis Brazil, nosso ministro em Washington, para serem distribuidos com os boletins *A Lavoura*.

Sala das sessões, 28 de maio de 1901. — *João Baptista de Castro.* »

E' approvada unanimemente a proposta do Sr. Baptista de Castro, bem como a seguinte emenda do Sr. W. Bello. Emenda: Seja incluido nesse numero o artigo do Sr. Dr. Baptista de Castro, inserto no *Jornal do Commercio* sobre planta textis do Brazil.

28 de maio de 1901. — *Wenceslão Bello.* »

O Sr. Jacy Monteiro lembra com pesar a data do passamento do Sr. Dr. Campos da Paz, ex-vice-presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, um dos maiores propagandistas da agricultura, e em seguida entrega à directoria o trabalho da comissão incumbida de organizar um projecto sobre medidas a empregar contra a importação de plantas pesteadas.

O Sr. Presidente, communicando que a comissão de direcção, nomeada na última assembleia geral, já fez entrega dos serviços internos á nova directoria, diz que aproveita a occasião para agradecer os serviços prestados pelos companheiros daquelle comissão.

O Sr. Jacobina falla sobre a industria pastoril, que julga dever merecer a attenção da directoria, promettendo o Sr. presidente estudar o assumpto.

O Sr. Sergio de Carvalho entrega as amostras de assucar que recebem de Montevideo e a que já se referia na última sessão.

E' proposto, e unanimemente acceito socio o Sr. Dr. Bernardo José de Figueiredo.

Assignaram a proposta os Srs. Wenceslão Bello e Aristides Caíre.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão, marcando o dia 4 de junho futuro para de novo se reunirem, e para constar se lavrou a presente acta para os devidos effeitos.

Acta da 119ª sessão da Directoria em 4 de junho de 1901

PREZENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 4 de junho de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, Baptista de Castro, Sampalo Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, Barão de Capanema, Demetrio Ribeiro, Jacy Monteiro, Wenceslão Bello, João da Silva Gandra, Jens Sand, Dr. Aristides Caíre, Sergio de Carvalho, Bonifacio de Castro, Carlos Custodio Nimes e Demetrio Schourri é aborta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de 28 de maio proximo passado.

EXPEDIENTE

Officios do presidente e governador dos Estados da Parahyba, Ceará e S. Paulo, accusando o recebimento do officio desta Sociedade do 6 do passado sobre a eleição o posse da nova Directoria.

Offello das Camaras Municipaes de Campos, Barra de S. João, S. Roque, Cunha, do Director da Bibliotheca Nacional, da Associação dos Empregados do Commercio, Associação Christã de Mogos e da Camara Municipal da Villa do Salto, acenando o desta Sociedade de 6 do passado sobre eleição e posse da nova Directoria

Offello do Presidente do Estado de Matto Grosso, enviando diversas mensagens.

Offello do secretario do Estado de Minas Geraes, avisando ter dado ordem ao Dr. Ricardo Belgrano, da Cidade da Companhia, a fim de remetter a sociedade 500 garrafas de vinho nacional.

Offello do Dr. Ricardo Ernesto Ferreira do Carvalho, Director da Escola Pratica «Luz de Queiroz» em Piracicaba, S. Paulo, convidando a Directoria da Sociedade para a inauguração da mesma escola a qual terá lugar em 3 de junho.

Carta do Dr. João Evangelista da Frotz e Vasconcellos, Bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife, pedindo diversos numeros d' *A Lavoura*.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente declara em discussão a segunda parte da proposta do Sr. He-raclo Antunes, relativa a propaganda do café, mas a requerimento do Sr. Sergio do Carvalho, é adiada a discussão para a proxima sessão visto não ter comparecido o autor da mesma proposta.

O Sr. José Carlos do Carvalho apresenta a Sociedade o Sr. Demetrio Ribeiro, que expoe um projecto de propaganda do café, e de outros generos de proleção Brasileira, pela formação de uma empresa, da qual faça parte a Sociedade, que se incumbir deste serviço.

Depois de terminada a exposição do Sr. Dr. Demetrio Ribeiro, o Sr. José Carlos faz a Sociedade a seguinte consulta:

1.º Convira ou não a Sociedade de Agricultura que ella se associe a uma empresa de propaganda em favor do Brazil na Europa?

2.º Poderia ella destinar a quantia de 300:000\$ que lhe foram concedidos pelo Parlamento?

3.º A Empresa de Propaganda organizará seu capital sem capital, não só com o concurso dos 300:000\$ mais ainda com a subscrição que será aberta entre fazendeiros e industrias brasileiros.

Rio 1 de junho de 1901 — José Carlos.

O Sr. Presidente nomeou a seguinte commissão para emitir parecer sobre a consulta do Sr. José Carlos: João Baptista de Castro, Wenceslão Bello e Sergio do Carvalho.

O Sr. Sergio do Carvalho justifica e submete á discussão a seguinte proposta, que foi unanimemente approvada:

Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura queira providenciar no sentido de tornar effectiva á disposição orçamentaria sobre os premios conferidos a sericultureira.

O Sr. Jacy Monteiro justifica e submetto a discussão a seguinte proposta que foi tambem approvada unanimemente:

PROPOSTA

Continuando os jornaes desta capital, illudidos na sua boa fé, a intitular o Sr. Eanes de Souza *presidente da Sociedade Nacional de Agricultura* proponho que novamente se dirija as illustradas redações d'esses diarios uma mensagem, como foi feito em junho de 1898, protestando contra esse e outros factos.

Sala das Sessões, 1 de junho de 1901. — E. Jacy Monteiro.

O Sr. Presidente referindo a offerta do vinho nacional feita a Sociedade pelo secretario de agricultura do Estado de Minas, diz que pretende organizar um jury de competentes para ser procedido ao exame do mesmo vinho, lembrando o Sr. Jacy Monteiro que se remetta uma amostra ao Dr. Daniel Heuning er para que proceda a analyse.

O Sr. José Carlos diz que se compromette a levar umas amostras ao Laboratorio Nacional de Análises.

O Sr. Bernacchi propõe, e é unanimemente accedido socio o Sr. Carlos Custodio Nunes.

Para constar lavrou-se a presente acta.

Acta da 120.ª sessão da Directoria em 11 de Junho de 1901

PREZENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 11 de Junho de 1901, ás 3 3/4 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, José Mattoso, Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, Jens Sand, João da Silva Gandra, E. Jacy Monteiro, Wenceslão Felto, Horacio Antunes, Domingos Sergio de Carvalho, Barão de Capanema, Aristides Caire, Fabio Nunes Leal e Cornelio de Souza Lima, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e posta em discussão a acta da sessão de 4 do corrente mez, que é approvada.

EXPEDIENTE

Officio do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, accusando o desta Sociedade, de 6 do passado, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officios dos Presidentes das Camaras Municipaes de Cubo Frio, da cidade de Itaparica e da cidade de Pelotas, accusando o desta Sociedade, de 6 do passado, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officio do Director Geral da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras, de S. Paulo, accusando o desta Sociedade, de 6 do passado, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officio do A. Candido Rodrigues, 3ª secção da Secretaria de Agricultura, Commercio e Obras Publicas, de S. Paulo, accusando o desta Sociedade, de 6 do passado, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officio do Director da Escola Polytechnica de S. Paulo, accusando o desta Sociedade, de 6 do passado, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Carta do Amador da Cinha Bueno, Dr. A. C. Valdetaro e João Carlos de Souza Ferreira, pedindo a eliminação de socios.

Carta do Dr. Phelippe Ladem do Faria, de S. Carlos do Pinhal, S. Paulo, accusando a circular de 6 de maio do corrente anno.

Carta do Secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, agradecendo a remessa d'A *Lavoura*.

Carta da Directoria da Sociedade Perseverança e Auxilio do Estado de Macau, pedindo a remessa d'A *Lavoura*.

Carta do Eduardo de Oliveira, Presidente da Sociedade Rural Argentina, de Buenos Aires, enviando tres exemplares sobre a agricultura.

Carta do Secretario do Centro Litterario e Recreativo do Piracicaba, S. Paulo, pedindo a remessa d'A *Lavoura*.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente declara em discussão a proposta seguinte do Sr. Dr. Horacio Antunes:

«Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura, attendendo á importancia que o conhecimento perfeito da situação da cultura do café, em diferentes regiões do globo pôde trazer à lavoura nacional, orientando-a e guiando-a nos seus empreendimentos, resolva nomear, por conta do credito aberto destinado á propaganda de café, um ou mais emissarios que vão a essas regiões estudar o assumpto sob o ponto de vista cultural e concemico. Sala das sessões da Sociedade Nacional de Agricultura, 21 de Maio de 1901.—Horacio Antunes.»

O Dr. Horacio Antunes faz a seguinte comminacão:

Unas Regiões — Não tentaremos expor o nosso plano de valorisação do café, se tivemos a certeza de que essa questão podia ser resolvida de um golpe, pela intervenção do Estado em de um grupo de capitalistas capazes de organizar um syndicato de resistencia à especulação.

Cedecendo a opinião geralmente aceita de que a causa da desvalorisação do nosso café reside especialmente na producção excessiva, para a qual o Brasil é exclusivamente concorrente; producção que, considerada economicamente e industrialmente, precisa ser corrigida pela eliminacão de uma parte consideravel, representada pelos baixos productos e escurias, pensamos que toda a questào se reduz para e simplesmente a uma selecção racional da mercadoria em questào.

Como, porém, esse resultado difficilmente seria conseguido pelo esforço isolado e individual de cada produtor, nós sempre desconfiados da falta de solidariedade e sempre propensos a acreditar na intervençào de um Deus, *ex-machina*, capaz de valorizar um producto que as circumstancias de momento aconselham a repudiar, eu lembraria a organisação de umas regiões, com a triplice funcção de — formar tipos exportaveis, servir de intermediarios na venda de café e funcionar como entrepostos e recepção bancaria para caucão do *warrant* emitido.

Estabelecidas em todas as regiões cafeiras, essas umas seriam o ponto de partida para uma evoluçào superior — o Banco Regional de Credito Agricola. Intendendo suas operações visando somente os lucros da commissaõ de venda, da formaçào do tipo *a* da escaçaõ da seu propria *warehouse*, em breve tempo e sas usmas, pelo conhecimento perfeito de seus committentes, alargariam as suas operações adiantando sob melhor agenciola, com a super-gauntia do endosso de dois ou tres fazendeiros da zona.

Na phaze de imeraçào, antes de possuir um cadastro perfeito de seus freguezes, a usma prestaria o enorme serviço de adiantar immediatamente, sob entrega do café (tudo o desconto da porcentagem do producto inferior) 40 a 50 do seu valor, de accordo com uma cotacão combinada, proporcionando ao agricultor, por meio de caucão a somma precisa para poder esperar a cobreacão do café e registrar a escaçaõ.

Para a organisação do estabelecimentos desta ordem ou, antes, para atrahir os capitais necessarios a sua fundaçào, os governos federal, estadual e municipal concorreriam com os seguintes favores e regalias:

1.º Concessão de privilegio de entreposto e autorisação para emitir *warrants* sobre os cafés que recebessem a consignaçào;

2.º Abatimento de 2% nos direitos de exportaçào para os cafés vendidos por intermedio das usmas;

3.º Isençào de direitos municipaes por cinco annos para todas as operações, offices e machinarias das usmas.

Concomitantemente com a decretação do abatimento de 2% para os cafés vendidos ou exportados pelas usmas, os governos estaduais taxariam fortemente os cafés inferiores, de modo a difficultar a sua exportaçào, excepção feita para o mesmo café — torrado, em grão, pó ou extracto, exportado para as Republicas sul americanas, onde é de toda a conveniencia facilitar a propaganda.

Com a creaçào dos es estabelecimentos e a decretação de medidas que corribam a exportaçào de cafés inferiores, teriamos apparellado a resistencia dentro do paiz, hirtresando o agricultor na venda de seu producto, facilitando-lhe no mesmo tempo os meios para esperar um preço remunerader de sua mercadoria e, mais que isso, preparar o advento do credito real e pessoal, que se póde ser levado a effeito por instituções que funcioem em credito limitado, conhecendo perfeitamente a sua freguezia e com neçào prompta e rapida para evitar abusos ou fraudes.

Essas usmas teriam, tanto quanto possivel, uma distribuçào de accordo com as circumscripções municipaes, nao importando, todavia, que agissem em zonas ou regiões mais extensas, determinadas por circumstancias do ordem economica.

Esta creaçào supprae uma lacuna enorme na nossa economia rural e não precisa nem pretende favores directos do Estado, que simplesmente se limitaria a fiscalizar, por meio de prepostos, as operações realizadas e a exportaçào dos cales que fossem consignados as usmas.

A differença de 2% nos direitos dos cafés exportados tem sua perfeita compensaçào na taxa interior que o Estado recebe sobre um producto valorizado, além de proporcionar indirectamente vantagens de outra ordem, como o bem estar da classe agricola.

A isenção de direitos municipaes tambem não affectará os municipios respectivos, interessados na prosperidade de seus habitantes.

Resta saber si ha verã possibilidade de se realizar capitaes para esses estabelecimentos.

Acredhamos que, mesimo dentro do paiz, com auxillio dos capitaes retrahidos á procura de boa collocação, se poderá conseguir o *desideratum* almejado, desde que o capitalista souber que a empreza lhe offerece lucros perfeitamente garantidos, a saber :

2 %., differença de direitos estaduais para o café vendido ou exportado pela usina ;

3 %., commissão de venda ;

2, 5 %., commissão do preparo e formação de typos ;

1, 5 %., si for só para a formação do typo ;

25 %., do producto dos catés baixos, e escolha, no caso de venda ;

% de caução de *warrants*.

E' preciso notar que o capital de movimento não poderá ser muito grande, admittida a prompta venda, determinada pela eliminção de uma massa consideravel do catés baixos, proporcionando o restabelecimento do nivel entre a offerta e a procura.

Apparelhada a lavoura com estabelecimentos dessa ordem, a resistencia será effez e a especulação desaparecerá totalmente.

Esta medida de par com outras medidas que barateem o custo de producção e estimulem o benefecimento racional do producto, serão sufficientes para evitar situações como a que de momento atravessamos.

Tudo que se afastar deste terreno procurando intervir nos processos que regem o commercio desse genero nos paizes estrangeiros, é em pura perda e só pôde dar uma idéa de nossa latimidade e fraqueza.

Contentemo-nos em vender bem o nosso caté, sem indagar do ganho ou lucro do intermediario estrangeiro e sem pretensões a lr corrigir as praxes estabelecidas por capitalistas e symphicatos bastante fortes para com um sopro fazer desaparecer essas veledades. Tão pouco nos importemos si o nosso caté é vendido como Moka ou Java, desde que dessa situação não nos advier prejuizo ; quando muito avise-se ao consumidor por uma propaganda feita pelos nossos consules, como propõe o Sr. capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho.

Sem capitaes de reserva, sem meios de acção promptos e decisivos, não podemos dispersar forças em tentativa vãs, de que já temos tido experiencias dolorosas em diversos ensaios.

Arrmamos a nossa defeza dentro do paiz, sem recorrer ao Governo, que nada pôde e nada deve fazer, a não ser no circulo de medidas indirectas, e mandemos ao estrangeiro estudar as zonas produtoras, para ficarmos sabendo o que estão fazendo, produzem, por quanto produzem o o que podem alcançar.

E', em resumo, sujeito á critica e emendas o projecto de usinas regionaes, que o capitão do mar e guerra José Carlos de Carvalho contemplou no seu plano como de medidas, depois de informações que lhe forneçi.

Rio de Janeiro, 29 do maio de 1901. — *Hiracio R. Antunes.*»

O Dr. Sergio de Carvalho diz que é inopportuna a discussão, antes de haver qualquer solução definitiva quanto aos 300:000\$. Lembra, então, a preliminar de uma segunda consulta ao Governo com respeito aquella quantia.

O Sr. Presidente promette tomar em consideração a idéa aventada pelo Sr. Sergio de Carvalho, e dá a palavra ao Sr. Bernacchi, que faz a seguinte communicação :

« Propunho que se consulte ao Governo se não se poderia aproveitar os 300:000\$ destinados á propaganda do café do Brasil que devia ser feita pelo Centro da Lavoura de Café do Brasil e que hoje não existindo mais, que não se poderia dar melhor applicação a esse dinheiro. A fazenda de Santa Monica prestar-se-hia admiravelmente para uma escola meramente pratica de agricultura, destinada, mediante uma pequena remuneração, a preparar agricultores e dar assim o exemplo da necessidade de outras escolas. Capital Federal, 11 de junho de 1901. — *Augusto Bernacchi.*»

A communicação do Sr. Augusto Bernacchi fica sobre a mesa até ulterior deliberação.

O Sr. José Carlos de Carvalho communica que já estão impressos os números d' *A Lavoura*, relativos ao mez de fevereiro, e que em principios do Julio estarão promptos os números de março a junho.

O Sr. Fabio Leal presta conta dos dinheiros gastos com a publicação da acta da ultima assemblea geral. Foram julgadas boas e approvadas todas as contas a cargo do thesoureiro.

O Sr. Presidente propõe e é approvedo que o saldo seja applicado á compra de mobilia.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente dá por terminados os trabalhos e levanta a sessão ás 5 horas da tarde.

Acta da 12.^a sessão de Directoria em 2 de Julho de 1901

PREZIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 2 de Julho de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Sempão Corrêa, Augusto Bernacchi, José Sand, João da Silva Gandra, E. Jacy Monteiro, Aristides Cairo, Itapão de Caponeira, Wenceslao Bello, Domingos Sergio de Carvalho, Hermano Joppert, Fabio Leal, Luiz Gilson, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e posta em discussão a acta da sessão de 11 de Junho proximo passado e approvada.

EXPEDIENTE

Officio dos Presidentes dos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Goyaz, Pará e Sergipe accusando a circular de 6 de maio proximo passado, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officio dos Presidentes das Camaras Municipaes de Petropolis, Paraly, Pará, Minas, Mangaratyba, Portuga, Amparo, Dom Pedro, Sant'Anna do Livramento, S. José do Rio Pardo, Villa da Lagôa Grande, Monte Mór, accusando o officio de 6 de Maio proximo passado sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officio do Sr. Bernardo Dias Ferreira, Director de Culturas da Fazenda de Santa Monica, remetendo a folha de pagamento do pessoal até 31 de maio do corrente anno.

Officio de Franklin Hermoganeo Dutra, remetendo copias do projecto dirigido ao Excm. Sr. Presidente da Republica, do Estado do Rio de Janeiro, e Assemblea do Estado do Rio sobre a formação de uma sociedade commercial para o commercio do café, e pedindo o parecer da Directoria da Sociedade.

Officio do Director da Escola Agricola Pratica Luiz de Queiroz », de Piracicaba, S. Paulo, pedindo a remessa do autographo de Monographia dos Melhoramentos dos terrenos de cultura.

Officio do Dr. Ricardo Ernesto Ferrreira de Carvalho, socio honorario morador em Piracicaba, S. Paulo, accusando o officio de 6 de maio proximo passado.

Officio do Director do Instituto Agronomico de Campinas, accusando o officio de 6 de maio proximo passado.

Officio de Manoel Ferreira Pinhaço, desta Capital apresentando proposta para o arrendamento do Campo da Fazenda Grande da Penha.

Officio do Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia, accusando o officio circular de 6 de maio proximo passado.

Officio do Secretario das Obras Publicas do Estado do Rio Grande do Sul, accusando o officio de 6 de maio pp.

Officio do Presidente do Gremio Literario « Carlos Ferreira », do Amparo, Estado de S. Paulo accusando o officio de 6 de maio proximo passado.

Officio da Directoria do Club Beneficente da Lavoura e Commercio de Monte Verde, accusando o officio de 6 de maio proximo passado e dando aviso da sua nova Directoria.

Officio do Secretario do Club Recreativo dos Artistas, dando conhecimento da sua nova Directoria.

Officio do Director da Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia, accusando o officio de 6 de maio proximo passado.

Proposta de Coelho Cintra C.ª para arrendamento de uma parte de terras na Fazenda Santa Monica.

Carta do Dr. F. M. Draenert, de Uberaba, Minas, accusando o officio circular de 6 de maio proximo passado.

Carta do Presidente do Centro Agricola Lagenda, Lago do Murialhé, accusando o officio de 6 de maio proximo passado.

Carta de Torquato Alves de Almeida, pedindo a publicação na *Lavoura* do seu escripto sobre a mandioca.

Carta de Pedro Grunxen, Livramento, Estado do Rio Grande do Sul, accusando a circular de 6 de maio proximo passado e pedindo o diploma.

Circular da commissão do Club Commercial Litterario e Recreativo na Estancia Sergipe, pedindo a remessa da *Lavoura*.

Carta do consul do Brazil em Londres, enviando os folhetos e mais dados sobre uma futura exposição que terá lugar em Londres em maio de 1902, deheada especialmente nos paizes do centro Sul America e Republica Mexicana, e das colonias adjacentes.

Carta de Antonio Ventura de Oliveira Castro, S. Caetano da Vargem Grande, Minas, pedindo mudas de videiras.

Carta de Bernardo A. Gavião Paixoto, de S. Paulo, pedindo sementes de soja.

Carta de Jacob Weber, Pedras Grandes, Santa Catharina, pedindo sementes de fumo, algodão e pastagem.

Carta de Joaquim Muniz, Agudo, S. José dos Pinhães, Paraná, pedindo providencias sobre a crise da lavoura.

Carta de Alexandre José de Viveiros, Usina Castello, Moação, Maranhão, remettendo a quantia de 40\$ sendo 25\$ para a sua annuidade e 15\$ para a compra de sementes.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente distribuiu aos Srs. Augusto Bernacchi, Baptista de Castro e Sergio de Carvalho as communições feitas á Sociedade pelos Srs. Joaquim Muniz, Franklin Dutra e J. Chermont, para que aquelles socios emitam a respeito o seu parecer. Pelo mais o Sr. Aristides Cairo que responde as consultas feitas á Sociedade pelos Srs. Torquato A. de Almeida e Antonio Castro, sobre o plantio de videiras e sobre a Sericicultura.

E' apresentada uma proposta para arrendamento de parte da fazenda Grande da Penha, e julgada prejudicada por ter vindo fora de tempo.

E' apresentada e distribuida ao Sr. Dr. Aristides Cairo para dar parecer sobre uma proposta dos Srs. Coelho Cintra & Comp., para arrendamento das caeiras existentes na fazenda da Santa Monica.

O Sr. Wenceslao Bello propoe que a Sociedade mande complimentar o Sr. Americo Salgado, recentemente chegado de Pernambuco. Sendo approvada unanimemente a proposta de Sr. Wenceslao Bello, o Sr. Presidente decreta que dará cumprimento ao resolvido pela Sociedade e que convidará o Sr. Amorim Salgado a assistir as sessões da Sociedade.

E' approvada a conta apresentada pelo Dr. Director de Culturas, requisitando a quantia de 1:115\$390 para pagamento das despezas diversas feitas na fazenda de Santa Monica.

O Sr. Wenceslao Bello faz a seguinte proposta que é unanimemente approvada:

« Proponho qua sejam providos os lugares de membro do Centro da Lavoura do Café do Brazil, vagos pela renuncia do Exm. Sr. Dr. Moura Brazil e seus dignos companheiros e que para esses logares indicó os actuaes directores da Sociedade Nacional de Agricultura.

2 de julho de 1901 — *Wenceslao Bello.*»

O Sr. Bernacchi propoe e é unanimemente approvado que se officio ao Governo felicitando-o pelo cumprimento do *fund ny loan*.

O Sr. Wenceslao Bello communica que o Sr. Dr. Barbosa de Oliveira pediu-lhe para declarar que não tem comparecido as sessões por motivo de ordem superior, mas que o fara logo que puder.

O Sr. Presidente referindo-se ao ordenado do director de Culturas, propoe e é unanimemente approvado que seja elle de 500\$ mensaes.

São fixados de 1508 e 200\$, respectivamente os ordenados dos empregados da Secretaria da Sociedade, João Frederico do Quatroz Facó e Augusto Gomes Ferreira.

É proposto e unanimemente accedido socio Sr. Leon Gilson, agrimensor e agricultor, residente na Estação do Commercio.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente dá por terminados os trabalhos, pedindo o comparecimento na próxima terça-feira 9 do corrente, e levanta a sessão a 6 horas da tarde, e para constar se lavrou a presente acta.

Acta da 122ª sessão da Directoria em 9 de Julho de 1902

PREZIDENTIA DO SR. DR. ANTONIO FIALHO

No dia 9 de Julho de 1902, às 3 3/4 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonio Fialho, João Baptista de Castro, Sampaio Corrêa, Augusto Barnackel, José Carlos de Carvalho, Jans Santl, João da Silva Gandra, Barão de Capangua, Lucy Montêlo, Wenceslau Bello, Horacio Antunes, Virgilio Franklin, Francisco da Rocha Luna, Aristides Cairo, Paulo de Amorim Salgado, Fáblio Nunes Leal, Domingos Sergio de Carvalho, Archias Medrado, Augusto Roberto W. Pacca, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

É lida e posta em discussão a acta da sessão de 2 de corrente, que é approvada.

EXPEDIENTE

Officio do Dr. Lourenço Grande, Inspector do 6º Districto Agrícola do Serviço Agronomico do Estado de S. Paulo, Iguaçu, enviando o programma da sessão agrícola e industrial, e pedindo a remessa da *A Lavoura*.

Officio do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, accusando o officio de 6 de maio proximo pasado.

Officio do Presidente da Camara Municipal do Surouro, Estado do Rio, pedindo inscripção de socio contribuinte.

Officio do Director de Culturas, Dr. Bernardo Dias Ferreira, enviando a folha de pagamento da fazenda de Santa Monica, relativa ao mez de junho proximo pasado na importancia de 836\$290.

Officios do Presidente do Estado do Amazonas, da Camara Municipal da Cidade do Porto (Portugal), Camara Municipal de Cruz Alta, Camara Mercantil de Barracas (Sud Provincia de Buenos Aires, Republica Argentina) accusando a circular de 6 de maio do corrente anno sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officio do Secretario da Associação Commercial da Cidade do Porto (Portugal) accusando e agradecendo a resposta da *A Lavoura* e outros fasciculos.

Proposta do Dr. Bernardo Jose de Figueiredo, para arrendamento de uma parte do campo da Fazenda Grande da Penha.

Carta do Antonio Nunes Brigagão, morador em Campo Mystico, Minas Geraes, enviando trinta garrafas com vinho nacional.

Carta do Americo Silvestre de Farias, morador no Engenho Capioba em Nazareth (Bahia) pedindo diversos numeros da *A Lavoura*.

Carta do Secretario do Gremio União das Classes, com sede na cidade de Amargosa (Bahia), pedindo diversos numeros da *A Lavoura*.

Carta do Dr. Von Ihering, Museu Paulista, S. Paulo, remetendo um trabalho sobre lanternas bicradas para ser publicado na *A Lavoura*, bem assim dando copia de um parecer sobre a propagação das pestes vegetaes e os meios de combater a sua importação.

Carta do Dr. Raphael Ferreira, morador em Junhuly, S. Paulo, pedindo a remessa da *A Lavoura*.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente cumprimenta e agradece o comparecimento da Comissão Pernambucana, representada na pessoa do Dr. Amorim Salgado.

O Sr. Wenceslão Bello pede que na acta anterior seja declarado que a Sociedade resolveu offerecer os seus prestírios a Comissão Pernambucana, para auxiliá-la no desempenho de sua missão.

O Sr. José Carlos de Carvalho apresenta a seguinte proposta :

« No intuito de bem servir aos patrióticos desejos do Governo do Minas Geraes com relação à propagação da industria do *vinho nacional* de produção mineira, proponho que, na qualidade de Director de propaganda, a Sociedade solicite do Sr. Ministro da Fazenda que o Laboratorio Nacional de analyses dê parecer a respeito da qualidade das amostras do vinho que foi remettido à mesma Sociedade, para que se possa então iniciar trabalho do tão grande interesse para o palz.

Sala das sessões, 9 de julho de 1901. — *José Carlos.*»

Posta em discussão, o Dr. Horacio Antunes pediu permissão para acrescentar um additivo louvando essa proposta, dizendo, porém, que acha insufficiente a analyse chimica; que será preciso tambem um exame commercial, ao que o Sr. Presidente e José Carlos responderam já está isto resolvido, sendo acceto o additivo.

O Sr. Wenceslão Bello apresenta a seguinte proposta :

« Estando nesta Capital o Exmo. Sr. Dr. Alberto Flalho, Ministro Brasileiro na Republica do Uruguay, e devendo chegar brevemente o Exmo. Sr. Dr. Assis Brazil, com igual representação nos Estados Unidos, proponho que a Directoria, em nome da Sociedade, apresente ao primeiro os cumprimentos de boa vinda e se faça representar por occasião do desembarque do segundo, assegurando a ambos a gratidão da Sociedade pela sollicitudo com que tem attendido às suas solicitações, e ao segundo especialmente pelos valiosos serviços já prestados com dedicação aos interesses agricolas do Brasil. »

Capital Federal, 9 de julho de 1901. — *Wenceslão Bello.*»

Sendo postas em discussão, foi unanimemente approvada.

O Sr. Presidente apresenta a Directoria uma proposta de arrendamento da caeira da fazenda de Santa Monica e o respectivo parecer do Dr. Aristides Calre, que modificava algumas clausulas da proposta.

A Directoria autorizou o Sr. Presidente a resolver como melhor entender.

O Sr. Presidente observa que não foi incluída na acta a decisão da Directoria mandando acceptar a proposta do Dr. Bernardo José de Figueiredo para o arrendamento de um pasto na Fazenda Grande da Pomba e redigir a minuta do contracto. Ficou prejudicada uma proposta do Sr. Manoel Ferreira Pinheiro por ter chegado fóra do tempo, e já depois de se ter realisado accelleração da primeira.

O Sr. Horacio Antunes propõe a organisação de um « Congresso Agrícola » dos lavradores de assucar e café, offerecendo para isso, si for preciso, o salão do Club de Engenharia, em nome da Directoria do Club.

O Sr. Wenceslão Bello applaude a lembrança, porém, faz notar que a Sociedade Nacional de Agricultura já organiou o plano de um Congresso de Agricultura a realisar-se por occasião da inauguração do seu Museu Agrícola e o projecto do Dr. Horacio Antunes poderia ser para abreviar a sua realisação, que tem sido impossivel executar até hoje apesar dos maiores esforços feitos para isso, já trazendo varias monographias, escriptas para esse fim por especialistas, e grande numero de amostras de productos agricolas do paz e do estrangeiro.

O Sr. Wenceslão Bello propõe um substitutivo modificando a proposta do Sr. Horacio Antunes:

Substitutivo: — « Proponho que a Sociedade realise com urgencia o Congresso de Agricultura já projectado, modificando para esse fim o respectivo regulamento attendendo á urgencia da sua realisação.

Capital Federal, 9 de julho de 1901. — *Wenceslão Bello.*»

Sendo posto a votos, foi unanimemente approvado.

O Sr. Horacio Antunes, em vista do substitutivo do Sr. Dr. Wenceslão Bello, approvado, retira a sua proposta.

O Sr. Presidente nomeia a seguinte commissão: Drs. Wenceslão Bello, Fabio Nunes Leal, João Baptista de Castro, Domingos Sergio de Carvalho e Horacio Antunes.

Tendo o Sr. Horacio Antunes pedindo dispensa, foi nomeado em seu lugar o Sr. capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho.

O Sr. José Carlos de Carvalho pede seja determinada a data da realização do Congresso e propõe que seja depois de 15 de setembro, si os outros membros da comissão concordarem, o que foi posto a votos e approvedo.

O Sr. Horacio Antunes lembra a conveniencia de se nomear uma comissão de agricultores em cada Estado, para promoverem a sua representação.

O Sr. Presidente agradece a cooperação do digno consocio o distincto agricultor da Bahia e do Dr. Barbosa Lima, que se acha presente.

O Sr. Dr. Amorim Salgado agradece a gentileza da Sociedade e applaude os seus patrioticos exemplos de dedicação à lavoura.

O Sr. Wencesláo Bello deseja que a visita do Sr. Amorim Salgado, representante da comissão pernambucana seja o laço de congraçamento das sociedades agricolas do norte e do sul do Brasil para a milão da classe que representam, e que esta Sociedade não urgentemente deseja ver realisada pela organização dos syndicatos agricolas.

O Sr. Dr. Amorim Salgado responde que não pouparia esforços para corresponder a esse desideratum.

O Sr. Presidente penhorado agradece.

O Sr. José Carlos de Carvalho considera o dia de hoje como sendo dia festivo pelo facto auspicioso de se acharem presentes nesta sessão da Directoria os dous distinctos brazileiros os Srs. Archilas Medrado e Virgilio Franklin.

O Sr. Sergio de Carvalho pede para additar a essa manifestação de agrado os nomes dos Dr. Rocha Lima e Augusto Pacca presentes e diz que tem prompto o parecer sobre o convulso dirigido à Sociedade pelo consul do Brasil em Londres a respeito da exposição que se realisará em maio de 1902, que esqueceu-se de trazer, e cujo parecer é favoravel á acceptação do convite, o que fará na proxima sessão.

O Sr. Medrado agradece e offerece os seus prastitios.

O Sr. João Baptista de Castro e Augusto Bernacchi propoem para socio a Dr. Amorim Salgado, que e com prazer unanimemente accito.

Os Srs. Dr. Jacy Montelro e Augusto Bernacchi pedem desculpa por não terem podido comparecer à sessão de recepção do Dr. Amorim Salgado e seus companheiros do commissão.

O Sr. Presidente, em vista do offeio em que a Camara Municipal do Sumidouro pediu a sua inscripção no numero de sechos desta Sociedade, a propõe com especial agrado, sendo unanimemente accita.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente dá por terminados os trabalhos, agradecendo o comparecimento dos seus dignos collegas da Directoria, e marcando nova sessão para 16 do corrente ás tres horas da tarde e levanta ás 6 1/2 a sessão.

Para constar se lavrou a presente acta na Capital Federal em 9 de julho de 1901.

Acta da 133ª sessão da Directoria em 16 de julho de 1901

PREZIDENTIA DO Sr. ANTONINO FLALHO

No dia 16 de julho de 1901, ás 3 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Flalho, João Baptista de Castro, José Carlos de Carvalho, Augusto Bernacchi, Jens Sand, João da Silva Gandra, Aristoteles Gomes Calça, Harão de Capanema, A. Maurity de Calémelo, Consul do Brazil em Tanger, Wencesláo Bello, Domingos Sergio de Carvalho, Fabio Nunes Leal, Aristides Calro, Pedro Tomas y Martin e Euclides Plaisant, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPEIENTE

Offeios dos Presidentes do Estado do Matto Grosso, da Camara Municipal do Santo Anaro, da Camara Municipal de Nazareth, Bahia, accusando o offeio de 6 de maio do corrente anno, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Carta do José Antonio Figueiras, de Leopoldina, Minas, pedindo demissão de socio.

Carta de João Vieira de Rezende morador em S. José do Calçado, pedindo informações sobre o plantio de gengibre.

Carta da Directoria da Queensland, accusando e agradecendo a remessa d'«A Lavouira».

ORDEM DO DIA

O Sr. José Carlos de Carvalho pede a palavra e sendo-lhe concedida dá conhecimento de uma comissão illás communicação que lhe foi dirigida pelo Sr. Francisco Ribeiro Guimarães, lavrador em Campo Lampo, na Estrada de Ferro Leopoldina, relativa a exportação que o mesmo Sr. pretende fazer de uma porção de café em sacco de algodão resguardados por cascos de taquara com o fim de preservar o café da humidade, fermentação e de outros inconvenientes dos acondicionamentos actuaes.

O Sr. Francisco Guimarães pede que não lhe seja cobrado frete na Estrada de Ferro Central sobre o peso da taquara a titulo de ensaio.

O Sr. Presidente promette empenhar-se com o Sr. Ministro a fim de que seja isso concedido.

O Sr. José Carlos de Carvalho diz tambem que recebeu do conselheiro Leonelo de Carvalho uma communicação relativa a organização em Campinas, de uma sociedade de lavradores de café para fazer directamente a exportação do mesmo producto para o estrangeiro.

Pede o mesmo Sr. que a Sociedade ainda sem perda de tempo convoque o Congresso para setembro, para o que o Sr. Presidente promette fazer o possível.

Os Srs. Wenceslão Bello e Baptista de Castro apresentam para socios os Srs. professores Archias Medrado, engenheiro em Minas, residente em Ouro Preto, Minas, e Adolpho Xavier, agricultor em Inhumana, Districto Federal, o que foi unanimemente accoito.

O Sr. Presidente convida os membros da comissão executiva do Congresso Agrícola a reunir-se em sessões extraordinarias a fim de dar começo a seus trabalhos ficando assentado que essas reuniões teriam lugar todos os dias as duas horas da tarde.

O Sr. Sergio de Carvalho apresenta um memorial procedente da Bahia e assignado pelos industriaes de assucar Passo Cardoso e Leste, sobre uma reclamação feita ao Sr. Ministro da Fazenda relativa a restituição de impostos cobrados pela Alfandega da Bahia, sobre machinas e utensilios para o fabrico de assucar pertencente aquelles industriaes, e pede que a Sociedade interponha junto ao Sr. Ministro da Fazenda o seu prestigio em favor de tão justa pretensão. O Sr. Presidente está sciente, e fara o possível para conseguir o que justamente desejam.

Os Srs. Sergio de Carvalho e Augusto Bernacchi propõem para socio o engenheiro Dr. Samuel das Neves, que foi unanimemente accoito.

O Sr. Wenceslão Bello pede a palavra que lhe é concedida. Como relator da comissão encarregada de dar parecer sobre a proposta apresentada pelo Sr. Dr. João Baptista de Castro da necessidade da criação de syndicatos Agrícolas e bem como sobre o projecto das Minas Regionaes organizado e apresentado pelo Dr. Horacio Antunes, declara que depois dos necessarios estudos vem desempenhar-se de sua missão honrosa apresentando conjunctamente assignado com os seus companheiros o projecto que elaborou de uma norma de estatutos de Syndicatos Agrícolas e um projecto de Legislação relativa a esse syndicato elaborado pelo Sr. Dr. Fabio Nunes Leal e destinado a ser submettido a approvação do Congresso Nacional.

O Sr. Presidente então declara que ficará sobre a mesa para ser discutido na terça-feira proxima.

O Sr. João Baptista de Castro como relator apresenta o parecer escripto por elle e pelo Dr. Aristides Calre assignado em 12 de julho de 1901, respondendo ao pedido feito pelo Sr. Franklin Hermogenes Dutra, solicitando a manifestação da Sociedade sobre as bases de uma associação commercial que o mesmo Sr. pretende fundar mediante favores dos Poderes Publicos, demonstrando o dito parecer que a Sociedade não cabe emittir parecer sobre emprehendimentos meramente mercantis.

O Sr. Presidente depois de consultar a Directoria, manda archivar esse parecer.

O Sr. Sergio de Carvalho como relator apresenta por não ter feito na sessão anterior o seu parecer escripto e assignado por si e pelo Sr. João da Silva Quadra

a respeito do convite feito pelo Consul do Brazil em Londres para que o Brazil se faça representar na proxima exposiçãõ que se effectuará em Londres, sendo o parecer favoravel a esse convite.

O Sr. Presidente agradece o parecer e manda pôr sobre a mesa a fim de ser resolvido pela Directoria.

O Sr. José Carlos de Carvalho pede a palavra e apresenta a seguinte proposta:

« Propunho que uma vez approvedo o parecer sobre a conveniencia do Brazil concorrer a exposiçãõ de Londres, convocada para maio de 1902, seja levada essa resoluçãõ ao conhecimento do Governo, sollicitando-se para isso o indispensavel auxilio. »

Posta em discussãõ foi unanimemente approveda.

Estando esgotada a ordem do dia e ninguém mais pedindo a palavra o Sr. Presidente levanta a sessãõ ás 6 horas da tarde, marcando nova reuniãõ para terça-feira 23 do corrente, pedindo a comparecimento de seus collegas, e para consultar se lavren a presente acta.

Acta da 12.ª sessãõ da Directoria de 23 em julho de 1901

PRESENCIA DO SR. DR. ANTONIO FALCÃO

Aos 23 dias do mez de julho de 1901, ás 3 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonio Filho, João Baptista de Castro, José Carlos de Carvalho, Sampaio Garcia, Augusto Brunachi, Aristoteles Calça, Jesus Saad, João da Silva Gandra, commissãõ alagoana representada pelo Exm. Sr. F. de R. Leite e Officica e Luiz de Amorim Leão, Barão de Capanema, Wenceslão Bello, Arturides Cairo, Manoel Clementino do Monte, Horacio Antunes, Domingos Sergio de Carvalho, Faldio Leal, Jaco Monfeyro, Mauricio Henrichel, Germano Baetsocher, Pedro Camard, M. Teixeira Pedro Tomas y Martin, Roberto Herserognelle, o Sr. Presidente declara aberta a sessãõ.

São lidas e postas em discussãõ as actas de 9 e 16 do corrente, as quaes são approvedas.

EXPEDIENTE

Officio do Exm. Sr. Ministro das Relações Exteriores, remettendo o relatório enviado pela Legação Brasileira dos Estados Unidos da America do Norte, sobre a cultura e o commercio de trigo naquella paiz.

Officio das presidentes das Camaras Municipaes do Acora, Cimauiroas, Belmonte, Bahia, S. Hernando, accusando o officio de 6 de maio do corrente anno sobre a eleiçãõ e posse da nova directoria.

Cartas do Ministro Brasileiro no Chile enviando diversos folhetos sobre agricultura.

Carta do presidente da Sociedade de Agricultura Alagoana, Maceió, pedindo o auxilio da Sociedade sobre a crise assucroeira e outras providencias, do conego Antonio Marques Henriques, agricultor na Appreçada do Norte, Estado de S. Paulo, pedindo sementes de pimenta Cayenna; do Vicente Aguiar Paiva, morador na estaçãõ do Alegre, recommendando os Srs. Martins & Co. op.; dos Srs. Martins & Comp., da estaçãõ do Alegre, pedindo que a sociedade indique uma casa commercial para onde possam enviar os lavradores os seus cafés para os mercados de New-York, Havre, Hamburgo ou Genova.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente diz que, achando-se presentes os representantes da Sociedade de Agricultura Alagoana, que veem complementar a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura e fazer uma exposiçãõ do estado actual da lavoura no Estado de Alagoas, resolve abrir a discussãõ do parecer apresentado pela respectiva commissaõ sobre a organizaçãõ de syndicatos agricolas no Brazil e sobre o projecto

do nshms regionaes, submettido á consideração da Direcção da Sociedade Nacional de Agricultura pelo Sr. Horacio Antunes.

É annunciada mais que, procurando dar desempenho á commissão de que foi incumbido pela Direcção em sua ultima sessão, visitou o Sr. Dr. Assis Brazil, nosso ministro em Washington, a quem apresentou, por parte da Sociedade, os seus cumprimentos.

Em seguida dá a palavra ao Sr. Dr. Leite e Oticeira, representante da Sociedade de Agricultura Alagoana.

O Sr. Dr. Leite e Oticeira historia a fundação da Sociedade de Agricultura Alagoana que, procurando desempenhar-se dos seus compromissos, resolveu ultimamente nomear uma commissão que viesse se entender com o Governo da União para fazer uma exposição da crise por que passa, no momento actual, a lavoura do assucar do Estado das Alagoas, podendo com o maximo empenho o auxilio do mesmo Governo para a solução da crise.

Refere-se ás grandes exigencias de imposto colonial e neste sentido declara que o Estado das Alagoas cobra sobre o assucar um imposto de 6% sobre uma taxa maxima, além de 30% adicionais, para substituir o imposto que foi abolido da industria e profissão de todas as outras classes laboriosas; de mais 5%, tambem adicionais, destinados á amortização de dividas estaduais e á manutenção de um asylo de mendicidade e do montepio dos empregados publicos estaduais.

A lavoura, declara o orador, não pôde supportar estes impostos excessivos, além dos quaes ainda paga uma serio de 200 réis a titulo de commissões, guias, communicações de venda, etc. attingindo tudo á importancia de 800 réis por sacca do assucar.

Procurou o Governo na occasião em que aqui se achava uma commissão de lavradores campistas, interessando-se pelo auxilio que elles obliheram; mais tarde voltou a tratar do mesmo assumpto com o Governo, a pedido dos lavradores do seu Estado, fazendo sentir que a lavoura alagoana satisfazia-se com um empréstimo de quinhentos contos (500:000\$); apesar, porém, de todos os esforços empregados, o Banco da Republica declarou que não podia pôr á disposição dos lavradores alagoanos quantia superior a duzentos contos (200:000:000), allegando que o Governo do Estado estava em condições de auxillal-os conforme declaração feita em um artigo publicado no *Journal do Brazil* por um etolo politico do Estado de Alagoas.

O Governo Federal nega, portanto, o auxilio devido, porque pensa que no governo do Estado cumpre o dever de auxillar a lavoura quando o pôde fazer; o orador declara que, diante destes factos, vê no proceder da União a maior correção, e pensa que a lavoura só pôde salvar-se pela organização de um centro dos productores do assucar que trabalhe pelos lutores es dessa classe.

Com dados estatísticos, que apresenta, prova que não ha super-produção de assucar; existe sim, falta de união dos productores, o é por isso que considera como medida de salvção a creação do centro.

Neste sentido, porém, a iniciativa deve partir das sociedades agricolas; para esse fim, a Associação congenera de Alagoas, que representa neste momento, quer unir-se a Sociedade Nacional de Agricultura.

Pede, portanto, a Sociedade Nacional de Agricultura para esposar a sua causa, para que a classe dos lavradores possa se tornar independente.

O Sr. presidente agradece e felicita o Sr. Dr. Leite e Oticeira pela sua bella exposição e declara que a Sociedade Nacional de Agricultura accella com a maior alegria á proposta da Sociedade Alagoana, para que ambas trabalhem conjuntamente em prol da lavoura. Aproveita igualmente a occasião para commendar nos representantes da digna Sociedade de Alagoas a proxima reunião do Congresso de Agricultura, convocado pela Sociedade Nacional de Agricultura, pedindo o concurso valioso daquella associação.

Submette em seguida á consideração da Direcção o programma do Congresso que, depois de pequena discussão, em que tomam parte os Srs. presidente e Horacio Antunes, é approvedo.

O Sr. Jacy Monteiro apresenta a seguinte proposta, que é approveda unanimemente:

1.º Que se luvira em acta um voto de profundo pesar pelo passamento do Dr. Honorio Augusto Ribeiro, membro effectivo da Sociedade Nacional de Agricultura e do Conselho Superior;

2.º Que se nomeie uma commissão para comparecer ás missas do 7º dia que serao rezadas no dia 25;

1.º Que se officie à Exma. família do Ilustre morto, apresentando pesames, e dando conta da presente proposta.

Sala das sessões, 23 de Julho de 1901. — *F. Jacy Monteiro.*

O Sr. presidente nomeia para representar a Sociedade nas exequias do Sr. Dr. Honório Ribeiro o Sr. Jacy Monteiro e João da Silva Gandra.

O Sr. João Baptista de Castro pedindo a palavra, diz, que:

Embora o mais obscuro membro desta corporação, impellido pelo enthusiasmo do partido pelas bellas provas que com tamanho brilho trouxeram para o humor-redondo ilustre Santos Dumont — a recompensa dos seus labores intelligentes e pertinazes, rasgando por sobre o espaço que domina a capital intellectual do mundo — Paris — as primeiras derrotas submittidas à volição do homem, no tocante ao magno e secular problema concernente ao governo dos aerostatos;

« Bastando alguns momentos de reflexão para aquilular-se o seu numero de revoluções dahi decorrentes na superficie da terra, de taçando-se desde logo a decederta, tornada possível, dos nossos pólos, que pareciam impenetraveis, zombando dos sacrificios desenvolvidos pelos sabios exploradores do mundo, que pretenderam arrancar-lhes o fuoco civil;

« fazendo, finalmente, interpretar os sentimentos de admiração desta corporação para com o nosso benemerito compatriota — Santos Dumont,

proponho:

1.º Que seja lançado em acta um voto de admiração pelo brilhante triumpho que acaba de conquistar perante o mundo civilizado o benemerito brasileiro Santos Dumont;

2.º Que o Sr. presidente fique autorizado a telegraphar, em nome da Sociedade Nacional de Agricultura, a tão ilustre cavalheiro, testemunhando-lhe iguaes sentimentos.

Sala das sessões, 23 de Julho de 1901. — *João Baptista de Castro, Wenceslão Bello.*

E' approvada unanimemente a proposta dos Srs. Baptista de Castro e Wenceslão Bello.

Os Srs. Antonino Filho e Horacio Antunes propoem para socio o Sr. Dr. Manoel Augusto Teixeira, lavrador, sendo unanimemente approvada esta proposta.

O Sr. Jacy Monteiro apresenta à Directoria o Sr. Dr. Simoens da Silva, socio honorario.

Não havendo nada mais a tratar, o Sr. Presidente suspende a sessão.

Acta da 122.ª sessão da Directoria em 30 de Julho de 1901

PRESIDENCIA DO Sr. DR. ANTONINO FILHO

No dia 30 de Julho de 1901, ás 3 h 2 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Filho, João Baptista de Castro, Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos do Carvalho, Jens Sand, João da Silva Gandra, Barão de Capanema, Wenceslão Bello, Simoens da Silva, Horacio Antunes, Aristides Cairo, Raymundo do Sá Valle, Pedro Tomas y Martin, Antonio Leite da Luz e Alberto Jacobinum, o Sr. Presidente declina aberta a sessão.

EXPERIENCIA

Officios dos presidentes das Camaras Municipaes de Benovelto e Januaria, accendendo a crechur de 6 de maio do corrente anno, e das de S. Roque e Campos dos Goytacazes, de 16 do corrente mez.

Carta do Sr. Antonio João Leite Torrinha, ramal do Jahu, Estado de S. Paulo, pedindo a monographia do Dr. Gustavo d'Ultra, sobre as plantas toxicas.

Carta da commissão da Imprensa Brasileira, convidando a Directoria da Sociedade a associar-se a manifestação feita à Confederação Helvética.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente submetto á discussão o parecer e o projecto de organização de syndicatos agricolas no Brazil, apresentado pela commissão que se acha incumbida daquelle trabalho, bem como o parecer da mesma commissão sobre o projecto de «unions regionaes», elaborado pelo Sr. Horacio Antunes.

Depois de uma pequena questão de ordem, sobre a qual fallam os Srs. presidente, Horacio Antunes, Wencesláo Bello e José Carlos, discute o parecer da commissão o Sr. Horacio Antunes, que manifesta-se contrario ao projecto de syndicatos agricolas, por considerar que elles nao resolvem a crise da lavoura no momento actual, crise que requer uma solução prompta, declarando mais que o programma apresentado pela commissão é muito vasto e, por isso mesmo, difficil de ser executado.

Pede, portanto, á commissão que reforme o seu projecto, organizando um programma mais compativel com as condições actuaes.

O Sr. Wencesláo Bello responde, como membro da commissão, ás objecções apresentadas pelo Sr. Horacio Antunes, e diz que a latitude do projecto em discussão é explicavel, pois, que honve da parte da commissão, que o elaborou, o desejo de organizar um programma que servisse de modelo na organização dos syndicatos agricolas.

O Sr. José Carlos propoe adiamento da discussão, requerendo que se mande imprimir o projecto da commissão, para que possa elle ser lido e discutido convenientemente.

O Sr. Presidente, consultando á Directoria, declara adiada a discussão do projecto, até que dello sejam tirados diversos exemplares, para serem distribuidos pelos socios.

O Sr. José Carlos procede á leitura de seus quadros que confecciona sobre os direitos pagos pelo assucar nos paizes estrangeiros. Em seguida apresenta a Directoria o Sr. Sá Valle, consul do Brazil em Barcelona, e que muito tem trabalhado em bem da lavoura do Brazil.

O Sr. Presidente, em nome da Directoria, cumprimenta o Sr. Sá Valle a quem agradece os esforços que tem empregado pela lavoura do Brazil. Respondendo, o Sr. Sá Varella declara que os seus prestimos estão sempre á disposição da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. José Carlos, referin-lo-se aos bons auxilios que ao Centro da Lavoura de Café do Brazil tem prestado o Sr. Pedro Thomaz y Martin no serviço de propaganda do café brasileiro em Hespanha, delegado do Centro naquelle paiz, lê a seguinte proposta: (1)

«Proponho para socio desta Sociedade o Sr. engenheiro Pedro Thomaz y Martin, residente em Valencia, Reino da Hespanha, e que ainda em 1900 desempenhou o cargo de delegado do Centro da Lavoura de Café do Brazil, naquelle paiz.

Sala das sessões, 30 de julho de 1901. — José Carlos de Carvalho. — Wencesláo Bello.»

E' unanimemente approvada a proposta acima, dos Srs. José Carlos e Wencesláo Bello. O Sr. Sá Valle diz que teve occasião de apreciar, em Barcelona, o trabalho de propaganda do café feito pelo Sr. Pedro Tomas y Martin, na Hespanha.

O Sr. Gandra communica que a commissão nomeada para representar a Sociedade nas exequias do Dr. Honorio Ribeiro cumpriu o seu dever.

O Sr. Presidente nomeia os Srs. Baptista de Castro e Augusto Bernacchi para representarem a Sociedade na festa pela Imprensa Brazileira dedicada a Confederação Helvetica, e por nada mais haver a tratar, levanta a sessão.

Acta da 127ª sessão da Directoria em 13 de agosto de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 13 de agosto de 1901, ás 3 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Sempalo Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, Jous Sand, João da Silva Gandra, Raimão de Capanema,

Aristides Cairo, Wenceslão Bello, Fabio Nunes Leal, Domingos Sergio de Carvalho, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas de 21 e 29 de julho proximo passado.

EXPLICANTE

Officio do Dr. Bernardo Dias Ferreira, Director de Culturas da Fazenda de Santa Monica, remettendo a conta do pessoal e pedindo a quantia de 18\$000 para cumprimento da mesma.

Officio do Presidente da Camara Municipal da cidade do Rio Grande do Sul, pedindo sementes de anaclyptos.

Officios dos presidentes das Camaras Municipaes de Plancoé, Torres, Salinas, Minas Velhas, Cunha, S. Sebastião do Cabal, Frotó, cidade do Rio Grande do Sul, accendendo a circular de 6 de maio do corrente anno, sobre a eleição e posse da nova Directoria.

Officios dos Presidentes das Camaras Municipaes de Barrocos, Cunha, S. Francisco do Sul, Varginhas, Pelotas, Itocava, Santa Gallo, cidade do Rio Grande, accendendo a circular de 16 de julho proximo passada e inscrevendo-se como socios.

Cartas do Dr. Bonifacio de Castro, partilhando a sua mudança para Onro Fino, Minas; do Sr. F. Canella, desta Capital, remettendo desenhos do Machinismo delavoura; da Companhia Mexicana e Importadora de S. Paulo; do Sr. Dr. Bernardo Dias Ferreira, Director de culturas da Fazenda de Santa Monica, enviando o inventario do material que existe na cafeteria; de J. Ferreira da Rosa, pedindo informações sobre os semeadores de milho; do Sr. Santos Dumont, de Paris, agradecendo a Directoria o Telegramma de felicitações.

ORDEM DO DIA

O Sr. José Carlos diz que, tendo em vista os bons serviços de propaganda de café na Europa, prestados pelo Sr. Engenheiro Pedro Thomaz y Martin, é de parecer que se entregue ao mesmo senhor, em consignação, o café da Fazenda de Santa Monica, para ser vendido na Europa.

O Sr. Augusto Bernacchi manifesta-se contrario a essa idéa e pede que sejam marcados dias para reunião da Directoria do Centro da Lavoura do Café do Brasil, permitindo o Sr. Presidente providenciar a respeito.

Approvada a proposta do Sr. José Carlos, o Sr. Presidente declara adiada a discussão do projecto de syndicatos agricolas e sobemette á consideração da Directoria uma proposta de accio, assignada pelos Srs. Carlos Raulino e Wenceslão Bello, e, não havendo quem pedisse a palavra foi unanimemente accoito socio o Sr. Coronel Olympio Pulheiro da Silva, agricultor no municipio de Rezende, no Estado do Rio.

O Sr. Sergio de Carvalho lembra a conveniencia de se pedir ao Sr. Comendador Bethencourt da Silva mais uma sala que se presta para organização do Museu de Agricultura, de-lacando o Sr. Presidente que vai requisitar a verba necessaria para installação do referido Museu.

O Sr. Bernacchi comunica que, representando a Sociedade Nacional de Agricultura, foi presente á festa comemorativa da Independencia da Suissa, realizada por iniciativa da Imprensa Brasileira, no theatro S. Pótra de Alcantara.

E, por não mais haver a tratar levantou-se a sessão, lavrando-se a presente acta, que vai por mim assignada e o será por todos os socios presentes á proxima sessão.

Acta da 128ª sessão da Directoria, em 20 de agosto de 1901

PREZENCIA DO DR. ANTONINO FLALHO

No dia 20 de agosto de 1901, ás 3 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Flallo, João Baptista de Castro, Scopain Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, Barão de Capanema, Wenceslão Bello, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jay Montelro, Fabio Nunes Leal e Aristides Cairo, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Offeio do Presidente do Estado de Malto-Grosso, accusando o desta Sociedade, de 6 de maio do corrente anno.

Offeio do Presidente da Camara Municipal da Barra do Corda, Estado do Maranhão, accusando o desta Sociedade, de 6 de maio do corrente anno.

Offeios das Camaras Municipaes de Palmeira dos Indios, Estado de Alagoas; Monte Mór, Estado de S. Paulo, inscrevendo-se como socias.

Offeio de Theodoro Alvarez, Montevideó, accusando o desta Sociedade, de 19 de julho proximo passado.

Offeio do Presidente da Camara Municipal da Villa de Sumidouro, pedindo informacão de livros agricolas para sua bibliotheca.

Offeio do Presidente da Camara Municipal de Caldas, Minas, dando aviso para o pagamento das suas annuidades dos annos de 1900 e 1901.

Carta do Dr. Fernando Avelino Corrêa, Muzambinho, Minas, pedindo informacão sobre galinhas denominadas «Bandas».

Carta da Directoria do Gremio Litterario «Castro Alves» da cidade de Castro Alves, Estado da Bahia, pedindo remessa d'*Alavoura*.

Carta do Dr. Lourenço Granato, Inspector do 6º Districto Agricola em Iguaçu, Estado de S. Paulo, remettendo á Sociedade o diploma de honra.

Carta de Manoel Dias Rodrigues, de Valença, Estado da Bahia, pedindo remessa, d'*Alavoura*.

Carta do Antonio Jose Leite, de Torrinhãs, ramal de Jahú, Estado de S. Paulo, enviando amostras de flores.

Carta de Plinio Costa, do Campim Grosso, Estado da Bahia, pedindo eliminacão do socio.

Carta de Josué de Toledo, Amparo, S. Paulo, pedindo diversos numeros d'*Alavoura*.

ORDEM DO DIA

O Sr. José Carlos offerce á Sociedade, em nome do Sr. Costa Motta, uma collocção de boletins da «Sociedad Fomento y Fabril» do Chile e pede que se envie a essa Sociedade os exemplares d'*Alavoura*.

Communica que, tendo sido convidado para ir por palzas do Mediterraneo como fiscal do Sr. Pedro Tomas y Martin, que firmou contracto da venda na Europa dos cafés de alguns lavradores dos Estados do Rio de Minas, pretendo seguir para aquellos paizes em breve, onde os seus prestimos estão á disposçãõ da Sociedade como Director da Propaganda.

O Sr. Presidente diz que a Sociedade não podia ter melhor representante na Europa do que o Sr. J. Carlos, mas que ainda não conseguin nada do positivo do Sr. Ministro da Industria, relativamente aos 300:000\$ votados pelo Congresso para o serviço da propaganda do café na Europa.

E' accoita a proposta do Sr. J. Carlos, que agradeço a confiança em si depositada pela Sociedade.

O Sr. Horacio Antunes propõe para socio, o é unanimemente approvedo, o Sr. Hugolino Mello Mattos.

Não havendo nada mais a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão.

Acta da 129ª sessão da Directoria em 27 de agosto de 1901

PRESENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 27 de agosto de 1901, ás 3 1/4 da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Sampalo Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, João da Silva Gandra, Barão do Capanema, Aristides Caire, Wenceslão Bello, Horacio Antunes, Fabio Leal, E. Jacy Mentoiro e Sergio de Carvalho, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Ricardo Belgrano, Director de Ensino de Viticultura em Bello Horizonte Estado de Minas Geraes, dando as Informaçoes pedidas sobre o prego e quantidade do vinho produzido na cidade de Campanha.

Officio do Sr. L. Rodrigues Dey, de Montevideo, agradecendo a nomeação do socio correspondente.

Officio da Directoria da « Associação Rural de Uruguay », Montevideo, agradecendo a nomeação do socio correspondente.

Officio do Sr. R. Fomen, Montevideo agradecendo a nomeação do socio correspondente.

Officio de Srs. Presidentes das Camaras Municipaes de Itapeerica, Colia, S. Paulo; de Passo Fundo, Rio Grande do Sul; Petropolis, S. João Marcos, Estado do Rio, do Cachoira de Itajomerim, e Estado do Espirito Santo inscrevendo-se como socios.

Carta do Sr. Felix Buarque Orbe, Montevideo, agradecendo a nomeação do socio correspondente.

Carta do Sr. Gabriel Francisco de Mello Junqueira, de Engenheiro Passos Central, pedindo os estatutos da Sociedade.

Carta do Antonio João Maria Moncal, Bom Jardim, Estado do Rio, pedindo sementes de diversas qualidades.

Carta do Sr. Bernardo Dias Ferreira, director de culturas da fazenda de Santa Monica, pedindo sementes para café e batatas para plantio.

Convite da commissão da colonia Rio-Grandense, convidando a Directoria da Sociedade para assistir às exequias que mandam celebrar na Igreja da Candelaria pela memoria do estadista Gaspar da Silveira Martins.

ORDEM DO DIA

O Sr. Wenceslao Bello, depois de varias considerações, apresenta a seguinte proposta: « Proponho que seja encamalhada para o Centro da Lavoura do Café do Brazil, a quem compete resolver, a indicação que na sessão passada foi feita pelo Dr. Sergio de Carvalho, relativa á propaganda do café na Europa. »

E' approvada a proposta.

O Sr. Baptista de Castro diz que, assumindo a máxima importancia toda a qualquer medida legislativa ou administrativa que se entenda com os interesses da agricultura nacional, propõe que seja designada uma commissão para estudar o projecto recentemente apresentado ao Congresso Nacional sobre o monopolio do café, nos termos em que está concebido pelo Exm. Sr. Dr. Barros Franco, autor do projecto.

que as conclusões a que chegar essa commissão, após dizeção no seio da Sociedade Nacional de Agricultura, torne-se publico pela imprensa, e si houver lugar represente nos poderes competentes sobre a conveniencia e praticabilidade do projecto ou sua inconveniencia.

Acta da sessão, 27 de agosto de 1911. — *João Baptista de Castro.*

E' approvada a proposta, votando, sem restricções, o Sr. Augusto Bernacchi.

O Sr. Presidente nomeia para a commissão a que se refere a proposta os Srs. Baptista de Castro, Fabio Leal e Aristiles Castro.

O Sr. Horacio Antunes faz a seguinte proposta:

« Proponho que a Sociedade Nacional de Agricultura apresente ao Centro da Lavoura do Café do Brazil a idea de aproveitar a somma de 300:000\$ para a propaganda, como subalido ou auxilio a uma acção ou pessoa idonea, mediante garantia que se houver da venda do café a todo o trabalho de propaganda nos países do Sul da Europa, cabendo ao encarregado da propaganda somente o excesso do prego do café e para cotização do dia do embarque sobre a de venda, prestando o encarregado desta propaganda conta dos adiantamentos semestralmente.

Para que a Sociedade não sofra prejuizo algum e tenha sempre o fundo de propaganda intacto, o encarregado da propaganda, além da idoneidade prestará

uma caução de 30:000 em apólices para qualquer diferença que se verifique em cada semestre.

A Sociedade estabelecerá todas as condições da publicidade e serviços, que deverão prestar os encarregados desse serviço, tendo em vista especialmente que o café soja vendido e propagado como de procedência brasileira. — *Horacio Antunes.*»

Fica sobre a mesa para ser discutida.

O Sr. Sergio de Carvalho diz que a Sociedade deve nomear uma comissão que trabalhe junto do Dr. Leandro da Costa, Director da Secretaria de Industria, e Viçção, na regulamentação dos premios aos agricultores. Aceita a idéa do Sr. Sergio de Carvalho, o Sr. Presidente nomeia para aquella comissão os Srs. Wencesláo Bello, Sergio de Carvalho e Demétrio Schuorl.

O Sr. Aristides Cairo lembra a conveniencia de dirigir-se a Directoria da Sociedade ao Sr. Ministro do Japão, sabendo em que estado se acham as negociações estabelecidas pela Directoria passada, relativamente á vinda de algumas famílias japonezas para serem installadas na fazenda de Santa Monica, a título de experiencia.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão, e para concluir se lavrou a presente acta.

Acta da 130ª sessão da Directoria em 10 de setembro de 1901

PREZIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO VIAGGIO

No dia 10 de setembro de 1901, ás 3 horas e um quarto, achando-se presentes os Srs. Drs. Antoulio Fialho, Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, José Carlos de Carvalho, Jens Sand, João da Silva Garbra, E. Jacy Monteiro, Wencesláo Bello e Aristides Cairo, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Procedendo-se á leitura das actas de 30 de julho e 20 de agosto, postas em discussão, são approvadas.

EXPEDIENTE

Officios dos Presidentes das Camaras Municipaes de Belém, Itapemirim, Casacos, Tietê, Mymbú, inscrevendo-se como socios.

Officio do Presidente da Camara Municipal de Paripery, Piahy, accusando a circular de 6 de maio do corrente anno.

Officio do Dr. Paulo de Amorim Salgado, de Pernambuco, accusando o officio de 24 de junho deste anno.

Officio do Presidente da Camara Municipal da cidade de Bragança, S. Paulo, inscrevendo-se como socia.

Officios do secretario do Ceará, enviando o relatório que apresenton ao Presidente do mesmo Estado; dos Presidentes das Camaras Municipaes da Parnahyba, Piahy, de Taguaratunga, Pernambuco, inscrevendo como socios; do secretario da Sociedade de Agricultura Alagoana, Maceió, representando sobre o assucar e pedindo outras providencias á Sociedade junto ao Governo da União; do Presidente da Camara Municipal de Humaytá, Amazonas, accusando a circular de 6 de maio do corrente anno.

Officio do Presidente da Camara Municipal de Carathens, Ceará, accusando a circular de 6 de maio ultimo.

Officio do Presidente da Camara Municipal de Barra do S. João, Estado do Rio, accusando a circular de 26 de agosto do corrente anno.

Officio do Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura de Lima, Perú, remetendo quatro caixas com batatas amarellas para plantio.

Officio do Sr. R. Belgrans, de Bello Horizonte, Minas Geraes, accusando diversos officios.

Officio do Sr. J. Arechavaleta, de Montovideo, accusando o officio de 4 de maio ultimo.

Carta de Carlos Raulino de Rezende, Estado do Rio, apresentando para socio a firma Level & Bayly ou Alberto Level, nome individual.

Carta de Carlos D. Girata, Buenos Aires, accusando o offello de 19 de julho do corrente anno.

Carta de Leon Gilson, da estação do Commercio, E. F. Central, pedindo diversos numero d'A Lavoura.

Carta de Carlo Berg, Buenos Aires, accusando o offello de 19 de julho do corrente anno.

Carta de Leopoldo Pianna, de Santa Mathilde, Espirito Santo, pedindo diversas comentes.

Carta da redacção do *Journal do Agricultor*, Bananal, S. Paulo, pedindo a remessa d'A Lavoura.

Carta de Fontoura Xavier, conul do Brazil em New-York, enviando um desenho de um novo instrumento destinado a investigar as propriedades do solo.

Carta do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, enviando diversas amostras de café de Lorena, Estado de S. Paulo.

Carta de Frederico Solari, de Genova, Italia, remettendo uma photographia e tres sobre o café.

Carta do Presidente da Associação Commercial de Jaraguá, Alagoas, participando a eleição da nova Directoria.

Offello do Presidente da Câmara Municipal de Campinas, S. Paulo, inscrevendo-se como socia.

ORDEN DO DIA

O Sr. Presidente commencia a Directoria que com o fim de auxiliar a viagem do dieno director de propaganda capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, que, vae com paizes do Mediterraneo, iniciar a propaganda do café, offleou ao Sr. Ministro da Industria, requisitando parte da verba de trezentos contos de réls votada pelo Congresso Nacional para aquelle serviço especial de propaganda a pedido do Centro da Lavoura.

Depois de feita essa communicação pelo Sr. Presidente, estabeleceu-se discussão sobre o assumpto, tomando parte nella os Srs. Presidente, José Carlos de Carvalho, Oliveira Bello, A. Bernacchi, Jacy Monteiro e Sampaio Corrêa, declarando o Sr. Presidente que, não tendo interpretado bem a deliberação da Directoria na sua ultima sessão, em virtude da qual a Sociedade não completo o serviço de propaganda do café, que deve ser excentada pela Centro da Lavoura do café do Brazil, foi levado a assignar o offello alludido ao Sr. Ministro da Industria, e que havendo duvida acerca daquelle offello, submette o seu acto á approvação da Directoria.

A este respeito montou-se contra o acto do Sr. Presidente os Srs. Bernacchi e Sampaio Corrêa que lamentaram não poder approvar o procedimento do Sr. Presidente, porque, si não o fizessem, annullariam o voto vencedor que tinham dado em a sessão anterior e em virtude do qual se no Centro da Lavoura do Café cabia a propaganda do Café.

A vista do resultado o Sr. Presidente submette á votação a seguinte consulta:

Depois do resultado da votação anterior e da resolução tomada pelo Sr. Ministro da Industria, accedendo ao pedido constante do seu offello, deve encaminhar para o Centro da Lavoura a questão da propaganda do café, ficando a Sociedade dispensada de se encarregar, cu deve continuar as operações já iniciadas em nome da Sociedade?

Votam opinando para que se encaminhe para o Centro da Lavoura a questão da propaganda do café, os Srs. Sampaio Corrêa, Bernacchi, Sand, Gaudra e Antonino Fudho, que assim justifica o seu voto.

Sim, isto é, que seja remettida ao Centro o serviço de propaganda, por ter sido este o seu intuito ao fazer o pedido de recursos ao Ministro da Industria, respeitando assim deliberações da Directoria em sessões passadas. Tem tambem duvidas sobre a organização proposta até hoje para a reconstituição do Centro e aceita pela Directoria, o que, acoutanto, não constitue impedimento para que elle seja legitimamente completado a funcionar com as suas attribuições.

Foi voto vencido o do Sr. José Carlos de Carvalho que declarou assim proceder « por ter duvidas sobre a legalidade da reconstituição do Centro, uma vez que deixou de existir o concurso dos Delegados do S. Paulo, Minas e Espirito Santo.»

Os Srs. Sampaio Corrêa e Augusto Bernacchi declararam que, si conhecessem da justificação de voto feita pelo Sr. Presidente, o em que diz que o seu intuito diri-

gindo-se ao Sr. Ministro da Viação foi o de pedir recursos para que o Centro da Lavoura pudesse iniciar o serviço de propaganda, teriam votado approvando o acto do mesmo Sr. Presidente, á empenha do que fizeram os seus collegas do Directoria.

O Sr. Presidente diz que, estando o Centro desfalecido da maioria de seus membros, na proxima sessão será providenciado sobre o seu complemento.

O Sr. Gandhi, 2º thosonreiro, faz entrega de dous balancetes das operações da caixa sendo nuda Fazenda Santa Monica e outro da secção de contribuintes fechados em 31 de agosto do corrente anno, os quaes tiveram approvaçõ da Directoria.

O Sr. Carlos Raulino propõe e é accellto socio o Sr. Alberto Level, agricultor em Rozendo, no Estado do Rio.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente dá por encerrados os trabalhos, levantando a sessão ás cinco e meia horas da tarde, e para constar se lavrou a presente acta para os devidos effeitos.

Acta da 121ª sessão da Directoria em 13 de outubro de 1901

PREZENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 13 de outubro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se reunidos os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, Aristoteles Gomes Calça, Jons Sand, João da Silva Gandra, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jacy Monteiro, Wenceslão Bello, Aristides Guiré, Oscar Varady, José Ferreira Ramos, Alberto Jacobina e Pedro Tomas y Martin, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e posta em discussõ a acta da ultima asssembléa realizada em 10 de setembro ultimo, a qual foi approvada unanimemente.

EXPEDIENTE

Officio do Ministro da Justica e Negocios Interiores, accusando o officio do presidente da Sociedade, de 9 do corrente, concedendo o tempo preciso ao Dr. Sergio de Carvalho para os trabalhos do Congresso de Agricultura.

Officio da directoria da Sociedade Agricola União dos Operarios do Bangú, remettendo os estatutos.

Officio do presidente da asssembléa geral da Companhia União Pastoral, na cidade de Franca, S. Paulo, participando a eleição da nova directoria.

Officio do presidente da Camara Municipal da Cidade de S. Francisco do Sul, Santa Catharina, pedindo sementes de algodão.

Officio do presidente do Centro Agricola de Maranguape, Ceará, participando a eleição da nova directoria.

Officio do presidente da Camara Municipal de Flores, Rio Grande do Norte, participando que por enquanto a Camara não pôde inscrever-se como socia.

Officio do presidente da Camara Municipal do Boquim, accusando a circular do 6 de maio do corrente anno.

Officio do presidente da Associação Commercial do Maranhão, pedindo a remessa do vinte saccos com arroz em casca, de tguape ou outras procelencias.

Officio do secretario do governo de Minas Geraes, remettendo o relatorio da Secretaria, relativo ao anno de 1900.

Officio do secretario do governo de Minas Geraes, remettendo diversas garrafas com vinho, pertencentes ao Sr. José Francisco de Oliveira, de Caracol e ultimo Courbassier do Passu Quatro, para serem analysados.

Officio do presidente da Sociedade Agricola União dos Operarios em S. Pedro e S. Paulo, pedindo providencias para que a Sociedade auxilie asim de evitar o que se está passando em suas terras por um bando de malfiteiros.

Officio do secretario da Sociedade Sate de Setembro, da cidade de Mundo Novo, Estado da Bahia, participando a eleição da nova directoria.

Officio do director da Estrada do Ferro Central do Brazil, pedindo novas informações sobre a data e estação em que foram despachados os volumes com objectos de bicho de seda para o Museu de Agricultura.

Officio do secretario do Club de Diversões em Jabotão, Pernambuco, pedindo a remessa d' *A Lavadeira*.

Officio do redactor chefe da *Revista Alentejo*, em Macuco, remettendo virto o cinco revistas afim do seroio distribuidas.

Officios dos presidentes das Camaras Municipaes da Villa de Araçorizuma, S. Paulo; do Aricaty, Ceará; de Guaratimpeita, Jahu, S. Paulo; do Prata, de Salinas, do Itabora do Matto Dentro, do Cerro da Parandhylla, Minas Geraes; de Cananea, da Villa de Santo Amaro e do Tanbaté, S. Paulo; do Escheriba, Ceará; do Benevento, Espirita Santo, inscrevendo-se como socios.

Officio do presidente do Centro Agrícola de Marangumpo, Estado do Ceara, inscrevendo-se como socio.

Cartas de Raymundo Magalhães, da Jacurá, Ceara, pedindo a remessa d' *A Lavadeira*; do secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, agradecendo a remessa d' *A Lavadeira*; do P. de Figueiredo & C., desta capital, enviando a *Carta Commercial Agricola*; de Luiz Gomes Maciel da Silveira, da povoação de Piacety, declarando que não existe Camara Municipal; de Bernardo Dias Ferreira, director de cultura da Fazenda de Santa Momea, remettendo a Folha de pagamento relativa ao mez do agosto do corrente anno; do Dr. H. von Ihering, director do Museu Paulista, S. Paulo, comittendo a directoria se recetta o seu trabalho sobre a regularização a cada, pondo termo a distribuição inserata, para ser publicado n' *A Lavadeira*; da directoria da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, Lisboa, pedindo a remessa d' *A Lavadeira*; de Estrella & Maluf, de S. Luiz de Ilheus, Matto Grosso, pedindo informações sobre o plantio do algodão, do Bernardo Dias Ferreira, director de culturas, pedindo emcoenta saecos para café e seis lats de formigera; de Alberto Durran, de Macuco, Estado do Rio, pedindo indicar casa para a compra de feijão da Umu; do Dr. Moura Brazil, agradecendo a nomeação do presidente honorario do Conselho de Agricultura e enviando amostras e photographias doente; do Manoel José Gonçalves, do Benevento, Estado do Espirito Santo, remettendo a quantia de 50%, annuidade do corrente anno, da Camara Municipal do Benevento.

Telegramma do chefe de policia da cidade de Petropolis avisando ter dada as providencias pedidas por esta sociedade.

Officio do Dr. Demostello Cavalcanti, Capital Federal, a radeccendo o pagamento.

ORDEM DO DIA

Depois de discutidos diversos os impptos de pequeno interesse para a sociedade e nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão, havendo-se a presente acta para os devidos effeitos.

Acta da 132ª sessão da Directoria em 26 de outubro de 1901

PREZENCIA DO SR. DE ANTONIO CALVALHO

No dia 26 de outubro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonia Calhallo, José Mattoso Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, Domingos Sergio de Carvalho, Aristoteles Calaga, Jens Sand, João da Silva Gandra, Alberto Jacobina e Pedro Tomas y Martin, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPLENTE

Officio dos presidentes das Camaras Municipaes de Jannaria, Minas; do Parahy, Pruky; do Divina Paçoca, Sergipe, inscrevendo-se como socios.

Carta do presidente da Camara Municipal da Barra do Corda, Maranhão, inscrevendo-se como socio; do Bernardo Dias Ferreira, director de culturas, declarando que achando-se doente, não pode comparecer, para com a Directoria cumprimentar o Exm. Sr. Presidente da Republica; do Arthur das Neves de S. Paulo

pedindo os trabalhos do Congresso de Agricultura; do C. Rey do Castro de Assumpção, Paraguay, accusando o officio n. 1523, de 19 de julho do corrente anno; do Dr. Simão da Cruz, de Rio Branco, Minas, propondo para socio o major João dos Santos Parva Junior fazendeiro em Ubá; do Redactor chefe do Jornal de agricultura Tropical, Paris, pedindo a remessa d'A *Lavoura*.

Proposta do Pedro Tomas y Martín apresentando proposta para a venda do calé da fazenda de Santa Monica.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente diz que tem de referir-se a fazenda de Santa Monica cuja administração precisa ser modificada a bem da redução das despesas.

De combinação com os seus companheiros do Directoria para lá enviou em 15 de junho do corrente anno o Sr. João Martín além de auxiliar nos trabalhos de administração o actual director de culturas o Sr. Bernardo Dias Ferreira.

Pelas informações que tem do mesmo director de culturas sabe que o serviço tem melhorado muito com a actividade do Sr. Martín e pensa que a directoria deveria fazer uma visita áquella fazenda para julgar do andamento dos trabalhos.

Desde já, porém, assevera que na situação actual a administração de Santa Monica não pode comportar grande despesa e tem-se dado algum impulso aos trabalhos de campo preparando-se e plantando cerca de quaranta hectares comapparelhos mechanicos de cultura, não convindo por ora proceder-se a experiencias scientificas de chimica agricola que necessitariam grande augmento do despezo e a assistencia de um agronomo competente que não é facil encontrar e achando mais conveniente encetar esses estudos agronomicos superiores somente depois de destruido o terreno e normalisada a marcha dos trabalhos de campo e contabilidade agricola, pensa que se devo agora restringir a administração de Santa Monica á uma só pessoa, á uma especie de administrador intelligente que dirija os trabalhos de conformidade com os planos da directoria e que tenha a instrução necessaria para bem registrar todos os pormenores do serviço a fim de irmos desde já estabelecendo os elementos de comparação economica dos trabalhos agricolas.

O Sr. Bernacchi faz diversas observações apoiando o Sr. Presidente.

O Sr. Jacobina historia as diversas phases porque tem passado a administração de Santa Monica que conhece bem como membro que foi da antiga directoria.

O Sr. Presidente acompanhando as observações do Sr. Jacobina diz que com a saída do Sr. Dr. Aristides Cairo cuja colaboração em Santa Monica a sociedade sente ter perdida, ficou combinado reduzir-se o ordenado do director de culturas a quinhentos mil réis mensaes.

Este porém queixando-se de não ter quem o auxilie nos trabalhos de campo foi-lhe enviado o Sr. Martín que pelo preço apreço o opinião do mesmo director devo receber quatrocentos mil réis.

Actualmente, forçado a conservar uma só pessoa bastante activa para dar conta de todo o serviço o debuxada direcção immediata do director de culturas como antigamente quando este não residia na fazenda, recebendo esse empregado somente trezentos mil réis, cessando por tanto temporariamente a residencia do director de culturas na fazenda a fim de ficar supprimada uma forte verba de despeza. Pelas informações que tem do director de culturas o Sr. Bernardo Dias Ferreira é elle da mesma opinião que se appressou em manifestar, reconhecendo a necessidade na redução de despesas, e propondo ficar o Sr. João Martín como administrador. Ficou combinado a viagem da directoria a Santa Monica para proxima terça feira.

O Sr. Bernacchi apresenta uma proposta para a nomeação de membros do Conselho Superior. A proposta para a nomeação de membros do Conselho Superior, fica sobre a meza para ulterior deliberação depois de algumas observações do Sr. Dr. Sergio do Carvalho.

Os Srs. Jens Sand e Gandra propoem para socio effectivo o Sr. João Francisco Braga Mello despachante geral da alfandega. Foi accetto unanimemente.

O Sr. Wenceslão Bello apresenta para socios os Srs. Dr. Manoel Victorino Pereira, Dr. Sylvio Ferrelra Rangel, Dr. Mattoso Camara e Dr. Democrito Cavalcanti do Albuquerque.

São accetos por unanimidade de votos.

O Sr. Bernacchi propõe que se insira na acta um voto de louvor ao Sr. Dr. Santos Dumont pelo seus importantísimos trabalhos e desdobrar sobre a direcção dos balões.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente dá por terminados os trabalhos, levantando-se a presente acta para os devidos efeitos.

Acta da 133.ª sessão da Direcção em 23 de novembro de 1901

PRESENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 5 de novembro de 1901, às 3 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Aristoboles Calça, Augusto Bernacchi, Jens Saad, João da Silva Gandra, Senador Nogueira Paranaguá, Ministro Oriental, Barão Andréa Guizolobni, Wenceslão Bello, Aristides Cairo, Carlos Raulino, Domingos Sergio de Carvalho, e Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Officio do Ministro das Relações Exteriores remettendo um livro e mais publicações sobre a viticultura em Portugal.

Officio do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, participando a nomeação do Dr. Demeirim Nogueira Ribeiro como delegado do Governo no Estrangeiro sobre a propaganda do café.

Telegramma do governador do Estado da Bahia, agradecendo o telegramma dirigido pela Presidencia sobre o rebocamento de lavouras.

Cartas de Lesdolf & Piana, da Colômbia Alfredo Chaves, pedindo sementes; do Alceides Xavier de Louveá pedindo a remessa de *A Lavoura*; do Ministro Brasileiro em Washington, Estados Unidos, pedindo capim Jaraguá; do Domlugos de Sá Pereira, do Rosario de Santa Fé, Argentina, remettendo um esboço de estudos da Companhia Protecção à Lavoura, Limitada, para a directoria dar parecer.

ORDEM DO DIA

O Sr. Bernacchi pergunta si ainda deve ficar sobre a mesa a lista representada para preencher o Conselho Superior. Tendo-se deliberado que sim.

O Sr. Gandra pede informações ao Sr. Presidente se não ha nada a respeito da lavoura.

O Sr. Presidente declara que o Governo pretende fazer um pavilhão de agricultura, e que, se a lavoura não se presta para o que precisamos.

Lê-se ao conhecimento da Direcção algumas medidas legislativas que já foram exaradas no Congresso que constam de *Diario Official* sobre questões de fretes dos transportes do Lloyd Brasileiro, prolongamento de estradas, franquia postal, e etc., e uma verba de 36:000\$ (trinta e seis contos de réis) que foi rejeitada, mas espera seja futuramente votada como auxilio á manutenção da fazenda de Santa Monica.

O Sr. Wenceslão Bello pede a palavra e declara que tudo isso é muito bom, mas que discorda do prolongamento das estradas de ferro da central, por exemplo que nella seria muito mais razoavel que se prolongasse o ramal de Santa Cruz, zona proxima da Capital.

O Sr. Presidente responde que isso não obedee o plano de Central, e não sabe se tem elementos para isso e diz mais que ainda não se fez nada sobre o credito agrícola e syndicates agrícolas, porque sendo materia nova não pode entrar como emenda.

O Sr. Ministro Oriental pede a palavra e declara que o estudo das enfermidades dos animais merece o maior estudo e que não se deve poupar esforços nesse sentido porque ellas crescem dia a dia a febre aphtosa, a tuberculose bovina, a tristeza etc., está invadindo o Brazil pelo Rio Grande do Sul, Uruguay e até dro-

etamente e por isso deve ter uma disposição especial, e não sabe si existe alguma coisa a respeito.

O Sr. Wenceslão Bello declara que já se manifestou neste sentido.

O Sr. Ministro Oriental continúa dizendo que então tendo já fallado com o Sr. Presidente, e com a Sociedade para que se fizesse um laboratório para esses estudos não só para os animais, como para questões agrícolas, porquanto os fructos estão sujeitos a muitos molestias que devem ser estudadas e a Europa pôde nos servir para guia nesse sentido de modo que as pessoas do laboratório podem elucidar investigações e faz tanto empenho para isso que conhecendo alguma coisa destes trabalhos, está prompto a nos ajudar em tudo que poder.

O Sr. Dr. Aristides Calre concorda plenamente com as ideias expendidas pelo Exmo. Sr. Ministro Oriental Dr. Frederico Susviela Garuch e achia pouco tudo quanto se possa fazer nesse sentido.

O Sr. Presidente agradece a valiosa offerta, e declara que já se tem feito alguma coisa nesse sentido, fallando com o Dr. Alfredo Maia, Ministro da Viação, afim de aproveitar o material do antigo laboratório de bacteriologia do Dr. Domingos Freire e relativamente á verba já se communicara com o Dr. Xavier da Silveira, Prefeito do Districto Federal, e nesse sentido por intermedio do Dr. Augusto Bernacchi e que esperava uma resposta no seu sentido.

O Sr. Augusto Bernacchi ia tomar a palavra quando o Dr. Sergio de Carvalho pede urgencia para communicar que acaba de saber por um portador que o Sr. Ministro mandou remover todos osapparelhos do Instituto Bacteriologico do Dr. Domingos Freire para a Santa Publica, e que recendo que todos esses apparelhos fossem perdidos aconselhava o Sr. Presidente da Sociedade a tomar posse dos objectos immediatamente. O que o Sr. Presidente promete fazer.

O Sr. Augusto Bernacchi então declara que se reservava para dar conta da missão de que fora encarregado junto ao Sr. Prefeito no fim da sessão, mas visto essa interpollação declara effectivamente que já em conversa com varios companheiros de directorio tinha dito que fallara effectivamente com o Dr. Xavier da Silveira sobre as verbas não só para a fazenda da Poula como na subvenção do instituto bacteriologico do Dr. Domingos Freire com a faculdade de autorizar a Sociedade de ampliar os seus estudos sobre phyto pathologia e zootecnia durante a excursão que fizeram juntos até Santos e que o Sr. Prefeito dissera que fazia o maior empenho em realzar o nosso desejo que não pouparia esforços nesse sentido, mas que se não podesse ser já contado prometia fazer alguma coisa e de que nunca si esqueceria dos serviços da Sociedade Nacional de Agricultura que os tem na maior conta possível.

O Sr. Presidente agradece então em nome da Sociedade o serviço prestado pelo Dr. Augusto Bernacchi, respondendo por esta fórma as perguntas do Dr. Garuch.

O Sr. Baptista de Castro pede que se procure realzar praticamente os syndicatos porque tudo o mais decorrerá d'ahi e deve já ser approvedo um projecto no Congresso nesse sentido.

O Sr. Presidente responde que como disse sempre no Congresso isso depende de um projecto que certamente se fará, mas que em todo e caso já pôde communicar que enviaram circulares nesse sentido e que não cessará de trabalhar para a sua realisação.

O Sr. Aristides Calre deseja muito saber informações do parallello do seu relatorio que apresentou sobre o estado da fazenda da Santa Monica e porque não foi publicade até agora, porquanto tem ouvido increpações e não é justo que isso continue e que deseja intimamente a sua publicação.

O Sr. Presidente responde que esta na Typographia Nacional para ser publicade e que si não o foi até agora é porque é muito extenso e tem havido muito trabalho, mas que naturalmente a sua publicação não tardará, que enquanto ás increpações nem por sombra isso é exacto, porque não ha nem sequer tempo para trabalhos de comparações e que naturalmente quem tem fallado são paritulares que nada tem que ver com a Directoria e que elle tambem deseja a publicação do relatorio afim de tornar publico pela descripção dos trabalhos do relatorio do estado em que a Sociedade recebe a fazenda Santa Monica e de que se tem feito até agora, porquanto é voz corrente que aquella fazenda e expandida em terras, cafés, etc., enquanto o seu terreno é seguro e foi recebida do Banco da Republica sem nenhuma cultura e com o cafezal em matto e tudo em pessimas condições.

O Sr. Presidente communicou que esteve com alguns companheiros de Directoria em Palacio e fallou com o Exm. Sr. Presidente que declarou ter gostado

multa do Congresso Agrícola e que tudo que fosse possível o Governo fazer não pouparia esforços.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerra a sessão e em Augusto Bernacchi lavrei a presente acta que assigno.

Acta da 132.^a sessão da Directoria em 12 de novembro de 1901

PREZENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 12 de novembro de 1901, ás 11 1/2 da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Augusto Bernacchi, Jens Sand, João da Silva Gandra, Aristoteles Calaga, Aristides Cairo e Wencesláo Bello, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Cartas de C. S. Bentecon, estudos sobre a raça de salmos, Alberto Dumans, pedindo informações sobre sôja e feijão da China; do Alouso Pestana de Agular, fazendo reclamação contra a Estrada de Ferro Sapucahy; da directoria da Revista Agrícola Alagoano agradecendo a remessa d'*A Lavoura*; de Bernardo Dias Ferrelra, Director de Cultura, participando que não pode comparecer a sessão de hoje.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente suggero á Directoria um projecto de modificação no pessoal administrativo da fazenda de Santa Monica com o intuito de reduzir as despesas. Como sabem os seus collegas foi marcada a gratificação de 500\$ mensaes ao Director de Culturas o qual não tendo auxiliares e sciificando com isto os trabalhos soltinho dado um ajudante, o Sr. João Martin que por combinação com o mesmo director o em vista da sua efficaz cooperação recebe 40\$ por mez.

Reconhece que com o impulso dado á organização dos serviços, dentro dos limites dos recursos que a Sociedade dispõe, pode-se neste momento reduzir as despesas, conservando-se apenas um empregado como administrador da Fazenda subordinado á direcção e fiscalização do Director de Culturas, o entendo que a esse empregado não podera a Sociedade abonar mais que 300\$ mensaes.

Assim, pois, na situação em que se acha a administração da Fazenda, e se for o nível que acaba de suggerir aceite pela directoria, terá de ficar na fazenda como administrador, e nas condições propostas, ou o Sr. Bernardo Dias Ferrelra, si o quizer, exoneraudo-se do cargo de Director de Culturas, ou o Sr. Martin, continuando o Sr. Bernardo Dias Ferrelra no seu posto subsidiado ou não, pelo modo que a directoria o entender.

Autorizado pelo mesmo Sr. Bernardo Dias Ferrelra communica aos seus collegas que este director prefere conservar-se no seu posto, mesmo sem ordenado, ficando o Sr. Martin, a quem julga muito capaz, com o cargo da administração pratica.

Informando seus collegas sobre o andamento dos trabalhos de Santa Monica, diz que tem havido actividade e regularidade nos serviços em via de organização o que tem razoes para estar satisfeito com o Sr. Martin. Muito lhe recomendo uma perfeita contabilidade e avaliação do custo de todos os serviços, elementos de estudo economicos indispensaveis e geralmente discutidos entre nós.

O campo de culturas, trabalhado com instrumentos apertados na área de 40 hectares mais ou menos, está todo plantado e tratado convenientemente, offerecendo bonito aspecto com a excepção de alguns logares em que o terreno de qualidade inferior e mais castigado pela secca que reinou no principio da estação e exigiu a replanta dos cereaes.

Não foi possível este anno irrigar, nem estrumar sãoõ uma pequena extensão.

Ha falta do ostrumos que é necessario preparar.

Como sabem os collegas, sem estrume e sem roga não se melhoram terras e a fazenda não tem gado sufficiente nem havia estrumeira que só ultimamente foi feita e já vai dando bom resultado.

O campo será também brevemente irrigado podendo depois disto prestar-se a cultura do inverno (estação seca).

O Sr. Wenceslão Bello pede a palavra e diz historando os projectos e tentativas da antiga directoria da qual fez parte que concorda com o alvitre proposto pelo Sr. Presidente e que poder-se-hia considerar o Sr. Bernardo como em commissão e convindo realmente que de agora em diante deasse um pratico á testa dos trabalhos, e para este effeito julgava apto o Sr. Martin. Que o Director de Culturas além do passo do que gosa poderia receber uma certa remuneração á titulo de gratificação ou indemnisação dos sacrificios a que está sujeito, obrigando-se a visitar semanalmente os trabalhos e trazer a Directoria a par do movimento da fazenda.

Os Srs. Presidente e Dr. Oliveira Bello trocam idéas a respeito de que se deverá fazer em Santa Monica.

O Sr. Dr. Aristides Cairo concorda com as opiniões apresentadas a respeito da modificação na administração da fazenda e pede que a publicação de seu relatório de antigo director de Culturas, seja feita quanto antes porque não só ali descreve o trabalho que executou na fazenda durante a sua gestão e dá uma idéa do estado em que a deixou, como respondendo á certas duvidas, traça o plano que na sua opinião deve ser seguido, declarando mais que se não fossem os contratemplos que sobrevieram entras seriam as condições daquela fazenda.

O Sr. Dr. Wenceslao Bello entende que o cafezal velho deve ser tratado servindo isse de demonstração.

O Sr. Dr. Aristides Cairo lembra que tenha preparado algumas covas, em terreno safare que foi estrumado proximo á fazenda e que poderiam ainda ser aproveitadas.

O Sr. Dr. Wenceslão Bello insiste para que se procure tirar resultado do cafezal velho podendo-se fazer em suas proximidades um curral e uma extrumeira allem de fornecerem o adubo necessario.

O Sr. Dr. Berracchi concorda com o Dr. Oliveira Bello e chama a attenção da Directoria para a lista dos nomes propostos para o conselho superior, que durante tres sessões esteve sobre a mesa, e consulta ao Sr. Presidente se não conviria submettel-a á approvação de seus collegas.

O Sr. Presidente declara que, si não houver quem peça a palavra para fazer observações, submeterá ao julz da Directoria.

Ninguém pedindo a palavra, é submettida a votos e approvada unanimemente a seguinte proposta para membros do Conselho Superior:

CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

1. Dr. José Cardoso de Moura Brazil.
2. Dr. Fabio Nunes Leal.
3. Dr. Felippo Aristides Cairo.
4. Dr. Wenceslão A. Leite do Oliveira Bello.
5. Dr. Enrico Jacy Montelro.
6. Dr. Dominges Sergio do Carvalho.
7. Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond.
8. Dr. Alberto de Araujo Ferreira Jacobina.
9. Antonio Maximo Pinto Souza.
10. Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior.
11. Dr. Noemio da Silveira.
12. Dr. Senador Manoel Moraes Barros.
13. Dr. José de Barros Franco Junior.
14. Senador Joaquim Nogueira Paranaguá.
15. Dr. J. da S. Fenecca Hermes.
16. Leopoldo Merales de Los Rios.
17. Paulino Luiz Tinoco.
18. Dr. Manoel de Mendonça Guimarães.
19. Dr. Adolphe Merales de Los Rios.
20. Dr. Leandre A. Ribeiro da Costa.
21. Dr. Francisco Furquim Werneck de Almeida.

22. Dr. Horacio Rodrigues Antunes.
23. Comendador Domingos Theodoro de Azevedo Junior.
24. Dr. Joaquim Mattoso Canara.
25. General José Ferreira Ramos.
26. Dr. J. J. Pizarro.
27. Antonio Augusto Pereira da Fonseca.
28. Dr. Joaquim Cornelio da Fonseca Lima.
29. Dr. Eduardo Augusto de Caldas Brito.
30. Luiz de Lago.
31. Dr. Sylvio Ferreira Rangol.
32. Dr. Luiz da Silva Castro.
33. Dr. José Agostinho dos Reis.
34. Dr. Antonio Vaz Pinto Coelho da Cunha.
35. Dr. Manoel Victorino Pereira.
36. Dr. Osear Vrnady.
37. Comendador João Valverde de Miranda.
38. Dr. João Felipe Pereira.
39. Dr. Belarmino da Gama e Souza.
40. Dr. João Teixeira Soares.
41. Dr. Carlos M. da Motta Ribeiro de Rezende.
42. Dr. Democerillo Cavalcanti de Albuquerque.
43. Dr. Fernando da Rocha Paranhos.
44. Dr. Bernardo José de Figueiredo.
45. Dr. Boulfacio de Castro.

Capital Federal, 26 de outubro de 1901. — Augusto Bernacchi.

O Sr. Dr. Wencesláo Bello apresenta as seguintes propostas:

« Proponho que a Directoria empregue todo o seu esforço e valimento junto ao Governo da União a fim de obter o edificio da antiga Hucharia do Paço Imperial para a sua sede e installação de seu muson permanente. »

« Proponho que a Directoria, no intuito de bem desempenhar a honrosa incumbencia que lhe foi commettida pelo Congresso de Agricultura, e para esse fim, promover, activa e dedicadamente, como convém á responsabilidade que a sociedade assumiu, a realisação das medidas reclamadas pela lavoura, resolva:

1.º Nomear as comissões estaduais a que o Congresso se referiu, relacionando-se com ellas para a realisação das medidas que dependem dos Estados.

2.º Promover, desde já, junto ao Prefeito e Conselho Municipal do Districto Federal as medidas que delles dependem.

3.º Nomear uma comissáo que represente a Sociedade junto á Commissão Parlamentar e procure auxiliá-la em seus trabalhos, outra que se incumba de estudar e promover a boa marcha das questões dependentes dos Estados, outra para igual fim em relação aos do Districto Federal » ; e não havendo quem sobre ellas pedisse a palavra, são submettidas á votação e unanimemente approvadas.

O Sr. Dr. Baptista de Castro apresenta uma proposta para a admissáo do Sr. J. G. do Carmo, engenheiro agronomo, como socio, assignando-a conjuntamente com o Sr. João da Silva Gandra.

Submettida á votação é unanimemente approvada.

Não havendo mais nada a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão, e para constar se lavrou a presente acta.

Acta da 133ª sessão da Directoria em 19 de novembro de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 19 de novembro de 1901, ás 3¼ horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, José Mattoso Sampaio Corrêa, Augusto Bernacchi, Bernardo Dias Ferreira, Jens Sand, João da Silva Gandra, Aristides Calre e Wencesláo Bello, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Officio do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, agradecendo a remessa d'A *Lavoura* e diversas monographias.

Offellos dos presidentes das Camaras Municipaes de Batataes e Dous Corregos, S. Paulo, inscrevendo-se como socios.

Officio do Director Geral da Secretaria da Industria, Viação e Obras Publicas, participando de ordem do Exm. Sr. Ministro não poder ceder o predio denominado — Hucliarla do Paço, nestu como accusando o recebimento de diversos livros, monographias, para serem enviados a Colonia Agricola de Ijuhy, no Estado do Rio Grande do Sul.

Officio do Conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho, Presidente do Centro Agricola Commercial Paulista, accusando o desta Sociedade de ser corrente.

Officio do Director da Estrada de Ferro Central do Brasil, pedindo novas informações sobre a data do despacho dos volumes com casulos de bichos de seda.

Officio de Bernardo Dias Ferreira, apresentando o relatório sobre a fazenda de Santa Monica, parte monetaria, e desistindo da remuneração de quinhentos mil réis mensaes, e continuando no cargo de Director de Culturas.

Officio do Serafim Julemono, de Mojobanha, Perú, pedindo a remessa d'A *Lavoura*.

Carta do Dr. H. von Hering, de S. Paulo, remettendo para ser publicado n'A *Lavoura* o seu trabalho sobre uma lei federal de caça e protecção as aves.

Carta de Justino de Baere, morador em Araguay, Minas Geraes, pedindo uma assignatura d'A *Lavoura*.

Carta de Eduardo Oliviera, de Buenos Aires, perguntando si foi recebido um trabalho enviado á Sociedade.

Carta do Augusto Alves da Rocha, do Piahy, pedindo diversas sementes.

Carta do Dr. Thomaz Cochrane, agradecendo os pezames.

Cartão do Dr. Paulino José Soares de Souza, agradecendo os pezames.

Telegramma do Presidente do Estado de Sergipe, dando aviso de brevemente enviar amostras de assucar destinado a exportação.

ORDEM DO DIA

Depois de discutidos diversos assumptos de pequena importancia para a Sociedade, e nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão, o para constar se lavrou a presente acta.

Acta da 136ª sessão da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura em 26 de novembro de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 26 de novembro de 1901, ás 4 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Jens Sand, João da Silva Gandra, Ministro Oriental, Conselheiro Leoncio de Carvalho, Aristides Caire, Domingos Sergio de Carvalho e Alberto Jacobina, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Não se achando nenhum dos secretarios, o Sr. Presidente convida o Dr. Sergio de Carvalho para servir como secretario na presente sessão.

EXPEDIENTE

Officio do Ministro da Viação pedindo informações sobre agricultura para o Departamento do Dublin.

Officio do presidente da Camara Municipal do Cangussú, Rio Grande do Sul, inscrevendo aquolla Camara como socia.

Officio do presidente da Associação Commercial do Maranhão accusando o recebimento do arroz, enviando sua importancia, bem assim sobre a eleição do Directorio.

Officio do presidente da Camara Municipal do Rio Novo, Estado de Minas, accusando o officio de 19 de outubro do corrente anno.

Officio do secretario do Governo do Estado de S. Paulo, accusando o officio de 20 de outubro ultimo.

Officio do Dr. José Mattoso Sampaio Corrêa, pedindo a exoneração do cargo de 1.º Secretario.

Officio do Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, de Curitiba, Paraná, pedindo informações sobre o trabalho do bicho da seda.

Carta de Pedro Alexandrino de Almeida, desejando ser socio da Sociedade.

Carta de Theophilo Cerqueira Moraes pedindo diversas sementes.

Carta de Paulo de Amorim Saigado, de Pernambuco, accusando o telegramma sobre o assinar o fazendo outras considerações.

Carta de A. Moraes de los Rios, accusando o officio de 20 do corrente.

Carta de Ozias Soares Talveira, pedindo sementes de eucalyptos.

Carta de Antonio Teixeira de Faria, pedindo sementes.

Carta de Joaquim Perolra Torres, de Sumidouro, pedindo mudas de vidalras.

Carta de José Ferreira Ramos, da Capital Federal, accusando o officio de 12 do corrente.

ORDEN DO DIA

O Sr. Presidente congratula-se com os seus collegas do Directorio pela proeza do Exm. Sr. Conde de Leoncio de Carvalho a quem se refere em termos elogiosos evidenciando os seus esforços em prol da divulgação do ensino agrícola.

O Sr. Leoncio de Carvalho agradece as referencias do Sr. Presidente e allude ao que tem feito no proposito de estabelecer nesta Capital uma escola pratica de agricultura, em consonancia com as deliberações do Congresso de Agricultura.

Refero-se a conferencia que teve com o Exm. Sr. Presidente da Republica o mais tarde com o Exm. Sr. Dr. Alfredo Maia, Ministro da Viação, e o Sr. Prefeito do Districto Federal manifestando-se confiante nas promessas com que lhe asseguraram o exito daquello committimento.

Pensa que, além da escola pratica que deverá ser estabelecida neste Districto por accordo entre a Prefeitura e o Governo da União, poderá ser installada uma escola identica na Fazenda de Santa Monica de acordo com a opinião externada por alguns membros da Sociedade, aproveitados para isto os campos de experiencia e demonstração daquella Fazenda.

O Sr. Bernardo Dias Ferreira apresenta, como director de culturas o relatorio da Fazenda de Santa Monica, correspondente ao periodo de sua administração e diz que attenta a situação da Sociedade, desiste dos seus honorarios a partir de 15 do corrente mez.

O Sr. Presidente faz diversas considerações sobre o assumpto, ficando deliberrado que o Sr. J. Martin continuasse como administrador da mesma Fazenda com o ordenado de trescentos mil réis (300rs) mensaes.

Lido o requerimento em que o Sr. Dr. Sampaio Corrêa pede a sua exoneração do cargo de 1.º Secretario, foi deliberrado por unanimidade de votos, que a Sociedade acollendo o pedido de demissão, em consequencia dos termos decisivos em que é feito, significasse ao illustre consocio o seu sincero pesar por ver-se privada de um auxilio dignissimo, pelo esforço e grande competencia com que exercen suas funções, lamentando que lhe não seja possível prosseguir no cargo que tanto soube honrar.

O Sr. Sergio de Carvalho propõe e é mantidamente accerto socio effectivo da Sociedade o Sr. major Arthur Diniz Lagardo.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente dá por terminados os trabalhos, lavrando-se a presente acta.

Em tempo :

O Dr. Sergio de Carvalho refere-se ainda em termos elogiosos ao Sr. Bernardo Dias Ferreira e propoe, o que é approved, que se consigne tambem em acta um voto de louvor e a agradecimento a esse illustre consocio, pelo modo por que desempenhou o cargo de Director de culturas na fazenda de Santa Monica.

Acta da 137ª sessão da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura em 3 de dezembro de 1901

PREZIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 3 de dezembro de 1901, ás 3 1/4 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Aristoteles Gomes Galaça, Jous Sand, Domingos Sergio de Carvalho, Aristides Cairo, Consolheiro Leonelo de Carvalho, Antonio Augusto Pereira da Fonseca e Americo Faria da Cunha, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Não se achando presente nenhum dos Srs. secretarios, o Sr. Presidente convida no Sr. Dr. Sergio de Carvalho para servir de secretario na presente sessão.

EXPEDIENTE

Officios dos presidentes das Camaras Municipaes de S. Bento de Sapucahy, da Lapa, das Dores da Boa Esperança, do Cannavieiras, da Capital da Bahia, inscrevendo-se como socios.

Officio do presidente da Camara Municipal de Batataes, S. Paulo, accusando o officio n. 1721.

Officio de Americo Faria da Cunha, da Capital Federal, remettendo amostras de café, do qual tem privilegio, e pede o parecer da Directoria.

Officio do presidente da Comissão Municipal de Agricultura, em Cunha, pedindo feijão da China.

Carta de Antonio Augusto Pereira da Fonseca, Capital Federal, offerecendo tres saccos de sementes de algodão de Aracajú.

Carta do Eduardo Augusto de Caldas Brito, desta Capital, declarando que necessita o logar do membro do Conselho Superior.

Carta do Dr. H. P. von Horing, Museu Paulista, de S. Paulo, remettendo diversos documentos sobre a peste vegetal, para publicação n' *A Lavoura*.

Carta do presidente do Syndicato dos Agricultores de França, Pariz, remettendo o recibo da mensalidade.

Carta do Ananias Baraculy, da villa de Pilões, Estado do Rio Grande do Norte, pedindo sementes de trigo, etc.

Carta do Telles Quirino & Nogueira, de Santos, ordenando o pagamento da quantia de 622\$210 a Souza Filho & C.

Carta da Directoria da Bibliotheca Maçonica da Loja Caridade 2ª em Thorozina, Piauly, pedindo *A Lavoura* e diversas monographias.

Carta de Joaquim Pereira Torres, de Sumidouro, pedindo informações sobre o plantio de videiras.

Carta de Pedro Cruxem do Livramento, Rio Grande do Sul, remettendo a annuidade de 1900 e pedindo diversos numeros d' *A Lavoura*.

Carta de R. G. Reydel, Capital Federal, sobre a reclamação do flo do bicho da soda.

Carta de Francisco Harregem & C., de Bugé, Rio Grande do Sul, enviando a quantia do 80\$, annuidade o diploma de Pedro Craxem.

Carta de José Lyso Lopes, de Buenos Aires, fazendo diversos considerandos sobre o Congresso de Agricultura.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Sergio de Carvalho falla sobre a falsificação do café, criminosamente praticada nesta capital, e diz que a Sociedade deve intervir junto ao Prefeito do Distrito Federal, para que cesse esse abuso que nos dosacredita como principal paiz cafeeiro.

Ficou resolvido que a Sociedade officiasse ao Sr. Dr. Prefeito do Distrito para que concinta os encarregados do serviço de hygiene a impedir o abuso referido.

Em seguida o Dr. Sergio de Carvalho lembra á Sociedade a urgencia de dirigi-se aos governadores dos Estados assucareiros e dos proprios industriaes, pedindo-lhes amostras de assucar, no intuito de auxillar as negociações iniciadas pelo Ministerio das Relações Exteriores.

O Sr. Pereira da Fonseca refero-se nos prejuizos que soffrom os cultivadores nesta Capital com os animaes soltos nas ruas, aluso que reclama prompta e energica providencia, tanto mais quanto heido em prohibição expressa no Codigo de Posturas, ficando resolvido que se offele ao Prefeito sobre o assumpto.

Tendo sido apresentadas algumas amostras de um preparado de café pelo Sr. Americo de Faria Cunha, o Sr. Presidente nomeou a seguinte commissão para as examinar: Drs. Baptista de Castro, Cairo e Gandra.

O Sr. Presidente autoriza o Sr. Augusto Gomes Ferreira a apresentar, na proxima sessao, uma lista do pessoal da secretaria suggerido, a organisação que se lhe devo dar, tendo em vista a boa marcha do serviço.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessao.

Acta da 118ª sessao da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura em 10 de dezembro de 1901

PREZIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 10 de dezembro de 1901, ás 3 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Aristoteles Caluça, Augusto Bernacchi, Jous Sand, João da Silva Gandra, Aristides Cairo e Antonio Augusto Pereira da Fonseca, o Sr. Presidente declara aberta a sessao.

Não se achando presente nenhum dos Srs. secretarios, o Sr. Presidente convidou o Sr. João da Silva Gandra, seguindo thesoureiro, para servir como secretario na presente sessao.

Depois de aberta a sessao, comparece o Sr. Augusto Bernacchi, 2º secretario.

RAVEDIENTE

Officio da Camara Municipal de D. Pedrito, Estado do Rio Grande do Sul, inscrevendo-se como socia.

Officio do secretario do Club Brazileiro Commercial, dando aviso da nova Directoria.

Officio da Directoria do Club Agricola do Alto Imbé felicitando a Directoria da Sociedade pelo bom exito do Congresso Nacional de Agricultura.

Carta de Augusto Lewin remetendo bases para a montagem de machulismos na fazenda de Santa Monica, para uma fabrica de laticulos.

Carta de Jesuino do Nascimento Portella, de Bagó, pedindo a remessa d'A Lavoura.

Carta do director do Banco Agricola do Brazil, offerecendo uma chacara no Meyer.

Carta de Jous Sand & Comp., desta Capital, remetendo seis saccos contendo batatas para serem plantadas na fazenda de Santa Monica.

Cartas de Joaquim Xavier da Silveira Junior, Luiz do Lago, Sylvio Ferralra Rangol, Dr. Antonio Vaz Pinto Coelho da Cunha, Manoel Moraes Barros, Antonio Augusto Pereira da Fonseca, Dr. Democrito Cavalcanti e Noemio da Silveira, participando que aceitam o lugar de membros do Conselho Superior.

E' approvada uma proposta do Sr. Augusto Lewin, representante da Companhia de machulismos e apparatus para industria do laticios *Soenska Centryfugethyl Bolaget de Sto. Holms*, Suecia, offerecendo-se a fornecer e installar gratuitamente uma fabrica de laticios (escola) no Brazil, em lugar indicado pela Sociedade, de baixo de certas condições.

A Directoria resolve aceitar a proposta, no caso do Sr. Augusto Lewin modificar as condições, supprimindo a clausula que obriga a Sociedade a recomendar exclusivamente os seus apparatus, ficando o Sr. presidente de se entender com o proponente neste sentido.

A Directoria resolve que se offele ao Dr. Sampaio Corrêa, primeiro secretario, aceitando a sua exoneração, agradecendo os serviços valiosos prestados á sociedade e manifestando os sentimentos de que se acha possuida pela perda da sua collaboração.

É o Sr. Presidente autorizado a liquidar a conta corrente cancelada que a sociedade tem no Banco da Republica do Brasil, depositando no mesmo banco em conta corrente do movimento o saldo que se apura da venda das inscrições desse banco, deduzida a importancia do debito.

O Dr. Bernacchi diz que, fez as communicações aos membros do conselho superior ultimamente escolhido.

A Directoria resolve mandar visitar o prestimoso companheiro Dr. Domingos Sergio de Carvalho, que se acha doente, o que ficou sem effeito por ter o mesmo comparecido no fim da sessão.

O Sr. Jens Sand, 1º thesoureiro, pede providencias sobre a conta da fazenda da Penha, o que seja autorisada a venda dos titulos para obter recursos.

É concedida a autorisação.

O mesmo Sr. 1º thesoureiro pede que a Sociedade examine a situação da fazenda da Penha que se acha precaria, estando quasi exgotados os recursos destinados ao seu cultivo.

O Sr. Presidente nomeia os Srs. Drs. Baptista de Castro, Sand e Gandra para estudarem as condições em que se acha a dita fazenda e proponer o que julgarem acertado.

O socio Sr. Pereira da Fonseca apresenta um bello exemplar da videira Malaga Branca em cachos.

A Directoria felicita o Sr. Pereira da Fonseca pelos seus constantes esforços em beneficio do desenvolvimento da viticultura.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão, lavrando-se a presente acta para os devidos effeitos.

Acta da 139ª sessão da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, realizada em 17 de dezembro de 1901

PRESIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 17 de dezembro de 1901, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Drs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Aristoteles Goios Calça, Augusto Bernacchi, Jens Sand, João da Silva Gandra, Aristides Calre, E. Jacy Monteiro, Carlos Raulino e Americo Faria da Cunha, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Officio do secretario geral de Governo do Estado de Sergipe, remetendo amostras de assucar.

Idem do presidente da Camara Municipal de Paranaguá, inscrevendo-se como socia.

Idem do secretario da Associação Beneficente dos Despachantes Municipaes, participando a sua instalação e a eleição da nova directoria.

Carta de diversos lavradores de S. Miguel de Arapenga, Minas Geraes, pedindo informações sobre o plantio de diversos cereaes.

Idem de Alfonso Fouseca, Marom, Estado de Sergipe, fazendo diversas considerações geraes sobre a agricultura.

Idem do Dr. João Teixeira Soares, participando o recebimento da circular como membro do projecto das escolas agricolas.

Idem do Dr. Jose Maria Carneiro da Cunha, Pernambuco, remetendo amostras de assucar.

Idem do director do Collegio Salesiano, em Santa Reza, Nethoroy, accusando o recebimento de diversos numeros d'A *Lavoura*.

Idem de E. Couret, de Campos, Estado do Rio, accusando a circular da nomeação de socio e ordenando o pagamento da annuidade.

Idem da directoria do Instituto historico e Geographico Brasileiro, convidando a Directoria para assistir á sessão magna anniversaria que se realisa a 15 do corrente moz.

Idem do Dr. Victor Ferrelha do Amaral e Silva, de Curitiba, Paraná, accusando a remessa de 300 exemplares da monographia sobre a herva matte e fazendo sentir alguns erros de impressão.

Idem de Jean Veal, de Albi, departamento de Tarno, França, pedindo a collocação de um logar como jardineiro horticultor.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente propõe um voto de louvor e homenagem ao digno companheiro o Sr. Dr. Aristoteles Calaça, pelos bellissimos specimens deervas europeas e americanas que apresentou em sessão, algumas até accommodadas artisticamente em elegante caixa.

Foi apresentada e approvada uma proposta para socios effectivos com os seguintes nomes: Antonio Corrêa Dantas, Gonçalo de Faro Rollemberg, Dr. José Mathias Leite Sampaio e Delfino do Faro Sobral, moradores em Marolin, Estado de Sergipe.

O Sr. Presidente nomeia a seguinte commissão, para examinar os estatutos e elaborar as modificações que a pratica aconselhou serem necessarias, affm de ser presente ao Conselho Superior no anno vindouro: commissão, Drs. Wenceslão Bello, Sergio de Carvalho, Aristoteles Calaça, Baptista de Castro, João da Silva Gandra e E. Jacy Monteiro.

Foi apresentada a seguinte proposta pelo Sr. Augusto Bernacchi o sub-assistida pelo Dr. Aristoteles Calaça: Proposta: Sendo indispensavel que a Directoria esteja constantemente a par do andamento dos servços das fazendas de Santa Monica e da Penha, propomos que o director de culturas visite com frequencia essas propriedades e compareça pelo menos uma vez por mez á sessão de directoria, affm de fornecer todos os esclarecimentos, sem prejuizo das informações e documentos por escripto que de vem ser regularmente enviados. Capital Federal 17 de dezembro de 1901.

Posta a votos foi unanimemente approvada.

O Sr. Sergio de Carvalho propõe que, valendo-nos da gentileza e patriotismo postos á prova pelo Exm. Sr. Dr. Prefeito, se lhe peça por offello que procure tambem cohibir a destruição das matias no alto dos morros, porquanto essa má pratica acarreta graves prejuizos.

Posta a votos, foi unanimemente approvada.

O Sr. Sergio de Carvalho dá tambem uma explenção, affm de evltar qualquer inerepação sobre erros que porventura tenham sahido na publicação da memoria sobre o matte, porquanto, além de ter encarregado, para revê-la, o Sr. Paquet e outros ainda no *Diario Official*, fez nova revisão e que, se não foi possivel evital-os, não lhe cabe a culpa.

O Sr. Presidente, apresentando a tabella do pessoal subalterno da secretaria, declara que, apesar de em sessão anterior lho ter a Directoria conferido autorisação de augmentar os vencimentos conforme julgasse de justiça, não querla valer-se disso e que vltima novamente conversar com os companheiros. A sessão de Directoria foi secretariada pelo Sr. Sergio de Carvalho no dia 13 de dezembro, porque o Dr. Augusto Bernacchi, segundo secretario em exercicio de primeiro, achava-se doente.

O Sr. Presidente declara que, considerando os servços prestados pelo Sr. Augusto Gomes Ferrelha, propõe, de accordo com outros companheiros, o seu augmento de ordenado, que era de duzentos e cincoenta mil réls, para quatrocentos.

O Sr. secretario Bernacchi fez ponderar que achava mais razoavel o augmento proporcional de todo o pessoal, porém, o Sr. presidente disse que os meios da sociedade não comportava essa alteração e então approvou-se o augmento para quatrocentos mil réls unicamente para o Sr. Ferrelha.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente dá por terminados os trabalhos, levantando a sessão e para constar se lavron a presente acta para os devidos effectos.



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

ANNAES

DO

CONGRESSO NACIONAL DE AGRICULTURA

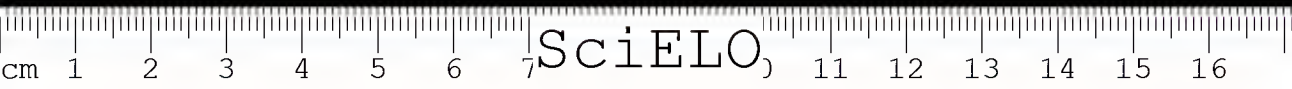
INSTALADO A 20 DE SETEMBRO DE 1901 NO RIO DE JANEIRO

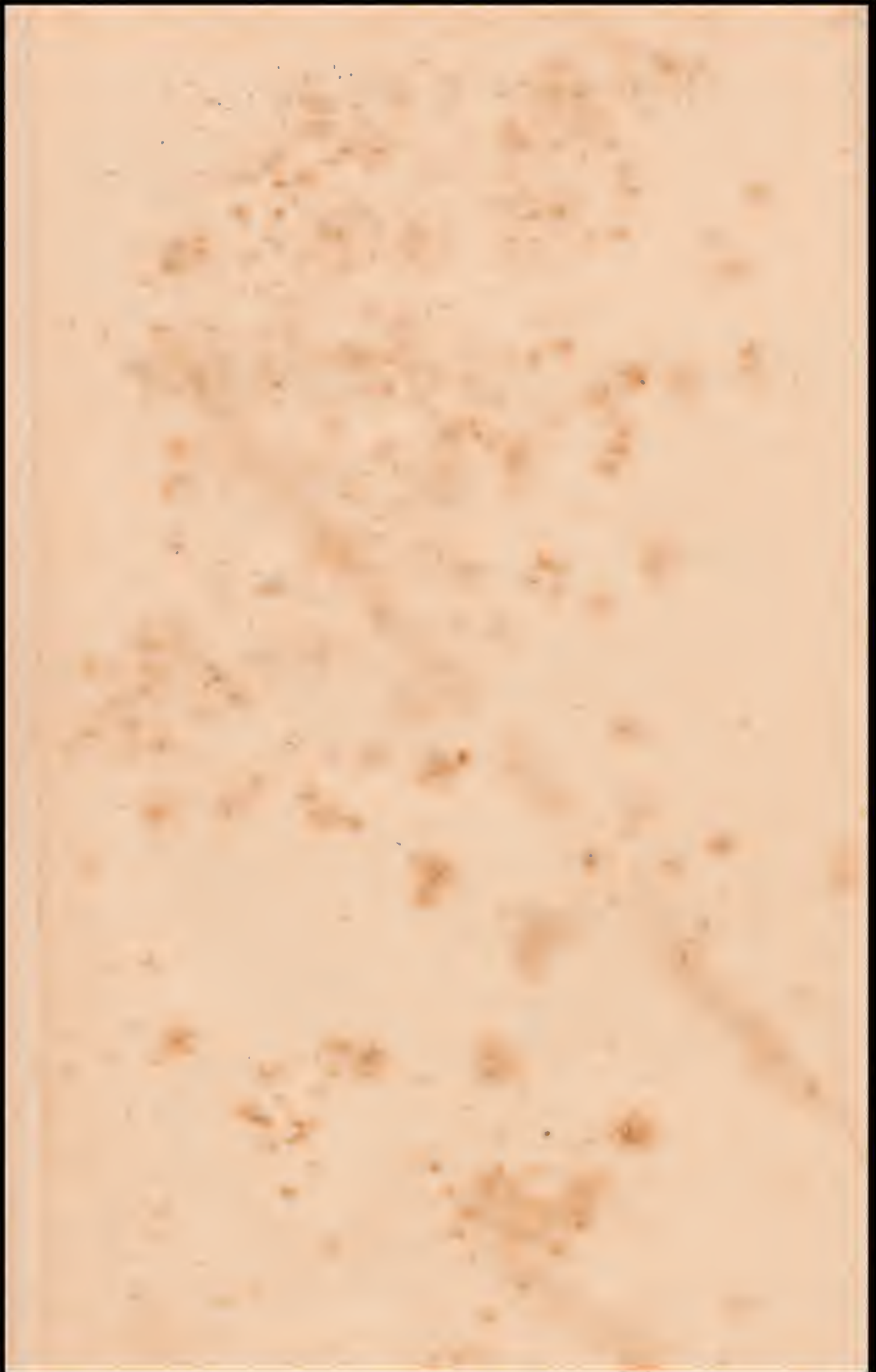
Memorias, Monographias, Indicações, Projectos e Pareceres

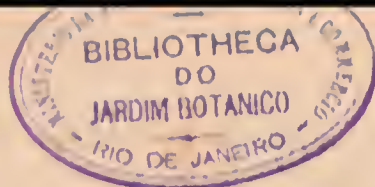
2^o VOLUME

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1907







ANNAES DO CONGRESSO NACIONAL DE AGRICULTURA

SEGUNDO VOLUME

Memorias, Monographias, Indicações, Projectos e Pareceres

2.º Secção

LAVOURA, COMMERCIO E PROPAGANDA DO ASSUCAR E DO PRODUTO

MONOGRAPHIA sobre o aperfeiçoamento da cultura da canna de assucar tendo em vista o augmento de sua riqueza saccharina.

DR. PAULO DE AMORIM SALGADO.

La verdadera fabrica, la casa de ingenio, por excellencia se llama en el Indey, en los obfiteros de extraccion, esto en el campo, en el qual la naturaleza por medio de un misterioso mecanismo transforma en azucar el jugo de la organa aptos el efecto, los elementos absorvidos por la cana, del aire y de la tierra.

(D. ALVARO RUBEN RO — *Estado Progrezo* — t. pag. 1.º.)

PROLOGO

A convite da digna Commissão incumbida de promover a organisação de um Congresso de Agricultura para commemorar a descoberta do Brazil, elaborei esta monographia sobre o aperfeiçoamento da cultura da canna tendo em vista o augmento de uma riqueza em assucar. Agricultor desde 1870, não tendo podido aperfeiçoar o cultivo da saccharifera graminosa, tantas as vicissitudes por que tem passado essa lavoura; o abolicionismo, a molestia da canna, o insuccesso dos primeiros engenhos contracos—o desta região (Cabo) ainda permeado do fogo morto—o actualmento a falta de braços e desorganisação do trabalho rural, alem de outras muitas causas que estão atrophando a agri-

656 — 1

cultura, obrigam o lavrador a forçar suas convicções para continuar no empirismo de velhos processos culturais ha muito condemnados pelos principios scientificos.

Aqui em Pernambuco, não tendo institutos agricolas e menos ainda estações agromomicas e instituições analogas, que abundam nas colonias francezas e inglezas, e só á custa de penosos sacrificios tenho tentado pequenos ensaios, na maior parte, sem resultados compensadores.

Desejando, porém, corresponder á gentileza da illustre Commissão, escrevi as noções, que sobre o assumpto tenho adquirido, procurando delle tratar, « com o maior cunho pratico » conforme exige o art. 11 do regulamento. Devo contudo observar que esse trabalho limita-se á lavoura da zona atravessada pela Estrada do Ferro de Pernambuco do Recife ao S. Francisco, onde allás existe o maior numero de fabricas de assucar (*usinas*), apparelhadas de machinismos aperfeiçoados e onde mais adiantada está a cultura da canna.

Engenho Garapú (município do Cabo), em Pernambuco, 11 de abril de 1900. — *Paulo de Amorim Salgado.*

A SELECCÃO DA CANNA

Os resultados obtidos por Mr. Manauy no fabrico de assucar da canna em San Isidro (Republica Argentina) por meio do moenda de triplice pressão com embebição, demonstram que a industria da canna já pôdo sup-



plantar a do beterraba, pois conseguiu o illustro profissional extrahir da canna 15 % do peso em assucar e 85 de pureza, mais 0,75 % do que se tira da planta européa da mesma riqueza e de sucto igualmente puro. O *Journal des Fabricants de Sucre*, de 30 de novembro de 1898, publicou detalhadamente esses resultados, que reproduzi no *Commercio de Pernambuco* de 25 de dezembro daquello anno. Da beterraba se extrahiu na melhor fabricação 12,50 de assucar branco, havendo 2,50 de perdas, e da canna extrahiu M. Manaury 13,25 de assucar da mesma qualidade com perda apenas de 1,75; a materia prima em ambos os casos com igual pureza (85 %) e a mesma riqueza (15 %).

Chegou, portanto, a oportunidade para o cultor da saccharifera gramínea augmentar a proporção do assucar e o quociente da pureza. Em Pernambuco, para esse desideratum, já se deu grande passo depois que conseguiu-se a reprodução da canna por meio do semente da flecha.

Em 1892, pouco depois de ter assumido as funções de cargo do prefeito do municipio do Cabo, dirigi uma circular aos municipios, convidando-os a tratarmos dos interesses da lavoura e especialmente pedilhes que fizessem ensaios de plantação da semente de flecha da canna, pois já não era sem grandes vantagens praticas o assumpto, á vista dos resultados, naquella época, conseguidos na estação agronomica do Cadd, na ilha Barbadas. No *Jornal do Recife*, de 3 de maio de 1892, publiquel aquella circular, que foi transcripta no *Jornal do Agricultor* (Rio de Janeiro), tomo XXVII, pag. 338. Tive a felicidade de ser effeazmente auxiliado pelo coronel Manoel Cavaleanti de Albuquerque (de sandosa memoria), proprietario do engenho Cachoeirinha, municipio da Escada.

Em breve podemos expôr, no salão da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco as duas primeiras plantas obtidas, e em 3 de maio do anno seguinte publiquel no *Diario de Pernambuco* minuciosa descrição dos 10 touceiros conseguidos neste anno.

— Naquelle citado tomo do *Jornal do Agricultor*, á pag. 281, está ella reproduzida.

Das considerações com que precedeu esta publicação o provector engenheiro Henrique Augusto Millet, naquella época gerente da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, seja-me permittido citar as seguintes palavras, porquanto se referem muito particularmente ao objecto desta monographia.

«Os paizes intropicos precisam, para salvarem-se, que a canna, imitando o que se dou com a beterraba, augmente até duplical-a, a proporção da saccharoso, que ainda hoje é a mesma apresentada ha uns 200 ou 300 annos; para conseguir este resultado com a plantação por tóros, os processos culturaes tão importantes e a natureza não nos offerecem outro meio senão a reprodução sexual, isto é, por meio de sementes fecundadas, da propria canna, que, em virtude das leis da hereditariedade e da variação, produziram variedades, ás quaes applicar-se-ha a selecção. Desconhecida até bom pouco tempo, a possibilidade de obter das minusculas sementes de flecha a reprodução da canna não é mais sujeita a duvidas, e nesta metade ultima do seculo XIX as ilhas Barbadas, Guadeloupe e Martinique têm presenciado tontamens deste genero seguidos do mais favoravel exito.

O processo que indiquei na circular endereçada aos muneipes do Cabo é o mesmo que seguiram os agrenomos do Barbadas com pequenas modificações; mas os agricultores de Pernambuco vão conseguindo facil germinação da flecha sem se preocuparem com as leis da selecção.

Temos observado que nas regiões onde ainda se cultiva unicamente a canna cayanna, as sementes não nascem, tonha olla embora grande desenvolvimento.

E' muito provavel que a fecundação das flechas se realize pela influencia das diversas variedades de canna, o assim se explica como da flecha de uma canna provêm typos de côros diversas. Igualmente já se sabe que

as flechas da canna do mais de dois annos, germinando com mais facilidade. A sementeira deve ser feita em caxões ou cantelros, cheios de terra vegetal bem curtida, sendo melhor a de malta virgem.

Antes de fazer-se a plantação deve-se regar e esperar que brotem as ho-vas d'umilhas, cujos germens sempre ha na terra, para depois de estirpadas, se espalhar a flecha madura, collida no mesmo dia, preferindo-se aquella que for mais consistente ao tacto. Espalha-se a semente sobre a superficie da terra do caxão ou do cantelro, calcando-se a mão e humedeccendo-o com regador de finos muito pequenos para que semente tão minúscula não fique soterrada.

É o viveiro deve estar abrigado do vento, que traz sementes, cujo nascimento embarça a germinação da flecha. Deve-se tambem procurar logar sombrio, que possa dispensar a rega antes do nascer a semente, que por certo não germinará havendo excesso de humidade ou deslocação da semente pelo facto d'agua.

No fim de seis dias, começam a nascer as plantinhas; primeiro brota uma folha com extremidade superior arredondada, que vai estreitando para o peçolo. Nasce depois outra, alternada, com a extremidade aguda e assim durante um mez vão emorgindo as cannhas, umas coloridas do verde claro e verde eouro, roxas e muito amarellas. Estas ultimas doilham e morrem, as demais vão crescendo rapidamente, exigindo contudo assidua inspecção contra as formigas, lagartas, etc. Não menos prejudicial é o musgo e outras vegetações que cobrem o terreno e que devem ser estirpadas, revolvendo-se a terra de modo a não offender as raizes das plantinhas e cobrindo-se com fumo bem curtido e misturado com areia fina para dar mais firmeza ás hastas.

No fim de dois mezes, quando as folhas já têm mais de palmo se pôde transplantar. As covas devem ter um pé de profundidade e um metro de diametro e ficar cheias de terra vegetal, curtida, misturada com areia.

De preferencia, se planta flecha de canna cayana, a variedade predilecta em muitas regiões e tor-se-ha ocajo de verificar que cada toucolra, proveniente embora de uma só flecha, apresenta cores diferentes, o que se explica com a influencia de qualidades diversas de canna, cultivadas no mesmo cannaval, onde o vento e os insectos se intercambiam da fundação das flechas.

Entretanto, o colorido da canna de planta vai-se modificando nas soccas e na representação por tôros.

O caracteristico, porém, das cannas provenientes de flecha é o grande desenvolvimento dos botões ou germens, vantagem notavel, porque as variedades actualmente aqui cultivadas custam a nascer, mesmo a canna *Louisier*, que ha uma dezena de annos nasce admiravelmente.

N. Bisset (*Guide du Planteur de Canne*) e alguns escriptores contostam a utilidade de reprodução da canna pela flecha. Sobre a epigrapho «Rechos da Lavoura» publicado no *Commercio de Pernambuco*, de 21 de Junho de 1893, não só o processo do plantio da flecha como as vantagens, já hoje incontestaveis, da propagação da canna por esse systema. Na Luizlania, em Ruesland, na Mauricia, etc., seus governos têm auxiliado os agricultores de canna nas experioncias de selecção por esse processo; e as estações agronomicas trabalham activamente nesse sentido. Em Java, são os proprios lavradores e proprietarios de usinas que mantêm as estações e nellas estuda-se com grande empenho o melhoramento da canna. Aqui os poderes publicos só se lembram da lavoura para extorquir-lhe o imposto: não ha escolas para agricultores e menos ainda estações agronomicas.

Do que fica exposto segue-se que o primeiro passo para o agricultor consognir o aperfeçoamento da cultura, sob o ponto de vista da riqueza saccharina, é a selecção da planta, propagada pela semente de flecha. Ha, porém, tantos typos urinn los d'esse methodo, que não é facil a escolha. As cannas,

que crescem brotas, tendo as folhas elevadas e largas (abarcando estas com vasto pedicelo compridos gommos e desprendendo-se facilmente quando seccam), formam o melhor espécimen quando têm cor clara. Si as folhas se estendem lateralmente em forma de leque, vê-se bem, não podem fornecer á haste nutrição regular, pois ellas mesmas não se desenvolvem, em pouco tempo pendem e não obstante ficam adherentes ao colmo. A canna *Dois Rougo* é um exemplo. Os tipos de gommos curtos contém numero desproporcionado de nós, parte destinada de assucar. As variedades de cor escura, verde intenso ou roxa, são mais vigorosas, formam touceiras, onde constantemente rebentam fillos. Na occasião do corte poucas cannas maduras ha na touça, donde resulta deficiencia de assucar. Outros requisitos para a selecção, referontos á facilidade de cultura, etc., como sejam mais favoraveis ao plantador do que á usina, delles, não trato, allm do não sahir do programma.

Em appendico offereço á consideração do leitor o mappa organizado pelo Sr. Alfredo John Watts, secretario adjunto e auxiliar tecnico da Sociedade Auxiliadora da Agricultura do Pernambuco, a quem incumbi na qualidade de gerente dessa Associação, de publical-o. O illustre chimico analysou as cannas constantes da referida tabella, em fevereiro deste anno, e notou a superioridade das novas variedades, oriundas de flocha, sob o ponto de vista da riqueza saccharina e ausencia de sais e outras impurezas, servindo de comparação a variedade actualmente cultivada, a *Leasier*, importada em Pernambuco do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1880. Na occasião em que foram feitas as analyses, o tempo não era favoravel ao rendimento em assucar, porque o mez anterior tinha sido, em sua ultima quinzena, chuvoso.

Preocupado ultimamente com a diminuição progressiva da safra do assucar do Pernambuco, tendo em vista a extensão que ora se cultiva, attribuo o facto não tanto a irro-

gularidades das estações e perseguição dos insectos, principalmente o bezouro, que nestes ultimos annos tanto tem devorado os cannavlaes, por occasião do nascimento da canna e a lagarta, que, na safra passada, devastou em quasi toda a zona assucareira as plantas, já desenvolvidas, mas principalmente á cultura.

O agricultor pernambucano já não planta na epocha apropriada, menos ainda faz as capinas e a colheita.

A desorganisação do trabalho rural, a inconstancia dos braços que se dão aos labores agricolas, a alta do salario, exigida principalmente pela carestia da alimentação, a mingua do capitaes e o juro elevado, tudo isto colloca o agricultor na contingencia de só plantar no rigor do verão, fazendo ao mesmo tempo a colheita pela qual pôde ir obtendo os suprimentos, tudo fóra da epocha apropriada. A canna é colhida ainda verde ou já passada, é plantada quando o sol tem exaurido a humidade, tão necessaria á primeira phase vegetativa da planta, é llupa quando o matto ameaça aniquilal-a, as seccas poucas vezes são capinadas e de tudo isto resulta empobrecimento do solo em grande extensão plantado, sem corresponder-lhe a produção. Em taes condições a canna feruecida á fabrica é pobre de assucar e seu succo difficil de ser elaborado.

Tão má situação da lavoura é o reflexo do estado anarchico do paiz, que não permite aos poderes loeres se occuparem da organisarão do trabalho agricola, da policia rural, de instituições bancarias, de instrucção professional e technica, etc.

Quando, em 1889, inleiei a propagauda em favor do plantio da flocha, a administração do Estado tratava de auxiliar a fundação de fabricas centraes, quo, do facto, montaram-se com auxilio do Thesouro, mas presentamente luctam com difficuldade para ter materia prima.

Occorreu-me que, durante a actual phase, devia se cultivar em maior escala a canna *ubi*, exactamente aquella variedade que tem

o pelo aspecto, mas é a unica que não se extingue uma vez plantada em terreno fertil, pois se reproduz após cada corte em raizes sempre vigorosas, que nem exigem limpas.

Em consequencia de sua expansão vegetativa, resiste ao sol e aos insectos, e muito dura e por isso é insignificante o estrago que soffre dos ratos, rapozas, guarás, capivaras etc.

Não obstante apreciar tantas vantagens dessa variedade não tenho augmentado sua producção, limitando-me a conserval-a ás margens das estradas, mas para ella tenho prestado a attenção das pessoas competentes, que aqui tem vindo. O meu distincto amigo, o Sr. Dr. Daniel Henninger, quando esteve em Pernambuco em commissão de estudo da moléstia da canna, analysou a canna *ubi* e no relatório que, em 1883, apresentou ao ministro da Agricultura, mais de uma vez refere as analyz. da esta variedade. A' pag. 21 do relatório lê-se:

N. 60. Canna *ubi* plantada em terreno massapé elizento ao lado da Cayanna n. 14 idade 11 mezes — engenho Garapú — Nao estava doente — 1.073 de densidade do caldo, 19 % de saccharose em 100 cent. cub. do caldo e 0.2 de glycose.

N. 61. Canna *ubi* plantada proxima do mesmo engenho, terreno massapé elizento — 11 mezes — canna perfettamenteã — 1.082 de densidade, 20.9 de saccharose e 0.2 de glycose.

N. 62. Canna *ubi* plantada na horta do mesmo engenho, 1.073 de densidade, 16.9 de saccharose e 0.3 de glycose.

N. 63. Canna *ubi* plantada na horta do engenho Velho, 1.088 de densidade, 22.7 de de saccharose e 0.3 de glycose.

A canna *ubi*, diz o mesmo relatório á pag. 22, é a variedade que em circumstancias iguaes contém menos glycose, não dando todavia tanto caldo como as outras. A' pag. 41 nota o illustre chimico que a unica variedade, que lhe parece indenne da moléstia é a *ubi*, porque parecendo constituir não uma variedade e sim verdadeira especie, compre-

hendo-se que as condições favoravols á sua vegetação possam ser diferentes das exigidas pelas outras especies. O Sr. Dr. Henninger suppon que a canna *ubi* aqui encontra ainda no solo os axes necessarios ao seu desenvolvimento.

A meu pedido, o agente da grande fundição de Sudeburgo (em Magdeburgo, Allemanha), Hans Nitzsch, fallecido no Rio de Janeiro, ha uns nove annos, analysou alguns especimens, por elle mesmo collidos neste engenho. Tendo á vista a carta, que, em 22 de março de 1888, elle me dirigiu, della copio a seguinte analyse:

	BRIX	BACMÉ	ASUCAR	NÃO ASUCAR	PUREZA
1 Canna Cayanna, doente.....	19.02	11.06	18.61	1.01	95.8
2 Canna Cayanna, má, grossa.....	23.15	13.02	21.23	2.21	90.8
3 Canna Cayanna, má, fina, (verde).	17.8	10.06	14.25	3.55	80.1
4 Canna uba velha	21.22	12.0	19.82	1.40	93.4
5 Canna uba nova, (verde).....	21.88	12.1	17.28	1.60	79.0

N. 44 — Canna Cayanna, plantada em massapé elizento, proximo ao edifício do engenho Garapú, idade 11 mezes, parcela pouco doente; a não ser as veias nas folhas, não apresentava nenhum dos outros caracteres da moléstia: 1.070 de densidade, 1.63 de saccharose e 11 de glycose.

Submittendo essas analyses e informações acerca da canna *ubi* á apreciação do digno superintendente das usinas Ribolrão e Cacaú, obtivo a seguinte resposta, que, com a devida permissão, publicarei no *Commercio de Pernambuco*, de 21 de março ultimo, acompanhada de algumas das considerações, que acabo de fazer:

« As duas especies que temos em vista são: a *ubi* e a cayanna de semente de flecha, todas duas seccas.

Canna *ubi*: 10ª folha nascida no matto, fina, gommos compridos, muita dura, pouco caldo — Levada nos cortadores de cannas da fabrica obtivemos talhadas muito boas. As talhadas são levadas á prensa do laboratorio

o o caldo sujeito á analyse dá o seguinte resultado: côr muito clara do caldo, o precipitado formado pelo sub-acetato de chumbo é esbranquiçado e não esverdeado como o normal.

Grão Brix do caldo 17.2, Banné 9.72—Polarisação ou assucar % no caldo 17.70. Parte não assucar 1.5—Quociente de pureza do caldo 91.2. Assucar % na canna 13.71.

Por estes dados podemos concluir que o caldo é normal e não apresenta nada do especial.

Canna cayanna de semente de flecha: O caldo apresenta cor normal assim como precipitado do sub-acetato de chumbo. A analyse chimica dá a seguinte composição para o caldo: Grão Brix 17, Banné 9—Polarisação ou assucar % no caldo 16.24. Parte não assucar 0.76—Quociente de pureza do caldo 95.5. Assucar % nas cannas 14.29.

Os dados acima nos mostram o caldo excepcionalmente puro e rico em saccharose. Temos aqui cannas com maior percentagem de assucar, porém, tão puro caldo é raro encontrar. A analyse foi repetida, dando sempre o mesmo resultado. E' isto talvez devido tambem á qualidade do terreno.

Para achar a percentagem de assucar sobre as cannas procedemos á analyse directa das mesmas, processo Sikes por meio de extracção com alcohol. Os resultados, que se obtém da comparação ou antes proporção entre assucar no caldo e nas cannas, não é certo; para se ter percentagem exacta do assucar na canna só a analyse directa é verdadeira. A polarisação do caldo ou assucar % no caldo só pôde servir para o proprio caldo.

Das analyses do Sr. H. Nitzsch, communicadas pelo Sr. Dr. Paulo de A. Salgado, notamos que justamente a cayanna doente é a que apresenta caldo com o maior quociente de pureza e mesmo excepcionalmente elevado (95.8). A canna cayanna sã só deu 90.8 para quociente de pureza, o que é normal. Revendo o calculo destes quocientos achamos que devem ser 94.8, 90.5, 80.05, 78.9 e não

95.8, 90.8, 80.01, 79.0, como se vê da communicação. O unico quociente que confere com os meus calculos é de 93.4.—*Dilio de Mattos Siqueira.*

Engenho Central do Cacaú, 1 de fevereiro de 1900.»

O projecto gerente do engenho central do Cacaú repara que nas analyses do H. Nitzsch a cayanna doente manifestou maior quociente de pureza do que a canna sã. Nesta região do valle do Cabo a molestia da canna não determinava a morte da planta, como acontecia nos terrenos seccos e só neste caso diminua e desapparecia o assucar.

Em partidos fertis e frescos a canna, logo que ora atacada do mal, não crescea, mas ficava madura, apurando-se, por consequencia, o succo. Nas terras fracas, as folhas seccavam e o vegetal perecia. Entretanto, no primeiro caso, o caldo permanecia rico em assucar, a substancia mucilaginoso caracteristica da molestia, não diminuia, antes se tornava mais densa e adheria ás tachas *bangue*, formando cascalho, que concorria para queimar o assucar.

Do que acabo de expor acerca da canna *ubá*, vulgarmente aqui conhecida por *canna tabaco* (que não é a que se chama canna brava), se vê que mereço ser cultivada e pôde competir com as melhores, se não exceder-lhes sob muitos pontos, sobre tudo sob a facilidade de cultura e resistencia aos estragos dos animaes e á secca.

Em 1867 tratou-se no Rio de Janeiro dos resultados obtidos em Campos com o cruzamento de algumas variedades de cannas, que algumas pessoas diziam ser provenientes de enxertia. Uma commissão do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, composta dos Drs. Paes Leme e Nicoláo Moreira, verificou que o caso não era de enxerto, conformo a lei de physiologia vegetal, pois nenhuma adherencia dou-se entre as variedades e que os factos apontados entravam no grande quadro dos phenomenos morphologicos, conhecidos dos naturalistas e horticultores. A canna S. Julião, obtida pelo fazendeiro de

Cumpos, proveniente da junção da canna molle com a cayanua e a canna Silveira da Motta, producto da *ubi* com a canna violeta, creio que ainda são cultivadas no Estado do Rio de Janeiro a contento dos plantadores e dos fabricantes. Em Pernambuco não se tentava esse processo, mesmo antes de plantar-se a flecha.

Conseguida pela selecção a variedade mais saccharina é muito provavel que, devidamente cultivada e propagada a flecha que produzir, nasçam cannas ainda mais ricas ou melhor organisadas para haurem do solo e do ar os elementos necessarios á formação do assucar. Os agricultores devem preparar viveiros, onde possam escolher os melhores typos para a reprodução.

Em muitos engenhos ainda está enraizado o costume de destinar-se para semente a canna que não presta para moagem: de hasto nodosa, rachitica e colhida na capoeira. Essa pretensa economia é causa de nascer a planta mal e depois do nascer não resiste á secca, aos insectos, ao excess o de humidade, exigindo replantas, que, por serem extemporaneas e dispendiosas, porquanto só se pólo replantar com enxada, salvo si deve-se arar todo o partido para restabelecer o cannavial, não compensam o trabalho, pois não lleam as replantas maduras na época da colheita. Além disto, a má semente é uma das causas de molestias e da degeneração da planta.

Não basta a selecção da canna para se conseguir seu desenvolvimento em riqueza saccharina: a qualidade do terreno e os processos cultorales muito influem e não menos a regularidade das estações.

QUALIDADE DO TERRENO

Os terrenos arenosos, ricos de limo e frescos ou irrigaveis são os mais appropriados, seguem-se os silico-argillosos.

Nas terras secas não são menos prejudiciaes á formação do assucar do que o terreno em que as aguas não têm esgoto. O

Ilustre Sr. Dr. H. Henningor, no seu relatório já citado, declara, á pag. 45, que a molestia da canna é devida á falta de sais potassicos, que ou não existem em quantidade sufficiente ou não se acham em estado assimilavel e assim aconsella o emprego desse correctivo, mas como as mudas de cannas, enviadas pelo Governo, foram facilmente propagadas, mostrando-se resistentes ao mal, não se fizeram experiencias cultorales com a potassa.

N. Bassot (Guide Pratique du Fabricant du Sucre), vol. 1, pag. 498, declara: 1º, que a canna contém apenas 1/3 por cento de materias mineraes, cabendo ao acido siliceo cores de metade do peso das cinzas, á potassa uma 5ª parte, á soda 1/41 e as demais substancias toca a cada uma 1/12 na proporção das materias fixas; 2º, que *a priori* a canna de a sucar é uma planta á silica, como todos os coreaos; 3º, que é tambem uma planta á potassa, como a beterraba, aluda que em menor quantidade; 4º, que sendo pouco avida de soda, absorve contudo facilmente esta base quando se acha em contacto com os sais sodicos e contém proporções quasi ignaes de acido phosphorico e sulphurico, de chloro, de cal e de magnesia.

Tomando a média das cinco analyses, procedidas por J. Stenhouse em cinzas de cannas boas da Trindade, de Demerara, da Ilha Grenade, da Jamaica e de outros paizes, organison o seguinte quadro:

MATERIAS MINERAES

	1º, NAS CINZAS DE CANNA EM 100 PARTES	2º, NA PROPRIA CANNA EM 100 PARTES
Acido siliceo	4.624	2.221,914
" phosphorico	6.762	0.032,467
" sulphurico	6.506	0.031,2288
Chloro	7.237	0.034,3376
Cal	7.042	0.031,8016
Magnesia	6.845	0.031,856
Potassa	24.584	0.147,9888
Soda	4.081	0.049,5888



O Sr. Dr. Honninger, no citado relatório á pagina 36, publicou o seguinte quadro:

ANALYSES DAS CINZAS DE CANNAS DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

NUMEROS	VARIETADES	PROCEDENCIA	COMPOZIÇÃO DE 100 PARTES DE CINZAS											
			Co 2	So 3	Ph 2 05	Si 02	K cl	K 2 0	Na 2 0	Ca 0	Mg 0	Fe (Pho.) (°)		
3	Cayanna . Engenhos	Algodões .	1.49	1.18	10.26	57.97	pq. 1	8.12	pq.	4.94	10.84	5.20	Terra estrumada com se mento dealgodão e cal.	
4		Cedro, . (1)	pq.	3.05	5.45	54.32	1.98	14.96	pq.	1.78	11.72	3.74		
12		Volho (2º)	7.63	34.76	26.18	1.57		
21		Barbalho.	pq.	3.73	10.65	55.56	pq.	8.04	pq.	6.72	14.18	1.62		
22		"	pq.	3.91	7.36	58.27	1.78	7.24	0.82	6.12	11.55	2.35		
25		"	pq.	2.69	6.71	48.07	7.88	17.49	1.41	3.29	10.46	2.09		
26		"	pq.	5.09	10.80	38.85	9.45	22.35	0.12	1.09	8.41	0.81		
30		Boa-Visita.	0.06	5.34	6.57	52.86	8.59	10.40	0.06	4.9	10.06	1.10		Terra estrumada com superphosphatos e cinzas. (*)
32		Garapú.	pq.	2.56	9.63	43.97	6.23	18.54	0.92	7.15	10.82	0.78		
36		Sta. Amelia	1.45	2.98	6.89	32.10	14.88	32.25	pq.	1.62	6.12	1.71		
37	Sapucagy.	pq.	3.51	9.34	33.20	5.92	37.99	pq.	2.07	5.01	2.93			

(*) Esta observação deve referir-se aos ns. 25 e 26, pois só no Engenho Barbalho se empregou esse estrume.

(1) pq.=Pequena quantidade—(2)—Dosou-se apenas alguns elementos por ter pouca cinza.

NUMERO	NATUREZA DO TERRENO	IDADE EM MEZES	ASSUCAR EM 100 PARTES DE CALDO		OBSERVAÇÕES
			Saccharose	Glycose	
3	Massapê	14	19.3	1.1	Plantada em varzea, pouco doente.
4	Mossapê escuro.	14	18.0	0.5	Idem, doente. Tinha exsudação gommosa no côrte.
12	Massapê	14	13.9	0.7	Idem, nao parecia doente.
21	Silico argilloso	13	20.1	0.4	Abundante exsudação gommosa.
23	Silico argilloso.	14	19.4	0.5	Doente. Tinha olhos lateraes desenvolvidos.
25	Silico	14	17.1	0.9	Parecia doente, apresentava gomma.
26	Silico	14	20.9	0.7	Doente, pouca maleria.
30	Muriquipe	14	12.7	2.7	Plantada em meia encosta. Doente.
32	Muriquipe	13	18.5	0.6	Parecia pouco affetada.
36	Granito em decomposição	10	18.9	1.3	Estava perfeitamente sã.
37	Arisco preto.	14	21.7	0.2	Sã e muito desenvolvida. Tendo tres metros de haste.

N.º MERO	VARIETADES	PROFUNDIDADE PE CRITOS	Ca	SO ₃	AMON	NI O ₂	KCL	K ₂ O	Na ₂ O	CaO	MgO	PHOS (2500)
41	Imperial	Massapó S. A.	2.84	2.54	10.50	18.22	10.60	1.69	0.47	3.63	10.39	0.90
42	o	Barbalho	pt.	4.01	6.87	50.88	2.30	17.10	0.80	4.38	11.21	2.59
43	alancor	Velho	0.02	5.6	9.60	34.27	7.01	24.65	0.72	2.56	7.10	1.44
44	o	Algodonera	pt.	8.44	0.44	27.10	7.09	44.85	0.4	1.05	2.58	1.58
45	o	Massapó S. A.	pt.	3.30	11.51	31.0	5.45	20.25	0.91	3.1	9.07	1.21
46	o	Barbalho (*)	0.2	2.62	9.09	47.70	7.09	22.00	pt.	2.56	7.01	1.44
47	o	Anta Amélia	pt.	4.61	0.41	40.47	8.82	24.12	pt.	2.11	5.71	1.71
48	o	Algodonera	pt.	9.00	7.8	22.48	17.84	21.8	11.26	1.10	2.74	4.01
49	o	Anta Amélia	pt.	3.57	14.62	47.53	0.91	16.90	0.40	4.11	7.01	1.02

(*) Estrumado com sangue e cinzas.

ANALISE SACCHARIMETRICA DESTAS CANNAS

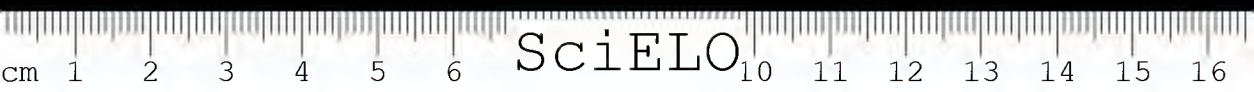
N.º MERO	NATUREZA DO TERRENO	IDADE EM MESES	ABRIGADO EM 100 ^{os} EM CALDO		
			Saccharina	Glycose	
41	Massapó	14	20.4	0.2	Perfeitamente sã.
42	Silico argiloso	13	12.6	0.3	Terreno não estrumado — Estava sã.
45	Massapó	14	19.7	1.4	Varzea, sadia.
46	Idem	14	15.7	2.3	Terreno sujeito a inundações — Sadia.
47	Idem	Ignora-se	20.9	1.4	Estrumada e bem desenvolvida — Sadia.
48	Silico argiloso	13	16.0	4.1	Estrumada com sangue e cinzas — Sadia.
49	Idem	10	17.0	2.4	Sadia.
52	Massapó	14	18.0	1.0	Junto de um riacho que inunda os terrenos proximos — Sadia.
55	Terra de matta, granito	12	20.3	9.9	Terra de matta virgem.
61	Massapó cinzento	11	20.0	0.2	Proximo á casa do engenho — Sã.

Trasladando estes mappas, quero mostrar que a riqueza saccharina da canna não depende tanto dos elementos Inorganicos, como a opinião geral dos chimicos, e quanto aos elementos organicos parece-me que tem razão V. Basset (obra cit., 321), quando sustenta que nos palcos em que se cultiva a canna, o adubo por excellencia é a palha e o matto enterrado verde e que na Luiziana alternam-se esta cultura com o de alguma leguminosa, cuja casca e folhas se utilizam como estrume, após a colheita dos favos.

606 — 2

Nenhum plantador, acrescenta o ahilado agronomo, deu-se bem com os adubos azotados.»

Com effeito, ainda está em lembrança neste municipio o que aconteceu ao coronel José de Moraes Gomes Ferreira, proprietario do engenho Barbalho, que tendo arrematado um carregamento de guano, sangue em pó, pelles, etc., avarlado de um navio procedente do Perú, espalhou nos partidos da canna esses productos tão azotados, que vigoraram extraordinariamente as cannas do



mado a sobrepujar os outros (não adubados), quer em altura e grossura, quer em abundancia de folhas, mas não deram assucar e o proprio mel não rendeu em aguar-dento.

O assucar é uma substancia, cujos elementos são apenas agua e carbono, não contém azoto nem alcalis.

O fabricante conhece as difficuldades de manipular um caldo de canna, que contenha sales ammoniacaes e alcalinos e outras substancias: o assucar difficilmente crystallisa nestas condições e esses elementos concorrem para inversão, em grande proporção, da materia saccharina, que se transforma em mel; Entretanto, não se pôde prescindir do adubo azotado no terreno, limitando-se quanto possível ao necessario para estimular a vegetação.

Já se vê que a canna não é exigente quanto á composição chimica do solo, pois havendo humidade e sendo o terreno permeavel, bem como o sub solo, como em geral são os silico-argilosos e os silicosos, que formam a maioria da zona agricola do Pernambuco, encontra os requisitos para seu desenvolvimento e para a formação do assucar.

Os adubos rico em azoto podem engrossar e fazer crescer o colmo, augmentar mesmo a selva, mas prejudicam a pureza do suco e sua riqueza em assucar prismático.

A cal é excellente correctivo para terras frias ou que contém humo em excesso, que ella decompõe.

A potassa que poderão fornecer tanto as cinzas das fornalhas como a calda ou o residuo das distillarias, misturados com as cinzas (o estrume liquido não se applica com proveito), é em regra o melhor adubo mineral para a canna.

O estrume do curral, os detritos da moagem da canna, as espumas ou caçapa, tão ricas de cal, o bagacinho, as aguas do lavagem, são substancias ammoniacaes, estimulantes da vegetação, que devem ser applicadas cautelosamente, e não prejudicarem a formação da saccharosa.

No caso citado; do engenho Barbalho, si seu proprietario não se visse coagido a despejar humellatamente nos partidos o carregamento de grão, porque o mão chello e as moscas eram insupportaveis, comquanto fosse o terreno masapê, que armazena o ammoniaco e o estrume fosse regularmente misturado por meio de lavras successivas, teria vantagens, si houvesse cultivado previamente outra planta ou abandonado á capoeira o partido para no fim de um anno ou dois voltar á canna.

O engenho S. Ignacio, situado tambem no valle do Pirapama, tendo sido os primeiros em que appareceu a molestia das cannas, estava com suas terras cançidas, como demonstrava a mosquinhez de suas lavouras, pelo que seu proprietario, o conselheiro Luiz Felippo de Souza Leão, deixou de cultivá-lo durante tres annos. Tanto bastou para que a vegetação espontanea se desenvolvesse por todo o terreno e voltasse este á primitiva fertilidade, crescendo vigorosas e ricas as cannas, sem que mudasse o systema de cultura e se empregassem ostrumes e correctivos.

No citado engenho Barbalho tentou-se um afolhamento: a cultura alternada da canna e da mandioca. Aquil neste engenho Garapá experimentel o alqueve. Lavra-lo o terreno em diversas direcções e gradeado frequentemente para extirpamento das plantas adventicias, foi no fim de seis mezes plantado.

Outros ensaios foram feitos, todos sem resultados. E assim continúa em uso a velha e rotineira pratica—a capoeira; cortada a secca fleca o cannavial abandonado por dois ou mais annos, o matto se desenvolve, gramineas, leguminosas, malvaceas, coníferos em breve cobrem o terreno e basta este periodo de repouso e a formação do humo, occasionalmente pela decomposição do folhame, para apropriar o sólo á cultura da canna. Aproveitaram alguns agricultores para pastagem o cannavial, após a colheita das seccas pelo gado; tem monos valor do

que a canna da terra humifera vegetal, mais adequada a canna e preparada pela capoeira, que, além disto, offerece pabulo á combustão preliminar do terreno para se proceder, em seguida, o plantio da canna, com-lustão que mata grande quantidade de insectos e germens microorganicos, que prejudicam o crescimento o desenvolvimento da planta. 1.^o certo que o fogo como grande parte do humus e, convictos disto, poucos agricultores recorrem a elle, embora alguns se vejam obrigados para simplificar o trabalho, a falta de braços, a queimar o palhço.

Devido a geral propaganda contra o fogo, applicado a terrenos destinados á cultura, tem-se diminuido notavelmente a devastação, mas por outro lado vão aumentando as pragas do bezouro, do cupim, do pão de gallinha e do lazarta, cada qual mais devastadora.

As primeiras do troem a canna ao nascer e a ultima a delinha já crec ella, roendo-lhe as folhas e mesmo a haste quando está terra.

Do que fica exposto se pôde conhecer as qualidades, que deve ter o terreno para produzir canna do succo apurado e rico em saccharose.

Entretanto, este resultado tambem dependendo do methodo da cultura e da regularidade das estações.

Systema da Cultura da Canna :

Os methodos do plantar canna, usados neste Estado, são: plantio a enxada e a arado. Excepcionalmente, em alguns engenhos os agricultores têm sido obrigados á plantação com cavador: faz-se um buraco por meio de uma estaca inclinada a 30° com o solo, alarga-se com o mesmo instrumento e ahí enfia-se um pedaço de canna com tres gemmos ou com a bandeira, ficando com um botão ou gormem á flor da terra e a bandeira acima da superficie do terreno. Por ahí nasce a planta livre do ataque do pão de gallinha, insecto que só offende dentro do terreno onde abriga-se elle do solo. Este methodo á penosa tarefa, exige

o emprego forçado dos braços do operario que trabalha em posição inclinada, é, portanto, demorado e caro, e a planta não se medra a menos que o terreno não seja muito fertil. De preferença, usa-se nas terras de paul, as mais frequentadas daquelle vorno.

O plantio á enxada pôde ser de mergulho, de rego ou de covêta. No primeiro caso, fende-se a terra com um ou dous golpes de enxada, levanta-se um a leiva do terra, só enquanto admitta a passagem do *rebolo* da canna (tero com dous ou tres nós), deixando-se cair sobre elle a mesma talhada na posição em que se ficava o calcando-se com a enxada para que não ligue espaço, em que penetre o ar (como dizem os lavradores), que seccaria a semente. E' o systema adoptado nas plantações de ladelras e encostas, em terreno de recente derruba, onde ficaram tôcos e ralzes. Em taes condições, apesar de não haver revolvimento do solo e extirpação do ralzone, a canna desenvolve-se vigorosamente e na época do côrto está madura e rica, embora não tenha completado o anno. Entretanto, não havendo chuvas regulares no inverno e o verão entrando cedo, a canna não amadurece, murcha a haste e o caldo torna-se difficil de elaboração dando pouco assucar. Muitas vezes apparecem nessa occasião alguns dias de chuva, que melhoram notavelmente a situação, e a planta revigora e ainda pôde amadurecer, outras vezes essas chuvas vem tardamento e ella lança rebentos mercos, que são em grande detrimento do assucar.

Ha tambem o methodo de plantar, a que se chama *mergulho em pé*: o pedaço de canna, isto é, a semente, é collocado em angulo de 22° e si o terreno é humido emprega-se a extremidade superior da canna, *bandeira* ficando dous gemmos dentro da terra e o palmito fora conservando-se aquella inclinação. A leiva fica sobre a semente na posição primitiva. A parte superior da *bandeira* lança raizes e o olho terminal cresce e mais tarde rebentam os germens dos nós.

A plantação do rego consiste em collocar um pedaço de canna com tres olhos ou gemmas horizontalmente em uma cova de 1/2 palmo de profundidade e comprimento igual ao da semente.

Si o tempo não é chuvoso, toda a terra onde anda volta ao rego, ficando o terreno nivelado; si, porém, o solo está humido e ha chuvas, apenas *toma-se o sol*, isto é, cobre-se a semente com pouca terra, sómente a porção que essaria para abrigal-a da luz.

No systema de covetas, cava-se mais larga e profundamente. Devem ellas ter sete pollegadas de profundidade, 22 de comprimento e 13 de largura. Collocam-se horizontalmente dois tóros de canna em cada uma e cobre-se com ligeira camada de terra raspada dos lados da superficie do terreno ou de ostrumo bem curtido, ficando a terra proveniente das covetas em monticulos, que se vão arrasando, pouco a pouco, por occasião das limpas. No *Jornal do Agricultor*, tomo XII, pag. 368, descrevi esses processos mais minuciosamente. O plantio á enxada exige grande numero de braços e por isso é muito caro.

A plantação por meio de instrumentos aratorios é mais expedita e menos dispendiosa. Perde-se, porém, maior quantidade de semente, que deixa de nascer, já porque não fica tão cuidadosamente assentada, já porque é deslocada nas evoluções das lavras. A grade por sua vez, arranca muitos tóros e atira touceiras de matto e grandes torrões sobre os regos, que pesam em cima da semente e não a deixam germinar. Si o dono não visita frequentemente o trabalho, si não fiscalisa essas multiphas operações para em tempo acudir a essas e outras eventualidades terá mais tarde o trabalho difficil e precario dos replantos.

Esses methodos aqui geralmente usados para plantar a canna: nelles não se observam os principios agronomicos, que mandam se revolva o terreno para reduzi-lo a um todo homogeneo penetrado pelos agentes atmosfericos que beneficiam os elementos organicos e mineraes, predispondo-os ás diversas combinações

a favoráveis á vegetação. A permeabilidade do terreno e outras condições physicas do solo não são attentilias e por isso as kannas não podem resistir a tenacidade do verão e ao inverno prolongado. Ao mesmo tempo, o plantio unido, isto é, sem arejo continuo para que possam ser virificados pela luz e pelo calor, concorre para si tornarem anomicas de succo aquoso, pobre de assucar, com pouca resistencia a ventania, que vira a touceira expondo-lhe as raizes ao sol ou quebra a canna e a obriga a acamar, lançar raizes e renovos aereos, que alteram-lhe o succo.

Alguns agricultores não tom conseguimento as vantagens esporadas das lavras da capoeira para se enterrar o matto verde; mas a difficuldade está em não termos tempo proprio para este serviço. Ou chuvas abundantes encharcam a terra ao ser revolvida ou por falta absoluta dellas fica o solo consolidado e difficil de ser lavrado.

No primeiro caso as plantas enterradas permanecem verdes ou costumam a entrar em decomposição e quando apodreçam, as aguas dissolvem os saes, que vão para o sub-solo ou perdo se o ammoniaco, ao entrar o verão por causa da contracção do terreno que se abre em multiphas fendas quando é argilloso.

No segundo caso toda a attonção do agricultor se aborve na colheita da safra fundada que são destinados os 100 dias uteis do outubro a janeiro e na fundação da safra nova, operações que se realizam simultaneamente e com as maiores difficuldades de braços. Entretanto é dispensavel essa lavra de capoeira, pois o terreno entregue á propria natureza, quando elle é fertil, cobre-se em poucos mozes de plantas diversas, muitas das quaes, pela facilidade com que se despojam das folhas, erlam espessa camada humifera.

Muitas são leguminosas que da atmosfera absorvem ammoniaco e o entregam ao solo, que o armazena, quando este é argilloso.

É excellente pratica visitar o agricultor a formação da capoeira para mandar extir-

par as plantas daninhas, como o capô, diversas espécies de capim, araçazeros, etc. facilitando a propagação do legum nosas tuberosas, malmoquero, e todos que dotados de largas e atunhantes folhas produzem fumo e conservam o solo fresco.

No fim do inverno, roçala a capôira a foice e ganchos e queimada antes de flear o matto completamente secco, affin de que a intensidade do fogo não consuma a crosta organica do solo, inclneram-se em colvaras o ramo, raizos e outros detritos que se ocaparam á combustão.

No fogo perecem os insectos e muitos germens parasitas, dilata-se a camada aravel, que torna-se accessivel á influencia atmospherica e mais facil de ser lavrada.

Preparado assim o terreno, deve-se arar superficialmente, cahndo a terra de um sulco sobre o outro e depois dá-se uma lavra em sentido transversal. Cortado e revolvido assim o solo, em dia que não seja chuvoso, pois a agua torna-se compacta e talhana, que emerge do sulco e só é conveniente que ella se eboroe ao de prender-se da alveca, para se a grade em diversas direcções, para que a terra fique limpa de raizos e outros detritos que tulo se inclnera no proprio local. Segue-se o traçado dos leovados de rega ou de esgoto: podem ser delineados á corda e marcados com a enxada e afinal abertos com o arado em sua total profundidade. Estes leovados que se aperfeçoam em enxada, podem se entrecortar formando quadro de meio hectare, mas, nas ladeiras só podem seguir ao longo dellas circulando o monte e não de alto a baixo.

Com tal disposição nos monte as aguas das chuvas ao correrem pela encosta se distribuem pelos canais diminuindo a impetuosidade e, portanto, não carregam a crosta humifera nem escavam as touceiras de cannas: ao mesmo tempo a agua que se conserva nas lavadas vai embobendo e fertilizando as camadas inferiores.

Preparada as leovadas, procede-se á plantação. A canna destinada á reprodução

deve ser escolhida, preferindo-se a do planta, adulta não bem madura, porquanto as cannas verdes apolrecem nos terrenos humidos e seccam mais depressa nos altos (o succo mais aquoso que ellas contém evapora-se mais depressa), as extremidades da haste não servem para semente; pois os pés, lato é, os ultimos tres gommos inferiores e a ponta, a saber o palmito, não germinam regularmente: podem ser aproveitados para alimento do gado — bem como as cannas que flecharam, aquellas, enjos botões não se desenvolvem ou se acham estragados, os que fírem enfezados, defeituosos, etc. A cuidadosa selecção dos reproductores evita a dispendiosa operação das replantas e pois concorre assim para que na época da ceifa estejam todas as cannas da mesma idade e maduras, mais saccharinas e de succo mais puro.

Transportada a semente, deve ser dividida em seccoes de tres olhos e aproveitados os que estiverem sadios e do gommos bem conformados.

Os sulcos do arado, destinados a receberem a semente, hão de ser mais profundos do que os da primeira, mas não devem attingir o sub solo, que pôde ser estéril ou estar inerte por falta de benefecimento atmospherico. Si a lavra preparatoria, por ter pouca espessura o solo cultivavel, teve de ser superficial, em todo rago, no qual deve ser deposita a semente, ha de ser mais profundo para que a canna repouse em camada ainda humida, que não foi pulverizada pelo arado. No fim do inverno, época em que se começa a plantação, ha nesta região vento impetuoso e depois dias successivos de muito sol e tanta ventania como a luz solar resseca mais promptamente a terra, que foi revolvida: a camada pulverizada, porém, por occasião da primeira lavra demora a evaporação do solo subjacente, onde fica depositada a semente e apenas a acção capillar se restabelece já as hervas daninhas estão cobrindo o solo e exigindo os amanhos, que feitos á enxada ou a capilladores mechanicos mobilizam novamente o solo e diminuem a capillaridade.

Por outro lado, esta superfície revolvida é uma esponja que absorve qualquer chuva ou o orvalho que cahe das folhas e que refresca a planta.

Si a irrigação puder ser feita, seja por submersão, seja por immersão, essa superfície fica impregnada de humidade, muito útil á sementeira.

Este systema de plantar é o que concorre para maior riqueza da canna e pureza do succo e ao mesmo tempo é o menos dispendioso. Si o terreno, por abundancia de tocos não for aravel, não é difficil extirpal-os com osapparelhos mais ou menos complicados, de que se usa em outros palcos.

Si os tocos estão seccoos, basta uma braza sobre elles para reduzi-os a cinzas, até mesino as raizes.

Nas ladeiras muito íngremes pôde-se usar um manejo, puxado por animaes para mover o arado.

No vertice do monte, si a matta ainda permanece, dessa arrastam as chuvas os elementos fertilisantes pelas encostas; si o cunho, porém, está descoberto, pôde-se fazer um deposito de agua, abastecida por uma bomba continua (*belier*) ou moinho de vento.

Não cessarei de recomendar a rega e a drenagem, como necessarias para o desenvolvimento da canna e formação do assuear, notando-se, porém, que a agua estagnada é mais nociva do que a secca.

Após a plantação pôde-se, não havendo chuvas abundantes, passar a grado, que destorrea o nivela o terreno sulcado pelo arado e em seguida o rolo Croskill, atrás do qual se prondora pela base do tronco uma arvore de espinho com os galhos e folhas. O solo completa o destorroamento da grado e o espinheiro aperfeçoa o gradeamento desmanchando a crosta que o solo deixou. As sachas e mondas ficam mais faceis, porquanto o terreno, assim tratado, as plantas adventicias se desenvolvem com exuberante folhagem, mas com pouco raizamo e por isso mais facilmente se extirpam.

Além do frequentes limpas exige o cannaval cuidadosa fiscalisação para se evitar estragos de animaes; os roedores, podem ser apanhados em armadilhas ou envenenados. As borboletas, fura-cannas, cahem á noite e parecem em vasos com agua e kerozeno tendo sobre elles lampoões accesos e rodeados de reflectores: assim tambem se attrahem os besouros.

Estes insectos devem ser queimados para se evitar que os ovos proliferem. Nas partidas de cannas costumam os agricultores destruir as arvores. Seria preferivel que plantassem, pois nellas se abrigam as aves, que caçam insectos. Si ellas pela sombra podem prejudicar algumas toucelras de cannas, beneficiam a todas onde chegam as folhas e residuos, que formam humus ou mitigam os ardores do sol, a impetuosidade dos ventos e si numa região desenvolverem pela póda, e as multiplicarem, modificar-se-hão as condições climatericas da zona.

O nascimento da canna pôde ser apressado por meio da irrigação e esta de preferença deve ser á tarde, porquanto a lavoura aproveita melhor a agua á noite. De dia com os raios solares a evaporação é mais facil.

Em fevereiro e março, quando a canna vai filhando é conveniente cortar-se a haste menor, quando manifestar tendencia a omitir flecha, pois a canna flechada não cresce mais e absorve muitos elementos nutritivos para alimentar a flor. Nossa mesma occasião arranca-se a *sapala*, isto é, as primeiras folhas que já se acham seccoas e ainda adherentes na parte inferior da touça. Assim desalojam-se os insectos e os botões se apressam em germinar.

Nas limpas sempre se deve arrancar a folha secca; é porém prejudicial tirar-se a folha ainda verde, pois está nutrido o gomme respectivo, que ficará atrophiado si a folha for antes do tempo tirada.

Em poucos engenhos se usa da plantação em linha, em geral planta-se *muito junto*, isto, é, a semente é collocada no intervalo de 12 pollegatas no sulco feito pelo arado,

lleando para largura o espaço estrictamente necessario para o instrumento abrir (entre raios).

O agricultor para cortar a replanta e para não deixar espaço ás plantas adventicias, vê-se obrigado a assim proceder. Salvo em terrenos excepcionalmente fertéis, a canna assim plantada não formará touceira regular nem os colmos engrossarão, o succo será aquoso e o polpeo de amassar.

As palavras do excellentissimo Dr. Alvaro Reynoso, que citei antes de começar esta monographia, explicam a razão de este facto! A exposição dos raios do sol, o arrejamento entre as touceiras e humidade na terra são os grandes factores do amassar nas cellulas da canna. Por isto aconselha o illustre actor cubano que a melhor direcção que convém dar aos sulcos do arado, de llidados a recolher a semente, é de norte a sul, pois cada lleira de canna receberá pela manhã os raios do oriente por um lado e os do poente por outro. Entre os renques o espaço não pôde ser menor do sete palmos para que esta exposição se faça, embora racionalmente se devesse preferir que uma touceira distasse de outra nunca menos de dois metros, para que as raizes de uma não fossem procurar alimento no terreno destinado á outra.

Em solo permioavel e de boa producção as raizes se estendem num raio de um metro e aprofundam 20 cent. Uma plantação que guarde esta distancia, isto é, conservando esta distancia de dois metros, torna se accessivel ás limpas por instrumentos aratorios e dará o melhor resultado quanto a quantidade e qualidade da irrigação se puder evitar a evaporação da humidade do solo.

Nesta zona intertropical o sol do verão dardejando sobre grande extensão do terreno descoberto, que fórma o intervallo das touceiras plantadas com aquella distancia, seccará o solo, e restará as folhas e prematuramente a canna amadureceria sem a elaboração regular da materia saccharina,

cuja pureza não atingiria ao [quociente] appetecido. Sendo de accordo com o exposto o plantio em sulco eido e em distancia de 1^m,50 de um sulco a outro, erolo que se evitam taes inconveniencias. Neste engenho é a plantação que adoptei ha millos annos nos terrenos planos effectuando-se as limpas com o arado allemão de Rnd. Sack (Leipzig), denominado — arado das vinhas — puxado por um cavallo, cuja descripção llz no *Jornal do Agricultor*, tomo XIII, pag. 159. A época do corte da canna e o seu transporte immediato para a fabrica, onde sem demora devem ser manipuladas, são outras exigencias para que se não perca o assuear. Vinte dias antes do corte deve-se cessar completamente a irrigação e arrancar a folha seca das cannas e mesmo aquellas que dormelarem pela cor amarella que já não estão intrindo a leite, assim se completará a maturidade e se apurará o succo. No corte devem ser decepados os gommos superiores, que estiveram abraçados pela folhagem ainda verde, elles só contém saccharose em diminuta quantidade e muita glycose. Pôde essa extremidade da planta ser aproveitada na distillaria ou como alimento, que o gado muito aprecia.

Ello que me parece necessario descrever ácerca da cultura sob o ponto de vista do programma. Resta-me tratar das estações, de cuja regularidade tanto depende a riqueza saccharina da canna.

ESTAÇÕES

Temos na zona da canna de assuear duas estações: o verão, de setembro a março e a estação das chuvas, de abril a agosto.

Si ha chuvas em outubro e em janeiro não sendo copiosas, augmentam as probabilidades de boa safra nova. As de outubro auxiliam poderosamente o maselmento, a de janeiro a illhação.

Na colheita da safra fundada, as chuvas do principio do anno prejudicam o rendimento saccharino. O verão e o inverno rigorosos são

nocivos principalmente áquello, nas plantações dos altos e este nas planícies.

A irrigação e a drenagem attenuam o rigor das estações. Nesta região atravessada pela Estrada de Ferro de Pernambuco, do Recife ao S. Francisco, os maiores rios — Jaboatão Pirapama, Ipojuca e Una, com seus numerosos afluentes fornecem agua para os motores de muitos engenhos, mas pouco aproveitam para as irrigações.

Ha tambem muitos correços (e varios logares, onde a agua do sub-soilo está a pequena profundidade. Todos esses mananciaes podem som grandes difficuldades ser aproveitados para rega por meio de tanta variedade de bombas, pulsometros, moilhos de vento, poços artesianos, etc. Já é tempo de auxiliarem as empresas de fabricas eent aos seus fornecedores de cannas a se utilisarem desses recursos naturaes. (1)

A drenagem é mais difficil: exige conhecimentos theoreticos e praticos para ser proficuamente executada e capital não pequeno para escavações, encaunamentos, etc. Consegue-se, porém, alguma causa aproveitando-se os canaes de irrigação ou abrindo levadas especiaes para esgoto do excesso de agua. Si, porém, não ha desagnadouros em declive, pôde-se abrir um receptaculo onde cheguem as agnas, que assim formam um lago cujo liquido será evaporado pelo proprio sol e pelo vento.

Geralmente, o sub-solo em sua primeira camada ou em alguma das outras é permeavel e com a profundidade precisa podem ser tambem cavadas as levadas, embora estreitas, e depois entulhadas de galhos de arvores, soixos, etc. e cobertas de terra

(1) Na maior parte dos canaviaes deste engenho conserva um systema simples de irrigação que consiste em levadas de 50 cent. por 25 cent. de profundidade mais ou menos e guardando uma distancia de 25 metros parallelas, cortados em angulo recto por outras na distancia de 40 metros. A agua é derivada de um canal que vem do rio Pirapama para a roda hydraulica do engenho. O largo percurso desse canal e a represa do rio, que exige frequentes reparações, não me permitem colher todas as vantagens da rega, que muitas vezes fica interrompida.

formando assim um corpo esponjoso, que pela capillaridade e pressão atmosferica attrahe a agua e infiltra-a para o sub-soilo. Ha tambem o recurso dos leirões, nos quaes se pôde misturar areia, pois a canna velles plantada de modo que haja espaço enxuto, onde as razes se espalham, a saber, um metro de ralo para cada tonceira e 25 cent. de profundidade, tudo no minimo, podem dar vantagens compensadoras, mesmo quanto á riqueza saccharina. Já ficou dito quanto é conveniente para isto se conseguir que o terreno seja silico, argiloso-humifero e permeavel.

Permeando esta exposição do que me pareceu, tendo em vista o programma, necessario, escrever ácerca da thèse, que foi-me apresentada, apresso-me em offerrecel-a á digna e ammissão, dando-me por muito satisfeito si esta monographia puder ter alguma utilidade á lavoura da preciosissima canna de assucar, que ainda tem todos os requisitos para recupear sua primilva superioridade no grande mercado de univorso.

Engenho Garapú (Cabo, Pernambuco, 16 de abril de 1900. — Paulo de Amorim Salgado.
(Vide mappa em frente.)

PARECER sobre a monographia apresentada pelo Dr. Paula de Amorim Salgado «Aperfeiçoamento da cultura da canna de assucar, tendo em vista o augmento de sua riqueza saccharina.»

Dividiu o auctor essa monographia em quatro capitulos: o primeiro, mais longo, muito minucioso, justamente por ser o mais importante e cujo assumpto deve merecer do lavrador a maxima attenção,—trata da *selecção da canna, obtida a planta por meio da semente da flecha*; o, como «, não basta a selecção da canna para se conseguir seu desenvolvimento em riqueza saccharina», trata o segundo capitulo da *qualidade do terreno, o torceiro dos processos culturaes* e o quarto das *estações*,—que são do grande influencia para a realisação daquello *desideratum*.

No primeiro capitulo o Dr. Amorim mostra a vintena que tem tirado da plantaçao da canna pela semente da flecha, fez o estudo de algumas variedades de cannas obtidas por esse meio e indica como deve ser feita a escolha do typo preferido. A esse primeiro capitulo se reporta um quadro que vem annexo á monographia, e tendo uma *« Tabella descriptiva de diversas qualidades de cannas da semente da flecha com a analise do seu caldo »* com detalhadas informações sobre sete variedades de cannas experimentadas. Esse quadro por si só vale uma monographia.

No segundo capitulo o Auctor estuda os terrenos mais propicios á cultura da canna; insiste na questao da extirpação dos cannaviços, apresentando dados scientificos sobre o assumpto, prezenta a estrumação verde e o aproveitamento do vinhoto e resíduos da moagem e da fabricaçao.

No terceiro capitulo é feita a critica dos processos culturais empregados no paiz, com juiciosas observações a respeito. Recomenda-se instantemente a irrigação e a drenagem dos cannaviços; aconselha-se o modo de caçar ou apanha de um dos insectos daninhos á canna.

No quarto capitulo, finalmente, a irrigação e a drenagem voltam a ser o assumpto em discussao, sobre que se insiste, como unico meio de mollificar, de attenuar o rigor das estações.

Cada um d'esses quatro capitulos contém, além do assumpto do respectivo titulo, preciosos conselhos, que os nossos lavradores devem tomar como leis, se quizerem progredir.

A monographia do Dr. Paulo de Amorim Salgado precisa ser distribuida profusamente entre os nossos lavradores de canna. E, se me fosse permittido, pediria que esse livro fosse vulgarizado sob o seguinte titulo: *« Guia pratico do lavrador de canna do Brazil. »*

S. S. 27 Setembro—1901—E. Jacy Monteiro, presidente.

MEMORIA

DE JOSÉ MARIA CAVALHEIRO DA COSTA

A Convocação d'esse Congresso promovida pela Sociedade Nacional de Agricultura, marcará o fuzo de uma nova era para as Indústrias agricolas do Brazil, as quaes de lo muito preclavamos fazer conhecer suas necessidades.

Neuhum organ, com mais auctoridade do que esse Congresso, poderá reclamar do governo do paiz a adopção de medidas que possam assegurar o desenvolvimento da industria brasileira, com resultado para os capitulos empenhados e consequentemente enriquecimento do paiz.

Não pretendo, no trabalho que se segue, que o governo venha em auxilio directo da industria productora do assucar e alcohol, que é a base da riqueza do Estado de Pernambuco e que certamente virá a ser tambem desenvolvida em outros Estados da União, mas simplesmente que venha cercar como probabilidades de exito, pela adopção de medidas adequadas, as tentativas de iniciativa particular.

Em um congresso das classes productoras do Estado de Pernambuco, realisado na Associação Commercial da cidade do Recife, a 7 de Agosto ultimo, li o trabalho adiante transcripto, o qual envio como memoria de minha adhesão ao Congresso convocado pela Sociedade Nacional de Agricultura, a realisar-se na Capital Federal de 20 a 30 d'este mez.

Antes, porem, da transcripção do alludido trabalho, me seja permittido fazer algumas considerações sobre a inadiavel necessidade que tem a patriótica Sociedade Nacional de Agricultura de pedir ao governo a adopção não demorada de algumas medidas, como sejam, abolição de impostos inter-estadnaes, realisação de tratado commercial com o Chile e Urugway e isempção de direitos da importação sobre lampalhas, candelieiros e todo o material destinado a installação de illuminação por meio de alcohol.

Relativamente ao tratado com o Chile, questao de que allis já se occupou o Con-

gresso Legislativo Nacional, cumpre observar que si o governo não se apressar em levar a effeito quanto antes, talvez não tenha mais oportunidade para fazel-o porque n'aquelle paiz, já começaram a ser tentada a cultura da beterraba para fabricação de assucar, industria que conseguiu o auxilio pelo governo de dois centavos por cada kilogrammo de assucar obtido.

Isto quer dizer que mais tarde o governo d'aquelle paiz não poderá sem grave prejuizo da fortuna publica, permitir na entrada do assucar do Brazil, pois é de esperar que, sob tal regimen proteccionista, se desenvolvera grandemente allí a produção do assucar do beterraba.

É pois de urgente necessidade que seja realzado esse accôrdo, que viria certamente assegurar o consumo no minimo da oitava parte da nossa produção assucareira, porquanto aquelle paiz importa da Europa quantidade superior a 40.000 toneladas do assucar annualmente. Com a Republica Oriental do Uruguay seria muito conveniente tambem um convenio ser estabelecido, para entrada allí de nosso assucar, em troca da enorme quantidade de xarque que importa o Brazil daquella procedencia; entretanto, todo assucar allí consumido é de origem européa e em quantidade approximada de 15.000 toneladas. Já não é possível ao Brazil tentativa semelhante com a Argentina, porque allí a produção do assucar é de mais de 140.000 toneladas, quantidade esta superior ás necessidades do consumo interno, tanto assim que, acaba de ser creada uma associação denominada « Union Nacional Azucareira », para o fim de se encarregar da exportação do excessu da produção sobre o consumo, monopolizando todo o assucar produzido, para, a maneira de que é excento na Russia, assegurar aos produtores algum beneficio.

Si, em tempo opportuno, o Brazil tivesse promovido algum convenio com a Argentina, conforme tive occasião de escrever, ha dez annos passados, hoje teria para onde escoar o excesso de sua produção.

É assim de toda prudencia que seja aproveitada a oportunidade, e que a Sociedade Nacional de Agricultura pegue a realização de conventos com o Chile e Uruguay, affim de evitar a que succedon a respeito da Argentina.

Sómente para a patriótica Sociedade Nacional de Agricultura podemos appellar, para o fim de pedir-lhe que concite, revestida como se veja de autoridade pela alliança geral das classes produtoras no Congresso por ella convocada, todos os produtores de assucar para que elles se agremiem e constituam uma associação encarregada de regular a collocação dos productos, pois os factos occorridos nos outros paizes produtores de assucar, são heção muito eloquente e proveitosa.

É impossivel continuar n'esto paiz a produção de assucar sem ser regulamentada, a menos que seja pretendido que esta se limite as necessidades do consumo interno.

Ao contrario penso, o caminho o maior numero dos que se occupam deste assumpto, que, a industria deve ser alargada por meio dos melhoramentos, affim de se obter o producto a preço baixo e ao mesmo tempo remunerado para o productor, e isto só será conseguido pela maior produção devido ao aperfeçoamento do trabalho no campo, como na fabrica. O que tem sido observado nos outros paizes poderá nos ajudar a estabelecer entre nós, attendidas as differenças que nos forem peculiares.

Hesdo que se tem a observação em outros paizes não será muito penoso projectar instituição que possa ser adoptada nas nossas condições. É isto principalmente que pedimos seja promovido por esse Congresso que poderá operar com o apoio unanime das classes produtoras do Brazil.

ASSUCAR E ALCOOL

Hoje que a commissão tem de dar conta do desempenho do mandato que lhe foi conferido pelas classes produtoras deste Estado, eu, aproveitando a oportunidade, venho por

mon turno propôr algumas outras medidas complementares e tendentes ao fim que se pretende.

Em artigos publicados n.º « A Província » de 25 e 27 do mez proximo passado, sob o titulo « O futuro do assucar nos mercados do Brazil » ficou provada a necessidade imprecisa nivel de se determinar a quantidade de nossa produçao de assucar, que deve ser feita em typo para exportação estrangeira, de modo a valorisar a parte que ficar para o consumo interno do paiz.

É isto que ora deve ficar assentado, nomeando-se uma commissão que se encarregue de determinar, por meio dos commissarios, a quantidade que cada agricultor deverá produzir do assucar para a exportação estrangeira, sendo, ao mesmo tempo, marcada o periodo durante o qual deverá perdurar o typo de tal fabricaçao. Essa commissão se incumbirá de distribuir circulares pelos agricultores e proprietarios de usinas nas quaes dará os motivos da medida e resultados provaveis da sua execuçao.

A presente assembleia deverá nomear uma outra commissão, ou um delegada, que vá representar a no Congresso que terá lugar no Rio de Janeiro, em setembro proximo, no qual ficará discutir a adopção de igual medida nos Estados tambem produtores de assucar, pois não seria justo que nós exportassemos grande parte de nossa produçao e a vantagem dessa medida fosse sculda por aquelles que não tivessem concorrido com igual contingente, exportando para o estrangeira parte de sua produçao.

Não precisa insistencia maior sobre a conveniencia de exportar para o estrangeiro parte de nos a produçao, para o fim de moralisar os preços da parte que ficar para o consumo interno, tão banal ella é, além do que é facto incontestavel que toda industria pôde supportar preços infimos em parte de seus productos, contanto que na parte restante possa resarcir o que tiver perdido na outra.

E para este fim não ha senão os dous meios apontados nos citados artigos : 1.º) a inter-

venção do governo, cobrando no consumo um tributo para dal-o depois como premio na exportação para o estrangeiro, o que é actualmento impraticavel entre nós, além do que a medida a ser tomada é imposta pelas circunstancias do tola urgencia ; 2.º) o accôrdo em que os produtores entram de fabricar determinado typo para o estrangeiro, de maneira a allviar a balança de consumo interno do excesso de produçao, o que terá como resultado seguro a elevação de preços em beneficio dos produtores.

Sob o regimen dos premios vivem todos os grandes produtores, como a Allemânia, França, Austria, Hungria, Belgica e Hollanda, e sob o do accôrdo vivo a Russia, onde os resultados obtidos ultrapassaram todas as previsões.

Certamente não poderá ser este um regimen definitivo, mas, provisoriamente, nem um outro poderá igualal-o, além do que a sua applicação poderá mesmo perdurar por um periodo mais dilatado do que a primeira vista parece.

Não será diminuido a produçao que se obterá a valorisação maior dos productos, mas, tratando-se de aperfeçoar, quer a cultura, quer a extracção, e, consiguientemente augmentando a produçao, seja sobre a área de cultivo, seja sobre a quantidade a trabalhar em fabricaçao, é que se conseguirá diminuir o custo por unidade, de modo a poder o producto lutar com os similares nos mercados Internacionais.

Demais, não ha paiz produtor de assucar que o produza somente para as suas necessidades, ao contrario; todos tem excesso superior talvez a 65 %, entretanto, cada dia o que se procura fazer, é cercar do probabilidade, de exito a industria, ameaçada pela plethora, já procurando mesmo internamente alargar o consumo, já preparando os productos para a lucta de competencia.

Os produtores estão, com muita razão, convencidos de que, sendo o assucar um genero cujo consumo cresce com o progresso da humanidade, que cada dia, precisa do

mais alimento por excellencia produtor do calor, não cogitam de diminuir a produção, mas de augmental-a, cercando-a das necessarias cautelas.

Entre nós, se outras fossem as nossas condições, isto é, se houvesse mais facilidade de meios de comunicação, certamente a nossa produção não bastaria para o consumo interno, porque ninguém ignora que o assucar chega aos centros consumidores, mesmo marítimos que sejam, a preços inabordableis por todas as bolsas, do sorte que alli se torna o assucar, tão necessario á alimentação, quasi um artigo de luxo.

Prescutemente mesmo, se não fora a crise geral, com corteza, com os pequenos stocks os preços seriam outros; mas, o que se verifica é a falta de confiança, o retrahimento, determinando a diminuição das transações.

Estando assim justificada a nenhuma conveniencia de diminuição da produção, eu proprio ainda ponderar, em favor da preferencia dada ao accordo, que nos meados internacionaes estão instituidos impostos relativos aos premios concedidos pelos palzes exportadores, o que evidentemente, nullifica em grande parte o resultado do premio, sobretudo porque colloca os productos dos palzes em que não ha premios, em posição relativamente mais vantajosa, e dahi a explicação em parte dos resultados mais vantajosos obtidos pelos produtores russos. O delegado ou commissão devera tambem submeter a apreciação daquelle Congresso legislativo federal para fazer alguma coisa no sentido de salvar a industria productora do alcool.

Em conversa que tive com o illustre membro da Commissão, o meu amigo Sr. José Maria de Andrade, disse que, ao contrario do modo dello pensar, eu julgava podermos encontrar, mesmo entre nós, o mais large consumo para o nosso alcool, se procurassomos utilisal-o na illuminação publica, pondo de parte, por ora, outras applicações como força motriz, etc., etc.

A applicação do alcool na illuminação já sahlu do campo das experiencias para o da

pratica, na Europa, e nomeadamente na Allemanha.

Na França começa a ser largamente applicado, si bem que mais retardadamente do que naquelle palz por uma questão apenas de imposto, que só por ultimo a França adoptou.

Permitta-se-me uma pequena digressão para melhor salientar o trabalho operado naquelles paizes. Pelo facto de ser o alcool grandemente tribulado, do que resulta uma receita enorme para os Estados, era necessario que a parte applicada a outro uso que não o de bebidas, fosse alliviada do pesado imposto que pagava, do contrario não seria possível o alongamento de seu consumo, mas ali estava justamente a maior difficuldade, porque poder-se-lia dar a fraude para lesar o fisco.

Com effeito, um alcool destinado á illuminação, e portanto isento de imposto como bebida, em vez de ser applicado áquello fim, poderia ser vendido para bebida, em detrimento do fisco e sacrificio da industria, que não obteria melhora no preço por falta de alargamento do consumo. Foi preciso cogitar de desnaturar o alcool, isto é, tornal-o improprio para o uso como bebida a fim de ter elle o destino desejado, applicando-se além da illuminação a outras muitas cousas; mas o custo do trabalho de desnaturação elevava por sua vez o preço do alcool, pois era necessario que a desnaturação fosse tal, que tornasse de todo impossivel a fraude, ou que o falsificador não pudesse, mesmo por uma distillação fraccionada do alcool desnaturado, eliminar as materias empregadas para desnatural-o, e de novo o applicasse como bebida.

A Allemanha, talvez, por se preoccupar menos do que a França de alguma fraude que pudesse ter logar, viu alongar-se o consumo de sua produção do alcool, apesar de estar apenas em começo a applicação daquelle producto á illuminação e a outras industrias.

Assim é que, não obstante estar estatisticamente provado que a exportação do alcool

em todos os países produtores tem diminuindo progressivamente de vulto annos a esta parte, a Alemanha tem dado consumo ao seu excedente de produção sem exportá-lo, isto porque elle tem sido applicado na fabricação do vinagre, do medicamento, na produção do aquodimento e principalmente na iluminação.

Para boa intelligencia do que se afirma examinemos as cifras do quadro seguinte :

ANOS	Alcool produzido em litros	Consumo por habitante
1890-1899 . . .	1.043.133 hec.	1,0
1891-1892 . . .	989.069 >	1,8
1897-1898 . . .	880.433 >	1,6
1893-1894 . . .	867.458 >	1,6
1895-1896 . . .	808.279 >	1,5
1894-1895 . . .	718.806 >	1,4
1893-1894 . . .	661.304 >	1,3
1892-1893 . . .	606.670 >	1,2
1891-1892 . . .	551.300 >	1,1
1890-1891 . . .	519.104 >	1,0
1889-1890 . . .	531.375 >	1,1
1888-1889 . . .	431.274 >	0,9

Do exame resulta que a produção tem sido sempre em augmento, que o consumo tem augmentado em consequencia, e que a produção augmentou de 400.000 hectolitros nos tres ultimos annos. Comparadas as duas ultimas safras, verificou-se que a applicação industrial do alcool absorven 23 % da produção total na safra de 98 a 99, e 21 % na de 97 a 98, convindo notar que o preço de denaturação augmentou de 3,50 marcos para 4,50 por hectolitros, e, não obstante, está patente o augmento de applicações industriaes. Entretanto, o mesmo não aconteceu em França, onde ainda agora o governo offerece um premio de 20,00 francos em favor de quem descobrir um denaturamento mais vantajoso do que o actual e capaz de dar todas as garantias ao fisco, si bem que já exista ainda uma lei pela qual foi augmentado o imposto sobre o alcool destinado ao consumo como bebida e concedida um premio

por hectolitro de alcool de natural, com o fim de baratear a denaturação, que ficou reduzido a 25 centimos de sellos e incrementar o consumo por applicações industriaes.

Effectivamente, sob esse regimen tem se iniciado um grande movimento nas applicações industriaes do alcool, como força motriz, nos automoveis, em motores fixos e na iluminação, para o que têm sido organisadas exposições e certames nos quaes os fabricantes de excellentes typos de lampadas e machinas fixas ou moveis têm exposto seus productos com enorme acceitação.

Numa ultima conferencia, feita por Lindet, isto mostrou que a applicação do alcool a usos industriaes iria necessariamente augmentar de 247 centímetros cubicos por habitante quanto era então, uma vez que tinha sido pela ultima lei facilitada a denaturação do alcool e porque a divisa deveria ser : «A applicação a usos industriaes ou annulamento da industria productora.»

Mas nós não nos achamos no mesmo caso porque, não havendo imposto a pagar sobre litro de alcool produzido, não haverá meio de ser levado o fisco, e assim nos resta sómente applicar por ora uma parte do alcool produzido á iluminação, e teremos deste modo encontrado um consumo certamente superior á nossa produção.

Para isto, porém, será necessario que venha o governo geral em auxilio indirecto cercar de probabilidades e de exito a tentativa.

Será procho que seja taxada com imposto forte a entrada do kerosene, de modo a determinar a procura do alcool para iluminação; mas este augmento não deve ser exaggerado para evitar que o preço do alcool suba demasiadamente e seja o proletariado obrigado a despenhor mais do que o razoavel com arteo necessario. Ou ainda poderia ser instituida uma especie de tarifa moveis para o kerosene, segundo a qual, o imposto seria maior ou menor em proporção ao preço do alcool.

Por este systema ou outro semelhante conseguir-se-á preço remunerador para o alcohol, sem exploração das classes mais desfavorecidas de moles pecuniarios. Além disso precisaria o Congresso Federal diminuir o imposto sobre benzina, de modo a permittir que fosse importada certa quantidade para servir de mistura ao alcohol empregado nas lampadas ordinarias, o que são usadas pelas classes pobres.

É este o meio de reduzir de 90 % o gasto de alcohol nas lampadas de flamma livre addicionando 20 centímetros cubicos de benzina em 100 centímetros cubicos de alcohol ou 20 %.

Quanto aos outros typos de lampadas, ao alcance das classes mais favorecidas, o alcohol pôde ser empregado só, porque nessa classe os individuos não se preocupam muito com uma insignificancia de augmento de consumo desde que a luz seja superior á do kerosene; mas, está justamente demonstrado, pelos trabalhos de Sorel e Lindet, que não ha augmento do consumo de alcohol o que sómente com este se pôde conseguir a luz incandescente, o que não é possível com o kerosene, pelo seu muito mais elevado ponto de ebulição e, portanto, ser muito mais pratico e assoado o uso do alcohol do que o do kerosene.

Depois, si tivessem de ser calculadas as diferenças infinitesimaes existentes entre diversos moles de illuminação, certamente não só teria passado do antigo azeite ao kerosene, deste ao gaz carbonico, á illuminação por electricidade, ao acetylene, etc.

O que se procura naturalmente é, em condições iguaes de dispendio, um substituto do kerosene, que seja mais assoado, mais pratico, melhor e, sobretudo, que venha enriquecer o paiz que encontrará vastissimo campo para o desenvolvimento de industria verdadeiramente sua o não artificialmente creada como muitas outras.

É util, antes de concluir, indicar alguns typos de lampadas para alcohol. Existem muitos typos cada qual mais aperfeiçoado,

entre os quaes citarei a lampada da Sociedade Belga Continental, denominada Regina, a da Sociedade Phebo, a lampada Lecote, e outras mais, parosenlo-mo, porém, mais aperfeiçoada a da Sociedade Phebo.

Finalmente julgo de toda oportunidade que seja pedida ao Congresso Nacional a decretação do systema de alcoometria ponderavel, em vez de volumetrica, como meio de corrigir abusos muito frequentes, systema este hoje adoptado em todos os paizes adiantados o que poz termo a muitas e repetidas queixas.

PARECER

A Commissão encarregada de dar parecer sobre as conclusões ou medidas reclamadas na memoria do Sr. Dr. José Maria Carneiro da Cunha, para conjurar a crise da baixa do preço do assucar e em favor da industria da producção do alcohol, vem expor-vos sucintamente sua opinião.

O trabalho do Sr. Dr. José Maria Carneiro da Cunha exprime perfeito conhecimento das necessidades da lavoura de canna e merece nosso apelo que com prazer aqui damos.

De accordo em geral com o seu modo de encarar a crise, discordamos sómente em poucos pontos do modo pratico de attender ás necessidades do momento, e por isso examinando cada uma das medidas fazemos nossas observações para dar no fim as conclusões que convem adoptar em beneficio da lavoura de canna immediata ou remotamente.

« 1. — Isenção de impostos Inter-estadaoos. »

Concordando intelramente com a abolição dos impostos Inter-estadaoos, observaremos, entretanto, que não sendo possível immediatamente aos Estados abrir mão de sua fonte importante de sua receita, convem antes adoptar o remedio efficaç, immediato, já proposto nesta secção por um dos signatarios do parecer, a saber: «Creação de um imposto estadual na razão de 100 réis por kilo de

açúcar branco e 50 réis por kilo de açúcar de côr.»

O modo de applicação será o mesmo proposto.

Desta sorte não só os Estados não ficam privados dessa receita, como obtêm-se logo o fim desejado com a abolição desses impostos.

« Promover o Congresso de Agricultura um accordo dos produtores para fabricarem determinada quantidade de um typo para exportação. »

A Comissão está de accordo com esta medida, até porque esse typo será indicado naturalmente pelo commercio de açúcar de exportação.

« A Sociedade Nacional de Agricultura conta os produtores de açúcar a constituirem uma associação encarregada de regular a collocação dos productos. »

A Comissão propõe que seja substituída esta conclusão pela que o Sr. Emmanuel Courot apresentou, por ser mais completa, para a criação de syndicatos agrícolas.

A Comissão julga necessaria a adopção das medidas reclamadas em favor da industria da fabricação do alcohol.

Portanto propõe que sejam adoptadas as seguintes medidas ou conclusões:

Para conjurar a crise da baixa do preço. Em lugar das medidas I e II a seguinte:

1.º Creação de imposto estadual para premio do açúcar de exportação, conforme a proposta do Sr. E. Courot, apresentada nesta secção.

2.º Promover o Congresso de Agricultura um accordo dos produtores para fabricarem determinada quantidade de um typo de açúcar para exportação.

Esta medida deve ser proposta no Congresso de Agricultura para outros Estados produtores de açúcar.

3.º Determinar uma comissão de agricultores, consultando os commissarios, a quantidade que, durante um tempo determinado, cada agricultor deve produzir para a exportação estrangeira.

4.º Necessidade urgente do governo celebrar tratados de commercio para favorecer a exportação do nosso açúcar para os paizes não produtores.

5.º O Governo promoverá a redução dos preços do transporte por agua e por terra, nas linhas de navegação e estradas de ferro, para os productos da lavoura.

6.º A Sociedade Nacional de Agricultura congregar os produtores de açúcar e alcohol a constituirem associações encarregadas de regular a collocação dos productos.

MEDIDAS A FAVOR DA INDUSTRIA DA FABRICAÇÃO DO ALCOOL.

1.º Taxar inofensivamente o kerosene entrado no paiz, com:

a) imposto fixo ou;

b) por meio do tarifa movel para o kerosene conforme o preço do alcohol;

c) diminuir o imposto sobre a benzina importada ou outro agente que associado ao alcohol torne mais barata e melhor a luz;

d) isentar de direitos de importação as lampadas, candeleros e material empregado na iluminação ou produção de força motriz por meio do alcohol.

2.º Solicitar ao Congresso Federal a decretação do systema de alcoometria ponderal em substituição da volumetrica.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1901.

Concordamos, — *Francisco M. Sodrê Pereira,*
— *Emmanuel Courot.*

MEMORIA—A industria açucareira no Brazil

O PREMIO DO ABRUCAR. — SEUS FINS. — SEU MECANISMO. — SUAS CONSEQUENCIAS. — SUA OPORTUNIDADE.

Dr. AUGUSTO RAMOS

Offereço os mais variados aspectos a vida economica dos povos. Quando caminha a produção e o consumo parallelamente se desenvolve, tudo prospera; desde porém que haja um desequilibrio entre aquelles dois elementos, surgem as perturbações.

A superprodução afoga o produtor, a escassez empobrece o consumidor.

Em ambos os casos, os interessados não se entendem e o intermediário os estola ganancioso e sem misericórdia.

A prosperidade só se pôde manter com o equilíbrio e este deve constituir o alvo do administrador, o do economista. Um preço médio é a felicidade.

É mil vezes preferível, entretanto, um preço pouco acima do médio, constante, inalterável, do que um estado de oscillações frequentes e accentuadas. O preço excessivamente alto é sempre a vespéra da miséria do produtor.

A's vezes a produção não augmenta e no entanto os preços baixam excessivamente.

É que, então, o consumo se restringe, seja porque o consumidor se abastece de outras fontes, seja porque adquire novos hábitos seja enfim porque lhe faltem os recursos habituaes e é forçado á entrar no regimen de penúria.

O Brasil está neste ultimo caso, em relação ao assucar.

Não temos propriamente excesso de produção: o que se vê é a limitação do consumo, porque a baixa do café, motivada pela sua superprodução, reduziu a fortuna pública, diminuindo todas as rendas.

Com o retrahimento do consumo, o artigo superabunda no paiz, e só ha um meio de alliviar a situação, sem liquidar de vez o produtor: é atiral-o sobre os mercados estrangeiros.

Para conseguillo, não conheço senão um agente: é o premio de exportação.

Premiando o nosso assucar, elle busca forçosamente o mercado consumidor porque é só com essa condição que nós tornamos offectivo o premio.

Presentemente o assucar exportado deixa, no porto de embarque, 9\$ ao remettente por sacca de 60 kilos. Como elle obtem ainda 10\$ no mercado nacional, é evidente que ahí procurará permanecer e virá contribuir para a baixa. Se lhe dormos um premio de

6\$, com a condição de sahir do paiz, elle immediatamente, deixará o porto, porque conseguirá apurar 15\$000.

As remessas se repellirão enquanto houver vantagem na exportação.

Mas o consumidor nacional não pôde prescindir do assucar e só encontrará um meio de o deter: é pagal-o a 16\$000.

Logo, em todo o paiz os preços subirão de 6\$ a sacca ou 100 réis por kilo.

Ora, é evidente que, para obter um tal resultado, bastará fazer exportar apenas uma parte do assucar produzido, porquanto as necessidades do consumidor nacional, embora diminuidas, exigem um minimo que não pôde ser reduzido; por conseguinte o total do premio a pagar é relativamente pouco avultado.

Em o nosso caso, não podemos consumir menos de tres milhões de saccas; e como a produção total é de cinco milhões, ou 300.000 toneladas, é intuitivo que teremos que exportar dois milhões.

Concedendo um premio de 100 réis por kilo ou 6\$ por sacca, teremos de despender, para toda a exportação, 12 mil contos de premios.

Para resumir essa quantia será necessario que cada produtor contribua com 40 réis por kilo ou 2\$400 por sacca de assucar fabricado. Ora, já vimos que em todo o paiz os preços ficaram elevados de 100 réis por kilo ou 6\$ por sacca; logo o produtor terá immediatamente um lucro igual á differença; isto é, de 3\$000 por sacca.

Quem é que paga o premio?

Ficou demonstrado que a concessão do premio se traduz em uma elevação geral do preço do assucar em todo o paiz, logo é todo o Brasil, são todos os consumidores que o pagam e é por meio da alta do preço do artigo que os engenhos se indemnizam da quantia que lhes é cobrada por occasião da fabricação.

É evidente que o lucro do produtor seria muito mais avultado se fosse maior o premio concedido.

Si, por exemplo, as fabricas pagassem 110 réis por kilo e concedo em um premio de 20 réis, os lucros nao seriam inferiores a 7½ per sacca, em relação aos preços actuaes.

Si o cambio melhorar, os productores terao conveniencia em levantar o premio afim de melhor lutar com os seus competidores, nos mercados estrangeiros.

O premio de exportação tem um poder irreversivel e universal.

Nos mercados estrangeiros elle vai desalojar os assucars já alli afoguezados que não o tiverem apoiados em um baixo custo de produção, e, de esse modo, provoca o allimento as trócas, tornando-se um elemento commercial de primeira ordem.

No interior elle atrahio para os portos de exportação o assucar de toda a parte, produzindo uma sucção pronunciada, um certo vacuo que, para ser preenchido se traduz em uma alta movimentação do producto, até restabelecer-se um justo equilibrio entre os preços da produção e de consumo. O premio domina como soberano regulador do mercado.

A applicação do premio de exportação traz consequencias da natureza industrial e economica.

Para a industria, elle representa muitas vozes a salvação, como na hora presente. Chama em soccorro do productor agonisante, o concenrio, pequeno, sem sacrificio, de todos os consumidores, concenrio que ao mesmo tempo que ampara o productor, garante, para o futuro, a existencia da industria, e defende todas as classes contra uma ulterior carestia do producto.

E' essa mesma função protectora que traduz a influencia economica do premio. No estrangeiro é uma arma de combate e de propaganda; no interior é um elemento equalitario, equitativo e conservador. E' um arlete e uma couraça e traz sempre no topo, fluctuando aos olhos commerciaes do mundo inteiro, o pavilhão vigoroso da patria.

Arma formidavel, o premio pode redundar em um abuso.

Si amanha o Brazil assucareiro erigisse um imposto interno de 1\$ por kilo e um premio de 1\$400, os mercados estrangeiros teriam de abrir alas, mas o consumidor nacional ver-se-hia em difficil situação.

O consumo interno se restringiria e o artefello cahiria afinal por terra, mas não sem ter provocado serias perturbacoes.

Contra o premio, porém, existem duas armas invenciveis: — no exterior, o fechamento dos mercados por meio dos impostos de compensação, — no interior, o abaxamento do do imposto de importação.

Baixas e esse imposto a 800 réis o kilo e por malta alto que o tivesse o preço do assucar, na occasião, a balxa até aquelle nivel seria immediata porque seriamos lavadidos de chofre pela produção estrangeira que anda á espreita de todos os mercados.

Felizmente é o Governo Federal o arbitro da situação.

O emprego judicioso, moderado, intelligente do premio traduz-se sempre nos mais altos benefellos.

Sem importar no mais leve sacrificio, para o consumidor, o premio lhe assegura, no entanto, por um preço accessivel a todos e perfeitamente equitativo, o uso de um genero de primeira necessidade.

Contribuo de esbivamente para abrigar o paiz das fluctuações bruscas e consideraveis dos mercados, transformando o caminho tortuoso e difficil em que, entre nós, a todo momento se chocam e se aggridem a offerta e a procura, em uma estrada ampla e rectilinea onde á verdade e em harmonia se encontram o productor e o consumidor, discutindo serenamente os reciprocos interesses, sem os riscos de uma cilada, sem o receio de um atropelo.

Para a industria, um premio razoavel, que em grande parte a ella revertesse com a clausula de ser applicado no aperfeçoamento

dos seus orgãos, seria de vantagens inestimáveis.

Viria, como reconhecem na Europa, preparar-lhe um alto grão de prosperidade, habilitando-a a lutar vantajosamente com os seus competidores e determinando um abalxamento geral no custo da produção do assucar, um benefício de toda a nação.

Em momentos criticos o premio pôdo salvar a industria de um melocho desastro, levando-a a buscar no estrangeiro, o diheleiro que não encontra no paiz e do qual não pôdo prescindir, sob pena de morte (como agora nos acontece), a fim de não deixar parecer os cannaviaes que lho asseguram a materia prima e fazer face ás despezas das fábricas que lho garantem a subsistencia.

No Brazil, um premio de 10 a 200 réis por kilo, me parece extremamente moderado. Não importaria no mais leve sacrificio para ninguém e proporecionaria ao productor uma remuneração modesta, sufficiente apenas para garantir a existencia da industria.

A applicação do premio já devia ter sido feita ha mais tempo; ninguém poderá contestar que, se elle tivesse vigorado na safra proxima passada, alguns dos grandes Estados do Norte não estariam se debatendo nas garras inmisericordiosas da crise que nos opprime.

No estrangeiro, teriamos ido buscar di-nheiro em troca do nosso assucar, em vez de o termos deixado perder-se nos cannaviaes já formados á custa de muito trabalho, ou no silencio das usinas, montadas á custa de tanto sacrificio e á sombra das mais justificadas esperanças.

Não veríamos agora, pelo retrahimento do consumo, na época em que devem abrir as portas as usinas da Pernambuco, do Alagoas, do Sergipe, do Parahyba, do Maranhão, da Bahia, de metade do Brazil, enfim, fermentar, apodrecer, no fundo dos armazens o fructo de tanto esforço, o pão de tantos brazileiros, quando no entanto o estumos offorcando por muito menos do que nos custou, e por um preço que ninguém encontra, em parte alguma do mundo.

E, depois da safra, o que é que nos estará reservado?

Reflectam bem os interessados e não percam um dia, não hesitem: o premio immediato ou o suicidio.

Augusto Ramos, lente da Escola Polytechnica de S. Paulo.

Exposição feita perante a Comissão do Congresso de Lavoura, Commercio e Propaganda de Assucar e seus productos pelo delegado da lavoura de Campos, Emmanuel Courret, em 21 de setembro de 1901.

SR. PRESIDENTE

Encarregado pela lavoura campista de representar-a no Congresso de Agricultura, venho submittor por escripto a V. Ex. a exposição oral que fiz sobre os meios que se me afiguram mais acertados, a fim não só de conjurar a crise actual que ameaça aniquillar nossa lavoura, como também dar-lhe os meios de encarar de frente o futuro e contribuir com o resultado do seu trabalho para o progresso de nossa terra.

Para fazer-vos conhecer ou antes explicar que as razões que me levaram a considerar que o projecto ora apresentado é o unico que em virtude do estado do paiz é capaz de resolver a crise, por não podermos contar com auxilio directo do governo federal, ou estadual, devo remontar a mezes passados, ainda ao tempo em que o assucar dava o preço compensador, isto é 600 rs. o kilo.

Os preços elevados de então causaram-me apprehensões, por julgar que uma reacção para a baixa era porque o lavrador contando com lucros extraordinarios, augmentava as plantações com gastos excessivos.

A lavoura actual, Sr. Presidente, é oriunda da lavoura feita pelo braço escravo, e bem poucos são os lavradores que poderão libertar-se da rotina improvidente a que os havia acostumado esse modo de trabalho. Eu creio absolutamente no futuro da lavoura de canna no Brazil e estou convencido de que no

dia em que ella for praticada com os conhecimentos scientificos, no dia em que o fabrico se fizer com as machinas que existam mais aperfeitas, o assucar do canna do Brazil terá concorrer com vantagem nos mercados dos paizes da Europa que procurem esse artigo, cuja industria é sustentada por premios e favoros governamentais. Para chegarmos a esse fim é preciso não só acudir de prompto á nossa lavoura que agonia como conhecer-lhe os meios de gradual, mas seguramente operar as transformações precisas.

Antes de fixar a minha attenção nas medidas suggeridas no presente projecto, e n'outros que submetto á vossa apreciação, porém que não derão resultados esperados.

Em meado do anno passado, creio que em julho ou agosto, preocupando-me o modo porque começava á operar-se no mercado de assucar para levar-nos a baixa, convoquei uma reunião de meus collegas na lavoura e expuz-lhes a manobra pela qual os grandes compradores da Capital promoviam a baixa em proveito proprio. Devo explicar, Sr. Presidente, o modo por que se fazem as vendas do nosso assucar na praça do Rio de Janeiro para a facil comprehensão da manobra dos baixistas.

Contra o conhecimento do assucar que enviámos aos commissarios sacamos 70 % da importância dos preços da occasião, pagando a esses commissarios, além da commissão de 5 %, mais 2 % sobre tres mezes, juros de 9 a 10 % pelos adiantamentos feitos até a prestação da conta de renda que ás vezes é bastante retardada, e ainda carretagem, armazenagem, seguro, sellos de contas.

Dizia eu, na reunião, que os baixistas operavam por este meio: vendida o assucar pelo commissario a 500 rs. o kilo, deduzidas as despezas, o assucar dava ao productor cerca de 40 rs. o kilo. Mandavam elles commissarios a Campos, munidos de dinheiro e lá compravam o assucar a 410 até 420 rs., como não havia commissão e outras despezas de consignação, esse producto deava-lhes na Capital por menos do que o preço estabelecido

pelo commissario, cerca de 40 a 50 rs. No ponto desse genero, com folga de alguns dias para a nova compra, dirigiram-se aos nossos Intermediarios, offerecendo-lhes menos de 40 a 50 rs. O commissario com receio de não poder vender a mercadoria, cedia, avilando ao productor da baixa sobrelvada. O comprador voltava de novo a Campos, a comprar genero por menos do que o preço do Rio, e assim conseguia reduzir o preço a 240 a 250 réis.

Na reunião a que acima alludi eu aconselhava aos meus amigos que não vendessem a esses compradores sinão com augmento de 1.000 a 2.000 rs. o sacco acima dos preços da Capital; não foi seguido este conselho, porque um dos nossos collegas, que tambem é commerciante, propoz nessa occasião, da parte de uma poderosa firma, estrangeira estabelecida no Rio de Janeiro, não só a ensaço da baixa como a fixação do preço de 300 rs. o kilo durante tres mezes.

Aos espirillos mais enlucrados alligou-se logo que essa promessa era illusoria, porém ella cedera a maioria dos interessados que não cogitaram mais de outros meios de defesa. Não se tendo realizado essa promessa, a nossa situação tornou-se mais precaria por patenteo a nossa fraqueza. No entanto como os preços ainda continuaram regulares, com esperança de melhora, a lavoura continuou no seu afan. Em setembro, porém, desse mesmo anno e em consequencia da crise financeira que combalou a maioria dos bancos e tambem antiquissimas e honradas firmas commerciaes, a crise da lavoura de canna tocou o seu auge.

Com o desaparecimento de duas importantes casas commissarias, a *Companhia Central e Comercio Nacional*, cessou a defesa dos nossos interesses, e os poucos commissarios que subsistiram, recusavam-se a receber assucar, allegando não terem compradores, não poderem fazer mais os adiantamentos do costume. Como, porém, o lavrador [havia de viver, pagar operarios e solver compromissos, não dispondo dos recursos ordinarios forne-

eidos pelo commissario, viu-se na dura contingencia de entregar ao seu credor assucar em lugar de moeda corrente e por preços vis. O resultado deste modo de operar foi que em lugar de oito ou dez vendedores que havia no mercado do Rio de Janeiro, houve 30 ou 40 precisando dispor do genero, como é facil prover; dahi resultou a aviltação do valor do genero, que já não chegava para pagar o custo do fabrico.

Foi do baixo do triste estado que acabo de expor que se iniciou a safra deste anno. O desanimo era humenso e a população campista estava aterrada diante da situação que não parecia facil de ser melhorada por perdurarom todos os effeitos que a originaram.

Foi nessa occasião que alguns amigos que me distinguem com a sua confiança e conhecem a minha dedicacão pela lavoura, encarregaram-me de procurar um melo, cujos effeitos immediatos permittissem ao lavrador ao menos aproveitar as cannas. A minha opinão na occasião era que o unico melo de defesa consistia em fortalecer o commissario armando-o com elementos que lhe permittissem resistir por algum tempo ás tentativas dos compradores que, seja dito de passagem, eram os unicos que lucravam com essa situação, visto que enquanto pagavam um preço infimo pelo genero que nos compravam e revendiam por preço elevado ao consumidor. Esses elementos consistiam na dilatacão dos prazos dos saques que contra elles teriamos de fazer. Tal concessão tornava-se penosissima para a lavoura, porque além de concederom prazo dilatado, ella não encontrava sinão com muita difficuldade e a juros ruinosos desconto para seus saques.

Urgidos pela necessidade, os meus collegas derão-me carta branca para resolver como melhor podesse no interesse da classe. Nessa occasião já havia germinado em meu espirito o plano do projecto que ora exponho e cuja execucao devia adiar para mais tarde, visto que o seu resultado era demorado e a lavoura precisava de recursos immediatos.

Em virtude dessa commissão vim a esta

capital e reuni os commissarios de então, perguntando-lhes se poderiam acudir com efflencia á lavoura do Campos, si ella lhes concedesse prazo mais dilatado para o fornecimento do dinheiro. Depois de diversas conferencias declararam-se dispostos a nos ajudarom os Srs. Walter Block & Comp., Albano de Castro, Companhia Alliança Mercantil, M. Mala, Carlos Rorh e Lourenço Cavalcante, faltando a annuencia da firma Th. Wille & Comp. que não haviam comparecido e que procurada por mim mais tarde recusou-se a entrar em accordo com os outros collegas, declarando-me que só tomaria o compromisso de cooperar para a alta, si todos os productores de assucar, do Estado, lhes mandassem o seu assucar a consignação. Recusel por diversas razões annuir á proposta do Sr. Th. Wille & Comp., sendo a principal não me julgar autorizado a tomar compromisso dessa ordem e tambem por não julgar possivel ou elleaz a defesa dos nossos interesses com um só commissario ou vendedor, excepto si fosse directamente o lavrador ou seu associado.

Em vista da recusa dos Srs. Th. Wille & Comp. os demais commissarios declararam-se impotentes para a resistencia, visto a falta de união da classe.

Foi então, Sr. Presidente, que tive a idéa de impetrar do Governo Federal recursos pecuniarios para auxiliar a lavoura, e exposta esta idéa aos commissarios elles me declararam que, obtido esse auxilio, podiam prescindir do concurso da casa do Th. Wille & Comp.

Por essa occasião já estava amadurecido em meu espirito o plano que tive de expor, e com o nobre deputado pelo Estado do Rio, o illustre Sr. Dr. Nilo Peçanha, procurei logo no seguinte dia o Sr. Ministro da Fazenda.

Em caminho para o Thesouro Federal declarei ao Sr. Dr. Nilo Peçanha que desistia de expor o meu plano ao Sr. Ministro, porque havia urgencia em obter o auxilio do Thesouro. O Sr. Dr. Nilo não tinha esperanca de que o Sr. Ministro concedesse auxilios

em dinheiro, porém como Campolina me aconselhava a lidar por esta favor com S. Ex. Recobido pelo Dr. L. Martinho que se dignou ouvir a minha exposição, á qual oppoz objecções que tive a felicidade de desfazer, S. Ex. terminou declarando-me que como o Theouro não corria risco de perda de dinheiro, a favora encontraria auxilio da parte do governo e para esse fim entendeu-se com a directoria do Banco da Republica.

A vista de esta promessa, procurei com dois committarios delegados pelos collegas ter uma entrevista com o Sr. Dr. C. Saldão de Maranhão no Banco da Republica e ficou combinado que o Banco emprestaria sob caução de assucar depositado em trapiche até 50% do valor do genero no mercado. Foi o accordo feito nestas condições que se denominou *Convenio Assucarero de Campos*, para resistir á baixa do preço, surtindo immediatamente effeito, elevando-se o preço que era então de 200 a 250 a 300 e 350 reis.

O que se havia conseguido não era então um recurso do momento ou o meio de nova orientação a que devia obedecer a lavoura da canna.

Os interessados na baixa, vendo-se ameaçados pelo *Convenio Campista*, puzeram-se em campo e aproveitando-se da falta de recursos com que lutavam muitos lavradores, elles que na véspera recusavam qualquer auxilio, offerreceram ao productor adiantar-lhes 70% ou mais em moeda e de prompto, com o fim de romper o convenio; o infelizmente uma parte dos lavradores aceitando esta offerta deu causa a desfazer-se o convenio e ficar a lavoura reduzida ás condições anteriores, deixando de novo o assucar.

Foi então que com o ultimo recurso para a alza do preço, tratou-se da exportação para o estrangeiro de uma quantidade de novo assucar que já nessa occasião se accumulava em nosos mercados.

Esta exportação, que só se fazia com sterifello, visto que o preço do exterior era inferior ao do custo, só foi abraçada por uma

parte dos fabricantes, que, por motivos que não vêm a propósito mencionar nesta exposição, deixava de effectuar-se a exportação.

Vendo baldados todos os intentos, esgotados os recursos para que os meios suggeridos fizessem o assucar em preço que permittia em o seu fabrico, convencei-me de que só o meio adoptado por quasi todos os paizes que produzem assucar poderia não só produzir uma valorisação immediata como tambem assentar de vez as bases para a organisação completa da lavoura e fabricação do assucar de canna.

Antes, porém, de elaborar esse projecto fiz uma viagem ás Republicas do Prata, affim de ver si havia possibilidade de renovar-se, especialmente com a Republica do Uruguay, o commercio de productos do nossa lavoura, especialmente o assucar, de que em outros tempos aquelle paiz foi um grande consumidor. A resolução dessa viagem foi motivada pela leitura de uma *Varia do Jornal do Commercio*, a qual me referia a uma renunção que houve na Sociedade Nacional da Agricultura.

O ministro Presidente daquella republica fazia entrever a possibilidade da renovação desse commercio, e tendo informações anteriores por intermedio de nossos agentes consulares de que o assucar do Brazil não podia concorrer com o da Argentina em tina me resolvei ir pessoalmente estudar all a questão, por me terem parecido insufficientes os dados obtidos. As pessoas, a quem fôrão numerosas, em Montevideo, com as quaes tive a ventura de travar relações, declarando-me que muito desejavão ver o seu paiz commerciar com o nosso, mas parecia-lhes impossivel actualmente receberem assucar do Brazil, porque a Argentina que tambem produzia assucar de canna, premiando os seus assucareos de exportação com 1. 00 pesos por 10 kilos, arredava daquello mercado todo o producto que não gozasse de igual favor ou premio. A Republica Argentina assim como a França, Austria, Alemanha, Belgica e outros paizes offe-

ativamento cobrando imposto interno do consumo sobre a totalidade do assucar produzido, todos dão, si bem me lembro, premio para a exportação da 4ª parte de sua produção, e é isso o meio que actualmente entre nós salvará a lavoura de canna agonizante e lhe incentará forças para reerguer-se vigorosamente e contribuir poderosamente para a riqueza e prosperidade do paiz.

Encaremos seriamente a nossa situação.

A produção de todo o Brazil é calculada approximadamente nesta safra em 5 milhões de saccos de assucar ou 100,000 toneladas, sendo 2,000,000 de saccos ou 120,000 toneladas de assucar branco, e 3,000,000 ou 180,000 toneladas de assucar de côr.

A nossa situação angustiosa exige remedio adequado á constituição da industria e especifco. Eis aqui esse remedio. Proponho, para adoptarmos o regimen do premio o unico que poderá debellar a crise em que a lavoura agoniza, que cada Estado, productor de assucar, erde sobre todo o assucar produzido um imposto para exportação com applicação especial e exclusiva, a razão de 100 reis por kilo de assucar de crystal branco e 50 reis por kilo de assucar de côr e que dê como premio de exportação 6\$000 reis por sacco de assucar até o total de 2,000,000 de saccos ou 120,000 toneladas.

Calculo que o producto do imposto attingirá a 21 mil contos de reis e será empregado a saber: 12.000 contos no maximo em premios de exportação, e o restante, deduzidas as despesas de arrecadação, e a importancia do imposto estadual consignado no orçamento da receita, em fundação do usinas aperfeiçoadas e no melhoramento da cultura da canna de assucar e ensino agricola como os representantes da lavoura do Campos terão occasião de propor.

A criação do imposto, cobrança, applicação serão reguladas pelos Estados, guardada a harmonia em suas disposições principaes, para manter-se em todos os Estados o fim e plano economico e industrial.

Alguns illustres Brazileiros que têm se occupado da questão objectarão me que a America do Norte, por exemplo, será contraria a esses premios. Além de não attingir a razão disso eu não vejo outro meio de attender radicalmente as nossas necessidades, e posso ainda oppor a essa opinião que, quer premiados ou não, a America do Norte que não consumirá os nossos assucares, e tendo já franqueado os assucares do Porto Rico e Hawai, tambem franqueará os de Cuba e não nos será favoravel, tal é a opinião corrente ali, como verás de uma carta que vou ler a ponto á vossa disposição, por mim recebida de um importante negociante de Nova York, no qual mandei ha mezes quantiosa amostra do nosso assucar. Diz a carta que a America não receberá assucar de outro qualquer paiz logo que esteja organizado e completo o trabalho em Cuba.

O imposto não visa a crear monopollo e nem causar a elevação exagerada dos preços, elle tem por fim tão somente garantir a estabilidade de um preço remunerador no mercado interior, permitindo dessa fórma ao lavrador contar com valores certos, embora variaveis, para o custeamento da fabrica e para calcular com a possivel aproximação suas despesas e satisfazer seus compromissos nos prazos e nas condições estipuladas. É preciso, sustentar o seu credito desemponhando-o com regularidade e pontualidade.

O plano que acabei de esboçar não só encerra um beneficio real para a lavoura sem prejudicar as vendas dos Estados, como tambem firmará o credito e robustecerá a organização da lavoura. Aceito e exentado o projecto proposto, não está resolvido todo o problema da lavoura; é preciso tambem transformar o systema de vendas ou commercio do assucar nas praças do Brazil.

Os commissarios taes quaes existem não nos prestam mais os serviços que os tornavam necessarios. A situação em que se acham os principaes compradores, por serem poucos em relação á importancia da praça do Rio de Ja-

nelro, os colloca na posição de impor nos commissarios que precisam vender a sobriedade do ricas, preços prejudiciaes inteiramente aos productores e que são a ruina da industria amucareira.

É necessario a criação de escolas, embora com alguns dos actuaes commissarios, para a venda do assucar e do alcool, organizadas, tendo por base a associação de interesses ou remuneração preestabelecida entre vendedores e productores, aproveitando-se para essa nova organização o auxilio com que o governo da União soccorre á lavoura pondo a disposição della por meio da canção por deposito do genero, avultada somma, como tive o prazer de dizer-vos. Esta Hódia fica apenas esboçada, porque é a associação dos lavradores que cabe dar-lhe desenvolvimento e applicação no plano geral da reorganização agricola e industrial de nosso paiz.

As conclusões com que me comprou encerrar esta exposição vos serão apresentadas como vos disse, pelas representantes da lavoura composta no Congresso de Agricultura. Estas conclusões conterão todas as medidas que a lavoura do Campo reclama. — *Emmanuel Couret*.

MEDIDAS PROPOSTAS E REQUERIDAS COMO

Concluzida a Exposição sobre o meio immediato de conjurar a crise, melhorando as condições actuaes do mercado do assucar da cultura da canna e fabrico do seu producto.

1. Criação de um imposto estadual na razão de 100 reis por kilo de assucar branco e 50 reis por kilo de assucar de cor.

O producto deste imposto será applicado exclusivamente :

a) Como premio ao assucar exportado para o exterior do Brazil até 2/3 da producção total e a razão de 6\$000 por sacco de 50 kilos do assucar ;

b) A despesa de arrecadação ;

c) A indemnizar o estado da importação do imposto de exportação ora estabelecido.

Serão abolidos quaesquer outros impostos sobre o assucar.

d) Ao melhoramento da cultura da canna e á criação de fabricas de extracção aperfeiçoada, sob a direcção de syndicatos agricolas ou de uma commissão de agricultores de esculha de seus collegas.

II. Convenio ou associação dos fabricantes de assucar e alcool para regular a venda e collocação de seus productos por meio de casas especiaes nas respectivas praças.

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1901.

— *Emmanuel Couret*.

CREAÇÃO DOS SYNDICATOS AGRICOLAS

Importa organizar syndicatos agricolas adotar dos existentes em outros paizes, devendo ser constituídos por fabricantes, lavradores, plantadores, jornaleiros, operarios agricolas e commerciantes.

Os syndicatos terão por fim a organização industrial da lavoura, seu desenvolvimento e seus melhoramentos, e a defesa de seus interesses, conforme as condições especiaes de cada municipio, e promover o ensino agricola e fabril, theorico e pratico, e exposições de productos e instrumentos da cultura.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1901.

— *Emmanuel Couret*.

ENSINO AGRICOLA

Urge promover a criação de escolas agricolas, modestas, experimentaes, para o ensino districtal, theorico e pratico da cultura, e do preparo, extracção e fabricação do assucar e seus congeneros.

Estas escolas terão dois professores, sendo um de agricultura theorica e pratica, e outro chimico, de fabricação do assucar e seus congeneros.

As escolas serão fundadas e mantidas com uma quota tirada do producto do imposto creado para premio de exportação do assucar e por meio do subvenção do Estado e contribuições dos municipios e dos particulares; e ficarão sob a direcção de uma commissão de

agricultores, organisados ou não os syndica-
tos agricolas.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1901.
— *Emmanuel Couret*.

PARECER

A Comissão nomeada para dar parecer
sobre as medidas suggeridas pelo Sr. E.
Couret concorda com ellas.

1º Para conjurar a crise actual, melhorando
as condições do mercado do assucar, da cul-
tura de canna e fabrico desse producto;

2º Para o estabelecimento do ensino agri-
cola;

3º Para a criação dos syndicatos agricolas,
entende que devem ser adoptadas, em virtude
de sua evidente e urgente necessidade, como
ficon demonstrado cabalmente na exposição
feita pelo Sr. Couret perante esta secção.

Portanto passa a formulal-as affim de que
sejam submittidas á discussão e approvação
desta secção:

I

MEIO IMMEDIATO DE CONJURAR A CRISE, ME-
LHORANDO AS CONDIÇÕES ACTUAES DO MER-
CADO DE ASSUCAR, DA CULTURA DE CANNA E
FABRICO DESSE PRODUCTO.

1º Creação de um imposto estadual na
razão de 100 réis por kilo de assucar branco
e 50 réis por kilo de assucar de côr.

O producto deste imposto será applicado
exclusivamente:

a) como premio ao assucar exportado para
o exterior do Brazil até 2/5 da produção
total e á razão de 6\$000 por sacco de 60 kilos
de assucar;

b) A despesa de arrecadação;

c) A indemnisar o Estado a importância do
imposto de exportação ora estabelecido, fi-
cando abolidos quaesquer outros impostos
sobre o assucar;

d) Ao melhoramento da cultura da canna
e á criação de fabricas de extracção aperfei-
çonda, sob a direcção de syndicatos agricolas
ou de uma comissão de agricultores de es-
colha de seus collegas.

2º Convenio ou associação dos fabricantes
de assucar e alcool para regular a venda e
collocação desses productos por meio de casas
especiaes nas respectivas praças.

II

ENSINO AGRICOLA

Urge promover a criação de escolas agri-
colas, modestas, experimentaes, para o ensino
districtal, theorico e pratico da cultura e do
preparo, extracção e fabricação do assucar e
seus congéneres.

Estas escolas terão dois professores, sendo
um de agricultura theorica e pratica e outro,
chimico, de fabricação do assucar e seus con-
géneres.

As escolas serão fundadas e mantidas com
uma quota tirada do producto do imposto cre-
ado para premio de exportação do assucar, e
por meio de subvenção do Estado e contri-
buições dos municipios e dos particulares, o
ficarão sob a direcção de uma associação de
agricultores, estejam ou não organisados syn-
dicatos agricolas.

III

CREAÇÃO DE SYNDICATOS AGRICOLAS

Importa organisar quanto antes syndicatos
agricolas *ad instar* dos existentes em outros
palzes, devendo ser constituídos por fabri-
cantes, lavradores, plantadores, jornaleiros,
operarios agricolas e commerciantes.

Os syndicatos terão por fim a organização
industrial da lavoura, seu desenvolvimento e
seus melhoramentos, e a defesa de seus inte-
resses conforme as condições especiaes de cada
municipio, e promover o ensino agricola e
fabril, theorico e pratico, e exposições do pro-
ductos e instrumentos de cultura.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1901

Concordamos.— *Dr. Francisco Portella.*—
João Antonio Tavares.— *Herculano Bandeira*
de Mello.

Proponho as seguintes emendas á 1ª parte
das conclusões do trabalho do Sr. E. Couret:

Em vez de — « Um imposto estadual do

100 réis por kilo de açúcar branco e 50 réis por kilo de açúcar de cor, diga-se.

Um imposto estadual na razão de 70 réis por kilo de açúcar fabricado.

Acréscimo-se:

c) Ao aperfeiçoamento da indústria, sob a direcção do governo, por meio de prêmios à fundação de usinas de açúcar aperfeiçoadas, de capacidade maxima de 6 toneladas de açúcar por dia de 15 horas.

Sala das comissões, 27 — 9 — 1901. — *Augusto Ramos.*

Enuncia a proposta do Sr. Emmanuel Couret:

Art. 1º Onde se diz «criação de um imposto estadual» diga-se:

Criação de um imposto estadual de fabricação, cobrado às respectivas fabricas.

Redija-se a minuta do seguinte modo:

d) Ao aperfeiçoamento da indústria do açúcar, tanto na parte cultural como na industrial e commercial, á criação de escolas agrícolas e á constituição de syndicatos agrícolas que zelem pelos interesses da classe em todos as suas manifestações.

Sala das comissões, 28 de setembro de 1901. — *Dr. Francisco Portella.* — *E. Jacy Monteiro.* — *Augusto Ramos.*

Enuncia a proposta E. Couret :

II

ENSINO AGRICOLA

Divulgação da instrução agrícola e profissional essencialmente pratica.

Rio, 28 de setembro de 1901. — *E. Jacy Monteiro.*

MEMORIA — A industria açucareira no Brazil

Dr. Augusto Ramos

I

Nenhuma industria brasileira mereceu, na hora presente, maiores cuidados e mais desvelada attenção, do que a do açúcar, quer por parte dos que dirigem a alta administração do país, quer dos que estudam a sua

economia e de sejam contribuir para o melhoramento dos seus enormes embarços actuaes.

Representa o café, em duvida, maior valor intrínseco na riqueza nacional e ninguém lhe poderá recusar o logar de arbitro supremo e indiscutivel na hierarchia economica dos nossos productos, pois, si do chefe nos faltasse, o Brazil ver-se-hia arreemado á posição de infimo mendigo dos artigos mais indispensaveis ás suas primeiras necessidades.

No entanto, sob o ponto de vista mais elevado, mais nacional mesmo, si me permitem a expressão, o açúcar offerece uma influencia mais collectiva, pois interessa, *de um modo directo*, pela área consideravel onde pôde ser produzido, o bem-estar e a fortuna de maior numero de nossos Estados.

Um outro motivo existe que deve attrahir para o açúcar os desvelos dos que tem a obrigação de orientar o trabalho nacional e de o amparar nos seus desfallecimentos, rodoando-o de meios que lhe provinhem e lhe servem em crises.

Esse motivo decorre da differença capital que existe entre o modo de produção do café e do açúcar. A importancia da produção do café repousa principalmente na parte cultural; a do açúcar reside, em essencia, na parte industrial, e como a cultura do café se faz proveitosamente mesmo com processos rudimentares, tradicionais, o seu exito depende quasi que exclusivamente da natureza do solo e do trabalho braçal (admittindo que elle se faça em zonas apropriadas).

A do açúcar, ao contrario, depende, para ser proveitosa, do preparo intellectual dos seus directores e da perfeição dosapparelhos em acção, isto é, de dotes que só pelo estudo se adquirem e de instrumentos que só no estrangeiro se encontram e continuamente se aperfeiçoam.

Esses elementos discordantes, no passo que facilitam extraordinariamente a produção açucareira, cumulam de difficuldades a in-

dustria do assucar e a tem trazido de muitos annos atrazada.

Aceresce ainda que nós temos, por assuadizer, o monopolio do café e, na luta universal, é quasi sómente a parte commercial que nos preoccupa, tendo por objectivo principal arruinar os intermediarios e os obstaculos aduaneiros affim de, mais intimamente, nos approximar dos consumidores.

Com o assucar, além de todas essas difficuldades a vencer, precisamos lutar com formidaveis concorrentes que, ao lado dos inextinguíveis recursos de que dispõem, conseguiram uma organização incomparavel quer sob o ponto de vista da direcção, quer em relação aos elementos estatísticos de provisão mathematica com que entram em acção.

Quando baixam os preços do café, somos nós que determinamos esse phenomeno com o excesso da nossa produção, somos victimas da nossa pujança productiva.

No entanto agora que vendemos o nosso assucar por um preço nunca visto, existem ainda grandes mercados Internacionais que se abastecem com assucar que não é nosso e da onde nos vemos arredados por numerosos concorrentes que fabricam um producto melhor e mais barato do que o nosso.

Somos esmagados pela nossa fraqueza industrial.

Mas essa situação pôde ser melhorada por um conjunto de medidas que vamos tentar indicar. Para agirmos com segurança, porém, será necessario fazer o estudo affim repleto de ensinamentos, da industria assucareira nos principaes palzes productores e examinar ou seguida os elementos de combate com que possamos contar na luta formidavel em que se acham empenhados quasi todos os povos do mundo civilizado.

II

Na luta pela conquista dos mercados acham-se, ha muito, frente a frente, o assucar de canna e o assucar de beterraba.

A fabricação aproveitavel do assucar de beterraba data dos tempos napoleonicos e, até ha pouco tempo, localizou-se sempre na Europa continental.

O assucar de canna é muito mais antigo e tem sido cultivado principalmente na America, na Asia e na Africa.

Na Europa é a Alemanha o maior paiz assucareira e essa industria, já adiantada ali, em 1870, tem, desse anno em diante, um incremento fabuloso, aperfeiçoando-se simultaneamente a parte cultural, a fabricação dosapparelhos e os processos de fabricação.

A Austria, a França, a Belgica e a Russia constituem outros tantos centros productores de primeira ordem, dotados dos elementos mais adiantados da industria.

A França, por muito tempo estacionaria e rotineira, recusou-se a seguir os progressos de sua rival, conservando-se até ha poucos annos em lamentavel atrazo, cuja responsabilidade cabe em parte aos seus legisladores. E' assim que só se resolveu abandonar as covadeiras e prensas quando se viu esmagada pela Alemanha coberta de fabricas trabalhando pela diffusão. E' assim ainda que só ultimamente está adoptando as bombas de ar secco e os condensadores barometricos, de uso corrente na Alemanha ha mais de 30 annos.

E' assim finalmente que, ao influxo de uma lei inconveniente, na occasião, pela qual o imposto lucidia no assucar produzido, enquanto, na Alemanha, elle posava sobre a beterraba, a França conservou por muitos annos quasi estacionaria a riqueza saccharina da beterraba, que, entretanto além-Rhono, subia constantemente até attingir o gráo elevado que ali hoje se admira.

Actualmente as differenças de apparellagem, de cultura e de processos tendem a nivellear-se em todos os palzes productores, e não se introduz nenhum melhoramento que se não espalhe com rapidez.

A invenção de processos novos tornou-se já até uma mania ou, antes, um instrumento de especuladores, pois diariamente os vemos

urgir nos mais lousaticos annuncios, tal qual formavam, na moderna therapeutica, os novos melhoramentos de eplimera duração e perullos e os eplotos.

Umquanto tempo se passava na Europa com a beterraba, o açúcar de canna soffria alternativas do florescimento e decadencia e em certos períodos houve adoptar as melhoras mentes introduzidas na fabricação européa. Generalizaram-se, por exemplo, os apparelhos do vapor, tanto para o cozimento como para a evaporação, e houve mesmo occasões em que a fabricação emparelhou com a da Europa, com excepção da parte relativa á extracção do caldo, em que até hoje se empregam ainda, na quasi totalidade das indus, as moendas, enquanto com a beterraba, como dissemos, ninguém mais trabalha com a diffusão.

Na parte cultural infelizmente é que não se progrediu, ou mesmo, em certos palzes, retrogradou-se e só nos ultimos annos é que surge a esperanza de aperfeiçoamento com a cultura por meio de sementes que ninguem mais acultivava vivavel.

Por muito tempo pareceu a todo o mundo impossivel a victoria da beterraba, face as vantagens indubitaveis da canna. A ignorancia é a morte, porém, viverem de ceder o passo á sciencia e á tenacidade dos européos, e enquanto a produção do açúcar de canna se conservou quasi estacionaria, o açúcar européu desenvolveu-se espantosamente e foi pouco a pouco avastallando os mercados e hoje a sua produção é superior ao duplo da de canna real.

O quadro que segue no verso mostra claramente o movimento dos dois productos nos ultimos annos, bem como o aumento, de anno para anno, do açúcar produzido em todo o mundo.

Com o espantoso crescimento na produção do açúcar de beterraba, deu-se o que era de prover. Os diversos productores chocaram-se nos mercados do consumo e cada palz tratou de promulgar leis que lhe facilitassem o triumpho na concurrencia travada.

Creeu-se então o systema que tem dado o mais estrepitos resultados, mas de tal modo artificial, pelo excesso de sua duração, que presentemente os grandes palzes exportadores de açúcar na Europa, acham-se em uma posição falsa e arriscados a ver a cada momento irromper o vulcão que surdamente lhe surge aos pés.

Foi inventado o *premio do açúcar*, segundo o qual todo o açúcar offerecido á exportação é alliviado do imposto de consumo interno e recebe ainda dos principaes governos uma certa quantia por unidade exportada, que lhe permite nos mercados estrangeiros apresentar-se em excellentes condições de preço e lutar vantajosamente com os demais concorrentes.

Na Alemanha, França e Austria o premio de exportação é concedido directamente; na Russia essa concessão é velada por um systema especial que, afinal de contas, conduz aos mesmos resultados.

A França, além das vantagens enumeradas, favorece ainda a produção do açúcar por meio de premios á fabricação.

Ora, é claro que as verbas necessarias ao pagamento desses premios devião sahir do proprio palz que os concede e o resultado foi a elevação do imposto de consumo do açúcar e o encarecimento deste dentro do palz.

Dahi resultaram duas consequencias finaes: alto preço do açúcar para a população do palz productor e baixo preço para o palz importador.

Foi a Inglaterra principalmente quem se aproveitou, á custa sobretudo das classes consumidoras da Alemanha, da França, da Austria e da Russia, de um semelhante systema, o tem obtido por um preço baixo não só o açúcar para a sua alimentação propriamente dita, como para a criação e florescimento de suas industrias de confectos e outras, tendo por base o açúcar.

Presentava-se, por exemplo, o seguinte facto (que hoje subsiste com pequena differença):

	1893-0	1894-0	1897-8	1896-7	1895-6	1891-5	1893-1	1892-3	1891-2	1890-1	1889-0
Assucar de beterraba :											
Austria-Hungria	4.100	4.022	89	920	781	1.015	831	703	744	707	7.0
Allemanha	4.779	4.720	1.844	1.821	1.637	1.831	1.338	1.230	1.194	1.329	1.261
França	800	782	773	708	625	715	540	550	610	687	771
Russia	900	755	720	720	717	691	617	40	512	553	418
Belgica	270	200	231	280	220	210	220	163	160	184	209
Hollanda	170	130	123	156	163	80	72	65	41	67	53
Dinamarca	40	40	34	34	44	37	27	20	20	20	20
Suecia	80	60	88	100	79	70	41	30	26	22	17
Rumania, Italia e Hun- gria	70	40	40	40	50	40	40	40	43	41	41
Total	5.300	4.794	4.688	4.800	4.246	4.698	3.789	3.344	3.415	3.640	3.503
Estados Unidos	95	12	41	40	50	20	20	12	5	2	2
Total geral	5.395	4.806	4.729	4.840	4.296	4.718	3.809	3.356	3.420	3.642	3.505
Assucar de canna :											
Barbadas	40	52	62	53	30	52	67	70	60	65	60
Brazil	180	150	260	180	210	250	240	290	180	220	160
Cuba	400	310	315	220	240	978	1.100	823	932	730	490
Demerara	70	91	91	110	88	108	118	110	95	196	117
Egypto	100	100	91	85	80	70	70	65	60	45	50
Guadeloupe	30	30	35	46	45	42	42	50	48	20	46
Hawaii	270	240	255	200	260	110	135	125	137	120	112
Jamaica	27	27	30	30	30	30	30	30	30	25	24
Java	700	670	542	473	605	488	443	431	435	414	333
Louisiana	150	235	310	240	240	320	270	265	163	200	125
Martinica	30	31	28	37	40	31	30	30	20	33	37
Mauricio	130	157	129	154	100	113	141	70	145	120	124
Natal, Mayotte	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12	12
Indias Orientaes	20	20	31	50	50	50	50	50	50	50	50
Peru	100	75	65	65	65	60	55	50	40	40	40
Philippinas	100	132	100	122	296	192	215	270	210	178	173
Porto Rico	50	52	50	52	46	56	50	45	60	40	54
Reunion	40	40	41	50	48	35	40	35	40	35	32
Sant-Croix, P'ole-Ant	45	45	45	45	45	50	50	45	50	45	45
T'ondad	50	52	40	53	50	52	48	50	50	50	48
Total do assucar de canna	2.561	2.787	2.544	2.384	2.556	3.447	3.260	2.769	2.785	2.597	2.138
Assucar de beterraba	5.395	4.806	4.729	4.840	4.276	4.718	3.809	3.356	3.420	3.642	3.505
Total geral	7.956	7.417	7.243	7.224	6.832	7.865	7.069	6.125	6.205	6.239	5.763
Porcentagem sobre o total:											
Assucar de canna	32.4	31.0	31.8	33.1	37.5	40.0	46.2	45.3	44.7	41.7	37.
Assucar de beterraba	67.7	65.1	65.2	66.9	62.5	60.0	53.8	54.7	55.3	58.3	62.

Ao passo que em França se pagava um franco por um kilo de assucar, podia-se comprar com igual quantia, na Inglaterra, tres kilos do mesmo assucar fabricado pela mesmíssima França !

Como o imposto interno do assucar, nos paizes assucareiros, é pago por todas as classes consumidoras e, como relativamente á população, os produtores daquelle genero são, na Europa, em pequeno numero, é claro

que sobre estas produtoras puzesse peso o imposto, que desse modo nenhum embaraço offerece ao desenvolvimento da industria.

Hasta, portanto, recebendo a todo momento novos impulsos, tem crescido espontaneamente; e como as exportações se avolumaram e a vez mais, tambem avultaram as quantidades necessarias aos premios; para supportal-as, os governos, muito simplesmente, augmentaram a taxa de imposto de consumo interno, a cargo de toda a população!

Nenhum paiz se prestou melhor a um semelhante jogo (ão criminoso) quanto contra-produttore como a França, onde a taxa do imposto por 100 kilos era:

em 1850 de 40 francos	
em 1884 de 50	>
em 1887 de 60	>
em 1898 de 64	>

Em poucos annos chegaram ao seguinte resultado os palzes produtores — grande augmento de producao — pequeno augmento do consumo interno.

Hoje o consumo por cabeça é annualmente o seguinte:

França.....	14 kilos
Allemanha.....	15 >
Austria.....	8 >
Inglaterra.....	40 >

A producao chegou a tal ponto que os mercadores ja a não comportão e a crise está imminente.

Os Estados Unidos, cujo consumo por cabeça é de 30 kilos, além de se abastecerem em grande parte de Cuba, preclão favorecer as suas novas colonias — Porto Rico e Philipinas, e proteger igualmente a producao interna, cujo desenvolvimento anto, ha-se espanto e depois que, ha poucos annos, iniciaram a cultura da beterraba. Por isso já estabeleceram o imposto de compensação, augmentando os direitos de entrada de uma quantidade igual ao premio com que estiver favorecido o assucar importado de qualquer procedencia.

A importação dos Estados Unidos é de cerca de 2 milhões de toneladas. Com a cultura da beterraba, a sua producao total attingirá em tres annos talvez a 500 mil toneladas.

Neste mesmo prazo, Cuba, Porto Rico e Philipinas lhe poderão fornecer um milhão. Portanto, só prestará de 600 mil toneladas, cujo fornecimento lhe será disputado immediatamente por quasi toda a Europa.

A seu turno, a Inglaterra, não sómente tem limitada a capacidade de consumo, como sente a necessidade de proteger o assucar de suas colonias e lustro pela abolição dos premios por parte dos produtores do continente europeu, ameaçando-os igualmente com o imposto de compensação. Já no corrente anno estabeleceu um imposto sobre todo o assucar que importar.

A situação aggravou-se ainda mais com o rapido e extraordinario desenvolvimento da industria assucareira em quasi todas as regiões do mundo, a tal ponto, que varios palzes que ha apenas quatro annos importavam quasi todo o assucar que consumiam, não só produzem agora o que precisam, como já commecam a exportar o excesso de producao, estipulando premios perfeitamente analogos aos dos seus ex-fornecedores.

Assim vemos:

A Italia que ha quatro annos tinha 4 fabricas, hoje tem 20.

A Roumania tem um excesso de producao.

A Hespanha, que antes da ultima guerra se abastecia da Cuba, já fundou numerosas fabricas na metropole e já exporta. Com excepção de quatro ou cinco pequenos palzes da Europa, todos os outros já dispensam o assucar estrangeiro.

A Argentina já não consome o que produz.

O Perú dobrou a sua producao em seto annos, Java em 10 annos; o Egypto em oito annos e junta agora a beterraba á canna, nas mesmas usinas; e Cuba, cuja producao cubria a pouco mais de 200 mil toneladas em 1895 e 1896, já produz novamente o triplo e muito breve excederá um milhão.

Tem havido varias conferencias internacionais com o fim de chegarem, os grandes paizes productores da Europa, a um accordo do modo a abolirem os premios concedidos ao assucar; mas sem resultado.

As maiores difficuldades têm sido oppostas pela França, cujos governos bem reconhecem a urgencia de uma solução, mas, escravos de sua fraqueza politica interna, têm capitulado ante as exigencias dos proprietarios de usinas que, estolados na riqueza e na influencia adquiridas, continuam a explorar as outras classes do paiz, sem reflectirem que muito breve, queira ou não queira o governo, terão fechados os mercados e ficarão inundados pela propria producção, pois, mesmo que reduzissem de metade a taxa do imposto interno, o que não é facil, por causa do desequilibrio orçamentario, ainda assim o consumo não augmentaria proporcionalmente nos primeiros annos, sendo imprescindivel a acção do tempo nos phenomenos de tal natureza.

Hoje, em quasi todos os paizes, se póde produzir canna ou boterraba, o disso têm plena consciencia todos os interessados.

A área cultivavel da boterraba, principalmente, alargou-se do um modo assombroso.

Por toda parte os governos promovem a creação da industria do assucar ou auxiliam o seu desenvolvimento. Ha menos de um anno o Uruguay promulgou uma lei vantajosissima á installação de usinas de boterraba — sorá talvez um mercado perdido, em breve.

O Mexico favorece a producção, que encontra, aliás no paiz, condições excellentes de vida. O Chile pensa já no mesmo assumpto.

A India impõe direitos de compensação aos assucareos premiados da Europa e os faz refluir para o continente.

O Japão lança um imposto sobre o assucar e cuida de tirar proveito dos fertels terrenos da ilha Formosa, recobendo por enquanto o assucar de Java, que é hoje o

mais adiantado dos paizes productores do assucar de canna.

Que importa que em alguns de tantos paizes seja o custo da producção mais elevado do que na Europa, em Java ou Cuba? Ah! estão as Alfandegas para annullar as differenças e ah! estão os proprios productores germanicos a darem o exemplo dos syndicatos para elevar o preço do producto.

Forçoso é, pois, confessar que, com excepção da Inglaterra, cuja importação não excede de 1 1/2 milhão de toneladas, os mercados se vão fechar e de um ou outro ponto surgirão contingentes em busca de consumidores.

O que irão, portanto, fazer do assucar que não podem consumir, Alemanha, Austria, França, Russia, Belgica e Hollanda, cujo excess o total de producção sobre o consumo, no corrente anno, é computado em mais de tres milhões de toneladas?

A crise terá uma outra consequencia. Com o augmento das usinas de assucar o o aperfeçoamento lucessante de sua apparellhagem corollarlo da pujança nunca vista desta industria, multiplicaram-se na Europa as fabricas de machinas e apparelhos, as quaes têm enriquecido os seus accionistas, mas terão de soffrir um formidavel choque com o retrahimento imminente da industria assucareira europêa. Serão milhões e milhões de francos imputados e de pequena applicação na Europa.

Esses estabelecimentos buscarão anciosos outros mercados no estrangeiro e concorrerão com a sua industria e provavelmente com alguns capitães para o desenvolvimento das fabricas de assucar nas numerosas reglões que buscam libertar-se da importação de assucar europêo. Serão por conseguinte, outros tantos elementos a contribuir para a humilhação dos mercados consumidores, e para que reflua em mais promptidão para o continente europêo os assucareos que ali forem produzidos. E' bem provavel que tambem no Brazil se faça sentir as consequencias de um tal estado de cousas.

III

Apresentada de um modo geral, embora succintamente, como fizemos, as condições actuaes da industria açucareira, no mundo, as suas tendências naturaes e a orientação que lhe devem imprimir as necessidades e conveniências dos paizes productores e consumidores, vamos estudar as condições em que vive essa industria no Brazil; a influencia sobre ella da concorrência universal e a orientação a que deve obedecer afim de prosperar. Procuramos em seguida indicar as medidas que nos parecem convenientes a esse objectivo.

O Brazil não possui estatística e tem feito e continúa a fazer o possível para continuar sem ella; o povo não se importa com a sua existência; os governos não comprehenderam ainda o seu alcance. As nossas repartições estatísticas nem essa de denominação merecem em vez de úteis são perniciosas.

E mil vezes melhor não dizer nada do que prestar informações inexactas.

Ninguém imagina o desespero que se apodera de quem procura colligir informações para um estudo qualquer. Por toda a parte esbarra com a inercia, a indifferença, senão a má vontade dos encarregados do serviço e o resultado é abandonar-se a tentativa ou a uma indefinida lamentação.

Em assumptos industriaes só temos uma fonte, mas essa mesma incompleta:

São os relatorios das consules estrangeiros que fazem verdadeiros milagres para colligir as magras informações que remettem aos respectivos governos.

Os dados em que me vou basar, por consequencia, são apenas approximados e foram colligidos em fontes e parças diversas ou deduzidos por generalização. São todavia sufficientes para as conclusões rigorosas a que pretendo chegar.

—

O açúcar produzido no Brazil e que pelas fabricas é remettido aos portos de mar, afim

de ser vendido, pôde ser avaliado em 5 milhões de saccos ou seja 300 mil toneladas.

A maior parte desse assucar é produzida pelos Estados do Norte.

Campes produz cerca de 400 mil saccos e S. Paulo fabrica menos de 200 mil.

A produção brazileira já foi um pouco maior, mas ha seis ou sete annos começou a declinar para novamente augmentar no anno de 1900 e no anno corrente.

O assucar produzido é quasi toda consumido no Brazil. Nas safras abundantes, porém, recorremos á exportação, dirigindo-nos de preferença aos Estados Unidos e á Inglaterra.

Neste ultimo paiz concorremos em 1899 e 1900 com a Alemanha, a Austria, a Hollanda, a Belgica, a França, Java, as Philippinas, Perú, Mauritela, Guyana, Honduras e outras procelencias.

Pela bem; de todos os paizes citados, o Brazil foi o que menos forneceu, pouco excedendo a sua quota da metade da menor daquelles fornecedores. Em relação aos Estados Unidos o contingente brazileiro é igualmente pouco animador. E no consumo interno tivemos preços miseraveis e um cambio excellento para a exportação.

Si nos estão fechando os portos os nosos vizinhos, Uruguay, Chilo, Bolivia, o Mexico; si, na exportação já soffremos a concorrência dos outros vizinhos, a Argentina, o Perú e Guyana, etc.; si ha muito estarmos batidos pela Europa açucareira, é evidente, pelo caminho que levam as coisas, que dentro em muito poucos annos estaremos fatalmente encerrados em nosso pulz e forçados a consumir, nós mesmos, todo o assucar que produzirmos. Será essa, aliás, como demonstramos acima, a sorte de outros productores.

Enquanto os Estados Unidos não nos fecharem definitivamente os portos em beneficio de sua propria produção e não nos fizer o mesmo a Inglaterra, com o fim de amparar as suas colonias, poderemos tentar concorrer aquelles dois grandes mercados abortos por

algum tempo ainda á voracidade do mundo assucareiro.

Para o conseguir, porém, será indispensavel que o custo da produção do nosso assucar seja, no maximo, igual ao dos nossos principais concorrentes. Vamos vêr se é isso possivel e quaes os meios de que devemos lançar mão para que o seja.

Para isso temos de comparar o custo de produção do nosso assucar com o do assucar estrangeiro.

E' extremamente difficile determinar o custo de produção do assucar em qualquer paiz o principalmente no Brazil, onde elle apresenta tão accentuadas variações que chegam a parecer extravagantes. Em 1899 em Campos o custo de produção foi de 25\$ a sacca; no corrente anno tem-se produzido até a 6\$000.

Em outros paizes não ha tambem flidez, embora não sejam tão pronunciadas as oscillações.

E' que habitualmente a parte cultural é a parte industrial não pertencem ao mesmo possuidor.

O custo industrial não é elevado principalmente para o assucar de canna; o pouco fluctua. Tambem succede o mesmo á produção cultural; esta porém, sempre que se lhe depara oportunidade, exige, como remuneração, preços proporcionaes ao do assucar e se estes estão altos, as usinas são obrigadas a comprar a canna a peso do ouro.

Para conhecer, portanto, o custo minimo de produção do assucar, será necessario determinar o custo cultural effectivo, mélio da canna o entrar com esse custo no trabalho das usinas.

Com a beterraba tem-se dado o seguinte curioso facto, aliás perfeitamente explicavel: o assucar tem baixado constantemente de preço e, entretanto, o preço da beterraba tem subido sem cessar. E' que sua riqueza sacharina tem sempre melhorado — o que infelizmente não se deu com a canna.

Para não alongar este trabalho daromos

sómente o custo de produção do assucar na Allemanha, quanto á beterraba; e em Cuba, Java e Perú, em relação á canna.

Nenhum paiz produz, em média, mais barato do que esses e, portanto, o custo do seu assucar é que deve servir de padrão para ser comparado ao custo de produção do assucar brasileiro.

IV

Determinação do custo de produção do assucar:

ALLEMANHA

O valor da beterraba tem subido constantemente de preço apesar da marcha inversa do preço do assucar.

Em 1899-1900 foi de cerca de 24 francos em média o custo da tonelada.

O custo da fabricação, ao contrario, tem diminuido sempre, graças, sobretudo, ao augmento de capacidade das usinas, traduzido uma alta concentração industrial.

Na Allemanha, os dois milhões de toneladas de assucar são produzidos em cerca de 400 usinas apenas.

O custo de fabricação, que era de 20 a 25 francos ha 25 annos, é agora de 11 a 12 francos por tonelada de beterraba fabricada.

Hoje o custo de produção pôde ser avaliado em 25 francos por 100 kilos ou, ao cambio de 12, em 200 réis por kilo.

No Perú, o custo médio de produção é de 16 a 17 francos por 100 kilos, o que corresponde, ao mesmo cambio, a mais ou menos 135 réis o kilo.

Em Cuba o custo de produção pôde ser avaliado tambem em 20 francos, admittindo uma extração média de 10 % em assucar, pelo menos, em relação ao peso das cannas.

Nessa quantia figura o custo da canna como 12,50 francos a tonelada ou 10\$ ao cambio de 12 e o resto representa o custo de fabricação e as despesas geraes, inclusive amortização.

Ao cambio de 12 toneladas 16\$ por 100 kilos ou 160 réis por kilo.

JAVA

Quer sob o ponto de vista cultural, quer em relação ao trabalho industrial, Java occupa hoje o primeiro lugar entre todos os países produtores da canna de açúcar.

Cabe ao genio hollandez, abt representado, a gloria de conservar para o açúcar da canna um lugar de honra ao lado do açúcar europeo, constituindo um exemplo fôrmo para os cultivadores daquella grammica e amparando-os no completo desfalecimento em que iam cahindo ao embate da heter-raba triumphante.

A essa bella ilha, modestamente occulta na vastidão das mares asiaticas, deve o Brazil o mais profundo reconhecimento, pois é allí, no sopé de suas montanhas, que pode contemplar, balouçando-se no influo do progresso e do trabalho a bandeira es-porrançosa da regeneração de sua industria açucareira, que hoje se debate e magala pela improvidencia e inepcia nossa.

O solo e clima de Java são apropriados ao cultivo da canna. É forço confessar, todavia, que, mais do que as suas condições naturaes, cabe ao esforço e á capacidade de seus filhos o grande adeantamento da industria açucareira, que todos lho reconhecem.

Basta acompanhar o augmento da produção de açúcar, por unidade de área cultivada, que allí se observa, ha mais de 50 annos, para que o facto se evidencie. Com effello, essa produção por hectare tem sido a seguinte em toneladas de açúcar:

Em 1833.....	1	tonelada
Em 1850.....	5	toneladas
Em 1888.....	8	>
Em 1905.....	8 1/2	>
Em 1913.....	10	>

É com o auxilio do arado, dos fertilizantes e da irrigação, da chimica e da meca-

nica que tem sido conseguido tão extraordinario resultado.

Por esse motivo o custo da produção do açúcar não é tão baixo como no Porto e em algumas zonas do Brazil, onde a riqueza do solo e a propiedade do clima quasi dispensam o trabalho do homem e reagem até contra a sua criminosa intervenção.

Contudo esse custo é ainda muito favoravel e pôde ser aviado em 20 francos por 100 kilos de açúcar ou 160 réis por kilo, isto é, igual ao custo da produção de Cuba.

BRAZIL

Nenhuma região do mundo offerece ao cultivo da canna condições mais favoraveis do que as de varias zonas de alguns Estados do Brazil, desde S. Paulo até Maranhão.

É incontestavel, sem duvida, que nos proprios Estados açucareiros encontram-se grandes extensões de terreno desfavoravel e improprias.

Não é menos verdade, entretanto, que a área apropriada é immensa e seria capaz por si só de alimentar o consumo universal.

Em S. Paulo, no Rio, em Pernambuco ou Sergipe encontram-se terreno cuja produção attinge a 160 toneladas de canna por hectare, capazes, portanto, de offerecer mais de 15 toneladas de açúcar.

A produção média, entretanto, é relativamente muito baixa e varia com o estado do solo, a época e o modo da plantação e outras circumstancias que sobrevem, improvidas umas, outras ocultas de nossa improvidencia ou ignorancia.

As condições em que se effectua o cultivo offerecem, entretanto, grande analogia nos diversos Estados, com excepção, talvez, de S. Paulo, onde o trabalho é muito mais caro.

Todavia, a differença resultante não é tão sensivel quanto poderia parecer á primeira vista.

O jornal operario é quasi igual em Campos e no Norte, sendo neste um pouco mais barato.

Os terrenos que circundam as usinas, em qualquer dessas duas regiões, são, em sua maior parte, cultivados ha muito tempo, encontrando-se em Campos e, provavelmente em Pernambuco, trechos que com pequenos intervallos produzem canna ha mais de 100 annos, mantendo sensivelmente a mesma capacidade productiva, sem receberem a menor dóse de um fertilizante qualquer e muitas vezes desconhecendo a acção benéfica do arado e muito menos da irrigação.

São os mesmos os systemas do trabalho, produzindo-se a canna por administração, por emproitada ou por parceria.

Tambem a riqueza sacharina da canna pouco differe, variando em geral de 9 a 11 grãos Beaumé, na estação apropriada á colheita. Vou, por isso, determinar o custo de produção do assucar em Campos e adoptal-o como custo médio nas zonas assucareiras do Brazil.

As usinas em Campos abastecem-se de canna, comprando-a ou produzindo-a em terrenos de sua propriedade. Em geral custam-lhes menos as desta ultima procedencia.

O plantio se faz com as pontas de canna (olhaduras) ou com a propria canna, sendo este systema menos frequente por ser mais dispendioso.

O trabalho de produção da canna divide-se em : 1º, preparo do terreno ; 2º, plantio ; 3º, tratamento ou capinação (capleão) ; 4º, corte da canna ; 5º, transporte até a usina.

O preparo do terreno faz-se a enxada ou a arado, tendendo este ultimo a generalizar-se, felizmente. Como esse preparo póde ser mais ou menos completo, o seu custo não é uniforme. Além disso, alguns terrenos fornecem um só corte e precisam, para produzir, soffrer novo preparo e ser plantados de novo.

Outros produzem dois cortes e outros tres ou mais. É necessario, pois, tomar um caso médio e determinar-lhe o custo.

Pelas informações collidas e observações proprias, penso não me afastar da verdade adoptando o dispendio de 100\$ por hectare para o preparo e plantio do terreno.

O tratamento do cannaval não excede em geral de 40\$ por hectare, favorecido o interessado habitualmente com a colheita do milho, cujo cultivo é permittido entre as ruas do cannaval.

Quanto ao custo do corte, elle não excede em geral de 1\$500 por carro ou 1\$ por tonelada e como a produção média é, em geral, de 60 toneladas, aquella operação póde ser avallada em 60\$000.

Resta determinar o custo do transporte.

Este é variavel com a distancia ; póde-se adoptar como média, folgadamente, 2\$ por tonelada ou 120\$ por hectare.

Recapitulando, temos por hectare :

Preparo do terreno e plantio.....	100\$000
Tratamento.....	40\$000
Colheita.....	60\$000
Transporte.....	120\$000
Total.....	320\$000

Dividindo esse custo por 60 toneladas, que é a produção obtida, conclue-se que o custo de produção por tonelada é de 5\$300.

Esse preço não é ultrapassado em Campos, nem mesmo attugido e firmemente acreditado que poderá ser mantido no Norte como regra geral.

Pelos relatorios e informações de algumas usinas de Pernambuco e Sergipe estou informado de que o custo de cada tonelada de canna tem sido mais elevado ultimamente.

Para isso, porém, têm influido causas transitorias que podem ser removidas ou naturalmente desaparecem.

Em primeiro lugar cumpre notar que a maior parte das usinas não se contentam em

trabalhar durante tres ou quatro mezes da estação propria e vão muito além.

Isto indica evidentemente que o trabalho offerese largas margens de lucros, pois o rendimento não é o mesmo em épocas differentes. Resulta daquelle circumstancia que as usinas têm forçado a produção da canna e para o conseguir têm elevado os preços e vantagens em beneficio dos productos.

A necessidade habitual de adiantar dinheiro importa quasi sempre em uma liquidação de favoravel á usina (muitas vezes já prevista e por elle accelta).

Os transportes igualmente encarecem a materia prima e assim tambem o fornecimento de elementos (pontas) no primeiro anno de cultura de um terreno qualquer. Por ultimo convém levar em conta os altos preços absolutamente anormais das usinas de 1898-1899 a que se referem os relatorios e informações e forçoso será admitir a facilidade serõo conveniencia em conceder alta remuneração aos plantadores de canna. Dadas estas explicações, mantenhâmos, como custo médio de produção de cada tonelada de canna, o preço de 5430.

Vejamos o custo de fabricação e as outras despesas que pesam sobre a usina.

Em um trabalho regular e havendo o necessario equilibrio nos elementos de fabricação, quanto maior for a usina menos se gasta, proporcionalmente.

Afim de calcular com margem, escalharei uma usina molesta, fabricando 12.000 sacos de 50 kilos em 120 dias, ou consumindo coisa de 75 toneladas de canna por dia de 14 horas, com uma so turma.

As despesas diarias serão :

30 pessoas na fabricação a 2\$500	75\$000
Cal, lubrificante e pequenas reparações diarias	40\$000
Combustivel — 7 1/2 toneladas a 8\$000.....	60 000
Sacos.....	80\$000
Imprevistos.....	28000
	<hr/>
	275\$000

A deluzir :

500 litros de alcool	60\$000
Total	<hr/>
	215\$000

Em 120 dias	25:800\$000
Reparações gerais e conservação	20:000 000
Administração e gastos gerais ..	18:000 000
Amortização.....	20:000\$000

Total da despesa annual, ... 94:800\$000

Canna empregada 9.000 toneladas.

Custo de fabricação de cada tonelada 10\$100.

Juntado esta quantia ao custo da canna, teremos por tonelada de canna fabricada 15\$700.

Admittindo um rendimento allás frequentemente atingido de 8 %, teríamos que cada tonelada produziria 80 kilos e o custo de produção final seria de $\frac{15\$700}{80} = 196$ réis.

Esse custo de produção não é excedido nem pelas fabricas do Norte e conheço varias usinas de Campos que mesmo não extrahindo mais de 8 % de assucar, conseguem o custo de produção bastante inferior a 200 réis por kilo.

Vê-se, pois, que, com excepção do Perú e de Cuba, nenhum paiz poderá disputar no Brazil a victoria na concurrencia do assucar.

No calculo exposto eu admitti um rendimento de 60 toneladas por hectare. E' frequente não ser atingido esse resultado e a muitos parecerá prudente não tomar por base mais de 50 toneladas. Isto é perfeitamente exacto, mas convém advertir que essas colheitas reduzidas se referem a cannas de moens. No esse caso, porém, as despesas se reduzem e o custo da tonelada de canna torna-se ainda menor.

Em primeiro lugar quasi desaparece o custo do preparo do sólo, que é substituido pelo do trabalho de arradar a palha que importará em 20\$ por hectare, no maximo.

O corte e o transporte da canna se redu-

zem proporcionalmente e chegaríamos ao seguinte :

Arrodamento da palha.....	20\$000
Tratamento.....	40\$000
Côrto de 40 toneladas.....	10\$000
Trausporto de 40 toneladas.....	80\$000
Total.....	180\$000

Custo de produção de uma tonelada: 4\$000, em vez de 5\$300, o, portanto, muito mais favorável. Vejamos se o preço que deduzimos, de 196 réis o kilo, poderá ser ainda reduzido. Nada é mais fácil de conseguir; basta reflectir que se pôde eliminar completamente o dispendio de combustível — como fazem hoje as usinas bem installadas, que aproveitam todo o poder calorífico do bagaço. Por outro lado, não ha nenhuma difficuldade pratica em conseguir elevar a 10 % a extração do assuear da canna brasileira, sem mesmo tançar mão da diffusão.

Cuba consegue-o em grande parte das usinas; o mesmo se observa no Egypto e em Java.

Si admittirmos esses dous aperfeçoamentos, teremos reduzido o custo de produção a 150 réis por kilo.

Existem em Campos varias usinas gastando muito menos do que essa que acima figurei para servir de base aos meus calculos.

Entre ellas, fuma visitei, que me deixou funda impressão. É a Usina do Becco, pertencente ao Sr. commendador Antonio Manoel da Costa, septuagenario que a dirige ha muitos annos, mantendo-a sempre em estado admiravel, digna de servir de modelo aos seus companheiros Indústriaes.

Esta usina fazia 100 saccos por dia. O pessoal nella empregado era de 28 pessoas entre as quaes alguns meninos. Enquanto trabalhãõ as moendas, não gastava um pão de lenha. Esta só era necessaria durante uma ou duas horas por dia.

Quando a visitei, a usina despendia o seguinte diariamente:

Pessoal da usina, inclusive administração	80\$000
Gal, lubrificantes e diversos.....	30\$000
Lenha (mais ou menos).....	20\$000
Saccos.....	80\$000
Total.....	210\$000

Produção, 100 saccos ou 6 toneladas de assuear. Custo de fabricação por kilo, 35 réis.

A canna do que se abastecia a usina era em parte comprada e em parte produzida em suas proprias terras, por administração. O digno proprietario me informou e demonstrou muito detalhadamente que cada carro de 1.500 kilos de canna cultivada pela propria usina, custava menos de 5\$, incluindo o transporte. Adoptando esta quantia e admitindo uma extração de 8 % em assuear, sobre o peso das cannas, que certamente era excedida, acharemos que cada carro produziria 120 kilos de assuear e, portanto, o custo deste, que cabia á parte cultural, era de 42 réis.

Para cobrir o custo de conservação e reparações, que, como verificuel, para os annos anteriores, era insignificante, podemos admittir a verba proveniente do alcool produzido, que podia ser avaliada em 8 a 10 contos na safra.

O custo de produção do assuear, portanto, não incluindo a amortisação, era nas condições em que encontrei a usina de $35 + 42 = 77$ réis por kilo. Si adicionarmos á verba correspondente a amortisação do estabelecimento, esse custo se elevaria, no maximo, a 110 réis por kilo.

A usina nada offerencia de extraordinario, nem na cultura, que era feita em terrenos ha muitos annos cultivados, nem na apparellagem, que era a do typo commun. O que impressionava era a regularidade do trabalho e sobretudo o funcionamento admiravel das fornallias do bagaço, cujo systema e fórma, allás, nada tinham de especial.

Si em vez de um triplice effeito a usina possulse em quadruplo e mais longas fossem as caldeiras de vapor, o se empregasse, como

em Java, a repesão dupla, evidentemente nem mais um quintum do duplenho a extração em vez de 100, iria a 11 % de aumento, sobre o peso das canhas e o custo de fabricação não attingiria a 100 por kilo. (A canna tinha 11 Beaume.)

Seria facil a qualquer jedna de Campos obter as vantagens da Unia do Brasil, pois que são desenvolvimento lentissimas as condições locais da maioria dellas. Podemos, pois concluir: primeiro que o assucar em Campos pôde ser produzido desde ja (embora o não seja) a 110 réis o kilo; segundo que mediante aperfeiçoamentos, não dependendo nem demorados, o seu custo de produção não poderá deoer a menos de 100 réis.

Acredito que em muitas zonas do Norte os mesmos resultados poderão ser conseguidos. Fica, pois, demonstrado que nenhum paiz do mundo offerece á industria do assucar condições superiores ao Brazil. Para prosperar e manter-se industrialmente, esta industria só tem necessidade de uma coisa: organizar-se.

V

MEDIDAS APPLICAVEIS Á INDUSTRIA AÇUCAREIRA NO BRAZIL.

Essas medidas devem ser de tres categorias, porque devemos ter tres objectivos.

1.º Medidas tendentes de um modo geral á conservação e áperfeiçoamento da industria.

2.º Medidas tendentes a amparar a produção actual, na quadra difficil que atravessa o a preparar-lhe rapidamente condições estaveis de prosperidade.

3.º Medidas que habilitem o produtor nacional a lutar com efficaça, nos mercados estrangeiros, ainda existentes, com os seus formidaveis concorrentes, offerecendo-lhe elementos que lhe permitam exportar, sem prejuizo, uma parte do sua produção.

A primeira ordem de medidas deve consistir em promover o abajamento do custo da produção, melhorando os methodos cultivos e os processos de fabricação.

Para o conseguir convirá vulgarizar os processos modernos de cultura pelo preparo conveniente do solo e pela selecção das sementes. Só pelo exemplo serão conseguidos resultados apreciaveis. Convirá, pois, fundar em varias zonas, criteriosamente escolhidas, campos de demonstração ou estações experimentaes, modestas, mas bem orientados.

Em relação á parte industrial será mister licuitar no espirito dos interessados a conveniencia das modificações a introduzir em seus estabelecimentos. Será indispensavel, para que tenha efficaça, a mais criteriosa intervenção, por parte dos homens escolhidos para uma tao delicada missão.

Devem possuir, além de um provado bom senso, o mais sólido preparo tecnico e o mais affinado espirito pratico de maneira a conseguirem tirar todo o partido das installações existentes, seja quanto á segurança e vantagem dos resultados, seja quanto á economia e praticabilidade das modificações. Não será facil encontrar pessoal adequado, no entanto a medida se impõe e deve ser enfrentada.

A 2ª e 3ª ordens de medidas acham-se muito intimamente ligadas e podem ser tratadas em conjunto. A fim de vencermos a crise que nos oprime, é indispensavel dar prompto consumo ao assucar produzido e proporcionar ao produtor os meios de vender os seus productos sem a precipitação a que tem sido forçado, sob a pressão das mais urgentes necessidades e cujo offeito unico só tem aproveitado aos intermediarios.

Este ultimo objectivo pôde ser conseguido principalmente proporcionando-se aos productores por meio do credito os recursos que lhes são indispensaveis. É claro que esse credito só deve ser concedido mediante as mais solidas garantias, mas deve ser prompto e absolutamente accessivel a todos os que se acharem em condições de o solicitar. Em outro logar e occasião, tratarei de esse detalhe, que interessa, afinal de contas a toda a produção nacional, seja qual for a sua natureza.

As medidas conducentes a proporcionar ao

assucar produzido um consumo facil e prompto, são de duas ordens.

Primeiro: as que se traduzem na completa eliminação das difficuldades existentes entre o produtor e o consumidor, difficuldades representadas pelo alto preço, irregularidade e morosidade dos transportes e pela inconveniente applicação das medidas fiscaes.

Segundo: as que facilitam a exportação. O nosso assucar não encontra no paiz um consumo sufficiente. Devemos, portanto, encaminhar para o estrangeiro uma parte de nossa produção. Mas ahi encontra elle concurrentes apparelhados de toda sorte de auxilios, directos e indirectos, naturaes e até artificiaes.

Os grandes productores com quem vamos lutar, têm linhas regulares de transportes, nas mais favoraveis condições, o que absolutamente nos falloco.

Dispõem da facilidade de transacções já ha muito preparadas e cultivadas. Conhecem a fundo o mercado e sabem explorá-lo por meio de permutas, habilmente estudadas. Possuem avultados capitales e illimitado credito.

Operam á sombra do formidavel prestigio de potencias de primeira ordem, que lhes não poupam facilidades e apoio.

Encontram, enfim, na legislação de sua patria, vantagens inconcebiveis, traduzidas em auxilio material avultado.

Nós não possuímos nada disso, e teremos portanto de lutar nas mais desfavoraveis condições.

E' natural, é justo, é indispensavel que nos organizemos de modo a dispor ao menos de alguns elementos identicos aos dos nossos adversarios.

Entre esses elementos sobressaem, por um lado, os tratados commerciaes com alguns dos paizes a quem podemos supplicar; e, por outro lado, não só a eliminação dos impostos de exportação, como a concessão mesmo de premios a todo o assucar exportado. O premio á exportação é uma medida de primeira ordem, com uma unica restricção: deve ser temporaria.

Na Europa o premio é hoje um contra-senso, porque já produziu os desejados effeitos e passou á classe dos abusos.

Forçoso é reconhecer, não obstante, que foi a arma poderosa que elevou a industria assucareira ao gráo de adiantamento que ostenta na hora presente e que constitue uma gloria do engenho humano.

E' necessario dar ao Brazil essa formidavel arma de combate, com a condição apenas de a retirar quando for opportuno.

Essa arma, allás, cahirá por si mesma, logo que todos os paizes conseguirem produzir o assucar de que precisarem — como é agora a tendencia geral, o que antes não succedia.

Como, porém, applicar praticamente as medidas reclamadas pela industria assucareira, e onde encontrar os necessarios recursos? Evidentemente em seu proprio solo.

E' mistér e urgente crear-se o imposto de consumo e delle retirar as verbas necessarias á realização daquellas medidas.

Esse imposto só pôde ser cobrado pelo Governo, e é isso que lio devemos solicitar.

Tambem deve caber ao Governo a distribuição dos premios de exportação, unico meio de a tornar praticavel.

Quanto ás medidas geraes, tendentes a aperfeicoar a industria, essas convém sejam applicadas pelos proprios interessados; e o Governo lhes deve restituir, para esse fim, como uma fracção do imposto de consumo por elle cobrado, a verba necessaria, da qual os productores, por meio de seus delegados farão a applicação com inteira autonomia e obedecendo sómente ao seu criterio e competencia.

Seria conveniente que o imposto cobrado offerecesse margem para a criação de pequenos estabelecimentos de credito agricola, cuja organização e direcção deverião ficar igualmente a cargo dos interessados.

Fica entendido que aos Estados productores será mantido uma renda perfeitamente igual á que recebem actualmento, sendo para aquelle fim retirada em primeiro logar da

renda geral do imposto de consumo, que proponho, a necessaria verba.

Rio, 25 de setembro de 1901. — *Augusto Ramos.*

Nota — Quando apresentei este modesto trabalho ao Congresso de Agricultura, ora reunido, alli encontrei em discussão a proposta do districto Industrial de Campos — Sr. Emmanuel Carret, solicitando varias medidas em beneficio da industria açucareira, entre as quaes algumas tendentes a desenvolver o ensino agricola e industrial e outras aconselhando o imposto de importação e premios á exportação. Deu-se um feliz encontro de idéas, indico vehementemente de que nos achamos no verdadeiro caminho capaz de conduzir a industria do assucar no Brazil á posição preponderante que ha muito devia estar occupando na luta internacional.

Antes de concluir me pareceu dever fazer um additamento ás medidas que acima indiquei. Trata-se do seguinte:

Afim de assegurar ao Governo do paiz os elementos capazes de imprimir á industria uma orientação compativel com a economia e conveniencia nacionaes, julgo acertado reservar ao mesmo Governo uma verba, retirada igualmente da renda do imposto de consumo, destinada a ser por elle applicada exclusivamente como premio á fundação de usinas aperfeiçoadas, de capacidade productiva não superior a 6 toneladas de assucar em 15 horas de trabalho. — *Augusto Ramos.*

PARECER

A memoria apresentada pelo Sr. Dr. Augusto Ramos sobre a industria açucareira do Brazil é um estudo completo da situação desta industria sob o ponto de vista economico e commercial, e, comparando-a com a de outros paizes chega a conclusões animadoras para o Brazil.

Pois que o café represente maior valor intrinseco na riqueza nacional, entretanto

sob um ponto de vista mais elevado e mais racional, permittida a expressão, o assucar offerece uma influencia mais collectiva, pela interessa de um modo directo, pela área consideravel, em que pode ser produzido, o bem estar, a fortuna do maior numero de nossos latidos.

Demais, faz ver a differença capital que existe entre o modo de produção do café e do assucar. A importancia da produção do café repousa principalmente na parte cultural; a do assucar reside em essencia na parte industrial; e como a cultura do café se faz provavelmente mesmo com processos rudimentares, tradicionais, depende quasi exclusivamente da natureza do solo e do trabalho braçal, ao passo que a do assucar depende, para ser proveitosa, do preparo intellectual de seus directores e da perfeição dosapparelhos em acção.

Favorece ao café o ter mercado exterior, que para o assucar é preciso conquistar em concurrencia com os assucareiros de outros paizes, cuja industria está perfeitamente organizada.

Com um espirito analytico e synthetico, esclarecido e bem dirigido, entra no estudo profundo da industria açucareira dos outros paizes, para colher elementos com que se arme a nossa para organizar-se e produzir em condições economicas de qualidade e custo a que vençam a resistencia que nos faz, nos mercados do mundo, o assucar estrangeiro.

Depois de expor e comparar a produção dos outros paizes e no nosso, e de verificar as despezas e lucros, explicando-as, chega á conclusão de que actualmente podemos produzir com summa vantagem e exceder a todas as industrias estrangeiras, uma vez que nos organizemos para fazer com todos os melhoramentos a fabricação do assucar, guiados pelos principios scientificos, e para essa organização propõe varias medidas que não podemos deixar de reproduzir, para dal-as depois em conclusões.

Essas medidas devem ter de tres categorias, porque devemos ter tres objectivos:

1.º, medidas tendentes de um modo geral á conservação e aperfeiçoamento da industria ; 2.º, medidas tendentes á amparar a produção actual na quadra difficil que atravessa e a preparar-lhe rapidamente condições estaveis de prosperidade ; 3.º medidas que habilitem o produtor nacional a lutar com effeacia nos mercados estrangeiros, ainda existentes, com os seus formidaveis concorrentes, offorecendo-lhe elementos que permitam-lhe exportar sem prejuizo uma parte de sua produção.

« A primeira ordem de medidas deve consistir em promover o abasxamento do custo de produção, melhorando os methodos cultu-raes e os processos de fabricação.

« Para o conseguir convirá vulgarisar os processos modernos de cultura pelo preparo conveniente do solo e pela selecção das sementes. Só pelo exemplo serão conseguidos resultados apreciaveis. Convirá, pois, fundar em varias zonas, criteriosamente escolhidas, campos de demonstração ou estações experimentaes modestas mas bem orientados.

« Em relação á parte industrial será mister incentir no espirito dos interessados a conveniencia das modificações a introduzir em seus estabelecimentos. Será indispensavel, para que tenha effeacia, a mais criteriosa intervenção por parte dos homens escolhidos para uma tão delicada missão. Devem possuir, além de um provado bom senso, o mais solidido preparo tecnico e o mais atilado espirito pratico, de maneira a conseguirem tirar todo o partido das installações existentes, seja quanto á segurança e vantagem dos resultados seja quanto á economia e praticabilidade das modificações. Não será facil encontrar pessoal adequado ; no entanto a medida se impõe e deve ser enfrentada.

« A segunda e terceira ordens de medidas acham-se muito intimamente ligadas e podem ser tratadas em conjuncto.

« Além do vencimento a crise que nos opprime é indispensavel dar prompto consumo ao assucar produzido e proporcionar ao productor os meios de vender os seus productos sem precipitação, a que tem sido forçado sob a

pressão das mais urgentes necessidades, e cujo effeito unico só tem aproveitado aos intermediarios. Este ultimo objectivo pode ser conseguido principalmente proporcionando aos produtores, por meio do credito, os recursos que lhes são indispensaveis. É claro que esse credito só deve ser concedido mediante as mais solidas garantias, mas deve ser prompto e absolutamente accessivel a todos os que se acharom em condições de o solicitar. Em outro logar o occasiao ou tratarei desso detalhe que interessa ainda de conta a toda a produção nacional, seja qual for a sua natureza.

« As medidas conducentes a proporcionar ao assucar produzido um consumo facil e prompto são de duas ordens :

« 1.º As que se traduzem na completa eliminação das difficuldades existentes entre o productor e o consumidor, difficuldades representadas pelo alto preço, irregularidade e morosidade dos transportes e pela inconveniente applicação das medidas fiscaes ;

« 2.º As que facilitam a exportação.

« O nosso assucar não encontra no paiz um consumo sufficiente. Devemos, portanto, examinar para o estrangeiro uma parte de nossa produção. Mas nahi encontra elle concorrentes aparelhados de toda a sorte de auxilios directos e indirectos, naturaes e até artificiaes. Os grandes produtores com quem vamos lutar toem linhas regulares de transporte, nas mais favoraveis condições, o que absolutamente nos faltece. Dispõem da facilidade de transacções já ha muito preparadas e cultivadas. Conhecem a fundo o mercado e sabem exploral-o por meio de permutas habilmente estudadas. Possuem avulta los capitales, illimitado credito. Operam á sombra do formidavel prestígio do potencias do primeira ordem, que lhes não poupam facilidades e apoio. Encontram, emfim, na legislação de sua patria vantagens inconcebiveis, traduzidas em auxilio material avultado. Nós não possuímos nada disso e teremos portanto de lutar nas mais desfavoraveis condições.

« É natural, é justo, é indispensavel que nos

organismos de modo a dar por o meios de alguns elementos identicos nos dois novos alicerces. Entre esses elementos sobresaliam por um lado os tratados commerciaes com alguns dos paizes, a quem podemos supprir, e por outro lado não só a eliminação das impostos de importação como a concessão mesmo de premios a título de animar exportado. O premio á exportação é uma medida de primeira ordem com uma unica restricção,—deve ser temporaria. Na Europa o premio é hoje um contra-censo, porque já produz o os de efeitos effectos o patron á classe dos abusos. Forçoso é reconhecer, não obstante, que foi a arma poderosa que elevou a industria americana ao gráo de indantamento que ostanta na hora presente, e que constitue uma gloria ao ingenho humano. É necessario dar ao Brazil esta formidavel arma de combate, e em a conclusão apenas de retirar quando for opportuno. Esta arma, diz, caberá por si mesma logo que todas os paizes e negociem produz o animar, de que precisamos, como é agora a tendencia geral, o que antes não succollia. Como, porém, applicar praticamente as medidas reclamadas pela industria americana e onde encontrarmos necessarios recursos? Evidentemente em seu proprio seio. É mister e urgente crear-se um imposto de consumo e delle retirar as verbas necessarias á realizção daquellas medidas. Esse imposto só pôde ser cobrado pelo governo e é isso que llo devemos solicitar.

«Tambem ao governo deve caber a distribuição dos premios de exportação, unico meio de a tornar praticavel.

«Quando ás medidas geraes, tendentes a aperfeiçoar a industria, estas convem sejam applicadas pelos proprios interessados, e o governo llo deva restituir para esse fim, com uma fracção do imposto de consumo por elle cobrado, a verba necessaria da qual os produtores por meio de seus delegados farão applicação com inteira autonomia, obedecendo lo unicamente ao seu criterio e competencia.

«Libertaremos o governo de muitas tantas

repartições e de pezas em troca da liberdade que elle nos outorga de dispensarmos a sua competencia official. Seria conveniente que o imposto e brado offerecesse margem para a criação de pequenos estabelecimentos de credito agricola, cuja organisação e direcção deverião ficar igualmente á cargo dos interessados.»

CONCLUSÃO

Estas medidas reclamadas:

I—Facilitade do transporte e de transacções.

II—Tratados commerciaes para collocação do nosso assucar em paizes consumidores.

III—Abolição do imposto de exportação.

IV—Criação do imposto de consumo para premio á exportação, para o aperfeiçoamento da industria e fundação de pequenos bancos agricola, á cargo exclusivo do Interesados.

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1901. — M. Francisco Portillo, Relator.

Concordamos com as conclusões — Em 30 de setembro de 1901. — Joaquim Azevedo da Rego Barro — Emmanuel Couret. — José Luciano de Albuquerque Sermão.

CARTA

Sra. do Congresso Agricola — Não podendo comparecer á reunião do Congresso Agricola, que, sem duvida, por meio de acertadas medidas e prudentes conselhos, prestará um relevante serviço á lavoura nacional, tomo a liberdade de offerecer vinte (20) exemplares da *Revista Agricola da Sociedade de Agricultura Alagoana*.

A crise que soffre a lavoura da canna neste Estado é aguda e duradoura, com varias causas, e sómento de liberações promptas por parte dos poderes publicos e da propria lavoura poderão miliorala.

Pela leitura da *Revista* verá o Congresso qual o estado proprio da principal lavoura de Alagoas — a *causa de amarrar* — que é quasi a unica de exportação estadual e bem assim que os seus mais urgentes necessidades.

Estudando e defendendo na imprensa diaria do Estado, na *Revista* e na Sociedade de Agricultura Alagoana todas as questões que interessam à lavoura nacional, principalmente a do canna de assucar, chegou á convicção de que são necessarias e urgentissimas as medidas indicadas na nota junta, umas dependentes dos poderes publicos da União e outras da propria lavoura.

Ao Congresso Agrícola, composto de pessoas competentes, cabe a patriótica missão de interceder dos poderes da União a adopção das deliberações tomadas em comêto pela propria classe agricola, por isso mesmo deo já, sendo em nome dos agricultores alagoanos, a esse congresso — sinceras homenagens de agradecimentos.

Subscrevendo-me — O redactor chefe da *Revista*, *Francisco Isidoro Rodrigues da Costa*,
Maceló, 10 de setembro de 1901.

Medidas necessarias e urgentes da lavoura de canna de assucar que devem ser promovidas pelos poderes publicos da União.

1.ª Reducção das tarifas das estradas de ferro e de outros meios de transportes maritimos.

2.ª Intervenção da União, por meio de medidas energicas, para a extincção da guerra de tarifas inter-estadaes, prohibindo-se a taxação de assucar, algodão, agnardeito, tecidos e mais mercaderias que deverão ter entrada livre em qualquor mercado dos Estados da Republica, respeitado assim o preceito da Constituição Federal.

3.ª Creação ou facilidade dos meios de organizar-se nos Estados o credito agrícola e a adopção de warrants nos bancos.

4.ª Approvação urgente de uma lei de locação de serviços que garanta o locador o locatario.

5.ª Acquisição de novos mercados estrangeiros para o assucar, devendo o Governo promover tratados a respeito e dispensar outras favores ao exportador.

6.ª Creação de institutos de credito agrícola que operem nos Estados assucareiros,

devendo ser dispensados varios favores pelos Governos da União e Estados, taes como — isenção de impostos inclusive os 2 1/2 sobre dividendos, e a concessão da garantia de juros de 5 % por 10 annos, ou mesmo o reforço da garantia de eguaes juros e prazo, dada pelos Estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipo aos bancos agricolas que se organizarem, não excedendo o capital de cada um desses bancos de dois mil contos de réis.

7.ª Sollicitação ou intervenção amistosa do Governo Federal perante os governadores dos Estados do Norte, productores de assucar, para a extincção do imposto de exportação do assucar, que poderá ser substituido pelo territorial ou pelo de industria e profissão ou outro direito mais equitativo.

Medidas necessarias que devem ser promovidas pela propria lavoura

1.ª O emprego de todos os esforços em bem do aperfeicoamento da produção e beneficia-mento de assucar.

2.ª A promoção de uma propaganda permanente, tenaz, systematica, no estrangeiro e no paiz sobre a collocação dos diversos typos de assucar.

3.ª O inicio e desenvolvimento da polycultura apropriada ao solo alagoano a par da grande lavoura de canna.

4.ª O estabelecimento de campos de experiencia sob a inspecção da Sociedade de Agricultura Alagoana.

5.ª A organização de um ou mais syndicatos agricolas, organizados entre os agricultores idoneos, para a valorisação dos productos e sua collocação em novos mercados.

6.ª A união, perseverança, solidariedade e prestação de todos os meios e apoio geral da classe agricola à utilissima Associação de Agricultura Alagoana, devendo esta ser federada á Sociedade Nacional de Agricultura da Capital Federal.

Memo. de 10 de setembro de 1907. — *Francisco Toledo Rodriguez da Costa*, relator chefe da *Revisão Geral de Alagoas*. — A' commissão.

RELATORIO sobre a representação da « Revista Agrícola » da Sociedade Alagoana de Agricultura

A representação dirigida ao Congresso Nacional de Agricultura pelo Dr. Francisco Toledo Rodriguez da Costa, relator chefe da *Revisão Geral de Alagoas*, da Sociedade de Agricultura Alagoana, trata especialmente das condições da lavoura canieira e da industria açucareira no Estado de Alagoas.

Assim todas tambem nosa importante como a situação da lavoura canieira que perdura e se agrava para a classe a riqueza e a devaluação dos principios generos de produção do territorio nacional, salienta o illustre relator a necessidade de urgentes medidas que ponham cobro ou atenuem essa affetiva situação.

Com a competência e nos bons resultados do Congresso Nacional de Agricultura e concorre com a lembrança de varias idéas, umas da iniciativa do governo da Republica, ou com a collaboração do setor ou outras que doveã ser adqueada pela propria lavoura.

Entre as primeiras figuram a da criação do Instituto de credito agricola e a do estabelecimento de warrants como meios independentes de auxilio prompto e eficaz ao lavrador.

Para os reclamos do momento são estas as prevenções de maior interesse, porque dizem directamto com o movimento da lavoura e das safras sob pena da paralyação do trabalho.

Se os Estados ou Terras existentes entregarem apenas a lavoura a operações de cipeira e numeral e de monocultura lavoura, mantendo em geral o maior numero de retratamento para as transações do credito.

o regimen dos warrants agricolas traz um beneficio consideravel, visto que além

de permitir ao agricultor a aquisição do dinheiro, evita a intervenção arbitria do intermediario para a venda dos productos.

Com a lei, segundo a opinião dos melhores economistas, nada poder-se-hia obter para limitar a dita acção absorvente e indebita que no entanto se abroquelou e gerante na liberdade do commercio.

A defesa, porém, e a dependência da iniciativa particular, com a fundação das cooperativas e do credito agricola, sendo para isso precisa a autorização do Governo para funcionarem como sociedade de credito mutuo, de penha de districto e impostos sobre os seus valores mobiliarios, á semelhança do que praticou a França por proposta de ministro da agricultura M. Meline, convertida em lei a 3 de novembro de 1894.

Discordo da opinião mantida no item que se refere a intervenção do governo federal contra a taxação a que obrigam os Estados os productos do outro em geral.

A Constituição de 24 de fevereiro diz por quanto a esse assumpto pela seguinte forma:

Art. 11. *F'avelado aos Estados, como d' União, § 1.º, Crear impostos de tranzito pelo territorio de um Estado, ou na passagem de um para outra, sobre productos de outros Estados da Republica, ou estrangeiros, e bem assim sobre os vehiculos da terra e agua que os transporem.*

Esta restricção é positiva e ineluctivel, o que não a concorre com disposições transcritas em a guisa, que dizem:

Art. 7. *É da competência exclusiva da União de ret'er § 3.º, Direitos de eutecado, sobre a saída de navios, sendo livre o commercio de cabotagem e mercadorias nucleares bora como os estrangeiros que já tenham pago imposto de importação.*

Tem-se entendido geralmente que o legislador constituinte não teve em vista por qualquer forma cessar a este artigo a competência tributaria dos Estados, mas simplesmente garantir de om' vexatorioso transporte das mercadorias de um aparto a outra.

O imposto de entrada, sahida é estada do navios, mencionada no citado § 3º é o antigo imposto de tonelagem, de ancoragem e outros de natureza idêntica que subsistiam na legislação aduaneira do antigo regimen, imposto que os Estados não se arrogam o direito de lançar o que não se pode confundir com os impostos de consumo com que gravam as mercadorias que entram para o gyro interno do seu commercio.

Aceresce ainda que uma reforma radical como a de que cogita a representação, abalaria por completo o systema orçamentario daquelle Estado, como dos demais que não encontram nos dispositivos constitucionaes aelma referidos a incompetencia de taxaço allegada.

Esse assumpto, entretanto, é demasiadamente contravertido, tem sido mais de uma vez levado ao conhecimento do Congresso Legislativo da União e actualmente pende de parecer da illustre commissão de Constituição, Legislação e Justiça, um projecto do digno deputado dr. Serzedello Corrêa em que o problema da discriminação das rendas é meticulosamente tratado.

Ainda um outro ponto em que diverjo dos fins da reclamação é aquelle que pede a officiosidade do governo da União perante os governos dos Estados do Norte para a extinção do imposto de exportação do assucar.

O imposto de exportação é o imposto base da organização tributaria dos Estados, como o da importação o é da União.

Pedir aquelles que prescindam da sua principal fonte de renda é condemnal-os ao aniquilamento.

A substituição deste imposto pelo territorial equivaleria da mesma forma a sua extlução.

O imposto territorial, dizem os economistas, só pôde ter exito quando recae em terrenos valorizados e implica a organização de um cadastro geral oneroso e de pratica difficil.

Ora, no Estado de Alagoas, pelo menos,

parece-me inexequivel, não só porque grande parte das terras ainda não se acham valorizadas, constituindo verdadeiros latifundios, como porque as condições financeiras do Estado não permittem ao seu thesouro as despezas que preliminarmente uma tal reforma reclama.

As medidas restantes attendem ás necessidades geraes da lavoura resumindo-se todas ás seguintes

CONCLUSÕES

Medidas em favor da lavoura da canna que devem ser promovidas pelos poderes publicos da União.

1.ª Redução das tarifas das estradas de ferro e dos fretes de transporte marítimo.

2.ª Intervenção da União por meio de medidas energicas, para a extinção da guerra de tarifas inter-estadaes, prohibindo-se a taxaço do assucar, algodão, aguardente, tecidos e mais mercadorias que deverão ter entrada livre em qualquer mercado dos Estados da Republica, respeitado assim o preceito da Constituição Federal.

3.ª Creação ou facilitade de organizar-se nos Estados o credito agricola e a adopção de warrants nos bancos.

4.ª Approvação urgente de uma lei de locação de serviços que garanta o locador e o locatario.

5.ª Aquisição de novos mercados estrangeiros para o assucar, devendo o Governo promover tratados a respeito e dispensar outros favores ao exportador.

6.ª Creação de Institutos de credito agricola que operem nos Estados assucareiros, devendo ser dispensados varios favores pelos governos da União e dos Estados, taos como isomção de impostos inclusive os 2 1/2 sobre dividendos, e a concessão da garantia de juros de 5 % por 10 annos, ou mesmo o reforço da garantia de iguaes juros e prazo, dada pelos Estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipe aos bancos agricolas que se organisarem, não excedendo o capital de cada um desses bancos de dois mil contos de réis.

7.ª Solicitação ou intervenção amigável do Governo Federal perante os governadores dos Estados do Norte, produtores de açúcar, para a extinção do imposto de exportação de açúcar, que poderá ser substituído pelo —territorial ou pelo de industria e profissão ou outro directo mais equitativo.

Medidas que devem ser tomadas pela própria lavoura

1.ª O emprego de todos os esforços em favor do aperfeiçoamento da produção e beneficiamento do açúcar.

2.ª A promoção de uma propaganda permanente, tenaz, systematica, no estrangeiro e no paiz sobre a collocação dos diversos tipos de açúcar.

3.ª O inicio e desenvolvimento da polycultura apropriada ao solo Alagoano à par da grande lavoura da canna.

4.ª O estabelecimento de campos de experiencia sob a direcção da Sociedade de Agricultura Alagoana.

5.ª A organização de um ou mais syndicatos agrícolas, organizados entre os agricultores Alagoanos, para a valorisação dos productos e sua collocação em novos mercados.

6.ª A união, perseverança, solidariedade e prestação de todos os meios e apoio geral da classe agrícola a util — uma Associação de Agricultura Alagoana, devendo esta ser federada à Sociedade Nacional de Agricultura da Capital Federal.

Rio, 25 de setembro de 1901. — Dr. João Antonio Duarte, relator.

A commissão nomeada para dar parecer sobre o relatório supra, é de opinião que as conclusões formuladas pelo 2.º secretario da 2.ª sessão sejam remettidas ás commissões ou seções reunidas, affin de serem tomadas na devida consideração.

Sala das sessões, 23 de setembro de 1901. — *Luiz de Brito*, presidente. — *Espanhuel dos Gregos*. — *Christão Cruz*.

PROPOSTA

Considerando que a crise do açúcar é derivada a super-produção e que o remédio natural está no augmento do consumo e applicação do capital excedente a outros ramos de produção.

Considerando que não podemos contar com o mercado dos Estados Unidos, collocado nas vizinhanças das Antilhas, onde com mais vantagem se pôde abastecer.

Considerando que não podemos contar com os principaes mercados europêos, os quaes tendo necessidade de defender o açúcar de beterraba, não supportarão a concorrência do nosso producto e forçarão os respectivos governos a gravalo de impostos para evitar uma crise geral na população dos campos, crise que provocaria a desordem, a miseria, a devalorisação das propriedades e consequente diminuição das receitas publicas, industria e transações ligadas á cultura da beterraba;

Considerando que não devemos appellar para os mercados estrangeiros antes de esgotar os recursos, ainda inexplorados, do mercado interno;

Considerando que o açúcar de beterraba penetra largamente em nosso mercado sob a forma de doces, confeitos e licores, prejudicando a produção e consumo do açúcar nacional no solo do proprio paiz;

Considerando que o Brazil, do norte a sul, é rico em fructas diversas, muitas dellas especies ao nosso solo, e que estas fructas convenientemente conservadas podem ser objecto de exportação para paizes que não as possuem;

Considerando que a exportação, além de constituir um novo ramo da riqueza particular, offerecerá um meio indirecto á exportação do nosso açúcar e um meio directo ao seu consumo no solo do proprio paiz;

Considerando que o desenvolvimento da pomocultura, encontrando mercado franco nas fabricas, importaria desde logo em um acrescimo de valor de mais de cem mil con-

los em relação ás propriedades situadas ao redor das capitães e grandes cidades, atenuando a crise geral do capital e do trabalho nos centros industriaes ;

Considerando que as industrias nascentes não comportão o peso dos impostos, por ser sempre difficil a primeira phase do aprendizado e da experiencia, em que naufragão muitos capitães quando o commercio ainda não adquirio condições de prosperidade e resistencia ;

Considerando que o desenvolvimento da produção interna de um genero actualmente importado daria em resultado a menor procura de lettras de cambio ;

Considerando, por outro lado, que a exportação provavel dessa especie de mercadorias, algumas de produção quasi privativa do paiz, redundaria na maior offerta de lettras ;

Considerando que o cambio resulta afinal da lei da offerta e procura, e que elle tem tudo a ganhar com a diminuição da procura ou augmento da offerta de lettras ou concorrência simultanea desses dous factores ;

Considerando que a diminuição da receita aduaneira seria compensada no caso vertente pela alta do cambio, encorajamento dos capitães, melhoria do credito, atenuação da crise commercial, valorisação da propriedade territorial, hoje depreciada, revertendo tudo isso em solução ás difficuldades internas ;

Considerando que a pomocultura, a conservação e o commercio das fructas, que representão só no da California um valor equiparado ao do nosso café, pôdo tambem representar entre nós um valor consideravel ;

Considerando que essa industria, eminentemente natural, não força senão por momentos as condições normaes do commercio, provocando logo depois o equilibrio dos preços pela concorrência das proprias fabricas, visto como possuimos em larga escala todos os elementos fundamentais dessa industria, com enorme proveito para a riqueza publica e particular ;

Considerando finalmente que as fructas em conserva, os confeitos e licores não constituem generos de indoclinavel necessidade, o que portanto a elevação momentanea de seus preços, até que se desenvolva fatalmente a concorrência interna, não affecta propriamente a vida das classes menos favorecidas ;

Proponho que o Congresso Nacional de Agricultura solicite do Governo Federal e dos Governos Estaduaes as seguintes medidas :

1ª Uma forte elevação das tarifas aduaneiras applicadas aos licores, confeitos e fructas em conserva ;

2ª Isenção dos impostos de exportação e produção durante dez annos para os mencionados preparados ;

3ª Premios de animação e favores possiveis ás grandes fabricas que forem estabelecidas com capitães nacionaes ou estrangeiros para o preparo daquelles generos ;

4ª Reducção das tarifas e rapidez nos transportes para as fructas e legumes, cujo commercio fundado nos baixos preços, não é possivel em parte alguma sem essas medidas preliminares.

Capital Federal, 26 de setembro de 1901.—
Americo Verneck.

PROPOSTA

Considerando que o futuro da industria assucareira do Brazil depende da resolução dos tres seguintes problemas :

1.º Aperfeiçoamento da cultura por meio de cruzamentos entre variedades e especies e criteriosa e progressiva selecção, no intuito de ser augmentada a riqueza saccharina da canna do assucar, á semelhança do que tem sido feito com a beterraba e do que já foi iniciado em Pernambuco ;

2.º Aperfeiçoamento dos processos industriaes de extracção, por meio da diffusão, para melhor aproveitamento da materia prima ;

3.º Dilatação do mercado no intuito não só de amparar a produção actual, mas

alada e a permissão sua possível e convenientemente expiação.

Considerando que o primeiro problema pela falta de tempo de persistentes esforços e o aumento do preço da rapina, que se a cada vez o rendimento que vem do exterior que se tem o resultado mais prompto e mais vantajoso de productos, na actual e n. l. da cultura do café;

Considerando que juntamente com a aquisição de mercados externos, deve proporcionar os interesses e o aumento do consumo interno e que para isso devem ser acollidos as indicações de Sr. Dr. Americo Wernerel;

Considerando que a lavoura nacional não pode e não deve contar sua sorte somente á boa vontade e bom orçamento patrimonial do governante, pois que della propria multa depende a salvação da arte, porque está passando;

Considerando que innumerables exemplos da Europa demonstram que o remédio para a crise da cultura de canhas pilhas está na criação de indústrias e ramos connexos que se aproveitem e transformem a fim de darem salda facil e remuneradora ao excesso do produto em estipeo;

Considerando que a arte de alicar o alicar o alicar a sua transformação natural em conserve, confite e o lido;

Considerando que, para esse fim, o mecanismo pratico de prova de arte e seguro exito é o da união e cooperação de esforços;

Propunho que o Congresso de Agricultura aconselhe aos lavradores das regiões a canhas que se organizem em syndicatos agricolas para o cultivo de arvores fructiferas, a par de sua cultura de canha, em cooperativas de produção para a transformação do alicar e alicar em conserve, confite e lido, com o credito da produção daquelles generos sobre o respectivo alicar.

Congresso de Agric. Para, 22 de setembro de 1911. — Sr. Wenceslao A. L. de Oliveira Filho.

INDICAÇÃO

1

Com relação á lavoura da canha:

Considerando que tem baixado muito a molha da canha a lavoura das canhas de alicar do país, mas como tem também diminuido a produção em peso por superficialidade da canha, geralmente falando;

Considerando que esse é o facto em si do resultado do alicar em que se acha esta lavoura;

Considerando que se tem elevado o preço da molha da canha produzido pelo lavrador, não somente pelos factos citados no primeiro considerando, mas ainda pela difficuldade de aquisição e manutenção de trabalhadores agricolas e consequente alta dos salarios;

Considerando que actualmente o lavrador não poderá tirar resultado vantajoso de sua lavoura ficando barato, — isto é — *reduzido a superficie de cultura e augmentando a produção*, o que devera ter feito desde 1891 quando a braga agricola começou a falar:

A 1ª Seção Indica ao Congresso de Agricultura que aconselhe instantemente ao lavrador a pratica e vulgarização dos seguintes preceitos applicados com methodo e conformo a regra agricola:

1. Escolha da variedade da canha a plantar.
2. Seleção da semente para o plantio.
3. Estrimacão e
4. Irrigação dos canhaes.

Considerando porém, que uma vez melhorada a qualidade da canha e augmentado o seu teor saccharino, as fabricas de alicar não devem mais comprar a materia prima por peso bruto, sendo pelo peso em alicar;

A 2ª Seção Indica outrosim ao Congresso de Agricultura que solicite os engenheiros e alicares de alicar a adoptarem a seguinte medida:

«O preço da canha será dado não pelo peso bruto de a materia prima, mas por seu titulo em saccharoso.»

II

Com relação á fabricação do assucar:

Considerando que essa industria no Brazil está atazada e continuará nessas condições ou peor, se não fôr em tempo melhorada;

Considerando que, com o coeficiente de 7 ou 8 por cento de extração, raras vezes excedido nos Engenhos Centraes, fica muito onerada a fabricação e não dará proveito ao fabricante;

E considerando entretanto que já se tem obtido em outros paizes, e não é do hontem, mas de alguns annos atraz, até 13% de assucar, trabalhando canhas de 15% de título, com a triplice pressão e fabricação cuidadosa:

A 2ª secção indica ao Congresso de Agricultura que aconselhe aos fabricantes do assucar a introdução dos melhoramentos necessarios em suas fabricas e o maximo cuidado na fabricação.

III

Commercio e propaganda do assucar:

Considerando ser da maxima necessidade desenvolver o commercio, quer externo quer interno, do assucar do paiz e promover a sua propaganda:

A 2ª secção adopta as seguintes indicações que traz ao conhecimento, discussão e subsequente votação do Congresso de Agricultura:

1ª Organização de tratados de commercio com a Republica Oriental, Chile e outros paizes, tendo em vista principalmente favorecer a entrada do assucar do Brazil.

2ª Execução das medidas propostas pelo Dr. Americo Werneck com o fim de desenvolver o consumo interno do assucar.

Como medidas necessarias para desenvolver ainda e proteger a lavoura de canna e a fabricação e commercio do assucar, a 2ª secção indica:

1º Reducção ao *mínimo possível* das tarifas

nas ostradas de ferro e companhias de navegação.

2º Severas providencias no sentido de reprimir os abusos das *quebras* de peso, fraudulentas e outras tantas tantas faltas de que se queixam productores e exportadores.

3º Providencias no sentido de impedir que os materiaes de importação permaneçam longo tempo nas Alfandegas com grave prejuizo para os importadores e consumidores.

4º Organização dos syndicatos agricolas com responsabilidades e direitos solidarios.

5º Creação de bancos regionaes de credito.

6º Divulgação da instrucção agricola e profissional essencialmente pratica.

7º Creação do imposto estadual sobre o assucar fabricado para ser principalmente applicado como premio de exportação (Proposta E. Couret, deleg. da lav. do Campos).

8º Regularisação do trabalho rural.

A 2ª secção deixa de indicar como medida necessaria a *repressão da vadiagem* pelos desastrosos e injustos abusos a que póde dar logar essa medida no interior do paiz.

S. S. 27 de setembro de 1901. — E. Jacq Monteiro.

CONCLUSÕES APRESENTADAS PELO SR. EMMANUEL COURET, DELEGADO DA LAVOURA DO MUNICIPIO DE CAMPOS.

I

Melo immediato de conjurar a crise, melhorando as condições actuaes do mercado do assucar, da cultura da canna e fabrico desse producto.

1º

Creação de um imposto estadual na razão de 100 réis por kilo de assucar branco e 50 réis por kilo de assucar da côr.

O producto deste imposto será applicado exclusivamente:

a) Como premio do assucar exportado para

o exterior do Brazil até 2 1/2 da produção total e à razão de 60 por sacca de 60 kilos de açúcar :

b) A' despesa de arrecadação ;

c) A indemnizar o Estado da importância do imposto de exportação ora estabelecido, ficando abolidos quaisquer outros impostos sobre o açúcar.

2º

Convenio ou associação dos fabricantes de açúcar e álcool para regular a venda e collocação dos seus productos por meio de casas exportadoras nas respectivas praças.

II

ENSINO AGRICOLA

Urge promover a criação de escolas agrícolas, molendas, experimentaes, para o ensino districtal, theorico e pratico da cultura, o da preparo, extração e fabrico do açúcar e seus congeneres.

Estas escolas terão dois professores, sendo um de agricultura theorica e pratica e outro chimico de fabricação de açúcar e seus congeneres.

As escolas serão fundadas e mantidas com uma quota tirada do producto do imposto creado para premio de exportação do açúcar, e por meio de subvenção dos Estados e contribuição dos municipios e dos particulares, sob a direcção de uma associação de agricultores, estejam ou não organisados os syndicatos agricolas.

III

CREAÇÃO DE SYNDICATOS AGRICOLAS

Importa organisar quanto antes syndicatos agricolas *ad instar* dos existentes em outros paizes, devendo ser constituídos por fabricantes, lavradores, plantadores, jornaleros, operarios agricolas e commerciantes.

Capital Federal, 25 de setembro de 1901.

CARTA

Eugenio Terra Nova, em Santo Amaro, Bahia, 7 de setembro de 1901.

Exma. Srs. — Accusando o recebimento de vossa officio de 24 de julho do corrente anno, acompanhado do regulamento do Congresso de Agricultura alli proposto, e, de pleno accordo não sómente quanto ao enunciado como quanto aos nobres e patrioticos intuitos do mesmo, não podendo, em virtude de incommodos physicos notoriamente conhecidos, comparecer a esse comicio, como tanto desejava, limito-me a emitir ligeiras considerações a respeito da lavoura de canna, a que me dedica.

A situação actual da lavoura é pessima, em vista dos baixos preços dos seus productos e da alta dos salarios dos trabalhadores ruraes. Suas maiores necessidades são : novos mercados de consumo ; auxilios directos e urgentes, em dinheiro, do governo federal e do governo estadual, em neção conjunta ; estabelecimentos de credito real, que não existem no ta estado e em todo o norte, crelo ; instrucção agricola essencialmente pratica, visando a criação de novas culturas, como a dos cereaes, especialmente a do trigo ; uvas ; novas plantas de fins textis e medicinaes, como a ramie, a amoreira e a quina ; a restauração da cultura do algodão, etc ; baixas tarifas de transporte para os generos de produção nacional nas ferro-vias do centro e norte do paiz, a exemplo do que se tem feito já no sul ; e meios indirectos na legislação de obrigar os desoccupados das cidades a empregar-se na laboração agricola.

Os meios praticos e urgentes de atenuar a crise da lavoura de canna são a supressão dos intermediarios entre a produção e o consumo pela instituição de syndicatos agricolas com directos e responsabilidades solidarios, fazendo elles o papel de prestamistas a longos prazos e moderados juros para com seus associados ; a emissão

de letras hypothecarias, warrants, etc., para a fundição e sustento dos bancos de lavoura; tratados favorecedores da exportação e consumo do nosso assucar em paizes estrangeiros, concedendo nós a clausula de nação mais favorecida quanto á importação nos povos que assim procederem relativamente a nós e exposição permanente do mesmo nos consulados do Brazil no exterior e a introdução e distribuição de novas sementes de canna mais ricas de assucar e de mais precoce utilização industrial.

Convem ainda dizer, pelo que se de ouvir aos respectivos cultores, que, da mesma sorte que o assucar e o café, o algodão e o fumo também precisam do eficaz amparo da digna Sociedade Nacional de Agricultura e do poder publico em sua triplice esphera de competencia.

Quanto ao gado, o que se impõe, no meu humilde modo de ver, é o melhoramento da raça Indígena pelo cruzamento com outras raças aperfeiçoadas do modo a constituir os typos classicos do animal do córto, tiros e lactação. É o que já está tentado este Estado na fazenda modelo installada no termo de Sant'Anna do Cath sob a direcção do eminente zootologo Dr. Francisco Marques de Araujo Góes, que infelizmente, viu-se obrigado, pelo estado de sua saúde, a deixar o relevante posto que sua grande intelligencia e conhecimentos geraes e especiaes lhe haviam graueado como justa compensação nos seus desinteressadissimos esforços pelo progredir da agricultura bahiana.

Terminando este esboço, é meu dever pedir venia á Illustrada Comissão Executiva do Congresso Agrícola para a defferencia dello, esperando que se dignará de corrigir-lhe os erros e supprir-lhe as lacunas.

Saude e fraternidade.— Exms. Srs. membros da Comissão Executiva do Congresso Agrícola.— Rio de Janeiro.— José Pacheco Pereira.

FAREZER sobre o efficio-memorial dirigido ao Congresso de Agricultura pelo Sr. José Pacheco Pereira, de Santo Amaro, Estado da Bahia.

Relator — R. Jacy Monteiro.

O Sr. José Pacheco Pereira, tendo em vista o estado pessimo em que se acha actualmente a lavoura de canna pelos baixos preços dos respectivos productos e altos salarios do trabalhador agricola, indica como sendo as maiores necessidades dessa lavoura:

- a) abertura de novos mercados de consumo;
- b) auxilios directos e urgentes, em dinheiro, do governo da União e do governo do Estado em acção conjuncta;
- c) estabelecimento de credito agricola no Estado;
- d) instrucção agricola essencialmente pratica, visando a criação de novas culturas;
- e) baixas tarifas de transporte para os generos de produção nacional;
- f) repressão da vadiagem.

Como meios praticos de atenuar a crise, indica a suppressão dos intermediarios, entre o productor e o consumidor, instituindo-se:

- g) os syndicatos agricolas com responsabilidades e direitos solidarios, cabendo-lhes o papel de prestamistas a longos prazos e juros moderados para com os seus associados, e em seguida lembra:

h) a omissão de letas hypothecarias para a fundação e custeio dos bancos de lavoura;

i) o estabelecimento de tratados favorecedores da exportação e consumo do assucar brasileiro em paizes estrangeiros;

j) A exposição permanente do nosso assucar nos consulados brasileiros; e por ultimo:

k) a introdução e distribuição de novas sementes de cannas mais ricas em assucar e de mais precoce utilização industrial.

É, como se vê, todo um programma quasi completo,—faltando o que realmente

a não nos cale, a limitação das medidas que dove o agricultor eximir — programma que não pôde ser discutido por esta sessão do congresso de Agricultura nos pontos que directamente à mesma compete, nos demais pontos competindo-nos, apenas, affirmarmos ou não a sua exigência.

Appellando o programma apresentado pelo Sr. José Pacheco Pereira, com as devidas restrições, a 2.^a sessão propoz que seja esse programma discutido em sessão para a elle elle deliberar.

B. A. — 24 de setembro de 1901. — *R. Jary Monteiro.*

TRAFICO DA CANTA DE W. H. CROSMAN & CO. DE NEW YORK, BATADA EM NEW YORK AOS 10 DE AGOSTO DE 1901, E DIRIGIDA A WALTER, FINE & CIA. DO RIO DE JANEIRO.

Amigos o Sr.

Amiear:

Recebemos a sua carta de 22 de Junho e vivamos com o seu favor de 17 de Junho proximo passado e depois do competente exame nós achamos ser um amiear centrifugo o appropriado para este morealo, com 91 a 91 grãas e que vender-se-ha na base de 94. E' esta uma qualidada de amiear bastante conhecida no nosso mercado e o V. Mes. possente offerer grandes quantidades, por exemplo: 50 toneladas em mais por cada embarque e não duvidaríamos vender nas bases do custo e fret, como verho pela factura simulada, aqui inclusa.

O mercado presentemente está fraco e com tendencias para baixa e na nos a opinião ainda heixará em vista das enormes stocks e da enorme colheita do mundo. A se nãa possita uma carga de amieares de Java, a chegar o mais cedo em outubro, fu vendida a 2 1/2 s. l. f. equivalendo a 4 1/2 s. o. directo porca. heho então o mercado de linon 1/2 s. o. e no julgamos haver 40,000 toneladas offereidas a venda nosa heidissima e não completas. Sob o regulmento das presentes tarifas, os amieares do Porto Rico e Havana, são admitidos nos estalos

livres de direitos, mas a quantidade é limitada, e por em openho no commercio de amiear que no proximo ajuste de tarifas com relação a Cuba os amieares de Java procederem logo um benefico não dada nos de procedencia de outros paizes productores, e como nãa pôde produzir sufficiente quantidade para abastecer os Estados V. Mes. possente bem julgar que entao a concorrência do Brazil será impossivel.

Sob a presente tarifa os amieares centrifugos n. 94 pagam 1,000 s. por libra de directo. A importação de Cuba (amiear) no anno passado augmentou 20,000 toneladas sobre o anno anterior.

Em relação a este negocio polem V. Mes. usar o seu coligo habitual até que com o augmento do nosor no octos seja conveniente um coligo especial.

Sem mais somos com toda a estima do V. Mes. Amigos o Criados. — (Assinada) W. H. Crozman & Bra.

MEMORIA ácerca dos impostos sobre o amiear das usinas subvencionadas no Estado de Pernambuco.

DE. PAULO DE AQUINO SALGADO

« O decreto de 15 de outubro de 1890 e 31 de janeiro de 1901 e a lei de 11 de dezembro de esse anno, daquelle Estado, autorizam auxilio á fundação de usinas ou fabricas de amiear e alcohol.

A depreciação das apdices, que attingia a 31%, a excessiva taxa de cambio e outras causas, não permitiram aos concessionarios a possibilidade de pagamento das prestações, mas as usinas se fundaram e começaram a effectuar para manter a produção do Estado e melhorar sua qualidade, com o intuito de se venhem consideravelmente a reactiva do Thesouro, que extra de 6 a 8% da exportação de amiear. Entretanto, entretanto se polem concluir, que polem infringir o contracto e o convenio daquelle parte, sendo-heo preveivel crear um imposto, que na imprensa se qualifcou, em

justa razão, imposto-castigo, e que no orçamento destes tres ultimos annos tem sempre figurado, sendo na vigente lei relligido nestes termos:

«§ 2.º do art. 1.º. Os productos das usinas e engenhos que receberam, por empréstimo, auxilio dado pelo Estado e não estiverem em dia com o pagamento de juros e respectiva autorização, pagarão, além dos impostos de exportação, as taxas seguintes:

Por sacco, que contiver até 75 kilogrammas de assucar branco, 1\$000. Idem idem de mascavado, 500 réis. Por dezena ou fracção de dezena que exceder, 75 kilogrammas, 130 réis, si o assucar fôr branco e 65 réis, si for mascavado.

Por volume que contiver até 50 litros de aguardente, 120 réis. Idem, idem de alcool, 250 réis. Idem idem de mel, 120 réis. Por dezena ou fracção de dezena que exceder de 50 litros, 20 réis si for aguardente, 50 réis si for alcool e 20 réis si for mel.

O governador poderá cobrar estes impostos ou por occasião da exportação dos productos ou nas proprias usinas, estações de caminho de ferro ou portos de embarque, podendo para esse fim expedir regulamentos e adoptar as providencias que forem necessarias, bem como a creação do pessoal preciso.»

Conclusão — Solicitar dos poderes daquelle Estado a revogação dos impostos de entrada de saccos de assucar e entrada de alcool e aguardente das usinas subvencionadas. — *Paulo de Amorim Salgado*, gerente da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco.

Plano de locação de serviços, adequados aos engenhos de Pernambuco

«Os proprietarios e rendeiros do municipio... abaixo assignados, se compromettem a organizar sobre as seguintes bases o trabalho de seus engenhos:

Art. 1.º Pagar a seus jornaleiros que se matricularem na municipalidade mais 20 % sobre a diaria ou jornal.

Art. 2.º Adiantar os emolumentos da matricula e fornecer ao matriculado uma chapa que este usará e na qual se ache o nome do engenho.

Art. 3.º Descontar 10 % no salario de cada dia, applicando esta quota: 1.º, á amortização da quantia adiantada para matricula; 2.º, ás multas que o trabalhador incurrir.

Art. 4.º O producto das multas será recolhido ao cofre de beneficencia do engenho e servirá para socorros aos invalidos, enfermos, escolas ou outro fim humanitario.

Art. 5.º No fim de cada trimestre será pago ao trabalhador o saldo da quantia descontada na fórma do art. 3.º.

Art. 6.º Não terá direito a este saldo: 1.º, o trabalhador que se retirar sem licença do patrão; 2.º, o que for despedido por subordinação, embriaguez, máos costumes ou acto criminoso, e o que lizer parade ou *grève*.

Art. 7.º Será sujeito á multa: 1.º, o trabalhador que por impericia, desuido ou proposito commetter danno, pelo qual não responda perante a justiça ou a policia; 2.º, o que maltratar animaes, que lhes forem confiados para trabalhar ou zelar o tratar; 3.º, o que extraviar ferramenta ou a estragar por impericia ou propositamente; 4.º, o que se ausentar sem licença do patrão; 5.º, o que não comparecer a prestar serviços por occasião de incendios, inundações, invasões ou qualquer calamidade.

Art. 8.º Aos lavradores igualmente fôr-se-ha desconto, mas somente de 5 % sobre o producto liquido das meiações, desconto que receberão no ajuste de contas da safra seguinte, abatidas as multas em que tiverem incorrido.

Paragrapho unico. Não receberá o saldo desses 5 %: 1.º, o lavrador que não tiver safra de planta, mesmo nos casos de força maior; 2.º, aquelle que incendiar capoeiras; 3.º, o que não tiver feito a conservação da estrada, ponte ou linha de demarcação que lhe foi previamente indicada; 4.º, aquelle que exceder o prazo que lhe foi marcado para se retirar do sítio, salvo força maior.

Art. 10. Será multado o lavrador: 1.º, que não acudir ao aviso e não prestar auxilio por occasião da inspecção, immundição ou qualquer calamidade; 2.º, que obter licença, moedera ou outro objecto doengenho sem expressa authorisação da proprietario; 3.º, que saltar atumores ou commetter outro qualquer delicto pelo qual não tenha de responder perante a justiça ou a policia; 4.º, que preterir trabalho em outro engenho; 5.º, que admitta em sua habitação reuimões que perturbem o sossego publico; 6.º, que não zelar a conservação do arto e plastações; 7.º, que queimar pelhugo de canna nos partidos sem expressa authorisação da proprietario.

Art. 11. As multas não excederão de 2\$ para os jornaleros nem de 10\$ para os lavradores por infração. — *Paulo de Assis Salgado, agricultor em Pernambuco.*

Projecto de posturas para extirpação de moscas, taboalheras, agradas dos engenhos de Pernambuco.

• A Municipalidade de ... em additamento a suas posturas, de esta:

Art. 1.º Na secretaria se fará, mensal e previamente designados e em livro competente, o Alvará e rubricada a inscripção dos trabalhadores e empregados agradas, que para este fim se apresentarem, bem como da que pretendem se empregar em serviço domestico.

§ 1.º A inscripção conterá o nome, idade, naturalidade, filiação, cor, estado, classe do occupação e mais caracteristicas que possam servir para verificação da identidade do inscripto, a data da inscripção e espaço para observações.

§ 2.º Pela inscripção, será entregue ao inscripto uma caderneta com 10 folhas numeradas e rubricadas por quem tiver feito a inscripção, contendo os caracteristicas a que se refere o paragrafo anterior e mais uma chapa de metal amarello com o numero de ordem da inscripção.

Art. 2.º Pela inscripção pagará o inscripto 200 reis, pela caderneta 1\$ e pela chapa 500 reis.

Paragrafo unico. Se a caderneta ou a chapa se perder, póde a inscripção obter outra, pagando 1\$ por qualquer desses objectos.

Art. 3.º O locatario do servico poderá escrever ou mandar escrever na caderneta o seguinte, contractado n data de... para trabalhar no campo sob o jornal de R... Quando o trabalhador se despedir ou for despedido, poderá o locatario attestar na caderneta o comportamento e aptidão para o trabalho.

Art. 4.º O locador, dentro de 30 dias, e tá obrigado a apresentar na secretaria a caderneta com o attestado ou a de pedida, bem como o novo empregamento em outro engenho, si tiver se effectuado. Pena: 2\$ de multa em cinco dias de prisão.

§ 1.º Pela averbação pagará o locador 400 reis.

§ 2.º O locatario, por carta dirigida ao encarregado da matricula, avisará o dia em que houver o locador inscripto, deixado o trabalho e não haverá o attestado que lança na caderneta.

Art. 5.º O encarregado da inscripção terá 200 reis de emolumentos pela matricula e 100 reis pela averbação, pagos pela Municipalidade.

Art. 6.º O fiscal receberá da secretaria rubrica da inscripção e lavrará auto de infração da disposição do art. 1.º. — *Paulo de Assis Salgado, agricultor em Pernambuco.*

Banco de Credito Agrícola para os fabricantes do arroz de Pernambuco

• Em todo o anno deste anno uma commissão da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, nomeada para estudar a creição da lavoura da canna ne se Estado, apresentou ao governador as seguintes leções para a creição de um banco de credito agrícola, pois considera a falta de capital de movimento a principal causa da difficuldade daquelle lavoura. A commissão suppoz e em bons fundamentos que pósta obter por subscripção dos proprios agricultores um capital de 500 contos, com o qual

lucrativa o banco suas operações, ficando habilitado para cobrar um imposto de 300 réis por sacco de assucar de 75 kilos que entrasse na cidade do Recife, vindos dos engenhos do Estado, imposto que reduzi-la em beneficio do contribuinte, voltando para elle em lucros do accionista.

Tendo S. Ex. declarado que estudaria o assumpto para resolvê-lo opportunamente, e não o tendo feito até esta data, submetto o assumpto ao conhecimento da respectiva Commissão do Congresso de Agricultura, concluido que o governo do Pernambuco e dos demais Estados, que se acham nas mesmas condições, deve quanto antes crear uma taxa de 300 réis por sacco de assucar que entrar no mercado, sendo essa taxa arrecadada por um banco, que forneça capital de movimento á lavoura respectiva, voltando para o contribuinte em lucros de accionista a mesma taxa.— *Paulo de A. Salgado*, gerente da Sociedade Auxiliadora da Agricultura do Pernambuco. »

PARECER

Plano de locação de serviços, adequado aos engenhos de Pernambuco. — Projecto de posturas para matrícula de trabalhadores agrícolas dos engenhos de Pernambuco:

« Tratamos destes dois projectos simultaneamente porque um é complementar do outro.

Sómente o estudo acurado das necessidades praticas da systematização do trabalho na lavoura do Estado de Pernambuco, poderia levar o signatario dos projectos acima á sua confecção.

Acredito ser o unico meio de reprimir a vagabundagem e o alcoolismo — habitos hereditarios na maioria dos trabalhadores daquelle, como de muitos outros Estados, e amparar a lavoura das constantes intermitencias, tão prejudiciaes, resultantes da nenhuma responsabilidade do trabalhador para com os deveres que lhe são impostos pelo trabalho.

Ao proprietario fallece a confiança para com o trabalhador, a este não assiste responsabilidade pelos prejuizos que dá aquelle, abandonando-lhe o serviço extemporaneamente, levando consigo ferramenta, viveres e o que encontra, para novamente ter guardada em outra parte, de onde sahe da mesma forma, em uma serie continuada de desatnos sem represso por parte da policia ou dos proprietarios que se julgam e são para isto impotentes.

Os dois projectos si, executados, lhes impoem obrigações accórdes, allás *in totum* com o estado actual de nossa civilização, servindo-lhes de correctivo, trazem-lhes o estímulo, grande factor de todos os desenvolvimentos. A iniciativa particular tem fontado e conseguido alguma coisa a este respeito, a official fará o resto.

Rio (Capital Federal), 25 de setembro de 1901. — *Joaquim Pessoa Guerra*. — *Joaquim Virissimo do Rego Barros*. »

PARECER

CONCLUSÃO — « O governo de Pernambuco e dos demais Estados, que se acham nas mesmas condições, deve quanto antes crear uma taxa de 300 réis por sacco de assucar que entrar no mercado, sendo essa taxa arrecadada por um banco que forneça capital de movimento á lavoura respectiva, voltando para o contribuinte em lucros de accionista da mesma taxa ».

— Estamos de pleno accordo com a idéa que esta conclusão encerra e, tanto mais, quanto vemos nella a salvaguarda futura da lavoura da canna.

O imposto, que será pago pelo agricultor com muito melhor boa vontade do que o faz relativamente aos que lhe tributa o Estado, e tambem alguns municipios em cujo seio layra o *habito benefico da proteção*, formará depois de algum tempo, uma fonte a recorrer nos multiplos casos que a necessidade o tem ensinado a prever e o abrigará das

taxa do produto, e a qual se distribue em virtude da desigualdade em que o adquirente, em tal venda, se encontra com a maior parte do seu preço a título de juros ou perdas de investimento. Os meios possíveis para, com a execução do plano, melhorar de vez a situação futura a qual os produtores e criadores se encontram neste momento.

Rio (Hospital Federal), 26 de setembro de 1901. — *José de Paula Guerra* — *José de Aguiar do Rio Preto*.

PARITER

PANORAMA — « Relatário dos poderes daquelle Estado (Pernambuco) a respeito da Imposta de entrada de açúcar do exterior e entrada de álcool e aguardente das demais subdivisões da ».

PARITER. — Esta obra lizo o Junta Nacional.

NO AS VOTOS NÃO TEM POLÍDICO DESEMPAREAR DE SEU COMPROMISSO, apesar da falta de desenvolvimento contra todo o sentido de justiça que opprimem a classe produtora do açúcar em Pernambuco, onde tal producto é fonte de renda de muitas outras classes, e principalmente do Estado, antes de ser dos produtores, como se lhe arrogassem mais, não lhes subvenem nada, com um imposto que é o cello do mais injusto!!

E' voto a muldutivo no Estado de Pernambuco, opprimir, quando devia estimular, esta industria mais importante, a qual exerce a maior influencia sobre a vida da industria.

A' ordem do Dr. Paulo de Amorim Salgado juntamos a mesma.

Rio (Hospital Federal), 26 de setembro de 1901. — *José de Paula Guerra* — *José de Aguiar do Rio Preto*.

2ª Seção

INDUSTRIA PASTORIL E DE LACTICÍDIO

MEMORIA

Dr. JOSÉ DE AGUIAR

E' preciso que do actual Congresso Agrícola emanem ideias praticas, que, servindo de aviso aos criadores nacionaes, permittam, entre elles, ao governo fazer alguma coisa de util em prol da industria pastoril, que reclama, para o seu completo desenvolvimento, cuidados aquelles.

A presente exposição conterá unicamente considerações gerais, attenta a vastidão do assumpto, que comporta obra de grande folego, e que a escassez do tempo de que dispomos não nos permite tratar nas suas minucias, o que só faremos em breves traços.

Exarando em forma de parecer o presente estudo, sujeitamos a *resolução* do Congresso as conclusões que nos foi dado formular, parecendo-nos que de momento são as que mais de perto podem resultar os reclamos da importante classe dos criadores brasileiros.

A luctua economica, entre nós, on-line, que as que têm da industria agricola devem occupar o primeiro plano na ordem dos phenomenos que prendem actualmente a attenção do paiz inteiro, e isto porque é nellas que temos assentado todo o nosso esforço e firmado nossa prosperidade.

E' chegado, pois, o momento de se cuidar dos verdadeiros interesses da agricultura nacional, e a agitação que ultimamente se tem feito, a ponto de determinar a reunião do actual Congresso Agrícola, nos alimenta a esperança de que isto com as medidas que suggerir terá solução a uma crise que não pode e não deve prolongar-se, sendo pelo contrario preciso que em entremos um ou mais derivativos pelos que se ella se torne atenuada.

Vamos entrar em uma época completamente nova, cheia de aspirações, e isto pela força das circumstancias que a crise economica nos está indicando, e em novo periodo valer o da politica francamente agricola.

Mais do que nunca o Governo do paiz necessita de uma estabilidade e ao mesmo tempo de homogeneidade na sua collaboraço, para que os projectos sujeitos ao seu exame possam contar com soluções uteis e proveitosas. O actual Governo encaron com superioridade de vistas a questão financeira, executando um plano do qual não quiz systematicamente se afastar; cumpre-lho, agora, abordar fundamente o problema da produçõ nacional, adoptar um plano e na sua execuçõ persistir com a mesma firmeza e tenacidade com que se houve em relaço ao primeiro, deixando iniciada essa tarefa, que serã completada pelo futuro Governo, e todos que o succederem.

Politica agricola, sim, porque a massa de interesses que a classe da lavoura representa é maior em todos os paizes do mundo do que a que é representada pela dos operarios das cidades, e com especialidade no Brasil, onde a nossa industria é ineliciente. E quando um paiz como o nosso é assoberbado por crises que vão se perpetuando, convém resolvê-las, supprindo as causas que reflectam malor numero de effeitos; e ninguem de boa fé, contestará que aquellas residam na lavoura.

Politica agricola, sim, porque a solidariedade e a federaçõ do interesses devem approximar umas das outras as populações rurales, pela organisaçõ de sociedades e syndicatos como meios de defesa, e essas aggremações têm laços muito mais fortes e valiosos, para o movimento social, politico e principalmente economicoo do paiz.

E nos parece que o momento para essas aggremações é chegado.

A' semelhança do que se fez na Allemânia e em França, a organisaçõ dos syndicatos agricolas precisa ser formada entre nós, porque a importancia dessa instituçõ não precisa ser encarecida.

As sociedades de agricultura, que entre nós vão prestando relevantes serviços, não podem desempenhar o seu programma convenientemente, porque não se acham preparadas para julgar das necessidades reclama-

das pela lavoura, porque com a indifferença dos mais interessados ellas não poderão triumphar no trabalho a que se impuzeram, porque as difficuldades sobrelevam as mais extraordinarias energias.

A acção da Sociedade Nacional de Agricultura deve assentar na organisaçõ dos syndicatos agricolas.

Assim, tornarão possivel o conhecimento do que se for executando na nossa lavoura, e pela cohesão do movimento rural, uma nova força de impulsão fará com que tais corporações representem papel mais saliente junto dos poderes dirigentes da Nação, facilitando ao mesmo tempo a sua missõ.

Não nos propomos aqui desenvolver esse ponto, porque o nosso fim é chamar a attenção dos nossos criadores para tais organisações, que trarão vantagens indiscutíveis ao desenvolvimento da industria pastoril, porque armados em as ocações os problemas mais complexos do ramo industrial a que se dedicam encontrarão certamente facilidades de soluçõ, que de outra forma não obteriam.

Os esforços mais decisivos devem partir dos intorezados, demonstrando que o espirito de iniciativa particular é capaz de energias proprias e que o Governo intervindo encontrará terreno preparado para que a sua vacaçõ medre, obtendo os resultados almeçados.

A acção do poder publico e da classe agricola deve ser conjuncta e convergir para o mesmo ponto, não convindo desviar nem sobrecarregar a attenção daquolles com assumptos que escapom ao objectivo convenconado; pois, as cogitações do Governo em assumptos como esse, da transformaçõ da exploraçõ por que devem passar as industrias pastoril e agricola, precisam firmar-se em bases claramente assentadas.

Só assim o Governo, que tem a responsabilidade da direcção dos negocios publicos, poderá medir até que ponto a iniciativa convocada merece o seu apolo e quaes as que de sua iniciativa propria são de natureza a satisfazer os agricultores, dando-lhes nov-

molos de acção, as garantindo lhos, enfim, de-terminada prosperidade.

Em França o Sr. Méline tem se batido do-dicadamente em favor da agricultura daquel-le país, obtendo leis que regulam a materia, e pôde-se dizer que a instituição dos syndi-catos alli é obra exclusivamente sua.

Tiveramos porém a melhor a nossa respon-sabilidade neste ultimo decennio, dando uma direcção conveniente á produção tão des-envolvida do café, e não registramos o liejo o de castro por que examma passando, nos que ntrando em fave da crise actual deesse pro-lucto.

A Improvvidencia é talvez o factor moral mais pernicioso dos que concorrem para a deprecação do nosso meio circulante, por que, ao alcance dos especuladores, estes qua l se de preocupam de toda as outras para vo-rem nelle o elemento seguro da nossa inex-faciedade, por deixarmos ao acaso a solução dos mal palpantes problemas de nossa vida economica, e, ahiiores do terreno, tiram as melhores vantagens daquello factor moral, como de tantos outros, que não regis-tramos para não sair do assumpto restricto que nos foi committido.

Vimos em um periodo curto de nossa exis-tencia politica (1826-1832) um deenfreado jogo de Bolsa, que absolutamente fallio de mandar exame, e sem o fundamento sério o politico que devia preceder a toda a circula-ção de interesses, atrair por terra as no-ssas mais nobres instituições de progresso. Po-demos exigir que a confiança se restabeleça, que o credito ame frontado volte novamente a desempenhar o seu papel, quando os dor-a-dres ainda se succedem ininterrompamente, e nada se obtem do solido e proveitoso?

Não, por certo.

É preciso reagirmos contra este estado de cousas, mal com a maior ponderação, refle-ctidamente, e é voltando as vistas para as industrias agricolas, que poderemos trium-phar de todas as difficuldades, que nos aco-betam no momento actual.

(65) - 6

Tudo que não for procladamente isto, não realisarã as mais leve sopro, porque resolvida essa primeira parte, teremos debellado a desesperadora situação em que nos achamos, o que só alcançaremos fomentando o desen-volvimento intelligente e praticamente as fon-tes de produção agricola; e, mais ainda, buscando com assiduo empenho mercados exteriores para o consumo dos nossos pro-ductos, na proporção do seu crescimento interno.

Difficil tarefa seria enumerar os continuos sacrificios da Inletativa particular nas diffe-rentes nações da Europa e dos Estados Un-dos da America, auxiliada sempre pelos go-vernors, já para dar maior ovação á super-abundancia da produção, tantando novos mercados, já melhorando as condições de competencia, que as exposições, principal-mente as regionaes, servem de estímulo.

O Brazil, que não se acanheou, infelz-imente, ao incrementar-se a produção do café, deve estar convencido que é encami-nhando com providencia as no-ssas tenta-tivas, que poderão ser estas lavadas a bom termo.

Sem uma propaganda continua e persis-tente, com organização ostavel para um pe-riodo longo nos grandes centros de consumo, nada obteremos que possa satisfazer ao futu-ro da cultura do café, porque as oscillações de alta e baixa no preço continuariam a preoc-ocupar a attenção dos interessados; maldita esta que não exclue outras de effeitos mais immediatos, que devem ser quanto antes adoptadas.

Expomos este facto para demonstrar que ao desendo que tem havido da nossa parte é preciso que succeda um periodo de Inletiva francamente particular auxiliada pelo Governo, por que esperar tambem tudo desta seria nada querer.

Não somos exclusivistas, e no so empenho é que se consulte o so emulo de todos os ramos da produção nacional, quer se trate do mate do Paraná ou Matto Grosso, quer se trate dos preciosos fructos dos Estados do

Norte, porque é o conjunto das forças vivas da Nação que está em causa.

Entrando no assumpto propriamente da nossa secção, diremos que a presente exposição tem dois objectivos: appellar para a classe dos criadores nacionaes, mostrando que é chegado o momento de abandonar a rotina; que, os horizontes da industria pecuaria nas suas muitas ramificações são mais vastos, que de qualquer outra onde seja reclamada a actividade humana; além do que é a que pôde melhor resistir ás crises intermittentes a que toda exploração industrial está sujeita; e, chamar a attenção do Governo, sollicitando o seu valioso concurso em prol de tão importantes interesses até aquil não só descurados, mas até impatrioticamente ignorados.

Ainda agora o Exm. Sr. Ministro da Viação, a quem o paiz já deve tão relevantes serviços, no seu relatório lembra a necessidade de serem removidas as causas accumuladas que determinaram a crise actual, em beneficio da riqueza publica e particular do paiz.

Seria longo fazermos o historico e o desenvolvimento da industria pastoril entre nós; e certo, porém, é que desde o inicio do nosso periodo colonial até hoje não tem ella passado de uma riqueza latente, que ás novas gerações cabo impulsionar com vantagens reaes para a communição nacional.

O terreno está aplauado; ao lado de uma natureza inextinguivel e fertilissima, vemos a cada passo o influxo do homem, que a desbravou preparando a estrada por onde os conquistadores contemporaneos têm de percorrer.

O mais difficil está feito. A marcha progressista da industria pastoril foi lenta e quasi sempre entorpecida por factores de toda ordem; á superioridade de culturas mais rendosas, ao atrazo do commercio internacional; e, apesar da escassez quasi absoluta da instrucção technica na grande maioria dos nossos criadores, essa industria achava-

se mais ou menos generalizada em alguns dos nossos Estados, ministrando recursos para a subsistencia de boa parte da população e concorrendo por via do imposto para as rendas publicas.

Os institutos zootecnicos e as escolas practicas de agricultura que se fundarem, diffundirão o ensino; e com os conhecimentos scientificos, os nossos criadores irão abandonando os costumes rotineiros.

Os campos explorados pela industria pastoril devem a sua valorisação á obra civilisadora do gado, que val deixando por onde passa marcos de atlantamento, de progresso, quer sejam estes representados pelos ranchos de criação, quer pelas grandes *Cidades de Carne* dos Estados Unidos.

O nosso ideal não pôde repousar na organisação europeia, que absolutamente não consultará os nossos interesses, não poderá servir de modelo á nossa exploração industrial, e nem será adaptavel ao meio em que agirmos, por serem outros e diversificantes os elementos que nos offerece a natureza prodiga, selvatica e virgem que possuímos, sem que desconhecámos a importancia daquellas organisações.

Isto não quer dizer que não tomemos os productos aperfeçoalos das raças de gado, que com esforço ingente a velha Inglaterra ha mais do seculo o meio cultiva. Para a transformação que almejámos, pois, teremos de ir buscar allí e em outros paizes o cruzamento seleccionado do seus melhores typos.

O que não faremos e não podemos e nem nos conviria adoptar, seria a criação em estabulos, que só illo resultado onde a densidade de população e estreiteza de espaço são caracteristicos do paiz. Na Europa, as raças do gado se multiplicão, tomando feições proprias do cidade a cidade, se desenvolvem e prosperão em pequenas propriedades ruraes, muitas vezes, mantidas pelo proprietario, o que se não dá entre nós.

No Brazil, como na Republica do Prata, o problema da industria pastoril se nos apresenta sob um aspecto muito differente á vista

da rusticidade do nosso campo. A vastidão interminável dos nossos sertões e a carestia do trabalho não nos permitiram uma exploração vantajosa, se tivéssemos de adoptar o processo seguido na velha Europa.

Além de que o nosso maior desideratum é conquistar mercados mercaderias europeas, e isso não poderemos alcançar tirando partido das ricas e innumeráveis riquezas naturaes, mas por um processo mais pratico, que se adequa e se amolda ás contingencias a respeito do nosso gado, escolhendo de preferença a parte mais valiosa ou a industria pastoril para a melhor melhorar, e do outro lado a adoptar reformas que deixem margem para lucros no tocante do empastamento, o que se facilitará implantando o systema do refrigerio, e das carnes em geral.

A carne exportada da America do Norte pelos processos das *packing houses* val mais pontos mais remotos da Europa; e a sua exportação do gado em pé, que é consideravel, permite maior expansibilidade, porque o custo da produção, apesar do salario elevadissimo da America, é muito inferior; porque pelo, não fazemos o mesmo que aquelle atlantico povo, quando é positivamente certo que a Republica Argentina já se tem preoccupado do assumpto?

E' a união entre o gado *vacuum*, espanhol e o criado, e em quantdade tal, nos Estados do Rio Grande, Paraná, Matto Grosso, Goyaz, Minas e em alguns Estados do Norte da Republica, como o Piauí, que já não seria devida, mas um crime, se fôrmosmos indifferentes á solução de um problema que tanto concorrerá para incrementar a riqueza nacional. Regordando assim o interior do país de excellentes gado, não raro temos tido necessidade de importar a do ultima das qua, tal informavel talvez, sustentam que nos falta esse genero alle para o nosso consumo. O que se observa precisamente é que a utilização do qualidade e carnes de boi, como é abastado e vendido na Capital da Republica, deixa muito a desejar, quer se trate do gado argentino, em diminuta

quantidade importado, quer se trate do gado nacional.

A importação do gado para o Districto Federal, mesmo do gado mineiro, se faz de modo incompleta, forma primitiva e attentoria dos mais communs principios de hygiene. O gado é maltratado e depois de abastado a preparação da carne é mal feita; quando entre elle ao consumo, é um producto do peor qualidade e as mais das vezes prejudicial á saúde publica.

Chegamos assim á anomalia pouco harmonica, de sermos um dos primeiros países do mundo em gado *vacuum* e na capital da Republica fazemos uso do peor especie de carne verde. Ha um correctivo?

Ha um meio de ser atacado esse problema, do sorte que fique por uma vez resolvido, a ponto de serem attentivos os criadores e os consumidores?

É o que respondemos affirmativamente.

E quanto á tentativa de se comprehenderem para a regularização do actual commercio das carnes verdes, o Governo do Estado de Minas dello já cogitou, a uma empreza está em vias de formação.

O assumpto é notadamente reconhecido de importancia capital, porque é daquelles que tem de consultar varias ordens de Interesses, antitheticos alguns delles, mas resolvidos os mais culminantes, ter-se-ha posto um ponto final em questao tão intrata. E estes são os de consumir e do produtor.

As nossas insufficientes vias de communicação, os usos, costumes, modos e idéas peculiares aos nossos criadores, que se vem fadados de recursos para offerecer a sua mercadoria em pura especie, fadando assim todos os seus esforços, estão exigindo uma transformação radical no modo pelo qual se tem exercido esse ramo do serviço publico, que affecta de perto o direito de propriedade.

Methodicalo, pois, é um dever das que se interessam no incremento pelas coisas genuinamente nacionaes.

Não será, pois, nas normas communs de

um commercio abandonado a si mesmo, que o problema encontrará solução; mas sim em uma methodisação intelligentemente feita pelo poder publico, respeitadas todas as condições do commercio e da lei e consultados os principios de liberdade commercial, garantindo todas as aptidões.

É o que deve fazer o Governo.

É o que indicariamos se fizesse.

Qual o processo — o plano a adoptar-se?

Todo aquelle, que satisfaça as condições imprescindiveis que um tal assumpto reclama para o seu mais completo e regular funcionamento, desde a garantia constitucional até ás mais rigorosas prescripções hygienicas.

O transporte, o acondicionamento, a escolha dos animaes sadios, a attenuação dos calores pelo processo da refrigeração, e outras muitas medidas, é o que aconselhamos fossem adoptados entre nós.

A carne importada de Minas, em frio, quanto basta para sua perfeita conservação, será muito superior á que é abatida actualmte no Matadouro de Santa Cruz, onde o gado chega estropeado e cansado de penosa viagem, sem alimento e sem agua.

O transporte da carne em frio, dos campos de criação, muito deve concorrer para a utilisação do producto puro, perfeito, melhor e saboroso, e a menor custo do frete nas ferrovias, porque limitado a volumes em frigorificos ou camaras frias, a viagem pôde ser feita com pequena velocidade, e que em estrada de ferro significa um frete minimo; operando-se tudo em prol do consumidor e do productor.

Um outro ponto que tambem é digno de attenção é o que se refere ás balanças especiaes para o peso das rezes, unleo melo do garantir os interesses do criador, que venderá o seu gado pelo valor real, ao contrario do que se tem feito até aqui.

Ainda outro não menos importante é o que se refere a sanidade do gado, devendo exigir a autoridade sanitaria a mais rigorosa inspo-

ção no acto de o abater, medida que dentro de um periodo relativamente curto daria os melhores resultados, porque os criadores, livornistas e boiadeiros não trarião aos matadouros gado que pudesse ser *in limine* rejeitado.

Deve ser uma obra de regeneração completa essa do fornecimento de carne verde aos grandes centros, e que reclama a attenção dos governos locais e da União, garantido pela melhor forma possivel o interesse dos industriaes e concomitantemente os da sauda publica.

O publico actualmte compra mais ou menos a parte que o açougueiro quer vender e não a que elle quer comprar; a qualidade melhor tem o mesmo preço que a inferior; o osso é dado mais ou menos como elemento nivelador da qualidade; a sofreguidão do vender, para que a carne não deterioro, tira a calma ao vendeddor e ao comprador; depois de certa hora do dia pôde-se dizer que não ha mais o artigo á venda; tudo se faz precipitadamente de manhã; enfim é um serviço de organização primitiva e resistente ás modalidades commerciaes, que a hygiene, a physica e a chimica condemnão, que a technica e a experiencia reclamão se modifique.

Tudo isso será corrigido pelo systema que Minas pretende pôr em pratica com a organização de seus matadouros, o que deve ser imitado por outros Estados da Republica.

Com tal organização, a carne na mais rigorosa estação de calor se conservará em perfeito estado, ao contrario do que actualmte succede.

De tudo isso resultará:

- a) certeza da venda da carne boa, em seu perfeito estado;
- b) aproveitamento na sua totalidade, isto é, não se dará perda de um só kilogramma, dahl:
- c) a não precipitação na venda;
- d) a certeza de que não haverá carne deteriorada, como actualmte succede;
- e) dado o não perdimto, o seu preço fi-

cará muito mais rotunda, porque os preços sempre são estabelecidos de accordo com a perda aleatoria, e de la que oata não tenha mais lo ar, deixa de entrar nos calculos para estabelecer o artigo, e se como factor para o tornar mais barato.

É assim teremos o consumidor do Rio de Janeiro se a fim tanto da carne tomada directamente nos campos de criação, perfeita, melior e mais barata, sem os perdas do extraco pelo calor e pelo tempo.

Para demonstrar a importancia do nosso futuro commercial em relação á exportação da carne verde, basta lermos o que diz l'aul de Roussier em relação á criação desses grandes centros de açugue nos Estados Unidos :

« On ne peut pas consommer dans le pays toute la viande qu'on y produit. Il faut, dès l'exporter et comme on ne peut l'exporter que tres loin, sur d'autres continents, il faut la mettre en état de voyager sous la forme la plus commode ; dès lors, il ne forme necessairement des établissements d'abatage non plus en vue de la consommation locale, comme en France, mais en vue de l'exportation et, comme l'exportation offre en marché *presque sans limite*, ces établissements vont être non plus de petits ateliers, mais d'immenses fabriques de conserves.

Telle est la raison premiere de ces grandes — *packing houses* — ou s'encondrent chaque jour des milliers d'animaux.

Il est clair que toute situation n'est pas également bonne pour ces vastes entrepôts ; ils doivent se trouver à *partir des pays ou l'on engrais*, pour recevoir les bœufs, les porcs ou les moutons, avec le moins de frais de transport possible, et, de plus, être pourvue de moyens de communications nombreuses et faciles avec les ports d'embarquement d'où la viande d'abord préparée est exportée en Europe.

Ainsi les *Valley of Viand* se sont-elles déplacées à mesure que les pays d'élevage et

d'engraissement reculaient vers l'Ouest, avec le développement de la colonisation ; elles au- l ont marché vers l'Ouest.

Lorsque M. Talmé vout presenter au public parlison, vers 1850 un type d'américain, « marchand de porc salé », ce fut à Cincinnati qu'il plaça la residence de M. Thomas Crutledge ; à cette époque, Cincinnati tenait la tête en effet, dans cette industrie, et long temps elle resta baptisée au surnom significatif de *Porcopolis* ; Chicago naissait à peine alors ; plus tard elle entra en scene avec Louisville, Saint Louis, Indianapolis, Milwaukee, qu'elle devait promptement dépasser ; aujourd'hui elle a pour rivales Kansas City et Omaha ; demain quelque bourg ignoré du Texas comptera peut-être parmi les grandes villes de viande.

En jetant les yeux sur une carte des États-Unis, on se rend compte que Chicago, Omaha et Kansas City, les trois plus importantes villes de viande, forme une ligne brisée, à l'ouest de laquelle se trouvent les États producteurs de viande.

Cette ligne coupe l'Amérique du Nord au Sud et separe en réalité l'Ouest de l'Est, les pays neufs des pays civilisés. Il existe, il est vrai, d'autres centres moins connus, mais les douzes États (Ohio, Indiana, Illinois, Iowa, Missouri, Kansas, Nebraska, Minnesota, Wisconsin, Michigan, Kentucky et Tennessee) sur la surface desquels ils sont disséminés, occupent préciement cette situation intermédiaire entre l'Ouest et l'Est.

Partout où dans ces États, les moyens de communication son nombreuses, il s'établit quelque *packing-house*, et, là où elles atteignent leur plus grand développement, les *packing houses* prennent des proportions formidables.

C'est ainsi que Chicago est à la fois le plus grand centre de chemins de fer et le plus grand centre de *packing-house*. Cinquante et une lignes, appartenant à trente deux compagnies différentes, partent de Chicago, pour rayonner sur toute la surface des États, de

l'Atlantique au Pacifique du golfe du Mexique au Canada, et quatre millions et demi de porcs, plus deux millions et demi de bœufs y ont été abatus dans l'espace d'une seule année (1889-1890).

C'est là d'ailleurs que les maisons les plus considerables, Armour, Swift, Hammond, ont leur siège principal.»

Essa pagina transcripta textualmente do excursionista francez dá-nos idéa exacta da grandiosidade do assumpto, que, segundo elle, tem por campo a explorar-se uma exportação quasi sem limites e de outro, que a exploração deve ser assentada junto dos campos de criação. E' essa nossa opinião sem desconhecer que dentro de alguns annos a maior organisação da America do Sul, nesse genero, poderá ser installada no Rio de Janeiro, quando sahirmos do periodo modorrento em que nos achamos, e for convenientemente utilisada essa riqueza latente de nossa patria.

Aconselhamos hoje, á semelhança dos Estados-Unidos, que as primeiras tentativas de imitação sejam feitas nos Estados creadores, enquanto nos preoccupar apenas o consumo local, para mais tarde, quando o problema apresentar uma outra face, a da exportação, ser em definitiva organisação as grandes *paching houses* no Rio de Janeiro.

Já que nos estendemos um pouco sobre o assumpto, juntaremos a este trabalho a traducção que fizemos da *Statistical Publishing Co.*, sobre a organisação, processo da exploração e utilisação do boi, do porco e do carneiro como é feita em Chicago.

E' uma leitura que será proveitosa, orientando o espirito dirigente do nosso erador, que comprehenderá o alcance de por em pratica novos meios, que o levem a aperfeiçoar uma industria tão bem iniciada já entre nós.

A policia sanitaria do gado morreu do Governo francez, em 17 de abril de 1897, o seguinte decreto :

« Art. 1.º Ficam creados no Ministerio da Agricultura um lugar de inspector geral e de inspectores dos serviços sanitarios dos animaes.

Art. 2.º Estes funcionarios terão por missão assegurar o bom funcionamento dos serviços sanitarios departamentais, de velar pela applicação rigorosa das prescripções da legislação sobre policia sanitaria dos animaes, no que concerne ás doenças contagiosas, a inspecção das feiras e mercados, á vigilancia dos matadouros, das matanças particulares e dos currais.

a) Deverão igualmente vigilar a desinfecção do material de transporte dos animaes.

b) Em caso de epizootias em uma região, poderão ser commissionedos pelo Ministro da Agricultura com o fim de tomar as medidas necessarias para a combator.

c) De uma fórma geral, deverão informar a Administração da Agricultura sobre todos os factos que interessarem o serviço sanitario dos animaes.

Art. 3.º O vencimento desses funcionarios é o seguinte : Inspector geral de 1ª classe, 10.000 francos ; de 2ª classe, 9.000 francos ; de 3ª classe, 7.000 francos.

a) Inspector de 1ª classe 5.000 frs.; de 2ª classe 5.000 de 3ª classe, 4.000 frs.

b) A promoção de classe não poderá ter lugar senão depois de tres annos de exercicio pelo menos na classe precedente e segundo os recursos do orçamento.

Art. 4.º As despesas de viagem deste funcionario, serão reembolçadas, incluindo requerimento, de accordo com as bases seguintes:

a) Inspector geral : despesa de estadia 20 frs., por dia; ajuda de custo : por vias ferreas, 15 centimos por kilometros ; por caminhos terrestres, 50 centimos por kilometros.

b) Segundos inspectores : despesa de estadia 15 frs., por dia; ajuda de custo por vias ferreas, 15 centimos por kilometros; por via terrestre, 50 centimos.

Art. 5.º As disposições contidas no do-

creto de 1 de Janeiro de 1895 e relativa ao serviço sanitario de annaes no interior, ão revogadas naquillo que possam contrariar as prescripções do presente decreto.

Paris, 17 de Abril — J. M. Loe. »

O Governo da Estado Unida tem regularizado seu serviço, pela firma e mais conveniente nos interesses de uma federação; a inspecção se faz ali por via do funcionarios federaes e municipaes, dando o mais esplendido resultado. Limitar esse paiz, no parecer de nos, o conselho a seguir pelo nosso Governo em assumpto que falla tão do parto a saude publica.

Podiam e nos alargar em novas considerações, porque a lão se presta tão interessante assumpto; não dispomos do tempo, e convem que a presente exposição não se limite a esse ramo da industria pastoril, compando seja no momento actual o que mais cuidados reclama.

A forma pratica, que nos parece mais adaptavel ao desenvolvimento da industria pastoril, debaixo do ponto de vista da criação, deve ser a do impulso directo pelo Interesses, auxiliado, entretanto, pelo poder publico.

Ao Governo no nosso paiz fallam os meios seguros de dirigir e finalizar a execução de um plano que seria applicavel, pela dificuldade de methodização que o processo da criação exige em um paiz tão vasto, além de dispenhavel, e assim aconselhamos que todo o esforço nos o sentido fosse realizado pelo systema indirecto, como em diversos pontos da presente exposição já salientamos.

Uma associação ou syndicato que organize um estabelecimento modelo, ou fazenda, onde se adoptados os processos da mehanica agrícola moderna, e introduzidas as mais avançadas e melhores das diversas raças do gado, nos para o mercado ind-

entivamente decidido apelo do poder publico mediante imposições que fizessem do proveito a communhão social.

Monha los convenientemente alguma dessas estabelecimentos com os elementos de que necessita a industria pastoril para o seu aperfeçoamento, os Estados criadores terão oportunidade de ver mais um ramo de riqueza accentuar-se, firmando-se nova fonte de renda para as finanças da Republica.

Esses estabelecimentos encontrarão quanto à raça bovina, terreno regularmente apto, visto o grão de adiantamento em que nos achamos em alguns Estados, principalmente nos do Rio de Janeiro, Rio grande e Minas Geraes, de forma que a sua acção será de effectos immediatos.

As vantagens do taes organizações consistirão sobretudo na importação das raças cavallar, lanigera e suina.

A falta entre nós, tão notavel, de annaes de força o tiro, a dificuldade com que lutamos na obtenção dos mesmos para o exercito e policia, e os preços exagerados que o Governo de pendo para esse fim, mostra que os criadores nacionaes preoccupar-se-bão immediatamente deste ramo da industria pastoril em virtude do lucro, que o mesmo offerece; e, teremos ainda por essa forma aproveitado intelligentemente os nossos campos dando-lhos outro valor e libertando a força de cavallar nacional da contingencia em que tem vivido sobre a pressão estrangeira.

Quanto à lanigera sobre a qual a simples vista, que a criação desenvolvida debaixo do duplo aspecto da pão e da lã, facilitará o fornecimento da materia prima ás nossas fabricas e ali mais um elemento industrial que entrará em concurrencia nos mercados communaes com a Nova Zelandia e as Republicas do Prata.

O carneiro policia da entada mais solicitada, a clinica de lã que mais desenvolvimento nos nossos campos como o gado bovino. Em tudo que diz respeito ao desenvolvimento das raças, principalmente da lanigera, deve

apparecer o esforço directo ou indirecto do homem proporcionando-lhes os meios de vida.

É muito vulgar ouvir-se, que o carneiro não se aclimata entre nós, mas quererem que com elle se dê o mesmo que com o bovino é mostrar completo desconhecimento da natureza dessas duas especies de gado.

O carneiro exige pastores, providões, abrigos, curraes especiais e uma vigilância continua e até cães especiais que o contenham nas manadas, e isto quer se trate da Europa, da Australia, ou da Republica Argentina. É o que não temos praticado. Se não se pôe ao alcance do rebanho tudo de que necessita, elle se perde ou se deteriora; a delicadeza extrema do sua constituição o torna sujeito a uma quantidade de molestias, que precisão ser evitadas e tratadas.

O mesmo não se dá com a criação do gado vaccum, que nada reclama de extraordinario para sua propagação rapida, além de que a vigilancia nesta raça é mais pratica e os cuidados em relação ás molestias que o atacão são mais faciles ao homem debellar, e estas em muito menor numero.

A criação do carneiro, em summa, é interessantissima, lucrativa, e nós a aconselharíamos fosse feita em grande escala, á semelhança da Australia, da Republica Argentina, pelos nossos creadores.

O seu futuro está destinado principalmente á America do Sul, porque no processo, que o homem faz diariamente por via do seu esforço na industria, quer se trate da materia prima — a lã para as fabricas de tecelagem; quer se trate do fornecimento da carne, estes productos serão então obtidos por preços que desafiarão toda e qualquer concurrençia.

O resultado pôde ser assombroso na exploração dessa industria, se a paciencia, os detalhes os mais insignificantes, a assiduidade e constancia forem postos ao seu serviço. Quem não quizer posar essa responsabilidade e não encerrar de aninho provido o seguro um piaou de antemão traçado para ser exe-

cutado, não se propozia o nem se abalanco a esta tentativa, a menos que não se trate de criação muito limitada, porque o resultado será completamente negativo.

Em se tratando do carneiro, lembraremos a conveniencia de mandar o Governo da Republica por quem tenha competencia compôr um tratado sobre a criação das diversas raças de gado, de fórma a levar aos pontos mais afastados do paiz as noções praticas e que possão servir de compendio aos nossos creadores, consultados os elementos das diversas zonas do paiz.

Os trabalhos esparços, que seguidamente são publicados da elucidiação dos problemas que dizem respeito ao assumpto, produzem bons resultados, mas não satisfazem, por completo, ao passo que o mesmo não se dará com um livro que possa ser manuseado a toda hora, a todo momento, e que á força de o ler será elle retido de memoria pelos interessados.

A raça sulna merecerá de taes organições cuidado igual senão superior ás procedentes de balxa de certos pontos de vista. A installação de secções especiais para a engorda, a alimentação e o estudo que desta se deve fazer serão um dos seus principais fins. limitar o systema de engorda seguldo pelos Norte-Americanos seria o nosso *desideratum*.

Uma vez dissimulado praticamente tal systema, alguns Estados, o do Rio Grande, o do Minas e outros poderão fornecer aos demais da Federação Brasileira, o toucinho e a banha hoje largamente importados dos Estados-Unidos; e, como ao nosso paiz está destinado o mais extraordinario futuro, dia virá em que poderemos concorrer até na exportação com aquella grande Nação.

O cruzamento e a selecção têm na raça sulna tambem muita importancia como nas já descriptas, e diremos que o cruzamento em todas ellas deve ser iniciado pelo reproductor macho e a mesma regra doverá se adoptar mosmo quando se trate sómente da melhoria por selecção.

O syndicato que se organisasse o solicita^{do}

os auxílios do poder público, se sujeitaria ás prescripções regulamentares para esse fim adoptadas e ás obrigações decorrentes de taes favores, dentro as quaes poderemos destacar as seguintes :

a) — A não receber o auxilio pretendido, depois de completamente montado o estabelecimento, com todos os melhoramentos benefactorios, aulas praticas de agricultura e zootecnia, campos de demonstração pela mechanica racional e o respectivo gado da raça, sujeito talo á approvação e a certificação por parte dos governos Federal, Estadual e Municipal.

b) — A fazer acompanhar os reprodutores de raça estrangeira, dos respectivos attestados de nacionalidade e filiação.

c) — A manter um Herd Book que registre os cruzamentos e as seleções obtidas.

d) — A fornecer aos criadores, por preços razoaveis, reprodutores obtidos pelo cruzamento ou pela selecção, e a receber as fôrmas das diversas raças para serem exarbitradas no estabelecimento.

e) — A franquear o estabelecimento ao fiscal do governo, sempre que fôr conveniente ou effectivamente por um inspector, se as alm entender o mesmo Governo.

f) — A fazer funcionar regularmente o estabelecimento durante um prazo, que será fixado, porém nunca inferior a cinco annos, sob pena de indemnizar ao Governo pela restituição do auxilio concedido.

g) — A introduzir, por conta do terceiro, reprodutores de raça.

h) — O syndicato espontaneamente formado em qualquer tempo exonerar-se da responsabilidade, restituindo o auxilio recebido.

As raças que indicamos sejam de preferença importadas no paiz sob as seguintes:

OVINA

De raça inglesa o açougue de preferença, e de trabalho.

Devem ser preferidos, para o desenvolvimento da especie, reprodutores Durhams,

Hereforda, Normandos Contentinos, Charollez, Holstein Friesian (Estados-Unidos), Breton, Jersey, Guernsey, Skwitz e outros tipos da raça Suíça, a raça Hollandeza e a Jurassica.

O cruzamento deve ser feito com os nomes dos tipos conhecidos : a Acaraçô e a vacca Junqueira, e com a Hollandeza de 3/4 e 7/8 e pura, já obtida entre nós.

CAVALLAR

Devem ser importados reprodutores arabes, platinos e europeos, acompanhados de eguas das mesma raças. A raça arabe por excellencia. O *Percheron* e as raças platinas cruzadas com eguas puras e crioulas.

LANDEIRA

Devem ser importadas os melhores tipos que a observação indicar como adaptavéis ao nosso clima e pastagens, harmonisando-se tanto quanto possível, o peso e a produção de lã, e servindo de base para esse empreendimento as raças Merinós, Rambouillet, Lincoln, a raça Inglesa acelinada no Rio da Prata e, sobretudo, a sub-raça face negra Argentina, provenientes do cruzamento das raças Inglesas Southdown e Oxfordshire, apropriadas ás pastagens pobres, muito forte, excellento para corte e de lã abundante lina.

PINA

Devem ser importadas de preferença os tipos norte-americanos e Ingleses: Berkshire, Yorkshire e Poland China.

A industria pastoril é, sem duvida, das mais rendosas, porque, proza a muitas amarras ella difficilmente poderá naufragar, se o preço da carne baixa, o da lã, do couro ou da manteiga, das cavallos ou das bestas pôde elevar se o inversamente.

Mes como taes artigos em todo o mundo são de primeira necessidade, somos lavados a crer que tenderão a se fazer mais e mais procurados.

Raciocinando por essa fôrma não poderíamos deixar de chamar inistantemente a atenção dos nossos criadores, lembrando-lhes a necessidade de uma intervenção radical para o aperfeiçoamento dessa industria debaixo do aspecto vario com que ella se nos apresenta.

Competencia profissional, pratica e zelo são os requisitos exigidos para que o criador tire todos os proventos da industria pastoril, a qual pôde resistir melhor do que outra qualquer ás adversidades a que todas as cousas estão sujeitas.

LACTICINIOS

Por nos faltar o tempo e mesmo porque neste momento é a manteiga, da industria do lacticinios que mais preoccupa a attenção, quer dos industriaes, quer dos que se interessam pela pureza do producto, só a ella nos referiremos e mesmo assim muito succintamente.

Os nossos legisladores, á semelhança do que fez o Parlamento francez, por mais de uma vez tem agitado a materia, reclamando providencias do Governo e propondo leis especiaes de tarifa.

Entendemos em primolro logar que deve ser taxativa a prohibição da manteiga margarinada, e em segundo logar que a taxa sobre a manteiga pura deve ser muito mais elevada que a da actual tarifa, não colhe o argumento do que ainda não produzimos esse genero em quantidade sufficiente para o consumo.

O facto é verdadeiro, mas com uma lei proteccionista, em tres annos no maximo, o nosso mercado poderá estar repleto desse genero e aperfeiçoado como o temos, sahido de algumas de nossas fabricas.

O facto de não produzirmos o sufficiente para o consumo não basta, porque a França produz café em suas colonias, entretanto a sua tarifa é, como se sabe, exaggeradissima para esse producto.

Os paizes productores de manteiga tem feito leis especiaes contra as fraudes implantadas na fabricação dessa producto, pensamos que identicas medidas devem ser adoptadas, não só quanto ás importadas, como quanto ás fabricadas no paiz, e que houverem sido fabricadas com materias nocivas á saude publica.

Nos limitamos a trasladar para aqui o teor da lei franceza, para que limitemos tão avantajado procedimento, fazendo nosso trabalho o estudo pelos moldes dessa lei.

Lei de repressão á fraude no commercio de manteiga e á fabricação de margarina; de 16 de abril de 1897.

O Senado e a Camara dos Deputados tem adoptado,

O Presidente da Republica promulga a lei do teor seguinte:

TITULO I

Art. 1.º E' prohibido designar, expôr, pôr á venda ou vender, importar ou exportar, sob o nome de manteiga, com ou sem qualificativo, todo o producto que não for exclusivamente feito com leite ou de nata proveniente do leite ou de um outro, com ou sem sal, com ou sem colorantes.

Art. 2.º Todas as substancias alimenticias, que não a manteiga, quaesquer que sejam suas origens, sua procedencia e sua composição, que apresentem o aspecto de manteiga e sejam preparadas para o mesmo uso que este ultimo producto, não poderão ser designadas sinão sob o nome de margarina.

A margarina assim definida não poderá em caso algum ser adicionada de materias colorantes.

Art. 3.º E' prohibido a quem quer que se entregue á fabricação ou preparo da manteiga, fabricar, dote em seus depositos ou em qualquer logar que seja, margarina ou oleo-margarina, nem deixar fabricar-a, o dote por uma outra pessoa nos logares occupados pela manteiga.

A mesma prohibição é feita aos Inter-

melhorar, commercializar e vender de mantega.

Os dois primeiros paragraphos do presente artigo não são applicaveis ás sociedades cooperativas de abastecimento que não praticem acto de commercio.

A margarina ou oleo de margarina não poderão ser introduzidos nos mercados sem a pela via designada, especialmente para esta applicação pela autoridade municipal.

A quantidade de mantega contida na margarina pela venda, que esta quantidade provinha do «charalago» do leite, ou da nata com o oleo-margarina, ou que ella provinha de uma allição de mantega, não poderá exceder a 10 por cento.

Art. 4.º Todo aquillo que quizer se dedicar á fabricação da margarina, ou do oleo-margarina, deve fazer a declaração, em Paris, na Prefeitura de Paris, e nos departamentos ao effecto da communicaçõo qualquer estabelecimento a sua fabrica.

Art. 5.º Os locais nos quaes fabrica-se ou conserva-se em deposito e onde vende-se margarina ou oleo de margarina devem ter um signal indistincto, em cara lizes visivel, de, pelo menos, 50 centimetros (2', 0) de altura as palavras «fabrica, deposito ou varejo de margarina ou de oleo-margarina».

Art. 6.º As fabricas de margarina ou de oleo-margarina são sujeitas á vigilancia do Inspector nomeado pelo governo. Estes empregados tem por missão verificar a fabricaçõo, as entradas de materias primas, a qualidade das e as medidas da margarina e do oleo-margarina. Elles se assegurarão de que as regras prescriptas pelo governo, com o parecer da commissão de hygiene publica foram rigorosamente observadas. Elles tem o direito de se oppor ao emprego de materias deterioradas ou não hygienicas e de rejeitar da fabrica as e as variedades. Elles podem determinar as tribuções e as infrações das Hygienicas da present lei, decretos e resoluções ministeriaes, intervindo para sua execuçõo.

Art. 7.º Os inspectores mencionados no

art. 6.º podem penetrar em qualquer tempo e em todos os lugares das fabricas de margarina e de oleo-margarina sujeitas á sua vigilancia, nos armazens, adegas, celeiros e cavas e todas as suas dependencias, bem como em todos os depositos e varejos de margarina e de oleo de margarina.

Art. 8.º O tratamento das inspecções fica á cargo dos estabelecimentos vigiados. O decreto apresentado em Conselho de Estado para a execuçõo da lei nella fixará a importancia bem como o modo da percepção das taxas.

Art. 9.º As caixas, vasilhas e recipientes quaesquer, contendo margarina ou oleo-margarina devem todas trazer, por todos os lados, em caracteres visiveis e indeleveis, a palavra «margarina» ou «oleo-margarina». Os elementos componentes da margarina devem ser indicados pelas etiquetas e pelas facturas dos fabricantes e varejistas.

No commercio em grosso, os recipientes deverao ainda indicar em caracteres bem visiveis o nome e o endereço do fabricante».

No que diz respeito á margarina destinada á exportação, o fabricante será autorizado a substituir a sua marca de fabrica, pela do comprador, com a condiçõo que esta marca traga em caracteres visiveis a palavra «margarina».

No commercio á varejo, a margarina ou o oleo-margarina devem ser entregues sob a forma de paes cubicos com um sinete trazendo sobre um dos lados ou a palavra «margarina» ou «oleo-margarina» e postos em um involucre, trazendo, em caracteres visiveis e indeleveis, a mesma designação, bem como o nome e endereço do vendedor.

Quando o oleo paes forem rotalhados, a mercaderia será entregue em um involucre trazendo a referida inscripção.

Art. 10. A margarina ou oleo-margarina importada, exportada ou expellido devem ser, em forma de paes, postos em recipientes da forma e trazendo as indicações mencionadas no artigo precedente.

Art. 11. É prohibida expôr, pôr á venda

ou em depósito, e vender em um lugar qualquer, margarina ou oleo-margarina, sem que sejam encerrados nos recipientes indicados no art. 9º e trazendo as indicações ahí prescriptas.

A ausencia destas designações indica que a mercadoria exposta, posta em depósito ou á venda é de manteiga.

Art. 12. Nas contas, facturas, conhecimentos, recibos de estradas de ferro, contractos de venda e de entrega e outros documentos relativos á venda, á expedição, ao transporte e á entrega da margarina ou do oleo-margarina, a mercadoria deve ser expressamente designada, conforme o caso, como «margarina» ou «oleo-margarina». A ausencia destas formalidades indica que a mercadoria é manteiga.

Art. 13. Os inspectores designados no art. 6º e, em caso de necessidade, profissionais especiais nomeados pelo Governo tem o direito de penetrar nos lugares onde se fabrica para venda, ou naquelles em que se prepara e vende manteiga, tirar amostras da mercadoria fabricada, preparada, exposta, posta á venda ou vendida como manteiga. Podem da mesma maneira tirar amostras na alfandega, ou nos portos ou nas estações das estradas de ferro.

Tanto quanto for possível, a retirada de amostras será feita na presença do proprietario da mercadoria ou do seu representante.

As amostras serão remetidas aos laboratorios designados por decisão ministerial para serem submettidas a analyse chimica e a exame microscopico.

Em caso de fraude provada, o processo verbal será dirigido e transmittido, com o relatório do chimico profissional, ao Procurador da Republica, que instruirá o processo immediatamente.

Art. 14. Cada anno, o Ministro da Agricultura, sob parecer da commissão consultiva de estações agronomicas e laboratorios agricolas :

1.º Prescreverá os methodos de analyse a

seguir para o exame das amostras de manteiga retiradas como suspeitadas de falsas;

2.º Fixará a taxa das analyses;

3.º Detorá a lista dos peritos chimicos, nucleos encarregados de fazer a analyse legal das amostras retiradas.

Art. 15. As amostras retiradas são pagas aos detentores na fórma do orçamento do Estado, assim como as despesas da vistoria e da analyse.

Em caso de condemnação, as custas correm por conta dos delinquentes.

TITULO II

PENALIDADES

Art. 16. Aquelles que tiverem scientemente contravindo as disposições da presente lei serão punidos do prisão de seis dias a tres mezes e de uma multa de 100 a 5.000 francos ou de uma destas duas penas sómente. Todavia serão presumidos de ter conhecido a falsificação da mercadoria aquelles que não puderem indicar o nome do vendedor ou do remetente.

Os carreteiros ou companhia de transporte por terra ou por agua, que tiverem scientemente contravindo as disposições dos arts. 1º e 12, não serão passíveis senão de uma multa de 50 a 500 francos.

Aquelles que tiverem impedido os inspectores e peritos designados nos arts. 6º e 12 de cumprir suas funcções lhea recensando ou trada nos locais de sua fabricação, de depósitos e de venda, e tirar amostras, serão passíveis de uma multa de 500 a 1.000 francos.

Art. 17. Aquelles que tiverem scientemente empregado materias deterioradas prejudiciaes á saúde publica para a fabricação da margarina ou do oleo margarina serão passíveis das penas referidas no art. 4º do Codice Penal.

Art. 18. Em caso de reincidencia no anno que se seguir á condemnação será applicada sempre o maximo da pena.

Art. 19. Os tribunales poderão sempre or

donar que os julgamentos de condemnação pronunciados contra as infrações dos arts. 1, 2, 3, 5, 6, 9, 10 e 11 serão publicados por extracto ou integralmente nos jornaes que elles designarem e affixados em logares o praxas onde a fraude tenha sido commettida, assim como nas portas da casa, da loja, da fabrica e dos armazens do delinquento, e lido á custa do condemnado.

Art. 21. As substancias ou manufacturas fraudulentamente destinadas, exportas, postas á venda, vendidas, importadas ou exportadas, fideias em posse do autor do delicto, serão de mais confiscadas conforma as disposições do art. 5.º da lei de 7 de março de 1851.

Art. 22. As disposições do art. 43 do Código Penal são applicaveis aos delictos previstos e punidos pela presente lei.

Art. 23. Um regulamento de administração publica estatua sobre todas as medidas a tomar para a execução da presente lei, e especialmente sobre todas as formalidades a preencher para o estabelecimento e vigilancia das fabricas de margarina e do oleo margarina, sobre a vigilancia das fabricas de manteiga, dos varejos de manteiga, da margarina e do oleo margarina, mercados, sobre a refreza e verificação das amostras de mercadorias em peltas, sobre a designação dos funcionarios propostos para esta vigilancia e sobre as garantias a solicitar para assegurar o cumprimento da fabricação.

Este regulamento deverá ser feito em um espaço de tres mezes, sem que este espaço em nada possa impedir a execução da presente lei, em todos os casos em que a applicação do dito regulamento não for necessario.

Art. 23. São abrogadas a lei de 44 de março de 1857 e todas as disposições contrarias á presente lei.

Art. 24. A presente lei é applicavel á Algeria e ás colonias.

A HISTORY OF THE CHICAGO UNION STOCK YARDS
AND PACKING BUSINESS

(Published annually by Statistical Publishing Co.)

Os primeiros entrepostos de gado matabelecidos em Chicago, foram localizados no cruzamento das avenidas *Ashland* e *Oldgen* com a rua *West-Madison*, e foram chamados o *Hull Pen* (curral de bois). Esta denominação estendia-se a um pequeno espaço do terreno triangular, a sítio dos velhos curraes até bem pouco tempo antes, quando levantou-se sobre aquelle terreno um edificio de aço e cantaria. O *Hull Pen* foi construido em 1848 e foi o primeiro mercado regular do gado que se estabeleceu em Chicago. Sols annos depois, a *Michigan-Southern Railroad* abriu entreposto no genero, junto da esquina das ruas do *Urie* e *Vinte e Doas*. Esses entrepostos foram fechados em 1867.

Em 1858 os entrepostos *Myrick* na avenida *College Grove* entre as ruas *Vinte e Nova* e *Trenta e Tres*, foram edificados por J. H. Sherman. Esses entrepostos tinham capacidade para receber 5,000 rezes e 30,000 porcos. As estradas de ferro *Michigan Central* e *Union Central* cada uma tinham giradões (*switches*) para transitar dentro dos mesmos.

Tales entrepostos, com outros menores em diferentes partes da cidade encarregavam-se de cuidar de todo o gado em pé, até que fôr provado evidentemente que os interesses referentes ao gado em Chicago deviam ficar concentrados em um unico local, assim de facilitar a remoção das rezes e dos porcos e diminuir as despesas. O inconveniente de haver localisado os entrepostos tão longe uns dos outros foi causa de se emprehenderem os entrepostos da *União* (*The Union Stock Yards*) e a *Companhia de Transito* (*The Transit Company*).

Um prospecto foi lançado no outono de 1861, dando como resultado uma subscrição que montou á importância de \$1,000,000. A companhia foi devidamente organizada e

firmou os seus compromissos com o Governo em 13 de Fevereiro de 1865. T. B. Blackstone foi o seu primeiro presidente e F. H. Winston o seu primeiro secretario. Trezentas e vinte geiras (cada geira vale 40 acres e 17 contiares) de terra quasi a oeste da rua *Halstead*, na cidade do Lago (*Town of Lake*), foram compradas a João Wentworth por \$100.000. O trabalho foi começado no novo sítio em junho de 1865 e cinco dias antes do anno novo foram abertos ao commercio os entrepostos. As entradas nos primeiros dias foram de 613 rezes, 17.764 porcos e 1.433 carneiros.

Os entrepostos foram alinhados e ruas e áreas, cruzando-se umas com as outras em angulos rectos.

Cerca de 120 geiras foram occupadas com curraes ao serem inaugurados os entrepostos, porém, o desenvolvimento da empresa depois de se logar a accrescimos de quando em vez, até que no momento presente acham-se cobertas pela mesma 200 geiras.

Os curraes são de varios tamanhos, tendo alguns a capacidade da carga de um vagão, enquanto outros poderão conter a carga de 10 vagões.

Nos primeiros annos da historia dos *Union Stock Yards*, curraes para 1.200 rezes e ao mesmo tempo curraes para 1.000 porcos e carneiros eram sufficientes para accommodar todo o gado que entrava no mercado de Chicago, ao passo que hoje se exigem mais 2.000 (rezes) e 1.500 (porcos e carneiros) para os outros, afin de satisfazer com difficuldade os pedidos que lhe chegam.

Cerca de 20 milhas de áreas e ruas, umas macadamizadas e outras aterradas com cascalhos e materias carboniferas (*cinders*), ligam oses curraes com as plataformas para carregar e descarregar os vagões de 20 ferrocarris que entregam o gado; 50.000 rezes, 20000 porcos, 30.000 carneiros e 40.000 cavallos podem encontrar commodos hoje nos referidos entrepostos.

As entradas totaes do gado durante o anno

de 1856 foram: rezes, 393.007; porcos, 7.714.435; carneiros, 207.987; cavallos, 1.553. Para o anno de 1892: rezes, 5.571.796; vitellas, 197.576; porcos, 7.914.435; carneiros, 2.145.079; cavallos, 66.998. As entradas totaes desde que os entrepostos do gado foram abertos, até o 1º de dezembro de 1892, foram: rezes, 40.542.483; vitellas, 1.129.176; porcos, 131.353.711; carneiros, 20.542.483; cavallos, 695.213, perfazendo o grande total para 27 annos e cinco dias de 194.238.919 cabeças de gado, 70.895.916 das quaes foram embarcadas, ficando 121.343.000 que foram abatidas ou de que se dispoz de qualquer outro modo em Chicago.

AS MAIORES ENTRADAS

As maiores entradas do gado em um dia :

Rezes, 25 de abril de 1892.....	32.677
Vitellas, 6 de novembro de 1891.	3.068
Porcos, 8 de dezembro de 1884...	66.597
Carneiros, 9 de maio de 1893.....	22.337
Cavallos, 8 de junho de 1889.....	1.237
Carros, 25 de abril de 1892.....	2.175

As maiores entradas do gado em uma semana :

Rezes, semana finalizada em 19 de setembro de 1891.....	95.524
Vitellas, semana finalizada em 16 de julho de 1892.....	8.479
Porcos, semana finalizada em 20 de novembro de 1880.....	309.483
Carneiros, semana finalizada em 6 de maio de 1893.....	69.966
Cavallos, semana finalizada em 21 de fevereiro de 1891.....	3.679
Carros, semana finalizada em 16 de janeiro de 1892.....	8.457

As maiores entradas do gado em um mez :

Rezes, setembro de 1892.....	385.406
Vitellas, setembro de 1891....	31.398
Porcos, novembro de 1880....	1.111.997
Carneiros, abril de 1893.....	249.783
Cavallos, março de 1890.....	12.027
Carros, dezembro de 1891.....	31.910

As maiores entradas de gado em um anno:

Rezes, 1892.....	3.571.746
Vitellas, 1891.....	205.383
Porcos, 1891.....	8.600.705
Carneiros, 1890.....	2.182.667
Cavallos, 1890.....	101.566
Carros, 1890.....	311.557

VALOR DO GADO DURANTE 27 ANOS

1866..	\$12.765.338	1880..	\$143.057.626
1867..	42.375.211	1881..	183.007.710
1868..	52.506.288	1882..	196.670.221
1869..	60.171.217	1883..	201.252.772
1870..	62.090.631	1884..	187.387.680
1871..	60.331.082	1885..	173.598.002
1872..	87.500.000	1886..	166.741.754
1873..	91.321.162	1887..	176.614.597
1874..	115.019.140	1888..	182.202.789
1875..	117.533.942	1889..	203.321.924
1876..	111.185.650	1890..	231.344.879
1877..	99.924.100	1891..	239.434.777
1878..	106.101.879	1892..	253.836.502
1879..	114.795.834		

Grande total..... 3.701.252.727
 Peso médio dos porcos, 1892. 223

Os entrepostos de gado da União (*The Union Stock*) constituem, sem duvida, o maior mercado de gado em pé do mundo.

Todo o gado é alimentado immediatamente após a sua chogada aos entrepostos; a Companhia de Entrepostos de Gado (*The Stock Yards Company*) fornece forragem aos seguintes preços: — Feno de \$1.00 a \$1.50 por cem *weight*, o covada a \$1.00 por *bushel* (fanga); os direitos de curral (*yardage*) cobram-se sobre rezes e cavallos 25 cents por cabeça; porcos, 8 cents por cabeça; carneiros, 5 cents por cabeça; vitellas, 15 cents por cabeça. A agua para o gado é obtida principalmente de poços artesianos exluctos de tempos em tempos á proporção que um acrescimo de fornecimento tenha se feito necessario. A profundidade média de taes poços é de cerca de 1.300 pés.

O edificio da bolsa de gado (*The Exchange Building*) acha-se situado perto dos centros norte e sul dos entrepostos e 1/4 de millha da *Halsted street*. Contém os escriptorios da companhia conjunctamente com os escriptorios de umas 140 ou mais firmas commissarias.

CLASSIFICAÇÃO DOS PREÇOS PARA OS CAVALLOS, MENSALMENTE, DURANTE O ANNO DE 1892

	Cavallos de carroça	Uso geral	Cavallos para tilbury	Parelhas para carro	Cavallos para sella	Cavallos para ruas
Janeiro.....	\$150.00	\$100.00	\$105.00	\$350.00	\$125.00	\$105.00
Fevereiro.....	155.00	115.00	110.00	370.00	130.00	110.00
Março.....	160.00	114.00	111.00	365.00	140.00	110.00
Abril.....	162.00	117.00	118.00	380.00	150.00	110.00
Mai.....	153.00	120.00	120.00	382.50	150.00	110.00
Junho.....	140.00	115.00	125.00	380.00	150.00	11.00
Julho.....	145.00	110.00	120.00	370.00	140.00	105.00
Agosto.....	145.00	103.00	115.00	365.00	135.00	105.00
Setembro.....	150.00	109.00	120.00	350.00	135.00	100.00
Outubro.....	143.00	105.00	105.00	340.00	120.00	90.00
Novembro.....	135.00	95.00	110.00	340.00	115.00	90.00
Dezembro.....	135.00	100.00	110.00	345.00	100.00	95.00

Numero total de cavallos vendidos nos entrepostos de gado da União (*Union Stock Yards*) durante o anno de 1892.. 65.815
 Valor..... \$9.569.780

Há também um restaurant, uma loja de barbeiro, uma agencia telegraphica e outras casas dentro daquelle edificio. A *Transit House* (Hospitalark), construida pela companhia e a ella pertencendo, é largamente collocada e nenhuma hospedarla ou deposito a excepto na cidade.

A bolsa e o pavilhão de cavallos do *Decker Park* é provavelmente o maior edificio do mundo destinado exclusivamente á venda de cavallos e mulas. É de 185 pés de largura por 530 de comprimento e custou \$100,000. Contém um carril de exposição (*display track*) de 36 pés de largura e 530 de comprimento, com tres logares para fazer virar, todos cobertos por um zimbório de ferro e clarabóia. Contém também um amphitheatro com a capacidade para 3.000 pessoas, cada assento dando vista para o carril (*track*). É o mais completo recinto para a exposição e venda de cavallos sob cobertura do mundo.

O *Chicago Devers Journal* (o jornal dos machantes do Chicago) é provavelmente o mais conhecido jornal diario da America que trata do gado. Além da edição diaria, elle dá uma edição semanal e outra semi-semanal. É seu redactor e proprietario o Sr. Harvey L. Goodall.

O numero de firmas que fazem o negocio nos entrepostos como empacotadores (*packers*) e outros é de cerca de 100, 20 das quaes acham-se mais ou menos identificadas do manobra prominente com o negocio do carnos de conserva. As varias plantas são orçadas no valor de \$25,000,000, com um capital de cerca de \$50,000,000. O numero de empregados é de quasi 40,000 e as folhas de pagamento annuaes de \$30,000,000. O valor orçado do producto annual, nos dous ultimos annos foi do perto de \$300,000,000. Ha alguns 30 annos, quando ora feito negocio menos de 15 % do que uma daquellas firmas conseguira o anno passado, quando o boiadelro e os seus empregados tinham que trazer o gado por milhas ao longo de estradas atolando, era impossivel uma pro-

visão tal como se encontra nos factos do lieja. Actualmente não ha uma grande estrada de ferro no paiz que não tenha ligação com este local e em vez de o boiadelro tocar o seu gado e os porcos com atabulhoamento, perda e sem conforto, a entrega é feita mesmo á sua porta aos commissarios com mutua vantagem para os mesmos. A questão da pastagem tanto no que diz respeito a methodo como a local, foi então objecto da maior sollicitude.

Hoje os carros de diversos formatos aperfeiçoados para o transporte do gado evitam todo o incommodo, e não ha tempo a perder do lado que as rezes e os porcos são embarcados, o que se faz com pouca quebra, si a houver, no peso e sem danno algum. A pastagem é feita sem descarregar o sem demora. Cerca de 150 milhas de carris de estrada de ferro cruzam por todos os lados os entrepostos, propriedade da companhia, que também possui e opera as locomotivas.

As varias estradas têm um accordo com a companhia para todo frete e trafego, tanto dentro como fóra dos entrepostos e a companhia, por sua vez, não só fica responsavel pelo carregamento, de um lado, como também pelos impostos de frete do outro. A chegada do gado opera-se geralmente durante a noite e de manhã cedo, enquanto os despachos de sahida são feitos de tarde e de noite, vindos dos pontos oppostos dos circuitos e supprimento e o pedido, como de regra. Os trens occidentaes entram pela manhã e o frete oriental sahe pela tarde. A proporção que os tres entram, o seu carregamento é tomado pelos empregados da companhia e todos os detalhes quanto á propriedade, consignação, quantidade, descrição e pagamentos são annotados, e em todos os casos a companhia toma a responsabilidade e dirige os movimentos do producto até este ser propriamente descarregado ou pago.

Enquanto o maior numero de rezes vêm dos proprietarios directamente consignadas

aos commissarios, que as vendem em nome daquelles, ainda é materia de frequente occorrença terem os proprietarios a direcção dos movimentos e a disposição dos productos por si mesmos, e além disso acontece que representantes de varias casas na linha commissaria entraram no práz e compraram por especulação, aguentando com todos os riscos de embareal-as no mar por si mesmos.

Com o descarregar do gado vem o movimento para os curraes particulares; so-guem-se a pastagem e a aguada, e depois a vida real do negocio — a venda. Nenhuma descripção, ainda mesmo graphica, pôde-se dar do movimento e estrepito dos entrepostos do gado pela manhã. Rezes, porcos, carneiros e cavallos movem-se em todas as direcções, portões gyram abrinlo-se e fechando-se com rapidez. Commissarios, proprietarios e compradores correm para aqui e para acolá, e sujeitos que berram montados em velozes cavallinhos vaqueros chegam e sahem. Todos, porém, movem-se tudo em vista alguma coisa; alli ninguém está ocioso. Um homem sem negocio é cousa desconhecida. Com a venda das rezes colhem a pagagem e a inspecção das mesmas.

A inspecção é feita com o intuito de descobrir algum animal doente ou caçado, e si houver algum em taes condições, é este rejeitado da leva como comprado em numeras especies ou pôde ser pesado com outros, sendo dada uma indemnisação pelo damno. As balanças usadas são capazes de pesar 100.000 libras. Um carro de rezes pesando cerca de 25.000 libras pôde ser facil e rapidamente pesado de uma só vez e ainda attingir sómente 25 % da capacidade das balanças.

A UTILIDADE DE UM NOVILHO MORTO

As rezes são compradas e vendidas a peso e o mesmo acontece com os porcos, que, como aquellas, são transportados sobre viaductos para os tabladros onde são abatidos. Um novillo, quando uma vez para ald to-eado, conta o seu ultimo dia, e tem pouco

tempo para pensar ou conjecturar (si para tal tem capacidade) sobre o seu destino final, ainda que o seu modo de proceder multissimas vezes nos faça a nós, que o observamos, erer que elle tem um vislumbre de idéa da sorte que o aguarda.

Quando elle avança o primeiro passo sobre o viaducto, que leva ao edificio onde se faz os *packings*, deixa atrás toda a esperança, e esse viaducto é como a *Ponte do Suspiro*, e assim podia ser chamado com propriedade — all não ha só suspiros.

Entretanto, o estalido do chicote do boladeiro e o alarido que faz vem a proposito. Ao chegar ao *packings house*, o novillo vê-se sosinho mettido dentro de um curral pequeno e estreito, e, se olha para cima, vê um homem empunhando um malho comprido com um cabo fino suspenso sobre a victima. Esta ouve o tilintar das correntes e o barulho do guladaste, e além dos compartimentos ao lado, sente o cheiro do sangue de facto, e então parece ter a realidade de que se acha em desagradavel posição.

Vira para a direita e para a esquerda, levanta a cabeça e dá urros de modo o de raiva; olha para a pessoa que tem o malho suspenso sobre elle, com os olhos sanguineos e ferozmente supplices; a bocca lança espuma e o suor corre por todos os pollos do corpo. Mas o tempo urge; já o homem do malho levantou o seu terrivel instrumento; o novillo move com a cabeça, e assim ganha outro instante de vida, e então, como um relampago, o malho cahi no alto da testa, justamente na base que mecloia entre os chifres, e a victima cahi inerto como um pedaço de potea molle.

Uma afavanca é puxada e o assoalho sobre o qual jaz a rez morta é virado; ao mesmo tempo as divisoes do lado abrem-se e o novillo resvala para outro compartimento. Abi um homem decepa-lhe a cabeça, a golpes de facão. Outros mettem ganchos nos tandões das juntas do jarrete; outros põe-se a tirar-lhe o conro e, em espaço de tempo incrivelmente pequeno, o novillo está sus;

ponso o prompto. Um homem com uma enorme machadinha separa-lhe a espinha dorsal e, então como o porco, elle desliza por um carril (*along an overcoul track!*) para dentro de uma camera frigorifica. Nesse mole torno e coração e o fígado são destacados dos bofes e outras porções do corpo e dependurados em ganchos cabidos. Todo o sobo é tirado das entranhas e do ventre.

Os *bi-products* do novillo são: carne da face, coração, fígado, lingua, pancreas, sebo, sangue, estomago, trachéa-arteria (forro da passagem da bocca para o estomago, usado para rocheio de salchicha), boxiga, couro, chibata e miudos. A cabeça do novillo é estolada, e a pelle conjunctamente com a das pernas e a da cauda vai para a fabrica de cella. As bochechas são certadas das mandibulas (queixadas) e são empregadas no fabrico de salsichas de Bolonha. A lingua é mettida na salmoura e defumada. O *skull* vai para a fabrica de colla, onde é fervido, e d'ahi para a fabrica de ossos e d'ahi para a de fertilisadores. Dos cascos tambem a fabrica de colla o a de ossos tirão partido, de quo obtem-se igualmente oleo de mocotó (*neatsfoot oil*). Com as pancreas se faz a pancreatina; as porções do fígado e do coração são empregadas para o fabrico de varias especies de salchichas. Todo o sangue e miudos vão para o fertilizador e os chifres são vendidos para serem convertidos em cabos de fua, botões e pontas.

E' pela economia e utilização absoluta de toda a porção do novillo que torna-se possível ao empacotador tirar qualquer lucro pelos proços em que são actualmente vendidos aos mercadistas as carnes preparadas.

O Sr. P. D. Armour, da Armour & Company, em sua infernação perante a Companhia Especial do Senado dos Estados Unidos, ha alguns annes, disse que o lucro liquido que tem a sua Companhia pelo abatimento e venda de um novillo pesando em pé 1.144 libras é de \$1.22, e esse pequeno lucro tornou-se possível sômente pelo extreme cui-

dade que se teve em realzar toda a porção do animal morto.

O homem que abate de uma a vinte vezes por dia não tem probabilidade de competir com successo, com aquelle que abate milhares, pois que não pôde tirar lucro dos miudos, que o outro tira.

Durante o anno a que se refere o Sr. Armour, diz elle que a sua Companhia abateu 340.679 vezes com um lucro de 408.101.40 dollars para a Companhia.

HISTORIA DE UM PORCO

Corca de 6 horas, em uma manhã de março, um trem chegou aos entropostos do gado da União do Chicago (*The Chicago Union Stock Yards*); trem comboiando uns 20 carros carregados de porcos das fazendas de trigo do Kansas. O carregamento desse trem era consignado a um certo commissario, que teve de uma só vez os porcos desembarcados, mettidos em curraes cobertos e allmontados.

Alguns compradores das differentes *packing houses* começaram a fazer pedidos, e uma vara particular foi comprada para um dos maiores *packers*. Foram immediatamente mettidos em balanças e posados (os porcos são comprados por peso); depois tocados através de aléas o *chutes* até que chegaram a um declive que dava para um vladucto, sobre o qual foram tomados até que entraram na *packing house* no terceiro andar. Ahi uma porção delles foram mettidos em um pequeno curral. Entre elles se achava um sujeito, que amarrrou uma pata a uma das pernas trazeiras do primeiro porco que lho veio ás mãos, e num instante o porco, grunindo desesperadamente, foi guindado por meie de um guindasto a vapor, indo parar defronte de um carnicero que o aguardava, o qual empunhava uma faca comprida e floa. Virou a roda o porco até que onfrenteu com a guia do animal e, com toda a feroza, entorrou-lhe a lamina do aço no pescoço cerdoso. Depois arrancou a faca e esperou outro que vinha.

Nesse entretanto, o primeiro porco escorrega pelo carril abaixo, com um empuxo ou dous talvez, e cahe no tanque a ferver. Ali é o animal virado e revirado por um instante e é depois alçado para a machina do raspar. De cada lado acham-se sujeitos que raspam as cerdas que a machina deixou de raspar. Do novo o animal morto é guldado e então vem um sujeito que o destripa. Um outro corta-lhe a cabeça, um outro tira-lhe as cerdas que ficam aqui e acolá, com agua fria, e assim por diante e o molto em seguida na geladeira.

Nesse entretanto, o sobo está sendo tirado das entranhas; as tripas são mandadas para um lugar, o coração e o fígado para outro; as entranhas são limpas e mandadas para um compartimento onde são preparadas. Parte da cabeça vai para o compartimento das salchichas e o sobo dos intestinos para a refinação do banha. Em geral gasta-se menos de 12 segundos desde que se molte o gancho em uma das pernas até que o animal morto, preparado e assejado segue para a geladeira.

Agora vem a divisao das partes. O alto da cabeça, as orelhas e a cauda vão para fazer-se *headcheese*; o coração e o fígado são convertidos em chouriços; as tripas, em revestimentos para salchichas; o estomago, em pepsina. As cerdas vão para os campos (das erinas) proprios, onde são recolhidas e enfiadas para o moreado. Os pés são postos em salmoura dentro do pequenos barrils, e a lingua é tratada da mesma maneira. O sangue é aparado da sangria, e, depois de seccar, é convertido em fertilisador. Depois de 18 a 36 horas o animal é levado para um compartimento, para ser pleado e ali é elle collocado sobre um cepo, e sujeitos armados de poderosas machadinhas picam-no. Esses sujeitos são pessoas peritas de tal modo que de um golpe e exactamente no devido lugar, tallam o animal por completo. Os pernis e as costellas depois de serem preparados, são encaminhados para o salgador,

que por muitas semanas conserva-os em contacto com uma solução de sal, assucar granulado e outros ingredientes, de que cada fabricante tem a sua fórmula secreta, com todo o zelo guardada. O manejo frequente assegura a plena absorpção desta solução no systema arterial da carne.

Enquanto este processo segue a sua marcha, os pernis e as costellas permanecem dentro de enormes tubos de salmoura.

Quando a carne tem ficado completamente impregnada de sal, dizem que os pernis são beneficiados, depois tiram-nos e lavam-nos em agua fria, e ficam elles promptos para o processo de defumação.

As defumações beneficiam de 10.000 a 20.000 pernis, sendo a defumação propriamente dita feita com lenha de *hickory* e coberta com serradura. Só pessoas peritas no serviço é que podem trabalhar nas defumações, pois um pouco de fumaça quente demais ou desigualmente distribuida, grandes danos facilmente poderia causar. Muito incommodo é occasionado a todos os preparadores de pernis pelos pernis azedos como commumente são denominados. Um pernil pôde ter o melhor aspecto e ter melhor cheiro e ainda apresentar um ponto azedo na junta. Esse defeito é causado pelo modo de tratar o porco vivo previamente mencionado. Sendo dado um laço em uma das pernas e esto sacudindo o animal, que é pesado, do chão, comprime a junta, e as cordas muitas vezes rompem alguma pequena arteria. Esta compressão faz um coagulo de sangue na junta, que mais tarde torna-se a causa de ser aquelle pernil rejeitado pelo inspector. Uma modesta fortuna aguarda aquelle que inventar um processo rapido e effcaz de tratar os porcos sem usar o actual laço para perna. As costellas e o toucinho são tratados da mesma maneira que os pernis.

Algumas partes do porco que chega aos entrepostos, uma manã, talvez sejam servidas no almoço do dia seguinte em forma de salchichas, no dia immediato em *headcheese*, uma semana mais tarde em puro

toncinho refinado. Um mox mais tarde são servidos os pés; alguns mezes mais, compraremos toncinho para o almoço do corpo, e em anno começaremos a comer partes em porco do prato o pornil.

BENEFICIAMENTO DOS MIUDOS

Salchichas

A fabricação de salchichas feita pelos varios fabricantes nos entrepostos do gado (*Stock Wards*) no ultimo anno importou em corea de 75.000.000 de libras. Provavelmente 1/4 destas foi de Bolonha. As salchichas de Frankfort e do porco são tambem fabricadas em larga escala. Neste compartimento o fabricante pôde empregar muitas das partes das rezos e dos porcos que de outra maneira seriam desperdiçadas ou iriam para os fertilisadores. Aqui encontra elle emprego para todos os intestinos do porco e do carneiro, bem como para o fígado, coração e para a carne das bochechas. No compartimento das salchichas é tudo arranjado tendo em vista o maximo asselo. As milhas de varas de salchichas, das quaes milhares de libras são obra de um dia, produzem um apparatus maravilhoso.

Depois de ter sido picada a carne para salchichas, misturada e temperada, é esta introduzida por um machinismo automatico por baixo de um tubo grosso, que tem uma pequena abertura da fôrma de uma ponta do dedo, sobre a qual é passado o envolvero ou bainha (da salchicha) e o enchimento é com admiravel rapidez feito, sendo o movimento da carne interceptado por uma corrediça, quando o envolvero está quasi cheio.

Depois de recheiar as salchichas—se são de porco—são estas dependuradas em cabidos e collocadas na goleira; se são de Bolonha, são tiradas para a defumação, defumadas algumas horas e depois cozidas ao fogo. As do Frankfort são tratados quasi da mesma maneira. O *head cheese* (preparado que se faz com as carnes da cabeça, as quaes são mettidas em

uma fôrma de queijo e tomam a fôrma deste producto) é tambem um producto deste compartimento.

SEBO

No momento actual, em que o gaz e o oleo tem levado de venclida a véia de sobo dos antigos tempos, suscitou-se a questão de que os fabricantes fariam da immensa quantidade de sobo tirada do gado que abatiam. Antes que a questão assumisse a proporção a que chegou actualmente, foi encontrado um emprego para o mesmo, e hoje milhões e milhões de libras são convertidas em azeite, a maior parte do qual é exportada para a Hespanha.

Essa é a base e o fundamento da *butterina*. É doce, salutar, puro e claro. É follo do puro sobo de folha, derretendo-o e coando-o em taxas sobre carris onde lhe é permittido ficar em um compartimento conservado a uma temperatura sufficientemente quente para preservá-lo de endurecer a ponto de ficar granulado. Depois é tirado e mettido na prensa, correndo o azeite para as terças (*tierces*) e ficando a estearina nas prensas.

Este oleo é misturado com uma certa percentagem de mantelga pura e batido com leite azedo. Sendo o resultado um producto que não pôde ser distinguido do mais alto gráo de mantelga de nata, o que quer dizer, ser muito mais savel.

COLLA

Caseos, tutano dos chifres, revestimentos dos ossos e dos cenros são os miudos com que se faz a colla.

A enorme quantidade desse material que foi desperdiçada nos primeiros tempos, é agora utilizada com tal vantagem, que a quantidade de colla fabricada pelos *pachers* nos entrepostos sobe a perto de 15.000.000 de libras annualmente. Os pedaços quaesquer de couro, osso, chifre, etc., são lançados nas taxas grandes e cosidos. A agna em que taes pedaços são cosidos, depois de ser despejada, é lançada em caldeiras vastas maiores e

fervidas a uma baixa temperatura, até que é reduzida á consistencia do xarope, e então é despejada em tachas de 20 pollegadas de comprimento por 8 de profundidade e de 7 de largura, e é posta a esfriar e assentando em uma massa solida de geléa polida como espelho, porém dura. Depois do processo de endurecer estes blocos, são estes tirados das tachas e cortados em finas fatiadas, por machinas especiais, e postos nos crivos nos compartimentos proprios para a sécca. Eis como se faz a colla.

EXTRACTO DE CARNE

O processo de fabricar extracto de carne consiste em extrahir os succos da carne magra, fazendo passar agua fria pela carne. O succo obtido é então cozido até coagular a albumina, até que fique um liquido branco claro. Este é reduzido á consistencia de uma massa dura em uma caldeira vasia, sendo cozido a uma mui baixa temperatura. E fabricantes que usam este processo exigem que sómente sejam garantidos os succos da carne que forem necessarios e que se lio não tirem nem gelatina, colla, fibrina ou gordura, pois que nenhuma daquellas partes são soluveis em agua fria, porém tão sómente o são os saes da carne. E' esta a razão dada para a superioridade exigida do producto obtido por esse processo sobre todos os outros.

Lã

Outrora os fabricantes vendiam as pelles dos carneiros e ovelhas com a lã e tudo. Agora a lã tem um compartimento especial. A lã é extrahida por meio de machinismos aperfeçoados e as pelles são salgadas e vendidas aos curtidores. A lã é lavada em machinas antes de ser tesquilada, e a agua é escorrida da mesma por meio de escorredores (*sringers*) que fazem 2.000 circumvoluções por minuto. Depois de tesquilada e enxugada por enxugadores de ar quente é mettida em fardos e vendida ás fabricas de tecidos.

PEPSINA

A pepsina é fabricada do forro membranoso do estomago do porco, por um processo que consiste em dissecar esse forro do estomago, e depois de lava-lo e colloca-lo em vasilhas de barro, as quaes são mettidas em laxas razas e cercadas d'agua conservadas a uma temperatura de cêrca de 101 grãos Fahrenheit. Os taes forros membranosos do estomago são cobertos d'agua acidulada, que os digere em poucas horas, e depois disso o liquido é escorrido e ceado, tomando uma côr natural pela addição de um aleali. Depois é seccado em pratos razos em camaras de ar quente, a uma temperatura de 124 grãos Fahrenheit. Este processo de seccar leva de 6 a 12 horas, conforme a opessura do liquido pesto nos pratos, depois do que é raspado fóra. Eis como se fabrica a pepsina que se vende a peso no commercio. Pepsinas em pó ou granulos são fabricados desso *scale* moendo com cylindros. Um grão de pepsina feita desta maneira tem o poder digestivo de cêrca de 4.000, ou, em outras palavras, um grão da mesma digerirá 4.000 grãos de clara de ovo fortemente cozida. Ha varias preparações feitas de pepsina; a pepsina de gliceroe e as pastilhas de pepsina são as principaes. A pepsina é de um valor inestimavel para a cura da dyspepsia e para outras fórmas de indigestão.

PANCREATINA

E' este um producto comparativamente novo, e é feito da glandula do pancreas, encontrada em todos os animaes e communmente chamada *liver sweetbread*. O seu valor medicinal aelia-se na acção que tem sobre o figado e no poder de digerir as gorduras. O processo de fabrica-la é differente do da pepsina. As glandulas do pancreas são cortadas finas e batidas em agua acidulada e seccadas sobre panno, e depois disso o producto é tratado por um processo de gazollina, que lio extrahio a gordura. E' depois reduzida a pó. Ha uma essencia e gliceroe feitas dellas tambem.

FERTILISADORES

Quando uma porção de um boi, porco ou carneiro, não pôde ser utilizada com melhor proveito pelo *packer*, vai ella para as fabricas de fertilisadores, onde, se o sangue é seccada e reduzido a pó. Toda a agua que foi servida para lavar, esfregar e limpar na *packing-house* é escorrida dentro de taças, fervida e evaporada até á consistencia de xaropo. É mettida então em fornos, para cozer ou seccar, e depois é misturada com osso calcinado e sangue secco, e collocada em caixotes que são devolvidos aos fazendeiros para adubar os campos de trigo, cujo crescimento auxilia, para engordar mais porcos e ovelhas, e em tempo opportuno volta de novo, para soffrer o mesmo processo, uma especie de reencarnação.

BUTTERINA

A butterina é composta de manteiga, oleo de manteiga, banha neutra e oleo de carne.

A manteiga de creme e a manteiga propriamente dita de Elgin, feitas na fabrica diariamente são os productos de leite usados na butterina.

O oleo de manteiga é feito espremendo o oleo da semente do algodão americano. É um oleo vegetal puro e nutritivo, usado em pequenas quantidades e para amollicer es tocidos da butterina.

A banha neutra é banha de folha pura gelada, cozida a uma baixa temperatura, e depois é mettida em um banho de agua fria para cerca de 48 horas, que tira-lhe todo o cheiro, deixando ficar uma materia perfeitamente neutra.

O oleo de carne (*oleo oil*) é feita da mais escolhida banha de carne de vacca, esfriada em agua gelada, depois dissolvida a uma temperatura de 140° Fahr. Desta é espremida um oleo perfeitamente solúvel, conhecido sob a denominação de *oleo oil*, que é o unico producto da carne usada na butterina.

Os ingredientes acima mencionados, quando propriamente combinados, salgados e beneficiados, tal qual a manteiga formam o que

se denomina butterina, que é um dos mais puros e mais saudos artigos de alimentação em uso geral.

OSSOS

Depois é extrahida a colla dos ossos, os que não têm nenhum valor para as fabricas são postos a seccar e moídos para fertilisador. Os ossos das pernas das rezes são serrados em pedaços e depois de cozidos são postos a seccar e embareados para as fabricas de pentes ou de botões.

PELLOS E CORDAS

O pello extrahido dos couros e as cordas dos porcos são levadas para um campo e espalhadas no chão para serem beneficiados. São remexidos e separados tal qual se faz com o feno até que fiquem inteiramente secos. depois são enfardados e mettidos em saccos. As melhores cordas são vendidas para os fabricantes de escovas e o resto val para os fabricantes de colchões, etc.

LIMPEZA

Se ha cousa que os *packers* preconisem e sobre a qual insistam, é a limpeza. A este ponto prestam elles a maior attenção, e a carne e os outros productos dessas grandes casas são tratados com muito mais cuidado do que nos matadouros menores do país. Não ha o menor signal de sujo. Os carregadores dos wagões, que pegam nos quartos de carne verde, são obrigados a usar todos os dias blusas de lona limpas e brancas. Um homem que expectorasse no soalho seria immediatamente despedido. É tambem expressamente prohibido dizer palavradas na maior parte das *packing-houses*, sobretudo na de Swift.

É verdadeiramente interessante um passeio por um grande matadouro. A destreza admiravel dos carneiros, as invenções mechanicas para auxiliar o trabalho, o systema methodico empregado a extrema limpeza, e, sobretudo a rapidez e o silencio com que

tudo é executado, assombra o estrangeiro como uma maravilha.

EMPAQUOTADORES NOTAVEIS

Empacotadores (*packers*) notaveis — Entre as firmas notaveis que fazem negocio no districto do entreposto como empacotadores (*packers*) figuram as seguintes: Swift & C., Armour & C., Nelson Morris & C., Libby, Mackellil and Sibby, The Anglo American Provision Company, The Chicago Packing and Provision Company, Jones and Stiles, Moran and Healy, The Internacional e outras.

Sulfand Company são os maiores abatedores e exportadores de carno preparada no mundo. Em 1892 elles abateram 1.180.498 rezes, 1.134.692 porcos e 1.013.527 carneiros. A venda que fizeram naquello anno montou a \$90.000.000. Elles têm, além dos de Chicago grandes matadouros o *packing-houses* em Sout-Omaha, Kansas — City e em East Saint Louis, e empregam mais de 3.000 carros frigorificos para transportar os seus productos aos mercados onde são distribuidos por mais de 200 casas filiaes estabelecidas nas principais cidades dos Estados Unidos e da Europa. Têm laboratorio pharmaceutico, em que fabricam pepsina, pancreatina, rennetina, extracto de carno e carno fluida, tudo de excellento qualidado e pelos melhores processos.

As suas exhibições na Exposição Columbianiana são bem dignas de visita, principalmente a que se acha no Pavilhão da Agricultura, que é unica e bellissima, sendo um carro frigorifico de vidro, chato, de tamanho por completo, carregado com todas as especies de productos seus.

Swift and Comp. acham-se tambem entre os maiores fabricantes de colla do mundo e tem uma fabrica modernissima e completa, segundo a planta que elles exhibem na *Union Stock Yards*.

O nome de Armour tornou-se uma palavra casolra. As suas carnes preparadas em latas chegaram aos pontos mais remotos do mundo.

O autor deste trabalho foi apanhar latas desgarradas com o rotulo Armour and Comp.,

nos alcantis mais desolados das montanhas Rochosas, na Columbia Ingloza, etc. São elles os maiores abatedores e *packers* (preparadores) de porcos de Chicago e andam ronte com Swift and Company no numero de rezes. Pelos seguintes algarismos póde-se fazer a idéa dos negocios feitos por Armour and Company — A firma fez negocios na importancia de \$ 66.000.000 durante o anno que terminou o 1º de Abril de 1891.

Os porcos abatidos pela casa subiram a 1.714.000; rezes, 712.000; carneiros, 413.300. Os empregados de Armour and Comp. andaram naquello periodo em 7.900, e os ordenados que lhes foram pagos importaram em 3.800.000 doliars. A firma tinha 2.250 carros frigorificos. A área total coberta pelos edificios da firma foi de 50 gozras; a área total do pavimento de edificios, 140 gozras; camara frigorifica, 40 gozras; capacidade de armazenagem dos edificios, 130.000 toneladas.

A *Armour Glue Works* (offelinas de colla Armour) fabricou 7.000.000 de libras de colla dentro do mesmo periodo, 9.500 toneladas de fertilisadores, graxas, etc.

O terreno coberto pelos edificios desse departamento cobre 15 gozras, e o numero de empregados é de 600.

Nelson Morris and Company é o terceiro membro do triumvirato dos *packers* de Chicago. Fazem um movimento immenso, e tem filiaes espalhadas por todo o palz e são largamente interessados em engordar as rezes.

A *Chicago Packing and Provision Company* é uma consolidação de um grande numero de *packers* em menor escala, que fazem uma das maiores companhias dos entrepostos.

Libby, McKoill and Libby são principalmente enlatadores (*carners*) de carnos, e e nesse serviço elles empregam o numero de 2.000 rezes por dia, ás vezes.

Os seus productos são conhecidos em todo o mundo, em uma futura edição nos esforcaremos por fallar com mais desenvolvimento dos *packers*, pois o tempo e o espaço nos obrigam a sermos breve nesta edição.»

MODO DE FÔR AS CARNES EM LATAS

As carnes conservadas são enlatadas por muitos dos mais importantes fabricantes taes como Nelson Morris & C., Armour & C. e Libby Mc Neil & Libby, os quaes são na realidade os industriaes de mais ostensos negocios. Swift & C. não enlatam carnes. No enlatar a carne salgada, esta é justamente arrancada dos ossos e ligeiramente salgada, depois do que é cozida e acondicionada em latas por machinismos automaticos, tocados sobre as vistas de gente perita. As latas são perfeitamente cheladas com uma quantidade sufficientemente justa, conforme a escala, em muito menos tempo do que se leva para dizê-lo. As latas são depois tampadas e processadas.

Este ultimo trabalho consiste em metter a lata, quando fechada, em um retorta aquecida a vapor, que produz no contendo calor e fermentação impellindo o ar para a tampa. Depois a lata é perfurada por um instrumento em fórma de agulha, e o ar escapa com ruído. O contendo, de novo tapado hermeticamente, hea assim á prova das mudanças de clima a que possa ser exposto. Depois disso as latas são lavadas, enxugadas, pintadas e rotuladas e mettidas em caixas promptas para embarque. Não ha ningnom que tenha visitado uma região civilisada nestes ultimos 15 annos, onde não sejam conhecidas as carnes conservadas de Chicago.

INSPECÇÃO

A Junta Commercial de Chicago tem um Inspector geral nos entrepostos, que conta muitos prepostos para o auxillarem, cujos deveres são examinar cada uma e todas as peças de carne, embarcada ou não, segundo a sua qualidade.

Na inspecção de carnes mettidas em barricas ou torças, toma-se como média do total uma amostra de cinco fardos, escolhida ao acaso pelo Inspector. O custo dessa inspecção para o fabricante é de 15 cents por um peso de 1.000 libras e \$1 por barrica ou torça de cinco amostras examinadas.

Isto é de 1.000 barricas, cinco serão escolhidas como amostras e examinadas como uma média do total, e as despesas são cobradas sobre essas cinco barricas, de maneira que se são examinadas 500 ou 5.000 barricas, as despesas serão apenas de \$25.00.

Para o porco o Governo tem um systema de inspecção e exame microscopicos. De cada animal morto tres ou mais peças são tomadas para averiguar se estão livres da *trichina spiralis*. Depois de rotuladas, as peças são collocadas em pequenas caixas, numeradas e levadas á Inspectoria, onde são empregados mais de 40 bacteriologistas peritos, que examinam as peças, e se estão isentadas da *trichina*, dão um certificado; senão todo o animal é condemnado. As despesas com o exame são custeadas pelo Governo dos Estados Unidos e o fabricante nada despende. A inspecção do Estado é do gado em pé, para averiguar quaes as roças que não devem ser abatidas para a alimentação publica. Os inspectores acham-se á mão logo que o wagão carregado de gado chega aos entrepostos, e se ha gado doente, estropeado ou attingido por qualquer doença, é promptamente condemnado.

Gado algum que tenha a boca grumosa é então deixado que se abata para o consumo. Gado em taes condições é vendido para ser entregue aos homens das taxas, que fazem delle fertilisadores e graxas para sabão.

Ha tambem a inspecção da Junta de Hygiene da cidade que abrange quasi o mesmo terreno que occupa a inspecção do Estado. Assim ver-se-ha que é quasi impossivel que um animal doente de qualquer especie que seja, venha a caahir nas mãos de qualquer fabricante.

O PORCO AMERICANO

Ha tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro um grande apreço, o que tende a se augmentar, pelo porco americano. Nós Americanos somos inclinados a nos lisongear a nós proprios e, com razão, pois que cremos um producto suino admiravelmente aceitavel, um producto macio e gordo, pro-

ducto enjas proporções na engorda são devidas ao trigo limpo, peculiar ás nossas fazendas proprias para tal fim. Em parte alguma do mundo são os porcos engordados de todo com pasto tão limpo e tão nutritivo como na America. Nós preparamos e lançamos ao mercado nada menos de 24.000.000 de suínos annualmente, e mais de 1/4 delles são beneficiados em Chicago. A Inglaterra é o maior mercado estrangeiro para os nossos preparados; depois, vem a Alemanha. Só no que diz respeito ao producto suíno, exportámos todos os annos productos no valor de \$ 80.000.000.

O numero de suíno, é avallado na America em cerca de 50.000.000 e de um valor total de \$ 211.000.000.

Ha quem possa ridicularisal-o o até desprezal-o, poucos terão prejuizo usando-o como alimento, porém a vasta maioria da população do globo é amiga constante desse producto.

O que fariamos sem o porco americano?

4ª Secção

CREDITO AGRICOLA

A UNIÃO DA LAVOURA

Sob a forma de syndicatos agricolas

Dr. WENERLÃO ALVES LEITE DE OLIVEIRA BRILLO

«Quaesquer que sejam as resoluções firmadas pelo presente Congresso de Agricultura, por mais adequadas medidas que consiga, por mais fortes e efficazes auxilios que a lavoura conquiste nesta nobre cruzada, nada ficará de firme, nenhum elemento terá a obra que fór ahi ardeictada, por mais bello e promissor que seja o seu aspecto, por mais engenhos que distingam a sua concepção, se ella não tiver por travejamento o por base uma arregimentação systematica da classe dos agricultores brazileiros.

Isolados, como têm estado estes, não podendo cada um dispor sonão do proprio esforço, dos exclusivos recursos para prover

aos multiples e cada vez mais complexos misteres da profissão, tudo quanto proponham e quanto consigam serão materiaes remuídos sem nexo, sem cohesão nem estabilidade e que ao primeiro sopro deste pampoíro — a crise, ao embate dessa ressaca — a especulação, ruirão informes, semeando de novos troços a *via dolorosa* que está percorrendo a lavoura nacional.

Por toda parte se roumem os profissionais para cooperarem a favor dos interesses communs, e tanto mais e mais estreitamente se unem quanto mais soffrem e mais fracos se sentem, diante dos perigos que os cercam, em face das difficuldades que se antolham á defesa dos seus interesses.

E' instinctiva a união dos que se sentem fracos á essa tendença, que se manifesta nos proprios irracionaes, apresenta na generalisação o actividade quasi febril com que se tem desenvolvido em todas as classes e em todos os palzes cultos, o attestado de que não é um phenomeno fortuito nas sociedades o sim uma necessidade imperiosa creada pela complexidade que as funcções sociaes vão adquirindo com os progressos da civilisação, com o povoamento das terras e com o entrelaçamento e consequente concurrencia das nações.

Furtar-se á essa tendença é votar-se á pena do aniquilamento que a natureza e a sociedade comminam aos que não se adaptam ás condições do meio e da época em que vivem. Ceder, filiar-se ao movimento geral e adherir-se no mecanismo, cujo uso o meio social do momento lhe impõe, é apparellhar-se para a vida e para a victoria. Assim o têm comprehendido e têm feito todas as classes profissionais nestes últimos 20 annos e dentro todas sobreleva-se a da lavoura pela actividade desenvolvida e pelo extraordinario exito assim conquistado.

A lavoura é, dentro as profissões, a mais precaria, e mais exposta a surpresas, a que maior numero e mais variadas emergencias tem a attender, pois que, além de receber a influencia dos phenomenos sociaes, o dominio

das leis economicas, é a que mais directamente depende da mobilidade dos phenomenos biologicos e da versatilidade do meio physico. Essa condição que explica a continuidade dos clamores e reclamos que por toda parte e em todos os tempos a distinguem, torna-a mais carecedora que todos do recurso natural e instinctivo da união para a conquista da força.

Essa verdade, já hoje reconhecida e que já dita leis, passou por longo tempo despercebida pela presumpção, aliás plausivel, de que o valor numerico da classe constituia factor sufficiente de predomínio. Da inutilidade desse factor, porém, quando diverciado dos precetos coordenadores da arregimentação, da tática, da unidade de vistas do sentimento e de acção, da união, em summa, está a historia cheia de exemplos. Para os agrupamentos sem esse vinculo coordenador, o grande numero gera ainda maiores perigos do que aquelles de que procuram se preservar e mais desastrosos do que os desses perigos tornam-se os effeitos da nna desordenada defesa que se lhes oppoñiam.

Dissociada, desunida, a lavoura annulla a efficaçia do seu valor numerico, pois não havendo acção conjuncta, em cada caso, em cada occurrencia ella se apresenta como um contra nritos — o agricultor contra todos os obices e todos os parasitas da lavoura. Dahi a sua fraqueza e as suas constantes lamentações. Dahi sua incapacidade de actuar sobre os elementos de que depende, afilicando-se aos seus interesses. Dahi sua impotencia contra a especulação que a arruina e que, no entanto, por mais pujantemente apparellada que estivesse, se tornaria ridicula ante as forças congregadas da mais numerosa e mais oporosa das classes. Realizada que seja a integração do suas forças, mas só por esse meio, a lavoura conquista a independencia e a posição dominadora, que lhe competem como fonte primordial da riqueza e prosperidade dos povos.

Nos palcos cullos da Europa é isso uma verdade já sem controversia. Grandes esfor-

ços, muitas dedicações se tem empenhado para firmar e desenvolver a união dos agricultores sob a fórma do syndicatos agricolas e os effeitos, quer para o bem publico, quer quanto á prosperidade, prestigio o força da lavoura, são de maior sorprendencia.

Convencidos de que o mesmo será alcançado por igual processo no Brazil, temos repetidas vezes chamado para o problema da união agricola a attenção dos interessados e, no mesmo intuito, para promover a arregimentação, a união definitiva e permanente dos agricultores, vimos apresentar bases que se nos affiguram exequiveis e fecundissimas para a classe e para o paiz.

Não idealisamos, não somos phantasistas, desejando e esperando que os agricultores brasileiros se uniam para defesa de seus interesses.

Conhecemos perfeitamente as difficuldades de emprehendimento e comprehendemos até mesmo que, antes de mais detido exame, possam alguns bons espiritos terem-no por irrealizavel.

Irrrealizavel, porém, affigurou-se por muito tempo á maioria dos agricultores o substituir a lavoura sem o escravo e no entanto a produção nacional duplicou com o trabalho livre.

Impossivel, dizia-se, seria o Brazil resistir a cambio inferior a 14; já o tivemos no entanto abaixo de 6. Nossos habitos se foram modificando adaptando-se a essas difficuldades e constituindo um *modus vivendi* que está ainda bem longe do anniquilamento. Seria, pois, injuria, além de injustiça, terogada a nós mesmos, considerarmo-nos incapazes de modificar nossos habitos allm de nos adaptarmos a um novo regimen, o da união agricola.

Se o temos feito para o mal, para o soffrimento, por que seriamos incapazes de o fazer para o bem, para a prosperidade?

Porque naquelle caso o fizemos passivamente, forçados pelas circumstancias, e para este seria preciso a força do intellectiva, de vontade e perseverança que nos falta? Por

que a inercia é um caracter brasileiro? Por que o individualismo, concretizado na formula «cada um por si», adheo á nossa individualidade como um residuo inerustante de antiga fidalguia de raça? Por que não confiamos uns nos outros e em ninguem, symptoma esse de fraqueza?...

Mas esses são caracteres da raça latina que partilhamos com outros povos que, no entanto, conseguiram unir e arregimentar os seus agricultores.

Com relação á França, por exemplo, eis como um Francez, V. Cayasse, ainda no corrente caracteriza os seus agricultores, procurando desse modo explicar o que elle considera ainda fraco desenvolvimento que ali tem tido a união agricola.

« Infelizmente o desenvolvimento do espirito de associação encontra nos camponezes numerosas difficuldades. O camponez é naturalmente egolsta e rebelde a toda idéa de cooperação, de mutualidade, de solidariedade; elle vê tudo pelo prisma de seu interesse pessoal e immediato que, para elle vale mais do que o interesse geral. Um outro obstaculo é o espirito de desconfiança que o caracteriza. Sempre em guarda contra o vizinho, elle occulta-lhe ciosamente seus melhores processos como se fossem segredos e desconfia dos conselhos que lhe dão. Muitas vezes o excesso de amor proprio o impede de seguir conselhos. Outros obstaculos ainda são a rotina inveterada do camponez, o que o torna refractario ao progresso social; a indifferença que tem por toda novidade; a força de inercia que oppõe a todo o movimento para diante. Os habitantes do campo são facéis de convencer, porém muito difficéis de mobilisar, mesmo para a mais benefica innovação. Devemos notar, no entanto, que muitas vezes a mais séria difficuldade é a falta de organisadores ou administradores tendo convicção, boa vontade e tempo, e ainda as qualidades precisas para organisar a sociedade, dirigi-la e garantir o seu funcionamento regular. »

No entanto a França já possui hoje 2.500

syndicatos agricolas representando mais de um milhão de associados, além de muitas outras organizações em que os agricultores promovem a defesa dos interesses communs. E tudo isso foi feito apenas em 17 annos, apozar de ser preciso lutar não só contra todos aquelles defeitos do caracter popular, mas ainda com a falta de provas, e factos que préviamente mostrassem como e até onde se poderiam desenvolver os primeiros syndicatos e que demonstrassem que as vantagens dessa fórma de união agricola eram de natureza a debellar crises e restaurar as forças do paiz.

Nós, porém, possuímos, para começar, um archivo vastissimo de estudos em provas conquistados não só pela França, mas ainda pela Italia, Suissa, Belgica, Alemanha, Dinamarca, Suecia e outros. Nestas condições, com o auxilio de longa experienca feita por outros povos, tendo diante de nós o terrono já desbravado e assim podendo antever os accidentes do caminho e a meta gloriosa que nos conduzirá á união agricola, não será logico affirmar que, uma vez iniciado o empreendimento, havemos de vencer em menos tempo que a França os obices oriundos dos effeitos da raça que nos são communs?

Dir-se-ia que differenças de outra ordem tornam o problema mais difficil aqui do que lá. Quando assim fosse, fugir ao dever de dar-lhe solução seria covardia deprimente do nosso caracter. Essas differenças, porém, não têm senão valor apparente, se é que na média não nos são favoraveis.

Assim as grandes distancias que separam nossos agricultores, oppondo-se á sua conveniencia, é embaraço que será pratica e facilmente atenuado por um regimen que dispensa as reuniões frequentes dos associados.

A falta de instrução de nossas populações ruraes, como impecilio para se fazerem ali comprehender as vantagens da união, é do facto destruida pela circumstancia de que toda a vida social dos districtos ruraes é dirigida por um pequeno numero de homens, que, por serem mais esclarecidos, arrastam a

todos os outros com suas opiniões, seus conselhos e exemplos. Decidam-se esses a promover a união da classe e o problema estará resolvido.

A acção empolgante da politica, que divide as populações do interior, para todos os flus, por uma valla de odios, de intrigas, de chumes, de paixões que vão até o crime, nunca permitirão, dizem, que a união se faça na classe da lavoura.

Não cremos que o povo brasileiro seja mais apaixonadamente politico do que o francez e este no entanto já comprehende que o interesse geral é terreno neutro em que podem hombrear sem constrangimento os mais exaltados inimigos politicos. Quando não o fazemos assim, ainda não seria isso obstaculo á união, pois que esta não exige que em cada localidade se forme um todo unico abrangendo a totalidade dos lavradores. Que se organisassem em cada uma até mesmo tantos centros de trabalho mutuo quantas fossem as fracções politicas, e os grandes resultados da união seriam conquistados.

Não é, pois, inexequivel a união da classe. Difficil, sim, como é toda inicição, toda reforma de costumes, toda mudança de regimen. Não ha, porém, cura facil para moléstia grave nem por isso ha quem hesite em submeter-se a tratamento penoso quando elle se torna necessario. Isso é o caso da lavoura.

Oppor-se ao tratamento será acto suicida.

A therapeutica preconizada existe e está ao alcance de todos. A cura só dependerá de se fazer uso della. E' o que propomos ao Congresso de Agricultura que promova. Para isso fim indico a organisação da lavoura em syndicatos agricolas, sob os moldes francezos.

A situação do lavrador brasileiro, qual quer que seja a sua especialidade, é hoje reconhecidamente a seguinte :

- 1.º Gastar muito para obter os productos.
- 2.º Gastar muito para os fazer chegar ás mãos do comprador.
- 3.º Conclusão: o resultado da venda apenas

chega para attender a todos aquelles gastos, quando não deixa *deficit*.

Ora, é de uma logica axiomatica que tudo que concorre para diminuir as despesas com a produção e com a remessa dos productos nos mercados influirá sobre o balanço respectivo no sentido de diminuir o *deficit*, produzir saldo ou augmentar saldo, independentemente do preço corrente baixo ou alto.

Não é menos certo que consegua esse resultado seria desde logo, e ainda que nada mais se fizesse, melhorar a situação economica da lavoura, pois que produzir mais barato equivale a vender mais caro, com a vantagem ainda de favorecer o augmento do consumo e portanto o desenvolvimento da industria.

Semelhante resultado é possivel com os proprios recursos da lavoura. Para isso bastará que os lavradores se unam por circumscriptão limitada para fazerem em commun e directamente suas compras e suas vendas.

Deste modo as compras serão feitas em primeira mão em casas atacadistas por preços muito inferiores aos que a lavoura paga actualmente ao commercio a retalho, como reduzidas tambem serão as despesas de transporte, fretes e outras, e rateados depois todos os gastos proporcionalmente os pedidos de cada um, todos os agricultores assim associados, por menores que sejam as suas posses, participarão da grande economia assim realisada.

Do mesmo modo para as vendas. Reunida grande somma de productos, serão menores os onus de transporte, frete e outros e, feita a venda directamente no paiz ou exportados os generos por conta dos productores, todas as vantagens até aqui anforçadas pelos intermediarios serão poupadas aos lavradores e deixarão de onerar os productos que assim alliviados poderão deixar saldos, ainda quando vendidos aos preços correntes.

Tudo isso pôde ser feito por grupos de agricultores de cada localidade, sem fórma contractual nem character permanente. E' claro, porém, que sendo-lhes dado esse character de permanencia afim de se organizar regularmente os serviços, serão alcançada

vantagens que ensaios esporádicos não poderão obter.

Semelhantes grupos com fôrma e organização societária são os syndicatos agrícolas que preconizamos.

Tal como existe na Europa, o syndicato agrícola é uma associação livre de lavradores a que se grupa toda sorte de adherentes á essa profissão para o fim exclusivo de tratarem dos interesses collectivos.

Sua organização é simplissima, pois basta que um grupo de profissionais accorde em formar um syndicato e formulados os estatutos registral-o com a assignatura dos administradores em cartorio indicado por lei, a fim de fazerem fé publica. Segundo a lei franceza de 21 de março de 1884, satisfeita esta formalidade e sem outros onus, o syndicato fica investido de personalidade civil, podendo então possuir, transigir e estar em juizo.

Assim constituido, torna-se elle uma entidade especialissima cujo fim ampla, vasto, é promover tudo que interesse collectivamente aos associados. Seus trabalhos são, pois, multiplos, prevalece, porém, entre todos, como primordial característico o que por si só modifica o regimen agrícola em sua parte mercantil, o de compra e venda por conta dos socios.

No exercicio dessa funçao o syndicato tem personalidade propria e é, portanto, terceira pessoa, entre o productor e o comprador. Em relação aos interesses ou lucros, porém, elle confunde-se com os agricultores, pois que não tom, não pôde ter outros que não sejam os destes.

Para viver e prosperar basta-lhe uma cotização dos associados, a qual na Europa nunca excede a 5 francos por anno, e a participação de commissões minimas sobre as transacções realizadas. Assim constituido seu capital inicial, essas instituições se têm agigantado por toda a parte, conseguindo realizar capitales avultados e prestar innumerous serviços, tal é o poder da convergencia de esforços, por pequenos que estes sejam. Com taes ele-

mentos e, portanto, sem sacrificio para os agricultores poderão os syndicatos iniciar os seus trabalhos com ovidente e seguro proveito para os associados.

Não é tudo, porém. Com o ser uma collectividade de agricultores, o syndicato é apenas um germão da milão agrícola já susceptivel de evolução, affectando formas multiplas e attendendo aos mais variados interesses da classe, já gerando outras associações, as quaes, dotadas de funções proprias e especializadas, com elle collaboram na mais intima commoção na obra complexa da defesa dos interesses da lavoura.

Assim, além daquella funçao commissaria semi-gratuita, nas operações de compra e venda, o syndicato pôde exercer a de intermediario de credito e de auxiliar dos trabalhos profissionais.

Entre as organizações filiaes e conexas destacam-se as Caixas de Credito Agricola pessoal e garantido, as cooperativas e as associações de seguros e de assistencia. Taes proliferações, porém, que completam a trama da milão e mutualidade da classe, como já se acha organizada em diversos paizes da Europa, apenas são indicadas aqui como aspirações do futuro, como phases e formas do aperfeiçoamento da idéa de milão. A que, porém, acompanha de par os syndicatos organizados para operarem em pequenas circumscriptões e que constituem seu complemento necessario, é o syndicato central com sede na praça em que aquelles realisam as suas transacções e que não é mais do que a aggremlação societaria desses syndicatos locais.

Fundado o Syndicato Central, elle se constituo o agente geral dos syndicatos filiaes para todos os trabalhos e por essa fôrma, ficando habilitado a operar sobre quantidades muito maiores de productos para compra e venda, poderá realizar vantagens que estariam fóra do alcance dos proprios syndicatos locais, operando então directamente com fabricas, com importadores, até mesmo com o estrangolro, vantagens essas que,volvendo

em *pro-vata* nos syndicatos locais, augmentariam a economia feita pelos agricultores no custeio da propriedade rural e nos gastos gerais de seus productos.

A economia realizada por essa forma difficilimento poderia ser prefixada, variando, como é natural, com a natureza do producto e com a localidade. Quem, porém, attender ao valor bruto da produção nacional e considerar que essa somma enormeissima se pulverisa, se evapora no longo percurso que fazem os generos importados e exportados pelo agricultor, nas innumerables estações por que passam e em que se attritam de encontro aos interesses particulares do innumeravel intermediario, ha de por certo concluir com-nosso que ella attingirá a uma cifra elevada e corresponderá a uma taxa sufficiente para equilibrar o balanço de nossa lavoura e converter seus *deficits* em saldos.

A organização syndicataria conseguirá esse resultado que em seus effeitos equivale a uma notavel melhoria nas cotações de nossos productos, sem restringir os gastos pessoais nem attentar contra o conforto e bem-estar dos productores sem recorrer a imposições cortas, fludíveis, a troco de falliveis esperanças de melhora; sem cercar a liberdade de transigr, que é o corollario mais logico do direito de propriedade; sem violentar a lei da offerta e da procura, que é a mais logica deducção do espirito hu-mano em relação aos factos sociais.

Em seu mecanismo, essa organização como que encurta a distancia entre o produtor e o consumidor, suavizando o roteiro dos productos, afastando de seu caminho todos os parasitas esgotantes do seu poder de troca e substituindo os intermediarios commensaes pelos proprios productores sob a forma societaria.

Demais, forma-se assim um apparatus privilegiadamente apropriado ao recebimento e transmissãe dos auxilios com que os poderes publicos têm o dever de amparar a classe que custeia as fontes da riqueza nacional.

Do facto, não podendo os syndicatos cen-

traes operar senão com os syndicatos locais que os constituem; não podendo tambem estes transigr senão com os agricultores a elles illados e solidariamente responsaveis pelos interesses collectivos e não lhes sendo permitido emprostar senão para fins profissionais, rigorosamente fiscalizados; não tendo estas associações interesses de vida propria que se possam oppor aos dos agricultores, a mais segura garantia existirá para a mais justa, mais util e mais fecunda distribuição dos auxilios dos poderes publicos.

Assim, pois, a União poderá auxiliar os syndicatos contraes, os Estados e Municipios, os syndicatos locais, sem os perigos e a inofficacia dos empréstimos até hoje feitos directamente aos agricultores, á custa do erario publico, por bancos officiaes ou offeiosos. É o que se observa na França que garantiu ao seu primeiro estabelecimento bancario a somma de 40 milhões de francos para empréstimos ás Caixas Regionaes de Credito, que são creadas pelos syndicatos para o exercicio da função creditoria a favor de seus associados, e essa medida tem proporcionado as maiores vantagens á lavoura, sem que aquelle Banco e o Governo tenham tido o menor prejuizo.

Acresco ainda ás vantagens dessa organização syndicataria que ella confere a essas agglomtações, graças á solidariedade da grande classe que ellas representam, credito sufficiente para attrahirem valiosos capitães ao serviço da lavoura e prestigio á autoridade para imporem á consideração e respeito da administração publica e do Poder Legislativo os legitimos direitos e interesses da classe agricola.

Em summa, a união agricola, assim organizada, garante á lavoura uma grande economia á custa tão sómente dos desperdicios gastos com seus commensaes e parasitas, prepara um mecanismo para a mais effleaz intervenção dos poderes publicos e confere á classe o poder das legiões arregimentadas.

Seus effeitos no Brazil começariam com os primeiros syndicatos formados e se mul-

tipificarão depois, lentamente, embora, para os que julgam estar assistindo á agonia da patria, mas em tempo, no entanto, para formarem a prosperidade geral com as lições aprendidas no soffrimento, pois no plano do evolução dos syndicatos agricolas estão os delineamentos da evolução da riqueza publica.

Outras medidas poderão ter acção mais prompta e ser por isto aceitaveis. Nenhuma, porém, que se opponha ou exclua esta, deve merecer os suffragos do Congresso. Nenhuma que proenro galvanisar o actual mecanismo mercantil da industria agricola, o allmentar ou transigir com o individualismo do nossos agricultores, deve triumphar, pois não corresponderia á mais palpitante necessidade da classe antes seria um desacerto o um desserviço que, ainda quando dissimulado por algum allivio momentaneo, se manifestariam depois, fazendo-nos sentir de novo a situação actual aggravada ainda pelos effeitos do tempo decorrido — seria a visita da saude.

Existe um desaccordo flagrante entre os habitos e praxes da lavoura e as condições do meio em que ella opera actualmente, por isso que aquelles não se modificaram no sentido e no gráo em que estas differiram. Aquelles habitos e praxes constituiram um regimen, uma educação que já não podem hoje produzir os effeitos de outrora. E' preciso, pois, modificá-los, adquirir novos habitos, firmar novas praxes.

Favorecido pela liberdade do solo e pelo braço escravo, o agricultor produzia facilmente para seus misteros e suas demasias e assim se habituou a viver descuidado, imprevidente, convencido da sua força, da sufficiência de sua acção individual.

Os mesmos factores e mais a justificativa das grandes distancias que os separam dos mercados, erocaram os intermediarios commerciaes. Hoje que as condições são muito diversas, é esse ainda o regimen. O agricultor já renunciou ás domasias, já não satisfaz os seus misteros, senão á custa do priva-

ções, já não é um forte o bom o soute, mas continúa isolado, debatendo-se em vão contra difficuldades que o assoberbam e que elle, só, não pôde dominar, ou desfallecido contempla os progressos de sua ruína, sem mais energia para se lhe oppôr.

Com o desenvolvimento das culturas e concurrença internacional reduziu-se a margem de lucros nos preços de venda dos productos; elle, porém, continúa a manter a mesma forma do commercio intermediario, o qual, por instincto de conservação, multiplicou seus artificios de ganho que insensivelmente degeneraram no mais esgotante parasitismo da lavoura.

E' esse estado de isolamento atropiador, é esse individualismo que na phrase do escriptor francez «é o maior inimigo de todo o progresso», que o presente Congresso deve condemnar como elemento conservador da miseria physiologica da classe. E' contra esse mecanismo anachronico da parte mercantil da industria agricola que se deve insurgir o Congresso.

Qualquer solução que não tenha para base ou que não estabeleça concomitantemente a rennição da lavoura sob a forma syndicataria, deixará sem solução a sua situação economica, o que implica em agravá-la, pois que o mal progride.

Nenhuma disposição legal possuímos até hoje sobre syndicatos agricolas e sendo convenientemente que as transacções que lhes competem commecem desde logo sob o influxo prestigante da personalidade civil, sendo, além disso, necessario, attenta a crise da lavoura, que o poder central venha em seu auxilio, concorrendo ao mesmo tempo para que ella se robusteça pela inlao e pela iniciativa, pensamos que o Congresso deve neste sentido appellar para o Poder Legislativo.

Em conclusão propomos que o Congresso do Agricultura resolva:

1.º Aconselhar á lavoura nacional a promover por meio dos Srs. congressistas:

a) A unlião dos agricultores sob a forma de syndicatos agricolas locais;

b) A organização de syndicatos contraes na Capital Federal e nas capitães dos Estados.

2.º Propor ao Congresso Nacional:

a) A promulgação de lei reguladora dos direitos civis dos syndicatos agrícolas locais e syndicatos contraes;

b) Votação de um credito de 10 mil contos para auxilio á lavoura e industrias rurais, sob a fórma de credito a cargo do Banco da Republica e suas filiaes para desconto de letras á taxa de 6 % dos syndicatos contraes ou das caixas regionaes de credito mutuo que organisarem em sua sêde, respectivamente, sendo aquella verba distribuida pelos Estados e Capital Federal, proporcionalmente ao valor das respectivas produções agrícolas.

SUBSIDIOS

Norma de estatutos para syndicatos agrícolas do Brazil

CAPITULO I

ORGANIZAÇÃO E FINS DO SYNDICATO

Art. 1.º Os abaixo assignados resolvem organizar um syndicato agrícola para o estudo e defesa de seus interesses profissionais.

Art. 2.º Serão socios do syndicato os proprietarios e moradores da freguezia do... que cultivarem o solo ou exercerem industria rural ou qualquer outra profissão que interesse á agricultura, sob qualquer fórma ou titulo e que subsciverem os presentes estatutos.

Art. 3.º O syndicato tom por fim :

§ 1.º Adquirir para seus associados todos os generos destinados aos seus misteres profissionais.

§ 2.º Vender os productos para esse fim entregues pelos socios.

§ 3.º Promover e auxiliar todas as medidas e trabalhos tendentes a facilitarom a produção, transporte e venda dos productos e abrir-lhes novos mercados.

§ 4.º Promover o aperfeiçoamento dos methodos de cultura.

§ 5.º Criar associações de credito agrícola

personal o pignoratitelo, de seguros, cooperativas de produção e de consumo, a beneficio exclusivo de seus associados.

§ 6.º Representar aos poderes constituídos em defesa dos interesses agrícolas.

§ 7.º Agir na mais ampla esphera de attribuições em defesa dos direitos e auxilio dos interesses collectivos.

CAPITULO II

SÊDE E DURAÇÃO

Art. 4.º O syndicato terá sua sêde em..... e exercerá sua actividade durante o prazo de.....

§ 1.º A mudança de sêde só poderá ser resolvida em assembléa geral por 2/3 dos socios presentes.

§ 2.º O prazo de duração poderá ser renovado indefinidamente por deliberação dos socios presentes á assembléa geral do anno anterior ao da terminação do prazo.

§ 3.º Resolvida a liquidação por 2/3 dos socios seu patrimonio revertirá em beneficio de instituições similhars, ou será applicado á realização de melhoramentos de utilidade para a agricultura.

CAPITULO III

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 5.º O syndicato será administrado por uma directoria e um conselho administrativo.

Art. 6.º A directoria será composta de um presidente, dois vice-presidentes, um secretario e um thesoureiro.

§ 1.º Os directores deverão ser socios de nacionalidade brazileira e serão eleitos por maioria em assembléa geral.

§ 2.º O mandato será por... annos, podendo ser reelitos os que o tiverem exercido.

Art. 7.º Competem á directoria todos os actos administrativos e as mais amplas attribuições para realização dos fins do syndicato.

Art. 8.º São attribuições do presidente:

a) Representar o syndicato em juizo ou fóra d'elle ;

b) Presidir ás sessões da directoria, do conselho administrativo e das assembleas geraes;

c) Rubricar todos os livros e resolver com o thesoureiro sobre todas as transacções;

d) Autorizar pagamento das contas visadas pelo thesoureiro e com este assignar os balanços;

Art. 9.º São attribuições do vice-presidente:

a) Substituir o presidente em seus impedimentos;

b) Organisar e dirigir os trabalhos de ensino, de estímulo e de propaganda;

Art. 10. Serão attribuições do secretario:

a) Redigir as actas das sessões da directoria, do conselho administrativo e das assembleas geraes;

b) Organisar e manter em boa ordem o archivo;

c) Redigir a correspondencia e, quando autorizado, assignar-a em nome do presidente.

Art. 11. São attribuições do thesoureiro:

a) Organisar a escripturação, resolver com o presidente sobre as transacções e effectuar os pagamentos por elle autorizados;

b) Ter sob sua guarda o patrimonio e haveres do syndicato;

c) Organisar e assignar o balanço annual.

d) Receber os dinheiros do syndicato e assignar os cheques com o presidente.

Art. 12. A directoria se reunirá em sessão pelo menos duas vezes por mez, afim de tomar conhecimento dos actos praticados por cada um de seus membros no desempenho de suas attribuições e resolver sobre o seguimento e orientação que cada um deo dar aos seus trabalhos.

Paragrapho unico. E' necessaria a presença de tres directores para que a sessão tenha lugar.

Art. 13. O director que faltar a tres reuniões successivas sem participação de motivo de força maior será considerado resignatario.

Paragrapho unico. Nosso caso, bem como em todos os outros de vaga na directoria, o presidente convidará para preenchê-la um dos membros do conselho administrativo e esse exercerá as respectivas funções até a mais proxima reunião de assemblea geral que o proverá definitivamente.

DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

Art. 14. O conselho administrativo é constituído por dez membros do syndicato, eleitos pelo modo e prazo por que é eleita a directoria.

Art. 15. Compete aos membros do conselho fiscalizar e auxiliar a directoria em todos os actos e especialmente nos de propaganda.

Art. 16. E' obligatoria a consulta ao conselho sempre que a directoria tiver de iniciar nova ordem de trabalhos de accôrdo com os presentes estatutos.

Art. 17. O conselho fará sessões ordinarias bi-mensalmente, e em dias previamente fixados e extraordinarias sempre que for convocado pela directoria e quando julgar necessario.

§ 1.º Nas sessões a directoria fará exposição dos factos occorridos no bi-mestre anterior e consultará sobre as medidas que julgar convenientes.

§ 2.º Para as sessões extraordinarias a directoria fará convocação com antecedencia e indicação do objecto a tratar.

§ 3.º Se não tiver lugar a reunião extraordinaria no dia apazado, será marcado outro e no caso de falta de numero nesse dia ficará a directoria dispensada da consulta.

§ 4.º O conselho se reunirá sempre com os directores, que terão voto deliberativo, sendo necessaria a presença de cinco membros do conselho e de tres directores, para que a sessão tenha lugar.

§ 5.º O membro do conselho que faltar a duas sessões consecutivas sem participação de motivos de força maior, será considerado resignatario e substituido por outro socio, pelo processo indicado no paragrapho unico do art. 13.

CAPITULO IV

DOS SOCIOS

Art. 18. Os socios são obrigados: á cotisação annual de 5\$; a cumprirem rigorosamente os compromissos que contrahirem com o syndicato e comparecerem ás assombléas geraes.

Art. 19. O pagamento da primeira cotisação de cada socio será feito no acto da assignatura dos presentes estatutos, a qual valerá como sua inscripção; as demais terão lugar no mez de Janeiro de cada anno.

§ 1.º O socio que não pagar sua cotisação no mez indicado será avisado por escripto de que está decorrido o prazo dos estatutos e se ao cabo de outros 30 dias não realizar o pagamento será eliminado.

§ 2.º O socio que quizer retirar-se deverá avisar a directoria até o dia 31 de Dezembro e se não o fizer ficará obrigado á cotisação do anno seguinte.

Art. 20. O socio é livre de recorrer ou não ao syndicato para as transacções e serviços que este tiver incluido.

§ 1.º O socio que não satisfizer os seus compromissos será eliminado e disso a directoria fará lavrar um termo que levará ao conhecimento do conselho administrativo e da assombléa geral.

§ 2.º O socio que incorrer na pena do paragrapho precedente nunca mais poderá ser readmittido.

CAPITULO V

DAS ASSEMBLÉAS GERAES

Art. 21. Os socios se reunirão em assombléa geral ordinaria nos dias anniversarios da fundação do syndicato para julgamento de contas e conhecimento do relatório da administração.

§ 1.º E' necessaria a presença de 1/3 dos socios na primeira convocação, podendo a assombléa deliberar com qualquer numero na segunda.

§ 2.º O socio que deixar de comparecer á assombléa geral, sem motivo provado de

força maior, pagará por cada voz que faltar a multa de 2\$000.

§ 3.º A directoria não poderá em caso algum relevar a multa do paragrapho precedente.

CAPITULO VI

RECURSOS DO SYNDICATO

Art. 22. Os recursos pecuniarios do syndicato serão constituídos:

- a) pela cotisação de que trata o art. 18;
- b) pelas commissões sobre os preços do compra e venda por conta dos socios;
- c) pelas taxas estabelocidas para outros serviços do syndicato;
- d) por empréstimos, subvenções e doativos;
- e) pelas commissões e multas consignadas nestes estatutos.

§ 1.º As commissões não poderão exceder de 5 % para os generos comprados e 2 % para os que forem vendidos por intermedio do syndicato e serão reduzidas á medida que se avolumarem as transacções desta.

Art. 23. O syndicato poderá adquirir os immovels que forem necessarios á installação do seus trabalhos; não poderá, porém, destiná-los a outros fins como fonte de renda.

§ 1.º E' tambem vedado ao syndicato adquirir titulos de renda de qualquer especie.

§ 2.º Toda a receita do syndicato será empregada em melhoramentos e desenvolvimento do seus serviços, e desde que as fontes de receita indicadas nestes estatutos excedam as necessidades de seus serviços, deverão ser reduzidas as respectivas taxas.

CAPITULO VII

OPERAÇÕES DO SYNDICATO

Art. 24. A directoria realizará as compras de que trata o art. 3º § 1º por grandes partidas, mediante concorrência ou não, devendo ter sempre em vista conseguir as vantagens das aquisições por atacado e exgir a responsabilidade do vendedor pela boa qualidade dos productos.

§ 1.º Os socios deverão, sempre que for

possivel, fazer seus pedidos em épocas determinadas pela directoria, pagando nesse acto a percentagem que esta tiver fixado sobre o total da encomenda e o restante no acto da entrega dos generos.

§ 2.º A entrega dos generos poderá ser feita parcelladamente mediante prévia declaração do socio que indicará a quantidade e épocas da entrega das parcellas.

§ 3.º Os pedidos serão feitos por escripta na séde ou nas agencias do syndicato, responsabilizando-se o socio pela importancia total até o maximo em que for estimada a encomenda.

Art. 25. A venda dos productos a que se refere o art. 3.º § 4.º será feita em grosso no palz ou no estrangeiro.

§ 1.º O syndicato poderá adiantar sobre os productos que lhe forem consignados até 25% do minimo valor em que forem os mesmos estimados, mediante taxa modica de juros.

Art. 26. O syndicato deverá associar-se a outros a fim de organisarem syndicatos centraes com séde nas praças em que realizarem suas operações.

Art. 27. O syndicato poderá encarregar-se de beneficiar os productos que lhe foram consignados.

§ 1.º O beneficiamento poderá consistir no tratamento industrial, na embalagem e na selecção e formação do typos commerciaes.

§ 2.º Os productos beneficiados receberão as marcas que o syndicato tiver adoptado e pagarão a *pro-rata* do beneficiamento accrescida de uma commissão não excedente de 5% sobre o valor da quota parte do beneficiamento.

Art. 28. Para os fins do artigo precedente o syndicato poderá montar as necessarias installações, havendo de terceiros as sommas precisas mediante a responsabilidade solidaria de um grupo de socios, que providenciarão para o resgato da divida assim contrahida.

§ 1.º Os bens adquiridos para esse fim pertencerão de pleno direito aos socios correspondentes e poderão ser exigidos depois de

satisfeito o debito acima referido ou por occasião da dissolução do syndicato.

§ 2.º O syndicato poderá cobrar em productos até 1% a fim de os exportar directamente e promover o augmento do consumo por meio de criteriosa propaganda commercial.

Art. 29. Enquanto não existir uma caixa de credito fundada pelo syndicato em sua séde, isto poderá manter uma carteira especial de credito para pequenos auxilios aos socios por empréstimos sob garantia pessoal ou pignoratícia.

§ 1.º Para a realização desses empréstimos a directoria attenderá ao gráo de garantia offerecida pelo committente e aos recursos da carteira e aceitará ou não a proposta, sem motivar as razões do seu acto.

§ 2.º Os empréstimos garantidos terão a clausula *constituti*.

§ 3.º Podem servir de garantia todos os bens moveis e somoventes e productos agricolas pendentes ou em deposito, que não sejam de facil e rapida deterioração e fraude e cuja designação será préviamente feita e annunciada pela directoria.

§ 4.º Os empréstimos do presente artigo não poderão ter prazo superior a 12 meses, nem vencer juros maiores de 7% ao anno.

§ 5.º Os empréstimos serão exclusivamente destinados aos fins profissionais declarados na proposta, devendo o syndicato para isso exerceer a necessaria fiscalização.

§ 6.º O desvio do fim indicado determinará a cobrança immediata da divida, ficando o socio excluido de novas transacções pelo prazo de um anno.

§ 7.º Na reincidencia nesse acto de desvio o socio será eliminado.

§ 8.º Pela carteira de credito o syndicato poderá receber depositos de dinheiro em conta corrente ou a prazo.

§ 9.º O serviço da carteira será iniciado mediante empréstimo contrahido para esse fim especial ou obtenção de um credito em estabelecimento bancario.

§ 10. O syndicato poderá conceder aos socios seu endosso em letras para transacções

com torceiros, mediante taxa de *del-credere* não excedente de 2 %.

§ 11. As rendas da carteira serão accumuladas para seu serviço exclusivo.

Art. 30. A carteira do credito será liquidada logo que o syndicato tiver organizado a caixa de credito de sua circumscripção, revertendo então para os fins geraes do syndicato os saldos verificados na carteira, subsistindo, porém, as operações de *del-credere*.

Art. 31. Os presentes estatutos serão registrados como exigirem as disposições da lei, ficando o original lançado em livro especial, assim do serem assignados pelos socios inscriptos no acto da installação e por todos os que se forem filiaudo particularmente.

Art. 32. Os presentes estatutos só poderão ser reformados em assembléa geral por 2/3 dos socios presentes.

Paragrapho unico. A directoria, de accordo com o conselho administrativo e por unanimidade de votos, poderá resolver sobre os casos não previstos e sobre as alterações nos estatutos, aconselhadas pela experiencia, organisando para isso regulamentos que serão executados até a proxima assembléa geral, a cujo julgamento devem ser submettidos.

Indicações para a organização dos syndicatos contraes

Só os syndicatos locais poderão ser socios dos syndicatos contraes.

Rounidos, por seus directores, os syndicatos locais em numero não inferior a quatro formularão os estatutos do syndicato central e elegorão a directoria e conselho administrativo deste.

As formalidades constitucionaes da associação serão as mesmas que para os syndicatos locais.

Os directores do syndicato central deverão ter residencia na sédo, os membros do conselho administrativo deverão em sua maioria ser tirados dos administradores dos syndicatos locais.

Os syndicatos locais pagarão uma cotisação inicial invariavel a titulo de inscripção o

uma cotisação annual proporcional ao numero de associados de cada um.

Suas attribuições em relação aos syndicatos agricolas locais serão as mesmas que as destes em relação aos agricultores syndicatados».

Organização Bancaria e entreposto de café

DR. MATTOSO CAMARA

Quanto à organização bancaria:

Considerando que a principal causa das difficuldades com que luta a lavoura, como todas as classes productivas do paiz, é a retracção do credito, que não só as entrega madeiradas á especulação estrangeira, mas ainda as obriga a favorecerem pela pressão da offerta, esta especulação que as asphyxia;

Considerando que, nesta conjunctura, a mais urgente e imperiosa necessidade do momento é habilitar a lavoura, por meio do credito, com os recursos de que carece, ao menos para a resistencia e defesa na venda de seus productos;

Considerando que não pôde absolutamente existir credito em um paiz, onde a benelica acção bancaria está, por assim dizer, paralyzada, pois os bancos, como tanto bem dizem os economistas, exercitam no organismo social as mesmas funcções do coração no organismo humano;

Considerando que, nestes termos, a primeira providencia que o Congresso Agricola deve reclamar dos poderes competentes é a immediata organização bancaria;

Mas, considerando que boa organização bancaria, principalmente na actual conjunctura, em que o credito tem, por assim dizer, de ser novamente creado, não pôdo deixar de ter por centro um banco de emissão;

Considerando que para que o Banco possa funcionar nesse caracter é imprescindivel que cesse de vez a emissão pelo Estado, que emitta quando precisa do dinheiro, sendo substituida pela emissão pelo Banco, regulada pelas necessidades da circulação;

Considerando que um Banco de emissão é o instituto que tem a facultado ou o privi-

legio de emitir bilhetes pagaveis ao portador e á vista em moeda corrente, sendo esta obrigação (que não deve em caso algum ser dispensada) o principal limite e o mais eficaz impedimento opposto á imprudencia das emissões ;

Considerando que para esse effeito, sendo a nossa moeda corrente o papel-moeda, enquanto não pudermos estabelecer com segurança o regimen metallico, devem as notas do Banco ser pagaveis ao portador e á vista na moeda corrente que temos ;

Considerando que a emissão nestes termos, devendo ser limitada ao papel-moeda que o Banco tiver em carteira, não satisfaz por isso as lras que se tem em vista, como bem comprehendem a Inglaterra estabelecendo no acto de 1844, ao lado da emissão do limite fixo, a illimitada e variante, dependendo apenas do ouro e prata que possá o Banco atrahir para sua carteira, na proporção entre os dous metaes indicada no mesmo acto ;

Considerando que esta medida, cujo objectivo é dar, com toda a segurança, a necessaria elasticidade ás notas do Banco, se recommenda no nesso caso com mais forte razão; porque é transitorio o regimen que instituímos, visando o regimen metallico, de que é preparo ;

* Considerando que para o advento do regimen metallico é imprescindivel necessidade o resgate do papel-moeda, pelo menos até o ponto em que possá a emissão do Banco sobre elle felta permanceer na circulaçaõ sem inconveniente nem perigo em qualquer eventualidade ;

Considerando que esse resgate não póde ser feito do modo mais suave e offeaz do que pela obrigação imposta ao Banco de, na proporção que for estabelecida por lei, resgatar para ser incinerada quantidades parelves de papel-moeda, á medida que fór amplando a sua emissão illimitada e variante sobre ouro e prata ;

Considerando que, tomando o Banco por este modo a responsabilidade de uma divida

do Estado, qual o papel-moeda, substituindo-o por notas suas, emitidas sobre ouro e prata, deve ser pelo Estado indemnizado do modo o mais suave e commodo para o governo e que nenhuma reune estes requisitos melhor do que o pagamento por meio de apolices de juros de 3% ao anno ;

Considerando que, sendo dada ao Banco, no intuito de hallital-o a bem exercer as suas funcções, satisfazendo com segurança as necessidades da praça, a facilidade de emissão illimitada sobre o ouro e prata que tiver em carteira, deve-se por todos os meios facilitar-lhe a acquisição desses metaes ;

Considerando que, satisfaz a esse intuito a obrigação para o Banco de dar notas suas em troca de ouro e prata que lhe for apresentado, na proporção entre os dous metaes prescripta na lei e ao cambio do dia que indica a relação de valor entre a nota do Banco e os ditos metaes, sendo para esse effeito equiparados aos ditos metaes os títulos para o recebimento no estrangeiro em ouro e prata da venda dos productos nacionaes exportados ;

Considerando que esta obrigação de dar as notas ao cambio do dia se recommenda não só porque é esse cambio que indica a relação do valor, no momento, entre as duas quantidades, como ainda porque não é heito em instituto dessa natureza dar em notas por esses metaes e títulos menos do que o valor pelo qual se venderia, mas principalmente porque é esse o meio de atrahir para o Banco os ditos metaes e letras, diffenltando aos especuladores do cambio a cobertura, que é elemento essencial para o jogo ;

Considerando que, sendo embora vedada ao Banco a especulaçaõ do cambio, deve todavia áquella obrigação corresponder autorisaçaõ nos estatutos para pagar no exterior as contas do commercio Importador, mediante a entrega aqui, ao cambio do dia, de notas suas, que por este modo adquirem mais a qualidade de instrumentos para liquidaçaõ do commercio internacional ;

Considerando que em organisaçaõ dessa ordem não se póde deixar de prevenir crises

moedas que na Inglaterra são dobradas pela suspensão do acta de 1844, na Alemanha pela applicação do systema conhecido sob a denominação do maximo elastico, na França pela ampliação do maximo da emissão ;

Considerando que, sendo grande a urgencia de momento, hadditar a lavoura e o commercio intermediario com os recursos necessarios para a resistencia e defesa contra a especulação, libertando-os da contingencia da pressão da offerta, deve ser uma das principais funções do Banco o adiantamento sobre *warrants*, conhecimentos, etc., dos productos nacionaes depositados nos entrepostos, trapiches, etc.;

Considerando, finalmente, que uma organização desta ordem, a ser creada, demanda de tempo, trabalho, etc., e que já temos no Banco da Republica do Brasil instituto capaz de se transformar sobre estes moldes o que já merece a confiança publica, apesar da crise que atravessou, como demonstram os depositos em suas carteiras de quantia superior a trinta mil contos ;

A Commissão de União e Credito Agricola apresenta ao Congresso Nacional de Agricultura as seguintes conclusões, que lhe parecem não só urgentes senão momentosas ;

A prompta organização do Banco da Republica com o caracter de banco official e com privilegio por oitenta annos para a emissão de notas pagaveis ao portador e á vista em moeda corrente (papel-moeda do Estado) sob as seguintes clausulas:

O direito de emissão pelo Banco constará de duas partes:—uma de limite fixo, adstricto ao papel-moeda do Estado em circulação, não podendo o Banco, porém, emitir senão valor correspondente ao que tiver em carteira;—outra illimitada e variante, equivalente ao ouro e prata que tiver a carteira de emissão. A proporção entre os dois metaes será estabelecida por lei.

Emquanto não ficar reduzido o papel moeda em circulação a... corresponderá a cada emissão pelo Banco sobre ouro e

prata o resgate de uma determinada porção de papel-moeda, que será incinerada. Como indemnisação pelo resgate do papel-moeda, á medida que for se realisando esse resgate, o Governo entregará ao Banco apolices de juros de 3 % ao anno.

O Banco será obrigado a pagar em notas suas e ao cambio do dia o ouro e prata que lhe forem para este fim apresentados, guardada a proporção indicada entre os dois metaes.

Serão para este effeito equiparados aos ditos metaes os titulos contra as praças estrangeiras para o pagamento dos generos exportados. Fica, porém, entendido que assim como terá o Banco o direito de examinar os metaes, verificando o peso, quilate, terá igualmente o de recusa dos titulos que não lhe inspirarem confiança.

O Banco será em seus estatutos autorizado a pagar nas praças estrangeiras as contas e facturas do commercio importador, uma vez que lhe sejam aquil pagos em notas suas, ao cambio do dia, os respectivos valores.

Nos casos de crise e pressão monetaria o Banco poderá, com annuncia do Governo, ampliar suas emissões, que em caso algum, excederão o valor por apolices correspondentes ao papel por elle resgatado. Por estas emissões o Banco pagará um imposto em escala mensal progressiva.

Reduzido o papel-moeda em circulação á quantia de... e decretado o regimen metallic, será este valor em papel moeda considerado divida do Estado ao Banco e servirá de base a parte equivalente da emissão bancaria que não estiver garantida pelo ouro e prata em carteira. O Banco poderá, porém, se assim lhe aprouver, substituir parcial ou totalmente essa quantidade de papel por titulos dos actuaes da divida publica interna, que, entrando para a carteira do Banco, passarão a vencer juros á razão de 3 % ao anno.

Entre as principais funções do Banco será incluída a de adiantamentos á lavoura e ao commercio intermediario sobre *warrants*,

conhecimentos, etc., dos generos de exportação nacional recolhidos aos entrepostos, trapicheos, armazens, etc.

O Banco não poderá, durante um prazo, que será determinado pelo Governo, cobrar por esses adiantamentos juros superiores a 6 % ao anno.

Relativamente á crise do café:

Considerando que o excesso de produção de um genero não deve ser medida pela quantidade produzida senão em relação ao preço, que é determinado pela offerta e procura em cada momento da transacção;

Considerando que não se pôde dizer, em absoluto, excessiva uma produção que, não sendo comprada pelo preço A, é todavia esgotada ao preço B, o que indica que os compradores esperam collocar toda a quantidade produzida, tirando lucro que já lhes convém;

Considerando que as nações que produzem generos desta natureza têm, na produção delles, fontes de riqueza de primeira ordem, cuja destituição ou abandono, em parte ou no todo, em vez de ser aconselhada pelos poderes publicos deve ser por elles com extrema sollicitude evitada;

Considerando que este abandono, esta destituição de fontes importantes da principal riqueza nacional, se não é contida, dá-se em escala muito maior do que a necessaria para corrigir a deficiencia do preço, quando este já não cobre mesmo os gastos de produção;

Considerando que, importando este facto extraordinario prejuizo para o Estado, não pôde elle assistir com indifferença á sua consummação, esudando-se para sua defesa na lei de selecção;

Considerando que não ha selecção possível nestes casos, quando não é a capacidade do agricultor que está em jogo, mas o excesso da produção, a falta de recursos e de credito, a completa desorganisação economica do paiz; recursos e credito sem os quaes não podem ainda os mais selectos attenuar os effeitos da baixa do preço, evitando a pres-

são da offerta;—desorganisação da qual não são a lavoura e todas as classes productivas os autores, senão as victimas;

Considerando que, mais do que a quantidade produzida, determina a baixa successiva do preço do producto a pressão de sua offerta nos diversos momentos, por uma classe que, pela pressão do dinheiro para conservar e manter uma fonte de riqueza nacional que é o Governo aconselhado a entregar á força dos factos, está desapparelhada dos meios de resistencia e de defesa contra a especulação estrangeira, que vem a ser assim pelo Governo favorecida, e que, sendo por isso no caso mais forte, caber-lhe-ha necessariamente a victoria;

Considerando que na comparação do preço pelo qual é vendido o genero no mercado produtor, acrescido das despezas do transporte, seguro, juros, manipulações, etc. até á sua produção pelos retalhistas nos mercados consumidores, com o preço por que é vendido a retalho aos consumidores, tem-se medida segura para julgar da parte devida á especulação nos preços nos mercados produtores;

Considerando que esta comparação demonstra até á evidencia a grande parte que tem a especulação no preço por que, pelos motivos assignalados, estamos aqui vendendo o café;

Considerando que, se não nos é licito evitar a baixa do preço, devida á abundancia da produção, senão estendendo lentamente o consumo, devemos, antes de aconselhar o abandono de pés de café e até das fazendas, que constituem parte da riqueza nacional, procurar eliminar desde já os effeitos do excesso da especulação, que nas condições em que nos achamos, sem credito nem Baucos, são obrigados a favorecer pela pressão da offerta os proprios lavradores que, longe de terem concorrido para este estado de cousas, têm fornecido ao Governo, continuamente, pela sua actividade e trabalho e pelo proprio desenvolvimento da produção nacional, de que hoje se lhes faz

carga, cada vez maiores elementos de riqueza e prosperidade;

Considerando que se assim não fizermos, quando vier a manifestar-se a acção lenta da propaganda para a extensão do commercio já não precisaremos della, porque a speculação, pela destruição dos pés do café e abandono das fazendas, já terá e assumido sua obra;

Considerando que a influencia da especulação sobre o preço do café é dupla, isto é, se faz sentir já por parte dos exportadores do genero na compra delle, aproveitando-se da pressão da offerta determinada pela pressão do dinheiro; já por parte dos Bancos, do cambio, elevando a taxa cambial para apanhar as letras abaixando-a para vendel-as;

Considerando que dahi resulta esta constante oscillação do cambio, perturbadora de todas as relações commerciaes, e a que não pôde Governo algum ser indifferente;

Considerando que a manipulação do café no estrangeiro, para apresental-o como de procedencia diversa, é um dos elementos para o descredito do café do Brasil e da propria Nação e, portanto, para a baixa do preço;

Considerando que, por este motivo é de toda conveniencia que o café seja aqui vendido já devidamente classificado e assim exposto á venda nos entrepostos, eliminando-se quanto possivel da exportação os typos inferiores, promovendo-se e favorecendo a sua manipulação para convertel-os em typos superiores;

Considerando que esta medida já é por si um correctivo á superprodução, que, seja dho de passagem, é muito mal calculada pelos *stocks* em 31 de dezembro, quando todos sabem que seguramente 2/3 da produção é exportada no 2º semestre do anno civil;

Considerando que pela transformação do modo por que é feito o commercio do café, pôde-se converter em lucro para os lavradores parte dos gastos da produção, nos quaes devem ser computadas todas as despesas até á exposição nos mercados consumidores;

Considerando que, sendo o Brazil o productor de 3/4 de todo o café consumido no mundo, está por este simples facto em condições de dominar o mercado;

Considerando que, neste facto tem o Governo no café os elementos que o habilitam a attrahir para o paiz, em especie, os capitales de que carecem todas as outras industrias e o commercio e para corrigir o mercado do cambio, dando-lhe a necessaria estabilidade;

A Comissão de União e Credito Agricola lida ao Congresso do Agricultura Nacional as seguintes conclusões para serem apresentadas aos poderes competentes:

1.ª O Governo estabelecerá por intermedio do Banco, organizado segundo as idéas já indicadas, entrepostos nos portos convenientes, onde será vendido todo o café destinado á exportação, sendo o preço da venda pago em ouro.

2.ª O café será exposto á venda nos entrepostos devidamente classificado, segundo os typos americanos, visto ser a America do Norte o maior consumidor do café do Brazil.

3.ª O entreposto pagará por conta do Banco todas as despesas com que vier sobrecarregado o café que lhe for remettido até a entrada no mesmo entreposto, taes como frete, carreto, impostos, etc.

4.ª Pelo café que receber o entreposto dará ao respectivo possuidor ou remettente um *warrant* ou conhecimento do deposito no entreposto, com declaração das despesas feitas e do saldo liquido calculado sobre a média do preço do typo correspondente na semana anterior.

5.ª O possuidor do *warrant* ou conhecimento poderá desde logo receber do Banco em notas do mesmo Banco o saldo liquido declarado no *warrant* ou conhecimento, delle descontada a porcentagem de 5 %, para as despesas do entreposto, risco, etc., ficando o Banco investido do poder de vender livremente o café consignado no *warrant*.

6.ª O excesso do preço pelo qual for pelo Banco vendido o café será creditado em

moeda corrente ao possuidor do *warrant* em conhecimento, depois de deduzida a percentagem de 2 % em beneficio do Banco pelo adiantamento do dinheiro.

7.^a O Banco poderá fazer o pagamento do que trata a clausula 5.^a em notas emitidas sobre o café depositado, por antecipação do ouro que o deve pagar.

8.^a Relativamente a estas emissões, o Banco procederá exactamente como nas emissões sobre ouro e prata, resgatando parcelas correspondente de papel-moeda do Estado para ser incinerada.

9.^a O Governo tomará as necessarias providencias para que não possa ser exportado café inferior ao typo n. 7.

10. O Governo da União entender-se-ha com os Governos dos Estados produtores de café para que :

1.^o, não sejam cobrados os impostos senão sobre o café exportado e no momento da venda para exportação ;

2.^o, para que os ditos impostos sejam taxados em escala decrescente na razão da superioridade do typo.

11. O Governo da União e dos Estados auxilliarão, pelo modo que entenderem mais conveniente, as empresas que se formarem para compra dos cafés de typos inferiores, afim de pelo beneficiamento os converterem em typos superiores.

12. O Governo da União, por intermedio de seus agentes consulares, e por todos os meios ao seu alcance, auxilliará a propaganda do café para effeito de abrir novos mercados consumidores a esse producto.

13. A concessão dos entrepostos por intermedio do Banco com as obrigações indicadas para o mesmo Banco durará por espaço de dois annos, podendo ser prorogada, se na prorogação concordarem o Banco e o Governo, Sala das sessões da 2.^a Commissão, 23 do setembro de 1901.—Dr. *Mattoso Camara*.

MEMORIA sobre impostos inter-estadaes — Necessidades do trabalho Nacional

JERONYMO DE CASTRO

Lavrador no Estado do Rio de Janeiro

« A Sociedade Nacional de Agricultura, promovendo a reunião do actual Congresso, bem mereceu da Patria.

Nunca o Brazil se achou em situação tão critica como presentemente.

Está profundamente abalado em seus fundamentos reaes, quaes a produção da riqueza e sua valorisação.

A Sociedade Nacional de Agricultura convidou-nos para indhearmos quaes as necessidades da lavoura e apresentarmos meios praticos e urgentes para debellar a crise.

Antigo lavrador do Estado do Rio de Janeiro, accoltei o convite da Sociedade e propuz-me com o presente modesto trabalho contribuir para a elucidação do problema.

Qual o facto principal, primordial da crise actual que, crelo, ninguém nega ?

A desvalorisação de todos os productos agricolas e, ainda, dos da industria, propriamente dita, extractiva.

Não sendo este facto contestado, ou sendo geralmente acceto, cumpre estudar as causas que o determinaram.

Por que é que o Brazil, economico no tempo do Imperio, realizava lucros reaes na exploração agricola, em geral, ao ponto de cobrir fartamente o custo da produção, accumulando até economias que se transformaram em riquezas, vulgarmente chamadas fortunas, e agora se arrasta difficilmente, não cobrindo o custo de produção ou apenas equilibrando a receita com a despesa, reduzindo o salario a um *minimum* quasi equivalente a um nada ?

Eis ahi o problema complexo.

Seria a aurea lei do 13 do Maio que, inaugurando o trabalho livre, determinasse que o custo de produção subisse e operasse o desequilibrio entre a receita e a despesa ?

Ninguém o dirá, porque, salvo certa des-

organização nos primeiros annos, em geral organizou-se o trabalho gerando fartas colheitas.

Seria ainda a superprodução que desvalorizasse os productos em obediencia á lei fatal da offerta e procura?

Si a superprodução se pôde affirmar em relação ao café, não se pôde defender em relação aos outros productos, visto que as alfândegas atestam grande importação na maior parte dos nossos productos naturaes.

Teria mudado a climatologia devida a causas astronomicas? Tambem não. O Deus creador, conquanto banido pela Republica, ainda permite que o grão depositado convenientemente na terra germine e produza seus fructos.

Haveria diminuição da população? Tambem não. Ella deve ter crecido nestes dez annos, attendendo que estamos em um paiz novo, de população reduzida e, portanto, á buga. Então como se explica tão radical transformação? Viviamos todos em relativo bem estar, senão em abundancia, e, agora, o queixime é geral, de que a maior prova é a remissão desse Congresso.

Estou plenamente convencido que a verdadeira causa deste desequilibrio é a Federação ou excessiva autonomia concedida aos Estados.

Para demonstrar a minha these, basta comparar o Brazil economico do tempo do Imperio com o Brazil economico actual.

Transportemo-nos áquelles tempos pelos quaes todos suspiram, ainda os republicanos, que a si proprios se denominam historicos.

O Brazil economico, de então, era uma organização perfeita. Obedecia em primeiro lugar ao principio da unidade, sem o qual não pôde haver ordem.

Um poder central superintendia com intelligencia, assessorado por uma pleiade de homens competentes em todos os ramos dos conhecimentos humanos, e oriundos de todos os pontos do Brazil ajuda os mais longinquos, aos negocios publicos.

As necessidades geraes eram attendidas,

assim como as locais, de harmonia com a indole caracteristica do Estado ou Provincia. As provincias attendiam muito regularmente aos seus negocios, e, muito livremente, conquanto sob a superintendencia do delegado do poder central, éo necessario á unidade.

Na parte economica, que é a de que tratamos, havia o livre-cambio interno, salvo pequenas restricções, já Inconstitucionaes, e contra as quaes o povo clamava, sollicitando a transformação dos onus que gravavam o producto e difficultavam a sua circulação em onus directos.

Havia o que podemos chamar mercado interno, conquanto imperfeito. Fomentava-se a riqueza pelo consorelo do braço com a mão-terra e valorizava-se o producto pela circulação livre ou quasi livre.

O excesso de colheita de uma provincia era livremente transportado para outra, onde não abundava.

O poder central, tanto quanto as urgencias do Thesouro o permitiam, protegia pela tarifa aduaneira os productos naturaes da terra, que constituem a riqueza dos brazileiros, e, para prova, ali está a tarifa especial para o Rio Grande do Sul, e já tratava com especial cuidado de eliminar os anti-economicos impostos de exportação e substituí-los por outros que não atrophiaassem a produção.

Havia o que podemos chamar livre-cambio interno e razoavel protecçionismo externo.

O credito era regularmente mantido por uma organização bancaria muito regular, supportando gallardamente as crises, muito naturaes a todas as nações, auxiliando até a gloriosa guerra do Paraguay, por cinco longos annos.

Pôde-se dizer, sem contestação, que quem trabalhava e poupava tinha credito, que nunca faltou, muito embora a taxa de desconto fosse a relativa a um paiz novo.

Os estadistas, de que tantas saudades temos, mesmo os actuaes dominadores da situação, eram homens competentes, experimentados, escolhidos por longo tirocinio em

cargos inferiores, quer políticos, quer administrativos.

Levavam para os conselhos do Governo a sua longa experiencia, ainda patrocinada pelos pais da patria, que se assentavam no Senado e no Conselho de Estado.

O povo brasileiro vivia feliz; quem produzisse, tinha certeza de collocar o seu producto por mais ou por menos. Havia credito. Podia-se francamente sacar sobre o futuro uma voz que o capital fosse empregado reproductivamente com intelligencia e economia. Florescia a agricultura ou lavoura, se assim quizerdes, e todas industrias auxiliares.

Attendia-se muito regularmente á circulação da riqueza pelo desenvolvimento da viação ferrea, que é ainda a que temos, e, pelo melhoramento dos portos e navegação, quer maritima, quer fluvial.

Já havia sufficientes instrumentos para fomentar a riqueza e fazela circular, valorizando-a, animando o commercio e as industrias de transportes.

Ensalavam-se novas culturas, á proporção que o melhoramento da viação approximava centros distantes, possuidores de aptidões diversas de producção, quer pela natureza geologica, physica e chimica do seu sólo, quer pela sua climatologia, determinada pela latitude, longitude e altitude.

As finanças provinciaes andavam regularmente equilibradas, salvo crises naturaes ou politicas, e, com orçamentos restrictos, attendiam, tanto quanto possivel, ás necessidades da administração publica, não descurando a viação vicinal, emquanto rudimentar.

As municipalidades funcionavam methodicamente, vigiadas seus orçamentos e principalmente suas tabellas de impostos, pelas assembleias provinciaes e pelo delegado do poder central, que as requeiravam em seus excessos.

Emfim, o Brazil economico era um todo harmonico.

De repente invertiu-se a pyramide.

As novas idéas, que tudo pretendem subverter, sem razoavel substituição, sopraram sobre o nosso caro Brazil, que foi violentamente sacudido em seus fundamentos.

A 15 de Novembro derribou-se o systema politico que nos regia e novos moldes, oriundos de uma philosophia abstrusa e que em seus principios traz o germen de aniquillamento em tudo, substituíram a ordem de cousas existentes por outra.

Ao principio tudo foi destruir, prometendo construir mais bonito, arrancar o nosso caro Brazil da lethargia, em que diziam, vivia.

Nada tinham preparado, mas afinal, depois de longa gestação de 15 mezes e nove dias, surgiu a Constituição de 24 de Fevereiro, que nos infelicitou, e é a causa primordial da verdadeira pobreza em que nos debatemos.

Quebrou-se a unidade. Desappareceu o Brazil, e foi substituído por vinte Brazis e um Districto Federal desorganizado.

O trabalho nacional não podia deixar de sentir os effeitos de tantas laceranças.

O credito, tão sensível como é, foi o primeiro a ser affectado. Manifestou-se no exterior, em primeiro lugar, e foi enfraquecendo no interior a ponto de annullar-se e muito logicamente.

A lavoura, ainda preocupada pelo temeroso problema da substituição do braço escravo pelo braço livre, foi subitamente colhida pelos novos moldes, que vieram augmentar em muito suas difficuldades, que já eram ingentes. A ella, que não indemnizaram e que viu metade do seu capital aniquillado e supprimido, pediram novos impostos de um lado, e amarraram-na de outro lado, difficultando seus movimentos.

Tres poderes autonomos foram investidos de facultades de onerar o povo com impostos disparatados e emulativos sem appellação nem aggravado.

Não ao menos respeitaram a discriminação das rendas determinadas pelos artigos constitueionaes.

Cada Estado, cada Municipalidade, cada cerebro, inventava um novo imposto, interpretando os artigos constitucionaes a seu modo, segundo as exigencias dos seus organamentos principeseos ou do sua cobiça.

Os novos estadistas, surgindo já preparados e armados, como Minerva da cabeça de Jupiter, tudo determinavam de harmonia com os novos moldes, sem estudo, sem preparação, sem unidade de vistas, sem attenderem ás consequencias logicas dos seus actos, levados apenas pela preoccupação de encher as arcas dos thesouros, de modo a permitir que pudessem organizar as novas naçõesinhas com o luxo relativo á sua natural vaidade.

A golpes de positivismo, tudo positivaram, e nos reduziram a este estado positivo de fraqueza, miseria, desanimo e pobreza real, que é negativo.

Subitamente uma nova organização tributaria disparatada, se é que organização se pôde chamar, que melhor se pôde dizer ser anarquia tributaria, em conenmitancia com a fluctuação e depreciação do valor da moeda ou pelo circulante, em consequencia do enfraquecimento do credito, cahiu sobre a produção nacional.

Ella, que apenas ensaiava o braço livre pela evolução de um anno agricola, estudando com sollicitude, diariamente, meios de que podla dispor, para obter os productos de que necessitava, e procurava agitar-se á nova ordem de cousas gerada pela lei de 13 de Maio, viu-se, de um lado, assoherbada com novos impostos, novas exigencias, onerando as despesas geraes, e dificultada, por outro lado, pelos impostos inter-estaduaes e até inter-municipaes, de lhe offerecer á venda seus productos para valorizal-os, e obter dinheiro, até para pagar a nova sobre-carga de impostos.

O livre cambio interno foi pouco a pouco desaparecendo.

Os imperfeitos mercados internos que tinhamos desapareceram.

Os lavradores comprehendiram que não

deviam plantar, porque não podiam vender. O Governo Federal transformou, pouco a pouco, a tarifa das alfandegas em tarifa apenas fiscal, e não proteccionista, visto que della auferê o melhor de suas rendas, sem se preoccupar com o mal, que está produzindo, com a atrophía de todos os productos verdadeiramente nacionaes.

O Brazil pela nova Constituição deixou de ter um ministro das finanças para ter apenas um ministro do Thesouro, preocupado com a arrecadação das rendas e com a distribuição da despeza.

Elle deixa assim de fomentar a riqueza nacional, quer agricola quer industrial, e os Estados com seus impostos inter-estaduaes dificultam a circulação desta mesma riqueza.

O que quereis que succedesse?

A atrophía geral!

Fomentar a riqueza e fazel-a circular para valorizal-a, eis os intuitos cardinaes da economia politica.

Vêde como todas as nações civilizadas se esforçam com sua politica colonial em obter mercados para seus productos, quer proprios, isto é, de sua produção, como os Estados Unidos da America do Norte e a Republica Argentina, quer industriaes ou colonias, como as nações europeas.

No Brazil o contrario se observa. Retrogradamos á Idade Média com suas alfandegas interiores e barreiras.

O Brazil, que era uma nação forte e respeitada, comquanto joven, transformou-se em vinte nações que se dizem irmãs, mas que se degladiam e se annullam pelas difficuldades que umas oppoem ás outras e a si proprias, com os impostos que dificultam a circulação da riqueza.

O Brazil, cuja riqueza principal consiste na herdade do seu sólo, alliada á benignidade do seu clima, pelo menos em um futuro proximo, acha-se impossibilitado de desenvolver as culturas actuaes e ensaiar novas, e mesino a polycultura pelo methodo intensivo, porque não tem mercados internos e ninguém trabalha para obter resulta-

dos negalivos dos seus esforços, ouvidos como estao, pelas tarifas de transportes muito excessivas, pelos impostos inter-estaduaes.

As tarifas de transportes, quando disparatadas podem se neutralizar, fazendo uso dos meios primitivos de que dispunhamos e ainda dispomos, antes do estabelecimento da viação ferrea.

Os impostos inter-estaduaes e inter-municipaes são uma ameaça constante, atropelhando toda a iniciativa.

Em geral estes impostos attingem a mais de dez por cento do valor venal do producto.

Enquanto este estado de cousas persistir é inutil clamar que não produzimos.

É inutil publicar as estatisticas aduaneiras, demonstrando a colossal somma annual que vai enriquecer as nações estrangeiras, só em generos alimenticios, que todos podem ser de produção nacional, cuja impartação é talvez o maior factor para a baixa do cambio.

Compramos tudo em ouro, quando tudo podiamos comprar em papel.

Valorizamos o braço estrangeiro e abandonamos na miseria o braço nacional.

São inuteis os patrioticos esforços da Sociedade Nacional de Agricultura, animando com sua Revista, com seus conselhos e com suas exposições, a polycultura.

São inuteis os esforços dos Governos estaduais, estabelecendo escolas agricolas e campos experimentaes.

São inuteis e até impossiveis os bancos de credito real e o credito agricola, em geral, porque, tendo nós terra e tendo braço, annullam o resultado do consorcio da terra e do braço, que é o producto.

Os similares estrangeiros, já devido a causas naturais, que fazem baixar o custo do produção, já devido á baratoza dos transportes, quer terrestres, quer maritimos, invadem nossos mercados do litoral e das fronteiras em consequencia de uma tarifa aduaneira toda fiscal e não proteccionista e anti-patriotica,

Poderia particularizar e analysar um por um todos os productos, quer dentro os cereaes, quer os provenientes da industria pecuaria, e demonstrar como não é economicamente possivel a sua exploração, emquanto a tarifa aduaneira não for proteccionista, fixa e duravel.

Não o farei, para não me alongar, a imprensa e os discursos parlamentares têm assez elucidado este ponto.

A situação actual da lavoura é de verdadeiro marasmo.

Produzimos, e não podemos collocar convenientemente o nosso producto.

Estamos quasi reduzidos a produzir apenas para o consumo proprio.

O meio real de obviar a estes males é voltarmos ao proteccionismo externo e ao livre-cambio interno.

Mas isto importa em uma revisão da Constituição, diriaes.

Estudem os competentes a materia.

É possivel que dentro da Constituição actual se possa obter uma lei de discriminação de rendas, que facilite o livre-cambio interno entre os Estados e os municipios.

Não lemos já a lei do sello, e a lei prohibindo a moeda falsa emittida pelos Estados, que foram geralmente respeitadas?

Organizem um systema tributario, que não grave o producto de produção nacional.

Peçam-nos impostos sobre a renda, e impostos territoriaes, e valorizem os productos para nos habilitarem a pagar impostos.

Assim animareis todas as iniciativas e teremos liberdade de procurar mercados.

Proteja o Governo Federal pela tarifa aduaneira os productos nacionaes, todos os cereaes, os productos da canna de assucar e os derivados da industria pecuaria, substituindo o desfalque que dahl sobrevier por impostos directos sobre a renda.

Supprimam os Estados os impostos de exportação, substituindo-os por outros, os territoriaes, por exemplo.

Legistem contendo as Municipalidades em seus justos limites.

Nem recebem que o supprimento não seja sufficiente para abastecer os mercados.

É um completo engano.

Si no primeiro anno o preço subisse muito, no segundo e terceiro a loi da offerta e procura obrigarla a baixal-o para seus justos limites.

A terra do Brazil ali está e o braço nacional é proporcional á população consumidora actual.

—Direi o que penso ácerca da situação actual da lavoura do café, deixando a do assucar e das industrias de criação e lacteíneos para os mais competentes.

Dois factos geralmente accetitos produzem a crise do café :

A superprodução e a especulação.

A superprodução só pôde neutralizar alargando o consumo, razão pela qual approvo a idéa da propaganda no exterior, principalmente na Europa, nos paizes do Norte, nos do Mediterraneo e no Oriente.

Os syndicatos agrícolas, entregando dez por cento de suas colheitas em especie, para ser vendido directamente por uma associação, que disso se encarregue, e que inspire toda confiança, devem dar bom resultado, conquado lento.

Este café deve ser de superior qualidade, gozar do direitos de exportação e de uma diminuição nos fretes das estradas de ferro. A empresa é ardua, não é facil, depende de muita dedicação e verdadeiro patriotismo.

A não se tratar do alargamento do consumo, a baixa cada vez maior do preço obrigará ao abandono da parte da lavoura.

Em logar de se queimar café, queimar-se-hão cafezaes pelo abandono.

A especulação é filha da superprodução, animada ainda pela desastrada politica financeira do Governo.

Não cobrindo o preço actual do café o custo de produção, e isto ácerca de quatro annos, os lavradores foram-se arruinando com o intuito, aliás honravel, de não abandonarem suas fazendas, que ficaram desvalorizadas.

Comprehende-se que gastaram o que tinham podido economizar, e vivem hoje *au jour le jour*, vendendo logo seus productos, que ás vezes nem entram nos palões, para poderem pagar os salarios e as despesas geraes.

Esta situação foi notavelmente aggravada pelo *funding-loan* ou contracto de Londres, obrigando o Governo a retirar da circulação cem mil contos de papel-moeda, que faltaram, porque a emissão de 800 mil contos, por mais que os sustentadores da politica ingleza-judaica do Governo actual o quoiram sustentar, não era de mais para um paiz tao vasto, já no regimen do assalariado.

A circulação metallica em um paiz novo, vasto, despovoado, sem reservas de qualidade alguma, é verdadeira utopia.

Aggravou-se ainda mais a situação pela liquidação violenta dos bancos nacionaes, provocada por um acto Impensado do Governo, sem razoavel substituição.

Folgo a especulação, e muito generosa tem ella sido.

A Sociedade Nacional de Agricultura, no § 2º do art. 8º do Regulamento do Congresso de Agricultura, pelo *meios praticos e urgentes* de atenuar a crise.

A mim ver havia um meio, não de resolver a crise, mas de attenual-a.

Este meio só a medo se pôde revelar, e não será accito pelo Governo actual. Seria a retenção de cerca de quatro milboes de saccas de café, armazenando-o.

Este serviço só poderia ser feito directamente pelo Governo em Santos, Rio, Victoria e Bahia.

O Governo dispõe de alludogas, de cás, armazens, quartéis, etc., etc.

Emittiri papel-moeda com lastro, sacca de café, pagando cincoenta mil réis por cada sacca de 60 kilos.

Retirada da circulação uma parte do *stock*, dando ao mesmo tempo credito temporario ao lavrador para poder proseguir em seus serviços.

A emissão não seria o maior mal, porque,

lgo que o Governo vendesse o café, queimar a papel correspondente.

A retração dos compradores, a diminuição do consumo e o abalo cambial seriam os maiores inconvenientes, mas que se attenuariam largando o Governo a rédea, ou deixando balçar um pouco o preço, quando sentísse que entorpecia o commercio internacional.

O cambio baixaria, o que talvez fosse um bem, em lugar de ser um mal, visto estar o Governo, segundo affirmava, habilitado pelo imposto em outro aduaneiro a solver seus compromissos no exterior.

Nem se diga que o Governo ficava com as cartas na mão.

A minha pratica de vinte e cinco annos me ensina que em cada lustro ha uma colheita grande, duas que cobrem as despesas, ou regulares, e duas pequenas.

O excesso da offerta que elle armazenasse o venderia em doze mezes até com lucro para cobrir os gastos da operação.

Após uma colheita grande, vem sempre uma pequena.

Mas, perante o Governo actual é uma heresia fallar em emissão de papel-moeda. Outro *meio pratico urgente* não me parece poder achar-se, aliás; a discussão da materia pela imprensa e pelas conferencias nada tem adelantado.

Tenho concluido. _____

ESTUDO sobre a valorização da propriedade agricola e do credito rural

MAJOR ARTHUR DINIZ LAGARDE
Agricultor e industrial

DR. MANUEL PALLINO CAVALCANTE
Engenheiro agronomo

Hlms. o Exms. Srs. Presidente e mais Membros do Congresso Agrícola.

A agricultura, fonte da riqueza publica, clama por auxilios do paiz, devendo por este facto inspirar serio interesse a todos os brasileiros que desejarem a prosperidade do nossa patria.

E' por conseguinte, por meio de observações

envidosadas e determinadas, que podemos entrar no verdadeiro caminho e conhecimentos das causas que nos interessam, quando sentimos que o seu estado é perigoso e que sua existencia é duvidosa.

Tal é a situação da nossa industria agricola; somos tocado já do seus males, e mais tarde os seus effectos serão annunciados pelos nossos soffrimentos; então clamaremos por soccorro, o a necessidade da vida nos trará fracos remedios e estes, a seu tempo, vagarosos allivios.

Cada vez mais se agrava o estado da nossa agricultura; esta noticia vai correndo até o estrangeiro e lá se nutre por algum tempo em prejuizo do nosso commercio. Não procuraremos pintar os males que affligem a nossa principal industria; empreguemos o nosso tempo em saber cural-os, baseando remedios que julgamos bons, para minorar tão grandes padecimentos.

Retardar por mais tempo a realização deste *desideratum*, continuara a deixar no abandono e entregue a si mesma a arte, que nutre e que abriga os homens, fóra um impordeavel desleixo.

Não acompanhar o movimento agronomico que caracteriza e illustra o nosso seculo, não cooperar com as demais nações nesta cruzada de civilisação, fóra renegar e renunciar esfoladamente ás inapreciaveis vantagens da região agricola que nos coubo em partilha. Se melhores e mais esclarecidos methodos, se instrumentos de trabalho mais economicos e expeditos não vierem diminuir o custo da producção, nós veremos deffinhar muitas das nossas culturas, e esmagados por uma concurrencia inevitavel, achar-nos-hemos quasi excluidos dos mercados estrangeiros, onde apenas nos será dado apparecer com aquellas producções, que a excellencia do nosso clima monopolisa nas nossas mãos, a despeito da imperfeição dos nossos processos.

A agricultura é quem nutre e fomenta a população; quem alarga a área dos consumos; mas a riqueza e o poder dos Estados basea-se na força numerica da população e na ex-

teusão dos meios de consumo. Além disto a agricultura é ainda quem cria as materias primas, quem fornece as artes, quem multiplica as substancias; mas está demonstrado que quando o augmento proporcional das substancias não precede o movimento crescente da população, esta não faz mais do que apparecer para se faltar pouco depois.

As privações e as materias destructivas da humanidade sacrificam logo na infancia essas existencias ephemerias que a sociedade não pôde abrigar no seu solo.

Na occasião de se installar um Congresso de Agricultura, que tem a missao especial de generalisar no paiz os principios doutrinaes, e as melhores praticas agricolas, não pôde parecer inconveniente que nós estabelecamos os nossos marcos, que assignalamos o nosso ponto de partida, que indiquemos, com o modo de ser da nossa lavoura, um dos principaes obstaculos que se oppoem ao seu desenvolvimento.

A natureza do trabalho obrigar-nos-ha a percorrer rapidamente o objecto que nos propomos tratar.

Dentre os multiplos tropeços que mais se oppoem ao andamento e prosperidade da nossa agricultura, vom sem duvida a grande extensão das propriedades agricolas e a falta do credito rural. Iremos pois fazer sobre este poderoso assumpto breves considerações, afim de chamar sobre elle a attenção dos illustres Membros do Congresso de Agricultura e esboçar em succinto quadro, e com toscos traços, o estado da nossa agricultura.

VALORISAÇÃO DO SOLO

A aspiração de Montesquieu, aventada no seculo XVIII, pôde ser realisada em nosso paiz, graças á idéa ora apresentada « não basta, diz o grande pensador francez, que em uma boa democracia as porções do terra sejam iguaes: é mistor que sejam pequenas, como ontro os antigos romanos ».

Até hoje só se cogitou em colonisar o paiz de modo, permitta-so-nos a expressão, superficial, sem se levar em linha de conta

a maneira pratica de firmar o colono ao solo, fazendo-o crear amor á terra que humedece com o proprio suor.

Em um paiz como o nosso, em que predomina a grande propriedade, a tendencia natural é explorar o braço do colono, sem procurar o modo mais efficaz de retel-o no paiz.

Resultado desta improvidencia é o que todos proenelam, estando nos a experiencia onormissimos sacrificios pecuniaros que do principio bem applicados estariam hoje dando benéficos resultados.

Não ha quem desconheça a existencia de dois elementos na propriedade, o social e o individual. Estes dois lados da propriedade, correspondem ao duplo aspecto sob o qual se pôde considerar o homem, ora como individuo isolado, visando seu fim com a sua independencia, ora como cidadão e membro da sociedade unido a seus semelhantes por multiplas relações e obrigações diversas.

Como chegar a este resultado senão pela pequena propriedade? Ao ter comprehendido esta verdade, é que a Suissa chegou a transformar em brilhante realidade a idéa de J. J. Rousseau, ou governo directo.

N'aquelle exemplar paiz, tão pouco citado por nós, a igualdade de condição é mantida e por isso a igualdade politica nao o tem até hoje conduzido ao despotismo, atravez da anarchia. O respeito á forma primitiva, diz Savoley, unico conformo o direito natural, permite só a perdenação da verdadeira democracia, sem lançar a sociedade na desordem.

A orientação rotineira dada pelos nossos legisladores desde os primeiros tentamens da imulgração foi das mais desastradas; chegando-nos em assumpto de tanta magnitudo a este dolorissimo resultado—*transformação do trabalho servil e atrophiado do negro, pelo trabalho servil e atrophiado do branco.*

Urge mudar a face do problema, estabelecendo incentivo vigoroso para a exptontanea concorrancia para o Brazil do verdadeiro agricultor, estabelecendo assim efficaz e defi-

nítiva sub-divisão da grande propriedade. O nosso plano ora apresentado é uma verdadeira exploração agrícola cooperativa.

Este plano de cultura do sólo tem apolo- gistas da estatura dos Rossi, Saveley, Stuart- Mill, Luiz Reyloand, Miguel Chevallier e outros.

Não será possível applicar a grande cul- tura á pequena propriedade? Póde-se, pela associação [...]

O espirito de associação é natural ao ho- mem, ao homem de todos os tempos e de todos os paizes.

O espirito de associação ostender-se-ha pela multiplicação de pequenos capitães e mais ainda pela diffusão das luzes e instrucção po- pular.

E' mister variar as Clausulas da associação, segundo os costumes e os usos do paiz, o ge- nero de cultura e a natureza dos productos. As leis que regulam a propriedade territo- rial podem ser modificadas, corrigidas pelos poderes competentes em harmonia com os possuidores do terra, em parientlar com as associações.

A associação deve banir o pauperismo, reunir em ordem regular os elementos sem cohesão das sociedades modernas.

O progresso social não póde consistir em dissolver todas as associações, mas substituir as associações forçadas, oppressivas dos tem- pos passados, por associações equitativas, por ajuntamentos, não só com o intuito de segurança e defosa, mas com o fim commun — a producção.

A creação dos nucleos agricolas nos diver- sos Estados da União, indubitavelmente facilitará a vida da população e bem assim a in- dustria agrícola dos pequenos proprietarios.

Foram taes estabelecimentos que lovaram a abundancia, riqueza, civilisação e prosperi- dade a insignificantes lugarejos, hoje opu- lentas povoações.

A Importancia de um paiz não está na vas- tidão de seu territorio, mas sim na qualidade e saber da sua população.

As terras incultas nada produzem, por

mais amplos que sejam seus limites. Pelas razões adduzidas, comparando-se o graudo Imperio Ottomano com o diminuto Reino da Belgica todas as vantagens relativamente são deste.

VANTAGENS DA SUB-DIVISÃO DA GRANDE PRO- PRIEDADE

A sub-divisão da grande propriedade é, sem duvida, o principal requisito para a prosperi- dade exigida pela atrophizada lavoura.

Esse processo não destróe a grandeza da propriedade, mnda sómente o regimen se- gundo até então; pois, conservando o fazen- deiro uma parte de seus terrenos, onde tenha os engenhos para o preparo e beneficiamento dos diversos productos agricolas, e cedendo o restante a pequenos proprietarios que os cul- tivem, obtém em troca não só o valor dos mesmos, mas ainda determinados rendimen- tos annuaes.

Com a sub-divisão da propriedade e a li- berdade individual conseguiremos realizar este aphorismo: *Divisão do trabalho — Grande exploração — Pequena propriedade — Grande cultura.*

Adoptado o nosso systema, a riqueza par- ticular e portanto a riqueza publica, cres- cerá com o augmento da producção; o que é de facil admissão, attendendo a que, tra- balhando o pequeno proprietario, no inte- resse proprio, naturalmente produzirá mais do que o assalariado em proveito alheio.

Muito previdente será, pois, o fazendeiro que reservar uma parte de seus terrenos para a fundação de um Nucleo, dotado de fa- bricas, onde sejam convenientemente prepa- rados para o consumo e exportação os di- versos generos das colheitas parcelas dos pe- quenos proprietarios.

Tal prevensão transformar-se-ha, não só em lucros para si, como em auxilio aos adqui- rontes de lotes de terra, que facilmente conso- guirão beneficiar os seus productos, sem a ne- cessidade de possuírem appaolhos, cuja acqui- sição nem todos podem fazer. O local mais apropriado para o estabelecimento das fa-

bricas ou engenhos, além de tornar-se a rede da população agrícola, deve ser próximo á uma estação de via ferrea, ou porto de embarque, tendo finalmente as commodidades mais uteis ao agricultor ou lavrador.

A divisão da grande propriedade, constituida deste modo, abrirá espaço ao estabelecimento de muitas familias, que por ali andam dispersas, sem localisação, e que, atraídas por melhor existencia e mais esperançoso futuro, virão espontaneamente povoar esses centros agrícolas.

Eutão se verificará que não ha tanta deficiencia de trabalhadores como se cre; mas sim profunda apathia da maior parte dos nossos colonos, originaria, sem duvida, da falta de um pedaço de terra, cuja propriedade garant-lhes a fixação, por tempo indeterminado, da falta de ambição e da descrença que lhes tem trazido o resultado negativo dos seus esforços.

Estes homens, até agora abandonados sem estímulo, soffrendo resignados os insultos da penuria, trabalhando apenas para ganhar o estrictamente necessario á propria subsistencia, podem, portanto, ser tirados desse estado procario vinculando-os ao solo, ao qual se dedicarão com certo zelo desde que se lhes ministre vida mais propria.

Além das vantagens innumeradas, offerece ainda a sub-divisão da grande propriedade prompto e facil accommodação ao imigrante espontaneo que se destina á lavoura.

Desta maneira cessarão as enormes despesas a que dão logar os trabalhadores assalariados, ophemericamente presos com promessas quasi sempre irrealizaveis.

Para isso evitar, cumpre, sem reluctancia, mudar promptamente o actual systema de trabalho, aproveitando os braços existentes e atrahindo os imigrantes estrangeiros por meio de reaes compensações, pois quando mesmo da geração presente, defeituosa, rotineira e ignorante não se tirar todo o proveito de que é capaz o chão patrio, ao menos se preparará os descendentes desses trabalhadores para uma vida mais ampla e feliz.

Só a iniciativa, a energia e a dedicação, a par de uma criteriosa direcção do trabalho, banirão as difficuldades com que luta a lavoura.

A' vista do exposto, vamos submeter á consideração dos Ilms. Membros do Congresso Agrícola um projecto, que nos parece mais adequado ás actuaes circumstancias da nossa lavoura.

Consiste elle na transformação de grandes propriedades ruraes em Nucleos Agrícolas, pelo esforço da associação, dividindo-as em lotes ou pequenos sitios, de área bastante para accomodar uma familia de trabalhadores, mediante condições de venda directa, pelo minimo preço possivel.

O trabalhador, identificando-se com o solo, por meio tão simples, jámais abandonará a fazenda, concorrendo assim para que não fiquem incultos tão preciosos thesouros.

Estes pequenos proprietarios serão indubitavelmente os lavradores naturaes, que abastecerão com os seus productos as fabricas dos Nucleos e ao mercado; seus filhos estarão no caso de substituil-os com superioridade, em vista da instrucção relativa que deverão adquirir nas escolas dos Nucleos.

Neste caso virá a applicação de instrumentos mais aperfeiçoados e o trabalho mais methodico, e tudo isto não só em proveito delles, como do proprio fazendeiro; porque, cultivando as terras, estes homens não trabalham unicamente para si, mas tambem para o dono do estabelecimento e para o augmento da riqueza publica.

E' evidente a vantagem que dahi resultará para o grande proprietario, que assim exime-se do enorme encargo de manter trabalhadores temporarios, obterá uma renda indirecta, real e remuneradora, o que jámais conseguiria com o regimen até o presente seguido. Por este systema, em breve estarão as fazendas cultivadas e progredindo.

Para facilitar o desenvolvimento do Nucleo agrícola, é mister que o grande proprietario compre todos os productos da pe-

quona lavoura e encarregue-o de revender os mediantes pequena comissão, pois nisto consiste o recurso do pequeno lavrador, que pode com este auxilio obter prompto resultado, para attender ás suas urgentes necessidades, sem o que ficaria elle baldado recursos, enquanto não tivesse estabelecido uma cultura susceptivel do fabrico e de exportação, o que demanda muitas vezes mais o acurado trabalho.

Nisto consiste os primeiros recursos do pequeno proprietario que pode obter em alguns mezes o capital reclamado pelas suas necessidades; este resultado o animará a ter paciencia e esperar das outras culturas mais demoradas resultado mais vantajoso: é um dos pontos a que devo attender com solciteude o grande proprietario, sem isto o desanimo não tardará a invadir o Nucleo, que será abandonado pelos cultivadores, occasionando uma serie de desgostos e sacrificios em pura perda.

Entendemos que a divisao das grandes propriedades é, na actualidade, o unico systema que se pôde utilizar, para desenvolver o seu valor e reconstituir a fortuna dos fazendeiros; pois, como fica sobejamento demonstrado, além das vantagens individuais que obterão de um tal systema, favorecerão ainda o povoamento do nosso extenso territorio, augmentando assim a fortuna publica, pelo consequente desenvolvimento da agricultura nas grandes extensões de terra que jazem incultas.

E' tambem uma medida economica, visto que um tal proprietario, realizando a venda de terras improductivas, não só se oxime da responsabilidade de um capital morto, mas torna-o util tirando uma renda daquillo que permanecia sem proveito.

As idéas que cogitamos pôr em pratica são de natureza altruitica e philantropicas, pois concorrerão para o bom estar futuro de centenas de familias, que sem isso não poderão jamais evitar o proletariado em que vivem.

Adoptado este systema que asenta nas

leis da equidade, veremos como por encanto organizar-se o trabalho em toda a parte, a felicidade reinar no lar do cidadão e prosperar a nossa patria.

PROJETO

O proprietario que desejar por em pratica o systema de divisao de sua propriedade deverá:

1.º Dar uma fiel descripção da propriedade que se propõe dividir, em um prospecto publicado nos jornaes de maior enrecação, e affixado em cartazes collocados nos centros populosos.

2.º A descripção constará da quantidade e qualidade das terras, e culturas a que se prestam.

3.º Indicará o Estado, municipio e freguezia onde se acha situada a fazenda; quaes as vias de communicação e meio de transporte, preço de passagem e frete que pagam generos de productos cultivados na zona.

4.º O proprietario exporá uma planta da propriedade, na qual ficará demonstrado os lotes que pretende vender. Os lotes podem ser de qualquer dimensão, segundo as condições a usitadas entre o proprietario e o comprador.

PREÇO E CONDIÇÕES

O preço será de dez reis, 10, o metro quadrado, seja qual for o numero de metros adquiridos pelo comprador, que receberá sem lote medido e demarcado e bem assim escriptura publica, na qual ficará claramente discriminado o numero de metros, divisas, preço e condições de garantias reciprocas, regularizando os direitos da propriedade e forma de liquidação.

O comprador pagará no acto de realizar o negocio 20 % sobre o valor da compra, e o restante em prestações semestrais ou annuaes; será facultado ao comprador rodir em qualquer epocha a importancia de suas prestações ou effectuar a compra á vista, offerecendo-lhe vantagens de desconto.

Será facultado aos compradores a prazo,

transferiram a terceiros todos os direitos, onus e favores da propriedade por elle adquirida.

FAVORES OFFERECIDOS AOS COMPRADORES

a) Tirarem gratuitamente nas mattas da fazenda as madeiras de lei que forem precisas para a construcção da casa, cercas ou quaesquer outras benfeitorias, que desejarem realizar em seu lote, mediante aviso prévio ao proprietario da fazenda, que designará o lugar para o corte da madeira.

b) Serão os adquirentes de lotes suppridos de mudas e sementes dos diversos productos susceptíveis de serem cultivados na fazenda.

c) Terão abatimento de 50% nos preços de beneficiamento dos productos agricolas que necessitarem das machinas, engonhos ou appparelhos da fazenda (no 1º anno).

d) O comprador, fixando sua residencia no lote de terras por elle adquirido, ser-lhe-ha facultado gratuitamente no 1º anno medico e medicamentos.

e) Tendo em (100) lotes habitados, o proprietario fundará uma escola de ensino primario, que será gratuita para os filhos dos possuidores de lotes.

f) Construirá capella, comitorio, etc.

DEMONSTRAÇÃO DOS LUCROS DOS PROPRIETARIOS OBTIDOS COM A SUB-DIVISÃO DAS FAZENDAS

Supponhamos que vamos operar em uma fazenda, que represente uma legua de extensão nos dois sentidos.

Verifica-se, pelo calculo abaixo, as vantagens que podem advir da sub-divisão de uma parte ou de toda a propriedade.

Representando a propriedade uma legua ou $6.600 \times 6.600 = 43.560.000$ metros quadrados, vendidos á razão de 10 réis por metro quadrado produz a importante somma de 435:600\$000.

Porém, se em vez de vendermos a totalidade da propriedade, admittirmos que o fazendeiro só venda dois terços ($\frac{2}{3}$), ou 29.040.000 metros quadrados, vendidos a 10 réis dar-lhe-hão 290:400\$000.

Falta a sub-divisão da fazenda, de accordo

com o plano apresentado, ficará o fazendeiro com a respeitavel extensão de 14.520.000 metros quadrados de terra, na qual ficarão encravadas todas as benfeitorias, como casas, engonhos, pastos, etc. Como os lotes de terra vendidos se acham na extremidade da linha divisoria da fazenda, essa divisão não poderá de modo algum prejudicar nesta a acção do trabalho; pelo contrario, cada lote será tributario e virá trazer os seus productos, aflu do serem beneficiados nos engonhos da fazenda e desse modo terá o fazendeiro todos os proveitos, sem ter o prejuizo de fornecer terras gratuitas, com a promessa da meação dos productos cultivados pelos aggregados ou foreiros, que porpotriamente desconfiam da honestidade do fazendeiro; evitar-se-ha tambem com esse processo a carestia do producto obtido com trabalhadores, que não tendo interesse no augmento da producção e perfeição do producto, fornecem aos proprietarios um restricto esforço, que faz simplesmente jus ao salario.

A experiencia tem soejamente demonstrado que o producto obtido com trabalhadores assalariados não tem compensado os sacrificios do tempo, do cuidados e do capital despendido.

Quanto ás despezas a fazer-se com a sub-divisão dos lotes, é apenas de 10% (dez por cento) sobre o preço apurado.

Supponhamos que a propriedade agricola que se propõe dividir tenha custado com contos de reis (100:000\$000), teremos de fazer o calculo seguinte :

Custo da fazenda	100:000\$000
Despezas feitas com a divisão do dois terços ou 29.040.000 metros quadrados	43:560\$000
Lucro realizado	291:840\$000
Total	435:400\$000

Ficará ainda a favor do proprietario lucros importantes, que cumpre enumerar:

Um terço da propriedade ou 14.520.000 metros quadrados de terra.

Machinas, edificios, utensilios, gado, animaes e culturas existentes.

Ora, é facto verificado que qualquer grande fazenda, vendida inteira nas melhores condições possíveis, não produzirá a terça parte da importancia, que obterá se for dividida em lotes, principalmente se os pequenos proprietarios agricultores encontrarem na fazenda os elementos requeridos para prosperarem. Está exuberantemente provado, pelo grande numero de propriedades incultas e abandonadas, que os proprietarios não podem contar com a venda em globo da sua fazenda, mesmo por infimo preço.

Que fica então?

O pequeno comprador e a sub-divisão da grande propriedade, abandonada e improductiva, impõem de um modo irresistivel pelo impulso da necessidade do tempo hodierno, e das actuaes condições do trabalho e economias.

Ao nosso vor, é o unico meio mais racional segundo as circumstancias presentes do paiz, que tem os grandes proprietarios a seu alcance para valorizarem os seus vastos terrenos e reconstituirem seu capital, assim de poderem dar ás suas fazendas ainda a prosperidade desejada.

É forçoso convencermos-nos que a principal causa de empobrecimento dos nossos fazendeiros é a posse de extensos terrenos improductivos, que representa, é certo, um valor, porém nullo e anti-economico. Para maior clareza, juntamos ao presente trabalho uma planta topographica de uma fazenda que idealisamos, na qual procedemos á divisão de duas terças partes, em pequenos sitios de 100.000 metros quadrados de superficie cada um.

É claro que este plano é susceptivel de alteração ou modificação, segundo o desejo, recurso ou extensão de terra que possuir o fazendeiro.

CREDITO RURAL

Accolte e posto em pratica o nosso projecto de sub-divisão do solo pelos grandes

proprietarios territoriaes, será indispensavel que algum banco de nossa praça organize o credito rural.

A nosso vor, deve o banco desprezar os velhos moldes e praxes usados até hoje pelos bancos de credito, cuja morosidade do processo e avultadas despezas que impunham aos mutuarios, tornava-os inacessiveis aos pequenos agricultores.

A organização do grande banco de credito rural deve ser na Capital Federal; é necessario que elle estabeleça agencias nos diversos Estados e Municipios em que se constituirem Nucleos Agricolas, o que trará incontestaveis melhoramentos.

Essas agencias bancarias fornecerão aos agricultores o capital necessario para a aquisição dos instrumentos, sementes, gado, e para o custeio, assim de que possam desenvolver suas culturas, o que facilitará a permuta, dando valor ao solo e ao trabalho, elemento este tão depreciado ainda entre nós.

O empréstimo deve ser facultado aos lavradores que se dedicarem a polycultura, pois a diversidade dos productos garante melhor reembolso do capital e juros, de que os productos de cultura exclusiva.

O adiantamento deve ser feito de preferencia pela agencia do municipio, a qual fornecerá de um a 25:000\$000, em conta corrente, garantida quer pelo penhor do fructo pendente, ou por hypotheca do immovel, procurando sempre dar uma solução rapida e pouco dispendiosa, assim de attender ás necessidades urgentes do mutuario.

A criação das agencias bancarias tem a dupla vantagem de exercer fiscalisação sobre os devedores, evitando prejuizos futuros do banco, tornando-se verdadeiras culxas economicas, recebendo em deposito o peculio dos operarios agricolas e industriaes.

Muito providente será o banco que organizar o credito rural se annexar a suas operações uma secção de seguros de vida para os agricultores, outra contra as intempéries que possam flagellar as diversas culturas e

para os annuaes do trabalho. Com esse systema cooperativo, o banco acataria os interesses mutuos, contra as eventualidades e os insultos do tempo.

Será facil conseguir-se esse resultado para o estabelecimento do credito, pois com a adopção do nosso projecto, o agricultor já não viverá no isolamento, nem será indifferente ao progresso do Municipio em que reside, visto ser elle o centro de suas operações commerciaes, onde finalmente, em clubs e comicios, serão discutidos os interesses agricolas, servindo de ponto de reunião aos grandes e pequenos agricultores do Municipio, unidos pelo mesmo interesse.

De sa força collectiva e fecunda nascerá a prosperidade da agricultura, o bem-estar do cidadão.

RESUMO

O Credito Rural será estabelecido quer por conta corrente garantida, quer pelos fructos pendentes e por hypotheca do immovel.

a) Os empréstimos serão de 1:000\$000 a 20:000\$000.

b) Receber-se-ha em garantia, sob a fórma do penhor agrícola, todos os productos de culturas armazenados, ou em fructos pendentes.

c) As condições do empréstimo serão conformes a qualidade e natureza do genero offerecido a penhor, mais ou menos susceptível de deterioração.

d) O empréstimo não excederá da metade do valor do producto dado em penhor, se estiver armazenado, e de um terço, se o producto offerecido estiver pendente.

e) No pedido ou proposta de empréstimo, o proponente mencionará qual a natureza do producto, qualidade e quantidade, valor estimativo ou cotação no mercado do genero offerecido em penhor.

f) Os objectos, generos ou productos dados em penhor para garantir o empréstimo, permanecendo em poder do devedor, este assignará termo de deposito. Se no prazo convenconado o devedor não liquidar o valor do empréstimo, será elle obrigado a

pagar os juros da móra e reformar o penhor; porém o banco reserva o direito de exigir o immediato reembolso, se assim o julgar necessario para sua garantia.

g) Os empréstimos hypothecarios serão feitos de accordo com a lei que rege esta materia.

Para todos os empréstimos ou operações do credito serão estabelecidas, no acto, as condições.

h) Será organizada uma secção de seguros de vida para os agricultores.

i) Seguro contra as intempéries, para as colheitas ou fructos pendentes.

j) Idem contra os incendios dos engenhos, armazens, casas ruraes, machinas e utensilios.

k) Idem para o gado e animaes de trabalho. Todas mais operações, como descontos, cauções, letras, etc., ficarão a juizo da Directoria do banco.

Um banco, que assim agisse, acantolando todos os interesses do agricultor, faria, qual vara magica, brotar do solo e das florestas a cornucopia da riqueza, desatando fontes de produção e de actividade, que tudo transformariam.

Surgiriam os pastos, as searas, o gado multiplicar-se-hia, as florestas vlygens se transformariam em fonte de prosperidade e o homem, dirigindo todo esse maravilhoso monumento, seria muito outro pelo novo modo em que viveria.

Porém, sem o capital, como diz Rossi, o trabalho é a gloria.

CONCLUSÃO

Tem sido estabelecido por estadistas e publicistas os mais liberaes e os mais sinceramente dedicados ao progresso social, que uma das primeiras garantias da melhor exploração do solo em proveito da generalidade dos productores e consumidores é o regimen que consagra o direito de propriedade territorial, isto é, o direito de possuir maior ou menor extensão de terra, de explorar á sua vontade esta extensão, alienar-a, trocar-a

da-a, afora-a, legal-a, arrodada, tudo conforme as leis que regem o exercicio do direito de propriedade.

A propriedade póde ser nacional, municipal, collectiva ou individual. A terra forma uma propriedade excepcional, porque não é somente a posse que forma o regimen dessa propriedade, o sentimento é quasi que sua verdadeira base.

Procura-se obter a propriedade do solo, não pelo rendimento com que ella remunera o capital e o trabalho, mas porque é a primeira parte do lar que se val estabelecer, porque se vinculam as familias nelle estabelecidas, porque o pequeno proprietario dedica sincera affeição á casinha que ergueu, á arvore que plantou, ao solo que regou com o suor de seu labor.

A terra lavrada pelo proprietario, como que lhe lucute os principios da economia, transformando-se em verdadeira caixa economica, que generosamente remunera as pequenas economias que lhe são confiadas, os labores diarios em fartas colheitas, que levadas ao mercado consumidor facilitam a accumulção dos pequenos capitaes.

O solo, a propriedade, assim constituida torna-se um vinculo, um patrimonio do futuro, que, transmittido de paes a filhos, faz estabelecer este laço indizivel, que liga o presente ao passado.

A propriedade agricola adquirida por quem trabalhou o solo, por quem entre os labores diarios nella constituiu familia, prende o seduz por modo tal, que o homem nascido em estranhas plagas esquece os patrios lares e com ella se identifica, só a deixando no supremo instante.

Estas considerações nos provam que quanto maior fór o numero dos proprietarios agricolas de um paiz, mais prospera e aperfeiçoada será sua agricultura.

A pequena propriedade agricola é o elemento da ordem, da prosperidade, da abastança, da abundancia e da economia no consumo, e redução nos salarios.

A pequena propriedade agricola, é, além

de tudo isto, a libertação do trabalho e a independencia do homem por seu proprio labor.

Desta verdade estão convencidos os homens mais eminentes que não aprofundado este assumpto de economia social, e para que os nossos antagonistas, os defensores das grandes propriedades agricolas não digam que declamamos, nos escudaremos com as palavras do grande patriota francez Thiers.

O illustre estadista francez demonstrou que a pequena propriedade é a garantia do trabalho, é o estímulo das classes operarias, e, mais ainda, é a factora da prosperidade publica e privada, a incitadora das energias da iniciativa particular.

Depois de largas considerações, o grande patriota francez termina, dizendo: « A sociedade moderna consagrou, por lei escripta, o direito de propriedade, que encontrou sob a forma de habito nas sociedades barbaras, e fez esta consagração com o fim de assegurar, animar e excitar o trabalho, que é a fonte fundamental e base do direito de propriedade.»

Depois destas palavras do illustre libertador da França, tudo quanto dissemos seria ocioso.

O Governo, senhor do grande extensão de propriedade nacional, os senhores do grandes propriedades territoriaes meditam e se vencerão que no fraccionamento dellas está não só o interesse privado de cada um dellas, mas, acima de tudo, o interesse geral.

Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1901.
—Arthur Diniz Lagarde.— Manoel Paulino Cavalcanti.

INDICAÇÃO sobre a organização do serviço sanitario de policia agraria

Dr. Ph. Aristides Cairo

O assumpto que venho apresentar ao estudo do Congresso de Agricultura não é materia nova, acha-se instituido em quasi, si não em todos os paizes cultos e é de tão intuitiva necessidade que dispensa longa justificação.

Retiro-me á magna questão de moléstias dos animais e das plantas— daquellas que já existem no Paiz em larga escala e de outras novas, mais raras, e que estamos pouco a pouco importando do estrangeiro.

Como sabéis, já não são em pequeno numero as pestes ou moléstias animais e vegetaes que temos em nosso gado e em nossas plantas uteis. Deveis estar lembrado do damno causado, não ha muito tempo (1898 — 1899), pela epizootia dos suínos em alguns lugares dos Estados do Minas, São Paulo e Espírito Santo, e que causou grande alarma e desanimo entre os criadores, pelos prejuizos que soffreram.

Além dos estudos feitos pelo Dr. João B. de Lacerda, a Sociedade Nacional de Agricultura, logo que teve noticia, encarregou a um illustre bacteriologista de ir estudar a moléstia.

O Dr. Salvador Barradas foi o comissionado pela Sociedade e após viagem pelas zonas infeccionadas e aturados estudos no Instituto Bacteriologico desta Capital reconheceram a moléstia como sendo o purum-entente do porco — *cholera-floz* na America, Swino feber (Ing.)

Expôz os seus estudos em conferencia e terminou enviando minucioso relatorio, com os conselhos hygienicos, prophylaticos e curativos, e estava em preparo do *serum*, quando teve de ausentar-se desta Capital.

Pois bem, até hoje nada mais se fez, e não será para admirar si em breve apparecer nova epidemia.

O mesmo poderíamos dizer, *mutatis mutandi*, com relação ás pestes de cadeia, ao carbunculo, á febre aphtosa, e demais epizootias.

Passemos agora aos vegetaes: com relação ás moléstias de plantas uteis, deveis estar lembrado que no regimen passado ainda, só o apparecimento de uma moléstia com marcha progressiva e assustadora nos cafeeiros do Norte do Estado do Rio, conseguiu chamar a attenção do Governo de então, que nomeou o illustre Dr. Emilio Gueldi para estudal-a.

Com effeito, elle o fez de 1886 a 1887, com toda a profficeincia e com vastos conhecimentos que possuiu chegon a identicos resultados do professor Joubert, affirmando que a causa da moléstia no cafeeiro era um anguillulo, que classilleon—*Meloidogyne exigua*; deu alguns conselhos prophylaticos e fleon nisto; o Governo deu-lhe nova comissao, fleon esquecida a praga do café até, não se fez estudo posterior que viesse confirmar as proposições avança-das por aquelle phytopathologista, algumas das quaes fallharam.

E' verdade que em S. Paulo, ultimamente (ha uns 3 annos), o apparecimento de praga semelhante em alguns cafezaes poz em movimento o Governo, que mandou verifical-a por illustre professional, o Dr. Fritz Noack.

Moléstias de effeitos tão desastrosos deveriam merecer dos poderes competentes a maior sollecitude e serem os estudos continuados effectivamente, até conseguir-se alguma coisa de nill.

Deveis procurar imitar tambem neste ponto o que tem sido feito e continuam a praticar varios palzes da Europa e principalmente, na America, os Estados Unidos do Norte, onde esse serviço está perfectamente organizado, não se poupando despezas para chegar á causa das moléstias e seu tratamento; empregando medidas prophylaticas e curativos os mais rigorosos, do modo a conseguir attenual-as, si não extinguil-as de vez.

Sobre as moléstias das videiras, poderíamos dizer a mesma coisa, principalmente com relação á mais devastadora, deixando de parte as moléstias cryptogamicas, e referindo-me sómente á que maiores danos causou á viticultura européa, a terrivelmente damninha *Phylloxera vastatrix*.

Por antecipação, devo dizer que felizmente a sciencia já encontrou os meios de destruil-a, ou pelo menos attenuar os seus maleficos effeitos, com o emprego de insecticidas (sulfureto de carbono) ou por meio de enxertos em variedades reconhecidas re-

sistentes á ferocidade de tão malvado insecto; tudo isto depois de muito estudo e longas experiencias feitas especialmente na França.

É verdade que esta descoberta causou grande sentimento a um notavel medico, illustre professor em uma das nossas Faculdades, que em artigo publicado lastima ter-se conseguido descobrir o meio de exterminar tão *abençoado* insecto, o bomfazejo *phylloxera*! Só o grande horror que tem do alcoolismo ponde levar o conceituado hygienista a desconhecer ou repugnar as boas qualidades da uva de mesa e do bom vinho legitimo usado com moderação — está subentendido.

A primeira apparição da *phylloxera* entre nós passou despercebida; a sua existencia só mais tarde foi verificada em S. Paulo — Minas, Rio, Paraná — porém de procedencia ignorada.

Ultimamente, porém, ha uns 3 annos, a procedencia das vidras *phylloxeradas* foi descoberta e a Sociedade Nacional da Agricultura tendo disso conhecimento empenhou esforços para que o introductor, si bem me recordo, americano do norte, não continuasse a vendel-as; pois ainda assim, denunciado pela imprensa, o felizardo achou quem, de boa ou má fé, as comprasse em leilão.

Os poderes publicos allegaram falta de lei especial para esse fim. Provavelmente a disseminação da molestia *phylloxerica* se fez em grande escala por differentes pontos.

Eu mesmo tive occasião de verificar a sua existencia em videiras que foram vendidas por aquelle negociante a um grande proprietario de Nova Friburgo, que sendo sabedor do occorrido pediu conselhos á Sociedade Nacional de Agricultura, que encarregou a uma Commissão, da qual eu fazia parte, de formulal-as. Mandámos proceder á extincção in loco e consequente desinfectação, com assentimento e grande satisfação do illustro proprietario.

Quero crer na sua extincção alli; mas compete ás autoridades a sua verificação.

Aterrorizada com as consequencias funestas que causa a importação de plantas pesteadas, que viriam augmentar as não poucas existentes entre nós, a Sociedade Nacional de Agricultura naquella época nomeou uma grande Commissão, da qual faziam parte os illustres Srs. Barão de Capanema, Drs. Pereira Barretto, von Ihering, Campos da Paz, Chapot Provôst, Vort, Barros Franco Junior, e o abaixo assignado, afim de formular as bases de um projecto a ser endoregado aos poderes publicos organizando este serviço.

O parecer chegou a ser elaborado pelo professor von Ihering, concordando com elle o Dr. Pereira Barretto e já tinha o assentimento, com pequenas modificações, de quasi todos os membros da Commissão; mas, por motivos ignorados até hoje, não chegou ao termo desejado.

Em todo o caso o trabalho já está iniciado e é aproveitavel ajuda.

Do exposto vêm os Srs. Congressistas a necessidade urgente da organização de um serviço de *Policia sanitaria agraria*, pelo que concluo com a seguinte indiciação:

O Congresso de Agricultura solicitará do Governo a organização de um serviço completo de *Policia sanitaria agraria*, creando uma repartição annexa ao Ministerio da Industria e Viação, composta de Profissionais em Veterinaria e Phyto-pathologia, com os ajudantes necessarios e competentes moços, afim de proceder systematicamente ao estudo das molestias dos animaes e de plantas já existentes no Paiz e bem assim rigorosa fiscalização dos importados, sendo rejeitados ou obrigados a purgar *quarentena*, a juizo das autoridades, todos os que tiverem molestia susceptivel de propagação. Naturalmente as leis e regulamentos deverão ser severos.

Sala das sessões, 25 de setembro de 1901.
— Dr. *Phelippe Aristides Coire*.

Parecer

A Commissão abaixo assignada, tendo attentamente estudado os tres seguintes tra-

balhos apresentados ao Congresso de Agricultura. «Defesa, protecção e animação da viticultura e viticultura no Brazil», do Dr. Aristoteles Ambrosino Gomes Calça, «Organização da policia sanitaria agraria», pelo Dr. Felipe Aristides Cairo; «Molestia das plantas cultivadas e meios de evitar o seu desenvolvimento», parecer apresentado pelos Srs. Drs. Von Ihering, Luiz Pereira Barretto, Barão de Capanema e outros á Sociedade Nacional de Agricultura e por esta submettida á proclamação do Congresso, aceitando as conclusões geraes contidas nesses trabalhos que emanam de profissionais distinctos e dedicados aos interesses do paiz, são de parecer que a 5.^a Secção do Congresso de Agricultura adopte e submetta á deliberação do Congresso a seguinte proposta ou indicação aos poderes publicos:

« O Congresso de Agricultura indica aos poderes publicos da União as seguintes medidas justificadas pela necessidade de defender as actuaes fontes de produção do paiz e de promover o seu robustecimento pelo desenvolvimento das culturas que encontram no paiz condições favoraveis de exito:

1.^o Organização do serviço de Policia Sanitaria Agraria anexo ao Ministerio da Industria Viação e Obras Publicas, a cargo de profissionais em veterinaria e phytopathologia, tendo por fim: a) exercerem rigorosa fiscalização sobre animaes e plantas importados, impedindo a entrada ou submettendo a quarentena e mais medidas preventivas da propagação de molestias contagiosas os animaes e plantas suspeitados de serem portadores de germens infecciosos;

b) estudar as molestias já existentes nos animaes e plantas do paiz indicando a fiscalizando sua prophylaxia e sua therapeutica.

2.^o Adhorrir á Convenção Internacional Phylloxera de Berne. .

3.^o Isenção de impostos aduaneiros, excluindo a taxa de expediente para todos os adubos chimicos ou commerciaes e para os instrumentos, utensilios, ferramentas e ma-

chinas destinados a fins agricolas e de Industrias rurales.

4.^o Distribuição gratuita de sementes e bacellos seleccionados com preferencia para os do estabelecimentos nacionaes em que estejam beneficiados pelas vantagens da acclimação.

5.^o Fundação de escolas praticas de pomocultura e especialmente de viticultura.

6.^o Creação de premios de animação á fructicultura em geral e especialmente á viticultura e á vinicultura. »

Sala das sessões do Congresso de Agricultura, 30 de setembro de 1901. — *Wenceslao Bello* — *Dr. Aristides Cairo*. — *Augusto Ramos*. — *Antonio Augusto Pereira da Fonseca*. — *N. Tolentino dos Santos*.

PROJECTO de um Banco Emissor Unico no Brazil para fixação do cambio a 24 por mil réis, desenvolvimento agricola e commercial, criação e exploração de Industrias, criação das escolas coloniaes, conversão da dívida publica fiduciaria, colonisação e exploração de minas e metaes preciosos, etc.

Art. 1.^o Fica creado, na Capital Federal dos Estados Unidos do Brazil, um Banco Unico Emissor, com o capital, ouro, 800 mil contos, dividido em series de 10.000 acções do valor de 100\$ cada uma.

§ 1.^o O capital do Banco será convertido em apolices da Divida Publica externa e em ouro, o qual, á proporção que for realizando, será depositado no Thesouro Nacional, vencendo as apolices depositadas o juro de 5 % ao anno, no primeiro quinquennio, no 2.^o 4 % % diminuindo de 0,5 % por cada quinquennio, até não pagar juro algum, porém é prohibido ao mesmo Governo utilisar-se delle, ainda mesmo a título de emprestimo, excepto se for convertido em apolices, nas mesmas condições das da divida publica externa.

§ 2.^o O Banco por essa fórma constituido será o unico emissor no Brazil, durante 80 annos de sua fundação e terá filiaes em todos os Estados da Republica e em uma

ou mais capitaes da Europa e dos Estados Unidos da America, conforme a conveniencia do mesmo Banco e fim que se tem em vista de manter as cambiaes brazileiras ao typo de 24 por mil réis.

Art. 2.º O Governo concede ao Banco o direito de emissão do triplo do seu capital depositado no Thesouro Nacional, em apolicoes da Divida Publica externa, ou em ouro, a cambio de 24, sendo obrigado a recolher toda a sua emissão dentro do prazo de 80 annos, de seu privilegio.

Art. 3.º Dous annos depois de sua installação o Banco obriga-se a sacar, para os paizes estrangeiros, a cambiaes de 24 por mil réis, ou libras esterlinas a 10 mil réis.

Art. 4.º O Banco será obrigado a crear em cada Estado do Brazil uma succursal, bem como em alguns paizes estrangeiros em que houver mais transacções com o Brazil, afim de serem accoitas as cambiaes, que forem feitas por intermedio do Banco Emissor, vender e apurar o valor dos generos remettidos pelo mesmo Banco, para fazer face ao saque feito. O capital de cada succursal no estrangeiro nunca excederá de 10 mil contos de réis ao cambio de 24.

Paragrapho unico. O Banco, afim de não enfraquecer o capital da succursal no estrangeiro, remetterá o oquivalente do saque em generos do paiz e mais 5 % do valor de cada saque para as despezas ; a mesma obrigação terá cada uma das diversas succursaes dos Estados.

Art. 5.º O Banco reservará annualmente 20 % do lucro liquido de suas operações, o qual converterá em ouro, para fundo de reserva e attender ao troco das notas, de accordo com o art. 7.º.

Art. 6.º O Banco obriga-se a crear em cada Estado da União uma escola-colonia, theorica e pratica de agricultura e industria, conforme a sua producção, pela fórma dos Estatutos das Escolas, principalpando por uma, que será porto da séde do Banco, com a extensão de 64 leguas quadradas e empre-

gará para creação o custolo dessas escolas a quarta parte de sua emissão.

Art. 7.º O Banco obriga-se, depois do 1.º anno da creação de suas succursaes no estrangeiro, a trocar suas notas de emissão, no 1.º quinquennio, com a porcentagem de 5 % em ouro, augmentando a mesma de mais de 10 % em cada quinquennio seguinte.

Art. 8.º O Banco obriga-se a emprestar ao Governo a juros de 5 % ao anno, e ao agricultor ou alumnos estabelecidos a 6 % ao anno.

Art. 9.º O Banco obriga-se a não caucionar papel algum particular, que não esteja completamente integrallado o seu capital e em funcção a industria que explorar.

Art. 10. O Banco obriga-se a só emprestar ao agricultor, que não fór discipulo das escolas do mesmo Banco, metade do valor hypothecado ao mesmo Banco, obrigando-se o agricultor a cultivar os cereaes necessarios para seu consumo e de seus empregados, e a ontrogar ao Banco em c/o os generos de exportação ao cambio sempre de 24, podendo amortizar a sua divida, o minimo com 4 % ao anno, a julzo da Administração do mesmo Banco.

Art. 11. O Banco obriga-se a construir e custear as ostradas de ferro, que forem necessarias para suas colonias, bem como a adquirir e construir os navios a vapor, com suas competentes machinas, para transporte de colonos e mercadorias, os quaes navios serão construidos de fórma a se proxtarom, em caso de necessidade, a transformar-se em navio de guerra.

Art. 12. O Banco obriga-se a mandar vir por sua conta os colonos que forem precisos para suas escolas-colonias, pagando-lha o Governo sómente um tanto, que fór convenclonado, por aquellas familias ou individuos que forem definitivamente estabelecidos pelo Banco.

Art. 13. As acções do Banco serão divididas em series de 10.000 acções, serão reservadas duas ou mais para serem tomadas pelos empregados, alumnos e trabalhadores

do Banco e escolas, mediante o desconto mensal de 10 % em seus salarios, até a completa integralisação de 10 açções a cada um.

Art. 15. O Banco obriga-se a estabelecer os alumnos de suas escolas que forem julgados aptos e melhorados, abrindo-lhes contas correntes com os juros mutuos de 6 % ao anno, pelos adiantamentos feitos para seus estabelecimentos e custoio dos mesmos.

Art. 16. Os agricultores ou colonos que tiverem transacção com o Banco, enquanto lhes forem devidos, não lhes será permitido remetter os productos de sua industria de exportação ou vendorem a outrem que não seja o Banco, sob pena de multa de 20 % e annullação da mesma venda, logo que conste ao Banco.

Art. 17. Os bancos e suas succursaes custearão um jornal diario, que será distribuido por todos os accionistas, mediante a contribuição annual de dezo mil réis, assim como os empregados do Banco e colonias, no qual jornal só tratará exclusivamente da agricultura, industria e exploração, preços correntes e finalmente de todos os negocios relativos á empresa, de fórma que o agricultor tenha neste jornal um guia completo de suas transacções com o Banco.

Art. 18. Serão considerados nacionaes os alumnos estrangeiros depois do 2º anno em diante.

Art. 19. A assemblea geral de accionistas elegerá a sua Directoria quatrienalmente, excepto o Presidente, para cujo logar serão eleitos tres accionistas, para destes ser escolhido um pelo Governo.

Art. 20. Governo dispensará, em favor do Banco, todos os impostos da União, inclusive o sello a que estão sujeitas as sociedades anonyms, exceptuando o de 1 % sobre as cambias e 25 % sobre a exploração de minas de metaes preciosos.

Art. 21. O Governo garante o privilegio do Banco por oitenta annos.

Art. 22. O Governo dará curso forçado á emissão bancaria e escolherá toda a sua

emissão de papel-moeda, substituindo-a por papel emissor, ouro, prata, nickel e cobre.

Art. 22. O Governo fixará o padrão monetario no cambio de 24 por mil réis, revogando-se a lei de 1846.

Paragrapho unico. Reduzirá todo o ouro brasileiro em libra sterlina, com o toque e peso da libra sterlina Ingloza o preço de 10\$000.

Art. 24. O Governo creará um imposto de 1 % sobre toda a cambial lida do Brasil para o estrangeiro, seja de que modo fór feita a cambial, letras de cambio, ouro ou outro metal, ou generos do palz, o qual imposto será dividido em duas partes: metade pertencerá ao Governo para pagamento de sua divida e juros da mesma, e a outra metade pertencerá ao Banco Emissor, afin de attender á despeza com as suas succursaes no estrangeiro, que serve de garantia á fixação do cambio a 24, a que elle se obriga.

Art. 25. O Governo creará um imposto de 25 % sobre a exploração de metaes preciosos no Brazil, pago no mesmo metal explorado, o qual será convertido em libras sterlinas brasileiras e suas sub-divisões, de accordo com o art. 23 paragrapho unico e art. 22 e este imposto será reservado ao pagamento da divida fiduciaria e seus juros.

Paragrapho unico. Se não houver exploradores de minas, que se queiram sujeitar a este imposto, o Banco Emissor será obrigado a explorar por sua conta.

Art. 26. O Governo garante a concessão do privilegio ao Banco Emissor por 80 annos e, no caso de querer rescindir, será obrigado a pagar ao banco, em ouro, ao cambio de 24, toda a sua divida em deposito e mais os juros de 5 % ao anno, no mesmo metal, por todo o tempo que faltar para completar o tempo do privilegio.

Art. 27. O Governo se obriga a pagar a multa de mil contos pela falta de cumprimento das clausulas dos arts. 20 a 25.

Art. 28. O Governo, sempre que for preciso, poderá arrendar os navios do banco,

bom como exigir o serviço dos operarios e alumnos das escolas, necessario para o serviço militar provisorio, enquanto durar a necessidade, pagando-lhes soldo dobrado.

Paragrapho unico. Os alumnos das escolas agricolas e industriaes, durante o tempo que pertencerem ás escolas ficarão isentos do recrutamento, bom como do recenseamento para o serviço militar.

Art. 28. O Governo obriga-se a ceder as terras devolutas, que forem precisas para as colonias-escolas, bem como as que forem necessarias para estabelecimentos dos alumnos, mediante o arrendamento annual de 500 réis por 100^m².

Art. 30. O Governo fiscalisará o Banco e suas succursaes por meio de empregados da Repartição de Fazenda da União, excepto do Tribunal de Tomadas de Contas, os quaes fiscaes vencerão uma gratificação paga pelo Banco e arbitrada pelo Ministro da Fazenda.

Art. 31. Os empregados que forem fiscaes são responsaveis por todas as transacções do Banco que não estiverem de accordo com a lei e privilegio do Banco, os quaes são obrigados a apresentarem balanços mensaes ao Tribunal de Tomadas de Contas.

§ 1.º Os fiscaes servirão por um semestre.

§ 2.º Nenhuma transacção será feita pelo Banco sem que seja ouvido o fiscal, a quem o Banco fornecerá todos os esclarecimentos precisos para a boa fiscalisação, importando em nullidade de transacção a daquella a que faltar o visto do fiscal respectivo.

Art. 32. O Governo nomeará igualmente, annualmente, dous empregados do Tribunal de Contas, para examinar a escripta do Banco e verificar se está de accordo com o balanço apresentado pelos fiscaes semestraes e se foi cumprida a lei.

§ 1.º Os empregados do Tribunal de Contas assim commissionedos terão direito a uma gratificação, paga pelo Banco e estimada.

§ 2.º Os empregados fiscaes não poderão ser os mesmos que funcionarem no anno anterior.

Art. 33. As notas de emissão nunca serão de menos de 5\$; todo o troco menor será em metal corrente.

§ 1.º A emissão será escripturada em um livro especial, numerado e rubricado pelo Presidente do Tribunal de Contas ou algum empregado do mesmo Tribunal, por elle autorisado.

§ 2.º A emissão em caso algum excederá ao triplo do capital depositado no Thesouro Nacional, em ouro ou apolices da Divida Publica estrangeira ou nacional, si se provar que não pôde obter a divida ao estrangeiro para deposito.

§ 3.º As notas de emissão serão numeradas por ordem de series e cada valor terá uma côr especial.

§ 4.º As notas que forem trocadas com a porcentagem em ouro serão carimbadas pelo Thesoureiro ou seus fiscaes, com a data da troca, afim de não soffrerem nova porcentagem em ouro, dentro do quinquenno.

§ 5.º As notas substituidas por dilacoração ou outra cousa que a inutilise serão substituidas por outras de igual côr e numero, e ellas serão incineradas na presenca de uma commissão composta de dois Directores e do fiscal do Governo, do que se lavrará auto, que será inscripto em livro especial para esse fim creado pelo Banco, numerado e rubricado da mesma fórma do da emissão.

§ 6.º As notas emissoras que forem trocadas com a porcentagem em ouro serão escripturadas no livro competente, com a sua numeração e serie, afim de poderem ser conferidas pela Directoria respectiva e fiscal.

Art. 34. O Governo garantirá a divida que for necessario contrahir no estrangeiro pelo Banco para creação de suas succursaes no paiz estrangeiro, comtanto que não exceda de 1/10 do capital depositado no Thesouro Nacional.

Art. 35. Desde que o Banco possa distribuir dividendo superior a 12 % ao anno, pagará ao Governo 20 % do excedente a distribuir e esta quantia revertirá em bene-

fleto da amortização da Dívida Publica e seus juros.

Art. 36. O Governo obriga-se a recolher toda a sua emissão em notas do Thesouro, dentro do prazo de dous annos depois da installação do Banco Emissor, substituído-as por notas emissoras do Banco, que o mesmo Banco emprestará ao Governo para esse fim a 2% ao anno e que serão amortizadas dentro do prazo de 20 annos.

Art. 37. O Banco Emissor não poderá rescindir o contracto com o Governo durante o prazo de seu privilegio, sob pena de perder todo o seu deposito existente no Thesouro Nacional e de recolher todas as suas notas de emissão dentro do prazo de dous annos.

Art. 38. No fim do prazo do privilegio se procederá á liquidação final do Banco, que unido ao deposito existente, serão resgatadas todas as notas em circulação e o saldo será distribuído pelos acionistas na proporção do valor nominal de suas acções.

Art. 39. Doz annos dentro do prazo para terminação do privilegio serão suspensas todas as transacções que tiverem de durar mais do que esse prazo, a fim de que na occasião de findar o prazo estejam liquidadas todas as transacções do Banco.

Paragrapho unico. No fim do contracto o privilegio o Banco dispensará do pagamento metade da divida publica do Governo depositada como garantia do mesmo privilegio e a outra metade vencerá os juros de 2% ao anno, até final liquidação. — *João Rodrigues Lins.*

MEMORIA sobre colonisação, povoamento e culturas

Barão Andréa Guglielmini

Senhores— Tenho a honra de apresentar ao exame e á alta consideração do Congresso de Agricultura as minhas idéas e propostas relativamente á colonisação, povoamento e desenvolvimento das culturas desse immenso, fertil e rico territorio brasileiro,

certo como é que na sua sabedoria implicará ao Governo as medidas a tomar para explorar todas as riquezas do solo e sub-solo, para assegurar o futuro economico do paiz.

E' necessario confessar que o Brasil se acha em más condições economicas, por falta de producção agricola e industrial e desenvolvimento do seu commercio.

O valor da sua limitada producção, que foi causa do depauperamento da economia publica, é inteiramente absorvido pela importação dos productos estrangeiros de que precisa.

E' pobre a Nação que não produz e compra tudo aquillo que pôde obter do seu proprio solo.

A crise actual, que sem duvida se tornará mais aguda para o futuro, deve-se á falta de producção. E a monocultura é condemnada pela sciencia e pela pratica, como o maior erro da economia publica e privada.

O immenso territorio do Brasil é apto a quasi todas as producções e ás industrias agrarias, e nenhuma nação possui tão vasta riqueza de minas como as que existem no sub-solo deste paiz.

Si o Brasil se decidir a explorar o solo e o sub-solo do seu vastissimo, fertil e rico territorio, em poucos annos ganhará a sua fortuna economica, e gradativamente será a nação mais rica do mundo; porque outra nação não ha de mais extenso territorio que possua tão grande área de terreno apropriado á cultura variada e tão excellentes requisitos de sub-solo e de clima.

Permitti-me, senhores, allinhar que o Brasil deve estudar o executar um razoavel projecto de colonisação.

A colonisação deveria ser feita de preferencia com a divisao das terras em pequenos lotes de 10 a 20 hectares, escolhendo a principio os terrenos melhores e de melhor clima, fornecidos de agua e proximos aos centros habitados e ás estradas de communicação, observando-se a regra de fazer cultivar nos lotes os productos mais remun-

nerativos e apropriados ao terreno e ao clima.

Os lotes seriam vendidos ás familias de colonos, compostas de tres ou de cinco pessoas (os homens em maioria) todos aptos ao trabalho.

O preço de cada lote poderia ser computado no maximo de 25\$ por hecctar e pago em condições de facilidade, como por exemplo em cinco prestações annuaes iguaes, começando o pagamento da primeira ao fim do terceiro anno de posse.

Fornecer gratuitamente, e de uma vez, a cada familia no acto de posse do lote, todas as ferramentas agricolas de que precisar para a cultura a fazer, e para o primeiro anno as sementes preferiveis ás culturas do sólo e do clima.

Convirá, outrossim, conceder a cada familia, a título de empréstimo, a quantia de 250\$ para a montagem de casa e outras necessidades preliminares do installação, somma que seria paga, tambem, em cinco prestações annuaes, a começar do terceiro anno de posse do lote.

Inclur-se-hia nos contractos a clausula formal de que cada familia proprietaria de um lote deverá completar a cultura do seu terreno em tempo não maior de tres annos, para os lotes de 10 hecctares e de cinco annos para os lotes de 20 hecctares, desenvolvendo as culturas rememorativas existentes e creando aquelles que melhor se apropriem ao sólo e ao clima.

Entre as culturas existentes recommenda-se o desenvolvimento :

« do tabaco, do arroz, do algodão, da batata, etc., etc., e entre as culturas novas experimentar com seguro resultado :

« o trigo e todos os cereaes, o canhamo, o linho, o ramie, a forragem de diversas variedades, a cebola e o alho, etc., etc.

Deste modo é possível a colonisação de bons colonos ; porque introduzir o immigrante sem lhe conceder uma pequena propriedade é manter a vida em um circulo vicioso. O immigrante que aqui chega e não

se fixa, não trabalha para a prosperidade do Brasil ; trabalha para o paiz de origem.

O systema até agora praticado não tem attractivos para o colono, por lhe faltarem os elementos da co-existencia, do faell assimilação.

Por isso o Brasil não terá jámais colonisação e povoamento, e nem desenvolvimento de riqueza, e nem produção alimenticia e nem progresso industrial, nem augmento de exportação e de commercio e nem diminuição de importação que absorve a riqueza nacional.

O Brasil possui nas visceras do seu interminavel territorio a maior riqueza do mundo ; porque, á parte a exploração das suas ricas minas, os terrenos e o clima são de uma fertilidade excepcional, maravilhosa, e as experiencias agricolas por mim feitas no Estado de S. Paulo tem demonstrado que aqui se pôde cultivar qualquer producto da terra.

A colonisação é a pedra angular da restauração solida e permanente da economia e da finança publica e privada, e o benemerito Congresso de Agricultura faria obra patriótica occupando-se seriamente desso assumpto.

Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1901.
— Dr. *Andréa Guglielmini*, ex-deputado á Camara do Congresso Italiano.

MEMORIA

Barão Andréa Guglielmini

Senhores—Tenho a honra de apresentar ao exame e á alta consideração desse benemerito Congresso de Agricultura as impressões por mim recolhidas na minha não curta permanencia no Brazil, sobre as condições da agricultura e da economia geral deste immenso e fertil territorio inexplorado, e a ellas juntarei o resultado das experiencias e observações que fiz viajando pelo interior de diversos Estados da vossa Republica, como tambem propostas ácerca do modo de promover a agricultura por meio da colo-

nisação e do povoamento, e da exploração do sólo e do sub-sólo para extrahir as riquezas de que tão largamente é dotado o territorio brasileiro.

Conjunctamente, apresento ao Juiz das commissões especiaes desse Congresso as publicações por mim feitas em jornaes e revistas, durante estes últimos oito mezes de minha permanencia no Rio de Janeiro.

Parece-me que assim, antes de voltar para a Italia, em Napoles, terei demonstrado a minha sincera gratidão ao Brazil, pela gentileza de sua hospitalidade durante quasi tres annos, em que me tenho dedicado a estudar as condições economicas relativas á grande collectividade italiana, que aqui móra e trabalha.

É necessario confessar que o Brazil se acha em más condições economicas, por falta de produção agricola e industrial e desenvolvimento do seu commercio.

O valor da sua limitada produção, que foi causa do deparperamento da economia publica, é inteiramente absorvido pela importação dos productos estrangeiros de que precisa.

É pobre a nação que não produz e compra tudo aquillo que pôde obter do seu proprio seio. A crise actual que, sem duvida, se tornará mais aguda para o futuro, deve-se á falta de produção. E a monocultura é condemnada pela sciencia e pela pratica como o maior erro da economia privada e publica.

O immenso territorio do Brazil é apto a quasi todas as produções e ás industrias agrarias, e nenhuma outra nação possui tão vasta riqueza de minas como as que existem no sub-sólo deste pulz.

Si o Brazil se decidir a explorar o sólo e o sub-sólo do seu vastissimo, fértil e rico territorio, em poucos annos ganhará a sua fortuna economica, e gradativamente será a nação mais rica do mundo, porque outra nação não ha de mais extenso territorio, que possua tão grande área de terreiro apropriado á cultura variada e tão excellentes requisitos de sólo e de clima.

Permitti-me, senhores, affirmar que o Brazil deve estudar e executar um razoavel projecto de colonisação, fugindo ao perigo do intermediario, dos syndicatos e de outras sociedades estrangeiras, que desfructariam a colonisação em beneficio absoluto dos seus capitaes e desprovento do trabalho e da riqueza nacional.

A colonisação deveria ser feita de preferencia coma divisão das terras em pequenos lotes de 10 a 20 hectares cada um, escolhendo a principio os terrenos molhores e de melhor clima, fornecidos de agua e proximos aos centros habitados, e com estradas de communicações, observando-se a regra de fazer cultivar nos lotes os productos mais remunerativos e apropriados ao clima.

Os lotes seriam vendidos ás familias de colonos, compostas de tres pessoas (dous homens e uma mulher), todos aptos ao trabalho.

O preço de cada lote poderia ser computado no maximo de 25\$00 por hectare e pago em condições de facilidade, como, por exemplo, em cinco prestações annuaes e iguaes, começando o pagamento da primeira ao fim do terceiro anno de posse e de adiantada cultura do lote.

Fornecer gratuitamente, e de uma vez, a cada familia, no acto da posse do lote, todas as ferramentas agricolas de que precisar para a cultura do terreno, e para o primeiro anno as sementes preferiveis para o immediato desenvolvimento das culturas, escolhendo sempre para o bom resultado a melhor qualidade do sólo e a favorabilidade do clima.

Convirá, outrossim, conceder a cada familia, a titulo de emprestimo, a quantia de 250\$ para a montagem de casa e outras necessidades preliminares de installação, somma que seria paga tambem em cinco prestações annuaes, a começar do terceiro anno da posse do lote.

Incluir-se-bia nos contractos a clausula formal de que cada familia proprietaria de um lote deveria completar a cultura do seu

terreiro em tempo não maior de tres annos para os lotes de 10 hecctares, e de cinco ou seis annos para os de 20 hecctares, desenvolvendo as culturas remunerativas existentes e criando aquellas que melhor se appropriam ao solo e ao clima.

O Governo providenciaria por sua parte para facilitar o transporte e a venda dos productos de exportação, e outros que se adaptassem á transformação industrial e que contribuiriam para o incremento colluctivo das industrias nacionaes.

Para obter com segurança e pratico resultado o concurso dos colonos estrangeiros, é sufficiente a propaganda opportuna, séria e criticosamente feita, como, por exemplo, encarregar os representantes diplomaticos e consulares de divulgar, em exemplares impressos, as condições favoraveis á colonisação e obter a mesma divulgação por intermedio das autoridades dos Governos em que esses funcionarios são acreditados. Obter o concurso da imprensa local. E assim o governo brasileiro poria em evidencia as vantagens para desenvolver a colonisação e a cultura de suas terras.

Com estas normas atrahir-se-hia certamente para aqui immigração de excellentes colonos que, juntando as suas economias, não trepidariam em deixar a terra natal, na esperança de aqui achar melhor fortuna, adquirindo pequenas propriedades de terras que, deixariam como herança aos seus descendentes. Com a colonisação o Brazil deve e tinda tambem o executar um projecto para explorar todas as riquezas das minas de que é abundante e variado o vasto territorio da Republica, fingindo tambem, para tal conseguir, ao perigo de se esandar em capitães estrangeiros, que, como já disse, é empregado sempre para a consecução do mais exagerado lucro e com o maior danno para á prosperidade nacional.

Por um e outra coisa acima indicadas é preciso coordenar a legislação existente, corrigindo-a ou ampliando-a, segundo é necessario e nil á vantagem da nação.

O Congresso de Agricultura, convocado para discutir e assentir as bases de uma acção simultanea e solidaria, que influirá certamente sobre as resoluções do Governo, saberá concretizar um schema de projecto razoavel de exploração das industrias agricolas e extractivas, e indicar tambem ao Governo a preferencia de meios proprios, talvez extraordinarios, para executar o plano do desenvolvimento da grande, geral producção nacional, iniciativa propria e coragem: eis a divisa que devo tomar o Brazil.

A colonisação é a pedra angular da restauração solida e permanente da economia e da finança publica e privada; mas, é problema que devemos esperar em futuro proximo, depois de ser estudado o plano vasto e complexo, que abrange ao mesmo tempo a parte tecnica e a financeira para ser resolvido. Agora encaremos outros problemas de mais urgente examo, que precisam ser resolvidos mais urgentemente, e que o Congresso de Agricultura não pôde deixar de tomar em consideração, indicando ao Governo as melhores normas a seguir para resolvê-los, sem perda de tempo. E são:

- a) a reforma tributaria;
- b) o commercio do cambio;
- c) a valorização do café.

A reforma tributaria se impoe como uma necessidade economica e financeira, não podendo o regimen actual, que é erroneo, imperfecto e lillo de momentos ditlicos e de imperiosa necessidade, ser conservado como medida permanente.

As bases primitivas da reforma tributaria são circumscripitas á formula logica, que é indicada pelos preceitos da economia publica, isto é, procurar e discriminar a materia taxavel e estabelecer a medida da taxa.

Com estas normas não é possível errar, e a reforma tributaria será equitativamente proporcionada e applicada sem protestos á potencialidade economica-commercial dos contribuintes.

É graças á exactidão deste processo taxativo, logico e pratico, pôdo-se tomar em consideração as condições actuaes do commercio e das Indústrias, e não sobrecarregal-as; emquanto fôr possível, procurar novas fontes meno: taxadas, ou não exploradas; e o luxo e as especulações de mais relevantes lucros offerecem largo campo á applicação dos impostos.

Já disse na minha carta aberta dirigida pelo jornal *O País* (8 e 13 do corrente mez) ao Exm. Sr. Ministro da Fazenda Federal a minha opinião sobre este assumpto, e permittí-me indicar a S. Ex. muitas fontes de quo se pôde haurir a materia taxavel; como disse, tambem, que é necessario regular as relações entre os Estados e a União relativamente á propriedade das terras devolutas e das minas, para organizar um plano geral e uniforme do desenvolvimento da agricultura e das indústrias agrarias e extractivas.

O Congresso na sua sabedoria não deixará de propor ao Governo as idéas que melhores lhe parecerem sobre essa materia.

Mas, si a reforma tributaria é necessaria para dividir equitativamente os tributos e os impostos e para conseguir maiores e mais seguros recursos para o Thesouro Nacional, não menos necessarias para a economia geral do paiz são as providencias a tomar para regular as bruscas oscillações da taxa cambial, e o Congresso, que no seu patriotico exame abrange todos os problemas agricolas, industriaes e economicos, não pôde deixar de examinar tambem as medidas a suggerir ao Governo para que regule a taxa do cambio.

Porque, si o cambio é um phenomeno que se manifesta pelo desequilibrio economic) de uma nação e entra nas funcções do commercio commum, aqui as proporções assumidas não são o effeito unicamente desse desequilibrio em que se acha ha muitos annos o Brazil.

A causa é preciso ir procural-a, tambem, na desenfreiada e illegal especulação, no livre arbitrio em que se deixam os bolsistas

e os banqueiros encorajados pela tolerancia do Governo, o qual tem o dever de calcular quanto são dannosas para as indústrias, para o commercio e para toda a vida economica da nação, as bruscas oscillações do cambio, que em outros paizes é regulado por normas de pura especulação commercial. A esta hora, aqui, o cambio já deveria ter volvido a um gradual melhoramento por muitas causas de facil evidencia; e, entretanto, a taxa cambial continúa a baratear o valor do papel-moeda, o *quod peius* com frequentes oscillações, que vao ferir directamente a vida economica da nação.

Não faltam disposições legais a applicar-se, e, si faltarem, o Governo tem o dever de reclamar-as dos poderes competentes e applical-as com punho firme; porque, agora, é preciso que o Brazil seja o arbitro e o regulador de si mesmo e do que mais convém fazer para defender a sua economia.

Parce-me, outrossim, que, como suprema necessidade de *salus publica*, o Congresso deve interessar-se séria e effeazmente pela crise do principal, sinão do unico producto que abrange a *magna pars* da economia nacional, isto é,—o café.

A crise do café se lascia sobre duas necessidades: alargar o consumo e levantar o preço.

São duas medidas dignas do mais ponderado exame.

Já disse que, para resolver a crise, é preciso—*resistencia* e *propaganda*, e confirmo essa minha opinião ante a sabedoria do Congresso.

A resistencia no interior e a propaganda no exterior.

Para effectuar a primeira é preciso a intervenção absoluta do Governo, que só elle tem á sua disposição os meios necessarios para sustental-a. Para realizar a segunda é preciso o concurso de todos os que tem interesse a propagar as boas qualidades do café brasileiro, trabalhando conjunctamente, vendedores e compradores pelo mesmo resultado.

Já se tem escripto muito sobre esse assumpto, e agora o Congresso pôde bem concertizar as idéas mais praticas e realizaveis para o regimen a seguir affim de resolver a crise cafeeira.

Não ha quem nao veja que a produçao do café no Brazil terá ainda por muitos annos um periodo ascendente, pois que são immensas as plantações de pouca idade que augmentarão de anno para anno a produçao.

Tive occasiao, viajando e estudando no interior do Estado de S. Paulo, de ficar maravillado á vista das numerosas e extensas plantações recentes de café, e por isso posso affirmar, com pleno conhecimento, que o perigo será maior para o futuro se não se adoptarem sollicitamente largas e boas medidas de protecção e de propaganda.

E enquanto o Brazil nao tiver colonisaçao e produçao abundante de todas as culturas de que é susceptivel este uberrimo solo, é á economia do café que se deve attender com sollicitude, pois que nella se acha incarnada, presentemente, a economia nacional.

Póde-se discutir, ainda, por prazer de fazer academia, qual seja a melhor linha de conducta do productor, para diminuir as despesas de produçao, como remir bons typos, limpá-lo de todas as impurezas e imperfeições; qual o melhor meio de ensacá-lo, acatela-lo contra avarias; qual tambem o procedimento do Governo para diminuir despesas de transporte e isentá-lo da onerosa taxa de exportação, que presentemente pesa sobre o productor; qual o meio de ovitar as fraudes e falsificações na venda e consumo interno; e qual seja a organisação mais racional e pratica para a propaganda, pelo commercio directo no exterior; discutir o examinar, em summa, tudo quanto for melhor e mais util e pôr em pratica para acreditar o café do Brazil nos mercados estrangeiros; onde é erroneamente conhecido, enormemente prejudicado pelas adulterações e pela liga de differentes typos e mistura de qualidades; tudo isto é, sem duvida

alguma, util, mas não resolve o problema, não ensejará cumprir o ideal da crise netral, occorrendo para isso a adopção de meios superiores ao alcance sómente do Governo, que tem o dever de intervir, podendo facilmente achar no valor do café mesmo a garantia segura de qualquer operação financeira que precise fazer para organizar a resistencia no interior.

Partindo, pois, das condições economicas muito precarias, em que se debatem os productores de café, está claro que esses não se podem libertar por esforços proprios das actuaes necessidades, e que é preciso um remedio radical e salvador.

O Congresso tem sufficiente autoridade para propor e recomendar ao Governo a sua salutar intervençao para proteger o principal producto de exportação, que constitue a maxima parte da economia nacional.

Senhores—Desejei tomar parte neste primeiro importante Congresso do Agricultura por grande amor que tenho a esta nobre Nação que me foi tão generosa de deferencia.

Regressando, daqui a um mez, ao meu paiz, lá, no grande centro da Italia meridional, em Napoles, onde permanecem tantas recordações de interesses e de sympathias pelo Brazil, trabalharei como melhor puder e souber para divulgar que aqui é grande o campo para a actividade de quem quer empregar as suas energias no honesto e productivo trabalho; fazendo votos, ao mesmo tempo, pela prosperidade e grandeza desta Patria Brasileira, de que levo profundas e inesqueciveis recordações.

Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1901. —
Dr. *Andrea Guglielmini*, ex-Deputado ao Parlamento Italiano. >

PARECER

SOBRE A MEMORIA APRESENTADA Á 5ª SECÇÃO DO CONGRESSO DE AGRICULTURA, PELO SR. DR. ANDREA GUGLIELMINI E EM QUE O MESMO SENHOR THATA DA COLONISAÇÃO E MINERALOGIA DO BRASIL.

O que actualmente impede o desenvolvimento da mineralogia no nosso paiz, de

modo a tornar-a um auxiliar poderoso da economia e das finanças, e permittir nos representar o primeiro logar entre as Nações, que possuam industrias extractivas, é, permittir-se-me illzel-o, a falta de leis appropriadas que, garantindo uma recompensa áquelles que se dedicarem á exploração do sub-solo, não exponham a uma espoliação certa os pequenos ou grandes proprietarios do solo.

Refiro-me de um modo geral, não particularizando industria nenhuma, porque embora de valores e denominações diversas, tratando-se de sua acquisição, estão sujeitas aos mesmos principios. Geralmente não é o proprietario do sólo que descobre as riquezas ali accumuladas pela natureza, mas algumas vezes tambem é o proprietario o descobridor, ou possuidor por tradição, de immensas riquezas, que não explora pela falta de recursos pecuniarios, os quaes não pôde obter por meio de associação do capital *estranho enquanto não estabelece o quantum* das responsabilidades inherentes á acquisição dos meios necessarios á exploração de sua jazida e renda fixa desta; isto se dá, devido ás difficuldades provenientes da deficiencia da legislação actual, em se tratando de desapropriações de agual as necessarias ás explorações activas, não fallando do proprietario do sólo por onde tenham de ser canalizadas, os quaes, com a ganancia de lucros fabulosos a obter com indemnisações, dizem-se prejudicados, quando na verdade são os seus terrenos, aridos e sem valor até aqui, providos de um elemento que lhes permittir adquirir em abundancia vegetação (refiro-me á agua, quando canalizada pelo systema de barragem, em que a infiltração é possível).

E' sabido que as jazidas auríferas, de que é tão soberanamente dotado o nosso paiz, estão, na maior parte, situadas em logares onde não é abundante, e falta mesmo o principal agente de beneficiamento—a agua; esta pertence sempre a muitos, tendo, além disso, de atravessar terrenos de outros que

se consideram prejudicados com a passagem do processo liquido.

Muitas vezes debati esta questao com o meu particular amigo Sr. tenente Luiz Gonçalves Fontes, agricultor dos mais illustres na zona da matta do Estado de Minas e que conhece a fundo a mineração do mesmo Estado, sendo sempre accordes que precisa-vamos de uma legislação ampla que consorciasse a avidéz do explorador com a usura do proprietario.

A este respeito, citava-se o insuccesso das importantissimas minas do Ilhéu Roberto, Garimpo, Itabira e tantas outras, cujas explorações plenas não puderam ser levadas a effeito, devido aos obices applicados.

A crise porque está passando o paiz, e que tem causas multiphas, fez com que todos os homens de responsabilidade politica fossem lembrar ao Governo os meios que, obstando a marcha de truidora da fortuna publica e particular, tendessem a regenerar-a. O desenvolvimento da industria extractiva, e o decadente entre nós o que pelo representar o primeiro logar como meio economico, já foi lembrado ao Exm. Sr. Ministro da Industria e Viação, o qual, com o amor que todos lhe notam pela causa publica, entregou esse importantissimo e momentoso assumpto ao estudo de dois profissionais distinctos, sendo um d'elles, cujo nome me occorre, o illustre Dr. Miguel Lisboa.

Parece-me não ser fora de proposito fructuerever aqui a opiniao externada pelo Exm. Sr. Ministro da Fazenda na sua relatorio deste anno, apresentado ao Exm. Sr. Presidente da Republica, o em que S. Ex., depois de patentear com os mais solidos racoemios os seus vastissimos conhecimentos sobre todos os ramos de administração publica e muito especialmente sobre aquelle que dirige, manifesta-se de uma maneira erronea e infeliz, parece-me, quanto á mineração. Diz S. Ex., nesse relatorio citado, pag. LIV e LV: «Nada direi sobre os meios de fixar o desenvolver immensa cultura, que em nos o paiz podem dar resultados extraordinarios,

por ser isso mais da competência do meu collega da Industria. Peço, porém, licença, para chamar a attenção para a exploração das nossas minas.

Embora os capitães para esses empreendimentos possam ser fornecidos em parte pelos estrangeiros, penso que a exploração deve ser feita por companhias nacionaes. A exploração das minas é muito diversa da de estradas de ferro, de portos e outras, que além dos lucros directos, accresce a vantagem de incalculavel valor. Si uma estrada de ferro ou porto é explorado por uma companhia estrangeira, os lucros directos dessas empresas vão para fóra do paiz, mas gozaremos de todas as vantagens indirectas, desenvolvimento do commercio, das industrias, da agricultura e outros elementos de civilização.

O caso nuda com a exploração das minas, que não deixa vantagem alguma indirecta, a não ser no momento de exportação para os Estados, e cujo producto directo vai todos para o exterior, quando a exploração é feita por companhias estrangeiras.

É o que se está dando entre nós; as nossas riquezas, o ouro do nosso solo está sendo drenado para fóra do paiz, sem vantagem alguma positiva para nós, que, entretanto, ainda auxiliamos essas companhias com isenção de impostos nas Alfândegas.

Alguem, que por modestia assignou *Spectator*, mas que pode bem ser um desses amigos nros, que servem de tapete a S. Ex. o Sr. Ministro da Fazenda, procurando sempre por interesse e vaidosa ostentação complemental-o quando em publico disse no *Jornal do Commercio*: «(*) Li com muita attenção o relatório do Ministro da Fazenda, publicado». E mais abaixo: «Com a parte do relatório que se refere á mineração, não posso concordar. Não ha capitães aqui para empregar neste negocio. Negó que o ouro

está sendo drenado para fóra do paiz, sem vantagem alguma positiva para nós. O ouro do ouro é quasi todo empregado no trabalho e despejada mina, e como este dinheiro pago pela Empresa tem de ser gasto no lugar, a vantagem para o paiz é muito grande. Muitas empresas aqui não tem dado dividendo e outras tem pago dividendos muito pequenos de 5 ou 6 %., juros que não servem para attrahir capitães a um paiz onde com difficuldade e boas garantias pôde obter dinheiro a 10 e 12 %., Para desprezar dinheiro de fóra, que só dá 5 e 6 %., de resultado e deixar o ouro na terra, não parece o meio de melhorar o paiz. Os outros paizes não tem olhado desta maneira para o negocio de mineração.»

Na verdade, S. Ex. não meditou em que, Ouro Preto, Serra, Diamantina, Santa Barbara, S. João, Lavras e tantos outros centros importantes, que seria fastidioso enumerar, devem sua existencia e importância actual exclusivamente á mineração que para alli attrahiu capitães e braços para explorá-la, e Ouro Preto, que em mais conheço, não teria ainda hoje existencia. É o que seria de nós si não tivéssemos esse meio de vida que occupa milhares de operarios? A criminologia augmentaria os seus negros quadros estatísticos, porque o ses homens, fallos de recursos, com uma tendencia para a abastança, procurariam obter pela violencia aquillo que vão conquistando pelo trabalho. Mas não se trata só do ouro, é preciso lançarmos nossas vistas para o abandono em que estão as outras industrias extractivas.

O carvão de pedra, em via de permanentemente e lucrativa exploração no Estado do Rio Grande do Sul, existe em grande abundancia nos Estados do Paraná, Santa Catharina, Minas Geraes e outros.

A jazida de Ponta Grossa, no Estado do Paraná, situada a 1 kilometro da freguezia do Cupim e a 54 de Ponta Grossa, tem sido descripta pelos mais notaveis homens de sciencia, que por alli tem passado, como sendo riquissima, não só pela qualidade do precioso combustivel, como pela quantidade

(*) A relação pertence ao autor citado, «Spectator».

e vasta zona que occupa, pois desce de por uma vertente abaixo até desaguar no rio Itiva, aliada se encontra depois com as duas margens do mesmo Itiva. Na foz do rio Itiva se encontra tambem este mineral e o petroleo. Em Guarapuva e em outros lugares. (Vide memoria do Dr. José Joaquim Pereira Branco e outros, no Dictionario Geographico do Dr. Francisco Ignacio Ferreira, 1885.)

No Estado de Minas tive eu oportunidade de encontrar fragmentos de qualidade excellente e do peso de 50 e 100 grammas. Queu teve occasião de ler o notavel trabalho *Dictionario Geographico das Minas do Brazil*, obra do Dr. Francisco Ignacio Ferreira, já citado, e tiver conhecimento da riqueza mineral de nossa patria, sentir-se-ha triste lendo o relatório e catalogo da exposição Industrial fluminense, commemorativa do 4º centenario do descobrimento do Brazil, promovida pela benemerita Sociedade Propagadora das Bellas Artes e inaugurada em 6 de maio de 1900.

O unico Estado que se fez representar dignamente, mas de modo incompleto, foi o de Minas Geraes. Os demais brillaram pela ausencia.

A memoria do Dr. Andréa Guglielmici allude vagamente á mineralogia. S. S. tratou isto e com proleciencia de um modo de colonisação, que, seja dito de passagem, é excellento, desde que se deca maiores vantagens aos nacionaes ou que se nacionalisem; entretanto, para corresponder na medida de muitas forças, ao impulso que nesta materia mostrou o Exm. Sr. senador Nogueira Paranaçuá, devo dizer mais alguma coisa a respeito.

Este assumpto, segundo penso, terá largo e proveitoso debate em breve; pareco-me, porém, não ser ousadia dizer quaes os meios adequados a produzirem o desenvolvimento da industria extractiva e tirar-lhe os embaraços que a impeem, e entre elles é preciso tambem mencionar que ha centenas e centenas de concessionarios de privilegios

de zonas ou datas para a extracção de moctas, hulha e outros, que apenas requereram taes favores com o lhu manifesto de vendel-os por alto preço e que, não effectuada a venda, não os exploram em prejuizo do Estado e de quem os possa adquirir para exploral-as. Restringir as concessões e cobrar taxas elevadas aos requerentes e concessionarios de privilegios, tambem é um meio prejudicial que, favorecendo a poucos, prejudicaria a maioria. *A meu ver, os concessionarios de privilegios a conceder, deveriam ter um prazo não muito longo para iniciarem os trabalhos, como fossem: a confecção de plantas e outros reconhecimentos; e um outro prazo maior para dar principio á exploração activa. Findo este ultimo prazo, e não tendo o concessionario cumprido as obrigações que se tivessem estabelecido, a outro seria licito requerer e ao Estado conceder novo privilegio. Quanto aos privilegios de datas, antigos, cujas explorações estivessem interrompidas, é justo que o Estado, attendendo á necessidade de os conceder a outros, lhes conceda ainda o prazo maximo concedido aos novos concessionarios.*

Tudo isto, está claro, uma vez que o Estado é o dono do sub-sólo e o pódo explorar ou fazer explorar por quem lhu parecer.

Seu baixa a taxa de concessão e improporçaveis os prazos para o inicio dos trabalhos, resultará dali a benefica concurrencia e um meio de renda para o Estado. Affm de não onerar o concessionario, poderia ainda o Estado fazer fiscalisar a execução dos contractos por intermedio dos collectores federaes ou estadoaes nos respectivos municipios.

Quanto ao meio de desapropriação, d ver-se-hia attende ao valor intrinseco das benfeitorias constantes de predios rusticos e arvares fructíferas que existam no logar do lulo de taes empreendimentos, ou que venham a ser damnificadas por trabalhos futuros; pagando-se, além disso, du rante todo o tempo que durar a mineração, uma contribuição annual correspondente á maior renda que

poderia produzir o terreno occupado, si nelle se plantasse a melhor cultura ali adoptada ou usada; devendo tomar-se como typo a que for bem conhecida.

Para as desapropriações de aguas para o uso da mineração, é preciso evitar que se continue a adoptar o seu valor estimativo de um modo muito elastico. Não quer de modo nenhum attentar contra as fórmulas e restricções do Direito, mas sómente indicar o que me parece concellar os interesses do explorador com os do proprietario, não se fazendo tambem, como antigamente, em que era permittido prejudicar ao proprietario, de modo quasi exclusivo e absoluto em proveito do explorador.

A men ver as aguas devem ser desapropriadas, tomando-se por base a sua força hydrostatica transformada em cavallos vapor, devendo as observações scientificas para tal fim, medição do volume ou quantidade dessas aguas, que é um dos elementos constitutivos da determinação da força, ser feitas nas épocas médias e de secca ou normaes.

Um meio tambem de desenvolver acceleradamente a industria extractiva é o estabelecimento nos nossos Condados e Legações na Europa, etc., de pequenos museus, onde estejam em exposição permanente, convenientemente catalogados, mencionando-se o resultado por 1,000 kilos de minerio e o custo tanto quanto possível da extracção de todas as nossas riquezas mineraes. Sendo a esse respeito muito util que esteja patente um exemplar do Dictionario das Minas do Brazil já citado ou de outro que, por mais recente, mencione as ultimas explorações e resultados. Em defesa desta medida, que é contraria ao juizo expellido pelo Exm. Sr. Ministro da Fazenda em seu já citado relatório, eu aponto a vantagem que a paiz terá quando estlyverem bem conhecidas e divulgadas pelo estrangeiro as nossas riquezas mineraes o muito principalmente a carvão de pedra, o petroleo, o ferro, o ouro e o manganez.

Ainda como elemento a combater a má idéa que se tem do resultado da exploração

folta poio estrangeiro quanto ao ouro, direi que o meio é decretar a sua amoldagem, quando exportado.

Isso nao impedirá que, segundo as leis immutaveis da offerta e da procura, continue a escoar-se o resto ou rouda liquida da exploração desse metal, que se daria da mesma fórma, si explorados por nacionaes (si estes tivessem capitaes para isso), mas terá assim um meio de renda, para compensar os sacrificios do Thesouro.

Capital Federal, 30 de setembro de 1901.
—*Joaquim Simões da Cruz* (relator). — *Ambal Porto*. — *Christina Cruz*.

Addendum :

Feitas as considerações que julguei acertadas sobre a memoria do Exm. Sr. Dr. Barão Andréa Guglielmini, relativamente á mineralogia, devo ainda accentuar que o facto de tratar o presente Congresso sómente de agricultura, não quer isso dizer que a allusão na referida memoria, sem parecer e conclusos por mim feitos, não sejam de interesse e de opportundade para a lavoura; pois ninguem negará, de boa fé, que o desenvolvimento das industrias extractivas, muito contribue para animar e manter as outras. — *Simões da Cruz*.

Reforma tributaria e Cambio

Barão Andréa Guglielmini

Senhores. Tenho a honra de apresentar ao exame e á alta consideração do Congresso de Agricultura estas minhas idéas e propostas, relativamente á urgencia de providenciar sobre a necessaria reforma dos tributos e impostos e a quotação da taxa cambial.

São dons os males que affligem actualmente o Brazil e sobre os quaes é preciso clamar a attenção do Governo.

A reforma tributaria se impõe como uma necessidade economica e financeira, não podendo o regimen actual, que é erroneo,

Imperfeito e filho de momentos diffleris e de imperiosa necessidade, ser conservado como medida permanente.

As bases equitativas da reforma tributaria são circumscriptas á formula logica, que é indicada pelos preceitos da economia politica, que é a economia publica e privada, isto é: procurar e discriminar a materia taxavel e estabelecer a medida da taxa.

Com estas normas não é possível errar, e a reforma tributaria será equitativamente proporcionada e applicada, sem protestos, á pontencialidade economica dos contribuintes.

E, graças á exactidão deste processo taxativo, logico e pratico, pôde-se a deveso tomar em consideração as condições actuaes do commercio e das industrias e não sobre-carregal-os, enquanto for possível procurar novas fontes menos taxadas, ou não exploradas, e o luxo e as especulações de mais relevantes lucros offerecem largo campo á applicação dos impostos.

Já disse na minha carta abo.ta, dirigida pelo jornal *O Paiz* (8 e 13 do corrente) ao Exm. Sr. Ministro da Fazenda a minha opinião sobre este assumpto; mas, agora, parece-me mais proprio submeter ao juizo do illustrado Congresso as mesmas minhas considerações, que na sua sabedoria não deixará de propôr ao Governo as idéas que melhores lhe parecerem sobre essa materia.

A reforma deve ferir o luxo, as especulações de mais relevantes lucros, os jogos e procurando outras fontes de renda que possa supportar o peso proporcional da taxa.

A materia taxavel pôde-se haurir tambem em muitas fontes não exploradas, como por exemplo: apposição de sellos aos bilhetes de estradas de ferro, de theatros e outros logares de diversões; de tomar por conta do Governo os jogos de loterias, quando não se quizesse absolutamente abolil-os, o que seria melhor, Impôr uma coparticipa-

ção nos lucros das sociedades de seguro e nas fabricas de fumo, taxar as operações de bancos, etc.

Não sei se uma revisão da Constituição Federal é necessaria politicamente, parece, porém, que seria útil para reformar as disposições que regulam os direitos concedidos aos Estados em materia fiscal e os reservados ao Governo da União, que ficaram quasi que exclusivamente restringidos aos impostos de importação.

Parece-me este o momento de estudar e applicar uma nova, mas equitativa e mais razoavel repartição dos direitos fiscaes entre os Governos dos Estados e da União, incumbida de providenciar sobre os demais serviços importantes de ordem geral.

Mas si a reforma tributaria é necessaria para repartir equitativamente os tributos e os impostos, outras providencias urgentes devem ser tomadas para acudir á economia geral do paiz; e entre elles ninguém ha que não ache de maior urgencia as medidas para regular a taxa do cambio, que turba seriamente o commercio, as industrias e t da a vida economica da nação no regimen interno e nos *rappostos* com o estrangeiro.

Si o cambio é um phenomêno que se manifesta no desequilibrio economico das nações e que entra nas funcções do commercio commum; si o cambio é sempre a manifestação de um mal que mina a vida economica da nação que delle pad ce, o Governo tem sempre obrigação imperiosa de enral-o, para prevenir o gravissimo perigo, que pôde degenerar em gangrena.

Os Governos bem avisados veem o medem as consequencias funestas do mal que se chama «cambio» e apressam-se em dar-lhe remedio.

As proporções aqui assumidas pela agiotagem no cambio de papel-moeda não são o effeito unicamente do desequilibrio economico em que se encontra o Brazil. A causa é preciso ir procural-a, tambem, na desenfreada e illegal especulação e ao livre arbitrio dos bolsistas e banqueiros, encorajados

pela tolerancia do Governo, que não pôde deixar de ver quanto são damnosas para as industrias, para o commercio e para toda a vida economica da nação as bruscas oscillações do cambio, que em outros paizes é regulado por normas convenientes de pura especulação commercial.

O mal do cambio aqui não pôde ser curado radicalmente, e por isso não pôde desaparecer. Desapparecerá no dia em que o Governo dessa nobre nação tiver a coragem de desenvolver a produção, a grande produção da sólo e do sub-sólo deste immenso, fértil e rico territorio, inexplorado; mas, entretanto, o Governo tem a obrigação de precaver-se contra os effeitos desastrosos da especulação illicita e arbitrarla do cambio.

O Governo não pôde ficar indifferente diante do declárate do credito nacional e do immenso damno que elle acarreta á economia publica. Não faltam disposições legais a applicar-se, e se estas faltarem, o Governo tem o dever de reclamar-as dos poderes competentes e applical-as com punho firme para corrigir o abuso dos perturbadores.

Já existem disposições legislativas applicaveis á fixação do curso do cambio. Examinu o Governo estas e outras coordene toda a materia legislativa afim de exercer uma acção directa sobre a determinação propriamente do valor que attribue á sua moeda fiduciaria no territorio da União e de esse modo tornar-se-lia proficua, para a vida commercial do paiz, arbitro e regulador do cambio.

O Congresso saberá reunir, valorizar e concretizar as propostas, que em relação a estes dous assumptos certamente recomendará á attenção do Governo federal.

Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1901.—
Dr. *Andréa Guglielmuni*, ex-deputado ao Congresso Italiano.

PARECER

A Comissão estudou interessadamente a memoria apresentada ao Congresso de Agricultura pelo Exm. Sr. Barão Andréa Guglielmuni. Na exposição feita, S. Ex. enca-

6056 — 18

receo de modo muito consciencioso as riquezas naturaes do Brazil e confessa declaradamente as excellencias de nosso sólo, apto para a progressiva desenvolvimento de todas as culturas. S. Ex. repudia por inteiro a monocultura, que julga nociva aos interesses da Republica, e suppõe que pela polycultura devemos abrir caminho para a nossa regeneração economica.

Ponderadamente ainda S. Ex. salienta a urgente necessidade de concedermos ao colono estrangeiro uma somma de garantias, que não nos parece demasiado, e para tal ponto faz convergirom as linhas principaes de sua esclarecida memoria. Assignalando com criterio as culturas de cada pôde provir maior proveito, apenas julgamos que devia se interessar vivamente pela adopção dos modernos processos da mecnica agricola em substituição do vetusto processo em geral adoptado no Brazil.

Não se comprehendo que em um paiz onde a escassez do braço é manifesta, não se busque nas machinas o meio de accelerar o trabalho e portanto desenvolver a industria pela multiplicação da produção, de cuja insignificancia resulta o nosso pessimo estado financeiro e economico, como muito bem salienta o Exm. Sr. Barão Guglielmuni.

As ponderações desse illustrado senhor devemos recomendar ao presente Congresso de Agricultura, pois parece que, applicadas nas suas idéas geraes, as medidas indicadas muito avantajariam não só a situação do colono que para o Brazil viesse, como a do nosso proprio paiz.

Rio, 28 de setembro de 1901.— *Christino Cruz*.— *Joaquim Simões de Cruz*.— *Paula Ramos*.

MEMORIA — A evolução social, industrial e agricola no Brasil.— As escolas praticas de agricultura e os pequenos Bancos.

FAUSTO PEDREIRA MACHADO

Segundo o programma que regulariza os trabalhos desta patriótica assembléa, vejo determinadas ou prefixadas nas bases de suas

discussões ou estudos, em primeiro lugar, « a discussão das questões economicas que mais directamente interessam á agricultura e á industria pecuaria dos diversos Estados » e em quinto lugar « a inauguração do Museu Permanente de Agricultura da Sociedade Nacional ».

Sobre a primeira these, seja-me lícito expender com imparcialidade a minha opinião ignota, que julgo ser a opinião geral, a despeito do pequeno e insufficiente conhecimento que possuo para a sua elucidação. E fui animada a reclamar a vossa preciosa attenção pela certeza que tenho e pela convicção que nutro de que a historia ou a evolução de um povo representa uma função importantissima para a resolução de qualquer problema, principalmente quando ainda subsiste, mesmo nas memorias fracas, a lembrança vivaz da marcha sinuosa de um paiz em uma época recente.

Tem sido, entre nós, uma preocupação condemnavel o emprego da pujança intellectual ao serviço de uma critica laralhada e contradictoria dos actos do Governo, tanto na Monarchia como na Republica, um verdadeiro mixto de insinuações, erros, injurias ou mesmo calumnias, inherentes pela sua gravidade, e por este motivo eu sou da opinião de alguns dos nossos carissimos estadistas e homens de trabalho, verdadeiros patriotas, que, desprezando a critica improduttiva, entram no exame da causa determinante se não autorizadora de suppostos erros. Iréi mais longe buscando a causa das causas, permittam a expressão.

Sómente não posso comprehender que um economista qualquer se lembre de restringir a moeda em circulação, equivalente a determinado augmento de produção, ao limite de uma produção relativamente pequena.

Como observadores da depreciação da nossa moeda em quadras diversas sem ter por base as emissões, assim como da sua valorização occasionada pelos empréstimos e emissões necessarias e racionalmente lan-

çadas, exemplificando sómente a taxa do cambio occasionada pela mudança das instituições, encontramos ligada a ella a elevação dos nossos productos de exportação, seguida da preferença para o desenvolvimento da produção do café, que agora attinge aos dons terços da produção universal. Esta sympathia interesseira pela rubiacea attrahiu nem só capitães, como grande pessoal de todos os Estados para as afamadas terras rãs. Nesta occasião fez a minha propaganda contra semelhante disparate e conseguí evitar o desastre de alguns amigos do norte, que tinham as malas preparadas para o abençoado S. Paulo.

Antes, porém, de serem attingidos os dons terços fomos apreciadores da elevação do seu valor, quasi em escala parallela ao cambio, lucrando as fortunas com tanta celeridade que os dinheiros, não encontrando os braços e as commodidades indispensaveis a um desenvolvimento mais assombroso da produção agricola, procuraram collocação nas industrias que foram creadas pela iniciativa particular e auxiliadas pelos Governos daquela época. Esta superabundancia de dinheiro trouxe a retrada dos capitães mais desconfiados para o estrangeiro e ainda mais cresceu a necessidade de recorrer á industria, organizando-se empresas gigantescas.

As nossas condições especiaes, oriundas da exploração brusca sujeita á falta de operarios technicos e de machinas que augmentaram a nossa importação, acarretaram difficuldades de momento insuperaveis, que cavaram a ruina das empresas mais edossaes.

O augmento da produção de uma só cultura, cujos effeitos e meios attenuantes só competiam aos Governos prever e aconselhar, diante das difficuldades creadas pelas revoltas ou recursos de prevalecer opiniões em um paiz em que a soberania popular não é consultada pelo voto, que se tornou um engodo ou uma pilha donrada, determinou aos Governos, que não tinham nem devem

ter recursos accumulados no Thesouro, a imperiosa necessidade de emitir o um dos Governos mais aclamados com fervor pelos seus numerosos partidarios foi, sem duvida, o do immortal Floriano Peixoto.

Havia, pois, na conclusão do meu raciocinio anterior apontado, na falta de previsão, de preparo e ensino pratico, a causa das causas.

Sem maquinas e nem mesmo utensilios construidos no paiz, sem operarios e sem administradores era inevitavel a sua importação para fazer cair nua a balança cambial; e hoje, que temos muitas maquinas em abandono e por preço reduzido, hoje, que vagueiam pelas ruas das nossas capitães operarios sem a devida educação tecnica, hoje, que pelo meu raciocinio, baseado na historia e concludente, somos levados á convicção de que a lavoura precisa desenvolver-se ao lado da industria, apenas com inapreciavel antecipaço, é um dever patriotico crear os braços que devem estreita-las ou ao menos unifical-as no seu berço e por isso lembro, como uma medida de providencia, a creação de algumas escolas praticas de agricultura, em ordem a ser ministrada á nossa mocidade nos sertões longinquos e remotos a educação agrícola-industrial, do que tanto precisamos.

Surgja, pois, entre nós, um Mathieu do Dombasle que, raciocinando, empregando a sua experiencia adquirida com os sacrificios indispensaveis, estude e concretise em um modelo as normas dos paizes liberaes e modestos como a Suissa, operosos e praticos como os norte-americanos, o desta fórma, animando com o preparo a organização e sustentavel reciproco das nossas forças productoras, recompensando em exposições e concursos annuaes aos espiritos criadores, tereis attingido o mais sublime ideal de um povo gigante nos seus recursos e na sua independencia.

Não mais vos preocupais com os elevadissimos preços do café e de outros productos, quando o Governo deve cuidar da elevação

do cambio, que tambem não pôde ser brusca, para neste intervallo applicardes os recursos indispensaveis á atenuação do mal, *probi gratia*, a propaganda para o augmento do consumo; e desde já adoptado a polycultura conjuntamente com a organização de pequenos bancos agricolas de credito local.

Em todos os paizes, a ultima phase evolutiva se tem caracterizado pela divisão da propriedade e pelo estabelecimento da pequena cultura e até as doutrinas socialistas, que dominam na actualidade, conspiram contra a permanencia do grande proprietario, viudo á impôr uma alliança entre os elementos agrícola-industriales e a força que os dirige—o braço humano.

Poderia entrar na demonstração destas theses, mas não serel prolixo em uma materia na qual não mereço ao menos um lugar de discipulo, e do enjo campo ful arreado pelas lutas fratricidas do caracter humano.

Declaro-mo partidario da polycultura intensiva e alternada, simultanea á erlação ou á industria pecuaria necessaria ao consumo, como resultantes de uma educação social, industrial e agrícola e cooperativa da verdadeira e completa felicidade do agricultor.

Em relação ao quinto *desideratum* do actual Congresso e ainda em coherencia com o mencionado desenvolvimento agrícola-industrial, venho pedir-vos licença para offer-tar ao Museu que ides inaugurar os desenhos e memoriaes descriptivos, pareceres, etc., de dois aparelhos de minha invenção, os quaes, estudados por engenheiros e profissionaes notaveis, em confronto aos seus similares estrangeiros, mereceram a confirmação das suas vantagens.

Ambos elles sao auxiliares e complementares de quasi todas as nossas culturas e representam um novo compressor hydraulico e um novo aparelho de distillação continua.

Os seus desenhos, que por economia obtive do meu proprio punho, deveis expôr no vosso Museu Permanente e me é grato declarar-vos que o lucro das primeiras en-

commendas obtidas por intermedio da Sociedade Nacional de Agricultura são á mesma offerecidos com a condição de ser applicado a seu producto a construcção de uma pequena escola pratica de agricultura.

Espero, pois, a acceptação do ponceo que posso offerecer para o futuro engrandecimento da patria, cujo unico aliecerio é, foi o será a cultura racional da seu sólo no lado da industria, que valoriza o aperfeiçoá os seus productos.

Belém, 18 de setembro de 1901. — *Fausto Pedreira Machado.*

SYNTHESE DA MEMORIA DIRIGIDA AO CONGRESSO AGRICOLA ORGANIZADO PELA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA PELO AGRICULTOR E INDUSTRIAL FAUSTO PEDREIRA MACHADO SOB O TITULO — A EVOLUÇÃO SOCIAL, AGRICOLA-INDUSTRIAL — A CREAÇÃO DE BANCOS AGRICOLAS DE CREDITO LOCAL E PESSOAL — A FUNDACÃO DE PEQUENAS ESCOLAS DE AGRICULTURA OU O ENSINO AGRICOLA COMO INTEGRANTE DA INSTRUÇÃO PUBLICA

O autor deste trabalho, ponceo dedicado ás manifestações de erudição, que não possui, tem o habito justificavel de atacar de frente as questões, procurando resolvê-las do modo o mais pratico e assim reconhecendo a crise geral, mais economica, do que financeira, crise esta mais facil de debellar que a primeira, porque o seu factor ou a seu producto de obstrucção está na razão dos sacrificios impostos ao povo segundo a sua indole, não vem lembrar medidas no sentido de superar a primeira dellas, mesmo porque entende que, a não serem os recursos de propaganda para o augmento do consumo e aperfeiçoamento do producto, postos em execenç o sem delonga, tudo quanto se sugere só poderá produzir effeito tardio, tal qual advirá do abandono da questão, entregando-a nos seus proprios elementos, isto é, á luta do mais forte contra o mais fraco, em que o ultimo cederá o terreno.

E' certo, porém, que os actos da administração reflectem-se sobre toda a economia e eu não considero tão grande a nossa circulação que, por superabundante, exija uma

supressão tao grande o tao brusca, sem que se promovam *pari passu* o engrandecimento e o desenvolvimento agrícola no lado das industrias, de modo a termos uma completa independencia commercial proporcionada pela excellencia dos productos agricolas aproveitados pelas industrias.

Este progresso inabalavel só poderá ser obtido com os recursos que vou apontar: a educaçao pratica e o credito, que serão as fôrmas de intervençao justa e equitativa do poder publico, disseminado pelo territorio. Isto é, por todos os contribuintes.

Neste sentido approvo a organizaçao dos museus permanentes, especies de exposiçao onde sejam annualmente conferidos a pequenos o multiplos premios áquelles que iniciam nova éra no desenvolvimento da produçao.

Estes premios serão qualificadoss e distribuidos segundo o aperfeiçoamento dos productos pelos recursos agricolas e industriaes.

Assim, além dos museus, das escolas praticas e dos bancos de credito, torna-se indispensavel a organizaçao de uma comissao tecnica para estudar os inventos nacionaes, confrontal-os com os similares estrangeiros ou navel ones, de modo a serem recommendados pela Sociedade, em seus boletins, aquelles processos ou machinas de maior rectee.

Assim, não querendo alongar-me, venho servir-me da opportunidade do Congresso para offerecer á Sociedade Nacional de Agricultura, com o fim de ser pela mesma applicado o lucro que advier das primeiras commendas por seu intermedio obtidas á fundaçao de uma pequena escola pratica de agricultura.

Fornecerei opportunamente o parecer dos emittentes profissionais que toem estudado os apparelhos de minha invençao, que tive a lembrança de submeter a este processo.

São representados por um apparelho de distillaçao continua, funcionando automaticamente e com recollhaçao gradua-la e um novo compressor hydraulico; o primeiro foi confrontado pelo Dr. Duikel Henninger e o

segundo pelo Dr. A. de Paula Freitas. Por fim, entretanto, outros invólucros de aplicação á agricultura, entre os quizes mencionar: a prensa para cumas, o concentrador e crystallizador das massas cozidas dos caldas de canna em substituição aos triplo-effortos, o eixo de anti-frieção, denominado «em lubrificação».

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1901.—
Paulo Pedreira Machado.

MEMORIA

DR. JAYO DE CARVALHO BERGER JUNIOR

Ao Congresso de Agricultura Nacional tenho a honra de apresentar a Memoria íntea, sobre o presente e futuro da lavoura do Estado do Rio de Janeiro e os problemas á resolver-se tendentes á melhorar a sua situação economica, trabalho este que fez objecto de uma conferencia realizada no dia 13 de abril deste anno perante o Conselho Director do Club de Engenharia.

Com essa apresentação não tenho outro interesse além do de receber dessa illustrada e patriótica assembléa a sanção das idéas emitidas neste documento, esperando que a mesma assembléa se pronuncie sobre as questões, que ali são expostas com relação ao povoamento do sólo e a attração de colónos, que se inoculam, firmando profundas raízas no territorio fluminense.

A fixação de immigrants e de capitaes em paizes novos, como o nosso, são os dois principaes factores das fortunas publicas e particular, pois é, como se sabe, sob seu influxo que poderá o Brazil conseguir a sua emancipação financeira e economica.

A situação cada vez mais tonta da nossa agricultura, si nao fór conjurada ou melhorada por meio de providencias acertadas, que todos nos temos o dever de suggerir na medida de nossas forças, aproveitando-se todos os esforços tendentes a um mesmo objectivo, deverá produzir no paiz a mais tremenda *debacle*, levando em seus destrucões o miaguardo resto do que ainda possuímos.

A solução da crise que opprime a lavoura do café, que constitue a principal fonte de riqueza publica e continuará a ser-o por algum tempo ainda, depende da realização de medidas complexas, que muito convém sejam desde já estudadas, adoptando-se o plano que melhor convier aos grandes interesses ora em jogo, esperando tão urgente solução mais da acção individual dos interessados do que da do Governo, cuja intervenção deverá limitar-se ao que se acha exposto no meu modesto trabalho.

Não tenho a pretensão de suppor que o plano que proponho seja original nem completo; o seu unico merecimento está na combinação das medidas que, sendo executadas simultanea e rigorosamente, deverao com certeza produzir os desejados effectos.

Eis o meu trabalho, para cujos fundamentos solicito confiante a benevolencia da illustrada assembléa.

Pelos resultados geraes do trafego da Estrada de Ferro União Valenciana, confiada á minha direcção, comparados com os dos annos anteriores, a começar do anno de 1888, se evidencia que a producção do café, na zona percorrida pela mesma estrada, tem progressivamente decrescido e, como esta estrada tivesse sido construída em condições technicas favoraveis á exportação, fácil é comprehender-se que o grosso dos transportes, que se esperava tivessse logar do seu ponto terminal para Desengano, passou de certo tempo á esta parte a ser effectuado em sentido contrario, augmentando as despesas de tração pelo maior consumo de combustível e reclamando pessoal mais numeroso nas officinas para as frequentes reparações do material rodante.

A situação economica da companhia está exigindo a maior attenção, o acredito que ella so poderá melhorar, conjurada a crise que ameaça de extermínio o nosso principal elemento do trafego, o café, cujas lavouras se encontram em grande parte abandonadas por falta de braços e supprimento de numerario para o seu custelo, abandono que trará

forçosamente como consequencia o desaparecimento, em poucos annos, dessa cultura, que foi sempre considerada a maior riqueza do Brazil.

Pelas informações recentemente obtidas por intermedio do eminente brazileiro e provector jornalista Sr. José Carlos Rodrigues, sabe-se que o consumo do café está se estendendo em certos paizes da Europa, como a Russia, onde até bem pouco tempo nao era conhecido; receio, entretanto, aliás com bons fundamentos, que muitos dos agricultores, que se servem da Valenciana, não possam manter as suas propriedades por mais algum tempo, até que chegue a occasião em que a preciosa rubiacea procure reconquistar nivel, do qual divorcion-se por factos economicos que, na opinião geral, justificam a depressão das suas cotações nos mercados consumidores, mas que attribuo principalmente ao poderio dos grandes capitalistas americanos e europeus, que se estão aproveitando da nossa imprevidencia, situação que poderia ser evitada ou conjurada com a organização do credito agrícola pelo systema allemão de caixas regionaes, destinadas exclusivamente á valorização dos productos do sólo.

Sobro os meios de combater os grandes males que affligem a lavoura, tem-se muito discutido em grandes assembleas de agricultores e em publicações firmadas por cidadãos competentes, e todos elles parecem estar de accordo em que a crise da lavoura ou antes do café se poderá resolver, uma vez conseguidas as seguintes medidas:

1.º Supprimento do braços por uma larga immigração estrangeira.

2.º Creação de bancos agricolas regionaes para o fim de fornecerem ao lavrador os meios de poder usar eficazmente do credito, encontrando os recursos do que venha a necessitar em um momento dado.

3.º Propaganda activa do producto nos diversos paizes da Europa onde o seu consumo seja relativamente pequeno.

4.º Reducção de fretes nas estradas de ferro,

5.º Diminuição dos direitos de exportação.

Sau estar de pleno accordo com os que reclamam taes medidas como salvadoras da temerosa crise, que vacou vindo proporções assustadoras, me parece, todavia, que alguma providencia se deveria tentar, no sentido de amparar-se tão grande massa de interesses em jogo, até que se pudesse conseguir o que de mais util e vantajoso se me alligora para o desenvolvimto e progresso da agricultura no nosso paiz e especialmente neste Estado, cujas condições financeiras se tem aggravado por tal fórma que só por meio de uma reacção economica, operada por um espirito intelligente e resolutivo, se poderia conseguir melhoral-as gradativamente, com a certeza de restabelecer-se, depois de algum tempo, o equilibrio organimentario e fazer com que o Estado readquirisse os bons credits de que sempre gozou e em virtude do qual conseguiu manter-se activo e prospero, sem que fosse descurado um só serviço da publica administração.

Nos estreitos limites deste documento não poderei explanar assumpto de tão momentosa importancia, de cuja solução depende a reconstrucção financeira do Estado, que, com augmento incontestavel da producção, encontrará os meios de promover o alargamento das suas fontes de riqueza, animando a construcção de novas vias ferreas com os elementos de garantia que a sua situação, então prospera, possa offerrecer ás existentes, que vão infelizmente arrastando vida difficillima, ameaçada como está a maior parte dellas de uma liquidacão desastrosa, com prejuizo dos grandes capitães nas mesmas empregados!

E' esta a verdadeira situação em que geralmente se encontram as empresas particulares de viação ferrea, sobretudo as que, como a Valenciana, não gozam de garantia de juros ou qualquer outro favor dos poderes publicos.

A reacção economica, que está reclamando o Estado do Rio para a sua rehabilitação

fluaccina, pôde ser limitada ás seguintes medidas:

1.º Parcelamento das grandes propriedades territoriaes situadas á margem das estradas de ferro, rios navegaveis ou nas proximidades dos centros populosos.

2.º Introdugão de braços uteis de procedencia européa, destinados á valorisação dessas propriedades, em cujos lotes poderão ser tambem localisados nacionaes, que os pretendorem.

3.º Introdugão de trabalhadores asiaticos como um recurso de occasiao para o fim de salvar a lavoura extensiva, para aquelles agricultores que preferirem continuar com o regimen actual do trabalho a alienarem as suas propriedades para serem utilizadas em beneficio da colonisação.

4.º Installação de campos de demonstraçao e de escolas practicas de agricultura e zootecnia em diversas regioes do Estado.

5.º Exposições permanentes em todos os municipios dos productos da industria agricola e pastoril.

A questào do parcelamento das grandes propriedades ruraes se poderá resolver, entrando o Governo em accòrdo com os respectivos proprietarios, mediante as seguintes condiçoes: Tomar a si: 1.º, o serviço da subdivisação dessas propriedades em lotes; 2.º, a venda dos mesmos lotes aos immigrantes que introduzirem em época propria e entregar aos primitivos donos das terras o producto da respectiva venda em prestações, que poderão ser assim reguladas:

10 % no fim do 2º anno; 20 % no fim do 3º; 20 % no fim do 4º; 25 % no fim do 5º e 25 % no fim do 6º, sendo facultado ao colono o direito de saldar o seu debito, antes do prazo, com o desconto de 8 %, por exemplo, sobre as prestações por vencer-se.

3.º Fornecer aos immigrantes instrumentos aratorios e viveres até a primeira colheita, cuja despeza será por elles reembolsada, depois de pagas as terras, que continuaram a garantir aquelles adiantamentos até final pagamento.

Na sub-divisação dos lotes dever-se-ha proceder com o maximo cuidado, obtendo que todos elles forneçam agua para uso do colono e que a área dos que se destinarem a chefes de familia nao seja inferior a seis hectares.

Dever-se-ha observar o systema norte-americano do povoamento intercalado, isto é, fazendo povoar os lotes situados de um só lado e deixando desocupados os fronteiros correspondentes, que por este meio augmentarão de valor e poderão ser mais tarde adquiridos pelos mesmos colonos em condiçoes mais vantaçosas para o dono das terras, condiçoes estas dependentes do estado de prosperidade em que se achar o nucleo colonial.

O systema de povoamento do centro para a periphèria, conhecido por colonisação divergente, é o que mais convém ao Estado do Rio, e, para que possa elle realizar-se, bastará sòmente que haja um ponceo de boa vontade da parte dos grandes proprietarios de terras incultas, que se encontram em grandes extensões, os quaes poderão ter a certeza de que tudo terão a lidar com o parcelamento das suas propriedades e com a sua venda a prazo realizada por intermedio do Governo, o que será uma garantia para a effectividade da transacção. Por sua parte o Governo, tendo igualmente certeza de que, por meio de fretes reduzidos nas estradas de ferro, poderão os colonos alcançar prompta e remuneradora venda para os seus productos, nenhum receio deverá ter de que os mesmos colonos deixem de pagar, nos prazos determinados, o valor das prestações a que se obrigarem.

Quanto maior fór a área colonisada, tanto mais depressa se povoarão as zonas, que separam os diferentes municipios do Estado, tornando-se vivellos de trabalhadores uteis e promptos para se empregarem, em curta época do anno, na colheita dos fructos da lavoura extensiva, poupando assim aos grandes agricultores não pequenas despezas, a que são obrigados, para manterem os braços

necessários á garantia de suas colheitas ou para substituírem esses mesmos braços por instrumentos aperfeiçoados de cultura.

Desde que a população augmente, também crescerá o commercio e a industria e deste modo, em pouco tempo, ver-se-hão transformadas essas extensões incultas em verdadeiras nucleos de actividade e de trabalho, abastecendo os mercados consumidores, incrementando o trafego das estradas de ferro e, finalmente, fornecendo ao Estado, pela criação e desenvolvimento de suas fontes de riqueza, os meios de equilibrar os seus orçamentos sem necessidade de empréstimos.

Uma tal situação é que pôde convir aos legítimos interesses da União e do Estado, estabelecendo sobre alicerces indestructíveis o edificio financeiro.

O encaminhamento de uma corrente immigratoria de asiaticos e europeus para o Estado se impõe como indispensavel e urgente, devendo, porém, ser restricta ás necessidades da lavoura extensiva e aos recursos de que se possa dispôr para a realisação do plano de colonisação projectado.

Para aquella poderá bem servir o asiatico e para esta os europeus, dependendo o bom exito dessa immigração da sua escolha, nos centros agricolas, por pessoas que assumam effectiva responsabilidade nos contractos, que para esse fim tenham de celebrar com o Governo do Estado.

Quem visitar o interior da ontr'ora provincia do Rio de Janeiro sentir-se-ha dolorosamente impressionado pelo abandono em que jazem os estabelecimentos rurales de cultura do café, que não conheciam rivales.

Como causas desta decadencia assignala-se:

1.º O golpe da abolição sem ser acompanhado de medidas parallelas tendentes a evitar a desorganisação do trabalho.

2.º A incuria condemnavel dos antigos representantes politicos do Estado em não preparal-o para essa tumultuaria transformação.

A falta de expansão dos estabelecimentos

de credito, dando em resultado a deficiencia de capital, elemento primordial para a manutenção de todas as industrias.

De todos os Estados da Republica foi sem duvida o do Rio de Janeiro o que mais soffreu com a lei 13 de Maio, por ser o que possuía maior numero de escravos, e o escravo, como se sabe, representava um elemento consideravel em nossa estrutura economica; por esse motivo foi tambem mais sensivel entre nós a desorganisação do trabalho, porque accorreu, a par com outros prejuizos, o aniquilamento do nosso principal ramo de produçáo.

A grande lavoura resentiu-se, é certo, da falta de braços e a depreciação de suas terras limita o capital que possa haver por empréstimo na razão directa de seus valores.

Este facto traz como consequencia a necessidade do trabalhador barato neste periodo de preparação, que devemos encurtar, para chegarmos á cultura intensiva. Não devemos esperar que cheguemos ao ultimo decalbro para curarmos desta medida, que se impõe pela triste experiencia colhida dos trabalhadores actuaes.

Na quadra afflictiva que atravessa a nossa lavoura, nada ha mais deprimente do que a depreciação do valor das terras, resultante da falta de produçáo, motivada pela escassez de braços e retrahimento de capitales.

São estes dois pontos que de zem merecer a nossa attenção, para os debellar, no sentido de equilibrar as forças da produçáo e a distribuição da riqueza.

Manifestando-me pela introdução dos asiaticos, não quer isto dizer que seja apologista de tal immigração, pois simplesmente a de-sejo como um recurso de occasião, isto é, como meio de salvar de uma ruina inevitavel a maioria dos fazendeiros, a continuarem com o regimen actual do trabalho.

Sempre que me referir aos asiaticos será no caracter de meros elementos de trabalho, porque só nesse caracter é que elles nos convcem.

Sou o primeiro a reconhecer as grandes vantagens resultantes da immigração europeá, sobretudo da espontanea, e nesse intuito tive a satisfação de collaborar por espaço de 16 annos, como delegado da Inspectoria Geral de Terras e Colonisação, na grandiosa obra do povoamento do solo brasileiro, tendo exercido muitas commissões honrosas e de confiança entre as quaes a de commissario do Governo Geral incumbido da Inspeção das colonias particulares e do Estado na antiga provincia do Paraná, em época critica, quando se achavam em jogo grandes interesses da Fazenda Nacional Inspeção que produziu seus desejados effeitos.

Atentas as enormes difficuldades com que estão lutando os agricultores deste Estado, me parece dever dos poderes publicos, quando não queiram ou entendam que devem tomar a iniciativa de resolver directamente a crise, que opprime a lavoura, facilitar aos interessados que mandem vir os trabalhadores que mais lhes convierem.

Ainda ha bem pouco tempo o distincto cidadão e importante agricultor paulista Dr. Martinho Prado Junior, aliás muito competente em assumptos de immigração, declarou no Congresso Federal que, si no norte da Republica fecharam os portos aos asiaticos, a sua lavoura nao poderá levantar-se do abatimento em que se acha, e acresecerem que o proprio Estado de S. Paulo tem igualmente necessidade d'elles para o desenvolvimento de sua agricultura, podendo, como elementos de trabalho, offerecer vantagens sem o menor inconveniente.

Ora, si o Estado de S. Paulo, para onde teem affluido grandes massas de immigrantes europeus e cuja lavoura, devido á excepcional fertilidade das terras, pôde pagar altos salarios, necessita, na opinião do illustrado Dr. Martinho Prado, do trabalho dos asiaticos, o que diremos do Estado do Rio de Janeiro, onde as fazendas de cultura se acham na mais deploravel decadencia e cujos proprietarios, desanimados, confessam d'ellas não auferirem renda nem ao

menos para seu custeio! E devemos cruzar os braços deante desse quadro desolador, que ameaça de morte a fortuna particular, só porque alguns theoreticos affirmam que a importação do elemento asiatico pôde trazer serios inconvenientes ao paiz?!

Em contraposição a tão insustentavel affirmativa, podemos citar opiniões autorizadas, como a do illustrado Sr. Salvador de Mendonça, nosso ex-ministro plenipotenciario nos Estados Unidos da America e a do projecto conselheiro Dr. Ignaciô da Cunha Galvão, ex-agente official de colonisação, os quaes dem ostrarão com a proficiencia, que todos lhes reconhecerem, que o Brazil, mais do que qualquer outra ragião americana, precisa do elemento asiatico para supprir a falta que sente do trabalhador rural.

E assim se exprimiam elles antes de ser decretada a emancipação da escravidão, que veio de chofre produzir o mais terrivel abalo nas condições da produção agricola! Quem tiver lido o importante trabalho do Eugenio Simon sobre a China, onde são estudadas todas as condições do asiatico e a sua reconhecida aptidão industrial, verá que este não merece os epithetos que lhe são constantemente lançados por aquelles que desejam a todo transe desviar da importação de trabalhadores asiaticos a attenção do Governo e dos particulares.

Eugenio Simon, que residiu por muitos annos na China, no character de consul da França, depois de demonstrar que os chins não são infelizes como se diz; que na sua patria gozam de um certo bem-estar; que as estatisticas criminaes das cidades mais populosas accusam poucos casos de homicidio; que raro é o chim que não sabe ler, escrever, contar e desenhar; que allí são frequentes as associações de todas as especies, concluo a sua interessante obra declarando que a China é o melhor abono da Indole Industrial, persistente e activa do seus habitantes, e que em paiz alguma se encontra em um tal gráo iguaes provas de força e de vitalidade!!

Joigneaux, encarregado da secção agrícola da *Gazette du Village*, que se publica em Paris, tratando dos eldus em um artigo sob a epigraphe—Une Chinolerie —faz as mais honrosas referencias, todas favoraveis a esses inestimaveis trabalhadores agricolas e, comparando-os com cultivadores francezes, consignou as seguintes phrases, que devem ser aqui textualmente transcriptas:

« Quelle triste figure nous ferions devant eux, s'ils devaient quelque jour nous tomber sur les bras! » (*Gazette* de 17 de Maio de 1891.)

Com taes opiniões emitidas por pessoas tão competentes isentas da menor suspeição, cada vez mais devemos ter confiança na utilidade da introdução do trabalhador asiatico na lavoura fluminense, até que se possa operar a reacção economica a que devemos aspirar, no sentido de transformar a grande em pequena propriedade, indubitavelmente mais proveitosa á União e ao Estado.

No interior deu-se um phenomeno a que não posso deixar de referir-me, o que consistiu nas deslocações de grandes massas, que, desesperadas do destino da nossa agricultura, immigraram para a Capital Federal desamparando os seus custosos estabelecimentos, até entao florescentes, para emprenderem outros meios de vida, arriscando os seus míseros capitães, obtidos pela venda de suas propriedades depreciadas em empresas que se incorporaram, visando unicamente o jogo da Bolsa; oensido será dizer-se que na sua maioria ficaram sem dinheiro e sem fazenda, arrastando alguns a mais deploravel miseria!

Foi o mesmo phenomeno que se observou ha annos na Dinamarca, abandonando os agricoltores o campo para se fixarem nas cidades, tornando-se conseqüentemente consumidores, em vez de produtores, do que resultou agravar-se a situação dos habitantes das mesmas cidades, que já começavam a sentir os effeitos dessa deslocação, dominados tambem pelo receio da alteração

da ordem publica, quando o Governo, reconhecendo a gravidade da situação, resolveu intervir, conseguindo do Parlamento verbas destinadas ao regresso de tão grande numero de agricoltores para as localidades de onde leviam salido, aos quaes foram tambem concedidos auxilios pecuniarios com garantia do sólo. A desorganização do trabalho perdurava entre nós apresentando-nos cada vez o seu aspecto mais terrivel pelo desapparecimento do seu principal factor, o braço trabalhador, que se emprega em outros misteres, procurando de preferencia os centros populosos. Esse exodo de braços se tem dado tambem no Estado de S. Paulo, que está hoje lutando com difficuldades no arcanho de suas terras, apesar de tão preconizadas pela escassez e alto preço do trabalho.

O resultado será inevitavelmente a ruina da lavoura, como neste Estado, e por isso não foi sem razão que muitos dos seus distinctos filhos pugnam no Congresso Federal pela introdução de trabalhadores asiaticos.

Os factos que se dão em nossa patria não são mais do que uma reprodução dos que se deram em outros paizes, principalmente na Guyana Inglesa, que nos fornece tantos exemplos; all, depois de ter-se experimentado immigrantes de varias procedencias, acabou o Governo por adoptar o chin, com o que colheu os melhores resultados.

Si a agricultura de S. Paulo luta com embaraços, o que diremos da que se estende pelo nosso Estado, onde está reconhecida a necessidade da cultura intensiva como a forma estavel e definitiva?

Está praticamente reconhecido que, para essa grande transformação, necessitamos de braços europeus e, para conservação da lavoura extensiva, de braços asiaticos e, nesta segunda hypothese, só o chin ou o japonês agrícola pode prestar-nos este contingente, que julgamos efficaz pela sua intelligencia, resistencia no trabalho e economia no custo da produção.

Não declamo, fallo em nome de uma convicção.

Ao lado da crise financeira, que tanto perturba o nosso recessulismo economico, temos a crise que opprime a lavoura, tão eloquentemente definida no alto preço do salario, que traz como consequencia a carestia dos generos de primeira necessidade, que chegamos a importar do estrangolro em larga escala, importação que felizmente tem diminuido devido á baixa do café, que neste sentido foi providenciad, obrigando os agricultores ao plantio de cereaes, que nunca deveriam ter abandonado e com o qual poderiam mais facilmente supportar a crise resultante da depreciação desse principal producto da nossa exportação.

Si os nossos agricultores tivessem adoptado a polycultura, abastecendo os seus estabelecimentos de cereaes e outros artigos de seu consumo, ali produzidos, occupando-se tambem da pomocultura, da criação de porcos e fabricação de productos que se produzem a essa especie, da gallinocultura, horticultura e da industria dos lacticínios com os productos delles decorrentes, como por exemplo o queijo e a manteiga, deixando intacto o producto da venda do seu café para delle servir-se em época critica, teriam assim dado provas da sua providencia e ficariam sobranceiros á terrivel crise, que os ameaça de completa ruina, ao passo que phenomemo inteiramente differente se observa com relação aos pequenos lavradores, que vivem em posição relativamente feliz, com especialidade os que, cultivando com os proprios braços a terra, encontram na industria cafeeira, mesmo com os preços baixos, remuneração para o trabalho e o pequeno capital empregado, phenomemo este que vem por sua vez justificar a necessidade do parcelamento das grandes propriedades territoriaes.

Quanto ao immigrante europeu, sabe-se que, pela sua condição de homem livre e acostumado a viver em logares onde o estado de civilisação faz apparecer certas necessidades, que muitas vezes deixam de ser satisfeitas por circunstancias especiaes,

quando se reconhece como proprietario independente e gozando de uma existencia mais segura e risca, não tem repugnancia em gastar uma parte de suas economias na aquisição do que lhe é necessario a apresentar-se decentemente com a sua familia na sociedade e para esse fim dedica-se do corpo e alma ao trabalho.

E como seus filhos sejam educados nestes mesmos principios, ter-se-ha outros tantos chefes de familia, que mais tarde deverao concorrer para o augmento do commercio local, tornando-se pelo pagamento de impostos indirectos verdadeiros contribuintes do Estado.

O argumento que acabo de apresentar pôde tambem servir de escôra contra o systema de colonisação por parceria ensaiado sob os melhores auspicios e que no seu principio deu lugar á concepção de grandes esperanças, mas que em breve tempo demonstrou que o estrangeiro diligente e laborioso, enquanto não possui a terra subeada por seus braços e regada de seu suor, como proprietario não vive satisfeito, torna-se infeliz e em nada contribue para a opulencia dos locatarios de seus serviços, e os que se submettem a semelhantes condições são os da classe proletaria ociosa, que não tem a necessaria forza moral para supportarem as mudanças e difficuldades que forçosamente devem encontrar em um paiz em circumstancias inteiramente diversas do seu.

O melhor meio, portanto, de fixar o immigrante europeu ao sólo é constituir-o proprietario da terra: por esta forma conseguir-se-ha povoar o territorio fluminense, aproveitando grande extensão de terras que jazem incultas á margem das estradas do ferro, rios navegaveis e nas proximidades das cidades e villas.

Para realisação deste desideratum sera indispensavel que o governo tome a sua iniciativa de contractar com os respectivos proprietarios o parcelamento das suas terras, promovendo a sua sub-divisão em lotes e vendendo-os a prazo aos immigrantes, nas

condições já acima expostas, limitando-se apenas a sua responsabilidade a constituir-se intermediário na transacção e assim oferecer à mesma o seu apoio moral.

A mediação e demarcação de lotes, a introdução de imigrantes e bem assim a sua collocação e sustento até a primeira colheita é que importará ao nosso Estado despesas que, por serem reproductivas, não lhe serão recusadas, eston certo, pela assembléa legislativa, composta de cidadãos desejosos de bem servirem a causa publica.

Só por este meio se poderá conseguir em condições favoráveis o povoamento do territorio fluminense e a criação da pequena lavoura, desenvolvendo-se ao mesmo tempo a corrente de immigração espontanea, alvo a que devemos aspirar, sendo nessa occasião que o supprimento de braços á lavoura extensiva se encontrará em condições razoáveis no mercado do trabalho, ficando, finalmente, satisfeita uma das mais urgentes e palpitantes necessidades da actual situação economica do Estado do Rio de Janeiro.

Precisamos incontestavelmente fixar o braço estrangeiro á terra e abandonar por uma vez o systema de immigração assalariada por conta da União e dos Estados, substituindo-se a immigração pela colonisação, alvo a que devemos attingir para o estabelecimento da nossa lavoura do café em bases perfeitamente solidas, procurando nacionalisá-la, por assim dizer, a fim de que se possa evitar as grandes oscillações no valor da nossa principal producção.

Só assim é que poderemos attrahir os capitales necessarios ao desenvolvimento e prosperidade de nossas Indústrias, formadas pelas forças vivas da nação sem necessidade de garantias e responsabilidades por parte do Governo, que poderá desenvolver o seu credito e dar verdadeiro incremento ao augmento da riqueza particular e publica.

A installação dos campos de demonstração e de escolas praticas de agricultura e zootecnia em varias regiões do Estado e bem assim as exposições permanentes, em todos

os municipios, dos productos da industria agricola e pastoril constituem elemento complementar do plano que deixo traçado, convindo que, a par desses productos, figurem tambem os da industria extractiva e de outras que se venham a crear, aproximando-se a riqueza da mão poderosa do explorador, quer este seja catholico, acatholico ou juden, americano, europeu ou asiatico, pela razão de que em um paiz e como o nosso, de grande extensão territorial e pouco povoado, a divulgação da doutrina nativista, sobre ser um attestado do desequilibrio para os que sustentam a sua necessidade, deverá sempre ser considerada como um perigo á ordem social, que o proprio Governo Federal tem o dever, pela Constituição, de combater, punindo os que impatrioticamente a assoalham.

É por demais recommendavel, para ser encarecida, a necessidade de tuas installações, que contribuem para a propagação das modernas doutrinas scientificas e para o aproveitamento das forças ora esparsas em todos os municipios do Estado: os campos de demonstração para garantia do presente e as escolas praticas para prepararem os futuros agricultores, sendo destes que advirão os verdadeiros elementos para o desenvolvimento da cultura racional ou intensiva.

Seria, certamente, de grande vantagem e ao mesmo tempo um valioso auxilio para o Governo do Estado se as Municipalidades podessem tomar a si, ao menos nos primeiros annos, a installação e custeio de um campo de demonstração, proximo ás suas sédes, adquirindo para esse fim de 10 a 15 hectares de terra, os instrumentos de trabalho e mais accessorios, fazendo as indispensaveis construcções, e assim como o estabelecimento nas mesmas sédes de uma escola pratica de agricultura e zootecnia, para o fim de desenvolver o ensino profissional, de que tanto necessita o paiz, para se poder resolver os altos problemas de ordem economica, dos quaes depende a sua grandeza e o seu progresso.

Com relação ao município de Valença, basta a criação de uma escola pratica na sua sede, visto que o campo de demonstração instalado na fazenda de Santa Monica, em Desengano, sob a intelligente e zelosa direcção do Dr. Aristides Cairo, parece mais que sufficiente para que os agricultores do município possam apreender os processos racionais de cultura, allí empregados por aquelle competantissimo profissional, a quem em boa hora foi confiada a superintendencia do tão importante estabelecimento.

Quanto á utilidade das exposições permanentes nos municípios, é intuitiva e já ellas commoçam a ser instituidas em alguns dos Estados e brevemente sel-o-ha na capital do Minas, graças á iniciativa do illustre prefeito daquelle cidade, o Dr. Bernardo Monteiro, espirito esclarecido, animado como se acha dos melhores desejos de corresponder á confiança dos que o investiram de tão honroso cargo.

Taes são em ultima analyse as idéas que tenho a honra de submitter á apreciação dos mais competentes no assumpto, podendo pelo menos asseverar que procurei supprir em dedicação pela causa publica o que em intelligencia e saber devia faltar-me.

Finalizo fazendo um caloroso e sincero appello ao actual presidente do Estado do Rio de Janeiro, o Exm. Sr. general Quintino Bocayuva, a quem não falta talento, illustração e patriotismo para prover de remedio effcaz aos males que affligem presentemente a lavoura, cumprindo-me assegurar aos que lerem este despretenoso trabalho que nelle apenas procurei dizer a verdade á importante classe dos agricultores, despida de rhetorica e sem visos de produzir ephemeros effeitos.

Como synthese das idéas contidas na presente exposição e consagradas á salvação da lavoura fluminense, propouho que o Congresso de Agricultura Nacional adopte as seguintes conclusões :

1ª, que se solicitem medidas do Governo do Estado tendentes a promover o parcelamento

das propriedades territoriaes situadas á margem das estradas de ferro, rios navegaveis e nas proximidades dos centros populosos ;

2ª, que o mesmo Governo se lueumba da subdivisão dessas propriedades em lotes, da introdução de immigrants europeus para nelles serem localizados juntamente com os nacionaes, que tambem os pretenderem, e assim como do fornecimento de instrumentos aratorios e supprimento de viveres até a primeira colheita, segundo as condições estabelecidas no projecto ;

3ª, que ainda o mesmo Governo procure facilitar a introdução de asiaticos agricolas, affm de serem empregados temporariamente nos trabalhos da lavoura por aquelles agricultores que não quizerem alienar as suas propriedades para serem utilisadas em beneficio da colonisação ;

4ª, que, finalmente, o mesmo Governo procure facilitar a installação de campos de demonstração e de escolas praticas de agricultura e zootecnia em diversas regiões do Estado e assim como as Municipalidades e estabelecimentos de exposições permanentes em todos os municípios dos productos da industria agricola e pastoril.

Valença, 28 de setembro de 1901.— *João de Carvalho Borges Junior*, engenheiro civil.

PARECER

SOBRE A MEMORIA APRESENTADA AO CONGRESSO DE AGRICULTURA PELO EXM. SR. DR. JOÃO DE CARVALHO BORGES

Srs. Membros do Congresso de Agricultura.

— A Memoria apresentada pelo Exm. Sr. Dr. João de Carvalho Borges Junior, pertence ao numero daquellas que se impoem ao nosso espirito e nos obrigam a repetir a sua leitura.

O pezar que neste momento me afflige é o de não ter a presente « Memoria » sido entregue em primeiro logar aos illustres compa-nheiros de commissão, illustres membros da camara dos deputados do nosso paiz, certo como estou da competencia sociologica, po-

lítica, económica financeira de S. Ex., em contraste com os meus acanhados conhecimentos.

A «Memoria» do Exm. Sr. Dr. João de Carvalho Borges encerra uma serie de medidas de occasião, applicaveis a todo o paiz, e, especialmente, e na seguinte ordem chronologica, aos Estados do Rio, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catharina, Minas Geraes e Espirito Santo; medidas essas muito dignas de serem meditadas pelos altos poderes desses Estados, aos quaes, de certo, não falta competencia para comprehenderem o alcance que debaixo do ponto de vista politico pôde ter o importante trabalho.

O illustre Dr. João de Carvalho Borges, como medida de occasião salvadora da crise, propõe :

1.º « Que se solicite o apoio do Governo do Estado, no sentido de serem parceladas as propriedades ruraes situadas á margem das estradas de ferro e nas proximidades dos centros populosos.

2.º Que o mesmo Governo se incumba da subdivisão dessas propriedades em lotes, da introdução de imigrantes europeus para nelles serem localizados juntamente com os nacionaes que tambem os pretendem, o assim como do fornecimento de instrumentos aratorios e supprimentos de viveres, até á primeira colheita, segundo as condições estabelecidas no projecto.

3.º Que ainda o mesmo Governo procure facilitar introdução de asiaticos agricolas, afim de serem empregados temporariamente nos trabalhos da lavoura, por aquelles agricultores que não quizerem alienar as suas propriedades, etc.

4.º Que se solicite o auxilio das Municipalidades para a installação de campos de demonstração e de escolas praticas de agricultura, zootecnia em diversas regiões do Estado e bem assim de exposições permanentes, em todos os municipios, dos productos da industria agricola e pastoril.»

A immigração asiatica agricola, que S. Ex.

propoz como medida de occasião e salvadora da crise economica por que passa o nosso paiz, será tambem uma medida de alcance politico nos Estados onde até hoje se adoptou a immigração exclusiva Italiana ou allemã, e a cooperação destes trabalhadores na exploração de nossas minas muito contribuiria para augmentar a fortuna publica e particular.

É preciso deixar de tudo, não nos lembrarmos mesmo, de que multo recentemente os asiaticos que vieram ao nosso paiz deixaram aos nossos lavradores a mais triste impressao de sua incompetencia em qualquer ramo da actividade humana.

Tive occasião de vel-os em Ubatuba, um dos mais ricos e adelantados municipios do Estado de Minas Geraes, onde ainda tenho residencia e interesses, podendo affirmar que não mudei o meu juizo a respeito dos bons asiaticos agricolas, japonezes e indus, descriptos pelo nosso illustre Ministro Plenipotenciario Dr. Lisboa, em seu livro «A China e os chins». E muito de proposito eu me retiro á opinião do Exm. Sr. Ministro Dr. Lisboa, de preferencia ao Sr. Dr. Eugenio Simon, porque o Sr. Ministro tem, além da responsabilidade de observador, a responsabilidade politica.

Admirador entusiasta do colono hollandez, não posso deixar de particularisar para esta nacionalidade o desejo, que tenho, de que sejam elles, de preferencia a outros quaesquer, introduzidos em nosso paiz, e muito principalmente onde já existirem colonos de outra nacionalidade, os quaes é preciso fazer assimilar ao nosso meio, por intermedio da immigração mixta, *desideratum* que só assim pôde ser realizado.

Devo, porém, chamar a attenção dos competentes para a elaboração de um novo systema de aquisição de trabalhadores-colonos, afim de não herdarmos nos velhos moldes de os contractar a tanto por cabeça, o que dá spmmento resultado aos especuladores de toda a especie, que só visam enriquecer-se á custa do Thesouro. O melhor

systema é justamente esse que propoz o illustre Dr. Carvalho Borges, — parcelamento das grandes propriedades e a sua venda em lotes, e a preços fixos, aos colonos a introduzir.

A esse respeito, e como meio seguro de assimilação, eu proponho que, junto a cada um lote demarcado si addicione mais um terço para ser dado gratuitamente áquelles colonos que adoptarem a nossa nacionalidade, ou a brazileiros que os desejarem e ahi se estabelecerem para desempenhar os mysteres da lavoura.

Propunho ainda, que a primeira prestação a pagar seja a contar do 2º anno (Inclusive) do estabelecimento do colono estrangeiro ou nacional, pois parece-mo ser imprescindivel que se lhe deixe primeiro constituir o capital de manutenção, indispensavel a quem tudo tem de tirar da terra que cultiva.

Quanto ao 4º item — Estabelecimentos e campos de demonstração, — eu peço licença para, sem contestar o alanceo benefico e o patriotismo demonstrado no brilhante trabalho de S. Ex., pedir que seja adoptado o projecto do Exm. Sr. Dr. Democrito Cavalcanti—Estabelecimento de Fazendas Modelos para os productos da pequena lavoura e outros, cria de gado (zootechnia e veterinaria) do Exm. Dr. Carvalho Borges, do modo por que está elle concebido e que eu penso será de grande alcance e optimos resultados, não só nos Estados do Norte, mas em todos aquelles Estados onde existir a pequena e a grande lavoura, sem os processos da nova selegia; porque é idéa pratica, original, e com a possivel de fazer-se segundo os recursos de cada Estado, o que é muito para considerar-se na situação economica actual do nosso paiz.

É uma idéa semelhante á dos bancos municipaes do mesmo Exm. Sr. Dr. Democrito, igualmente praticavel, que, entretanto, não vi figurada nas conclusões da Illustrada 4ª Commissão do Congresso, onde a idéa foi apresentada na fórma da indicação—confor-

me vi exarada em um impresso avulso, e que eu attribuo ao facto lamentavel que afastou da nossa convivencia e nos privou de tão útil concurso, o illustre congressista; congressista cuja collaboração estava sendo apreclada na medida do seu merecimento e que eu, particularmente, attribuo ao facto da aversão que S. Ex. tem aos livros francezes, tão adoptados e copiados pelos nossos economistas e financeiros de orelha, simples imitadores do que ha feito, sem lhe juntarem sequer as modificações que proporcionam a mudança de um systema qualquer, quando adoptado em um meio differente daquello para que foi estabelecido.

Sala das sessões da 5ª Secção, 3 de setembro de 1901.—*Simões da Cruz*, relator.

A «Memoria» offerecida pelo illustre Dr. João de Carvalho Borges Junior, já estudada pelo digno relator Dr. Simões da Cruz, é um trabalho merecedor dos maiores encomios, e que certamente será apreciada devidamente pelo Congresso de Agricultura. É minha opinião que as medidas proposlas na referida Memoria devem ser approvadas, accetitando-as o Congresso como dignas de serem solidadas por elle aos poderes publicos.

Rio, 4 de outubro de 1901.—*Christino Cruz*.

Approvada na sessão de 4 de outubro de 1901.—*Noqueira Paranaguá*.—*A. Varady*, 1º secretario.

CONSIDERAÇÕES GERAES sobre o terceiro ponto do programma organizado pela Commissão Executiva do Congresso de Agricultura

DETERMINAÇÃO DAS MEDIDAS QUE CAREM AO LAVADOR E AOS PODERES PUBLICOS NA SOLUÇÃO DA CRISE

DR. CARVALHO BORGES JUNIOR

As questões, que devem ser discutidas no seio do Congresso de Agricultura com o fim de estudar-se as necessidades mais urgentes da lavoura e os meios mais efficazes de minorar a crise por que está ella passando activamente, são de tal relevancia que muito convém seja sobre as mesmas estabelecido o mais largo debate, de modo a po-

derem as conclusões, que tiverem de ser adoptadas, conter todos os elementos capazes de prover de remedio aos males que affligem a respeitavel classe sobre a qual tem constantemente repousado a fortuna publicta.

Com relação a esse ponto do programma, penso, allás com bons fundamentos, que as principaes medidas a adoptar-se, dependentes dos poderes publicos e destinadas a melhorar a situação economica da lavoura, devem consistir na rigorosa execução da lei relativa á repressão da vadiagem, na decretação de uma boa lei de locação de serviços, que regule as relações dos agricultores com os seus colonos, assegurando os interesses de ambos; em apparellhar a legislação do paiz com os elementos necessarios á reconstituição e desenvolvimento do credito agricola; na redução dos direitos de exportação e, finalmente, na decretação pelas Municipalidades de um forte tributo aos agentes compradores de café no interior.

Basta que se execute rigorosamente a lei pollelal, destinada á repressão da vadiagem, fazendo com que assignem termo os trabalhadores rurales que deixem de cumprir as intimações feitas pelas autoridades para procurarem occupação, sujeitando os contraventores ao tribunal correccional, para que volte ao serviço da lavoura, sem necessidade de constituir-se a policia rural, em grande numero de braços validos que della se acham constantemente desviados.

Para os incorrigiveis, o remedio está em sujeital-os ao trabalho nas colonias correccionaes, que para esse fim forem creadas pelo Governo.

A falta de uma boa lei de locação de serviços e sua regulamentação tem sido um dos principaes factores da desorganização da lavoura, especialmente no Estado do Rio, desorganização que não pôde ser mais deploravel e que tanto tem concorrido para o augmento do custo da produção e para a perturbação economica da nossa vida agricola.

A decretação, portanto, da lei de locação de serviços, desde que attenda aos interesses do agricultor e do colono, não deve ser considerada, como pretendem alguns, uma lei de excepção e consiguientemente contraria aos principios da liberdade. Si é justo que se deem garantias ao trabalhador, não é menos justo que se procure tambem garantir o proprietario agricola, ficando assim resalvados os direitos de ambos.

A necessidade de reconstituir-se o credito em geral com os elementos necessarios á instituição e desenvolvimento do credito propriamente agricola se impõe como indeclinavel, no sentido de se poderia constituir os syndicatos agricolas e as associações de credito mutuo moldadas nos systemas adoptados na Allemânia, sob a denominação de Schultz Dellitzsche e Raffeisen, estas com especialidade, que foram alli principalmente fundadas para pôr o credito ao alcance dos pequenos agricultores, com o que conseguu-se desenvolver assombrosamente a agricultura naquello paiz e assim como na Suissa e na Belgica.

As caixas Raffeisen, alimentadas na Allemânia pela economia, são profissionaes e autonomas, constituindo uma das suas principaes vantagens a circumstancia de se operarem as suas transacções dentro de um circulo estreito, em que seus associados possam ser conhecidos e facilmente apreciados o valor pessoal de cada um.

Ha longos annos se preocupavam os estadistas francezes com os meios de melhorar a sorte dos agricultores, facillitando-lhes dinheiro barato, para o fim de desenvolverem as suas culturas e assim augmentarem a produção, e promovendo, portanto, o bem-estar da classe.

O Ministro da Fazenda o Sr. Melinc teve então a idéa de organizar o credito agricola e popular, comprehendendo os syndicatos agricolas, e com os seus reiterados estudos e os exemplos fornecidos por outros palzes, chegou a estabelecer na França as pequenas caixas de credito mutuo, que se approximam,

tanto quanto o permite a differença dos meios e do caracter da grande Nação Fran- ceza, dos bancos populares allemães e Ita- lianos, conhecidos estes pela denominação de bancos Wallenborg.

Reconhecida, pois, a utilidade dos syndi- catos agricolas e das caixas Raffleisen, já sancionadas pela pratica adquirida em ou- tros paizes, devo — esperar que o Congresso de Agricultura, inspirando-se nos senti- mentos de justiça e de amor á nossa cara Patria, procure sollicitar do Poder Legisla- tivo medidas que garantam o nascimento e desenvolvimento de laes instituições, promo- vendo deste modo os meios de iniciarem-se os nossos agricultores nos recursos da coope- ração e nos deveres da solidariedade profes- sional, com o que conseguirão em pouco tempo levantar a agricultura nacional pela sua emancipação economica.

A par dessa necessidade, lembrarei tam- bem a substituição da lei das fallencias, vic- ciosa e estimuladora da fraude, por outra que melhor consulte os interesses do com- mercio honesto, e assim como o estabeleci- mento legal de garantias concedidas ao do- micilio, segundo a legislação norte-ameri- cana (homestead), para o fim de crear um correctivo destinado a amparar ou minorar a situação a que possa chegar o devedor agricola, e, finalmente, a adopção facul- tativa e simplificada do systema Torrens, no sentido de facilitar a mobilisação da propriedade territorial, transformando deste modo o capital por sua natureza lizo em ca- pital circulante.

A medida relativa á redução dos direitos de exportação, instantemente reclamada pela lavoura, deve, a meu vêr, tambem me- recer a attenção dos poderes publicos, pelo monos emquanto durar a crise economica, quando não prevaleça a ideia, aliás mais equitativa, de serem pagos os mesmos di- reitos pelo exportador na occasião do em- barque dos productos, destinados aos mer- cados estrangeiros.

Quanto á decretação pelas Camaras dos

Municípios cafeeiros de um pesado tributo aos agentes compradores de café, me parece essa medida igualmente indispensavel, no sentido de evitar que os exportadores, sob a promessa de lucros apparentes á lavoura, continuem a formar avultados *stocks* de saccas, para virem depois aos mercados de exportação impôr preços vis, irrisorios, como as cotações actuaes que vão, entre- tanto, servir de base ás futuras compras no interior, tornando-se os innovadores de tão astuciosa propaganda, com todos os arti- fejos engendrados pela especulação commer- cial, os dominadores do mercado o que sal-o-hão por muito tempo, si não surgir um sentimento de patriótica e energica reacção que venha salvar a lavoura de café de tão humilhante e difficil situação.

Propositivamente delxel de incluir entre as medidas que cabem aos poderes publicos, a redução de fretes nas estradas de ferro, tambem reclamada com certa insistencia pela lavoura, por estar convencido de que seria a ruina de quasi todas as empresas de viação ferrea, principalmente das parti- culares que não gozam de garantia de juras ou qualquer outro favor do Governo.

Quando uma sacca de café enstava de 90\$ a 100\$ ninguém se lembrou de aconselhar ás administrações das estradas de ferro que elevassem ao dôbro ou ao triplo as respec- tivas taxas de transporte; hoje, que o café, devido á retração do consumo, passou a ser vendido a baixo preço, começam os agricul- tores a ajamar pela redução de fretes, sem se lembrarem de que a satisfação de uma tal medida poderá acarretar serios pre- juizos a muitas estradas, em que o café re- presenta o seu principal elemento de tra- fego, cuja produção se acha sensivelmente reduzida, ficando assim as indústrias de transporte acelerado, em muitas zonas ca- feeiras, condemnadas a uma vida difficilima ou á liquidação forçada.

Satisfeitas que sejam as necessidades indi- cadas, o mais ficará por conta dos agricul- tores, que, no seu proprio interesse, deverão

promover outras, que pôdem ser assim expostas:

1.º Restringirem as suas culturas aos recursos do que possam dispôr ou com que possam contar, de modo a terem sempre as suas lavouras convenientemente tratadas, estimulando a sua productibilidade e forçando consequentemente o seu rendimento, com a vantagem de não precisarem, para o estalo de seus estabelecimentos, precipitar a venda de seus productos, o que em grande parte tem concorrido para a sua desvalorização. Por esse meio organizarão os interessados a necessaria resistencia dentro do paiz.

2.º Não se limitarem a uma só cultura, explorando novas e as especies que maiores garantias offereçam ao capital agricola, melhorando o cultivo de cada planta de accordo com os princípios agronomicos e de experimentação, adoptando em summa nma polycultura bem organizada, afim de evitarem as crises de produçção por que estão passando actualmente muitos Estados do Brazil.

3.º Beneficiarem, quanto possível, productos destinados á exportação, especialmente o café, e remetel-os bem acondicionados aos mercados, methodisando essas remessas com o fim de regularizar a offerta e a procura.

Acelto este conselho, poterão os agricultores alcançar para os seus productos preços razoaveis, que cubram os gastos da produçção, deixando margem á remuneração dos capitaes, que se acham immobilizados.

Desde que não sejam exportados typos ordinarios de café, consumindo-se estes no paiz, e que haja liscalização nessa exportação, estou certo de que o nosso principal producto virá ainda sobrepujar em qualidade aos melhoes de outras procelencias, firmando o Brazil a sua primazia como paiz cafeeiro, pois todo o sacrificio feito neste sentido será a victoria completa e a posse do monopolio dessa riqueza.

4.º Entrarem em accordo com os representantes brasileiros de syndicatos agricolas

para que os seus cafés sejam vendidos directamente ao consumidor, cessando inteiramente a inconveniente pratica de serem feitas essas vendas directamente ao exportador, cujo interesse consiste em forçar a baixa do café pela escassez da procura nos mercados de exportação.

5.º Concorrerem annualmente com um certo numero de stecas para a propaganda no exterior, tendo por fim o alargamento do consumo nos palzes, que pouco ou nenhum café consomem, como, por exemplo, na Republica Argentina, Chile, Lado o Mediterraneo e na Russia, com especialidade esta vasta e rica nação, em que o nosso café já está sendo conhecido e onde se espera que, depois de introduzido em todas as suas cidades, possa augmentar o consumo por tal fórma que chegue a exceder do duplo ou mais a nossa produçção actual.

Uma vez postas em pratica as medidas dependentes dos poderes publicos, e continuando a classe dos agricultores a aggremlar-se, como está fazendo, conscia da sua força e com melhor comprehensão de seus direitos, não ha a menor duvida de que as condições da vida agricola se transformarão completamente, tornando-se ainda a lavoura uma fonte certa de renda para os capitaes nella empregados.

E' caso, portanto, de felicitar-se a importante classe pelos esforços bem combinados que está empregando na defesa dos interesses communs, ameaçada como se acha de uma ruina inevitavel, desde que não seja conjurada ou attenuada a terrivel crise economica, oriunda não só do facto reconhecido da retração do consumo do café, a que muitos dão o nome de superproduçção, como principalmente da ganancia de desalmados especuladores, que se estão aproveitando desapiudadamente da nossa Imprevidencia, sem que dos fabulosos lucros, que estão auferindo, resulte o menor proveito para o consumidor!

O momento é de acção e por isso todo brasileiro deve dizer o que pensa sobre o

magno problema da salvação da lavoura, fornecendo cada qual valioso subsídio para a solução das questões que se prendem a assumpto de tanto interesse.

Taes são as considerações que entendí dever formular, sob o ponto de vista pratico, em desempenho do mandato de que me acho investido, afim de serem submettidas á esclarecida apreciação do Congresso e luctuadas nas conclusões, dependentes da sua approvação, cabendo-me louvar a feliz ideia que teve a digna Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura de reunir os representantes da lavoura nacional para discentirem e resolverem sobre os meios mais efficazes, destinados a minorar a mais temerosa crise economica, de que ha exemplo em nosso paiz.

Assim me manifestando, julgo ter cumprido um dever cívico e de amigo da respeitavel classe, que felizmente vai comprehendendo a necessidade de confiar mais nos seus proprios esforços do que da acção governamental, para libertar-se de tão afflictiva situação, de que estão dando exuberantes provas os movimentos de reacção que se estão produzindo por toda a parte, a exemplo do que em casos analogos fizeram os agricultores europeus, especialmente os da França e Allermanha, movimentos estes que todos nós devemos sinceramente applaudir, na esperança de que não tardará o nascimento de uma esplendida regeneração de todas as forças que animam a communhão brasileira.

A' vista do exposto, propõo o abaixo assignado ao Congresso de Agricultura que sejam adoptadas todas ou em parte as seguintes conclusões:

Medidas que cabem aos poderes publicos:

a) rigorosa execução da lei polleial destinada a repressão da vadiagom;

b) decretação de uma boa lei de locação de serviços e sua regulamentação;

c) apparellhar a legislação do paiz para o fim de garantir o nascimento e desenvolvimento dos syndicatos agricolas e das caixas

locaes e regionaes de credito mutuo (systema Ruffison); prover ao estabelecimento legal de garantias concedidas ao domiciliado e facilitar pela applicação pratica do systema Torrens a mobilisação da propriedade territorial; finalmente substituir a actual lei das fallencias por outra que consulte a moral commercial;

d) redução dos direitos de exportação, ao menos enquanto durar a crise da lavoura do café, quando não prevaleça a ideia de serem integralmente pagos os mesmos direitos pelo exportador na occasião de embarque da mercadoria para os mercados estrangeiros;

e) decretação pelas Camaras dos Municipios Cafeeiros de um pesado tributo aos agentes compradores de café.

Medidas que cabem ao lavrador:

f) restringir as suas culturas ao recurso de que possa dispôr ou com que possa contar;

g) não limitar-se a uma só cultura, adoptando uma polycultura bem organizada, de modo a evitar as crises de produção;

h) beneficiar, quanto possivel, os productos destinados á exportação, especialmente o café, e remetter-os bem acondicionados aos mercados, methodisando essas remessas com o fim de regularizar a offerta e a procura;

i) entrar em accordo com os representantes brasileiros de syndicatos agricolas para que seus cafés sejam vendidos directamente ao consumidor, cessando a pratica por muitos admittida de serem essas vendas feitas directamente ao exportador;

j) concorrer annualmente com um certo numero de saecas para a propaganda do café, tendo por fim o alargamento do consumo nos paizes que pouco ou nenhum consumo.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1901. — João de Carvalho Borges Junior, engenheiro civil.

CONSIDERAÇÕES apresentadas ao Congresso Agrícola sobre interesses economicos; medidas reclamadas pela experiencia para elevar e melhorar a industria nacional em temerosa crise e profunda desorganização; crédito agrícola

JOSÉ FERREIRA RAMOS

Todos reconhecem que no Brazil a deficiencia fundamental pelo lado economico tem determinado a fraqueza e contingencia da vida nacional, nas suas multiplas relações, affectando, principatmente, as suas finanças e o seu commercio.

Pôdo-se dizer que nesse assumpto a existencia nacional não se completou, mantendo-nos em prejudicial dependencia de elementos estranhos que não collaboram, harmonicamente, para a formação e coordenação dos factores do nosso progresso.

Não produzimos tanto quanto é preciso, nem auferimos da produção os lucros e vantagens correspondentes.

Falta-nos autonomia e vigor, economica e commercialmente fallando, como todos reconhecem e sentem.

O Congresso de Agricultura prestará inestimaveis servços ao paiz esforçando-se para obviar tão grandes males, diffundindo e propagando as mais estudadas medidas que executadas pelos poderes publicos, pelos particulares e associações podem melhorar e augmentar a nossa industria agricola, valorizando seus productos.

Para isso dispõe esse Congresso das aptidões de sua directoria e do esforço de todos os seus associados, além do apoio que vai tendo em todo o paiz e no estrangeiro.

A maior somma dos recursos materiaes em todos os paizes provém das industrias, principatmente da agricola, que fornece os productos mais necessarios á vida das populações.

Não se pôde conseguir, ostavelmente, o equilibrio orçamentario indispensavel ao credito e bem-estar das nações, sem fomen-

tarse as industrias, valorizando seus productos pelo aburgamento do consumo nos mercados do mundo, de modo que a offerta da respectiva produção esteja em relação em nunca exceda a sua procura.

São felizes os povos que equilibram seus orçamentos pelo augmento das rendas publicas, adquirido pelo alargamento de suas produções, sem ser oneradas de novos impostos.

O augmento de produção valorizada determina o augmento de trabalho com lucro para o trabalhador, e consequentemente, para o paiz.

Prosperam sempre os povos que tiram de suas industrias os principaes elementos de vida—satisfazendo as necessidades de seu consumo e exportando o mais possivel—importando, sempre, somma superior em mercadorias, inclusive ouro, que é a medida commum de valores, com que são salda das as transações internacionaes.

As nações que prosperam, em geral, importam mais que exportam, porquanto recebem o valor augmentado com o lucro da venda no estrangeiro dos generos de sua produção, representado em outras mercadorias que importam.

Os paizes ricos, os que dispõem de capital, que é o resultado do trabalho pela economia, importam mais do que exportam; isto é, recebem maior valor de mercadoria, inclusive ouro, do que o valor que exportam para o estrangeiro.

E' manifesto erro acreditar-se que só enriquecem os povos que exportam mais do que importam. As nações que exportam mais do que importam, recebem o saldo a seu favor em outras mercadorias, como materia prima, machinismos, ouro em especie ou cambiaes, e o mais necessario para o desenvolvimento das industrias.

As nações ricas são as que, relativamente á sua organização do trabalho, têm abundancia de capitaes proprios, ou que, em

virtude da fertilidade dos seus solos e das garantias que inspiram as suas justas leis, prohibidamente cumpridas, são centros para onde affluem capitães estrangeiros, que nelles fructificam. Essas nações importam mais do que exportam, incluindo-se na importação grande quantidade de metaes preciosos, representando o saldo da troca entre as mercadorias importadas e exportadas.

Assim, as nações prosperas e ricas importam mais metaes preciosos do que exportam; a menos que não tenham minas de exuberantes riquezas e lavra constante.

Os economistas modernos evidenciam essas verdades demonstradas no « Bulletin de Statistique et Legislation Comparée », publicação annual franceza que tem longa existencia. Nesse boletim se verifica, tomando as medias decimales da importação e exportação, que são consideradas nações prósperas, por obterem saldos favoraveis nas suas transacções com os outros povos: Inglaterra, França, Alemanha, Hollanda, Belgica, Austria-Hungria, Suecia-Normega, Dinamarca, Suissa e Estados- Unidos. Todas essas nações importam mais mercadorias que exportam.

Exportam mais do que importam as nações que tem collocado suas lhanças nas tristes condições de não pagarem que devem ou não satisfizerem seus compromissos, taes como: Russia, Turquia, Portugal, Grecia, Persia, Egypto, Hespanha, Perú, Mexico, Costa-Rica, Guatemala, Venezuela, Chile, Haiti, Nicaragua, Honduras, Uruguay, Republica Argentina e Brazil. Em todos esses paizes o cambio, que é o fl da balança Internacional de pagamento, denuncia que os saldos da exportação sobre a importação são insufficientes para satisfizerem os compromissos publicos, particulares, os emprestimos contrahidos pelos governos e empresas sociais, e as remessas de numerarios dos capitalistas e das grandes populações de colonos estrangeiros. Dahl a procura do ouro — a medlla commun de valores — ; dahl o encarcimento desse metal pela lei

do valor, dada pela relação entre a oferta e a procura.

Os paizes que tem saldo a favor da exportação de mercadorias, cujo valor nao chega para satisfazer seus compromissos Internacionais, tem cambio desfavoravel. O Brazil acha-se nesse caso.

No decennio da Republica de 1889 a 1898 (segundo os dados officiaes) reduzindo se a ouro as sommas em réis pelas medias annuaes do cambio, verifica-se que nesse decennio, sua exportação foi £ :

Exportação.....	275,365,825
Importação....	<u>210,622,608</u>

Saldo a favor da exportação.....	64,743,217
----------------------------------	------------

Saldo a favor da exportação.....	64,743,217
----------------------------------	------------

Dezuzindo-se a somma medlla em ouro ou cambiaes remetidos para o estrangeiro n esse decennio :

Pelo governo para satisfazer os compromissos nacionaes segundo os dados do Theouro.....	48,526,000
---	------------

Pelos particulares: capitalistas, colonos, e outros, segundo os dados obtidos nos

.....



banco's, da somma dos saques reais, tomadas em nossas pra- ças, e das moedas em especie envi- adas pelas comp ^{as} . de Navegação..	56.482,000	105.008,000	duzindo-se o saldo do credito da exportação sobre a impor- tação de mercadorias só pre- cisavamos tomar cambiaes, no valor maximo de.....	10.000,000
Saldo contra o paiz.....		40.261,783	O que dá para especulação da bolsa.....	65.339,701

Esse saldo a debito ou *deficit* do nosso balanço internacional de pagamento nos mostra ferido a rotina e levando a convicção ao nosso espirito, que precisamos produzir muito mais do que produzimos em progresso crescente para termos saldos e receber isto é, importarmos mais do que exportarmos.

Enquanto as condições economicas do paiz nao melhorarem pela valorisação e elevação da nossa produção, dando-nos saldo a favor nas nossas transacções internacionais, será impossivel melhorar estavelmente as condições financeiras do paiz, que assim continuará a favorecer a especulação exercida sobre a medida commum de valores — o ouro — como tambem se exerce com todas as outras mercadorias sujeitas á procura, quando ha delle escassez e vice-versa.

Em virtude dessa especulação, entre nós sem nenhum correctivo, é que se comprára em 1897, nas cinco principaes praças do Brazil, segundo o mappa anexo ao relatório do Ministerio da Fazenda deste anno em cambiaes C..... 75.339,701

Quando pela demonstração de remessa de numerarios para o exterior por conta do governo e dos particulares, de.....

Basta este elevado algarismo—que é a media minima do cambio comprado e liquidado por differença, em cinco de nossas praças, em um anno—para demonstrar a elevada especulação cambial que existe no paiz, creada e alimentada pelo desequilibrio da nossa balança internacional do pagamento, por deficiencia de produção nacional, e que determina a carencia do ouro, com o intermedio diario entre trocas.

A sciencia economica que perscruta as causas dos phenomenos multiplos da produção, circulação, distribuição e consumo, ensina que a valorisação e estabilidade do cambio dependem do equilibrio da balança internacional de pagamento e ser esse equilibrio função :

a) do desenvolvimento industrial e valorisação de sua produção, para a satisfação de sua necessidade e para que as nações nao vão pedir no estrangeiro as indispensaveis mercadorias que podem obter da fertilidade do seu solo e sub-solo e de suas outras riquezas ;

b) numerario de valor estavel ou circulação fiduciaria com base metallica indispensavel na multiplice criação e transformação da riqueza.

Temos vivido sempre com *deficit* organentário, isto é, gastando mais do que as nossas rendas e com *deficit* na nossa balança internacional de pagamento, isto é, sem a necessaria produção para conquistarmos a nossa autonomia e independencia.

Conseqüentemente, não podemos ter alta estavel de cambio; e as que temos tido tem

sido passageiras, determinadas pelos empréstimos externos realizados—augmentando o valor da nossa importação com o ouro recebido por esses empréstimos. Assim, a procura desse metal em moeda ou cambial para satisfação dos compromissos internacionais determina a fatal exportação do que possa existir no paiz.

O papel-moeda-nota promissora — que como intermediario entre as trocas, não é convertido quando se precisa da medida commum de valores—é de effectos perniculosos. Seu valor intrinseco é o do custo do papel e o trabalho da estamperia ou gravura, deixa de ser um instrumento de troca valorizado para ser um titulo de credito com valor determinado pelas relações entre os haveres e os debitos dos governos ou das associações que o emittem.

Si o valor da nossa produção desse para satisfazer nossos compromissos internacionais e o papel-moeda que temos, ficaria limitado a ser o intermediario entre as trocas Internas, ou dentro do paiz.

Desde, porém, que, ao contrario, tem o paiz avultado *deficit* internacional, o papel-moeda se desvalorisa na razão directa desse *deficit*, demonstrando a necessidade de tratar-se, com esforço e urgencia, do principal factor do equilibrio do nosso balanço internacional de pagamento — o desenvolvimento industrial do paiz, principalmente do agricolt e a valorisação da respectiva produção.

A industria agricolt tem por objecto a exploração da terra e por fim a produção de substancias precisas e uteis á vida do homem e dos animaes. Essa essencial industria dá occupação a mais de 3/4 da população operaria do mundo.

No paiz em que a agricultura deprecia-se, o povo empobrece e soffre, porque, com se os productos, ella alimenta a humanidade, fornecendo ao commercio elemento da vida e á maioria das outras industrias a indispensavel materia prima.

Toda a industria exige:

— *Materia-prima*;

— *Machina*—que excentrando sobre a materia prima certos trabalhos, modifica-a, transforma-a em novos corpos que se chamam *productos*;

Força motora—a musculer, a de agua, a do fogo, a do vento, a do vapor e da electricidade.

Capital e Credito—indispensaveis e importante alavanca.

Na industria agricola a *materia prima* é a semente; a *machina* é a terra que, por leis providenciaes ou naturaes, cria e aperfojea o producto que se chama *colheita*; a *força motora* é representada por instrumentos agricolas e pelo trabalho reunido do homem e do animal, auxiliado pelo emprego daquelles motore; mecanicos, o *capital e credito*—mais necessarios em agricoltura do que nas industrias—deverão ser proporcionados á extensão do solo a explorar—para darem seguro e vantajoso resultado.

Dependem da intelligencia, actividade, o conhecimento tecnico e pratico, de quem empreza taes elementos, os resultados e allidos na industria agricola, que tem sido e será em todos os tempos a base mais segura da estabilidade social, a fonte mais abundante das rendas publicas e a poderosa força determinativa do equilibrio orçamentario das nações. Para esse resultado a industria agricola precisa não seguir a monocultura e adoptar a polycultura, cultivando os generos alimenticio; indispensaveis á vida do homem e as forragens necessarias á creação dos animaes a este uteis; substituir, principalmente, nas terras sem humos, o *systema extensivo* — que consiste em plantar bastante em grande porção do terreno mal preparado e deixar maltratada a planta para colher uma porção della sem muito trabalho — pelo *systema intensivo* — que, ao contrario, consiste no plantio de um mesmo terreno dado, de forma a ter maior produção — applicando um methodo agricolt mais racional.

O *systema intensivo* dá ao solo a máxima exortinação para obter abundantes colheitas; o *systema extensivo* se limita a empregar só o trabalho para pôr em acção as forças espontaneas da natureza.

A proporção que a civilisação esgota as terras virgens, accumuladas de estrumes naturais, o *systema extensivo* vai deixando de ter applicação e sendo substituido pelo intensivo — que, pela estruminação, fornece ás terras os elementos precisos para produzirem.

O *systema intensivo* comprehendendo todas as culturas que atuejam a obtenção das maiores colheitas, com renda compensadora e tem sido applicada nos paizes onde a civilisação realizou todos os meios de acção e progresso — como : — estradas de rodagem e de ferro, canaes, docas, navegação, merculos, capital e credito bem organizados. Nesse *systema aperfoçoado* — o intensivo — todas as conquistas da sciencia e do genio industrial acham-se realisadas. Representa a mais adelantada manifestação do *systema moderno de cultura*, obtendo do solo a maior quantidade e a mais numerosa qualidade de productos; regularisa, assim, a riqueza nos paizes e dos particulares; forma a melhor garantia contra as crises alimenticias; omllm — é o *systema* que assigna ás populações rurales o trabalho continuo e largamente retribuido.

O exclusivismo da cultura criou o regimen da dependencia em que nos mantemos, obrigando-nos a importar do estrangeiro generos de primeira necessidade que, facilmente, podemos produzir para nosso consumo e para lucrativa exportação em larga escala.

É esse um dos principaes factores da depressão cambial que tanto prejudica o palz. É preciso reagir contra esse exclusivismo de cultura que concorre para nossa má situação agricola. Dizem os economistas : — « não ha boa situação economica, sem boa situação agricola » — As leis sobre enjos principios repouzam as regras de uma cultu-

ra nacional, são classificadas nesses quatro grupos : meteorologicos, physiologicos, economicos e chimicos.

Essas leis são reveladas nas condições seguintes :

Ter-se em consideração durante a rotação das culturas, as propriedades mais ou menos esgotantes dos vegetaes; preparar com a colheita de uma planta o terreno que vai servir á cultura da que lhe succede, evitar que as plantas da mesma familia se succedam assim ás de raizes palihares e feculentas; intercalar as plantas que servem de alimentação ao homem e as que fornecem materia prima á industria, com as que forem destinadas ao alimento dos animaes; nunca abandonar as terras, sejam quaes forem as suas condições depois da cultura; cultivar nas terras humidas plantas proprias a dessecal-as, nas terras seccas e aridas ontras que as enbraam de sombra.

As medidas aconselhadas pelos mestres e reclamadas pela experiencia para melhorar e elevar a agricultura nacional, valorizando seus productos, e utilização dos processos o são :

a) conhecimentos profissionaes práticos disseminados na lavoura, e instrumentos apropriados, e já applicação dispensará grande somma de braços, realisando, concomitantemente, economia do tempo e do capitales.

É preciso que os Estados e os municipios tomem com empenho a iniciativa da diffusão do ensino agricola que deve ser distribuido : nas escolas primarias (indirectamente), nas fazendas-escolas, orphelinatos, colonias agricolas, escolas praticas de agricultura em seus diferentes ramos, comprehendendo a industria de lacticinios, estações agronomicas e meteorologicas, escolas regionaes, devendo servir de complemento a estas instituições : conferencias, comcios, exposições agricolas. É tambem preciso o aproveitamento das aguas do sub-solo, prin-

cipalmente nos Estados onde a agricultura deflora e desaparece por carencia de chuva ou por secas periodicas.

Nos paizes onde a agricultura é bastante adiantada pelo benefico influxo da sciencia que, derruindo velhos preconceitos, fez desaparecer condemnados processos que a rotina teima em conservar; nos paizes onde a cultura da terra é feita de accordo com as lições da sciencia e subordina-se ás regras e dictames da economia rural, o objectivo principal do agricultor — é produzir muito e bem — com o menor emprego de capital, em menor lapso de tempo e com menos trabalho possivel — ou por outra — produzir muito barato.

b) Divisão da propriedade e mobilisação do solo pela applicação da lei *Torrens* ou pela inscripção das propriedades em registros publicos que forneçam os devidos titulos ao portador, alm de serem esses titulos com promptidão negociados e transferidos por endosso.

A lei *Torrens* promulgada pelo decreto n. 451 D de 31 de maio regulamentada em 5 de novembro de 1890, acha-se sujeita á uma commissão do Congresso para modificar as suas disposições de accordo com a Constituição de 24 de fevereiro de 1891, simplificando-a e expurgando-a dos senões, que forem observados.

O Congresso Nacional deve terminar esse trabalho para ser do novo regulamentado. Não sendo possivel obter-se assim essa lei, os Estados devem crear os registros das propriedades, feitos á vista de titulos do incontestavel direito pleno de posse e da respectiva planta.

Em alguns dos Estados já funcioan esses registros.

No caso de não ser executada a lei *Torrens*, em toda a Republica, para mobilisar o solo, isto é, tornar os immoveis de facil transferencia, parece conveniente supprimir todos os impostos de transmissão de propriedade,

6056 — 21

sello e direitos que sao cobrados no valor de cerca de 7 %, e admittir a transferencia de direitos hypothecarios por endosso, livre de impostos, sello e outras despesas, apenas com a transferencia no registro.

Esses onus podem ser substituidos por um imposto que sobrocarregue, sómento, uma vez por anno a propriedade.

Calcula-se o valor approximado de todas as propriedades ruraes exploradas no paiz, incluidas as de criação de antmaes, as de cultura de café, cacáo, algodão, fumo, côco, cereaes e as das industrias extractivas da borracha, madeira, piassava,ervas medicinaes, etc., na elevada

somma de..... 10,000,000:000\$000

Estima-se o valor da produção ou renda dessas terras, annualemente, em..... 3,000,000:000\$000

O que corresponde ao juro annual d o 3 % daquelle capital, do qual só exportamos productos no valor medio annual de... 820,000:000\$000

São, pois, consumidos ou aproveitados no paiz productos nacionaes na importancia de.. 2,180,000:000\$000

O que dá para cada um dos 17,000,000 de habitantes em que é estimada a maxima população do Brazil, o consumo annual de mercadorias da produção nacional na importancia do..... 128\$235

Ou por dia..... \$351

Entretanto, é triste reconhecer, todo aquelle enorme capital empregado nas propriedades territoriaes, acha-se paralyzado e os seus possuidores não dispõem de credito !



Por falta de recursos e crédito, os generos de produção nacional são offerecidos e vendidos ao paiz a preços baixos, em lugar de serem guardados e vendidos em occasião apropriada, por melhor preço. A industria nacional não consegue mobilisar os valores de seus productos e só pela venda effectiva delles obtém dinheiro.

E', pois, de toda a conveniencia não só mobilisar a terra pela transferencia de titulos hypothecarios, por endosso, na forma dos indicados processos, mas, tambem, os immoveis e o fructo pendente pelo credito movel e letra agricola, e os generos armazenados pelo certificado de depositos e *warrant*.

Nas republicas, só um regimen economico pode fortalecer e da distribuição das terras a quem queira trabalhar — sejam nacionaes ou estrangeiros. A vastidão do nosso solo pode occupar todas as actividades que queiram trabalhar na obra do engrandecimento do paiz.

E' preciso realizar a divisão do solo criteriosamente, sem excessos para não amarchisar a divisão da propriedade territorial.

Façamos do trabalhador e do colono intelligente e immigrado o possuidor da terra que cultiva — e vinculemos-o ao solo.

A Republica cumprirá assim uma das partes mais importantes do seu programma economico — fazendo surgir a democracia rural onde floresceu o feudalismo senlioreal.

c) Estatística agricola e commercial para conhecimento da media da produção e do consumo dos productos das industrias nacionaes, afim de que os seus verdadeiros valores possam ser determinados pelas relações entre a offerta e a procura.

Os preços dos generos são estabelecidos pelas relações entre a procura e a offerta, que só pôdem ser determinadas, quando se conhecem as quantidades e qualidades produzidas e consumidas dos mesmos generos.

Pela actividade com que se realizam as permutas, de accordo com essa lei eco-

nomica, assim como pelo saldo dos valores das mercadorias exportadas sobre os das importadas, é que se refere o progresso industrial e commercial de um paiz.

Resulta desse saldo a capitalisação da moeda e a subida do cambio, sobre os paizes estrangeiros.

A decadencia industrial e commercial determina-se pelo marasmo das compras e vendas nas praças mercantis e pelos constantes saldos, que, no balanço geral das transações, apresentam os valores das importações sobre os das exportações, fazendo baixar o cambio para fóra do paiz, por falta de capitalisação nacional.

Consideram-se incluídas nesses saldos as diferenças entre os valores das moedas e cambias que sahem do paiz e dos que entram; porquanto as moedas e cambias são mercadorias, cujos valores são determinados pela lei da offerta e da procura.

Esses principios demonstram a necessidade de formular-se a produção nacional e o seu valor, afim de augmentar-se o valor geral do capital a entrar para o paiz, diminuindo os capitães a sahir para o estrangeiro.

A diminuição da produção e a do valor dos productos do paiz, bem como a diminuição do consumo desses productos, são causas principaes das crises economicas, determinativas das crises commerciaes e financeiras.

Manifesta-se a diminuição desse valor ora naturalmente, quando a produção é maior que o consumo, ora artificialmente:

a) quando, por falta de precisos trabalhos estatísticos, os mercados productores, desconhecendo o que, realmente, possuem, e, ignorando as necessidades do consumo, entregam seus generos por baixo preço aos especuladores que os illudem, figurando com noticias e telegrammas inexactos abundancia de artigos de que ha escassez;

b) ou quando, não tendo o mercado nacional recursos para resistir á pressão das baixas arbitrarías, adrede preparadas pelos exportadores colligados, acha-se na contin-

gencia forçosa de entregar os productos indigenas aos preços influos que a exploração lhes impõe.

A carencia de conhecimentos positivos da produção e do consumo dos generos nacionaes e a penuria de recursos da nossa lavoura e do commercio a esta ligado, é que tem facilitado a baixa, sem resistencia, desses generos, cujos preços descem, em logar de subirem, na razão da queda do camblo.

Para fazer respeitar os valores da produção nacional, sabendo taes inconvenientes a que tem estado sujeito o nosso mercado, com prejuizo para os productos, o commercio e o paiz—é preciso que a União, os Estados e as Associações commerciaes ou Industriaes, inclusive as da lavoura :

1º) Organizem trabalhos estatísticos, por onde se estudem e conheçam a verdadeira produção annual do paiz e a estimação que pôde ella ter determinado, sómente, pelo confronto entre as necessidades reaes da procura nos outros mercados e a produção nacional, tendo-se em vista a similar de outras nações que comnosco competem.

Desses trabalhos estatísticos obter-se-ha, com a possível approximação, mediante os calculos das médias das colheitas anteriores estudos analyticos e informações fidedignas, a necessaria informação sobre a quantidade e qualidade das colheitas futuras, bem como a existencia (*stock*) dos generos iguaes aos dessas colheitas, accumulados nos mercados estrangeiros, afim de avaliar-se a extração que podem ter os generos nacionaes, nos mercados consumidores e determinar-se-lhes o verdadeiro valor.

2º) Tenham estabelecimentos de credito, que no intuito de manter o mercado em alta natural, facilitem aos productores e aos negociantes as quantias precisas ao movimento corrente de suas transacções e a expansão de suas industrias, sob garantias dos generos em transito, em talhas ou pendentes das arvores armazenados em docas, alfandegas e armazens ou estações de estradas de ferro.

3º) Estabeleçam, nas praças estrangeiras que mais importem os nossos productos, casas brasileiras filiaes ás mais respeitaveis de nossa praça ou directamente relacionadas com estas, por intermeio das quaes se possam exportar os generos nacionaes.

Assim cessará o monopólio da exportação de nossos productos, exercitado privativamente, pelas casas estrangeiras no Brasil, filiaes ás casas matrizes, situadas nos mercados europeus e americanos, as quaes exploram o commercio dos fructos de nossa cultura a preços ditados pelo arbitrio dos interesses de uma especulação sem correctiva.

Os artigos, que importamos do estrangeiro, são na sua totalidade, recebidos directamente ou á consignação pelas casas estrangeiras, estabelecidas no Brasil, por onde se escoam, em sua maioria, se não na toda, os lucros auferidos nesse commercio.

Taes lucros afluem, em sua generalidade, para a patria dos commerciantes, que utilizam esse ramo de negocio e que muito concorrem para a nossa depressão cambial.

Não ha, entretanto, no estrangeiro, casas brasileiras que recebem os nossos generos para os vender por conta propria ou á consignação encaminhando para o Brasil os vantajosos proventos desse commercio importante. E', certamente, de iniciativa particular a criação desse estabelecimento, que os poderes publicos da União e estados devem acorçoar.

Os trabalhos de estatística, que apparecem no paiz sobre a produção e consumo dos generos nacionaes, são organizados nas praças estrangeiras que importam taes generos e utilizam-se desses elementos em proveito proprio e com prejuizo dos productos nacionaes.

Si não curar-se das providencias apontadas, continuarão os mercados brasileiros, sem orientação em constantes e arbitrarías pretensões, devidas ao dominio absoluto das praças estrangeiras, para onde se exportam e residem os nossos productos.

Com a realisação do serviço regular de estatística commercial e agricola, conseguirão os poderes publicos, o commercio e a lavoura o fundamento seguro sobre que deve repousar a organização financeira e economica do paiz e o meio seguro e proficuo do fazel-o attingar, com dados certos, á maior proporzidade.

D) Regularisação dos impostos, delimitando-se e discriminando-se os que podem ser lançados e cobrados pela União, pelos Estados e pelos municípios—supprimindo-se, logo, os impostos inter-municipaes e inter-estadoaes e substituindo-se, gradativamente, o imposto de exportação pelo territorial ou outro que não atrophie a produção de nossos industriaes.

É preciso que o Congresso Nacional legisle, a respeito, discriminando os impostos da alçada da União da dos Estados e Municípios.

A memoria apresentada a este Congresso de Agricultura pelo Sr. Dr. Jeronymo de Castro Alves Magalhães, bem evidencia os inconvenientes da cobrança dos impostos inter-municipaes e inter-estadoaes, que dificultam a circulação dos productos de nossos industriaes, para serem negociados.

É necessario—na crise por que está passando a lavoura—libertal-a, o mais possivel, dos onus que a aggravam.

As principaes fontes de receita dos Estados são os impostos de exportação e da transmissão da propriedade.

Os economistas, porém, condemnam aquella contribuição, que, paga pelo productor ou pelo exportador, recahe sempre sobre o preço do genero, encarecendo o e o embaraçando o augmento de seu consumo.

O notavel economista *René Stoum*, na sua obra sobre os impostos, demonstra esta verdade :

« Não se pôde affirmar que o imposto incide effectivamente sobre o productor ou sobre o consumidor.

É natural e mais provavel que a incidencia effectiva coincida com a incidencia legal ; mas nem sempre dependendo das condições do mercado, subordinado á lei da oferta e da procura.

São taes as evoluções da incidencia tributaria que, afinal, o imposto, por assim dizer, funde-se no preço da mercadoria, não se podendo affirmar quem foi o tributado. »

Do imposto de exportação estão isentos os proprietarios que não cultivam as suas terras e os que não exportam os productos de suas industrias, recadando, sómente, sobre o productor laborioso, o que é uma injustiça.

Além dos onus dessa contribuição, que concorre para elevação dos preços dos generos nacionaes, o systema de sua cobrança ou arrecadação, executada pelos Estados, o torna mais vexatorio e prejudicial aos productores, como bem demonstrou o Dr. Sylvio Rangel em seu minucioso trabalho, apresentado a este Congresso agricola.

Os Estados precisam decretar o imposto territorial, gradativamente, de modo justo e equitativo, em substituição do de exportação e como meio seguro para parcelar os latifundios, creando a democracia rural. Não tem essa contribuição, perante a economia politica, contra justificativa que não o augmento da valorisação do sólo pelos melhoramentos de ordem publica, e a obrigação que cabe ao proprietario de compensar a somma dispendida com taes melhoramentos, que o collocam em situação excepcional em face dos possuidores de terras que não foram igualmente beneficiados.

Si o governo dá ao proprietario viação facil, vias navegaveis, canaes, estradas de rodagem que approximam os centros de produção dos mercados consumidores, o proprietario deve dar-lho, por sua vez, modica contribuição que representa os juros do capital dispendido para valorisar outro capital—a terra.

Assim o imposto territorial não pôde, com justiça, applicar-se a terras situadas a grandes distancias das vias de communicações sem

melhoramentos de ordem alguma, onde se torne impossíveis explorações remuneradoras pelas dificuldades dos meios de transporte.

Estas considerações têm actuado no espirito dos nossos politicos que têm tentado estabelecer, entre nós, o imposto territorial.

O conselheiro Lafayette, no seu luminoso relatório, em 1884, escrevem:— o imposto só deverá comprehender as propriedades territoriaes sitas nos municipios servidos por ferro-vias ou navegação fluvial constante; admittido como base para a sua applicação o valor venal da propriedade.

E' preciso que o Governo realise tratados internacionaes de commercio, em favor das taxas aduaneiras e de convenios entre todos os paizes productores dos principaes generos similares ao de produção nacional.

E) Trabalhadores aptos para o serviço das industrias com remuneração proporcional aos resultados de seus trabalhos.

Não admira a falta de braços que ha no paiz, desde que se attenda á enorme desproporção entre a superficie de nosso solo e a população que o habita.

Além disso, observa-se que a maior somma de actividade nacional não propende para a nossa primeira industria—a lavoura.

Além das medidas para augmentar os trabalhadores reclamados pela lavoura— aproveitando os braços nacionaes pela repressão da ociosidade e da empregomania—é indispensavel—os governos estaduais e dos fazendeiros promoverem a colonização estrangeira, encaminhando para os seus territorios colonos morigerados, ateis e habituados aos respectivos trabalhos, que se submettam ao systema de parceria, com proveito para si e para os seus patrões, attendendo aos elevados salarios pagos pelos serviços feitos a jornal, devidos á carestia da alimentação importada pelo não cultivo de cereaes e pela falta de criação de animaes.

Assim os colonos poderão elevar-se a proprietarios, creando prosperos centros agri-

colas, sob o influxo da polycultura e da distribuição methodica e racional das terras.

Além de trabalhadores agricolas, a lavoura precisa de machinismos aperfeiçoados, cuja applicação dispensará grande numero de braços, realisando, concomitantemente economia de tempo e de capitães.

Sem pessoal e machinismos não ha trabalho agricola, e, pois, preciso facilitar á lavoura esses meios de trabalho e produção.

Torna-se necessario os Governos instituirem premios annuaes aos productores agricolas, que apresentarem productos de grande acceptação, nos mercados consumidores.

F) Communicações facis, viação regular e modica para que o commercio possa trocar os productos nacionaes, dentro do paiz, com os dos outros povos do mundo.

Torna-se indispensavel melhorar a nossa viação, no seu conjunto, attendendo, principalmente, ás condições de justiça e equidade nos fretes, rapidez, segurança, conforto e polleciamento.

E' ro capital a criação de populações sem previa abertura de caminhos ou de fideis transportes.

Para progredirem as populações é preciso que sejam os fretes dos transportes de mercadorias equitativos e modicos, o mais possivel, de forma a estimular o augmento de seus habitantes e a troca de seus productos, com o que só tem a lucrar as respectivas empresas.

A regular, activa, accelerada e moralisada viação do interior de um paiz deve prolongar-se no exterior, não só por meio de bem construidas e economicas ferro-vias internacionaes de maxima velocidade, com precisão de serviço e horario, como tambem pela regular, rapida e confortavel navegação, pela construcção de docas e pela illuminação das costas por pharóes, afim de satisfazer os interesses maritimos e commerciaes.

E' mister levantar a marinha mercante

nacional pela revisão das leis sobre cubotagem.

Póde-se assegurar, que o paiz bem servido de viação e de hospitaleiro accesso, ha de facilmente povoar-se e ser cultivado pela iniciativa particular, sem precisar quasi do recurso official.

6) Organização de syndicatos agricolas, para darem realização pratica ás medidas que satisfaçam as verdadeiras necessidades da lavoura, inclusive o estabelecimento regular do credito real e agricola, para que os productos, com garantia de seus bens, possam dispor de capital e credito de que tanto precisam para libertarem-se dos embaraços que retardam os seus movimentos, com enorme prejuizo nacional.

Pareco-nos que o plano de syndicatos agricolas, apresentado a este Congresso pelo distincto Dr. Oliveira Bello, deve ser accedido com as modificações que forem reconhecidas necessarias.

O lavrador isolado nada conseguirá, ao passo que, fortemente aggremlado, conforme aquelle plano, compenetrado, seriamente, do espirito de associação, tudo pôde conseguir em prol de sua classe e do paiz.

Os syndicatos agricolas, moldados sob o typo dos congeneros francezes, podem conseguir o aperfeçoamento nos processos de beneficiar e acondicionar os principaes generos nacionaes e tambem a regularização da exportação desses generos dos centros de producção para os nossos mercados de exportação, obtendo a creação de armazens especiaes que sirvam de entrepostos desses generos naquelles centros e nestes mercados. Esses entrepostos precisam ter credito a administrações moralizadas e idoneas para que possam emittir os necessarios certificados de deposito a *warrant*.

No Brazil o credito acha-se desorganizado, com prejuizo do commercio e das industrias; e a lavoura não terá facilidade de credito

enquanto não for restabelecido o credito bancario do paiz, como bem evidencia o illustre Dr. Mattoso Camara no seu trabalho, a respeito, apresentado neste Congresso.

Não tem o paiz, presentemente, nenhum banco emissor de nota conversivel, verdadeira medida commum de valores, para regularisar, como é proelso, o nosso meio circulante, alargando e retrahindo a sua circulação, de accordo com as necessidades reais das nossas praças.

Temos Estados sem nenhum banco; ao passo que as nações ricas não crêam colonias, mesmo nos desertos, sem estabelecerem logo institutos de credito indispensaveis fomentadores do movimento industrial e commercial dos povos.

Os bancos nacionaes de deposito e desconto que existiam, nesta Capital e em alguns dos principaes Estados, Impuisionando o movimento nacional e prestando valiosos serviços ao poder publico, se não desappareceram, arrastam a vida ingloria das moratorias, das liquidações e da paralyzação dos negocios.

Não temos institutos de credito agricola, e os poucos que existem de credito real não podem prestar os serviços que são destinados a promover ás nossas industrias, por carencia de capital e de credito.

Existe, ha pouco tempo, nesta praça, um banco hypothecario belga, que só faz emprestimo em moeda metallica com garantias de propriedades urbanas. O seu capital é estrangeiro e os seus titulos são tambem negociados nas praças estrangeiras de abundantes capitaes, onde encontram facil collocação como bons titulos de renda.

Lastimamos que não existam, no paiz, muitos desses estabelecimentos, em pleno exercicio de credito real, fazendo emprestimos hypothecarios e rraes.

A actividade e progresso da agricultura dependem da boa organização do credito real e do credito agricola.

O credito real visa o melhoramento directo e a mobilisação do sólo ; o credito agricola fomenta e auxilia as culturas e as operações annuaes da lavoura precisas á sua producção.

Os institutos de credito real são verdadeiros intermediarios entre os capitalistas e os proprietarios que precisam de dinheiro, com garantia de bens, que hypothecados, os seus valores, são representados pela *letra hypothecaria* emitida por esses institutos.

Depende, pois, a vida desses bancos do seu elemento essencial, a *letra hypothecaria* que só pôde ser implantada e acclimada na crença, por uma instituição bastante moralisada, forte e prestigiada para impôr-se á confiança publica.

Presentemente não se pôde cogitar no Brasil da realisação pratica do credito real com capitães nacionaes.

Credito agricola

São moveis pela lei, ordinariamente, os bens possuidos pela pequena e pela média lavoura.

Poderá o credor achar-se garantido com esses bens, que não são susceptíveis da hypotheca.

Os fructos pendentes e os fructos armazenados, dados em penhor, não são reputados como verdadeira garantia, desde que lleam em poder do dono, que com elles obtém dinheiro por emprestimo, sujeitando-se ás leis penaes vigentes.

Os capitalistas e banqueiros, em geral, entendem nada garantir o objecto penhorado, que llea em poder do proprio dono.

Elucida o assumpto o Dr. João Cardoso de Menezes, no seu livro sobre colonisação :

« O direito real que se chama penhor não é juridicamente constituído, senão depois da entrega *real ou symbolica* do objecto empenhado do credor, que llea com a detenção ou posse natural deile.

Si o lavrador dêr em penhor os seus

instrumentos de trabalho, como realizará a colheita de que precisa para acudir ás necessidades da sua lavoura ?

E' obviada essa difficuldade, sem deslocação ou independencia da tradição real feita com a *clausula constituta*, por meio do deposito de um conhecimento nas mãos do credor e mediante inscripção no registro hypothecario. »

A commissão de Inquerito sobre a lavoura em França, dizia : « O penhor deixado nas mãos do lavrador poderá algumas vezes ser deteriorado ou subtraído ; e, sem duvida, estabelecida, sem publicidade, não collocará as ontras pessoas ao abrigo de toda a fraude. »

Mas, por certas conveniencias, o mutuante accitando-o, seguirá a fé do devedor, fazendo com que este penhor imperfeito, no qual o direito de preferencia não é corroborado pelo direito de retenção e sequella elleazas, faculto credito ás pessoas, cuja moralidade seja de natureza a tranquillisar o credor.

« Dentro desses limites o penhor é util, permittindo a cultura entrar em relação directa com os capitalistas.

Nos lugares onde elle não erêa o credito fortifica-o e augmenta-o, sem offerecer nenhum inconveniente sério, desde que haja quem o accite.

O penhor agricola constituo, assim, mais um dos processos que afastarão para o mutuante o risco que o leva a retrahir os capitães e facilitará o credito do mutuário, sem privar-o dos instrumentos materiaes do trabalho, que, por essa fórma, llearão servindo de garantia. »

Os capitães retrahidos da lavoura, por desconfiança, acham lucrativa remuneração nos títulos commerciaes, industriaes e da divida publica.

O capital, sempre meticoloso, prefere o devedor commerciante, que ás vezes só tem o credito pessoal, ao lavrador, que tem a posse plena de sua propriedade territorial,

cultivada com fundada esperança de valiosa colheita.

E' que o negociante, além de sujeito ao código commercial, estando sob a diaria inspecção ocular do credor, garante-lhe a pontualidade do pagamento e a rapidez da cobrança no pelor dos casos.

D'onde se conclue a necessidade dos institutos do credito agrícola, junto aos centros productores, para que sejam os títulos da lavoura, que muito depende do credito pessoal do mutuario, accetos e procurados em concorrência com os bons títulos commerciaes e publicos.

Jusséau, quando relator da comissão franceza de inquerito sobre a lavoura, não acreditava que aquellas medidas sob o penhor agrícola, por mais sábias e providentes que fossem, pudessem trazer á agricultura, por menor taxa que ao commercio e ás outras industrias, os capitães do que ella precisava.

Reconhecem, praticamente, o contrario, verificando que a accettazione dos títulos agricolas deponde de causas economicas e moraes, como a mudancia de numerario, os bons costumes e a solvabilidade dos cultivadores.

Dizia aquelle relator—approximar a agricultura, nas condições em que se acha, aos dous ramos de actividade humana, o commercio e as outras industrias, tal é o nucleo fim, verdadeiramente pratico, tal é o nucleo problema, cuja solução possa ser acceita pela razão e pela sciencia.

O Brasil precisa, sem demora, realisar não sabio e benéfico conceito, legislando para que os lavradores fiquem sujeitos ao código commercial, desde que as suas propriedades rurales sejam de valor superior a vinte contos.

Segundo as idéas de *Bucher*, os bancos populares pretendem formar um capital social inalienavel, indissolvel, que atravesse a successão das gerações, creando um futuro

tranquillisador ás classes operarias associadas.

Todos os lucros e prejuizos desses bancos são levados ao fundo de reserva, verdadeiro volante que regularisa os movimentos de tão simples mecanismo bancario.

O fundador dos bancos populares na Italia, commendador *Luszatti*, comparou esses estabelecimentos, no seu huico, a cellulas de credito que, reunidas, formam locellos cellulares, verdadeiros organismos fortes e pujantes, como os que existem naquelle reino, onde os bancos populares de Milão, servindo de centro dos bancos das pequenas povoações no ralo de suas circumscrições, têm adquirido proporções collossaes de capital e credito.

Os bancos populares do systema *Schulze-Delitzsch*, diffundidos na Allemanha e nos outros paizes da Europa, têm como principaes clientes, os operarios e as classes menos abastadas que vivem dos salarios e de pequenas produções.

O burgo-mestre allemão *Frederico Guétherme Rafféinsen*, desejando bem facilitar credito ao operario e ao agricultor-ensaiador, creou e propagou as caixas rurales de emprestimo.

Essas caixas são constituidas com a solidariedade e responsabilidade illimitada de seus membros, a quem fazem emprestimos para empregos determinados e de necessidade, com remuneração comprovada, circunscrevendo, cada uma das caixas sua acção a territorio limitado, onde, funcionando nos centros, possa fiscalisar a devida applicação dos dinheiros que empresta, o procedimento moral e o estado financeiro de seus associados devedores.

As caixas de typo *Rafféinsen*, que formam hoje a importante união de associação agrícola da Allemanha, são verdadeiras sociedades cooperativas de credito popular agrícola ou sociedades mutuas de pessoal e capital variavel, cujo fim é supprir recursos aos

sous membros para o cultivo da terra e exploração das indústrias rurais.

Os proprietários que têm garantias reais, associados a essas úteis instituições também se utilizam do credito dessas caixas.

Considera *Wollemberg* as caixas rurais de *Raffinsen* a espinha dorsal do systema de credito popular, declarando que, assim como a série ligada de pontos formam as linhas, as superfícies e os volumes geometricos, assim também essas pequenas caixas autonomas, reunidas pelos laços da federação á caixa central respectiva como a União das caixas rurais agricolas em *Nessved*, formam poderosos elementos, verdadeiras forças impulsoras e indicativas do desenvolvimento material e moral das nações.

Louis Durand, autor do livro *Credito agricola na França e no estrangeiro*—declara que esses institutos realçam admiravelmente o credito rural, dando solução pratica a tão difficil problema.

Despertam essas moralizadas caixas, no proletariado, o principio da economia que accumulada e empregada, com segurança, ainda a juros modicos, formam sommas avultadas, transformando muitos dos seus associados em capitalistas, cautelosos de seus haveres e pugnadores da solidez e dos interesses do instituto, onde conseguiram fortuna.

O primeiro benefício dessas caixas foi o de pôr ao alcance das classes pobres, mediante diminuta contribuição, os capitães necessarios para sustentarem e melhorarem o trabalho.

A quota maxima de entrada era de 1,50 de franco e a quotisação mensal 0,25 de franco. Hoje ainda é menor a contribuição dos associados em algumas dessas caixas.

Essas diminutas quotas, que montam a milhões, em vista do grande numero dos contribuintes, são os elementos da formação do capital social, fundo em circulação e de reserva.

Avintam também as sommas depositadas em tão modestos e úteis institutos, que ca-

pitalizam as contribuições e lucros que obtêm.

Tão pequeno capital, fructificando lenta e firmemente, acostuma o pobre ao espirito de sobriedade e á previdencia; sendo bastante esse tenne elemento de credito, esse modesto principio de capital para dar ao associado idéa do que pôde valer o resultado do trabalho, reproduzindo-se pela economia.

Assim, essas caixas rurais geram confiança na iniciativa individual, na força e productibilidade do trabalho de cada um, ensinando o povo a ter confiança no seu proprio valor e na influencia de seus recursos economicos sobre o seu bem-estar e sobre a riqueza social.

Graças á essa instituição, o capitalista, que fecharia o seu cofre ao individuo isolado, não hesita em confiar fundos á associação, na qual os prejuizos dos socios que fallecem, enfermam ou fazem máos negocios, são compensados pelos lucros dos muitos que prosperam, vindo esta prosperidade manter o equilibrio, que sempre tem em vista a sua directoria.

Nos seus trabalhos sobre bancos, *Wolowski* reconhece que as economias dos habitantes dos campos ou do interior contribuem para alimentar o credito industrial ou commercial mais, do que os capitães das cidades para satisfazer ás necessidades agricolas.

Os bancos communs de credito só procuram averiguar a solvencia dos pretendentes a empréstimos e as garantias que offerecem.

As caixas rurais de *Raffinsen*, porém, proenram saber ainda mais, a applicação que vai ler o empréstimo pedido, os meios seguros em que confia o pretendente para amortizal-o e pagal-o no prazo estipulado, afim de bem reconhecer si pôde elle desempenhar o compromisso que deseja contrahir.

Essas caixas fazem transacções por meio de cheques e de saques, entre si e com as caixas

contractos, ás quaes estão ligadas por contractos, depositando nellas os seus fundos, e encarregando-as de promoverem as operações de *del credere* e outras, que lhes facilitam os recursos precisos ás suas transacções.

Com o organismo dessas caixas locais, dirigidas e fiscalizadas pelo município e prohibida a pessoal das localidades, constituiu-se o poderoso systema das mutualidades de *Raffenssen*, com apoio e movimento nas caixas contractos, que, por sua vez, fortalecidas pelos laços de união com as outras caixas, melhor dispõem de recursos e credito para acudir ás operações criteriosas que animam o desenvolvimento industrial, artistico e commercial das respectivas zonas.

Taes caixas autonomas e descentralizadas funcionarão em circumscripções illimitadas, ligadas pelos laços da federação ou dos contractos, no intuito de melhor ampliarem os recursos e credits necessarios ao desenvolvimento de suas operações.

A experiencia tem demonstrado que essa natural criteriosa organização do credito, a que mal, fluminense, se dissemina no interior dos paizes, fazendo empréstimos até sob a garantia do credito pessoal, são as mais apropriadas para realizarem o credito agrícola.

São inestimaveis as positivas vantagens que adquirem os paizes, onde têm medrado essas populares e adiantadas instituições do credito, que servem beneficemente as classes médias sociais, concorrendo para o parcelamento da terra, criando assim a pequena propriedade.

Em todos os povos civilizados existem caixas economicas, e onde ellas medravem, não de medrar com melhor exito as caixas de *Raffenssen*.

Foi como responderam L. Wollenberg, Ludvico de Besso e D'Andrimont aos que julgavam não poder prosperar, em muitos paizes tão democratica instituição de credito.

A differença essencial entre essas caixas

do povo e as caixas economicas dos Estados é que nestas o proletario, o operario e o agricultor não auferem, como naquellas, das sommas depositadas, qualquer soccorro para fundação e melhora do seus trabalhos.

Representam as caixas de *Raffenssen* o mais notavel esforço feito pelas populações operarias e agricolas para melhoramento da propria sorte.

Esse systema de credito é um elemento de prosperidade e um exemplo a seguir no mundo civilizado; e no nosso paiz é uma necessidade imperiosa a satisfazer para dar-se realização pratica ao credito agrícola anciosamente reclamado pela nossa lavoura.

O honrado Dr. Bernardino de Campos, quando Ministro da Fazenda, com nitida comprehensão da necessidade de ampliar e valorisar a produção nacional, para melhorar a situação economica e financeira do paiz, em seus relatorios demonstrou com desenvolvimento a necessidade da criação, no Brasil, desse tão simples e util systema de credito.

Não temos legislação apropriada para adoptar-se, no paiz, esse typo especial de credito. Essa falta, será, porém, obviada, cabalmente, si o Congresso Nacional, baseado no seu patriotismo — entender adoptar — transformando-o em lei promulgada pelo poder executivo o bem elaborado projecto, a respeito, apresentado pelo Ilustre Dr. Fabio Leal Nunes a este Congresso agrícola.

Decretada essa lei, tão necessaria e reclamada, não será demorada a organização das mutualidades do typo alludido, o que mais utilidade e beneficios pôde trazer á lavoura.

Existe no Senado Federal, dependendo de parecer da respectiva commissão, um projecto de lei, apresentado pelo senador estadual de S. Paulo, Laercia Franco, autor de um trabalho impresso a respeito.

Outros projectos sobre o assumpto têm sido apresentados a este Congresso agrícola, que os estuda.

É indispensavel que este Congresso, onde se acham reunidos homens praticos, com

verdadeira orientação das necessidades da lavoura, não deixa de obter, como um dos principaes resultados de seus trabalhos e esforços, a lei especial que autorise a criação dessas beneficentes mutualidades.

— Em satisfação do § 2º do art. 8º, do regulamento deste Congresso, extornamos des-cavolvimento, as causas da crise da lavoura e os meios que reputamos praticos para attenual-as, com a precisa urgencia.

Como preceitua o art. 5º do regulamento Interno deste Congresso, passamos a formular as conclusões do nosso trabalho.

Para attenuar e sanar a crise da lavoura, as medidas aconselhadas pelos mestres e reclamadas pela experiencia, são, em synthese:

A

— Disseminação pela lavoura dos conhecimentos profissionais praticos e da utilização dos processos e instrumentos apropriados, cuja applicação dispensará, concomittantemente, economia de tempo e de dinheiro na exploração do sólo pela polycultura.

B

— Divisão da propriedade e mobilização do sólo pela applicação da lei *Torrens*, ou pelas inscrições das propriedades em registros publicos, que forneçam os devidos titulos ao portador, afim de serem esses titulos, com promptidão, negociados e transferidos por eudosso ;

C

— Creação de estatísticas agricola e commercial para conhecimento da média da produção e do consumo dos productos da lavoura, afim de que os seus verdadeiros valores possam ser determinados pelas relações entre a procura e a offerta.

D

— Regulamentação dos impostos, definindo-se e discriminando-se os que podem ser lançados e cobrados pela União, pelos Estados e pelas Municipalidades, supprimindo-se, logo, os impostos inter-municipaes e inter-estadaes, e substituindo-se gradativamente

o imposto de exportação pelo territorial ou qualquer outro que não atrophie a produção.

E

— Aquisição de trabalhadores nacionaes e estrangeiros, aptos para o serviço da lavoura, pelo systema de parceria— a que os remunera, proporcionalmente, aos resultados reaes de seus trabalhos.

F

— Facilidade de communicações — viação regular e modica, com abaixamento, tanto quanto possivel, das tarifas actuaes, para que a lavoura possa, sem demora, trocar os seus productos dentro do paiz e no estrangeiro.

G

— Organização de syndicatos agricolas que procurem a realisação pratica e urgente das medidas tendentes a satisfazer as verdadeiras necessidades da lavoura— Inclusive o estabelecimento do credito agricola pelo systema *Raffinsen*.

Esses syndicatos, moldados sob o typo dos congeneres francezes, devem procurar conseguir o aperfeçoamento nos processos de beneficiar e acondicionar os principaes generos nacionaes e tambem a regularisação da exportação desses generos, dos centros de produção para os mercados de exportação obtendo a criação de entrepostos, que emitam certificados de deposito e *warrant*.

— Provalo o excesso de produção de café sobre o consumo, tem sido lembrada a inutilisação, pela queima, desse excesso calculado em 4 milhões de saccas, para valorisar a parte restante, excitando-se, assim, a procura desse genero nos mercados consumidores.

Não acreditamos na efficacia dessa medida, maxime nas deprimentes condições de dependencia da nossa lavoura dos monopolisadores de seus productos.

Reduzidas a 10 milhões de saccas ou a menos, como se espera, as colheitas futuras, embora o consumo universal, que tem

augmentado em progressão crescente, estabelece em 15 milhões de saccas, o excesso de café existente no mundo será devidamente valorisado.

No caso contrario, em lugar da redução pela queima, julgamos preferivel fazer-se effeaz e criteriosa propaganda para o atarugamento do consumo desse genero, utilissimo á humanidade e consumido em tão diminuta quantidade.

A quantidade de café a queimar, para valorisar a parte restante, pôde ser vendida, mesmo a preços inflmos, e o seu producto applicado áquella propaganda e á realização de outras medidas tendentes a methorar e valorisar toda a produção deste genero.

Para isso os lavradores, dispondo, cada um, de 20 % de suas colheitas, metade do que deviam queimar, teriam 2 milhões de saccas, que vendidas, ao preço mínimo, de 1 £, ouro, por sacca, obteriam 2 milhões de libras.

Com esse capital bem podem ser desenvolvidos os syndicatos agricolas e estabelecido, com base solida, o credito agricola.

Reputamos as medidas mencionadas sob as letras G, F e D as medidas urgentemente reclamadas pela lavoura.

Algumas das medidas apontadas dependem da iniciativa particular, outras dependem dos governos da União e dos Estados.

Para realização dessas medidas são precisos a propaganda tenaz, o esforço continuo e a boa vontade de toda a imprensa e dos braziteiros, que comprehendam ser indispensavel desenvolver o palz as suas rendas naturalmente, pelo augmento da produção, de fórma a satisfazer as suas despezas e ter saldo para empregar no desenvolvimento progressivo de sua civilização, libertando-se assim dos prejuizes do cambio e conquistando a verdadeira autonomia e independencia.

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1901.—
José Ferreira Ramos.

REPRESENTAÇÃO da Associação dos Agricultores do Município de Valença á Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

Do Sr. SYLVIO RANGEL.

Illms. e Exms. Srs. Presidente e mais membros da Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

A Associação dos Agricultores do Município de Valença, no exercicio de uma de suas attribuições organicas, vem respeitosamente solicitar da illustra Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro providencias no sentido de serem dadas garantias contra o latrocínio e a vadiagem, que campeiam impunes e assolam as propriedades ruraes do Estado, garantias, aliás, prometidas pela Constituição e cuja effectividade preoccupa certamente os poderes publicos, como uma ineluctavel necessidade, a bem da civilização e dos interesses moral e material da sociedade.

Ninguem, Exms. Srs., que conheça a vida actual da lavoura, nenhum de vós que, porventura, percorra as nossas propriedades ruraes, no intuito de colher os elementos praticos tão uteis para inspirar a conducta do legislador imparcial e patriota, ninguém, diremos nós, deixará de perceber o estado eminentemente desolador em que se acha a lavoura fluminense, victimada por uma serie de verdadeiras catamidades, cada uma das quaes por si só seria bastante para o seu aniquilamento completo em curto prazo.

Não é nosso intuito, Exms. Srs., amarrar a effeito, carregando as côres, já de si bem negras, do quadro dos infortunios que pesam sobre a lavoura do Estado; não pretendemos, com a exposição franca e leal da situação da agricultura fluminense, attrahir as sympathias que inspiram as lagrimas, a compaixão que despertam os soffrimentos. Conscientes dos deveres arduos que nos impõe o patriotismo, não os empriamos cabalmente se deixassemos, indifferentes, correr á revolta os direitos que nos assistem como parte integrante do organismo estadual. R' as sim

que vimos, não pedir auxílios ou favores que vão pesar sobre os cofres publicos ou contrariar interesses legítimos da commu-
nhão, mas unicamente solicitar a effectividade das garantias prometidas aos cidadãos pelas leis organicas do Paiz e do Estado e que só por estes — administradores dos bens communs e indivisos da sociedade — podem ser dadas. Nos tornaríamos demasiadamente confidinhos, Exms. Srs., si procrassemos, na medida de nossa bem limitada competencia, fazer-vos uma exposição tão minuciosa quanto seria, talvez, necessario, dos males que pesam impiedosamente sobre a lavoura fluminense; demais, as queixas, mais ou menos fundamentadas que surgem por toda a parte e de que a imprensa diariamente se torna eco, os desastres que dia a dia registra a historia agricola do Estado, seriam, por si só, elementos bastante valiosos para o vosso alto julgamento, si não tivessem no decrescimento assustador das rendas publicas a confirmação positiva do aniquilamento da produção.

Muitas são, por certo, as causas determinantes do mal que ora afflige a agricultura; mas ao observador imparcial e consciencioso, aquelles que com justiça sabem distinguir e apreciar os effeitos e as suas causas, não poderá escapar a causa efficiente da actual situação da lavoura, a razão primordial da aggravação dos males que sobre ella pesam—a sua completa desorganização.

Esta é effectivamente a causa primeira da perturbação economica de nossa vida agricola.

Estudemos os factos.

Segundo nos ensina a sciencia economica, o capital, a terra e o trabalho são os grandes factores da produção da riqueza; o elemento indispensavel ao desenvolvimento desta, o regulador, si assim nos podemos exprimir, da lei da offerta e da procura, o nivelador, enfim, dos preços, é a circulação; a condição essencial á existencia de todo o regimen economico é, sem a menor duvida, a garantia effectiva e efficaz da ordem, da

propriedade e da justiça, sem a qual é impossivel o progresso.

Em synthese, a condição para a produção e o desenvolvimento da riqueza publica está exactamente no concurso harmonico dos factores — capital, terra e trabalho—servidos por uma ampla circulação, sob um regimen de ordem e de justiça, de garantias, enfim, dos direitos Individuaes e collectivos.

Com excepção da terra, todos os outros elementos necessarios ao desenvolvimento normal da produção, si não faltam por completo, escasseiam, pelo menos, de modo patente e indiscutivel para a agricultura fluminense.

O capital foge de nós, o trabalho desaparece de dia para dia, pela completa desorganização em que está, a circulação é entravada pela imprestabilidade da viação, quer estadoal, quer municipal, pelas altas tarifas ferroviarias e pelos onerosos impostos sobre a exportação; a ordem e as garantias da propriedade periclitam a cada instante pela falta de agentes que as façam respeitar, o latrocínio e a vadiagem, sem correctivos, qualisun das propriedades ruras para as tavernas, que surgem por toda a parte, consideravel porção dos productos penosamente obtidos pelo agricultor desprotegido.

Tal é situação da lavoura fluminense.

Sem organização, sem garantias, a crise economica e financeira que assoberba a Nação cabe sobre ella com a impetuosidade da peste nos organismos deprimidos, vence as suas ultimas resistencias, leva á cachexia e quiçá á morte, termo final de sua dolorosa existencia.

Deante deste quadro lugubre, que ninguém de boa fé ousará contestar, a Associação dos Agricultores de Valença vêm, Srs. Representantes do Estado, appellar para o vosso reconhecido patriotismo, solicitar de vossa sabedoria a decretação de medidas indispensaveis e urgentes á reconstituição da lavoura e que por sua natureza escapam á competencia e iniciativa dos lavradores.

Des elementos que nos faltam para a reall-

zação deste objectivo — capital, trabalho, circulação e garantias da ordem e da propriedade — o primeiro é, certamente, o que menos nos preoccupa.

Conhecemos a sua índole, sabemos quaes as suas preferencias. Elle virá cêfalo para nós no momento em que se sentir bem em nosso meio, quando vir o trabalho garantido contra a vadiagem e a depredação, quando os falsos amigos da lavoura abandonarem a vereda escabrosa na qual, sob pretexto do garantil-a, fazem della fugir o credito.

De todos os elementos de que carece a lavoura, a circulação é, certamente, o de mais delicada solução. Para esta se fez necessario o concurso combinado da União pelas tarifas ferroviarias, do Estado, por estas e pelos impostos de exportação, e das Municipalidades pela organização e custeio da viação municipal.

Não pretendemos que de momento possa o Estado abrir mão do mais poderoso factor de sua renda, mas ousamos acreditar que o bom senso do legislador fluminense a serviço do seu patriotismo procurará gradualmente substituir os insupportaveis impostos sobre a produção e saberá prestar não forte ás empobrecidas municipalidades para a restauração de sua hoje imprestavel viação e neste caso, podemos affirmar, o agricultor fluminense não regateará o seu decidido concurso á obra das mesmas Municipalidades.

Restam-nos, finalmente, o trabalho e as garantias da ordem e da propriedade.

É verdade corrente que a lavoura arca com as difficuldades inherentes á falta de braços para o trabalho. Reconhecendo o facto e procurando minorar seu effeito, o governo estadual, não ha muito, promoveu a immigração para o Estado, fazendo vir com grande dispendio levas de hespanhóes e italianos que foram distribuidos pelas fazendas.

O resultado deste tentamen não se fez esperar.

Talvez não exaggeremos affirmando que

não existem hoje domiciliados no Estado dez por cento desses immigrants.

A razão deste facto é obvia.

Assim como não se começa a construcção de um edificio pela cumoira e nao se funde uma estatua sem preparar-lhe o molde, assim tambem não se consogulrá uma colonisação laboriosa sem préviamente regular as relações dos colonos, *maxime* quando, provindo estes de classes de baixa educação de paizes onde o regimen do trabalho chega até á compressão pelas exigencias, é certo, da ordem moral e material, são atrahidos em um meio completamente opposto, o dos nossos trabalhadores agricolas, em que a dissolução dos costumes, o desrespeito á lei e ao direito tendem a desenvolver-se, graças — é força dizel-o — á tolerancia das autoridades e fronzidão das leis.

O systema de colonisação que se pretendou adoptar foi o de parceria ou simples trabalhadores, bem diverso do adoptado com vantagem nas antigas provincias do Sul, onde o immigrant ao chegar se tornava proprietario do lote de terras que lhe era distribuido. Ainda assim aquelles que acompanhavam este serviço alli sabem quantos milhares de contos de réis custou elle ao Thezouro publico, quantas dezenas de milhares de individuos abandonaram seus lotes e emigravam e quantos milhares até hoje não pagaram os mesmos lotes, apezar dos auxilios que lhes eram prestados nos primeiros seis mezes de sua estadia e do infimo preço (meio real por braça quadrada) por que lhes foram elles vendidos.

Alli foi o regimen da pequena propriedade que dominou; fez-se do immigrant ao chegar um pequeno proprietario intelramente autónomo; aqui, como em S. Paulo e Minas, a agricultura é constituida pela grande propriedade, o immigrant é um operario, um contractador de serviços.

A dissemlhança das condições é, pois, patente; e si em S. Paulo a providencia de seus governos, auxiliada pelo estado florescente de novas culturas de café e pela grande

alta dos preços deste, permittindo aos agricultores pagar elevados salarios, e coneguido deter em seu territorio grande massa de colonos estrangeiros, a crisis que ora se estende até lá tem mostrado pelo exodo diario dessa população adventicia que alli, como aqui, o problema não está ainda resolvido.

Agora mesmo aquelle patriótico governo, sempre solícito em acaudelar os interesses da produção, na qual vê, com justiça, o mais legitimo interesse do Estado, faz grandes sacrificios para restituir á lavoura boa parte dos impostos que della recobe, sob a fórma de novos braços para substituir os que vão emigrando.

Entretanto, Exms. Srs., esta Associação acredita com bons fundamentos que, como quanto escasseiem os braços na lavoura fluminense, o aproveitamento dos que existem e que não se dedicam ao trabalho, tornando-se por isso improductivos e mesmo linestos á produção, elevaria ao duplo, quelgá ao triplo, essa produção e rediziria de muito o seu custo.

Quem inspirado nos sentimentos de justiça e despreocupado de preconceitos vir a quo ponto chegaram na zona agricola do Estado a vadiagem, o ronbo, a embriaguez e toda a serie de vícios repugnantes, que florescem protegidos pela impunidade, desde o balcão das tavernas até o interior dessas verdadeiras pocilgas a que dão o nome de casas; quem observar o grão a que attingiu o embrutecimento pelo alcool, a prostituição dos costumes, a miseria moral, enfim, do proletariado agricola, pasmará, certamente, ante o abandono a que tem sido entregue pelos poderes publicos essa infeliz classe de individuos, com prejuizo da riqueza publica, da moral social e manifesto desprezo do sentimento de solidariedade humana.

Constituida em grande parte por ex-oscraivos e seus descendentes, aos quaes, pela lei natural da attracção se juntaram os brancos, os mesticos e até estrangeiros, essa massa de individuos sahida de um regimen de oppressão, deslumbrou-se naturalmente

com a liberdade e cahiu desprotegida no abysmo de todos os vícios, com a soffreguidão do funilho com a descantela do biconsciente.

Dahi a situação em que hoje a vemos.

O generoso abolicionismo cansou a moleo caminho.

Atirou em escabroso penhasco antes inteiramente cegos, ignorantes e embrutecidos pelo servilismo e foi descansar sobre os louros de sua moleo victoria.

Os governos, por seu lado, sentindo-se livres do espinho que não lhes dava reponso, não mais quizeram pensar no misero negro e nos seus descendentes.

Comprehendo-se, Exms. Srs., sem grande esforço que esses milhares de individuos, com raras excepções, creados nas senzalas com os mesmos intuitos que guiam a criação das alimarias nos pastos, atirados do chôfre no solo da sociedade, não seriam mais uteis do que estas lançadas em cultivadas searas.

A ignorancia, o embrutecimento, os vícios immoderados, a serviço dos resentimentos mais ou menos justificados, são a consequencia fatal da imprevidencia dos governos e do abolicionismo e não affectam hoje aos, talvez, culpados do outrora, mas á sociedade inteira, á sua propria conservação.

Insistimos neste ponto por duas ponderosas razões: a primeira no intuito de lembrar á illustra Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro a conveniencia de tirar de seu selo uma commissão de inquerito que sem prevenções e preconceitos venha por si mesma julgar do que affirmamos; a segunda para respondermos com antecipaçaõ ás apostrophes, aliás bem fracas, dos pretendidos defensores da liberdade, que consciante ou inconsciente confundem-na com a depravaçaõ e com o menosprezo dos direitos da sociedade, assim como confundem o azorrage do traficante de escraivos com um contracto legal de locaçã de servlços.

Estes, seja-nos permittido dizel-o, gastam

o melhor do seu esforço na defesa da gloria e da honra da vadiagem, do roubo, do aviltamento de uma parte da Nação que tanto valem os seus protestos á toda a iniciativa para combir estes males, quando seus talentos e nobres sentimentos seriam realmente uteis á patria pugnando em favor do levantamento moral desta classe, incentivando-lhe o amor ao trabalho, o respeito á propriedade alheia, promovendo a instrucção de seus filhos, ensinando-lhes a respeitar e amar a familia, dando-lhes sentimentos de previdencia para garantir o futuro seu e de seus filhos, elevando-os, enfim, á altura de homens livres.

Quizeramos tambem que esses philanthropos, que, cercados das garantias que lhes são dadas nas cidades e que, aliás, são tão severos para com o visitante nocturno de seus poleiros, viessem assistir entre nós á elaboração desses futuros cidadãos que deixam a teta materna para pegar a botija de alcool, que desde os mais verdes annos são aproveitados como mais flexivel e manojavel instrumento das depredações nos vizinhos.

Na capital da Republica, no centro da civilisação Brasileira, onde estão accumulados todos os elementos de defesa do cidadão, reconhecem-se a necessidade urgente de garantir a ordem e a propriedade com leis mais summarias e effezos; e a lei Alfredo Pinto foi, por assim dizer, em um instante elaborada e decretada.

Entre nós regula a lei commum sem um só agente que a possa fazer respeitar.

A força publica, concentrada na capital do Estado, não fornece aos municipios mais do que as praças indisponiveis á deficiente vigilancia das cadeias e isto quando as fornece; as autoridades rurales são deixadas sem força e sem prestigio para se fazerem respeitar e as attribuições dos representantes da justiça publica estão a todo o momento impondo-lhes o dever indoclinavel de exigir e fazer observar as formulas casuisticas do processo crime.

Traga-se, porém, essa massa improductiva de cidadãos a colaborar como se na producção da riqueza publica, institua-se a policia rural para prevenir ou repellir o crime e a vadiagem, por um lado e a conter a propotencia de alguns por outro, e a agricultura fluminense terá dado o mais importante passo para a sua restauração.

Assim pensando e crendo que a exposiçáo, tão loal quanto verdadeira, que acaba de fazer, pesará no espirito esclarecido e imparcial do legislador fluminense, a Associação dos Agricultores do Municipio de Valença ousa esperar que essa illustre Assembléa se dignará promover a regulamentação necessaria a fazer cessar, quanto antes, a vadiagem e o latrocínio, os maiores males que pesam sobre a lavoura fluminense, creando a policia rural, elemento indispensavel para fazel-os conter.

Certo de que o empobrecido erario do Estado não poderá, nas actuaes circumstancias, custear este serviço, esta Associação pede venia para apresentar a essa illustre Assembléa as idéas que seguem, fructo do seu estudo sobre a materia e que poderão servir de subsidio ao estudo e ás resoluções do poder legislativo na parte que diz respeito á sua competencia.

Taes idéas podem ser resumidas nos seguintes itens :

1.º Creação de matricula nos municipios para todos os trabalhadores agricolas, meeiros ou parceiros em propriedades rurales, criados de servir, operarios de fabricas, artífices, feitores de serviços, administradores assalariados de propriedades agricolas ou pastoris, com excepção das mulheres casadas, vivendo sob o tecto conjugal e os filhos menores sob o paterno;

2.º Creação de um imposto annual e proporcional para os individuos das classes acima especificados, pagavel semestralmente á Municipalidade e destinado exclusivamente á manutenção da policia rural;

3.º Creação pelas Municipalidades de cadernetas de matricula em que serao pas-

sados os recibos do imposto e nos quaes os respectivos proprietarios poderão, si o quizerem, fazer registrar os seus contractos de locação de serviços, as contas correntes que tiverem com os contractadores de seus serviços, assim como os attestados de conducta, aptidão e moralidade que lhes aprouver solicitar destes;

4.º Creação da policia rural por secções de districtos, a cargo de chefes que por economia poderão accumular os cargos de fiscoes dos districtos, subordinados todos a um fiscal geral, por sua vez subordinado ao Presidente da Camara;

5.º Esta policia, que será essencialmente rural, será administrada pelo Presidente da Camara sob a fiscalização de um Conselho Superior constituído pelo mesmo Presidente, pelo Juiz de Direito da Comarca, pelo Delegado de Policia, pelo Juiz de Paz em exercicio e pelo immediato em votos ao Vereador geral menos votado;

6.º A juizo deste Conselho, em casos excepcionaes, poderá ser a direcção desta policia entregue á autoridade policial, que nunca a poderá retirar do respectivo districto nem concentrar-a nos povoados por mais de 24 horas;

7.º Serão creadas nos districtos commissões auxiliares de tres membros, sendo um nomeado pelo Presidente da Camara, outro pelo Juiz de Direito e outro pelo delegado de Policia e que terão por fim informar ao Conselho Superior sobre a conducta, em seus districtos, das praças de policia e sobre a boa ou má execução dada ao regulamento respectivo;

8.º Será expressamente estabelecido que as multas cobradas em virtude do respectivo regulamento serão levadas a um fundo especial destinado á creação de asylos profissionaes para os filhos de ambos os sexos dos individuos tributados pela lei.

9.º Regulamentar para o Estado a lei Alfredo Pinto;

A Associação dos Agricultores do Municipio de Valença tem fundadas razões, Exms.

Srs., para crer que com a adopção das medidas indicadas, que o criterio das Municipalidades saberá executar, tereis concorrido efficaçmente para desenvolver a produção e augmentar a fortuna publica, para levantar o nivel moral da população rural, para implantar nesta o sentimento da ordem e o respeito á lei e á justiça, para, omfim, elevar a agricultura fluminense ao logar que lhe compete como parte integrante de de um povo que se julga digno de merecer o titulo de civilisado.

PARCERES

Exm. Sr. Presidente da Comissão de Credito Agricola—O trabalho apresentado pelo Sr. Sylvio Rangcl o sobre o qual mandou V. Ex. que omittissemos parecer, é uma representação dirigida ao Governo e Assembléa Estadual do Rio de Janeiro pela Associação dos Agricultores do Municipio de Valença, reclamando modificação de medidas repressivas da valtagem, no intuito de attrahir braços para a lavoura.

Somos, pois, de parecer que por intermedio da Sociedade Nacional de Agricultura seja a representação enviada ao Governo do Estado do Rio de Janeiro. Merecem certamente a attenção do Estado muitas das importantes considerações apresentadas pela digna Associação dos Agricultores de Valença.

Rio, 24 de setembro de 1901.—*Mattoso Carneira*.—*José Ferreira Ramos*.—*Fabio Leal*.

Exm. Sr. Presidente da Comissão União do Credito Agricola.

O trabalho apresentado pelo Sr. Dr. Sylvio Ferreira Rangcl, representante da Associação dos Agricultores do Municipio de Valença, contém diversos postullados sobre a situação da Lavoura do Estado do Rio de Janeiro.

E' incontestavel o merito do trabalho que foi submettido á nossa apreciação; mas, contendo elle assumptos que sahem da orbita

da Secção de União e Crédito, deixamos de dar parecer sobre esses mesmos assumptos, nos occupando apenas dos especiaes a esta Secção.

Assim, trataremos apenas das conclusões sob os ns. 1^a, 6^a e 11^a, que se referem ás associações de credito mutuo, sob o typo Raifaisen, para o custodo da lavoura, cuja utilidade é incontestavel, não podendo deixar de ser acollida a idéa, devendo entretanto ser desenvolvida em um projecto para ser submettido a discussão.

Quanto ás outras conclusões, parecem ser de tanto peso, que esta Commissão toma a liberdade de aconsellar sua publicação para no Congresso Geral serem devidamente discutidas e tomadas em consideração.

Rio, 25 de Setembro de 1901. — *Fábio Laal, Mattozo Camara, José F. Ramos.*

PROJECTO

ENSINO PROFISSIONAL AGRICOLA E BANCOS ESTADUAES DE CREDITO AGRICOLA

Considerando que a lavoura, para se levantar do abatimento em que se acha e poder competir com os productos similares nos mercados estrangeiros, carece de instrução profissional e capital a juro modico, porquanto sem o concurso desses dous factores o agricultor não consegue «tirar da terra e da natureza os elementos que lhe são necessarios pelos melhores processos e nas melhores condições de lucro», na phrase de L. Passy (Louis Dop. O Banco Central de Credito Agricola, pag. 60);

Considerando que, para a diffusão dos conhecimentos profissionaes theoreticos e practicos, segundo os methodos mais aperfeiçoados, faz-se mistér a criação de institutos de ensino, quer officiaes, quer particulares — auxiliados pelos poderes publicos;

Considerando que existem já em alguns Estados institutos de ensino profissionall agricola, v. g. o antigo Instituto Bahiano de Agricultura, creado por decreto n. 2.500 A, de 1 de novembro de 1859, que, por falta de recursos pecuniarios, não podem assimilar

os progressos da sciencia moderna e reorganisar-se do modo a prestarem os mais proficuos serviços à lavoura;

Considerando que incumbe aos poderes constituidos da União e dos Estados, emmullativamente, animar a agricultura do paiz, nos termos do art. 35 § 2^o da Constituição de 24 de fevereiro;

Considerando que a instrução profissionall e o credito agricola se acham tão estreitamente ligados que a cultura intellectual do agricultor esterilisa-se se elle não dispõe do capital para applicar os conhecimentos adquiridos;

Considerando que, a exemplo do que se tem praticado em outros paizes, o credito agricola, para ser effeaz e aproveitar a todos os lavradores, deve partir da periphéria para o centro, estabelecendo-se bancos regionaes;

Considerando que, em virtude do citado artigo 35 § 2^o da Constituição, a União e os Estados devem cooperar com os agricultores na fundação do Credito Agricola, não pela isenção de impostos e concessão de outros favores, como tambem pela garantia de juros;

Considerando que, em alguns Estados, v. g. o da Bahia, o Governador e a Assembléa geral harmonizados e unificados pelo pensamento patriotico de animar, alentar e salvar a lavoura, enfrentaram o problema do Credito Agricola, iniciando projectos de lei, como o que, junto offerecemos á apreciação do Congresso;

Considerando que, para attrahir aos Bancos de credito agricola os capitales retrahidos, é indispensavel reforçar com a garantia de juros federaes as letras hypothecarias por elles emittidas e garantidas pelo Estado;

Considerando que, tomadas as necessarias cautelas, não devem recetar a União e o Estado que se agrave a sua responsabilidade pela garantia de juros; porquanto, conformo se lê no relatório do Ministro da Fazenda, de 1895 (Rodrigues Alves), a vida dos

nossos estabelecimentos de credito demonstra a estante pontualidade da lavoura no cumprimento de suas obrigações ;

Considerando que os agricultores brasileiros sao em geral homens honestos e só deixam de pagar os seus debites por motivos de força maior ; porquanto — consta do citado relatório — a carteira hypothecaria do Banco do Brazil, creada em 1867, cujas operações elevavam-se a 76.262.213\$338, foi liquidada — produzindo — 74.629.809\$050, o o relatório do mesmo banco, de 1891, affirma que de 168 dovedores representando 8.394.710\$310, achavam-se atrazados apenas seis em prestações vencidas, na importancia de 10.721\$110 ;

Considerando que, com a dupla garantia de juros, as letras hypothecarias dos bancos agricolas offorecem vantagens certas e seguras aos capitalistas ;

Propomos as seguintes conclusões:

O Congresso Agrícola entende ser necessario á salvação, ao desenvolvimento e ao progresso da lavoura :

1.º Que se fundem nos Estados institutos de ensino profissional, onde se diffundão conhecimentos theoreticos e praticos de agricultura, segundo os methodes mais aperfeçoados, com o intuito de habilitar os agricultores brasileiros a tirarem da terra as maiores vantagens possiveis e nas condições as mais favoraveis do lucro.

2.º Que a União e os Estados, cumulativamente, auxiliem com subvenção, isenção de direitos e outros favores os institutos de ensino agrícola existentes no paiz e os que se crearem, por iniciativa particular, com elementos de vida.

3.º Que os Estados, com o fim de proporcionar capitães á lavoura e ás industrias connexas, concedam garantia de juros, isenção de impostos e outros favores aos Bancos de credito real que se fundarem em seu territorio para operar em emprestimos agricolas ou industriaes, mediante omissão de letras hypothecarias, na fórmula da legislação federal, ou melhor agrícola.

1.º Que a União, com o intuito de animar a agricultura no paiz, nos termos do art. 35 § 2º da Constituição de 24 de fevereiro, addite a garantia de juros federal á que fôr concedida pelos Estados, valorisando ainda mais e tornando titulos de primeira ordem as letras hypothecarias emitidas pelos Bancos estaduais.

Sala das Sessões, 25 de setembro de 1901.

— *Ignacio Tosta*. — *F. Sodré*. — *Satyro Dias*. — *Paula Guimarães*. — *Paranhos Montenegro*. — *J. J. Sabra*. — *Nicolau Tolentino*. — *Domingos Sergio de Carvalho*. — *Manoel Victorino*.

A Assembléa Geral Legislativa do Estado da Bahia decreta:

Art. 1.º Ao Banco que se fundar neste Estado, tendo por fim operar em emprestimos e adiantamentos á lavoura e industrias connexas, é o Governo autorizado a conceder os seguintes favores :

1.º Garantias de juros de 7 % ao anno, durante o prazo de 20 annos, sobre o capital realizado, que, salvo ulterior deliberação do Governo, de accôrdo com a Directoria do Banco, será de 5.000.000\$000.

2.º Garantia de juros e de amortização das letras hypothecarias que forem pelo Banco emitidas de accôrdo com a legislação federal em vigor.

3.º Isenção de quaesquer impostos que possam incidir sobre o capital e lucros de Banco ou sobre qualquer operação do caracter essencialmente bancario.

4.º Isenção de imposto de transmissão de propriedade dos immoveis que fereem adjudicados ao Banco ou por elle recebidos em pagamento.

5.º Isenção de sellos e custas pertencentes ao Estado, nas execuções promovidas pelo Banco, quando o producto dos bens exeentados ou o preço de a ljuiação não exceder a importancia do seu integral pagamento.

6.º Concurrença das letras hypothecarias com as apolices da divida publica de Estado, como valores para os casos de canção e fiança nas repartições publicas estaduais e municipais, nos juizes e tribunaes do Estado, não

sendo, depois que essas letras começarem a ser emitidas, acciotos outros títulos para caução e fiança, salvo, além das apolicoas do Estado, as da divida publica federal.

Art. 2.º Observando o disposto na legislação federal, o Banco poderá funcionar logo que tenha realizado o capital de quinhentos contos de réis.

Art. 3.º A taxa de juros dos empréstimos não poderá exceder de 9 % ao anno, pagaveis por semestres vencidos; e a de amortização será a que fôr estipulada, de modo que o empréstimo seja reembolsado em prazo que não exceda o maximo de 20 annos para os empréstimos hypothecarios e o de cinco annos para os pignoratícios. Esses prazos poderão ser modificados por decreto do Governo, si a experiencia aconsellar a vantagem dessas modificações.

§ 1.º Além dos juros, cebrará o Banco, por uma voz, a comissão de 1 % sobre a total importancia do empréstimo.

§ 2.º Salvo proposta do mutuario em contrario, serão annuaes as prestações para amortização.

Art. 4.º Os empréstimos só poderão ser tractados mediante as seguintes garantias:

1.º De hypotheca de propriedades agricolas. Inclusive fazenda de criação em effectiva cultura ou exploração e, accessoriamente, de prédios urbanos, não excedendo a importancia mutuada de 50 % do valor dos bens dados em garantia.

2.º De penhor agricola:

a) sobre bens moveis ou semoventes, fructos pendentes, ou colhidos armazenados na propria fazenda do mutuario, até 33 % do valor delles;

b) sobre productos armazenados em trapiches ou entrepostos commerciaes, até 60 % do seu valor.

3.º De caução:

a) de títulos da divida publica federal ou estadual, das letras hypothecarias do proprio Banco com abatimento de 10 % sobre o valor da cotação;

b) de acções de companhia ou sociedade

anonyma que gozo do garantias de juros do Governo da União ou do Estado, de bilhetes de mercadorias e de debentures, companhias ou sociedades anonymas, com desconto de 20 % no valor da cotação, ou no valor do bilhete de mercadorias, baseado no preço corrente deste.

Art. 5.º Nos empréstimos que realizar, o Banco deverá entregar nunca menos de 20 % em moeda legal e mais em letras hypothecarias de sua emissão.

Art. 6.º O Banco, sempre que se julgar habilitado, poderá operar sobre essas letras, convertendo-as em moeda corrente, recobendo-as contra esta com abatimento nunca superior a 10 % de sua cotação.

Art. 7.º Os empréstimos feitos pelo Banco devem ser destinados á movimentação e ao desenvolvimento das industrias agricolas e pastoril ou a industrias connexas.

Art. 8.º Além das operações já mencionadas, a seus dovedores, para a venda de seus productos, bem como para a importação de machinismos e instrumentos destinados ás industrias a que se refere esta lei, percebendo por essas operações comissão modica.

Art. 9.º Para o empréstimo sobre penhor, no caso do art. 4.º, n. 2, letra a, além do que estiver por direito estabelecido, é indispensavel que o mutuario apresente attestado de um ou mais de seus vizinhos lavradores, a juizo da direcção, declarando a quantidade e qualidade dos moveis, semoventes, fructos pendentes ou colhidos e a estimativa de seu valor, e abonando o mesmo mutuario. O signatario do attestado é responsavel *in solidum* perante o Banco, no caso de falta de exactidão do suas declarações, assim como no caso de extravio dos bens dados em penhor, se não avisar ao Banco em tempo de poder este acauletar sous direitos.

Art. 10. O Banco será ainda obrigado:

1.º A não conceder ompréstimos sem a verificação prévia do que a venda média annual dos bens que forem dados em hypo-

thea é sufficiente para o serviço da dívida hypothecarla.

2.º A não exigir deposito, nem pagamento superior a 300\$ para as despesas de avaliação e outras anteriores ao contracto.

3.º A não realizar empréstimos senão sobre bens agrícolas e accessoriamente sobre propriedades urbanas sitas no Estado e sobre es títulos a que se refere o art. 4.º, n. 4.

4.º A permittir aos mutuarios, se o não quizerem effectuar nas mesmas condições, o contracto do penhor agrícola com outrem, desde que no contracto fique assegurado o serviço da dívida hypothecaria.

5.º A converter em apolices da dívida publica do Estado 20 % do valor da sua emissão de letras até completar o seu capital, assim como o seu fundo de reserva, sendo as apolices depositadas no Thesouro do Estado, revertendo ao Banco os seus juros.

Art. 11. A emissão de letras hypothecarias será feita por séries de mil centos de réis limitada ao quintuplo do capital realizado, ficando o Governo do Estado autorizado a eleva-la ao decuplo, si a experiencia demonstrar a utilidade desta modida.

Art. 12. Nenhuma emissão será feita sem prévia autorização do Governo do Estado, não se podendo dar começo á emissão da série immediata, emquanto não estiver entregue á circulação a série anterior.

Art. 13. Quando o empréstimo tiver sido feito em letras hypothecarias poderão ser feitas com estas letras, ao par, na mesma razão do emboiso do empréstimo, as prestações de amortização. Também serão acceitas as mesmas letras ao par nos casos de pagamento antecipado do valor integral da dívida hypothecarla.

Art. 14. A responsabilidade do Estado será coberta e garantida pelo Banco com o capital e quaesquer fundos que possuir o mesmo Banco o com o seu activo, salvo preferencia das suas letras hypothecarias.

Art. 15. Dada a eventualidade da falta de

pagamento por parte do Banco, o Governo resolverá a sua liquidação ou se decidirá por outro alvitre que no caso lhe pareça mais conveniente, submettendo o seu acto á approvação da Assembléa Geral do Estado, que resolverá definitivamente sobre o assumpto. Qualquer, porém, que seja nesta hypothese a providencia tomada, passará immediatamente a cargo do Thesouro o serviço do pagamento dos juros e amortização das letras hypothecarias.

Art. 16. O Governo torá entre os directores do Banco, cuja numero não excederá de tres, um de sua livre escolha e confiança, que será o Presidente.

Art. 17. Si até o dia 1 de janofiro do anno seguinte ao em que fór promulgada esta lei nenhum banco se houver organizado, ou se achar em via de organização neste Estado, para fins nella estabelecidos, poderá o Governo fazer dessa data em deante cobrar a contribuição de mais um por cento sobre o valor official na exportação de todos os productos agrícolas, contribuição que fica desde já creada pela presente lei.

Art. 18. Esta contribuição será especialmente applicada á constituição do capital do Banco e cessará logo que este attingir a cinco mil contos.

Art. 19. O producto desta contribuição será mensalmente levado a um ou mais estabelecimentos de credito que, offerecendo antagens pelo deposito das quantias recolhidas, mais confiança mereçam ao Governo.

Art. 20. Logo que esse producte atinja a importancia de quinhentos centos de réis será installado o Banco. Neste caso, o maximo do juro para o mutuario será de 8 % ao anno.

Art. 21. Constituido desta fórma o capital do Banco, a sua primeira direcção será da nomeação do Governo.

Art. 22. Neste caso será tambem nomeado, depois de constituído o Banco, um conselho deliberativo composto do Presidente da Junta Directora da Associação Commercial desta Praça, do Director da Contabilidade do The-

souro do Estado e de 38 lavradores dos mais considerados do Estado.

Paragrapho unico. A este conselho, além das attribuições que por lei competem ás assembleas geraes das sociedades anonymas pertence a de preencher por eleição, que recalará sempre em lavradores, e por escrutinio secreto, nas suas sessões annuaes ordinarias, as vagas que occorrerem por qualquer motivo entre seus membros, excepto os dois primeiros indicados, salvo sempre ao Governo o direito de nomear um director, emquanto vigorar a garantia concedida no art. 2º.

Art. 23. O Governo é autorizado :

1.º A contractar com qualquer estabelecimento bancario da praça, que offerecer garantias, a organização de uma carteira especial para antecelar os serviços do Banco, com os favores desta lei, devendo a mesma carteira ser-lhe transferida logo que esteja o dito Banco constituido e habilitado a funcionar.

1.º A estabelecer, no regulamento que der a esta lei, as limitações e garantias que julgar convenientes para acantolar os interesses do Thesouro. 3.º A applicar á constituição do capital do Banco o remanescente de qualquer emprestimo que porventura contrahir, sendo feita a expensas do Banco o serviço de juros e amortização relativa a essa parte. 4.º A organizar os estatutos do Banco, que poderão ser reformados pelo conselho deliberativo ou assembléa geral num anno depois de começar este suas funcções. Pelos estatutos poderá ser admittida a constituição mixta do fundo capital, sendo nma parte formada por entradas de acconistas e a outra nos termos do art. 17

Art. 24. Revogam-se as disposições em contrario. — *Barão de S. Francisco.* — *Quintino Ferreira.* — *Austriano de Carvalho.* — *Felix de Carvalho.* — *José Justino.* — *José Gabriel* (com restricções).

Despeza annual de um dovidor ou serviço de uma divida de 100:000\$000

ANNOS	PELO FUNDO DE 2 % ACCUMULATIVO DE AMORTIZAÇÃO	PELA AMORTIZAÇÃO DE 5 % DO CAPITAL PRIMITIVO
1º.....	11:000\$000	11:000\$000
2º.....	11:000\$000	13:50\$000
3º.....	11:000\$000	13:100\$000
4º.....	11:000\$000	12:650\$000
5º.....	11:000\$000	12:200\$000
6º.....	11:000\$000	11:750\$000
7º.....	11:000\$000	11:300\$000
8º.....	11:000\$000	10:850\$000
9º.....	11:000\$000	10:400\$000
10º.....	11:000\$000	9:950\$000
11º.....	11:000\$000	9:500\$000
12º.....	11:000\$000	9:050\$000
13º.....	11:000\$000	8:600\$000
14º.....	11:000\$000	8:150\$000
15º.....	11:000\$000	7:700\$000
16º.....	11:000\$000	7:250\$000
17º.....	11:000\$000	6:800\$000
18º.....	11:000\$000	6:350\$000
19º.....	11:000\$000	5:900\$000
20º.....	8:679\$653	5:450\$000
	217:679\$653	194:500\$000

ANNOS	CAPITAL	AMORTIZAÇÃO	JUROS
1º.....	100:000\$000	2:000\$000	9:000\$000
2º.....	98:000\$000	2:180\$000	8:820\$000
3º.....	95:820\$000	2:370\$200	8:629\$800
4º.....	93:449\$800	2:570\$058	8:409\$942
5º.....	90:879\$742	2:829\$194	8:170\$806
6º.....	88:000\$548	3:077\$251	7:922\$749
7º.....	84:929\$297	3:351\$201	7:645\$796
8º.....	81:599\$093	3:650\$082	7:343\$918
9º.....	77:943\$011	3:985\$130	7:014\$870
10º.....	73:967\$881	4:347\$791	6:650\$209
11º.....	69:574\$090	4:734\$732	6:250\$268
12º.....	64:879\$378	5:160\$385	5:839\$142
13º.....	59:748\$500	5:625\$335	5:374\$505
14º.....	54:093\$165	6:131\$316	4:883\$384
15º.....	47:961\$549	6:683\$311	4:340\$539
16º.....	41:278\$088	7:284\$973	3:715\$027
17º.....	33:993\$145	7:940\$320	3:050\$780
18º.....	26:052\$495	8:655\$276	2:344\$721
19º.....	17:397\$419	9:433\$251	1:565\$749
20º.....	7:962\$008	7:932\$908	716\$767
	100:000\$000	147:679\$385	
Total de juros e amortização...		217:679\$653	



ANNOS	CAPITAL	AMORTIZAÇÃO	JUROS
1. ^o	100,000\$000	5,000\$000	9,000\$000
2. ^o	95,000\$000	5,000\$000	8,500\$000
3. ^o	90,000\$000	5,000\$000	8,100\$000
4. ^o	85,000\$000	5,000\$000	7,650\$000
5. ^o	80,000\$000	5,000\$000	7,200\$000
6. ^o	75,000\$000	5,000\$000	6,750\$000
7. ^o	70,000\$000	5,000\$000	6,300\$000
8. ^o	65,000\$000	5,000\$000	5,850\$000
9. ^o	60,000\$000	5,000\$000	5,400\$000
10. ^o	55,000\$000	5,000\$000	4,950\$000
11. ^o	50,000\$000	5,000\$000	4,500\$000
12. ^o	45,000\$000	5,000\$000	4,050\$000
13. ^o	40,000\$000	5,000\$000	3,600\$000
14. ^o	35,000\$000	5,000\$000	3,150\$000
15. ^o	30,000\$000	5,000\$000	2,700\$000
16. ^o	25,000\$000	5,000\$000	2,250\$000
17. ^o	20,000\$000	5,000\$000	1,800\$000
18. ^o	15,000\$000	5,000\$000	1,350\$000
19. ^o	10,000\$000	5,000\$000	900\$000
20. ^o	5,000\$000	5,000\$000	450\$000
		100,000\$000	91,500\$000
Total de juros e amortização..			194,500\$000

INDICAÇÃO

Venho apresentar á Illustrada commissão, incumbida de estudar o assumpto — organização bancaria —, não um projecto, que a mesma commissão, com outra competencia formularia; mas a indicação da criação de bancos municipaes, destinados a auxiliarem a pequena lavoura, e, designadamente, o algodão, o cacáo, o fumo, a mandioca e os cereaes em geral.

Ou sejam os bancos directamente creados em dafios municipaes, ou sejam caixas filiaes do banco existente na Capital de cada Estado, a medida impõe-se nas condições actuaes da pequena lavoura.

E' esta exactamente a lavoura que ainda não logrou auxilio directo dos Poderes da Nação; enquanto que as grandes culturas, desde longe, embora quasi sem utilidade, têm obtido favores mais ou menos amplos.

Os bancos municipaes, ainda mesmo com capital modesto, viriam desenvolver todas as culturas indleadas, libertando o paiz da importação dos artigos que a nossa terra produz com largueza, sendo então sufficientes para todo o consumo interno e a exportação.

A Idéa não é nova, confesso; mas, em quanto não posso justificar o meu asserto, apresento-a sob minha responsabilidade, porque, até este momento, não me consta que alguém lembrasse o alvitro.

Os bancos municipaes emprestarlam mediante hypotheca, penhor agricola ou simples garantia individual, quando a quantia não excedesse de 1:000\$, admittindo-se, em todo caso, amortização e juros os mais modestos.

A illustrada commissão indicaria se esses bancos devem gozar de garantia de juros dos Estados ou destes e da União conjunctamente.

Em summa, sujeitando-me de boamento ao criterio da commissão de — Culturas diversas — a vantagem dos auxilios que solicito para a pequena lavoura.

Capital Federal, 23 de setembro de 1901.—
Dr. *Demócrito Cavalcanti*.

PROPOSTA

Considerando que o maior flagello da agricultura é a formiga saúva, que de alguns pontos do territorio já tem expulsado os productores, impedindo toda e qualquer cultura, e estendendo-se cada vez mais a área de suas devastações;

Considerando que o combate á saúva e a outros insectos nocivos á lavoura rodunda em beneficio da produção, do fisco e das empresas de transporte;

Considerando que essa luta é actualmente dispendiosissima, mesmo para aquelles que dispõem de recursos, e impossivel para os proprietarios de pequena fortuna por causa da carestia do material empregado;

Considerando que em toda a parte do mundo civilizado o exterminio dos parasitas da agricultura merece toda a solleitude dos poderes publicos, porque importa em aproveitamento do trabalho, diminuição de sacrificios, economia no custo da produção e consequente desenvolvimento da riqueza geral, proponho que o Congresso Nacional da Agricultura solleite dos poderes competen-

tes a isenção dos direitos e impostos para os insecticidas e machinas destinadas á sua applicação e redução dos fretos nas estradas de ferro para o transporte desse material como um principio de defesa commum.

Capital Federal, 25 de setembro de 1901. — *Americo Werneck.*

A commissão nomeada para estudar a proposta apresentada pelo Sr. Dr. Americo Werneck sobre a extincção dos insectos que flagellam a lavoura, e de accordo com as idéas sustentadas pelo proponente, é de parecer que o Congresso da lavoura solicite do Governo Federal a isenção de direitos para os insecticidas e as machinas destinadas á sua applicação, bem como redução de fretos nas estradas de ferro. — *Oscar Varady.*

PROPOSTAS

Proponho que o Congresso Agrícola, pelos meios a seu alcance e junto ao Governo dos Estados e da União, se esforce pela realização das seguintes medidas:

1ª. Organização de uma rede de estações meteorologicas em toda a Republica;

2ª. Estabelecimento de pções allmentados por aguas subterraneas, nas zonas onde ha escassez desse alimento, e mundos dos modernos apparatus de elevar agua á superficie do sólo;

3ª. Emprego dos modernos locomoveis nas estradas de rodagem, a exemplo do que se faz na Europa, nas zonas não servidas por caminhos de ferro, onde a produção agricola exige o menos possivel com o seu transporte aos escoadouros naturais.

S. R. — Em sessão a 25 de setembro de 1901. — *Pedreira Franco.*

Considerando que as tarifas de transporte, estabelecidas para cada classe de mercadorias, devem abranger o custo geral do ser-

viço prestado, e attender ao mesmo tempo ao seu valor venal, de modo que não se tira do producto mais do que elle póde dar;

Considerando que o frete minimo, estabelecido para os trens ordinarios, destroem essa proporção, principalmente quanto ao valor do producto e a distancia percorrida;

Considerando que os impostos do sello federaes e estadoaes, reunidos ás taxas accessorias, denominadas de inscripção, aviso, expediente, carga e descarga, etc., alteram profundamente o regimen das tarifas, principalmente quanto aos pequenos despachos, pois gravam indistinctamente todos os productos e todos os transportes, representando ás vezes um augmento de 800 a 1.000 %;

Considerando que esse augmento proveniente dessas taxas, sendo pouco sensivel nas grandes expedições, mata o pequeno commercio, a pequena lavoura e a pequena industria, prejudicando o abastecimento dos povoados e a propria industria dos transportes, cujos trens ordinarios fazem a mesma despeza forçada, rebocando inutilmente seu peso morto;

Considerando que a taxa de carga e descarga só deve ser admittida para as mercadorias a granel, que exigem pessoal extraordinario, quando o serviço não é feito pelos interessados;

Considerando que na tarifa previamente estipulada deve estar comprehendida toda a remuneração dos serviços de transportes, e que a criação das taxas accessorias dá logar a absurdos e prejuizos consideraveis, excedendo o limite da resistencia commercial;

Considerando que a abolição dos impostos e das referidas taxas accessorias só redundaria em proveito do commercio, da riqueza particular e da receita das proprias estradas de ferro, porquanto ellas impedem actualmente esse commercio, prejudicando inutilmente os productores, sem vantagem real para o fisco e para as empresas, que doixam de perceber a renda, em consequencia da falta de materia tributada ou transportada;

Considerando que essas taxas já foram abolidas na rede mineira da Leopoldina, sem prejuizo para os transportes, segundo demonstrou a experiencia ;

Considerando que as tarifas adoptadas para cada classe de mercadorias já representam em média por accordo reciproco uma remuneração razoavel ao serviço geral ;

Considerando que o augmento ou redução do frete deve ser estudado em relação a cada caso particular e não onerado indistinctamente por taxas que destroem as bases da tarifação ;

Considerando que a somma dos impostos de sello (200 réis federal e 200 réis estadual) unida ás taxas accessorias (100 réis de inscrição e 100 réis de expediente), para não fallar de outras que já representam um augmento de 30 % sobre o serviço de transporte, quando o despacho é de 2\$, e que dahi para baixo esse augmento attinge ás raias do absurdo ;

Considerando que os impostos são indevidamente cobrados tantas vezes quantos são os redespachos de mercadorias em transitio por diversas estradas de ferro, agravando ainda mais a situação creada pelas taxas accessorias cobradas por cada uma dellas ;

Proponho que o Congresso Nacional de Agricultura solicite do Exm. Sr. Ministro da Viação, do Congresso Federal e dos Governos Estaduales :

1.º A abolição do imposto de sello e de todas as taxas accessorias para os despachos inferiores a 2\$000 ;

2.º Abolição do frete minimo nos trens ordinarios, prevalecendo a tarifa adoptada para cada genero, sem acrescimo de outras taxas ;

3.º Pagamento do sello uma só vez para os generos em transitio até o ponto do destino, seja qual for o numero de redespachos ou de estradas de ferro por onde elles transitarem ;

4.º Abolição das taxas de carga e descarga, excepto para as mercadorias transportadas a granel, quando aquelle serviço não for feito pelos interessados ;

5.º Redução do frete e rapidez de transporte para os generos de facil deterioração, sobre as bases estabelecidas nas condições regulamentares da E. F. Leopoldina, rede mineira ;

6.º Responsabilidade effectiva na entrega do genero nas condições em que elle foi despachado.

Capital Federal, 25 de setembro de 1901.
—Americo Werneck.

PROJECTOS

PEQUENOS BANCOS

Sendo hoje convicção geral, que a desorganisação do trabalho e consequente anemia não só da lavoura, como do commercio e outras industrias tem como unica e principal, ou, vordadeiramente, a morte do crédito em nosso Palz, apresento algumas das principaes bases para a fundação de pequenos bancos estadoaes, regionaes e municipaes, segundo a importancia e as necessidades reclamadas em cada uma das circumscripções da Republica.

Art. 1.º Os bancos serão organizados e funcionarão de accordo com a lei que rege as sociedades anonymas.

Art. 2.º Os bancos farão empréstimos á lavoura e ás industrias sob hypothecas de immoveis, moveis de valor real, como fructos já colhidos e depositados, não sujeitos a deterioração, semovontes, fructos pendentes tambem não sujeitos á deterioração, não cobrando mais de 10 % de juros, nem estabelecendo prazo de menos de 7 annos, salvo accordo com o mutuario.

Além dos juros, os bancos, apenas cobrarão de uma só vez a commissão de 1 1/2 por cento sobre o valor do empréstimo.

1.º Os empréstimos serão em moeda corrente, na proporção de dous terços ou mais em lotras e de um terço ou menos em moeda-papel.

2.º Os bancos poderão negociar as suas

proprias letras, mas nunca com abatimento ou desconto superior a 10 (dez) por cento a cotação official do dia.

3.º A commissão das letras é limitada ao decuplo do capital realzado.

4.º As letras terão curso forçado dentro de cada Estado, e em todas as Repartições publicas, quer estaduais, quer municipais, e serão recebidas para qualquer fim.

Art. 3.º Estes bancos poderão ter uma secção commercial, organizada convenientemente, e incumbida de operar como intermediaria entre os productos do Paiz, os mercaderes estrangeiros e vice-versa.

Parapho unico. Poderão ainda os bancos tomar a si a fundação de estabelecimentos agricolas e pastoris, onde ao lado dos serviços da lavoura e das culturas normaes se ministre instrucção sobre agronomia, zootecnia e industrias connexas, decorrentes ou accessorias.

Art. 4.º Os bancos terão agencias tanto na Capital Federal, como em outros pontos do Paiz, que forem necessarios e julgados convenientemente—e caso, tambem, as necessidades acon ellhom, — outras fóra do Paiz.

Art. 5.º O Governo Federal concederá aos bancos desta natureza os seguintes favores:

1. Garantia de juros sobre o capital realzado até o limto de cinco mil contos... (5.000.000\$) e durante 25 annos ;

II. Garantias dos juros e amortização das letras hypothecarias emittidas por estes bancos ;

III. Isenção de imposto :

a) para immoveis pertencentes a estes bancos ;

b) para as operações de ordem bancarias ;

c) para os artigos que o banco tiver de importar, destinados á lavoura ou ás industrias ou estabelecimentos agricolas ou pastoris que forem fundados ;

d) para os moveis, somoventes o tudo o mais a que se refere o art. 2º.

IV. Isenção de sollos e custas, impostos de transmissáo de propriedade, das dividas aos

Estados ou ás Municipalidades das mesmas nas liquidações que os bancos tiverem de fazer em juizo.

V. Além da garantia de juro concedida ao capital dos bancos e ás letras hypothecarias, concederá tambem uma subvenção annual, correspondente á metade dos despezas de custeio que os bancos tiverem de fazer com os estabelecimentos rurales que fundarem.

Art. 6.º O Governo Federal fiscalizará os serviços destes bancos pela fórma e onus que julgar conveniente.

Art. 7.º Os bancos, tictamente responderão perante o Governo com todo o seu activo.

Art. 8.º Si se chegar a verificar em qualquer tempo, que estes bancos deixaram de ser pontuaes nos compromissos que assumem, o Governo llea com o direito de chamar a si todos os bens, serviços e funcções dos mesmos, nomeando-lhes administração ou decretando-lhes a liquidação immo liata. Neste caso, a effectividade das garantias asseguradas ás letras hypothecarias será logo mantida pelo Thesouro Federal.

O meu intuito apresentando este projecto, não é que acredite de acharem nelle contidas todas as providencias necessarias de regular o funcionamento de taes institutos, mas simplesmente, suggerir algumas idéas geraes para servirem de certa base aos planos que já têm sido publicados e outros que venham a ser fundidos ou formulados para este mesmo fim.

Sala das Sessões do Congresso de Agricultura, 30 de setembro de 1901. — *M. Corrêa de Freitas.*

Sobre tarifas moveis e redução de fretos

Considerando :

1.º Que não tem justificativa nem razão de ser, no estado de desvalorização em que se acham os generes de producção nacional, a perduracão de tarifas moveis, que tanto mais elevam os fretos quanto mais se deprecia o valor da moeda brasileira e por-

tanto o preço dos generos destinados á exportação e ao consumo interno ;

2.º Que essa elevação dos fretes ferro-via-rios e fluviaes e marítimos é uma das causas effluentes das angustias que apremiam no momento a industria agricola nacional ;

3.º Que é do maior alcance e conveniencia geral desoberar a lavoura dos altos fretes que ella está sendo forçada a pagar em virtude das tarifas moveis ;

Proponho que o Congresso de Agricultura ora reunido delibere representar a as poderes federacos no sentido de obter das estradas de ferro em trafego e das companhias de navegação fluvial e marítima, a maxima redução de suas tarifas, dando-lhes em compensação favores especiais, ainda mesmo o espaçamento do prazo das concessões para exploração de seus privilegios.

Sala das sessões do Congresso Agrícola em 27 de setembro de 1901.—*Antonio de Meleiros*, representante da Sociedade de Agricultura do Ceará, lavrador e director do *Jornal dos Agricultores*.

Sobre a organização do ensino agrícola

Considerando :

1.º Que a maior parte dos males que affligem a agricultura nacional se origina da falta de instrução agrícola ;

2.º Que é de grande proveito para o futuro do Brasil a maior disseminação possível dos conhecimentos organicos ;

Proponho que o Congresso de Agricultura delibere :

1.º Em cada Estado e no Districto Federal deve quanto antes ser creada uma Escola de Agricultura, revestindo a fórma de internato, na qual será proporcionada aos meninos que se matricularem, e aos orphãos e desamparados que para ella forem remettidos pelos respectivos Juizes, a instrução agrícola completa, dando-se a cada um, no fim do curso, um título de regente agrícola ;

2.º Na Capital Federal será creada uma Escola Superior de Agronomia, tendo annexos

catapos de experiecia e demonstração, o revestindo a dita Escola a fórma de exte-riano, frequentado pelos tres alumnos que melhores notas houverem obtido em uma das Escolas de Agricultura estaduais do Districto Federal, e por todos quantos quizerem dedicar a esses estudos, independentes de certificados de exames preparatorios, mediante simples exame de sufficiencia, sendo a todos os approvedos expedido no fim do curso quinquennial um título de agronomo ;

3.º Em cada Estado e no Districto Federal deverá ser creado um corpo de agronomos itinerantes, que percorram as zonas agrícolas e disseminem praticamente as modernas noções agronomicas, ensinando ao mesmo tempo o manejo e o emprego dos mais aperfeçoados instrumentos agrícolas e a applicação dos mais perfectos methodos de cultura ;

4.º Em cada municipio do Brasil se realizem periodicamente comcios ruracs, com exposições de productos agrícolas e congêneres, e onde, á vista dos specimens exhibidos, sejam pelos agronomos itinerantes feitas prolecções de caracter pratico aos lavradores presentes, sendo pelos Estados e pelo Districto Federal conferidos premios aos lavradores que os houverem merecido.

Sala das sessões do Congresso de Agricultura em 27 de setembro de 1901.—*Antonio de Meleiros*, representante da Sociedade de Agricultura Coarouze, lavrador e director do *Jornal dos Agricultores*.

Sobre Ministerio de Agricultura

Considerando :

1.º Que é devéras deploravel que em uma nação como o Brasil, officialmente conside-rada como essencialmente agrícola, não exista um departamento ou ministerio exclusivo de agricultura ;

2.º Que é de intuitiva conveniencia aos reais interesses do Brasil a criação de um Ministerio da Agricultura ;

Proponho que o Congresso de Agricultura delibere :

1.º A necessidade urgente de se crear no Governo Federal do Brasil um Ministerio da Agricultura ;

2.º A grande conveniencia de ser o referido Ministerio modelado pelo dos Estados Unidos da America do Norte, apresentados para esse fim os valiosos subsidios já apresentados ao governo pelo Sr. Dr. J. F. de Assis Brasil, representante do Brasil em Washington.

Sala das sessões do Congresso de Agricultura, em 27 de setembro de 1901.—*Antonio de Medeiros*, representante da Sociedade de Agricultura Cearense, lavrador e director do *Jornal dos Agricultores*.

Sobre franquia agricola

Considerando :

1.º Que concorrerá para o augmento da produção nacional e para o Impulsionamento da polycultura o transito livre postal, ferro-viario, marítimo e fluvial das sementes, mudas, plantas, livros e publicações, adubos e correctivos agricolas, medicamentos insecticidas e parasiticidas, aparelhos, mecanismos e machinismos que interessem á industria rural e nella tenham conhecida applicação e emprego ;

2.º Que é da maxima conveniencia aos Interesses do Brasil tornar facil, rapida e barata a aquisição e utilização de tudo quanto se acha enumerado no paragrafo anterior, e que em varios paizes no Velho e Novo Mundo, mórmente n.ºs Estados Unidos da America do Norte, gozam de absoluta franquia todos os objectos destinados ao progresso agricola :

Proponho que o Congresso de Agricultura delibere solicitar dos poderes federaes a isenção absoluta de taxas de porte e registro postal, ferro-viario, marítimo e fluvial para as mudas, sementes, plantas, livros e publicações, adubos e correctivos agricolas, medicamentos insecticidas e parasiticidas, aparelhos, mecanismos e machinismos que into-

ressom á industria rural e nella tenham conhecida applicação e emprego, convenientemente acanteladas as exigencias fiscaes em regulamento que deverá ser expedido pelo poder executivo nacional.

Sala das sessões do Congresso de Agricultura, em 27 de setembro de 1901.—*Antonio de Medeiros*, representante da Sociedade de Agricultura do Ceará, lavrador e director do *Jornal dos Agricultores*.

Sobre propaganda, no exterior, de generos de produção nacional

Considerando :

1.º Que é de extrema necessidade e urgencia para o Brasil alargar o consumo pela obtenção de novos mercados para os generos de sua produção ;

2.º Que com esforço continuo e patriotico podem-se obter novos, grandes e futuros mercados para os productos ruraes brasileiros ;

3.º Que, dadas as nossas condições espedaes, torna-se forçoso iniciar desde já a propaganda em varios paizes da Europa para o consumo do café, do mate, do assucar, das madeiras e do fumo produzidos no Brasil ;

4.º Que, emquanto não é uma realidade a federação agricola, que só virá com o tempo, não pôde a Nação productora quedar-se, sob pena de prejuizos incalculaveis :

Proponho que o Congresso de Agricultura, sciente da altissima gravidade do momento, appelle para os poderes publicos federaes e estadoaes para que se congreguem em supremo esforço e, votadas verbas sufficientes e amplos recursos, inicie-se sem demora no exterior, official ou extra-officialmente, uma campanha séria, patriotica, infatigavel, sem solução de continuidade, no intuito de se augariarem novos mercados para os productos ruraes brasileiros, do forma que elles conquistem o maior consumo e obtenham a mais alta valorisação, o que por sua duvida virá reerguer a lavoura nacional e salvar-a do desmoronamento inevitavel que se lhe anto-

ilha, si desdo já e sem demora não se tomar uma providencia nesse sentido.

Sala das sessões do Congresso de Agricultura, em 27 de setembro de 1901.—*Antonio de Medeiros*, representante da Sociedade de Agricultura do Coarã, lavrador e director do *Jornal dos Agricultores*.

Sobre o augmento da produção

Considerando :

1.º Que é da maior necessidade o augmento da produção nacional de certos e determinados generos de consumo que ainda compramos em larga escala ao estrangeiro ;

2.º Que esse alargamento da produção, contribuindo para o predomínio da polycultura, é muito conveniente aos altos interesses do Brasil, que destarte deixará de ser tributario forçado de nações estrangeiras, que estão enriquecendo com a nossa freguezia ;

3.º Que o augmento da produção do generos de consumo do primeira necessidade, que actualmente adquirimos no exterior e em ouro, concorrerá para a prosperidade economica da classe rural brasileira ;

4.º Que um dos meios officientes e seguros para conseguir-se no Brasil o augmento da produção dos generos de consumo que importamos é proporcionar á lavoura nacional incentivos tangentes o do valia intrinseca :

Proponho que o Congresso de Agricultura delibere :

1.º Solicitar dos poderes federaes os meios praticos para obter-se o seguinte :

a) Realização, na Capital Federal, no dia 7 de setembro de 1904, de uma exposição do productos agricolas e industriaes ;

b) Creação dos premios abaixo enumerados para os productores de arroz, banha, toucinho, carne secca, manteiga, alfafa, batatas, trigo em grão o em farinha, uvas, vinhos de pasto, etc., sendo :

I de 50:000\$000 para cada maior e melhor productor de cada genero e que obtiver o primeiro logar ;

II de 30:000\$000 para os que obtivorem o segundo logar ;

III de 20:000\$000 para os que obtivorem o terceiro logar.

2.º Que essas exposições se reproduzam periodicamente em cada triennio que se seguir á primeira.

3.º Que, desdo que seja reconhecido pelo Jury da Exposição que a produção nacional de qualquer genero de consumo do primeira necessidade basta para as exigencias internas do paiz, sejam estabelecidas taxas aduaneiras prohibitivas para os similares do importação estrangeira por um periodo mais ou menos longo.

Sala das sessões do Congresso de Agricultura, em 27 de setembro de 1901.—*Antonio de Medeiros*, representante da Sociedade de Agricultura Coarense, lavrador e director do *Jornal dos Agricultores*.

Sobre pequena propriedade agricola

Considerando :

1.º Que é do grande urgencia, vantagem e conveniencia a impiantação no Brasil do salutar regimen da poquona propriedade agricola ;

2.º Que de principio as pequenas propriedades agricolas convém flear localisadas nas proxmidades das vias de communicação e na contiguidade dos grandes mercados :

3.º Que o regimen da pequona propriedade agricola concorre por sem duvida para o progresso do paiz, para a valorisação do solo, para a agglomiação de energias esparsas, para a localisação do elemento nacional e para o advnto da polycultura :

Proponho que o Congresso de Agricultura delibere :

1.º Ser necessaria e urgente, quer no Districto Federal quer nos Estados, a fundação de nucleos coloniaes perto das capitales o das maiores cidades ;

2.º Ser conveniente e acertado colonisar nesses nucleos familias nacionaes e estran-

gelras, vendendo-lhes a prazo, pelo menor preço e com o mínimo juro, as pequenas propriedades resultantes do parcelamento das grandes áreas adquiridas, isentando os pequenos proprietários, durante certo prazo, de todos e quaisquer impostos;

3.ª Se para isso imprescindível a aquisição de terras pela Prefeitura do Distrito Federal, pelos Estados ou pelas Municipalidades auxiliadas pelos Estados, ou mesmo por empresas particulares com favores especiais concedidos pelos congressos estaduais, o funcionando taes nucleos sob a immediata fiscalização dos poderes publicos.

Sala das sessões do Congresso de Agricultura, em 27 de setembro de 1901. — Antonio de Medeiros, representante da Sociedade de Agricultura Coaren-o, lavrador e director do *Jornal dos Agricultores*.

A Comissão abaixo assignada, nomeada para dar parecer sobre as cinco propostas apresentadas em 27 do corrente pelo illustro congressista Sr. Dr. Antonio de Medeiros, depois de estudal-as com o maior interesse, é de parecer que sejam adoptadas, depois de serem tomadas em consideração, as seguintes modificações, ampliações, additivos, e outros eliminativos ou substitutivos e restrictivos:

Quanto á primeira, a Comissão acceta a idéa da criação de um Ministerio de Agricultura, contanto que este não obedeça absolutamente aos interesses de ordem politica, como tem acontecido até agora, que, na escolha dos secretarios para os diversos postos, tem-se attendido apenas á accommodação dos representantes politicos das diversas zonas, destinadas mais a manter o apoio parlamentar ao Poder Executivo, do que a attender com competencia e patriotismo aos ramos de serviços publicos que tem de dirigir. Ao contrario, será sobrecarregar o Thesouro com despesas da criação de uma repartição inutil, que só traria augmento do pessoal e de papelorio. Entretanto, se a lei que crear este Ministerio providenciar se-

ramento, que a escolha recaia em individuos que se recomendam por suas provadas aptidões, actividade e amor ao ramo de serviço, sem preoccupações partidarias, e se tambem esta Repartição for modelada pela dos Estados Unidos da America do Norte, aproveitados os valiosos subsidios já apresentados ao Governo pelo nosso Ministro, illustrado e distinctissimo Sr. Dr. J. F. de Assis Brasil, nada será, sem duvida, mais acertado que esta medida. Ficando bem entendido que a Comissão só acceta esta idéa, no caso da criação deste Ministerio vir revestida das medidas garantidoras do exito ao fim a que é destinada.

Quanto á segunda proposta, a Comissão nada tem a oppôr e pede que seja adoptada.

— Em referencia á terceira, é tambem de opinião que seja adoptada, contanto que a propaganda se estenda tambem sobre productos extractivos, quer de natureza animal, quer de natureza vegetal, pois a Comissão considera como principal problema para a nossa transformação economica e augmento consequente da riqueza publica, a conquista de mercados de consumo para os nossos productos no estrangeiro. Portanto, entendo que deve ser adoptada.

Passando a quarta proposição do mesmo proponente, Dr. Antonio de Medeiros, a Comissão é de parecer que seja adoptada com as modificações, ampliações, addições, restrictões, eliminações, ou substituições, seguintes:

Os premios estabelocidos na proposta e mais alguns que lembramos, devem ficar sujeitos ás seguintes estipulações de minimo a apresentar pelos respectivos productores.

— Quanto ao trigo em grão, de 10.000 alqueires de 49 kilos.

— Quanto ao toucinho, a 100.000 kilogrammas.

— Quanto á banha, a 100.000 kilogrammas.

— Quanto á manteiga, a 50.000 kilogrammas.

— Quanto ao vllho (excluido o fabricado

do uva Izabella ou da variedade das labru-seas.), a 500 pipas.

— Quanto á alfafa ou outra planta forrageira que contenha porcentagem de principios azotados em proporção egual ao da alfafa, o minimo será de 700.000 kilogrammas ou de 70 toneladas metricas.

— Quanto ás carnes congeladas ou conservadas por outro qualquer systema que não offerça nenhum damno á saúde, nem tão pouco altere as propriedades nutritivas, como acontece com a carne secca, cujo consumo só se faz quasi que exclusivamente em nosso paiz, o minimo a disputar o premio será de 100.000 kilogrammas.

— Quanto á quina Calisaya, devem todas as plantas contar o desenvolvimento de tres annos e no minimo 3.000 pés, cultivados regularmente por um productor.

Os premios serão de 50, 20 e 10 contos cada um, ficando entendido que o de 50 contos caberá áquella que apresentar o maximo do limite, e os dois ultimos de 20 e 10 contos para os que fiarem em segundo e terceiro lugar, isto é, aquelles que apresentarem proporcionalmente productos que só alcancem metade e quarta parte dos limites minimos acima estipulados por cada ramo de cultura.

— Quanto ao lupulo, o minimo será de 2.000 kilogrammas de flor secca.

— Quanto á gomma de anil, o minimo será de 2.000 kilogrammas.

Estes premios serão de 50, 25 e 10 contos, nas condições e proporções já explicadas.

— Quanto ao vime, outro vegetal empregado na Europa e America do Norte, como arcos na industria de barrietas e outros vasilhames, cuja área não conte menos de dous ou tres annos de plantação e não seja inferior a 30 hectares.

Os premios serão de 20, 10 e 5 contos de réis.

— Quanto ao nosso linho Indigona, como o da guachima ou outro que tenha apparencia e resistencia egual á do linho europêo, o minimo será de 4.000 kilogrammas.

Os premios serão de 20, 10 e 5 contos de réis.

— Quanto a fructas, como nvas de diversas qualidades e origens, pomegos brancos e amarellos e de outras qualidades, noções, pêras, ameixas pretas e amarellas da familia das rosaceas amygdaloas, damascos, castanhas, nozes, o minimo será de 10.000 kilogrammas.

Os premios serão em numero de 5 de 10 contos de réis cada um, e de mais 5 de 5 contos de réis cada um.

— Quanto á cevada, o minimo será de 1.000 alqueires de 10 litros.

Os premios serão em numero de 10 de 5 contos de réis cada um.

— Quanto á batata Ingloza, o minimo será de 10 kilogrammas.

Os premios, em numero de 20, serão de 2:000\$ 000 a cada productor.

— A quinta e ultima proposição do mesmo Sr. Antonio de Medeiros acia-se prejudicada não só pela lei que concede favores ao Dr. Cilmaco Barbosa, para fundação de colonias de ensino pratico e correccionaes no Districto Federal, como pelo projecto de Dr. Christino Cruz. Aliás a Commissão entende tambem que o pensamento do legislador nacional deve ser, de preferença, levar o povoamento ás zonas deshabitadas e não estabelecer colonias junto dos centros populosos, cujos torronos já se acham bastante parcelados e entregues á cultura intensiva.

As colonias nos suburbios têm ajuda desvantagens do offerecer ao colono o derivativo das attonções que geram consequentemente o vicio e o desapego ao solo. A experiencia já está feita em varios pontos do sul do Brasil.

Se o intuito do projecto é crear escolas agricolas, orphanatos, postos agricolas zootecnicos ou campos de demonstração, etc., já está aproveitado em outros planos, que oblecem melhor ou mais desenvolvimento a esse pensamento.

São estas, portanto, as conclusões a que chegou a Commissão depois do detido exame

afim do qua sejam adoptadas as medidas do projecto.

Sala do Congresso de Agricultura, 30 de setembro de 1901. — *M. Corrêa de Freitas.* — *José Thomaz da Cunha Vasconcellos*, com restricção. — *Joaquim Simões da Cruz.*

O abaixo assignado, membro do Congresso, tem a honra de submeter á consideração do Exm. Sr. presidente da Mesa o seguinte projecto: « A' criação immediata de Bancos de Credito Agricola, na Capital Federal e nas capitães dos Estados, com succursaes em todas as comarcas, para acudir ás urgentes necessidades da lavoura, que se acha nos paroxismos da morte e salvar tambem o commercio, que já está agonizante, cujo auxilio deverá ser feito em dinheiro, a juros de 7% ao anno, o maximo, mediante garantia do governo e sob hypotheca dos bens ruraes e agricolas, ao Banco, pelo prazo de 20 annos, em prestações regulares, para o desenvolvimento da lavoura, cujos premios, serão pagos, nos fins das safras e vendas dos productos, tende o lavrador, o direito de fazer no mesmo Banco o penhor agricola ou subhypotheca dos fructos pendentes, para o serviço de custeio de sua propriedade agricola, sendo os referidos bens avaliados e fiscalizados, pelo mencionado estabelecimento bancario, até o ajuste de contas ou reembolso. »

Sala das sessões de Credito Agricola, Secretaria da Agricultura.

Capital Federal, 26 de setembro de 1901. — *Augusto Ramos*, agricultor.

Para ser devidamente estudada pela Mesa e opportunamente votada em conclusões que se formulem. — *M. Victorino.*

..

Proponho que o Congresso de Agricultura manifesto, a quem de direito, o voto de seus representantes, no sentido de serem promul-

gadas as necessarias leis, regulando e auxiliando:

1.º A fundação de Syndicatos Agricolas, idéa per cuja realização se esforça a Sociedade Nacional de Agricultura, como base de toda a organização agricola;

2.º O credito agricola — pela fundação de caixas locais e regionaes de credito agricola mutuo, ligadas aos syndicatos agricolas, destinados a promover o auxilio mutuo entre os agricultores, baseando-se per enquanto exclusivamente no — penhor agricola perfeitamente constituido — e para funcionarem como caixas de deposito, de modo que o capital agricola vá se constituindo com as economias, assim reunidas, da propria agricultura, e seja nella applicado com toda a segurança;

Que o Governo da União auxilie a fundação dessas caixas, emprestando por intermedio de um banco de sua confiança, com as necessarias garantias, uma parte de capital de estabelecimento, depois de realizada a outra parte;

Que as taxas desse emprestimo sejam inferiores ás dos descontos commerciaes;

Que seja revista a legislação sobre penhor agricola, estabelecendo-se severa penalidade para os defraudadores.

3.º Instrucção profissional agricola:

Que o Congresso faça sentir aos Governos federal e estaduais a imperiosa necessidade de applicar uma parte da verba destinada á Instrucção publica, ao ensino profissional agricola, puramente pratico e adequado ao nesse paiz;

Que o Governo da União subvencie tambem os estabelecimentos de instrucção pratica da agricultura, e offereça premios e distincções aos que melhores resultados apresentarem;

Que se constitua em cada Estado uma associação de agricultores e amigos da agricultura, para empenharem-se na propaganda e manutenção do ensino agricola, e procurarem recrutar adeptos desse indispensavel melhoramento.

4.º Meio de facilitar a aquisição da pequena propriedade.

Que seja lembrada nos governos federal e estaduais a necessidade de localizar os colonos estrangeiros e os nacionaes actualmente nomadas procurando todos os meios de facilitar-lhes a aquisição da pequena propriedade.

Que por uma acção conjuncta dos proprietarios ruraes e dos governos da Uniao e dos Estados, sejam aproveitadas as boas terras das fazendas actualmente quasi abandonadas ou gravadas de hypothecas, na localisação de familias nacionaes e estrangeiras, escolhidas e moralizadas, compostas exclusivamente de agricultores.

Que haja o maior cuidado e sinceridade na localisação desses agricultores, de modo a satisfazer plenamente as suas legitimas aspirações, banindo todo e qualquer espirito de especulação nesse empreendimento patriótico.

Que esses nucleos sejam estabelecidos nos lugares mais proximos das vias de communição e dos melhores mercados.

Que a vagabundagem seja severamente reprimida.

Sala das sessões da 1.ª secção do Congresso, 26 de setembro de 1901. — *Antônio Fiolho.*

Art. 1.º Fica o governo auctorisado a premiar com a importância de 25 contos annuaes, em cada um dos Estados e Districto Federal, por espaço de cinco annos, todo agricultor que custear estabelecimento agrícola, pelo systema intensivo.

Art. 2.º A área cultivada deve ser, no minimo, de 60 hectares (nos quaes deverão ser exploradas as diversas culturas, de accordo com a votação que fór julgada mais necessaria).

Art. 3.º O agricultor será obrigado a manter em pastagens e estabulos apropriados o numero de animais (cavallar, rumar, vacum, lanifero, suino, etc.) em quantidade bastante para lhe fornecer o adubo exigido pela respectiva cultura.

056 — 25

Art. 4.º Entre os animais acima referidos deverão existir representantes das melhores especies, que serão utilizados para a reprodução, não só pelo proprietario como por qualquer creador, tudo mediante clausula em regulamento previo incluída.

Art. 5.º Nos diversos trabalhos agrícolas, desde o preparo da terra, plantação, beneficios, etc., até a colheita, deverão ser adaptados osapparelhos da moderna mechnica agrícola.

Art. 6.º Será permittido a qualquer pessoa interessada examinar o systema de cultura, sendo o proprietario obrigado a ministrar informações pedidas sobre essa materia.

Art. 7.º Ficam isentos dos impostos de importação e expediente os apparelhos necessarios para exploração agrícola, inclusive arado para cercas. Incidirão tambem no presente artigo os animais de especie superior importados no sentido de dar cumprimento ao art. 4.º do presente projecto.

Art. 8.º Em regulamento especial o governo estabelecerá as condições garantidoras dos interesses proprios e dos do premiado.

Rio, 27 de setembro de 1901. — *Christino Cruz.*

A commissão, abaixo assignada, nomeada para dar parecer sobre a proposição, apresentada a 27 de setembro de 1901, pelo illustre e distincto congressista Sr. Dr. Christino Cruz, depois de ter estudado devidamente o referido projecto, entende que está no caso de ser accoite, observando, entretanto, que todas as ideas que lhe servem de base, acham-se contidas perfeita e desenvolvidamente na Lei do Districto Federal n. 724, do anno de 1899, pela qual foram concedidos favores ao Dr. Cimneo Barboza, para a fundação de estabelecimentos modelas de lavoura intensiva.

A commissão applaudindo todo o conjuncto deste bem inspirado projecto, todavia, offe-

receo como emendas additivas, que julga indispensaveis para tornal-o ainda mais completo e extensivo o seguinte:

Na parte relativa á Industria pecuaria, accrescoular tambem viveiros para avos domesticas das raças mais proliferas e aproveitaveis. Ao art. 1.º, parece que é conveniente limitar sómente ás terras reconhecidamente caçadas a cultura intensiva.

Ao art. 8.º *in fine*, convirá adduzir que no regulamento, que expedir, o Poder Executivo restringirá o mais possivel, a accção offlelal, do modo a não crear embaraços á iniciativa particular.

Julga, portanto, a commissão que o projecto com as emendas acima está nas condições de ser adoptado.

Sala das sessões do Congresso da Agricultura, 30 de setembro de 1901. — *M. Corrêa de Freitas.*

Esforçando-me tambem por concorrer o quanto possivel com men humilde contingente para a grande obra da transformação da nossa lavoura, por meio de ensino e medidas praticas adaptaveis ao nosso meio, cujo pensamento tem sido objecto constante de minhas preoccupações, entendi conveniente trasladar para aqui uma parte da patriotica e importantissima obra «O Grande Problema», de meu velho amigo e conterraneo, Illustrado professor Rocha Pombo, uma das intellectualidades mais vigorosas e um dos espiritos mais operosos, em materia de ensino, que pessimos em nosso palz, — affim do que seja tomado em consideração o convertide em realidade as idéas contidas nesta proposta, aspiração que não só traduz um sonho men de muitos annos, como acredite, o de todes quantos se interessam verdadeiramente por um futuro mais llongeiro para nossa Patria.

Assim, pois, proponho o seguinte

PLANO DE INSTITUTO ZOO-AGRICOLA

Art. 1.º O Instituto Zoo-Agricola tem por fim educar a mocidade e preparal-a para a

vida, habilitando eala homem a viver independente e a confiar em seu proprio esforço e aptilhões.

Art. 2.º O Instituto será estabelecido fóra dos grandes centros de população, e a empreza deverá dispor de uma boa área de terras composta de campos e florestas.

Art. 3.º Além dos edificios e dependencias de thados ao Instituto (internato, etc.), serão creados, a distancia conveniente de sua sede, as secções complementares indispensaveis. Estas secções comprehenderão : Os campos de experiencia, as culturas normaes, os estabulos, as officinas, as fabricas, etc., reclamadas pela natureza da Instituição.

Art. 4.º Tanto a administração do estabelecimento como a sua direcção technica serão feitas por um Director, auxiliado pelo numero de professores e mestres que for necessario. Tanto o Director como os professores e mestres devem residir no Instituto e ter a sua vida economica domestica em commum com os alumnos ou com os aggregados. Além de Director, dos professores e mestres e respectivas familias só haverá, independentes da administração, os auxiliares indispensaveis para a parte economica da empreza.

Art. 5.º A receita do Instituto será formada:

- 1.º Pelas subvenções e auxilios concedidos pelos poderes publicos ;
- 2.º Pela contribuição dos alumnos abastados ;
- 3.º Pela contribuição dos assistentes temporarios, tambem quando abastados ;
- 4.º Pelas operações feitas sobre os productos de lavoura, criação, officinas, fabricas, etc., do Instituto ;
- 5.º Pelas doações, legados, que forem feitos á instituição.

Art. 6.º A receita liquida do Instituto constituirá um fundo especial destinado a auxiliar os alumnos no momento de entrarem na phase de sua independencia economica.

Este auxilio será regalado de fórra que se faça uma distribuição equitativa do referido fundo. Terão igualmente direito a ser auxiliados por conta dessa reserva especial os aggregados que houverem tido uma frequencia de 5 annos, pelo menos, no Instituto. O alumno ou aggregado que depois de haver completado, aquelle o respectivo curso, e este o tirocinio respectivo, preferir continuar a viver sob o regimen do internato, poderá fazel-o, contanto que fique com a sua economia pessoal ou domestica independente e se sujeitem ás garantias ou regalias que o Instituto se reserva.

Art. 7.º Só pôdem ser admittidos no internato meninos até a idade de 11 annos e com mais de 8. Qualquer que seja a idade com que se internem, o menino não passará para o segundo periodo antes de completar 14 annos.

Art. 8.º Além dos alumnos o Instituto admittirá, ainda gratuitamente e como aggregados, nas *secções complementares*, os individuos maiores de 16 annos (e solteiros) que se sujeitem aos trabalhos que se deve executar nas secções a que se destinem, e sempre mediante contracto. O tirocinio para os aggregados será de dous annos. Vencido o prazo do tirocinio, poderá o aggregado continuar no Instituto percebendo uma gratificação, que será previamente convenionada.

Art. 9.º Também poderão frequentar as aulas ou as secções do Instituto, *assistentes temporarios*, mediante a contribuição que se convenionar, exceptuando-se os verdadeiramente pobres.

Art. 10. O ensino do Instituto será dividido em duas secções ou periodos :

1.º A secção fundamental ou 1.ª secção, comprehendendo : Portuguez, noções de historia natural, francez, arithmetica, noções de geometria, geographia, historia geral e do Brasil, noções doCodigo Commercial e do escripturação mercantil, desenho e musica, durante os tres ou quatro primeiros annos, ou até a idade de 14 ou 15 annos ;

2.ª secção, comprehendendo as materias indispensaveis para os cursos integros de agronomia, de zootecnia, de industrias e manufacturas diversas, de mechanica industrial, de agrimensura e de outras que se venhiva a criar — durante os quatro annos seguintes. Além da parte theorica se comprehenderá em qualquer dos cursos o ensino pratico das secções complementares respectivas. Nas mesmas secções, além das aulas primarias indispensaveis (nocturnas) haverá conferencias e proleções sobre os trabalhos que forem sendo executados. A essas proleções deverão assistir tambem os alumnos do 2.º periodo, por turmas, conforme as conveniencias dos respectivos cursos.

Os programmas do Instituto serão organizados de modo que o tempo disponível diariamente fique dividido em tres partes : uma parte para estudos e exercicios theoricos e duas para exercicios praticos, recreações, etc.

Art. 11. O Instituto conferirá certificados, que darão as mesmas garantias e privilegios academicos de agronomo, de veterinario, de mechanico, de industrial, de commerciante agricola, de agrimensor, etc., aos alumnos que houverem completado o curso respectivo ; 2.º de operario-agricola, de operario-criador, de operario-industrial, de artesão, etc., aos aggregados que tiverem feito o tirocinio respectivo nas secções praticas.

Tambem fornecerá certificados aos *assistentes temporarios*.

Art. 12. O Instituto fará tambem uma caixa economica, baseada das necessarias garantias, para nella serem depositadas e accumuladas com juros as pequenas economias tanto dos proprios alumnos, aggregados e assistentes-operarios, como as de todo aquelle que residir ou que se outregue á cultura das terras. "

Fica vasado neste plano apenas as idéas geraes sobre a creação de um « Instituto de Ensino Agricola », e confio que esta aspiração ficará completa com os valiosos subsidios

prestados em projectos de ensino, prolixeamente tratados por outros mais competentes nesta materia em extensas e luminosas memorias. Entretanto, espero da benevolencia do Congresso, que, apesar da deficiencia deste trabalho, não se dignará de tomar em certa consideração algumas das idéas acima articuladas. — *M. Corrêa de Freitas.*

As idéas contidas no presente projecto são de muita relevancia e envolvem questões complexas para poderem ser estudadas rapidamente, com o pouco tempo que resta á commissão, e, especialmente, ao relator a quem foi incumbida tão ardua tarefa, a que não pode corresponder, como era de desejar, porque lhe falta autoridade na materia.

O illustre congressista Dr. M. Corrêa de Freitas menciona no seu excellento projecto a opinião autorizada e a elle favoravel do illustrado professor Rocha Pombo e isso bastaria para o recomendar ao estudo do Congresso de Agricultura.

Sou daquelles, que, mesmo não sendo autorizados no assumpto, devido á falta de competencia, pensam ser o ensino official superior obrigatorio mais pernicioso que util.

A unica vantagem do ensino superior obrigatorio é, como já disse um distincto academico, a possibilidade, a certeza mesmo, da garantia da approvação annual, mediante as *collas* do sabbatinas, feitas por aquelles a quem é mais facil esse meio de diplomar-se; os resultados que se seguem são os mais funestos, pois além dos defeitos já apontados criam uma classe de privilegiados incompativel com o ideal republicano.

Feitas estas ligeirissimas considerações, don o meu voto ao projecto, mas tenho minha duvida quanto á sua actual exequibilidade.

Pareco-me que, para elle ser posto em pratica desde já, deveria fazer parte do

programma a ser adoptado para as colonias correccionaes e preventivas do Dr. Clímaco Barbosa. Mas, assim adoptado e executado, não nos seria heito esperar o concurso de alumnos maiores, os quaes de certo não queriam ser collogas dos ex-reclusos, embora já regenerados devido ao effeito moral que actuaria ainda em seus espiritos.

Sala das sessões, 5 de outubro de 1901.—
Joaquim Simões da Cruz (relator).— *Dr. Clímaco Barbosa.*

Considerando-se as grandes distancias entre os centros productores e os do consumo, mesmo em nosso paiz, e, levando-se ainda em conta o 2º transporte, que se faz dos nossos entrepostos maritimos para os mercados estrangeiros, cujo percurso conta-se por milhares de millias, sobrecarregando-se assim os nossos productos extractivos e agricolas (sendo estes de valores infinitos, o que não acontece com os productos fabris no estrangeiro, que são de valores maximos), permitindo assim que estes possam supportar taxas mais elevadas, sem prejuizos aos seus productores, ao passo que a natureza dos nossos não pôde tolerar sinão despezas muito modicas, afim de que possa facilitar a sua exploração. Como ficou dito, lembro, portanto, a bem do desenvolvimento da nossa lavoura e exploração de nossas minas, como medida de protecção aos nossos productos, enjos preços são reduzidos e de attonnante ás grandes distancias dos mercados de consumo estrangeiros, que se adopte o seguinte :

Art. 1.º Nas estradas de ferro de pleno dominio da União, como aquellas que por parte della gozarem de garantias de juros, o Governo estabelecerá — quando não sejam tarifas igualitarias, pelo menos tarifas differencias para os productos de exportação, devendo ser a razão da taxa de differença a menor possivel, de fórma a proteger sempre os productos mais afastados dos entrepostos maritimos. — *M. Corrêa de Freitas.*

Considerando que a base de todo o progresso agrícola é a mais perfeita união entre os lavradores, sem a qual não poderá haver unidade de vistas entre os mesmos, em completo prejuizo de seus *membros, digo*, interesses e, portanto, prejudicando, por esse facto, os verdadeiros interesses da nação ;

Considerando que reina entre os lavradores a mais completa discordancia possível, discordancia esta oriunda de causas diversas, qual dellas mais importante, como sejam :

a) deficiencia de uma solida instrucção primaria, base primordial de qualquer instrucção superior ;

b) falta de credito, devida ao estado baixo dos preços de productos agricolas e á difficuldade e carestia do custeio das lavouras ;

c) pessimos systemas de cultura e criação, por falta de verdadeira orientação, que mereça dos lavradores completa confiança ;

d) profundo desanimo, proveniente das causas já apontadas ;

e) medonha e esteril lueta politica pessoal, em que os lavradores, olvidando ou desprezando os seus verdadeiros interesses, delegam os seus poderes politicos a representantes que, apesar de serem, em grande maioria, lavradores, tratam de todos os assumptos, menos dos agricolas, etc. ;

Considerando que a fundação de clubs agricolas e a multiplicação desses clubs, obedecendo todos ao mesmo systema e com perfeita e igual unidade de vistas contribuem forçosamente para a união e solidariedade da *grande classe*, desde que esses clubs sejam allados ou filiados á uma sociedade central e portanto allados tambem entre si ;

Considerando que nesses clubs os associados se conhecem reciprocamente e podem portanto dirigir e sustentar caixas bancarias para pequenos empréstimos aos lavradores para o custeio immediato de suas lavouras, só para esse fim exclusivamente e sob melhor

agrícola sómente, com prazo maximo de 12 mezes, osprei que moleia entre duas colheitas consecutivas ;

Considerando que, pela falta de credito, actualmento reinante, nenhum capitalista, ainda mesmo lavrador, quorerá fornecer capitães para a criação dessas caixas, havendo portanto necessidade de protecção offeida e garantia de juros ;

Considerando, finalmente, que a lavoura tem necessidade urgente e imprescindivel de representantes exclusivamente seus, no Congresso Nacional e nas Assembléas Estadocaes, para protecção de seus interesses :

Indico as seguintes conclusões, para dellas a commissão respectiva aproveitar o que houver de util aos fins deste Congresso :

CONCLUSÕES

I. O Congresso de Agricultura precisa solicitar dos Governos Estadocaes e das Camaras Municipaes a criação de mais escolas primarias do que as actualmente existentes.

Paragrapho unico. Frequencia obrigatoria das mesmas escolas, salvo o caso de frequencia de escolas particulares.

II. O Congresso de Agricultura promoverá entre os lavradores a fundação de clubs agricolas, quer expedindo circulares a todos os lavradores, quer sollicitando dos clubs agricolas existentes e da Sociedade Nacional de Agricultura uma propaganda onergica e effeaz para conseguir a multiplicação dessas utilissimas associações.

§ 1.º Com esse intuito, os clubs agricolas nomearão commissões que dirigindo se aos centros agricolas vizinhos, proenrem e consigam effectuar algumas reuniões de lavradores, deixando fundado um club.

§ 2.º A Sociedade Nacional de Agricultura incumbir-se-á da propaganda nas zonas onde não existam clubs já fundados, nomeando para esse fim commissões especiais.

§ 3.º Para conseguir facilmente os flus dessa útil propaganda, a Sociedade collectará de quem de direito, auxilios directos, quer em passagens gratuitas nas ferro-vias e companhias de navegação, quer em sustento dessas comissões, quer em local para as conferencias e reuniões.

§ 4.º Esses clubs serão allados, ou allados á Sociedade Nacional de Agricultura e orão visita os periodicamente por comissões de inspecção e propaganda da dita Sociedade.

III. O Congresso exhortará os clubs a se fazerem representar no Congresso Nacional e Assembléas Estaduales, embora com successo, promovendo entre os lavradores do districto a que pertencem, a candidatura e eleição de um ou mais de seus socios que sejam independentes de partidos politicos.

Paraphrasis unico. Pórá deste caso, os clubs não intervirão absolutamente em politica, abstendo-se completamente de apolar qualquer partido.

IV. O Congresso solicitará dos Governos Estaduales protecção e garantia de juros para as caixas bancarias de penhor agricola, fundadas e dirigidas pelos clubs agricolas e só para estas exclusivamente, nas seguintes condições :

§ 1.º A garantia de juros será de 6 % sobre o capital.

§ 2.º Esse capital será, no maximo, igual á importancia da metade do valor dos productos agricolas, produzidos pelos socios do club creador da caixa.

§ 3.º Esso capital será constituido por accções de 20\$ no maximo para a sua facil formação e multiplicidade de accionistas, visto serem taes os mais pobres lavradores.

§ 4.º O regulamento da caixa será approved pelo Governo protector, depois de ter sido approved pela Sociedade Nacional de Agricultura.

§ 5.º A caixa só emprestará a lavradores socios do club.

§ 4.º O prazo maximo será de 12 mezes.

§ 7.º Os juros desses emprestimos serão de 10 %, capitalizados semestralmente.

§ 8.º Nenhum lavrador poderá retirar por emprestimo mais do que a importancia da metade do valor de sua producao, a julzo de uma comissáo avaliadora nomeada pelo club; no caso de já estar começada a colheita ou encetados os trabalhos, o emprestimo será no maximo da importancia de 50 % sobre o valor da colheita pendente ou já armazenada em casa do lavrador e dos animaes e utensilios de serviço agricola.

§ 9.º As caixas serão obrigadas pela directoria do club ou pessoal do mesmo de nomeação da dita directoria, e serão fiscalizadas por empregados de confiança do Governo.

§ 10. As caixas poderao tambem receber depositos até a quantia maxima de 50 % do seu capital effectuado, pagando destes depositos juros capitalisaveis semestralmente.

§ 11. Além do contido nestes paragraphos, nenhuma caixa poderá effectuar transacções de outra especie, visto ser o seu unico fim facilitar aos lavradores o meio facil de manutenção e custeio de suas lavouras para rehabilitação do seu credito.

S. S., 28 de setembro de 1901.—*Carlos Augusto Xavier Machado.*

Sr. Presidente — Antes de tudo, tenho a honra de significar meu desvanecimento por achar-me fazendo parte desta distincta, tão illustrada assembléa, tão nobremente presidida por V. Ex ;

E' o mais humilde e obscuro filho da primogenita de Cabral, é o batallador peregrino e incustavel pelo desenvolvimento de sua querida patria ;

E' o agricultor assiduo, que traz o rosto bronzeado e as mãos callejadas ainda do renhido trabalho da lavoura paulista,

que teve o infurtunio, do He incendiarem parte da fazenda, prejudicando-o sensivelmente!

É o homem mais respeitador da Constituição, que nos rege, e que nunca vacou ás temeridades, aos grandes sacrificios e está continuamente disposto a ajudar, a promover os elevados commettimentos e a conquistar as glorias do seu paiz, porque sempre considerou acima de tudo a paz, o progresso e a defesa da nação. . .

Não é, portanto, merecedor do templo, é, pois, um mediocre sacerdote do templo, cheio de patriotismo e abnegação, que vem trazer o seu pequeno contingente ao Congresso Agrícola Nacional.

Nesta triste emergencia tão calamitosa, com que, infelizmente, nos achamos a braços a tenebrosa e revoltante crise, em que estamos envoldidas, pela pessima direcção da orgulhosa supremacia e furanças « nesta gravissima situação » suggerio-me a idéa de offerecer a esta secção de Credito Real e Agrícola o mesmo projecto, por mim elaborado e apresentado, ao primeiro Congresso dos Lavradores do Estado de S. Paulo, presidido pelo então secretario da Agricultura Dr. Alvaro de Carvalho, no governo do Sr. Dr. Campos Salles, que, sendo unanimemente approved pela compacta reunião dos Lavradores mais importantes e abastados, foi elevado ao Congresso Estadual por um dos seus pures *invi salientes*, obtendo o *credictum* daquella Camara e do Presidente do Banco de Credito Real de S. Paulo, que dignou-se mencionar, em seu bem redigido relatório, cuja parte, peço permissão para ler:

« Madores poderiam ser os serviços prestados desde já á Lavoura, si simultaneamente com a reforma do Banco de Credito Real se houvesse fundado pelo menos um dos estabelecimentos de credito agrícola, anel orizados pela Lei n. 682, de 14 de setembro de 1899, que conferio ao governo a faculdade de garantir juros de 7 % ao anno, e pelo prazo de 20 annos, ao capital de seis

institutos desta natureza que se fundassem nesta capital e em varios pontos do Estado.

O credito agrícola, devendo visar especialmente o supplemento dos recursos necessarios para as despezas do custeio das propriedades rurais, é hoje um factor indispensavel á vida economica da industria agrícola, assegurando-lhe a normalidade dos trabalhos de exploração, e constituindo-se, consequentemente, uma garantia da estabilidade da produçáo, unica causa que por sua vez, póda assegurar a regularidade no pagamento das prestações dos empréstimos hypothecarios a prazo longo, que em regra são destinados a preencher a delleiciencia do capital fundamental da propria industria.

Esta modalidade do credito é um complemento indispensavel á outra, resultando da harmonia do funcionamento de ambas um systema completo do credito que, repousando sempre em garantias reais, fornece aos lavradores todos os recursos necessarios ao manejo dos seus negocios. Mas, enquanto não se fundarem em moldes praticos e adequados ás circunstancias da lavoura nacional, os institutos de credito agrícola, não será possivel dar ás operações hypothecarias todo o desenvolvimento que as suas condições actuaes exigem.

O patriotismo do Congresso Legislativo do Estado assim comprehendu, votando successivamente as leis que lhe pareceram capazes de attender á dupla necessidade da fórma de credito á lavoura, mas uma dellas não encontra ainda exectores, e não é provavel que os encontre, sem uma intervenção mais directa do estado, pelo menos, enquanto o creado de capitães se conservar retrahida, como se acha, especialmente em relação a negocios com a lavoura.

Estamos certos, porém, que em sua proxima reunião voltará o Congresso a occupar-se de tão momentoso assumpto e saborá encontrar os meios praticos de animar as

capitalistas em uma empresa que offerece as mais solidas garantias, um grande campo de acção e a perspectiva de um grande futuro, e que viria prestar incalculáveis serviços a todas as fontes de riqueza do Estado.»

O meu simples projecto, não é mais do que uma fraca collaboração que, como insignificante membro, trago á luminosa apreciação e estudo do Congresso, afim de ser dirigido aos poderes competentes. Eis o projecto:

A creação immediata do Banco de Credito Agricola, na Capital Federal e nas Capitais dos Estados, consuecenciaes, em todas as comarcas para acudir ás urgentes necessidades da lavoura, que se acham nos paroxismos da morte e salvar tambem o commercio, que já está agonizante, cujo auxilio devera ser feito em dinheiro, a juros de 7% ao anno *o máximo*, mediante garantia do governo e sob hypotheca dos bens ruraes e agricolas, ao Banco, pelo prazo de 20 annos, em prestações regulares para facilitar o desenvolvimento da lavoura, cujos premios serao pagos, nos fins das safra e vendas dos productos, tendo o lavrador o direito de fazer no mesmo estabelecimento bancario o penhor agricola ou sob hypotheca dos fructos pendentes, para o serviço do creito de sua propriedade agricola, sendo avaliados e fiscalizados pelo Banco, até o ajuste de contas ou reembolso.

Sala das Sessões do Credito Real e Agricola na Secretaria da Agricultura, Capital Federal, 26 de Setembro de 1901. — *Augusto Ramos*, agricultor.

A 5ª commissão do Congresso de Agricultura solicita a intervenção do Governo Federal para que sejam baixadas as exaggeradas tarifas do Lloyd Brasileiro, que atrophiam o desenvolvimento do commercio e lavoura nacional.

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1901. — *Annibal Porto*.

Acrescento-se «é tambem se solicite a intervenção do Governo para que sejam reduzidas as tarifas das estradas de ferro nacionais.»

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1901. — *Oscar Varady*.

Estudando a Indicação firmada pelos Srs. Hannibal Porto e Oscar Varady no sentido de solicitar do Congresso a intervenção do Governo Federal a que sejam reduzidas as tarifas do Lloyd e das estradas de ferro, a commissão é de parecer que ella seja tomada em toda a consideração. Effectivamente um dos maiores males que afflige o productor nacional e desperta clamores unânimes consiste no exaggero dos fretes de transporte, exaggero que chega ao ponto de desnaturalizar o productor e em muitos casos prohibir o commercio, e portanto o desenvolvimento das culturas.

Em relação ao Lloyd, que recebe larga subvenção dos cofres publicas, é de estranhar que até hoje a companhia não tenha correspondido aos sacrificios do Estado. Trata-se de uma empresa de caracter nacional e por isso não destinada a servir aos interesses geraes e estreitar as relações commerciaes entre os Estados, facilitando a permuta dos generos. Assim, para harmonisar esses interesses geraes com os seus, devia a companhia custear ao menos duas linhas de vapores: uma de marcha rapida servindo exclusivamente aos portos das capitais, e outra destinada aos portos secundarios que já tenham adquirido ou tenham elementos para adquirir certa importancia commercial.

Não se póde entretanto tratar dessas questões da indicação das tarifas sem concretisar as reclamações, porquanto o estudo em cada caso particular depende do base e a solução depende por sua vez do accordo com as companhias, em virtude do seus contractos.

Um bom systema de tarifas representa uma média geral, fundada na harmonia de interesses, tudo em attenção á resistencia

commercial do genero, subordinada ao custo da produçào e ao lucro do productor.

Para certos generos de baixo preço, como os cereaes, legumes, fructas, aves, leite, ovos, etc., em conciliação de interesses chega ás vezes ao ponto da empresa sacrificar seus interesses immediatos na esperança do lucro sobre as cargas de retorno, consequencia directa das transacções effectuadas. Além disso, um bom systema de tarifas, a renuncia nos lucros sobre certos transportes costuma ser compensado por um lucro maior sobre os generos de resistencia, sem todavia attingir o abuso. O que não se admite em caso algum é a tarifa prohibitiva. Assim é por exemplo que, tendo consultado alguns interessados, a commissão verificou que é mais facil aos Estados do norte importarem do estrangeiro cereaes, feijões, alfafa, xarope, agnãs mineraes nectares, etc., do que os generos similares produzidos pelos Estados, e este facto vergonhoso é devido unicamente ao exagguero dos fretes. A commissão verificou tambem que o assucar de Sergipe paga mais 50 % de frete do que o de Pernambuco, quando as distancias percorridas repellem semelhante differença.

Taes manobras, uma vez denunciadas, não continuarão do certo; a alta competencia do Exm. Sr. Ministro da Viagem leva a crer que os es assumptos serão plenamente resolvidos de accordo com o interesse geral, ligado ao desenvolvimento da riqueza publica. Tão sómente é insistir: de um lado concretisar as reclamações; e de outro manter uma commissão permanente, incumbida de estudar essas questões em detalhe e servir de órgão dos interesses agricolas perante os governos aos quaes competir a solução.

As considerações com relação ao Lloyd estendem-se aos fretes das ostras das de ferro, cujo systema excessivamente defeituoso matou o pequeno commercio. Compreendendo se, por exemplo, o frete minimo quando se aluga um vagon ou um trem, e nesse caso é natural que o preço attinja a lotação completa

dos carros. Estabelecer, porém, um frete minimo pelos trens ordinarios, importa em decretar que nenhum genero de valor inferior a 2\$ ou 3\$ possa ser transportado, porquanto o frete, o custo da produçào e outras taxas complementares, seriam sufficientes para desanimar o productor ou commerciante. A commissão lamenta este facto tanto mais quanto a divida proveniente do pequeno commercio seria a unica capaz de collocar as empresas de transporte a salvo das grandes crises, porque é uma renda segura, constante, das pequenas parcelas originadas de despezas pouco sensiveis e de multiplas necessidadas de ordem commercial. O mesmo dirá a commissão dos impostos e taxas accessorias que, quando não possam ser supprimidos do todo, devem ser absolutamente eliminados para os transportes a baixo preço.

Um exemplo. Supponhamos um despacho de legumes, fructas, pão, carne, leite, cujo valor venal, incluindo o custo da produçào, seja de 500 réis ou 2\$000.

Em consequencia do frete minimo de 1\$ e 2\$ já esse genero não pôde ser transportado sem prejuizo. E quando elle escapasse ao frete minimo, esbarraria nos impostos e taxas accessorias. Suppondo que pela tarifa ordinaria o custo do transporte importasse em 200 réis, adicionando-se-lhe o sello federal de 200 réis por cada despacho, o sello estadual de 200 réis pelo mesmo despacho e as taxas accessorias de 100 réis de isenção, 100 réis de expellente, 100 réis de aviso, sem fallar de outros impostos e taxas, vê-se que o custo do transporte, que em todo o caso exprime a remuneração de um serviço, fica elevado a quatro ou cinco vezes mais, não só absorvendo o lucro do productor como excedendo o custo do proprio genero. O absurdo é tão patente, que não vale a pena a commissão insistir sobre elle para justificar a necessidade de estabelecer um limite para a applicação desses impostos e taxas, que matam positivamente o pequeno trafego, — quando não é essa a missão do se-

melhantes emprezas collocadas á sombra de subvenções, garantias de juros e monopólios do povo. Tais anomalias tem subsistido unicamente por falta de reclamação.

Em resumo a commissão é do parecer que a proposta encerre materia digna de toda a ponderação, espere dos poderes publicos providencias immediatas e opta pela nomeação de uma commissão permanente na capital da Republica com sub-commissões nas capitales dos Estados, encarregados todos de defender os interesses agricolas em relação ás tarifas de transporte, cujo exaggero tem sido uma das causas principais do nosso atrazo economico.

Sala das commissões, 30 de outubro de 1901.
— *Carvalho Borges Junior.* — *Domingos Sergio de Carvalho.* — *Herculano Bandeira.* — *Hannibal Porto.* — *Americo Werneck.* — *Ignacio Tosta.*

5ª Secção

CULTURAS DIVERSAS

MEMORIA — Herva-matte

O matte é um verdadeiro succedaneo do chá, do qual possui todas as virtudes, sem particularidades ou inconvenientes.

O matte ou herva-matte é um produc o da America do Sul, obtido pelo preparo adequado das folhas e dos ramos tenues ou talos da arvore da *congouha*, *ilea-matte*, *ilea-paraguayensis* ou, segundo Augusto Salut Hillare, *ilea-paraguariensis*, da familia das Ilcineas ou Ilcaceas.

É um producto alimentar, usado como bebida diaria, em infusão, á semelhança do chá e do café, em alguns Estados do sul do Brazil e nas Republicas do Prata e do Chile, constituinte para muitos povos dessas regiões uma bebida indispensavel e da primeira necessidade.

O seu uso data de mais de dois seculos,

segundo rezam as chronicas dos tempos coloniaes, principalmente com referencia ás missões dos jesuitas hespanhóes no sul da America Merldional.

O sabio botanico Martius, em sua monumental *Flora Brasiliensis*, allirma que os missionarios incumbidos da catibocose dos Indios guaranys no Paraguay, aprenderam com estes as virtudes do *cad*, vocabulo que significa *herva ou planta por exellencia*. Esta versao nos parece perfeitamente accoitavel, porquanto as mais importantes missões jesuitas eram estabelecidas numa extensa zona de herva-matte, situada entre os rios Paraguay, Paraná e Uruguay.

Os jesuitas, que obtiveram do Governo da Hespanha, para a companhia de Santo Ignacio de Loyola, um privilegio, que vigorou até 1774, para a exploração do hervaes, naturalmente aperfeçoaram o modo de preparar e usar as folhas do matte, que eram primitivamente mastigadas no estado verde.

A arvore de herva-matte ou congouha, em seu pleno desenvolvimento e depois de modificada por uma cultura, mesmo rudimentar, tem em geral o aspecto de uma laranjeira frondosa, elegante, de tres a oito metros de altura; suas folhas são sub-coriaceas, oblongas, lanceoladas, de dimensões variadas.

A herva-matte, que constitue, desde mais de meio seculo, a principal fonte de riqueza do Estado do Paraná, vegeta espontanea e profusamente nos planaltos de serra acima, a 500 ou 600 metros sobre o nivel do mar, em terrenos mais ou menos seccos.

Embora não haja ainda um mappa florestal do Brazil, vamos dizer algo a respeito da distribuição geographica da mais preciosa das Ilcineas, que nas zonas de sua predilecção cresce em tal profusão, que não se tem cogitado de sua cultura; pois a herva que se apresenta em estado silvestre é mais que sufficiente para o seu já não pequeno consumo.

Segundo Martius, é entre 20° e 30° de latitude sul, que nasce e se desenvolve prodigiosa e espontaneamente a matte, o que no

Brazil corresponde ao sul de Matto Grosso e de Minas Geraes e aos Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

Acreditamos que se encontrem tambem alguns especimens, embora *d-generatos*, no extremo meridional de Goyaz.

O Dr. André Rebouças, em um opusculo publicado em 1875, sobre o acondicionamento da herva-matto, fixa, como limite septentrional do matto no Brazil, o sul da Bahia.

No Brazil, é, incontestavelmente, o Paraná o Estado mais rico de herva-matto, seguindo-lhe em escala decrescente Matto-Grosso, cuja exportação ultimamente augmentou pela iniciativa da polerosa Companhia Matto Larangeira, que monopolizou a exploração dos herveas nacionaes Rio Grande do Sul, Santa Catharina, S. Paulo, etc.

Nos mercados consumidores de herva-matto só o Paraná concorre com tres quintas partes dos productos, observação que já havia sido feita pelo professor Dr. Caminhoá em seu tratado de botânica.

No Paraná encontram-se arvores de herva em quasi todas as regiões de serra achada, excepto nos terrenos baixos e humidos e no cume das montanhas, notando-se que o matto das adjacencias da Serra do Mar não é tão apreciado como o dos planaltos centraes, como o das comarcas da Lapa, Palmeira, Palmas e Guarapuava, que se estende até ás margens do caudaloso rio Paraná.

Já A. de Saint Hilaire havia observado que no territorio que constituo hoje o Estado do Paraná, as arvores de Ilex apparecem quasi sempre ao lado do magestoso pinheiro, *araucaria brasilensis*, porém o Dr. Luiz Couty diz que o pinheiro apparece um pouco antes que a herva-matto, conforme facilmente se observa subindo do littoral do Estado do Paraná á serra da Graciosa e á do Itupiva, em direcção ao planalto de Curitiba.

O Dr. André Rebouças observou tambem que o *Ilex colnei* le co n o pinheiro, porém é sua opinião tambem que a região daquello é

mais vasta, porquanto a uratear-la não se encontra além da serra do Pleú, em Minas Geraes. Fóra do Brazil, nas Missões Argentinas, no Uruguay e no Paraguay encontram-se muitos herveas, principalmente neste ultimo palz, que, sól este pouco de vista, rivalisa com o Estado do Paraná.

As arvores de herva-matto ou congonha apresentam-se sob variedades differentes, conforme as regiões, natureza do sólo, idade da arvore e outras condições, que influem tambem sobre o tom das folhas, sendo algumas de um verde amarelado, outras de um verde escuro mais ou menos carregado.

Baseado nossas differenças, o Conselheiro Caminhoá admittia as tres variedades seguintes de *ilex paraguayensis*: a latifolia ou herva de folhas largas, a longifolia ou herva de folhas compridas ou alongada ou angustifolia ou herva miúda. Esta parece ser a mais apreciada e mais rica de principio activo.

Além dessas variedades da herva legitima ou congonha verdadeira, ha na mesma familia botânica numerosas especies com que se pôde sophisticar o matto; mas são falsificações grosseiras, hoje banidas completamente, graças ao escrupuloso exprocho dos benefecia-dores de herva e ás justas exigencias dos consumidores.

As especies mais conhecidas são a *orella de uico* e a *caína*, *ilex-pseudo* buxus Roiss, cujas folhas eram outr'ora fraudulentamente misturadas ás de herva matto; pelo que os poderes publicos do Paraná tiveram de intervir, decretando uma prohibição formal, com pesada multa aos contraventores.

Ha, entretanto, uma *Ilex*, que, não obstante a interdicção legal, entra na composição de alguns typos commerciaes de matto de reputação secundaria nos mercados do Prata.

Referimo-nos á congonha-lula, *Ilex Chamoodrifolia*, arbusto de folhas alternas, coriáceas, dentadas, papionas, que fornece um matto mais amargo que o da congonha legitima, mas de um paladar pouco agradável e de uma cor e aroma menos persistentes.

Ha, além disso, em S. Paulo, Minas Geraes e Bahia algumas outras Heineas, quasi todas conhecidas pelo nome de couzonha, que, em algumas localidades, são usadas tambem como o chá. As folhas da gnabirola ou gravirova, da familia dos Myrtaceos, tambem ferun anteriormente no Paraná adicionadas erliminosamente á herva-matto; porém é uma falsificação por completo desprezavel, por demasiado grosseira.

Sendo tao vastas as zonas que produzem herva-matto com tanta profusão, é de admirar e lamentar que tenha-se procurado frandar essa industria extractiva, relativamente facil e promissora de pingues compensações.

Expondidas essas noções geraes sobre a herva-matto o mais resumidamente que nos foi possível, para não darmos maior vulto a este desprezencioso trabalho, era nosso desejo entrarmos já no nosso principal objectivo — cultura, colheita e preparo da herva-matto; mas julgamos mais acertado, para não alterar a ordem natural das partes de nosso estudo, passarmos a tratar da utilidade do matto, fazendo preceder essa explanação synthetica de uma exposição sobre sua analyse chimica.

Analyse chimica — De harmonia com os progressos scientificos, que tendem a substituir o empirismo inconsciente por fundamentos racionais estabelecidos pela sciencia, que tudo investiga, tem-se feito numerosas analyses, mais ou menos concordes da herva-matto. O Professor Caminhoá em seu Tratado de Botanica se refere a diversas analyses, feitas desde 1836, na Europa por Frommelorff, Stanhouse, Rochleler, Lenoble e Arnault Schimpor.

Para o fim que collimamos, nos basta traerover do livro «Analyses de Matière Médica Brasileira», publicado pelo Dr. Theodoro Peckolt, abalizado chimico do Rio de Janeiro, a analyse por elle feita de diversos typos de matto, principalmente do Paraná.

Eis, com toda a fidelidade, quanto á

theina ou cafeina (que se pôdo chamar tambem mattina ou paraguariina, porque são substancias isomeras, identicas) a analyse sobre o matto do Paraná, que o Dr. Peckolt chama *Hlex Sorbilis*:

Em 1,000 grammas de folhas secas, dez que obtve cafeina	16,750
Um folha fresca do mesmo	4,760
Dez ramos secos e substituídos com folhas	1,050
Dez folhas secas do matto paraguayo (<i>Hlex Paraguayanus</i> S.)	7,678
Dez ramos secos e sem folhas do mesmo	2,579
Do matto de Matto Grosso (<i>Hlex Guianensis</i>) a folhas secas a d'rao	0,500

Quanto aos outros principios que elle encontrou em 1000 partes de folhas de matto do Paraná, eis a sua proporção:

Chlorophylla e resina molle	62,000
Acido p'ânico	20,691
Acido matt' (tânico)	12,288
Materia saccharina	47,081
" extractiva amarga	2,033
" " de lo orgânico	8,815
Strophiolena	0,019
Albumina, dextrina e sales	39,650
Materia fibrosa e adiposa	799,720

É tambem do Dr. Peckolt o seguinte mappa comparativo da composição do chá verde, chá preto, café e matto, por onde se evidencia que o valor nutritivo do matto é semelhante ao dos productos com que é confrontado

EM 1,000 PARTES:	CHÁ VERDE	CHÁ PRETO	CAFÉ	MATTO
Óleo essencial	7,90	6,00	0,41	0,01
Chlorophylla	22,20	18,14	13,05	32,00
Resina	22,20	36,70	13,05	20,60
Tannino	178,00	128,80	14,39	12,28
Theina ou cafeína	1,50	1,00	2,05	2,50
Materia extractiva, corante, etc.,	351,00	300,00	270,07	208,80
Fibras e cellulosa	175,80	283,20	171,80	180,00
Cinzas	80,00	51,00	25,01	38,41

Desse quadro comparativo facilmente se deduz que o matto é menos excitante que o chá e o café, motivo por que é preferido por pessoas nervosas e por mulheres e crianças.

Conhecidos os elementos que entram na composição do matto, estamos habilitados a encetar o estudo de suas propriedades, sua utilidade, da importância e do papel preponderante a que está destinado, desde que por uma propaganda tenaz e intelligente esse precioso producto tornar-se universalmente conhecido.

Utilidade do matto — O matto é um producto nutritivo, de grande valor hygienico, que entra como factor indispensavel na alimentação dos povos que, por habito enraizado ou para satisfazer necessidades, quasi oriumlas de influencias mesolgicas, adoptaram o seu uso quotidiano. É um genero de primeira necessidade para certas populações da parte meridional da America do Sul, para as quaes a privação do matto é um dos maiores supplicios, se traduzindo por uma sede ardente, que não pôde ser saciada por outra bebida.

É o matto uma bebida tónica, estimulante e diuretica, classificada pelos hygienistas e physiologistas, juntamente com o chá da India, café e alcohol, como alimento respiratorio, de poupança ou economia, dos chamados pelo insigne professor Adolphe Gubler *dynamophoros*, isto é, que reparam as forças e não prejudicam os tecidos. Sustenta as forças do organismo, mitigando a sensação da fome, a tal ponto, que os nossos caboclos do interior ou os gaúchos dos pampas podem, sem grande sacrificio, passar dias inteiros sem alimentação solida alguma, contanto que não lhes falte a infusão do matto simplesmente, nem mesmo assucar. Essa influencia quasi magica se exerce tambem sobre soldados em marcha, como já foi observado na guerra do Paraguay e nas campanhas diversas, de que tem sido theatro o Sul do Brazil e as Republicas Platinas.

Suas qualidades estimulantes e tónicas o tornam uma bebida alimentar de primeira ordem para enfermos e convalescentes, não conhecendo em até hoje nenhuma contraindicação bem averiguada ao seu uso; dahi o seu emprego nos hospitaes e casas de saúde.

Talvez por contar menos cafeina ou theina, o matto é menos excitante do systema nervoso que o chá e o café, não produzindo, como elles, insomnia; é por essa virtude que elle se recommenda ás mulheres e crianças, e ás pessoas nervosas, neurasthenicas.

Repetimos aqui o que já tivemos occaso de dizer¹: quem viajou alguma vez a cavallo, dias consecutivos, principalmente a rigoros de um sol de estio, pelos nossos campos do interior, pelos do Rio Grande do Sul ou pelos pampas platinos, alimentando-se quasi exclusivamente de carne (churrasco), sente necessidade imperiosa de sorver com avidoz uma enia do appetecivel chimarrão e ó empaz de renunciar desdenhosamente ás capifosas bebidas fermentadas que a civilisação europea tem introduzido entre nós.

É essa predilecção pelo uso do matto, repetidas vezes por dia, quasi como um vicio, como o fumar, não se pronuncia sómente sobre os naturaes do paiz; porquanto manifesta-se mesmo sobre o estrangeiro, o emigrante europeu, que no fim de pouco tempo converte-se tambem em um insaciavel tomador de chimarrão. No Rio da Prata, diz o Dr. Caninhóá, a principio os estrangeiros provam esta substancia por comprazer com as pessoas que os convidam a tomal-a, e principalmente quando é *sevado* por alguma intressante *senhorita*; depois de algum tempo ó curios) vor-se o francez, o allemão, o russo e até o inglez, que do ordinario custa a adquirir habitos diversos dos seus, a chuparem a bombilla, e por fim tornarem-se viciados a ponto de tomarem aquella bebida sem assucar, e muitas vezes no dia!

¹ *O Centauro*, revista de Curitiba, 8º fasc. de 1895 — Estado do Paraná, pelo Dr. Victor do Amaral.

O uso do matte amargo ou chimarrão ultrapassou as ratas de uma bebida alimentar, para constituir uma especie do vicio, a to las horas, de modo que muitas pessoas nunca bebem agua fria, mitigando sempre sua sede com o chimarrão. Esse habito, tao simples, encerra um grande proveito hygienico, principalmente quando a agua não é de boa qualidade para ser bebida pura e póde conter gormens infecciosos, em tempo de epidemia.

Sendo de boa pratica, nessas occasões, aconsellar-se como meio prophylactico o uso só de agua fervida, e, como a agua fervida, embora fria, não tem o sabor de uma boa agua potavel, deduz-se que o uso do matte como bebida ordinaria (em vez da agua fria) é um preventivo effeaz contra grande numero de molestias microbianas, tornando-se assim um grande factor hygienico. E não é de importancia secundaria esta applicação de matte, quando se reflecte que em medicina os meios prophylacticos tendem cada vez mais a ampliar sua esphera de acção, circumscrevendo-se mais a orbita da therapeutica.

E não se supponha tambem que o matte, absorvido quente, torne-se intoleravel no verão ou nos paizes quentes, quando o organismo reclama bebidas geladas. Ao contrario do que succede com o café e o chá, que augmentam o calor e a transpiração, a ingestão do matte parece produzir uma acção refrigerante. Este effeito, algum tanto paradoxal, nós affirmamos por experiencia pessoal, invocando o testemunho dos apreciadores do chimarrão.

Uma bebida hygienica e innocua, como o matte, é necessariamente um benefico substitutivo das bobidas alcoolicas e uma arma poderosa contra o alcoolismo, com a qual as sociedades de temperança poderão colher enorme proveito em sua philantropica luta contra um dos maiores flagellos que degradam e dizimam a humanidade.

Além do uso alimentar a que temos alludido, o Dr. Caminhoá attribue-lhe propriedades medicinas, considerando-o, quando

tomado sem assucar, como tonico amargo, adstringente estomachico, e febrifugo, ou pelo menos capaz de prevenir accessos intermitentes. Discordando de n.ºs o saudoso Mestre quanto a esta ultima virtude, por considerarmos o matte inerte contra o impaludismo, em cujas zonas mesmo elle não medra, todavia acreditamos na acção benefica do infuso de matte administrado aos febricitantes para apaziguar-lhes a sede.

Parece ser incontestavel a sua acção estimulante sobre as tunicas musculares do estomago, acção moderada, favoravel ao tonus normal, sem ir ao ponto de traduzir-se por propriedades laxativas. O Sr. Henrique de Porville, em um numero de 1898 da «Nature», revista de Pariz, assim se exprime: «As bebidas mais favoraveis para a prompta evacuação do estomago (elle se refere á primeira parte do mechanisme da digestão) são o chá, o café e em primeiro lugar o matte, que se toma em infusão, como chá quente.»

E' applicado tam em topicamente o infuso de matte em loços contra a conjunctivite catarrhal e contra ulcerações variadas da pelle e das mucosas.

E' de uso popular (e bastante effeaz, posso attestar) o emprego da herva matte em pó finissimo contra o intertrigo e outros erythemus, principalmente nas crianças, e como absorvente e cicatrizante de ulceras e feridas gangrenosas. Essa acção topica recebeu sancção scientifica nas interessantes investigações,* feitas pelo pranteado bacteriologista Dr. Domingos Freire, sobre os pós, em que o matte como hygroscopico occupa o quarto lugar na escala das substancias pulverulentas por elle submettidas a estudo.

O Conselheiro Caminhoá, em seu já citado Tratado de Botanica, allrma tambem que o matte fornece materia corante amarella escura aproveitavel para usos da tinturaria.

Em summa, das proprietaes do matte,

* *Brasil Medico* de 1894, pagina 153, Estudo therapeutico e bacteriologico dos pós, pelo Dr. Domingos Freire.

que havemos enumerado, se conclue que elle é um poderoso emula do café e do chá da India, aos quaes tendo a substituir, principalmente tomado em infusão fraca com assucar, á semelhança deste ultimo; e tanto mais facil será essa substituição, quando é facto incontestavel que o preço do matto é muito mais modico que o do chá e do café, que são productos relativamente caros.

Do chá consideramos o matto um verdadeiro succedaneo: pessoas habituadas ao uso involterado do chá da India, ao almoço e á refeição da noite, com facilidade o substituem pelo chá de matto, e com tal vantagem, que no fim de alguma tempo não querem mais voltar ao uso do chá chinês, por preferirem o salutar aroma e sabor do matto.

A proposito do café, que pólo em muitos casos ser vantajosamente substituido pelo matto, suggere-se-nos uma consideração de outra ordem, que não deixa de ter alguma importancia economica: — o matto, producto mais brasileiro de que pariguayo (não obstante o seu nome, *illex paraguayensis*), não será um rival perigoso do café, a maior fonte de riqueza actual do Brasil? Os brasileiros, que consideram o café como a base de nossa riqueza, não ardeão em justos zelos, enxergando no matto um poderoso rival, a quem não se deve dar trocoas?

Não, não existe tal antagonismo. Consideramos perfeitamente conciliavel a existencia de ambos, como passamos a demonstrar: — o matto e o café podem coexistir n'uma mesma casa amistosamente, sem prejuizo um do outro, porque cada um tom o seu momento physiologico, para não dizer psychologico; ha horas em que o maior tomador de matto não pode disponer uma chicara de café, assim como ha occasiões em que o maior apreciador de café aceitará com prazer uma chavona de chá de matto.

Assim pois, o matto é um irreconciliavel rival do chá da India, que elle procura desbancar e o fará com vantagem, porque possui todas as suas virtudes, sem partilhar-lho os inconvenientes; do café o matto não é um

emulo perigoso, porque podem ambos coexistir simultaneamente, prestando cada um, de per si, na alimentação da homem, servicos que um só com diffidenciao poderá exclusivamente preencher.

Expostas perfunctoriamente as propriedades do matto e emulado com toda a singularidade o nosso modo de pensar sobre esse producto cotejado com o chá, o café, nos propomos a transcrever opiniões valiosas de autores insuspeitos, que pela maior parte ainda se mostram mais optimistas que nós, em referencia ao producto, por excellencia, do nosso torrao natal.

O eminente juriscônsulto Dr. Mucilo Soares publicou, em 1875, um folheto de propaganda, sob o epigrapho — O matto do Paraná — em que se pronuncia do modo seguinte: « O matto, em pó ou folha, que se toma de infusão, e mo o café e o chá da India, é uma bebida alimentar de primeira ordem, tendo sobre estes seus similares duas grandes vantagens: é *menos excitante* e é *incomparavelmente mais barato*. »

O Dr. Schmepp, inspector adjuncto das aguas de Bonnes, tendo experimentado o matto na America Meridional, assim se exprimiu: « A *herca* dá uma bebida aromatica e de bom sabor, que mitiga a sêde, illudo a fome e repara as forças sem fadiga nem excitação. Tomada com leite e assucar é tão alimenticia como o chá da China e o café; com a vantagem, porém, de estimular brandamente o systema nervoso sem produzir insomnia.

Só, independente de outro qualquer alimento, a infusão de matto sustenta as forças e o vigor durante dias inteiros.

Seria de grande vantagem para os nossos colonos do Argel que, trabalhando longo de casa e em logares onde nem sempre podem achar alimentos, vivem, como os viajantes, obrigados a trazer consigo a comida.

Em medicina, o matto é aconselhado em todos os casos que se trata de sustentar sem excitar as forças, e nutrir sem fatigar o estomago. »...

O Dr. Laukaster, superintendente da seccão de productos annuaes e alimenticios do Museu do South Kensington, em seu relatório acerca dos productos do Brazil na exposição internacional de Londres em 1862, assim se refere:

« É questão palpitante para o Brazil a de se propagar o uso do matte como *bebida alimentar*. Demonstram as analyses clinicas que esta planta contém quasi o dobro de theina que o mesmo peso de grãos de café, e tanta como as folhas de chá.

Esta planta, que ainda não se consome na Europa, tem, entretanto, grande interesse para os que estudam a alimentação do genero humano sob um ponto de vista philosophico. »

O pranteado physiologista Dr. Lutz Couly, professor emérito do Museu Nacional (do Rio do Janeiro), commissioned pelo Governo Brasileiro, apresentou ao Ministro da Agricultura, em 1880, um minucioso relatório sobre o matte, do onde traduzimos o seguinte trecho :

« O matte apresenta sobre o chá e café outras vantagens não menos sérias ; ainda que muito aromático e muito rico, como é sabido, em alcaloide, em glycosides e sobretudo em gommias resinas, é menos amargo que o café ; e não tem o gosto quasi acre, salino, do chá, mesmo bom, não asneirado ; o matte sem assucar, bem preparado, torna-se depressa verdadeiramente agradável. Os colonos europeus, mesmo os que fazem do matte sua bebida habitual, nada ajuntam á infusão, pelo menos a maioria das vezes, e todos sabem que as populações da America do Sul quasi nunca lhe ajuntam assucar. Em todo o caso, elle necessita, para ficar doce, muito menos assucar que o café.

Finalm., o matte se exaure mais lentamente que o café ; o pó deste, depois de uma primeira infusão, perde quasi todas as suas propriedades, o que não acontece com o matte. Em todas as regiões da America do Sul, o matte que enche uma cuita serve sempre muitas vezes, do 3 a 10 ordinaria-

mente : diz-se sempre, e é exacto, que as 3^a, 4^a e 5^a infusões são melhores e mais agradaveis que as primeiras, e tanto, bem entendido, que estas infusões sejam feitas successivamente, e sem dar ao matte o tempo de se resfriar. Isso está de accordo com o que verifiquei no laboratorio de pathologia experimental ; vi o matte dar ainda um producto activo na 6^a infusão ; e, entretanto, em tina deixado ferver cada vez muitos minutos, em lugar de refundir simplesmente com agua não em ebulição. A preparação do matte deverá, pois, ser um pouco differente da do café e do chá ; a mesma herva deverá servir muitas vezes e a agua deverá ser um pouco menos quente.

« Resulta, por exemplo, das experiencias que fiz quer em mim, quer em meu companheiro de viagem, quer em animaes, não sómente que o matte tomado em doses um pouco mais fortes pôde substituir o café, porém mesmo que apresenta muitas vantagens. Assim, o matte, em lugar do constipar, facilita, excita as evacuações e as micções, produz mais difficilmente insomnia e as perturbacoes cardiacas ; tem uma acção antes ligeiramente excitante que depressiva sobre o systema genital. Pesquisas começadas e ainda não publicadas me provaram que o matte tinha uma acção pronunciada sobre as treças clinicas respiratorias e sobre a proporção dos gazes do sangue. As qualidades physiologicas do matte, já provadas pelo uso alimentar prolongado de muitos povos, serão, pois, facilis de estabelecer directamente. »

Em um numero da *Gazeta de Noticias*, do janeiro do corrente anno, vem transcripto, sobre o matte, um capitulo do livro *A hygiene do estomago, guia pratico da alimentação*, pelo Dr. E. Moulh, secretario geral da Sociedade Franceza de Hygiene, do qual extractámos os seguintes trechos :

« Eis uma substancia que, pelas suas propriedades e principalmente pela sua be-

tação excessiva, poderia prestar os mais úteis serviços á hygiene, principalmente nas grandes cidades, — si se conseguisse acclimatar o seu uso na Europa.

O matto é a verdadeira bebida dos climas doblitantes.

As suas propriedades tonicas e excitantes permitem que se suporte um jejum prolongado: é provavel que fosse numa infusão do matto que o Dr. Tanner embobesse a sua famosa toalha humida. O matto engana a fome do indio e do americano do sul e subzittue os alimentos vegetaes nestas populações, que vivem só da carne e desconhecem o pão. Esta substancia não só remedeia as insufficiencias de um máo regimen alimentar, como suppriue o cansaço, excitando a energia moral. O seu poder digestivo e laxante, sudorifico e diuretico, estimula a nutrição entorpecida e accelera as funcções do organismo. Obtivo com o matto resultados maravilhosos no tratamento da diabetes. Numerosas observações, juntamente com experiencias physiologicas, bem encaminhadas, provaram, além disso, que o matto excita a força muscular, augmenta os movimentos do coração e da respiração, prozua uma sensação de bem-estar, de vigor e de felicidade intellectualmente muito apprecivel.

Póde, pois, retinente, attenuar a fadiga do calor dos tropicos e dar ao organismo enfraquecido a vida e a indebilidade que lhe faltam. A sua acção excitante é, no entanto, menor que a do café, porque não causa a insomnia, nem as palpitações, nem a agitação nervosa, que esta ultima substancia prozua e tão pouco essa estranha sensação de angustia, analoga a uma dôr moral, o que nós consideramos como a caracteristica da acção do café tomado em demasia.

Além disto o matto tem um poder aphrodisiaco muito pronunciado, o que fez com que fosse prohibido, noutro tempo, pelos frades paraguayos: « É uma *hera do diabo*, dizia o padre Antonio, que leva a actos licenciosos, e que tem causado no paiz innumerables escandalos! »

6056 — 27

Na realidade, o matto é um alimento potente, um comburento precioso para a machina animal, um antidesperdiçador, em somma: é um condimento congenere dos que acabamos de estudar, que modera as fermentações nutritivas e entrava o movimento desassimilador, equilibrando ás mil maravilhas o vigor organico.

Póde mesmo diz esse que é o alimento que mais activa como excitante da força muscular. Esta propriedade unica torna-o precioso para as classes laboriosas, para o cultivador e para o soldado. O matto, não só tonifica o ventre, como dá, segundo Marvaud, o sentimento de satisfação produzido pelo primeiro periodo da embriaguez entre as pessoas que tem o vinho adegre. É' o café do pobre, a bebida democratica por excellencia. Salvou a America do Sul do flagello do alcohol e o Paraguay de uma ruina certa.

« Seja como fór, dou-me maravilhosamente bem com a sua prescripção aos atonicos, todas as vezes que se trata de despertar a contractibilidade somnolenta das membranas digestivas e de abreviar a lentidão habitual dos actos gastro-intestinaes. »

O numero do 30 de outubro do jornal *La Nacion* de Buenos Aires traz sobre o matto um bello artigo do Sr. M. Cabral (Injo), cuja parte commercial provoou uma refutação, publicada, em um folheto — *Commercio da Hera-matto*, feito pelo distincto paranaense Dr. Azovedo Macedo, que assim se exprime em relação á parte que se occupa da importancia do matto:

« É' um artigo patriotico, verdadeiro artigo de propaganda em favor da industria horvatelra, aproveando a excellencia da herva-matto como o alimento de primeira classe, que se identificou com o povo argentino desde antes da existencia da grande Republica, e como alimento salutar tao genuinamente nacional, que até nos actos os mais importantes da vida social argoentina elle figura como o maravilhoso elixir que enno.

breen as almas e inflamma o patriotismo, podendo ser considerado o factor da visibilidade da sua povo nobre e generoso.»

Do alludido artigo de *La Nación* vamos transcrever, conservando a forma original, os topicos seguintes, que se referem ás qualidades alimenticias do matte:

«Si la yerba-mate fuera simplemente para la economia animal lo que el tabaco ó el opio, ya seria considerada dada su importancia comercial según las cifras presentadas. Pero en la yerba hay algo más que es algo mucho. Ella es un alimento de alorro. La experiencia de siglos lo confirma: Los guaranes, de quienes aprendieron á usarla los españoles y portuñes, e los conquistadoras, sus hijos los americanos, se alimentaron ó se alimentan con ella. Los vascos y los italianos, que más pronto se aclimataron que los demás inmigrantes, y por lo general vigorosos y activos son tomadores de mate.

.....

No pues, es un error menospreciar ó prescribir la yerba mate. Evolucionese, en todo caso, en la manera ó forma de beberla. Por lo pronto, por qué no habria un mate ó calabaza por cabeza quando hay un pocillo, taza ó copo para otras bebidas? Tómese la infusión sin la bombilla, en cualquiera vasija de cer tal, porcelana ó oro, y hasta con encajaduras artificiosas, si se quiere, pero no se de perdicio este elemento confortante que brinda la natureza. No es paralójico el aforismo de Brillat Savarin: «hace más bien á la humanidad el que inventa un nuevo plato que el que descubre una estrella.» Rechazar la yerba-mate es rechazar un plato ya inventado, menos que descubrir la estrella.

Las sociedades de templanza deben aconsejar también el consumo. La yerba mate tiene menos tanino y desarrolla menos úrea que el te y el café, y en las naciones neoplantenses es más barata.»

No obstante reccoramos que pareça estamos nos desviando do plano geral que tratamos para este nosso singelo trabalho, toda-

via não podemos nos eximir de fazer mais uma transcripção, que vem ainda mais paten-tear a importancia que se deve dar em nosso palz á industria do herva-matte.

Dos excerpitos do relatório do Sr. Eugene Seeger, consul geral dos Estados-Unidos, que visitou ultimamente o Paraná, publicados pelo *Jornal do Commercio* da Capital Federal e pela *A Republica* do Curityba, destacamos o seguinte:

«Por muitos motivos deve ser animada nos Estados Unidos a introdução da herva-matte. A vista do que tenho observado e da minha propria experiencia, julgo me autorizado a aconsellar o uso deste excellent estimulante e tonico para os nervos. E' proeminente mente bebida de temperança, e as sociedades de temperança dos Estados Unidos prestariam valioso serviço concorrendo para vulgarisar-lhe o consumo. A herva-matte tem todas as qualidades estimulantes e fortificantes do chá e do café e é muito barata. No Estado Oriental e na Republica Argentina a maior parte da população, inclusive os afamados gaúchos das vastas campinas, tomam habitualmente a herva-matte em preferença á agua, chá e café, e raras vezes, bebem estimulantes alcoolicos. Naquellel paizes a embriaguez quasi não existe. São quasi increveis os trabalhos que supportam o o vigor que desenvolvem as pessoas que muitas vezes por grande numero de dias successivos se alimentam exclusivamente do matte.

Li ha pouco tempo em *Harpers Weckly* um artigo sob a epigraphe *Que e que devem beber os nossos soldados em paizes tropicaes?*

Respondo sem hesitação que o que devem beber é matte, pouco importando que o tomem frio ou quente, com ou sem assucar, contanto que tomem matte.

Pondo um remate aqui ao que nos cumpria dizer sobre a utilidade do matte, vamos nos occupar da maneira de usar-se de tão preciosa substancia, porque não é indifferente o methodo de se preparar o matte para ser saboreado.

Modos de usar— A maneira de se preparar a infusão de matto varia conforme a herva preferida é em folhas mais ou menos confusas ou em pó mais ou menos tenue.

A herva grossa, isto é, a não reduzida a pó é a mais própria a ser usada como chá: a infusão costuma ser feita em um bule, ou cujo bico é convenientemente se adapta um ralo metálico para impedir a passagem de fragmentos de folhas, e é habitualmente servido em chicaras ordinariamente com a sacar. É este o modo preferido no Rio de Janeiro, S. Paulo e nos lugares onde se toma o chá de matto em lugar do da Índia; essa infusão, bastante aromática, presta-se a ser misturada com leite, tornando-se uma bebida ainda mais agradável.

A herva em pó mais ou menos fino (em geral misturada com alguns póssinhos de um millimetro mais ou menos de diametro) é a apropriada á confecção do matto sem assucar, mais conhecido pelo nome de matto chimarrão, *el cimarrón* dos nossos vizinhos do além e além Prata.

O chimarrão prepara-se em cabaenhas ou enias, com uma abertura de uma pollegada mais ou menos de diametro, por onde penetra um tubo geralmente metálico (de prata, folha, etc.) terminado inferiormente por uma esphera ôca, de maior diametro que o tubo, erivada de orifícios como um ralo; por meio desso tubo, chamado no Brasil bouba e no Rio da Prata *bombillo*, é que se faz a aspiração ou sucção da infusão resultante da agua quente que se despejon na enia cheia de herva até ao meio. Esgotada a primeira agua, põe-se outra e assim successivamente, sorvendo-se a infusão até ficar a herva *lavada*, o que succede quando não se fórma mais espuma na superficie da infusão.

O grão de temperatura da agua do matto não é cousa de somenos importancia; porquanto, si se fizer a infusão com agua fervendo, o matto fica *coagulado*, impróvel, toraando-se insolúvel a substancia resinosa que retém outros principios activos. A in-

fusão, pois, não deve ser feita com agua em ebullicão, porém com agua bem quente, cujo grão thermico pôde variar. A concentraçao da infusão depende tambem, como é intuitivo, da maior ou menor demora do contacto da agua com a herva.

A natureza do vaso em que se faz o matto chimarrão não é indifferente nos tomadores de matto; o chimarrão em chicara ou caneca de louça ou porcellana, dizem elles, não tem o mesmo sabor agradável que o tomado em enia ou porongo. Ah! deixamos consignada a observação, que nos parece mais o effeito de uma acção suggestiva.

Uma outra particularidade: um appenador do chimarrão usando-o só, sorvendo successivamente uma enia sobre outra, logo se farta, ao passo que tomando com outras pessoas, a mesma enia *correndo a roda*, depois de esvaziada e novamente cheia, de mão em mão e de bocca em bocca, elle é capaz de absorver muito mais o aprecia melhor o matto.

Compreende-se o quanto ha de anti hygienico, e por vezes repugnante, nessa velha usança, embora sorvido se de, numa enia bordada, guarneçada de prata, o numa hombrica, bem cinzelada! É um modo de usar, já seentiar, bastante enraigado, principalmente nas populações ruracs, que ha de persistir indefinidamente.

O matto, usado á guisa de chá, é que ha de fazer carrelra no velho mundo, desde que torne-se conhecido por uma propaganda bem dirigida, pondo-se em realce o seu modico preço, que, embora de passagem, vamos dizer. Em um impresso, dedicado ao Centro dos Industriacs do Herva-Matto do Paraná, o Dr. Azevodo Macedo calcula o preço do nosso matto no porto de Paranaguá, ou Antonina em 500 réis o kilogramma mais ou menos.

Que me seja permitido, para terminar este capitulo, dar um quadro synoptico da exportação de matto do Estado do Paraná para fóra do Brazil, nestes dous ultimos decennios.

ANNOS	MONTEDÃO — Kilos	BEZOVAS AGRAS — Kilos	VALPARAÍSO — Kilos	TOTAL Kilos
1881 . . .	3.078,821	6.340,871	2.579,191	12.098,883
1881 . . .	3.362,275	7.011,191	1.999,508	12.372,974
1882 . . .	3.902,155	7.136,917	4.068,117	15.107,189
1883 . . .	3.936,330	8.651,800	2.884,451	15.472,581
1884 . . .	3.308,538	9.032,185	2.181,307	14.521,030
1885 . . .	5.071,285	6.311,995	2.075,026	13.458,306
1886 . . .	3.303,991	8.711,037	2.159,517	14.174,545
1887 . . .	5.951,191	10.813,518	3.691,892	20.456,601
1888 . . .	4.562,056	10.367,921	3.358,259	18.288,236
1889 . . .	5.368,997	10.166,881	2.494,193	18.029,071
1890 . . .	4.317,591	11.729,191	4.541,947	20,588,729
1891 . . .	4.718,571	12.533,811	1.120,419	18,372,801
1892 . . .	3.710,985	11.577,181	1.024,500	16,312,666
1893 . . .	7.164,424	12.611,191	690,319	20,465,934
1894 . . .	5.562,811	16,901,557	1.825,131	22,289,499
1895 . . .	8.811,121	11,831,791	971,563	21,614,475
1896 . . .	8.073,271	15,721,808	1.300,851	25,095,930
1897 . . .	1.513,031	13,411,718	567,604	15,492,353
1898 . . .	7.012,129	14,379,910	493,781	21,885,820
1899 . . .	7.273,883	11,099,972	518,014	18,891,869

CULTURA

A plantação do matto, até hoje, não tem sido feita sinão a título de curiosidade ou por interesse scientifico; porquanto a herva-matto nasce espontanea e profusamente onde apraz a prodiga natureza, isto é, onde um conjunto de condições telluricas ou meteorologicas favorece a germinação e subsequente expansão de tão precioso vegetal.

Sendo, pois, de arvores inteiramente silvestres de nossas florestas que se faz a extracção do matto, não deixa de despertar certa curiosidade o interesse saber-se como se formam as hervas e o que se deve fazer para auxillar o seu desenvolvimento natural. E' o que vamos tentar fazer, antes de abor-

darmos o problema da plantação da herva-matto.

Como já vimos, a congonha ou flex vegeta na latitude que lhe é propria, além do 500 metros sobre o nivel do mar, em terrenos mais ou menos secos. Nasce espontaneamente, e quasi de uma maneira imperceptivel, quer no solo de uma matta virgem, quer numa capoeira ou matta, em que a acção demolidora dos instrumentos de lavoura, dos fogos das queimadas deixou de actuar: vê-se pouco a pouco irem surgindo, como que por encanto, pequenos pés de herva-matto, principalmente si o terreno é desbastado por animalaes que, pastando, o desbravam e favorecem assim o crescimento do matto, cujas folhas não são appetecidas por nenhum animal domestico.

Sob este ponto de vista, as terras do planalto central do Paraná, com exclusão dos immensos campos de eriação, são divididas em terras de cultura ou mais propriamente de lavoura e em terras de hervas, não obstante a herva-matto ter tendencias muitas vezes a invadir os antigos roçados ou velhas capoeiras.

Abandonado a si mesmo, o herval nascente consegue, no fim de bons pares de annos, desenvolver-se, no seu *struggle for life*, podendo as arvores mais desombracadas de algum tronco vizinho extranho attingir a grandes proporções; mas, si intervem a mão do homem roçando, isto é, decapando os arbustos e arvores intermediarias que lhe tolhem a expansão, então o herval se desenvolve mais luxuriantemente. Em geral é nosso trabalho rudimentar de limpar ou roçar o matto que cresce no meio dos hervas, que consiste a cultura da herva-matto; mas a maior parte dos nossos hervaltoiros, principalmente os pequenos proprietarios, nem esse insignificante serviço fazem, deixando seus hervas no meio da floresta bruta e limitando-se a um insufficiente desbravamento do matto na occasião da poda ou colheita da herva.

Como ordinariamente costumam fazer desses terrenos pastagens de gado e outros ani-

maes domesticos, são estes os melhores auxiliares da limpeza dos herveas. Nos enfermos aquil especialmente aos herveas do Paraná, não só porque os conhecemos *de vista*, como tambem porque é neste Estado que a industria extractiva do matto tem tido maior incremento, a ponto de constituir o maior factor de sua riqueza actual.

Um herval bem formado e convenientemente tratado tem um aspecto pittoresco: assemelha-se a um bosque de frondosas lamarelhas, em alguns lugares bastante espesso e outros com as arvores mais afastadas umas das outras, tendo ordinariamente do permio arvores de especies differentes (pinheiros ou arancarías, myrtaceas diversas, lamiaceas, etc.), tudo isso emergindo de um solo tapetado de grama ou outras vegetações rasteiras que servem de pasto aos animaes.

Proximo das habitações, vê-se tambem bellas arvores de herva no meio de quintaes ou pequenas lavouras de milho e outros cereaes.

E' bem verdade que a herva-matto nas florestas nasce, vive e se desenvolve sem intervenção do homem; mas comprehendendo-se perfeitamente que os herveas bem tratados, isto é, roçados de dois em dois annos no maximo, produzem muito mais do que aquelles que são abandonados no meio de toda a sorte de vegetação.

A cultura do matto tem consistido até hoje no trabalho elementar de limpeza dos herveas, sem se procurar artificialmente multiplical-os, porque o crescimento natural de tão preciosa illeinea é mais que sufficiente para o seu consumo actual, fazendo ainda nas vastissimas zonas hervateiras do sul do Brazil e do Paraguay immensos herveas ainda inexplorados, por falta de população o facil vias de communicação.

Existindo ainda em estado nativo um manancial quasi inexgotavel de herva-matto, não tem havido necessidade de se fazer della uma verdadeira cultura; mas, como seu consumo tende a augmentar, desde que por uma propaganda activa sejam conhecidas e pro-

clamadas no mundo inteiro suas excellentes virtudes, e como, além disso, os herveas naturaes não podem furtar-se á acção destruidora do tempo, não é extemporaneo cogitar-se de sua plantação.

Ha vinte annos atraz, Luiz Conty, assim se pronunciava sobre este assumpto no relatório apresentado ao Ministerio da Agricultura:

« Il y a donc, à ce point de vue encore, grand intérêt pour le Brésil à augmenter une exploitation aussi simple, aussi facile pour le présent, et aussi sûre pour l'avenir; et créer au matté des débouchés vaudrait beaucoup mieux que d'essayer l'acclimatement contoux de produits exploités ailleurs dans les meilleures conditions. »

Hoje as condições são diversas o, como o matto pôde ser considerado um producto rico, semelhante ao café, talvez uma tentativa de acclimação e cultura artificial da congouha não seja sem resultado.

Para a formação de herveas artificiaes, é preciso vencer-se a difficuldade de se fazer germinar a semente de ilex, que não é tão facil quanto no seio da natureza bruta, como passamos a ver.

Plantação do matto — E' este um problema de bastante importancia economica, que tem dado lugar a opiniões controversas; pois muitas tentativas de plantação de herva-matto, por meio de sementes, tem sido seguidas de insuccesso.

O naturalista de Canloll inserve o matto na categoria das plantas cultivadas, porque a congouha naturalmente nas florestas nasce e cresce das sementes. Mas essa germinação das sementes, oriunda de reacções operadas no mysterioso laboratorio da natureza, obtem-se com difficuldade nas culturas artificiaes, a ponto de homens eminentes descerem da plantação da herva-matto.

Luiz Conty, em seu já citado trabalho, se exprime do modo que vamos reproduzir em francez para conservar a originalidade:

« Penser à faire actuellement des semis e

de plantations régulières d'Ilex, serait se condamner, bien inutilement, en dehors des déceptions possibles, faciles même, nous l'avons vu, à de frais considérables de main d'œuvre.

Les herbes exploités sont presque tous naturels, et la qualité de leur produits, les faits le prouvent, ne dépend même du mode de traitement...

Les difficultés de son semis, et de sa transplantation, rendront peut-être longtemps son acclimatation impossible en dehors de ses lieux d'origine; d'où un monopole naturel et qu'il n'y aurait même pas à défier.

Hoje, não se pôde negar, que tem-se conseguido vencer em parte essas difficuldades, fazendo, após cauteloso trabalho, germinar, em culturas apropriadas, as sementes da herva-matto.

Herbert Spencer, em suas *Notas de um naturalista*, diz ser opinião geral que a semente de matto, para desenvolver suas propriedades germinativas, teve passar pela moela de certos passaros. Era esse o meio de que se serviam os missionarios jesuitas no Paraguay para plantarem com exito, nas grandes culturas que faziam; além das aves, como gallinhas, grellhas, etc., affirmase que davam as sementes de illex aos escravos indios para os ingerirem e, depois de modificadas pelos succos gastro-intestinaes, as plantavam.

Parece que o ponto capital é actuar-se, diluindo ou amolecendo o episperma coriáceo membranoso da semente; dahi os processos por meio de reactivos chimicos e estufas, empregados, entre outros, pelo sandoso paranaense Dr. Francisco Thereso Porto, pelo illustrado Sr. Barão de Capanema, por F. F. Fontana, etc.

O operoso Dr. Emygdio Westphalen, em um artigo publicado em 1897, na «Gazeta do Povo», de Curitiba, alludindo a uma noticia dada pelo «Diario do Paraná», diz que não se precisava do tubo digestivo de hipotes ou quadrupedes, de emplumados ou implumes, da agua quente ou de outro qualquer re-

activo; que basta collocar-se as sementes em terra vegetal trazida do matto ou artificialmente preparada, abrigada do sol e convenientemente regada para conservar a humidade precisa, feita em época cuja temperatura não seja baixa. Dessa maneira, diz elle, imitando a natureza, conseguiu uma boa sementeira, transplantando depois facilmente as mudas de matto para vasos e para o Passolo Publico de Curitiba.

O Dr. Graclano de Azambuja, em um numero da «Revista Agricola do Rio Grande do Sul», de 1899, assim se exprime a este respeito:

«Para a elucidação do assumpto e para que fique apurado que a germinação das sementes de herva-matto não é mais um problema a solver, julgo de meu dever tornar publico pelas columnas da «Revista Agricola», que aqui no Rio Grande do Sul, ha já bastantes annos, os directores da Companhia Horticultura de Santa Cruz, obtem plantas de herva-matto por meio de sementeiras, possuindo muitos viveiros dellas, e tomam a si a formação de herveos para quem as queira cultivar.

O processo de germinação, segundo me disse o Sr. C. Wagt, não é difficil, nem é um mysterio, consistindo principalmente na limpeza da semente logo depois de bem madura.

Na Republica Argentina, o maior emporio do consumo do matto, a questão da facil multiplicação e cultura do tao precioso vegetal, tem sido objecto de muitas preoccupações; por isso reproduzimos da *Nacion* de Buenos Aires, de 1º de dezembro de 1897, o seguinte:

«Depois de varias tentativas, o director do *poscos* conseguiu a germinação de sementes de herva-matto, nas culturas que fez no jardim botânico e jardim municipal. As plantações tem resistido a uma temperatura de 3º abaixo do zero com uma camada de geala por cima, sem soffrer a menor alteração. Em vista deste excellento resultado, a Intendencia resolveu expôr á venda, em leilão, uma

parte das plantas de herva-matto, para que sejam aproveitadas pelos verdadeiros interessados para diffundil-a em todo o territorio da Republica, reservando-se o resto para a reproducção de tão apreciado vegetal.

As plantações que se conservam nos viveiros tem alcançado um metro de altura.»

Resulta de todo o que havemos dito que não é mais um mysterio a plantação da herva-matto, por meio de sementelras, restando apenas elucidar qual o melhor o mais conveniente processo para se obter a germinação facil das sementes. Nada podemos adiantar no se particular, porque fallesc-nos experlmentação propria.

Depois, só com o correr do tempo se poderá averiguar si a cultura artificial da herva-matto, nas zonas de sua producção ou nos lugares em que foi acclimada, corresponderá, em qualidade e quantidade do producto, aos herveas naturaes de nossas florestas.

Para remate deste capitulo, devlamos nos occupar já da duração e conservação dos herveas, mas nos parece que seremos melhor comprehendidos, adiando isso para depois de termos tratado da colheita da herva-matto.

COLHEITA

A colheita da herva matto, mais conhecida no Paraná sob a denominação de *fazer herva*, é uma operação complexa, que infelizmente ainda é feita por processos primitivos, os mesmos, um pouco mais aperfeicoados, que eram empregados pelos Indigenas, sob a direcção dos jesuitas.

O matto, para chegar ao ponto de entrar no mercado de consumo, tem de passar por duas phases essencialmente distinctas: a primeira, que é a colheita propriamente dita, é effectuada no matto mesmo actualmento ou no seio dos herveas; a segunda, é o preparo ou beneficiamento da herva para tornal-a apta a ser mais proveitosamente utilizada.

Cada uma dessas phases abrange uma série de operações, que serão descriptas minucio-

samente, us da primeira plia o no presente capitulo e as da segunda no capitulo immediateo.

Pondo de parte o systema vandatico de derrubada das arvores, não mais colorado, para aproveitar-lhes os ramos, a *factora* ou *fabrica* da herva no Paraná abrange as seguintes operações :

1ª, a póda ou corte da herva;

2ª, o sapocamento;

3ª, a dessecação;

4ª a fragmentação.

Descobriremos em seus detalhes cada uma dessas operações da colheita de herva matto, tal qual é feita ainda hoje no Paraná pelos herveateiros ou herveiros, tanto nacionaes como estrangeiros. Seja dito de passagem que os immigrantes, principalmente polacos, austriacos, estabelecidos nas prosperas colonias das margens do Iguassú e do Rio Negro, fazem na extracção da herva grande concurrencia aos nossos caboclos, com os quaes muito promptamente aprenderam a *fazer herva*.

I. A póda—A póda ou o desgallamento da herva consiste em cortar-se os galhos ou ramos das arvores do matto, deixando apenas o numero de folhas sufficentes para que a arvore continue a viver. Isto é, de modo que não seja embaraçada a respiração e a funcção chlorophyllica do vegetal.

Alguns, pouco zelozos, levam o desgallamento ao ponto de deixar a arvore reduzida ao esqueleto lenhoso, o que prejudica ninlamente ao herval.

As pequenas arvores, de tres a quatro annos, são podadas de sólo mesmo por meio de um facão bem afflado de grandes dimensões ou uma foice de regar.

Num herval eriado, de arvores bem proporcionadas, o desgallador trepa ou auxiliado por uma escada rudimentar ou por meio de uma maneira (pequeno laço de couro que lhe póda os pés para facilitar a ascensão) o decapa os galhos, desde os do diametro de um dedo até do de um grosso bastão.

Os galhos e ramos cortados e caídos do baixo das arvores no meio do matto, são em seguida apanhados e transportados para o *sapegador* ou *sapecadouro*, onde são empilhados com mais ou menos regularidade, conforme as dimensões de cada um, para, depois de formarem uma grande pilha, quasi sempre em forma de ferradura de cavallo, serem *sapecados*.

II. Sapecamento — O sapecamento ou a operação de sapear a herva consiste em fazer passar, directamente, sobre as chammas de um fogo vivo, os ramos verdes recentemente cortados. Sob a acção immediata e brusca de uma temperatura elevada, as folhas macham rapidamente e estalam, produzindo multiphas eropitações, em consequencia da entumescencia e ruptura da epiderme das folhas e do desprendimento rapido de vapores d'agua e gazes diversos, que se destacam violentamente do parenchyma das mesmas.

Esta operação é feita, como dissemos, no matto mesmo. O sapecador é feito no meio do herval, no local em que a floresta é menos espessa. Ahí, depois de reunidos e empilhados os galhos de herva, como já foi dito, fazem, com boa lenha, uma grande fogueira, sendo uma das faces protegida contra a acção directa do fogo por uma parede, especie de trincheira, constituida pela superposição de grossos páos verdes ou pouco inflammaveis. Desso lado é que fica a pessoa encarregada de sapear, a qual, depois da fogueira bem ateadá, agarra com as mãos successivamente pequenos maços de galhos ou ramos e os faz passar rapidamente em todos os sentidos sobre as labaredas, de modo que em poucos segundos a operação de cada galho ou maço está terminada.

É preciso proceder com bastante precaução, agitando sempre os ramos, para não deixar se queimarem as folhas, que ficam por vezes chamuscadas.

Um homem pratico sapeca em poucas horas uma grande pilha de galhos de flex.

O sapecamento deve ser feito no mesmo dia em que foi cortada a herva, porque, passado muito tempo, as folhas se desprendem com facilidade por seu peoelo e emgreccem, sendo sapecadas, em vez de adquirirem a cor verde escura com tom amarelado.

O sapecamento parece ser uma operação indispensavel para que a herva ulteriormente possa secar bem, conservando sua cor propria; porquanto, si elle não se fizer, as gomas resinas das folhas da congonha, por um aquecimento brando, se liquefazem e se infiltram por imbibição nos elementos vizinhos, que adquirem a cor negra.

Si, porém, as gomas resinas são expostas primeiramente a um calor muito intenso como a das chammas da fogueira do sapecador, se produzem, conforme diz o Sr. Conty, modificações differentes e talvez mais complexas: ellas, em parte, se volatilizam pela formação de uma brusca produccão de gazes, e, em maior porção, se solidificam e se coagulam, de maneira que podem depois resistir a calor brando sem se liquefazem.

É necessario se substituir esse processo primitivo e barbaro de sapecamento por algum mechaunismo aperfeiçoado, que terá necessariamente por base fazer-se passar rapidamente os ramos de herva em uma estufa superaquecida, onde as folhas não possam permanecer por muito tempo sem se inflammaem.

Depois de sapecada a herva, segue-se-lhe uma operação complementar, que consiste em *quebrar-se a herva*, isto é dos grandes galhos do matto sapecado, lascam-se com as mãos os ramos menores de um centimetro de diametro para menos, e faz-se grandes feixes ligados por laços de cipó ou taquirá.

Os galhos despidos dos ramos finos e folhas são abandonados no matto, onde depois de secos poderão ser utilizados como lenha.

Os feixes de matto, pesando ordinariamente duas a tres arrobas, são transportados para o carro, quasi sempre em carregueiros.

III. Dessecação — Para proceder-se á dessecação é preciso que a herva, depois de rapada e enfeixada, seja *encarijada*.

O *carijo* é um grão ou estrado de madeiraseca, sustentado por forquilhas á altura de um homem de boa estatura, em um plano horizontal ou mais alto no centro, onde se deixa um vão, com declive ligeiro para os extremos lateraes. Sobre esse estrado são collocadas as felxes da herva, perpendicularmente com as folhas para cima, comprimidos moderadamente uns contra os outros, para receberem a acção do calor do fogo, que é atado em baixo, sobre o sóto.

Os carijos, ordinariamente de tres a quatro metros de largura e comprimento variavel, são inteiramente abertos de todos os lados e em geral cobertos contra as intempéries por taboas grosseiras de pinho talladas a machado ou esteiras imbricadas de folhas de taquara (graminea do genero bambusa).

Quando são descobertos, é obvio que as hervas ficam expostas a serem damnificadas pelas chuvas, que descoram o matto, amollecendo umas folhas e ennegrecendo outras.

Chelo o carijo por uma ou mais sapees das da herva, urge começar o desseccamento, nunca se deixando decorrer mais de dous dias sem se fazer fogo sobre a herva encarijada, sob pena desta soffrer em sua coloração.

O fogo faz-se no carijo ao rez do chão, por filas transversas e parallelas, separadas umas das outras por intervallo de meio metro, mais ou menos; esse fogo é alimentado com qualquer especie de lenha, a que está mais facil, tendo-se em mira obter um fogo sem fumaça, sem preocupação de usar-se de lenha resinosa para propositalmente communicar-se aroma diverso á herva. Si utilisasse-se frequentemente do nó de pinho (ponto de implantação dos galhos do pinheiro em seu caule), é porque é um combustivel de primeira ordem; porém deve ser condemnado, como todo o combustivel enja fumaça vá empregar a herva de aroma estranho.

O fogo é mantido e vigilado com todas as

precauções, tendo-se sempre agua de promptidão, para impedir que as labaredas se elevem com risco de incendiar-se o carijo, accidente que não é muito raro.

O secamento da herva é feito habitualmente em sessões successivas, de 3 a 4 horas cada uma, quasi sempre á noite, podendo tambem ser feito em uma só sessão, de mais de 24 horas, para que os ramos da congonia fiquem bem seccos e quebradços.

Este processo barbaro de secamento da herva, exposta a ser contaminada de toda a sorte de fumaça, muito prejudica á sua pureza e coloração, emprestando-lhe um sabor e aroma empyreumaticos, que muitas vezes transforma o matto num producto detestavel.

É de inadiavel necessidade que seja completamente banido esse systema selvagem e anti-economico, para ser substituido por outro mais racional e mais consentaneo com os progressos industriaes modernos.

O Governo do Estado do Paraná offereceu um bom premio ao autor do melhor systema, mais expedito e economico, que substituir o anachronico carijo, incompativel com o nosso grão de civilisação.

Sabemos que já ha diversos systemas de estufas ou secadores, disputando primazia, sendo mais conhecidos os do incansavel engenheiro Francisco de Camargo Pinto e do artista Decio da Costa Mesquita.

Já temos visto no mercado algumas hervas preparadas em estufa, as quaes tem uma cutação de perto de 50 % mais que as de carijo, apresentando um aroma e sabor agradabilissimos, verdadeiramente deliciosos, com seus talvos do gosto da bom chá da India.

Pelo movimento que se nota actualmente no Paraná, parece que dentro de poucos annos todo o nosso matto será lido da fumaça passando o carijo para o dominio da archeologia, como uma triste recordação do nosso atraso anterior. Ralará, então, para esse excellente e utilissimo produto uma nova aurora.

IV. Fragmentação — Os feixes de herva, depois de bem seccos, isentos da mais leve particula de humidade, devem ser fragmentados ou, para nos servirmos da gyrta dos hervateiros, devem ser malhados ou *concheados*. Essa fragmentação grossieira, feita ainda na floresta, junto do proprio carijo, é uma operação preliminar, não é operação ultima do preparo da herva-matte; esta, que é a moagem até á trituração, será feita posteriormente nos engenhos, como veremos no capítulo seguinte.

Para se malhar a herva é preciso primeiramente preparar-se a *concha*, que é constituida do modo seguinte: em uma área, coberta ou não, annexa ao carijo, faz-se duas paredes parallelas por meio de taboas superpostas por seus bordos, horizontalmente, até a altura de dois metros, mais ou menos, sendo as par de separadas uma da outra por um vão de pouco mais de um metro. E' nesse vão ou espaço, cujo sólo é forrado de couro de boi ou ramos de samambaia (foto macho), que a herva é malhada ou concheada; para isso retram do carijo os feixes de herva secca, ainda quente, os collocam na concha, transversalmente, para serem malhados ou batidos por um ou dois homens em cada extremidade da concha, munidos de bastões de madeira longos e pesados, com a aresta inferior mais ou menos aguda, conhecidos pela denominação de *facões de malhar herva*.

Pela acção continuada dos facões sobre os ramos de herva, que vão sendo successivamente collocados na concha, o matte vai ficando malhado, isto é, vai se transformando numa mistura de folhas incompletamente molhas e fragmentos de pãos finos, de dez centímetros para menos de comprimento.

O producto grosseiro assim obtido, conhecido pelo nome de herva bruta ou concheada, já pôde ser utilisado em infusão; mas ordinariamente é ensacado para soffrer mais tarde a elaboração ultima nos engenhos. Da concha a herva, depois de expurgada dos pãos mais grossos, que são desprezados, é collo-

cada em grandes saccos de aniagem para ser guardada no paiol ou deposito; dahi é transportada em cargueiro, carroça ou via forrea para os engenhos, quasi sempre situados em contras populosos.

Ha alguns annos, quando não havia no Paraná estradas de rodagem e de ferro, quando o transporte era feito a longas distancias, por meio de dias de viagem em cargueiros, a herva bruta não era acondicionada em saccos, mas em cestos ou jacás de taquara, forrados de folhas da mesma gramínea, ficando destarte um pouco mais protegidos das intempéries.

O matte em folha, que ainda ha poucos annos, era exposto á venda em grandes jacás ou cestos no Rio de Janeiro, não era malhado; obtinha-se batendo-se os ramos seccos de encontro a uma taboa ou uma superficie resistente qualqu'er, de modo a se desprenderem as folhas mais ou menos inteiras por seu pedicelo.

Eis-nos chegado ao fim da colheita do matte, que é constituida, como vimos, por uma serie de operações distinctas realizadas no seio mesmo das florestas, no meio dos herveiros; porém são feitas, infelizmente, por processos primitivos, grossieiros, selvagens, nao obstante os fóros de civilisação que vai adquirindo o matte, cujo consumo tem augmentado progressivamente.

Por essas operações obtém-se, como já foi dito, a herva bruta ou concheada; esta, para ser usada convenientemente, precisa ser elaborada ou preparada no engenho, como veremos no capítulo seguinte.

Mas, antes de tratarmos do preparo ou elaboração ultima do matte, vamos, sempre resumidamente abordar a certos assumptos que são corollarios deste capítulo.

Qual seria a quantidade maxima que produz uma boa arvore de herva?

Essa quantidade é muito variavel conforme a idade e as dimensões da arvore. Anteriormente, quando a herva subia dos carijos

malis impregmada de páos e páos malis grossos, havia arvores que davam um cargueiro de herva, isto é, 100 kilogrammas, malis ou menos.

Hoje, que aservas são vendidas, só depois de passadas em peneiras de malhas de oito millimetros, nos engenhos do Paraná, e alguns informados que as malis frondo as arvores produzem, no maximo, 20 e 10 kilos do matto.

Épocas da colheita ou côrta da herva — É variavel a idade em que um pé de flex pôde ser proveitosamente podado pela primeira vez, dependendo de multiplicas circumstancias.

Um herval novo, mesmo abandonado em uma floresta, cresce regularmente, de manolra que de quatro a cinco annos eleva-se em geral á altura de um metro e meio e mais. Dessa idade já se pôde fazer a primeira colheita ou côrta, devendo ser executada com mais precauçaõ, porque da primeira pôda, principalmente, depende o desenvolvimento futuro do herval.

Si, porém, o herval fôr benelleado, pela derrubada de arbustos e arvores que, como vizinhos incommo los, lhe entorpecem o vigor, muito mais rapida e vigorosamente se desenvolverá.

A época do anno mais propicia á colheita em fabrico da herva é nos mezes malis frios; isto é, em maio, junho, julho e agosto, coincidido essa phase do anno com os mezes, cujos nomes não tem a lettra r, o que serve de meio mnemonico tambem para os cortadores de madeiras de construcção.

É a época da maturação, em que a selva influenciada pelo feio da estação, achase entorpecida em sua circulação, menos aquosa e malis saturada de principio activo.

Póda desses mezes, as folhas da flex nao estão aptas a fornecer bom producto, e a arvore mesmo corre o risco de ser prejudicada em sua vitalidade. Todavia alguns hervateiros, mesmo dos malis cuidadosos, no mingnante do mez de janeiro, fazem herva

do matto virgem ou dos borques malis compactos.

Posta á margem a problematica influencia lucrativa, é variavel a escolha do herval bem abrigado, pelas frondes da arvores extranhas, da açao rigorosa das geadas sobre a brotaçao, que vem depois de a pôda extemporanea das arvores de congonha; pois o broto novo, exposto sem protecção á influencia do feio hibernal, creta-se forçosamente, prejudicando o vigor da arvore inteira.

Além do perigo a que expõe os hervaes, o matto colhido em janeiro é fraco, de má qualidade, de folhas pouco expessas, pouco aromatico, embora os fructos (bagas) da congonha tenham attingido a completa maturidade; possuem apenas de um bon producto a cor verde.

É por taes motivos que uma lei estadual no Paraná prohibe terminantemente a colheita do matto fóra do periodo decorrido de maio a agosto.

É chegada a occasião de dizermos algo em relação ao espaço que deve medoar de uma pôda a outra de herva.

Deve-se deixar naturalmente decorrido o tempo necessario para que a arvore se torne novamente frondosa, se revista de sua preciosa folhagem.

É de tres em tres annos o limite minimo em que se pôde cortar proveitosamente um herval; mas é preferivel o espaço de quatro annos, em que a arvore torna-se malis louçã e com uma ramagem malis densa.

Além de quatro annos as folhas augmentam pouco de numero, porém em compensação tornam-se malis espessas, malis aromaticas e mesmo com uma cor malis carregada.

Ha quem, levado muitas vezes por negligencia ou pela necessidade, commetta a selvageria de podar seus hervaes de dons em dons annos; mas uma lei protectora deve velar esse procedimento, que se pôde qualificar de van tallico, pelo danno que occasiona aos hervaes e á qualidade do producto inactivamente colhido.

Um herval abandonado por muitos annos sem ser podado, em vez de melhorar, prejudica-se em relação á sua folhagem, que diminuo consideravelmente em beneficio do seu esqueleto lenhoso, que se desenvolve.

E' póis a arvore do matte um vegetal precocissimo, da qual se póde dizer em these, que quanto se colhe, maior produção promette em futura colheita.

Duração dos herveos — O assumpto para o qual converge a nossa attenção neste momento é a duração das florestas nativas de Ilex, que com as inextinguíveis florestas de pinheiro ou araucaria e as abundantissimas florestas de seringueira (*symplocia elastica*) constituem as tres immensas riquezas vegetaes, que a cosmocopia da Natureza prodigamente esparziu sobre o fecundissimo solo do Brazil.

Um herval abandonado numa floresta bruta sem beneficio algum, no meio da vegetação luxuriante de nossas mattas, desafogando-se apenas dos arbustos vizinhos só por occasião da colheita da herva, tem uma duração indefinida; mas, os herveos tratados, isto é, rogados de tempos em tempos, si ganham na exuberancia de sua ramagem, parece que perdem um pouco em sua longevidade. E' rarissimo ver-se em um bosquo espesso e inculto uma arvore secca de matte; outrotanto não acontece num herval limpo e sem a vizinhança de arvores extranhas.

E' verdade que nestos ultimos, quasi sempre servindo de pastagens para animaes, deo-se levar em linha de conta que o sólo assim pisado, tornado mais compacto e constituído ordinariamente em gramado deve *ipso facto* se tornar menos favoravel á nutrição das arvores de congoula.

Um facto por mim observado, que talvez pareça paradoxal, é que os pés do matte proximos das habitações, em logares onde se accumula grande quantidade do estrume do animaes misturados com detritos vegetaes, como palha de milho, sabugo, etc., vegetam com menos viço, e, no fim de poucos annos,

morrem. Por singular contraste, vê-se em sitios mais elevados arvores de herva com as raizes descobertas, ostentando-se garbosamente frondosas.

E' fora do duvida que as arvores de Ilex são dotadas do grande longevidade, o que posso attestar por observações, *de visu*, no municipio da Lapa: — arvores de herva, que conheci ha mais de trinta annos, em minha infancia, ainda hoje se apuram com sua bella folhagem, não obstante o tributo triennial que pagam ao carlho.

A arvore do matte deve a sua longa duração, principalmente achando-se em estado agreste, ao facto de ser um vegetal radio, isto é, pouco accessivel a causas morbidas e mesmo á acção destruidora de insectos daninhos. Destes, ha um chamado *senador*, que corróe circunferentemente os galhos de herva á semelhança de uma serra concentrica.

Mas as devastações mais nocivas nos herveos são produzidas por uma larva, muito prolifica, conhecida pelo nome de *cruquerê* entre os nossos roceiros. Essas larvas, em poucos dias, deixam um herval despidido de folhagem, quasi reduzido ao esqueleto lenhoso; porém essa praga não tem, fellzmente, acção tão devastadora, como a dos gafanhotos no Rio Grande do Sul e Rio da Prata.

PREPARO

A herva matte, depois de colhida ou, para usarmos da expressão mais corrente no Paraná, depois de *fabricada* no centro dos herveos e transportada para osengenhos, situados em geral nas povoações (só Curitiba tem cerca de vltos), tem de passar pela elaboração ultima e ser preparada convenientemente para a exportação.

A herva bruta ou simplesmente cancheada, sahida dos carlhos, é, com o vimo, uma mistura heterogenea de folhas grosseiramente moidas e fragmentos de páos. Até ha bem poucos annos, era recebida nosengenhos herva muito carregada de páos volumosos, cuja maior parte era, na occasião da elaboração, lan-

cada fôra, hoje mais racionalmente os compradores da herva para beneficiar, convencionaram só comprar a corda em peneiras de malhas de oito millímetros; desse modo, elles não se illudem mais a si mesmos, comprando páos, que de nada servem, nem os vendedores, que davam-se ao improprio trabalho de transportarem a grandes distancias uma mercadoria inutil.

O preparo do matto nos engenhos é a operação complexa conhecida no Paraná sob a denominação de beneficiar a herva.

Esse beneficiamento é feito por machinas aperfeçoadas, que muito honram a industria paranaense; porquanto, segundo informações fidedignas, os engenhos do Paraguay e do Matto-Grosso não são montados com o mesmo capricho que os do Paraná.

Esses aperfeçoamentos devem-se, sobretudo, á tenacidade do infatigavel Dr. Francisco do Camargo Pinto, que, quasi de anno para anno, propõe novas e mais uteis reformas.

Os engenhos, funcionando quer por motor a vapor, quer por motor hydraulico, são constituídos essencialmente por uma engrenagem de pilões, que moem a herva, soando a; têm-se experimentado tambem com algum resultado, em vez do systema de pilões, pulverisar a herva por meio de moinos, enjas mós são substituidas por discos metallicos, movendo-se verticalmente (moinos chamados *excelsior*).

Antes de pilar a herva, a fazem passar por duas operações preliminares.

A primeira é um novo dessecamento para expurgar o matto completamente da humidade, que tenha readquirido apoz a sua sahida do carijo, por ser elle muito hygroscoptico; esse dessecamento realiza-se fazendo-se a herva passar por um apparelho especial constituído por um cylindro de ferro, de grande diametro, em rotaçãõ sobre um fogão que o aquece.

A segunda operação preliminar consiste em fazer passar a herva, conduzida por meio de conductores mechanicos, atravez de uma

peneira tambem mechanica, adaptada a um ventilador e engenhosamente dividida em secções de malhas mais ou menos apertadas, pela qual se separa a herva moída, que não precisa mais ser pilada, dos grossos fragmentos de folhas, que vão para os pilões, e dos páosinhos, que vão para o britador ou apparelho que os secciona regularmente, reduzindo-os a uma mesma bitola.

Abstemo-nos, por exorbitar do programma que nos foi traçado, de fazer a descripção em detalhe dos apparehos que operam essas transformações na herva-matto, para adaptal-a ao sabor dos mercados consumidores; limitamo-nos a dizer que o preparo da herva varia, desde a fragmentação grosseira e irregular até á pulverisação quasi completa, e que a qualidade do producto depende tambem da maior ou menor quantidade do páos misturados com as folhas, donde se originam os typos commerciaes distinctos.

O estado que serve de pauta aos exportadores de matto se resume no seguinte: a herva mais fina é mais apreciada em Buenos Ayres, a menos fina em Montevideo e a mais grossa nos mercados do Chile.

Vê-se, conforme judiciosamente pondera o Dr. Couty, que as qualidades e o aspecto exterior são regulados, não pela origem e lugar de producção, porém pelas phantasias, transformadas em habito, dos logares do consumo. É essa uma singular anomalia, que tende a desaparecer, á medida que o uso do matto fór se alastrando mais, que as suas salutares virtudes se tornarem mais positivamente reconhecidas e o imponham como uma bebida universal.

Em summa, os typos commerciaes de matto, sahido do engenho, podem-se se reduzir á seguinte classificaçãõ: o fino e o entrefino, mais proprios para matto chimarrão, e o grosso, mais apropriado a ser usado como chá.

Entre esses, ha typos intermediarios, segundo os caprichos dos fabricantes.

O matto em folhas mais ou menos quebradas, consumido em larga escala no Rio de

Janeiro, não exige preparo algum especial para entrar no mercado de consumo.

Elaborado o matto nos engenhos, como vimos, vem à tona uma outra questão, que não é de somenos importância: é a que se refere ao acondicionamento da herva.

É preciso revesti-la herva, dar-lhe um envoltorio que conserve as suas propriedades, preservando-a da deterioração ocasionada por agentes exteriores, e que, ao mesmo tempo por seu aspecto exterior, a torne aceitável, sem repugnância nos centros mais civilizados.

Até ha poucos annos a herva só era accommodada em cestos de taquara, que cahiram actualmente em completo desuso, e surrões (saccos de couro crú).

Os surrões ainda hoje não estão completamente banidos por alguns exportadores, que os preferem para o matto bem fino, destinado á campanha platina; mas o seu uso tende a desaparecer, porque não é um envoltorio de boa apparencia para uma substancia alimentar.

O Dr. André Rebouças, em uma pequena monographia publicada pela antiga Associação Brasileira de Acclimação, do Rio de Janeiro, sobre o — Acondicionamento da herva matto — depois de verborar em termos energicos a remessa do matto do Paraná em surrões para as exposições universaes do Pariz em 1867, de Vienna em 1873 e de Philadelphia em 1876, assim se exprime:

« Envolvido em lascas de taquara ou coberto de couro, póde (o matto) ir aos campos do Uruguay ou ás pampas da Republica Argentina; mas por certo não está de conta para se apresentar em um palacio, em um dia de grande gala. Os productos agricolas e industriaes tem, como as pessoas, os seus vestuarios ou as suas *toilettes* de cerimonia; não se vai para um baile com a mesma roupa que se vai para o campo; assim tambem um producto não deve ser apresentado em uma festa industrial com os toscos envoltorios em que é remettido para o consumo de populações semi-barbaras. »

Hoje, felizmente, tem se aperfeiçoado muito esses envoltorios, de modo que a máxima parte do matto do Paraná é exportada em barricas de pinho, artisticamente talladas. E as barricas são um envoltorio de preço modico; porque, como já di semos, as flores tasdo llex se confundem com as de araticaria ou pinheiro, os dois preciosos vegetaes paranaenses crescem, do ordinario, promiscuamente na mesma matta.

Além das barricas, apparecem no mercado bellos pacotes de papelão, de laminas finas de pinho, de folha de Flandrez, etc., revestidos de artisticos rotulos, que não temem os envoltorios do chá chinês (*).

Est-nos chegados ao fim de nossa despretenciosa monographia, escripta quasi ao correr da penna, mais para corresponder á gentileza de um honroso convite, num lapso de tempo limitadissimo, chelo de mil interrupções, inhorentes á afanosa vida de obscur clinico.

Nos esforçamos principalmente por sermos fiel e pouco prolixo. Que nos sirvam esses dois predicados de motivos de indulgencia para as innumeras faltas que, por fraqueza propria, havemos commetido.

Corityba, 30 de abril de 1900.—Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva.

PARECER

Foi presente á Commissão, para consultar com seu parecer, a « Memoria » do Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, presidente da Sociedade de Agricultura do Estado do Paraná sobre a herva-matto, sua cultura, etc.

O seu illustre autor começa por fazer o historico do producto conhecido pelo nome de herva-matto, de sua origem e natureza, das legiões de sua vegetação espontanea, da

(*) Entre os mattoes exportadores de matto do Paraná, cujas marcas são omes acreditadas, póde-se citar: Sr. Guimaraes & L., David Carneiro & C., Zuchetti de Paula Nave, do R. Ribeiro de Maciel & Lemao, Leon Junior & C., Mico & C., Gullerme Xavier de Miranda, Leon Garcia & C., etc.

arvore que a produz, do seu appellido vulgar e scientifico, da data do seu descobrimento e da do seu uso como bebida alimentar.

Enumera quem do producto se ha occupado, d'entre estos, o sabio Marthus, Drs. Couty e André Rebouças, o grande consumo que vai tendo a herva-matto nos mercados infernos, a exportação vantajosa que já se lhe offerece, como provon com o mappa, em escala ascendente, que exhibiu desde 1880 a 1890 o que vai em augmento desde da iniciativa da poderosa Companhia Matto Laranjeira, que monopolizou a exportação dos herveaes nacionaes.

Continuando o autor no desenvolvimento de assumpto, apresenta authenticada pelo exame de habéis profissionais a analyse clinica do producto com todas suas composições e recommenda a utilidade do matto como um producto de muita nutrição, de grande valor hygienico, que entra como factor indispensavel na alimentação dos povos, fazendo certa por estas considerações e muitas outras a assertiva da epigraphie de sua «Memoria», «que o matto é um verdadeiro succedaneo do chá, do qual possui todas as virtudes, sem partilhar de seus inconvenientes».

Conseguido este resultado, é bem de ver a que grão de procura chegará este nosso producto, o emprego do trabalho que advirá a nacionaes e immigrants e com quanto do ronda não contribuirá para o Thesouro.

Em seguida ao que em breve resumo fica exposto, o illustre autor passa a eserever sobre a cultura dos herveaes e diz: que por enquanto é nenhuma, porque a herva-matto nasce espontanea e profusamente onde apraz á prodiga Natureza, conforme as condições do sólo, e que tanto nasce nas mattas virgens, quanto nas capoeiras; assim como, que facil é o beneficio dos herveaes, bastando a limpa para separar e extinguir outraservas que os possam damnificar, sendo de optimo auxillo a esse serviço as pastagens de ruihaes que *desbasta* o terreno e o limpam sem pro-

juizo dos herveaes, para cujas folhas nenhum animal domestico tem appetite».

Bem que seja espontanea a nascença a profusa produção da *herva matto* e seu estado activo inda um manual quasi inexgotavel, todavia é bom acantelar do futuro sua plantaço e cultura pelo grande consumo que ha de vir a ter, logo que conhecidas suas propriedades nutritivas e hygienicas.

Sobre a *Colheita*, informa o Author ser uma operação complexa, feita inda por processos primitivos, os mesmos, um pouco aperfeçoados, que oram dos indigenas ao tempo dos Jesuitas. Muito se estende o Autor acerca dos modos e maneiras dessa colheita rudimentar e como convém que seja substituida por mecanismos adequados que a melhem e que reduzam o trabalho e seu serviço com resultado dobrado de facilidade e perfeição.

Sobre o *Preparo* da herva-matto, o Author cita o que já está em uso e pratica por Engenhos à vapor ou hydroellicos conhecidos nos Estados do Paraná e Matto-Grosso.

A Memoria do Dr. Victor Ferreira do Amaral é, pois, um trabalho substancioso, acurado e muito importante ao conhecimento, cultura e aproveitamento de um producto que em proximo ha de vir contribuir grandemente para o paiz e occupar vantajosa collocação dentre os demais de que o Brazil é exuberante e portanto a Commissão parece que a Memoria offerecida deve ser approvada e mandada á publicidade.—Francisco M. Sodré Pereira.—Wenceslão Bello.—E. Jacq Monteiro.—José Pessoa Guerra.—Dr. Aristides Cuivé.—Eduardo Augusto de Caldas Brito.

MEMORIA.—Cultura das plantas textis—Aperfeçoamento da cultura do algodoeiro, e meio de desenvolvê-la.

Dr. Gustavo d'URRA

Poucos paizes ha no mundo que possuam uma flora textil tão rica e variada como o Brasil.

Entretanto, fóra do algodoeiro, que nem é cultivado em todos os nossos Estados, nem

tem nos que o exploram a latitude que fora para desejar, em vista da excellencia dos seus filamentos, nenhuma outra planta capaz de fornecer fibras á industria é ainda seriamente explorada!

É, contudo, é tal a opulencia da nossa flora que, sómente do grupo dos vegetaes textis, crescem em todo o nosso vasto territorio centenas de plantas filamentosas mais ou menos preciosas por seus prestimos industriaes, desde as malvas arbustivas, as ortigas que orlam os caminhos e bordam os ribeiros até ás lianas e cipós que enredam os matos, e desde as arvores mais elevadas, sempre ornadas de bromelias uteis, até ás palmeiras graciosas e raras, que tantos e tao variados productos fornecem.

Entre outros, figuram, principalmente, os bellissimos exemplares dos generos *Istocariom*, *Attalea*, *Leopoldinia*, e tantos outros de apreciaveis qualidades textis, infelizmente não utilizados ainda largamente nem industrialmente bem aproveitados.

Immenso o catalogo desses vegetaes tao uteis á industria e á propria agricultura por suas muitas applicações, fallaremos aqui sómente de alguns, aquelles precisamente que, prestando se a uma cultura facil, de perfeita adaptacão ao nosso clima e pouco dispendiosa, dão productos já conhecidos no commercio e bem aceitos pela industria.

Dois delles, um rigidamente fibroso e outro mais propriamente filamentosos — o lino e o algodão — ambos insubstituiveis nos misteres do seu destino industrial, occupam, cada um de seu lado, disputando-se a primazia, o primeiro logar no quadro dos melhores e mais valiosos representantes da flora textil universal. Tres principaes factores intervém no cultivo do primeiro e de todos os seus succedaneos mais ou menos legitimos: a preparacão do sólo, nella comprehendida a rotacão das culturas, o emprego racional das sementes melhoradas e o aperfeioamento do tratamento das hastes, por um dos tres systemas conhecidos de maceracão.

Nos ultimos trinta annos, a cultura do

lino no mundo inteiro tem diminuido consideravelmente e até desaparecido em algumas regiões; aqui, em consequencia da baixa dos preços, alli pela infertilidade das terras, que hoje impõe ao cultivador europeu um largo espacamento da cultura no mesmo terreno por muitos annos, acollé pela falta d'agua na localidade, o que impossibilita o aperfeioamento do producto.

Não nos esqueçamos, porém, da temerosa concurrencia que lhe faz o algodão, que tem, hoje, invadido todos os cantos do mundo e todas as grandes fabricas de tecidos, restringindo, cada anno, o cultivo das plantas textis de mais antiga exploracão.

É a rica malvaoca sobram qualidades para uma tal preferencia, independentemente da barateza do producto e da extrema facilidade com que se faz sua fiação.

Não é, pois, de admirar que o algodoeiro se tenha tornado um regulador capaz de fixar, nos mercados, limites que só em condições economicas anormaes podem ser ultrapassados.

Entre nós, o lino tem por si condições favoraveis de temperatura, uberdade de terreno, intelligencia de operarios estrangeiros e nacionaes e obtencão de productos de qualidade recommendavel; mas ha ponderosas considerações a fazer no que concerne á evidente falta de iniciativa, de confiança dos capitalistas, do aperfeioamento do processo e apparchhos, aliás facéis de executar e adquirir, da existencia de mercado e de possibilidade de exportacão.

A nossa industria acha-se ainda no nuceo-douro; e não devemos olvidar esta verdade, que a melhor disposicão para uma exploracão duplamente remuneradora do taes culturas reside inteira em uma fallz cooperacão entre o cultivador e o industrial.

Um não quer se abalarçar ao cultivo sem prévia certeza de encontrar quem lhe benefice o producto; o outro está sempre esperando.

Aqui não póde deixar de intervir a necessaria e salutar divisão do trabalho, sem a

qual terá o cultivador de ir além dos processos propriamente ruraes, o que seria altamente inconveniente, porque impediria o aperfeiçoamento paralelo do cultivo e do tratamento, cada um delles devendo caber a classes differentes.

O industrial não se dá pressa em fazer preço em qualquer negocio antes de conhecer o producto e de consultar o mercado importador.

Só o espirito de associação seria capaz de superar taes difficuldades.

Entretanto, este, que não existe ainda com a accentuação que fora para desejar, poderia manifestar-se em cada localidade, onde a acção municipal, sabiamente inspirada, agisse com ordem a pôr de intelligencia cultivadores e industriaes.

Si uma tal solução for facil ou effectivel, pôde-se ter a certeza de que nenhuma outra providencia a adoptar será capaz de produzir igual resultado—qual o de crer-se e desenvolver-se a nova industria, que seria sufficiente para, sob o ponto de vista dos interesses privados e nacionaes, produzir consideravel somma de beneficios geraes.

Desta guisa fleariam devidamente conciliados os factos de ordem agricola, com os de ordem economica; e a nossa incipiente industria teria dado um gigantesco passo na senda do trabalho nacional, apparellando assim o terreno para uma emalgação que não tardaria de manifestar-se dentro do palz.

Desde então, poderíamos contar com um mercado interior e com elle nos satisfaríamos, até que as circumstancias nos deparassem o momento opportuno de tentar algumas remessas para o estrangeiro.

O mais seria obra do tempo e dos progressos incessantes da cultura e da industria identificados na mais estreita reciprocidade de interesses.

O que é facto, hoje, é que o algodão vai restringindo a produçção do linho e do canhamo, cujos tecidos os daquela malvacea tem substituido em larga medida.

658 — 20

Por outro lado, a navegação a vapor tem tornado quasi nullo o emprego das velas e cabos de fibras vegetaes; mas, apesar do tudo, a cultura do linho não pôde desaparecer como tem desaparecido a das plantas tinctoriaes, em consequencia da produçção de cores fornecidas pelo carvão de pedra.

O linho é insubstituivel na confecção de certos tecidos, que o mundo luteo ainda consome sem excluir o de algodão, sendo para notar que os deito são cada vez mais procurados.

Em capitulos successivos, occupámo-nos do linho, do canhamo, da juta, da ramie, da piteira, do linho da Zelandia, do ananaz, da bananeta textil, do linho africano e, por ultimo, do algodão, sobre cada um dos quaes procuraremos dar noções, as um sobre o cultivo como sobre a extracção das fibras, tendo em vista tornar este rapido estudo util e pratico.

Com relação áquelles que ainda não cultivamos ou de que apenas temos incompleta experiencia pessoal, adelantamos processos e conselhos que são muito preconizados em outros paizes e que se não podem ser considerados como artigos de fé, não deixam de ter sua utilidade compativel com as condições economicas e o espirito nacional.

Relativamente ao algodão, porém, quanto expendemos está de inteiro accordo com a sua exploração, entre nós; e si em alguma coisa destoamos das praxes sevidas é porque preferimos a processos menos vantajosos aquelles que, por mais racionaes e economicos, podem contribuir para o aperfeiçoamento da cultura.

O algodão é, de todas as plantas textis, aquella que mais prontamente pôde concorrer para o fortalecimento da polycultura, tanto quanto para imprimir á nossa industria um emulo novo de aperfeiçoamento e prosperidade.

Campinas, 30 de abril de 1900.

OSCAR B. P. D'URRY.

O linho cultivado (*Linum Mutilatissimum*) fornece dois importantes productos : a *fllaça* e a *linhaça* ; sendo, porém, o primeiro o que dá maior amplitude á sua cultura.

Das diversas variedades que tomou experimentado em S. Paulo o que, ao que sabemos, vingam muito bem em outros Estados meridionaes do Brasil, as melhores são o *linho legitimo de Riga*, o de *Pshoff* e o *linho real melhorado*, todos de proveniencia russa, os quaes são tambem os mais estimados na maior parte dos paizes que cultivam esta útil *linacea*. Qualquer destas variedades dá-se bem, entre nós, nas terras mais siliceas que argilosas, ricas de humus, ou fortes, e bem expostas ao sol.

Em geral, todas soffrem com o frio e a geada, preferindo sempre, entretanto, os climas meridionaes, onde ha a temer, tambem, os effeitos do calor excessivo e das chuvas pesadas e muito prolongadas. As temperaturas extremas são sempre prejudiciaes ao linho, que, em Campinas, cresce á altura de 1^m,10, sem ramificar-se, vegetando exuberantemente sob uma temperatura de 19°, 7 c. (médla de nove annos).

Este desvolvimento notavel elle adquire em sólo lavrado em abril, em terras as direções, á profundidade de 0^m,15—0^m,20 e ao qual se tem incorporado, pelo monos, 25.000 kilogrammas de estercos de curral, depois de bem decomposto e em estado pulverulento, para não lançar a terra do hervas danadilhas, que possam provir de graos porventura existentes no adubo.

Melhor será que as lavouras prévias sejam feitas na estação anterior á da semeadura, que é feita naquelle mez em sólo superficialmente lavrado dias antes, o gradado, se preciso, effectuando-se, no dia seguinte ao da conclusão da lavoura de sementeira, a semeadura a lança ou a granel, na proporção de 500 kilogrammas de grãos por alqueiro (21.200^m2) para se obter fibras, de 200 kilogrammas para se obter graos e de 300 kilogrammas para um e outro producto simultaneamente.

Estas quantidades de grãos não são muito grandes, como pôde parecer aos inexperientes, principalmente quando a razão de ser da cultura reside exclusivamente na produção de fibras, que serão tanto mais finas e preciosas quanto mais approximadas crescerem as plantas, sendo que as plantações *mais ralas* só fornecem um producto grosseiro, dando, entretanto, a maior quantidade de linhaça ou oleo.

Falta a sementeira, por meio de um tridente curvo de ferro, de cabo longo, na pequena cultura, ou de uma grade de madeira virada do lado opposto, nas plantações mais terras, cobre-se toda a semente lançada á terra, ao mesmo tempo que esta fica ligeiramente comprinda e lousamento nivelada.

Em oito ou doze dias, conforme a qualidade das sementes e o estado de frescura e mobilização do sólo, nasce o linho todo por igual, procedendo-se, logo que as plantinhas estejam mais fortes, á limpeza de todo o linhal, trabalho que se faz, insubstituivelmente, á mão, e com todo o cuidado, uma ou duas vezes, sendo extirpadas todas as plantas extranhas que tenham nascido de promiscuidade com o linho.

Si nesta delicada phase de vegetação, o sólo se apresenta secco de mais, torna-se indispensavel rogar o linhal, assim como, mais tarde, quando seja excessivo o calor. Esta pratica tem a vantagem de imprimir á vegetação um accentuado vigor.

Crescendo o linho uniformemente até a floração e, tanto que se expandam as flores, brancas ou azues, procede-se á colheita, si se tem em vista obter *fllaça*, operação que se executa simplesmente arrancando o linho com as respectivas raizes, sem quebrar as hastas, e amarrando logo em seguida, tiradas as plantas extranhas porventura existentes, em feixes pequenos, que o cultivador fará logo conduzir para o local onde terá de ser submettido á secagem, ficando de pé os feixes, dois a dois, abertos na parte inferior e encostados um ao outro na superior. Nesta

posição elles mantem-se estaveis e seccam por igual; mas tambem podem seccar ficando encostados a varas dispostas horizontalmente e mudando de posição, conforme as necessidades da operação.

O linho destinado á produção do oleo é colhido quando as capsulas commecam a amadurecer, entrando á seccar a baganha, isto é, os seus envoltorios; mas a colheita, neste caso, faz-se não arrancando os pés, mas cortando-lho rente á terra.

O que deve produzir, ao mesmo tempo, flhaça e linhaça é colhido quando as hastas commecam a amarellocer da base para o terço superior, epocha em que as capsulas, pela maior parte, estão maduras.

O linho que foi posto a seccar, se foram desleitos os feixes, para melhor expol-o ao sol, é de novo enfeixado e conduzido para a era, onde serao fendidos ou dispostos com certa arte e por modo que as razes fiquem encobertas e as sementes expostas ao sol para que fiquem os casulo ou baganhas bem secco, afim de proceder-se a uma *ripagem* completa.

A *ripagem* com isto, simplesmente, na batidura das hastas para fazer-se por completo a separação dos grãos, operação esta que se executa por meio de uma ripa ou de um bordão, chamado *ripaço* pelos praticos.

Os feixes ou *marochos*, extrahidos todos os grãos, são desleitos, sendo novamente enfeixadas em maior porção as hastas, formando *medas*, que, por sua vez, remidas em numero de vinte, formam outros feixes ainda maiores, para ser então o linho submettido ao processo da maceração por immersão n'agua e cujo fim é promover uma fermentação, sob a acção de uma certa temperatura. Esta operação tem por effeito dissolver a materia gommosa que incrusta as fibras e as renno em fitas mais ou menos largas, sendo ao mesmo tempo separadas aquellas, o que se dá e se reconhece pela alteração da limpidez e cor da agua, que se torna amarelhada e turva.

A baganha que fica após a debulha é mo-

lhada com um mangoal leve, sobre um lençol de lãna, para separar-se toda a linhaça, sendo, finalmente, padejados e joelrados os grãos e em seguida guardados.

A maceração faz-se por tres systemas differentes: no sereno ou refento, em agua estagnada e em agua corrente.

A entimentação ao refento consiste em expôr-se o linho, estendido sobre um gramado bem mudo, á acção da orvalho, do ar e do calor. Para que ella se faça por igual e totalmente, torna-se necessario virar, todos os dias, o linho por meio de varas descascadas e limpas, mas de modo que elle não se enrede ou misture, convindo molhal o quando não ha orvalho. Esta operação dura uns 40 dias; mas ás vezes o linho achava-se bem entido em 20 a 25 dias, conforme corre o tempo, e isto se reconhece pela facilidade com que se quebram as talos, pela separação completa da materia celular e pela uniformidade de cor das fibras e hastas. Então, apunha-se o linho, que é primeiro posto a seccar e depois submettido á acção do maço e da espadella. Este processo dá uns 18% de flhaça de cor acinzentada, lãna e floxivel, ainda que pouco resistente, deixando muita *estopa*.

A entimentação em agua estagnada, tida com razão como detrimetosa á salubridade local, além de inutilisar as agoas que bebem os animaes, dá entretanto magnifico resultado, porquanto nenhum outro é mais rapido nem fornece flhaça melhor, nem tão lãna.

O linho, depois de esfolhado e enfeixado, é posto em tanques feitos nas proximidades de fontes ou regatos, estando a agua perfectamente limpida e expurgada de ferro, calcareo e folhas, etc., e ficando os feixes dispostos horizontalmente em camadas cruzadas.

Sendo a fermentação, neste processo, muito activada por causa da temperatura, que é mais elevada, preciso é que o linho seja retirado d'agua logo que a entimentação esteja completa, sob pena de perder alguma das suas melhores qualidades, como fibra; bastando, em tempo secco, para que fique

bem curtido, uma submersão por espaço de 36 a 48 horas.

A curtimento em agua corrente de rios, regatos, *levadas*, etc., consiste na humeração do linho amarrado em feixes de 10 *medas*, amarrados a pedras, por espaço de quatro a cinco dias no verão, e seis a 10 dias no inverno; podendo-se humergr feixes nagua que enche as curtilouras estabelecidas em lugares romancosos, sendo conservados do pé os feixes, firmados sobre uma camada de palha destinada a reter as substancias trazidas pela agua que entra pelo fundo disposto em fórma de gralo.

Os feixes são cobertos tambem de palha, sobre a qual assentam taboas, sustentadas por pedras; terminando geralmente a maceração com o apparecimento de bolhas na superficie d'agua.

Concluida a maceração, os feixes são separados em medas, que serão postas a seccar immediatamente, de pé, ou inclinados, abertos na parte inferior. Quando o linho estiver secco, será novamente amarrado em molhos, que serão guardados em lugar enxuto, para ser vendido.

Este processo é o que dá o linho fino, chamado linho em rama, cuja filaga é bem reputada pela excellencia de suas qualidades.

O linho soffre ainda outras operações, que não são propriamente ruraes, e que cabem aos industriaes que dispõem deapparelhos que não possuem os simples cultivadores.

Não terminaremos estas notas sem chamar a attenção dos cultivadores para algumas observações.

As sementes de linho degeneram mui facilmente, de modo que, de tres em tres annos, deve se substituir as da colheita local por outras estrangeiras, especialmente de proveniencia russa, que se encontram á venda no commercio.

Elle tambem não pôde ser cultivado muitas vezes successivas no mesmo terreno e só deve voltar a elle, com vantagem para a qualidade da filaga, de longo em longo, ou no fim do intervallo ou periodos de seis e

sete annos. Durante o intervallo, o sólo será occupado com outras culturas, de preferencia cereaes, abstando-se o cultivador de plantar raizes tuberosas hortenses, especialmente nabos, ou mesmo batatas, mandioca, etc. A palha de café bem decomposta, assim como os resíduos de caroços de algodão e os phosphatos em geral, estes nas terras ricas de materia organica, são excellentes adubos para esta preciosa floarea, que não só vegeta muito bem em S. Paulo, como fornece fibra de qualidade muito regular, apesar de dizer-se que a filaga produzida fóra da Europa e da Virginia, no norte da America, é sempre grossera e sem grande valor.

Por experiencia propria, podemos assegurar que o linho produzido em Campinas rouno excellentes qualidades textis para a confecção de tecidos finos.

CANHAMO

Esta *Urticacea cannabinea* (*Cannabis sativa* L.; *C. indica* Lam), originaria da Asia, é um dos melhores succedaneos do linho, sendo hoje cultivada nas regiões quentes, temperadas e frias do globo, assim pelas fibras que se extrahem das cascas de suas lestes, como pelos grãos, que fornecem oleo e constituem um bom alimento para as aves de criação domestica.

O genero comporta uma unica especie, de que tem resultado, pelas influencias climaticas e agrológicas, diversas variedades, que são principalmente cultivadas pelas suas apreciaveis qualidades textis.

As melhores são o *canhamo ordinario*, o *grande*, o *gigante*, o chamado de Anjou e o *indiano*, quasi todos já por nós experimentados em S. Paulo, comportando-se admiravelmente, em Campinas, o de Anjou, que cresce á altura de 1^m,50 a 2 metros e produz magnifica filaga.

Esta planta desenvolve-se menos nas regiões tropicaes, onde o clima é muito quente, produzindo uma filaga grossera e menos abundante; entre nós, porém, o producto é,

sob todos os pontos de vista, satisfactorio, e se recommenda sobretudo pela qualidade da fibra, que é fina e tem um bello brilho acinzentado ou prateado.

O fio muito intenso, assim como o calor excessivo e prolongado, lhe é muito desfavoravel; e, todavia, elle vegeta bem melhor nos solos desabrigados. Nas zonas mais meridionaes, elle ainda continua a crescer, depois da floração, que é abundante, achando-se as flores nos diversos individuos da mesma plantação sítuadas, umas aessois, na inserção das folhas (*canhamo femea*) e outras amarellas, dispostas em panículas (*canhamo macho*).

As terras silico -- argillosas, ricas de humus e alcalis são excellentes para esta cultura, principalmente quando a taes qualidades reúnem outras condições, taes como bastante humidade, camada aravel bem expessa e fravel na superficie e um certo grão indispensavel de mobilidade, em consequencia de lavouras bem feitas.

Entretanto, sempre que a maior parte de taes condições existam, as terras argillosas, profundamente lavradas, tornam-se favoraveis ao canhamo, como nol-o tem demonstrado a pratica nos campos de demonstração do Instituto Agronomico, em Campinas, produzindo magnificas fibras.

As lavouras devem ser profundas e cruzadas, para que o sólo fique uniformemente fronxo, o que se torna necessario, em vista das dimensões e ramificações das raizes; sendo executadas com o *brabant* simples, especialmente nas terras novas, já destacadas, na estação anterior á da sementeira, que póde ser feita, entre nós, em março e abril e em agosto e setembro, como a do linho, trigo, cevada, centeio, etc., e em os quaes póde alternar perfectamente o canhamo.

O linho, como fion dito, não póde ser cultivado na mesma terra muitos annos seguidos; mas com o canhamo dá-se exactamente o contrario, visto que póde occupar o mesmo sólo indelphinadamente, desde que se o

mantenha em pé de constante fertilidade, mediante judiciosas applicações de adubos, servindo-lhe os dos cavallos, minaros, ovelhas, etc., por sua maior energia e promptidão de effeito.

Semeado a granel em Campinas, o canhamo nasce de 8 a 14 dias, conforme o estado physico do terreno, florescendo mais ou menos dois mezos após a sementeira, isto é, em maio e novembro; tendo até agora, nas primeiras culturas experimentaes, crescido á altura de 1 a 2^m,20 com poucas ramificações na base. Elle amadurece, para fibras em 4 mezes, sendo preciso, mais uns 20 dias para effectuar-se a maturidade dos grãos. Conforme o destino da cultura ou a qualidade do producto que se quer obter, semea-se maior quantidade de grãos em área dada. Para colher semente de boa qualidade, o cultivador não deve empregar mais de 80 a 100 litros por hectare; para fllaça muito fina 620 a 720 litros por alqueire, ou mais 250 a 300 por hectare; para fllaça mais comprida e forte, embora um pouco menos macia, 120 litros por hectare ou cerca de 240 por alqueire.

Em geral, os limites são por hectare 100 a 300 kilogrammos de sementes e, por alqueire, 240 a 720 kilogrammos.

As melhores sementes são as escolhidas na colheita anterior, obtidas das plantas mais desenvolvidas e robustas e que cresceram um pouco afastadas; succede, porém, que ollas, no fim de alguns annos, entram a degenerar e por isso torna-se indispensavel substituil-as por outras, não obtidas na localidade das culturas existentes, mas importadas do estrangeiro, onde sempre se encontram boas *semeadas* colhidas de plantas propositalmente cultivadas para produzil-as, como succede com o linho, e, em alguns palzes, com o fumo. A mudança deve ser feita de cinco em cinco annos.

Tendo em vista, não mais a natureza do producto, porém a da terra a submeter ao cultivo do canhamo, o lavrador deve semear sempre mais nas terras arenosas, para il-

curom mais approximadas as plantas, e mesmo nas terras francamente barrentas; e assim procedendo é que lhe será possível obter sempre uma fibra macia, flexivel e como tal, de manipulação facil, e que não ponco contribua para dotal a de qualidades mais apreclavels por parte dos industriaes que melhor cotação lhe dão.

Como o linho, se não ninda mais do que elle, o canhamo dispensa custosos amanhos, os quaes reduz-se simplesmente a dois, consistindo na extirpação das plantinhas nocivas que nascem na cultura, sendo um feito logo que nasce o canhamo e outro quando voltam as hervas danalhadas. Este ultimo fica dispensado nas plantações muito cerradas; não podendo o matto vigar á sombra do canhamo, que prestemente cresce e assoberba a pequena vegetação silvestro.

O canhamo apraz-se em viver em terrenos humidos, de modo que, se houver secca durante a vegetação, torna-se indispensavel regal-o, cousa facil quando ha agua na vizinhança, porque não custa muito conduzi-la em filetes através da plantação durante alguns dias e quantas vezes fôr isso necessario.

A colheita do canhamo faz-se cortando o com um caniveto ou podão curvo e bem affado.

O macho está bom de ser cortado quando as sumidades entram a amarellecer, tendo já se dissipado quasi todo o pollen das flores; o femca, porém, só amadurece vinte a trinta dias depois do primetro, fazendo-se o corte logo que as capsulas tomam uma cor castanha escura e as folhas amarellecem e entram a cahir. Comprehende-se que não se deve fazer de uma só feita toda a colheita de hastes.

As que forem sendo cortadas serão logo amarradas em molhos, qui, reunidos a outros, formarão *marochos* ou grandes feixes; ficando os do canhamo macho expostos ao tempo por dois ou tres dias e os do femca por tanto tempo quanto basta para que as sementes acabem de amadurecer. Os feixes devem ser, no campo, mudados de posição

a lugar frequentemente, sobretudo quando chover.

Estando o canhamo secco, procede-se á separação das sementes pela batadura das hastes ou passando-as pelos dentes de um pente de ferro.

Os grãos serão ainda expostos ao sol e, mais tarde, penetrados e limpos. Os que se destinarem á sementeira deverão ser conservados em finas camadas sobre taboleiros, recolhido ao armazem ou colleiro, para não adquirirem bafio, nem perdorem as facultades germinativas.

A curtimento do canhamo faz-se pelos mesmos processos já ligeiramente descriptos com relação ao linho. O canhamo, antes de ser submergido n'agua em feixes, deve ser exposto ao sol, conservando-se nos curtidouros por espaço de 8 a 15 dias; mas o macho é tirado d'agua mais cedo, sobretudo se foi cortido bem maduro. Em 6 a 8 dias, secca o canhamo, estendido ou posto obliquamente sobre um gramado, ao ar livre. Estando secco, é amarrado em feixes e armazenado para ter destino, cabendo, quando muito, ao cultivador as manipulações da maçagem e cardadura.

A bonificação definitiva do canhamo, como do linho, pertence mais propriamente á industria, que dispõe de pessoal e apparatus adequados ao tratamento completo da materia textil de todas as qualidades.

O canhamo, cujo custo de cultura é insignificante, como se poderá julgar pelo que a respeito acabamos de expender, produz, entre nós, mais de 1.300 kilogrammas de filaga e de 400 kilogrammas de graos por hectare, sendo a sua produção média na Europa de 900 kilogrammas da primeira e 250 das ultimas.

Elle é mais productivo de fibras, entre nós, do que o linho, de que se obtem por alqueiro de terra, em média, segundo os calculos das nossas primeiras experiencias, só iniciadas no anno proximo passado, 11.800 kilogrammas de *palha* e 15.700 kilogrammas de grãos, obtendo-se de filaga propria-

mente dita 2, 100 kilogrammas, por simples processos manuaes.

JUTA

A juta, de que são principalmente cultivadas duas especies (*Cochlosoma capsularis* e *C. olitorius*), as unicas tambem cujas fibras são utilisadas na fiação é uma Tiliacea textil das Indias Orientaes e da Africa tropical, digna de ser cultivada entre nós, onde vegeta com grande vigor, produzindo fiação tão boa e abundante como a que obtém alguns paizes que se entregam ao seu cultivo, embora não cresça tanto como na provincia do Bengala e diversos logares do Calcutá, que forneceram quasi todo o canhamo consumido hoje no mundo industrial. Muito semelhante ao verdadeiro canhamo, sua cultura lhe é inteiramente identica.

A sementeira dos grãos é feita, depois do tempo secco, em terra profundamente lavrada, susceptivel de reter, durante a vegetação, bastante humidade, fazendo-se, na mesma occasião, a estrumeação, quando necessaria; convindo-lhe terrenos de qualquer natureza, mesmo aquelles que são aproveitados, entre nós, na cultura do arroz de montanha. A juta exige terrenos muito humidos. É indispensavel que as lavouras sejam executadas em tempo proprio, não só para se tornarem mais facéis e menos dispendiosas, como para ficarem bem osmigalhados os pristas e fôrreões, operação que se faz por meio do rolo e da grade, o que se torna absolutamente indispensavel nas terras arillosas; visto como as sementes são muito miúdas e em muitos casos são lançadas a granel, desbatando-se, depois as plantas em excesso.

Do agosto a setembro, pôde ser feita, com excellento exito, em S. Paulo, a sementeira dos grãos; e, apesar de ser a juta uma planta muito mais robusta que o linho, é preferivel antes semear os grãos mais unidos do que afastados, ficando conservadas no campo as plantas mais robustas e sendo ex-

tripadas as mais fracas ou que se acham excessivamente approximadas.

Cada planta tem desenvolvida modo na base, em Campluas, por exemplo, um o molo a dois centimetros, crescendo á altura de 1/2 a 2 metros, ramificando-se do torço inferior até o vertice.

É tal e tão prompto o desenvolvimento da juta, que tornam-se absolutamente desnecessarios os amanhos, não se podendo cultivar a tão miúda como o linho.

A colheita é feita um pouco antes da floração, que é abundantissima; ou, o que parece ser melhor, quando as plantas estão em plena flor, sendo então menor o rendimento; porém as fibras são incontestavelmente de superior qualidade, tornando-se mais apreciaveis, sobretudo, por sua flexibilidade. O côrto feito quando a planta está completamente madura, ou quando os fructos começaram a secçar, rende extraordinariamente; mas, em consequencia da ramificação das hastes, as fibras ficam duras, asperas ou rudes. Corta-se a juta rente á terra com pequena folca curva; em seguida, são separadas todas as folhas e capsulas, enfeixando-se as hastes em numero de 50 ou 100 para cada mólio.

A extracção da casca opéra-se do mesmo modo descripto anteriormente com relação ao linho e ao canhamo. Os feixes são postos em emtidouros em numero de 10 a 15 para cada um, e cobertos com folha, exactamente como se faz com o canhamo.

A maceração dura 8 a 12 dias, conforme a temperatura da agua, devendo o operario, do sexto dia em diante, examinar constantemente o estado das hastes.

Ordinariamente, bastam 8 dias de submersão, quando não se faz questão de obter fiação muito fina. No caso contrario, porém, ella demora ainda sob a agua umas 24 a 36 horas para operar-se completamente a separação das fitas formadas de fibra cortical do lenho, fibra que então adquire uma côr acentualmente branca.

Naquél se vê que a qualidade da fiação,

depende da época da colheita e da duração do processo do curtimento; dependendo disto também o preço do producto.

Quando termina o curtimento o operário tira de cima das hastas a palha e, com corte gelto, os feixes, que são logo desatados, fazendo á mão a separação, do pé para o vertice, de uma parte da casa interna e, batendo depois com a extremidade opposta da haste sobre um cépo de madeira, extrahie, por um movimento de vai-vem, as camadas corticeas exteriores, de modo que, assim, a verdadeira casa é obtida em estado de pureza.

O producto obtido é logo lavado, para ficar expurgado das impurezas e parte da materia resinosa que não se dissolvem, operação que se faz batendo com força com as madeixas de juta sobre a superficie da agua corrente.

A que tem perdido as materias soliveis é extendida em fórma de leque sobre a agua, em lugar remungoso, tirando o operário, á mão, as materias extranhas que apparecem.

Feito isto, elle torce as madeixas, uma a uma, e as expõe ao sol, para seccar, sobre vasos, descascadas, bem limpas, ou sobre hastas de bambú, ou ainda sobre cordas duplas.

Terminada a seccagem, que deve ter sido bem feita, mudando-se, de quando em vez, de posição as madeixas, procura-se reunir as fibras em maços, cujo peso varia á vontade do cultivador.

Tal o producto como elle exporta ou vende á industria, a quem incumbe dar-lhe as ultimas e necessarias manipulações para utilisal-o na confecção de tecidos mais ou menos grossos, de que, principalmente, são feitos os saccoes em que se faz o acondicionamento dos diversos productos agricolas, como café, assucar, algodão, etc. O processo da cultura e o tratamento que ahi ficam ligeiramente descriptos, o que são tão simples como baratos, applicam-se igualmente ás duas especies de juta acima nomeadas, não fazendo os industriaes questão da proveniencia natural das fibras que compram, apezar

de saborem distinguir bem as diversas variedades commerciaes. Se questão ha, é do preço segundo a qualidade.

Na preparação definitiva das fibras é que se faz a separação em lotes, segundo o curtimento. As mais longas são sempre as que alcançam melhor preço.

A flaca bom trabalhada tem uma côr parda clara, em consequencia da acção do ar, que lhe tira a alvura e o brilho adquiridos pela maceração; dando-se com esta fibra o contrario do que succede com o linho e o canhamo, que, como se sabe, tornam-se, pelos derradeiros tratamentos, cada vez mais alvos, e specialmente a primeira.

O rendimento da juta por alqueiro é cinco vezes maior do que o do linho, sendo o trabalho industrial e a cultura muito menos longos ou demorados do que as que elle impõe.

O commercio distingue tres typos de juta, independentemente da especie que a produz: o da juta de filamentos de côr branca perfeita, fortes e compridos; o de filamentos encardidos, pouco resistentes e mal limpos, e o de filamentos de cor parda, muito curtos e ainda menos resistentes, attribuindo naturalmente a cada typo preços differentes, cujo valor, variavel, com as condições do mercado, decresce na ordem das qualidades nomeadas. A juta é beneficiada em machinas, constando todo o trabalho de tres operações, que são: a *cardagem*, cujo producto é cotado baixo, a *penteadura*, e a *fição* ao comprido, que dá menos estopa e producto dotado de sufficiente tenacidade.

A embalagem é feita em prensa hydraulica.

A India ingleza produz de juta a metade do peso do todo o algodão universalmente colhido; mas esta malvacea é muito superior e merece por todos os titulos ser cultivada entre nós, de preferencia á juta, cujos filamentos podem e devem ser substituidos pelos de algodão no fabrico, ao menos, dos saccoes em que expedimos os nossos productos; não nos sendo difficile obtel-os por preço

razoavel, uma vez que as machinas que trabalham a juta podem, fucil e economicamente, adaptar-se ao algodão.

RAMIE

Esta Urticéa (*Biochmeria tenacissima*), originaria do sul da Asia e da Oceania, fornece materia textil muito estimada, não só pela resistencia, como pelo brilho, que a torna propria para certos tecidos delgados de lutilção á seda.

São muitas as especies conhecidas: as mais cultivadas, porém, são a o *Biochmeria utilis* ou *tenacissima* e a *B. nivea* ou *candicans*, sendo a primeira das regioes tropicaes, e a ultima das partes temperadas da China, as quaes distinguem-se á primeira vista, aquella, pela cor verde de ambos os lados de suas folhas e esta pela cor verde da lamina superior e branco macarado da inferior.

A verde dá hastes mais longas, menos ramificadas e fibras mais macias e resistentes, preferindo os climas mais quentes, enquanto a *nivea* ramifica-se muito, de hastes curtas e menos fibras, tendo todavia, a vantagem de supportar, sem maior prejuizo, o frio mais intenso e prolongado. A verde dá quatro a cinco córtes no anno, e a *nivea* duas a tres, sendo esta mais accessivel ás geadas fortes.

A cultura desta planta é tão facil, como a das anteriores, offorecendo ella maiores vantagens quando se dispõe de machinas de decortear as hastes verdes ou seccas, porque a bella materia filamentosa que se obtém é sempre vendida p r alto preço.

A *ramie* póde ser multiplicada por mudas produzidas em viveiro, por semeadura de grãos, por estacas ou pedaços de haste, por mergulhões enraizados ou por *filhos* que nascem da base das touceiras ou mesmo das raizes.

As mudas, das primeiras plantações, e os filhos ou rebentos radicaes, depois, constituem os meios mais seguros de multiplicação.

A plantação, entre nós, póde ser feita

6056 — 30

quasi todo o anno, convido, porém, melhor fazela de setembro em diante, em sulcos paralelos e rasos distancados os de 1^o, guardando as plantas o mesmo espaçamento em cada linha ou rego, mas por modo que ellas não se correspondam em todas as linhas, allm do flear para cada pé o espaço de um metro quadrado. Os pontos desocupados serão plantados no segundo anno com *filhos* tirados ás primeiras touceiras, embora se tenta de desbastar um pouco a plantação no terceiro anno, e para dar-lhe ar e luz o facilitar o crescimento e a maturação das hastes. O sólo deve achar-se constantemente limpo de capim eervas daninhas de toda a especie, estando sempre frouxo em volta das touceiras. D'ahi vê-se que são precisos repetidos amanhos pelo menos nos primeiros annos, quando a *ramie* não tem ainda se apoderado de todo o terreno. Quando isto succeder deve-se metter o arado entre as linhas para impedir que as touceiras se encontrem, produzindo um numero excessivo de hastes curtas e pouco rendosas em fibra de boa qualidade e em estado de colheita em tempo certo.

Esta planta vive bem nos terrenos silico-argillosos contendo cal e humos, e terrenos frescos; e, por mais que se diga que ella pretere os terrenos arenosos, fracos, as terras calcareas, a verdade é que, entre nós, ella desenvolve-se admiravelmente bem, e melhor de que em outro qualquer terreno, nos sólos silico-argillosos humiferos e frescos, nos quaes não só crescem muito, como se multipleam abundantemente as hastes. Ella exige terras frouxas e bom fundas, tendo um desenvolvimento sempre acanhado nas schistosas ou argillosas, principalmente quando são baixas e ontretém muita humidade. A cal, a potassa e o azoto são os principaes elementos de prosperidade desta cultura, que exige o emprego de adubos depois de cada córte.

Os estrumes azotados e potassicos são os que mais lhe aproveitam, postos em regos abertos, com pequeno arado, entre as linhas,

deverão-se misturá-los com a terra solta do próprio sulco.

A irrigação, quando possível, é muito necessária nos solos e areias secos, facilitando extraordinariamente a vegetação da canie. Para se poder avallar o rendimento por anno em hectare, seria necessario levar em conta as influencias climatericas locais e o numero de côrtes possível na localidade.

Entre nós, não devemos contar com mais de 3 côrtes annuaes, sendo que o primeiro é quasi improdutivo no primeiro anno.

De anno para anno, a produção vai crescendo, para diminuir com o esgotamento do sólo e o numero de côrtes, ou antes, a idade das tolceiras.

Dados sobre a produção em diversos palzes não faltam; mas entre nós, não existem ainda elementos que permitam um calculo exacto, não nos dando ainda as nossas experiencias elementos para isso.

Entretanto, comportando um alqueiro de terra 70.000 plantas, admitindo que cada tolceira produza hastes, com o peso de 150 grammas, o que, evidentemente, é muito pouco, e suppondo, ainda, que se realizem todos os annos tres côrtes, a produção será de 41.500 kilogrammas de hastes; e como o rendimento em fibras seccas regula 25 %, a produção será 7.785 kilogrammas por alqueiro.

A fibra, neste estado, ainda sendo vendida a 400 réis por kilogramma, renderá por alqueiro 3:150\$, de que, abtendo um terço para custo de cultura e fabrico, ficarão líquidos 2:100\$000.

Está, porém, admitido pela experiencia, nos palzes tropicaes, que se pôde obter por alqueiro em condições favoraveis 15.171 kilos de hastes, por cada côrte, ou 45.510 kilogrammas por tres côrtes em um anno, o que dá, mais ou menos, 11.327 kilogrammas de fibras seccas. Daria um tal resultado um hero beta consideravel.

A canie não pôde ser submettida ao tratamento pela maceração, que lhe prejudicaria consideravelmente as fibras. A decor-

ação das hastes, nos palzes onde a mão de obra é insignificante, ainda se faz à mão; mas hoje ha grande numero de machinas, de modelos diferentes, que fazem muito bem a operação do descasque das hastes, quer em estado verde, quer no estado secco. No primeiro caso, procede-se ao trabalho immediatamente, após a colheita e quando muito, tres a quatro dias depois, sendo uma das melhores machinas de descascar verde ou em fitas a do Laborie-Berthot, que exige uma força de dois cavallos-vapor para produzir 150 kilos de fita secca por dia, sendo o seu custo de 2.500 francos.

Das que descascan no estado secco, dando um producto mais delicado e mais abundante que dispensa o tratamento chimico, que exige a fita obtida de hastes verdes, uma das melhores é a de Favler, que fornece uma casca despojada de madoira e de bellissima apparencia. Essa machina, para cuja descrição nos fallece espaço, transforma 215 kilogrammas de hastes seccas em 43 kilogrammas de fita, exigindo apenas força de um cavallo.

O tratamento chimico e outras manipulações a que a fita tem de ser submettida, para bem prestar-se a qualquor das applicações do seu destino, escapam á competencia do cultivador e, de direito, competem ao industrial.

As cascas brutas e seccas vendem-se na França, actualmente, por o f. 10 o kilogramma.

PITEIRA

As plantas que chamamos piteira, *agave*, *gravatã gordo*, *cragatã gigante*, e que tem os nomes de *caballa*, na America Central, e de *henequen*, no Mexico, são bellas *Amarilidaceas*, da tribu dos *Agavaceas* e dos generos *Agave* e *Pourroya*, originários da America do Sul e principalmente cultivadas, porque do maior numero das especies extrah-se boa fibra textil e, de algumas, o succo e mtido no eixo floral, para o fabrico do *pulque* ou *magony*, bebida de origem mexicana,

de grande consumo nos paizes de sua produçao.

As piteiras são plantas vivazes, aculeas, providas de numerosas folhas radicacs de 1 metro mais ou menos de comprimento, terminadas em rija ponta, armadas de espinhos nas bordas, espessas ou carnosas, cheias de uma substancia mucilaginosa que espuma, quando são maçadas. Do centro das folhas, dispostas circularmente, ou em rosetas, emerge grosso eixo de 5 a 8 metros de altura, simples na base e provido, no terço superior, de ampla panicula pyramidal carregada de copiosas flores de cor verde glauca ou amarellada, que apparecem no fim de 5 annos, muitas das quaes abortam, desenvolvendo-se em outras numerosos bulbos aereos ou *sollos*, que dos *pedunculos* se desprendem já com raizes aereas que se transformam em terrestres tanto que elles cahem no chão, fazendo-se assim a multiplicação vivipara de algumas piteiras.

As especies mais importantes sob o ponto de vista textil são : as *Agave Americano*, *Milneri*, *mexicana*, *lurida*, *Itli*, *vivipara*, principalmente a *henequem* (*Agave lacquimiana*, *Schott*), que fornece a mais preciosa fibra, largamente explorada no Mexico, e as *Fourcroya cubensis* *Hur*, que é a nossa *Agave vivipara*, do *Arruda Camara*, e *Fourcroya fetida*, abundantissima em todo o Brazil, produzindo magnificas fibras, que são muita mais delicadas e fortes antes da floração, embora não sejam tão longas como as que fornecem as folhas colhidas na época da flôr.

Todas estas plantas crescem vigorosamente em todos os terrenos um tanto elevados, não sendo raro encontrarem-se em rochedos quasi nus, sendo certo, que as terras encharcadas ou que entretêm perenne humidade lhes são altamente desfavoraveis.

Sua multiplicação pratica é feita por meio de rebentos radicacs ou filhos, que se plantam em covas alinhadas e distanciadas, em todos os sentidos, de 2^m,50 — 4^m,00, conforme a especie, sendo a *americana* a que requer maior espaçamento.

Nenhum cuidado impõe a cultura destas plantas, que vivem exuberantemente entre as prodigalidades da natureza tropical. Do segundo ao terceiro anno após a plantação começa a colheita das folhas, que são cortadas, uma a uma bem perto no collo, realizando-se a colheita em cada planta, que dá 7 a 10 folhas, tres vezes no anno, obtendo-se 1600 folhas de 54 plantas ou 48 kilogrammos de libras, por processos primitivos.

Ordinariamente, não se colhem senão as folhas inferiores, fornecendo cada planta não mais de 8 a 12.

As folhas cortadas são conduzidas para o local destinado á sua manipulação, que só começa 24 horas depois, sendo então divididas em fitas de 0^m,05 — 0^m,06, de modo a destacar-se o envolvero das fibras, que, distendidas sobre um taboleiro, são raspadas com uma especie de espadalla de ferro que lhes tira o *porenclyma*, sendo o tecido fibroso exposto ao sol para obtenção dos filamentos.

Uma mesma folha dá filamentos de grossuras e qualidades diversas, os da canuda exterior, são grosseiros, fortes e duros, servindo especialmente para os trabalhos de cordoaria; os da canuda interior, são finos e depois de bem maçados tornam-se brandos e com ligeiro brilho de seda, prestando-se á confecção de tecidos leves; mas os das canudas intermediarias são os que dão fibras mais finas, applicada, entretanto, na confecção de telas menos delicadas.

As fibras destas plantas têm, ordinariamente, o comprimento médio de um 1^m,50, são brancas, ás vezes encardidas ou amareladas, finas, muito fortes e brilhantes, sendo mais leves cerca de 20 % do que cahiamo da Europa e recebendo facilmente as cores que lhes dá a tinturaria. Ellas entram na confecção dos diversos tecidos sem mescla ou misturado com algodão, naturalmente depois de maceradas em agua quente, por espaço de 24 horas, sendo ainda morgulladas em agua fria do fonte por algumas horas e, por fim, em agua do arroz, tudo isso para o

effeito de embranquecerem e tornam-se mais chelias.

Paizes ha onde a extracção das fibras só se faz após esmagamentos das folhas a macete, as quaes são, depois, maceradas n'agua e, em seguida, fortemente batidas para lhes tirar todo o parenchyma. Depois disto são submettidas á ponteadura, que dá filamentos brillantes e limpos.

Em outros, as folhas intermediarias da planta são as unicas aproveitadas, porque não são tão duras como as inferiores, nem muito tenras como as superiores.

A maçagem é feita á pedra ou a macete, maçando-se cada vez um mólio de 12 folhas, amarradas pelas respectivas extremidades. Depois disto, sobre um tubo inclinado, põe-se cada folho por sua vez prego á extremidade superior, e, em seguida, faz-se passar sobre as folhas esmagadas uma raspadeira dentada de ferro para eliminar a parte succosa, isolando-se assim as fibras em toda a sua extensão. Esse trabalho, havendo necessidade, póde e deve ser repetido uma ou mais vezes, até á completa limpa dos filamentos, que, só então, são lavados em agua corrente, perdendo o succo espumoso e caustico que contem. Deve-se ter o cuidado de não tocar na fiação, enquanto houver aquelle succo, pois que elle produz nas mãos do operador incommodo prurido. Logo que a agua ficou clara, e parecendo bem limpos, os filamentos são postos a secar e depois a alvejar mediante uma curtimento bem cuidada.

O famoso *henequen* provém na America Central da *Agave Sisalana*, e dá o conhecido canhamo de *Sisal*, e, no Yucatan, o vordadello *henequen*, de que o commercio distingue duas especies. No Mexico, a extracção das fibras, em vista da importancia que tem tomado a industria do *henequen*, é feita por moio de machinas que despojam as folhas, com a roda de palhetas metallicas de que são armadas, da parte pulposa e mucilagínosa.

As folhas são passadas duas vezes na machina, que é movida a vapor ou tracção ani-

mal, occupando cada um dous homens e limpando por dia até 7.000 folhas, que podem produzir 280.000 kilos de fiação secca e uma quantidade extraordinaria de estopa. Esta grande porção de residuos constitue um defeito que vai sendo corrigido, ultimamente, nosapparelhos similares, como os de Berthel e as machinas desfibradoras, ainda mais novas, de Thobaud, Villamar e Pietro, as quaes limpam em poucas horas milhares de folhas. Importa notar que neste momento estão sendo experimentados no Mexico tres novos apparelhos, destinados a dar á industria, que alli constitue o seu principal elemento de riqueza, outros aperfeiçoamentos, de que as anteriores carecem, para poderem produzir fibras de melhor apparencia e superior qualidade.

Pelos processos usuaes e menos aperfeiçoados só excepcionalmente obtem-se mais de tres kilos de fibras por 100 folhas.

O custo actual de uma arroba de fibra do *henequen* é de 400 reis; são 16 centavos por libra.

A *Agave Americana* já está introduzida no Brazil, encontrando-se no Amazonas a *A. vivipara* de Linneu, das Guyanas; sendo que abundam em todo o paiz as duas pitceiras e as *Pourcroya gigantea* e *Cubensis*, que dão excellentes fibras.

São plantas que merecem ser exploradas, entre nós, sobretudo a *A. rigida*, variedade sisalana, a melhor de todas.

LINHO DA ZELANDIA

Da familia das *Liliaceas* temos já acclimado no sul do paiz o linho da Nova Zelândia (*Phormium tenax* Tarts), planta textil originaria da Austrália, muito mais propria para a industria das cordoalhas do que para a do tecidos de delicada urdidura, apesar de dizer-se que, no clima essencialmente maritimo de seu paiz natal, cujo estio é, entretanto, menos quente do que, por exemplo, o da França, ella dá fibras com que são feitos tecidos extremamente finos e fortes.

Entre nós, o linho da Australia é mais do que uma variedade de folhas amareladas ligu-ram nos jardins como plantas ornamentaes, não lhes attribuido nenhum valor indus-trial; entretanto, de cada uma de suas folhas extrahem-se umas 20 fibras, que são, lin-çavelmente, mais fortes do que as do canha-mo e do proprio linho, sendo ainda mais extensivels que as do qualquor dos dous.

É bom conhecido, entre nós, esse vegetal de rhizomas subterraneas e vivazes e de abundante filhação, assumindo, durante a floração, um porte que lembra o de certos gravatás. Suas folhas, lisas, de um verde glauco, coriáceas, um tanto encollidas nas pontas, são uniformes, e tem uns seis centimetros de largura, e, ás vezes, dous metros de comprimento, podendo uma só, torcida em corda, supportar o peso de duas arrobas.

Elas dão 22 % de fibra bruta, estado em que a filha é exportada para a Europa pelos paizes que a produzem.

As fibras obtidas pelo mesmo processo adoplado na extracção das do ananaz, tem o mesmo aspecto das ultimas e podem ser ex-portadas de mistura com ellas, apesar da sua rindeza.

Segundo estudos do Dr. Hugo Muller, as folhas do linho australiano são essencia-mente compostas de tecidos de tres formas diferentes, conforme a séde: epiderme, ca-mada cellulosa e camada fibro-vascular. As duas ultimas formam a zona funicular, se-parada, to-lava, por parenchyma de grandes collulas de paredes muito delgadas. Os feixes fibro-vasculares são mais desenvolvidos do lado externo da parte inferior da folha, situados immediatamente abaixo da epiderme. Os feixes fibrosos das outras partes da folha são mais finos e menos desen-volvidos, resultando da irregularidade de distribuição delles que o producto extrahido pelas machinas é differente do que se obtém pelo processo de raspagem das folhas por meio de conchas de ostra, com as quaes tiram os tecidos parenchymatoso e a epider-me adherentes aos feixes vasculares.

As fibras, assim obtidas, são maculladas hu-midas, até extracção de maior quantidade e, depois, lavadas e estomentadas, por meio de conchas, até que fiquem sem nenhuma to-na ou casca. Para usos menos grosseiros, o processo é tambem mais delicado e, então, obtém-se fibras mais macias.

O principal no tratamento, neste caso, consiste em conservar-se a fibra bruta, du-rante uns quatro dias, immersa em'agua morna, para ser depois batida a maçoete, voltando ainda á agua para ser novamente maçada, trabalho este que se repete e dura uns 20 a 40 dias.

Por este processo obtém-se 25 % das fibras contidas nas folhas.

A decorticação mecanica por meio de cy-lindros compressores e maçoetes, sob um illeto d'agua constante, permite a obtenção de grande quantidade de fibras em algumas horas.

Depois de separado das folhas, na machina, o tecido esponjoso e, de obtidos, portanto, os feixes fibrosos, estes são lavados e curtidos ao sol; mas a vantagem de maior trabalho, isto é, da obtenção de maior quantidade de fibras não obtidas pelo trabalho manual, que é demorado, fatigante e um tanto rustico.

E, entretanto, é importante notarmos que a extracção não deve ser feita senão por ma-china; porque não se pôde negar o facto de perderem de suas qualidades as fibras prepa-radas, quer pela maceração em agua fria, quer em lixivias alcalinas fracas, visto como as collulas do *liber* da folha são envolvidas por pequena quantidade de materia inter-cellular, de modo que elle é facilmente ata-cado.

É por esta razão que achamos esta fibra mais propria para confecções menos delica-das. A melhor filha, isto é, a mais forte e abundante é a grosseira, cujos filamentos acham-se quasi intactos, conservando suas propriedades naturaes.

A agua salgada ataca promptamente a fi-bra.

Quanto á cultura do *Phormium*, que se

multiplica facilmente pelos rebentos radicados, nada ha que mereça menção especial. Todos os terrenos lhe servem, desde que não sejam excessivamente humidos, porque então as plantas teriam seu desenvolvimento muito moroso, *filharium* muito, dando folhas pouco numerosas e curtas, e fibras menos resistentes. Nas terras frias e em que domina o elemento siliceoso dá-se o contrario, sendo estas as que produzem folhas mais longas. A plantação pôde ser feita em qualquer época do anno, sem maior prejuizo, à distancia de 2 a 2^m,50 em todos os sentidos. Os filhos muito numerosos são extirpados.

A colheita só deve começar 18 a 20 mezes depois da plantação, sendo cortada somente as folhas maduras, do meio para baixo das rosetas das plantas que tem de dois annos de idade em diante.

A plantação é feita em covas, exactamente como na cultura do ananaz. As fibras desta plantação não são tão longas como se tem dito, pois que seu comprimento não excede de 12 metros com um diametro maximo de 0, 0,17^m; e não tem a mesma tenacidade que incute o qualificativo latino que lhe dão os botânicos.

Entre nós, seria, dada a carstia da mão de obra, mais vantajosa a exploração do exchamo, da juta e principalmente do ananaz cultivado ou sylvestre, cujo producto textil é mais abundante e muito procurado, pelas applicações que tem actualmente na industria de tecidos finos.

ANANAZ

Com este titulo reunimos aqui diversas *Bromeliaceas testis* do Brazil, conhecidas sob differentes nomes vulgares, posto que as nossas referências sejam attinentes principalmente ao ananaz, cujas fibras prestam-se á confecção de tecidos muito delicados, como batista, musselina, etc., e são actualmente muito procuradas á razão de 1\$ o kilogramma.

O ananaz sylvestre (*Bromelia sylvestre*, o

nome Ananassa sativa L.), o abacaxi (*B. sativa pyramidalis* Arr. La Camara), o ananaz de agulha (*B. muricata* Arr. Camara), o gravatá commum (*B. Karwins L.*), o gravatá de rede (*B. Sagenoria* Arr. Cam.), a macambira (*B. laciniosa* Arr. Cam.), o carôá (*B. variégata* Arr. Cam.) e outros que não são originariamente nossos, fornecem fibras longas, algumas das quaes tem mais de tres metros, brancas e brilhantes, que todas entram na confecção de tecidos diversos.

São, porém, o ananaz sylvestre, o manso e o abacaxi os que fornecem fibras mais delicadas e valiosas, sendo por isso mesmo muito procuradas. Os filamentos extrahidos das folhas do ananaz são alvos, finos, longos e brilhantes. Por suas qualidades superiores, e ainda pelo custo de sua extracção, assim como pelo trabalho demorado e paciente de sua utilização no fabrico dos tecidos, é sempre elevado o preço da materia prima, sendo muito caros os estofos de toda a especie, os quaes são em sua contextura de uma doleza e regularidade inapprehensivel, reunindo ainda as suas propriedades uma quasi transparencia que admira, sobretudo as que são tecidas em filamentos exclusivamente do ananaz, como os apreciados e incomparaveis nipes, fabricados em diversas provincias das Philippinas.

As fibras do ananaz misturadas com fios muitos macios de algodão fornecem tambem bellissimos tecidos.

Apezar de muito tenues, os fios da nossa bromeliacea, reunidos, adquirem grande força de resistencia. Experiencias conhecidas mostram que uma corda feita de fibras do ananaz, com 0,0⁸ de circumferencia supporta bem um peso de 2.000 kilogrammas.

A corda de linho da Zelândia quebra-se com o peso de 120 kilogrammas, ao passo que a de filamento de ananaz só se rompe com 160 kilogrammas.

A obtenção das fibras, infelizmente, não pôde ainda ser feita por processo muito expedito, por causa mesmo da natureza das folhas ou, antes, dos proprios filamentos.

As folhas, de que ellas são extrahidas, são as maduras, não servindo as verdes, porque são muito curtas e fracas, nem as inferiores ou seccas, que nenhum valor industrial tem. As folhas recentemente cortadas são extrahidas sobre um taboado polido e por meo de uma faca cega ou romba raspa-so-lhes toda a pollicula da superficie extrema do modo a ficarem a nã os filamentos, que são destacados cuidadosamente pela extremidade da folha, medlante o auxilio de uma faca.

Deste modo elles são extrahidos á mão em toda a sua extensão; e, depois de lavados ligeiramente e enxutos ao sol, são remidos em feixes fibrosos, conforme a grossura, trabalho que requer muita paciencia. As madeixas assim obtidas, são amarradas nas respectivas extremidades para que os fios se não emnoquem e guardados em caixas ao abrigo da humidade e do mófo, que os deprecciam.

Dizemos apenas duas palavras sobre a cultura dos ananazes textis.

Todos conhecem estas interessantes bromeliaceas e sabem que ellas são plantas vivazes, de raizes fibrosas, que só formam haste na época da floração.

Suas folhas são lineares, inteiras, espinhosas nas bordas e cobertas de um pó mais ou menos glauco, nascendo do centro da roseta por ellas formadas, do segundo para o terceiro anno, uma especie de haste dura, carnosa e succulenta, que sustenta o fructo, coroado de folhas estreitas e tendo na base numerosos *filhos*, que servem para a sua multiplicação, sendo porém preferiveis os que emergem da haste subterranea, porque crescem mais depressa e produzem fructo mais cedo.

A plantação faz-se em qualquer época, mesmo nos terrenos silicosos, mais fracos e frescos.

Muitas especies crescem rapidamente nos torrenes um pouco sombreados, produzindo folhas muito longas.

Um alqueiro de terreno comporta em plantação feita á distancia de um metro, em todos os sentidos, umas 23.000 plantas, podendo ser

Iniciada a colheita das folhas um anno depois, para obter-se maior rendimento em fibras, e dahi em diante todos os annos.

Recentemente, tem havido grande procura de fibras do ananaz, cujo preço por kilogramma tem subido de 1\$ a 1\$800.

Elis ahi um ramo de industria a que se podem dedicar com muito proveito mulheres, velhos e meninos.

BANANERA TEXTIL.

A planta textil que tem este nome é uma *Musacca* (*Musa textilis*) indigena das Philipinas e Malucas; mas não é esta a unica bananeira que dá fibras, pois estas, embora menos solidas, tambem são extrahidas das especies: bananeira de S. Thomé, ou paobasni (*M. sapientum*), ensoto, da terra (*M. paradisiaca*), ana (*M. Cavendishii*), *mandanensis*, róxa (*M. violacea*), etc.

A *M. textilis*, vulgarmente chamada *bananeira de corda*, é a que dá o conhecido *canhamo de Manilla* em fibras de abaca, producto que tem na industria européa extenso consumo no fabrico de cordas, cabos para transmissão, tocidos grossos, etc.

As fibras de bananeira são extrahidas dos troncos, que se formados pelas porções embainhantes da base dilatada das folhas, do modo a ficarem taes partes solidamente enroscadas ou embutidas umas nas outras. Essas camadas concentricas, sem ligação entre si, são formadas de um tecido de cellululas muito grandes, cheias de ar com paredes constituidas de laminas fibro-vasculares que se estendem da base do tronco á das folhas, cujos peccoles percorrem.

As camadas exteriores são sempre grossas e mais abundantes de fibras. Tal a disposição das fibras, por exemplo, na bananeira da terra, cujos cachos são enormes, sendo muito conhecidos e apreccados os seus fructos. Os da bananeira de corda, porém, não são comestiveis. Ella produz sementes; a sua multiplicação faz-se de preferencia por meo de *filhos radicacs*. Esta é a que fornece a mo-

lírio fibra, que é também extrahida dos troncos cada um dos quaes pesa cerca de 33 kilogrammas; correspondendo á decima parte do peso de cada tronco, a porção fibrosa envolvida por tecido celular, muito abundante do succo (cerca de 90 % de agua) e da qual se obtém mais de um kilogramma de fibra textil limpa e, mais ou menos, 700 grammas de fibras descoradas.

Calcula-se, nas Philippinas, que exploram largamente esta bananeira, que a colheita por hectare regula 21.000 kilogrammas de materia textil, das quaes 12 a 15 kilogrammas correspondem á fibra limpa e 7 a 8.000 á fibra descorada.

O côrto dos troncos é feito ordinariamente do dous ou dous annos.

A extracção das fibras é feita nos troncos das bananeiras que loem tres annos de idade, as quaes se conservam privadas de suas flores, o que, na opinião dos praticos, concorre para a melhora dos filamentos. De cada tronco ou pedaço de *haste* separam-se as camadas ou *bainhas*, que são em seguida divididas em largas fitas, ordinariamente de 10 centimetros, as quaes são penteadas com uma lamina de ferro armada de longos dentes eguaes, fixos em um banco ou tronco da madeira. Os foixes brutos assim obtidos são postos ao sol e, depois de seccos, vendidos aos industriaes, que os beneficiam em machinas apropriadas.

Cada haste dá 1/2 libra de fibras, produzindo dous homens, por dia, 28 libras brutas.

Cada bananeira de corda, ou sua touceira, dura 10 a 12 annos em exploração continua.

Para obter-se fibra de superior qualidade, que se vende sempre por preço mais vantajoso, convém escolher as *camadas* do que devom ser extrahidas as mais delicadas, que são pelas a enxugar á sembra durante um dia e depois separadas ou divididas em fitas mais ou menos largas. As fibras de segunda qualidade são obtidas do mesmo modo, mas provêm das camadas mais externas e centrais. As intermediarias são as que dão filamento mais delicado. As fibras são raspadas

sobre uma delicada lãoa liza por meio de uma faca de bambú, sendo depois maçadas com um malho de madeira.

As fibras obtidas em toda a sua extensão são cortadas em duas ou tres partes e postas a ferver em uma quadrilonga de ferro contendo lixvia de soda e cal, depois do que são retiradas para outra vasella, afim de proceder-se á lavagem, em agua abundante, dos filamentos separados da massa bruta.

Esses filamentos são curtidos á sombra da relva e depois enfiados, impressados e exportados á razão de 10 libras por toucada.

As fibras das bananeiras de corda e de terra, segundo experiencias feitas nas Indias pelo Dr. Forbes Royle, são mais resistentes e leves de que as do canhamo europeu, sendo as da bananeira de corda mais fortes do que as da bananeira de terra.

A cultura da bananeira de corda é facilissima. Sua multiplicação por grãos é muito demorada; porém, sendo feita com os turões que brotam das cêpas, é não só mais facil, como mais prompta e segura.

A plantação é feita em covas distancialas de tres e meio metros, tendo em cova 0",15 de profundidade ou largura. A melhor época do fazer-se o plantio é de setembro em diante, tendo sido as covas preparadas em julho ou agosto. Nos dous primeiros annos, até que as touceiras fiquem bastas e impeçam a vegetação do matto rasteiro, são indispensaveis repetidos amanhos, sendo o producto das capições lançado ás touceiras á guisa de estrumo. Qualquer terreno serve bem para esta cultura, que parece preferir as terras altas ou enxutas. As touceiras de mais de tres annos de idade, quando são muito vigorosas, podem dar dous côrtes no anno. As cinzas de madeira e a varredura dos terreiros imprimem grande vigor ás bananeiras do qualquer especie.

LINHO AFRICANO

Com os nomes de Sansiveria, murga, rabo de tigre, lingua de vacca, cascavel, etc., são conhecidas diversas especies de *sans-*

vivera, taes como a *zeylanica*, *Guineensis latifolia*, Angolensis, etc., Iliaceas africanas e asiaticas, alguma das quaes crescem nos nossos jardins como plantas de ornamento e no estado selvagem principalmente as especies *guineensis* e *lanuginosa*.

São bem conhecidas, entre nós, essas plantas de cujos rhizomas quasi sempre á flor da terra, emergem folhas verdes, sarapinhadas em largos zigzags de uma especie de substancia pedicel mais ou menos acinzentada, quasi cylindricas na base, carnosas, convexas na lamina inferior pontudas e largas no vertice, variando-se o comprimento de 0^m,75 a 1^m,50.

As internas são conduplicada, mais curvas e sempre mais longas do que as externas, que são mais ricas de tecido fibroso. Do centro das folhas emerge, em abril, em S. Paulo, um longo eixo em volta do qual nascem flores brancas ou avermelhadas, conforme a especie, e aromaticas, ás quaes succedeo fructos bacciformes e vermelhos quando maduros.

Esta planta vive perfeitamente bem nas terras arenosas frescas, onde sua multiplicação faz-se por si mesma, mediante os rhizomas, que crescem em todas as direções produzindo novos vegetaes.

Nos logares sombrios as folhas são mais carnosas do que nos terrosos soalheiros, onde é maior o rendimento em materia fibrosa, que é ali mais grosseira.

Sua plantação faz-se bem em qualquer época do anno, dentro de regos rasos e parallellos, distanciatos de 1^m,25, ficando os rhizomas separados entre si de 0^m,80. A colheita começa a ser feita do segundo anno em diante cortando-se as folhas perto ás raizes.

Esta planta não exige mais de duas limpas no primeiro anno, e dispensa qualquer amanho nos annos seguintes: durante cada plantação indefinidamente e produzindo sempre côrtes abundantes, mormente quando são adultas as torceiras com cinza ou estercor velho de gado.

6506 —31

O meio mais facil de adubar esta planta é applicar-lhe a materia fertilizante animal em regos annuaes por meio de bombas portateis, assentes sobre o carro que conduz o tanuel cheio do liquido fertilizante.

As estrumagações azotadas muito fortes promovem uma illiação muito abundante; porém as fibras extrahidas das folhas são pouco tenazes e estas amadurecem mais tarde.

A colheita é feita na época da floração, o log surgem os eixos floraes, sendo poupadas as folhas carnosas do centro.

Ha diversos meios de extrahir-se a fibra da *Sensiveria*. Os principaes são os seguintes:

As folhas cortadas e entexadas são postas de maceração em agua para apodrecer até certo limite o abultante tecido cellullar, sendo obtidos os filamentos por simples raspadura com uma faca de bambu, ou *raspilha*.

Outro processo consiste em raspar as folhas tecidas com a *raspilha*, presas por uma extremidade a uma taboa bem lisa e inclinada, sendo os filamentos ligemente lavados em agua de sabão e postos a enxugar á sombra.

Este processo é moroso, mas dá fibras mais resistentes, posto que não sejam tão alvas como as do primeiro.

Da fibra bruta assim obtida consegue-se, por meio de um trabalho muito paciente, separar filamentos longos, alvos, finos e brilhantes, que se applicam a tecidos menos grosseiros. Ordinariamente, cada 1.000 kilos de folhas, collidas em ponta de sução, obtém-se 40 de fibras brutas, proprias para cordas e tecidos grosseiros. O rendimento, porém, torna-se muito maior por área dada, visto como do quinto para o sexto anno em diante pôde-se realizar, em 12 mezes, dois côrtes de folhas, sobretudo se a especie cultivada for a *S. Zeylanica*, que é tambem a mais apreciada nas Indias, sendo explorada principalmente em Ceilão. Segundo o Dr. Roxburg, o producto de dous côrtes annuaes dá, por hectare, 100 kilogrammas de fila-

mentos, que elle, segundo experiências, reconhecem mais fortes ao ar e menos corruptíveis a'grua do que o canhamo da Russia. Entretanto, as cordas feitas com as fibras do sansiveria são um pouco mais fracas do que as do pitelra.

As folhas das plantas cultivadas dão filamentos mais resistentes do que as selvagens e as que se desenvolvem na sombra.

As fibras, vistas ao microscopio, são lisas, óeas, de paredes finas e grossura regular em toda a sua extensão, sendo, porém, os feixes filamentosos mais grossos e mais longos na especie *latifolia*.

As folhas da especie Zeylanica são muito carnosas e constituídas de abundante parenchyma arredondado, através do qual se acham numerosos feixes ou grupos de fibras de todas as dimensões. Os feixes fibro-vasculares, que são os mais grossos, têm uma fórma mais ou menos oval, sendo as fibras de secção polygonal.

Ha mais de um apparelho para extrahir-as; porém todos consistem em dois cylindros de madeira superpostos, atravez dos quaes passam as folhas, que assim são esmagadas e depois postas a macerar, para separar-se o parenchyma e recolher-se a fibra, que é tratada como fleo d'ito acima.

Segundo Semler, obtem-se de 40 folhas desta planta, 500 grammas de fibra, o que permitta a obtenção de um grande rendimento por hectare. Quanto ao preço da fibra bonificada regula cerca de 70 a 75 francos por 100 kilogrammas.

ALGODÃO

Chegamos, finalmente ao algodão, utilissima e bella *malvacea* originaria da America e da Asia, e vantajosamente representada no Brazil, onde todos os algodoeiros do mundo podem ser facilmente cultivados, e o valioso vegetal de alvos e setinosos filamentos recommenda-se, ao menos, por um valiosissimo typo indigena ou sub-spontaneo, *Gossipium brasiliense*, que alguns autores

consideram como variedade do *G. barbadense* e outros do *G. acuminatum*, o que é um erro.

Aquelles que não admittem a espontaneidade do algodoeiro no Brazil, não podem, entretanto, negar o facto de o haverem os hospanhóes, por occasião da descoberta da America, encontrado já cultivado e utilisado pelos Indigenas, facto categoricamente affirmado pelos historiadores da época. Seja, porém, como fôr todas as especies e variedades conhecidas podem com vantagem maior ou menor, ser cultivadas entre nós, e tanto basta para que possamos tirar de tão precioso vegetal, por uma cultura racional e melhor cuidada, producto que rivalise em todos os sentidos com o similar de todas as procedencias que maior nomeada tem conquistado no mercado e na industria.

Não entraremos em largas considerações acerca da discriminação das especies e variedades hoje conhecidas. O problema é arduo e de solução difficil pela obscuridade e confusão que reinam entre os auctores, cujas duvidas não podem ser facilmente dirimidas hoje, entre outras razões, pelo facto de existirem diversas plantas, visivelmente differentes entre si com os mesmos caracteres que Linnæu attribuiu a especies determinadas, que elle designou por nomes especificos, e ainda pela razão de se ter foito a introdução de grãos asiaticos na America e vice-versa, resultando dahi o apparecimento, nas culturas dos dois continentes, de typos novos, que para uns são especies e para outros não passam de fórmas ou variações botanicas e verdadeiras variedades.

Enquanto alguns botanicos dão à America 10 especies, outras a contemplam apenas com tres, que são os *G. barbadense*, *religiosum* e *hirsutum*, e outros ainda não admittem mais de uma especie, o *G. barbadense* — classificando todos os outros como simples variedades.

Limitar-nos-hemos, assim, a apontar sómente os que são cultivados entre nós e cuja exploração, dada, como é notorio, a excellencia das qualidades da materia fila-

umentosa, só excedidos, talvez, pelo algodão da Georgia, mereo ser feita do modo mais aperfeiçoado e economico do que ha sido até agora, para o effeito de podermos ganhar terreno na luta da concorrência com os productores estrangeiros, e, para, ao menos, podermos abastecer o mercado nacional, fornecendo á nossa industria materia prima de primeira qualidade, abundante e, sobretudo, irreprehensivelmente beneficiada.

Da perfeição e alargamento da cultura está dependendo o desenvolvimento progressivo da nossa industria de tecidos, de que até 1890 contavam-se apenas, em todo o paiz, 134 fabricas, existindo em 1899, na Capital Federal e Estado do Rio de Janeiro, segundo um interessante trabalho do illustre capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho, 18 fabricas que funcionam com 280.000 fusos e 9.000 teares, produzindo 119.310.000 de metros; sendo o valor da produção annual de tecidos nestas fabricas computado em cerca de 80.000:000\$ e a produção diaria de 500.000 metros de tecidos.

Os algodões cultivados em Pernambuco, Maranhão, no Ceará, na Bahia, em Alagoas e na Parahyba pertencem ás especies *G. acuminatum* ou *peruvianum* e *Borbadense*; e os do S. Paulo ás especies *G. herbaceum* e *hirsutum*.

Como é sabido, os algodões dividem-se, na technologia commercial, em *fibra longa* e *fibra curta*.

Em geral, os algodões asiaticos tem grãos esverdeados, pouco numerosos, envolvidos em uma lanugem muito adherente; e os americanos — grãos lisos, pretos, muito numerosos, cobertos de filamentos muito alvos e flexivols, tendo dado variedades precoces e tardias, todos perannuaes nos climas quentes e annuaes e biannuaes nas regiões temperadas. As duas especies principaes dão typos de estreita e curta appproximação, sem que estas percam, contudo, os principaes caracteres distinctivos da raça primitiva.

G. Borbadense dá fibra longa e o *G. hirsutum*—fibra curta em grãos lisos ou protos, quasi sempre pela degenerescência da planta. O primeiro (*Sea Islands*) quando deixa o littoral e penetra nas terras interiores, modifica-se notalmente e então produz plantas de grãos verdes. O *hirsutum* dá na Europa fibras longas, como o Luisiana, que os tem compridos e sedosos em grãos de côr grisalha.

O algodão *parreira* (Parahyba) ou bañão (Sul da Bahia) produz fibras muito adherentes aos grãos, que são cobertos e longas, brancas e ás vezes, amarolladas, conforme a variedade.

Como valor industrial figura em primeiro lugar o algodão de fibras longas tão largamente cultivado na Carolina do Sul e na Georgia; dependendo o maior valor do algodão, em geral, do comprimento da fibra, do seu diametro e do sua resistencia, e para certo genero da fabricação da homogeneidade, sem a qual elle nao pôde satisfazer a exigencia de qualidades technicas especiais, como, além daquelles, a aptidão para tomar uma côr uniforme, transformado em tecido de mistura com a seda. Quasi todos os algodões do Brazil são de seda longa, principalmente os do norte, que reunem boas condições technicas e melhor seriam ainda si fossem objecto de uma cultura racional e mais esmerada.

Esta planta, por diversos titulos, preciosa é cultivada na America do Sul, até 30° de latitude austral na costa oriental e de 33° no occidental, vegetando admiravelmente tanto no littoral, como no interior, em todas as localidades onde reina, no verão uma temperatura média de 25° com uma minima absoluta de 10° C. Ella resente-se do calor excessivo nos logares onde a temperatura é uniforme e crescente, não reina abundante orvalho e não ha brisas frescas, como succede no nosso littoral, especialmente nos Estados do Norte.

Tambem soffre muito o algodoeiro nas regiões onde reinam chuvas pesadas, constan-

tes e prolongadas, que entretem a terra sempre muito húmida, facilitam a vegetação daninha adventícia e por ella, concorrem para a appareição de pragas, como pulgões, lagartas, etc. Nas terras do *reconcaro*, onde as condições meteorologicas são um pouco differentes, vegetam melhor os algodões de rede curta.

Aqui como ali, as chuvas moderadas são muito uteis no começo da vegetação, ordinariamente do meio de setembro em diante. As que apparecem na época da floração e deliscença das capsulas são sempre prejudiciaes.

As primeiras auxillam a germinação e dão ás plantas o primeiro impulso; as ultimas, quando, moderadas, contribuem para uma floração abundante e, portanto, para uma produção maior de colheita de superior qualidade.

Todas as phases de vegetação do algodoeiro devem realizar-se no periodo de tres a novez mezes, no maximo, conforme a variedade e o clima que é um factor decisivo nesta cultura, dependendo das condições delle, diversas para cada localidade, o aperfeiçoamento do proprio algodão, cujas sementes, em uma cultura aperfeiçoada, devem ser submettidas a uma escolha prévia, rigorosa, porque, se não reuñem boas condições, abastardam a planta e depreciam o producto em pouco tempo.

As primeiras capsulas, colhidas antes do apparecimento das geadas e da queda de chuvas pesadas repetidas, dão sempre melhor semente; mas o algodão póde não reunir todas as condições textis.

Cada variedade, porém intelligentemente cultivada com vistas de uma selecção rigorosa, póde, no fim de alguns annos, melhorar consideravelmente e fornecer, portanto, excellente fibra longa, resistente e homogœna.

Um dos meios de aperfeiçoamento da cultura reside na selecção das sementes, trabalho que incumbe aos campos de experiencia e demonstração antes que ao lavra-

dor. Esta selecção, porém, deve ser feita, a par de boas e racionais praticas de cultura, com vistas exclusivamente de modificar para melhor a propria natureza das fibras, que, nas plantas degeneradas, não são iguaes em todas as capsulas e até em uma mesma capsula.

A sementeira faz-se em sulcos ou covas, á profundidade de 0",08 a 0",10 e distancia de 0",4 a 2",50, conforme a variedade, germinando os graos em dez a quinze dias,

Antecipa-se a germinação de uns quatro a cinco dias merculhando os graos em uma solução a 10 % de acido sulfúrico, que tem a vantagem de delectar toda a lamagem das sementes.

Os graos, em numero de tres a seis para cada cova, tambem devem ser misturados com gesso ou cal antes do semeados, para evitar-se a multiplicação de insectos daninhos que nelles depositam os ovos, como, por exemplo, o besouro das maçãs (*Anthrenus grandis* Boh.), que é muito commum e perigoso nos paizes tropicaes.

A primeira vista parece que o algodoeiro póde ou deve ser cultivado em qualquer terra; mas, a experiencia mostra que, entre nós as silico-argilosas, ou de salão, e as de alluvião, principalmente estas, quando são fundas e férteis, são as mais vantajosas.

As terras sem fundo, frias, excessivamente compactas, acidas e pobres de saes alcalinos não são boas para os algodoeiros arborescentes.

Tem maxima importancia o preparo da terra, porque o algodoeiro é uma planta exigente, de raizes longas e muito perseguida pelas lagartas, cujos ovos são depositados nas hervas daninhas e nas proprias folhas caídas do algodoeiro, que ellas doveram ás vezes de um modo desastroso, como os cruquerês (*Aelia argillacea* Hubner), em S. Paulo, Minas, etc.

A primeira lavoura deve ser bem funda e a segunda cruzada, sendo indispensavel o emprego da grade e até do rollo para esboçar bem os prismas levantados pela char-

rua, especialmente nas terras um tanto argilosas.

Como a plantação faz-se de 15 de setembro em diante, as lavouras prévias devem ser executadas em julho ou, o mais tardar, em agosto. A terra lavrada deverá ser separada por caminhos de 1^m,50 em volta das diversas parcelas ou taboleiros, para facilitar a passagem do pessoal e dos veículos utilizados na estrumação, colheita, etc., e impedir a invasão geral pelas lagartas, que não atravessam os caminhos, quando elles acham-se sempre limpos, como deve ser, e ainda que o algodão, no penultimo periodo da vegetação, esteja um pouco sujo.

Tanto as covas como os sulcos devem ser abertos nas linhas previamente indicadas por um riscador mecanico, convido que a plantação seja feita em ordem e a igual distancia para que a vegetação possa ser uniformemente beneficiada por todos os agentes naturaes, que lhe são muito benéficos.

As distancias são marcadas, segundo as exigencias da variedade a cultivar.

As cinzas de madeira são um prodigioso adubo para o algodoeiro, assim como os resíduos dos seus proprios caroços, hastes e galhos, e o estercor de gado bovino, para as terras enxutas; servindo melhor o dos carnelhos e unhas para os que se conservam habitualmente humidos, por força de sua natureza ou situação.

As terras fracas exigem por alqueire, pelo menos, 150.000 kilogrammas de estercor animal. As variedades que percorrem o cyclo vegetativo em poucos mozes, como os arborescentes precoces, exigem adubos de acção prompta, não lhes convido aquelles em que ha excesso de azoto ou que são applicados em muy grande quantidade; porque as plantas runificam-se de mais, adoecem, ha excessiva produção de folhas, as maçãs não se abrem todas e mingua, por fim, a produção.

Os amanhos devem começar logo que os algodoeiros apresentem as primeiras folhas, seguindo a espaços e todas as vezes que o solo estiver sujo ou começar a ervecer.

Muito pouco, quasi nada ha esperar de algodoes que não são muyto bem tratados.

O malto, os parasitas cryptogamicos e as lagartas da raíz da haste (*Apato monachus*), das folhas e das maçãs (*Heliothis armigera*, Hibber e outras), e as saúvas aniquilam em pouco tempo as esperanças e os primeiros trabalhos do cultivador.

A inclinação dos olhos terminaes, e ás vezes necessaria para obrigar as plantas menos ramalhudas a uma fructificação mais copiosa; não sendo, na maioria dos casos, indispensavel tal pratica.

As irrigações, quando possiveis, são indispensaveis nos lugares onde frequentemente reuam sêccas; e sem ellas a cultura, ahí, seria impossivel, conservando-se as plantas contrafeitas, desmadradas e entauguidas.

O tratamento dos algodoeiros contra as lagartas que lhes devoram as folhas e lhes furam as maçãs deve ser prévio e feito por meio de pulverizações, como o de Vermorel, que custa entre nós 70\$ e é de uma manipulação simples.

Os arsenitos, principalmente o verdoto, são empregados com vantagem, mesmo em pó misturado com cal ou farinha de trigo, contanto que a operação seja feita antes de apparecerem os insectos. Sua applicação em suspensão n'agua só dá bom resultado como processo preventivo. A colheita, qualquer que seja a variedade, deve começar em dia de sol, depois que este dissipou todo o orvalho do algodão, e logo que as capsulas estão completamente expandidas, recolhendo-se o algodão em saccos ou jacás para não sujar-se de terra ou não apanhar fragmentos de folhas seccas. O desse algodão, em geral, peca pelas impurezas que contém.

O producto da colheita deve ser exposto ao sol no terreiro para seccar bem, estando prompto para ser recolhido a armazem accoado quando os grãos estalam nos dentes do operario, que pôde colher por dia nunca menos de 30 a 40 kilos, sendo muyto diligente.

A colheita é repetida de seis em seis dias,

ou toda vez que ha boa porção de algodão a apanhar.

Os algodoeiros do typo *herbaceo* produzem, entre nós, pela cultura usual, mais de 200 arrobas de algodão por alqueiro e os typos *arboreo* pouco mais de metade; sendo certo que, por uma cultura mais racional ou economica, maior será a produção por alqueiro.

O algodão *herbaceo* é colhido com menos despeza do que o arboreo pela facilidade e prosteza com que se faz a apanha dos capsullos, serviço em que podem ser empregados meninos, que vencem um jornal mais moderado, como convém ao productor.

A exiguidade do espaço não nos deixa ir muito além das considerações que ali deixamos sobre ramo de cultura tão importante e que, actualmemente, tanto merece ser desenvolvida entre nós. Entretanto, ajuntaremos ainda algumas rápidas observações.

Tratando-se do aperfeiçoamento da cultura do algodoeiro e dos meios de desenvolvê-la, torna-se necessario o melhoramento do proprio algodão que é um producto de facil degeneração.

A selecção de que fallamos no principio, consiste, pelo modo como a comprehendemos, em cultivarmos as especies ou variedades actualmemente mais reputadas em cada localidade e, por isso mesmo, mais vantajosamente cotadas no mercado, procurando attentamente em cada planta as capsulas que offerrecem os melhores filamentos. Os grãos que dão o melhor algodão são os que devemos tomar para semente. O cultivo das plantas procedentes de taes grãos feito nas mais favoraveis condições possíveis, tomaremos das capsulas maiores e melhor conformadas os grãos que estão cobertos de fibras mais delicadas, os quaes servirão ainda para nova sementeira.

Repetindo do mesmo modo e com as mesmas vistas o processo, durante alguns annos, chegaremos por fim a obtenção de um producto que, por suas excepcionaes qualidades — fibras longas, alvas, brilhantes, resistentes e

homogeneas — terá merecido preferença em todos os mercados para onde quer que o mandemos, do pur com uma cotação satisfactoria e sufficiente para assignalar a bondade no genero, e estimular os productores. Não vemos outro meio tão effelente para a consecução do resultado que collimamos, isto é, o aperfeiçoamento do producto. O mais depende da boa vontade e intelligencia do cultivador e da perfeição dos processos culturais, de que deixos acima rapida noção. Escolha de sementes são das melhores variedades, tratamento prévio das sementes como meio de impedir a propagação dos terribes inimigos do algodoeiro, plantação methodica em solo adaptado ás exigencias particulares de cada variedade e na distancia e época que lho convem, por meio doapparelhos expellitos, colheita bem feita, tratamento acciáo e completo do producto, emlim, bomfiação e acondicionamento esmerados do algodão, taes são as medidas que convem adoptar, para o aperfeiçoamento e a preclsa animação ao cultivo da malvacea de que nos occupamos. Até aqui a questão cultural, ha, porem, outra, de caracter economico, a qual depende de innumerables factores e diversas circumstancias, cujo estudo proficuo pelo demorado exame e consequente desenvolvimento, que não cabem, evidentemente, na limitada extensão deste trabalho, por esta e outras razões obvias, resumido e imperfeito.

Enunciaremos, todavia, alguns pontos capitales da magna e momentosa questão, o taes são:

Reducção do custo de produção para se poder idontificar o producto nacional com o da Norte-América, que regula o curso do mercado universal, no caso de uma exploração verdadeiramente industrial.

Produção de genero que, por suas qualidades naturaes ou adquiridas proste-se tambem a uma utilização industrial, pelo menos de fios em numero inferior de 40 a 60, como succede com o do Egypto, que quasi rivalisa com o da Georgia, escolhido para produzir

flo acima do numero 120, correspondendo assim, com apreçavel vantagem economica, a superiores exigencias technicas da fabricação de productos aperfeiçoados da industria actual.

É, finalmente, a questão do modo e onsto do transporte da mercaderia, de accordo com as exigencias da exploração, guardada a precisa subordinação ás circumstancias particulares do cultivador.

Com a acertada propaganda que ora se levanta e que ja va produzindo alguns fructos, no que concerne ao ambicionado regimen da polycultura, que é, certamente, a mais poderosa alavanca da prosperidade agricola nacional, o que se faz mister é que, entre nós, onde os progressos agricolas são tão morosos não deixem de perseverar com energia, não só aquelles que propugnam a causa da prosperidade da fortuna agricola pelas variedades e multiplicadas produções naturaes, senão principalmente os que, dominados de um louvavel sentimento de patriotismo que bem se unisa com uma feliz intuição das nossas necessidades, acham-se actualmente empenhados em ramo de produção tão remunerador quanto indispensavel á expansão da nossa industria de tecidos.

PARECER

Encarregado de dar parecer sobre o trabalho do Exm. Sr. Dr. Gustavo d'Utra, venho fazel-o só em cumprimento do processo regimental do Congresso, pois que o nome do Illustrado autor, mui digno director do Instituto Agronomico de Campinas, é por demais conhecido como uma das notabilidades em sciencias agronomicas, que entre nós malor numero de excellentes trabalhos tem escripto sobre Agricultura theorica e pratica, trabalho, cuja leitura estou ha mais de vinte annos acostumado a apreciar.

A melhores mãos não podia a Sociedade Nacional de Agricultura commetter o tra-

balho de escrever sobre cultura de plantas textis.

Na apreciação do trabalho do autor, que devia ser confiada a pessoa mais competente, o abaixo assignado nada tem a destacar, pois todos os conceitos nelle exarados são o fructo do vasto cabedal sciéntifico e conhecimentos praticos que possui o illustrado autor, quer relativamente ás plantas exoticas, pouco cultivadas entre nós, mas das quaes tem completo conhecimento pela variada leitura, quer tambem daquellas já cultivadas em larga escala o das quaes o autor falla com experiencia propria, resultado de acuradas observações de longos annos.

Son, portanto, de parecer que o Congresso de Agricultura, attendendo á grande importancia da bem elaborada Monographia sobre cultura de plantas textis do Sr. Dr. Gustavo d'Utra, incansavel batalhador na propaganda dos conhecimentos agricolas, e na qual o autor trata magistralmente não só do cultivo como da extracção das fibras do linho, do canhamo, da juta, da ramla, da piteira, do linho da Zelandia, do amauaz, da bananaeira textil, do linho africano, e finalmente, com muito mais desenvolvimento, do algodoeiro, dê a este trabalho a maior vulgarisação, distribuindo-o largamente entre os lavradores, que muito lucrarão com a sua leitura.

S. S., 27 de setembro de 1901.

Dr. P. Aristides Cairo.

Franisco Maria Sodré Pereira P.

Dr. Wenceslao A. L. de Oliveira Bello.

Eduardo Augusto de Caldas Brito.

Joaquim Pessa Guerra.

E. Lucy Monteiro.

MONOGRAPHIA — Cultura dos Tuberculos

DR. PH. AUGUSTO CADEE

Atendendo ao convite feito pela Direcção do Congresso Agrícola, receitei do bom grado o thema que me foi indicado — *Cultura dos tuberculos*, attendendo á sua alta importancia, ao subilo valor tanto para a subsistencia do homem como dos outros animais.

Os tuberculos, tuberas, raizes tuberosas, contribuem inquestionavelmente de modo notavel para a alimentação animal e a credito mesmo que regula concorrerem sãão em igual quantidade, pouco inferior á fornecida pelas gramineas e leguminosas.

É sabido que, na Europa, por mais de uma vez, a batata ingleza, só por si, livrou da fome populações inteiras, em epoca de carestia do cereaes.

Entre nós as diferentes raizes tuberosas, como em toda a parte, constituem um auxilio effeicissimo á alimentação, principalmente das classes menos favorecidas da fortuna, attendendo-se a que as diversas plantas que as fornecem pertencem a diferentes familias botanicas, variaveis quanto ao modo, epocas de vegetação, etc., sendo que algumas têm a propriedade de se conservarem por longo tempo sob a terra, servindo de paiol natural, de reserva a ser utilisada á medida das necessidades, como succede com alguma das variedades de mandioca, inhames, etc.

Antes de encetarinos o estudo especial da batata ingleza e da mandioca, faremos uma succinta descripção de outras raizes tuberosas, aliás de grande valor nutritivo, taes como a nossa batata doce, o cará ou inhame da Costa, o inhame da terra ou taro, a tayoba, o mangarito, o topinambour, a araruta, o jacatipé, o allí, o xuxú, etc., deixando de parte todos os demais tuberculos usados no velho continente, como a beterraba, o nabo, a cououra, o turnepo, a rutabaga, etc., por de mais conhecidas, e cuja cultura é proficientemente tratada por muitos autores.

CAPITULO I

DA BATATA DOCE

Convolvulus edulis — Batata edulis (Crotis) —
É uma planta da familia das convolvulaceas, propria das regiões tropicaes, e que se acha espalhada por quasi todo o Universo, menos nas regiões muito frias, porquanto teme as geadas.

É uma planta muito conhecida, de haste leitosa, rasteira, que se estende até dous ou tres metros, emittindo raizes no ponto opposto á inserção das folhas, quando em contacto com o gólo. As folhas são lisas, de fórma e dimensões diversas, conforme a variedade; a flor é campaulada, de côr mais ou menos branca arroxeada no limbo, sendo mais carregada na porção interna do tubo da corolla; a raíz tuberosa varia de fórma, côr e tamanho tambem conforme a especie, crescendo ás vezes em terrenos bons até 0,30 e mais de comprimento e 0,10 a 0,20 do diametro.

Planta cultivada ha tantos annos, não é de admirar que haja grande numero de variedades, que são mencionadas nos diferentes tratados; mas aqui apenas trataremos daquellas que sabemos serem cultivadas entre nós, as quaes podem ser reduzidas aos seguintes typos, segundo a côr que apresentam: roxa, vermelha, amarella e branca, que geralmente se differenciam bem pelas folhas e ramos, cuja côr e fórma variam.

A *batata roxa* desenvolve-se bem, chegando ao tamanho de 0^m,10; a sua pelle é clara, a massa de côr mais ou menos violacea, ficando depois de cozida completamente roxa. Tem excellento gosto; é uma das mais apropriadas para doce, que é muito delicado: Não é de grande rendimento.

A *batata vermelha*, tambem chamada *roxa de caboclo*, *coração magoad*, — tem a massa branca avermelhada, com listras ou veias rosas, coberta de uma pellicula parda, rosada; é uma das mais communs e considerada brazileira. Tem a massa muito consistente e cozida.

A *batata amarella* tem mesmo essa cor, pôde adquirir grande volume e tem a grande vantagem de se conservar sob a terra, de um anno para outro sem deteriorar. É mais doce do que a seguinte.

A *batata doce branca* — *batata de Demerara b. de tres mezes* — de Angola, tem as folhas grandes, cordiformes, roxas enquanto novas e depois verde escuras.

Nem sempre é tão boa para se comer como as outras; porém é muito precoce, dá até de tres mezes quando plantada em época apropriada; produz abundantemente e os tuberculos são muito grandes, ás vezes de 0,15 a 0,20 de diametro e mais; tem a forma mais ou menos arredondada, ás vezes oblonga.

É heja a preferida, a mais cultivada pelos lavradores, que a aceitam como uma das melhores, destinando-a tambem á alimentação de animaes, principalmente dos suinos, sendo um grande recurso, pelo que todo lavrador deve plantar dessa variedade em grande quantidade.

A *batata de cinco pontas*, assim chamada pela divisão das folhas, é de côr branca, amarelada, de fórma allongada, dando em pencas de 4 a 5 batatas; é muito productiva e bem boa para a meza.

A cultura da batata doce é facillima; vegeta bem em qualquer terreno, preferindo o fresco, leve, mais ou menos arenoso, antes plano do que montanhoso.

Pôde-se plantar em covas equidistantes de 0,50 a 0,60 para cada lado, ou em montículos de terra de um metro de base por 0,50 de altura, no cimo do qual se enterram tres pedaços de rama, ou melhor, tendo sido a terra bem lavrada, formar-se uma linha de terra amontoadada com a enxada ou com o arado amontoadar proprio e sobre a parte ovoidada fazer-se a plantação.

Esta pôde ser feita com os tuberculos, mas é preferivel, e é como geralmente se usa, com pedaços de rama de 0,20 de comprimento mais ou menos. Havendo grande abundancia de rama alguns cultivadores preferem fazer umas rodilhas, que enterram,

dizendo augmentar assim a producção de tuberculos.

Outros cortam a ponta da batata, enterram-na e quando vem a brotação separam os brotos, que são plantados nos competentes logares definitivos. Planta-se em qualquer época da anno, sendo a preferivel de julho a dezembro o deste intervallo, como mais favoravel, o fim de agosto ou principio de setembro, sendo certo que a plantação nesta ultima época é de desenvolvimento muito mais rapido. No fim de um mezes mais ao menos, quando começa a brotar as folhas novas, deve se dar a primeira capina, que será repetida mais tarde conforme for necessario para mantel-as no limpo até que as suas ramas cubram todo o terreno impedido assim o desenvolvimento deervas ruins.

Depois do florescer, quando as folhas começam a amarellar, e mesmo a cair, é chegada a occasião da principal colheita.

Algumas variedades levam tres a quatro mezes para amadurecerem, outras, porém, levam muito mais, geralmente seis a oito mezes para chegarem ao estado de serem colhidas. A batata roxa leva pelo menos nove mezes. A batata branca pôde ficar na terra de um para outro anno sem apodrecer.

A colheita é feita á enxada, garcho ou cavadeira quando a plantação é em terreno não bem preparado; mas quando a cultura tiver sido feita em terra lavrada, melhor será empregar o arrancador proprio da batatas que facillita muito o serviço.

A observação tem demonstrado que a qualidade do terreno, seu estado de humidade ou secura, a quantidade ou quantidade de estrume, podem influir de modo notavel sobre o sabor da batata doce; assim muita chuva a torna *aguada*, sem sabor; muito frio a torna peg, josa; muito estrume, dá-lho máo gosto; portanto, convém ser elle usado com circumspecção e parcimonia, do contrario será melhor não empregar-o, mesmo porque a batata doce não é lá muito extinto.

A batata *veia de caboclo* ou *coração magoalo* deve ser secca ao sol por alguns dias para melhor se conservar e tornar-se mais saborosa.

A batata roxa cortada em rodéias ou fatias, secca no forno póde tambem conservar-se por longo tempo.

A producção varia muito, conforme a especie, a qualidade e preparo do terreno, sendo de todas a mais productiva a de Demerara, que regula dar de trinta a quarenta mil kilos por hectare.

A analyse clinica demonstrou a existencia de amido (amyló) na batata doce entro 7 a 17%, — materia saccharina, de 1,45 a 3,30% dextrina de 3 a 5%, conforme a idade, terreno e variedade.

Peia composição clinica sabe-se que a batata doce branca é a mais propria para o fabrico do polvilho, que póde substituir o da mandioca e tambem de um liquido fermentado usado pelos Indigenas.

A batata roxa é a mais rica em substancias saccharinas e azotadas, a mais pobre em amido, portanto a mais propria para a meza e para doce especial, por seu sabor.

É tambem mais nutritiva.

Entre nós, não ha quem ignore os usos culinarios das batatas doces, que são utilizadas tanto assadas, cozidas, fritas, como servem para confecção de varios doces de calda, em massa mais ou menos molle, ou secca, etc.

As pontas das ramas com as folhas novas servem de legume cozido ou como *carurá* e por muitos apreciado. O seu cozimento (de coclo) é de uso popular como collutorio ou gargarejo nas Inflammções das gengivas.

Tanto os tuberculos como as ramas e folhas são excellentes forragens para os animaes e de grande valor nutritivo; são usados crus ou cozidos com um pouco de sal.

Nas analyses de forragens feitas no Instituto Agronomico de Campinas a batata branca deu o seguinte resultado:

Em 100 partes de substancias seccas, contém:

	TOTAL		
	Proteinas	Graxa	Materia livre de azoto
Tuberculos	6.23	1.42	87.50
Folhagem	22.26	7.61	45.69
	DIGESTIVEL		
Tuberculos	3.81	0.31	59.00
Folhagem	15.58	1.67	25.51

Relação das materias alimenticias ou coeficiente de digestibilidade.

Tuberculos	1:	15.7
Folhagem	1:	2.2

Donde se concluo que a folhagem da batata é uma forragem muito nutritiva, superior á quanto capim ha.

CAPITULO II

DO CARÁ OU INHAME (DIOSCOREA)

De antemão devo fazer notar ao leitor que existe uma grande confusão a respeito do vocabulo *inhame*. Na maior parte dos paizes e creio que, mesmo no norte do Brazil, empregam o nome *inhame* referindo-se a varias especies de plantas da familia das Dioscoreaceas, a que pertencem aquellas, a que em muitos logares do Brazil, principalmente no Sul, são conhecidas pelo nome generico de *Cará* reservando o nome de *Inhame* ás plantas da familia das Araceas ou Aroideas do genero *Arum* ou *Colocasia* e a que no estrangeiro denominam *taro* ou *talo*.

Com quanto não tenhamos a pretensão de reformar a nomenclatura, desejaríamos que se pudesse uniformisal-a de modo a facilitar a comprehensão, tanto mais que o aspecto de uma é inteiramente diversa da outra. Parece-me que será muito difficil Incutir no espirito dos nossos conterraneos o chamar-se os nossos carás de Inhamos, visto como é muito geralmente ou exclusivamente conhecido este ultimo, como sendo a planta não trepadoira, de folhas grandes.

Assim, pois, darei noticiã em primeiro lugar das principaes *dioscoreas*, inhames extrangelros, alguns já bem espalhados entre nós, e depois das *dioscoreas* brazileiras, conhecidas pelo nome de *Carás*, e para evitar mais confusão não empregarei mesmo a palavra inhame e sim, a não ser o de cará, usarei o nome scientifico *dioscorea*, genero a que todos os carás pertencem.

As *dioscoreas* são plantas proprias dos paizes quentos, onde são cultivadas por causa de suas raizes tuberosas, que são mais nutritivas do que a batata ingleza, fornecendo abundante e excellente alimento aos habitantes das regiões tropicaes. A mór parte é originaria, da Asia, algumas da Africa e outras da America.

Os caracteres geraes das *dioscoreas*, consistem em serem plantas tropadeiras, de caules volaveis mais ou menos longas, tendo raizes tuberosas de forma e tamanho variaveis desde alguns centímetros até um metro e mais, com pezo de grammos até 18 ou 20 kilos e mesmo mais.

Vejamos as principaes variedades exóticas, algumas já aclimadas entre nós.

A *Dioscorea alata* — Linn, inhame ou cará branco, originaria da Asia e Oceania, já muito cultivada na Africa e America,

O caule é longo, quadrado, enorme, alado, isto é, guarnecido nos angulos de uma especie de membrana, crespã como uma renda um tanto avermelhada; as folhas são largas, cordiformes, as flores são pequenas, amarelladas, grupadas em cachos axillares.

Dá grandes tuberculos, longos de 0,^m 60 a 1,^m 30 e pesam geralmente de 4 a 5 kilos.

Levam sete mezes a crescer e si deixar-se per mais tempo na terra chegam a pesar 10 kilos. Ha quem diga que em circumstancias especiaes esta variedade pôdo dar tuberculos de 2^m 20 com o peso phenomenal de 100 kilos !!

É branco, avermelhado no interior, muito feculento e nutritivo; um tanto aere quando crú, porém assucarado e agradável ao paladar quando cozido, é de facil digestão.

A *Dioscorea globosa*, originaria da India differença da *Dioscorea alata*, por ter o tuberculo arredondado, com longos caules volaveis, tendo sob azes membranas longitudinaes, guarnecidas de renleos ou falsos espihos na parte inferior; as espigas de flores masculinas são longas e pendentes, ao passo que as femininas são simples e erectas — são aromaticas.

A *Dioscorea japonica* — Inhame do Japão, é cultivado em grande escala naquello paiz e na China, e já se acha espalhada em França na Algeria e muitos outros lugares.

Tem os caules delgados, lisos com entrenós iguaes, folhas muito mais longas do que largas e ponteadas de pardo na parte inferior. É muito productiva; em Landes obtém-se até 60.000 kilos por hectare; porém, para isso exige terreno muito profundo e tres annos para o tuberculo chegar a seu completo desenvolvimento, de comprimento descommunal, que difficulta o seu arrancamento, tendo grossura proporcional.

Ha uma outra *Dioscorea* do Japão, que foi introduzida entre nós pelo Conde de Nova Friburgo — é o cará amareillo; as suas tuberas são arredondadas, achatadas dos lados, de massa amarella clara e muellaginosa. É usado cozido como alimento, perdendo pelo calor a succura a coloração amarella.

A *dioscorea batata* — Den, inhame da China; é differente do Japão por ter caulo e pequenos ramos arredondados, inermes, estriados com entrenós de tamanho variado, manchados de roxo; por suas folhas tanto ou mais largas do que longas, pontudas, porém, não acuminadas, flores masculinas em espigas axillares.

Os tuberculos desta variedade tem forma muito differente; assemelha-se a uma clava ou massa alongada, cuja parte entumecida é a inferior, sendo a superior adelgaçada; numerosas raizes muy delgadas e obrem-n o quasi todo.

O tamanho varia de 0^m, 30 a 0^m, 35; os tuberculos crescem verticalmente no solo, chegando a grande profundidade (mais de

metro), si encontrar terreno frõo, e com peso de muitos kilos.

Os tuberculos sã cobertos de uma pellicula parda; dentro, a massa é alva, touca, quebradiga, e quando se corta deixa correr um liquido lãtoso, viscoso, que desaparece pela cocção.

Depois do cozido reduz-se completamente a uma polpa feculenta; presta-se a todos os preparados culinarios como os demais.

Esta variedade foi introduzida em França em 1851 e do jardim das plantas foi propagada a sua cultura na Argelia, onde Mr. Hardy obteve de 31 a 35.000 kilos por hectare e Decaisne 60.000 k. Temos desta variedade no paiz.

A sua cultura é facil; não sendo possível a lavra bem profunda, fazem-se de longe em longo covas bem fundas, que se buchem de terra vegetal até exceder mesmo o nivel do solo, e sobre esse monticmo planta-se pedaços do tuberculos.

A *Dioscorea sativa* — Linn., chamado inhame preto, creoulo, ordinario, é originario de Java e das Ilhas Philippinas. O caule de 4 a 6 metros de comprimento é redondo, espinhoso em baixo e liso em cima; suas folhas cordiformes e alternas; os tuberculos crescem bem, chogando a pesar 4 a 5 kilos; tem a massa branca ou amarelada.

A *Dioscorea aculeata* — Linn., inhame da Costa ou Cará de Guiné, é cultivada nas Antilhas, na India, Oceania e já se acha muito aclimada entre nós. Caule redondo, espinhoso e muito ramificado. As raizes, tuberosas, muito grandes, mais ou menos arredondadas, de 0^m,60 a um metro de comprimento de 0^m,15 a 0^m,20 de diametro, podendo de 7 a 9 kilos e ás vezes mesmo 14 kilos. A massa é branca amarelada cõr de laranja. É usada como alimento, contém muito amido (vid. analyse).

A *Dioscorea triphylla* — Linn., chamada Cassheconsi na Jamaica — inhame da India.

O caule é ovoido, as folhas oppostas e trilobadas; os tuberculos ovoides, tem 0^m,22 de comprimento e 0^m,07 de diametro. Passa

por ser o menor e o mais delicado de todos os Inhames *dioscoreas*.

É muito pro luctiva, dando até doze tuberculos. Ha duas variedades, a branca e a vermelha. Já temos dessa variedade no paiz.

A *Dioscorea atropurpurea* — Roxb., originada da Ilha da Reunião, é chamada entre nós — *Card mandioca*, pela semelhança que tem com essa raiz, sendo porem coberta de raizes fibrosas muito compridas. A raiz tem 0^m,30 de comprimento e 0^m,03 a 0^m,04 de diametro, coberta de uma pellicula roxa avermelhada e a parte carnosa branca com pezo de 500 a 700 grammas.

A *Dioscorea vulgaris* — Miq., Cará de Angola, ou Inhame de Coriolá, dos Africanos, é tropadeira com raiz de 0^m,33 a 0^m,50 de comprimento sobre 40 de diametro, lisa como mandioca com pellicula fina, pãrtaenta.

A parte carnosa ou massa é amarella, compacta, muito mucilaginoso, ficando depois de cozida, branca e farinacea. É a mais rica em amido, tem 23,87%. É um bom alimento, dove ser cultivada em grande escala.

Ha ainda muitas outras variedades do *dioscoreas*, pouco conhecidas, mas quasi todas úteis, prestando-se á alimentaçã.

A *Dioscorea hastifolia*, a unica e muito cultivada na Australia Occidental, muito robusta.

D. monstaria, do Tivoli, de bom sabor.

D. oppositifolia, L., da India e China.

D. pentaphylla, Indias. É espinhosa.

D. purpurea, India, Bengala — É considerada como uma das melhores.

Entre as variedades brasileiras, temos o *Cardinga* (*Dioscorea piperifolia*, Willd., triangularis ou *D. sub-hastata* — Velloso.

É encontrado em estado selvagem nas matas do Rio de Janeiro, sendo tambem cultivado.

Tem folhas cordiformes, acuminadas, de 0^m,08 de largura e comprimento. A raiz é oval, de 0^m,16 de comprimento por 0^m,08 de largura, com excrescencias tuberculosas, pezando mais ou menos 500 grammas; a parte carnosa é de cõr branco, mucilaginoso.

É usada como bom alimento, muito nutritivo.

Como tuberculo ralado, misturado com fubá de milho, fazem-se pães, chamados *brôas*, que depois de cozidas são bem agradáveis.

Card mimoso ou Card doce — *Dioscorea brasiliensis* — Willvar — *D. quinquelobata* — Velloso — *D. triloba* Lam. É natural dos Estados do Norte e cultivada em quasi toda a Republica.

É planta trepadeira, de folhas cordiformes com 3 ou 5 lóbulos. A raíz tuberosa é arredondada ou comprida, cheia de pequenos tuberculos, pouco *barbada*, de casea membranosa aspera, parda e a parte carnosa de cor branca amarellada. A raíz cresce bastante, chegando algumas vezes a alcançar o peso de dois kilos. A raíz é utilizada cozida, servindo de bom alimento, muito nutritivo, rico em azoto.

Cará barbado — *Dioscorea dodocaneura*, Vahl. *D. hebantha*, Mart. Habita os terrenos secos dos Estados do Rio, Minas, Matto Grosso etc.

Caulo anguloso, folhas cordiformes, grandes raíz tuberosa, de forma e tamanho variáveis, com ou sem pequenos tuberculos na superficie, que é coberta por uma pelle parda cheia de radículas fibrosas, semelhantes a fios de cabellos, dando veio o seu nome; a massa é branca e secca.

A raíz pesa de 250 grammas a 1^o, 500. É muito rica em amido. Vide a tabella.

É um dos mais cultivados por causa de sua tubera que, cozida, é muito nutritiva e de sabor agradável; pôde ser conservada por muito tempo deixando se seccar ao sol.

Card sapateiro ou sapato, card do ar, batata de rama, card de espinha, cará moella, é a *Dioscorea bulbifera* — Linn. — Comquanto seja uma variedade da India, achaso tão vulgarizada entre nós que pôde ser considerada brazileira. De caulo trepador, lizo, arredondado, fino, extenso, tem suas folhas cordiformes aguçadas. A raíz variando de 0^m,05 a 0^m,10 de diametro, de forma oval, arredondada; de casea grossa parda-

centa com pequenas tuberosidades e pequenas radículas, tem a massa carnosa, amarellada e muellaglinosa. O peso varia de 200 grammas a dois kilos.

Dá taubem no sarmento, nas axillas das folhas uma *batata* aerea, arredondada ou oval, mais ou menos achatada de um lado, coberta de uma pelleula cinzenta, lisa, lustrosa, e a massa carnosa amarellada.

O peso varia de 100 a 200 grammas.

Culhem com muita facilidade.

A composiçao da batata do ar differo dos tuberculos subterraneos, contendo aquella, além de tudo chlorophylla e um acido tanico (veja o quadro das analyses do Dr. Peckolt).

As tuberas aereas ou carás do ar são usadas cozidas de diversas maneiras, sendo muito mais nutritivas do que as raizes tuberosas.

Segundo Peckolt as raizes no estado cru, são empregadas nas affecções que exigem um diuretico energico e que não produzem irritação alguma. O succo é dado na dose de uma colher de sopa de 2 em 2 horas como diuretico e a materia extractiva na dose de 0,1 (um decigramma). Das tuberas raladas faz-se uma cataplasma para resolver furunculos.

Card roxo — *Dioscorea Guyanensis*-Gries.

Habita os Estados do Norte e Goyaz.

Já se cultiva bastante no Rio de Janeiro.

É trepadeira, de folhas coreaceas, cordiformes, trilobadas. — A raíz tuberosa tem uma conformação irregular, cheia de anfractuosidades, altas e baixas, achatada, arredondada tomando até formas exquisitas.

Tanto a pelleula como a massa são roxas. É cultivada por causa de sua raíz, por alguns apreciada.

Card pé de anta ou Bracand — *Dioscorea aculeata*, Linn. (var. *Brasilensis* — Peckolt).

As raizes desta variedade brazileira tem de 0^m,30 a 0^m,40 de comprimento sobre 0^m,10 a 0^m,20 de diametro, são lisas e terminadas em baixo por uma tuberosidade com a forma de um pé com dedos disformes,

dondo o seu nome. A parte carnosa é branca ou amarelhada, contém muita mucilagem. É bem rica em amido. É bastante cultivada, e a raíz cozida constitui bom alimento.

Card lizo — *card sem barba* — *Dioscorea piperifolia*, Wild-var. legitima — Grieseb.

Tem a raíz tuberosa, arredondada, cheia de tuberculos, com poucas raízes capillares, pesando ás vezes 2 a 3 kilos; tem a massa branca, mucilagínosa. É bastante cultivada para alimentação pois contém bastante amido, 18,21%.

Card côco — *Dioscorea hastata* — Vell. Habita o Rio de Janeiro e vizinhanças. Trepadeira herbacea, folias cordiformes, raíz tuberosa grande, do tamanho do um côco da Bahia, tem raízes finas, pelle amarelhada e massa esbranquiçada — Cultivada. A raíz é comestível.

Card branco — *Dioscorea Cliffortiana* — Linn. *Dioscorea heptanema* — Vell. Habita o Rio de Janeiro, Espirito Santo e Minas. Trepadeira do caule arredondado, lizo; folias lisas, cordiformes, com saliências marginaes raíz tuberosa conica, pardaenta, com poucas raízes fibrosas, massa carnosa branca pesando 300 a 400 grammas. As raízes tuberosas, cozidas servem de alimento; contém bastante amido.

Card Inhame ou Tuya — *Inhame bravo* — *Dioscorea adonocarpa*, Mart. *Dioscorea ovata*. Velloso — Habita os Estados de Minas, Alagoas e Goyaz. Trepadeira do caule fino, com folias inteiras membranosas, cordiformes com a face superior de cor verde-escura salpicada de pontos pretos sendo na parte inferior mais pallida. As flores pequenas, fructo capsular, oval, semontes pequenas, aladas. A raíz tuberosa, grande, comprida ou arredondada, coberta de uma pellicula amarelhada com a parte carnosa de côr branca mucilagínosa. A tubera é usada cozida como alimento, mas se brotar de novo no mesmo lugar, sem haver sido transplantada, torna-se amarga; servindo então só para alimentar suínos.

Card do Pará — *Dioscorea cayennensis*, Lam.

Caule trepador muito fino, coberto de pequenos pontos semelhantes a espinhos; raíz tuberosa pequena e comprida como mandioca, pelle esbranquiçada e massa branca. A raíz é alimenticia, farinacea, de sabor agradável.

Card tinga bravo — *Dioscorea-sinuala* — Velloso. Habita o Rio de Janeiro. O Dr. Peckolt aconselha o cultivo desta, melhorando-a, attendendo a elevada proporção de azoto contido nas raízes tuberosas 1, 173 % e que seria um excellento alimento.

Ha ainda o *card de pelle branca* — *Dioscorea conferta* de Velloso, muito commum e cultivado; o *card cascas*, *Dioscorea lasiflora* (Mart) de Alagoas, Ceará e Goyaz, o *cardambá* *Dioscorea trifoliata* (Kuntz) de Pernambuco e Alagoas, todos elles produzindo raízes tuberosas comestíveis.

A cultura dos carás em geral é pouco exigente: gosta do terra de alluvião; convém ser bem revolvida e profundamente, e quando não possa ser feito em todo o terreno, pelo menos nos locais em que têm de ser plantados convém fazer uma casa ou buraco profundo maior ou menor conforme a variedade fór de tuberculos grandes ou pequenos. Sobre ella faz-se ainda uma elevação ou monticulo de terra, de 0^m, 70 a 0^m, 80 de base e 0^m, 50 a 0^m, 60, em sua parte mais alta, e ali se plantará o pedaço de cará, sendo este melhor quando já tiver começado a grelar ou brotar.

Para a plantação é sabido que aproveitamos as extremidades ou tuberculos pequenos que em occasião propria grelam com muita facilidade e que serão cortados em tantos pedaços quantos forem os grelos ou rebentos. Nas variedades de caule muito volúvel e longo convém fincar estacas, que servirão de tuteo para a planta se onrolar.

O rendimento varia conforme a qualidade, podendo ser de 5 a 10 kilos por metro quadrado. Reconhece-se que a planta chegou ao seu completo desenvolvimento quando as folhas começam a cair depois do terem amarellecido. A colheita que é feita ao cabo

de um ou dois annos, conforme a variedade, é facil para os carás de tuberculos pequenos, porém, para os monstruosos é bastante difficil, porque a raiz tuberosa penetra a uma grande profundidade, e sendo necessario arrancar a com todo o cuidado, de modo a não ferir-a, o que causaria a deterioração em pouco tempo, para esse fim convém ir cavando ao redor e em occasião que a terra esteja algum tanto molhada.

Como vimos de ver ha uma grande variedade de Dioscoreas estrangolras e naclomes (Carás) apresentando caracteres mais ou menos fluctos, quer quanto á fórma, tamanho e gosto dos tuberculos, como em seu aspecto exterior, caule volume espinhoso, inerme, quadrado, redondo, etc. Entre nós as variedades mais communs cultivadas: são: o cará mimoso, o barbado, o liso, o sapateiro ou do ar, etc. mas todos elles em pequena escala nas lavouras e sómente quasi

para gasto de casa, sendo uma variedade encontrár-se em abundancia no mocado e os poucos que apparecem por preço elevado. No entanto deveria ser cultivada em grande escala pela facilidade da cultura, principalmente em clima como o nosso, por ser muito productiva, nutritiva e agradável ao paladar, de qualquer modo que seja preparado: em sopa, cozido, etc.

O cará com farinha de trigo produz um pão muito apreciado.

Tal é a sua importancia em outros paizes, que diz Raoul:

«O Inhame (Dioscorea) forma a base da alimentação dos habitantes de varias ilhas do Pacifico, sua importancia alimentar é tal que nas Novas Hóbridas o tempo é contado pela colheita de inhames (dioscoreas).

Na Nova Caledonia, em toda a parte se notam plantações do inhame.

Analyse de variedades de carás, feita pelo Dr. Theodoro Peckolt

Em 100 partes de raízes tuberosas encontrou:

Cará (Variedades)	Cará-tinga	Cará de Angola	Cará inhame da costa ou Guiné	Cará barbado	Cará liso (sem barba)	Cará manihoca	Cará sapateiro (raiz tuberosa)	Cará sapateiro (tubera aerea)	Cará pé de anta	Cará branco	Cará-tinga bravo	Cará mimoso
	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.	grs.
Humidade	55.380	67.120	67.231	68.430	74.750	71.420	69.081	71.400	74.030	68.691	75.630	84.280
Amido	26.059	23.870	29.595	18.460	18.210	17.710	16.832	11.560	15.030	10.410	8.060	7.430
Subst. saccharinas—Glycose	0.370	0.500	0.601	0.353	0.370	1.000	0.451	0.470	1.410	0.461	2.130	1.300
Substancia gordurosa	0.020	0.110	0.034	0.200	0.100	0.050	0.104	0.230	0.010	0.032	0.470	0.100
Idem albuminosa	2.970	1.030	1.876	1.010	1.900	2.870	0.800	0.536	1.980	2.106	1.760	0.820
Princ. azotado—Cará glutina	1.469	0.325	0.216	0.495	0.370	0.911	0.525	2.304	0.680	1.062	0.578	0.401
Dextrina, pectina, mucil., etc.	2.121	3.893	1.871	0.717	2.880	3.090	3.113	2.870	3.011	0.544	3.490	2.920
Materia extractiva	0.810	—	—	3.180	—	0.430	1.332	—	—	2.816	—	1.360
Sales inorganicas	2.950	—	4.861	2.717	1.420	—	1.793	0.700	3.713	2.727	0.713	—
Cellulose	—	3.154	—	—	—	2.529	4.951	2.945	—	—	—	—
Resina	—	—	—	—	—	—	0.304	—	—	0.144	1.190	—
Acido rosinoso	—	—	—	—	—	—	0.451	1.160	—	—	0.430	—
Chlorophylla	—	—	—	—	—	—	—	0.031	—	—	—	—

M. Perret cita 44 variedades de inhames caledonianos, cuja cultura é feita do seguinte modo:

Em julho ou agosto os indigenas põem fogo as hervas que cobrem o terreno destinado a plantação; depois sorribam-n'o, estercoam-n'o (este serviço ultimo é feito por mulheres e creanças). Amontoam a terra

finca, leve, em taboleiros de bastante altura e nos quaes executam a plantação, enterrando pedaços do inhame de 0^o,10 a 0^o,12 de profundidade em linhas ou em quinceiros separados uns dos outros um metro. Quando apparecem os caules arram a terra com pequenas estacas (*tutores*) ás quaes se ata o ramo da planta, antes que a haste tenha um



metro de altura sacia-se a terra com esmero e substituem-se as primeiras estacas por varas muito altas.

Repõem-se as sachas cuidadosamente, levantam-se as raízes que se abatem e sobretudo dirigem os caules do modo a se enrolarem bem nos tutores ou encaixas. No fim do setimo mez os tuberculos da *Dioscorea alata* estão bastante desenvolvidos para poderem ser aproveitados; deixando mais tempo, podem se obter tuberculos de um metro de comprimento, pesando 10 kilos.

E' mais ou menos o processo seguido entre nós.

CAPITULO III

INHAME OU TARO

Colocasia antiquorum Schott.

O nome Inhame no Sul do Brazil se refere sempre a uma planta da familia das Aráceas e não como fazem os estrangeiros que assim denominam as *Dioscoreas*, que são os nossos *carás*, plantas de caule sempre trepador, dando áquelle o nome de *Taro* ou *tafo*, assim tambem conhecida na Oceania, — Nichols e Raoul preferem empregar os nomes de *Tonios* e *Tayaves* para as especies americanas, entre nós as *tayobas* são plantas proximas aos inhames.

O INHAME BRANCO, tão vulgarizado em todo o Brazil, é oriundo da Asia Menor, provavelmente aqui introduzida pelos Portuguezes. Tem um rizoma tuberoso, donde partem peciolos de mais ou menos um metro, envaginantes na base, sustentando grandes limbos ovaes, arredondados, chanfrados na base e de côr verde escura; a inflorescencia é em spadiceo, protegida por uma spathe oblonga e tubulosa, o fructo é uma baga pequena.

A raíz tuberosa tem 0^m, 40 a 0^m, 60 de comprimento por 0,15 a 0,20 de diametro, coberta por uma pellicula preta entremecida de pequenas radículas.

A tubera é constituida por uma massa branca, da qual corre, quando cortada, um

secco aereo, irritante, que applicado sobre a pelle produz sensação de ardor.

Regula ter 5% de amido.

A sua cultura é facil; conquanto possa dar bom em qualquer lugar não muito secco, preferem terreno de alluvião, lugares humidos, grotas e margem de correços.

As tuberas são alimenticias; raladas e misturadas com fubá de milho fazem-se bróas e com farinha de trigo, pães de gosto bem agradável e durando muitos dias sem tornarem-se duros.

E' creença popular que o uso do inhame cozido como alimento ou terrado e reduzido a po, para ser feito o cao calê cura moléstias cutaneas e até a propria morphéa.

Tanto os peciolos com as folhas como as tuberas cozidas de mistura com milho são empregados com grande vantagem na engorda dos suínos.

INHAME BRANCO ROSADO — *Colocasia escholora* Kuhn. Differe do procedente por ter o peciolo arroxoado e as folhas riscadas e margoadas da mesma côr.

Dá tuberas maiores que o branco. Não é grande coisa como alimento para o homem; mas é bem regular para os suínos.

INHAME MANGARAZ — *Colocasia Fontanosa*, Schott. Tem os peciolos e folhas de cor roxa carregada; as tuberas pequenas e muito boas para uso culinário.

INHAME MIRIM — *Colocasia nymphodiifolia* — Engl. A tubera é pequena, cozida, bem como as folhas novas servem de alimento.

INHAME BRANCO — DA TERRA — *Colocasia acris* — Engl e Schott. Esta variedade muito selvagem cresce até em troncos seccos, mas só serve para engorda de suínos. A tubera é considerada util para cura da morphéa.

INHAME GIGANTE — *Mocasea macrorrhiza* — Schott, *Arum macrorrhizon*, Linn. E' natural do Ceylão, e de ha muito (1858) cultivada entre nós.

E' o maior dos inhames, tanto nas partes aereas, como as tuberas, estas attingem a 1^m, 50 de comprimento sobre 0^m, 30 de diametro. E' tambem uma variedade muito selva-

gm. O seu succo é muito aereo; em contacto com a pelle produz um intenso prurido seguido de erupção eczematosa.

A sua cultura em grande escala tem sido abandonada por não ser considerada boa nem mesmo para engorda dos suínos.

INHAME VERMELHO—*Alocacia indica*, Schott Koch—*Arum indicum* Roxl. É oriunda da Asia e muito cultivada entre nós. O rhizoma tuberoso attinge a 1 metro a 1^m,30 sobre 0,15 de diametro, podendo pesar 15 a 20 kilos. É mais utilizada para suínos depois de bem cozida; como alimento para o homem só pôde ser utilizado enquanto quento, tornando-se depois de frio de sabor desagradavel e mesmo um tanto aereo.

Como acabamos de ver, ha uma grande variedade de Inhames, convido escolher o melhor. Todo agricultor deve plantal-o em abundancia em suas lavouras, aproveitando os lugares humidos, encharcados, grotas, margens de rios e correços, onde prosperam facilmente, serviço que uma vez feito dispensa grandes cuidados, pois toma conta do lugar; sua producção é enorme encontrando as condições do terreno adequado, de terra fôfa, onde haja ha tanto humidade, sendo que mesmo desenvolve ainda que as suas raízes sejam banhadas por agua corrente. Geralmente precisam de um anno para seu completo desenvolvimento.

Para sua propagação empregam-se pedaços de rhizoma, sendo melhor o da parte superior, deixando ficar inseridas porção de peciolas ou mesmo folhas novas, ou então os pequenos tuberculos ou rebentos.

Pôde-se plantar em qualquer epoca do anno, fazendo no terreno a limpeza do matto para facilitar a plantação e posteriormente as mondas necessarias até a planta tomar conta do terreno.

O Inhame é um palol que se tem na fazenda para a engorda dos suínos, para cujo fim se aproveita não só as tuberas raspadas da pellicula, como os peciolos e folhas cozidas simples ou misturadas com milho, batatas doces, etc.

Como alimento para o homem é muito apreciado por alguns povos, principalmente portuguez, das Ilhas da Madeira, Açores, etc., onde cultivam em grande escala, e entre nos principalmente pelos mineiros.

Para esse fim convem escolher a epocha propria da colheita, quando as tuberas estão enxutas, como dizem e não *aguadas*, convido deixar secar ao sol por alguns dias, para então guardal-as em lugar secco e arejado.

De algumas variedades extrah-se amido, um pouco semelhante ao da araranta.

INHAME TAYOBA—*Colocasia esculenta*—Schott—*Arum esculenta*. É uma variedade do Inhame que muito se approxima das Tayobas verdadeiras. As suas raízes tuberosas são constituídas por muitos pequenos tuberculos.

As tuberas são mais saborosas do que as dos outros Inhames, mas não são nutritivas como a verdadeira tayoba, de que vou me occupar no capitulo seguinte.

CAPITULO IV

TAYOBA VERDADEIRA TAYÁ

Xanthosoma violaceum, Schott.

Muito cultivado nos paizes tropicaes. O rhizoma tuberoso que se assemelha ao Inhame e por isso conhecido por Inhame de Tayoba, partem as folhas ovaes, oblongas, com a face superior de cor verde escura e a inferior esbranquiçada, os peciolos são grossos, carnosos, de 0^m,10 a 0^m,40 de comprimento. O rhizoma tuberoso é de cor pardacenta, coberta de raízes fibrosas e composta de tuberculos de varios tamanhos, que servem para se comor e para replantas.

As folhas novas da tayoba são depois de cozidas ou em guizado, carniú muito apreciado como verdura sadia e por alguns até aconselhado aos anemicos e opliados.

As tuberas são usadas na arte culinaria de diferentes modos, em sopa, guizado, cozido, sendo muito apreciadas com melado.

Contém 8,5 % de amido no rhizoma tuberoso e 17,368 % nas tuberas. As folhas contem todo o substancia azotadas.

É facto de observação que a colheita das folhas novas, para ser utilizada como legume, prejudica enormemente o desenvolvimento das tuberas.

É uma das araceas que muito convem ser cultivada em maior escala, fornecendo ella um legume, de grande valor nutritivo tanto para o homem como para os gulinos e demais tendo a fama de possuir virtudes medicinaes.

Naturalmente depois da Tayoba, devemos passar no estudo do seu proximo parento, o Mangarito.

CAPITULO V

MANGARITO — *Xanthosoma sagittifolium*, Schott. Arum ou *Caladium sagittifolium*, da familia das Araceas.

É natural das Antilhas, introduzido no Brazil pelos Holandezes e hoje cultivado em quasi todos os Estados tropicaes. É vegetal, que attinge como as suas congeneres, inhames e tayobas, a um metro de altura na variedade grande, de folhas ovas, sagittadas, inflorescencia em spadice, por uma spatula tubulosa de 0^m,93 a 0^m,07 de comprimento e 0^m,03 a 0^m,04 de largura.

Ha varias especies do Mangarito; de todos o mais estimado é o *M. branco*, que muito se assemelha á tayoba branca em sua facies.

Tem rhizoma tuberoso, oblongo, achatado na parte superior, com epiderme parda e a parte carnosa branca. Ao redor do rhizoma principal, se agrupão pequenos tuberculos arredondados, de massa clara e leosa de suco leitoso.

As folhas do mangarito branco são comestiveis com as novas de tayoba. Suas tuberas bom como o rhizoma servem de alimento e bom nutritivo. Misturado com farinha de milho serve para a confecção de pães, a que chamam *brôas*. O seu amido pódo substituir o da araruta.

MANGARITO PRETO DEDO DE NEGRO — que

tem o rhizoma tuberoso, grande, coberto de pequenas tuberas de cor preta, com a parte carnosa amarella escura e leitosa.

MANGARITO ROXO — que só difere por ter a pelle castanha na parte extorna e arroxeada na interna; a parte carnosa branca e pouco leitosa.

Ha ainda um Mangarito branco comprido e de pequeno diametro e alongado.

Do Mangarito roxo o preto só se aproveitau para a moza as tuberas.

A analyse dos mangaritos feita pelo Dr. Th. Peckolt deu o seguinte resultado:

Em 100 grammas de tuberas frescas:
Amido — 11 gr. 314 % no Mang. branco e 11,8 % no roxo.

Mangará gluten (subst. proteica) — 2 gr. 190 branco e 2,319 % no roxo.

O Mangarito roxo, apesar de não ser tão deliado e saboroso como o branco é mais nutritivo.

O modo de propagação é feito por meio das pequenas tuberas, que existem em quantidade na variedade branca, e o processo de cultura semelhante a das tayobas requerendo a terra leve, aronosa, não precisando terreno humido como os inhames. Não são de grande rendimento; o seu cultivo é mais como variedade de cultura. É muito apreciado cozido para ser comido com melado de canna, tendo um sabor muito especial e exquisto.

CAPITULO VI

DO TOPINAMBÔR—Topinambo, Tupinambá, tambem chamado — Batata Carvalla, é o *Helianthus tuberosus* de Linnou, da familia das Syranthereas ou Compostas.

É planta sul-americana; seguido uns, natural do Chile; porém, considerada pela maioria dos escriptores como planta brasileira. É muito semelhante ao conhecido Gracol, *Helianthus annuus*, em ponto muito menor tanto em caule, como nas folhas e flores.

Foi introduzida na França em 1517, onde lhe deram o nome de *Poire de terre*. que

Apezar de suas vantagens economicas, muito decantadas no Velho Mundo, onde todos os tratados sobre agricultura tecem-lhe os maiores elogios, como planta culinaria, forrageira e industrial, de facil cultura e resistencia, elle não se tem vulgarisado entre nós, como era natural e a sua existencia como planta util é mesmo ignorada pela maioria dos lavradores.

Provavelmente, entre mesmo aquelles que delle tem conhecimento, satisfazem-se com as vantagens obtidas com a falsa cultura de suas duas rivaes universalmente conhecidas na zona tropical, como muito rendosas a batata doce e a mandioca.

Admirador destas duas plantas salvadoras da fome de muita gente entre nós, bem como da batata inglesa, aêho, contido, que será de enorme vantagem, não digo a acclimação, porquanto o topinambor é nosso patricio, mas sim a sua vulgarisação; a sua propaganda deve ser novamente tentada, como ja foi na Europa, principalmente depois que Tonissaint Gantler demonstrou que o tapinambôr dá, de 8 a 9 % de alcool a 100°; sendo ainda o bagaço aproveitade para o gado.

Considerando que prospera perfeitamente nos terrenos mais ordinarios, quasi estereis, secos, em que outra qualquer planta não vingaria em logares sombreados, que resiste á geada, que pôdo ser conservada na terra por longo tempo sem se alterar, que se reproduz facilmente no mesmo lugar, sem ser preciso replantar, só pelos pequenos tuberculos que escapam á colheita, á ponto de ser por alguns, considerado uma praga de difficil extincção; que serve de alimento ao homem e de excellente forragem para os animaes, engordando e augmentando sensivelmente o leite das vacas e principalmente das ovelhas, que todas as partes da planta são aproveitaveis; que é planta não sujeita, indenne a molestias, adaptando-se com facilidade a qualquer condição climaterica, julgo-a digno de ver occupar o seu lugar entre as plantas de raizes tuberosas utiles,

e que deve merecer a attenção do nosso agricultores.

Exige para a sua cultura racional os mesmos terrenos e cuidados agricolas do que as batatas em geral quanto á plantação. O melhor terreno será o leve, fôfo, arenento, com lavra profunda, procurando sempre evitar a humidade, que é seu peor inimigo.

Planta-se tambem do mesmo modo, a enxada ou por mole da charrua em linhas, utilizando-se os tuberculos litoiros, grandes ou mesmo pequenos, sendo preferido os de tamanho médio, regulado o peso de 50 a 60 grammas. O espaço entrelinhas deve ter de largura 0^m,70 a um metro e os tuberculos ser plantados de 0^m,60 a 0^m,80 de pé a pé.

Plantado em linha, distando um pé do outro 0^m,50 a 0^m,60 e sendo as linhas separadas de 0^m,80, um hectare leva mais ou menos 24,000 pés.

A quantidade de tuberculos necessaria para plantar um hectare regula de 12 a 20 hectolitros, segundo o tamanho dos tuberculos. Não convem ser plantados muito juntos, principalmente sendo o terreno fértil, porque os caules e folhas, desenvolvendo-se muito, vem prejudicar o rendimento dos tuberculos; a sua plantação em linhas bem distantes seria conveniente entre plantas sensiveis ao sol ardente e que são beneficiadas com alguma sombra.

A plantação pôdo tambem ser feita com os rebentos a grelos ou perfilhos que nascem dos pés; mas não é tão boa; só deve-se utilisar desse mole na falta de tuberculos, havendo pressa na multiplicação.

Poucos dias depois do plantados, convém dar uma gradagem, depois uma monda do melhor mole que se puder, quando as plantinhas tiverem 0^m,15 a 0^m,20 de altura. Dosnecessario é dizer por muito sabido, que si quizer e ter melhores e maiores colheitas devem-se empregar os estercoes e adubos chimicos, devendo naturalmente ser o augmento de produção proporecional á boa e racional adubação, sendo os mais economicos o esterco do curral, as cinzas, os ossos pulverisados,

bagacos diversos, etc., especialmente os que contém acido phosphorico e potassa, como o estrume composto de Ville.

A época de plantação é de julho a setembro, vindo a florescer em março ou abril, podendo-se começar a colher em maio ou junho.

A colheita dos tuberculos pôde ser iniciada logo que as folhas começarem a murchar, mas como elles se conservam bem debaixo da terra, basta ir fazendo á medida que for necessitando.

É essa uma grande vantagem, dispensando o armazem.

Conservado no solo durante o tempo frio o secco torna-se o tuberculo mais compacto, menos *aguado*, mais gostoso e nutritivo.

Os tuberculos, depois de arrancados, devem ser guardados em lugar bem secco, arejado, não convindo ficarem accumulados uns sobre os outros, porque são susceptíveis de se aquecer, fermentar e apodrecer com facilidade.

O mesmo acontece ficando expostos por alguns dias ao tempo, ao sol e á humidade. É, provavelmente á ignorancia deste facto que muitos têm perdido a planta.

O melhor modo de os conservar sem ser no solo, consiste em, depois de arrancados, mistural-os com muita terra bem secca, e formar montes de um metro de altura cobertos com sapé ou palha qualquer em então dispor-se uma camada de tuberculos de 0^m,20 a 0^m,25 de espessura e uma de areia de 0^m,05 a 0^m,07 até á altura de um metro, a não ser assim, o melhor é como já dissemos e repetimos, conservar-os sob a terra, sendo condição essencial que o terreno em que tiver sido plantado seja bem areento, leve, secco e permeavel do modo a não reter humidade alguma.

Não é conveniente cortarem-se os ramos e folhas muito verdes para forragem, pois que assim muito diminuirá o rendimento em tuberculos.

Querendo utilizar-se as hastas e folhas

para aquelle fim pôde-se cortar mais tarde e conservar-as seccas.

O rendimento varia naturalmente, consoante á natureza do terreno e perfeição da cultura.

É calculado em 7.000 kilos de ramagem secca por hectare, e de verde tanto quanto a de tuberculos.

Esto varia entre 8 a 30.000 kilos por hect. e mesmo muito mais, em condições especiaes de cultura.

É assim que o rendimento do topinambór tem attingido a 40 e 60.000 kilos por hect., empregando-se o adubo chimico de Ville, destinado especialmente para essa planta e que é assim dosada para cada hectare :

Superphosphato	400	kilog.
Sulfato de cal (gesso)	400	»
Nitrato de potassio	200	»

Em uma pequena plantação que fiz no Meyer, nesta Capital, sem estrumação e em terreno não muito leve, regulei dar um kilo por cada pó.

Os tuberculos de topinambór distillados dão 6 a 7 % de alcool absoluto, por 100 kilos de tuberculos e 5 litros 30 por 100 kilos de caules verdes (Pereira). Ora, dando um hectare de terreno ordinario, no minimo, 8.000 kilos de tuberculos e cada 100 kilos, seis litros de alcool, teremos 480 litros de alcool, podendo-se ainda aproveitar as folhas e bagaço para o gado.

Calcula-se agora o rendimento da cultura em boas condições, dando na media 30.000 kilos e no maximo 50 a 60.000 kilos por hectare, que rendimento colossal não será? Nada menos de 3.500 litros de alcool!

Comquanto o topinambór seja planta pouco exgotante, pela grande superficie foliacea, é natural, todavia, que no fim de alguns annos haja necessidade de estrumação, o que se deprehende facilmente pela quantidade de substancias extrahidas do solo pela planta; assim, uma colheita média de 30.000 kilos de tuberculos o igual quantidade de caule e folha tiram do solo :

Tuberculos em azoto, 129 kilos.

Tuberculos em materias inlucraes, 360 kilos.

Folhas e caules em azoto, 159 kilos.

Folhas e caules em materias inlucraes, 810 kilos.

A observação e analyses evidenciaram que a batata topinambôr é mais rica que a batata ingleza em principios gordurosos e saccharinos, e portanto mais do que as baterrabas.

A sua composição chimica é a seguinte:

	Tuberculos	Caules e folhas
Agua.....	48,00	80,0
Amido e assucar.....	13,25	9,8
Lenhoso celluloso.....	4,5	3,4
Materias graxas.....	0,20	0,8
> azotadas.....	2,70	3,3
Saes.....	1,20	
	<hr/>	<hr/>
	100,00	100,0

Os tuberculos servem para a alimentação do homem, os Inglezes os apreciam muito, têm um gosto algum tanto semelhante ao da alcachofra.

Como já disse, uma das mais notaveis vantagens consiste em sua riqueza nutritiva aproveitada pelos gado cavallar, vacum, ovelhum e sulno.

Convém, sómente, observar a maneira, pela qual são mais bem aceitos por cada um delles, si crus ou cozidos os tuberculos, si caules e folhas seccas ou ensiladas.

Os tuberculos devem ser lavados para limpeza da terra adherente, antes de serem dados aos animaes.

Não convem dar demasiada porção de cada vez aos animaes, porque podem causar perturbacões gastro-intestinos.

Entra tambem na confecção de uma especie de pão, que dizem ser excellente, muito sadio e nutritivo. Eis o que a esse respeito dizem: « Este pão não tem sómente a vantagem de se obter mais em conta, principalmente no interior onde só com difficuldade

se obtém a farinha de trigo, mas tambem se conserva por mais tempo fresco e contém quasi as mesmas propriedades de farinha de trigo pura.

O processo de paulificação é muito simples, quasi o mesmo que se emprega para a confecção do pão de trigo com batatas diversas, aylin, cará, etc.

Cozem-se os topinambores e machucam-se bem mudo, exprimem-se a parte aquosa, e mistura-se com um pouco de farinha de trigo e levadura (fermento). Deixa-se assim a massa coberta durante duas a tres horas, e depois de bem amassada formam-se pães, que vão ao forno a cozer.

Em diversos lugares da Allemanha misturam um pouco de camlho, que lhe dá um sabor especial, agradável para elles, que o torna mais digestivel, impellido a creação de bolôr, ainda que a temperatura torne-se humida.

Finalmente o topinambor, como planta industrial dá um bonito rendimento no fabrico de aguardente ou alcool 6 a 7 % como vinhos atraz.

O processo para fabrical-o é o seguinte:

Collidos os tuberculos, quando maduros, isto é, tendo a planta percorrido o cyclo vegetativo, e portanto, quando os tuberculos devem conter mais materias saccharinas, lavam-se, calam-se, como se faz com a mandioca, espremem-se e o liquido resultante é posto a fermentar com levadura, por espaço de 2 a 3 dias; terminada a fermentação, distilla-se.

Si o liquido distillado tiver um cheiro um tanto desagradavel, distilla-se de novo, juntando um pouco de chlorureto de calcio, que faz desaparecer o cheiro especial e o gosto ás vezes um pouco amargo.»

Fiz essa exposição do uso que fazem no estraugoiro de topinambor sómente para mostrar a quanto pôde-se proslar esta planta, mas nae que julgo que algum dia precisemos fazer alcool dello, pois que temos a canna de assucar, incomparavelmente muito superior para es o fim.

CAPITULO VII

ARARUTA — (*Maranta arundinacea*, Linn. E' uma planta da familia das Cannaceas, grupo das Heliconceas, ou segundo classificaçãõ de outros botânicos, da familia das Anomaceas ou Marantaceas, grupo das Seltamineas, suppõe-se ser originaria das Antilhas, America do Sul, e mesmo do Brazil, onde é chamada pelos indigenas *agoutiquepe*.

E' cultivada por causa da raiz ou rhizoma tuberoso, que fornece muito polvilho, a que nossos indigenas dão o nome de *arã* e os Inglozes *arrow-root*, raiz de flechas, pelo emprego que faziam, servindo para os fermentos feitos por setas envenenadas (herbadas) virtude esta por alguns outros attribuida á *Canna indica*.

A maior parte do amido de araruta, que é vendido como sendo araruta, da *Maranta arundinacea*, não é mais do que amido de outras plantas, marantas diversas, — *indica-humiles* — *luctea*, — *nobilis*, etc cultivadas nas Antilhas, nas Guyanas e outras partes da America. Tambem da Europa vem ao mercado muito amido, como do araruta, sendo, porém, de plantas de familias diversas, taes como encrema, arum, aistremeria, etc. do trigo, da batata e entre nós da mandioca, etc.

E' facil reconhecer a fraude pela analyse chimica e examo microscopico.

As ararutas estrangeiras de maior fama no commercio são as das Ilhas Bermudas de S. Vicente, do Natal e da Jamaica, considerada pelos inglozes como a unica e legitima *arrow-root*.

O proço do polvilho de araruta legitima é relativamente elevado em nosso mercado por não existir em quantidade sufficiente para o consumo, e no entanto a sua cultura é facillima, muito rendosa, não exigindo cuidado especial algum, a não ser as mondas necessarias durante os primeiros tempos, enquanto novas; uma vez desenvolvidas custa-se a extinguir; os pequenos rhizomas

que ficam no solo são sufficientes para continua reproducção.

Qualquer terreno serve, logo que seja leve, poroso, um tanto arenoso e não seja humido em demasia.

Planta-se em agosto ou setembro em distancia de 0^m,30 a 0^m,40 os pequenos rhizomas ou pedaços dos grandes, tendo dons ou tres olhos (gommos).

E' algum tanto moroso o seu desenvolvimento; leva ás vezes, mais de um anno, quatorze a dezoito mezes para completar o cyclo vegetativo, cujo termo se reconhece, quando depois de florescer e ás vezes fructificar comecam as folhas a anarrellecorem e murcharem; nesta occasião ou pouco depois as raizes estãõ em completa maturidade e portanto em estado de serem arrancadas.

Elas se conservam seis a oito mezes sem apodrecerem. As formigas não perseguem esta planta. A sua producção varia de accordo com a perfeição de cultura, de oito a 10.000 kilos por hectare, os quaes deverão dar, conforme a variedade de 1.200 a 2000 kilos de amido, que vendido por barato a.....

O processo da extracção do polvilho é o geralmente usado para as outras plantas de raizes tuberosas que fornecem amylo.

Arrancam-se os rhizomas chegados á maturidade; são elles lavados cuidadosamente e desembaraçados da pellicula ou escama que os envolve e depois são reduzidos a polpa ou massa, de um dos modos seguintes: em uma prensa entre cylindros; socados em pilão; ralados, raspados ou covados em covadelras proprias, machinismo como se usa para a raiz da mandioca.

A polpa assim obtida é lavada, passada em peneira grossa, depois por mais finas, tamizes, ou coada em pannos ou toalhas apropriadas, em vasilhas.

Deixa-se assentar o polvilho no vaso, gamella ou *coco* apropriado, decanta-se a agua, lava-se novamente, se preciso for, para ficar bem claro, decanta-se de novo e põe-se a secar ao sol bem quente, ficando deste modo

muito mais claro, mesmo alvo, do que secco & sombra.

Ha muitas variedades de araruta, sendo as mais conhecidas entre nós as seguintes :

ARARUTA COMMUM, que forma touceiras que attingem á altura de 1^m a 1^m,25; as folhas têm 0^m,10 a 0^m,15 de largura e 0^m,25 a 0^m,30 de comprimento.

Têm os tuberculos de forma conica ou fusiformes, com a superficie annellada, de 0^m,15 a 0^m,25 de comprimento e 0^m,03 a 0^m,01 de diametro em sua porção mais dilatada; são cobertas de membranas foliaceas, ou escamas imbricadas—umas por cima das outras, como telhas. A massa ou polpa é branca e dura; dá bom polvilho e bem claro. Em Minas dão-lhe o nome de araruta caethé, por se parecer algum tanto com esta planta, na folhagem.

ARARUTA ESPECIAL, que forma touceiras, tendo cada folha numa haste ou pedicelo com 0^m,50 de comprimento; as folhas têm 0^m,10 a 0^m,15 de comprimento e 0^m,05 a 0^m,06 de largura. Os tuberculos são arredondados, com diametro medio de 0^m,04 a 0^m,06; são annellados e a sua massa muito alva; é menos rija que a commum.

ARARUTA DE S. PAULO — é um arbusto de 0^m,60 de altura, tem um caule principal de 0^m,01 mais ou menos de grossura, que se divide em ramificações terminadas por pequenas folhas de 0^m,05 a 0^m,06 de comprimento e 0^m,01 a 0^m,02 de largura.

As raizes tuberosas desta variedade têm uma porção central de 0^m,25 a 0^m,30 de comprimento e 0^m,05 de diametro, exteriormente arroxeadas e annelladas e da qual partem outras raizes secundarias, menores, brancas e lisas com 0^m,10 de comprimento e 0^m,03 de diametro mais ou menos. Está bem claro que nem sempre as raizes têm essa disposição.

A massa é tambem branca e macia.

Parece-me que esta variedade—araruta de S. Paulo, é a que em Minas (Queluz e vislinhanças) denominam araruta bambú ou taquarinha, baseando-me na seguinte descri-

ção que desta me foi fornecida por pessoa habilitada e fidedigna :

« É um lindo arbusto de meio metro de altura, esgalhado, com hastes lignaes, semelhante ás do bambuzinho ou taquarinha do capoeira, e bem assim as suas folhas.

As raizes são em forma de cenoura de Erfurt, compridas e brancas como nabo. Quando a terra é boa, fofa, profundamente mobilizada, o pé de um nabo dá uma cenoura comprida de dois palmos e meio, sem exagero. Seudo, porém, de mais de anno dá uma peneira de cinco ou seis tuberculos menores.

As raizes aprofundam-se de dois a tres palmos pelo interior da terra; é necessario para arranca-las inteiras o uso de uma picareta ou instrumento apropriado. Em grandes culturas pôde-se empregar um arado de sub-solo; o polvilho é o melhor de todos; quasi não deixa residuo no fabrico do amido.

A **ARARUTA PALMEIRA** — foi propriamente assim chamada em alguns logares do Estado de Minas, pois parece antes uma bananeira do matto, apresenta-se em grandes touceiras, com dois metros mais ou menos de altura. Os rizomas todos veem á superficie do solo, enterrando-se aqui e acolá, mas apparecendo sempre ao redor do pé principal e em todos os sentidos.

Produce extraordinariamente; o polvilho bem lavado é algum tanto azulado; é mais fibrosa, deixa portanto mais residuo ou bagaço no fabrico.

Costuma dar um litro a litro e meio por pé ou socca.

Ha uma outra variedade em Minas a que dão o nome de araruta imbiry. É semelhante a araruta Palmeira, sómente tem o caule roxo, sendo o daquella verde, e o polvilho é um pouco amarellado.

Produce muito amido.

Não tenho dados sufficientes para poder affirmar pertencerem todas estas ultimas variedades citadas ao mesmo genero da araruta verdadeira—Maranta, antes me parecem as duas ultimas pertencerem ao genero

—*canna*; o que é certo, porém, é terem todas ellas raizes tuberosas ou rhizomas que produzem muito polvilho e podem ser cultivadas com bastante proveito.

As analyses da araruta dão uma média de 22,5 % de amylo (polvilho).

As analyses feitas em S. Paulo, no Instituto Agronomico de Campinas, das tres variedades, commum, especial e de S. Paulo, deram o seguinte resultado:

A commum . . .	25,68 %	de amylo
A especial . . .	20,30 %	» »
A de S. Paulo . . .	19,48 %	» »

Por estas analyses vê-se que a mais rica em amylo é a commum, que pôde dar 250 kilos por tonelada metrica (mill kilos) de raiz.

O Dr. Peckolt, em analyse feita de araruta cultivada em Cantagallo, achou: em 1.000 kilos de raiz fresca 219 grs. 80 de amylo, quasi igual á que Schier achou na araruta em S. Domingos.

É quasi igual á da batata ingleza.

Tem mais amylo e materia azotada do que a da mandioca.

Como já dissemos, a parte util desta planta é o rhizoma, do qual se extrahê grande quantidade de amylo ou polvilho, excellentê alimentê de facil digestão.

É de uso conhecido o emprego desse polvilho para mingãos, confecção de doces diversos, celebres biscoitos de araruta simples ou com leite de côco, tão caros em nossas confetarias e muito apreciados pela leveza e gosto delicado.

Tendo todas estas propriedades e sendo bastante nutritiva, é aconselhada para dieta dos doentes convalescentes e das crianças, cozida com leite, sob a fórma de mingãos ou de biscoitos.

Alguns comem a raiz assada em cinza quente ou brazeiro. Com o polvilho faz-se gomma para collar e engommar roupa.

Em therapeutica pôde servir para cataplasmas feculentas e emollientes.

«A raiz torrada é de emprego popular contra febres intermittentes, e os indigenas

usam do succo da raiz e mesmo do polvilho humido contra a picada dos insectos e nas feridas produzidas por setas hervadas.»

Iguoro si estas propriedades podem ser attribuidas á nossa araruta (*Maranta arundinacea*).

—

Nichols e Raoul tratam em um capitulo especial de uma planta brazileira, a *Canna edulis*, Ker, a que dão o nome de *Tous les mois*, e que parece ser um dos nossos Morús do Norte; cannas muito communs entre nós e usadas para ornamentos dos jardins e das quaes ha um grande numero de hybridas de cores variogadas.

Eis em resumo o que dizem os mencionados autores:

«Uma especie de arroio-root, chamada *Tous les mois*, foi importada em Inglaterra de Salut Kitts em 1836, e, reconhecendo-se que ella fornecia um excellentê productô alimentar, começaram a entrar nos mercados. É cultivada actualmente em grande escala na Australia. Os granulos do amylo do *Tous les mois* são muy grandes e vistos, como os da batata Ingleza, a descoberto, sem necessidade do microscopio.

O *Tous les mois* é obtido das ralzos carnosas dos tuberculos da *Canna edulis*, familia das Arumaceas, planta vivaz, parente das *Maranta* e que vegeta em estado selvagem no Brazil, na Trindade e no Perú, sendo ali conhecida pelo nome de *achiras* e é comida como a batata doce.

É o *batisier* dos francezos.

As flores são brilhantemente coloridas, na *canna edulis* de um vermelho vivo e em outras variedades de cores muito diversas.

Sendo ornamentaes, são cultivadas em estufas na Inglaterra. As sementes são redondas, duras e protas; parecem chumbo de caça muito grosso; os indigenas, dizem, empregavam como projectis.

O *Tous les mois* é muito solúvel em agua fervendo, por isso e pelo tamanho de seus granulos, os medicos o recommendam como

uma das melhores feculas alimentares para as crianças e doentes.

A sua cultura é igual á dos seus similares.

Pela descripção vê-se que se trata de planta muito commum e antiga entre nós, a de flor pequena, vermelha, e da qual ha hoje numerosas variedades com bellissimas cores e que servem para ornamentação dos jardins. Nunca tive noticia, porém, do emprego de seus rhizomas para extracção de amido.

Temos tambem uma planta muito commum, verdadeira praga, na margem dos correios e rios, lugares humidos e frescos, o *Hedychium coronarium*, conhecido vulgarmente pelos nomes de Lyrio e Borboleta.

O Sr. José do Vasconcellos tem feito grande propaganda, apresentando no mercado diversos productos feitos com o amido, aproveitando as diversas partes da planta para outros misteres, cordas, fardos, etc., para o que montou uma fabrica á margem da Estrada do Ferro União Valenciana, municipio de Valença, Estado do Rio.

Além disso ha uma variedade infinita de Caetés, imbirys, bananaeiras do matto, etc., que dão razes tuberosas ou rhizomas que fornecem amylo.

CAPITULO VIII

JACATUPÉ OU JUCUTUPÉ

Pachyrhizus angulatus, Rich. *Pachyrizus angulata*, Linn — É uma planta da familia das leguminosas, tribu das Phaseolas, natural do palz, e que se encontra em varios Estados.

É uma planta trepadeira semelhante ao feijão, cujas folhas são compostas de tres foliolos, sendo o central quadrado e os dous lateraes oppostos, triangulares, tendo o lado interno recto e os dous outros mais ou menos curvos; são lisas na parte superior e com nervuras bem salientes na folha inferior. Dá uma raz muito grossa da qual se extrah grande quantidade de fecula, 9,89 %, que serve de alimento; com o polvilho faz-se um excellent mingão, muito delizado. O polvil-

6056 — 34

ho é usado contra dysenteria, hemorrhoides e affecções urinaes.

A batata erua possui um sabor agradável, semelhante a coco.

Em Minas guardam a raz de Jacatupé na fumaça (em *faveiro*) durante muito tempo e usam-na assada como alimento.

As sementes são consideradas venenosas e empregadas contra os ratos, e bem assim as folhas, que são consideradas pelos indigenas e o povo em geral como eminentemente venenosas.

O Dr. Peckoll, porém, baseado em suas analyses, ophra contra essa idéa, assegurando que é ottimo alimento para os animaes.

Ha muitas variedades de *pachyrizus* estrangeiros, todos elles dando razes bulbosas, contendo mais ou menor quantidade de amido, nas Philippinas, na Nova Caledonia, onde é designado pelo nome de *Maniana*, que significa enjoativo.

Na Cochinchina e Tonkin ha tambem um *Pachyrizus* cultivado por causa de suas razes feculentas.

CAPITULO IX

AFIÚ' OU AFIU'

ARRACACHA ESCULENTA — Do Candolle. É uma planta da familia das Umbelliferas, natural dos planaltos da parte oriental da America Meridional, e cultivada nas Antilhas, tendo sido importada pelo enão barão de Nova Friburgo (Dr. Bernardo Clemente Pinto Sobrinho), que a fez cultivar em suas fazendas de Nova Friburgo e do Cantagallo, pelo que é conhecida naquelles logares pelos nomes de *batata do barão* ou por corruptela *batata barão*.

Ha mais ou menos trinta annos conheço essa batata em Friburgo com os es nomes e tambem o de *afiú*.

Outros, ignoran lo do mesmo modo o verdadeiro nome, baptizaram-na com o da planta com a qual achavam mais semelhança—*batata salsa*, *batata alpo*, *batata cenoura* (Minas), e em alguns logares *batata suissa*,

presumido ou provir esta última denominação de ter ella sido, em primeiro lugar, cultivada na Colónia Suíça do Nova Eriburgo, e ser pelos colonos suíços e seus descendentes ainda hoje muito cultivada e apreciada, não só para comer, mas tambem para fazer polvilho, que usam para diversos fins e até para gomma.

A raiz é tuberosa, partindo da maior, central, 8 a 10 tuberculos longos de 0^m,15 a 0^m,20 e de 0^m,04 a 0^m,06 de grossura, lisos, cobertos de uma pellicula delgada, esbranquiçada, que se destaca facilmente do tuberculo, cuja parte carnosa ou massa tem a côr amarellada ou esbranquiçada, conforme pertence á variedade amarella ou branca, duas unicas que conheço.

Prospera abundantemente em terra macia, fôfa, arenosa ou mesmo silico-argilosa; planta-se do mesmo modo que os demais tuberculos, mas aproveitando-se os pequenos tuberculos ou antes brotos ou perfilhos que nascem sobre o tuberculo central e dos quaes partem as folhas.

Esta planta prefere clima fresco, grande altitude; dá regularmente em clima temperado; recela o clima quente em demasia, convindo ali escolher os lugares mais frescos — *noruegas*.

Lava oito mezes mais ou menos a amadurecer.

Geralmente está em ponto de ser arrancada em junho e julho.

O Dr. Peckolt analysou esta planta, e em 1.000 grammas de tubercas frescas encontrou:

Humidade	753.290
Substancia amarella gordurosa	2.700
Substancia albuminosa	5.360
Amido	26.670
Assucar mannita	8.430
Extracto	40.680
Cinza	17.880

As folhas têm um cheiro especial.

O mesmo doutor, analysando-as, encontrou um oleo essencial de côr amarello-claro e

cheiro semelhante ao de limão e folhas de alpo.

A tubera é muito nutritiva; serve tambem para os animaes, principalmente para engorda de suínos.

Na arte culinaria é preparada do mesmo modo que as batatas, em sopa (que é excellento), ensopada, feita em rodellas, etc.

Tem um gosto algum tanto exquisito, que desaparece havendo pratica da parte do preparador, podendo variar segundo o gosto.

Julgo de grande conveniencia tornar-se conhecido mais este tuberculo alimenticio, tanto que é elle de grande rendimento e facil cultura; sómente é necessario plantar-se em lugar fresco em clima quente, pois ella resente-se algum tanto do sol ardente no verão. O Dr. Peckolt, que em sua Monographia não menciona o nome scientifico desta planta, apenas presume ser *Apium* ? — acaba de me referir que posteriormente recebeu da Alemanha, para onde havia enviado a planta *afã*, para ser classificada, a communicação de que ella era a *arracacha esculenta*, de De Candolle. Na realidade assim parece, pois tendo oportunidade de encontrar, lendo em o autor portuguez P. de Moraes um capitulo sob o titulo *Alpo do Perú* ou batata de *arracacha*, achei a descripção tão semelhante ao que sabia, bem como outra inteiramente igual em Sagot, sob o titulo *arracacha esculenta* — De C., assignado por M. E. Racul, que julguel util a sua transcripção, que vem completar o assumpto.

« Alpo do Perú ou batata de arracachá — Arracacha esculenta De C. E' seguramente esta umbellifera aquella de que algum provolto culinario se pódo tirar nos paizes quontos.

Chamam-lhe os inglezes Cenoura do Perú (*Peruvian carrot*); é o *Apio* dos hespanhoes.

E' uma boa hortallça dos altos platôs do Venezuela, da Nova Granada e do Equador, a uma altitude de 1.500 a 2.000 metros e cuja semente os viveiristas francezes vendem com o nome de *pomme de terre cileri*.

Com effeito a planta parece com o aipo, a ponta dos hespanhoes lhe darem esse nome.

A raiz é um tuberculo comprido, grosso, curvado, dando 8 a 10 tuberculos secundarios, unicos que são aproveitados para alimento, porque o tuberculo principal é duro e de qualidade inferior.

Nesse tuberculo nascem olhos, que num dado momento se separam d'elle com facilidade e que enterrados dão origem a novas plantas. Estes desenvolvem-se em toda a casta de terreno, preferindo todavia uma terra fertil, bem moída e movel, é nella que o aipo do Perú adquire todo o seu crescimento. No fim de 8 a 10 mezes pôde-se colher. Esta raiz é boa e pouco doce; tem gosto aromatico particular, a que todavia é necessario estar acostumado. Mas, chegado o paladar a habituar-se a ella, é depois tida por excellente. Os animaes gostam muito dos tuberculos e da rama desta planta.

Conhecem-se tres variedades de arracachá:

1.^a *Amarella*. É a mais productiva, a mais rustica e tambem a mais so. rolia.

2.^a *Branca*. A mais procurada, como mais temporã e de melhor qualidade.

3.^a *Rosa*. Semelhante á precedente.

O arracachá mais reputado é o Ilipacon, ao norte do Santa Fé de Bogotá.

Para reproduzir a planta, não serve o tuberculo principal, nem tão pouco a semente, que demandaria tres vezes mais tempo para dar resultado, mas sim os olhos que nascem dos tuberculos.

Para obter talos tenros, cobrem-se ou amontoam-se os rebentões novos quando sahem á flor da terra, que por essa fórma se assemelham ao aipo, tornando-se assim um bom legume.

Para os preparar para alimento, cozem-se em agua e sal; tambem se preparam com assucar.

Equalmente se extrahе d'elle amido.

Entm, mediante fermentação, prepa-

ra-se com elle uma bebida embebeda pelo nome da cerveja de «arracachá».

Conheço somente as variedades amarella e branca; a roxa nunca vi.

CAPITULO X

CHUCHU' OU XEXU'

Coccoloba flexuosa Lam. — Familia das Cucurbitaceas.

É planta trepadeira, segundo alguns originaria da India, cultivado em quasi todos os Estados do Brasil e muito commum em todas as hortas do Estado do Rio de Janeiro e mesmo em muitas chacaras da Capital Federal.

Seu caule sarmentoso é tortuoso e longo; as folhas um tanto cordiformes, lobadas, são asperas, e têm gavinhas; flores brancas em cacho; o fructo ovoide, oblongo, de 0^m,10 a 0^m,12 de comprimento com a maior extremidade para baixo; é ahí dividido em duas partes, tendo no centro uma saliência; tem a superficie mais ou menos rugosa dividida em gomos.

O fructo é coberto de pellos, ou aculeos, ou liso; é constituido por uma massa muito aquosa, tendo no interior sementes brancas, lisas e ellipticas.

Ha tres variedades bem divergas pela folhagem e principalmente pelos fructos: o branco, o verde peludo e o verde liso.

Os de fructos verdes, peludos, são mais saborosos do que os brancos e lisos.

A sua cultura é muito facil. Planta-se em qualquer época, principalmente de agosto a dezembro, o fructo intelro desde que esteja começando a grelar, deixando ficar fóra da terra a parte grelada em terreno bom.

Produz bem em qualquer lugar e abundantemente em terreno humido e gordo; tendo um apoio, arvore, cerca ou latada em que possa trepar, desenvolve-se muito e fructifica abundantemente durante longo tempo.

O fructo enquanto pequeno serve para conservas.

Depois de desenvolvido é um bom legume; come-se cozido de qualquer modo, guizado, com molho de mantelga, ou molho branco, em salada, etc. Quando a planta é um tanto velha, a raiz engrossa extraordinariamente, constituindo uma especie de batata, que é tambem alimenticia e ainda mais suberosa, segundo alguns, do que o proprio fructo, e prepara-se do mesmo modo.

Tanto o fructo como a raiz dão amylo, sendo que o polvilho da raiz, abundante nos pés velhos, é o mais delicado que conheço; com elle se faz um mingão saborosissimo. O modo de preparar o polvilho é o mesmo que para os outros tuberculos; ralar ou reduzir à polpa, desmanchar em agua, coar, lavar bem, decantar a agua, depois de deixar assentar bem o polvilho e pôr a secar.

O xuxú é um grande alimento, quer orô, quer cozido para a engorria dos suínos, que muito os apreciam, e portanto de grande vantagem a plantação, tanto mais que a cultura e colheita não demandam trabalho, podendo occupar terrenos que não sirvam para outra planta.

CAPITULO XI

DA BATATA INGLEZA

A batata (*Solanum tuberosum* Linnæus), planta da familia das Solanaceas, propriamente chamada ingleza, porquanto não ha a menor duvida ser ella originaria da America do Sul, já existindo cultivada na costa occidental na época de sua descoberta, foi observada em primeiro logar no Perú e no Chile; é do suppor existir em estado primitivo em alguns Estados do Brazil; ainda hoje se veem especimeus silvestres.

A sua descoberta foi tão importante que levou um escriptor a dizer que «como thesouro foi tres mil vezes mais precioso

do que todas as minas do Mexico e do Perú».

Exceptuando-se os cereaes, planta alguma veio prestar tão relevantes serviços à humanidade como a batata. As datas de sua divulgação nos diferentes paizes da Europa variam muito, e não são bem sabidas; no entanto, segundo oscrevem os auctores, foram:

Na Italia em 1510; na Hespanha em 1550; nos Paizes Baixos em 1589, por Gerard; na Belgica em 1590; na Irlanda em 1615, pelo almirante Walter Raleigh; em França em 1616; na Alemanha em 1701; na Escocia em 1726; na Suecia em 1728; na Suissa em 1730.

Não foi sem grande difficuldade a sua vulgarisação, pois pertencendo ella a uma familia botanica, onde existe grande numero de plantas venenosas, eram attribuidas a seus tuberculos propriedades nocivas à saúde, e d'ahi tenaz opposição geral à sua introdução; mas, afinal, tendo ella servido para livrar da fome e miséria a população da Alemanha em 1772, e por varias vezes em França, quando houve escassez de cereaes, como em 1793 e 1816, foi accelta como excellente planta alimentar.

Em França deve-se a vulgarisação da batata ao sabio agronomo barão Parmentier, (*) que como pharmaceutico militar em serviço no exército de Hanover, tendo sido feito prisioneiro, achou-se durante o seu captiveiro reduzido a se alimentar de batatas, ficando assim conhecedor de suas vantagens como legume.

Levou muitos annos para ser introduzida nas hortas reais e mesmo era cultivada por alguns apenas para os seus animaes.

(*) Parmentier, (Augustin) nascido em 1737 em Montdidier, foi pharmaceutico militar, depois chefe do Hospital dos Invalidos, Membro do Instituto de França. A sua morte, a 17 de dezembro de 1813, foi muito sentida e em homenagem aos relevantes serviços prestados à Patria foi-lhe erigida uma estatua em sua cidade natal.

Parmentier, tendo feito da batata assumpto de seus estudos clinicos, descobriu que nos tuberculos existiam substancias das mais ricas e nutritivas, semelhantes ás dos cereaes, que podiam servir para a nutrição dos homems, sem causar danno algum á saude, como propalavam, sendo uma planta util e que se acclimava perfeitamente bem no paiz, dando resultados economicos espantosos.

Para oxeltar a curiosidade e cobiça, poz guardas durante o dia vigiando a planta preciosa cultivada em seu pomar perto do Pariz; á noite retirava as guardas, dando assim occasião a que os transcentes se atrovesssem a ir furtar tão vigiada planta, que devorla provavelmente ser de grande preciozidade.

Tanto fez elle que chegou afinal a vencer o prejuizo; conseguindo convencer das enormes vantagens da batata ao rei Luiz XVI, que apresentou se numa bella manilha entre os seus cortozaos, com um ramo de flores de batata ao pecto, colhidas no jardim cultivado pelo proprio Parmentier.

Este acto foi sufficiente para que todos os elegantes da época procurassem imitar os costumes roaes, e começassom a propagar a cultura da planta americana, fazendo além disso uso dos tuberculos em suas mesas.

Sendo uma planta que se submette facilmente ás condições da pequena e grande cultura, que supporta os mais variados climas, que nao exige condição especial do solo, do adubo, rotação, etc., produzindo mais ou menos em toda a parte, conforme as circumstancias, mas sempre provando a sua rusticidade, muito maior seria ainda a sua cultura e consumo no mundo inteiro si não fóra o apparecimento de diversas molestias, que vieram de algum modo diminuir, atenuar, o enthusiasmo em sua grande plantação.

Entre nós data o seu cultivo desde o melado deste seculo que finda. Os colonos suissos que vieram para Nova Friburgo cultivaram, durante muitos annos, batatas em

grande escala, com o que suppreram a outra villa do Morro Quomado, chegando mesmo a exportar algumas.

Com o apparecimento da praga nas batatas, mais ou menos em 1860, aquelles colonos abandonaram o cultivo em seus lotes (*moneros*) e venderam estes ou mesmo desprezaram, emigrando quasi todos para as afamadas terras do municipio de Cantagallo, onde se entregaram á cultura do café, no que foram muito felizes, pois quasi todos accumularam fortuna.

Ha alguns annos a esta parte recommecou a cultura da batata em Nova Friburgo, Theresopolis e outros logares do Estado do Rio, Minas, etc., e teria augmentado muito si fosse adoptada a cultura lufensiva, mais racional, e em logares nao muito longe dos centros consumidores, e mercados mais serios do que os da Capital Federal, em relação a certos generos alimenticios.

O consumo da batata dita rugleza ou *batatinha* é relativamente pequeno no Brazil, podendo ser isso attribuido a varios motivos. Assim é que a batata consumida no paiz vem-nos quasi toda do estrangeiro; chega a nosso mercado muitas vezes estragada si não grelada, quando, logo a principio achase em bom estado e de boa qualidade para a mesa, custa muito dinheiro e portanto só utilisada pelos abastados, mais ou menos favorecidos pela fortuna. Em geral, as que são fornecidas nos hotéis, restaurantes, casas de pasto sao da peor especie, das mais ordinarias, baratas, daquellas que na Europa são empregadas como forrageiras e industriaes, e que portanto não podem ser agradaveis ao paladar. As batatas nacionaes do Minas, S. Paulo, as de Petropolis, Theresopolis, Nova Friburgo, etc. no Estado do Rio, são vendidas na Capital Federal de 300 a 600 réis o kilo e ás vezes mais. Em Friburgo desde muito cultivam em geral especialmente duas variedades excellentes, muito bom reputadas no mercado: Uma lisa, sem olhos profundos, em fórma de rim, sobre o comprido, de pello branca, muito farinhosa;

e outra de pella roxa, mais ou menos arredondada e com *olhos* mais visíveis; a esta denominam *batata ouro* e áquella batata prata; ignoro sua origem primitiva.

São na realidade excellentes batatas para a mesa, a credito mesmo que si essas boas variedades podessem ser vendidas nessa capital, á razão de 300 réis o kilo no maximo e mesmo a 200 réis, o que ainda deverá dar resultado compensador ao cultivador que empregar uma cultura racional e aperfeiçoada, em sitios de transportes baratos e commodos, o seu uso em nossas mesas augmentaria grandemente, tornar-se-hia muito mais generalisado. — Parece incrível, mas é certo que ha muita gente boa outro nós que desconhece o valor delicado que tem uma boa batata, propria para a mesa.

Além disso existe um outro motivo e assaz valioso para a difficil vulgarisação da batata ingleza, é a facilidade e habito de cultura da suas duas rivaes, a batata doce e o *aypin* ou mandioca mansa, que supprem com vantagem no interior a falta da batata ingleza, sendo que, aquellas incontestavelmente dão productos tão bons com tanta facilidade e abundancia como já demonstrámos para a batata doce e o faremos adiante para a mandioca, que não será facil serem substituidas pela *batatinha*, como por desdem denominam a *ingleza*.

A cultura da batata na Europa tornou-se geral em quasi todos os paizes.

Em França ella occupa uma superficie de 1.500.000 hectares de terreno, produzindo annualmente 100 milhões de quintaes; ella occupa o terceiro lugar entre as principaes culturas do paiz, vindo logo depois do trigo e da vinha.

Aimé Girard, que se dedicou especialmente a durante longos annos ao estudo desta cultura, chegou á conclusão de que a batata, mais do que os coreaes e a beterraba, agradece os beneficios da cultura, e foi seguindo os seus sabios conselhos que muitos dos seus collaboradores conseguiram obter em anno, em que a secca excepcional causou damnos

serios, uma colheita por hectare, em terra fertil de 30.000 kilos a 35.000 kilos e em terra pobre de 22 a 25.000 kilos de batatas ricas, que vendidas a 3 fr., 50 o quintal (100 kilos) deu uma receita bruta de 1.200 fr. com uma renda liquida de 400 fr. a 500 fr. aos primeiros e 800 fr. brutos com um lucro de 250 a 300 francos aos do terreno pobre.

«*Bellas colheitas assim, diz elle, todo o lavrador pôde obter seguindo os preceitos racionais de cultura intensiva indicados pela sciencia agricola.*»

Natureza do solo — Quasi todo o terreno serve para a plantação de batata; vê-se dar rendimentos notaveis em terrenos de natureza muito diversa.

Os terrenos silicosos e argilo-silicosos são os que dão maiores rendimentos; porém, mesmo nos argilosos, seguindo processos racionais obtém-se grande rendas.

Depende isto, entretanto, das condições meteorologicas de occasiao; si o anno correr chuvoso os terrenos argilosos tornam-se máos, e ao contrario, si fôr excessivamente secco, os terrenos leves, aronosos, são os que perdem as suas boas qualidades. Qualquer que seja a natureza do terreno, é condição essencial, que elle possua, ou seja susceptivel de adquirir uma surriba em grande profundidade, um revolvimento e mais completo possível; quanto mais compacto o solo, menos conveniente á cultura da batata, como aconteceu para os tuberculos em geral.

A fertilidade do solo exerce realmente uma influencia consideravel sobre as colheitas, mas não se segue dahi que a sua pobreza seja causa de abandono; em terrenos pobres, mas bem lavrados, pôde-se obter colheitas abundantes de 22 a 25.000 kilos por hectare.

O ponto essencial a considerar, como já disse, na escolha do terreno é a natureza do sub-solo; sendo este permeavel, e como correndo secco, os resultados serão excellentes; si o anno fôr chuvoso ao contrario e o sub-solo permeavel, a colheita será igualmente

boa o vice-versa. — E, pois, quasi todos os solos aráveis á boa profundidade, que possam ser bem arados sendo o trabalho de cultura feito racionalmente, são susceptíveis de fornecer boas colheitas de tuberculos.

Preparação do solo — Como ao arrancar-se as batatas, ella são vistas mais ou menos na superficie da terra, muitos lavradores julgam sufficiente uma lavra superficial, não haver necessidade de lófar bem a terra, bastando só mais tarde amontoal-a ao pé da tonceira.

E' isso um erro muito prejudicial, uma falta capital.

A' batata, bem como a baterraba e os demais tuberculos em geral, a lavra profunda é imprescindivel, ella é essencial em uma cultura intensiva.

Nada mais facil de comprehender-se a razão ; pois só assim as raizes que muitas vezes se estendem a mais de metro, poderão com facilidade, encontrando a terra frouxa, ir lá buscar a agua e as substancias fertilisantes necessarias á sua vegetação.

Aquelles que, em vez de uma lavra de 0^m,12 a 0^m,15 de profundidade, a fizerem de 0^m,10, não terão de se arrependor ; verão com certeza o resultado favoravel na colheita.

Tendo sido demonstrado por pessoas competentes que em igualdade de circumstancias, de condições de estrumação, etc., quando o rendimento no primeiro caso (lavra superficial) regula de 20 a 25.000 kilos, no segundo (lavra profunda) attinge a 30 ou 35 mil kilos por hectare ; portanto, uma differença para mais de 10.000 kilos, só-mento por haver-se aprofundado a lavra, o que se consegue facilmente usando a charrua brabant ou outra que váo a 0^m,25, roguida da pequena charrua de sub-solo, sem aiveca que, fôfa, revolve bem a terra a mais 0^m,15 no mesmo lugar sem trazer a terra para a superficie.

A lavra profunda deve ser feita no inverno para dar-se a segunda na primavera com estrumação passando-se depois a grade.

Adubação — E' esta uma questão importante e delicada ; em primeiro lugar precisamos saber si ella é necessaria. Em nossos terrenos de primeira qualidade julgamos desnecessario o estrumo, conquanto, si o fizessemos em regra, deveria dar maior colheita, mas que não compensaria de modo notavel o trabalho.

Na Europa, até bem pouco tempo, julgava-se desnecessaria a estrumação ; dizia-se que a batata sendo pouco exigente dispensava o adubo, achando ella no solo e na atmosphera os elementos necessarios para a sua alimentação.

Experiencias feitas por notavos agronomos vieram provar que a batata é bastante exigente, o que sem estrumo ella pódo dar colheitas pequenas, não ha duvida, mas que dando-se ao terreno estrumo em abundancia fornecerá ella altos rendimentos, e que os tuberculos adquirem graudo riqueza em fécula.

Do mesmo modo que para quasi todas as plantas, os elementos fertilisantes são: o azoto, o acido phosphorico, a potassa, a cal, etc. Não convém, nem se pódo aconselhar uma formula fixa do adubo ; dependo muito em antes especialmente do terreno, sua constituição geologica, composição chimica que o lavrador deverá fazer conhecer pela analyse em laboratorios especiais, para não empregar componentes no adubo, de que não carece, evitando assim despezas superfluas. O emprego do estrumo de curral ou estrebaria por si só já augmenta consideravelmente a colheita ; em certos paizes da Europa só com o seu emprego tem-se elevado o rendimento de um hectare a 40 e mesmo a 50.000 kilos. E' o que preferimos aconselhar especialmente aos lavradores que o podem obter em suas lavouras, com diminuta despoza.

O lavrador que quizer fazer uso de um adubo mais completo deverá mandar proceder á analyse de seus terrenos, e depois pedir indicações praticas sobre a natureza, proporção dos adubos chimicos necessarios

às terras analysadas; compral-os em casa de toda confiança e mandar preparar o adubo composto em sua fazenda á medida das necessidades.

Evitará o mais depressa possível os adubos preparados que nos vem do estrangeiro e que não tenham sido analysados por pessoa competente, do contrario salirá logrado, como tem acontecido a muitos.

Na Europa, em alturas proximas ás grandes cidades, os cultivadores preferem ao estrume de curral ou estrobaria, os monturos, lixos e dejectivos da cidade, dizendo que são os que melhor resultado dão.

O que convém mais fazer, por ficar mais barato e com esplendido resultado é adicionar ao estrume de curral os adubos chimicos complementares que elevaram os rendimentos até 30 ou 40,000 kilos, empregando-se a seguinte proporção em terreno de composição média e no minimo por um hectare:

	kilos
Estrume de gado	15.000
Superphosphato de cal.	200
Sulphato de potassio.	150
Nitrato de potassio.	150

Girard emprega entre os seguintes limites:

	kilos
Estrume de curral	25 a 35.000
Superphosphato de cal.	300 a 600
Sulfato de potassa.	250 a 300
Nitrato de soda	200 a 300

Os estrumes devem ser espalhados em todo o terreno e não postos em cada cova, pois, as raízes, á proporção que forem crescendo deverão ir encontrando por todo o seu trajecto os principios fertilisantes e absorvel-os.

Escolha da planta — Si o modo de preparar o terreno com lavra profunda e com empregos do adubo, tem grande influencia para as boas colheitas, tambem não a tem menor a escolha da batata a plantar. A batata pódo-se reproduzir por semente e

às vezes mesmo melhorando a qualidade, mas este meio só é praticado por agromomos pacifentos e cuidadosos. O modo commum é empregar-se os tuberculos e na escolha delles devemos ter o maximo cuidado.

É um habito nosso, quasi geral entre os cultivadores, não se prestar a devida attenção na selecção das sementes, apesar de saber-se que os bons productos quasi sempre dependem da boa qualidade de seus progenitores. Na especie animal é isso por do mais conhecido.

Em geral gasta-se o melhor e quando se precisa é do resto que se vai aproveitar para planta.

É um costume que convém desapareça, pois a qualidade hereditaria está mais que provada.

Em cada tuberculo existem qualidades que devem se reproduzir; sendo ella da grande renda, fornecerá certamente uma colheita abundante e rica e reciprocamente, donde se tira a conclusão de que devo ser nos pés ou touças de grande rendimento que se deve escolher os tuberculos para planta.

As observações têm demonstrado que existe uma relação quasi constante entre a exuberancia da vegetação e a produção do tuberculos de boa qualidade, isto é, si as hastes são altas, vigorosas, cobertas de folhas verde-escuras, os tuberculos nos pés serão numerosos e posados e si, ao contrario, as hastes são rachiticas, a folhagem de um verde amarellado, os tuberculos serão em pequeno numero e de pouco peso. Nada mais facil, pois, ao cultivador, de que marcar as touças de vegetação vigorosa para na occasião da colheita apanhar os tuberculos separadamente e reservar-os para a futura plantação.

Mesmo entre estes convirá fazer ainda nova selecção; os tuberculos muito pequenos não dão rendimento sufficiente; conviria pôr dois a tres em cada cova; entre os tuberculos do tamanho médio e os grandes o resultado de produção é quasi o mesmo, pelo que não ha necessidade de espordejar o grande, quan-

do o médio produz o mesmo resultado. Os tuberculos grandes poderiam ser cortados em pedaços contendo dois a tres olhos, como alguns fazem, e outros chegam até a plantar com um simples olho, pensando tirar resultado com essa economia mal entendida; quando muito esta ultima pratica poderia ser permittida em se tratando de multiplicação de uma variedade, da qual se tenha pouca porção de tuberculos e assim mesmo por pessoa caprichosa e habilitada. Mas, a pratica confirma a theoria relativamente ás vantagens da plantação de tuberculos perfeitamente sãos, sem lesão alguma. Os côrtes nos tuberculos são feridas expostas, são portas de entrada de esporos de cogumelos, produzindo a podridão e de outros germens de moléstia; principalmente si colheidir com um anno chuvoso, portanto propicio ao apparecimento de taes moléstias cryptogamicas.

Ha variedades delicadas que especialmente muito se resentem dos côrtes. Portanto, é de boa pratica e recommendavel, sempre que for possível, *empregar para planta, tuberculos inteiros, de tamanho médio e de touceiras escolhidas.*

Tambem devemos fazer boa escolha da variedade a plantar conforme o fim a que for destinada: meza, forragem ou industria.

A produção varia conforme a qualidade plantada, a cultura mais ou menos bem feita e tambem as condições meteorologicas da occasião. Regula uma média de 20 a 25.000 kilos por hectare, que deverão produzir, vendido barato por 100 réis o kilo, o rendimento bruto de 2:000\$ a 2:500\$ e isto no curto espaço de tres a quatro mezes em uma superficie de um hectare — um quadrado de 100 metros de cada lado! podendo ser vendido pelo dobro em principio da safra ou quando ha falta no mercado, rendendo então de quatro a cinco contos de réis; sendo que actualmente, mesmo em Friburgo, é ella vendida em primeira mão a 300 réis o bicho e a 400 e 600 réis na Capital Federal.

Variedades. — Existem actualmente mais de 300 variedades de batatas, que se podem

classificar em dois grandes grupos: Batatas de grande cultura, forrageira e industrial e batata hortícola, culinaria, propria para meza da qual cada dia apparecem novas variedades com differentes caracteres, quanto ao tamanho, gosto, doçidade da massa etc.

Para a grande cultura escolhem-se as variedades que produzem muito, que dem grande rendimento em fecula, ainda que o gosto não seja agradável, que sejam de mais facil cultura, e de maior resistencia ás moléstias.

Os catalogos estrangeiros trazem os nomes das mais afunadas, algumas das quaes tem sido ensaiadas entre nós, taes como a *Early rose*, a *Magnum bonum*, a *Gigante*, a *Bretagne*, a *Richter's Emperor*, etc; todas precoces, muito productivas e de boa conservação.

Entre as variedades proprias para meza, que devem ser de facil conservação, de gosto delicado, ainda que, de produção menor, média, são citadas como as mais recommendaveis: a *Vitelotte*, a *Marjolin*, a *Royale*, a *Quarantaine* de *La Halle*, a *Violette*, a *Prince de Galles*, a *Victor*, (a mais precoce de todas as variedades conhecidas, productiva e de excellent qualidade etc.)

A batata de *Sutton* e a *Magnum bonum* são conhecidas ha mais de vinte annos; foi aconselhada por San Bartholomé, como a mais productiva que se conhece (35.000 k por Hct.) resiste ás pragas, é de superior qualidade, extremamente delicada e muito fer-nacea. Já é conhecida e cultivada entre nós.

Em geral, aquil plantam-se batatas escolhidas entre as portuguezas, francezas e de Nova Zelandia que apparecem em nosso mercado.

Em Nova Friburgo ha muitos annos cultivam duas variedades muito boas a que denominam batata lisa ou rim e a batata ouro.

Plantação — Depois do terreno preparado convenientemente deve-se tratar da plantação, para o que tem-se de attender a regras, mais ou menos precisas, attinentes á epoca, regularidade e distancia.

A época naturalmente varia com o clima; entre nós, nos Estados do Sul, pôde-se plantar quasi todo o anno; mas, em geral, são preferidas tres epochas: A primeira, no inverno, no mez de Junho nos terrenos siliciosos e seccos e no mez de agosto nas terras mais frescas; a segunda, na primavera, isto é, fim de setembro e principio de outubro; a terceira no outonno, isto é, em março.—A plantação feita em Janeiro em Friburgo é tambem por muitos adoptada com bom resultado e do mesmo modo que as das outras, no fim de tres mezes, está prompta a ser arraucada.

A mór parte dos cultivadores de batatas aqui entre nós ainda plantam sem regra, nas pequenas lavouras com a enxada em capoeira roçada, na qual puzeram fogo—no maximo plantam duas vezes seguidas no mesmo lugar; deixam descansar um ou dois annos.

A cultura feita por meio da charrua hea mais economica, rapida, mais regular e de maior rendimento.

Em uma cultura racional praticada methodicamente deve haver toda regularidade em sua plantação, conservando-se igual distancia entre as covas. Esta distancia não deve ser, nem muito grande do modo a ficar espaço aberto depois do completo desenvolvimento da planta, nem tao approximado que logo as ramas de uns cubram os outros. O espaço deve, pois, ser calculado de modo que, sobre a superficie dada, haja um numero de covas tal, que cada planta possa desenvolver sua vegetação aerea em toda a liberdade, á vontade, mas que chogada á seu termo do desenvolvimento, approxime-se da outra do modo a cobrir perfeitamente todo o terreno.

Está calculado que são necessarias 330 covas por are (3.3 por metro) ou 33000 por hectare para as variedades de grande folha; e 400 covas por are, 4 por metro ou 40.000 por hectares para as variedades communs para realisar aquillo dosideratum.

Sendo o peso medio, a profôr, das batatas segundo as variedades a plantar, de 30 grammas para as pequenas e de 50 grammas para as maiores, deverá cada hectare lovar de

1.400 a 1.600 kilos, ou por medida, 20 a 22 hectolitros pouco mais ou menos, para poder ter uma boa produçáo.

Estado o terreno preparado convenientemente, abrem-se regos com o arado proprio ou simplesmente com um pequeno sulcador, distantes uns dos outros 0^m,60 a 0^m,70 (distancia sufficiente para dar passagem a um animal puxando a capinadeira mecanica) e logo em seguida vem outros trabalhadores, geralmente crianças esportas ou mulheres, collocando as batatas escolhidas intolas, si de lamauho modiano, cortadas si muito grandes, e mais de uma, si muito pequenas na toira virada, distantes umas das outras 0^m,30 a 0^m,50 e a uma profundidade de 0,10 a 0,15 semente. J. Chaboulier aconselha, depois do estudos durante seis annos, a plantar a 0^m,06 de profundidade como dando melhores resultados. Hoje nas culturas extensas já empregamapparehos ou machinas que vão semeando as batatas ao mesmo tempo que vão sulcando e com certa regularidade, mas, ellas ainda não são tao praticas e economicas que o seu uso possa ser aconselhado.

Um trabalhador habil e intelligente em pouco tempo se habituará a fazer as covas igualmente distancias,mas si quizesse poderia usar um cordel com marcas de 0^m,40 em 0^m,40 ou de 0^m,50 em 0^m,50 estendido ao longo do sulco ou toira. A perfeição do trabalho depende da habilidade do plantador, que sendo caprichoso poderá até plantar em quiconcio com a distancia de 0^m,60, permittindo assim ser caphada com a enxada de cavallo ou capinadeira mecanica em todos os sentidos.

Amanhos ou mondas— Todos os cultivadores sabem perfeitamente que as lavouras devem estar sempre no limpo. Não se pôde do antemão dizer quantas mondas são necessarias, dependendo isso naturalmente do tempo, clima, etc.

Os amanhos serão dados tantas vezes quantas sejaun precisas para evitar o crescimento das ervas ruins e que vêm roubar os principios fertilisantes que deveráo servir á nutrição das batatas. Logo que estas se deson-

volviam bem, de modo a folhagem cobrir perfeitamente o terreno, nao haver a mais necessidade de capina visto como não nasceirá mais matto que possa danificar a plantação.

Estas capinas entre nós são geralmente feitas por instrumentos manuaes, enxadas, sachos, etc, mas não resta a menor duvida sobre a grande vantagem dos processos mecanicos, que dia a dia mais se aperfeçoam; para o que existem, as enxadas mecanicas ou capinadeiras, os cultivadores, entre os quaes lembramos como bons o universal, o cultivador de Hujac, o de Planet Junior, etc.

Dá-se uma gradagem logo no principio da germinação, 15 a 20 dias após a plantação, e ás vezes antes de um mez, quando o broto estiver com uns 0,™ 10 fóra da terra, deve-se dar uma sachá aperfeçoada, seguida de outras, si necessario fór; a grado levo de Howard ou a Planet serve bem para esse fim.

Depois de mais desenvolvida a planta a carpideira de cavallo será passada entre as linhas, completando-se o serviço com a capina á mão, enxada pequena ou sachó, entre ou muy proximos aos pés, onde não puler ser feita com a machina ou quo esta deixou escapar, como muitas vezes succede: por ultimo faz-se a *amontôa*, chegar terra aos pés, que poderá tambem ser feita á enxada ou molhor pelo arado amontoador de duas arvoças (buttoir dos francezes) com menos dispendio. Alguns pegam a vantagem da amontôa, mas, esta é necessaria sempre que seja preciso para evitar que os tuberculos fiquem expostos na superficie da terra, o que muitas vezes succede com as variedades de grande produção, ficando então os tuberculos vordes de inferior qualidade.

No fim de tres mezes pouco mais ou menos procede-se á colheita, que só deve ser executada depois de estarem os ramos e folhas bem murchos ou seccoos, fanados, os tuberculos colhidos cedo demais conservam-se mal, perdem em peso e em fecula.

As observações tem demonstrado que em quanto existe parte da planta verde, os tuberculos ainda estão aproveitando; arran-

cados tarde demais podem tambem se estragar.

A colheita pódo ser feita a enxada, sachó comprido, cavadeira, ou por meio de charrua ou arados especiais. Ha mesma o arrancador de batatas, cuja alveca tem aberturas, é um excellente apporollho que muito adianta o serviço.

A charrua ou arrancador deverá funcionar bem fundo no correr das linhas, de modo a levantar a terra, descobrindo os tuberculos, que serão apanhados e amontoados por mulheres e crianças, para depois de seccas serem transportados para depositos ou colleiros. Convém passar immediatamente depois de retirada as arrancadas, a grado para que, removendo o terreno, se descubra muitos tuberculos que escaparam á primeira colheita.

A conservação da batata exige bastante cuidado e certas precauções. Em primeira lugar ellas não devem ser machucadas, atiradas brutalmente, pisando as. Os tuberculos não devem ser amontoados uns sobre os outros á grande altura, que exceda de um metro, porque pódo haver aquecimento e consequente decomposição; havendo bastante espaço convém espalhar bem, o quando não, remecher os montes de vez em quando.

Devem ser conservadas em colleiros, cavas ou em abrigos, simples telheiros, choças feitas de folhas de sapê, palmeiras, etc, no proprio local, quando ha muito calor ou humidade. Quanto mais secco, claro e arejado melhor; em lugar humido, com pouca claridade, grefam muito depressa, as batatas devem ser recolhidas bem seccoas, e até para molhor se conservarem usam alguns seccal-as no forno ou em estufas depois de bem lavadas. Entre nós pouco se enida da conservação, porque logo depois da colheita tem-se pressa em envidal-as para o mercado, o que nao é boa pratica principalmente quando as ha em abundancia na occasião, obtendo assim um preço muito baixo.

O modo de transporte varia; do estrangeiro communmente ellas nos vem em caixotes de

madoira leve, com frestas ou aberturas para ventilação.

Entre nós, enviam para o mercado quasi sempre em jacás, balaios feitos de taquirá ou bambú, e quando para porto mesmo em saccos, o que não é bom systema porquanto sendo atirados de um lado para outro durante o transporte, nas baldeações ficam machucadas e apodrecem em grande quantidade. Em geral cada jacá, *meia carga*, como chamam os *batateiros* peza 30 kilos, custando de 6\$ a 10\$000, conforme a procura.

Molestias da batata. — Como quasi todas as plantas culturais, a batata não faz excepção, é tambem sujeita a varias molestias. A peor dellas, a da qual especialmente tratarei, por ser a que maiores danos tem causado, foi notada em França de 1842 a 1845 e é produzida por um cogumello microscopico, o *Botrytis peronospora* ou *Phytophthora infestans*.

Entre nós appareceu esta molestia, a que o povo chamava simplesmente praga da batata ou ferrugem, em 1860 mais ou menos, e fez com que os colonos suíços do Nova Friburgo abandonassem a cultura incipiente que estava bem animada.

Os spóros deste cogumello, trazidos pelos ventos á superficie das folhas, penetram o seu mycelio no parenchyma, nutrido-se á custa do succo da planta, que se oxgota e acaba por morrer. Este parasita fructifica, notando-se na pagina inferior filamentos brancos carregados de spóros novos que se espalham, propagando o mal com rapidez extraordinaria. Reconhece-se facilmente pelo apparecimento de manchas brancas na pagina inferior das folhas, que depois tornam-se quasi pretas na parte superior, estendendo-se progressivamente sobre toda a folha que secca, e mesmo ao caule, indo até aos tuberculos.

A mancha branca, como pennugem ou mofo que se nota na parte inferior da folha, é dovuta á fructificação do cryptogamo; é um signal caracteristico da molestia, como no *mildew* das videiras. Para seu desenvolvimento concorrem muito ou são necessarias epochas chuvosas, ar saturado de humidade,

com algum calor, que não precisa ser excessivo, 14° a 15° para cima, mas geralmente necessita 20°.

Felizmente já é bom conhecido o tratamento que se deve por om pratica, affim de impedir o apparecimento ou mesmo a propagação da molestia; é o mesmo que se emprega para a videlra atacada de *mildew peronospora*.

É o emprego das caldas cupricas, cujas formulas variam muito, conforme o autor. Entre outras são recommendadas a *calda cupro calcarea assucarada* de Perrot, que se prepara pondo em uma vasilha de madoira 50 litros de agua, na qual se dissolvem 2 kilos de molaço; e logo depois 2 kilos de sulfato de cobre; em outra vasilha com 50 litros de agua, desmancham-se 3 kilos de cal recentemente extinta e penetrada, e inixturam-se os dous liquidos.

Uma outra formula é a *calda cupro sodica*, na qual a cal é substituida pela soda: assim, dissolvem-se 2 kilos de sulfato de cobre em 50 litros de agua de um lado, e em outros 50 litros de agua 3 kilos de crystaes de soda (soda do commercio) e depois misturam-se os dous liquidos.

Ou simplesmente: Agua — 95 — Sulfato de cobre, 3 e cal 2.

Esses liquidos são applicados por moio de pulverisadores especiaes, dos quaes os melhores são os de Vermoril, um pequeno de mão e outro maior para ser carregado ás costas, L'Éclair; este é muito bom, presta muito serviço; ha dolles, modificados por differentes autores e que se prestam igualmente para o fim indicado.

Além destes os ha tambem para serem transportados sobre animaes, que só com o andar fazem funcionar o apparelho, são empregados nas grandes culturas. A quantidade de liquido necessario para um hectare do terreno regula de 15 a 18 hectolitros.

Esse tratamento deve ser empregado como preventivo em toda a cultura de batatas, ou pelo menos logo que appareçam os primeiros symptomas, as primeiras manchas em al-

gumas folhas, pois qualquer demora pôde ser causa da perda total da plantação.

Nem todas as variedades são igualmente sujeitas á molestia, algumas são mais resistentes.

Ha outras pragas que causam dânnos aos batataes, mas não sendo communs entre nós deixo de tratar dellas.

Preparados e resultados economicos.— Todos conhecem o uso culinario da batata ingleza; ella sujella-se a todas as operações imaginaveis de cozinha e entra nas mais variadas combinações á vontade do mestre cozinheiro que procura agradar aos mais exquisitos paladares. A batata pôde ser utilizada assada, cozida em agua ou em vapor; della se faz uma boa sopa simples ou com caldos de carne de vacca, aves, etc; faz-se ensopado simples ou composto; usa-se em purée ou pirão, em omolletes, fritas em gordura ou em manteiga, em croquettes, bôlos, temperada como salada, etc. e de outros modos com que a arte culinaria, principalmente a franceza, sabe variar.

Com a batata fabrica-se tambem pão, entrando em sua composição, $\frac{1}{3}$ de farinha de trigo, $\frac{1}{3}$ de fecula e $\frac{1}{3}$ de raspar frescas de batata ingleza.

Como planta forrageira ainda não é usada entre nós, que nem a temos em quantidade sufficiente para o consumo de nossas mesas, nem plantamos a qualidade mais apropriada para aquelle fim, visto termos outros tuberculos que a substituem e com grande vantagem.

Em diversos paizes da Europa, porém, como a Alemanha, França, Inglaterra, etc. e nos Estados Unidos da America, ella serve de grande auxillar na alimentação dos animaes. E' ella considerada forragem de primeira ordem, pois que 100 kilos de batata podem substituir 50 kilos de feno, 35 kilos de aveia e 150 kilos de palha.

A's vaccas dão batatas cruas associadas á palha ou ao feno; aos cavallos, carneiros, e suínos dão batatas cozidas.

A ração regula, por 100 kilos do peso do

animal por cabeça e por dia, dois a tres kilos de tuberculos aos bois; quatro a cinco kilos aos carneiros; sete a oito aos suínos e 10 aos cavallos.

Na industria é a batata grandemente aproveitada para a fabricação do amyllo— quasi o unico geralmente consumido em toda a Europa e mesmo exportado para o estrangeiro, e para o fabrico de alcool e aguardente que se faz em grande escala, principalmente em França e na Alemanha. Tendo nós visto atraz o rendimento de batata por cada hectare, sabendo tambem a sua porcentagem em amido, podemos facilmente calcular quaes os resultados economico-industriales que deixa a cultura dessa solanacea nos paizes em que a fazem racional e scientificamente, seguindo os preceitos da agricultura moderna.

E' evidente que em um paiz como o nosso, que possui a incomparavel mandioca, com sua grande raiz feculenta, não é preciso fabricar-se amyllo de batata ingleza, e que tambem possui a mais rica planta saccharina, a incomparavel canna de assucar, que produz abundante, mesmo extraordinariamente, não precisa fabricar alcool e aguardente de batata que é muito inferior em tudo e por tudo ao producto da canna de assucar.

CAPITULO XII

DA MANDIOCA — «*CATROPIA MANIHOT* LINN.
MANIHOT UTILISSIMA» POHL.— *JANIPHA MANIHOT*— KUNZ. E D. D.

Não resta hoje duvida alguma de que a verdadeira patria da mandioca é a America, opinião de A. de Saint Hilaire, Humboldt, Moreau de Jones, etc. Foi Plon quem, em primeiro lugar, forneceu noticias scientificas sobre a mandioca em 1646, dando-a como planta indigena do Brazil. A sua cultura mais espalhada na America do que na Africa, na opinião accorde de todos os viajantes e botanicos modernos mais notaveis em affirmarem que a cultura dessa planta no Brazil, no Mexico e nas Guyanas já era feita pelos indigenas muito antes da invasão européa, e

domais os diversos nomes indigenas pelos quaes os habitantes indicavam as diversas variedades de mandioca, não deixam palrar a menor duvida sobre a patria dessa util euphorbiacea, não existindo na Historia documentada alium que possivelmente demonstre não ser ella a planta brasileira; e mesmo que não o seja encontrou ali clima tão apropriado que prospera tão bem ou melhor mesmo do que em outra qualquor parte do mundo.

A descripção deste vegetal podia muito bem ser dispensada, visto como é por demais conhecido, mas em todo o caso daremos uma ligolra descripção para ficar completa.

A mandioca é planta da familia das euphorbiaceas, do genero *Jatropha* ou *Manihot*.

É um arbusto de raiz grossa tuberosa contendo um succo leitoso, mais ou menos venenoso. A sua haste, que attinge á altura de um metro 50 a dois metros 50 é lenhosa, nodosa, tenra, quebradiça, com grande medulla, com pequenos ramos guarnecidos de folhas alternas, palmadas, longamente pecioladas com tres ou sete lóbos de tamanho variado.

As flores são monoicas, dispostas em cachos ou racmos compostos, amarellas ou roxeas. Ha flores femininas e masculinas no mesmo individuo; as masculinas tem a corolla dividida até o meio em cinco segmentos e dez estamos reunidos em columna, e as femininas tem as divisões até a base.

O ovario com estylote e estygma duplos; o fructo é uma capsula espherica, lisa e enrugada, com seis angulos salientes, tres loculos cada um com uma semente oleosa, de cor cinzenta luzidia, manchada de escuro, semelhante á da mamona. As raizes das plantas cultivadas são tuberosas, oblongas, tenro externamente uma casca fina, delgada, membranosa, de cor parda, e que se desprende facilmente; sob esta existe uma outra casca mais grossa, branca, amarellada, coriacea fibrosa, quebradiça leitosa, envolvendo o corpo da raiz, que é branca, tenra, atravessada no centro por um longo cordão fibroso, que vai de uma

extremidade á outra. O tamanho da raiz varia desde alguns decimetros até dous metros de comprimento e 0^m,10 a 0^m,15 e mais de grossura.

São em grande numero as variedades de mandioca. As especies do Brazil enumeradas na *Flora Brasiliensis* de Martius são muitas. Dellas cita o Dr. Peckolt em sua excellente monographia com seus nomes scientificos, 99 variedades, distribuidas pelos Estados do modo seguinte:

Goyaz, com 41 especies; Minas, com 27; Bahia, 11; Rio de Janeiro, 10; Paraná, 7; Matto Grosso, 7; S. Paulo, 7; Pará, 6; Ceará, 4; Piahy, 2.

O Sr. Barão de Capaneira em suas excursões scientificas pelo norte do Brazil, ha muitos annos, só do Ceará trouxe para o Rio de Janeiro, 22 variedades que distribuiu a varios agricultores, mas dellas não poude agora obter noticias exactas.

Polemos dividir em dous grandes grupos principaes as innumerables variedades; segundo servem somente para a industria de farinha e fecula ou si servem tambem para mesa.

1.ª *Mandioca brava* — amarga, vermelha ou venenosa.

Manihot utilissima de Pohl-Jatropha manihot Linn ou Janipha manihot-Kunth.

Todas as variedades deste grupo que vamos citar só servem para fabricar farinha, amido e para forragem; não servem para mesa por serem amargas.

As mais conhecidas deste grupo são:

Mandioca assu ou de quatorze palmos—Rio de Janeiro.

A raiz alcança um enorme tamanho. O Dr. Peckolt diz ter colhido uma da grossura da coxa de um homem de 3^m. a 5^m. de comprimento que pesava 16 kilos, — mais tambem o *Jornal* publicou que se achava em 1871 na Exposição de Campos uma raiz que pesava 10 arrobas!! A raiz conserva-se na terra por longo tempo, a casca da raiz é preta, é muito leitosa, é cultivada só para fabrico de amido e dá regular farinha.

Dá 26,5 % de amido.

Mandioca do grêto rêco — Estado do Rio. As raízes são pequenas. É uma das mais venenosas; apesar de dar boa farinha, é pouco rendosa e não vale a pena ser cultivada.

Mandioca barroso — Alagoas. A raiz cresce muito; tem a casca grossa; dá boa farinha.

Mandioca caboclinha. — Alagoas e Pernambuco. A raiz é curta e grossa, de massa muito enxuta; dá boa farinha.

Mandioca cruzella — Pernambuco. As raízes pouco crescem; mas engrossam e são succulentas. Dá farinha regular.

Mandioca cambaia — Rio de Janeiro. As raízes parecem-se com as do aypim; tem casca grossa e muito leitosa. É de grande rendimento, dá 25,2 % de amido. Amadurece em dez mezes e dá boa farinha.

Mandioca mandypalhã ou mandioca brava — Rio. Raízes de tamanho regular, muito leitosas; dá bem em qualquer terreno e amadurece em 12 mezes. É de grande rendimento, dá 26 a 27 % de amido. Fornece boa farinha.

Mandioca saracura — Rio de Janeiro e Minas. As raízes se assemelham às da mandioca branca, mas são mais arredondadas; são muito leitosas (leite de consistência de nata.) É uma das mais venenosas.

A massa é compacta e enxuta; é talvez a mais rendosa, pois que dá 36,69 % de amido. A sua farinha é boa. Amadurece em 12 mezes.

Mandioca Pury — Rio. A raiz é leitosa; tem 0^m,50 a 1 metro de comprimento e 0,05 centímetros de diametro. É muito cultivada em serra abaixo para fabrico de farinha. É também de bom rendimento 21 3 % de farinha; chamam-na também *Pury Manão*.

Mandioca manaibuna — Estados do Norte e Minas. Raiz regular; amadurece em 12 mezes; dá boa farinha.

Mandioca manibirã — Goyaz, Matto Grosso. Muito semelhante à manaibuna.

Maniba tatu. — Minas. Raízes de tamanho regular um tanto arredondadas; amadurece

em 12 mezes; é muito venenosa e dá farinha regular.

Mandioca paraty — Rio. Raiz pequena; dá em 8 mezes.

Mandioca periquito — Alagoas. De raiz bastante grossa, produz excellente farinha.

Mandioca Maratinga. — Minas. A raiz é regular, só serve para farinha, pois é muito venenosa, mas tem a vantagem de amadurecer em 8 mezes.

Mandioca Maria molle — Rio. As raízes são muito grandes, semelhantes às da mandioca assú; tem o diametro de 0^m,09 são leitosas e muito venenosas. Dá muito boa farinha.

Mandioca S. Polvinho ou dos Ilhos — Paraná. As raízes são pequenas, porém, grossas, tem a grande vantagem de dessecarem-se por si mesmas, deixando-se seccar por algum tempo. Dá produção regular em 8 mezes, porém, muito melhor em 12 mezes.

Infelizmente é pouco commum esta especie.

Mandioca Manipêba — Alagoas, Ceará, Bahia. É uma variedade de cujas raízes nascem de distancia em distancia uma batata, enervando-se pela terra tao profundamente, que diffulta o arrancamento.

Extrah-se da sua raiz boa farinha, mas é tao venenosa e amarga a raiz que nenhum animal a come.

Pode-se conservar na terra por um longo tempo, até 8 annos; continuando ella sempre a crescer, chega a grandes alturas mesmo no meio da espooira.

É muito elogiada pelos agricultores do Norte.

Eis o que a respeito da *Manipêba*, escreve o Dr. M. A. de Macello: No Ceará ha uma especie de mandioca, chamada *Manipêba*, que é verdadeiramente proligio da Providencia para os habitantes das provincias, sujeitas ás secas. A manipêba se acha ao abrigo de todos os inconvenientes (secca, humidade e sombra).

Sendo ella plantada em terrenos ligeros, isto é, um tanto arenosos ou pouco adhe-

rentes, conta-se por certa com um colheito natural para os tempos calamitosos.

Nos últimos tempos colonaes, as autoridades impunham multas aos habitantes do Ceará, que não tivessem em suas terras um certo numero de pés da mandioca e ainda hoje algumas camaras municipaes seguem o mesmo principio que infelizmente nunca passa de theoria. Na secca de 1825, um caronso lembrou-se de examinar uma plantação de mandioca que tinha abandonada havia dez annos e achou um verdadeiro thesouro dentro de uma capoeira de matto grosso, porque cada pé de mandioca lhe rendia atquelros de optima farinha. « Em maio de 1843 mandei plantar na minha fazenda da *Timbamba* (Crato) uma porção de mandioca. Tuas neblinas que cubrião em todo o resto do mesmo anno, foram sufficentes para fazer prosperar a planta, que só levou duas capinas, depois das quaes abandonei o meu colheito guardando-o para tempos urgentes. Na secca de 1845 (no fim do anno) recorri ao granel que se achava trançado em uma densa capoeira. As tuberas não tinham ainda tomado as grandes proporções que adquirem com a idade, mas, deram um rendimento que foi admirado pelos retirantes, que em grande numero se agrupavam á roda do forno para eunar farinha, da qual não vendi uma só parcella, dando de esmola uma grande parte.

A respeito da mandioca tive de fazer mais duas observações que confirmam o que disse acima, sobre sua propriedade em resistir aos ontraves que se oppõem ao desenvolvimento de outras especies de mandioca. Uma plantação de mandioca em montinhos levantados em um *ipê* (terra paludosa) nada soffreu de uma enxurrada que alagou as plantas já adultas. Depois de algum tempo as tuberas estavam em perfeito estado e muitas dellas foram achadas a descoberto, depois de terem passado por muitos dias mergulhadas na agua.

Junto ao tronco de um formoso Ingá, que com a sua immensa e cerrada copa assombrára uma grande circunferencia, cresceu-se

naturalmente um pé de mandioca, e ali vegetou por mais de 8 annos solitariamente, pois as mesmas ervas silvestres deixaram de prosperar na sombra da ingazeira. Com o fim de aproveitar a maniva para semente, mandei arrancar a mandioca que já tinha formado tuberas colossaes. As ramas, porém, foram o que mais attraio a minha attenção. A maniva, ao sahir da terra dividio-se em varias hastas tortuosas, como é costume, as quaes foram se subdividindo afim de podorem melhor penetrar os intersticios das folhas da ingazeira até chegarem á sumidade de sua copa e ali participarem livremente da irradiação do sol e de outros benefeitos atmosphericos. De todas as especies de mandioca, parece ser a mandioca a que contém em maior proporção o gluten, materias amylaceas,

Durante a fabricação da farinha dessa mandioca, toda a casa fleia coberta de amido que se suspende com os gazes evaporados no acto da torrefacção da farinha.

E' digna de desenvolver-se a sua cultura. Consta-me que já houve della aqui no Sul; não a conheço, talvez mesmo alguém a tenha, mas não é muito commum.

II Grupo.— *Mandioca doce.*— *Mandioca mansa.*— *Mandioca branca.*— *Aipi* ou *Aypim* ou *Macaxera* no norte do Brazil, é a *Manihot aipi*.— Pohl, *Manihot palmata*, Muell Arg. *Jatropha dulcissima* Genell. Entre as principaes variedades mais conhecidas, citaremos:

O *Aypim* ou *Mandioca doce*, *Macaxera*; a commum, cultivada em quasi todo o Brazil.

As raizes chegam a grande tamanho, pezándo de 500 grammas a um kilo; a pellicula é fina, despega-se com facilidade, a casca carnosa tem um millimetro de espessura.

E' comestivel; é a mais rica em amido das mandioecas doces tem 28, 18 o/° do amido.

Mandioca ou aipim manteiga.— Estado do Rio, é a mais commum no Districto Federal.

A raiz é menor do que a do Aypim commum, mas é muito tenra e boa para se comer; ao borralho ou cozida em poucos instantes está prompta a ser comida; tem a massa muito solta, delicada e é muito agradável ao paladar. As raizes não crescem muito, raras vezes excedem a 0^m,40. É recommendavel.

Mandioca amarella. — Pernambuco, Alagoas, Minas e outros Estados. A raiz é mais ou menos do tamanho da do Aypim, de cor fina, branca; a massa é de cor amarella, serve para farinha, é um pouco dura para se comer.

Mandioca Pão do Chile. — Variedade já muito espalhada entre nós, devido a ser uma das melhores variedades para a mesa; muito tenra, facil de cozer, geralmente muito enxuta e um tanto adocicada.

Não é muito productiva, e as suas raizes tambem não são muito grandes.

Mandioca Mandy. — Rio. As raizes são curtas, tendo uma das pontas muito mais grossa do que a outra, havendo uma differença de uns 0^m,10 entre os diametros da uma e outra ponta. A casca que é fina separa-se com facilidade; a massa é compacta e muito alva.

É comestivel, porém, é de todas as mandiocas doces a mais pobre, tanto em substancias azotadas como em hydrocarburetos; portanto, não tem grande vantagem a sua cultura.

Mandioca Mala fome. — Muito commum nos Estados do Rio e do Minas. É uma das mais recommendaveis. Dá abundantemente em todos os terrenos; tem a raiz do tamanho da do Aypim, com a pellicula mais adherente; a casca carnosa tem dous milímetros de espessura; é muito leitosa.

Serve não só para comer como para se fazer farinha. É uma das mais ricas em substancias azotadas e contém bastante amido, 21, 85 %.

Mandioca suissa. — Rio, principalmente em Nova Friburgo. As raizes são tuberosas redondas, semelhante ao cará. A casca se-

para-se com facilidade; é comestivel; é a mais rica em substancias azotadas das mandiocas analysadas pelo Dr. Th. Peckolt.

Mandioca Milagrosa. — Alagoas. As raizes são longas e grossas, massa compacta, serve para comer e fazer-se farinha.

Mandioca S. Sebastião. — Rio. A raiz é pouco maior do que a do Aypim, com a casca muito adherente e tão boa como elle para se comer.

Mandioca Sabard. — Minas. É muito boa variedade, muito apreciada em Minas e S. Paulo.

Mandioca Pacard. — Pernambuco. Raiz pequena, parda escura, massa amarella; preferem-na para comer do que para a farinha.

Mandioca Pipoca. — Alagoas. Come-se e dá boa farinha.

Mandioca ou Aypim Cambraia. — É recommendavel.

E. Raoul, em um artigo sobre mandioca na obra de Sagot, cita duas qualidades de bom uso alimentar cultivadas nas colonias francezas do Oceano Indico e da Paelfico, nos seguintes termos, que transcrevo em portuguez:

1^o *Manihot soso.* — De uma palavra malgacho significando cozido em consistencia de creme etc.

2^o *Manihot bouquet.* — Caule avermelhado, de 1^m,20 de altura maxima, formando um bouquet pelo facto da approximação dos peciolos, que são vermelhos, folhas verdes, sem ramos. Produção no fim de 18^o mez, raizes podendo-se conservar em terra até tres annos, só depois deste lapso de tempo tornam-se leuhosas. Não fructifica, pelo menos sob o clima da Reunião, da Nova Caledonia e mesmo de Tahiti. Rendimento no fim de 18 mezes: cinco a 15 kilos por tonceira, que, á razão de 10.000 pés ou tonças por hectare, dão um rendimento de 150.000 por hectare. Cita excepcionalmente um rendimento de 25 k. por tonça.

Seria para desejar que pudessemos obter essa variedade, senão fôr exagero; não conheço variedade alguma entre nós que dê tão extraordinario rendimento.

A cultura da mandioca — é feita geralmente entre nós de modo o mais rudimentar; nem sempre os lavradores escolhem os terrenos mais apropriados. Dizem elles que toda e qualquer terreno serve para plantação da mandioca; em pouca parte elles tem razão, porque assim acontece, não ha duvida que mesmo em terreno argiloso, compacto, a mandioca pôde dar raizes algum tanto desenvolvidas, mas, tambem é sabido que si esse mesmo terreno fosse lavrado, melhorado pelos meios mecânicos muito mais daria. No primeiro caso as raizes não pôdem se desenvolver bem, ficam finas, longas, fibrosas, pobres em amido.

É de observação pratica que, plantando-se em igualdade de circumstancias, a mandioca em terreno leve, silicioso, ou silico-argiloso, e ao mesmo tempo em outro terreno compacto, de solo argiloso, as tuberas serão muito mais volumosas e numerosas no primeiro caso do que no segundo. Além disso é sabido por todos que na estacção chuvosa o solo argiloso, não sendo permeavel, retêm quantidade excessiva de agua, capaz de determinar a podridão das raizes; de onde a necessidade de preparar o terreno. Sabemos mais que os terrenos argilosos, e massapês no verão, com o sol ardente de outubro a março muitas vezes fendem-se em diversos sentidos, e portanto ficam as raizes das plantas sujeitas á acção nociva dos agentes exteriores em excesso, grande quantidade de agua, quando chove, entra pelas rachas do terreno, o pôde determinar a deterioração das raizes e bem assim os raios solares abrazadores penetrando pelo interior das fendas podem d'annihilar as tuberas, causando a morte das raizes secundarias na periphèria.

As plantas resentem-se de finham, si não vôm a morrer, o que não é entretanto, muito pouco provavel, visto a resistencia natural dessa grande planta.

Tambem os terrenos demasiadamente siliciosos, inteiramente arenosos, toom seus inconvenientes, pobreza em principios mineaes fertilisantes; além dessa insufficiencia,

sendo o terreno muito moel, havendo grande desenvolvimento das hastas, estas ficam muito susceptiveis de serem arrancadas pelos ventos. Apesar da fama de planta esgotante, ella não o é tanto assim; lemos visto ser cultivada no mesmo logar sem emprego de estrumes; e com rendimentos bem satisfactorios durante longos annos. É' obvio, porém, que começando a diminuir a produção e querendo-se continuar a cultivar no mesmo logar ter-se-ha o recurso do emprego de adubos, nos quaes devem entrar a potassa, o acido phosphorico e principalmente a cal.

A reproducção da mandioca por semente do fructo pôde-se dar, porém não é pratico o mesmo difficil.

O modo pratico de propagação é por meio da haste, rama ou *maniva*, que deve ser nem muito nova, nem muito velha, dividida em pedaços, tôros, toretes ou estacas de 0^m,15 a 0^m,25 de comprimento, contendo pelo menos dois a tres olhos ou gemmas. A pratica ensinava que não é conveniente cortar-se a maniva ou manabiba de um só golpe, porque assim custa mais a enraizar; geralmente usam de uma faca pouco cortante, com a qual dão tres a quatro pancadas leves em redor da maniva no tamanho indicado, deixando tres a quatro olhos. A pratica de fazer pequenas inclções ou golpes nos gomos das estacas é util, porque facilita o enraizamento. Deve-se plantar os tôros logo depois de picados; si deixar-se passarem dias, arrisca-se a perder a maior parte.

A estaca que ao ser cortada não deixa correr leite não serve para se plantar, porque geralmente não nasce.

As estacas melhores são, como já disse, as que não sejam demasiado verdes, nem muito velhas, e geralmente de mandiocal de um anno; são melhores as de gemma pequena, porque em pedaços menores têm maior numero de gemmas ou botões e as da parte inferior ou média do caule, ordinariamente mais grossos e portanto mais fortes para germinarem.

Nunca se deve plantar em dia chuvoso; a

lavagem do lecto difficulta quasi sempre o enraizamento.

Algumas em mesmo a maior parte das variedades de mandioca podem ser plantadas em qualquer época do anno, porém é fóra de duvida que a melhor é a indicada pela propria natureza, isto é, naquelles mezos em que o arbusto achia-se geralmente despido das folhas, de junho a setembro, mez este em que começa a brotação. Sendo possível, devo se preferir o mez de agosto para plantação, tendo mostrado a observação que a mandioca plantada neste mez nasce e desenvolve-se com mais vigor e presteza.

O systema de plantação commummente adoptado é abrir por meio de enxadas covas mais ou menos profundas, distantes 0^m,60 a 0^m,70 umas das outras, nas quaes se lançam duas ou tres estacas ou torcos de 0^m,10 a 0^m,12, que são postos horizontalmente ou com pequena inclinação, cobertos depois com pequena camada de terra boa. Alguns empregam estacas longas de 0^m,50, mas, não ha vantagem alguma nesta pratica.

Em terrenos fracos, em terras de sambalhaia convem plantar em cova alta de 0^m,60 e sobre essa cova amontoa-se terra da proximidade até formar uma pequena elevação e sobre esta espelam-se duas ou tres estacas até dous terços de seu comprimento. Em terreno muito leve, fofo, alguns plantadores simplifcam o modo de plantar, lançando ou enterrando na terra apenas a estaca da mandioca, sem abrir cova ou apenas abrindo um pequeno buraco ou furo com um páo rijo ou ferro de ponta aguda. Não é systema a aconselhar o é mesmo conhecido pelo nome de *plantação de preguiçoso*, mas com isso não pretendo avançar que em certas e determinadas boas condições não possa o preguiçoso tirar boas colleitas.

Em terreno com tendencia á humidade as covas devem ser mais rasas do que em terreno secco.

Pódo-se o deve-se mesmo, por ser mais vantajoso e economico, fazer a collura da

mandioca por meio do arado e demais machinas agricolas.

Neste caso lemos a considerar si o terreno é novo, tiver sido roçado ha pouco e queimado, mais cheio de léos que precisam ser arrancados.

Si não tiver focos e não estiver muito duro, emprega-se uma charrua forte, penetrando 0^m,25 a 0^m,30; estando a terra dura não se poderá aprofundar tanto de uma vez; eavém empregar-se primeiro a charrua sulcando em profundidade de 0^m,15 a 0^m,20 e depois outra mais profunda transversalmente á primeira.

Si o terreno a lavar tiver sómenteervas de menos de um metro de altura, um pasto, por exemplo, espera-se que haja alguma chuva, quando basta para amolecer a terreno e empregar-se logo uma charrua passante para se lavar a grande profundidade, ainda que seja necessario mais de uma junta de bois. Com esta operação obtoremos as seguintes vantagens a um só tempo: limpar do malto a terra, revolver-a, expondo-a á acção dos agentes atmospericos e adubando a ao mesmo tempo, servindo de a lobo o malto, folhas secas, detritos da superficie revirada e enterrada pelo instrumento. Deixa-se passar algum tempo, um mez ou mais até apodrecer bem o malto, pissa-se depois a grado e o rolo si necessario fór para quebrar alguns torrões e nivelar a superficie do terreno.

Na plantação com o arado sulcador, de duas arvoças, abrem-se os sulcos, em linhas parallelas, guardando entre si a distancia de 1^m,20 a 1^m,50, tendo de profundidade 0^m,10 a 0^m,15.

A mobilisação, o afoufamento do terreno, sendo útil a qualquer planta, como sabemos, constitue para as de ralzes tuberosas, como a mandioca, uma das condições primarias, essenciaes para o desenvolvimento desembaraçado de suas raizes, não só physicamente, destruindo qualquer impedimento que pudesse difficultar o seu crescimento, como climicamente, permitindo

a penetração do ar e demais agentes atmosféricos tão necessários ao desenvolvimento das plantas. Deixa-se a terra assim preparada ainda algum tempo e depois procede-se á plantação, escolhendo manivas bem vigorosas, que tenham mais ou menos um anno e, depois de pleadas em pedaços de 0^m,15 a 0^m,20, do modo acima descripto, fazendo pequenas incisões para facilitar o enraizamento, são os toros collocados no fundo do rogo, 2 a 2 ou 3 a 3, com intervallo de 0^m,20 entre si, sendo neste ultimo caso (*detes*), um no centro, ao longo do sulco e os dous outros no sentido transversal.

Entre cada grupo de dous ou tres toros ou estacas deve mediar um espaço de um metro pouco mais ou menos, conforme a variedade a se plantar seja de maior ou menor desenvolvimento de haslas e raizes. Cobre-se depois o sulco com uma pequena camada de terra.

Quando se faz a plantação em terreno fortemente inclinado, a parte inferior das estacas deve flear para o lado do baixo, no sentido da inclinação do morre. Logo que os pés ou toros commecem a brotar, tornando-se bem visivels na superficie da terra, deve-se dar a primeira monda ou capina: é isso bem sabido dos agricultores, que tinham o seguinte rife com relação ás capinas da mandioca: «A primeira assim que me vires; a segunda, quando puderes, e a terceira si quizeres». Acho que os dous ultimos conceitos deverão ser substituidos per estes: «As capinas seguintes serão em numero de duas ou mais, tantas quantos forem necessarias para evitar que as hervas ruins ou mattos abafem ou prejudiquem a mandioca, até esta tomar conta do terreno.»

Na realidade, em terreno que foi bem preparado, geralmente duas a tres mondas são sufficientes para darem tempo ás mandiocas desenvolverem-se tanto que abafem ou sombreiem o terreno de modo a não mais nascerem plantas damninhas.

As mondas são feitas communmente por meio de onxadas nos terrenos não preparados,

mas em cultura adiantada tendo sido o terreno convenientemente lavrado, devo-se empregar as carpidelras mecanicas ou cultivadores, entre os quaes lembro o do Bajac e do Planot Junior, que preenchem perfeitamente bem o fim a que são destinados.

Com o emprego destas machinas só poderá escapar algum matto ou capim existente entre os pés na lilha e que será extirpado á mão ou onxada pequena eu sachó; já na segunda capina pôde-se chegar um pouco de terra no pé da planta; na terceira, porém, convem observar se as raizes estão muito superficeas, para nao se empregar a onxada mecanica que pôde maltratalas. Para o serviço de capina deve-se preferir tempo secco, um dia bom quente, por tornar-se mais facil, melhor e proveitosa, morrendo todas as hervas nocivas, com mais certeza.

Na occasião da lampa deve-se ter o cuidado de destruir os brotos ou rebentos mais fracos nascidos da mesma estaca, deixando flear só a haste mais vigorosa, o que dará em resultado maior desenvolvimento das raizes. O decote geral da haste da mandioca não é de vantagem notavel, a não ser em aproveitamento como forragem, e isso mesmo, segundo opinião geral, não sendo feito nas proximidades da colheita, que prejudicaria as raizes que tornar-se-iam mais ou menos aquosas, *aguadas* como dizem. O decote, porém, convem muito quando apparecem na ponta das hastas lagartas que damnificam a planta.

Não ha epoca certa para a colheita da mandioca; varia segundo a epoca em que foi plantada e tambem segundo a especie, pois nem todas gastam o mesmo tempo a se desenvolver; por isso deve o lavrador saber o tempo que leva, a variedade que plantou a chegar a seu completo desenvolvimento, a flear *matura*, boa para se collier, tempo variavel entre seis e vinte mozes, ou então fazer examinar por pessoa entendida antes de ordenar a colheita. E' sabido tambem que ha variedades que depois de maduras não convem flear sob a terra porque se estragam,

mas que ha muitas outras que podem fleur tres ou mais annos na terra sem se deteriorar, algumas melhorando mesmo em qualidade e quantidade de tuberas, e neste caso o lavrador poderá ir colhendo á medida de suas necessidades, para oito ou quinze dias sómente, não convindo por mais tempo porque pôdem se estragar.

A mandioca amarella e periquito da Bahia pôdem ser colhidas com quatro mezes; a paraty, a maratinga e outras com 8 mezes; a cambala, com 10 mezes; a mandioca brava, a saracura e outras com 12; a manipoba do Ceará, com 1, 2 e até com 8 annos.

Alguns avaliam a maturação da raiz pela floração ou antes pela queda das sementes maduras.

Mas isto só a pratica de cada localidade poderá ensinar, visto depender de circumstancias tão diversas o desenvolvimento mais ou menos rapido das plantas.

Quando o terreno é excessivamente frouxo, basta puxar a haste com alguma força para arranca-la com as competentes raizes; mas, geralmente, é necessario o emprego de um instrumento, enxada, sacho, cavadoira, principalmente para as especies de raizes de grandes dimensões e em terreno compacto.

Pôde-se empregar um instrumento aratorio qualquer como o arrancador de batatas, quebrando-se antes as hastos bem baixas de modo a permittir trabalhar a parte dianteira mais facilmente.

É boa norma logo que se tiver arrancado a mandioca em uma certa porção de terreno, aproveitá-la e emquanto limpo para ser replantado immediatamente, de modo que quando se chegar ao fim do quartel, si elle for grande, estará todo elle replantado, e a primeira parte muito adiantada e talvez mesmo já em estado de ser novamente colhido.

Nenhuma planta de raiz tuberosa dá um rendimento maior em amido do que a mandioca e nenhuma outra dá em igual extensão de terreno tanto alimento. A mais bella plantação de arroz ou mesmo de trigo não pôde

nutrir tantos homems como em uma superficie igual de terreno plantado de mandioca.

Um hectare plantado de mandioca devo dar, segundo a variedade e a perfeição da cultura, 100 a 250 hectolitros de farinha—200 a 300 saccos.

Plantada em distancia de um metro de pé a pé, leva o hectare 10.000 pés, cada um dando no minimo quatro kilos, o que não é de admirar, teremos 40.000 kilos. É sabido que a mandioca rende no minimo em farinha a quarta parte do peso bruto; teremos portanto 10.000 kilos ou 183 koeil. 36 lit. de farinha ou 229, 5 saccos por hectare que vendida a 100 reis o litro ou 8\$000 o sacco, por barato, ou \$183 o kilo, dará 1:836\$000, ou ao preço medio da farinha regular, a \$367 o kilo, que correspondo a \$200 o litro ou 10\$000 o sacco, dará um rendimento bruto de 3:762\$000—(Um sacco de farinha, de 80 litros, regula pesar de 44 a 45 kilos, conforme a qualidade).

Vejamos agora o resultado em amido: — Si reduzirmos toda a mandioca de um hectare ao polvilho, teremos, baseado nas analyses, o seguinte resultado: a de maior porcentagem, como a mandioca *Saracura*, 36 %, dará em 40.000 k. producção media de um hectare, 14.400 k. de amido ou 230 hect. 40 litros ou 288 saccos, que vendida a razão de 400 rs. o kilo ou 250 rs. o litro ou 20\$000 o sacco, dará um rendimento bruto de 5:760\$000 (Um kilo de polvilho corresponde em medida a 1 litro, e ou 1 litro peza 630 grammas portanto o sacco de 80 litros peza 50 kilos.)

Mas, para não parecer que exageramos, tomemos para calculo a porcentagem media das principais variedades, entre 10 %, e 36 %, seja 25 %; teremos em 40.000 kilos de mandioca, 10.000 kilos de amido ou 160 hectolitros ou 200 saccos que vendido pelo preço acima, produzirá o rendimento bruto de 4:000\$000. Ainda podemos fazer por menos, querendo attender a eventualidades, e trazer perdas variavols, e portanto façamos o calculo com o rendimento minimo de 20 %. O hectare dando no minimo 40.000 kilos, to-

remos 8,000 kilos de amido ou 128 hectolitros ou 160 saccos, que vendido pelo mesmo preço dará um resultado bruto de 3:200\$000.

Admittamos que se despenda com a cultura o preparo, etc. a quantia de 1:200\$, ainda fica um saldo de 2:000\$000.

No mercado do Rio o preço do polvilho bom, a varejo, regula de 500 rs. a 1\$000, conforme a abundancia na praça.

Convem notar que o rendimento de 40,000 kilos de mandioca por hectolitro é o calculo minimo; que só se dará em caso de má plantação, muita folha ou accidentes inesperados, pois que deve regular a colheita em 60,000 kilos (6 kilos por cada pé, que nao é despropozito algum, quando se menciona de 10,15 e mais kilos) sempre que a plantação for bem feita, de qualidade rousosa em terreno rico, sendo entao neste caso o resultado quasi duplo do que acima fallamos. E' assim que, si por exemplo fizermos o calculo mais approximado do maximo de 60,000 kilos da mandioca saracura, que dá 36 % de amido, teremos 21.600 kilos de amido ou 268 hectolitros ou 360 saccos, que á razão dos mesmos 400 rs. o kilo 300 o litro ou 24\$000 o sacco (podendo dur mais conforme o estado do mercado) dariam o resultado bruto de 8:640\$000 por hectare.

O illustrado Dr. Theodoro Peckolt, quem melhor estudou as mandioecas do Brazil sob todos os pontos de vista scientificos, verificou que a mandioca com a cultura diminua a parte fibrosa da raiz augmentando a quantidade de amylo. Assim, em experiencias feitas em Cantagallo durante annos, cuja leitura aconselhamos em sua excellente monographia, viu que a raiz lenhosa da mandioca branca do matto dou 5,193 % de amido ; com a cultura da mesma do um anno, augmentou a 10,951 % ; com a do segundo anno, 11,413 % ; com a do terceiro, 13,469 % em 100 grammas da raiz fresca, tornando-se sempre menos fibrosa.

A raiz fibrosa da mandioca do matto encorrava 46,496 % de fibras, com a cultura

do primeiro anno perdeu 27,531 de cellulose, ficando portanto com 18,672 %.

No fim do segundo anno perdeu de cellulose 4,827, ficando com 14,015 e no fim do terceiro anno perdeu da fibra lenhosa 0,996 % e ficou com 13,049.

Para verificar o augmento progressivo do amido, segundo a idade da planta do principio da cultura até um anno, fez numerosas analyses que demonstraram que 100 grammas da raiz fresca do alpin,

> 6	>	>	16,321	>	>
> 8	>	>	30,272	>	>
> 10	>	>	21,029	>	>
> 12	>	>	28,189	>	>

Na analyso da mandioca matafome encontrou em 100 grammas de raiz, cultura de 10 mezes, 18,490 de amido —o cultura de 16 mezes—21,850 de amido.

Em a monographia já citada, o Dr. Theodoro Peckolt traz 14 tabellas de analyses a que elle procedou, sendo que a mais interessante para nós é a de numero 11, que trata dos hydrocarburetos e valor nutritivo de 17 variedades de mandioca e que reproduzimos, na pagina seguinte.

A agua da mandioca, principalmente de algumas, variedades amargas, é venenosa ; todos os animaes que a bebem morrem quasi instantaneamente; costumam empregar como antidoto, sendo empregado immediatamente, em acto continuo, internamente uma solução de barro (argila) em agua, ou uma boa dose do aguardente.

A parte venenosa verificada no succo da raiz até agora, com certeza é o acido cyanhydrico, cuja existencia foi reconhecida por varios chimicos desde 1836. O Dr. Peckolt diz que este acido existe mesmo em quantidade diminuta no alpin e outras mandioecas doces.

A mandioca quanto mais rica em seiva leitosa (latex) maior é a quantidade de acido cyanhydrico que se fórma; parece existir em maior porção na casca carnosa do que na massa, sendo esta tambem leitosa.

Tabella n. 11 do Dr. Theodoro Peckolt
OS HYDROCARBURETOS EM GERAL, SEGUINDO EM VALOR NUTRITIVO

EM 100 GRAMMAS DA RAIZ FERVA	AMIDO	GLYCOG	ORGUBA	PKNTONA	MOGMA
Mandioca saracena	36,690	4,330	0,150	3,690	41,770
» aypia	28,480	2,010	0,830	2,640	31,760
» Mandypalha	26,970	2,140	0,220	2,520	31,810
» Açu	26,500	2,500	0,110	2,817	31,397
» Cambala	25,240	2,380	0,310	1,749	29,699
» Matafome	21,850	1,490	0,050	3,610	27,010
» Pury	21,381	1,689	—	2,881	25,935
» Montega	11,514	1,718	—	3,359	19,591
» Selatão	14,015	2,296	—	3,688	19,991
» Branca ou doce	13,370	1,070	0,240	1,907	19,587
» Suissa	10,571	2,211	0,162	1,218	17,455
» Morandy	10,000	2,828	0,493	3,325	16,347
» Maria molle	10,000	1,965	0,113	2,769	14,868
» Moody	7,010	4,829	0,211	3,362	15,411
» Branca do Mato	5,491	0,390	0,452	7,365	13,493
» Vermelha do matto	3,000	1,602	—	2,192	7,594
» do grêlo roxo	2,000	1,255	0,042	1,245	7,542

De todas as mandiocas doces analysadas, o aipim é o mais rico em amido e em segundo lugar a mandioca Matafome, que contém tambem bastantes substancias azoticas, porém nao tanto como a mandioca suissa.

As mandiocas vermelhas ou amargas sao geralmente mais ricas em amido e mais pobres em albumina do que as brancas, estando em primeiro lugar a mandioca saracena, que tem quasi 37 % de amido, e a peor, a mandioca de grêlo roxo, pauperrima em hydrocarburetos, apenas vestigios de amido, menos do que a raiz lenhosa da mandioca selvagem, só rica em acido cyanhidrico; nem deve ser cultivada.

« Nos terrenos das montanhas altas, serra dos Orgãos, por exemplo, sendo a planta exposta a uma temperatura baixa, diminuo consideravelmente o amido e augmentam-se as substancias gommosas, outrossim, em terrenos humidos, perde o amido e augmenta em materias gommosas e extractivas.

A agua das mandiocas doces fornece mais

septicolyptina e a das mandiocas amargas mais acido cyanhidrico e manihotina, encerrando exclusivamente uma substancia organica *sui generis* e acido manihotico. — Dr. Peckolt, loc. cit.» Diz elle tambem que na *mandioca puba* o amido e a materia fibrosa transformam-se em amido solúvel ou uma substancia semelhante á *ba sorina*, formando ainda acido succinico e lactico, que dão a esse producto um gosto pleante de queijo.

∴

Os usos da mandioca sao immensos.

A mandioca é uma planta que deve ser cultivada em muito maior escala, pelas grandes e multipas vantagens que offerece, tanto para a alimentacao humana, como sendo um recurso precioso para o gado em geral, não se esquecendo os fins industriaes.

Sendo esta a parte principal do trabalho, serer um pouco mais minucioso, começando por mencionar os diversos usos que já lhe

davam os indigenas, segundo a referenciad dos autores.

A mandioca pôde indubitavelmente festejar o seu 4^o centenário, sem ao mais, pois os Indios já faziam uso della antes da descoberta do Brazil.

Alguns tribus apenas cortavam a raiz em pedaços, seccavam ao fogo para conserval-a e della se utilizavam para ou socada. Os Guarany's e Tupinambás já ralavam e a trituravam entre pedras, exprimiam em succo, que chamavam *matopa* ou *tipity*, seccavam a massa, que era passada em uma especie de peneira, *etami*. O succo que sahia era evaporado até a consistencia do xarope, juntavam pimenta, que chamavam *Tucupim* e era o condimento predilecto delles. Faziam bolos de massa ralada e assados sobre o fogo, a que chamavam Mben (belji). Quando não deixam torrar a massa ao fogo, ficando sómente ligada e pouco consistente, chamam *Membéca*, *Poquéca*, quando a massa é temperada e embrulhada em folhas de bananaeira antes de ir ao fogo.

Carabá, quando a massa é adubada com castanhas do Maranhão ou de Sapucaia.

Cica é um bolinho pequeno de farinha muito fina, temperado e torrado.

Paba, quando a raiz é macerada em agua até que se desenvolva um cheiro desagradavel, característico, perdendo então a mandioca o principio venenoso, lava-se bem, secca-se e pulveriza-se, tornando-se um pó claro.

Tambem preparavam os indigenas uma especie de cerveja feita com a massa moastigada por indias moças e posta a fermentar em um vaso, ou potes que eram enterrados; isto liquido servia para as grandes festas. Havia de varias qualidades: o *caou-itá*, feito de mandioca branca; o *kaomy*, feito de mandioca vermelha, e o preparado com aipim e *macajira*. Os indigenas da Guyana Franceza e do Amazonas preparavam tambem varias bebidas com a mandioca: o *vicou*, *cachiry*, *Paya* e *voua-paya*—todas feitas de massa da mandioca fermentada, misturada com batata doce e mel de abelhas.

Tambem estes indigenas, bem como os das Antilhas, preparam com o succo da mandioca uma especie de condimento a que denominam *cabou*, do seguinte modo: o liquido separado do polvilho, depois de coado por um pano, é fervido lentamente, espremendo continuamente e pondo-se algumas pimentas.

Não espumando mais, é signal de que a parte venenosa separou-se; ferve-se de novo o liquido até engrossar como xarope; tira-se do fogo, deixa-se esfriar e guarda-se em vasilhas bem fechadas.

Dizem que é muito bom para temporar guizados, assados, sobretudo gallinhas, patos, etc., que tem um gosto excellento e que excita o appetite.

Nos Estados do Norte do Brazil são usados alguns preparados da mandioca, desconhecidos no sul: assim olles tem o *tacaed*, que se prepara do seguinte modo: Põe-se a tapioca desfelta em agua fria, em agua fervendo salgada, obtem-se uma gomma cozida, o *tacaed*, que é servido em cuias, cobrindo-se o taingão com uma camada de *tucupy* muito apimentado—*tucupy* é uma especie de molho feito do succo da mandioca condensado, com alho e sal de cozinha.

Arabé é a mostarda paraense; é preparada com a massa da mandioca molle espremida e depois socada com sal, alho e pimenta até ligar.

A *carimã* que se prepara com a mandioca em agua, descascada, amassada em uma gamella, espremida com a mão, socada em pilão, novamente espremida e passada em peneira fina, levada ao forno em temperatura regular, vai-se amassando e espalhando a massa com a mão e resumindo até seccar.

No sul, alguns chamam carimã a um producto assim preparado: descasca-se a mandioca e corta-se em fatias ou laminas finas, que são postas a seccar ao sol, sendo depois socadas e penelradas; dá um producto excellento para confecção de doces, bolos, etc.

Crocira é o bagaço, aparas ou raspas da mandioca que ficam nas peneiras grossas,

durante o fabrico da farinha; com ella se prepara tambem um mingão o sevo para doces diversos.

A *farinha d'agua* ou *farinha gorda*, que se faz com a mandioca deixada amolecer em um poço de agua corrente exposta ao sol durante quatro a oito dias. Estando ella bem mole, é tirada da agua, descascada, lavada, amassada, espremida e coada a massa em uma penela para ser levada ao forno a fim de ser cozida; agita-se a massa com um rodo de madeira, depois de torrada, tira-se do forno, põe-se a esfriar para ser guardada.

..

Vou tratar agora do preparo dos productos a extrahir dos tuberculos da mandioca, não seré muito minucioso; o trabalho não comporta. Farei apenas uma ligeira descripção ou antes a enumeração das diversas manipulações por que passam, sem entrar em detalhes circumstanciadas, quer relativamente a uma fabrica de farinha, descrevendo peça por peça, quer para o fabrico do amylo, como se tivesse de descrever a montagem de uma fecularia, cujosapparelhos serlam mais ou menos os usados para a preparação da fécula extrahida de outros tuberculos.

Teria então de entrar tambem no calculo das despezas com a competente montagem do estabelecimento, seu castello, pessoal, rendimento etc., etc, o que augmentaria grandemente o trabalho, muito além do desejado, e que na realidade pouco adiantaria, visto que só serviria para dar uma idéa o nunca um plano definitivo.

Os productos da mandioca mais geralmente usados são: a farinha e o amylo ou polvilho e com os quaes se confeccionam as tapiocas.

A farinha secca—de pio ou farinha de mandioca do commercio, prepara-se do seguinte modo: As raizes recentemente arrancadas são raspadas, lavadas e raladas, ou *cavadas* em uma roda dentada (cylindro dentado) ou cavadeira movida a mão, por agua ou a

vapor. Depois de raladas são cuprensadas, esprimidas em prensas, que variam de foltio, e conforme a necessidade e aperfeiçoamento da fabrica; depois de bem esprimida a massa, é passada por uma penela mais ou menos fina e lançada em um facho quente, onde será agitada continuamente em todos os sentidos, com uma colher ou pá de madeira, de sorte a não se deixar os grãos se ligarem, o isto até soccar bem ou torrar, tudo por igual. Pode-se usar de torradores mecanicos. Depois de concluida a torrefacção, tira-se do facho ou torrador, e ostendida em taboleiros até esfriar, sendo então guardada em barricas, saccas ou depositos especiais.

Nas grandes fabricas são empregados hoje machinismos mais ou menos aperfeiçoados, que muito facilitam as differentes operações; machinas para lavar e descascar, cavadeiras simples e duplas automaticas, batidores, cavadores, prensas de diversos foltios, torradores mecanicos, penelas mecanicas, etc. e que se encontram nas principaes casas de machinas agricolas nesta capital.

As machinas de descascar geralmente não produzem o effeito desejado. Não faremos descripção desses apparelhos, que alongaria muito o trabalho, nem mesmo descrever a montagem de uma fabrica, pois que isso dependecia de circumstancias variaveis.

A qualidade da farinha dependerá algum tanto da variedade da mandioca, porém, mais certamente do maior ou menor cuidado na manipulação, principalmente no cavar, imprensar e torrar. Quero crer tambem que a qualidade do terreno e talvez o clima exerçam alguma influencia, pois se assim podemos explicar a grande acoutação que tem a farinha de certos logares, como entre nos é reputada uma das melhores a farinha de Magé, principalmente a do Sunchy — Estado do Rio — tão justamente afamada.

Dentre estas apparece no mercado da Capital a fabricada por um lavrador residente em Sunchy, o Sr. Seraphim José da Barreira.

É a melhor farinha que conheço e que

geralmente uso. Tendo recebido uma porção daquella fabricante, apresentei uma amostra em sessão da Sociedade Nacional de Agricultura, e foi por todos os presentes reputada excellente, bem granulada, clara, saborosa, do gosto especial, algum tanto, longamente adocicado.

Pedindo algumas informações áquelle industrial sobre detalhes do fabrico, foi-me dito que naquella zona as variedades de mandiocas empregadas como dando maiores vantagens são por elles designadas pelos nomes de mandioca *purv namão*, *branca campista*, *Sebastiana* e *landim*.

O calculo que fazem sobre a producção é que um alqueiro de medida, 40 litros, de rama (maniva) plantada deve dar no minimo deus saccos de farinha, ás vezes muito mais.

Disse-me elle que o processo empregado no fabrico é mais ou menos o geralmente usado em fabricas pequenas; sendo, porém, as differentes operações feitas com muito capricho.

E' assim que escolho bem as raizes, só se utilisando das sãs, que não estejam danhiflocadas de qualquer modo; descasca-as perfeitamente, lavando-as bem em seguida; são cevadas e a massa resultante vai para a prensa, onde é bem exprimida, até ficar totalmente enxuta (convém reparar só a quantidade que possa ser manipulada ou torrada no mesmo dia, pois que guardada a massa para o dia seguinte pólo azedar, ficando a farinha amarga); vai depois a massa para o forno, alimentado com bastante fogo, com o fim de engrasar á porção que for seccando; tirada do forno é passada em peneira fina especial (de metal); os caroços ou bolinhos maiores que ficam na peneira são moídos ou passados por um moinho semelhante ao usado para moer café torrado; a farinha passada é novamente peneirada.

O fabricante, por falta de dados, não pôde allumar, mas achase propenso a acreditar que o sabor especial que tem o seu producto não é só devido á manipulação, mas sim em

parte ás condições especiaes do terreno ou clima daquella localidade; pois em outros logares tem sido empregado o mesmo processo do fabrico, obtendo-se farinha superior, é verdade, porém não tão clara, nem tão saborosa.

O preço pelo qual elle vende a sua farinha em primeira mão no mercado desta Capital é, ha muitos annos, de 28\$ a 30\$ o sacco de 41 kilos ou 635 a 650 réis o kilo.

O amido ou polvilho da mandioca é extrahido do mesmo modo como as demais feculas.

Depois de ralada a mandioca, é desmanchada em agua, cõa-se em puno; deixa-se depositar o amido no fundo da vasilha, lava-se bem, decanta-se e põe-se a seccar o amido sobre toalhas á sombra.

Quando se passa o polvilho ainda humido em peneiras, e faz-se seccar a fogo brando, agitando continuamente, obtem-se a *Tapioca*, que é um producto excellente, muito apreciado entre nós e tambem na Europa, principalmente em Pariz, onde é geralmente conhecida pelo nome de — *Tapioca du Brésil*.

Já em 1856 o Brazil exportava para a França 327.328 kilos de tapioca.

Apparece no mercado sob fórma mais ou menos granulada ou em *baijis-chatos* ou em fórma de cartuchos.

O Dr. Th. Peckolt que se dedicou ao estudo desta planta fez algumas preparações e recommenda experimentar as seguintes, e diz:

1.^o *Farinha dos doentes* — Preparei-a, cozinhando a mandioca lavada por meio de vapor. Depois de separada da casca fina, é socada, exposta ao ar, sobre papeis ou esteiras, para seccar levemente; então se secca em temperatura de 100°. A massa completamente secca foi moída e passada em peneira fina. Obtem-se uma farinha excellente e nutritiva, em sopa é muito saborosa, e misturada com um pouco (1/3) de cará ralado, dá um pão de gosto agradável; pôde-se tambem usar duas partes desta fa-

rinha, uma parte de cará ralado e uma parte de farinha de trigo, que dá um pão.

2.^o *Cecadilha fina de mandioca* — Limpam-se bem as raízes, cozinham-se um pouco sem deixa-las flear molles, deitam-se depois sobre peneiras para escorrer; depois de enxutas são cortadas em fatias finas, que se cobrem com uma camada fina de sal de cozinha (quatro partes de sal sobre 100 de fatias) e secca-se o producto em estufas; depois de completamente secco, soca-se e passado em peneiras de metal, para formar granulos pequenos, dos quaes se separa o pó por meio de uma peneira fina.

Esses grãos finos, com cinco partes de caldo de carne ou leite fervido durante seis minutos, fórma uma sopa nutritiva recommendavel para as crianças e convalescentes. O mesmo Doutor dá aluda o processo para o fabrico de um *sagu artificial*.

Com a mandioca simples cozida misturada á farinha de trigo se prepara tambem um pão bem agradável, sómente não muito leve.

Já Martins havia reconhecido a vantagem dessa mixtura e aconselhava o fabrico do pão de mandioca com um pouco do farello de trigo, como excellento producto.

Do mesmo modo que com os outros tuberculos, batatas, topiumber, etc., pôde-se fabricar alcool e aguardente, com a raiz da mandioca pôde-se tambem fazel-o, mas é claro que entre nós, não devenos nos occupar com isso, pois como já tive occasião de dizer, quem tem a canna do assucar tão productiva, não precisa andar se aproveitando de outras plantas para o fabrico de aguardente, salvo seja, apenas como aproveitamento de occasião, sem dispendio malor.

De toda essa exposição parece não restar a menor duvida que se deve cultivar em grande escala a mandioca, quer a doce ou a amilla que serve para as nossas mezas e para o gado, podendo para isto se utilisar tambem as folhas e hastes (manivas) que não têm perigo algum, como as variedades bravas, venenosas, cujas raízes produzem muita fu-

rinha e umido, o que tambem servem de forragem, tanto as raízes como a parte aerea, tendo apenas o especial cuidado de não ser dado em estado fresco aos animaes e sim depois de murchas dormidas, como dizem.

É certo que a raiz da mandioca brava mesmo fresca pôde ser dada nos sumos, sem causar damno, si olla vier acompanhada de barro ou terra.

Tanto para os sumos como para os outros animaes, a mandioca, em todas as suas partes é considerada boa alimentação. Assim são consideradas de grande valor nutritivo pelos sertanejos que costumam dar fortes rações de ramaes aos seus animaes, dias antes de emprenderem grandes viagens, com plena convicção de que resistirão muito mais.

Convem notar que este juizo é feito em relação ás folhas e ramaes e não ás raízes ou tuberculos, que elles aconselham não se dar em demasia, por predisponem a suar muito, tornando-se frouxos, si não houver o cuidado de ajuntar algum milho á ração de mandioca.

As cascas das raízes e os residuos que fream da fabricação da farinha são tambem aproveitados e constituem um bom alimento; os residuos, *cruciras*, seccas ao sol podem ser guardados por algum tempo, constituido uma reserva alimentar de algum valor.

As raízes, como já dissemos, deterioram-se facilmente no fim de alguns dias depois de arrancadas; querendo, porém, conserval-as por bastante tempo, sem que porcam de suas qualidades nutritivas, devem ser cortadas em rodellas, que se expõem ao sol por alguns dias, virando de vez em quando para seccarem igualmente.

Essas fatias seccas, que nas Antilhas, na Mauricia e outros lugares, chamam *cassaca*, são conservadas em depositos seccos, em armazens sem humidade.

Quando se quizer utilisal-as para os animaes basta pol-as de molho durante algumas horas em agua simples, ou molhor com um pouco de sal.

O illustre Dr. Gustavo d'Utra, em um bom

elaborado artigo no Boletim do Instituto Agronomico de S. Paulo, tratando da Mandioca como forragem, depois de mostrar a necessidade que temos de procurar boas forragens para certas épocas do anno em que ha falta de pastos naturaes, lembra a mandioca, collocando-a entre as boas razas forrageiras, e as *forragens concentradas*, naquellas em que os principios mais proveitosos á alimentação dos animaes (materias azotadas, substancias graxas, e hydratos de carbono) se acham todos associados em certas proporções. Cita a opinião de Ph. Bonano, que diz : ella é relativamente pobre de materias azotadas, mas não obstante é a forragem que pôde formar materias hydrocarbonadas pelo mais baixo preço, admittida a relação de 1:5 para o valor relativo da fecula e da materia azotada e uma taxa media na raz de 35 % de fecula e 1 de materia azotada.

Na arte culinaria, a mandioca doce ou aypim pôde ser aproveitada sob innumerables fórmulas, variando conforme os usos de cada localidade e habilidade do cozinheiro.

Apezar de muito conhecido entre nós, emmercaremos os principaes acpices em que pode ser transformado o tuberculo da mandioca.

O primitivo é mais expedito, por não depender sino do fogo, é a mandioca assada em brazas, no borrhão ou em forno, para ser comida simples ou melhor com manteiga ou melado. Despida da casca fina e grossa e depois cozida faz parte integrante do nosso prato de carne cozida. Deste modo é tambem comida com melado, cozida e depois reduzida a polpa faz uma esplendida sopa simples ou com carne de vacca ou com gallinha ; um prato de sopa assim feita, que é de facil digestão allenta um convalescente ; não conheço sopa de massa alguma que seja superior a essa de aypim. Faz se tambem um ensopado simples ou misturado com carne. Cozida inteira e depois de fria dividida em fatias transversaes (rolellas) ou melhor longitudinaes, sendo fritas em

gordura como se faz com as batatas, adquirem um sabor especialmente agradavel. É explendida a *purée* ou angó de mandioca doce ou aypim ; tambem faz-se bolos, etc. Convém lembrar que para ser assim apreciada é preciso que ella esteja enxuta, que não esteja *aguada*.

Além disso ha variedades mais saborosas, mais enxutas e macias, como sejam a mandioca-manteiga, aypim, pão do Chile.

Das productos da mandioca amarga temos a farinha, que tambem pôde ser feita com a doce, da qual existe de primeira qualidade, fina, até a grossa, ordinaria, muito fibrosa, sem gosto algum.

A farinha apparece quasi sempre em todas as mesas brasileiroas, desde a do pobre até a do rico.

Ha mesmo muitas pessoas que della fazem uso, desde um dos primeiros pratos, o do feijão, até o ultimo, o doce ou melado ; é o substituto do pão.

A farinha mexida com agua quente, sal, gordura ou manteiga ao fogo, produz a *farofa*, tão apreciada com a carne socca — do vento ou a do sol, assada. Todos conhecem o *pirão* de farinha, companheiro inseparavel do prato de carne cozida e das *maquiças* do peixe. Tambem faz-se beijos.

Alé na therapeutica a farinha presta seus valiosos serviços ; com ella fez se cataplasmas emollientes e a muito conhecida cataplasma americana.

O outro producto principal da mandioca é o *polvilho* ou *amilo*, que tem grandes applicações : com elle faz-se doces, mingãos, biscollas, etc., passando muitas vezes como de araruta ; o polvilho de mandioca pura ou *caymã* dá doces muito justamente apreciados.

Com o polvilho faz se geralmente a gomma que as engommadeiras empregam para enlurecer a roupa. A gomma tambem serve para collar papeis, etc.

A *tapioca* é ainda producto mais delicado ; apresenta-se no mercado sob a fórma granulada ou de beijos chatos ou em feltro de car-

tuchos; estes podem ser comidos simples; mas qualquer das fórmulas, a tapioca posta em felle bom quente e adoçada convenientemente transforma-se em uma especie de mingão instantaneo, de gosto excellente.

O mingão de mandioca simples ou com ovos é uma boa morenda, uma sobremesa muito apreciada; é alimento bom, leve de facil digestão, e especial para convalescentes.

Elas os principais usos da mandioca e dos seus productos; fui talvez demasiado extenso em seu estado e de seus preparados, mas ainda não tanto quanto acho que ella merece, pois ella é o pão tropical, é a riqueza, a fartura do pobre e o regalo do rico, é o paiol do fazendeiro, do lavrador grande e do pequeno, do creador em geral e especialmente dos que engrordam suínos; na pequena lavoura, proxima aos grandes mercados a mandioca doce ou ayupim dá grande resultado vendida para consumo.

Devido á facilidade e rapidez admiráveis com que se faz a sua multiplicação e em qualquer terreno, a presteza de sua vegetação, a raridade ou mesmo quasi ausencia de molestias que a damnifiquem de modo notavel, de cultura ao alcance de todos, de produção enorme, sem necessidade de ser arrencada em epoca fixa, dando tantos productos apreciaveis, para homens e animaes, de modo a ser aproveitada toda a planta, é muito natural que a batata ingleza nao possa competir com ella e portanto nao tenha tido tão grande incremento entre nós como em outros palzes; sendo a mandioca, repito, a mais preciosa das raizes tuberosas, e que produz a maior quantidade de amido do que outra qualquer planta na mesma extensão de terreno e com muito menos despeza.

Por isso acho que cumpri o meu dever dando larga importancia a quem innegavelmente a merece. Ainda assim lastimo não ter podido entrar na descripção dosapparelhos e mesmo da maquina fabrica da produ-

ção da mandioca, o que demandaria muito maior extensão no trabalho, o que não nos era permitido, segundo aviso da commissão e por isso dou por terminado o trabalho, ficando satisfeito si com a sua leitura algum interessado possa aproveitar alguma coisa.

PARECER

A monographia sobre cultura dos tuberculos é uma collecta de minuciosas informações sobre todos os tuberculos presentemente cultivados no palz e outros muitos enjo cultivado convem para o desenvolvimento da nossa produção.

É um trabalho criteriosamente organizado, methodico, claro e que renha as indicações esparsas em varios trabalhos tanto nacionaes como estrangeiros e acrescenta ás observações dos diversos autores, no palz como em outras regiões tropicaes, as observações feitas pelo autor em sua longa pratica e ininterrupta dedicacão pelos interesses agricolas.

Nessas condições, consideramos a monographia do Dr. Felipe Aristides Castro um trabalho precioso para a vulgarisação de conhecimentos sobre culturas que interessam umas á grande produção, como é a mandioca e a batata ingleza, e outras á pequena lavoura e a varias industrias ruraes.

Assim, a commissão encarregada pelo Congresso de Agricultura de dar parecer sobre a referida memoria, entende que ella deve ser publicada e largamente distribuida pelos agricultores brazileiros.

Capital Federal, 26 de setembro de 1901.

Francisco Maria Sodre Pereira, presidente.
— *Dr. Wenceslao A. L. de Oliveira Bello*, secretario.— *Eduardo Augusto de Caldas Brito*.
— *Joaquim Pessoa Guerra*. — *E. Jacy Monteiro Junior*.

MONOGRAPHIA — Melhoramentos dos terrenos
de cultura

G. MOURA

INTRODUÇÃO

A Illustrada Commissão eleita dentre os membros da «Sociedade Nacional de Agricultura» para promover a organização do um «Congresso de Agricultrice e Industrias Ruraes», cuja reunião solemne deverá realisar-se em 14 de julho de 1906, quarto centenário do descobrimento do Brazil, acaba de distinguir-me com o honroso convite, constante de sua offleto n. 854, de 2 de dezembro de 1899, incumbindo-me da redacção de um dos promptuarios de propaganda agricola, destinados a serem submettidos á alta consideração daquelle Congresso e distribuidos — n'aquella memoravel data.

Sorprehendido por tão inesperada distincção entendi que não podia nem devia recusar-lhe a minha modesta cooperação, qualquer que fosse o serviço exigido; e, como o soldado que se move ao impulso do patriotismo e á voz do commando, acendi pressuroso ao hesitante appello, sem medir difficuldades, e sei que me entibiasse o animo a desproporção entre o annuncio do meu cabedal scientifico e a magalitude do empreendimento.

Foi-me designada por aquella digna Commissão these correspondente á 1.^a Secção do programma geral dos estudos propostos, cabendo-me a ardua tarefa de resumir, dentro de limites previamente traçados — a monographia dos melhoramentos dos terrenos de cultura, devendo tal estudo pôr em accelluado relevo o valor economico dos instrumentos mecanicos para tal fim empregados.

Não entrarei na explanação do assumpto tão complexo quanto attrahente e accessivel á comprehensão dos que lidam na lavoura, sem fazer antes, embora de relance, ligeiro retrospecto sobre o passado da nossa lavoura, confrontando-o com o estado, em que ainda infelizmente, se acha essa principal indus-

tria do paiz, ao alvorecer do seculo que desponta.

Ha um facto que domina a todos, quando se ladaga a causa de nosso atraso agricola, e esse facto é a falta absoluta de ensino profissional. A perpetuidade da monocultura e da lavoura estorpiada, que tem retardado, pelo menos de um seculo, os nossos progressos agricolas, só por si basta para justificar este conceito.

Todas as fbras da nossa constituição social acham-se, mais ou menos, enlaçadas com a producção dos campos; todos comprazem-se em considerar-nos como um povo *essencialmente agricola*, e, entretanto, é a agricultura a sciencia e arte que menos estudamos, o a que menos dedicamos a nossa actividade intellectual. Entendemos de tudo; discorremos sobre historia, politica, litteratura, jurisprudencia, medicina, engenharia, com uma cópia de dados e de saber, que captivaram a attenção do sabio Agassiz em sua excursão pelo Brazil. Perguntai, porém, aos que agricultam esterilizando os terrenos, o que sabem acerca dos phenomenos meteorologicos e terrestres em sua relação com a vida das plantas, e verifeis o quinhão de culpa, que cabe aos organizadores do ensino publico em nosso paiz, onde, para a maioria dos lavradores, a agricultura encerra-se ainda, como outr'ora, nesta fórmula singela — *a terra e o braço*.

Eis porque, quando confrontamos a nossa lavoura com as de povos menos favorecidos pela natureza, envergonhamo-nos de nossa inferioridade, convencidos, como ficamos, de que, se alguma coisa colhemos, é porque aprouve ao céu dotar o nosso paiz com a humidade e o calor necessarios á vegetação.

••

Os processos de lavoura, predominantes no paiz desde os tempos de seu descobrimento no seculo XVI, não se modificaram no ultimo quartel do seculo XIX, nem pelos progressos da agronomia, nem pela abolição do elemento servil e nem pela concen-

rencia universal, que suplantou os monopólios da agricultura intertropical; constituindo aquelles processos ainda hoje o mesmo systema de cultura extensiva, que excepcionaes condições de um paiz novo impuzeram outr'ora aos nos os antepassados.

Seas circumstancias economicas e agricolas do paiz fossem hoje, como entao, determinadas pela barateza da terra e da mão de obra; si aquello modo de exploração do solo se justifica se hoje, como entao, pelo relativo atraso das sciencias e por produções agricolas, de que em nossos dias só nos pôdem dar uma idéa as industrias extractivas amazonicas, sem competidoras nos mercados europeus; comprehender-se-ia até certo ponto o paradoxo dos que pretendem—ser aquelle o unico systema fructuoso de exploração agricola no Brazil.

Ora o que vemos é que as condições em que actualmente se effectua entre nós o trabalho rural, são outras e muy diversas do que foram em remotas eras, o que a lavoura extensiva, em presença da evolução scientifica do seculo que findou, e pelo progressivo desappréciamento das causas que a mantiveram, não tem na actualidade as mesmas justificativas que já teve.

Bem longe vão os tempos em que duas forças brutas—a terra virgem e o braço escravo—bastavam para a fundação de lavouras productivas, embora dessa produção ephemera, que, enriquecendo os proprietarios de fertéis latifundios, empobrecia os herdeiros de taes propriedades, desvalorizadas pelo mesmo systema vampiro de produção, não podendo, portanto, contribuir para a accumulção das riquezas pela anomalia desse regimen economico.

O capital e a sciencia, factores do progresso e da riqueza agricola, não actuavam, então, para o restabelecimento das actividades perdidas do terrenos, que a espontaneidade e abundancia das colheitas deixavam por toda parte sãbaros e exhaustos.

E nem os nossos maiores coizitaram já mais do melhora—os, deante de virtutes taes,

como as que lhes deparava a infinita posse do solo, de largada em camaria, adquiridas hereditariamente, ou por concessões régias gratuitas, e serviços não remunerados de servos africanos, empregados aos milhares no desbravamento das florestas; circumstancias especialissimas, que permitiram aos primeiros exploradores desta esplendorosa reção da America, conquistadas ao desconhecido pela intrepidez de Cabral, surpreender a velha Europa com produções sem rivales, nunca d'antes exploradas, com tanta facilidade e nem em tao extensa escala.

Poderemos nós, os agricultores brasileiros da actualidade, colher hoje das mesmas terras, pelo mesmo systema, a mesma abundancia de productos?

Ninguem, por certo, o affirmará; pois sabem todos que agricultar extensivamente terras depauperadas, e á custa de elevados salarios, é, muitas vezes, perder trabalho e tempo; sendo esse o emprego mais anti-economico que se pôde fazer do capital, hoje que a produção não constitui mais um monopólio ou não se baseia, como outr'ora, na liberdade nativa do terras virgens e na excepcional, hoje impossivel, economia da mão de obra gratuita.

Em compensação, porém, temos agora a nosso favor—os ensinamentos de uma longa experiencia á par dos mais adelantados conhecimentos technicos da arte agricola. As sciencias que, por seu atraso, pouco influíram entao sobre os destinos das lavouras tropicales, progrediram depois de um modo assombroso, desvendando aos homens de todas as profissões os mais reconditos segredos da natureza; e assim é que, por suas successivas conquistas e modernas applicções á agricultura, corrigiram muitas praticas viciosas, deram á economia rural bases mais solidas e combateram victoriosamente erros inveterados, oriundos de crengas decrepitas e radicadas entre os lavradores por tradições seculares; creando, finalmente, a agronomia, sciencia que emancipou, racional-

liron, engrandecem e nobilitam todas as indústrias agrícolas contemporâneas.

Os monopólios agrícolas, que tanto favoreceram os nossos avós, embora perdurassem ainda algum tempo para nós, enquanto explorávamos, com despozas, relativamente poucas, as favours da canna de a sugar, do café e outras, desapareceram, como por encanto, sob o influxo da concorrência estrangeira. Esta, por sua superioridade, quer se trate da industria agrícola, quer da pastoril, já nos ha prejudicando do sobra para que, arrependidos de nossa improvidencia, nos apparelhemos de modo a poder apparelhar os golpes e oppor-lhe resistencias, servindo nos dos mesmos artificios e armens, que constituem o segredo e a forca dos laureados nos grandes certâmens industriais.

Relanceando a vista sobre o passado, sobre o decadente presente da nossa industria rural, disse, com muita verdade, o illustre contemporaneo Dr. Carlos Travassos, em luminosa conferencia realizada perante a « Sociedade Nacional de Agricultura » — : « desta patria, que nos é tão cara, nada ha feito, e tudo está por fazer. A Serra Balxa, no seculo passado, em tempo ainda colonial, iniciou o movimento agrícola com a cultura da canna; o valle do Paratyba no seculo que se vai, fundou a riqueza do paiz com a cultura do café; e o seculo, que se approxima, vai encontrá-lo na maior miseria. Riqueza que deva se perpetuar, se não dominasse entre nós a mais supina ignorancia dos princípios mais comensinhos da agronomia; e si a introdução do braço escravo não fosse naquelle tempo um facto julgado dentro das leis naturaes e abençoado por todas as religiões. »

Estamos em uma epocha em que convem flemar se de vez a producção rural — vegetal e animal — sobre as bases estaveis de uma agricultura intelligente e previsorâ, e não em eventualidades de circumstancias economicas, que pôdem mudar de um momento para outro.

Já a experiencia demonstrou-nos que inseguros são os monopólios da monocultura,

que, dominante em nossos campos desde os tempos coloniaes, sente-se hoje atalada em seus fundamentos.

Admittida a doutrina de livre concorrência, outro deve ser o nosso modo de agir no campo aberto ás luctas do progresso agrícola. Devoremos, não sómente aperfeicoar a producção de generos, que têm similares em outros paizes, senão tambem desenvolver, quanto possível, a polycultura, allm de collocar a nossa producção no abrigo das crises agrícolas e da concorrência estrangeira.

É tempo, pois, de, inspirando-nos no exemplo de algumas das republicas americanas e no esplendor do nosso proprio clima, reaproveitarmos maiores vantagens, acompanhando *pari passo* a evolução agrícola moderna.

É tempo, enfim, de occuparmos, entre os paizes productores do mundo, a posição proeminente, a que nos dá incontestavel direito as nossas riquezas naturaes, allm de podermos enfrentar desassombadamente a livre concorrência, qualquer que seja o do onde quer que venha.

Não devemos esquecer que a America Central, a Asia, a Africa e Oceania possuem zonas tão privilegiadas para a cultura do café, como as melhores do Brazil; accrescendo que o cultivo da preciosa rubinea tem recebido em varios paizes notaveis melhoramentos, principalmente nas Indias neerlandezas (possessões holandezas da Oceania) e nas Indias orientaes inglezas. Em sua bella obra : *O Brasil e Java* allude o escriptor hâavo Van Helden Laérne, a este facto, dizendo — que as provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, no obstante possuirem terras de extraordinaria fertilidade e vegetação de incante favel explorar, não apresentam, como Java e todo o Archipelago indico, aquella diversidade de culturas, aquella ampla successão de planicies e colinas, valorizadas por producções diferentes e dentro as quaes sobressa a do café; e isto em todas as 35,000 povoações javanozas.

Não menos exposta a crises se no affirma

a lavoura da canna, cuja produçãõ tem concorrentes, quer nos paizes do cultura shullar, quer na Europa, onde o cultivo da beterraba (*beta vulgaris*), aperfeiçoando-se além de todas as previsões, tende a exceder os limites da industria saccharina continental.

A época é de expansãõ colonial, e de livre permuta, e, portanto, de lucta para as indus-trias. A Inglaterra alarga, á custa de lu-gentos sacrificios, e em beneficio de sua agricultura, as raças já bastante dilatadas de seus domínios coloniaes. A Russia converte o seu vasto helicioso em actividade agricola, multiplicando em seu vasto terri-torio a lavoura da beterraba, menos rendosa e facil que a da canna, porém, mais apro-veitada. A França impulsiona uma e outra na Europa e em suas colonias da Africa e America, ao mesmo tempo que promove, por meio de esplendidas installações de usinas centraes, os melhoramentos de produçãõ saccharina indigena. A Asia, que sempre primou nos mercados pelo renome do café de Moka, mais afamado, do que superior ao nosso, cultiva tambem em grande escala a canna e o sorgo a-sucarado. E não é duvidoso que as sciencias, fadadas maravilhosas de nossos dias, consigam ainda desco-brir novas plantas saccharinas, succulancas ou auxiliares das que são actualmente ex-ploradas.

Não comprehendem-se ainda, no Brazil, que a grande lavoura pó-la conservar-se grande mosma depois de parcellada; e que desorgani-zada, como se achava em sua primitiva in-tegridade, nenhum attractivo offerecerá á immigraçãõ transatlantica, e quanto não abandonar o systema extensivo e o regimen dos salarios, e não se dispuzer a por em practica os unicos meios capazes de fixar ao solo o colono, isto é — a permanencia do trabalho pela intensividade da cultura e o interesse directo do colono na co-participaçãõ dos lucros da empresa agricola, pela divi-são da propriedade cultivada, em condições vanta-josas para ambas as partes contractantes;

transformadas desde entãõ as sédes das fazendas em fábricas centraes para beneficiamento das matérias primas produzidas pelos socios agricultores; e estes obrigados a não empregarem na exploraçãõ das terras outro systema de lavoura a não ser o *intensivo*. E' o princípio da associaçãõ do *capital e do tra-balho*, correndo as despezas dos grandes melhoramentos por conta dos proprietarios dos latifundios parcellados, e as despezas da produçãõ por conta dos socios lavradores.

E', sem duvida, este processo de exploraçãõ que torna na Inglaterra menos odiosa aos olhos dos socialistas e proletarios a grande propriedade, ainda hoje feudallizada entre as mãos de um pequeno numero de milliona-rios. Alli sabem que o solo, segundo as leis naturaes, pertence á humanidade, que o ha-bilita; mas, não se insurgem contra as leis do paiz, que garantem a posse de grandes ex-tensas territoriaes a proprietarios, que os fazem valer com grande proveito para si e para seus socios, preceiros ou arrendata-rios.

Por mais que se estigmatizem os erros de nossos antepassados, a historia ha de sempre invocar em favor delles circumstancias at-temnantes. O que fizeram teve a sua razão de ser.

A abundancia e a facilidade da terra e do braço e mais que tudo — a crenga de que a produçãõ de certos generos seria para sem-pre o monopolio exclusivo dos paizes tropi-caes, porque entãõ só a Arabia produzia o café e eram ainda desconhecidos muitos productos da cultura indigena americana, como o assucar de canna, que não teve um succelaneo na beterraba, senão em época muito moderna — aquellas circumstancias, dizemos, foram parte para que os nossos maiores não se preoccupassem. Pretender que elles exponlancamente se desprendessem das vantagens e facilidades caracteristicas do meio e da época, em que viveram, para prepararem melhor herança aos seus succes-sores, seria existir um impossivel da natu-reza humana.

O que, porém, a historia não registraria, senão como uma falta summamente grave, ou erro e carecer de prompta reparação é— que permittissemos ainda por muito tempo na pratica do nro systema de trabalho rural enjos defeitos e inconvenientes nunca se fizeram sentir tanto, quanto hoje. As condições do nosso meio economico e agrícola, tem variado, impondo-nos imperiosamente profundas modificações nos methodos de trabalho, sob pena de contribuirmos, si as não fizermos, para que os interesses materiaes e moraes de nossa patria, fiquem expostos ás eventualidades e peripecias de oscillações economicas e commerciaes.

É que outro systema de agricultura podemos nós adoptar que satisfaga a todas as necessidades do presente e do porvir, senão o da lavoura intensiva com todo o seu cortejo de melhoramentos &c. É ella que augmenta e assegura a produção dos campos; deposita nelles germens duradouros da riqueza e prosperidade; incorpora ás terras capitaes que se reproduzem ao infinito, sob a fórma de valores permutaveis; e fomenta e fixa ao sólo nma população útil, laboriosa e morigerada, nunca capaz de formar a grandeza de nma nação, e dar á industria agrícola nma estabilidade, que a torne independente das variações dos mercados.

É certo que os braços escasseiam entre nós; que a colonisação, tal como a temos, longe de melhorar as condições technicas do trabalho rural, apenas tem servido para perpetuar em nossas fazendas as mesmas praticas obsoletas e empiricas dos tempos idos. Mas, o que mais nos falta, não são os braços, e sim reformas; não novas descobertas de florestas, senão unicamente melhor utilização dos terrenos cultivados, não augmento de exportação com baixa de lucros; mas, antes de tudo diminuição do custo da produção; e tudo isto teremos: braços, policultura, melhoramentos do sólo, elevação do producto bruto e de liquido— quando fundarmos nma agricultura variada, fácil, livre de vicissitudes, accomodada ao

nosso taço economico, e digna de nro século do progresso e civilização.

Estas considerações nos concitun a melhorar o patrimonio agrícola que nos legaram; e desde que este é constituído por propriedades vastissimas, mas sem valores capitalizados no sólo, teremos forçosamente de enveredar pela senda larga da lavoura scientifica, começando por aproveitar-nos do engenho e mecanismo das instituições de credito agrícola, para reerguermos a lavoura nacional, e repararmos por completo as imprudencias de nossos antecessores.

Com capitaes mutuados a longo prazo e juro modico, pôde a lavoura supprir-se em grande parte dos braços que lhe faltam, e augmentar a accção dos poucos que lhe restam, creando forças auxiliares. Com o auxilio da mecanica agrícola, com fertilisantes, alternação de culturas, e outros recursos da lavoura intensiva, emprega-se pouca terra para obterem-se grandes colheitas.

As pequenas áreas de terreno pedem poucos braços; e quando poucos braços produzem muito, todos os braços procuram esse trabalho remunerativo, e, por consequencia, abundam.

É fóra de duvida que a cultura intensiva, nma vez adoptada no paiz, bastará só por si para attrahir definitivamente nma corrente espontanea de immigração, que os nossos governos, empregando artificios tão prigosos quanto impotentes, nunca conseguiram estabelecer, apesar dos enormes sacrificios, impostos aos cofres nacionaes.

Exportando com as snas colheitas toda a riqueza de elementos fertilisantes, accumulada durante seculos em seu sólo virgem, riqueza que os aulores computam em toneladas de *azoto*, *acido phosphorico* e *potassa*, com relação ás regiões do globo, onde predominam a agricultura vauquira e depauperante, como na America, Australia e Indias, sem metter em conta o continente africano, —o Brazil esterilison a fecundidade de todas as terras situadas em torno de seus grandes centros de população.

Hoje, para modificarmos aquellas practicas seculares, e entrarmos no regimen da *lei agronomica da restituição*, forço o seré impormos, por meio de demonstrações practicas, o conhecimento daquella lei fecunda, que monospesada outr'ora, firmou-se em dados positivos e palpaveis, depois dos trabalhos de Lavoisier, Saussure, Liebig, e Boussingault, produzindo verdadeira evolução na agricultura moderna.

Ha, sem duvida, difficuldades, que parecem, á primeira vista, insuperaveis aos que se propõem introduzir melhoramentos agricolas no Brazil.

Como primeiro espantallo aponta-se a presença de selvas seculares e troncos de vegetação colossal, que parecem desafiar a audacia do agricultor e mais, de que em outra parte, na região amazonica, onde, na phrase pittoresca de um colono hespanhol, « cada arvore é uma cathedral fallada no granito ».

Aqui são as zonas montanhosas, onde floresce o café, que se afiguram inacessiveis á acção fertilisadora dos instrumentos agricolas. Alli é o flagello da secca que inutilisa periodicamente todo o esforço humano. Além são as industrias extractivas, que, por suas facilidades e excessivos proventos, seduzem as populações ruraes, e as convidam a internarem-se pelas brehas, em prejuizos dos fecundos e civilisadores trabalhos da agricultura.

Estas circumstancias, porém, não detiveram jámais o passo á industria rural européa que, em seu evoluir através dos seculos, teve de adaptar seus meios de accção ás condições das áreas geographicas e suas variadissimas culturas.

Tambem o velho mundo teve florestas vigens, como ainda tem regiões montanhosas e climas flagellados por inundações e rigorosos estios.

Tambem alli as industrias manufactoras, offerecendo seductoras vantagens a os que fidam na gléba, os attraheo aos grandes centros industriais das cidades, despovoando os campos.

Entretanto, todas as boas practicas agricolas implantaram-se alli, e aperfeçoaram-se umas após outras, novos generos de cultura foram introduzidos; um material agricola, cada vez mais apropriado aos flus da industria, foi a pouco a pouco, estabelecido, á medida que a clinica agricola e a mecanica se desenvolviam, e o conhecimento das leis fundamentais de agricultura se generalisava.

A fertilisação da sólo por meio de dejectões animaes foi praticada desde tempos immemoraveis; as estrumagens variaram depois em sua composição, conforme os climas, a natureza das terras e das plantas enllavadas; pois desde os tempos de Palladius e de Columella já se accumulavam em estrumeras detritos organicos, animaes e vegetaes, de toda sorte; eram conhecidos os effectos dos correctivos ou adubos applicados aos terrenos; sendo mais tarde preconizados os *estrumes verdes*, e, enfim, os *estrumes chimicos*, que constituem uma das mais bellas conquistas da sciencia.

Si os fertilisantes chimicos mineraes não vieram substituir por completo o estrumo humifero de natureza animal e vegetal, tornaram-se, todavia, poderoso auxiliar delle, e permitiram ao agricultor experiente graduar á vontade a fertilidade das terras, de conformidade com as exigencias das plantas.

Outra conquista nao menos notavel da agromonia moderna, foi reivindicar para a industria pastoral a parte que lhe cabe na agricultura, como ramo proeminente da economia rural.

O animal já não é mais nos tempos modernos um méro productor de estrumes, ou um *mal necessario* para o agricultor, como pensava Mathieu de Donbastie, mas um instrumento vivo de producção, e fonte de renda tao importante, como a propria lavoura.

Sem podermos abstrahir da industria pastoral attentas as affluencias que a prendem á industria agricola, diremos que a *chimica*, a *meconica* e a *zootecnia*, da mãos

dadas, tem centuplicando as forças da agricultura ; e, esta, não sendo mais tributaria da *poussée* ou *alqueive*, e nem da roça ou tr'ora inflexivel dos atalhamentos ou rotações de culturas, transformou a terra aravel em perfeito apparelho—*physiologico-mecanico* de produção, regulado, não somente por leis naturaes, mas ainda pela intelligencia do lavrador.

Nós temos, portanto, sobre os povos, cuja civilisação procedeu do muito a nós, a grande vantagem de acharmos tudo estudado e experimentado, e praticamente resolvidos os mais dificeis problemas ; não nos cabendo, ao menos quanto á agricultura, senão o trabalho de applicarmos ás necessidades de nossa lavoura tudo quanto de mais exacto e engenhoso, pôde ser apontado pela sciencia ou pelo arte.

No momento actual, não ha senão duas soluções possíveis para as lidas, em que se empenham as lavouras dos diversos paizes do mundo civilizado, e nem é dificeil vaticinal-o ; a derrota será inevitavel para aquellas que se conservarem estacionarias e refractarias ás novas lidas ; enquanto que marcharão triumphantes na vanguarda do progresso, dotando os mercados, as que, mais providentes e ciosas de seus interesses, adoptarem o systema intensivo de cultura, cujos processos, comprovados desle muito tempo pela sciencia, com a precisão das balanças dos laboratorios, e a evidencia de resultados colhidos na grande e na pequena lavoura, não são mais hoje em dia objecto de incertezas e duvidas, senão meios infalivis de prosperidade agricola.

Nesse presuppsto, a nossa principal preoccupação, deve ser o desenvolvimento da instrução agricola no paiz.

A propria instrução já é em si mesma um melhoramento moral ; e, como tal, ella deve preceder e facilitar a adopção dos melhoramentos materiaes.

Estes, com relação á agricultura, hão de sempre depender da instrução das classes agricolas, da somma de conhecimentos,

mais ou menos complexos e variados, que possua o lavrador.

Aos governos da União e dos Estados cabe a alta missão de dotar a Republica, não somente com instituições de credito agricola, mas ainda de ensino profissional. E' pela sciencia e pelo capital que se ha de dobellar a roça, e produzir nos domínios da agricultura nacional, a benefica revolução scientifica que almejamos.

PRIMEIRA PARTE

SUMMARY: As plantas, a atmosphera e o solo. Elementos da materia organica. Principios mineraes dos terrenos. Composição e funcções do solo aravel

Tendo de deslhostrar nos olhos do lavrador a successão de trabalhos attinentes aos melhoramentos dos terrenos de cultura, julgamos conveniente consubstanciar, em algumas paginas, noções scientificas, que facilitem a comprehensão dos processos estudados e descriptos.

Sem uma luz que oriente e vicinilho os litorais estranhos á materia elles se perderiam nos meandros da galeria, que terão de percorrer, se quizerem inteirar-se da parte especialmente relativa ás modificações physicas, chimicas e mechanicas, de que são susceptivels os terrenos araveis.

Não ha noções, por mais elementares, que não mereçam ser consideradas, quando se trata de pôr em evidencia os fundamentos theoreticos da praticas aconselhadas a pessoas alheias á sciencia.

Quantas faltas commetto hoje o lavrador que não commetteria se melhor conhecesse as necessidades das terras e das plantas ?

De quantos eruditos se learia as suas planificações, e com que esmero cultivaria os terrenos, si mais adiantado conhecimento tivesse das noções fundamentaes da economia ?

Quem é que, por exemplo, conhecendo o phenomeno da vida aérea e subterranea dos vegetaes, tolera que não se criem os des-

pojem as plantas eitas de seus orgaos folia-
ceos, ou esporadicam, como funeis, sub-
stancias fertilisadoras dos terrenos ?

Achando-se as plantas em relação com a
atmosfera por suas folhas, e com o solo
por suas raizes, e sendo uma necessidade
indeclinavel para o agricultor conhecer a
evolução da vida vegetal, sob o duplo ponto
de vista do ar atmosferico e do solo, nada
pareceu-nos mais racional, do que começar
o nosso trabalho por estes conhecimentos
fundamentais, expostos sob forma de rudimen-
tos.

•••

Favorecer as funcções vitaes das plantas,
por meio de um conjunto de operações, ten-
dentes a melhorar as condições do solo
arável, além de obter delle melhores e mais
abundantes productos, — tal é, em resumida
synthese, o processo e o escopo da agricul-
tura scientifica.

Juste enunciado evidencia-se que o agricul-
tor, para comprehender os phenomenos
da vegetação, deve conhecer, ao menos sim-
ultaneamente, a natureza intima das plantas
e as influencias que sobre ellas o solo ex-
erce e a atmosfera; queremos dizer que elle
ha de ter noções da estrutura anatomica e
das funcções physiologicas dos vegetaes; da
acção meteorica do calor, da luz, da electri-
cidade, do ar e da agua; e, finalmente, da
composição e das funcções do solo, bem como
das reacções chimicas que se operam em
seu seo entre os fluidos gazoos do ar e os
elementos organicos e mineraes, preexis-
tentes na terra, ou nella introduzidos pelos
estrumes.

O estudo dos terrenos de cultura deve me-
recer-lhe particular attenção, porque o solo
desempenha a funcção de principal labora-
torio da producção agricola; é elle que
serve de sustentaculo aos vegetaes, é o seu
seo que germinam as sementes, e nelle
que as plantas hauriem a maior parte dos
materiaes nutritivos, que as fazem crescer
e fructificar; é elle, enfim, que, mais acces-
sivel á acção do homem, do que a atmo-

sphera, presta-se, por sua tangibilidade e
maleabilidade, a ser modificado, transfor-
mado, melhorado e adaptado pelo agricul-
tor ás exigencias das culturas.

•••

Póde-se facilmente conhecer em uma
planta — a parte de elementos nutritivos
que absorvem suas folhas na atmosphira,
como aquella que suas raizes sugam nas ca-
madras vegetaes da terra. Basta inclinar-a
para obter-se de um lado — *gazes*, que vol-
tam á atmosphira de onde provieram; e do outro — *cinzas*, ou elementos mineraes
do solo.

A parte combustivel da planta contém :
carbono, hydrogeno, oxygeno e azoto; estes
elementos, remidos e agrupados por diver-
sos modos, formam o que se chama *materia
organica*. A parte incombustivel ou terrosa,
encerra os seguintes principios mineraes :
*acido phosphorico, acido sulphurico, chloro,
acido silicico, ou sílica, potassa, soda, cal, ma-
gnesia, ferro e manguez*. Além destes ele-
mentos encontram-se ainda nas terras —
vestigios de *oxydo de lithium, de rubidium,
de caesium*, e, algumas vezes, de *zinco, cobre,
bromo, iodo e fluor*.

•••

Os antigos agromomos consideravam o
humus, como a fonte essencia da fertilidade
do solo, e mesmo como o unico elemento
util da terra. Thier e Lombard professava-
vam que o *humus* constitua o alimento ex-
clusivo das plantas e elemento indispensavel
de seu desenvolvimento. Esta foi a
ainda é a opiniao dos agricultores encaucei-
cidos na pratica da lavoura intensiva.

Mas, de todos os materiaes constitutivos do
solo arável é o humus aquelle, cuja funcção
tem sido mais discutida. Ha controvérsias
entre physiologistas e chimicos quanto á
maneira como elle intervém na alimentação
dos vegetaes. As opinões se dividem em
dois campos diametralmente oppostos.

Para uns, a cuja frente se acha Saussure,
o humus é um reservatorio de substancias

nutritivas; as matérias orgânicas que elle contém, e principalmente os *almatos* ou *humatos alcalinos*, são absorvidos directamente pelas raizes das plantas, e tornam-se por sua assimilação, um poderoso auxiliar da nutrição que ellas recebem do ar e da agua. O *humus* é, pois, para estes, como para os antigos agrónomos, um alimento directo.

Para outros, e entre estes o famoso químico allemão Justus de Liebig, o *humus* não é absorvido, e, portanto, não pôde servir directamente do alimento ás plantas. E' função do *humus*, segundo a doutrina deste químico, fornecer, por sua continuação decomposição, gaz acido carbonico, que as raizes absorvem á medida que elle se forma, e concorra para a nutrição vegetal de concerta com o acido carbonico que as folhas haurrem na atmosphera.

Esta doutrina, que reduz a boa pouca coisa a influencia do *humus*, não foi geralmente aceita, sendo difficil admittir-se que um corpo tão facilmente solúvel nos alcalis, não seja absorvido, como o são todas as dissoluções e não concorra do modo directo para a nutrição das plantas.

Mulder combateu a opinião de Liebig e declarou que os diferentes acidos pretos do *humus* são absorvidos sob a forma de gases pelas raizes das plantas; que estes são se metamorphoseam em tecidos vivos para formar os elementos dos órgãos vegetaes; e deste modo contribuem essencialmente, como alimentos directos das plantas.

Soubeiran confirmou a opinião de Mulder, provando, por meio de interessantes experiencias, que o *humus* é absorvido directamente em estado de *humato de ammoniaco*, Braconnot e Sprongel, considerando o *humus* como intermediario entre as plantas e os elementos mineraes do sólo, não negam a sua directa intervenção como elemento de nutrição das plantas.

Liebig contestou a idéa de que o *humus* possa ser absorvido em estado de *humato de cal*, mas não negou que o seja sob a forma

de *humato de ammoniaco*, conforme provou Soubeiran.

O que, porém, Liebig e seus partidarios não conseguiram jamais destruir foi o facto vulgarmente conhecido—que em uma terra sem *humus* a vegetação é sempre fraca e pouco productiva.

« Ha, com effeito, dizem Gerardin e Du Breuil, acido carbonico fornecido ás raizes pelo *humus*, mas não é o *humus* propriamente dito que o produz, porque elle é quasi insensivel á acção do ar. E' o fúhoso que, por sua transformação em detrito carbonado e depois em *humus*, dá lugar a esta produção. »

A analyse revelou a Malaguti que sobre dois litros de *umato de ammoniaco*, empregados em rega de plantas submettidas a experiencias, duas grammas e meia de *acido úlbico* haviam desaparecido, passando para o organismo das plantas. Não pôde haver duvida sobre este resultado e aquelle a que chegou Soubeiran. A materia solúvel (*umato* ou *humato*) penetra na planta, e realisa para ella as condições de uma boa alimentação.

De quanto precede deprehende-se que o *humus* age directamente como alimento, uma vez que se converte em *umato* ou *humato de ammoniaco*. Demais é elle uma fonte inesgotavel de acido carbonico pela combustão lenta do fúhoso e dos detritos carbonados; absorve o vapor aquoso do ar e mantém no sólo uma humidade necessaria; como materia porosa condensa e retém o *ammonaco* atmosphérico; modera a putrefacção das materias azotadas, de modo que a parte nutritiva e solúvel dellas não é apresentada ás plantas senão gradualmente e na proporção de suas necessidades; e, finalmente, fixa o *ammonaco* proveniente desta putrefacção.

Es um conjunto de effectos, que justificam a alta e encarecida idéa, que os antigos agrónomos conceberam do *humus*, e a agronomia moderna sustenta contra a opinião de homens da estatura de Liebig; menos,

todavia, no que respecta á exclusão de outras materias fertilisantes.

..

O acido carbonico do ar é a principal depositado do *carbono*, de que se alimentam as plantas. Este gaz, que é o resultado da combinação do carbono com o oxigeno, existe na atmosphera na proporção de 3 litros para 10.000 de ar, é decomposto e desdobrado em seus dois elementos primitivos pelos organos verdes das plantas, ou pela acção da chlorophylla, sob a influencia da luz solar. O carbono fica na planta e passa a fazer parte da sua materia organica, enquanto que o oxigeno, libertado da primitiva combinação, volta á atmosphera em estado gaseoso. A fixação do carbono e a eliminação do oxigeno pelas plantas é phenomeno que sómente se opéra durante o dia, com intensidades que variam conforme a luz e a temperatura, sendo mais intenso onde, como em nosso clima, a luz é mais viva e o gráo de calor mais elevado.

Durante a noite é o effeito inverso que se produz: as plantas respiram, isto é, absorvem e fixam em seus tecidos o oxigeno e exhalam o acido carbonico.

Todos os organos vegetaes, todas as partes verdes das plantas — ementa que germinam, folhas, botões, flores, fructos e raizes — excreem sobre a atmosphera esta dupla acção de assimilação e desassimilação; preponderando as folhas nesta funcção, porque a ellas cabe decompor, não só o acido carbonico directamente absorvido pelos seus estômatos, como tambem aquelle que lhes é transmittido pelas raizes.

Por isso quando uma molestia, como a *gêada*, ou uma pratica insensata atrophiam ou despojam as plantas de suas folhas, perturbam-se ou cessam de do todo as funcções de assimilação ou nutrição aerea, a planta decahe e a producção, sustentada somente pelo trabalho subterraneo das raizes, atreza-se, e não attinge mais suas proporções normaes.

Para dar-se ao leitor uma idéa da parte que tem a atmosphera na producção das cerealicas, basta dizer-se que uma cultura de trigo, produzindo 20 hecatalitros de sementes, absorve, segundo os calculos de Muntz e Girard, mais de 1,800 kilogrammas do *carbono*, correspondentes a 7,000 kilogr. de acido carbonico, contidos em 16 milhões de metros cubicos de ar; e uma cultura de baterraba, dando 40,000 kilogr. de raizes, pôde absorver 3,500 kilogr. de *carbono*, correspondentes a 12,000 kilogr. do acido carbonico, contidos em 30 milhões de metros cubicos do ar atmosphérico.

As fontes naturaes de acido carbonico são innumeraveis; e produzem os vulcões, as combustões de toda sorte que se dão na superficie do globo, as combustões lentas de todas as fermentações, a respiração de todos os animaes que povoam a terra, e as exhalacões das proprias plantas. Elle existe no ar, na terra que o contém em grandes quantidades, e ainda nas aguas, em que elle é solúvel. Não é, pois, possível que as plantas não o tenham sempre ao alcance de seus organos foliaes ou de suas raizes. D'ahi se vê que o agricultor não tem que preocupar-se com o *carbono*, de que carecem as suas plantas, visto como este elemento é posto gratuitamente a disposicão dos vegetaes; e em proporções sufficientes, pela prodiga natureza.

..

Outro tanto se pode dizer do *hydrogênio*, que é, como o *carbono*, parte constituinte da materia organica.

O hydrogênio achta-se na atmosphera em estado de combinação com o oxigeno, formando a agua.

A agua é um composto de 8 partes de oxigeno para 1 de hydrogênio. A separação dos seus dois elementos não só dá nas condições meteorologicas ordinarias.

E sob a influencia da electricidade, ou de uma alta temperatura, que o hydrogênio se despende d'aquella combinação. Entretanto, os modernos phytologos, desde Priestley até

Delegati, admittem que a agua cede o seu hydrogenco ás plantas por uma assimilação analoga e concomitante da do carbono. Isto quer dizer que ha decomposiç.õ simultanea do acido carbonico e da agua pela acção da materia verde das células chlorophyllenas da planta, sob o influxo da luz solar; ficando em liberdade o oxygeno, que entra na composiç.ão da agua e do acido carbonico.

Si exceptuarmos os climas sujeitos a secas periodicas, a abundancia da agua na natureza excede, quasi sempre as exigencias das plantas, que sera ella não podem viver e prosperar.

Todos os locchos vegetaes contém agua em grandes proporções; e sendo a agua elemento imprescindivel da vegetação, convém que o agricultor a forneça pelas régas artificiaes, todas as vezes que uma estação inelmente a recuse ás culturas.

Menos facil de remediar é o aceri lento occasionado pela geada, que paralyza o movimento circulatório da seiva pela congelação desta, e rompe os tecidos vegetaes pelo brusco augmento de volumes da mesma agua de vegetação congelada; resultando d'elli o definhamento ou a morte da plantas, do mesmo modo como resulta da brusca evaporação da seiva pelo calor do fogo; duas causas oppostas de effeitos identicos.

Mas, a funcção da agua na agricultura é mais complexa, do que parece; não se limita somente a fornecer ás plantas o *hydrogenco*, que, aliás, ellas podem tambem tirar do *ammoniac* *quozzo* do ar, producto da decomposiç.ão das materias organicas, que o contém na proporção de 1:3 do seu peso. A agua, purificada de substancias organicas e sales soliveis, circula nas plantas, como o sangue nos animaes. Evaporando-se pela superficie dos órgãos vegetaes, durante a circulação, deixa no interior delles os principios nutritivos, que ella continha em dissolução; e esta circulação não cessa, no correr da vida vegetativa, porque, á medida que o liquido nutritivo se volatiliza pelos órgãos foliaes, nova seiva penetra pelas raizes.

Considerada como dissolyente o vehiculo dos elementos do nutriç.ão vegetal, a agua influencia tanto sobre a produç.ão agricola, — que uma terra abundantemente estérilizada apenas dará mediores colheitas, se lhe faltar a acção fecundante desse agente meteorico; enquanto que um terreno pobre e *ençigado*, desde que seja convenientemente irrigado, pode, por sua produç.ão, exceder a expectativa do lavrador. E' com o auxilio da agua que as plantas utilizam as substancias fertilisantes, preexistentes ou depositadas na terra pelo agricultor.

As aguas, quer provenham de mananciaes terrestres, como rios e lagos, quer das regiões atmosphericas sob a forma de chuvas, orvalhos, condensações nocturnas, nevoeiros e humidade aerea, impregnam-se do acido carbonico e do sales ammoniacaes nítricos; e infiltrando-se pelos terrenos, dissolvem os carbonatos, os chloruretos, os sulphatos, materias organicas e gazes; e arrastando mechanicamente pela superficie do solo — todos, argilas, materias leves e detritos de todo sorte, formam nas grandes depressões do solo depositos de alluvia, que constituem terrenos fertilissimos.

O mesmo vapor d'agua, que se mantém na atmosphera, sem jamais condensar-se, formando nuvens, constitue um corpo athermano, que absorve as irradiações solares, e modifica a irradiação terrestre, conservando ao solo um temperatura favoravel á vegetação.

Nenhum corpo simples de empunha na natureza papel mais importante, do que o *oxygenco*. Pode-se dizer que elle é o elemento por excellencia de todos os corpos organicos e inorganicos. Faz parte do ar atmosphero, e é indispensavel a vida dos animaes superiores, como dos microbios *aeróbios*, sendo que os mesmos *anaeróbios*, que o não absorvem directamente do ar, o encontram nas materias organicas, nas quaes proliferam fora do contacto do ar. Não menos necessario a vida dos vegetaes superiores

como dos microphitos, os antigos chamavam o oxygeno— *in vital*, porque tudo quanto respira—animal ou planta—lho deve a vida.

O oxygeno entra na composição da agua; faz parte do organismo animal como do vegetal.

Todas as materias mineraes que constituem a crosta terrestre, bem como os destrogos d'ella,—pedras, arelas, argilas e terras diversas—que formam o solo cultivavel são corpos queimados pelo oxygeno e reduzidos a oxydos e saes. A proporção em que elle entra na composição de diversos mineraes é aproximadamente de 10 % em peso.

Por outro lado, sabemos que um volume de acido carbonico contém um volume de oxygeno; que na agua — oito partes d'elle se combinam com uma de hydrogeno; e, enfim, que a atmosphera o contém em estado livre na proporção de 21 por 100 de ar.

To-tas as partes das plantas respiram, e por conseguinte precisam de oxygeno para nutrerem a vida. Sem elle, soffriam, como os animais, os effeitos da asphixia.

Não pôdem, pois, as plantas prosperar em terrenos privados do oxygeno, taes como as terras pantanosas ou mal saneadas, onde existem substancias que lhes roubam esse elemento da vida.

Entretanto, por meio de correctivos apropriados, drenagens, estrumações chimicas, meteorisação pelos instrumentos agricolas, pôde-se obter completo saneamento do solo, restabelecendo nelle as condições normaes de uma boa terra de cultura. Assim é que se conquistam para a agricultura terrenos outrora impróprios para qualquer produção vegetal.

O oxygeno é sobretudo indispensavel á germinação das sementes. Seria impossivel fazel-as vingar onde nao existisse ar oxygenado. D'ahi a necessidade de amunha-rem-se enxadaosamente os terrenos, antes do semeal-os, afim de tornal-os accessiveis á acção benéfica dos agentes atmosfericos; d'ahi tambem as vantagens da lavoura me-canica, que resolve esse problema com uma

economia do tempo, do braço e do capital, a que o trabalho braçal não poderla jámais attingir.

Resumindo o que já expendemos com relação aos tres elementos — *carbono, hydrogeno e oxygeno* — fornecidos em quantidades illimitadas e restituídos ás fontes de que elles emanam, pela acção exclusiva da natureza, sem intervenção do agricultor,—esses tres elementos decompõem na produção agricola função proeminente; pois, não sómente constituem a trama dos tecidos de todos os orgaos vegetaes, mas ainda entram na composição de principios immediatos, elaborados nesses orgaos, taes como o açúcar, o oleo, o amido, as fibras textis e outras materias extractivas, que servem de base a importantes industrias.

Assim, o *carbono, hydrogeno* e o *oxygeno*, exportados com as colheitas, são oxigeno restituídos por meio de estrumes; são elementos que se oferecem gratuitamente e se reproduzem sem a intervenção do homem; fertilisantes, que nada custam ao agricultor e cuja transformação em productos em nada empobrece o solo, visto como elles proveem da atmosphera, onde incessantemente se renovam pela eterna lei das decomposições e recomposições successivas da materia, que desloca-se, transforma-se, dobra-se em seus elementos simples, os quaes, agrupando-se em proporções diversas, formam outros tantos corpos, sem jámais perderem um atomo sequer de sua substancia primitiva, ou do seu peso.

Isto, porém, não succede com as plantas, cujos productos extractivos, além daquelles tres elementos do ar, encerram quantidades mais ou menos notaveis de *azoto*, porque este ultimo elemento, si bem que abundante na atmosphera, só pôde ser utilizado pelos vegetaes, depois de achar-se no solo, fazendo parte de saes soluveis e assimilaveis pelas razes.

Com effeito, o azoto é o elemento que mais avulta na mistura gazosa, que compõe a atmosphera; elle faz parte do ar na proporção de 79 por 100 em volume; mas, no seu estado de liberdade, não está directamente á disposição das plantas, como o está o oxygeno, que, aliás, é menos abundante do que elle, no ar atmosphérico.

É sómente depois de combinado e incorporado á terra arável, sob fórmãs, de que adeante trataremos, que as plantas o podem absorver. D'ahi resulta que os vegetaes ávidos de princípios azotados, esgotam mais facilmente o sólo, do que aquelles que preferem os princípios carbonados.

Os elementos azotados, também chamados *proteicos*, *albuminoides* ou *compostos quaternarios*, por conterem os quatro elementos: *carbono*, *hydrogenco*, *oxygeno* e *azoto*, exercem função importantíssima, quer sob o ponto de vista da constituição intima dos vegetaes, dos quaes são a materia viva ou *protoplasma*, quer da alimentação dos animaes, aos quaes fornecem os materiaes que entram, como elementos plasticos, na composição do sangue e estrutura dos tecidos organicos. É com os elementos azotados que o trigo, por exemplo, elabora o gluten do pão, que as leguminosas produzem a legumina ou caseína vegetal, é com elles, em summa, que os vegetaes creem a *proteína* ou princípios albuminosos, fonte da vida organica.

O azoto combinado apresenta-se na natureza sob tres estados differentes: unido ao *oxygeno*, formando *nitratos* e *nitritos*; ao *hydrogenco*, formando o *ammoniaco*; e a *substancias carbonadas*, formando *materias organicas*.

É pelos seus compostos mineraes que o azoto se torna directamente assimilavel; e eis porque a materia organica — vegetal e animal — dos estrumes não pôde servir de alimento ás plantas, senão depois de decomposta e mineralizada.

A vegetação ininterrupta de florestas e campos, que, nas condições naturaes, man-

tem-se indelividamente luxuriante, sem necessidade de estrumes, fez ver que o azoto livre do ar, apesar de sua fraca abundancia para com os outros corpos, intervém no desenvolvimento dos vegetaes, na proporção em que se acha nelles contido. O mecanismo dessa intervenção era ainda ignorada, quando, ha mais de cem annos, Cavendish demonstrou a influencia da electricidade sobre a união do azoto com o oxygeno do ar, dois gazos antagonicos por suas propriedades e incapazes de se unirem nas condições ordinarias.

Desde então verificou-se que as descargas electricas, produzindo a combinação dos dois gazos, dá lugar á formação do *acido nítrico*, que, dissolvido pelas aguas pluviaes, precipita-se com estas das regiões atmosphéricas para o sólo, onde por subsequentes combinações com bases mineraes preexistentes na terra, taes como a *soda*, a *potassa*, etc., vem formar nitratos soliveis e assimilaveis.

Mas, a quantidade de azoto por este meio fornecida, é tão diminuta que nao explicaria satisfactoramente a nutrição azotica da vegetação espontanea. Sob o clima da Europa o azoto nítrico proveniente da atmosphera pela electricidade, não excede a 2^o,8 por hectare e por anno. Aguas pluviaes da zona equatorial da America do Sul, analysadas por Muntz e Girard, deram em média 2^o,5 de acido nítrico por litro, o que equivale a 6^o,5 de azoto por hectare, para cada metro d'agua cahida. Isto prova que a nitrificação do azoto do ar é menos abundante na Europa, do que sob o equador, onde, aliás, as acções meteoricas sao também mais intensas; mas a deficiencia dessa fonte de azoto subsiste nos climas tropicaes, por isso mesmo que a vegetação é aqui mais exuberante. É, pois, evidente que a electricidade só por si nao poderia alimentar de azoto essa vegetação que, no estado de natureza, não recebe, como as plantas cultivadas, o por meio de estrumações, avultado subsidio de materias azotadas, como supplemento ao

stock de matérias orgânicas, que naturalmente se acumulam na camada vegetal do sólo. D'aquí a bem fundada convicção, de que outra fonte de azoto devia existir para a vegetação espontânea.

A descoberta do phenomeno da *symbiose* veio espargir a mais viva luz sobre esta questão até então obscura e duvidosa.

Hellriegel e Willfarth foram os primeiros a demonstrar a presença de organismos microscopicos nas nodosidades caracteristicas das raizes de plantas da familia das leguminosas, taes como feijão, ervilha, alfafa, e outras; microorganismos dotados da facultade de fixar o azoto gazoso do ar, e fornecer-o ás plantas, sob essa e outras formas assimilaveis.

Brial, Schloesing e Laurent confirmaram por suas experiencias a existencia desse phenomeno.

Bertholot e Dehérain foram mais longe e attribuiram a organismos, que vivem normalmente na terra, facultade analoga a dos microphytes das leguminosas, cuja função fixadora do azoto livre e gazoso do ar é hoje univ ersalmente reconhecida.

Admittida a hypothese de que a sede destes microorganismos é a propria terra onde vivem e proliferam em miriades, facil é crer que a sua acção fertilizadora se estende a todas as especies vegetaes, e não sómente ás que apresentam nodosidades em suas raizes. Os antigos agronomos não conheceram esta theoria, e nem os recursos da sciencia teriam permitido descobri-la então; mas, não é menos certo que alguns seculos antes das primeiras investigações pasteurianas, já a pratica agricola havia assignalado a existencia de *plantas fertilisantes* e *plantas depauperantes*, distinguindo entre aquellas as *leguminosas* pela propriedade de enriquecerem o sólo com elementos tomados á atmosphera. O facto em si já era bem antigo e conhecido. Aos naturalistas modernos coube a gloria de determinar-lhe a causa e de explical-o.

O azoto necessario á vegetação provém,

pols, quasi todo da acção benéfica destes formenlos vivos que facilitam a sua absorção pelas plantas, Indo buscá-lo, quer na atmosphera, quer nas materias orgânicas do sólo.

É claro que o trabalho fertilizador destes seres inlultamente populos, ininterrupto quanto á atmosphera que é inesgotavel, pôde, pelo contrario, cessar, quanto ao sólo, todas as vezes que lhe faltem materias orgânicas, sempre ricas de elementos azotados.

Si tal falta se desso na atmosphera o homem seria impotente para remedial-a. Felizmente, porém, tem o agricultor em suas mãos os meios de modificar os terrenos, consoante as necessidades da sua industria; e eis porque basta amanho-l-os e estrimá-l-os para regularizar o seu funcionamento, estreitando entre as plantas cultivadas e os microphytes, que por ellas e para ellas vivem, essa especie de associação que os avigora na luta pela vida, o que a sciencia synthetizou nesta p d'ayra — a *symbiose*.

Vejamos agora qual a origem e acção fertilizante das substancias mineraes, que se acham no sólo, á disposição dos vegetaes, e que, pela incineração destes, apparecem sob a forma de cinzas.

Dirigindo-nos a homens praticos, seremos nesta exposição tão parcios de formulas scientificas e de termos technologicos, quanto o fomos na ennumerção dos elementos fornecidos ás plantas pela atmosphera.

Entre os acidos existentes na terra destaca-se o *acido phosphorico*, que de todas as substancias mineraes é o que mais influencia, não sómente sobre a vegetação, senão ainda no desenvolvimento do arcaboço osseo dos animaes.

Os compostos desta acido — os phosphatos — acham-se no sólo quasi sempre em estado insolvel; mas a acidez das raizes permittu que elles se dissolvam ao seu contacto, e entrem na circulação vegetal.

Pela analyse chimica verifica-se que os phosphatos, existindo em todas as partes da planta, concentram-se principalmente nos fructos e nas sementes. Quando ha falta delles no solo, como não raras vezes acontece, tanto defleham as plantas, como os animaes que dellas se alimentam.

O acido phosphorico provem de rochas, que o contêm em proporções desiguales. Logo que estas se desagregam e decompõem-se pela acção erosiva das aguas e dos agentes atmosphericos, formam terrenos em que esse elemento é quasi sempre insufficiente. Terras ha em que a sua falta é absoluta. Em taes casos convém incorporar ao solo sob a fórma de estrumes phosphatados.

Foi no começo do seculo XIX que Theodoro de Saussure, por suas inolvidaveis pesquisas sobre a constituição dos vegetaes, verificou nas cinzas de las notaveis proporções de acido phosphorico, e emittir a opinião de que o *phosphato de cal* é tão indispensavel ás plantas, como o *carbono*, o *oxygenco* e o *azoto*. Sem o phosphato de cal, pensava elle, seria impossivel formar-se o esqueleto dos animaes, e nem os vegetaes poderiam existir sem o concurso desse sal essencial á constituição dos seres organizados.

A pratica precedeu a theoria na applicação dos phosphatos. Antes de serem classificados entre os *estromes chimicos* de 1.^o ordem, já eram empregados em larga escala desde meados do seculo passado. Em 1822 a Inglaterra importou, segundo Liebig, 30,000 kilogrammas de ossadas eollidas nos campos de batalha das guerras napoleonicas (Waterloo e outras), e peso não menos avultado de ossos desentranhados dos campos de Sebastopol (Crinúa) e, enfim, de quantos puderam os inglezes revolver, para delles extrahir elementos de fertilidade, com que opulentasse o solo britannico; e isto porque na mesina Inglaterra, como na Alemanha, se havia reconhecido que o phosphato de ossos previamente pulverisado era mais effeiz, do que os phosphatos puramente mineraes ou terrosos provenientes das jazidas,

os quaes, aliás, são hoje utilizados, sob diversas denominações e fórmas, na cultura intensiva dos palzes mais adiantados na industria agricola.

∴

O acido sulphurico existe em todos os solos, quasi sempre em estado de sulphato de cal. Todas as plantas contem enxofre procedente da decomposição dos sulphatos. As *crucíferas* e *leguminosas* são as que o contem em maiores proporções. Pela decomposição dos sulphatos o enxofre combina-se na planta com a materia organica, formando productos complexos. Sendo solúveis na agua, os sulphatos penetram facilmente no organismo vegetal pelas raizes.

O acido sulphurico abunda no sulphato de cal, e é a este composto que se recorre para adubar e corrigir os terrenos pobres de sulphatos.

∴

A potassa acha-se nas plantas combinada com acidos vegetaes. É encontrada na natureza nas rochas feldspathicas, bem como nas jazidas de chlorureto de potassium. As aguas do mar a contem em proporções notaveis.

∴

A cal, combinando-se com o acido phosphorico, ou com o carbonico, entra por larga parte no peso das colheitas, bem como na formação do esqueleto animal. Além de servir como elemento de nutrição vegetal, tem acção de importancia capital na decomposição e mineralisação dos estrumes. A cal é um dos elementos mais energicos da terra, onde se acha em estado de combinação com o acido carbonico, formando carbonatos, ou com a materia organica. A absorpção da cal pelas plantas é tanto mais segura quanto maior é a quantidade de acido carbonico dissolvido na agua, que é tambem o dissolvente dos carbonatos. Os estrumes desenvolvem na terra essa producção de acido carbonico, que, aliás, tem sua fonte

perene na atmosphera. Sem cal não pôde haver boa cultura.

O *chloro* é outro elemento mineral que apparece sempre nas plantas, principalmente sob a fórma de chlorreto de sodium ou sal commum. O mar é o grande reservatorio deste elemento. O ar, impregnando-se delle nas regiões maritimas, o transporta constantemente para as terras mais afastadas do littoral.

A *silica*, ou acido siliceo, existe em fortes proporções em certos vegetaes, mórmente nas gramíneas e nos fétos. Sabe-se hoje que a função deste elemento é secundaria. Sacchi obteve pós de milho de lamauho normal que não continham sequer vestigios de silica.

A *soda* existe mais ou menos em todos os terrenos.

É bem conhecida a effeacia do *nitroto de soda*, como estrame. Este elemento mineral provém da decomposição de rochas, como todos os elementos congeneres; mas é o mar que o contém em maior abundancia.

A *magnesia* acompanha frequentemente a cal e mostra-se em todas as cinzas vegetaes. O manganez figura nas plantas em proporções dminantas. E assim tambem a *alumina*, não obstante ser esta tão abundante na terra, como a silica.

O *ferro* é nos vegetaes um agente da formação da *chlorophylla*. A sua ausencia produz nelles a *chlorose*, que é debellada pelo sulphato de ferro, applicado sob fórma de rúga.

Do que precedo, vê-se que os elementos mineraes indispensaveis aos vegetaes pôdem ser classificados do modo seguinte, por ordem de importancia:

1.º Azoto, acido phosphorico, potassa (pouco abundantes no sólo).

2.º Cal, magnesio, acido sulphurico (menos abundantes que aquelles).

3.º Silica, chloro, alumina, ferro, manganez e soda (em proporções superiores ás necessidades limitadas das plantas).

Esta classificação é o resultado de experimentações que se fizeram em épocas diversas, o cujo fim scientifico e pratico foi, por assim dizer, consultar as proprias plantas sobre as suas preferencias com relação aos diferentes principios mineraes, mais ou menos necessarios á nutrição vegetal.

Cultivaram-se plantas em agua contendo elementos mineraes de cada uma das classes acima mencionadas. Obtiveram-se por este modo plantas perfeitamente desenvolvidas, sem a intervenção do sólo e nem do humus.

Suprimindo-se nas experiencias um ou outro dos principios mineraes adicionados á agua, viu-se immediatamente periclitar mais ou menos a vegetação, conforme a maior ou menor importancia do elemento subtrahido; e assim, á custa de repetidas e pacientes experimentações, conseguu-se discriminar a importancia e acção relativas de cada um.

Redizaram-se depois estas experiencias em condições mais approximadas da grande pratica, operando-se, não já sobre a agua, mas em terrenos artificiaes, adredeamente formados de areia pura lavada. A estes terrenos juntaram-se as diversas substancias, objectos das experiencias, taes como o azoto, o acido phosphorico, a potassa, a cal e outros menos importantes.

O resultado foi obterem-se desses elementos mineraes, em terreno inerte de areia lavada, e sem o auxilio do humus, colheitas comparaveis ás que produzem os terrenos naturaes.

Si a atmosphera escapa á acção directa do homem, quanto ao modo como ella influencia a vida aerea das plantas, tom, pelo contrario, o agricultor poderosa interferencia

no funcionamento da vida vegetal pelas modificações que pôde imprimir ás condições do sólo. É pelos resultados da *cultura intensiva* que se manifesta quanto pôde o agricultor intelligente, e conhecedor do seu offício, influir sobre os resultados de suas culturas, bem como sobre o futuro da lavoura nacional, cuja prosperidade não pôde deixar de ser senão a resultante dos esforços isolados de cada lavrador.

O estudo do sólo tem, pois, para os que se dedicam a esta industria, a mais transcendente importancia, quer se considere o meio tellurico em sua constituição physica em relação aos melhoramentos mecanicos e chimicos, destinados a facilitarem ás raízes a sua irradiação em todos os sentidos, em serviço da nutrição das plantas, augmentando na terra a permeabilidade e a propriedade de reter as aguas e os gazes, etc, quer se attenda á sua constituição propriamente chimica, cuja importancia é ainda maior, por que todo o vigor e exuberancia da vegetação provém antes de tudo dos principios mineraes e organicos que fecundam a terra, e cuja abundancia ou deficiencia são premissas de boas ou ruins colheitas.

..

Resultados da desagregação lenta e continua das camadas geologicas, que formam a crôsta terrestre, os terrenos de cultura tem composição elemental identica á das rochas, de que elles emanam.

As rochas, de contextura, densidade e composição, muito differentes, provém, umas de formações *platonicas*, de origem interna, e constituem o que os geologos denominam *rochas eruptivas*; outras resultam de formações *neptunicas*, ou de depósitos accumulados no fundo das aguas, denominadas *rochas sedimentarias*, que são de origem externa; produzidas, aquellas pela acção do fogo que as teve em estado de fusão, até que pelo resfriamento se crystallizassem, passando ao estado solido; e estas pela acção das aguas, que cobrindo as depressões do globo

nellas depositaram abundantes sedimentos. As rochas eruptivas comprehendem duas series: a serie antiga ou primitiva (rochas graniticas e ontros) e a serie moderna (rochas vulcanicas).

As sedimentarias abrangem cinco grupos principaes, que se subdividem em numerosos systemas de formações que não se mostram sempre e por toda parte superpostas por ordem de antiguidade conforme seria mais natural; pois é commum vêrem-se terrenos primitivos, de origem interna, a descoberto na superficie da terra, nas culminancias, e escarpamentos das montanhas, ficando os depósitos sedimentarios no sopé destas.

Da complexidade dos materiaes ou particulas, que de tão diversas rochas se desprendem pelas causas conhecidas para formar a terra lavrada, mais ou menos densa, mais ou menos pulverulenta, resulta a diversidade de composição, a heterogeneidade dos terrenos de cultura. Um certo numero de rochas eruptivas produzem sólos que offercem grandes analogias de composição. Os que provém de rochas graniticas, contêm, como ellas, *feldspaths* (silicato duplo de alumina e de potassa), *quartz* (silica pura, *chrystal de rocha*), e *mica* (silicato de alumina).

Os terrenos oriundos de rochas graniticas schistosas ou *gneiss*, encerram maiores proporções de *mica*.

Os que procedem de rochas schistosas ou *mica-schistos* abundam mais em *quartz* e *mica*.

Predominam o *quartz* e o *feldspaths* nos terrenos produzidos pela decomposição lenta das rochas porphyricas.

Em todas estas rochas que nada mais são, do que modificações das graniticas, faltam a cal e o acido phosphorico. Dahi a proverbial pobreza das regiões onde predominam as rochas graniticas.

Quando, porém, os terrenos dessa procedencia são artificialmente adubados com a cal e o acido phosphorico transformam-se, como por encanto; de estercis, que eram,

formam-se férteis; a sua flora modifica-se; e, não raro, abundantes colheitas se produzem ali onde outr'ora a vegetação mostrava-se languida e rachitica.

E' principalmente nesses terrenos que cabe a applicação de estrumes chimicos *calcareos* e *phosphatados*. Convém, entretanto, dizer que os terrenos graníticos são pobres de cal e de acido phosphorico, são, todavia, ricos de potassa.

Os terrenos de origem vulcanica contém geralmente menos potassa do que os graníticos; mas levam vantagem a estes, quanto ás proporções de cal e de acido phosphorico que os fertilizam.

Em geral, os terrenos de origem vulcanica, quer produzidos por *lavas*, por *basaltos*, ou por *trachylos* constituem sempre terras flúas de grande fertilidade e aptas para a producção de colheitas de todo o genero.

Os terrenos gredozos, provenientes de rochas de *grés* ou *grêdo* (pedra de areia), exclusivamente compostos de *quartz*, são, por sua natureza, estercéis. Prestam-se mais á producção florestal, do que á lavoura.

As rochas calcareas são o resultado de depositos de carbonatos produzidos no fundo das aguas, que os tinham com dissolução pela acção do acido carbonico. Estas rochas são de naturezas diversas e comprehendem typos muito differentes, desde os calcareos mais compactos e duros, como o marmore, até os mais friáveis, como a pedra calcarea commum.

O carbonato de cal entra na composição das rochas calcareas nas proporções de 80 e 90 por 100, acompanhado de um pouco de carbonato de magnesia, oxydo de ferro, alumina, quantidades apreciaveis de acido phosphorico, e pouco potassa, variando estes dois

últimos elementos em algumas rochas, que contém mais potassa do que acido phosphorico (Muntz).

Os terrenos calcareos não podem, pois, deixar de ser férteis. São, todavia, estercéis aquelles nos quaes predominam os carbonatos duplos de cal e magnesia (dolomite),

••

Indicada em breves termos a origem geologica dos terrenos, vamos agora classificar-os sob o ponto de vista agricola, completando assim as noções geognosicas, que devem preceder o estudo dos melhoramentos do sólo aravel.

Os terrenos lavrados podem conter elementos de decomposição de uma, de algumas, de muitas, ou de todas as rochas a que já nos referimos. Mas, seja qual for a procedencia d'elles, não se prestarão a uma cultura regular, si não contiverem, como elementos basicos — a *areia*, a *argila* e o *calcareo*.

Da proporção em que cada um destes elementos entra na formação dos terrenos, dependem as propriedades physicas, e o bom funcionamento dos mesmos terrenos, como apparelhos de elaboração dos productos agricolas. Essas proporções são variáveis, como a composição das rochas, cujos detritos dão origem ás terras.

D'ahi a classificação dos terrenos agricolas em quatro grandes classes: *terras argilosas*, *arenosas*, *calcareas*, e *luminiferas*; podendo-se acrescentar uma quinta classe — a das *terras magnesianas*, nas quaes predominam as de magnesia, e que, embora estercéis por sua natureza, são susceptíveis de melhoramento.

As quatro classes occorrem as variedades, que o seguinte quadro indica:

<i>Terras argilosas</i>	{	de argilla pura	{	terras fortes
		argilo-ferruginosas		
		argilo-calcareas		
		argilo-arenosas		
				terras francas

Terras arenosas, {
 de areia pura
 arenoso-argilosas (Inconsistentes)
 calciosas, pedregosas, graníticas,
 vulcânicas
 arenoso-argilo-ferruginosas
 arenoso-humíferas

Terras calcareas, {
 aróias calcareas
 terras gypsosas
 turfosas
 margosas

Terras humíferas, {
 turfas
 pantanos.

Das substancias que entram na composição do sólo aravel, umas são inertes, insolúveis, e de effeito apenas mecânico, figurando entre estas, como *elementos mecânicos* — a *areia*, *pedregulho*, a *argila*, e o *calcarea*; outras são solúveis, e constituem elementos nutritivos, directamente assimiláveis, e ac-

tivos, taes como — o *humus solarcel*, o *ammoniacal*, o *acido azotico*, as *materias salinas solúveis*, o *acido carbonico gazoso*, etc.

Para representar os elementos da terra, consideradas sob o aspecto de suas propriedades activas ou inertes, organizou George Ville o seguinte quadro:

Elementos mecânicos, {
 areia
 pedregulho
 argila
 calcarea

Elementos assimiláveis activos, {
 organicos, {
 humus
 azoto, {
 ammoniacal
 acido azotico

mineraes, {
 acido phosphorico, sulphurico, carbonico
 chloro
 Silica
 alcalis-potassa, soda, etc.
 terras alcalinas: cal e magnesia
 Oxydo de ferro
 Manganez

Elementos assimiláveis em reserva, {
 detritos organicos
 humus carbonifero
 mineraes não decompostos.

Não se podem considerar férteis terrenos que não reúnam, em proporções convenientes, as tres ordens de princípios, constantes deste quadro; e para verificar-se a presença destes elementos na terra não ha outro recurso senão o da analyse chimica.

Mas, a analyse chimica qualitativa e quantitativa é operação delicada que quer conhecimentos e aptidões especiaes, e, só pôde ser realizada por chimicos em seus laboratorios.

Entretanto, está ao alcance do agricultor intelligente fazer um exame muito sum-

uario, porém bastante para adquirir por si mesmo uma idéa approximada das propriedades physicas e chimicas de seus terrenos.

Els em ligeiros traços o processo pratico de uma analyse mecanica da terra. Quando o terreno não apresenta homogeneidade de estrutura, extrah-se de diversos pontos d'elle, na profundidade de 10 a 15 centimetros, algumas amostras; e misturando-se estas, obtém-se uma amostra média da composição do terreno.

Submettidas á dessecação 100 grammas desta amostra, em uma estufa, ou capsula de porcellana, aquecida a 150 ou 160 grãos centigrados, verifica-se pela differença do peso tomado antes e depois de completa evaporação, — qual o estado hygrometrico, ou quantidade de humidade contida na terra.

Para differenciar os elementos diversos do terreno em questão, faz-se ferver durante uma hora 10 grammas de terra em 500 grammas d'agua pura ou destillada. O liquido fervido contém em dissolução substancias solueis, e em suspensão todas as particulas finas da terra, ficando no fundo do vaso, depois de repouso e esfriamento, os elementos grosseiros e inertes, como seixos, arcias siliceas ou calcareas.

Decanta-se para outro vaso o liquido turvo e seccam-se o pesam-se os sedimentos solidos do fundo do vaso, addicionando a este peso, o das materias organicas leves, que sobrenadavam no liquido, durante a fervura sem decomporem-se.

Filtrando-se depois o liquido, vê-se que elle encerra uma materia terrosa abundante e tenuissima, que fica adherente ao papel do filtro, e um licôr filtrado perfeitamente limpido. A materia terrosa contém: *humus*, *argila*, *carbonatos de cal*, *de magnesia*, *oxydos de ferro*, e *phosphatos de cal*. Dessecada esta materia terrosa em temperatura não excedente de 150° a differença de peso dá englobadamente o peso total approx. nado de todos aquelles principios fertilizantes minevras contidos na terra. Si se quizer determinar

separadamente a proporção do humus, ou materia organica decomposta, que acompaña os elementos minevras, calcula-se um peso dado da materia terra pesando-a antes e depois da calcinação. O peso perdido representará a proporção de humus, contida na terra que se analysa. Si durante a calcinação desprende-se a cheiro de chifre queimado — a materia organica é de natureza animal; si o cheiro for de lenha que arde — a materia organica é de origem vegetal.

Finalmente, o licôr limpido filtrado contém todas as substancias solueis, cujo numero, natureza, e quantidades relativas, só uma analye chimica rigorosa e completa poderá determinar.

Processos muito mais summarios ainda permittem distinguir um dos outros os terrenos calcareos, argilosos e arenosos. A effervescencia que produzem os acidos em certas terras, é indicio seguro de que ellas contém sufficientes proporções de cal ou de carbonatos e phosphatos, fontes de acido carbonico, e de acido phosphorico tao pouco abundante em outros terrenos, quanto utilis a vegetação.

Quando pela lavagem da terra fica em suspensão grande quantidade de argila, pôde-se affirmar que o terreno é compacto, e que não lhe falta a potassa. — A proporção da ardia será obtida pelo mesmo processo de lavagem.

A vegetação espontanea serve tambem de criterio para julgar-se das qualidades dos terrenos, bastando conhecer as especies vegetaes que nelles vegetam, para fazer-se a diagnose das suas propriedades mais caracteristicas. A este proposito, refereillardin que certa agricultor, querendo comprar umas terras, seu pai, côgo, manifestou o desejo de acompanhal-o. Chegado ao lugar, o côgo mandou que o filho prendesse a sua besta de sella á haste de um certo arbusto. Respondendo-lhe o filho que não havia alli plantas daquella especie, logo o côgo pediu a

animal o montou, dizendo ao filho « visto isso, não penses em tal negocio, e voltemos para a casa ». No seu conceito não podia ser boa terra daquelle typo, na qual não vegetassem espontaneamente plantas daquelle especie. Si é permitido dizer-se que a historia do globo achava-se gravada na e estratificações da crôsta terrestre, não é menos licito pensar-se que a adaptação espontanea das plantas a determinados terrenos em identidade de clima, é uma proveitosa lição, que a natureza offerece ao agricultor. Si não fosse a predilecção que manifestam as leguminosas e as graminheas dos prados naturaes pelos terrenos calcareos, não se teria adoptado com tanto fundamento o acerto o emprego da cal no cultivo de taes plantas.

Infelizmente observações o edificio deste genero, são communs onde se pratica a lavoura intensiva, são menos presadas no systema extensivo, segundo o qual *os cin ciros das derrubadas* capêam e distarcem os defeitos ou a pobreza dos terrenos.

Nenhuma exame ou analyse de terras pôdo dispensar a experimentação directa por meio de ensaios de culturas e estrumações comparadas. O processo é longo, mas os resultados nada deixam a desejar, visto como mostram praticamente o grão de fertilidade das terras, indicando, não sómente os elementos uteis que ellas encerram, como tambem aquelles que lhes faltam, e lhes devem ser adicionados supplementarmente. Para proceder-se methodicamente, divide-se a terra em parcelas. Em cada uma experimenta-se uma determinada estrumação, deixando uma parcella em seu estado natural, sem estrumação alguma, para servir de *testemunho*, ou do ponto de comparação. Devem medelar entre as parcelas grandes espaços incultos, a fim de que as materias fertilizantes applicadas em umas não influam sobre a vegetação de outras, o que inutilizaria o resultado dos ensaios. Tal é uma das mais importantes experien-

ças que se fazem nos campos praticos de demonstração, modernamente instituidos, e cuja poderosa acção, como meio de propagação agricola, pôdo ser attestada pela benéfica influencia que exercem taes instituições sobre os progressos agricolas das localidades, onde funcionam.

. . .

Das palavras acima sobre a *materia humica*, e encerraremos esta primeira parte do nosso resumido trabalho.

Quando se menciona a areia, a argilla e o calcareo, como elementos constitutivos de todos os terrenos cultivaveis, deve-se acrescentar um quarto elemento — o *humus*, que, em proporções variaveis, existe em todas as boas terras.

Assim como os terrenos são o resultado da desagregação da *materia inorganica*, isto é, dos mineraes que constituem as rochas, assim tambem o humus é o producto dos detritos da *materia organica*. Isto é — dos detritos de seres organizados, vegetaes e animaes, cujas successivas gerações se perpetuam na superficie do globo, depois que a vida se tornou possível para ellas. Desde então os vegetaes depositam nos terrenos, sob a forma de materia organica vegetal, uma parte do *carbono*, que tomam da atmosfera, contribuindo os animaes com despojos e dejectões que completam a composição essencialmente organica desso quarto elemento constitutivo dos terrenos de cultura, elemento cujas camadas são mais ou menos profundas, conforme as condições mais ou menos favoraveis de sua accumulacão e conservacão no solo.

Tal é a origem da *materia humica*, cuja funcção é tanto mais preponderante nos phenomenos da vegetação que ella não sómente influe directa e indirectamente na nutrição das plantas, mas ainda modifca, por sua presença, as propriedades physicas das terras, accumulando-lhes uma fertilidade, que os elementos mineraes só por si não lhes poderlam dar.

A prodigiosa fecundidade do sólo ce treuse, após trimeios de rigorosa secca, não se explica, senão pelos accumulos de materias organicas, que, privadas durante aquelle tempo da humidade necessaria a uma boa fermentação, conservam-se intactas até que as aguas da primeira estação chuvosa favoreçam a sua decomposição e putrefacção, sob a influencia dos agentes chimicos, e mais ainda de organismos microscopicos.

As diversas fórmulas que revestem as materias organicas do sólo dao origem a um certo numero de substancias carbonadas, umas neutras e outras acidas. Todas essas substancias contem carbono, hydrogeneo, oxygeno e quantidades variaveis de azoto, que nellas se acham intimamente combinados, e não podem ser separados a frio pela acção dos alkalis ou dos acidos.

Combinadas com bases, como a cal, a magnesia, a potassa, a soda, o oxydo de ferro e de aluminio, as substancias do humus imprimem á terra a côr caracteristica, mais ou menos escura, que lhe attribuemos.

Por estes dados vê-se que o humus é elemento indispensavel ás reacções chimicas, que se dão no sólo, entre materias organicas e mineraes; e que, sem elle, não pôde a terra funcionar regularmente, como machina de boa produção agricola.

O humus toma o nome de *materia ulmica* quando se forma em presença do oxygeno do ar; e de *materia humica* quando se produz no seio das aguas, fóra da acção directa daquelle gaz.

Entretanto, as propriedades do sólo que o contem sob qualquer das fórmulas, não differem sensivelmente.

Uma parte das substancias humiferas dissolve-se nos alkalis e é assimilada pelas raizes; outra parte emerva-se, durante algum tempo, intacta, como que formando um fundo de reserva ou *stock* de alimentação; mas o estado de transformação perpetua, em que taes substancias se acham,

desde que se põem em contacto com os elementos mineraes do sólo, as tornam, de um momento para outro, solúveis; e isto dá-se incessantemente por partes. A função do humus, é, pois, importantissima sob o ponto de vista chimico. O azoto que elle encerra transforma-se gradualmente em ammoniaco, e sobretudo em nitrato assimilavel. Por combustão lenta de sua fermentação no sólo produz o acido carbonico, que, como já vimos, serve de alimento aos vegetaes. Demais, segundo Grandjean, elle combina-se com diversos principios fertilizantes, taes como o acido phosphorico, a potassa e outros, afim de offerecel-os ás plantas em estado mais assimilavel.

Risler demonstrou que o humus tem acção sobre o feldspatho e os phosphatos; que elle communica ao sólo a propriedade de absorver e reter elementos uteis, como o ammoniaco, a potassa, e outros; impedindo que estes sejam arrastados pelas enxurradas, ou flquem perdidos para a vegetação. É principalmente em relação ás bases—cal, magnesia, potassa, soda, oxydo de ferro e alumina, que elle exerce esta acção favoravel.

As qualidades physicas que o humus communica ás terras não são menos importantes que as chimicas; pois elle torna os terrenos mais frouxos e permeaveis, e modifica completamente o sólo, qualquer que seja a sua natureza, dando corpo ás terras leves, e tornando menos compactas e fortes as argilosas, colorindo todas daquella côr escura, que facilita a absorpção das irradiações caloricas do sol, tão necessaria nos climas frios e temperados.

Pelas razões expostas, o emprego exclusivo dos estrumes chimicos ou mineraes, tende a fazer desaparecer do sólo a *materia humica*; sendo, portanto, de boa pratica renovarem-se opportunamente os estrumes humiferas, todas as vezes que se empregarem estrumes mineraes.

O humus, depois de exercer os elementos inorganicos da terra, as diversas reacções que referimos, desaparece, dando, emuo

últimos productos da sua decomposição—o *ácido carbonico* e a *agua*.

De tudo quanto acabamos de expender, uma noção importante hea para sempre gravada no espirito do leitor,—a é que, além dos elementos fertilizantes que o solo naturalmente encerra, ou póde artificialmente receber por intervenção do agricultor, muitos outros hea são inintermittentemente fornecidos pela atmosphéra, deposito inesgotavel de elementos de vida vegetal e animal; servindo de vehiculos entre o ar e o solo as próprias plantas, os diversos agentes meteoricos, luz, calor, electricidade, humidade, etc., poderosamente secundados pela acção mysteriosa e surprehendente dos micro-organismos telluricos.

SEGUNDA PARTE

SUMMARY — Estado dos melhoramentos dos terrenos da cultura com auxilio da mecânica agrícola — Valor economico dos instrumentos de lavoura na organização do trabalho rural

É bem raro que as camadas superficiaes da terra, taes como existem na natureza, reünam todas as condições essenciaes, que se requerem para uma boa cultura.

O agricultor que se dispuzer a empregar capitães na exploração do solo, deve começar por estudar os terrenos sob o ponto de vista de sua composição physica e chimica, afim de modificar-lhes a textura, e enriquecê-los dos elementos, que porventura lhes faltem, ou sejam nelles insufficientes; revigorando-lhes as forças de modo a compensarem por sua produção os sacrificios pecuniarios resultantes dos melhoramentos realizados.

Por quatro meios diversos se podem melhorar os terrenos, e tornal-os tão fecundos e productivos quanto possível. Esses meios comprehendem:

1.º As operações destinadas a introduzir ou conservar na terra a humidade indispensavel á vida das plantas;

2.º As operações mechanicas, cujo fim é augmentar a permeabilidade e a acção absorbente da terra, revolvendo-a em profundidade e conveniente, e rodazludo toda a camada vegetal a um estado de divisibilidade molecular ou pulverisagão, que a torne apta a receber, com maior intensidade, a acção fecundante dos agentes meteoricos, e das reacções chimicas, que estes provocam em proveito da vegetação, bem como a facilitar a expansão das raizes em seu incessante trabalho subterraneo em procura de alimentos apropriados á natureza de cada planta.

3.º Os correctivos ou adubos, por meio dos quaes se mantem em suas justas proporções e se equilibram os elementos constituintes dos terrenos, de modo a tornar menos compactos os argilosos, menos soltos os arenosos e menos excessivos em carbonatos os calcareos.

4.º Enfim, os estrumes ou substancias fertilizantes, que se apresentam sob as fórmas —sólida, líquida e gazosa, de natureza organica ou mineral— e se transformam em principios nutritivos, os quaes, não previstindo no solo senão em proporções insufficientes, devem ser mechanicamente incorporados ás terras, e tantas vezes renovados ou restituidos a estas, quantas desapareçam consumidos pelas colheitas.

Estas quatro ordens de melhoramentos agricolas comprehendem, pois, a *drainagem*, e *irrigação*, a *lavoura mecânica* com os seus variados processos, a modificação das propriedades physicas dos terrenos, e, enfim, o emprego das substancias fertilizantes.

Drainagem e irrigação

Sem a presença de um certo gráo de humidade na terra, não pódem as raizes das plantas sugar as materias soliveis nutritivas que entram na composição da seiva vegetal, e das quaes é a agua o dissolvente e o vehiculo. Exceptuadas as plantas aquaticas, nenhuma outra póde prosperar onde haja falta ou excesso d'agua. Tal é a neces-

stidade do esgotarem-se os terrenos muito húmidos, ou de irrigarem-se os muito secos.

O grande conjunto de trabalhos d'arte e operações necessarias para drenagem e regas artificiaes de terras, que, por suas desfavoraveis condições exigem estes melhoramentos, excede, sem duvida, ás posses da maioria dos lavradores, e não pode ser comprehendido e executado sobre grandes extensos territoriaes, sem a intervenção dos poderes publicos, geraes, estaduais ou municipaes.

Como exemplo destas grandes obras hydraulicas, podemos citar o monumental açude de *Quixadá*, no Ceará, bem como as colossaes represas construidas pelos inglezos na Australia e em outras possessões britannicas da India.

Entretanto, ha casos, e bem frequentes, em que estes trabalhos podem ser praticados com vantagem, por um modo simples e pouco dispendioso, pelos proprios lavradores e proprietarios ruraes. Assignalaremos estes casos, deixando aos interesses do Estado de recorrerem aos tratades especiaes, quanto ao modo de execução pratica, relativa a cada especie.

Quando o excesso da humidade provém da impermeabilidade das camadas inferiores dos terrenos, duas operações se tornam necessarias: elevar as aguas a superficie por meio de perfurações, e dirigilas para fora dos terrenos por uma drenagem superficial, si o permitir alguma declividade ou fazelas desaparecer em um poço absorvente praticado dentro mesmo do terreno, em um ponto para onde possam facilmente convergir todas as aguas.

O encharcamento das terras pôde tambem resultar da elevação dos terrenos adjacentes. Convém, então, defender os terrenos cultivados por meio de diques construidos com terras provenientes do fosso de circumvallação, que se cava ao redor desse dique, cuja base deve assentar sobre camadas do terreno impermeavel.

A posição das terras abaixo do nivel de

um curso d'agua visivel, pôde tambem tornar excessiva nellea a humidade.

Os trabalhos do saneamento devem ser executados durante a estação secca. Quando ha nos terrenos estagnação de aguas, empregam-se com vantagem machinas apropriadas, taes como bombas, noras ou rodas de alcatrizes, e parafusos archimedeos, movidos pelo vento ou a vapor.

Não ha, porém, processo de saneamento que melhor satisfaga os seus fins, do que o moderno systema de *drainagem*. A arte de drenar começou, como todas as artes e industrias, por processos empiricos, suggeridos pela necessidade a antigos agricultores; mas, hoje essa arte obedece a regras, que a tornam um dos ramos mais importantes da engenharia civil e rural.

Não cabe, por certo, aos inglezos a gloria da invenção da drenagem, conforme elles o apregoam; pois a historia nos attesta que os Gregos, os Etruscos e os Romanos conheceram e praticaram a drenagem, bem como a irrigação, desde tempos immemoriaes. Entretanto, não se pode, sem flagrante injustiça, recusar á engenharia britannica o merito de haver revivido, melhorado e generalizado, nos tempos modernos, o exercicio aperfeiçoado desta arte.

Os antigos abriam nos terrenos húmidos valles equidistantes, de profundidade proporcional ás camadas da terra que pretendiam esgotar. A abertura superior era mais larga que o fundo. A isto dava-se certa inclinação, affim de facilitar-se a saída das aguas accumuladas nas vallas. Emas vezes estas ficavam abertas, formando extensos vassios, em prejuizo da área cultivavel; outras vezes eram entupidas com pedras de dimensões diversas, postas no fundo as de maior calibre, sobre esta primeira camada outra de pedras menores; depois uma terceira camada filtrante de particulas mais finas; finalmente, uma ultima camada de terra vegetal, onchendo a parte superior até ao nivel do terreno. Os materiaes empregados eram de naturezas diferentes—destroços

de lagados, pedras, fragmentos de tijolos, telhas, carvão mineral, e diça, galhos de arvores, foixos de varas, achas de madeira, dispostos de modo a deixarem entre si interstícios capazes de tomarem o enchido tanto mais poroso quanto profundo a camada destinada a conduzir as aguas subterrâneas para fóra dos terrenos sanados.

Entre os inconvenientes destes processos de saneamento, apontam-se os seguintes: as vallas vastas diminuem a superfície arável dos terrenos, o dificultam o transitio dos instrumentos agrícolas e dos animais, sendo preciso construir-se pontes sobre os fossos; as vallas entalhadas acabam por obstruírem-se no fim de certo tempo, deixando de produzir os effectos desejados.

O escoamento das aguas superficiaes por meio do arado, é outro modo de sanear terrenos, antigamente usado, e que ainda hoje praticam em terras argilosas.

Lavraram-se os terrenos, dividindo-os em largos canteiros, separados por profundos sulcos. Todo o excesso de humidade escóase dos canteiros para estes sulcos collectores, que a conduzem para terrenos mais baixos.

Os agricultores Latinos do tempo de Columella e de Palladius deram, por certo, um grande passo para o melhoramento da drainagem, quando empregaram no fundo das vallas de esgoto, em vez de pedras toscas e soltas, grandes tijolos de Ladrillo e sobre estes folhos de barro cozido, acabando de encher as vallas com a mesma terra dellas extrahida, garantida a franca passagem das aguas pelo canal formado pelos folhos.

Para imprimirem á drainagem o embo senlillo e a perfeição a que ella attingiu, os infelizes nada mais fizeram, do que substituir telhas e tijolos por tubos de ferro fundido. O alto preço, porém, dos tubos metallicos, deu lugar a serem estes mais tarde substituidos por tubos de lonça, muito mais economicos e duraveis, e ainda mais perfectos sob todos os pontos de vista.

Modelados em machinas especiaes, os tubos

de lonça dispensam os anneis de ajuntamento ou *manilhas*; pois são preparados de tal modo que as extremidades de um se encaixam facilmente nas daquelles que lhe são immediatos. Estes tubos, chamados *drainos*, introncam-se obliquamente em tubos collectores de maior calibre; e, collocados parallelamente no fundo do vallas perfeitamente niveladas, e pouco distantes umas das outras, constituem uma rede de esgoto de grande effecto e duração.

As aguas provenientes da drainagem são muitas vezes aproveitadas para um fim diametralmente opposto, isto é, para irrigação de terrenos secos de nivel inferior.

As grandes obras de drainagem, executadas segundo os preceitos da arte, depois de previamente sondado e nivelado o terreno, si bem que dispendiosas, representam, todavia, despezas reproducivas, e toam sobre a fertilidade da terra, acção tão benéfica quanto complexa.

Um terreno drenado é tão differente, do que elle era antes dessa operação, que bem se póde considerar como um novo terreno artificialmente formado; ees são as profundas melhoragens que soffrem as suas propriedades physicas e chemicas.

Os melhoramentos que a drainagem introduz nos terrenos de cultura, são os seguintes:

1.º As terras drainadas são mais facéis de cultivar; lavram-se e semeiam-se mais cedo na primavera, e mais tarde no outomno; são menos humidas na estação das aguas e menos secas no rigor do estio. Nunca estão saturadas d'agua, e por isso as plantas nellas vegetam com vigor.

2.º A drainagem diminuo as despezas de cultura, facilitando o funcionamento dos instrumentos aratorios, pelo afrouxamento da cohesão molecular da terra; e augmenta a superficie cultivada, supprimindo os regos de esgoto, que nos terrenos não drainados se abrem com o arado para derivação das aguas, que os encharcam.

3.º As aguas pluvias, infiltrando-se rapidamente nos terrenos drainados, os enriquecem de todos aquelles elementos da fertilisação, que, nos terrenos não drainados são arrastados para fóra pelas enxurradas.

4.º A maturidade das plantas adianta-se de alguns dias pela elevação da temperatura dos terrenos drainados. Segundo Parkes e Molden, estes accusam sempre uma differença de 5 a 7 graus para mais, sobre os não drainados.

5.º A drenagem equivale a uma lavra profunda, porque, augmentando a porosidade do solo pelo esgotamento de aguas estagnadas, facilita a penetração do ar, e assim entretém a circulação dos fluidos gazosos da atmosphera, cuja influencia sobre a vegetação é preponderante.

6.º Favorece a formação do acido carbonico e as dissoluções dos elementos mineraes que fazem parte da nutrição das plantas.

7.º Desembaraça os terrenos dos princípios nocivos que se formam nas aguas estagnadas; e permite que as materias fertilizantes, naturaes ou artificiaes, actuem com maior promptidão e energia.

8.º A saúde dos animaes melhora visivelmente sobre os terrenos drainados. Não menos manifesto é o effeito desse melhoramento agrícola sobre a saúde do homem. As febres epidemicas desaparecem dos paizes, onde se praticam estes saneamentos em grande escala.

9.º A drenagem augmenta o valor productivo das terras na razão de 13 até 200 por 100 e por hectare.

Recomendando aos lavradores este effeaz e poderoso meio de valorizar os terrenos humidos, apontamos-lhes entre as obras especiaes sobre este assumpto — o «Tratado Completo de Drenagem das terras aráveis» por Barral.

Si a humidade superabundante do sólo é nociva á vegetação, a excessiva seccura delle não o é menos.

No primeiro caso remove-se o mal pela drenagem, no segundo pela irrigação.

A irrigação tem, pois, por fim reparar nos terrenos a falta de humidade, ou da agua que o calor evapora, restituindo aos terrenos a necessaria frescura e aos tecidos das plantas a agua indispensavel á circulação da seiva e á nutrição vegetal.

A irrigação é outro poder so meio de fertilisação dos terrenos de cultura. Ella molleza e melhora a natureza do solo pelos elementos contidos nas aguas que se aproveitam para as régas; pois, as mais limpidas, como as das chuyas, arrastam sempre preciosos sedimentos e saes dissolvidos, que se infiltram na terra. Quando as irrigações são continuas; essas aguas acabam por dar a terrenos medioeres a fertilidade propria das terras de alluvião, graças ás materias fertilizantes que trazem em suspensão e depositam em espessas camadas, sob a fórma de vasca, limo ou lodo.

A irrigação facilita a germinação das sementes; apressa a decomposição dos estrumes; serve de vehicula ás materias nutritivas, — introduzindo-as e fazendo-as circular nos tecidos vegetaes; e, enfim, actua formando o terreno mais permeavel ao ar e ás raizes.

É principalmente durante o rigor do estio e nos climas tropiciaes e temperadas, que mais se faz sentir a necessidade da irrigação. É alli, e naquella estação, que os terrenos mais se deccam, e as plantas mais sentem a falta da humidade, perdida pela evaporação. As régas artificiaes suppreem então a falta das chuyas, com a grande vantagem de serem reguladas, conforme as necessidades das culturas.

A irrigação dos prados é uma das bases da riqueza agrícola do Piemonte, Lombardia, Inglaterra e Hollanda, onde a metade do sólo cultivavel é consagrada a pastagens irrigadas.

Independentemente das substancias solúveis que os cursos d'agua dissolvem e levam para o mar, elles contém ainda em suspen-

são grandes quantidades de detritos orgânicos e minerais tenuíssimos, que constituem um limo eminentemente fértil.

Os terrenos formados por depósitos sedimentares, provenientes de águas correntes, são dotados de fertilidade surpreendente.

O Nilo deposita por hora 5.068 metros cúbicos de limo. O Mississipi 2,713. O Rodano arrasta, por anno, em suas águas, 21 milhões de metros cúbicos de limo. O Danúbio 60 milhões.

Imaginem-se a quantidade fabulosa de elementos fertilizantes que o Amazonas despeja no Atlantico no decurso de um anno!

Ficou-se aquiem da verdade, escrevo Hervé Mangin, dizendo-se que 20,000 metros cúbicos de agua empregada em irrigações produziriam em substancias alimenticias o equivalente de uma ruz de açougue.

As águas do Sena, perdendo-se sem terem servido a irrigações, lançam no mar, de 2 em 2 minutos, esse equivalente, ou trinta vezes tanto por hora!

O limo depositado na superficie dos prados produz o feno, que se transforma em carne para o homem, e em estrume para as culturas.

O feno colhido em terrenos irrigados com agua doce misturada com a salgada, condições em que se acham as aguas pluvias em seu encontro com o mar, é muito salutar aos gados, e estes o comem com avidez.

Convém aproveitar para as régas dos terrenos as aguas provenientes da drenagem, porque estas contêm azotatos que os tornam extremamente fertilisantes.

A irrigação é tanto mais necessaria ás culturas, e de acção tanto mais energica sobre o desenvolvimento das plantas, quanto mais elevada e a temperatura e a luz solar mais intensa. Este melhoramento agricola é, pois, de efeitos mais rapidos e accentuados nos climas cálidos, do que nos temperados; sendo, em geral, dispensavel nos climas frios.

Por suas tendências a desenvolver de preferencia os orgaos foliaços das plantas, a

irrigação aproveita mais aos prados naturais e artificiaes, do que ás plantas graníferas, taes como os cereaes, as leguminosas, oleagiosas, etc.

Os terrenos que, por sua natureza, mais lucrariam com a irrigação, são os permeavees, e os que se aquecem facilmente, como os arenosos e os calcareos.

A hora do dia influe sobre os resultados da irrigação. Esta deve ser praticada, quando a reclamem as culturas, pela manhã, ou, melhor ainda, a tarde. A agua fresca lançada sobre as plantas, a hora do maior calor expozendo-as a uma transição brusca, compromette o seu vigor.

As grandes empresas de canalisação d'agua para irrigação de vastas regiões, assoladas pela secca, competem aos poderes publicos. Não está, porém, fora do alcance da lavra forçar o maior proveito possível das aguas, de que dispõe a sua propriedade, por processos economicos e facéis. As aguas são obtidas, ou por derivação de algum curso d'agua corrente, ou de um reservatorio (açude) de dimensões proporcionadas ao volume d'agua necessario.

Os principios fundamentais que regulam os diversos systems de irrigação, são os seguintes:

- 1º, fazer chegar as aguas por linhas enterradas;
- 2º, derramala com igualdade sobre as vertentes ou declives da terra;
- 3º, fazer subir pelos canaes de esgoto, situados na função inferior dos planos inclinados, todas as aguas servidas, ou não absorvidas.

A rede de irrigação comprehende: o canal de derivação que vem dos mananciaes; os canaes de irrigação propriamente dita, que primeiro recebem as aguas trazidas por aquelles; os raios secundarios ou pennas d'agua, que a distribuem pela superficie dos terrenos; e, enfim, os canaes collectores, que as reúnem para levallas aos canaes de esgoto, situados em nível inferior ao de todos os outros canaes.

Ha tres systemas de irrigação :

- 1ª, irrigação directa por meio de machi-
nas ou pela mão do homem ;
- 2ª, por submersão ;
- 3ª, por infiltração.

A irrigação por qualquer destes meios pode determinar grande augmento de produção, quer revigorando as plantas pela frescura, quer dissolvendo os estrumes ; quer, enfim, servindo de vehiculo ás dissoluções das materias fertilisantes, cuja assimilação torna-se, então, possível.

A irrigação para ser completamente effeiz exige, pois, o concurso simultaneo da agua, dos estrumes, do calor e da luz.

∴

A lavoura mecnica

A divisão molecular ou pulverisacão do sólo por meio de certas operações mecanicas taes como a *larra*, a *gradagem*, o destorroamento e compressão da camada vegetal do sólo por meio da *rolagem*, as *capinas*, e mais trabalhos complementares das culturas, não são menos favoraveis ao desenvolvimento da produção vegetal.

Já fizemos ver como é que, por meio de trabalhos hydraulicos de drenagem e irrigação, se suppreem as faltas ou se restringem as demasias da agua, que a natureza põe á disposição dos vegetaes. Vamos agora expor as razões que justificam a necessidade de modificarem-se os terrenos com o auxilio dos diversos e poderosos instrumentos da mecnica agricola.

O primeiro orgao que se desenvolve na planta embryonaria, apóz a germinação da semente, é a raiz.

Este orgao de nutrição subterranea, a principio tenno, filamentoço, é delicado, não poderia alongar-se, ramificar-se e mover-se no sólo em procura de principios nutritivos que já não lhe pôde fornecer a propria semente, se não fosse a permeabilidade da terra. E' evidente que quanto mais frouxas e porosas forem as camadas desta, tanto melhor desempenharão as raizes as suas funcões,

sendo, então, mais activa nos terrenos a circulação do ar atmosphérico, do cujo concurso as raizes precisam tanto, como os proprios orgãos aéreos da planta. Demais, os estrumes sem a presença continua do fluido atmosphérico, não poderiam soffrer as modificações, que os convertem em substancias assimilaveis e nutritivas. E tudo isto depende do estado de desagregação molecular do sólo.

A sim, a primeira condição dos terrenos, aos quaes val o lavrador confiar os germens de suas futuras colheitas, é a de serem bastante permeaveis para não embaraçarem a evolução desses diversos phenomenos da nutrição vegetal.

As operações mecanicas destinadas a afrouxar e meteorisar o sólo augmentam a sua fertilidade, facilitando o prolongamento das raizes ; permitindo ao ar atmosphérico penetrar facilmente na camada cultivavel ; e estimulando ainda a acção absorbente e a decomposição dos estrumes.

A acção fundamental das *lavras* é, pois, imprimir ao sólo condições de fertilidade que elle não tinha em estado de natureza,

As *lavras* propriamente ditas, juntam-se outras operações de ordem secundaria, mas tendentes todas a exaltar as forças productivas dos terrenos, taes são — a destruição daservas daninhas por meio da monda ou capina ; a subversão do sub-sólo para trazer parte delle á superficie, quando, por sua composição especial, possa contribuir para o melhoramento da terra aravel ; e enfim, a incorporação dos estrumes e dos adubos aos terrenos.

O effeito das *lavras* mais ou menos profundas não é sómente deslocar lateralmente a terra de modo a desunir-lhe as particulas para facilitar a absorpção dos gazes fertilisantes. Outro resultado se tom em vista, o é revolver de tal sorte a terra que as partes existentes no fundo da camada arada, sejam trazidas á superficie, e as partes superficiaes reviradas para o fundo, afim de ficarem alternativamente expostas á acção fo-

culando do ar essas duas partes da terra vegetal, na successão de lavras annuaes, a que são submollidos os terrenos.

A camada superficial sempre mais fértil, por sua exposição ao ar, pela decomposição das materias organicas que contém, é assim posta em contacto com as raizes das plantas, enquanto que a parte inferior, por muito tempo privada da benéfica influencia da atmosphera, vem reparar as perdas soffridas na profundidade em que se achava, sob a acção absorbente e esgotante das raizes que a sugavam.

Os instrumentos empregados na lavoura mecnica tem applicações differentes. Convém, pois, examinar o trabalho executado por cada um, bem como as circumstancias, em que deve ser preferido este ou aquelle.

..

O arado

As lavras executadas pelo arado, menos perfeitas, do que as que executam manualmente os jardineiros com o auxilio da pá, do sachô, e do ancinho, são, todavia, incomparavelmente mais economicas, e sobretudo mais rapidas e expeditas.

O arado é o principal instrumento da lavoura. Ont'ora rudimentar e informe, como o é ainda em paizes menos adelantados representa hoje, pelas modificações que incessantemente o tem melhorado, um instrumento de alto valor, senão absolutamente perfeito, pelo menos capaz de satisfazer a mór parte das necessidades da cultura.

Desde os tempos mais remotos, o homem procurou melhorar as propriedades da terra a fim de tornal-a mais productiva. Os primeiros ensaios de lavoura mecnica foram tentados de um modo tão incompleto, que reduzia-se a arranhar a superficie do sólo com o auxilio de instrumentos muito primitivos.

Os modernos processos de cultura intensiva, o cultivo de plantas de raizes profundas, as operações de desmontes e destoca-

mentos, crearam a necessidade de lavar muito abaixo das camadas superficiaes da terra.

O sub-sólo teve tambem de ser revolvido e meteorizado até onde podem chegar as raizes das plantas mais geralmente cultivadas. Dahl a construcção de instrumentos poderosos, mais ou menos complexos, e differentes pelas disposições das peças que os compoem; e cuja concepção, suggerida pelos progressos da mecnica, não podia acendir ao espirito dos antigos agricultores. Entretanto, não se pôde negar que a Idéa de lavar a terra por meios mecanicos é tao antiga, como os primeiros povos agricultores; e que o numerozo e variadissimo material agrícola moderno, não foi senão o resultado das progressivas modificações, que lentamente transformaram o rudimentar *gancho* primitivo em instrumento modelo de lavoura.

O mais primitivo instrumento desse genero é o *pico*, especie de *gancho*, com que arranhavam a superficie da terra antes de ceifar-lhe a seguinte. Não menos antigo é o arado representado na fig. 2^a e que evidentemente derivou-se do primeiro (fig. 1^a).

A ponta A destes dois utensilios actúa sobre o sólo, sendo os mesmos puchados pelos braços longos, que nos arados modernos denominam-se *braga*, *lança* ou *lindo*.

A *vábica* C (fig. 2^a) constituo o primeiro melhoramento introduzido no arado primitivo.

O antigo arado da Secilla (fig. 3^a) e o etrusco (fig. 4^a) assemelham-se muito ao da fig. 2^a.

O indico denominado *chatrahat* é já um apparelho mais aperfeiçoado e de grandes dimensões, a julgar-se pelas indicações da fig. 5^a.

O arado chinês (fig. 6^a) é mais completo ainda, tendo a *alveca* e a rélia de metal, embora em uma só peça.

A fig. 7^a representa um arado antigo do sul da França, de origem romana. Emfim, a fig. 8^a dá a fórma de um arado de Roma.

do construeção mais recente, porém ainda rudimentar.

A imperfeição desses instrumentos primitivos resulta aos olhos quando os comparamos com um dos typos dos bons arados dos tempos modernos e, entre os mais simples, com o arado Dombasle (fig. 9*), que por suas disposições, solidez e pouco peso, constitue já um grande passo dado pela meccanica agricola, preenchendo as condições requeridas para uma boa lavoura em termos ligeiros.

A construeção dos arados foi se tornando cada dia mais scientifica e aperfeiçoada. O *cepo* ou *cama*, que nos antigos arados era um pranchão de 27 ou 28 pollegadas de comprimento, servindo ao mesmo tempo de *relha* e de *aiveca*, é hoje a peça principal (uma peça unica) que serve de receptaculo de todas as outras e repousa no chão quando o instrumento está parado ou desliza pelo fundo do sulco, quando elle funciona. A sua extremidade é adelgaçada para receber a *relha*, ferro agudo e cortante, destinado a abrir a terra horizontalmente e ao sentido da marcha do arado.

A *lança*, *fleca* ou *limão*, que é a peça mais longa do instrumento e sobre a qual se exerce a força de tração produzida pelos animaes de tiro, achta-se presa ao *cepo* por duas peças verticaes, que solidificam a união do *limão* com o mesmo *cepo*.

As duas *rabieças*, lafureação da extremidade posterior do *limão* (o antigo arado só tinha uma) encixam-se solidamente no *cepo* e é nellas que se segura o conductor para dirigir o arado, suspendendo-as, quando convém aprofundar o sulco ou abaixando-as para diminuir-lho a profundidade; e pesando sobre ellas, ora a direita, ora a esquerda, para evitar que o aparelho viro para um ou outro lado.

A falta de pessoal idoneo para a boa direcção de arados simples, que requerem conductores peritos e de força bastante para manobrar o instrumento diariamente e du-

rante muitas horas, levou os constructores a adaptarem ao arado simples um trem dianteiro com rolas, sobre o qual prende-se a extremidade anterior do *limão*, apudico este destinado a impelir a marcha do arado mais firmeza e regularidade, descaugando e poupando as forças da conductor. O instrumento assim modificado tomou o nome de *charrua*.

Um encaixe feito no fimão recebe o *sego* que é uma lamina cortante, firmada por meio de emilhas, em direcção obliqua de traz para diante, destinada a preparar o cunhuho para que a *relha* não ache embaraços que a deturquem na direcção do sulco que tem de abrir, rasgando a terra, que a *aiveca* tem de atirar para o lado.

A *aiveca*, peça outra de madeira, hoje de ferro frictido ou batido, de forma curva e helicoidal, está collocada ao lado do *cepo* e em posição de receber a terra cortada pela *relha*.

Os arados simples ou sem trens-diaiteiros são preferidos nas lavouras de terrenos frouxos ou leves. Os arados charruas ou mudos de trens-diaiteiros são indispensaveis nas lavouras das terras fortes e argilosas.

Outro melhoramento feito nos arados modernos é o regulador da profundidade que se quer dar ao sulco. Servem para regular essa profundidade, que deve ser uniforme, o proprio trem-diaiteiro, o varão ou corrente de ferro a que se prendem os tirantes por onde puxam os animaes e que se denomina *vara do tiro*.

Com este limitado numero de peças variariam muito as formas dos arados. O arado Aruetin differ do Dombasle pelo maior comprimento do *cepo*. Esta disposição é, sobretudo, necessaria quando o arado trabalha em um solo pedregoso. Cada vez que a ponta da *relha* embota-se ou gasta-se deve ser aguçada de modo a constituir sempre uma parte saliente capaz de penetrar no solo e cortar horizontalmente o terreno.

Quando um aparelho deste genero é confiado a um pratico experimentado; quando

o terreno não apresenta grandes desigualdades de estrutura; estando bem graduado o regulador e dando-se á linha de tração a inclinação mais conveniente, o arado se manterá no solo de maneira a e tal-o sempre na mesma profundidade, sendo com tanto a largura da peça cortada, durante todo o percurso do aparelho; e o operario poderá então abandonar o arado a si mesmo, não intervindo por sua acção sobre as *rabças*, sino para modificar, até certa medida, a direcção da resultante dos differentes esforços de resistencia.

Si, pelo contrario, o aparelho não é bem regulado quanto ao seu modo de tração, a *vélha* tendo constantemente a *aldr* fóra do sólo ou a penetrar demais nelle, e o aparelho a desfoear o lateralmente; e é por meio de esforços, ás vezes consideraveis, exercidos sobre as *rabças*, que o conductor consegue chegar a bom resultado, mas a custa de muita energia muscular, cuja applicação forçada vem augmentar a fadiga causada pela marcha continua de *vai-vens* do trabalho durante dias inteiros.

Por todas estas razões o arado propriamente dito é cada dia menos empregado; sendo preferidos principalmente nas regiões onde são raros os bons conductores de arado, as *charruas* ou arados munidos de trem-dianteiros.

Como specimen do arado composto de rodas dianteiras e traseiras o de Howard (fig. 109). Nesta charrua o trem-dianteiro serve, não somente para firmar a marcha do aparelho, shão tambem para regular a profundidade do sulco e facilitar o sobreeamento das estripas. A roda do maior diametro assenta no fundo do sulco procedentemente aberto, enquanto a menor roda fóra do sulco na superficie do solo.

É evidente que a profundidade da lavra dependerá da distancia existente entre os pontos em que assentam as duas rodas ou da differença entre os diametros das mesmas, tendo ambas o mesmo eixo.

O regulador propriamente dito é formado

por uma peça horisontal que roda em torno de um ponto do *tímão*; de lá peça desce uma haste vertical terminada embaixo por um anel do qual vem prender-se a *cara do tou*.

Por outro lado, parte de um ponto da lamina do *segão* uma corrente supplementar, cuja extremidade livre munida de um peso de forma ovoide serve para arrastar e por em contacto com a *alceca* os estripas que esta deve solteirar ao rovirar a terra cortada pela *vélha*.

Em um arado americano, denominado — *pescoço de cygne* — do Dreere, o *segão*, em vez de ser rectifimo como nos outros, é constituido por uma lamina cortante circular, especie de disco que gira em torno de um eixo horisontal.

A charrua funciona como o arado simples supprimindo-se o trem-dianteiro. Entretanto, este apendice, além das vantagens já enumeradas, tem de mais a mais a de girar facilmente quando se manobra nas extremidades do terreno para voltar á extremidade opposta abrindo novo sulco. Em qualquer dos casos, porém, os reguladores collocados no cabeçalho dos arados permitem regular de automão, quer a profundidade, quer a largura dos sulcos.

O ferro e o aço entram cada vez mais na construcção dos arados, muitos dos quaes são inteiramente compostos de peças metallicas, rennudo, porém, á vantagem da solidez o inconveniente do peso.

Para tornal-os menos pesados e facilitar os concertos em regiões onde as industrias mecanicas se acham pouco desenvolvidas, continua-se a construir arados de madeira rija, munidos de peças de ferro e aço. O arado de Lombasle, já citado, é modelo da construcção em madeira, conforme o fabrica a Casa Meixmoron, de Nancy, a saber: *tímão* e *rabças* de madeira, tudo mais de metal.

Os arados e charruas, cujas estripas dadas, servem para a preparação dos terrenos

em *leiras estreitas e elevadas*, como convém aos terrenos húmidos; em *canteiros largos*, separados pelos regos de esgotos, que se fazem para evitar que elles se tornem encharcados ou húmidos; e enfim em *lavras rasas* executadas ao nível do sólo, conforme se pratica nos terrenos enxutos. O primeiro systema, o de *leiras* muito usado outr'ora, tem hoje menos applicação, depois que generalizou-se a pratica da drenagem. O segundo modo de lavra pôde tambem não ter razao de ser em terrenos drenados. Nas regiões da cultura intensiva, quando a profundidade da camada arável é sufficiente e as partes húmidas são convenientemente drenadas, prefero-se aos dois primeiros generos de lavras a preparação da superficie do sólo em seu nível natural (*labour a plat*).

Opra-se, então, revolvendo a terra, sem separala em partes, sempre no mesmo sentido e em toda a extensão do campo. Este modo de lavar a terra torna muito mais facil o emprego dos diferentes instrumentos complementares da lavra, taes como capinadores, estrumadores, ceifadores, etc.

Mas, as lavras rasas exigem, para sua mais facil e rapida execução, arados diferentes daquelles de que nos temos occupado. Os arados de aiveca lha obrigariam os conductores a perderem na abertura de um sulco o trabalho e o tempo que poderiam empregar em abrir os dois; o que seria diminuir de metade o effecto útil do instrumento, fazendo um sulco e voltando sem fazer nenhuma, para recommear do primeiro ponto de partida o segundo sulco e assim por diante.

Este inconveniente foi sobejamente obviado pela construcção de dois typos de charruas — a *charrua dupla* e a de *aiveca movel*.

Ransomes construiu um arado, no qual um só *seção*, numa *rêlha* ou duas *aivecas* acham-se dispostos sobre o mesmo *timão*. Com o auxilio de uma manivela collocada atraz da charrua obtem-se trabalho ininter-

rupto, sem perder tempo para qualquer das extremidades do terreno que se dirija o instrumento. As charruas duplas tem todas as peças em duplicata, constituindo duas charruas unidas por um só timão movel, que suspende uma parte do instrumento enquanto a outra lava a terra. Ha ainda arados deste genero, nos quaes as peças principais rodam em redor de um eixo horizontal, mudando-se facilmente para o lado em que devem romper a terra. Estes instrumentos considerados depois, como muito complicados, foram successivamente abandonados e substituidos pelas verdadeiras charruas de peças movéis (*bascule*), principalmente pela *charrua dupla* que representa duas charruas completas, situadas symetricamente com relação ao eixo central.

O arado duplo (de dois a dois) merece ser considerado pela engenhosa combinação de suas partes (fig. 129).

Tem dois timões unidos, não lateralmente, mas longitudinalmente, formando um com o outro no ponto em que se encontram um angulo muito obtuso, muito aberto, de tal sorte que, enquanto trabalha um, fica o outro suspenso; bastando para produzir esta manobra o peso do conductor, que para guial-o tem de sentar-se, ora em um ora em outro, a cada sulco que tenha de abrir; não havendo necessidade de voltar-se o instrumento sobre si mesmo no fim de cada sulco; bastando mudar os animaes motores de uma extremidade para outra do duplo arado que, obedecendo sómente aos movimentos de tração e de *bascule*, não se desloca nunca nos pontos de parada ou de partida. Esta disposição é mais facil de comprehender-se pela inspecção da estampa do que pela simples descripção. Não daremos a estampa do arado duplo (*tête à tête*) porque esse só é adoptado nas lavras a vapor.

Quanto ao duplo arado que gira em torno de um eixo horizontal e a que já acima nos referimos, podemos apontar, como typo, a *charrua brabant dupla*, que se classifica em dois grupos: a de timão lizo e a de timão

movel. Sendo este o unico aparelho deste typo actualmente usado nas lavras da cultura intensiva, onde quer que seja impraticavel a lavoura a vapor, daromos a e lampa da *brobant dupla* de timão movel do Bajao (de Llancourt). A de timão fixo não differo desta, sinão pelo systema de manobra, que muda a posição das peças em vez de mudar a do timão. (Vide fig. 13°.)

No intuito de diminuir as despezas de mão de obra, encarregando um só conductor da direcção de muitas charruas puchadas por um mesmo conjunto de animaes, verificou-se que a tracção exigida por um aparelho de muitas réllhas é um pouco inferior á somma dos esforços necessarios para arrastar cada um de seus elementos tomados isoladamente.

Essas diferentes vantagens fizeram adoptar arados de duas, quatro, seis e mais réllhas.

A charrua de tres réllhas de Ransomes (fig. 14°), pôde lavrar uma largura de terreno de tres vezes $0^{\circ},25$ ou $0^{\circ},75$, a uma profundidade de $0^{\circ},18$, empregando dois homens e tres ou quatro juntas de bois, conforme a natureza do terreno. A dupla-réllha de Grignon é de um só timão (fig. 15°).

Quanto ás charruas de maximo numero de réllhas (polysoe) não podemos deixar de mencionar nesta rapida exposiçáo a famosa charrua de Fowler, bem como as de Howard e de Debaín, movidas a vapor por meio de cabos metallocos. Quando se dispõe de numerosos animaes de tiro e se quer operar rapidamente, sem empregar numerozo pessoal, as charruas multi-réllhas impoem-se por suas grandes vantagens, mormente quando se pôde substituir a força muscular dos animaes motores pela do vapor, como se pratica em algumas das grandes propriedades ruraes da Inglaterra.

Ha alguns annos tem-se procurado adaptar uma machina a vapor de fraca potencia a uma a'moçarra das que podem ser movidas por animaes, allm de impulsionar por meio de cabos um aparelho de multiplas réllhas;

constituído-se assim um systema menos moroso de lavra exclusivamente mecnica, embora de effeito menos rapido do que a dos grandes arados a vapor.

Por outro lado, Chretien e Fôll e fizeram em 1876, no Departamento de Marno, em França, os primeiros ensaios da applicação de correntes electricas, como força motora de arados. Uma machina a vapor, installada em logar distante 500 metros do campo de experiencia, accionava duas machinas dynamo-electricas produzindo a corrente necessaria para impulsionar duas machinas receptoras situadas a 250 metros uma da outra. Um arado-basculo de dupla réllha estava disposto de modo a lavrar a terra sobre essa distancia de 250 metros por meio de doisapparellhos electricos montados sobre carroças de quatro rodas e accionando cabos postos em contacto com o arado. Este moveu-se traçando sulcos parallelos; mas, parece que a complexidade dos apparellhos empregados — não menos que a crestia do processo, foi parte para que não proseguissem os experimentadores aquellas notaveis experiencias. Ficou provada a possibilidade da *lavra pela electricidade*, mas ignora-se ainda si aquelles apparellhos tão delicados poderiam ou não soffrer deteriorações em seus trabalhos em pleno ar (fig. 16°).

A extrema divisáo da propriedade em França, não permittindo, sinão com raras excepções, a applicação do vapor á preparação do sólo, difficultaria, não menos, o emprego da electricidade. Talvez esteja reservada á America do Norte ou á Inglaterra a solução pratica deste problema.

Arados especiaes

Embora não caiba nos limites deste trabalho a descripção dos principaes typos de apparellhos agricarios, mencionaremos, ao menos, alguns com o nome de seus autores, allm de que os interessados procurem estudal-os minuciosamente nas obras especiaes, sem perder a occasião de vel os funcionar no campo.

Differem na fórma e nas dimensões dos arados já descriptos— os que se empregam nas lavras profundas, nos *destocamentos*, *preparação do sub-sólo*, culturas das vinhas, o tratamento destas por meio de *charruas sulphurosas*.

Para lavras profundas, Bajac construiu uma charrua do typo *brabant dupla* de última movel, com dois segoes em vez de um, como na brabant ordinaria, e de peças bastante fortes para resistirem a esforços consideraveis; tendo, em vez de *rabieas*, uma alavanca para fazer girar o apparelho em cada extremidade do campo (fig. 17^a).

A charrua Bomel (fig. 18^a) pôde, com o auxilio de um arado ordinario, resolver o problema do aprofundamento das lavras. Uma charrua ordinaria abre um sulco de média profundidade, pon lo de lado sobre o sólo a primeira camada de terra. O arado Bomel acompanha aquella, operando dentro do sulco já aberto, o preparando uma camada mais profunda, cuja altura addicionada á da primeira completa a profundidade total da lava. A *aticeca* do arado Bomel é de fórma particular, adaptada á estreiteza do fundo em que trabalha.

Bajac construiu tambem uma charrua *bascule* de grandes dimensões, munida de dois assentos sobre os quaes se colloca alternativamente o conductor, que, por seu peso, faz *bascular* o apparelho, e dispõe de reguladores para modificar a direcção da machina e profundidade do sulco. A força motora é um cabo preso ao fimão da charrua, e puchado por um apparelho qualquer de tracção (fig. 19^a).

O mesmo constructor dotou a agricultura com um possante arado para *destocamentos*, munido de trem dianteiro, tres fortes segoes destinados a cortarem em níveis diferentes as raizes, que porventura poderiam embarçar o trabalho subterraneo da relha, aliás muito solida e resistente.

Outro typo de arado de sub-sólo é o denominado *tonpeira*, que revolve a camada inferior, sem trazel-a a superficie; operação

que aliás, pôde ser executada pela *brabant dupla*, munido-se esta de relhas tonpeiras, fixadas ao cepo de cada uma das charruas, que compoem o apparelho duplo (fig. 20^a).

A charrua dos vinhedos é destinada a preparar o terreno entre dois renques da cepos (fig. 21^a).

A charrua dita *sulphurosa* tem por fim fazer penetrar profundamente no sólo certos productos chimicos medicamentosos, taes como o *sulphurato de carbono* para destruição da *phylloxera*—, nos grandes vinhedos, cujo valor permita recorrer a esta operação (fig. 22^a).

∴

Instrumentos complementares da preparação do sólo

Quando, depois das primeiras lavras deixam-se os terrenos expostos á acção benéfica dos agentes atmosfericos, convém, antes de semeal-os, sulcettel-os a novos amanhos. Esse trabalho pôde ser executada pelos mesmos arados ordinarios; mas já estando o sólo bastante revolto e pulverisado, instrumentos de maiores dimensões fazem esse trabalho com mais presteza e economia. Para e se fim construíram-se arados denominados *escarificadores*, *estirpadores*, o capinadores, conhecidos todos pelo nome generica da *cultivadores*. São arados que pôdem operar sobre uma largura de 1^m a 1^m,50, sem exigir grande tracção; permitindo por conseguinte, andar quatro ou cinco vezes mais depresso, de que com o auxilio dos arados communs.

Qualquer que seja o modo de construcção dos es apparelhos, elles se compoem sempre de um quadro triangular, ou rectangular, dividido por muitas travessas parallelas, sobre as quaes fyxam-se pequenas e numerosas relhas, destinadas a traxarem sulcos no terreno. As distancias das relhas sobre cada travessa pôde ser alterada a vontade, contanto que fique entre ellas espaço sufficiente para deixar passar qualquer obstaculo que encontrem, e sejam dispostos de

mado que as relhas, collocadas adraz, velham cortar os espaços deixados interictos pelas relhas do diante.

A fig. 23^a mostra um cultivador de Coleman de aração triangular. O de Bécas tem o mesmo numero de relhas, mas sobre aração rectangular. O do Dombado, de construção mais antiga, é todo de madeira, tendo somente as relhas do ferro. Os de Bodin, de Hiddell, de Ransomes e Sims, e de Emile Puzemat, são apenas variantes daquello primeiro typo.

Grades

Os fins da gradagem são: 1.^o Completar o trabalho dos arados, dos cultivadores, e dos rolos destorroadores, pontecendo a superflidade em diversos sentidos, de modo a expurgala de raizes, pulverisar os torrões deixados por anteriores operações, formando-a assim ahlada, lual, lisa e portanto em melhores condições para receber as sementes;

2.^o Abrir sulcos superficiaes para distribuição do sementes por processos mecânicos ou manuaes;

3.^o Cobrir as sementes depois de lançadas na terra;

4.^o Arejar o solo quando brotam os cereaes, servindo, então, para capinar e impedir que com as plantas cultivadas brotem as daninhas;

5.^o Para limpar prados naturaes do mofo, que prejudica o seu desenvolvimento normal.

A fig. 24^a representa a grade Valcourt, que pôde ter dimensões variaveis. As grades articuladas produzem effeitos mais completos, do que as simples. A grade zig-zag (fig. 25^a) as flexiveis formadas de redes metalleas (fig. 26^a) de grossas malhas, são proprias para os terrenos ondulados, nos quaes traçam sulcos parallelos, desfrendo todas as desigualdades da superficie.

Merece menção a grade *serpentina* de Puzemat.

Para as gradagens energicas empregam-se as grades de *discos estrelados* de Smith

(fig. 27^a) e a novidade de *estrelas moveis* Bajce (fig. 28).

A rolagem

A rolagem tem por fim destorroar e complicitar a superficie revolvida pelo arado; operação que precede a gradagem e a sementeira. A fig. 28^a mostra um rolo simples, de cylindro de madeira, pesando de 300 a 350 kilogrammas, cuja pressão (por metro de comprimento do rolo) é de 750 a 2.000 kilogrammas. Em muitos o cylindro é composto de discos moveis que facilitam a rolagem. O mais conhecido é o de Crosskill (fig. 29^a). Os rolos *ovários*, cobertos de pontas agudas são empregados de preferencia nos terrenos fortemente argilozos, mas o barro adhire nos intersticios das pontas, e é preciso limpá-los com frequencia. Empregam-se tambem cylindros de barra de ferro, de secção quadrada, ajustadas ao mesmo eixo, e girando independentemente umas das outras, conforme as desigualdades dos terrenos.

Todas estas disposições foram, finalmente, postas de lado para dar lugar ao rolo *Crosskill* de construção mais recente, composto de grande numero de discos estreitos, ligados de silencas, destinadas a agirem sobre os torrões deixados pelo arado. A figura (fig. 29^a bis) representa um *pulverizador*, instrumento que pôde desempenhar as funções de *grade* ou de *rolo*, sem porém, dispensar o trabalho destes.

Quando se trata de equalar a superficie de um terreno de ladeira, onde as terras descem por effeito das chuvas, pode-se restabeecer a primitiva camada superior por meio da *pá a cavallo*, utensilio de madeira ferrada na parte anterior, que serve de cortante, tendo na posterior um longo braço para a manobra do instrumento. Ao conductor cabe o trabalho de encher a pá onde ha accumulção de terra, para mais adiante despejala nas depressões do terreno; bastando para isso duas manobras; levantar o braço ou cabo da pá, enterrala e enche-la, e abaixala para

levar a terra até o lugar onde deve ser depositada (vide fig. 30^a.)

A semeadura

Depois de bem preparada a terra, trata-se de depositar nella as sementes. Esta operação obedece á regras que não se podem infringir, sob pena de perder-se todo o trabalho, tempo e despeza, empregados nas anteriores operações da cultura. É preciso que as sementes germinem em boas condições; que as plantas, que dellas provêm, desponham com igualdade, e a um só tempo; e tenham as raizes sufficientemente enterradas em camadas de terra bastante humida para podereem prosperar. Experiencias feitas por Gasparin permittiram-lhe determinar qual a profundidade, em que deveu ser depositadas as sementes para bem germinarem. Em profundidade demasiada as tenras plantinhas mal podem vencer a resistencia da terra, que as opprime. Se a profundidade é insufficiente a semente secca e deixa de germinar, ao menos dentro do prazo normal. Para evitar qualquer destas alternativas, e segundo deduzio Gasparin de suas experiencias, — a melhor profundidade para as sementes dos cereas é de 0,04 a 0,05 (centimetros); sendo certo que nestas condições, de 150 sementes semeadas, 140, pelo menos, se desenvolvem perfeitamente.

O processo mais simples de semear é gradar a terra para abrir ligeiros sulcos paralelos, e lançar com a maior igualdade possível as sementes sobre toda a superficie, cobrindo-as em seguida por meio de uma segunda gradagem perpendicular á direcção da primeira. É este o antigo processo da semeadura a vôo ou a mão, cujo bom resultado depende da pericia do operario.

Este systema rotineiro tende a desaparecer diante das vantagens dos semeadores mecanicos, que simultaneamente abrem sulcos equidistantes e nellos depositam as sementes com uma regularidade e promptez

que não se poderiam seguir pelo processo manual.

A semeadura mecanica reduz a uma só e á tres operações: abertura dos sulcos, distribuição das sementes, e soterramento destas com ligeira camada de terra. Bomais, está verificado que os semeadores mecanicos economizam *metade* ou *dois terços* da quantidade da semente empregada pelo systema rotineiro. Por outro lado, a plantação em linhas e equidistantes facilita os subsequentes trabalhos de cultura, taes como capinas, *abacellamentos*, *estrumeações intercalares*, *irrigações e colheitas*.

Todo bom semeador mecanico deve realisar as oito condições seguintes:

- 1^a, distribuição regular de sementes em sulcos abertos pelo proprio semeador;
- 2^a, repartição igual das sementes em cada sulco;
- 3^a, afastamento das linhas, podendo variar, á vontade, para um mesmo instrumento, dentro de limites bastante extensos de 0^m,10, 0^m,12, 0^m,15, e mesmo 0^m,20 (centimetros);
- 4^a, variação possível da quantidade semeada por hectares, entre 60 e 325 litros de sementes;
- 5^a, regularidade da profundidade, qualquer que seja a consistencia do terreno;
- 6^a, cobertura immediata das sementes no mesmo instante em que são depositadas nos sulcos;
- 7^a, facilidade de esvaziar completamente o aparelho do seu conteúdo, quando se tenha de semear sementes de natureza diferente;
- 8^a, facilidade de guardar o parallelismo das linhas ao retroceder das extremidades do campo.

Os semeadores mecanicos de James Smyth & Filho são os mais procurados, porque preenchem as principais condições acima enumeradas, (vide fig. 31^a).

A superficie, que um operario robusto e perito pode semear á braço, é de 4 a 5 hectares por dia. Um semeador mecanico pôde

fazer o triplice trabalho de sultear, semear, e cobrir com terra as sementes sobre 10 hectares em um dia.

Uma dupla grade de Valcourt, puchada por 4 cavallos pôde cobrir em um dia a semente de 6 hectares. A superficie semeada depende da largura dos semeadoras, que varia ordinariamente em 2^m,50 podendo semear por dia 5,5 hecl.; 3^m,00 de largura semeando 7,8 hecl.; e 3^m,50 de largura distribuindo sementes sobre 9 a 10 hectares por dia.

Procurou-se combinar um semeador de estrumes pulverulentos com o de sementes. O semeador Garrot foi construido em vista desses dois effeitos simultaneos, mas a pratica não sancionou este methodo de estrumação, preferindo empregar instrumentos completamente distinctos para as duas operações.

Os distribuidores mecanicos do estrume tem grandes analogias com os semeadores de sementes, variando somente em suas disposições, conforme se trata de estrumes *líquidos, sólidos, pastosos, pulverulentos, ou pelhosos*. Para distribuição do estrume sólido pôde-se apoucar o apparelho construido por Hirtz; e para a dos estrumes líquidos o systema da régua por meio de pipas, ou cylindros, munidos de *bomba e projector*, (fig. 32^a).

∴

Entre a germinação das sementes e a maturação das plantas, tres operações se executam, a saber: a divisão da crosta que endurecida, impede a penetração do ar necessario ao desenvolvimento das raizes, e, rachando, rompem as cellulas; a capina ou destruição das plantas d'annulhras, parasitas das culturas, que devem ser arrancadas e expostas á acção do sol.

E finalmente o abacellamento ou achego de terra aos pés das plantas, afim de garantir-lhes a necessaria frescura e revigoreamento das raizes.

Nos terrenos semeados em linhas parallelas, todo esse trabalho, pôde ser executado

por um unico apparelho o *capnador mecanico* ou *curada a cavallo*, que tira rapidamente os intervallos que separam as plantas, facillitando o abacellamento por pequenos arados, destinados a lançar a terra intercalar para os pés das mesmas plantas.

A estampa 33^a mostra um esphindor mecanico para um cavallo, arrastando a traz do si uma pequena grade, e a 33 (bis) um arado de abacellar.

∴

Não menos effeazes e completos são os recursos da mecanica agricola com relação ás operações da colheita. A necessidade de effectuarem-se estas operações o mais rapidamente possível já se fazia sentir, ha seculos, desde o tempo dos Gaulezes, antes que se construissem os primeiros apparelhos aperfeiçoados de colher. Plinio e Palladius indicam bem claramente como era construido o carro gaulez que servia para effectuar a colheita dos cereaes. «Nos vastos domínios das Gallias, escreveo Plinio, uma grande caixa, cujo bordo é armado de dentes, e fôrma um carro de duas rodas, é conduzida pelos campos de trigo por um boi que a impelle diante de si.

As espigas arrancadas pelos dentes cahem dentro da caixa. Outros lavradores colhem o trigo cortando pelo mole os colmos com uma pequena foice para depois separarem as espigas. Alguns, arranca-se o trigo com a raiz; e aquelles que empregam este processo pretendem que por elle dão ao solo uma especie de lavra, enquanto que não fazem sinão tirar-lhe o succo».

Palladius é mais minucioso em sua descripção.

«Os habitantes das planicies da Gallia, diz elle, tem um methodo de colher, que poupa a mão de obra, por isso que não exige sinão um dia de trabalho de um boi para fazer uma grande tarefa. Elles empregam uma carroça montada sobre duas pequenas rodas. A superficie da carroça, que é quadrada, acha-se guardada de pranchas re-

viradas para fóra, de tal sorte que a sua parte superior é mais larga que a inferior; e estas taboas que formam a caixa da carroça, são mais altas adiante, do que atrás. Sobre estas taboas ou pranchas estão distribuídas, por ordem, pequenos dentes, separados uns dos outros, cujo numero é proporcional á quantidade de espigas. Os dentes são recurvados para cima. Atraz da carroça existem dois varões curtos, semelhantes aos das lídras nas quaes as mulhores se fazem conduzir. E' nestes varões que atrelam por meio de um jugo e correa um boi, que fleca com a cabeça voltada para a carroça. E' mister que o boi seja manso, e não ande mais depressa, do que convém. Passando essa carroça através da ceira, todas as espigas são arrancadas pelos dentes, e accumulam-se no carro, separando-se da palha que fleca fóra. O carreiro dirige a marcha do carro, elevando-a ou abaxando-o, segundo a exigencia dos casos; e não são poucas vezes do que algumas horas para dar cabo de toda uma colheita. Este methodo é bom para as regiões cujo terreno é igual e plano, bem como para aquellas onde não se considera a palha como objecto de necessidade». (Citação de Tresea, l. 8ª cap. 11).

A ceifadora ganleza (fig. 34ª) foi desenhada em vista das precedentes descrições.

«E' evidente, diz Tresea, que um apparelho tão grosseiro, arrancando sómente as espigas, e deixando por terra os colmos, em consequencia da marcha do carro e do animal, não preenchia senão imperfeitamente o fim que já naquelle tempo se tinha em mira.

E' provavelmente por essa razão que os romanos não o adoptaram nunca, e que este primeiro ensaio de ceifa mecanica fleon por muito tempo esquecido, até que Patrick Bell em 1827 fez revivar a idéa, construindo a primeira ceifadora, a melhor que, então funcionou na Inglaterra e nos Estados Unidos da America, embora ainda do systema ganlez, de impulção dada pelo molar collocado atrás. Só mais tarde Ogles e

Brown imaginaram a attrelagem lateral, tal como é universalmente adoptada hoje».

A fig. 35ª representa a ceifadora de Bell impellida de traz para diante por uma parrelha de cavallo. Depois da Exposição Universal de 1851, os tres typos de machinas de ceifar de Patrick Bell, Mac-Corniek, Hirssey, começaram a espalhar-se sobretudo na Inglaterra e Escocia, para supprir a falta de braços, que se tornava cada vez mais sensivel em épocas de colheitas.

Cortar e enfeixar as plantas colhidas, sem intervenção do homem, foi a primeira triumpho da mecanica nesta importante operação agricola. Mas não bastava isto, era preciso que a mesma machina amarrasse os feixes e os depositasse em pontos determinados ao alcance dos carros de transporte, e isto conseguiu Walter-Wood, exhibindo na Exposição de Vienna em 1873 a sua *ceifadora, enfeixadora e ligadora*.

Mac-Corniek e Walter-Wood imprimiram ás machinas de ceifar os mais improvistos melhoramentos. Outros constructores continuaram a sua obra e vulgarisaram o emprego das ceifadoras mecanicas; e si se medo o caminho percorrido desde os ensaios de Ogles, Brown e Bell, até a época actual, fleaso admirado do progresso realizado, que tanto distanciam as ceifadoras modernas do primitivo carro ganlez, que aliás, foi um progresso em relação aos processos manuaes entao em voga na antiga Gallia.

As ceifadoras modernas dividem-se em cinco grupos:

1ª, as que cortam e depois a colheita sobre o sado, sem enfeixal-las;

2ª, as que cortam e automaticamente formam os feixes, sem atal-os;

3ª, as ceifadoras que servem alternativamente como qualquer das precedentes, pela addeção ou suppressão de um certo numero de peças;

4ª, ceifadoras, ligadoras, que cortam, separam em feixes, e then automaticamente os feixes, por meio de fios de ferro, barilante, ou palha;

5ª, enfim, ligadoras independentes, destinadas exclusivamente a atar os feixes depositados sobre o sólo por ceifadoras propriamente ditas.

Para a colheita de tuberculos podem ser apontados os *arrancadores mecânicos*, de Bajac, Condolier & Filho, Buequay, Amiot Lemaire.

Se nos inglezes comto a iniciativa de reviver a idéa da ceifadora gauleza, deve-se á America do Norte a creação das ceifadoras modernas aperfeiçoadas. Hoje se produzem com notavel perfeição os principaes constructores de diversos paizes, mas principalmente da Inglaterra, Canada, Estados Unidos e França.

A fig. 36ª representa a ceifadora *harvita*, ultimo typo creado pela casa constructora de *Walter Wood*.



Fenação

No corte, dessecação, e conservação do feno em *mêdas* empregam-se, pelo processo manual, cinco fenedores para cada ceifador; e como isto não pôde cortar senão um terço de hectare por dia, serão precisas 15 dias de trabalhos de fenação por hectare, para cada turma de seis pessoas.

Para obviar este inconveniente construíram-seapparelhosmecânicos, podendo, com o auxilio de um só homem e um cavallo, fazer o mesmo trabalho que, em unidade de tempo, fariam 18 a 20 pessoas empregadas nessas operações.

As *fenedoras mecânicas* seccam o feno ceifado; os *ancinhos mecânicos* o ajuntam em montões para ser disposto e conservado em *mêdas*. A *seccadora de Nicholson* e ancinhos puchados por cavallos—executam a fenação, sobre grandes extensões de campo, com o mais restricto pessoal.

Melhor do que em *mêdas* de pyramidas armações, é a conservação do feno por meio de compressão. A compressão do feno em fortes prensas hydraulics offerece as seguintes vantagens:

1ª, o feno conserva todo o seu aroma e toda a sua força nutritiva;

2ª, não se conspura de poeiras e conserva as suas sementes;

3ª, exposto á chuva, não se molha, senão por fóra, seccando facilmente;

4ª, a densidade que adquire o torna mo- dos combustivel;

5ª, a redução de seu volume ao sétimo do que elle occupava nos armazens—traz enorme redução do espaço que dantes tomava nas granjas ou nos wagons; o que é vantagem inapreciavel, quer para guardal-o, quer para transportal-o aos mercados;

6ª, enfim, a compressão permite conservar-o sem alteração, durante annos inteiros.

Convém mencionarmos ainda um apparelho de grande utilidade para os proprietarios que se dedicam á industria pastoril. Queremos fallar do *regenerador dos prados*, de Bajac, destinado a arejar as raizes das graminneas, que constituem as pastagens naturaes. Este instrumento, não sómente estimula a vitalidade das plantas forraginosas escurtando o solo, como as desembaraça da allôria que as atrophia, predispondo-as a adquirirem maior desenvolvimento.

Nesse instrumento (fig. 37ª) onze laminas, de forma curva, estão dispostas sobre um conjunto de quatro travessas, collocadas em um quadro metallico de forma rectangular, que assenta sobre duas pequenas rodas de locomoção, formando o trem-dianteiro e atraz sobre duas rodas grandes de eixo fixo. No espaço entre as duas ordens de rodas funcionam as laminas cortantes, que movem-se quando os animaes deslocam o apparelho. Com pequenas modificações construiu Pittier outro apparelho deste genero. O emprego de qualquer destes *Regeneradores* as grades articuladas, com que até hoje se limpam de ferrugem os velhos prados naturaes.

Na instrumentação agricola occupam tambem logar distincto os *apparelhos insecticidas*, hoje muy numerosos, empregados pela phytopathologia para applicar as plantas

matérias medicamentosas em estado pulverulento, pastoso, ou líquido, afim de libertar-as da acção malefica dos parasitas de toda a sorte e especie, *vegetaes e animais*, que são o flagello da vegetação.

Entre osapparelhos insecticidas figuram a *charria sulphureosa*, de que já tratamos (fig. 22^a) destinada a introduzir no solo o *sulphureto de carbono* para combater ou prevenir a invasão do *phyloxera* nos vinhedos.

Os *pulverisadores mecanicos* servem para projectar, sobre os caules e folhas de plantas affectadas de molestias parasitarias, diferentes productos taes como succo do tabaco (mel de fumo) e outros, que actuam sobre os insectos e parasitas cryptogamicos da vinha, da batata, e de certas arvores fructiferas, como a laranjeira. Estes apparelhos, ora de pequenas dimensões para serem manobrados pelo braço do homem, ora de grandes proporções para serem movidas por animaes, são actualmente empregados com proveito em operações deste genero.

Eis em quadro tão resumido quanto possível, os principaes instrumentos do material agrícola moderno, relativos aos trabalhos do exterior de uma propriedade rural, que são os que directam inte-se relacionam com os melhoramentos dos terrenos; não cabendo aqui tratar da instrumentação do interior das fazendas, onde as transformações da materia prima e o beneficiamento dos productos agricolas, exigem apparelhos e installações de outra ordem.

Os correctivos ou adubos

Compreende-se sob o nome de *correctivos ou adubos* todas as misturas, addições, subtrações, que se fazem no solo para melhoral-o, modificando-lhe as propriedades physicas mineralogicas, ou chemicas. Assim, augmentar a tonicidade das terras soltas ou leves, enfraquecer a compacidade ou cohesão das terras fortes, augmentar a superficie das pedregosas pela distribuição de rochas

e remoção de pedras soltas; que as atravancam; restabelecer o equilibrio da composição chimica do solo, corrigindo-a pela applicação do doses convenientes de areia, de argilla, ou de calcarlo; tornar os terrenos reais aptos a absorverem o calor, a luz, e os gazes atmosfericos, taes são os trabalhos, que constituem o melhoramento das condições constitutivas do solo ainda inculto.

São os correctivos que re-tabelecem a harmonia nas proporções dos principios constituintes dos terrenos de cultura; modificam a sua estrutura, facilitando a penetração dos fluidos aereos; melhoram as suas condições hygrometricas, e a propriedade de absorver e reter os gazes; e, enfim, communico-lhes, em uma justa medida todas as qualidades physicas, sem as quaes ellas se tornariam impraxaveis para uma cultura lucrativa.

A correção de umas terras pelas outras — é um dos mais vantajosos meios de augmentar a riqueza territorial de um palz; porque a verdadeira causa da infertilidade de um grande numero de regiões ou zonas incultas, reside, não nas condições meteorologicas e topographicas, mas na viciosa constituição hñtima dos terrenos.

Convém, pois, melhorar mineralogica e chimicamente o solo, tanto quanto permit-tam o estado e os recursos geologicos da localidade. Assim o comprehendem os paizes mais adiantados em agricultura. O norte da França, a Belgica e a Inglaterra, devem, em grande parte, a sua prosperidade agrícola ás modificações introduzidas no solo pelos adubos ou correctivos.

Os correctivos podem ser divididos em tres classes: *silicosos, argilosos e calcarios*. Como adubos silicosos ou arenosos, são preferidas as *areias de alluvão*, as do mar, e a vasa, que, impregnadas de saes, de detritos vegetaes e animaes, misturadas com elementos calcareos e argilosos finamente divididos, adquirem propriedades preciosas. Essas areias, contendo quasi sempre mais

carbonato de cal, do que silica em razão dos abundantes destroços de conchas que encerram, devem ser consideradas antes como adubos calcários, do que silíceos.

A utilidade das areias, pedregulhos, e seixos em certos terrenos é tão real que Thouin fez uma sentença, que condemnou um engenheiro do governo a repôr sobre um campo, do que elle as havia extrahido, uma grande quantidade de pedras de diversos tamanhos, empregadas no calcamento de uma estrada vizinha. Plínio nos faz saber que no territorio de Syracusa certos estrangeiros, por haverem removido as pedras de seus terrenos naturalmente pedregosos, os tornaram por tal modo Improptos para a cultura do trigo que forço o for restituí-lhes a mesma proporção de pedras.

A cal e a margá calcarea actuam muito mais energimete, do que a areia, para diminuir a tenacidade das argilas; o a despeza é menos consideravel, porque para produzir o mesmo effeito emprega-se menor quantidade de calcareo, do que de areia.

Assim como se corrige um solo argiloso juntandosse-lhe areia, assim tambem melhora-se um arenoso ou calcareo adicionandolho a argila. Esta operação é mais difficil por ser a argila muito compacta, consistente e tenaz. Conseguisse, todavia, incorporal-a áquellas outras terras, reduzindo-a a pó antes de applical-a como correctivo; o que, alias, é de necessario quando se emprega para o mesmo fim a *case* ou *limo*, ou a margá argilosa. Os agronomos latinos conheceram o processo de corrigir as terras fracas com elementos das fortes. Columella o mencionou como excellento practica. Arthur Young, escrevendo sobre a economia rural de seu paiz, refere que em algumas localidades da Inglaterra preferem, para esta operação, a argila á margá. Segundo o Dr. Lister o uso do adubo argiloso data de 1690. Thaer, agronomo tão celebre na Allemannha, quanto Arthur Young na Gran-Bretanha, diz que não se pode alcançar um effeito verdadeiramente melho-

rador da argila ou barro destinado a servir de correctivo, senão depois de haver elle estado exposto, durante alguns annos, as influencias da atmospherá, como a estão as argilas ou burros, que fazem parte da argamassa das paredes, muros diques, valados, da vizinhança das habitações, ou dos pátios das fazendas. A argila de taes argamassas esfarella-se facilmente, e mistura-se melhor com terras arenosas ou calcareas. Quando o sub solo dos terrenos arenosos e calcareos são impermeaveis e compactos, basta trazer á superficie as camadas argilosas do fundo para melhora-l-os. Na Inglaterra queimam ou calcinam a argila, e assim a tornam excellento adubo mesmo para as terras argilosas. Não é, pois, sem fundamento que Bose e Puyis, em França, preconsam a argila calcinada, como o melhor correctivo para todos os terrenos compactos, porque ella adquire pela calcinação propriedade de uma areia finissima com vantagens e predreos que a areia commum não tem. A doze a empregar é de 265 a 333 hecctolitos por hecctare, de quatro ou de cinco em cinco annos.

A vantagem da argila sobre a areia é que, depois de calcinada, além de agir mecanicamente como a areia, desempenha ainda importante função chimica por sua facultade de absorver e reter em seus poros as materias gazozas e o ammoniaco do ar, em proveito da vegetação, servindo ainda como reservatorio de sales alcalinos, principalmente de potassa e de sôda, por isso que todas as argilas encerram fragmentos das rochas alcalinas, de que ellas provêm.

Os adubos calcareos são os mais importantes e mais frequentemente empregados. Compreendem a *margá calcarea*, a *cal*, as *caliças das demolições*, o *fatun* ou *calcareo foraminifero* (sernambi), as *areias calcareas* e as *conchas cãs* de todas as especies.

Os adubos calcareos convem sobretudo aos terrenos frios e humidos, e ás terras argilo-silíceas. Os resultados destes correctivos, são: um augmento de produção de 25 a

50 %, e uma cultura mesmo peouosa da terra, porque esta torna-se mais frõxa, menos tenaz e consistente quando humida, e menos dura quando secca.

A necessidade da caldeagem das terras pobres de elementos calcareos torna-se mais evidente quando se conhecem as proporções de cal contidas nas cinzas das plantas cultivadas, ou a quantidade de sales calcareos que cada colheita annual toma ao solo. A esse respeito pôde ser consultado o interessante quadro organizado por Du Breuil e Girardin, pelo qual vê-se por exemplo, que a batata tira ao solo 1,8 por cento de cal, ou 2 kilos e 200 grs. por hectare; o trigo muito mais—11,1 por cento, ou 8 kilos 100 grs. por hectare; o feijão 5,8 por cento, ou 3 kilos 200 grs. por hectare; a ervilha 10,1 por cento, ou 3 kilos e 100 grs. por hectare; a alfafa mais de que todas as outras plantas, isto é—54 por cento, ou 150 kilos e 200 grs. por hectare, etc., etc.

Estes factos, revelados pela analyse chimica, demonstram que os terrenos privados de principios calcareos não podem ser productivos enquanto não lhes forneça directamente esse elemento indispensavel que, além de servir de alimento ás plantas, actúa ainda pondo em liberdade certos principios mineratos do solo, taes como a *silica*, a *potassa*, a *soda*, o *acido phosphorico*, que, sem a intervenção da cal, ficariam inertes ou perdidos para a vegetação; e contribuindo ao mesmo tempo para transformar o azoto das materias organicas e do ar em *carbonatos de ammoniaco* e em *azotatos alcalinos solaveis*, duas formas que melhor se prestam á assimilação do azoto. A influencia da cal é tal que a addeção de uma doze igual a um millesimo da cançada aravel em cal, duplica a força de absorpção das plantas, e triplica quasi a quantidade dos principios salinos que ellas habitualmente encerram.

Não se incorpora a cal ao solo se não depois da extincta ou reduzida a pó secco; para o que abandonam-se a cal durante 15 ou 20 dias sobre o terreno, cobrindo-a leve-

mente de terra, até que se *entumeça* e *catin-ga-se* bastante. Mistura-se depois com terra, e espalha-se com uma pá sobre a superficie do terreno, ao qual é, em seguida incorporada por meio de repetidas gradagens, complo-tando-se a operação com o auxilio do arado.

∴

Estreos organico

Os melhoramentos por addeção de materias organicas ou mineratas, que concorrem directamente para nutricao das plantas—constituem o quarto meio de fertilização, e a estruminação da terra.

Quando se considera esta operação, assalta logo a espirito— a fertilização do solo pelo elemento fertilizante mais conhecido na pratica—o *humus natural* ou preparado em estrumeiras nas fazendas. Com relação ao valor deste elemento de fertilidade, considerado como *quarto elemento constitutivo de todas as boas terras*—já em anteriores paginas consubstanciamos a controversia, do que seria triumphante a pratica tradicional. Occupar-nos-hemos agora dos estrumes organicos em geral.

Os estrumes que se incorporam ao solo contem materias *solaveis* e *insolaveis*, predominando, quasi sempre estas ultimas. As solaveis, podem ser immediatamente assimiladas pelas plantas; as insolaveis, para lhes servirem de alimentos, não do previamente transformando-se em compostos solaveis ou gazozos, por via de fermentação, sob a triplíce influencia do calor, da humidade e do ar. Esta transformação é mais ou menos prompta, conforme a natureza das materias organicas. As substancias animaes se desorganizam rapidamente, enquanto que as vegetaes, mormente as que são ricas em *lignoso*, resistem por mais tempo ás acções physicas e chimicas, que devem convertel-as em principios *solaveis* ou *gazozos* assimilaveis.

O effeito util dos estrumes depende da duração de sua decomposição na terra.

A pratica e a theoria estão de accordo sobre este principio: «os estrumes agem tanto mais utilmente, quanto mais proporcionado for o desenvolvimento das plantas a decomposição d'elles».

O agricultor dispõe de meios para modificar a acção dos estrumes, quer no sentido de retardar a decomposição dos que são muito activos, quer no de accelerar a dos relativamente inertes.

Considerados sob este ponto de vista, os estrumes são classificados em dois grandes grupos *estrumes quentes* e *estrumes frios*. Os primeiros são de acção rapida, como o sangue, a carne, as dejectões animais, os excrementos humanos, o guano, a colomina, os bagaços de seimentos, etc. Os segundos são os de acção lenta, taes como as matérias vegetaes, os estercos dos bovideos, os trapos, os destroços de lã, seda, algodão, ossos, chifres, cabellos, penas, estrumes líquidos, etc.

Entretanto esta classificação não tem de absoluto, porque a constituição do solo pôde influir sobre a duração das materias fertilisantes, quer abrando a energia de umas, quer estimulando a inercia de outras. Assim os terrenos arenosos favorecem a decomposição e salubridade das materias organicas, pondo-as, por sua porosidade, em contacto directo com os agentes meteoricos; ao passo que os argilosos, por sua tenacidade, diffcultam a acção d'aquelles agentes de decomposição. Mas está nas mãos do agricultor corrigir os defeitos ou modificar as propriedades dos terrenos, por meio de adubos, lavras, culturas, e amanhos, que impeçam os estrumes de solubilizarem-se ou volatilizarem-se nos terrenos arenosos, antes que as plantas cheguem ao termo da sua vegetação; e tornem os argilosos accessiveis a acção atmospherica.

Os acidos que se formam pela fermentação dos estrumes organicos são nocivos ás plantas; mas em presença do carbonato de cal, quer existente no solo, quer applicado como correctivo, aquella acidez da terra

estrumada vai sendo neutralizada pelo elemento calcareo, à medida que os acidos se formam. Eis porque convém associarem-se aos estrumes organicos *correctivos* ou *estrumes alcalinos*, taes como a margã, a cal, as cinzas, afim de restabeecer e manter no solo a alcaliuidade favoravel á vegetação.

Pelo conjuncto de noções exaradas neste trabalho vê-se que as estrumagens devem variar, conforme variam as condições dos terrenos e das plantas que se cultivam.

Ha plantas que esgotam as terras, conhecidas pela denominação de *plantas depauperantes*, como em geral os cereaes, trigo, milho, etc.; e outras que as fertilizam — *plantas fertilisantes*, taes como as leguminosas, que subtraem á atmosphera elementos com que enriquecem o solo. Para comprehender-se quanto pouco exigentes de estrumes são estas ultimas, basta dizer-se que 1,000 de froyo (*trifolium pratense*) deixam no solo 718 kilos de principios tomados á atmosphera, entre os quaes figura o azoto por 15 kilos; quantidade de azoto, que nada custa ao agricultor e que equivale a 750 kilogrammas de estrume ordinario.

No cultivo das plantas graníferas e leguminosas, em cujas sementes predominam os principios humidos — *albumina glutinosa*, *legumina* e *phosphatos terreos*, empregam-se de preferença, como fertilisantes; estrume normal, o sangue, as urinas, e, em geral as dejectões do homem e dos animaes, sempre ricas de *azoto* e *phosphatos*. No das plantas, que produzem — *ficula*, *assucar*, *oleos*, etc., principios formados pelo coacenso quasi exclusivo da agua e do acido carbonico, preferem-se os extremos pulhosos, os detritos vegetaes, o humus não decomposto, e, em geral, os estrumes pouco azudados.

Em these, o aphorismo *similia similibus* tem inteira applicação a estrumagem da terra. Em rigor converia estrumar cada especie de planta com os detritos da propria especie; applicar a cada pastagem as dejectões da especie animal que nella se passenta; fertilizar as culturas de plantas

alimentares destinadas ao homem com dejectos humanos; das plantas graníferas com o *gutano*, e *lombião*, e dejectos requentes das propria cavos, que dellas se alimentam. Em viticultura demonstra o practicamente esta verdade—que não é a quantidade, mas sim a qualidade dos estrumes que influo sobre a qualidade do vinho.

..

Ensaio d' applicação de estrumes

A diversidade das novas substancias fertilizantes que o commercio offerece a agricultura creou para os agricultores a necessidade de verificarem por si mesmo, ou por intermedio de chimicos, o valor intrinseco dasas substancias. Para esse exame ou analyse, ha dois methodos bem distintos — o *methodo agronomico*, e o *methodo clinico*. O primeiro, mais ao alcance dos praticos, foi proposto e empregado pelo sábio e consciencioso Mathieu de Dombasle. Eis o processo. Escolhe-se a parte de um campo onde o solo é uniforme. Traça-se ali um quadrado de dois metros de lado, e em seguida deste um outro quadro semelhante. Sobre o primeiro espalhe-se uma quantidade determinada da substancia que se quer examinar; e cultivam-se os dois quadrados da mesma maneira, empregando a mesma quantidade de sementes, dando-lhes os mesmos anninhos, collocando, enfim, as duas culturas em condições tao iguaes quanto possível.

Qualquer que seja a effeacia da substancia, como estrume ou como adubo, o effeito ha de necessariamente mostrar-se, comparando-se sobre tao exiguo espaço a vegetação das plantas nascidas em áreas tao visinhas.

A cor verde mais intensa das folhas, a maior altura dos caules, a differença do comprimento das espigas, não podem escapar aos olhos do observador attento; e este modo de experimentar um estrume ou muitos estrumes comparativamente entre si, apresenta muito muito mais certeza, do que

uma experiencia comparativa feita sobre grandes extensões do terra, caso em que se tira a prova peitando os productos de cada cultura submettida a experimentações. Com effeito, neste ultimo caso, os resultados podem ser innumerados por um grande numero de circumstancias, independentes daquelles que se tem em vista apreciar. Tanto é isto certo que, se na cultura ordinaria quizermos colher e pesar appareadamente os productos de duas partes do mesmo terreno, iguaes entre si, cultivado, adubado e semeado da mesma maneira e no mesmo dia, acharemos quasi sempre grandes differenças, que falsamente se poderia attribuir a differença de estrumes.

Pelo contrario, quando a observação é limitada a alguns metros quadrados, sendo inteiramente semelhantes todas as outras circumstancias nas partes dos terrenos que confina com este pequeno espaço bem delimitado, um homem experiente que lance a vista sob todo o campo de experiencia e os terrenos, que o rodeiam por todos os lados, não pôde enganar-se sobre os resultados.

Operando assim sobre pequenos espaços, podem-se multiplicar as experiencias, e adquirir-se, por este meio, a certeza, que seria impossivel conseguir por uma experiencia isolada.

Para ter-se, em vez de um, muitos elementos de comparação, pode-se tambem medir e pesar os productos obtidos em experiencias feitas mesmo em pequena escala.

O methodo clinico consiste em determinar, por experiencias bem simples, as proporções de materias organicas susceptiveis de immediata deposição e assimilação, e de substancias mineraes, soluveis e insoluveis, que encerram os estrumes sujeitos a analyse. Começa-se por seccar, a 100 grãos centigrados, um peso determinado do estrume offerecido como amostra, 50 ou 100 grammas, por exemplo; a differença de peso depois de completa evaporação, indica a proporção do agua, que deve ser deduzida do peso real do estrume, porque esta agua

nenhuma influencia tem sobre o seu poder fertilizante.

Tomase depois 10 grammas de substancia secca, e calcina-se esta em uma capsula de platina, aquecida ao rubro em um budo de areia. O peso perdido pela calcinação dará a quantidade de materia organica destruida pela acção do calor, ou convertida em productos gazozos, que desaparecem.

Depois da calcinação ficam no fundo da capsula—as cinzas, cujo peso dá a proporção das materias mineraes.

Emfim, para ter-se a relação entre as substancias mineraes *solueis* e *insolueis*, dissolvem-se as cinzas em agua fervente, decanta-se o liquido depois do frio, e secca-se o residuo insolavel. O peso deste dá, por differença com o das cinzas, a proporção relativa das materias solueis e insolueis.

Tem-se, pois, por este methodo os dados mais essenciaes para estabelecer-se approximadamente o valor comparativo de estrumes diversos. Esses dados são: o peso de agua, das *materias organicas*, e dos *sões solueis* e *insolueis*.

Quando se trata de frande nos estrumes, este methodo de exame é insufficiente. Forçoso será recorrer, então, a uma verdadeira analyse de laboratorio. O chimico fará a dozagem da agua, das substancias mineraes fixas, dos sões ammoniacaes, do azoto das materias organicas, da potassa, dos sões solueis das cinzas, do acido phosphorico, e, enfim, das materias huertes. Só então se terá uma idéa exacta do valor do estrume.

Segundo Beusslingant e Payen, o que valorisa o estrume é a proporção da *materia organica azotada*.

O acido phosphorico, não menos necessario que o azoto, pôde tambem servir para fixar o valor comparativo dos estrumes.

Um estrume não é completo, senão quando offerece as plantas—carbono, azoto e sões mineraes.

O estrume normal das estrumeiras é um

exemplo do estrume completo, mixto de variadissimas substancias vegetaes, animaes e mineraes. É em vista desta mistura de principios fertilizantes differentes que se considera o estrume normal, como o primeiro de todos os estrumes, e que, como tal deve servir de base á fertilisação de todos os domínios agricolas. Constituido com elementos heterogeneos numa massa homogenea, que contém ao mesmo tempo estrumes quentes e frios, e fornece á terra o humus, é um fertilizante mixto, um estrume typico—o estrume por excellencia.

A opinião do celebre chimico allemão Justus de Liebig—« que o estrume normal deve todo o seu valor ás substancias mineraes que encerra »—doutrina por demais absoluta, e em parte venida pelas experiencias de uma pratica secular, foi recentemente levantada, e calorosamente precunizada pelo o illustre professor do Museu de Historia Natural de Paris, o sabio Georgu Ville, que, com raro talento, conseguiu rehabilitar e tornar acceita a doutrina de Liebig, sem prejuizo das estrumações mixtas.

Os *estrumes chimicos* que elle recommenda compoem-se de *sulphato de ammoniaco*, *ultraes de potassa e de soda*, *phosphato acido de cal*, *carbonato de potassa*, *chlorureto de potassio*, cujas respectivas proporções variam conforme a natureza das colleitas que se tem em vista.

O que sobre taes divergencias diz Soubiran é uma verdade que em si resume esta questão:

« Os agronomos tem razão de apreciar muito o valor do humus nos estrumes; Liebig fez bem em solicitar a influencia dos saes como estimulantes da vegetação, e como elementos constituintes essenciaes de alguns principios elementares; Beusslingant e Payen tiveram razão para dizer que o valor de um estrume cresce com a sua riqueza em materia azotada; mas muito mais razão ainda tem aquelle que proclama que o estrume por excellencia é que encerra ao mesmo tempo

os tres elementos essenciaes, a saber: o *humus*, os *sacs*, e a materia azotada».

∴

Atrellagem dos animaes de tiro

Os motores animados, cavallos, muaras ou bois, não pódem ser jungidos aos instrumentos agrarios, senão por meio de tirantes, que os colloquem a certa distancia dos instrumentos, lhes facilitem os movimentos lateraes, e lhes equilibrem as forças, repartindo-as com iguaddade, affin de fazelas convergir para a linha do tiro, que deve ser a resultante de todos os esforços musculares dos animaes motores. Não é, pois, indifferente dar aqui as disposições desses arreios.

As figs. 38^a—dão o modelo dos tirantes para dous e tres animaes.

Para jungir o boi servem-se, desde tempos immemoriaes quer da *canga*, quer da *colleira*, quer do *jugo frontal*. Si se trata de um animal isolado um *meio-jugo* é atado no frontal do boi, e nas duas extremidades dessa peça prendem-se as correntes que vão ter ao instrumento. A fig. 39^a representa este modo de atrellagem.

Para puechar um carro o *jugo* é applicado á parelha ou junta de bois (fig. 48^a). Convem notar que esta ultima disposição tem o inconveniente de não deixar a cada animal a necessaria independencia; a que assim associados ficam tolhidos em seus movimentos, e não dão, como effeito util, um valor igual á somma dos esforços, que desenvolveriam, se agissem isoladamente.

E'certo que a *colleira* (dos muaras e cavallos) applicada aos bois, torna-os mais independentes uns dos outros; mas essa independencia é igualmente garantida pelo *jugo-simples* ou *meio-jugo*, que constituem o arreo mais adequado á conformação dos bovidéos.

∴

Valor economico dos instrumentos agrarios

Seja-nos permittido extraher do interessante e substancioso *Manual de Mecanica*

Agricola do conselheiro Burlamaqui os seguintes calculos e considerações, que bem salientam a acção economica e ao mesmo tempo civilisadora do material agricola moderno. «Um jornal de Illinois, diz elle, noticou ha pouco que um agente de Mac-Cormick tinha vendido em uma só localidade, e na estação propria, 250 colfadoras. Uma machina de segar puehada por dous cavallos, e servida por dous homens e uma creança faz tanto serviço como 12 trabalhadores; resultando dahi uma economia de cinco operarios.

Deste calculo pó-lo-se concluir que a localidade, que comprou as 250 machinas de Mac-Cormick, cronutson, durante uma só estação, o trabalho de 1250 homens.

Ora, segundo o mesmo jornal, contam-se no Estado de Illinois pelo menos 10.000 colfadoras mecanicas empregadas na cultura; logo, se fizermos o calculo, como precedentemente, a acção destas machinas representa o trabalho de um exercito de, pelo menos, 50.000 homens valhidos durante uma só estação!

Suppondo que cada machina trabalha 30 dias, e avallando os trabalhos dos operarios ruraes com um dollar por dia, resulta uma economia de 1.500.000 dollars (perto de oito milhões de cruzados); mas, como em muitos dos condados do Estado é difficil obter obreiros por menos de tres dollars por dia, a economia se clova realmente ao triplo, isto é, a 4.500.000 dollars (cerca de vinte e tres milhões de cruzados).

Autoridades respeitaveis avaliam, para os Estados Unidos, que a economia realisada pelo emprego das colfadoras mecanicas equivale o trabalho braçal de 300.000 operarios, e em dinheiro um beneficio de vinte milhões de dollars (quasi 100 milhões de cruzados)!

Não temos fallado até aqui senão em duas machinas; e que seria se quizessemos metter, em linha de conta, todas as economias que resultam do emprego das machinas de hater, descascar, e reduzir a farinha; os so-

mecedores, os sarrilhadores, as enxadas mecânicas, arados, charruas, ventiladores, etc. ? Ellas se elevariam a um algarismo, que excederia os calculos mais leuocraticos.

Devemos lembrar que taes resultados foram obtidos em um pequeno numero de annos; agora que a via está trilhada no campo da mecanica agricola para todos os inventores, não se pode duvidar que elles a tornaram mais larga e mais extensa, sobretudo pela applicação do vapor a todos os trabalhos rurales.

Não encerrando a questão senão pelo lado da economia pecuniaria, já ella seria um objecto da maior importancia; deve-se, porém, considerala sob um ponto de vista mais elevado e em relação á civilisação geral. Não é possível, por mais que se faça, dar a devida importancia a uma feliz transformação, que affecia ao genero humano e as reflexões sobre tal assumpto nos levariam muito longe. Contentar-nos-hemos em dizer que dando a actividade do espirito e intelligencia uma nova direcção; que fazendo refluir para outras artes uma parte dos esforços, que exigem os trabalhos da agricultura, deve-se necessariamente prover o futuro de um bem estar material e intellectual superior áquelle que o mundo tem até hoje experimentado.

Passando a dar alguns pormenores e da dos comparativos com relação ao trabalho braçal e o dos diversosapparelhos mecanicos, limitar-nos-hemos a indicar as relações dos seus effectos uteis.

Um arado puchado por dois bois ou cavallos, lava, a 20 centimetros de profundidade, em 10 horas, a área minima de 350 metros quadrados (35 ares). A relação entre a enxada e o arado é de 1:11,5; isto quer dizer que enquanto a enxada revolve 100 metros quadrados do terreno (um are), o arado prepara 1150 metros quadrados.

A grade tirada por dois cavallos, e dirigida por um homem e um menino, pode gradar em 10 horas o terreno de um alqueire (300 ares).

O rolo exige dois ou tres cavallos, e um homem para comprimir a mesma área de terra lavrada no mesmo espaço de tempo (um alqueire em 10 horas).

Um capinador mecânico, servido por um cavallo e um menino, faz o serviço de 20 enxadeiras adestradas, capinando em 20 horas (dois dias de 10 horas) a área de um alqueire.

Nos Estados Unidos calcula-se que a cortadora mecânica, independentemente da economia de mão de obra, tem a extraordinaria vantagem de fazer em tres semanas o que antigamente se fazia em cinco. Assim é que o segador mecânico allí empregado para a colheita do milho, e servido por dois cavallos e um homem, corta em 10 horas a forragem de dois alqueires de terreno (600 ares). Um ancilho mecânico junta, no mesmo espaço de tempo, o feno cortado sobre igual extensão (dois alqueires).

Um semeador, servido por um cavallo e um homem basta para semear 100 litros de milho ou feijão em um alqueire (300 ares), em 10 horas.

Um homem, armado de enxada, capina em 10 horas 750 metros quadrados do terreno (7,5 ares). Um capinador mecânico com um cavallo, um homem faz no mesmo espaço de tempo 15.000 metros quadrados, (150 ares). A relação entre a enxada e o capinador mecânico é de 1:20. Um homem robusto arranca em 10 horas de trabalho 720 kilogrammas de batatas inglesas. Um arrancador mecânico, puchado por um cavallo arranca no mesmo espaço de tempo 30.000 kilogrammas de batatas. A relação é de 1:20.

Um homem corta em 10 horas o capim de uma área de 3.000 metros quadrados. Uma colhedora mecânica com dois cavallos corta em 10 horas o capim de 50.000 metros quadrados, ou de tres hectares. A relação é de 1:18.

Em trabalho publicado «Relatorio da Estação Agronomica de Campinas», pelo agronomo allemão Sr. Ernesto Lehman, citado

peba nesso distincto conferranea engenheiro agronomo Dr. Antonio Gomes Carneiro em sua *Reforma da Agricultura Brasileira*, encontram-se interessantes dados comparativos entre o trabalho rural europeu e o nosso.

Confrontando o trabalho braçal no velho e novo mundo por meio de utensilios rotineiros, demonstra o autor que foram precisos 32 homens armados de foices nacionais para roçar um carrasquinho de 25080 metros quadrados, enquanto que bastaram 16 homens adestrados no manejo da segadeira europeia para fazer o mesmo serviço, em identidade de tempo.

Outra experiencia acabou de provar a inferioridade da foice brasileira comparada com a europeia. Dois italianos armados de segadeiras, e dois operarios nacionaes de foices das nossas, trabalhando de parelha, durante 14 minutos, roçaram aquelles 40 metros quadros, e estes apenas 167.

Na plantio do milho foram experimentados operarios italianos e brasileiros, empunhando todos enxadas nacionais. Os italianos empregaram 29 serviços para cavar e plantar, os nacionaes, para o mesmo trabalho, sobre igual extensão, apenas 14 serviços. Desta vez caubea vantagem aos nacionaes.

Quadro dos rendimentos médios do trabalho dos instrumentos da lavoura mecanica

	Comprimento dos sulcos	Numero de animaes	Área lavrada em ares
Arado profundo de 25 cent.....	400 metro	2, e. —	33 — ares
Idem idem de 25 cent.....	400 — » —	2, e. —	400 — » —
Idem de 25 cent., revirando a terra a 45° grãos.....	1500 — » —	6, e. —	— 52 — » —
Idem, idem.....	300 — » —	6, e. —	— 35 — » —
Gradagem leve.....	400 — » —	2, e. —	432 — » —
Gradagem pesada.....	1000 — » —	2, e. —	171 — » —
Rolagem leve.....	400 — » —	1, e. —	300 — » —
Rolagem pesada.....	300 — » —	3, e. —	300 — » —
Semeadura em linha.....	400 — » —	1, e. —	200 — » —
Capina.....	400 — » —	1, e. —	150 — » —
Abacellamento.....	400 — » —	1, e. —	150 — » —
Ceifa mecanica.....	400 — » —	2, e. —	500 — » —
Arcinhagem do feno.....	400 — » —	1, e. —	511 — » —
Dessecamento mecanico do mesmo.....	400 — » —	1, e. —	401 — » —
Arrançamento de batatas.....	400 — » —	1, e. —	300 — » —

Do *Caso de Economia Rural*, de Leconteux.

A Prussia em 1875, com uma população de 30 milhoes de habitantes, contava 3,025,900 trabalhadores ruraes. Cada trabalhador produzia, pois, para *11 habitantes*. A população de S. Paulo em 1888 era de 1,221,391 habitantes. Destes, 1,070,248 se dedicavam á agricultura; ou, em outros termos, 90 % da população comprehendia o cravo, humilgrantes, libertos, e nacionaes, empregados na lavoura. Da confronto da população rural com o total do Estado, vê-se que cada trabalhador produzia apenas para *uma habitante* ou *para si própria*, sobrando pouca coisa. Cada trabalhador rural prussiano cultivava, por anno, cinco hectares 62 ares.

Em S. Paulo um enxadeiro cultivava apenas meio hectare, ou *onze vezes menos*.

Des dados fornecidos pelo Sr. Lehman podemos ainda concluir que se o Estado de S. Paulo, em vez de empregar em sua lavoura 1,100,000 trabalhadores enxadeiros, se servisse dos instrumentos aperfeiçoados lavoura mecanica italiana, não só contuplicaria a sua produção agricola, mas ainda augmentaria a quota da produção de cada operario rural, diminuindo o sua exagerado numero de 1,200,000 á 100,000 auxilhees do trabalho mecanico agricola.

Possue a França em culturas 32 milhões de hectares, em cada um dos quaes empregaria um homem, se trabalhasse pelo systema extensivo ou pelo intensivo sem o auxilio da mecanica. Entretanto, com a cultura intensiva e osapparelhos que ella emprega, bastam-lhe quatro milhoes de homens para cultivar aquella extensão. (Conde de Gasparin, Tratado de Agromonia).

Assim, entre a lavoura extensiva ou braçal e a intensiva ou mecanica a relação do effeito útil é de 1:8; isto é que, enquanto o braço humano prepara e beneficia um hectare, a força mecanica cultiva oito hectares no mesmo espaço de tempo!

Em vez de um—oito hectares.

(As figuras a que se refere o auctor não chegaram ao poder da Sociedade).

MEMORIA — Cultura dos cereaes e grãos sob o ponto de vista da grande e da pequena lavoura

O. MINOEN

Pensamos que, no espirito dos membros da Illustrada commissão encarregada da organização e do programma do Congresso de Agricultura, o titulo acima emmeiado não se pôde referir a um o tudo descriptivo dos processos geralmente empregados na cultura dos cereaes e grãos, mas que a referida commissão tinha mais especialmente em vista a discussão do lado economico da questão e por isso nos conformaremos com este espirito, limitando-nos, nesta monographia, a estudar a produção dos cereaes e grãos alimenticios unicamente sob este ponto de vista, fazendo seguir estas considerações de algumas observações de ordem mais tecnica.

Todo o homem que flixar um momento o seu pensamento sobre este assumpto não poderá deixar de fazer a si mesmo esta primeira pergunta: O Brazil deve ser productor de cereaes? Tem elle materialmente vantagem nisso? Ou e avém que se limite á produção dos fructos mais proprios dos

paizes quentes? A esta pergunta, ha uma só resposta. Sim, deve o póde produzir os cereaes de que precise.

Um paiz que, como o Brazil, possua uma diversidade de climas tão grande que nenhum outro talvez lhe possa ser comparado, climas que permittem a cultura das plantas da zona tropical, sub-tropical e temperada, que possuão uma semelhança extensão de costas em que são numerosos os pontos capazes de servirem de portos, regado por uma admiravel réde de arterias fluviaes, não sómente pôde, mas deve supprir as suas proprias necessidades, sob o ponto de vista da produção dos productos agricolas de primeira necessidade, por variedades que sejam as suas necessidades.

E de facto, o Brazil é dotado pela natureza de elementos que lhe permittem a produção espontanea dos productos mais diversos, que lhe permittem, além disto, obtal-os nas condições mais vantajoas de clima e do sólo, que lhe permittem, em uma palavra, conservar-se absolutamente independente do estrangeiro para as necessidades da sua alimentação.

Com effeito, possui no norte, uma vasta zona perfeitamente adequada á produção da canna de assucar, do algodão, do cacão; no centro igualmente uma vastissima zona propria á cultura do caféiro e da vinha; no sul, regiões igualmente muito extensas, onde prosperam todos os cereaes alimenticios necessarios ao homem ou aos animaes domesticos. Posto que estas diversas produções sejam localizadas, especializadas nas regiões que lhes são mais convenientes, temos a firme convicção de que é possível ao Brazil substituir por completo os productos alimenticios que recebe do estrangeiro por productos similares de proveniencia nacional, sem que seja preciso para isto a intervenção directa dos poderes legislativos por meio de medidas aduaneiras, bastando para isto que a produção dos mesmos fructos seja feita de uma maneira methodica, e consideravelmente augmentada.

Limitando a pergunta, como o fizemos, á produçãõ dos cereaes e grãos alimentícios, a resposta será mais facil ainda. O Brazil pôde e deve produzir todos estes grãos, porque o seu sólo e o seu clima l'he permitem. Temos especialmente em vista a produçãõ do trigo, do milho, da cevada, da aveia, do centeio, do feijão. Para elucidar o assumpto, porém, convém examinar: 1º, si o Brazil reúne as condições climatericas e agrológicas necessarias para estas culturas; 2º, si l'he, para elle, conveniencia em augmentar a produçãõ actual; 3º, si p'guese os meios necessarios para isto, e quaes os que l'he convém empregar para chegar a supprir as suas necessidades.

Dos Estados brasileiros, o unico que conhecemos sufficientemente para fallar com conhecimento de causa, é o do Rio Grande do Sul. Embora limitado a este Estado, o nosso estudo não deixará de confirmar a nossa affirmativa, dizendo que o Brazil pôde produzir todos os grãos alimentícios necessarios ao seu consumo. Como o veremos mais adiante, as difficuldades são de ordem puramente tecnica.

Ainda mesmo que nenhum outro Estado brasileiro se prestasse para a produçãõ dos cereaes, o que não é o caso, pois o milho e o feijão dão em todos, a produçãõ do Rio Grande do Sul poderla corresponder ás necessidades do paiz l'iteiro.

A Republica Oriental do Uruguay que se conta entre os paizes do mundo que colhem a menor quantidade de trigo em quantidade absoluta, produziu em 1897, segundo estatísticas autorizadas, 3,625,000 hectolitros do precioso cereal. Para igualar esta produçãõ com um rendimento medio de 10 hectolitros, isto é, o rendimento mais baixo dos diversos paizes productores de trigo da Europa, seria sufficiente uma superficie de 362,500 hectares cultivados em trigo. Esta superficie comparada com a que é actualmente cultivada, é enorme; não podemos avallar a differença por falta de documentos estatísticos relativos á extensãõ de terras cultivadas em

trigo; basta, porém, comparar este algarrismos com a superficie de 236,553 kilometros quadrados do Estado do Rio Grande do Sul, da qual mais de metade poderla ser aproveitada pela cultura, para e comprehendor que a differença é enorme e permite ao Rio Grande dedicar-se simultaneamente á cultura dos outros cereaes necessarios, não só ao seu proprio consumo, como ao de toda a população brazileira. A França, com uma população inferior a 40,000,000 de almas, conseguiu em 1899 colhar mais que o trigo necessario ao seu consumo, e a extensãõ do seu territorio é pouco superior á do Rio Grande. Acresce ainda que suppozemos uma produçãõ de 10 hectolitros por hectare, que é muito insignificante e pôde ser augmentada; suppozemos a cultura dos grãos alimentícios limitada ao territorio do Rio Grande do Sul, quando é notorio que varios outros Estados mais septentrionaes se prestam tambem para esta produçãõ.

Não pôde haver duvida que o Rio Grande do Sul se presta pelo seu clima e pelo seu sólo para a cultura de todos os cereaes e grãos alimentícios que mencionamos precedentemente.

O Sr. Dr. J. F. de Assis Brazil salientou, no seu utilissimo livro: *A cultura dos campos, de uma maneira clara*, que o Brazil possui grandissimos tralcos de terreno com aptidãõ para produzir o trigo necessario para o seu consumo, baseando-se para fazer esta demonstraçãõ sobre documentos meteorologicos que tornam evidente a sua proposiçãõ no que ella se refere á questãõ de clima. Julgamos desnecessario reproduzir estes documentos e consideramos a prova como amplamente feita e os interessados poderão procurar na referida publicaçãõ os dados exactos.

E' sabido, aliás, que a cultura do trigo e do milho teve uma importancia muito maior no Estado do Rio Grande do Sul, que já mereceu o nome de colleiro do Brazil. A que se deve attribuir a decidença que se nota hoje nesta produçãõ? Não pôde ser devida a

uma alteração do clima, pois embora seja admissível que o clima actual não seja exactamente o mesmo de ha 50 annos, não pôde ter-se modificado de modo a impossibilitar a cultura dos cereaes e do trigo em particular.

Infelizmente não nos consta que existam dados climatologicos exactos d aquella época, de modo que uma comparação exacta se torna impossível. Entretanto, a julgar pela opinião dos anciãos, parece ter se dado, realmente uma modificação que diz respeito mais, especialmente ás chuvas, que não parecem ter a mesma regularidade de outr'ora e são mais torrenciaes. Seja esta modificação exacta ou não, os dados meteorologicos que temos collido pessoalmente na estação meteorologica da Lyceu de Agronomia durante um periodo ininterrupto ddo de seto annos (*) nos permitem affirmar que o clima actual do Rio Grande do Sul é favoravel á cultura de todas as culturas principaes, como da maioria dos grãos alimenticios, porque é semelhante an de rões do globo em que todas estas culturas são prosperas, porque não se caracteriza por excessos frequentemente repetidos de chuva ou de secca capazes de aniquilar as produções de uma maneira habitual. É preciso contar, porém, com os annos desfavoraveis, pois os ha em toda a parte.

Será por que o solo rio-grandense é pobre e não permite uma boa vegetação, mesmo adoptando-se processos racionais de cultura? Nem isto podemos admittir, pois é de conhecimento vulgar entre os camponozes rio-grandenses que o trigo produz em muitos lugares na proporção de 35 por um. Bizem os mesmos, sem que possamos verificar o facto, que rendimentos muito superiores são frequentes, o que custamos a hereditar, porque o preparo das terras e todas as outras operações relativas á cultura dos ce-

reaes são habitualmente executadas de modo muito deficiente e que difficilmente se pôde admittir que estas terras, embora riquissimas, possam dar rendimentos superiores ás terras cultivadas da maneira mais intensa no velho continente.

Ora, o rendimento de 35 por 1, é obtido na Europa sómente por meio da adubação mineral e com processos de cultura muito aperfeçoados.

O modo da apuração que consiste em determinar a multiplicação não é dos melhores, pois o lucro de uma cultura se estabelece pela differença entre o preço de venda e o custo; si o rendimento bruto depende da quantidade e dhida, o custo não depende sómente da quantidade de semente empregada na plantação, mas principalmente na área cultivada; portanto, o verdadeiro meio de apreciar a facilidade de produção consiste em hallar o rendimento na unidade de superficie. Entretanto, parece provado que o rendimento de 35 por 1 seja frequentemente obtido. Embora se admitta que não seja superior a 20 por 1, ainda deixa a cultura do trigo lucros elevados si é feita methodicamente e de maneira extensiva. O trigo se pôde, a justo titulo, considerar como o cereal mais exigente e onto d' r o trigo, os outros cereaes também durão, uma vez que estejam satisfeitas as exigencias climatericas.

De que a cultura dos cereaes seja rendosa não se deve concluir que ella seja muito mais lucrativa que outros processos de exploração, por exemplo, a criação.

Convém acantelar os espiritos desprevindos contra os calculos feitos theoreticamente, como tivemos occasião de ver em uma publicação da Sociedade Brasileira para Animação da Criação e Agricultura.

Lê-se na mesma publicação que a cultura do trigo pôde dar um rendimento bruto de 250\$ por hectare, ao passo que a criação não dá mais que 8,2 réis (oito réis e dous dozeimos). Tal comparação é simplesmente fantastica, pois não se toma em conta o

(*) Vido *Contribuição para o estudo da climatologia do Rio Grande do Sul*, por G. Mussu - *Annuario do Rio Grande do Sul*, por Graciano A. de Azambuja.

capital empregado e que o rendimento bruto não pôde servir de base de comparação; o unico modo certo de apreciar um empreendimento qualquer consiste em comparar os juros que o mesmo capital rende; a exploração mais hierativa será sempre a que faz render o juro mais alto ao capital empregado. No presente caso não temos a menor duvida que pela criação se pôde auferir lucros mais elevados do que pela agricultura, desde que seja feita em condições favoráveis de moio.

Pensamos, porém, que os dois methodos de exploração do solo se deveriam prestar um auxilio mutuo, o que, si por um lado a criação pôde auxiliar a agricultura, por outro lado, é pela agricultura que se ha de valorizar a criação.

Voltando aos motivos que fizeram decahir a exportação dos cereaes no Rio Grande do Sul, re-faz-nos apontar as causas a que deve ser provavelmente attribuida. Parecem-nos ser de ordem tecnica e economica. A Ferrugem, a má qualidade das sementes, o preparo por demais rudimentar das terras, a cultura prolongada no mesmo lugar sem fertilização, a mudança das condições economicas da produção, etc., são, ao nosso ver, as causas que originaram a redução tão pronunciada da cultura dos cereaes no Rio Grande do Sul, nos annos em que antigamente era avultada. O seu sinje: emmiçado não é sufficiente para torjal-as patentes e convém que as estudemos em separado.

Tem se attribuido, talvez, á ferrugem uma acção exaggerada neste sentido; porém, esta acção é innegavel. Basta para se convencer disto ver a maioria das searas de trigo, neste Estado, na época da floração. No Rio Grande do Sul, em annos normaes, o trigo semeado em fins de maio ou principio de junho, época que reputamos a mais favoravel na região meridional do Estado, nasce dentro de oito ou 10 dias, principia a perfilhar em fins de junho, a subir em meiado

de agosto, apparecendo as espigas em meiado de outubro, e floresce 10 ou 12 dias depois para amadurecer definitivamente em fins de novembro ou principio de dezembro. Estas épocas devem ser um pouco modificadas nas regiões de maior altitude do interior do Estado, em consequencia da temperatura mais baixa.

Orá, no periodo que separa o momento em que o trigo principia a subir até o florescimento, a atmosfera conserva-se, na região do littoral, constantemente humida. Embora isto não seja directamente prejudicial ao trigo, pois elle vesola ao contrario muito bem, se torna indirectamente nocivo, pois que favorece sobretudo o desenvolvimento e a propagação da ferrugem. Pensamos, portanto, que a ferrugem será sempre um obstaculo na cultura dos cereaes pantheaveis, como o trigo e o centeio, assim como da cevada e da aveia, plantas estas que são todas invalidas pela ferrugem, mas não um obstaculo insuperavel. Para combater o flagello, julgamos que os cuidados dos agricultores deverão ser dirigidos neste sentido: emprego de sementes provenientes de searas não atacadas pela ferrugem, e de preferencia de qualidades barbadas, seleccionadas pela escolha das variedades menos atacadas ou mais resistentes, o emprego das substancias toxicas como o sulfato de cobre ou da cal, como meio preventivo.

Não podemos dizer o mesmo relativamente á cultura do milho que é certamente, no Rio Grande, um dos cereaes de rendimento mais seguro, além de constituir, nas fazendas de grande ou de pequena lavoura, a base principal da cultura. O que causa mais frequentemente prejuizos nesta cultura é a secca dos mezos de dezembro, janeiro e até, ás vezes, fevereiro; nunca temos notado que a ferrugem lhe cause prejuizos totaes o geraes.

Nos annos em que chove bastante no verão sua vegetação e sua productividade são muito satisfactorias. Na cultura do feijão a ferrugem causa, de vez em quando, pro-

Julhos avultados, quando a primavera e o principio do verao correm muito chuvoso, mas trata-se de circumstancias excepcionaes, ao passo que, para o trigo é similares, o phenomeno repete-se quasi todos os annos.

A má qualidade das sementes, por si só, seria um motivo sufficiente para explicar a diminuição enorme da produção dos cereaes no Rio Grande. É por demais conhecida a influencia muito grande dos reprodutores na multiplicação, quer dos animaes, quer dos vegetaes, para que nos seja necessario insistir sobre o assumpto. Está feita, ha muito tempo, a demonstração desta influencia, cuja consequencia é uma degenerescença certa, assim como é demonstrada a influencia contraria da selecção. As experiencias do sabido agronomo e agricultor Florimond Desprez, recentemente fallecido, fizeram esta demonstração. Não parece ter existido, em época alguma, entre os plantadores, o habito de escolher as sementes especialmente para o plantio. Contentavam-se em trocar suas sementes entre si, de tempos em tempos, pensando por isto, combater effezivamente a degenerescença. Não nos é possivel nos limites deste estudo rapido, entrar em pormenores sobre os resultados feitos da selecção do que somos fervente apologista e que, si não a consideramos uma panacea universal, deve ser certamente tida como uma das causas mais poderosas do progresso agricola.

A julgar pelos processos de cultivação do solo ainda empregados hoje, pelos vestigios ainda numerosos do material aratorio empregado ha 50 annos e que são representados typicamente pelo arado de pao que ainda se vê em muitas localidades do Rio Grande, atrado (felizmente) em um conto, é facil formar-se uma idéa do quanto era rudimentar a machina agricola usada pelos antigos plantadores de trigo, neste Estado, na época em que elle merecia o nome de celeiro do Brazil. Era preciso, realmente, que as condições economicas da produção estivessem altamente favoraveis para que ella

dêsses lucros aos agricultores. Como esperar, razoavelmente, que terras apenas irrandiadas na superficie possam ter conservado durante muito tempo a sua productividade. Uma camada de terra lavrada na espessura de cinco a seis centimetros não pôde, por boa que seja, produzir indefinidamente abundantes colheitas. A fertilidade inexgotavel não passa do um mytho, e a esterilização não pôde deixar de se dar, cedo ou tarde, principalmente quando a camada lavrada é tão pouco espessa. Si se accrescentar que a adubação das terras era e ainda é desusada, não é de admirar que o Rio Grande deixado de produzir as ricas searas de trigo mencionadas por A. St. Hilaire na sua viagem no Rio Grande do Sul.

Não hesitamos em affirmar que os defeitos do material aratorio empregado é uma das causas mais poderosas da productividade decrescente das terras cultivadas em trigo. Esta transformação necessaria é infelizmente uma das mais difficis de se conseguir, porque, entre as populações rurales, mais do que em outras, o habito é uma segunda natureza. A differença apreciavel do custo de uma charrua aperfeçoada e de um arado rudimentar vem ainda tornar mais difficil o estabelecer, na convicção do lavrador, que lhe seria mais proveito o fazer de uma vez um sacrificio para adquirir um bom instrumento; é difficil convence-lo de que este sacrificio, relativamente pouco elevado, si tomar em consideração a sua maior duração, será altamente compensado pelo augmento do rendimento. Mas um material agricola aperfeçoado é uma caracteristica certa de uma população agricola instruida; e taes transformações não se fazem em um dia.

Pensamos, portanto, que querer introduzir repentinamente instrumentos aperfeçoados nos centros da lavoura em que se nota esta deficiencia do material aratorio, é correr o risco de errar e de obter resultados absolutamente negativos. É preciso se lembrar que taes machinas são delicadas, devem ser manejadas com cuidado, que um para-

furo mal apertado, uma peça mal collocada, bastam para impedir o bom funcionamento.

Entregar um instrumento destes a um trabalhador que o desconhece completamente, não pôde dar senão resultados contraproducentes. Depois de ter experimentado inutilmente, elle declara peremptoriamente que não presta. Convém, pois, proceder a estes melhoramentos de uma maneira progressiva, na pequena lavoura. Sómente o fazendeiro abastado, que rege a sua propriedade, que dirigir pessoalmente os trabalhos da cultura, poderá conseguir, si possuir os conhecimentos technicos necessarios, a modificação completa de um material aratorio deleciente, substituindo-o por um bom, adejuado ás necessidades de cultura methodica, prolongada, remuneradora.

Apontamos ainda como uma causa de esterilização momentanea das terras cultivadas em cereaes, a cultura prolongada no mesmo logar sem restituição de materiaes fertilizantes. É um facto inegavel que a terra cultivada sem adubação vai se depauperando progressivamente, de modo que chega um dia em que ella deixa de conter os elementos indispensaveis para a nutrição dos vegetaes em quantidade sufficiente para as necessidades dos mesmos. Se, apparentemente, ha casos que parecem estar em opposição com este principio fundamental, como terras cultivadas durante muitos annos sem que se veja baixar a productividade, é porque as reservas de elementos assimilaveis que estas terras virgens contêm sãõ tão grandes que ellas não chegaram ainda a ser exgotadas.

Taes casos são muito raros, e habitualmente, no fim de poucos annos, as colheitas vão diminuindo até o ponto de não serem mais remuneradoras. Supponho, mas não passa de uma supposição, que tal se deu entre os agricultores rio-grandenses. Hez ainda se encontra, em muitos pontos do Estado, terras abandonadas porque sua fertilidade tinha escaesecido a ponto de não remunerar mais a cultura; no norte do

Estado, em nucleos colonias de colonização relativamente recente, vimos em varios pontos terras completamente esterilizadas pela cultura, o que, antigamente, eram cobertas de frondosas mattas. Não é na zona montanhosa, porém, que a cultura dos cereaes tinha tomado a importancia que teve; a sua recente occupação pela colonização estrangeira o prova. E nas zonas de campinas descobertas e de as povoações se constituiram em primeira logar; naquellas zonas basta habitualmente romper a terra para poder plantar immediatamente. Por outra parte, como as terras não faltam, bastaria deixar momentaneamente em repouso as terras cuja productividade está diminuindo, para lavrar outras, voltando as primeiras depois de alguns annos de pousio, para deixal-as recuperar a productividade perdida. Este systema denominado pousio, é a base da rotação das culturas e pôde deixar de ser applicado sómente no caso em que o agricultor possuir abundantes adubos.

Estamos assim naturalmente levados a tratar deste ponto tão importante da adubação. Os meios empregados para a fertilização das terras são os adubos produzidos na propria fazenda e os adubos organicos ou mineraes trazidos de fóra. Haverá para o agricultor brazileiro conveniencia em adubar as terras que cultiva por um ou outro destes meios? As situações são tão numerosas e variadas que a solução não pôde ser unica.

Limitando, porém, o assumpto ao Rio Grande, julgamos que o primeiro é o nucleo meio applicavel, isto é, que o nucleo meio pratico de obter este resultado atvejado, a fertilização pelos adubos da terra cultivada, consiste em aproveitar as dejeções dos animaes domesticos.

É indubitavel que, no estado actual da cousa, este aproveitamento não se faz. Entretanto, não exige um trabalho muito complicado. A criação a campo, sendo o systema geral neste Estado, não se pôde pensar

em aproveitar o estrume do gado de cria, mas todo o agricultor ou criador tem algum cavallo a trato ou uma pontá de vacas leitôlas, ou algumas juntas de bois mansos que diariamente vem junto á casa e até são encerrados de noite. Não seria muito difficil o aproveitamento deste estrume, que daria, pelo menos, para adubar uma horta bastante extensa. Quanto á adubação das terras cultivadas pelo modo extensivo, nullo applicavel no Rio Grande na grande lavoura, pensamos que a agricultura ainda não está organizada para isto. O emprego dos adubos não deixa de constituir um augmento apreciavel da despeza e, portanto, do custo do producto, de modo que si fizermos em paralelo o agricultor que cultivar terras sem adubação e aquelle que cultivar terras de exploração antiga, sustentando a sua productividade pela fertilização artificial, o producto podendo ser igual nos dois casos, a comparação estará em favor do primeiro caso, porque o producto será obtido com um custo menor.

Consideramos, entretanto, que as terras, uma vez conquistadas pela agricultura não devem ser abandonadas, e pensamos que as terras que ficarem empobrecidas pela cultura não devem por isto ser deixadas sem cultura por um tempo indefinido, mas apenas momentaneamente.

Em consequencia, enquanto a lavoura brazileira for feita pelo methodo extensivo, haverá conveniencia em procurar o augmento da producção no augmento da superficie cultivada e não na applicação dos processos dispendiosos de fertilização que caracteriza a cultura intensiva, as culturas ricas de grande rendimento ou as que exigem grandes despezas de estabelecimento, como os cafés, os vinhedos. A adubação, isto é, a restituição ao solo do que lhe foi tirado pela cultura, é o ideal scientifico de que o agricultor deve procurar approximar-se o mais possivel, mas que as condições

economicas sempre lhe permitem attingir. E' dizer que, si a cultura intensiva tem a

sua razão de ser nos centros mais populosos do Brazil, na proximidad das cidades, e para determinadas culturas, pensamos ao contrario, á vista do valor relativamente pouco elevado da terra e a escassez da mão de obra, que o futuro da cultura dos cereaes e grãos alimenticios está na cultura extensiva.

Finalmente, para encerrar este assumpto mais particular das causas determinantes da redução da cultura dos cereaes no Rio Grande do Sul, devemos mencionar a modificação profunda das condições economicas da producção; entre estas salienta-se a questão da mão de obra.

No tempo em que a cultura dos cereaes era prospera neste Estado, a agricultura não empregava mão de obra assalariada; o braço escravo era quasi o exclusivamente empregado nos trabalhos da lavoura. E' facil comprehender que isto tenha constituido para o fazendeiro brazileiro uma situação privilegiada e que possa ter produzido quantidades importantes de cereaes, abastecendo uma parte a recivel do paiz, e ficando-se habilitado tambem para transpor o interior para os pontos de embarque os cereaes que exportava para outras regiões. Mas do dia em que foram mingando os trabalhadores escravos pelas libertações espontaneas, pela consequencia da liberdade do ventre, e, finalmente, foram completamente supprimidas pela emancipação total, foram completamente contra e nullo a consequencia de que a crise que a agricultura brazileira está atravessando seja em parte devida ao profundo abalo que uma modificação tao radical nas condições da producção agricola não podia deixar de causar.

A consequencia foi que os lavradores rio-grandenses foram diminuindo, na mesma proporção em que escassa o braço escravo, as suas searas de cereaes. Estes escravos, uma grande parte emigrou para as cidades, aprendendo officios se eram moços ou vivendo muitas vezes na mais completa ociosidade, embora tivessem de supporlar

serias privações. Este elemento de trabalho, os escravos, homens de cor, não podia ser tão rapidamente substituído por outro.

Com effeito, o trabalho manual sendo até então o triste apanagem do escravo, o homem branco habituou-se a considerá-lo como uma causa aviltante e, somente com uma reluctância que ainda se nota hoje, consentiu em certos casos a tomar o lugar do negro para fazer, mediante salario, os trabalhos de lavoura nas fazendas de produção de cereaes. Para o estrangeiro immigrante, não podia existir a mesma prevenção, mas, salvo raras excepções, o immigrante europeu não se fém, no Rio Grande, localisado nas fazendas como trabalhador jornalheiro. A facilidade com que um agricultor morigerado o trabalhador se pode constituir proprietario nos centros de colonisação official ou particular, os excellentes resultados que esta colonisação dá para os próprios colonos e para o augmento da prosperidade nacional, ora o é, aliás, uma causa sufficiente para afastá-lo das fazendas. Resulta destas considerações que a diminuição cada vez maior, sem que tenha presentemente substituição possível, da mão de obra do escravo, é, no nosso modo de pensar, uma causa também poderosíssima da decadencia a que nos referimos na produção dos cereaes.

Pensamos que a esta causa se deve acrescentar outra do ordeno tambem economica, é a valorisação constante dos productos da industria bovina, causada pelo augmento da população e principalmente pelo desenvolvimento das vias de communicação. O fazendeiro que antigamente se dedicava à produção dos cereaes, vendo-se obrigado pela falta de braços, a reluzir suas culturas até o ponto, muitas vezes, de não supprir as necessidades do seu consumo, procurou estender a criação que exige, relativamente à agricultura, de muito menos mão de obra. A situação é tal, hoje, que o fazendeiro riograndense que possui os capitães necessários tira mais resultado dos seus capitães pela criação do que pela agricultura porque esta

não está melhorada. Não queremos dizer por isto, que não se deva pensar em desenvolver esta, nem que possa haver vantagem nisto. Bem, ao contrario. Mas na situação actual, é um facto.

Si se tem dado uma valorisação dos productos bovinos, não é menor real que os productos vegetaes e especialmente os cereaes tambem se tem valorizado, mas até agora, o colono, isto é, a pequena lavoura somente, tem tirado beneficio desta valorisação.

O conjunto da produção em cereaes talvez não esteja tão inferior como se pensa geralmente em comparação do que era antigamente. Limitando-se à produção dos cereaes panificaveis, parece, realmente ser, inferior, mas é preciso tomar em consideração que a população do Rio Grande tem augmentado de um modo extraordinario e que o consumo dos mesmos cereaes tem forçosamente augmentado parallelamente, e a principal base de comparação que nos seja possível adoptar é a estatistica de exportação. Não se segue forçosamente da diminuição na exportação uma diminuição na produção. O que é innegavel, porém, é que as fazendas que antigamente produziam muitos cereaes panificaveis, os produzem hoje em quantidade relativamente insignificante; é principalmente em relação à produção do trigo que esta decadencia se manifesta.

A produção destes cereaes tem-se deslocado e pertence hoje mais especialmente ao elemento colonizador; se as estatisticas da exportação demonstram uma diminuição nestes productos é que o augmento da produção indubitavel nos centros coloniaes antigamente explorados não pode supprir as necessidades sempre crescentes do consumo, o que as importações em trigo e farinhas provam de uma maneira irrefutavel. Quanto aos outros grãos alimenticiaes, como o milho e o feijão, temos a convicção absoluta que a sua produção tem augmentado, mas na falta de estatistica da produção agricola não o podemos provar por meio de algarsmos.

Fizemos estas últimas considerações unicamente por mostrar que a situação não é tão má como se poderia pensar em consequência da diminuição dos algarismos da exportação. Mas fica de pé o argumento que o Brazil não produz o necessário para seu consumo.

Quanto á conveniência económica para o Brazil de desenvolver a produção dos cereaes até satisfazer as necessidades do seu consumo, nenhum espirito esclarecido a poderá negar. Encarando momentaneamente os proventos que resultam deste incremento para a prosperidade nacional, suas vantagens são evidentes. Um dos meios mais poderosos de contribuir para a alta do cambio, é augmentar a produção nacional em todos os seus ramos, quer para diminuir a importação, quer para augmentar a exportação; o resultado, em qualquer caso, equivale a uma diminuição do outro exportado para o estrangero. Em caso de guerra, a falta de produção nacional de um genero de primeira necessidade é um perigo enorme. Basta, para se convencer disto, lembrar-se da alta que soffreu o preço do trigo e das farinhas ás primeiras noticias da guerra hispano-americana, e, entretanto, as communicações maritimas com o segundo daquelles paizes, nunca chegaram a ser interrompidas. O simples recio, que não se realizou de um bloqueio dos portos norte-americanos, foi sufficiente para que se manifestasse em todos os paizes que não produzem trigo para seu consumo, a alta do trigo e, portanto das farinhas e do pão.

Si o Brazil tivesse a infelicidade de se ver em lucta com outra potencia a difficuldade quasi insuperavel de abastecimento por via terrestre deixaria muito problematica a possibilidade de se poder importar os cereaes durante uma guerra maritima. O patriotismo deve, pois, levar todo o brasileiro a considerar a produção nacional destes productos como um dos elementos mais seguros da prosperidade.

Somente os governos, porém, se podem deixar guiar por considerações desta ordem, na sua administração. Não se pode esperar dos particulares, da massa dos agricultores ou dos grandes proprietarios de terras, que se dediquem á cultura do trigo, por exemplo, por puro amor á patria, si esta produção não lhes garantir lucros. Estamos convencidos de que pouco pode um governo no sentido de provocar uma produção de utilidade nacional, quando os particulares não estão naturalmente propensos a praticala. Temos como exemplo, em França, a cultura das plantas oleaginosas que está declinando todos os dias devido á vulgarização dos oleos mineraes, a cultura do linho e do canhamo que tambem estão diminuindo sensivelmente apesar dos premios concedidos pelo governo aos cultivadores. O mesmo se deu com a cultura da «garance» que tem desaparecido por completo, devido ao emprego na industria de outros colorantes.

Nem as subvenções, nem os premios de exportação podem substituir como incentivo o lucro da produção. Teríamos maior confiança na fundação de associações agricolas particulares, que vulgarissem os conhecimentos agricolas e facilitassem as informações, na criação de syndicatos de agricultores que diminuíssem a difficuldade de compra de sementes seleccionadas e de instrumentos agricolas. O unico auxilio administrativo effez é a franquia de direitos á importação de machinas agricolas e não como a da tarifa actual que isenta dos direitos em uma pagina e os impõe em outra. Aproveitamos a occasião que nos é dada hoje para recommendar este assumpto um especialmente á attenção do congresso, convencido de que muito poderá a Sociedade Nacional de Agricultura no sentido. Actualmente são isentos de direitos, entre as machinas agricolas, unicamente as machinas aratorias e neste numero estão contados somente as charruas ou arados; a classificação official não admitte como ma-

china aratoria, um cylindro, uma capladeira. Pensamos que esta especificação carece de logica e que o legislador leve evidentemente em vista facilitar a importação das machinas agricolas, em geral.

Em uma palavra, a conveniencia de se desenvolver a cultura dos cereaes e graos alimenticios existe economicamente para o paiz; resta examinar se existe para o particular.

Resolvemos a questao pela affirmativa desde que sejam preenchidas certas condições primordiales de que passamos a estudar.

A duvida sómente pode existir para o trigo e similares, pois a cultura dos outros graos alimenticios, como milho e feijão, se desenvolve diariamente e dá lucros aos seus productores.

Estas condições primordiales não são mais que a remoção de certas difficuldades de ordem tecnica e commercial. As primeiras são culturaes, as outras são relativas á sahida do producto.

As difficuldades culturaes podem ser removidas pelo proprio agricultor. Enumeramos mais acima quaes eram, ao nosso ver, os defeitos da cultura do trigo como é feita actualmente, apontamos os meios de remediar a esses defeitos. Devemos acrescentar algumas considerações sobre a colheita e a trilha dos cereaes.

Muito teriamos a dizer mas não podemos, nesta monographia que consideramos antes como um estudo economico, entrar em pormenores completos porque seria preciso fazer um estudo detallado da cultura de cada uma das plantas denominadas cereal.

Pensamos que, enquanto não se usar o machinismo moderno, não haverá esperanças de podermos ver se desenvolver a cultura do trigo.

Uma cultura em grande escala feita por meio do trabalho braçal absorveria por inteiro o lucro da produção na cultura extensiva; além disto não ha materialmen-

te braços que cheguem para estes trabalhos.

A cultura está no alto preço da mão de obra, e, alinda mesmo que fosse mais barata, a sua excessiva impossibilitaria por completo a execução dos trabalhos em devido tempo.

Em relação a este assumpto diremos uma palavra sobre a reforma do material aratorio; é preciso usar de arados mais poderosos, e, portanto, mais rendosos, mas não se limita a isto a reforma. A colheita feita com a foice, a trilha, a pata do animal, são processos incompatíveis com uma cultura racional e extensiva.

Si estes meios são adaptados ás condições actuaes da produção que visa só o consumo, são completamente inapplicaveis á grande cultura. Sem ceifadeiras e trilhadeiras mechanicas não ha cultura extensiva do trigo.

Se vê que a reforma é radical e exige uma somma elevada de capital, comparativamente ao que está applicada actualmente a esta produção e que se reduz a pouco mais do nada. Eis a principal difficuldade. Será invencivel?

Não o pensamos, mas para afastar esta difficuldade, é preciso um passo decisivo que ninguém se atreve a ser o primeiro, a dar.

Mais adiante apresentaremos uma solução da questão. Queremos examinar primeiro quaes são as difficuldades economicas que se oppõem á essa transformação.

É facil fazer o seguinte raciocínio: O consumo existindo para o trigo ou seus productos derivados, e a produção nacional sendo insufficiente, os mercados tem que se abastecer no estrangeiro.

O trigo estrangeiro deve chegar ao interior do paiz onerado de numerosas despesas de commissões, fretes, seguro e direitos aduaneiros, as quaes seriam menores ou nullas para o trigo nacional; este trigo nacional pode, portanto, ser posto pelo productor ou seu intermediario no posto de

consumo ou do beneficiamento por um preço inferior ao do estrangeiro e ainda dar lucro ao produtor. Este raciocínio carece de fundamento, e o motivo que o torna erroneo é que o produtor não está actuando em condições de apresentar ao moleiro um género igual ao do estrangeiro. O trigo trilhado a pala do animal e misturado em uma proporção elevada de terra, de pedras e outras matérias estranhas que impossibilitam o moleiro de pagá-lo, nos pontos de desembarque do trigo estrangeiro, pelo mesmo preço que o que recebe de fora.

Por conseguinte, enquanto os agricultores não possuírem o material necessário para trilhar trigo sem estragá-lo e para limpá-lo perfeitamente, não pode esperar que o moleiro lhe pague o preço correspondente ao do trigo estrangeiro, e a diferença é grande.

Os carretos que ficam por conta do produtor ou do intermediário ainda vêm diminuir o valor em dinheiro que o agricultor recebe pelo seu género.

Desapparecendo este defeito da qualidade, não podemos admitir que o moleiro deixe de pagar um preço semelhante ao do estrangeiro porque as transacções feitas a vista, no interior do país, são sempre mais fáceis do que as que se fazem com o estrangeiro.

Quaes são, pois, as soluções que se podem propor para esse problema assaz complicado? Os elementos da solução são, como vimos, a transformação dos processos de plantação, colheita e acondicionamento do producto, para reduzir o preço do custo e obter um producto vendável, capaz de supportar a concorrência como o similar estrangeiro.

É fácil ver que estes elementos se reduzem a um só, o emprego de um capital muito mais importante do que o que é actualmente applicado á esta cultura.

Resumiremos agora a solução que admitimos como meio de conseguir esta transformação nas condições da produção de

trigo, e, em geral dos cereaes. Dois casos se apresentam :

1º, a produção pela pequena lavoura, isto é, nas colonias;

2º, a produção nas grandes fazendas, isto é, pela grande lavoura.

No primeiro caso os lavradores não possuem habitualmente o capital necessário para fazer estas reformas do material e não podem encontrá-lo sem o dividirem seriamente. O credito agrícola é, aliás de uma realisação extremamente difficil por causa dos longos prazos do empréstimo e dos juros muito grandes que correm a instauração ou os banqueiros, os quaes se veem obrigados a cobrar juros muito elevados e fora do proporcio com o serviço prestado.

É na cooperação que pensamos poder se encontrar a solução. O systema já fez suas provas em outras produções agrícolas, especialmente na industria da lã. O agricultor que não possui os recursos para comprar uma colheira mechanica pode associar-se com mais um ou mais agricultores, ficando a machina successivamente á disposição de cada um delles. Si não pode comprar, por si só, uma trilhadeira e osapparelhos de limpamento das sementes, que constam com uma dúzia de seus vizinhos, um syndicato que fara a compra. Nada mais fácil que unificar os apparelhos para trabalhos que não precisam ser feitos em época determinada. É mais fácil ainda estabelecer-se, na povoação mais proxima, um estabelecimento com as machinas, aliás pouco dispendiosas, que são necessárias para limpar as sementes de trigo, do modo a torná-las apresentáveis ao moêlo, ou por conta dos próprios agricultores ou por conta de um particular que tomara a si este empreendimento.

O consumo local seria facilmente supprido deste modo, mas ainda é preciso que haja um moêlo na localidade, pois a não ser assim, o trigo terá que ser encaminhado para cidade onde o possa lavar, ocasionando um frete elevado e depois terá que voltar

na forma de firma. Os constructores fabricam osapparehos e accesorios de moinhos por preços muito diversos; não ha aldeia que não possa ter um moinho proporcionado com a importancia de sua produçao ou do seu consumo, desde que possa ser remido o capital necessario para a compra do machinismo. Ainda nesse caso a cooperaçao pode resolver a difficuldade quando não haja um particular para emprender a installaçao do moinho. Não resta duvida que o estabelecimento de moinhos em relação com a densidade da populaçao e o numero de productores seja o meio mais effeaz de promover a produçao.

Quanto á produçao para exportaçao da localidade, o estabelecimento de moinhos é mais pratico ainda, pois ha sempre vantagem em transportar o producto beneficiado em vez da materia prima.

Na segunda hypothese, achamos pouco privavel qua a cultura do trigo se desenvolve tão cedo nas grandes fazendas de criaçao, onde, entretanto, estaria mais no seu lugar, em razao das facilidades naturaes de situaçao, de solo e de clima; seria preciso para isto, que os criadores tomassem a iniciativa de empregar na agricultura parte dos capitales que applicam á criaçao com grande proveito.

Pensamos, pois, que o problema ficará resolvido de preferencia na zona colonial, isto é pela pequena lavoura, seguindo o methodo extensivo e não intensivo, pela cooperaçao e pelo estabelecimento de moinhos localizados nos centros de produçao.

Pelotas, 28 de junho de 1900.—*G. Minssen*, lente no lyceu rio-grandense de agronomia.

PARECER

A monographia apresentada a este Congresso sobre a — *Cultura dos cereaes e grãos sob o ponto de vista da grande e da pequena lavoura* — do Sr. G. Minssen, distincto professor do Lyceu rio-grandense de Agronomia, é, a meu ver um trabalho interessante e de valor, que merece devida ostado par abor

dar uma das questoes mais serias e vitales da crise economica que nos assoborba.

A questao é encarada pelo seu lado economico; e o seu autor demonstra com vantagem a necessidade de abandonar-se a lavoura rotineira, rudimentar, primitiva, pela substituiçao de melos racionais e aperfeçoados, para que o Brazil possa supprir as suas necessidades de alimentaçao.

Embora limitado ao Rio Grande do Sul o criterio o estudo, que me cabe a honra de dar parecer, sobre as culturas de cereaes panificaveis, penso ser de interesse geral, de palpitante interesse para os agricultores, mórmente para os que habitam zonas de clima identico ao daquelle Estado.

O Sr. Minssen mostra com competencia, as causas da decadencia da produçao rio-grandense, em relação as culturas de cereaes panificaveis, e apresenta os meios de debellar os males para que o Rio Grande do Sul possa adquirir novamente a posiçao de celeiro que já occupou nos tempos da Colonia e nos primeiros annos da nossa nacionalidade.

Entre as medidas mais importantes do seu bem elaborado trabalho lembra duas que reputo de grande alcance: auxilios mais effeizes dos poderes administrativos no sentido de isentar-se de impostos as machinas agricolas, porquanto as franquias que já temos não satisfazem inteiramente as necessidades da lavoura e a creaçao de associaçoes particulares para a diffusao dos conhecimentos agricolas e a creaçao de cooperativas, de syndicatos agricolas.

Sou, portanto, de parecer que esta Memoria deve ser publicada e vulgarizada entre os agricultores, e tomada na devida consideraçao pelo Congresso pelas conceitas uteis e praticas que ella encerra.

Rio, 28 de setembro de 1901.—*Eduardo Augusto de Caldas Brito*,—*Francisco Maria Sudré Pereira*, presidente.—*Dr. Wenceslao Alex Leite de Oliveira Bello*, secretario.—*Dr. Ph. Aristides Caire*,—*Joaquim Pessoa Guerra*,—*R. Lucy Monteiro*.

**MEMORIAL — CULTURAS DIVERSAS -- Ensaio
o execução destas por meio de «Colônias
preventivas e correccionaes agricolas»**

DR. EDIMACO BARBOSA

Srs. Presidente e mais membros da 5ª
seccção especial do Congresso de Agricultura
— Auctoridade deste memorial, somente por
um esforço de boa vontade, pôde ser sujeita
à apreciação judiciosa de V. EXA., o que
fazendo, sahindo embora das attribuições
inherentes ao vosso encargo, que é «Culturas
diversas», provareis a vossa boa vontade e
patriótico empenho em preclar as lavouras
do país, actuaes e futura, o melhor de
vossas carinhos, para que umas não mor-
ram e outras nascam, concorrendo todas
para a salvação economica de nossa patria,
e, portanto, para a garantia de sua inde-
pendencia politica.

Em todo o caso, o assumpto a que se allia
este memorial, assumpto que em sua pri-
meira parte já está convertido em lei do
Districto Federal, é tão vasto, tão complexo,
atendeu a tantas necessidades da lavoura,
que, mesmo postas de parte algumas, nelle
atendidas, enfrentavos-hels com o dispo-
sitivo da letra *b* do art. 2º da lei citada, no
qual, tratando-se de «Campos de demonstra-
ção e experlencia», nos quaes serao en-
saiadas e executadas as culturas nacionaes
ou estrangeiras mais proprias ao consumo
geral, etc.; «Culturas diversas», materia de
vosso encargo, achá-se nhl clara, nítida e
exuberantemente comprehendida.

A obra patriótica, economica e humani-
taria, do Districto Federal, e para a qual
elle concorre com diversos favores directos
e indirectos, enoldurada no decreto muni-
cipal n. 721, offerecida á vossa leitura, já
não constitue objecto de criticas desconcon-
tradas, já é um plano cuja realizacão está
entregue, neste districto, ao seu autor,
signatarlo deste memorial.

Ella foi consagrada officiosa e officialmente
pelos cidadãos mais eminentes quer social,
quer intellectualmente de nossa patria, pela

imprensa, pelo Centro da Lavoura, Commer-
cio e Industria de Minas, pela Sociedade Na-
cional da Agricultura, e finalmente por
luminoso parecer do Senado Brazileiro, pa-
recer recebido por 34 senadores em sessão
de 35 presentes, entre os quaes se achava o
Illustre e patriótico presidente desta sessão
do Congresso de Agricultura.

Não é portanto o juizo sobre o plano allu-
dido que seu autor e signatario deste vem
impetrar de vós, convencido embora de que
tal juizo não podia deixar de ser lhe favo-
ravel; é sim, sobre a sua praticabilidade e
os bens que havia de produzir em outros
territorios da União, e no em quo Estados e
particulares devem promover-o, auxiliá-lo
directa e indirectamente, casando, União e
Estados, no plano economico-social archi-
tectado em molde identico ao da Lei do
Districto Federal, e assentado por ella e por
elles, da creacão de estabelecimentos cor-
reccionaes para menores delinquentes.

Vem de longe a aspiracão publica da in-
stituicão de estabelecimentos apropriados,
onde a creança delinquente purgue a pena
correccional a si imposta, que não na pro-
misculdade de outros criminosos, de cujo
contacto são victimas, e de entre os quaes
sahé peor do que entrou, material, moral
ou criminalmente fulgando.

O espectáculo hediondo, pungente e mes-
mo criminoso qual se observa nas cadeias
desta Capital e dos Estados, de hombraes,
dormirem e viverem na mesma prisão, me-
nores delinquentes e criminosos de profissão,
para os quaes o crime, encarado por qual-
quer de suas faces, entrou em seu ser, in-
cutindo-lhe uma impulsão de que são es-
cravos, impulsão que se communica por
todos os processos e meios aos pequenos
delinquentes, não pode, não deve conti-
nuar.

Si por um lado isso é uma affronta homi-
nável a todas as leis sociais, por outro con-
verte-se ella em um desgastamento de forças
que, conglomerada, educada, aproveitada,
como podem produzir estas creanças, con-

stítua esse facto um erro imperdoavel, economicamente fallando, é uma incuria, um desperdicio, um crime que, annullando a creança, reflecte-se sobre a sociedade.

Tal convicção asoberbou a consciencia dos governos de todos os paizes cultos, e elles trataram de estabelecer institutos apropriados, onde os menores, cumprido as penas correccionaes attribuidas ás suas pequenas faltas, sujeitam-se a uma aprendizagem de officio nill á industria manufactureira ou agricola.

Entre nós, até hoje, nada se tem feito neste sentido, apesar de ficarem estabelecidas noCodigo Criminal de 1890, as disposições dos artigos 30 e 309, § 2º, que determinam que *os delinquentes maiores de 9 annos e menores de 14 que agirem com discernimento, e os maiores de 11, valios e capocivas, sejam recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriaes.*

São passados 12 annos depois que se promulgou o dito codigo e ainda estamos no mesmo regimen de abandono, sem traduzirse em facto o que se escreveu em lei, pois nem governo, nem particulares, não puderam tomar a si a realisação de taes medidas.

Doze annos de agonias, na phrase do poeta; doze annos de desperdicio de forças productivas, devem dizer os economistas, os industriaes, os agricultores; doze annos durante os quaes, si taes estabelecimentos estivessem fundados e em funcões, certamente seria elevadissima a somma de resultados de toda a ordem que elles teriam proporcionado á lavoura, ás industrias manufactureiras, á policia, á moral; ao paiz enfim, que não teria chegado ao gráo de intensidade da crise que o acabrinha. O que alli escrevo não é nem uma objurgatoria; neñ uma recrimnação; é antes uma supplica para que se cumpria este dever, imposto agora pelas necessidades que nos apavoram.

Felizmente as consciencias sãs despertam á este grito; a imprensa ativa ao palz constantes reclamos em favor da creação de

taes institutos; a lavoura, em quasi agonias, murmura vozes supplices para que se applique a ella taes asylos, e o Governo actual estampa nas paginas patrioticas do sua Mensagem, e do Relatorio da Justica, a doce, a encantadora promessa de que cuidará disso *e ja, custe o que custar.*

Transcripto para aqui, e com applausos e devação, o que sobre o assumpto escreveram o Exm. Presidente da Republica e o Ministro do Interior.

Di se a pelle, em sua Mensagem deste anno, dirigida ao Congresso Nacional, em referencia á imprescindivel necessidade da regressão da vadiagem de menores que infestam a Capital Federal: O aproveitamento e correção desses menores pelo trabalho da lavoura ou industria, em estabelecimentos apropriados seria de effizes e o proveitosos resultados.»

Com referencia ao mesmo assumpto, escreveu o Sr. Ministro da Justica em seu relatorio do anno vigente: «A fundação de estabelecimentos industriaes para a execução da pena de prisão disciplinar imposta aos menores, valios e vagabundos, constitue medida de caracter inadiavel que empree ser levada a effeito *custe o que custar.*»

Então façamos. Porém, nos meios de executar a obra para que seja ella economica, duravel, de effeitos reais e promptos, é que apparecem as difficuldades, difficuldades que pela indidura exposta neste memorial desaparecem, e rapidamente.

Começo por affirmar que na fundação de taes institutos a acção governamental é mais protectora e fiscalizadora, do que economica, sendo que arredada ella de grande dispendio, não devo nunca eximir-se da protecção indirecta e da fiscalisação constante. Assim o pensam todos os que se occupam desta materia, assim acaba de exprimir-se em artigo vibrante de intelligencia, de economia e de patriotismo o illustrado redactor da *Tribuna*, como ve-se de suas palavras: «...e *mo davilante*, (referindo-se aos congressistas) *concorrer para a passagem*

de uma lei breve e rapida, creando estes serviços, cuja regulamentação deve ser attribuida ao Governo.

De que em paz algum taes serviços são feitos directamente pelo Governo, de que o estabelecimento e manutenção da Colonia dos Bons Reis pelo Governo, foi um desastre, e que muito custou ao Governo, resulta que taes estabelecimentos devem ser criados por particulares, protegidos e fiscalizados porém pelo Governo, para que tenham a efficacia e resultados que delles se deve esperar.

Todos comprehendem que um instituto destes, feita e dirigido pelo Governo, ainda mesmo que elle se vazasse completamente nos moldes exigidos pela sciencia, no que respeita ao aperfeiçoamento da lavoura, o que seria muito dispendioso, seria tambem uma colmeia de empregados felizes apenas, porque contavam certos os pingues ordenados, e não tinham perante o paiz a menor responsabilidade, pela negativa dos effeitos desejados, e de taes estabelecimentos esperados.

Não assim o particular: ve a causa como sua, que o é, emprega nella seus capitães, cujo augmento depende de seu carinho, de sua actividade, de seu zelo, e, pois, trabalhando para si, trabalha para o paiz.

Entora a illustrada commissão, a que se sujeita á apreciação deste memorial, comprehenda quão elevadas são os intuitos de creações taes, quão benéficas e economicas são os resultados que deltas se deve esperar, releve lembrar que para tudo isso devem ellas fundar-se nos moldes que determina a sciencia da lavoura e industrias correlatas. Não podem ser uma prisão, com os horrores que tal nome e sus despertam, não devem ser um antro de angustias com que se victimam os desamparados a ellas recolhidos.

Os que a ella vão abrigar-se são creanças; e a creança é como a arvore, que quanto mais lotta em começo, tanto mais enidade, perseverança, muito caroe, para poder

cresecer, levantar o seu caule, e buscar, nos raios do sol e nas gottas de orvalho que a illumina e banha, o vigor necessario á pujança de sua fronde, ao desdohramento de suas flores nos fructos sazonados que a valorizam; assim a creança abandonada, incensente, delinqua, delinqua, vai purgar a sua pena; si a casa onde se pune a sua falta, não lhe é antes abrigo ao seu abandono, antes levantamento do sua consciencia o seus deveres, antes templo de virtudes, sacario de amor, banho de moral, do que possilga de inmundicies, cellula de infogoes, minca mais ella, preparada para as luctas saas e profluctoras da vida, poderá entrar na communhão de seus pares, e concorrer com elles no engrandecimento e defesa do sua patria; continuará um dosclassificado, um peso, um mal.

Ora, si isto é assim, penso que taes estabelecimentos demandam de muitos concursos para serem o que delles se deve esperar; e estes concursos são dispendiosos, não os deve tomar a si o Governo, porque não é esse o seu encargo, e sim lhe compete protegê-los, animá-los, fiscalizá-los.

Para obedecerem, pois, ao typo de normalidade que devem guardar taes casas de correção para menores delinquentes, que devem ser applicados á Agricultura, as quaes se convertem assim em escolas praticas de agricultura, o que devem ellas ter, aqui o lembro, por abundancia de informações, antes, do que por suspeita de não sabê-lo, esta illustre commissão: Edifício Central de residencia para os asyados, pessoal administrativo, pessoal tecnico, pessoal inferior, museu, bibliotheca, enfermaria, o tudo mais que concorre para um estabelecimento em boa ordem, como hygiene, asseio e todo o conforto posivel, sem que dali resultem grandes despendios; vestuario limpo, economico, apropriado ao trabalho; mobiliamento solido, duravel; bateria de coziuha e o quanto mais indispensavel ao servigo interno destas casas; servigo meteorologico, campos de demonstração e experiencia,

onde os asylados possam aprender como se ensaiam e cultivam diversas plantas nossas e exoticas, applicando a estes ensaios e cultivação definitiva os methodos que a sciencia aconselha, os quaes elles aprendem *de viso*, intuitivamente;

Collecção ou collecções de instrumentos e machinas agrarias, cujo manejo e mecanismo deverão conhecer para poderem executar mais tarde as funcções de um operario agricola educado e conselheiro do serviço a desempenhar;

Laboratorio de analyses onde se estudem, pela chimica, os elementos de que se compoem as nossas e plantas estrangeiras, os elementos de que ellas carecem para viver em um *habitat* proprio ao seu desenvolvimento; quaes os fertilisantes chimicos ou naturaes a ajuntar ao terreno em que se as vao cultivar, e as quantidades desses fertilisantes necessarios. Tudo enfim a fazer-se segundo determina a sciencia, para que a terra se preste ás produções a ella pedidas;

Posto zootecnico onde se estudem os processos da produção, os meios de selecção, a investigação das diversas raças de animaes auxiliares da agricultura, as molestias que os affligem, os meios de cural-as; usinas para beneficiamento dos diversos productos agricolas, em cujo manejo e contacto poderá a criança preparar-se para, quando da casa sahida, poder dirgir e servir-se das machinas componentes destas usinas, montadas em outras.

Por este rapido apunhado comprehendendo a donta commissão quão dispendiosa, complicada em seu mecanismo, exuberante de resultados são taes institutos, do onde se infere não poderem elles ser de attribuição governamental.

Do como fazel-os por meio de particulares offereço o plano adiante, plano que se deve moldar no traçado pela lei n. 724 do Districto Federal, que como base ao plano geral que a União, os Estados e particulares devem adoptar offereço á vossa consideração.

Da letura da lei que ajunto como do-

cuendo justificativo concluo-se que estas belego: A criação e educação do braço agricola nacional, aproveitando para isso os menores abandonados e vallos — art. 1.º;

O ensino profissional agricola, de conformidade com os elementos que a sciencia aconselha — art. 2.º, lettra *b*;

Facilidade de introdução de machinas agricolas, plantas, mudas, sementes, adubo e outros materiais proprios de construcções agrarias — art. 2.º, lettra *c*;

Conhecimento do tempo, noção esta indispensavel a um cultivador intelligente, e que deve preparar-se para lutar com as intempéries, mudanças de tempo, firmeza de estados atmosfericos indispensaveis ás suas culturas — lettra *d* do art. 2.º;

Introdução de novas raças pastoris e pecuarías para melhoramento e desenvolvimento das respectivas industrias agricolas, e manufacturarias dellas dependentes — lettra *e* do art. 2.º.

Os syndicatos agricolas, na parte em que elles se fundam para a obtenção de instrumentos indispensaveis ao desenvolvimento da pequena propriedade, instrumentos estes de alto custo para um só, são suppridos pela di posição da lettra *f* do art. 2.º.

Quanto toca ao serviço que á agricultura moderna prestam as analyses chimicas de terras, plantas e adubos, é sabido por todos, e está confido na lettra *a* do art. 3.º.

A lettra *b* do art. 3.º facilita aos pequenos lavradores e a outras pessoas que de novo se queiram entregar ao cultivo da terra, os braços e instrumentos a esse cultivo necessarios, e em sua essencia é tambem um syndicato para o trabalho agricola, cujo proveito distribue-se entre aquelles que pedem o trabalho, os pequenos lavradores e aquelles que o executam — os asylados.

As incumbencias quya si toma o executor do decreto n. 724, do Districto Federal, pelo dispositivo da lettra *c* do art. 3.º demonstram que qualquer pessoa pode fazer-se pequeno agricultor, ainda mesmo conservando tempo para misteres urbanos.

As exposições agrícolas, pequenas, regionaes, fôrças de realizar no alcance de todas as vistas e intelligencias as mais acanhadas, são um estímulo, um incentivo, um convite para explorações agriculturæes, porque é nellas que se vê de quanto é prodiga a terra, se cultivada convenientemente, e quanto este cultivo é productor de riqueza — letra *d* do art. 3º.

Todos comprehendem que a actualidade já não comporta a cultura devastadora de outr'ora, e que a sua extensibilidade não tem mais razão de ser, em vista da necessidade da divisão da propriedade rural, dos ensinamentos da sciencia e do revestimento florestal de nossas terras, não só como intuito de valorizal-as, mas ainda em garantia ás culturas que nellas se praticuem; dahi o art. 4º da lei basta.

O art. 5º visa a divisão dos grandes latifúndios ruraes, improductivos para seus possuidores, onerosos para os poderes publicos que a elles levam os caminhos, sem que por elles venham productos; e tambem inconservaveis depois do desaparecimento do braço escravo.

O art. 6º contém as informações, as lições practicas ao alcance de todas as intelligencias, e como factos mais proveitosos do que as apparatusas e oprencias technicas incomprehensíveis para muitos.

Assistencia pelo trabalho que dignifica a infancia desamparada, medida do policiamento, criação e educação de braços nacionaes para os nossos labores agrarios, instituição de fazendas modelo, estuções agromicas, desenvolvimento das industrias pastoril e pecuária, divisão da grande propriedade, syndicatos para o trabalho do campo, para aquisição de instrumentos e machinas agrarias, obtenção prompta e barata de sementes e plantas apropriadas ás nossas differentes zonas, desenvolvimento do plantio de cereaes, forragens e leguminosas e de tudo quanto a bom direito compramos ao estrangeiro por nossa incuria pela desagregação de nossas florestas,

pela falta de aproveitamento de pequenos capitães, tudo, tudo ahi está assentado. Para a sua execução prompta, facil, é indispensavel o concurso dos poderes publicos, quer directa, quer indirectamente, porque na opção sensata e patriótica do Illustrado ex-ministro da Fazenda senador Bernardino de Campos; «Não bastam auxílios indirectos e a iniciativa particular, ainda acanhada, aliás improseguíveis, para incrementar o trabalho agrícola; é necessario o concurso de outros elementos por parte dos poderes publicos, que não se podem furtar a esta exigencia, attenta a responsabilidade que lhes cabe na crise tenerosa do momento.»

Isto dizia-se em 1897; hoje é o desconhecido que nos apavora.

Effectivamente, querendo os poderes publicos, estes multiplos problemas estarão resolvidos dentro em pouco; e a adaptação do novas culturas estará effectuada em nosso paiz, concorrendo isso para melhoria de nosso cambio, para o apparecimento de novos productos de exportação.

Eis como:

Auxiliando, a União, pela dispensa de impostos federaes, facção de direitos aduaneiros, transporte gratuito nas estradas de ferro para os objectos dispensados dos direitos aduaneiros e que serão applicados ás colonias, dispensa do imposto de transmissão de propriedade no Districto Federal.

O que nesta capital faz o Governo Federal, façam nos seus Estados os respectivos governos. Aqui como nos Estados, sejam annexadas ás colonias preventivas, que se fundarem, as correccionaes, fazendo as respectivos governos os edificios necessarios para ellas, e servindo-se para a direcção e mais serviços destas do pessoal e material daquellas.

Nesta maneira o Governo attrahe os capitães indispensaveis a factos estabelecimentos, serve-se delles na applicação necessaria ás duas categorias de estabelecimentos —

preventivo e correccional; de ponde sómente o necessario á construcção do edificio central da casa correccional, edificio este que é de sua propriedade, a cuja posse é devido voltar em qualquer tempo; e fature o edificio a regulamentação correccional.

Cumpra assim o Governo a sua palavra, atende as aspirações do paiz e da lavoura, e tudo isto sem tributos, sem elevadas quantias, e entra-se em regimen novo, legal e promissor.

De uma lei breve e rápida, sem embaraços e artilharias, que mantenha em um de seus artigos a acção regulamentadora fiscalizadora dos governos, depende isto, e isto é bem pouco, si governos e congressos quizerem. O projecto de lei aqui está:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.º As pessoas naturaes ou juridicas que em qualquer Estado da União, ou no Districto Federal, organisarem asylos agricolas infantis, de conformidade com o disposto nos arts. 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 9.º e 12 do decreto n. 724 do Districto Federal gozarão dos seguintes favores:

a) dispensa de qualquer imposto federal em que luctam para o fim acima estipulado, ainda mesmo dos que são devidos pelas sociedades anonymas e seus directores;

b) isenção de direitos aduaneiros e de expediente para instrumentos e machinas applicaveis ás industrias agrarias, plantas, mudas, sementes, adubos, animaes de raça, instrumentos de physica e chimica, reagentes, livros, arames diversos, postos, telhas de zinco ou outros materiaes de construcção agrarios, não fabricados no paiz; material Decauville para estradas de ferro, ou outros que importarem para montagem, servico e desenvolvimento de taes asylos;

c) transporte e passagens gratuitas nas estradas de ferro do Governo ou por elle subvencionadas por qualquer titulo, para os objectos constantes da letra b de este artigo, e pessoal administrativo dos mesmos asylos;

d) franquia postal para os boletins e outras informações meteorologicas;

e) dispensa do imposto de transmissao de propriedade no Districto Federal.

Art. 2.º Fica o Governo autorisado a:

I. Contractar com o Dr. Climaco Barbosa, ou companhia que organizar para a realisacão da lei n. 724 do Districto Federal, a fundação, manutencão e direcção de uma ou mais colonias correccionaes annexas ás colonias preventivas, que são objecto da lei municipal citada, na qual ou quaes são admittidos e mantidos menores delinquentes, enquanto durar a pena correccional a elles imposta, passando depois para o regimen commum das colonias preventivas.

II. Despender com a fundação de cada colonia correccional até a quantia de 120:000\$, e mais 45\$ mensaes para sustento de cada menor delinquente, em tanto sujeito ao cumprimento da pena.

III. Conceder ao mesmo Dr. Climaco Barbosa ou companhia que organizar para a execucao da lei municipal referida a subvenção unica de 20:000\$ por colonia preventiva a fundar, obrigado o contractante ou companhia a receber nellas menores de 10 a 12 annos não delinquentes.

Art. 3.º No contracto que, para a execucao do art. 2.º de ta lei, o Governo firmar com o Dr. Climaco Barbosa ou companhia, ficarão estipuladas as condicões de admissã, manutencão, existencia moral e material dos delinquentes, o que tudo será fiscalizado por pessoa idonea nomeada pelo Governo.

Art. 4.º Sempre que o Dr. Climaco Barbosa ou companhia, tenha de fundar uma de suas colonias, informará o Governo que julgará da necessidade de annexar a estas uma colonia correccional, conforme o disposto nos ns. I e II do art. 2.º desta lei.

Art. 5.º O edificio ou edificios das colonias correccionaes, construido a expensas do Governo Federal, serão propriedade da União, e volverão ao seu dominio e posse, terminado o prazo da lei n. 724 do Districto Federal, ou de outras que a esta se referirem

Art. 6.º Revogam-se as disposições em contrario.

A disposição do primeiro periodo do art. 1.º deste projecto estatue o molde pelo qual se deve fundar os asylos do que nos occupamos, molde de que não se deve fugar para ter-se os estabelecimentos capazes de prestarem reaes e bons serviços á lavoura moderna.

E' sobre esta base que se devem assentar as leis que pelos respectivos Estados forem promulgadas para o alludido fim. Fello isto, os Estados, concederão ainda o disposto nas letras *c* e *d* deste mesmo artigo juntando-a ainda á essas leis que se estabelece o *mutatis mutandis* nos arts. 2.º, 3.º, 4.º e 5.º, nos quaes se entrega a quem de direito a posse e dominio do que lhe pertence, a regulamentação e fiscalização que nestas casas devº executar o Governo.

A União concorre para tudo com os favores estipulados nas alíneas *a*, *b* e *d*, como a faz com os seus estabelecimentos congêneres, fundados no Districto Federal, onde a ella correspondem os dispositivos do art. 1.º, I, II e III do art. 2.º, e arts. 3.º, 4.º e 5.º do projecto que se offerece.

Adoptado este projecto pelo qual vê-se que a União concede favores indirectos na medida de suas attribuições, como devem fazer os Estados, em sua alçada, aos particulares que individualmente ou colligados queiram collocar seus pequenos capitães em empresas tao remuneradoras como essas, é de presumir que taes capitães affluam á estas collocações, pagandese o Governo mais tarde pelos transportes a fazer-se das produções effectuadas, pelos impostos de consumo, e pelos melhoramentos cambiais.

Assim o queiram todos quantos tem carencia de generos alimentícios para seu consumo, para os animans de serviços ó factíferas, as indústrias que recebem de fóra as materias primas para suas manufacturas, e os proprios governos ainda, pois necessitam de alimentar soldados e cavallos, sendo obrigados a pagar mais caro generos que cultivados aqui e nos respectivos Estados tie-

riam mais baratos. O prompto successo que para todas taes colonias podem produzir é incontestavel; é de erer portanto que todos os esforços se congreguem para fundal-as.

A colonia correccional não pôde viver sem ser annexada á preventiva; se o essas os taenores delinquentes, purgada a pena, voltam ao regimen do abandono do vicio e do crime; é preclso que o pequeno delinquente saiba que após a sua internação correccional será elle internado preventivamente, allm de ser entregue ás doces fadigas do trabalho pelo qual prepara o seu futuro, não tendo tempo de pensar nos desvarios que farão a sua desgraça e a vergonha do paiz.

Colonia correccional ao lado de colonia preventiva, assim o entendem os juristas, os educadores sociais, os economistas, os legisladores.

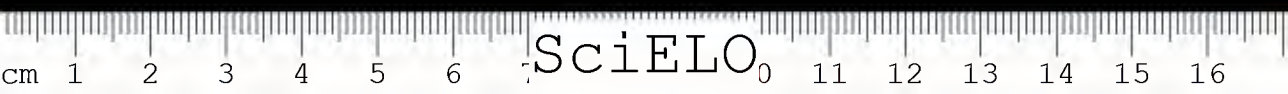
Vou terminar: desde 1878, em lucta perseverante e tenaz, a minha intelligencia entregou-se ao estudo dos males que affligem a nossa patria, males chronicos, actualmente, que não careço enumerar, mas cujos effeitos não seriam tao largos, si em tivesse sido attendido e auxiliado desde aquella data. A minha actividade na obtenção de um dos meios que considero auxiliar importante de nossa agricultura — colonias infantis agricolas — não desmaiou um só instante, desde 1897 quando iniciiei a nova campanha em favor destas colonias, campanha cuja victoria, enchem-me de satisfação, porque obteve do Districto Federal a lei que deverã servir de modelo para os outros Estados.

Agora que as aspirações de nosso patriótico Governo, acudindo aos reclamos geraes do paiz, aceitam as minhas ideias, os meus trabalhos, não é possivel que eu me desligue de tudo isso.

A nossa Constituição garante a todo a propriedade em todas as suas manifestações, materias ou intellectuaes.

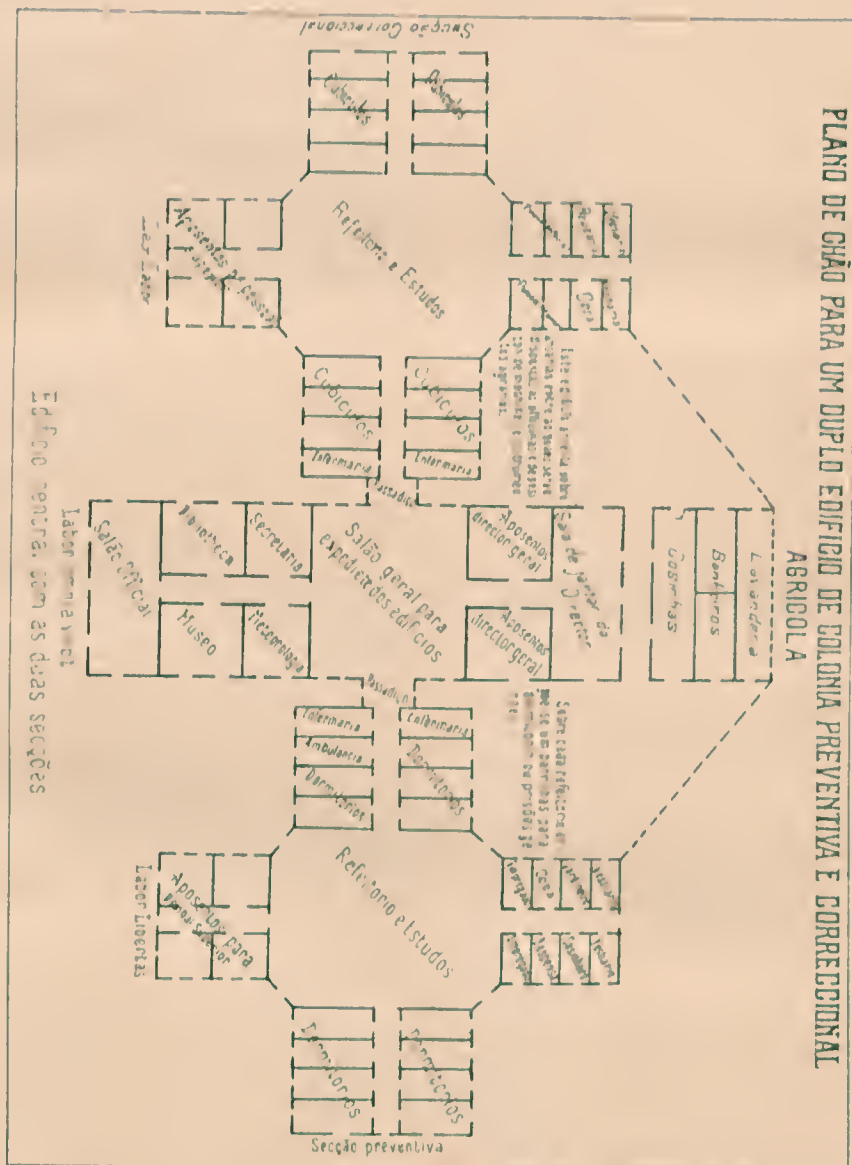
Dahi a lei que apresento em projecto á comissao, a cujo erlterioso estudo sujeito-a em meu nome.

Dr. Clímaco Barbosa.



PLANO DE CHÃO PARA UM DUPELO EDIFÍCIO DE COLÔNIA PREVENTIVA E CORRECCIONAL

AGRICOLA



PARERES DE HOMENS NOTÁVEIS BRAZILEIROS,
SOBRE O ASSUMPTO

Ilm. Sr. Dr. Climaco Barbosa—Li com a devida attenção o projecto do Conselho Municipal, n. 205, pelo qual é concedida ao Dr. C. Barbosa, ou companhia que incorporar, autorização para organizar quatro colonias infantis agricolas.

Ninguem poderá seriamente contestar a EXCELLENCIA e UTILIDADE da empresa. Ba ta ponderar que ella tem por objecto amparar e educar a infancia desvalida, e crear estabelecimentos de producção e ensino agrícola.

A organização que o projecto dá ao pensamento parece-me digna de approvação: contém um conjunto de provisos, que, protegendo os direitos da infancia desvalida e assegurando os legítimos interesses da municipalidade, e os dos fundadores, armam a empresa dos meios apropriados para realizar os intentos que se tem em mente.

São estas em geral as ponderações que me suggerer a leitura do projecto.

Sou com muita estima de V. S. amigo affectuoso e obrigado. — *Lafayette Rodrigues Pereira.*

Rio, 17 de novembro de 1888.

A honorabilidade e a competencia jurídica e administrativa do conselheiro Lafayette são bastante conhecidas, o que o faz responsável em todas as suas opiniões.

PARER DO SR. DR. ENAPIO DEIRÓ, PUBLICISTA, JURISCONSULTO, EX-DEPUTADO GERAL

Ilm. Sr. Dr. Climaco Barbosa—Li o projecto que enviou-me á respeito da organização de colonias infantis agricolas: penso que elle será de grande utilidade para as classes pobres, que vivem do trabalho em um paiz sem industrias, e que não ministra á actividade do homem todos os meios de satisfazer as necessidades da vida.

Assim me parece es usado escrever, aqui, uma longa discussão sobre este importante assumpto de economia social para demon-

strar-lhe a vantagem, a qual, por assim dizer está entrando pelos olhos de todos os doutos.

Abrir taes escolas e nellas preparar os futuros obreiros da prosperidade nacional é um serviço, que não precisa ser encarado pela eloquencia e sciencia de economistas competentes: qualquer espirito dotado de bom senso pôde julga-lo com incontestavel competencia.

Queira aceitar a expressão de meu sincero respeito.

PARER DO SR. DESMEMBRADOR GAVIÃO PEIXOTO, LAVRADOR CAPITALISTA EX-DEPUTADO GERAL E EX-PRESIDENTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ilm. Sr. Dr. Climaco Barbosa — A utilidade e vantagens de seu projecto para organização de colonias infantis agricolas, são muitas e dispensam demonstrações que se encarem pelo lado economico financeiro, que pelo lado humanitario e moral. Entretanto, e só para fazer-lhe a vontade eu escreveria alguma coisa sobre elle, se tivesse tempo para fazel-o, mas regresso amanhã para S. Paulo, e em vesperas de viagem nunca chega o tempo e sempre falta o socorro.

PARER DO EXM. DR. FRANCISCO DE SÁ, DEPUTADO AO CONGRESSO NACIONAL, EX-MINISTRO DA AGRICULTURA DO ESTADO DE MINAS

A fundação de colonias infantis agricolas, fim capital do projecto que tenho sob os olhos, é a solução MAIS RACIONAL E EFFICAZ da dupla problema da assistencia á infancia desamparada e da propagação dos methodos scientificos da cultura do solo.

Consoante ao plano do projecto, as creanças admittidas ás colonias, ahí receberão ensino intuitivo da agricultura, em campos de demonstração e experiencia, nos quaes terão sob as vistas, os resultados das culturas ensaiadas, á relação com as aptidões da terra e do clima, o manejo e as vantagens das machinas empregadas na lavoura

do solo, a escolha dos adultos segundo a natureza nos terrenos e das plantas.

Essas campas, pela simplicidade de sua organização, pelo caracter essencialmente pratico dos trabalhos a que são destinadas, pela facilidade de sua diffusão, pela acerrnidade de seus ensinamentos, estão hoje reconhecidos, como o meio mais effez de derramar a instrução agricola pelas populações della carecidas.

Elles não aproveitão sómente aos asy-lados das colonias, o que aliás já seria de grande utilidade; convenientemente instalados, em ponto onde seja facil o acesso a frequencia dos lavradores, elles chamarão a attenção de todos para os processos da cultura nacional, e constituirão poderoso incentivo para o abandono da rotina que tanto tem entorpecido os processos de nossa industria agricola. Além disto serão centros de distribuição larga e barata, de instrumentos, sementes e adultos de qualidades e reutilizados allí mesmo patenteados.

Pelo art. 3.^o alíneas b e c do projecto, as colonias constituirão seminarios de trabalhadores, que nas lavouras vizinhas irão applicar os ensinamentos recebidos, concorrendo assim para diffundi-los e colhendo elles proprios, no salario correspondente ao seu trabalho, ás vantagens immediatas da sua aprendizagem.

O plano do projecto merece, pois, a sympathia de quantos vêm na reforma dos nossos methodos de cultura a base real da transformação economica de nosso paiz.

É UM PROGRAMA DIGNO DOS DESELOS DOS PODERES PUBLICOS.

E quando a estes a iniciativa particular offerece o seu concurso, proporcionando-lhes o meio de realizar essa obra BENEFICITA SEM GRANDES E DIRECTOS SACRIFICIOS, corre-lhes o dever de annual-a proporcionando-lhe, em favores razoaveis, a compensação do esforço, o premio da ousadia, do emprehendimento e a justa remuneração do capital despendido.

PARECER DO SR. BARÃO DE PIRANAPITACABA, EX-DIRECTOR DO THEOURO NACIONAL E CHEFE DA REPARTIÇÃO DE TERRAS E COLONIZAÇÃO

A escravidão deshonrara no Brazil a profissão agricola.

Ao escravo cabia quasi exclusivamente o cultivo da terra, em quanto o proprietario rural, descaugado sobre essa machina de produção gozava na inercia dos beneficios que ella lhe acarretara.

Deu essa usança em resultado uma geração parasita, que vivia do alheio suor, sem se preoccupar do aperfeiçoamento da cultura e do augmento da produção.

Perdeu assim o plantador o habito e até a vocação do trabalho. Os que não possuíam terras aráveis e os meios de fecundal-as pelo braço do captivo, procuravam no funcionalismo e no commercio os recursos de subsistencia. Todos consideravam como baixo e degradante o mister de lavar a terra, mediante salario. Raro se encontravam pequenos lavradores, que com suas familias exploravam modestas situações.

Quão longe está o agricultor brasileiro do apreço que gozam os de outras nações da Europa, e principalmente da Inglaterra, onde o presidente da Camara dos Lords se assenta sobre uma sacca de lã, emblema da importancia que se liga á industria mãe e maxima de todos os povos.

Abolido entre nós o captivello, o que acontecerá? Vejamos.

Se os proprietarios rurales do Brazil (ou o governo por elles) houvesse estudado a historia da emancipação nas terras da America, onde houve escravos, veriam que entre nós, como lá, a escravidão, segundo attesta *Leroy Beaulieu*, tirava aformecido os plantadores e immobilisava a plantação e que «a emancipação foi para aquelles paizes uma fonte de fecundos resultados, forçando os respectivos habitantes a salirem da apathia, na qual os entreliham a facilidade da produção e o seu insignificante custo de fabrico...» Veriam mais que, extinto o trafego nas colonias Inglezas, os colonos se queixavam por

sollrerem na produçãõ, como no Brazil aconteceu sem qua empregasem, como depois de realizada a abolição, mascitos e intelligentes esforços para meliorarõ de posição. Veriam, finalmente, que lá os donos das plantações se arrependeram da criminosa impravdencia de não terem converttido os ex-escravos em apronhizes trabalhadores, prendendo-os aos engenhos por meio de alarrios a breve prazo em contractos de locação, celebrados com brandas e vaidadas clausulas, para os locadores, despidos e da aspreza rudo, com que tratavam emancipados, e da desdem, que lá a ponto de se reençarem a celebrar com elles ajustes.

Longo de, com estas medidas, prenderem os libertos com suas familias ao torrão fecundado com as lagrimas e snores do cativoiro, afastavam-nos de si, lleavdo a s'm privados da cooperação, que unica lhe podia ser proveitoso, pois de outros elementos de trabalhos livre, nacional ou estrangeiro, não podia, de prompto dispor.

Foi essa uma das principais razões porque entre nós se deorganizon o trabalho agricola em seguida á abolição. Contra ineuriação condemnavel bradei nas *Theses de Colonização* e em outras subsequentes *Memorias*, aconselhando a fundação de escolas proffisionaes de ingenhos, e de nucleos agricolas, semelhantes aos que na Goyanna estabelecera o intelligente e pratico Saedo-Garrigo, governador da Ilha da Reunião. Perdeu-se minha voz no tohn-bohn da mutinada politica, como a do *claudius in deserto*.

Achamo-nos actualmente a braços com aterradora crise.

A lavoira exhausta, sem recursos para pagar os altos salarios de trabalhadores exoticos, que lhe absorvem todo o luero da produçãõ, abandona as situações, muitas das quaes estão já convertidas, em cerradas matagaos.

A idéa da fundação dos orgplanatos agricolas, que adoptada e ampliada em tempo para os libertos e ingenhos, terla produzido suavemente a transição do regimen do tra-

balho, contém o germen de uma instituição, que pôdo salvar a nossa agonizante agricultura.

Don perabons a V. S. por essa generosa iniciativa.

N'mm livro, que publiquei, tinha eu, entre outros projectos, formulado o do casino agricola das escolas primarias. Nenhuma importancia ligeraõ a essa supposto.

O seu projecto encerra essa idéa, careada da todas as providencias complementares, que a tornam exequivel e profenna.

Toda a despeza, que se fizer em a educacão proffisional dos *aprendizes* agricolas, que serão os agentes do trabalho livre nos campos, e por meio da cultura intensiva, terá larga e remuneradora compensação no aumento dos productos colhidos, graças ao aperfeicoamento da cultura por meio dos modernos machinismos, intelligentemente manejados por mãos adestradas e dirigidas na pratica por lições competentes.

Entre o mar e as montanhas que limitam o Estado do Rio de Janeiro desdobra-se amplissimo Valle. Da serra de Friburgo desce em caduipa, que florea em jactos de alvissima espuma, o rio Macaen. Chegando este rio á planicie, estáe na povoação, a que dou o nome, quedando-se turvo e carregado junto a essa localidade, que á sua excepcional fertilidade deve a denominação *Maremas Brasileiras*, e a que hoje a commissão do saneamento, bem como a de outros logares, estirpou os elementos deletorios.

Nes a dilatada zona de maravillosa uberdade deve ser estabelecido um dos seus azylos em perspectiva.

Condo que em breve prazo surgirá dessas immeasas planicies um celleiro abundante, que, por preços reduzidos, graças á barateza do transporte, abastecerão o mercado dos generos de primeira necessidade, que hoje importamos do estrangeiro.

Por esses multiplos hectares de terreno aquilado, onde coaxavam o lutrachos, e em cuja superlle se ostendia espessa camada de esverdeado limo, hão de em breve ver-

dejar as scarras e ferver a colméia humana no incessante labor da vida e na febre da productividade.

E será V. S. o auctor do tantos beneficeios pela realisação do seu bem concebido plano.

Permitta-me uma observação.

Não sendo excluidos de suas escolas os menores, que tenham paes e mães vivos, parece-me que o título Orphanato Agrícola deve ser substituido pelo de Asylo Infantil Agrícola.

ORPHANATOS AGRICOLAS

Do presidente do «Centro da Lavoura, Commercio e Industria», de Minas, recebi o Sr. Dr. Climaco Barbosa a seguinte carta:

«Accuso com summo prazer recebida a vossa carta de 2 de novembro, acompanhando um projecto denominado «Orphanatos agricolas», projecto este de tanta utilidade que o Conselho Municipal do Districto Federal accitou, enviando-o á sancção do digno Dr. prefeito.

Sem absolutamente entrar em apreciações, provavelmente da ordem economica, que levaram o digno Sr. prefeito a vetar-lo, penso em toda caso que o Senado, conhecendo melhor do espirito dessa nova instituição, reconsiderará, em sua sabedoria, o acto do illustre e digno prefeito.

O «Centro da Lavoura, Commercio e Industria», de Minas, fará chegar em tempo uma representação ao Senado de nossa patria, nesse sentido.

Não ignoreos, pois alludis á materia da medida XIX, votada no Congresso Agrícola de Juiz de Fora, que entra em seus elevados intuitos a insstancia agricola.

Vosso projecto, embora adstricto ao Rio de Janeiro, merece toda a nossa solidariedade moral.

Seu alcance economico, politico e social é indiscutivel, pois, além do cuidar das crianças desvalidas, instruindo-as, agasalhando-as e preparando-lhes um futuro seguro e honesto, visa além — a transformação neces-

saria de nossa agricultura, dando-lhe justamente o auxilio de um pessoal idoneo e preparado.

Até hoje fiz-se sentir, após a abolição da escravidão, a falta de estabelecimentos como os imaginados por V. Ex. A abolição, trazendo o beneficeio da garantia da liberdade para uma classe infeliz, não completou sua obra humanitaria e social, pois a lavoura monta a lutar, sem preparo, á luta da vida, milhares de homens.

São livres perante a lei, mas escravos indolentes de sua ignorancia boçal, de suas necessidades puramente materiaes, e, para que não dizet-o, sujeitos á dura lei do forte contra o fraco.

O vosso projecto seria, pois, o laico de uma era civilizadora, e o complemento necessario da abolição. Em nome do Centro, de que sou actualmente presidente, congratulo-me com V. Ex. e dar-lhe-hemos o contingente de uma força moral, representada por 20 o tantos mil lavradores mineiros, perante o Senado de nossa patria.

Pelo «Centro da Lavoura, Commercio e Industria», de Minas, subscrevo-me de V. Ex., creado obrigado e admirador, Dr. Luiz de Mello Brandão, presidente. — Juiz de Fora, 7 de novembro de 1899.»

APRENDIZAGEM DO TRABALHO AGRICOLA

E' o objectivo principal do projecto n. 205, do Conselho Municipal, para cuja realisação falta apenas a sancção do Dr. prefeito.

Si a esta aprendizagem ajuntar-se que a ella serão entregues as maltas de crianças vadias, que infestam as nossas ruas, fazendo o desmimo da policia, que, embora veja nellas os possiveis agentes de futuros crimes, não pôde nem deve recolhel-as á prisão alguma, pois são irresponsaveis por sua idade, pelo desamparo em que vivem, é justo conceer-lar que a idéa é de grandes vantagens e merece, portanto, o acolhimento do governo municipal.

O plano delineado em tal projecto é de

tamanho alcance, visa fins tao elevados, provê a tantas necessidades, e os nossos concitadãos, que não podemos deixar de dar-lho o nosso apoio, certos de cumprirmos um dever imperioso de patriotismo e de humanidade.

Parece-nos que essa nossa apreciação, e outra não pode ser a de ninguém, será compartilhada pelo nosso governo municipal, para não lhe faltar com a agazalho a que tem direito.

COLONIAS INFANTES AGRICOLAS

Foi approvedo pelo Conselho Municipal e vai subir á sancção do prefeito um projecto que faculta ao Dr. Climaco Barbosa a creação de colonias infantis na zona suburbana deste municipio.

Sabe-se que temos entre nós alguns asyls de caridade, onde são recolhidas creanças pobres, mas além das difficuldades e trabalhos para sua admissão, elles não vizam os fins, não são do mesmo alcance que se descobre no projecto actual.

Efectivamente tal projecto proporciona asylo e educação de trabalho honroso, como é o da agricultura ás creanças que, á falta de amparo social, por ali vivem nos charcos do vicio e nos preparos do crime.

Evidente é a importancia que resulta do apprendizado da cultura da terra, que, unica industria a ser entre nós explorada actualmente, não deve continuar abandonada, pois são patentes os males que tal procedimento nos tem acarretado.

Por outro lado, o peulto que as creanças educadas em taes colonias vão constituir, como remuneração do seu trabalho, será mais uma cifra a adicionar á riqueza do paiz.

São, portanto, estas colonias que vão trazer-nos novos agentes de produção agricola, de que tanto carecemos para os nossos usos quotidianos; são elles que vão valorizar a immensa facha do terras que temos em nosso suburbio, em quasi perfeito abandono e que, cultivadas, podem concorrer para o

augmento das rendas municipales, para o nosso consumo e para a diminuição da importação.

E, pois, qualquer que seja o lado por onde se encare o projecto, parece merecedor dos favores publicos e particulares.

O PROJECTO CLIMACO

A caridosa propaganda do Dr. Moncorvo Filho, que tantos applausos e animações tem encontrado por parte da imprensa e do publico, nos impoe o dever de salientar os nomes de todos aquelles cidadãos benemeritos, que á mesma causa tem dedicado actividade e intelligencia.

Ora, neste numero acha-se o Dr. Climaco Barbosa, que ha cerca de vinte annos procura resolver o magno problema do aproveitamento do trabalho infantil, subtrahindo á ociosidade e ao vicio as centenas de creanças lançadas ao abandono, pela miseria ou indifferença dos progenitores.

Ainda hontem o *Jornal do Commercio*, na *gazetilha*, forneceu aos seus leitores desenvolvida noticia acerca de uma instituição franceza, que acaba de obter o premio Monthyon.

É essa instituição o orphelinato do padre José, estabelecido em Saint Joseph du Lac e destinado a fornecer instrução e affeição ao trabalho agricola as creanças privadas do amparo, pela falta dos pais ou sua penuria.

Pois bem, o Dr. Climaco Barbosa de ha muito tem em vista o estabelecimento no Distrito Federal de uma instituição congenera, o seu projecto, pacientemente elaborado e no qual se attendo a todas as circumstancias que possam concorrer para o bom exito do louvavel emprendimento, foi judiciosamente ponderado.

O projecto do Dr. Climaco Barbosa, isto é, as colonias agricolas infantis, cuja fundação elle requer, mereceu a sancção do passado Conselho Municipal, porém foi embaraçado na sua execução por um *veto* do Dr. Cesario Alvim.

Acreditamos que o illustre Sr. Prefeito, agindo por certo teor, não se inteirou perfeitamente das vantagens economico-sociaes que o projecto continha, parecendo-lhe ver no mesmo mais uma especulação do que o interesse pelas crianças e pelo progresso do Districto Federal.

Os resultados alcançados na Europa por instituições similares, como esta que ora é distinguida pelo premio Monthy in, um dos mais honrosos e cobicados, devem, porém, fazer reflectir o Senado Federal, ao qual vão ser submettido o *veto* do Sr. Prefeito, e talvez ainda vejamos aproveitado o trabalho consciencioso de um philantropo digno de mais sabbdo aprego.

Não basta que as crianças enfermas encontrem uma assistencia solícita e carinhosa, como esta que o illustre Dr. Moncorvo Filho quer que ellas tenham; é mister que ao recuperarem a saúde sejam conduzidas a um meio onde a cura se completa e do todo fiquem immunes. Tanto os gormens que lhes corromperão outra vez o organismo debil, como da infecção dos vícios que lhe depravarão o character ainda ductil. Ora, salvo mais ajuzado parecer, acreditamos que as colonias agricolas infantis, onde o menino far-se-á homem, o homem são de espirito e de corpo; onde outrará pobre e andrajoso e sahirá com um peculio em dinheiro para apparecer com dignidade na vida; onde será recebido ignorante e deixará o estabelecimento munido de valiosos conhecimentos theoreticos e praticos, todos de provada utilidade para o labor a que se destina, e, o que é mais, onde adquirirá vigor e armir-se-á da coragem precisa para a lucta com a natureza, acreditamos, dizemos nós, serem ellas o meio real adequado para que a obra de caridade que o Dr. Moncorvo Filho tem em vista seja realmente útil.

Voltaremos a este importante assumpto, procuraremos dar aos nossos leitores idéa succinta do projecto do Dr. Climaco Barbosa.

ORPHANATOS AGRICOLAS

Está sendo elaborado no Conselho Municipal um projecto relativo á criação de colonias infantis agricolas, onde deverão ser recolhidas as crianças que excederem á lotação da Casa de S. José e Instituto Profissional, ou outras quaesquer, maiores de 12 annos.

Ficarão creadas quatro colonias, onde será estabelecido racionalmente o ensino agricola, de modo a iniciar as crianças nos variados trabalhos que se prendem ao cultivo da terra.

Os estabelecimentos serão situados na zona suburbana, de modo a facilitar a aquisição de terrenos proprios para experimetas, onde serão executadas as culturas nacionaes e estrangeiras, que mais se prestarão ao consumo geral, nomeadamente a do cereaes, uvas, forragens, etc.

Será organizado um serviço meteorologico, havendo tambem usinas para manipulação dos productos dos plantadores, um laboratorio de analyses chemicas e um posto zootecnico para adaptação da industria pastoril e pecuaria.

O Julzo do orphãos estabelecerá um salario para as crianças, correndo por conta da companhia que tomar a si este trabalho a manutenção das mesmas.

Quando os cultivadores, cujas propriedades estiverem proximas de uma das colonias, precisarem de trabalhadores, o concessionario ou a companhia poderá fornecer, dentre as crianças que julgar mais aptas, as que forem necessarias, estabelecendo prévio accordo sobre o salario.

Poderão ser feitas tambem construccoes agricolas, montagens de machinismos, amolhos, drenagens, captção de aguas para irrigações, devendo esses trabalhos ser feitos pelas crianças, sempre que as forças o permittem.

O prefeito dividirá a zona suburbana em quatro *chamiserios*, para em cada uma ser estabelecida uma colonia.

Durante 20 annos a companhia ou o concessionario gozará de garantia do juro e amortização do 7 % sobre o capital de 2.000.000\$ que levantar; preferencia em igualdade de condições em serviços congêneros nas zonas vizinhas das colônias; direito de desapropriação, na forma da lei, para dilatar os seus terrenos, etc.

Haverá um fiscal, nomeado pelo prefeito, afim de verificar a execução da lei, o qual vencerá o ordenado mensal de 500\$, pago pelo concessionario.

O contracto deverá ser lavrado 30 dias depois da promulgação da lei, e será resolvido si dentro de tres annos não estiverem fundadas as edonias, entrando o concessionario ou a companhia, nesse caso, para os cofres municipaes, com as garantias que houver recebido.

No fim do prazo reverterao ao patrimonio municipal os edificios, campos, estações meteorologicas, que tiveram sido estabelecidos para o serviço e execução do contracto.

O projecto traz as assignaturas dos Srs. Carlos Barbosa e Alfredo Magioli.

E' incontestavelmente de uma utilidade real a creação de escolas desta natureza, de onde os futuros lavradores sahirão preparados para imprimir decisivo impulso á cultura do nosso uberrimo solo.

Debaixo do ponto de vista moral, logo se deprehende a necessidade de tues instituições, onde o estímulo bem estabelecido fará desenvolver o gosto pelo trabalho honesto, livrando centenares de meninos, cujas aptidoes são as mais das vezes aproveitaveis, da vadiagem, que leva ao jogo, á embriaguez, ao roubo e á perda completa de energias, que poderiam ser efficaçamente utilizadas.

—
IMPRENSA

—
O DIA

Não ha muito tempo, referendo-me a situação verdadeiramente desoladora em que se acha a infancia desamparada nesta ci-

dade, eu invocava para ella a protecção dos poderes municipaes, lembrando a necessidade do fazermos o que em todos paizes civilizados se faz: crearmos estabelecimentos de ensino profissional onde os menores vadios e abandonados fossem recolhidos.

O nosso illustre collega do *Paiz*, apolando a idéa, dividiu, entretanto, e com muito criterio, os menores em questao, entre os delinquentes e os que ainda não haviam praticado delictos. Para estes o necessario seria que se instituissem estabelecimentos que fossem apenas de instrucção; para aquelles seria necessario que os estabelecimentos tivessem tambem um caracter correctivo.

Feita esta distincção, estavam discriminadas as competencias: a creação dos estabelecimentos de instrucção incumbiria ao poder municipal; a dos de correcção aos poderes federaes.

No relatório que o Sr. Dr. chefe de policia dirigiu ao Sr. Ministro do Interior, a idéa da creação de um estabelecimento a que fossem recolhidos os menores delinquentes, hoje sepultados na podridão moral da Casa de Detenção, já era exposta e defendida com fundamentada convicção e generoso ardor.

Felizmente essas suggestoes não foram vã. Na mensagem com que abriu hontem a sessão do Congresso, o Sr. presidente da Republica suggeriu a conveniencia de ser fundada um estabelecimento disciplinar e industrial, a que sejam recolhidos os menores de 17 annos, e de se instituir uma colonia penal agricola e indtrial para os maiores desta idade.

E' de esperar que, tendo chegado até ali, chegemos á victoria definitiva.

Não é possivel que vivamos toda a existencia a elamar contra vicios e defectos e a reunir os elementos necessario á sua correcção. Não é de hoje que a imprensa aponta os males oriundos da promiscuidade dos me-

nores com viciosos incorrigíveis e criminosos inveterados, na Casa de Detenção.

Não é de hoje que a imprensa clama contra o espectáculo deprimente da vagabondagem de menores nas ruas da cidade.

Alé agora foi o governo surdo a esse clamor.

El-o, porém, que o ouve, que o reconhece justo, que declara com verdade o razao que não dispõe dos recursos necessários para eliminar esses males e pede-os ao Congresso.

Não podemos senão esperar que o congresso não se demore em attendê-lo e habilitê-nos emlha a sahirmos desta situação lamentavel e humilhante.

∴

Fazemos os mais ardentes votos para que os poderes municipaes se inspirem neste exemplo e se convençam allinal do que a instrução do povo não aproveita sómente an individuo que a recebe, mas, sobretudo, á collectividade que a subsidia.

A imprensa tem interesse directo e immediato em que os poderes municipaes dirijam a sua attenção para esse ramo de serviço publico, e não fosse senão por amor desse interesse, seria natural esperar della uma acção vigilante, continua e effez no sentido de expôr a miséria, a degradação, o abatimento moral a que a falta de instrução diariamente conduz.

A situação financeira da municipalidade era de facto de tal sorte precaria, que nada se podia esperar della. Parece, porém, que esta situação vai melhorando sensivelmente; e desde que ella tenha attingido á normalidade, cuido que é não so nosso direito, mas nosso imprescriptivel dever reclamar as medidas que estão na sua alçada e são indispensaveis ao progresso moral e material desta cidade.

Pangloss.

—

A *Tribuna*, que se está tornando cada vez mais interessante como jornal moderno, que é — espero que os patrões me paguem esta

reclamo á parte — deu-nos nestes ultimos dias duas informações que se completam e que illustram com cores fortes o que eu tenho dito muitas vezes nesta secção sobre vadios, adultos e menores. Ha dias, um do seus *reporters* acompanhou o Sr. Dr. chefe de policia na visita que fez á Detenção e sahiu de lá muito impressionado com o numero e o estado moral dos menores que encontram presos.

Um de 15 annos de idade dava taes demonstrações de intelligencia, que a attenção do Sr. chefe de policia se fixou sobre elle. S. Ex. chamou-o e ouviu-o: o pequeno fallava bem, claro e correcto, era sympathico e muito vivo. Mas, pai do céol em que havia elle applicado essa intelligencia! No estudo do codigo penal, capítulo do roubo: conhecia de cor o texto dos artigos e paragraphos e produziu perante a autoridade policial uma habil defesa do crime que lhe imputavam.

Entem, outro *reporter* acompanhou o delegado da 1.^a circunscripção em uma visita feita ás casas de dormida da rua da Misericordia e sahiu de lá *emopto* de tantas sordidez e de tanto vicio: corpos sujos amontoados, empilhados, em aposentos escuros, sem ar e sem luz; a confusão deploravel do vagabundo e do criminoso com os miseraveis vencidos da vida; uma mistura *baroque* de população de atorgues e de frequentadores de xadrez, a empestar a cidade e a constituir um perigo publico...

∴

O que se tem de desolador é que a policia não pode mais que vê-lo, conhecer a sua existencia e lamentar-o tao esterilmente, como nós o fazemos. Faltam-lhe todos es meios de corrigir essa situação.

Houve um momento em que tivemos a esperanza de que alguma coisa se faria, ao menos em favor dos menores. O Sr. Dr. Eufás Galvão, quando chefe de policia, pensou em levar avante o estabelecimento de asylas correcçoes para menores e de colonias correcçoes para adultos.

O Sr. Dr. Epitacio Pessoa, Ministro do Interior, apolou tao fortemente a idéa, que obteve que ella fosse consignada na mensagem presidencial.

Infelizmente, a politicagem afastou esses cavalheiros das repartições que dirigiam, e talas que elles tivessem conseguido que o congresso dêsse um minuto de attenção a esses assumptos e continuamos como estavamos.

∴

O actual Sr. Dr. chefe de policia tem annuciado o seu proposito de dar cabo da vadiagem, da capoeiragem etc., etc., applicando o codigo penal.

Desde que as leis foram feitas para serem cumpridas, não ha senão que dizer bem dessa resolução; mas evidentemente isso não basta, não resolve o problema, não satisfaz as nossas necessidades.

Não ha nada mais dilleil do que fazer, nos termos da nossa legislação actual, condemnar um gatuno: não ha delegado de policia que o não saiba e, o que é peor, não ha gatuno que não tenha a certeza de que da lei actual não lhe virão dissabores.

Quando mesmo, porém, por acaso elle não escape pela porta da falta do flagrante ou do *habeas-corpus* por um milhão de razões, o que lho acontece é gramar na Correcção nos tres ou quatro mezes de cadeia, que elle utiliza para o descanso que o livrará da neurasthenia e o habilitará a volver mais tranquillo e mais robusto ao exercicio da profissão.

Precisamos de colonias correccionaes e de alterações substanciaes nas leis do processo. A um sujeito que é frequentador habitual do xadrez por ébrio, por vadio e por gatuno não vejo porque a sociedade não pôde recolher a uma colonia agrícola, para no amanho da terra aprender que o homem tem de ganhar o pão com o suor do seu rosto. . .

Langlois.

—

MELORES VÁRIOS

(19 de setembro de 1901)

Está a ser apresentado ao estudo da commissão respectiva o orçamento do Interior, confio lo á alta capacidade do Ilustre deputado fluminense Dr. Nilo Peganha. A reportagem da *Tribuna* já informou aos seus leitores de que o Ilustre relator desse orçamento pensa que não é legal a criação de serviços nessa lei: elles devem ser creados em leis especiaes e só depois se consignará no orçamento a verba necessaria ao seu custeio. Assim, de facto devera ser o parece que é mais ou menos, o que dispoz uma recente reforma da regimento da Camara, feita sob inspiração ou proposta do Sr. A. Montenegro quando Deputado pelo Pará.

O que vai resultar, porém, desse respeito á lei é que o orçamento do Interior virá desprovido de recursos para serviços que se tornam cada vez mais urgentes e que o governo se encontrará ainda por anno em situação de lamentar esterilmente, como nós, que nao lhe seja possível prover de remedio a males que são clamorosos.

Nós admittimos perfeitamente a theoria de que as autorizações na canda do orçamento são um mal; mas somos forçados a reconhecer que mal muito maior é ficarmos sem recursos para acudir a estados e situações verdadeiramente finestros á sociedade. Ora, si o Congresso não elabora as leis especiaes reguladoras de serviços indispensaveis porque todo o tempo é pouco para discussão de projectos de interesse individual que abarrotam as ordens do dia e occupam as commissões ou para as discussões pessoais que se disfarçam como relevantes questões politicas e, si não quer dar ao governo a autorização de o fazer, sob pretexto de que isso é de sua primitiva competencia, él não faz nem deixa fazer — elle corre muito o risco de não passar só por inutil, mas tambem por pernicioso.

∴

Os que vivem nesta cidade e se occupam com os interesses e o futuro do povo não

tem mais que abrir os olhos para verem que as ruas da cidade estão cheias de menores sem occupação, educando-se no vicio e no crime, tornando-se inúteis e prejudiciaes a si mesmos e á sociedade. Os jornaes estão fartos de referir factos que comprovam que essa é a sementeira do gatinho que infesta a cidade e que a policia, no estado actual, é impotente para reprimir e para corrigir esses precoces viciosos. O spectaculo que se observa na Casa de Detenção, onde são recolhidos os menores delinquentes, tem sido exposto e annuciado por toda a imprensa repetidamente em termos que não podem ser mais vehementes; e allás, a vehemencia da palavra é totalmente desnecessaria, quando a simples exposição do facto subleva a condemnação em toda a consciencia honesta.

Ao conhecimento do Congresso essa situação tem sido levada não só pelo bello depoimento unanime da imprensa, mas pelas proprias paginas da mensagem presidencial, onde lhe tem sido suggeridas as medidas que ella reclama. É indispensavel que só em colonias agricolas correccionaes e estabelecimento de ensino profissional: aquellas para que os gatinhos que em grande numero aqui trabalham, seguros da impunidade que a legislação actual lhes garante, aprendam no correr dos annos a *cavar* a vida, cavando a terra; e esses para que recolham os centenaes de menores, que ainda não praticaram delictos, mas que se preparam para isso pela vagagem, e submettendo-os á disciplina e ao trabalho os transformem em unidades sociais verdadeiramente úteis.

Neuhuma nação maltrata as forças sociais, como nós o estamos fazendo. Isto não é uma questão de sentimento, de caridade ou de philantropia: é uma questão de consciencia, de economia e de defesa nacional. Não é possivel continuarmos a ver com olhos indifferentes esse rapazio vagabundo, giugando á frente das bandas de musica nas horas em que os ladroes não se occupam no

olheio do vigia; — do *guelas*, como se diz em *orgol* do galino — ou em que elles por sua propria conta não se occupam em furtar as amostras das portas das lojas.

∴

O Congresso não deu todavia nenhuma attenção a esse assumpto. Apesar da solicitação em mensagem, nenhuma lei especial foi elaborada; e como no orçamento não se incluem verbas senão para serviços já creados, não se quer conceder autorizações ao governo, a consequencia é que teremos ainda um anno pelo menos de lamentos estereis. Não nos resignamos a essa dura consequencia.

O que falta na Camara é apenas quem tome a iniciativa do projecto de lei sobre a materia. Estamos certos de que todos os seus membros sentem que essa situação não deve ser prolongada e *não duvidarão concorrer para a passagem de uma lei breve e rapida creando esses serviços, cuja regulamentação deve ser attribuida ao governo*. O illustre relator do orçamento do Interior gasta do prestigio sufficiente para promover a passagem dessa lei e a commissão de legislação e justiça tem todos os elementos necessarios para confeccional-a com urgencia.

A alliança destes esforços bastaria para assegurar-lhe o exito e desta formaitaria o governo habilitado para no começo do anno vindouro sanar moralmente as ruas da cidade, que carecem tanto dessa como da limpeza material.

Por esta forma parece que tudo se concluiava: as necessidades innegaveis da cidade e os escrúpulos respeitaveis do Congresso. Não haverá no seio delle um espirito e um coração em que esta suggestão encontre echo sympathico?

—

PARECER sobre o memorial do Dr. Climaco Barbosa, relativo a colonias correccionaes e preventivas para menores, e applicação destas ao ensino e execução de culturas diversas.

O memorial apresentado á 5ª Secção do Congresso de Agricultura, sob o título—Culturas diversas, ensino e execução dellas por meio de colonias preventivas e correccionaes, pelo illustrado Sr. Dr. Climaco Barbosa, é um estudo que, ao mesmo tempo honrando a competencia do seu autor, attinge á effecia de uma providencia, que as condições do paiz estão a exigir, e não pôde mais ser procrastinada.

É questão vital para este e outros paizes, não só a repressão da vadiagem nas cidades e villas, mas ainda o aproveitamento do concurso dos menores sem educação, para fins de utilidade.

No Brazil, que eu mais conheço, quem não herda fortuna, para fazer-se negociante, grando agricultor, litterato *avulso*, doutor, ou empregado publico, dá, infallivel e naturalmente, para bater de carteira ou soldado de policia, não fallando na industria de degollador, sangueiro ou ladrão de cavallo, qual tem-se desenvolvido muito em todos os Estados, e, a rdtina particularmente, na região entre os Rios Doce e Parnahyba.

Imagina o illustrado Sr. Dr. Climaco Barbosa que as colonias preventivas e correccionaes podem ser feitas por particulares, mediante auxilios directos e indirectos dos Poderes Publicos.

A commissão pensa igualmente que é preferivel a iniciativa dos particulares, embora convenida que é nullo, no Brazil, todo o esforço do individuo sem o bafejo do Poder Publico.

E o autor do memorial não illudiu-se a este respeito, quando exigiu, nas conclusões do seu importante estudo—subvenção, dispensa de impostos e outras medidas que facilitem a acção do contractante da fundação das colonias.

Si o parecer do eminentissimo conselheiro Lafayette R. Pereira, cuja autoridade em tudo em que a intelligencia do homem pôde resolver e decidir, ninguém contesta, não tivesse amparado o plano do Dr. Climaco Barbosa, a commissão encareceria o esforço do illustro congressista, recordando que o aproveitamento das forças da infancia desocupada, já foi utilisada por um estadista de idéas praticas, cujo merito de administrador proba o patriótico só a cegueira do odio partidario poderia negar.

A commissão refere-se ao venerando Sr. Barão de Lucena, um pernambucano da velha tempera; tão altivo e soberano, quanto empreendedor, um pernambucano que sabe honrar o nome e as tradições da nobre terra do seu nascimento.

Foi S. Ex. quem, arcando com as maiores difficuldades, erceu a colonia Isabel, em Pernambuco. Isto passou-se no mesmo tempo em que S. Ex., o ex-presidente da então de pauperada provincia, fundara asylos, concertara estradas e pontes, e concertara as finanças do Thesouro, cujo estado não honrara a presidencia de seus antecessores de todas as politicas, posto que muito dignos á muitos outros respeito.

E o que era a colonia Isabel, pelo plano de seu fundador benemerito? Era a colonia agricola que o Dr. Climaco Barbosa, chama—preventiva; era o paraiso dos meninos até então cafuados n'um primitivo collegio de orphãos, e de outros que a arte deixara em abandono dos confortos da vida.

Pois bem, a colonia Isabel, hoje Frei-Caneva, não é sómento um abrigo, é tambem um centro de aprendizagem.

Sob a direcção de um frade da ordem dos Capuchinhos, creseem e prosperou tanto, que merecia os elogios de quantos presidentes seguiram-se ao illustro presidente fundador.

Essa colonia existe, e não inveja, *sereatis servandis*, os proveltos das suas congengeres de outros paizes.

O governador, Dr. Barbosa Lima, mudou-lhe o nome, mas não lho alterou, de todo, o

regimen, porque a S. Ex. tambem não ful-tura tivo administrativo e intuitos patrio-ticos.

Todas ou quasi todas as culturas foram allí ensaiadas e prosperam ; allí funciona uma usina de assucar, a qual, si não é a melhor do Estado, pouco deverá em aperfei-çamentos e capacidade ás melhores.

Com um numero limitado de colono, a colonia Isabel abriga, no limite de suas for-ças, esses pobres desamparados, cuja triste condição no mundo os teria arrojado á mi-seria e á todos os vicios, si não fóra o gene-roso impulso do Inicylo Itório de Luena, cujo nome escripto em letras de ouro, no portão de todos os edilícios mais uteis de Pernambuco, mal significaria a gratidão que lhe daremos.

O Estado, cujos encargos não se limitam á repressão dos crimes que, aliás si fosse com-pleta, muito aproveitaria a um dos postu-lados da humanidade, jamais corresponderia tanto ao seu ideal, quanto encaminhando para o bem, o lado bom da indole humana; ao mesmo tempo que reprímisse, com a mais enérgica severidade, as manifestações das suas depravadas tendências, ao mesmo tempo fizesse applicação do lado bom ao proveito geral e economico do paiz.

No seu ponto de vista, o memorial do Sr. Dr. Climaco Barbosa, é completo.

A providencia das colonias *preventivas* ao lado das *correcionaes*, é o que se pôde dese-jar no sentido da regeneração dos viciosos irresponsaveis.

Com a mira no aproveitamento de meios de desenvolver as lavouras, a commissão cre que a educação dos menores para os tra-balhos de agricultura, em colonias bem or-ganizadas, seria um beneficio inmutavel nesta terra, onde sómente *uma parte minima da população produz, enquanto todos consomem*.

E, si receos a commissão podesse ter pela maneira de executar um plano tão com-pleto, como esse do Dr. Climaco Barbosa, esses receos desapareceriam, pois, é nos

regulamentos para execução de tal plano, regulamentos em que a acção dos Poderes Publicos se effectua, por meio de fiscaliza-ção, que ficarão patentes os meios e moldes de sua effctividade.

Por isso, e mais, considerando que :

Polos dispostos nos arts. 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 9º e 12º da lei municipal n. 721, do Districto Federal, são attendidas as multiphas neces-sidades de que carece a nossa agricultura, desde a criação do braço, ensino pratico ra-cional, e o mais que nas referidos artigos está patente ;

Tambem, que as colonias correcionaes agricolas não podem, para os fins a que são creadas, arredar-se do molde estipulado na lei citada ;

Outrasim, que colonia correcional deve nascer ao lado de colonia preventiva, por ser esta a que recebe, melhora e aproveita, para os fins desejados, a creança que sahio da-quella ;

A commissão opina e aconselha que o Con-gresso Nacional de Agricultura solicite da Representação Nacional a adopção de uma lei, autorizando o governo a contractar com o Dr. Climaco Barbosa, ou companhia que organizar, para a execução da lei municipal n. 721, uma ou mais colonias *correcionaes* annexas ás *preventivas*, que são objecto desta lei. Si a commissão aqui aponta e determina a pessoa do Dr. Climaco Barbosa, é por ser justo que elle ponha em execução o plano a que se dedica de longa data, e a quem não ha regatear elogios pela profficiencia tão manifestada em seu memorial, patenteando assim um raro esforço, nestes tempos de in-differença pelos mais vitais interesses da patria querida de nós todos.

Accoita esta primeira indicação, propõe ainda a commissão que se offereça ao juizo do Congresso Nacional, o projecto estampado no memorial do Dr. Climaco Barbosa, por-que, convertido elle em lei, ficará applicavel, dentro das normas constitucionaes que nos regem, a todos os Estados da Uniao Brazi-leira.

indica, finalmente, a commissão, que seja publicado, em avulso, o memorial a que se refere este parecer.

Capital Federal, 25 de Setembro de 1901.
—Dr. *Democrito Cavalcanti* (relator).—*Joaquim de Carvalho Borges Junior*.

Não concordo com alguns considerandos apresentados pelo Illustrado relator, e discordo das conclusões de seu parecer.

Nada tenho a dizer contra a lei que a Municipalidade, na sua subordinação, decretou e que ainda está em vigor, pela qual o Sr. Dr. Clímaco Barbosa, em a sua reconhecida competência, pôde estabelecer no Distrito Federal colônias infantis, agrícolas, com todos os favores que na mesma lei lhe foram concedidos. Julgo, porém, que o Congresso da Lavoura não deve recomendar ao Governo Federal uma medida que diz respeito a determinada pessoa, ou a Companhia que organizar e penso que, sendo necessarias as colônias correccionaes agrícolas e industriaes para menores delinquentes, sua administração não pôde ser confiada a um particular, devendo sim ficar a cargo do governo.

Assim, entendendo, apresento a seguinte conclusão :

Que o Congresso Nacional de Agricultura, represente aos poderes competentes, reclamando o estabelecimento de colônias correccionaes agrícolas em todos os Estados da Republica, nas quaes serão recebidos os menores delinquentes, vagabundos e crianças abandonadas, aos quaes será facultada educação e ensino profissional, agrícola e industrial.

Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 1901.
—*Oscar Varady*.

PARECER

A commissão incumbida de estudar o memorial offerido pelo Sr. Dr. Clímaco Barbosa, relativo a colônias correccionaes e preventivas para menores e applicação destes ao ensino e execução de culturas diversas, depois de demorado estudo sobre o mesmo projecto, bem avaliando as vanta-

gens das referidas escolas correccionaes, apresenta a seguinte conclusão : « Que o Congresso Nacional de Agricultura represente aos poderes competentes, reclamando o estabelecimento de colônias correccionaes agrícolas em todos os Estados da Republica, nos quaes serão recebidos os menores delinquentes, vagabundos e crianças abandonadas, aos quaes será facultada a educação e ensino profissional agrícola e industrial. »

Oscar Varady, relator.—Dr. *Democrito Cavalcanti*.—*Carvalho Borges Junior*.—Dr. *Nogueira Paranaguá*.—*Augusto Ramos*. »

INDICAÇÃO apresentada pelo congressista **Leandro Pereira**, representante do governo do Paraná.

Cabendo-me a honra de representar o Exm. Sr. Governador do Estado do Paraná neste Congresso e, procurando, com a pontualidade dos meus conhecimentos corresponder á confiança com que me distinguio o mesmo Exm. Sr. e traduzindo o seu pensamento, venho trazer o meu fraco concurso ao grandioso commettimento patrioticamente levantado por tão conspícuos cidadãos.

O Estado do Paraná procurando sempre marchar na vanguarda do progresso tem, inecontestavelmente, na communião brasileira, direito a um dos primeiros lugares.

Com inauditos sacrificios e patriotismo dos seus filhos tem conseguido, em tão curto espaço de tempo, tornar-se conhecido e admirado o seu progresso, não só no nosso paiz como também no estrangeiro, onde os seus productos, elevão o seu nome.

Nesta capital mantem uma Exposição permanente dos seus productos, com o fim especial de fazer a propaganda da herva matte quer no interior quer no exterior.

Essa tentativa já foi inielada na Europa pelos seus respectivos contractantes e os benéficos resultados não tardarão a sentir o effeito desejado, mas essa tarefa é por do-

mais posada para um Estado enja vida, pode-se dizer, começou nestes dous ultimos lustros.

É pois, chegado o momento opportuno de corromos em seu auxilio o este benemerito Congresso muito pode fazer em seu beneficio, que será tambem para a collectividade, solicitando do Governo da União, nesta occasião em que se pretende crear uma Commissão permanente na Europa para tratar da propaganda e do desenvolvimento do consumo do nosso café, que seja ella tambem encarregada da propaganda e introdução da herva matte nos seus mercados.

Seria de incommensuraveis vantagens para o Paraná que o matte concorra com o chá da India e seja introduzido nos exercitos e armadas europeas, no que muito poderia auxiliar-nos os nossos representantes diplomaticos.

As suas qualidades alimenticias e therapeuticas já são bem conhecidas e além disso o seu custo sendo muito inferior ao do chá da India é de incontestaveis vantagens a sua adopção.

A exportação da herva matte é, por enquanto, quasi o unico manancial onde o Estado do Paraná tira elementos para a sua vida economica e na erlse que actualmnte atravessamos torna-se urgente não só a creação de nova fonte de renda como tambem do augmento da actual afim de poder attender o seu desenvolvimento já promovendo a immigração, já alargando e augmentando a sua rede de communiqueções, factores principaes do progresso das nações do continente americano.

Outra fonte tambem de alto valor é a da exportação do pinho; é doloroso vermos a immensa quantidade de pinho que diariamente importamos quando o temos em tamanha quantidade e tão bom ou melhor que o nosso concorrente e, além disso, a sua importação vem prejudicar-nos porque são milhares de libras sterlingas que constantemente se escoão para fóra do palz, concorrendo assim para o desequilibrio finan-

ceiro, ao passo que se dossemos preferencia ao nosso producto essa importante verba giraria no desenvolvimento do commercio e industria, cujos proventos tambem caberão a União.

Este Congresso poderla, pois, interceder ante o governo da União solicitando o seu concurso afim de que nas construcções ou reconstrucções de edificios federaes ou municipaes seja empregado, de preferencia, o pinho nacional.

Assim, tenho a honra de apresentar a seguinte Indicação :

1º A Commissão de propaganda do Café terá tambem a seu cargo a da herva matte, da maneira que julgar mais conveniente.

2º O Congresso solicitará dos ministerios da guerra e da marinha o seu auxilio no sentido de ser adoptado nos corpos do exercito e nos navios da armada o matte nacional. O Congresso solicitará do Governo da União e do Conselho Municipal desta Capital o seu auxilio afim de que seja adoptado nas construcções ou reconstrucções de edificios publicos o pinho nacional.

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1906.—
O Congressista, *Leandro Pereira*.

PARECER

A commissão nomeada para emitir seu parecer sobre a Indicação apresentada pelo Congressista Sr. Leandro Pereira, digno Representante do Governo do Paraná, relativa a conveniencia de ser a commissão permanente de propaganda do café na Europa tambem incumbida da propaganda da herva-matte e bem assim admittido seu uso nos corpos do exercito e armada nacionais e finalmente, adoptado o pinho nacional nas construcções e reconstrucções dos edificios publicos, á cargo da União e da Municipalidade da Capital Federal, vem, no desempenho desse dever e com perfeito conhecimento de causa, submeter á esclarecida apreciação da Mesa da 5ª Secção o resultado de seu estudo sobre a alludida Indicação.

O utilissimo arbusto Indigena, que é abundantemente encontrado nas florestas, que se estendem desde a Serra do Mar e Campos Gerais até à comarca do Guarapiava do Estado do Paraná, e que é tambem cultivado em uma vasta extensão da America Meridional pertence ao genero *Ilex*, comprehendendo varias especies.

O genero *Ilex* é o genero typo da familia das *Elaeagnaceas*, sendo os vegetaes dessa familia grupados numa secção designada por De Candolle sob o nome de *Aquifoliaceas*, ao lado das *Celastraceas*.

A herva-matto do Paraná constituo a especie denominada *Ilex Brasiliensis*.

Das analyses chimicas feitas por profissionais competentissimos sobre tao precioso producto resulta que contem elle menos oleo essencial que o café e o chá, o que importa dizer que é menos excitante e consequentemente mais apropriado ás pessoas nervosas, ás mulheres e crianças, e assim como que a resina, que encerra, existe em maior quantidade que a encontrada no café e em menor que a do chá, o que o torna mais diuretico que o primeiro, rivalisando com o segundo como estimulante.

Pelas suas qualidades alimenticias e therapeuticas constituo uma bebida saborosa e salutar, podendo ser empregada vantajosamente, tanto no regimen ordinario da vida como nas proscriptões dieteticas dos enfermos.

Os indios Guarany's utilisavam o matto mastigando-o e só depois do apparecimento dos Jesuitas na Republica do Paraguay foi que se tornaram bem conhecidas as suas vantagens, estabelecendo-se ali grandes plantações e promovendo-se o seu desenvolvimento.

Os Jesuitas foram os primeiros a observar que a torrefacção desenvolvia no matto um perfume agradável, communicando-lhe novas propriedades.

Durante algum tempo o Paraguay passava pelo maior produtor de matto e da melhor qualidade; hoje, porém, o Brasil excede-lho

e entre os seus Estados Meridionaes é o Paraná o que mais se salienta.

Pelas vantagens, tanto hygienicas como economicas do matto, tendo a augmentar o seu uso, sendo o Chile e as Republicas do Prata os paizes que maior consumo dão a esse importante ramo do commercio, que só espera novos mercados para consideravelmente se desenvolver. Para esse fim muito conviria estabelecer-se exposições permanentes nos paizes europeus, a exemplo da que se está procedendo na Capital da União, do modo a tornar bem conhecido nos mercados estrangeiros essa planta e as vantagens do seu uso.

Neste sentido poderiam os nossos agentes consulares prestar relevantes serviços, promovendo o alargamento da seu consumo e o desenvolvimento do seu commercio.

O matto é bebida do pobre pela sua baratesa e facilidade com que pôde ser preparado, exigindo apenas as folhas ou o pó e agua fervendo.

Nos Estados do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul e bem assim nas Republicas do Paraguay e do Chile, constituo o matto, por assim dizer, a base da alimentação do povo e tão radicado está na população o uso dessa bebida alimentar que o pobre prefero passar sem comer a deixar de tomar a enla do matto que, lisongeando-lhe o paladar, sustenta as forças como o pão e o vinho. Na Europa o povo bebo chá de erva, infusão desagradavel ao olphato e ao paladar, sendo diaphoretico quando o matto é diuretico, antepasmotico quando o matto é estimulante, sem qual lado alguma alimenticia, quando o matto a apresenta em alto gráo, na opinião insuspeita e autorizada do notaveis clinicos, em cujo numero estão os Drs. Schnepp e Lancaster.

A vulgarisação do seu uso seria, portanto, do incontestavel vantagem para as classes menos favorecidas da fortuna e assim como para as corporações, como exercito e armada, compostas de milhões de individuos, cuja alimentação, se aca a cargo dos

respectivos Governos, que assim poderiam realisar não pequena economia com a substituição do matto pelo chá.

Com relação ao pinho, considerado como uma das madeiras de lei que mais avultam nos planaltos do Paraná, não pôde ser de modo algum contestada a sua utilidade nas construcções e na marcenaria.

Esta especie denomina-se *Araucaria Brasiliensis* e é superior ao similar estrangeiro, apresentando mais resistencia e elasticidade que este, segundo as experiencias feitas em Louvain nas grandes offeinas dos camilhos do ferro do Governo da Belgica.

O pinho nacional, justamente considerado o rei das florestas do Paraná, constitue em suas diversas applicações uma grande riqueza; assim é que, estando immerso na agua ou exposto ao ar livre, offeroço grande resistencia e duração; disposto em grandes travess supporta o peso de fortes construcções e, applicado aos misteros da marcenaria, presta-se nos mais elegantes e variados objectos trabalhados ao torro e a mão.

As substancias resinosas, que constituem por assim dizer o sangue desses gigantes, são abundantissimas e da mesma natureza provavelmente das resinas do pinho europen, extrahido-se dellas o pixe, o alcatrão, o breu, o pez de Borgonha e outros productos chimicos, cuja exploração deveria largamente remunerar os capitais que se houvesse de empregar em tão importante industria.

As cinzas do pinho, ricas de potassa, também offeroem precioso contingente para a fabricação do sabão e os nós do entroncamento dos ramos produzem magnifico carvão, equiparado pela duração da combustão ao proprio carvão mineral.

Sob o ponto de vista industrial e economico, o pinho do Paraná offeroço incontestavelmente grandes vantagens, visto como, além das propriedades que vem a Commissão de assignalar, pôde ser obtido por preço inferior aos similares estrangeiros e em quantidade a abastecer aos mais exigentes mercados.

De accordo, portanto, com as considerações expostas, a Commissão, baseada no estudo cuidadoso do assumpto, tem a honra de propôr que sejam adoptadas as seguintes conclusões:

1.^a Que o Congresso de Agricultura Nacional solicite o auxilio do Governo da União, no sentido, não só, de ser a propaganda do matto na Europa confiada a mesma Commissão, que terá de ser incumbida da propaganda do café brasileiro, como também de ser o mesmo producto adoptado nos corpos do exercito e armada;

2.^a Que se solicite igualmente do mesmo Governo e da Prefeitura do Distrito Federal no sentido de ser o pinho nacional preferido ao similar estrangeiro nas construcções e reconstrucções dos edificios publicos.

Sala das sessões da Mesa da 5.^a Secção, em 30 de setembro de 1901.— *João de Carvalho Borges Junior*, relator.— *Dr. Climaco Barbosa*.— *Dr. José Antonio Duarte*.

SERICICULTURA NO ESTADO DE MINAS GERAES — Aos colonos e pequenos proprietarios

AMILCAR SAVASSI

Desejava, conforme proposta que fiz ao Exm. Sr. Dr. Carlos Prates, dignissimo inspector de Terras e Colonização do Estado de Minas Geraes, em meu relatorio do anno proximo passado, traduzir um opusculo sobre o systema de criar o bicho da seda na Italia. Mas, pela diversidade de clima, época da criação do precioso e remunerador insecto e diversos outros motivos que não vêm a pello mencionar, sou forçado a divergir de idéas, descrevendo apenas o systema mais pratico e simples pelo qual podemos colher satisfactorio resultado.

Procurarei ser o mais minucioso e claro possivel na exposição dos conselhos que ouso dar e que tom por fim facilitar a indução da sericicultura ao bom patriota, até então privado de um guia pratico pelo qual se pudesse orientar.

Se forem acceitos os meus debéis conselhos, e animados, portanto, da vossa benevolencia, multiplicarei os meus esforços, limitando-me, por enquanto a rogar toda vossa attenção ao que vou expor-vos, e serel sobejamento recompensado em saber que de algum modo concorri na medida de minhas fracas forças para a fomentação de tão útil e benefica industria qual—a da creação do do bicho da seda.

∴

Todo o bom patriota deve na esphera de sua acção concorrer para a prosperidade nacional, procurando sempre introduzir e desenvolver em seu Paiz toda a industria que so lhe depara vantajosa como a de que agora me occupo.

As industrias não devem ter partido a não ser o de procurarmos sempre o seu aperfeçoamento. Cumpre-nos não nos desalentarmos; revistamo-nos de força de vontade até chegarmos ao fim desejado, e, certo, conseguil-o-hemos com a industria em questão, porquanto a minha affirmacão é illha de acurada observação e de experiencias cautelosamente feitas.

Ociosos é descrever a procedencia do precioso insecto, pois que outros mais competentes já o fizeram. Limitar-me-hei apenas a narrar o modo pelo qual devemos tratá-lo, crendo que neste pequeno — gula — encontrará o leitor o *quantum satis* para a sua orientação.

∴

Antes, porém, de entrar nas minuciosidades do assumpto, necessario é dizer em que consiste a alimentação do Bombyx Mori e a facilidade com que no Brazil a obtemos.

∴

O alimento primitivo, o unico que aconselho e com o qual podemos tratar da creação do referido bicho é a amoreira branca, que entre nós viuga com mais facilidade do que em qualquer parte do velho continente, onde depende de tratos cuidadosos, ao passo

6053 -- 48

que aqui o seu plantio é facillimo, bastando para isso o terrar um simples galho.

To lo terreno presta-se á cultura da amoreira branca, do que se evidencia que nao ha outra industria mais facil de tratar do que a sericicultura.

No Nucleo Colonial «Rodrigo Silva» do qual sou obscuro director, iniciel só ha dous annos a plantação da amoreira em grande escala, e em tão curto prazo já se podem colher folhas em abundancia e nao sao poucos os proprietarios da cidade que tambem em suas hortas continuam a obra progressiva dos colonos.

E', pois, a divulgação da plantação da amoreira branca que recommendo a todos aquelles que desejam ver o nosso Brazil se uão na vanguarda a que tem já pelas suas immensas riquezas naturaes, ao menos caminhando a *pari passu* com outros paizes.

A sericicultura, que fez grandes progressos em diversas nações europeas, onde fol, páde-se dizer, a salvacão da pobreza, será, eston certo, no nosso paiz uma fonte de riqueza.

Termino aqui o meu simples prefacio, convencido de que, comprehendendo qual é a minha intencão, os amigos deste torrao não deixarão de prestar benevola attenção ao que vou expor.

∴

SYSTEMA DE CHOCAR OS OVOS OU SEMENTES

As larvas de que fallei no começo deste opusculo nascem do ovos ou sementes cujo tamanho é o de uma cabeça de alfinete.

Possimo, direi melhor, dattosissimo é o habito de fazer nascer a semente com o calor do corpo humano, como tambem o do pol-a perto do fogo, porquanto com estes methodos irracionais dão-se constantes mudanças de temperatura.

O calor que a semente requer para seu nascimento racional é de 16 a 17 e até 18 grãos thermometer *Réaumur* no maximo, se de raça italiana chamada *nostrana*. Por ahi imagine-se a que mudanças de temperatura

submettem a semente aquelles que a põem no corpo, ou perto do fogo. O resultado de taes methodos irracionaes não tarda a se fazer sentir durante a creação; se o bicho não morrer antes de nascer.

A semente de *raça japoneza* reclama uma incubação de 18 a 20 e até 21 grãos *Reaumur*.

Com isso obtém-se completo nascimento, salvo se a semente estava deteriorada.

O melhor e mais facil systema para fazer nascer a semente, como usam em sua malorria os camponozes na Italia, é o seguinte: Põe-se a semente no entremeio das coelhas da cama, collocando-se ao redor pannos de lã, devendo ser envolvi-la em panno de linho fino e mais fino, sendo preferivel tel-a em um quarto agasalhado de fórma a conservar sempre a mesma temperatura.

Apenas se perceber que a semente branqueia, devem-se logo echer de agua quente algumas botijas e collocal-as ao redor do involucro.

∴

NASCIMENTO

Notando-se, pois, a semente branquelada, estenda-se sobre a mesma um papelão furado e sobre este colloquem-se ramos de amoreira, affm de que os sirgos possam subir.

Com este methodo obter-se-ha completa igualdade no nascimento.

Antes de proceder a limpeza dos sirgos, deve-se primeiramente examinar se estão todos acordados, porque estando em parte dormindo, soffreriam muito a ponto de lhes ser impedida a mudança de pelle e não se teria mais regularidade na creação.

Apenas estiverem cheios de sirgos os ramos de amoreiras que se collocarem sobre o papelão furado, transportem-se para o lugar que lhes for destinado.

Se a época da creação do sirgo for quente, é necessario no começo subministrer oito a 12 rações cada 24 horas.

O sericicultor habil deve ter cuidado, mesmo com prejuizo da alimentação dos

sirgos que nascem um dia antes, em conservar-os todos iguaes, de modo que possam allmentar-se em tempos iguaes, mudar a pelle, amadurecer e fazer o casulo.

A proporção que o sirgo for crescendo, sente sempre mais necessidade de ar, por isso se recommenda que se conservem as janellas abertas nos dias e horas mais quentes, mas de modo que não sejam alltingidos dos raios solares. Ao mesmo tempo é necessario defendel-os das grandes ventanias, que produzem entre elles mau estar geral.

Quando se mudar o papel onde estão collocados os bichos, só deve-se tornar a polo depois de estar bem enxuto, e não sendo possível fazel-o ao sol, faça-se ao fogo.

∴

NUTRIÇÃO DO BICHO DA SEDA, SUAS MUDAS, ETC.

A vida do bicho da seda varia de 30 a 35 dias.

Quanto mais elevada for a temperatura, mais comem os bichos, e portanto, com mais rapidez se executam os phenomenos vitaes do insecto.

Durante o tempo de sua existencia os sirgos repousam quatro vezes: a estes periodos de repouso dá-se o nome de *muda*, porque é então que as larvas mudam de pelle. Durante este periodo os sirgos nada comem e ficam quietos, com as cabeças levantadas.

Não se devem molestal-os enquanto estiverem dormindo; espera-se que a *muda* termine. Logo que despertarem do somno, os bichos começam a andar, procurando alimento, que não se lhes deve dar senão depois de 24 horas, até que todos tenham mudado a pelle affm de evitar desigualdade.

A vida do bicho da seda divide-se em cinco idades, as quaes duram conforme a temperatura do local onde são creados e as rações que se lhes dão. É conveniente que durmam sobre pouca folha, pois que esta é danosa á cultivação.

As mudas, que pouco differenciam umas das outras, dividem-se como se segue:

A primeira idade (da 1ª á 2ª muda) quatro dias.

A segunda idade (da 1ª á 2ª muda) cinco dias.

A terceira idade (da 2ª á 3ª muda) quatro dias.

A quarta idade (da 3ª á 4ª muda) seis dias.

A quinta idade (da 4ª á 5ª muda) oito ou nove dias.

∴

PRIMEIRA MUDA—SEGUNDA IDADE

Entre a primeira e a segunda muda os sirgos duplicam o triplicam de volume, por isso é preciso tê-los separados sobre esteiras, afim de não impedir o seu desenvolvimento e evitar alguma doença.

A nova pelle é de uma cor escura que dentro em pouco se torna candida; o appetito do bicho começa a augmentar e progride até approximar-se de outra muda.

Do mesmo modo que no nascimento, assim tambem nessa idade e successivas, afim de manter a igualdade, é necessario esperar, antes de dar a primeira ração, que estejam acordadas quatro quintas partes dos mesmos e sem receio de que os bichos acordados sofram, separando-se em seguida sobre outra esteira os poucos que ficaram dormindo.

∴

SEGUNDA MUDA — TERCEIRA IDADE

Faz-se o mesmo que se indicou para a primeira muda.

∴

TERCEIRA MUDA — QUARTA IDADE

Chegados os sirgos a este período, reclamam ar livre que é salubre ao bicho, não sendo mais necessario cortar-se a folha; deve-se dal-a como salto da arvore.

∴

QUARTA MUDA — QUINTA IDADE

O sericicultor, uma vez que os sirgos tenham passado para a quarta muda, deve ter tudo prompto para construir o bosque.

Não se deve desanimar, porque qualquer de cuido poderia comprometter o bom exito da colheita.

Se por acaso se formar uma tempestade e a atmosphera se tornar pesada ou fria, devem-se fechar logo as janellas.

Durante toda a vida da larva deve ser observada a precação aconselhada.

O modo, como disse na descripção da primeira muda, de mudar o bicho de seu leito para logar limpo é o seguinte: collocam-se sobre elles folhas de amoreira inteiras: as lagartinhas sobre estas, que deverão ser transportadas delicadamente para o logar conveniente.

O sirgo no momento da confecção do casulo é 85 ou 90 vezes maior do que ao nascer; é necessario, pois, que o sericicultor tenha cuidado de ir augmentando o local onde vivem as larvas á proporção que o sirgo se desenvolver em idade, isto é, da primeira muda á quinta.

∴

BOSQUE

Quaesquer ramos servem para construir o bosque, uma vez que estejam bem seccos, onxutos, limpos e não tenham cheiro de especie alguma.

Não se deve construí-lo muito espesso afim de que não somente o ar, mas tambem os sirgos maduros possam livremente circular e não se impeçam reciprocamente no proprio trabalho.

O bosque é collocado sobre as esteiras em que se crearem os bichos.

Subido que tenha ao bosque, o sirgo precisa de todo o ar possivel, deixando-se, portanto, as janellas abertas.

O bicho da seda faz o casulo em 24 horas, mas é necessario deixar completal-o para isso são precisos oito dias sem tocá-lo.

Depois dos oito dias da formação dos casulos, deve-se tiral-os do bosque e tratar logo de, ou vendel-os ou suffocar a chrysalida para evitar que esta os fure.

∴

SYSTEMA DE SUFFOCAR AS CHRYSALISADAS

Não só podendo ou não se querendo vender immediatamente os casulos dentro dos 12 dias de sua formação deve-se suffocar a chrysalida.

A saída da borboleta (o que acontece entre os 12 e 15 dias da formação dos casulos) desvaloriza-os completamente e impossibilita a sua regular filação.

Os systemas do suffocação são diversos :

- 1.º Suffocação ao sol.
- 2.º Suffocação em uma estufa ao ar quente e secco.
- 3.º Suffocação em uma estufa ao ar quente e humido.
- 4.º Suffocação em uma estufa com vapores d'agua.
- 5.º Suffocação em um forno cuja temperatura ordinaria não ultrapasse 100 centigrados para evitar atteração da seda. Um bom systema e talvez o melhor é a suffocação ao ar quente (90 centigrados) e humido ; este systema evita a enorme diminuição de 65 % no peso.

O tempo necessario para os systemas 2º, 3º e 4º é de 30 minutos de demora, fluidos os quaes ostendem-se os casulos sob esteiras para secarem bem e pôde-se guardal-os no deposito aos mesmos destinados, sem receio de serem prejudicados.

∴

CONSIDERAÇÕES DIVERSAS

É erro inqualificavel cultivar muitos bichos da seda para obter maior producto. Não é a superabundancia dos sirgos que produz grande colheita, mas a quantidade proporcionada á possibilidade de trato diligente ; são mais productivos 30 grammas de sementes bem cultivada do que 120 grammas que não o sejam.

Quem cria a porção de que pôde tratar,

tem menos despezas, colheita abundante e bella, pouco trabalho e grande resultado.

∴

É nocivo ao bom desenvolvimento do sirgo a poeira, por isso quando se quer varrer a sala destinada á criação do precioso insecto, deve se horriçal-a levemente.

∴

A semente bem conservada emprega na incubação 15 ou 20 dias antes de nascer. Devem attender bem a isto os cultivadores que, sem esperarem o espaço de tempo necessario para o nascimento do bicho, forçam a temperatura e estragam a semente.

∴

É conveniente que a semente seja distribuida, enquanto entre nós não for divulgada a sericicultura, por pessoa idonea, o que é facilimo fazer 15 ou 20 dias antes da época em que a amoreira começa a brotar.

∴

Entre nós podem-se fazer tres colheitas annuaes, a saber: 1ª, dos primeiros dias de agosto até principio de setembro, 2ª, da segunda quizesena de setembro a fins de outubro e a 3ª, dos primeiros dias de novembro a meiado de dezembro.

Poderiamos, conforme opinam muitos, obter mais de tres colheitas, mas deve-se e nvir que, sendo mais do que isso, prejudicaria, ou, por outra, enfraqueceria a ponto tal a amoreira que só forneceria o primitivo alimento dos sirgos durante dous outros annos.

∴

A folha da amoreira não deverá ser, nem aquecida do sol, nem molhada do soro ou da chuva.

No primeiro caso é necessario ostendol-a para se refrescar, no segundo fazel-a enxugar sobre pamos ou esteiras, nunca pô-la sobre o soalho ou chão, evitando desta fórma empoal-a e transtornar o bom andamento dos sirgos.

∴

Como já disse, não se devem conservar fechadas durante o dia as janellas e portas

quando os sirgos estiverem fazendo o casulo, afim de evitar a suffocação dos mesmos, o que os Inhibiria de completar o seu trabalho que daria em resultado a depreciação do casulo. E' necessario, pois, attender não só ao que acabo de expor como tambem não tocar o casulo antes de estar maduro, isto é, depois dos oito dias de sua formação.

∴

Todos aquelles que possuirem pés de amoreira em grande quantidade, podem, para obter semente dos sirgos e possões praticas para tratá-los e quaesquer outras informações a respeito, dirigir-se a mim que promptamente serão servidos.

Nota—Do que acabo de expor neste trecho —o sericicultor só tem a despesa da pessoa pratica que me incumbio de mandar, si precisa for.

∴

Parece-me ter demonstrado bastante como deve proceder o sericicultor. Resta-me agora demonstrar as vantagens da industria sericicola, e é principalmente para esta parte que chamo — a attenção do leitor, seja qual for a sua profissão.

∴

VANTAGENS E OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Tomemos como exemplo dos nossos calculos uma criação de 33,000 sirgos, provenientes de 30 grammas de sementes.

São necessarios 800 a 850 kilos de folhas frescas da amoreira para a criação de 30,000 sirgos, 25 serviços de creanças, mulheres ou homens idosos impossibilitados de serviços pesados, mais 15\$00 para despesas imprevistas, como se segue :

30 grammas de ovos, preço maximo 15	
<i>liras</i>	13\$700
Folhas frescas.....	20\$000
Despesas imprevistas.....	15\$000
25 serviços a 2\$000.....	50\$000
Despesas da produção.....	98\$500

30 grammas de sementes produzem de 50 a 70 kilos de casulos, que se vendem a 4\$900 por kilo, preço razoavel.

Façamos o calculo de uma média :

60 kilos de casulos a 4\$900.....	240\$000
Despezas para a criação.....	98\$500
Temos um saldo ou lucro de.....	141\$500

∴

Roieva notar, afim de bem comprehender as vantagens da bella industria, segundo o calculo supra, que é conhecido por todos os sericicultores, que o lucro de 141\$500 se obtem no curto espaço de 30 dias, utilizando-se tão sómente o trabalho de creanças, mulheres e velhos, sem impedir a estes que se occupem das obrigações domesticas.

Continemos. Segundo calculos feitos por competentes, sabe-se que 30 grammas de sementes ou ovos produzem 44,400 sirgos, os quaes, viugando todos, bem nutridos e de raça milaneza (*nostrana*), podem produzir 88 a 90 kilos de casulos.

Esto resultado é bem possível, uma vez que os sirgos sejam da raça de casulos grandes—*nostrana* ou *japoneza*.

Em vista do que acabo de expor, o leitor deve estar convencido que o lucro é superior a 141\$500 por 30 grammas de ovos.

Para um kilo são necessarios em media 400 casulos de raça *milaneza* e 500 casulos de outras raças inferiores.

O exaggero do total da despesa da produção torna-se patente sendo o pequeno sericicultor lavrador porque figuram 13\$500 para compra de ovos que o sericicultor pôde conservar de um anno para outro e obtel-os de um só kilo de casulos avaliado em 4\$00; figuram 20\$000 para aquisição do folhas frescas, para a criação do bleho, podendo ser tambem deluzida esta parcella, porque entre nós a amoreira não precisa de trato, e o trabalho de colhel-a está incluído na parcella dos serviços.

A parcella de 15\$000 para despesas imprevistas, a qual, posto que exaggerada, deve ser conservada.

A somma de 50\$000, representando as despesas de mão de obra, para quem conhece a facilidade com que se cria o bicho da seda, a condição dos colonos e do pequeno lavrador do nosso Estado, é também exagerada; não só porque a mão de obra de que necessita o sericicultor (crianças, mulheres e velhos) é abundantíssima em nossas roças e *sem occupação remuneradora*, como também sabendo o sericicultor, escolhe para a criação do bicho uma época em que não se veja a braços com outras preoccupações.

Voltemos agora aos nossos calculos e vejamos o que podemos esperar da sericicultura, uma vez introduzida como devo em nosso Estado. Para exemplo cito somente a colonia «Rodrigo Silva», deixando a outros fazerem o calculo de todo o Estado.

Sendo, conforme disse em outra parte deste opusculo, evidente a possibilidade de tres criações annuaes, é logico que 141\$500 de resultado que obtem uma familia de colouos ou pequeno lavrador, multiplicados por tres dariam um total de 424\$500 de *lucro*, o que multiplicado por 230 familias que compõem o nucleo «Rodrigo Silva», perfaz a elevada somma de 97:635\$000 annuaes! o isto, sem prejuizo do bom desenvolvimento da viticultura, linho e cereaes que os mesmos tem cultivado até a data presente.

Não estaria por ventura em outro grão de prosperidade o nucleo «Rodrigo Silva» si, desde a sua fundação, se tivesse tratado de introduzir com affluo a plantação da amoreira? A' parte os commentarios, pois que o magnifico resultado os dispensa!

Parece-me obra eminentemente economica e philanthropica a propagação da sericicultura.

Até hoje, infelizmente, só se tem escripto muito a respeito, mas ainda não houve quem tratasse seriamente deste assumpto tão importante.

Niugnom ignora as difficuldades que atravessam não só o nosso Estado como todos os

mals da Federação, e, como já disse, si não se tratar e em affluo de introduzir todas as industrias que se nos deparem vantajosas como a sericicultura, quanto antes, tivemos forçosamente de atravessar momentos ainda mais tristes.

∴

Eis, em pallidos traços, o methodo pratico, racional e de facilissima applicação entre nós, que bebi nas lições da experiencia adquirida com operarios europeos intelligentes e que de longa data se dedicam a esta heravelha profissão.

Não tive a pretensão de compor um tratado theoretico sobre este assumpto com dados historicos e demais informações, tarefa esta demasiado superior aos meus limitados conhecimentos e de que gufardamente se têm desempenhado outros mais habéis, mas o que ali flea é sufficiente para qualquer ensaiar a referida industria com resultados plenamente satisfetorios, desde que guarde rigorosamente a observancia dos conselhos dados. Si, pois, tiver algo de aproveitavel o meu trabalho, sentir-me-hei summamente satisfeito e convencido de que baldados não foram os meus esforços em bem de uma empresa tão promissora.

Barbacena, março de 1901.

Amílcar Savassi, director do nucleo colonial «Rodrigo Silva».

SERICICULTURA — Premios a conferir. Tarifas especiais para os productos do bicho da seda.

HISTORICO

Desde D. João VI tentou-se introduzir no Brasil o cultivo do bicho da seda, tentamen este a que dadiu-se o Marquez de Lavradio, em tempos remotos, e mais proximoamente o Sr. capitão Rabelro Rozendo: e principalmente, uma senhora que tem direito á uma citação especial; os apontamentos para a propaganda do *Bombyx-mori* no Rio de Janeiro serlam incompletos e altamente ingratos, si não contivessem o seu nome. Refi-

ro me á Ex.^{ma} Senhora D. Marla da Motta Telxreira de Rezende.

Fol o ta herolua que, affrontando a indifferença e Inoreia com que neste palz, essencialmente agrícola, como dizlam, o hoje, melhor ditto—illusivamento agrícola, se trata de assumptos de riqueza nacional, assumptos de mma comprehensão facil, mas aos quaos não se liga, por *canceiras*, o menor interesse, taxados, como são, os que á elles se dedicam, de visionarios, e, como taes, obrigados á recolherom-se ao triste convívio de suas illusões perdidas.

Fol D. Marla da Motta Telxreira de Rezende a mais convencida propagandista da Industria serica entre nós: quer distribuindo lagartos da sêda, quer promptificando-se á ensinar o demonstrar praticamente esta creação o cultivo: fazendo por mais de mma vez funcionar seu pequeno tear em plono Senado, concorrendo á todas as exposições nossas, sem que nos convencessomos de ser o cultivo da sêda uma industria rendosa o facil.

Não fol sómonto entre nós que esta sonhadora de um brilhante futuro para nossa patria, expoz as suas convecções, as suas lieções o atiron os seus arrojios, dos quaes ainda não esquecer-se, pois dizem, na soldão do sous dosconfortos o do sua edade, ainda se entrega, com o mesmo afan á esto onstruimento, que a levou á Exposição de Philadelphia, onde fez brilhar o nome brasileiro nas seintilliações dos casulos do seu *bombyx*, que olla, pelas suas machinas, convertia em fitas, entre as quaes prendia a attenção dos circumstantes, o deixando, no molo da sociedade americana, plantada a lieção que não aproveitamos.

Permitta pois tão respeitavel matrona que, do ponto recognito onde trabalho, á pensar agora em si o nas angustias de nossa patria, eu lho envio sinceras, ainda que humildes saudações, porque exprimom, antecipadamente, as do creanças desamparadas, que agitarei ao trabalho, em bem d'ellas o da patria, ensinando-lhos este cultivo, para

cuja aprendizagem será sempre invocado seu querido o respeitavel nome.

O QUE TEMOS DESTA INDUSTRIA

E' nos Estados do Sul do Brasil que alguma coisa progride a Industria da sericicultura o principalmente no Rio Grande do Sul, onde expositores diversos exhibiram, no ultimo certamen Industrial o agrícola de Porto-Alegre desde a sêda em casulos até sua flação flual, produções estas que começaram a adaptar-se em Santa Catharina e Paraná.

Si em Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal tomos alguns exploradores deste producto, não seguo-se que elle se tenha acclimado entre nós com a pujança o lucres que pólo dar-nos, vistas as condições de nosso clima, onde vigorando sempre a amoreira, podemos obter duas creações do *bombyx*, annualmente.

DO BICHO DA SÊDA

O pouco que sobre esto brilhante, embora pequeno industrial, cujos productos primordios fazom um gozo para o rico o um desespero para o pobre, um atavio para os reis o um sonho para a plebe, um coxim onde se adormonta o vielo, ou a veste candida que onfacha a donzolla, está escripto em luminosas paginas, das quaes compilo apenas o necessario para, em linguagem breve o chã, convencer á nós mesmos de que lomos riqueza facil de obter o que despresamos.

O bicho da seda, originario da Asia, desde 2650, antes de nossa era, utilisara-se na China, o todos os povos do mundo o erlam, desde que tenham terrenos onde modro a amoreira, principalmente a branca, de cujas folhas elle se alimenta, oputando depols este filamento que, mais tarde, se transforma nas roupas da mulher elegante, na purpura dos reis o nas casulas papaes.

NASCIMENTO DO BICHO DA SÊDA

De um diminuto ovo nasce esto bichinho, que se desenvolve na dependencia do calor animal ou artificial, ou solar, o que tambem

o mata, para que lhe bordemos a riqueza de suas roncagens, as quaes transformam-se em ouro, si vendidas, em em vestimentas luxuosas, si compradas.

Rapida é a sua vida, pois no diminuto praso de 45 dias passa elle todas as evoluções que terminam na morte, deixando em poucas horas de affecto as principles do seu amor, o ovo, base de sua reprodução, ou em poucas horas de soffrimento, o casulo, base de sua riqueza.

Como a criação e desenvolvimento do bicho da seda tem por inicio a amoreira branca de que elle se nutre, occupar-me-hei apenas do plantio desta, sem o que a sericicultura não tem razão de ser.

CULTIVO DA AMOREIRA BRANCA

A amoreira branca, *morus alba* do Linneo, é uma dicotyledonea, da familia dos Morceos, originaria da Asia Menor, hoje muito espalhada em todos os paizes de climas differentes, e que, portanto, muito se poderia espalhar entre nós, si fivessemos um Silly para crear a nossa sericicultura, como fez elle na França.

Poucos ou nenhuns são os cultivos desta planta verificados entre nós, no Districto Federal, apesar de tentar propagal-a, de todos os modos, o nosso confrade o Sr. Antonio A. Pereira da Fonseca, que gratuitamente fornece a quem quizer, sementes e mudas desta planta, que desenvolvida como qualquer cultura rendosa, constitue uma riqueza si a seu lado procrear-se o bicho da seda em larga escala.

As folhas da amoreira, em alguns paizes, veem ao mercado como qualquer producto agricola; isto quer dizer que o bicho da seda pôde crear-se dentro de nossas casas apenas carecendo de termos a seu alimento, que o plantador nos traz á porta.

Um alqueira de terreno comporta uma plantação de 1.000 pés de amoreira, as quaes ficando distanciadas entre si quatro metros em todas as direcções, ainda permitem á seu lado quaesquer culturas inter-

calares, de onde vê-se que a amoreira não demanda de um terreno especialmente dedicado á si. Pôde esta plantação fazer-se como ensombramento de canilhões, divisões de áreas para outras culturas, e até por embellezamento de ruas, quando os nossos edis assim o entenderem, e as *adoracões* creanças, ruínas que fazem o nosso encanto distructivo e pornographico, o permittem, e os carroceiros deixem de tirar das arvores publicas o agoite com que tangem as suas allumarias, mais intelligentes do que mulos, no caso vertente, pois não destroem o que não construiram.

Per semente, galho, ou alporca aerea ou subterranea, faz-se esta cultura que muito daria si fosse substituir os velhos e improductivos cafezaes.

A divulgação deste plantio seria de grandes vantagens para este palz, a sua animação por todos os modos é uma obrigação que compete aos poderes publicos, e que a ella não se devem furtar, pois lhe resulta dahi uma fonte de renda.

Plantem todos os que têm terreno, por que, mesmo sem cuidados, dentro de tres annos, estaremos preparados para a criação desde cirgo, que por sua vez, estatuirá entre nós as diversas industrias que d'elle podem emanar.

Pelo exposto e mais, considerando :

Que os governos geral e estadual como animação á adaptacao e progresso da sericicultura entre nós, devem, na orbita de suas attribuições, cercal-a de todos os beneficeios e favores possiveis, propomos:

1.º Estabelecimento de premios aos criadores do bicho da seda e suas applicações industriaes.

2.º Applicação de tarifas especiaes minimas nas Estradas do Ferro, de maneira á não ser tarifa identica para casulos e sedas.

3.—outubro—1931—Dr. Clímaco Barbosa.—
Carvalho Borges.—Hannibal Porto.

MICROBIOLOGIA applicada ás Indústrias
vinícolas

SEU FUTURO NO BRAZIL.

CONFERENCIA REALIZADA PERANTE O CON-
GRESSO DE AGRICULTURA PELO EXM. SR.
DR. SUSVILLA GARCIA, MINISTRO PLANIFICO-
TENCIARIO DA REPUBLICA DO URUGUAY. (*)

Sr. Presidente, honrados congressistas:

Desde os tempos mais remotos, se conhece pelo nome de fermentação, de *Fervere*, ferver, o phenomeno que o passa nos sucos assucaradas de fructas expostas ao ar ambiente e destinadas a produzir bebidas como a cerveja, o vinho, a cidra, etc., phenomeno que consiste em uma ebulição com elevação de temperatura e desprendimento, em meio de uma massa agitada, de acido carbonico e alcool, por desdobramento da materia assucarada.

Considerado a principio como puramente chimico, indefinivel, o phenomeno da fermentação alcoolica constitue hoje um phenomeno physiologico de ordem complexa, explicado pela acção intima de um ser orgânico e vivo que se designa communmente pelo nome de fermento ou levadura e mais particularmente pelo de *Sacharomyces*, para distingui-lo de outros fermentos que provocam no assucar as fermentações lacticas, butiricas e outras.

Os *sacharomycetes* são cellulas ovais correspondendo de 800 a 7. (microm) de vida mais anaerobica, que se multiplicam por rebentamento e em condições especiaes por esporulação, distinguindo-se assim dos fungos inferiores, seres mais elevados em organização e que se desenvolvem melhor em presença do ar, passando por todos os estadios da vida vegetal: germinação, vegetação, fructificação e esporos. As levaduras, ao contrario, não tem mycellum, nem esporos, são simples

cellulas isoladas ou grupadas. Além disso, as duas exercem acção de decomposição sobre o assucar.

Uma das bebidas mais antigamente preparadas com auxilio da fermentação foi o vinho da cevada, seguido depois pela cerveja.

O mosto ou liquido da cevada era simplesmente exposto ao ar; porém o producto a elaborar-se podia receber o nutre os fermentos lactico e butirico que produziam líquidos acidos, inapropriados ao paladar.

Para preparar bem esse producto, o homem foi induzido a soucar o mosto de cevada com levaduras obtidas em operações precedentemente purificadas pela lavagem, do melhor modo possível.

Actualmente nas cervejarias, onde as fermentações prosegue de uma maneira indefinida, utilizam-se as levaduras; porém não na forma precedente, senão em culturas puras da *Sacharomyces cerevisie* de diferentes especies, conforme se trata da fermentação, á baixa ou á alta temperatura, o que communica á cerveja um sabor particular, independente do que provém da adição do lupulo.

É a sim que a fabricação da cerveja se faz de uma maneira regular e constante pela transformação da cevada em cerveja, sob a continuidade de acções chimico-physiologicas.

É para admittir que o processo não tenha sido adoptado na fabricação do vinho, justificando as palavras de Duclaux, em 1877, estranhando que ninguém se tivesse occupado em soucar a vindima, ou o succo da uva por meio de levaduras, para dirigir a fermentação alcoolica e obter melhores vinhos.

Este estulo de cousas foi provocado pelo facto de que, apesar de todos os erros e deficiencias de preparos ou de insuccessos, em muitos palzes, se tem obtido o vinho da uva, o vinho de maçãs ou cidra, o vinho de peras, a aguardente de vinho, de maçãs, de cerejas e, finalmente o alcool, base de todas as bo-

(*) A Conferencia foi acompanhada de demonstrações microscopicas e de apresentação de alguns vinhos preparados com o succo de varias fructas do Brazil.

bidas e da grande variedade de lecores conhecidos.

Como diz, porém, Jacquemin, não se trata de produzir *quantum in se*, importa hoje romper com a rotina, afastar os erros do passado e seguir a marcha do progresso.

Para proseguirmos nesta ainda é necessário darmos conta, em linguagem clara e desprovelocosa, do phenomeno da fermentação que precede a elaboração de todas as bebidas alcoolicas que comprehendemos sob o nome generico de vinhos, ao qual se pôde juntar, em cada caso, o nome do fructo do que precede o succo asucarado.

O fermento que produz a cerveja é o *Saccharomyces cerevisiae*.

A levadura que faz fermentar o mosto da uva se compõe de varias especies, o *Saccharomyces Mysoideus, apiculatus, pastorianus*, etc., e cada um delles possui diversas propriedades, que actuam em sentido determinado, dando ao vinho suas qualidades essenciaes.

Gay Lussac fez crer durante longo tempo que a levadura existia no estado latente no interior do grão da uva, sendo sufficiente o contacto do ar para tornal-a activa.

Fremy opinou que na produção do vinho era o proprio succo que ao contacto do ar, dava nascimento aos grãos de levadura pela transformação da materia albuminoide.

Pasteur, porém, demonstrou que a origem dos germens da levadura não existia senão na superficie dos grãos de uva, no exterior do fructo, acompanhado de esporos ou sementes de diferentes bacterias e poeiras atmosphericas.

Estabelecida esta base scientifica, confirmada pelos progressos da microbiologia applicada ás industrias que nos occupam, não era licito deixar de encarar-se, nos ultimos tempos, a vinificação senão como um processo regular, subordinado aos mesmos principios da elaboração da cerveja.

Desde logo, houve necessidade de reconhecer que o succo fermentescivel não podia chegar ás cubas de fermentação carregado de

bacterias de fermentos chamados selvagens todos capazes não só de paralisar a fermentação, senão de originar *à posteriori* todas as enfermidades, como azedez, amargo, etc., tão magistralmente estudadas por Pasteur.

As uvas não podem ser trituradas quando estão impregnadas de poeiras atmosphericas, como occorre em São Juan e Mendoza, regiões, aliás privilegiadas para a vinificação, sem produzir, como alli, as malesas perturbacoes na marcha e nos productos da elaboração.

Nos lugares em que as circunstancias de combestivel o permittirem, o mosto deve ser esterilizado à baixa temperatura para não afeitar, posteriormente, o gosto do vinho, antes da fermentação.

Quando isto não se realize, a mão do homem deve sempre intervir para regularisar o phenomeno da fermentação, fazendo predominar na massa fermentescivel a maior quantidade de fermentos uteis, além de que estes, por seu numero e sua energia, dominem o campo reciproco de acção, isto é, dominem na luta pela vida aquelles germens que se opponham á fermentação ou deixem elementos para enfermidades posteriores no vinho.

Isto não se pôde conseguir senão juntando aos mostos fermentesciveis levaduras puras cultivadas nos melhores armazens conhecidos.

Eis ali, senhores, os dois principios que caracterizam todo o progresso da vinificação moderna, asepsia, diremos, limpeza, purificação do mosto e applicação de levaduras seleccionadas puras.

As applicações praticas foram precedidas pelos trabalhos lumbrosos e os methodos aconselhados por Mrs. Hansen, Jacquemin, Kommer, Martinan, Riebel, determinando-se o isolamento das melhores levaduras em institutos microbiologicos de applicação industrial de levaduras acclimatadas para todas as regiões, até levaduras para communciar o *bouquet*, e o sabor das melhores adegas.

Não podemos neste momento entrar em detalhes sobre esses trabalhos, assim como não podemos, por sua extensão, expor os grandes resultados obtidos na França, na Argélia, na Austrália, na Alemanha, com a applicação das levaduras ou mostos de pouco valor e os próprios mostos submetidos em estado de concentração, por exemplo, da Italia á Alemanha.

Isto seria ultrapassar o breve tempo concedido ás communicações do Congresso. Demais, não faremos mais do que esboçar de uma maneira geral esta interessante questão.

Como amante da chimica industrial, fomos propagandistas na Republica Argentina destes progressos e realizamos experiencias na alega modelo dos Srs. Benegas e Filhos, de Mendoza, onde foram obtidos os melhores resultados com levaduras que reproduzimos e multiplicamos, levaduras puras de Murgau, Santorne, etc., trazidas do Instituto Le Claire de França.

Tendo em conta estes antecedentes, sentimos verdadeiro prazer ao observar a marcha, ainda que inicial da fabricação de vinhos no Brazil, em estabelecimentos existentes no Estado de Minas, com auxilio de amostras postas, gentilmente, á nossa apreciação pela Sociedade Nacional de Agricultura.

Sentindo os lavradores brasileiros a luta entre a videira e as enfermidades cryptogamicas em seu palz (1) concentraram principalmente sua attenção nas cepas de resistencia conhecida ás enfermidades parasitarias e cultivando as americanas, japonezas, e outras obtiveram variedades e productos que constituem uma verdadeira esperanza nesta industria.

Os esforços intelligentes do Sr. Antonio Augusto Pereira da Fonseca merecem especial menção.

Por outro lado o isto importa commem-

(1) Cryptogamos microscopico das videiras por J. de Campos Donnas.

tar, fizeram applicação intelligente e judiciosa das levaduras puras applicadas á fermentação dos mostos das uvas indicadas e, em verdade, os productos obtidos haes como os que provamos, ainda mesmo em mostos recentemente elaborados, não tem o menor paladar *fose* da uva americana; pouco ou nada se percebe, dello;—sendo um presencio lisongeiro de uma segura e boa elaboração vinicola no Brazil.

Seja nos feito estimular esses esforços, em nome do progresso e do adiantamento, que contam aqui tao intelligentes adeptos.

Nas industrias, como em todo trabalho humano, é conveniente estabelecer a marcha a seguir sobre bases seguras e o futuro mais certo em toda industria é aquelle a que se chega por lento e paciento labor. Começai vossa vinificação sem ostentar numerosos productos; porém os principios da sciencia microbiologica applicados á arte vinicola.

Perseverao nesta senda e pensao que nunca se chega tarde quando se chega bem e o futuro de vossa vinificação compensará todos os vossos esforços.

Mas, ao expandir tao humildemente minhas idéas perante este Congresso como uma homenagem tributada á Sociedade Nacional de Agricultura, de que me honro de ser socio honorario, permittil-me chamar vossa attenção para dois assumptos de grande importancia industrial e pratica no Brazil:

1.º Sobre a vantagem e utilidade do emprego das levaduras puras na fabricação do alcohol;

2.º Sobre uma industria que está destinada a ser entre vós de um merito e valor extraordinarios, comparavel á propria vinificação: refiro-me á preparação de bebidas agradaveis, hygienicas de pouco alcohol e baratas, para o povo, principalmente pela fermentação dos succos de grande numero de fructos que se contam em grande quantidade em vosso palz, banana, abacate, cajú, tamarindo, jaboticaba, ananaz, laranja, as-

sim como de cerejas, arroz, mandioca, milho, etc.

Tudo em conta a fabricação actual do alcool no Brazil, devemos observar que aqui, segundo os processos recentes, é igualmente necessario regularisar na fermentação, si se quer obter maior quantidade de alcool susceptivel de menor rectificação.

Sabe-se que a quantidade de assucar theoreticamente necessaria á fabricação de um hectolitro de alcool de 90° é de 139 kilos. Por meio das levaduras puras com as reduções das rectificações póde augmentar-se essa somma a 2, 3 e 4 kilos mais de assucar por hectolitro de alcool, porém com uma levadura que tenha servido e por isso mesmo contaminada, se empregarem nos casos mais favoraveis, 10 kilos mais de assucar, nos casos menos favoraveis, 15 kilos mais de assucar. Temos assim, não empregando levadura, um dispendio maior de 10 a 15 kilos de assucar que póde economisar-se com immensa vantagem, quer para augmentar a propria produção de alcool, ou para augmentar a produção total do assucar, salvo de sua perda actual pelas levaduras puras.

Este systema, ou seja a applicação das levaduras puras, depois de ter conseguido patente, passou já á pratica nas importantes distillações do mundo, onde se fabricam em conjuncto por dia mais de 2,500,000 hectolitros de alcool. O systema dá, pois, com 142 a 147 kilos de assucar, 1 hectolitro de alcool rectificavel.

Quanto aos succos de vossas fructas que são por si só de um paladar agradavel e muito original, fermentados por meio de levaduras de differentes classes ou daquelleas que elles mesmos contém bem cultivadas, serão uma revelação preciosa no terreno das bebidas puras e de pouca proporção alcoolica, deslindadas e proclama-las pela hygiene, não só como a mais santavel sanção tambem como unico meio pratico para combater o uso das bebidas impuras e o alcoolismo. O espirito que combato, tão meri-

toriamente, o alcoolismo está hoje convenido que o meio mais acertado de obter seu objecto é vulgarisar bebidas da ordem emulclada o que se serve já em muitas cidades gratuitamente, ao publico, como meio de desviar o desde logo e afastar o mais tarde das bebidas puramente alcoolicas.

A idéa de fermentar os succos assucarados e empregados como bebidas não é nova no Brazil como se deprehendo das bom inspiradas obras dos ommettidos Drs. Luiz Pereira Barreto e Bonilla de Toledo.

Do que poderi tratar-se agora é do melhoramento, do aperfeiçoamento dos productos por meio dos progressos actuaes.

Aquelles resultados podem servir com indicações preciosas para o desenvolvimento da industria nova.

Das considerações expostas surge necessidade de um ensino que propague os progressos da fermentação alcoolica pelo caminho das demonstrações praticas.

Com ella virão os bellos desenvolvimentos da boea sa vinificação, o maior rendimento e maior pureza dos productos das distillações, a preparação no Brazil de todas as bebidas procedentes daquelles innumerous fructos, que, fermentados por levaduras puras seleccionadas, darão ao publico, em breve tempo, bebidas tão hygienicas, baratas que o afastem das nocivas, que deprimem sua força e seu character, encamulhando-o para a degradação e a demencia.

Aqui, cabe divisar um futuro muito vasto, no qual a sciencia, o labor industrial, ao amparo de vossas riquezas naturaes marquo em vossa patria uma era dilatada em benefieios, para a economia nacional, o interesse industrial, a saude publica e o bem da humanidade.

Assim, permitti-me apresentar ao Congresso de Agricultura a seguinte conclusão pratica:

O Congresso de Agricultura declara de conveniencia e utilidade que a Sociedade Nacional de Agricultura estude e estabeleça

os meios de ensinar e propagar a applicação methodica dos fermentos e leveduras puras as fermentações, para fabricação do vinho, do alcool e dos succos assucarados de fructas do Brazil, destinados estes ultimos á obtenção das hebidas menos alcoolicas, mais baratas e mais hygienicas.

Cultura do cacáo

Considerando que a lavoura do cacáo, pouco desenvolvida entre nós, está destinada a ser um dos maiores factores da riqueza particular e publica em nosso paiz, porquanto, apesar de só poder ser vantajosamente cultivada em terrenos frescos ou á margem dos rios, a vasta extensão do nosso territorio comporta o plantio do cacáo em alta escala;

Considerando que as nações da Europa, ao em vez do que acontece com o assucar, que quasi todos produzem superabundantemente, offerecem mercados desembaraçados ao cacáo, que alimenta a industria do chocolate;

Considerando que a Importação do cacáo na Gran-Bretanha tende a augmentar pela grande procura desse producto, conforme declarações officiaes feitas pelo Ministro da Fazenda no departamento britannico (relatorio do consul do Brazil em Londres, de 13 de junho de 1901, dirigido ao nosso ministro das relações exteriores, *Diario Official* de 6 de dezembro do corrente);

Considerando que, segundo o quadro junto, organizado com os dados fornecidos pela Junta Commercial (*Board of Trade*) de Londres, a Importação do cacáo na Gran-Bretanha tem augmentado de 1898 para cá e o Brazil vai conquistando o mercado britannico, sendo a sua exportação em 1900 superior á dos Estados-Unidos, Columbia e Equador, e sendo a tendencia do preço antes para augmentar do que para diminuir:

	1898
	Libras
Do Brazil.....	1.795.960
Do Equador.....	1.362.893
Das possessões portuguezas...	6.925.332
Dos Estados-Unidos.....	344.786
Da Columbia.....	749.235
Das possessões inglezas.....	19.849.407
De outros paizes.....	8.805.300
Total.....	42.833.993

	1899
	Libras
Do Brazil.....	2.862.288
Do Equador.....	4.107.303
Das possessões portuguezas...	8.675.881
Dos Estados Unidos.....	496.273
Da Columbia.....	1.064.110
Das possessões inglezas.....	19.639.494
De outros paizes.....	6.927.832
Total.....	43.473.211

	1900
	Libras
Do Brazil.....	3.267.494
Do Equador.....	3.119.619
Das possessões portuguezas...	11.883.124
Dos Estados Unidos.....	481.429
Da Columbia.....	701.879
Das possessões inglezas.....	21.190.186
De outros paizes.....	9.000.587
Total.....	52.047.318

Direitos de alfandega 1 d. por libra, cacáo em caso 2 d. por libra.

As mudanças nos preços durante o anno de 1900 foram as seguintes, a saber:

	Por 112 libras	
	s d	e d
Janeiro.....	61/	a 70/
Fevereiro.....	70/	» 72/6
Março.....	68/	» 72/6
Abril.....	67/	» 70/
Maió.....	70/	» 71/
Junho.....	71/	» 72/
Julho.....	71/	» 75/

Agosto.....	73/.	a	75/6
Setembro.....	73/6	>	75/6
Outubro.....	75/.	>	75/6
Novembro.....	75/.	>	75/6
Dezembro.....	69/.	>	71/.

Considerando que só o Estado da Bahia de julho de 1893 a agosto do corrente anno, exportou para varios paizes da Europa e da America 52,814,517 kilos de cacão no valor de 61,931:003\$287 (Dados officiaes fornecidos pela Directoria das Rendas do Estado da Bahia);

Considerando que convem fazer-se a propaganda do cacão entre os nossos agricultores, tornando bem conhecidas as vantagens que o seu plantio proporciona, e apparelharem-se, desde já, os actuaes plantadores para, dia a dia, alargarem as suas conquistas nos mercados consumidores;

Propomos as seguintes conclusões:

O Congresso Nacional de Agricultura emitta o voto de que:

1.º A Sociedade Nacional de Agricultura, proseguindo na missão de propagandista, procure tornar bem conhecidas em nosso paiz as immensas vantagens da cultura do cacão;

2.º Os lavradores do cacão, onde já existe a cultura, mais ou menos desenvolvida, se agremiem formando syndicatos agricolas, com o fim de estender o plantio, aperfeiçoar o preparo do producto e alargar o commercio com a Gran-Bretanha e os outros paizes consumidores.

Sala das sessões, 30 de setembro de 1901. — *Ignacio Tosta.* — *Domingos Sergio de Carvalho.* — *Francisco Sadré.* — *José J. Seabra.* — *Paula Guimarães.* — *Satyro Dias.* — *Paranhos Montenegro.* — *Polentino dos Santos.* — *Carlos Raulino.*

PARECER

Fazendo um estudo demorado do trabalho apresentado pelos Srs. Drs. Ignacio Tosta, Domingos Sergio de Carvalho, José J. Seabra, Paula Guimarães, Satyro Dias, Paranhos Montenegro e Polentino dos Santos, á 5ª com-

missão, apontando medidas que devem ser immediatamente praticadas como meio de protecção á lavoura do cacão, cumpre-me fazer ligeiras considerações sobre o assumpto, antes de lembrar alguma coisa mais, que possa interessar praticamente.

O cacão, cuja plantação começou em 1740, no Pará, teve como primeiros mercados consumidores Lisboa e o Porto, unicos até 1808 para os quizes era exportada a produção daquella época. Já em 1850 a sua plantação extendia-se por espaço de 80 legoas, aproximadamente, occupando muitas ilhas e grande extensão da parte marginal do Baixo Amazonas, desde Montalegre até Obidos.

Além desses, outros cacoeiros occuparam as margens do Tocantins, em extensão de legoas. Quem percorrer hoje essa região, outrora, coberta pela preciosa plantação indigena, ficará entristecido por ver quão reduzidissimas são all as plantações, pelo abandono completo em que desde ha muito jazem, trazendo como consequencia, si não se fizer sentir a acção efficaz de alguém, a completa eliminação da futura cultura. Em 1755 começou a ser plantado o cacão na Bahia, nas comarcas do littoral e no Recôncavo de Nazareth e nesse tempo a concorrência ao Pará era insignificanteissima.

E' a lavoura que mais convém ao paiz e a que maiores vantagens pôde proporcionar ao lavrador, pela economia do capital e do braços, principalmente destes, tão escassos e caros nos nossos centros agricolas.

A produção compensa largamente qualquer cuidado, pois que mil cacoeiros dão annualmente 50 arrobas de fructos, em condições de venda, de contados os estragos feitos pelas aves e annuaes damniferos.

No Amazonas pôlo-se calcular a produção annual de cada cacoeiro em duas libras por arbusto e assim sendo sobrepaja a todos os outros ramos de lavoura, bastando tres annos para produzir fructos. Acresce que aos seis annos, quando chega ao seu completo desenvolvimento, dispensa completamente o pessoal encarregado de cuidado.

Dando tão compensadores resultados com pequeno dispendio, justo é que, sejam aproveitadas as terras frescas, tão abundantes no Amazonas, Pará, Espirito-Santo e Bahia, tanto mais quanto, mulheres, meninos e até inválidos podem ser empregados no plantio e amanho do cacão e na colheita e tratamento das amendoas.

São tantos os usos do cacão que é elle hoje empregado na fabricação da manteiga, do chocolate, do leor e das tinturarias, tornando o por essas multiphas applicações á industria, procurado na Hespanha, Italia, Allemanha, França, Hollanda e Inglaterra, em proporções sempre ascendentes.

Não quereudo tornar-me prolixo neste parecer, peço, entretanto venha para chamar a preciosa attenção do benemerito Congresso de Agricultura, no que concerne ao modo de exportação desso rico producto de exportação da nossa flora. Para isso transcrevi uma noticia do importante monographia publicada sobre a lavoura do cacão em 1852 e tomemos uma ideia exacta do systema ainda hoje adoptado no Amazonas e no Pará, com manifesto prejuizo para os interesses dessa zona caeocera. Eis-a: « O máo trato que soffre o cacão do Amazonas desde que sahe do paiol do lavrador até chegar á Europa, é quanto a mim o que altera a qualidade, fazendo não ter naquelle mercado melhor preço o reputação. Segundo o costume do paiz os carregadores mandam ás fazendas pequenas embarcações a receber dos lavradores o cacão, que tem de embarcar para a Capital e quanto podem obter vão depositando a granel em armazens juntamente com os mais generos, que tem de ir a fretes, como salsa, cravo, oleo de copayba, potes de manteiga de tartaruga, ou de azeite da andiroba e outros generos: o que embarca vão a granel no meio dos generos, ou esses no meio delles, e o que fica em armazem para segunda e terceira viagens, continua a soffrer a mesma sorte. »

Sendo esta ainda hoje a situação, convém aconselhar os meios de melhora-la a fim do

que o nosso producto tenha a primazia, a que lhe dá direito a sua superioridade qualitativa, nos mercados consumidores, pois que até os presentes dias o cacão do Caracas é considerado o melhor e tem maior procura, para o fabrico do chocolate.

Conclue-se do que fica perfunctoriamente dito que deverao, como medidas protectoras serem adoptadas as seguintes resoluções:

1.ª Inclusão do cacão no numero dos productos da lavoura nacional passíveis de redução das tarifas terrestres e maritimas;

2.ª Solicitação ao Governo dos Estados Interessados directamente no cultivo desse ramo da lavoura, a maior redução possível do imposto de exportação;

3.ª A Sociedade Nacional de Agricultura estudar e propagar o modo melhor e mais pratico do ser exportado o cacão, conservando as excellentes propriedades que lhes são inherentes;

4.ª Desenvolvida propaganda, procurando alargar o consumo com a criação de novos mercados estrangeiros. — *Hannibal Porto*, relator. — *Cleto Nunes*.

Pequena cultura

Considerando que a pequena cultura nas circunvisinhanças da Capital Federal constitue o meio de vida de muitos milhares de habitantes desfavorecidos da fortuna;

Considerando que essa lavoura atravessa actualmente tambem uma phase angustiosa de privações e prejuizos e que os poderes publicos tem o dever de auxillar no que delles depende a essa laboriosa classe, cujo trabalho representa uma produção de muitos milhares de contos de réis annualmente;

Considerando que do desenvolvimento de sua pequena cultura dependem a hygiene, a boa alimentação e a economia de vida da Capital Federal, o que interessa a todo o paiz;

Considerando que entre as causas que impedem esse desenvolvimento sobreleva-se a difficuldade de communicação entre o pro-

ductor e o consumidor, o que torna necessaria a classe dos intermediarios e anima a gananciaosidade destes que entregam ao consumo os generos por trez, quatro e mais vezes o preço que pagam ao lavrador, entorpecendo assim o consumo com prejuizo da economia e hygiene da população e sacrificio dos interesses do pequeno lavrador;

Considerando que esses intermediarios são em sua maioria estrangeiros, que não se fixam no paiz nem fazem circular os capitales e só aguardam a aquisição do pequeno pecunio para se repatriarem, ao passo que os lavradores, nacionaes ou não, concorrem para o povoamento e riqueza do capital;

Considerando que os productos da pequena lavoura, além de necessarios ás classes abastadas constituem o recurso da classe operaria e que assim o encarecimento desses generos, dificultando a vida do operario, concorre para elevar o preço da mão de obra e portanto, para obstar ao desenvolvimento das industrias;

Considerando que o meio mais adequado a melhorar a sorte da pequena lavoura é a multiplicação de mercados e praças disseminados pela capital e em que o lavrador possa commerciar directamete com o consumidor, com economia para estes e lucros para si;

Indico que o Congresso de Agricultura proponha aos poderes municipales da Capital Federal que organise a multiplicidade de mercados e praças livres ou feiras em que os pequenos lavradores possam, sem acrescimo de onus, expôr os seus productos diariamente e vendel-os a retalho.

Capital Federal, 28 de setembro de 1901.
-- Dr. *Wenceslao Alves Leite de Oliveira Bello*,

PROPOSTA

Considerando a urgente necessidade de se crear novos ramos de produçãõ, animando de preferencia aquelles que são susceptiveis de satisfazer de prompto as exigencias do consumo;

Considerando que se acham neste caso a

cultura da batata, o fornecimento de palhas de cigarros, a industria dos lacticulios e a madeira necessaria á fabricaçãõ dos phosphoros;

Considerando que a produçãõ de batata já orça por duas mil toneladas, e que a elevaçãõ dos direitos aduaneiros consolidaria essa cultura de facil desenvolvimento, emancipando-nos inteiramente e derrocando o gubulo dos especuladores que adquirem do nosso produtor o mencionado genero a baixo custo para vendel-o por alto preço com mercaderia estrangeira, guerreando assim a mercaderia nacional para sustentar a importaçãõ;

Considerando que por este processo conseguirão os negociantes eliminar do mercado a palha de cigarro nacional, aliás superior á estrangeira;

Considerando que essa ultima industria era exercida em geral por moços, de ordinario pobres, motivo bastante para protegela afim de offerecer a actividade feminina um campo de trabalho, com proveito para a moral e economia domestica;

Considerando que a industria nacional deve consumir de preferencia a materia prima do paiz, e que portanto não se comprehende em favor da boa doutrina, a importaçãõ da madeira destinada a fabricaçãõ dos phosphoros;

Considerando que essa protecçãõ descebida á materia prima estrangeira traz-se em persegulção á riqueza florestal do paiz, cujo valor cumpre aproveitar, e que a não ser assim convém deixar entrar de uma vez o phosphoro fabricado;

Considerando que a manteiga é um producto do leite e que a margarina vendida como manteiga constitue fraude punida pelo Codice Penal;

Considerando que é prohibido o commercio dos generos alimenticios falsificados, nocivos ou não, e que sendo prohibido o commercio desses generos, não podem estes ser traçados sem grave violaçãõ da lei;

Considerando que a margarina imunda o meecado, occullando-se sob rotulos falsos, o

que demonstra a sua entrada por contrabando com prejuizo manifesto do producto legítimo;

Considerando que a manteiga fabricada com margarina não pôde nem deve ter entrada na Alfandega, e que ao Poder Executivo por intermedio da Repartição de Hygiene compete providenciar a respeito do commercio dos generos falsificados, proponho que o Congresso Nacional de Agricultura solicite do Governo:

1.º Elevação dos direitos aduaneiros sobre a batata, que pode ser abastecida inteiramente pela lavoura nacional em curto espaço de tempo. 2.º Direitos prohibitivos na Alfandega sobre a palha de cigarro, sobre a madeira destinada á industria dos phosphores e sobre a manteiga falsificada com a margarina.

3.º Fiscalisação effectiva do commercio de generos alimenticios, especialmente da manteiga nacional ou estrangeira, applicando-se rigorosamente os preceitos doCodigo Penal e dos Regulamentos Sanitarios.

Capital Federal, 27 de setembro de 1906.—
Americo Werneck.

PARECER

A commissão abaixo assignada, nomeada para dar parecer sobre a patriótica proposição apresentada em 27 de setembro de 1901 pelo Ilustre Sr. Dr. Americo Werneck, é de opinião que seja adoptada, unicamente com as seguintes modificações e ampliações:

1.º Para o art. 1.º traslado-se a indicação relativa á manteiga fabricada com a margarina.

2.º Ao art. 2.º accrescente-se — tanto os palitos como a madeira destinada á industria dos phosphores, como o pinho ou outra que se importar para qualquer fim diverso que seja.

Ao art. 3.º accrescente-se:— Além da manteiga nacional e estrangeira, incluem-se tambem bebidas, conservas alimenticias ou aperitivas ou condimenticias, e outros generos destinados a alimentação publica.

Tambem julgamos como medida comple-

mentar da protecção por meio de tarifas, á pequena industria da palha de cigarros,— em condições de poder supprir completamente ás necessidades do consumo, tanto em quantidade como em qualidade, que possam competir com o simililar estrangeiro, que o Governo conceda premios áquelles que estabelecerem fabricas no paiz, com machinas aperfeçoadas, afim de que se obtenha intelramente o resultado desejado.

Acceptas que sejam estas modificações e ampliações lembradas aqui pela commissão, esta é de parecer que o projecto seja adoptado.

Sala das commissões do Congresso de Agricultura, 30 de setembro de 1906.— *M. Corrêa de Freitas.*

PROJECTO

Levando em conta as sabias e patrióticas medidas, que todos os paizes civilizados mantêm, para a impericivel conservação da sua flora, mananciaes d'agua, fauna, o que, com notavel rigor, especialmente se faz nos Estados Unidos da America do Norte, onde não só por parte da União, mas ainda pelos poderes Estaduaes e Municipaes a legislação é severissima e a execução e fiscalisação as mais efficazes.

Levando ainda em conta, quanto aos pequenos passaros, cuja destruição não só offende as Leis e sentimentos de Humanidade, como cruelmente elimina os habitantes do espaço, e nos priva de admirar o grandioso espectáculo da dominação das alturas, a belleza de suas fórmas e côres, como das emoções que encerram as harmonias de seus cantos, orquestração sublime das mattas, que tediosas quando desertas, com elles são até meios de attracção para os homens das cidades, Accresce que tão nefanda destruição é exclusivamente uma tara de selvageria, herança das morlas éras do barbarismo, e nunca sem duvida, um factor para as riquezas sociaes, e nem mesmo, porventura justificavel como meio de subsistencia, porquanto tal destrui-

ção tem por fim a diversão e não a alimentação;

Atendendo mais, que a grande quantidade de pequenos passaros são indispensáveis auxiliares da lavoura, pela exterminação que fazem dos parasitas, insectos e lagartos, verdade experimentalmente patenteada pela Inglaterra, que, indagando das causas da diminuição dos cereaes na Colônia do Cabo, verificou estar na falta de pequenos passaros, o que deu lugar a extraordinária multiplicação de insectos, lagartos e parasitas, Neal que sanou fazendo vir da Australia milhares de passaros para a mesma Colônia. Nesse humilhante e utilissimo intuito proponho:

Art. 1.º O Governo expedirá regulamentos destinados a acoutelar as varias orções de interesses, que se prendem á conservação das matlas e a procreação de quadrupedos, aves e peixes, cingindo-se ás seguintes condições:

I. As matlas situadas nos cumes dos montes, serras e outeiros, e margens dos rios, pelo menos na parte superior de seus cursos até as nascentes respectivas, sob pena de rigorosas multas que forem comminadas e até de prisão no caso de reincidência.

II. Fica prohibida a caça de quadrupedos e de aves nas épocas de procreação, isto é, de agosto a feversiro, tambem sob penas rigorosas.

a) Prohibir em absoluto, em todas as épocas a destruição de passaros, cujo tamanho não seja superior ao sabiá, considerando este como inferior.

III. Quanto aos peixes, não sendo ainda possível suspender a faculdade da pesca na época da desova, pelo menos determinar a extincção das cercas de qualquer natureza, fôjos, das redes de arrastão e das de pequena malha.

a) Prohibir completamente o emprego de venenos, como o timbó, etc., bem como da dynamite e de outros explosivos, quer nas balizas, quer nos rios.

IV. Para que as medidas a adoptar não se tornem platonicas, como em regra infeliz-

mente acontece em nosso paiz, nos ditos regulamentos se determinará que as multas comminadas, pertencerão *in totum*, tanto ao agente do Poder Publico, a quem se incumbir a conservação das matlas e protecção dos animaes, como ao particular que denunciar os infraactores.

V. Nesse regulamento o Governo tomará medidas que estimulem a criação de sociedades protectoras de animaes, como se pratica em todos os paizes civilizados. — *M. Corrêa de Freitas.*

EMENDA AO PROJECTO DE PROPAGANDA DO CAFE NO ESTRANGEIRO

Atendendo que a herba malto, producto espontaneo do nosso paiz, que não encontra simililar em outro qualquer a não ser em pequena escala no Paraguay, o, que nem é susceptivel de acclimatação em outras regiões do globo;

Atendendo mais, que sendo um producto de facil extracção, e portanto bastante remunerador, com a vantagem de poderem nelle se empregar, todos os pequenos cultivadores, como aconteceu nos Estados do Sul;

Atendendo ainda que este ramo de industria já creada e consideravelmente desenvolvida em seus processos fabris, dá trabalho a quasi metade das populações do Paraná e Santa Catharina, e que o valor da exportação deste producto para as Republicas do Prata e do Chile, attingem a cerea de 60:000\$000 contos, sem contar com o que é tambem exportado do Rio Grande do Sul e Matto Grosso, cujo valor, pelo menos deste ultimo, aproxima-se ao dos Estados de Santa Catharina e Paraná;

Considerando que o desenvolvimento desta industria no momento em que se abram novas mercedes do consumo, será um dos grandes factores da nossa transformação economica, e sem temer futuras concurrencias, por não encontrar similares, como acima já disse, pois, a exportação que hoje se encontra por dezenas de milhões, com a

abertura de novos mercados passará a contar-se por bilhoes de kilogrammas;

Considerando finalmente que este ramo quasi que constitue a unica e principal industria de tres Estados da União, parece razoavel e de equidade que as forças do Governo não se limitem a amparar apenas as industrias actualmente mais fortes;

Em summa, considerando-se mais, que pela analyse das maiores autoridades medicas de Vienna e Paris, etc., foram constatadas as suas propriedades nutritivas, como alimento de poupança, que proclamaram-na riquissima em princípios azotados, e por excellencia diuretica, do que temos testemunho frisante na boa cor e robustez dos ha-

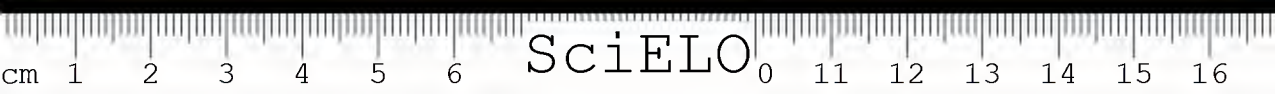
bitantes das campuhas dos Estados do Sul do Brazil, e os do Rio da Prata que fazem uso quasi exclusivamente desta bebida.

PROPOZICAO

Art. Os favores concedidos á propaganda do café nos mercados estrangeiros se estenderão tambem á da herva-matto, dentro e fóra do paiz.

I. A propaganda deste producto ainda que ao par da do café, contido devorá constituir uma seccão especial para este item.

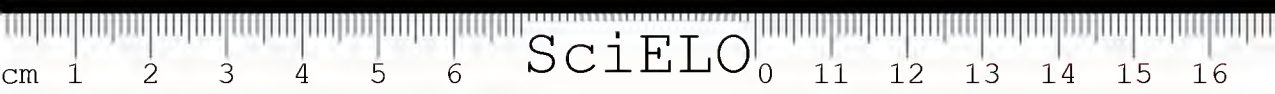
II. Para o que, o mallo concorrerá com a mesma porcentagem do seu valor como auxilio á mesma propaganda. — *M. Correia de Freitas.*



ÍNDICE

PÁG.	PÁG.
<p>« Aperfeiçoamento da cultura da canna de açúcar, tendo em vista o aumento de sua riqueza açucarina » — Dr. Paulo de Amorim Salgado 4</p> <p>« Parecer » 16</p> <p>« Memória » — Dr. José Maria Carneiro da Cunha 17</p> <p>« Parecer » 22</p> <p>« A Indústria Açucareira do Brazil » — Dr. Augusto Ramos 21</p> <p>« Exposição feita perante a Comissão do Congresso de lavoura, commercio e propaganda do açúcar » — Emmanuel Conret 26</p> <p>« Parecer » 32</p> <p>« A indústria açucareira no Brazil » — Dr. Augusto Ramos 31</p> <p>« Parecer » 47</p> <p>« Carta » — F. Izaluro Rozada Costa 49</p> <p>« Relatório sobre a representação da <i>Recriata Agrícola</i> da Sociedade Alagoana de Agricultura » 54</p> <p>« Proposta » 54</p> <p>« Proposta » 54</p> <p>« Indicação » 55</p> <p>« Conclusões apresentadas pelo Sr. E. Courrel » 56</p> <p>« Carta » — Dr. J. Pacheco Pereira 57</p> <p>« Parecer » 58</p> <p>« Carta » — de W. H. Crossman & Bro 59</p> <p>« Dos impostos sobre o açúcar das minas subvencionadas no Estado de Pernambuco » — Dr. Paulo de Amorim Salgado 59</p> <p>« Parecer » 62</p> <p>« Parecer » 64</p> <p>« Indústria pectoral e de laticínios » — Dr. Paula Rozado 63</p> <p>« A união da lavoura sob a forma de sindicatos agrícolas » — Dr. Wenceslao Bello 89</p>	<p>« Organização bancária — entreposto de café » — Dr. Mattoso Camara 100</p> <p>« Impostos interestaduais — Necessidades do trabalho nacional » — Jeronymo de Castro 105</p> <p>« Estudo sobre a valorização da propriedade agrícola e do crédito rural » — Arthur Diniz Lagarde, Dr. Manoel Paulino Cavalcante 111</p> <p>« Indicação sobre a organização do serviço sanitário de pecuária agrária » — Dr. Ph. Aristide Caire 119</p> <p>« Parecer » 121</p> <p>« Projecto de um Banco emissor unico no Brazil para fixação do cambio a 24 d. por mil réis, desenvolvimento agrícola e commercial, criação e exploração de indústrias, criação das escolas colonias, conversão da dívida publicá fiduciária, colonização e exploração de minas e metálicos, etc. » — J. Roca Lins 122</p> <p>« Colonização, povoamento e culturas » — Barão Andrea Guisshelmini 126</p> <p>« Memória » — Barão Andrea Guisshelmini 127</p> <p>« Parecer » 131</p> <p>« Reforma tributária e cambio » — Barão Andrea Guisshelmini 135</p> <p>« Parecer » 137</p> <p>« A avaliação social, industrial e agrícola no Brazil. As sessões práticas de agricultura e os pequenos Bancos » — Eustachio Pedreira Machado 137</p> <p>« Memória » — Dr. João de Carvalho Borges Junior 141</p> <p>« Parecer » 149</p> <p>« Considerações sobre o 3º período prothonoma organizado pela comissão executiva do Congresso de Agricultura » — Dr. Carvalho Borges Junior 151</p>

	PÁG.		PÁG.
« Considerações apresentadas ao Congresso Agrícola, sobre interesses económicos, medidas reclamadas pela experiencia, para elevar e melhorar a industria nacional em tempo a crise e profunda de organização; credito agrícola » — Dr. e Ferreira Ramo	156	« Cultura dos cereaes e grãos sob o ponto de vista da pequena lavoura » — G. Minssen	312
« Representação da Associação dos Agricultores do Municipio de Valença a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro » — Dr. Sylvio Renel	172	« Parecer »	353
« Pareceres »	177	« Culturas diversas » — Ensaio e execução de ellas, por meio de Colonias preventivas e correccionaes agrícolas » — Dr. Clímaco Barboza	354
« Projecto »	178	« Pareceres »	361
« Indicação »	181	« Parecer sobre o memorial do Dr. Clímaco Barboza, relativo a colonias preventivas e correccionaes para moreses »	371
« Proposta »	183	« Parecer »	373
« Propostas »	184	« Indicação apresentada pelo Congresso da Leopoldo Pereira »	373
« Projectos »	185	« Parecer »	374
« Herya Mattos » — Dr. Victor Pereira do Amaral	202	« Sericicultura no Estado de Minas » — Amílcar Savato	376
« Parecer »	222	« Sericicultura » — Prémio a conferir	382
« Cultura das plantas textiles, aperfeiçoamento da cultura do algodão, o meio de desenvolvê-la » — Dr. Gustavo d'Utra	223	« Microbiologia applicada ás indústrias vinícolas. Seu futuro no Brazil » — Dr. Susyiela Günzel	385
« Parecer »	247	« Cultura do cacão » (projecto)	389
« Cultura dos tuberculos » — Dr. Ph. Artur — Carr	245	« Parecer »	390
« Parecer »	233	« Pequena cultura » (indicação)	391
« Melhoramento do terreno de cultura » — G. Minssen	244	« Projecto »	392
		« Parecer »	393
		« Projecto »	393
		« Emenda ao projecto de preparação do café no estrangeiro » (proposta)	394



SUPPLEMENTO D'A LAVOURA

Actas da Directoria
e do Conselho Superior

JANEIRO A DEZEMBRO

DI

1902

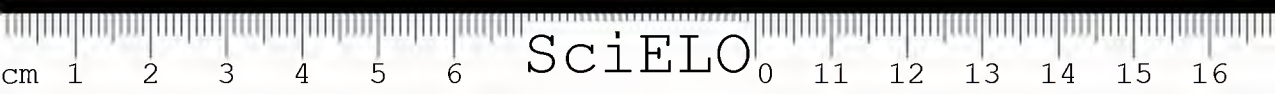
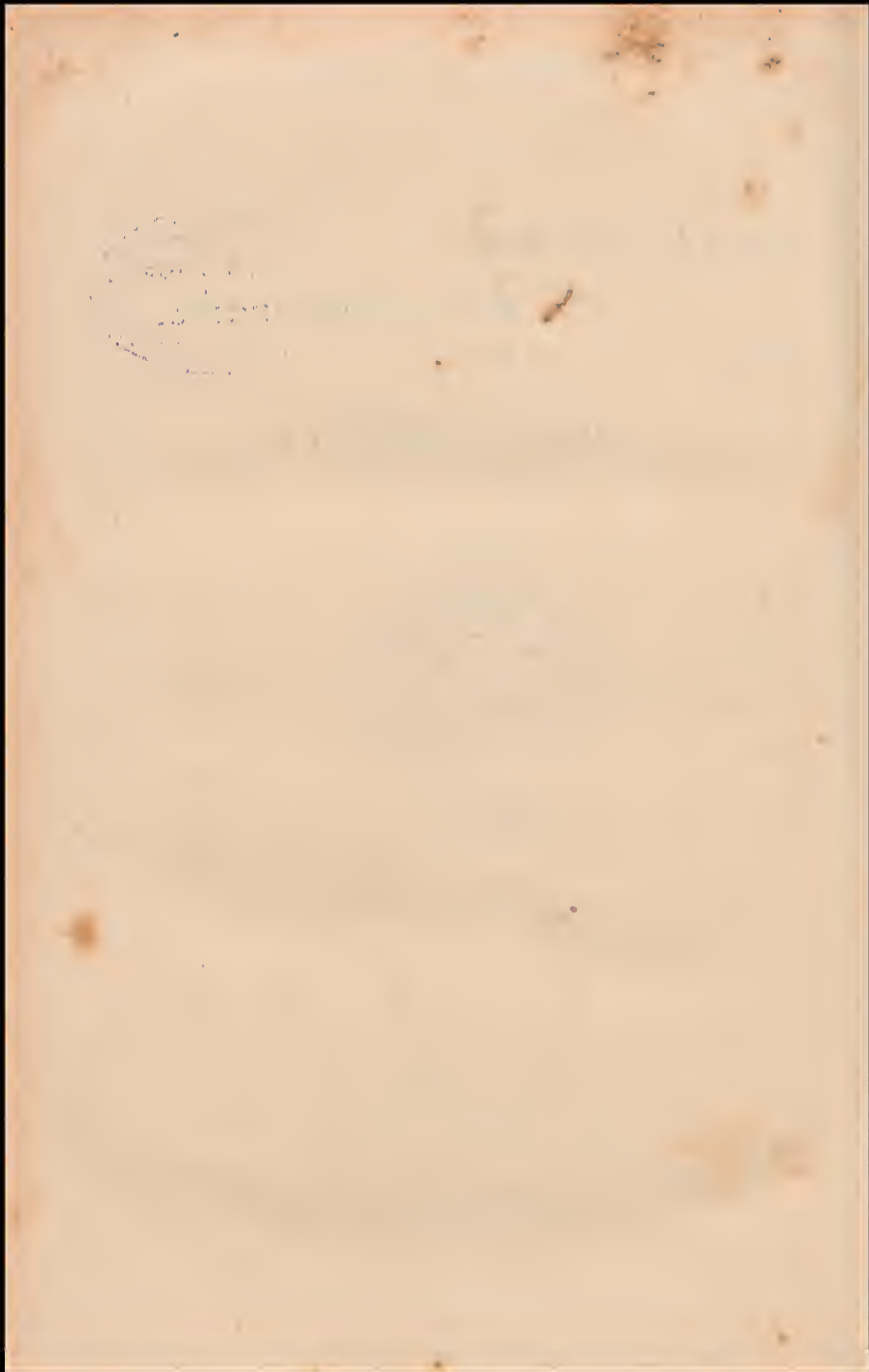


RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1910

50 (11-12)





SUPPLEMENTO D' « A LAVOURA »

ACTAS DA DIRECTORIA



Acta da 138ª sessão de Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura em 13 de febreiro de 1902

PREZIDENCIA DO DR. ANTONINO FLALHO

Aos 13 dias do mez de febreiro do anno de 1902, ás 3 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Antonino Flalho, João Baptista de Castro, Wencesláo Bello, Aristoteles Calaça, Aristldes Calre, E. Jacy Monteiro, Augusto Bernacchi, Jens Sand e Pablo Leal, o Sr. Presidente declara aberta a sessão, dando por empossada a nova directoria da Sociedade, eleita na assembléa geral de 4 deste mez.

São lidas, postas em discussão e approvadas as actas das sessões 129ª, 130ª, 131ª, 132ª, 133ª e 134ª de outubro e novembro de 1901.

Na discussão da acta da sessão 130ª, de 26 de outubro, diz o Dr. Wencesláo Bello que pôde parecer da leitura que ovlu, ter a directoria da Sociedade reduzido os honorarios do director de culturas para que este fosse constrangido a se retirar do cargo, quando entretanto foi o proprio director de cultura quem espontaneamente teve aquella idéa. O 1º secretario rolê a acta, e depois de algumas explicações com que concorda o Dr. Bello, dá-se este por satisfeito.

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Alberto de Aranje Ferreira Jacobina, communicando que, por motivo de força maior, teve de se ausentar desta Capital, não llo sendo possível comparecer á presente sessão. —Sciêto.

Carta do Sr. Casemiro Jorge remettendo um exemplar do *Correio de Itabora*, do Itabora do Mato Dentro, Estado de Minas Geraes, em quo fez publicar um artigo sobre «criação do bicho da seda», e pedindo a transcripção desse artigo no boletim da Sociedade. —Ao Sr. Secretario geral.

Circular da Associação dos Agricultores do Municipio de Valença remettendo um prospecto e um projecto de estatutos da Associação Cooperativa Agricola da Paralyba, sollicitando quo subserveva a Sociedade algumas acções da referida Cooperativa.

Não obstante a directoria da Sociedade applaudir muito sinceramente a installação de syndicatos e cooperativas, em cuja propaganda tanto se tem empenhado, não lhe é todavia permitido fazer parte de associações dessa natureza.

Officio do Sr. Arthur Diaz Lagarde, remettendo á apreciação da Sociedade varias amostras de lecidos impermeabilizados, de que tem privilegio pela carta patente n. 3.466, de 13 de dezembro de 1901, do Governo da Republica, applicados á feitura de saccos para transportar café, malas, capas, etc., conforme é exposto na circular impressa que tambem acompanhou o alludido officio.

A directoria nomeia uma commissão composta dos Srs. João Baptista de Castro, Aristldes Calre e Wencesláo Bello para dar parecer.

ORDEM DO DIA

São propostos e acceltos os seguintes socios effectivos : Dr. Alfredo de Barros Madureira e Joaquim Lopes Bastos, residentes na Capital Federal, J. Martins, do Estado do Rio, Dr. Alcides Xavier de Gouvea e Dr. José Theotônio Pacheco, do Estado de Minas Geraes e o Dr. Davino dos Santos Poitral, de Pernambuco.

O Sr. Sergio de Carvalho pde a palavra para communicar que, logo depois do encerramento do Congresso de Agricultura offleim ao 1º Secretario da Sociedade, afim de lhe fazer entrega de todos os papéis, memorias e documentos do mesmo Congresso.

Justamente nessa occasião deixava o cargo de 1º Secretario o illustre consocio Dr. Sampulo Corrêa e o orador viu-se obrigado a continuar na posse daquelles papéis, que proclavam ser postos em ordem, alguns copiados, outros catalogados, serviço esse não pequeno, de que, não podendo tomar, encarregou os Srs. Paquet e Victorino Pereira, cabendo ao primeiro ordenar e catalogar os papéis, e ao segundo transladar as actas das sessões para livro especial.

E não é só isso : muitas memorias ainda estão por publicar, bem como os Annuos.

Julga que a direcção desse serviço compete à Secretaria da Sociedade.

Os Srs. Antonino Fialho, Wenceslão Bello e outros: Não ha tal ; compete ainda à commissão executiva do Congresso.

O Sr. Wenceslão Bello: penso que a directoria da Sociedade não deve tomar deliberação alguma a respeito do andamento desses trabalhos do Congresso de Agricultura sem que tenha primeiro uma conferencia com o Exm. Sr. Presidente da Republica.

Fizeram-se despesas e desposas ainda temos que fazer. Precisamos publicar os Annuos e as Memorias, que ainda não foram publicadas.

Conformo ordenar o Sr. Presidente da Republica assim faremos.

Precisamos saber se a directoria da Sociedade compete ultimar os trabalhos do Congresso e em que condições poderemos fazel-o. A Imprensa Nacional fará a publicação dos Annuos e das Memorias ?

Julga por consequente de melhor alvitro que a directoria peça a S. Ex. o Sr. Presidente da Republica uma conferencia para tratar do caso.

Submettida à discussão e votação essa proposta, é approvada, ficando o 1º Secretario incumbido de escrever ao Ilm. Sr. Dr. Thomaz Cochrane pedindo que obtenha do Exm. Sr. Presidente da Republica designação de dia e hora para uma conferencia com a directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Augusto Bernacelli propõe, e a directoria approva, que se consigne em acta um voto de louvor ao Dr. Sergio de Carvalho pelos inestimaveis serviços que prestou como 1º Secretario do Congresso de Agricultura e que se ratifiquem os actos praticados por esse operoso consocio no desempenho daquello cargo, como sejam entre outros, a nomeação dos Srs. Paquet e Victorino Pereira para o serviço que lhes foi distribuido.

O Sr. Aristides Cairo, agradecendo a confiança que nelle depositaram, elegendo-o para o cargo de director de culturas, propõe que a directoria da Sociedade faça uma visita à Fazenda de Santa Monica, afim de ver em que estado se acha essa Fazenda e quaes os trabalhos que devem ser iniciados ou modificados.

A directoria approva esta proposta e marca o dia 19 para a visita à Fazenda de Santa Monica, determinando ao 1º Secretario que offleia a S. Ex. o Sr. Ministro da Viação no sentido de obter passos de ida e volta para essa visita.

O Sr. Wenceslão Bello lembra que a directoria cumpre dar conhecimento aos directores da Sociedade das funcções que lhes competem.

Está organizando regulamentos especiais para os diversos serviços da Sociedade, e esses regulamentos, ou regimentos internos, trará em breve ao conhecimento da Sociedade.

O Sr. Antonio Fialho refere-se ao facto de serem os empregados da secretaria obrigados a serviço junto à Thesouraria e incumbidos da escripturação da da Fazenda de Santa Monica.

O Sr. Wenceslão Bello — Tudo ficará providenciado.

Em obediencia aos estatutos da Sociedade approvados na assembleia geral de 4 do fevereiro, a directoria nomeia o Dr. João Baptista de Castro, encarregado da guarda e direcção da Bibliotheca e Museu da Sociedade, encargo que S. S. acceta e agradece.

Passando-se a tratar do outro assumpto o Dr. Wenceslão Bello apresenta a seguinte proposta que é approvada:

PROPOSTA

Propoizo que a directoria permita que socios que estão em atraso com suas contribuições, façam as respectivas entradas de accordo com as novas disposições dos estatutos, e em mezos successivos a Jola, em substituição do pagamento do diploma, e as diversas annullidades.

Sala das sessões, 13 de fevellido de 1902. *Wenceslão Bello.*

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente dá por terminados os trabalhos, e levanta a sessão e para constar se lavrou a presente acta para os devidos effeitos.

EM TEMPO

O Sr. 1º Secretario apresenta á directoria um exemplar do *Diario de Pernambuco*, n. 15, anno 78, da 19 de janeiro ultimo, no qual, sob o titulo « Um propagandista » acha-se estampado um artigo em muitos pontos referentes a Sociedade, e tao cheio de inverdades e invenções, que julga não dever passar sem protesto.

O Sr. Wenceslão Bello propõe, e é approvado, que seja autorizado o 1º Secretario a replicar a referida artigo em nome da directoria da Sociedade. — *Antonino Fialho. — Wenceslão Bello. — Ph. Aristides Cairo. — Fabio Leal. — Augusto Bernacchi. — João da Silva Gandra. — Manoel Galeão. — Domingos S. Carvalho. — R. Jacy Monteiro.*

EMENDA

O Dr. João Baptista de Castro, foi encarregado da direcção e guarda da Bibliotheca unicamente, o Misen ficou a cargo do Dr. Wenceslão Bello e não como acima foi transcripto na presente acta.

Acta da sessão n. 164 - 143ª de Directoria, em 18 de fevellido de 1902

PRESIDENCIA DO SR. ANTONINO FIALHO

No dia 18 de fevellido de 1902, ás 3 1/2 horas da tarde, reunidos os Directores Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Wenceslão Bello, Aristides Cairo, Sergio de Carvalho, Augusto Bernacchi, João da Silva Gandra, Jacy Monteiro e Aristoteles Calça, e achando-se presentes os Srs. Dr. Vito de Bellis, Illustrado membro da Camara dos Deputados do Reino de Italia, Nicola Ancora Lopes, redactor da *Tribuna Italiana* de S. Paulo, Emilio Gunti, redactor da *Fanfolla*, e José Martinelli, e o Conselheiro Dr. Carlos Leoncio de Carvalho, convidados a tomarem parte na reunião, é declarada aberta a sessão.

Depois de fazer apresentação official dos illustres visitantes italianos que vieram honrar á Sociedade Nacional de Agricultura, dignando-se assistir á modesta reunião desta associação, o Sr. Antonino Fialho, presidente, tendo á sua direita o cavalheiro De Bellis, pronuncia conciso discurso, referindo se em termos elogiosos á missão do deputado italiano enaltecendo os serviços que a laboriosa colonia italiana tem prestado ao Brasil e manifestando os votos que faz, para que de dia a dia mais se consolidem os laços de sincera amizade que unem o nosso paiz á Italia, cuja nação sanda com todo o entusiasmo.

Pede em seguida a palavra o cavalheiro De Bellis, que lastimando não poder pronunciar-se em portuguez, affin de responder como llo cumpria, as saudações do Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, vem todavia, traduzindo o pensamento de algumas palavras do S. S., agradecer os conceitos e votos que pôde comprehender referentes á sua amada Patria!

Com relação ao Brasil traduz com toda a sinceridade, independente de idealismo do seu caracter, a impressão que por toda a parte teve e que é a melhor possível.

Ha de sempre repetir : Sols um povo adoravel !

Aquelles que quizerem dizer mal do Brasil e dos brasileiros replicará : « Cahi-vos, não os conhoceis, porque se os conhoceis, havião de os amar ».

Leva consigo o sentimento puro da verdade em prol do Brasil.

Termina referindo-se á salutar influencia da agricultura nos pulzes cultos ; e dirigindo-se ao Presidente e Directoria da Sociedade manifesta toda a sua sympathia por essa instituição, cujo prospero futuro será a grandeza e prosperidade da Patria Brasileira.

Ao terminar o seu discurso foi o Illustrado Deputado vivamente saudado por todas as pessoas presentes.

Dada então a palavra ao Conselheiro Leoncio de Carvalho, S. S. começa explicando a dupla missão que o trouxe á Sociedade : — fazer a apresentação do cavalheiro Dr. Vito de Bellis e seus illustres companheiros, e, pessoalmente, communique a installação do Centro Agricola Commercial do S. Paulo como consta do officio que entrega a Directoria.

Quanto á primeira parte sente-se inteiramente satisfeito e jubiloso quer pelo fidalgo acolhimento prestado aos illustres visitantes, quer pelas expressões que ouviu do Dr. de Bellis com relação ao Brasil e aos brasileiros.

Quanto á segunda, vem unido as suas palavras ás do Centro Paulista : offerrecer e garantir a solidariedade de todos os companheiros em beneficio da causa da agricultura nacional, em que tão esforçada e nobremente tem se empenhado a Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Antonino Fialho agradece as atensões tributadas á Sociedade Nacional de Agricultura, e, reportando-se ás palavras do Conselheiro Leoncio de Carvalho quer accentuar as mais aluda no tocante á propaganda agricola : espera confiante na cooperação effectiva do Centro Agricola Commercial Paulista bom como na das Associações Congaereras para se prosoguir sem interrupção e com toda a tenacidade contra a rotina, no que esta tem de prejudicial.

Digno do sincero applauso tem se mostrado o Conselheiro Leoncio de Carvalho, já pelos servicos que presta por occasião do Congresso de Agricultura na discussão da magna questão da instrução agricola, entre outras, ja pelo interesse que tem revelado em beneficio de tudo que diz respeito ao progredimento intellectual e material do nosso paiz.

Sombemos, ha dias, da fundação de uma associação agricola na Bahia, devida principalmente aos esforços do illustre Dr. Ignacio Testa, e essa noticia encheu-nos de satisfação.

Agora mais outra futura agremiação nasce em S. Paulo, o Centro Agricola Commercial : e essa boa nova que nos trouxe o Conselheiro Leoncio de Carvalho, é justo motivo para se reduplicar o nosso jubilo.

Com toda a gentileza e sobejá generosidade o Sr. Conselheiro Leoncio declarou em aparte ter sido essa instituição creada sobre o influxo da Sociedade Nacional de Agricultura, e que demasiado nos penhora.

O Centro Agricola Commercial do S. Paulo é uma associação co-Irmã da Sociedade de Agricultura, e nos merece e mais franco apoio e toda a solidariedade nossa na defesa dos legitimos interesses da patria commum !

. . .

Tendo de se retirar o deputado De Bellis com seus companheiros, o Sr. Presidente levanta por alguns momentos a sessão ; e após os cumprimentos e despedidas a Directoria da Sociedade acompanha até a sahita os illustres visitantes.

Na mesma occasião pelo tambem permissão para se retirar o Sr. Conselheiro Leoncio de Carvalho.

. . .

Reabre-se a sessão.

E' apresentado, lido o despacho e o seguinte expediente :

Officio da Camara Municipal de Valença, dirigido ao Sr. Ministro da Viação e por este remettido á Sociedade, relativo ao estabelecimento de colonos existentes em terras da Fazenda de Santa Monica, na vizinhança das nascentes das aguas que

abastecem a povoação do Desengano. — Ao Sr. Director de Culturas para dizer a respeito.

Officio do Sr. Conselheiro Leoncio de Carvalho communicando a installação do Centro Agricola Commercial do Estado de S. Paulo destinado a collaborar com a Sociedade Nacional de Agricultura para a execução das sabias resoluções votadas e brillantemente discutidas pelo Congresso de Agricultura. — Agradeça-se e felicita-se.

Dois officios do Sr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, um dirigido ao Presidente da Sociedade e o outro, á redacção da *Lavoura*, communicando a sua eleição para o cargo de Presidente da Sociedade Estadual de Agricultura.

Officio do Sr. Optaciano da Costa Alves, procurador do Gremio Commercial do S. Paulo, agradecendo a remessa das publicações da Sociedade e offerecendo os serviços do Gremio, Circular da Secretaria do Club Literario Uniao, do Mogy das Cruzes, Estado de S. Paulo, pedindo para a sua bibliotheca as publicações da Sociedade.

Carta dos Srs. Jens Sand & Comp. proprietarios do estabelecimento « Hortulania », offerecendo á Sociedade uma caixa com sementes de cereaes e outras plantas uteis, de Haaga & Schmidt, de Erfurt, na Alemanha, em nome destes senhores.

Carta do Sr. José Alves Brasil, do Arrosal de Sant'Anna, Estado do Rio, pedindo informações sobre a viticultura.

Carta do Sr. Fidelis do Paula Xavier, da cidade da Lapa, Estado do Paraná, pedindo sementes. — Remetta-se a circular sobre a distribuição de sementes.

Em seguimento do expediente o 1º secretario apresenta á Directoria os seguintes papeis pedindo informações a respeito, papeis que encontra sem despacho na Secretaria, o que a Directoria resolve conforme vai transcripto em acta.

Carta do Sr. A. Henault, desta Capital, offerecendo á Sociedade para ter em deposito e exposição algumas machinas agricolas da casa Charles de Maximeron do Dombasle, de Nancy, França, da qual é representante.

Carta do Sr. F. Arroyo, de Oran, Argelia franceza, Africa, sobre a propaganda do café do Brasil. — Dirija-se ao Sr. Demetrio Ribeiro, actualmente na Europa por conta e ordem do Governo em serviço dessa propaganda.

Officio do Sr. Presidente do Estado do Maranhão, remettendo algumas informações prestadas pela Repartição de Estatística desse Estado, em resposta ao questionario formulado pelo Departamento da Agricultura dos Estados Unidos da America do Norte e enviado pela Sociedade. — Agradeça-se. A Directoria aguarda resposta de outros Estados da União sobre o assumpto do alludido questionario.

Officio do Sr. Dr. José Borges Ribeiro da Costa remettendo o resultado da analyse a que se procedeu no Laboratorio Nacional de Analyses em nove amostras de vinho nacional enviado pela Sociedade. — Agradeça-se. Já foram tiradas copias dessas analyses e remetidas ao *Jornal do Commercio* para, por obsequio, publical-as. Os outros diarios deram noticias a respeito.

Requerimento do Sr. Americo Faria da Cunha apresentando á Sociedade uma amostra de café torrado e moldo, em massa solida, solúvel, denominado (Café comprimido Cunha (Privilegio n. 3405 — D. O. de 26-9-901) e pedindo seja nomeada uma commissão para dar parecer sobre o invento. — Foi nomeada uma commissão que estudou o producto apresentado.

Uma communicação escripta, sem data, dirigida ao Dr. Sergio de Carvalho pelo Sr. Telles Sampaio relativa a objectos que estavam no Instituto Dr. Domingos Frelre.

Officio do Sr. A. Levin representante da Svenska-Centrifug Aktie Bolaget, de Stokolmo, Suecia, offerecendo-se a fornecer á Sociedade os apparatus para a industria de lactelinos dessa fabrica, mediante condições.

O Sr. Levin já foi convidado a vir entender-se pessoalmente com o Presidente da Sociedade sobre o assumpto, visto que algumas das condições impostas não podem ser accitadas. Entretanto, reiterando o mesmo convite, a Directoria nomeia uma commissão composta dos Srs. Aristides Ceire, Wenceslao Bello e Baptista do Castro para novamente estudar a questão. Fica o Sr. Silva Gandra incumbido de transmittir pessoalmente o convite ao Sr. Levin, independente da communicação do Sr. Secretario.

Circular do Sr. Êmílio do Barros, Consul de Venezuela, pedindo resposta a um longo questionario sobre cultura, produção e exportação de café — A' commissão composta dos Srs. Aristides Calro, Wencesláo Bello e Baptista de Castro para responder.

Officio da Liga Brasileira contra a tuberculose remetendo um memorial sobre um invento a a prensa hydraulica.— A' commissão dos Srs. Sergio de Carvalho, Augusto Bernacchi e Jacy Monteiro para dar parecer.

O Dr. Sergio de Carvalho apresenta uma carta do Sr. Manoel Galvão lembrando a reunião de um congresso de lavradores de canna, negociantes e fabricantes de assucar a effectuar-se em um dos Estados do Norte, no corrente anno, affin da se resolver melhoramento acerca da industria assuareira — Idéa que tem sido bem acolhida pelos interessados do S. Paulo e de Campos.

Na mesma occasião o sobre o mesmo assumpto fol-he remetida tambem uma carta do Sr. Augusto Ramos, do S. Paulo, patrocinando a causa.

Deseja, diz o Dr. Sergio, ouvir a Directoria a respeito.

O Sr. Wencesláo Bello acha inopportuna a idéa. Devemos enviar esforços para que sejam postos em execução as deliberações do Congresso de Agricultura e para isso precisamos quanto antes fazer a nomeação das commissões estaduais.

A reunião de um Congresso no Norte devia ser por fim especialmente promover a effectividade das medidas adoptadas no Congresso de Agricultura.

O Sr. Sergio de Carvalho : não concorda com o pensamento do Dr. Wencesláo Bello.

O Congresso de Agricultura delibrou sobre medidas geraes ; o caso agora é particular.

Com relação ás commissões estaduais e aos serviços que essas commissões poderão prestar á agricultura, confia nos Estados do S. Paulo, Bahia, Pernambuco, e poucos mais ; nos outros a propagação é nulla.

O Sr. Wencesláo Bello : sem que se manifeste razão de força maior, a reunião de um Congresso Agricola no Norte, actualmente, não tem razão de ser.

O Sr. Sergio de Carvalho : não ha tal ; trata-se presentemente de uma questão toda especial, cuja solução não pôde demorar.

O Sr. Wencesláo Bello : propõe e approvado, que seja transferida a discussão do assumpto para a proxima sessão.

O Sr. Aristides Calro : pede informações sobre a resposta de uma carta do Sr. Barão de la Barre relativa a uma remessa de café feita para a Hespanha. (Essa carta está em poder de um dos membros da antiga Directoria da Sociedade).

O Sr. João Baptista de Castro apresenta uma importante comunicação que recebeu do Syndicato Central dos Agricultores de França, e pede o parecer da Directoria da Sociedade. A' commissão dos Srs. J. B. de Castro, Aristides Calro e Wencesláo Bello.

O Sr. Wencesláo Bello apresenta a seguinte proposta que é discutida e approvada :

« Attendendo a urgencia das resoluções sobre diversos ramos da produção nacional, proponho que se dê para a ordem do dia da proxima sessão a nomeação das commissões estaduais para execução das resoluções do Congresso de Agricultura. »

Antes de terminar a sessão o Dr. João Baptista de Castro pede que a Sociedade envie esforços junto das autoridades contra a quadrilha de saltadores que infestam as matas dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Geraes.

Prometto voltar ao assumpto.

ORDEM DO DIA

Por proposta do Dr. Wencesláo Bello são nomeados membros do Conselho Superior do Agricultura os seguintes Srs. : Dr. José Cardoso de Moura Brasil, Dr. Fabio Nunes Leal, Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond, Dr. Manoel de Mendonça Guimarães, Dr. Horacio Rodrigues Antunes, Commandador Domingos Theodoro de Azavedo Junior, Dr. J. Mattoso Camara, Dr. José Mattoso de Sampaio Corrêa, General José Pereira Ramos, Antonio Augusto Pereira da Fonseca, Coronel

o rnello de Sousa Lima, Dr. Eduardo Augusto de Galdas Brito, Luiz do Lago, Dr. Sylvio Ferreira Rangel, Dr. José Agostinho dos Reis, Dr. Antonio Vaz Pinto Coelho da Cunha, Dr. Manoel Victorino Perelra, Dr. Oscar Varady, Dr. Bellarmino da Gama e Sousa, Dr. João do Carvalho Borges Junior, Carlos Raulino, Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior, Dr. Noemio da Silveira, Senador Manoel de Moraes Barros, Dr. José de Barros Franco Junior, Senador Joaquim Nogueira Paranaguá, Conselheiro Carlos Leonelo do Carvalho, Dr. João Joaquim Pizarro, Dr. Joaquim Cornello da Fonseca Lima, Dr. Luiz da Silva Castro, Dr. Danielrio Cavaleante de Albuquerque, Dr. Bernardo José de Figueiredo, Dr. Antonio de Paula Rodrigues Alves, Dr. Joaquim Ignacio Tosta e Dr. Antonio de Padua Assis Resende.

É proposto e accetto como socio effectivo o Rev. Padre Joaquim Marllus Teixeira, vigario do Alegre do Itapomerim, Estado do Espirito Santo.

Nada mais havendo a tratar o Presidente levantou a sessão ás seis horas da tarde e para constar se lavrou a presente acta, para os devidos effectos. — *Wencesláo Bello — João Baptista de Castro — Augusto Bernacchi — Antonino Fialho — Aristides Calre — João da Silva Gandra.*

Acto da sessão n. 143 — 144 de Directoria em 25 de fevbreiro de 1902

PREZIDENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

No dia 25 de fevbreiro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., reunidos na sede social os Srs. Drs. João Baptista de Castro, Wencesláo Bello, Aristoteles Calaca, Aristides Calre, Dominges Sergio de Carvalho, E. Jacy Montelro, Augusto Bernacchi, João da Silva Gandra, Fabio Nunes Leal e Manoel Galvão, o Sr. Dr. João Baptista de Castro, 1º Vice Presidente, na ausencia do Presidente, declara aberta a sessão.

É lida e approvada a acta da 135ª sessão de Directoria, de 3 de dezembro do anno de 1901.

São propostos e accettos como socios o Sr. Narciso Acuña, residente em Assumpção, Republica do Paraguay; e effectivo o Sr. José Guilherme de Sousa, residente em S. Luiz, Estrada do Ferro Leopoldina, Estado do Rio.

EXPEDIENTE

Telegramma de S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, agradecendo as felicitações que lhe foram dirigidas. (Archive-se).

Carta do Sr. Dr. Thomaz Cockrane, marcando dia e hora para Directoria conferenciar com o Exm. Sr. Presidente da Republica. (Sciuto).

Carta de S. Ex. o Sr. Dr. Olyntho do Magalhães, Ministro do Exterior, remetendo duas caixinhas com amostras de assucar preferido pelos consumidores na Republica do Chile. (Agradeça-se).

Officio do Sr. Governador do Estado da Parahyba, remetendo informações do Conselho Municipal da Villa da Conceição sobre as especies de algodão cultivadas no referido municipio. (Agradeça-se).

Officio da Camara Municipal de Mungaratiba, Estado do Rio, e do Governo Municipal da Vitoria, Estado do Espirito Santo, inscrevendo-se como socios contribuintes da Sociedade Nacional de Agricultura. (Agradeça-se).

Officio do Secretario da Camara Municipal de Santos, Estado de S. Paulo, acensando o agradecendo a communicação da eleição da Directoria da Sociedade. (Archive-se).

Telegramma do Dr. Antonio Fialho, communicando nao poder comparecer á sessão. (Inteirado).

Officio do Sr. Jens Sand, 1º Thezoureiro, communicando que tendo de se ausentar temporariamente da sede social, entrega a caixa da Sociedade ao 2º Thezoureiro João da Silva Gandra. (Inteirado).

Officio da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, acensando e agradecendo a communicação da eleição da Directoria da sociedade. (Arquivado).

Officio do Gremio do Commercio de S. Paulo no mesmo sentido do precedente e communicando ontresim o resultado da eleição da nova Directoria desse Gremio. (Arquivado).

Circular da Sociedade Perseverança e Auxilio, de Macolô, Estado de Alagoas, pedindo as publicações da sociedade. (Satisfaça-se).

Carta do Sr. Olympio Elhor, de Jaraguá, Estado de Alagoas, remettendo um volume com seis caixetas a duas pequenas e duas — contendo amostras de assucar desse Estado; e um officio da Revista Agricola Alagoana acompanhado de preciosas informações sobre a produção de assucar do Estado de Alagoas. (Agradeça-se.)

Tres manuscritos do Sr. Manoel Galvão, acompanhados de varios retalhos do *Journal do Commercio* sobre industria assucareira em nosso paiz, propondo a reunião de um Congresso no norte do Brasil, para o fim especial de se discutir a questão do assucar etc.

A' commissão dos Srs. Aristides Castro, Jacy Monteiro, Sergio de Carvalho e Wenceslão Bello).

Memorandum do Sr. Thadous Pisa, offerecendo á Sociedade um aparelho formulida. (Agradeça-se).

Carta do Dr. Oscar Varady, apresentando á Directoria o Sr. Manoel Galvão, que se tem revelado conhecedor profundo das questões sobre industria assucareira em nosso paiz. (Inte'lrada).

ORDEM DO DIA

O Sr. Sergio de Carvalho: Apresenta aos seus collegas da Directoria o Sr. Manoel Galvão, natural de Alagoas, cavalheiro disilcto, conhecedor da industria assucareira no Brasil, que ainda ultimamente publicou sobre o assumpto alguns artigos no *Journal do Commercio* defendendo a idéa da reunião de um Congresso de lavradores da canna e industriaes e negociantes de assucar a effectuar-se no norte do paiz.

O Sr. Presidente, em nome da Directoria, felicita o Sr. Manoel Galvão o agradece a honra de seu comparecimento á sessão da Sociedade.

O Sr. Manoel Galvão: sente-se penhorado pelo acolhimento que recebeu da Sociedade de Agricultura.

Expondo desenvolvimento as condições da industria assucareira no norte e o estado afflicto em que se acham os lavradores e fabricantes, pede a Sociedade que ampare e leve a effecto a idéa da reunião do Congresso em um dos Estados do norte antes de se iniciar a proxima safra.

O Congresso de Agricultura não estudou bem a questão do assucar: esqueceu-se dos *banguês*, dos engenhos de tachas que representam 80 % do total dos engenhos do nosso paiz.

Os Srs. Aristides Castro, Jacy Monteiro e outros: por saber desse facto aconselhou o Congresso a introdução doapparellhos aperfeiçoados nos engenhos.

Em vez de 10 engenhos mal apparellhados, antes um só, bem montado; e para isso organizem-se os syndicates.

O Sr. Manoel Galvão: nesses engenhos de *banguês* o coeillento de fabricação é muito baixo; pouco mais é de 5%.

E se encararmos outras culturas, além da da canna de a sacar, reconheceremos o mesmo estado all-tivo do lavrador: o milho está depreciado e o algodão depreciadissimo.

Espera que a Directoria da Sociedade depois de examinar detidamente a questão resolva sobre a reunião do congresso do Norte.

A vista do pedido que aciba de ser feito o Sr. Presidente nomeia uma commissão composta dos Srs. Wenceslão Bello, Aristides Castro, Sergio de Carvalho e Jacy Monteiro, a qual serão presentes os artigos e mais documentos do Sr. Manoel Galvão sobre a industria assucareira, afim de dizer a respeito.

O Sr. Sergio de Carvalho: é do conhecimento de todos os seus collegas da Directoria o cuidadoso interesse que o Sr. Dr. Olympio de Magalhães, Ilustre Ministro dos Negocios Exteriores, tem dedicado a varios assumptos attinentes ao desenvolvimento da produção nacional, como sejam o estudo da questão de novos mercados no estrangeiro, para os productos brasileiros, a exportação do assucar etc.

Ainda hoje recebemos de S. Ex. duas caixinhas com amostras do assucar preferido pelos consumidores na Republica do Chile, para que a Sociedade recomende aos engenhos nacionais a fabricação de assucar dessa qualidade afim de se tentar a sua introdução naquello mercado.

Vem portanto propor que se cante em seta um voto de louvor ao Sr. Ministro do Exterior e que uma commissão da Directoria da Sociedade se dirija a S. Ex. manifestando todo seu reconhecimento pelos serviços que S. Ex. tem prestado ao palz.

Essa proposta e approvada com applauso e unanimente sem discussão.

O Sr. Silva Gandra, em nome do Sr. Thadeu Pisa, offerece á Sociedade um apparelho do systema Gubba melhorado. — *Agradecemos.*

O Sr. Director de Culturas, mandará experimentar o e apparelho na Fazenda Santa Monica.

O Sr. Wencesláo Bello apresenta um projecto de regulamento das diversas funcções da Directoria ou regimento Interno da Sociedade o pede que o Sr. Presidente nomeie uma commissão, para examinar esse trabalho e organizal-o definitivamente.

São nomeados para esse fim os Sr. Wencesláo Bello, Aristides Caire e Jacy Montolro).

O 1º secretario pede a Directoria que dê as suas ordens sobre a distribuição das sementes remetidas de Erfurt pelos Srs. Hange & Schmidt.

O Sr. Wencesláo Bello propoe e é approvado que de todas as variedades das sementes recebidas, seja uma porção entregue ao Director de Culturas para experimentar-as na Fazenda Santa Monica e outra porção reservada para o Museu da Sociedade, fazendo-se então com o restante distribuição pelos associados e socios.

O Sr. Aristides Caire pede á Directoria que se manifeste relativamente á Fazenda de Santa Monica sobre os trabalhos feitos e por fazer nessa propriedade.

Tem delineado em seus traços geraes um plano de serviço que vai apresentar a deliberação da Directoria e que passa a ler:

« *Plano de Culturas em Santa Monica* — O Director de Culturas mantendo as mesmas ideas expendidas em o relatorio de 1900, relativamente á Fazenda de Santa Monica, propoe o seguinte plano de culturas a adoptar:

Mantier o trato dos cafezoes existentes de parceria, por meação; obriguando os colonos a beneficial-os convenientemente, dando as curpas necessarias, procurando ensinar-lhes a melhoral-os pela póla, estrumação etc.

Nas partes ainda aproveitaveis e que não tinham colonos, fazer o serviço de administração.

Proceder quanto antes á plantação de cafezoes digo cafeeiros de varias especies (Maragogipe, Bourbon, Amarello de Botucatu, commum etc.) para experencia e demonstração no terreno já preparado em parte para esse fim (antigo pasto no morro do Bom Sucesso).

Cultivar canas, adoptando methodo intensivo — como milho, — não só para despesas da Fazenda como mesmo para exportação; arroz em grande extensao, para o que tem excellentes terrenos; feijão, escolhendo as variedades mais adequadas á zona e mais procuradas nos mercados.

Cultivar canas de assucar das principies variedades, reconhecidamente boas, ensaiando outras para estudo comparativo, para o que convém manter um viveiro em a respectiva nomenclatura.

Cultivar o algodoeiro, para cuja fibra temos mercado facil.

Ensaiar a pomocultura em geral, especiaimente a viticultura, enxertando boas variedades europeas e americanas nas Rupestris estrangeiras e nacionaes existentes em viveiros na Fazenda.

Plantar amoreiras para futura sericicultura.

Augmentar o gado do serviço, que é insufficiente, e obter pelo menos umas 10 novilhas ou vacas, que servirão para ensaio de lacticinos e bom assim para inicio de criação, achando que devemos preferir de raça acaracú, que serão posteriormente cruzadas com outras de raça estrangeira.

Procurar desenvolver a criação de ovelhas e outros animaes se para isso houver oportunidade e meios.

Procurar obter boa raça de suínos, de cuja exploração poder-se-ha ter uma boa fonte de renda, procurando-se fazer a cagorda economica, para o que é necessario grandes plantações de mandioca, batatas doces, mandião, Inhames, xuxú etc., que muito auxillarão ao milho e canna.

Tratar de dividir e melhorar os pastos, plantando as gramineas reconhecidas

das boas, como o Jaraguá, graminha Pernambuco, Colonia, bem como forragens para corte, entre outras a alfafa, a canna ubá etc.

Começar a semi-estabulação para aumento do gado, do que se procurará obter a maior porção para o seu emprego nas culturas dos campos e cafofas.

Em occasiões opportunas fazer pequenas culturas experimentaes de plantas uteis, nacionaes e estrangeiras.

Procurar, pelos meios ao nosso alcance, augmentar a renda adventicia.

Por ultimo, repito o que por mais de uma vez tenho dito: sem a extirpação da formiga saúva, é inutil qualquer tentativa de cultura, pelo que devemos enviar todos os esforços para eliminá-las, sendo extingui-las, pelos melhores systemas que forem apparecendo, machinas, insecticidas, formicidas, etc., etc.

Estou meo disposto a ver se posso obter a relação e propaganda da sua terrivel luludga, a formiguinha Paraguaya — (*Pronolops fulva*), que mel, do ha muito, fazer desaparecer a terrivel saúva, o que me tem sido confirmado por diversas pessoas.

Quanto á Fazenda Grande, da Penha, dependa do que for resolvido em Directoria para apresentar ou não um plano de culturas.

Sala das sessões, 25 de fevereiro de 1902 — Dr. *Aristides Caixe*, Director de culturas. >

Fica sobre a mesa.

O Sr. Wenceslão Bello: julga interpretar o pensamento de seus companheiros da directoria, que foram em visita á fazenda de Santa Monica, declarando que alguma coisa se verificou ter sido feita, para melhor, nessa propriedade, que foi entregue á Sociedade nas melhores condições possiveis, no estado de completo abandono.

Se não podemos mostrar grande melhoria nos cafofas, mostraremos a cultura de cereaes, milho e arroz, cultura feita a machina, em terrenos de pasto, abandonados, o que se acham actualmente aptos a receber qualquer planta; isso mesmo merece menção.

Houve descuido, é certo, no proseguimento de certos servicos incluídos pelo Dr. Aristides Caixe, quando director de culturas, em 1900; mas, varias foram as razões desse descuido.

Julga que a directoria da Sociedade deve convidar S. Ex. o Sr. Ministro da Vição e Srs. deputados, para uma visita á fazenda de Santa Monica. (A directoria resolve approvar essa idéa.)

O Sr. Aristides Caixe pede, outrossim, que a directoria se manifeste relativamente á fazenda da Penha.

Falam sobre o assumpto os Srs. Wenceslão Bello e Jacy Monteiro.

(A directoria resolve adiar a discussao para ulterior sessão.)

O Sr. 1º secretario communica á directoria da Sociedade que o *Correio da Manhã* inaugurou uma columna de seu jornal, dedicada especialmente ás questões attinentes á agricultura nacional.

A directoria da Sociedade recebe essa noticia com sincera satisfação e nomina uma commissão composta dos Srs. Wenceslão Bello, Aristides Caixe e Jacy Monteiro, para transmitir ao *Correio da Manhã* o seu applauso e congratulação.

O Sr. Jacy Monteiro apresenta dois requerimentos de empregados da secretaria: um, do Sr. Luiz Ferreira, pedindo um mez de licença, e o outro, do servente Francisco Manoel Guerra, pedindo augmento de ordenado.

A directoria resolve conceder a licença ao primeiro, e, relativamente ao segundo, adiar o despacho.

Encerra-se a sessão. — Dr. *Ph. Aristides Caixe*. — *João da Silva Gandra*. — *Augusto Bernacchi*. — *Alberto Jacobina*. — *Domingos S. Carvalho*.

Acta da sessão n. 106 — 128 do directorio, em 4 de março de 1902

PRESIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 4 de março de 1902, ás tres e meia horas da tarde, presentes os Srs. Antonino Fialho, Wencesláo Bello, Domingos Sergio de Carvalho, Aristides Calre, E. Jacy Monteiro, Augusto Bernacchi, Joao da Silva Gandra, Fabio Leal e Manoel Galvão, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

São propostos e accetos como socios: — correspondente, na Italia, o Sr. Barão Gagliellini, e effectivo, o Sr. Manoel Galvão, industrial, residente nesta capital.

EXPEDIENTE

Officio e cartas de congratulação, pelo motivo da eleição da directoria da Sociedade, enviados p. los Srs. Secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, director do Instituto Agronomico e director-proprietario da *Revista Agricola* do mesmo Estado, coronel Olympio Pinheiro da Silva, e deputado Joao Augusto Nelva.

Officio de felicitações, do Presidente da Camara Municipal da Jannaria, Estado de Minas.

Officio da Superintendencia Municipal de S. Bento, Estado de Santa Catharina, pedindo 50 saccos de sementes de trigo, para planta.

Officio do Presidente do Conselho Municipal da Villa do Batalhão, no Estado da Parahyba, remetendo um caixote com amostras de algodão cultivado nesse municipio. — Agradeço-o.

Officio da Intendencia Municipal da Villa do Rosario, Estado de Sergipe, remetendo cem mil réis, sendo: cinquenta, para pagamento da annuidade de associada, e os outros cinquenta, para aquisição de sementes, e pedindo, outrossim, varias informações sobre a industria pastoril. — Satisfazço-o.

Officio do Director de Propaganda da Sociedade de Agricultura Alagoana, pedindo folhetos e semente. — Satisfazço-o.

Circular da Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Rio de Janeiro, convidando a directoria da Sociedade Nacional de Agricultura a assistir a sessão do 16º anniversario daquelle instituição. — São nomeados para representar a Sociedade os Srs. Drs. Aristides Calre e Augusto Bernacchi.

ORDEM DO DIA

O Sr. Antonino Fialho: communicá o que se passou na conferencia tida com o Exm. Sr. Presidente da Republica, que mais uma vez, manifestou a sympathia que lhe merece a Sociedade Nacional de Agricultura.

Com relação ao pedido para a installação do Museu, S. Ex. prometter providenciar para que em breve a Sociedade possa ver realizada, effectivamente, essa installação.

O Sr. Augusto Bernacchi: communicá ter comparecido, em nome da Sociedade, á missa da virtuosa eposa do Sr. marechal Jeronymo Jardim.

O Sr. Antonino Fialho agradeço.

O Sr. Wencesláo Bello: pede cancellamento de um officio que apresenta, dirigido em dezembro a um illustre consocio, em termos indelicados, por quem nao podia estar autorizado a fazer communicações dessa ordem em nome da Sociedade, occorrendo ainda a circumstancia de que não constaram da acta os factos arguidos nesse officio, como ali se affirmá.

Pede, outrossim, que a esse consocio offleço o 1º secretario, dando as desculpas precisas e explicado o caso.

O Sr. Presidente: recorda o que a esse respeito occorreu, e reprova, entretanto, o modo por que foi feita a communicação e manda cancellar o offleço.

Nomeia uma commissão composta dos Srs. Wencesláo Bello, Aristides Calre e Jacy Monteiro, para organizar um projecto de regulamento para aquisição e dis-

tribuição de sementes e plantas, affirm do ser presente ao Ministerio da Industria e Viação, conforme pediu o Sr. Dr. Alfredo Mala, para que o Governo faça effectiva a autorização consignada na lei 831, de 30 de dezembro de 1901 art. 18, III.

O Sr. Sergio do Carvalho lembra tambem a questão da importação de annuaes, e aproveita a occasião de estar com a palavra, para pedir que a directoria da Sociedade Interceda, junto do Sr. Ministro da Fazenda, pelo andamento da publicação d'A *Loeura* na Imprensa Nacional, visto que se acha muito atrasada a publicação desse boletim agricola da Sociedade, estando, aliás, compostas e promptas as respectivas paginas, faltando unicamente fazer a tiragem.

Antes de encerrar os trabalhos, o Sr. Presidente convida os membros da Commissão executiva do Congresso de Agricultura para uma reunião na sede social, no dia 5 do corrente.

Levanta-se a sessão. — Dr. João Baptista de Castro. — Dr. Ph. Aristides Cairo. — João da Silva Gandra. — Augusto Bernacchi. — Alberto Jacobina. — Domingos S. Carvalho.

Acta da sessão n. 167 — 168 da directoria em 11 de março de 1902

PRESIDENCIA DO DR. ANTONINO FLALHO

No dia 11 de março de 1902, ás tres e meia horas da tarde, presentes na sede social os Srs. Antonino Flalho, João Baptista de Castro, Wenceslão Bello, Domingos Sergio do Carvalho, E. Jacy Montelro, Aristides Cairo, Augusto Bernacchi, João da Silva Gandra, Manoel Galvão, Carlos Raulho, Henrique Luiz Cavaleanti de Albuquerque e José Soares Pereira Junior, assumiu a presidencia o Dr. Antonino Flalho e declara aberta a sessão.

Por não se acharem promptas, deixam de ser lidas as actas das sessões anteriores.

EXPEDIENTE

Officios de congratulação, pela eleição da directoria da Sociedade, dos Srs. Director do Instituto Commercial do Distrito Federal, Director da Escola Polytechnica de S. Paulo, do general Director da Bibliotheca do Exercito, do Presidente da Assembléa Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, e do Presidente do Governo Municipal da Victoria, Estado do Espirito Santo. — Sciénte, archive-se.

Officio do Sr. Dr. Paulo de Amorim Salgado, communicando ter obtido a publicação da réplica da Sociedade ao artigo do Sr. Antonio Salles, do *Diario de Pernambuco* de 19 de janeiro, no *Jornal do Recife*, na parte editorial, e remetendo á Sociedade dez exemplares desse periodico. — Agradeça-se.

Carta do conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira, agradecendo a communição sobre a eleição da directoria. — Sciénte, archive-se.

Carta do Sr. José Theodorico Pacheco, agradecendo a sua nomeação de socio effectivo.

Carta do Sr. Rodrigo Pereira Barreto, communicando ter remittido a sua annuidade de socio effectivo.

Carta do Sr. Director do Asylo Agrícola Santa Isabel, no Desengano, felicitando á sociedade pela eleição da Directoria.

. . .

O 1.º secretario apresentou ainda dous numeros do periodico « A União » que se publica na cidade da Parahyba do Norte, Estado da Parahyba, contendo uma noticia sobre a importante reunião que teve lugar naquella cidade, promovida pelo illustre propagandista o Dr. Manoel Pereira Pacheco, para o fim de se organizar um centro agricola, industrial e mercantil, no referido Estado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Sergio de Carvalho : traz ao conhecimento da Directoria uma carta que acaba de receber do Sr. Commandador Bethencourt da Silva, honra o dito Director do Lyceu de Artes e Officinas, na qual S. Ex. pelo que sejam desocupadas as salas que serviram ao Congresso de Agricultura e Museu, visto que nessas mesmas salas precisam ser installadas algumas aulas do Lyceu.

O Sr. Antonino Filho : estamos em grande falta realmente nao tendo desocupado as salas do Lyceu. A culpa, porém, dessa falta não cabe sómente á Sociedade de Agricultura.

Desde muito tempo que a Directoria da Sociedade tem se esforçado por adquirir do Governo ou mesmo particularmente, á expensas suas, um predio para a installação do Museu de Agricultura e não o tem conseguido.

Esperamos que em breve poderemos realzar o nosso intento.

O Sr. Presidente propõe o é approvedo que a Directoria se entenda a respeito do caso com o Sr. Commandador Bethencourt da Silva.

Em seguida é apresentada, discutida e aprovada a communicação do Sr. Director de Culturas sobre a questão das aguas que abastecem a povoação de Resengano e a que se refere em offello da Camara Municipal de Valença lido em sessão anterior, remettido pelo Sr. Ministro da Viação á Sociedade para informar.

Essa communicação será levada ao conhecimento do Sr. Ministro.

O Sr. Antonino Filho : communica ter sido nomeado socio correspondente da Sociedade de Agricultura Alagoana, honra que em parte cabe a Sociedade Nacional de Agricultura.

Fazem identicas communicações os Srs. Augusto Bernardino e Sergio de Carvalho.

E' lido o submellido á discussão o parecer relativo á organizaçõ de um congresso de lavradores do canna, fabricantes e negociantes de assucar no norte do paiz.

O Sr. Antonino Filho : opina pela reunião em Pernambuco e não na Bahla como propõe o parecer, pelo facto de ser aquelle Estado o mais possante productor de assucar do Norte.

Dessa que examinou o alludido parecer firmou essa opinio.

No mais, concorda, com o parecer.

O Sr. Jacy Monteiro : era tambem dessa opinio ; pelas razões apresentadas pelo relator do parecer concordou, porém, que a reunião do Congresso tivesse lugar na Bahla e não em Pernambuco.

O Sr. Wencostão Bello : na qualidade de relator do parecer em discussao, expoe as razões que militavam a favor da indicaçõ da Bahla para ponto de reunião do Congresso Assucareiro.

A esse Congresso terão de comparecer não sómente os representantes do norte como os do sul do paiz, era por conseguinte de justiça que se procuras e compensar as viagens, e a reunião em Pernambuco obrigaria os representantes do sul a um percurso muito maior e mais dispendioso.

O Sr. Sergio de Carvalho : refere-se a uma vária do *Jornal do Commercio*, que não emanou da Sociedade e que precisa de uma explleação, attentas as relações de sincera cordialidade que nos ligou ao Estado de Pernambuco.

E' bom de ver que em se tratando do interesse geral do paiz, a Sociedade não pode ter, como realmente não tem, predilecção por um Estado em detrimento do outro.

O Sr. Antonino Filho : magrou nos de facto a leitura dessa « vária »; e interpretando o pensamento da directoria da sociedade, peço ao Sr. secretario geral que explique o caso á illustrada redacção do *Jornal do Commercio*, que tanto nos merece, afim de se rectificar a noticia.

Encerra a discussão e annunciada a votaçõ é approvedo unanimemente o parecer da respectiva commissão sobre a reunião de um Congresso no norte para tratar da industria do assucar ; é tambem approvedo que se dê a maior publicidade a esse parecer.

O Sr. João Baptista de Castro : incumbido pela Directoria da Sociedade de encetar relações com os syndicatos agricolas da Europa, afim de, conhecendo e acompanhando o movimento dessas associações que tão extraordinarios beneficoes prestou aos agricultores do velho mundo, poder a sociedade proseguir na propaganda das instituções dessa natureza em nosso paiz, em que tanto se tem empo-

nhado, apresentando factos, dados estatísticos etc., incluiu estas relações com o poderoso syndicato central dos agricultores de França, ao qual endereçou uma carta cuja cópia val ler do copielor.

(Carta n. 1810, de 4 de dezembro de 1901).

Recebemos ha poucos dias e já foi lida em sessão anterior resposta a esta carta, que embora não satisfizesse plenamente, trata do assumpto da maxima importancia relativa á propaganda do café. (Lê).

Pensa que devemos remetter ao referido syndicato amostras de cafés, escolhidos, genuinamente brasileiros.

O Sr. Antonino Fialho : attendendo á importancia do assumpto, nomea uma comissão composta dos Srs. Drs. Baptista de Castro, W. Bello e A. Calro, para estudar o assumpto, ficando desde já encarregada de promover os meios de melhorar o pedido do Syndicato Central dos Agricultores de França, remetendo os typos de café brasileiro tanto commerciaes como naturaes.

O Sr. Wencesláo Bello : chama a attenção da Directoria para duas noticias cuja idéa se identifica perfeitamente com as da Sociedade sobre syndicatos agricolas, publicadas pelo *Jornal do Commercio*.

O Sr. João Baptista de Castro : tanto mais que a Sociedade progrediu nesse tentamen, já tendo incluído a troca de relações com o Syndicato Central dos Agricultores de França, como ha pouco expoz.

O Sr. Sergio de Carvalho : propõe o que a Directoria applaude, que se felicite o *Jornal do Commercio* pelos inestimaveis serviços que continúa a prestar á propaganda agricola.

O Sr. Sergio de Carvalho : apresenta o Dr. Henrique Lins Cavalcante do Albuquerque que vem trazer ao conhecimento da Sociedade informações sobre os prejuizos que á lavoura e á industria continuam a causar no norte, como em toda a parte, os impostos Inter-estaduaes.

O Sr. Cavalcanti do Albuquerque : fazendeiro e fabricante de açúcar e aguardente em Pernambuco, faz uma exposição detalhada dos vexames que soffre essa industria no norte com os impostos Inter-estaduaes, que hão de acabar por suffocá-la de todo, se a tempo se não der remedio prompto ao mal.

Entre outros muitos factos semelhantes, cita o do imposto de duzentos réis ouro, por litro de alcool importado no Pará; termina pedindo que a Sociedade estude o questião e envide todos os esforços no sentido de serem abolidos os impostos Inter-estaduaes, com o que prestará um beneficio relevantissimo á causa da industria agricola.

O Sr. Wencesláo Bello : essa questião de impostos Inter-estaduaes consta de resoluções do Congresso de Agricultura.

..

A solução da questião depende do governo dos Estados e differentemente nos diversos Estados.

O Sr. Antonino Fialho : para que effectivamente possa ser resolvida e executada a conclusão 37.º do Congresso de Agricultura, que trata do caso, pensa que seria conveniente ouvir a directoria, em conferencia, alguns dos illustrados jurisperitos e publicistas que tem estudado o assumpto, como sejam os Srs. Drs. Amphiphilo de Carvalho, Ruy Barbosa, Manoel Victorino e outros.

O Sr. Wencesláo Bello : por vezes já se tem tratado, digo trazido, à discussão questões como esta dos impostos inter-estaduaes que se prendem ao Congresso de Agricultura, as questões capitales que precisam ser resolvidas, facilitando desse modo a tarefa, já difficil, dessas commissões o estabelecendo em tudo harmonia e methodo na realzação das medidas aconselhadas.

O Sr. Antonino Fialho : pede ao Dr. Wencesláo Bello que apresente algum trabalho nesse sentido.

..

Passando a tratar de outros assumptos, a Directoria resolve:

1.º Ir em comissão cumprimentar o Sr. conselheiro Antonio Augusto da Silva, Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas ;

2.º Nomear uma comissão composta dos Srs. Sergio de Carvalho, Wenceslão Bello e Augusto Bruntschli, para felicitar o Sr. Dr. Xavier da Silveira, prefeito do Districto Federal;

3.º Incumbir o 1.º secretario de receber um offeito que será dirigido ao Sr. Dr. Alfredo Mala, ex-Ministro da Viação, a respeito dos serviços prestados por S. Ex. á Sociedade Nacional de Agricultura.

Em seguida, devidamente justificada, é approvada a seguinte proposta, subscripta pelos Srs. João Baptista da Costa e Jacy Monteiro.

Proposta:

« Attenta ás condições afflictivas em que se encontram varios municípios da mata de Minas e parte dos Estados do Rio e Espírito Santo, no tocante á falta de garantias para os lavradores, achando-se estas zonas infestadas pelos bandidos, saqueadores que não mais se limitam á pratica do roubo de animaes, propomos que a Sociedade Nacional de Agricultura interceda junto dos poderes dos Estados referidos, para promover as medidas repressivas que esta situação exige.

O Sr. Aristides Castro: faz a seguinte communicação:

« Trago ao conhecimento da Directoria que visitei a Fazenda Santa Monica no dia 6 do corrente.

Percorri parte dos cafezais, que estão necessitando de trato.

Continua-se a plantar feijão entre o milho.

O milho está quasi em estado de ser colhido.

Continua a colheita do arroz.

Autorizei a fazer o concerto da banquetta e a preparar o terreno em frente ao obrado (antigo jardim) para servir a pequenos ensaios de culturas.

As formigas selvagens continuam a danificar as plantações, sendo muito sensível no viveiro de videiras; a machina « Insectifera Brasil », achando-se estragada sem o fundo, mandei-a vir para ser reparada aqui na Capital.

A collecção das variedades de cannas desapareceu; será preciso obter nova.

Existe a febre aphtosa no gado do De-engano e mesmo já appareceram alguns casos na fazenda, felizmente benignos.

Mandei sequestrar os doentes e aconselhei o tratamento curativo e preventivo.

É necessario enviar alguns medicamentos para esse fim: creolina, sulfato de cobre e acido sulfurico.

Em cumprimento á ordem da Directoria, estudei a questão da agua potavel que é fornecida ao De-engano, do cujo estado apresento o parecer em separado.

Encerra-se a sessão.

Em tempo:

Na primeira parte da « Ordem do dia » desta sessão o Dr. Wenceslão Bello apresentou as propostas de comissões estudiaes, que foram approvadas:

Bahia — Sociedade Bahiana de Agricultura.

Dr. Joaquim Ignacio Costa.

Barão do S. Francisco.

Conselheiro Francisco Maria Solré Perera.

Pernambuco — Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco.

Dr. Paulo de Arrim Salgado.

Dr. Cornelio da Fonseca.

Senador Herenlano Bandoira.

Dr. Joaquim Pessoa Gnorra.

S. Paulo — Centro Agrícola e Commercial de S. Paulo.

Conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho.

Dr. Candido Rodrigues.

Dr. Augusto Ramos.

Dr. Augusto Carlos da Silva Telles.

Dr. Gustavo d'Utra.

Alagoas — Sociedade Alagoana de Agricultura.

Dr. José Duarte.

Dr. Manoel Messias de Gusmão Lyra.

Dr. Affonso de Mendonça,
Lulz de Amorim Leão,
João Baptista de Castro, — Wencesláo Bello, — Alberto Jacobina, — João da Silva
Gandra, — João Antonio Tavares, — Domingos sergio de Carvalho, — E. Jay Montelro

Acta da sessão n. 148 — 149ª de Directoria, em 18 de março de 1902

PRESENCIA DO DR. ANTONINO FALHO

No dia 18 de março de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonio Falho, João Baptista de Castro, Wencesláo Bello, Aristides Calre, E. Jay Montelro, Augusto Bernacelli e João da Silva Gandra, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão 148ª de Directoria.

E' proposto e accellto socio effectivo o major Julio Henrique do Carmo, desta Capital.

EXPEDIENTE

Carta do Sr. El-Rey de Castro, de Assumpção, Paraguay, remettendo dois folhetos de que é autor, com os titulos «Poetas Mejicanos» e «Arbitragem obligatoria», — Agradeça-se.

Carta do Exmo. Sr. Dr. Susyiela Gnarch, Ilustre ministro oriental offerecendo os seus serviços ao Congresso Assnearelro a effectuar-se no Norte, — Agradeça-se.

Offello do Sr. Director Geral da Directoria de Industria, do Ministerio da Viação, remettendo, por ordem do Sr. Ministro, uma brochura relativa ao Instituto Agronomico de Gembloux, Belgica. — Agradeça-se.

Carta do Sr. R. Raydnor do Amaral, em resposta a um pedido do ramo barbilha mexicana o bulbillos de piteira (ag. sisalana) que lho fora dirigido pela Sociedade, — Agradeça-se.

Offellos dos Governadores dos Estados do Paraná e Santa Catharina, da Secretaria do Conselho Municipal do Serinhaon, Estado de Pernambuco, e da Intendencia Municipal do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, agradecendo a communicação da eleição da Directoria da Sociedade, — Sciende.

Offello da Camara Municipal da villa da Misericordia, Estado da Parahyba, remettendo dois volumes com sementes de algodao cultivado nesse municipio. (Aguarde-se o recebimento dos citados volumes).

Communicação do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, agradecendo a remessa da «A Lavoura», — Sciende.

Carta do bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife, Pernambuco, pedindo os fasciculos I a 6 d'«A Lavoura», — Não pôde ser attendido por se achar esgotada a edição de sos numeros.

Carta do Dr. J. dos Reis Magalhães, da Sociedade Bahiana de Agricultura, pedindo um diploma em branco da Sociedade para amostra.

Carta do 1º secretario do Club Agricola de Barreiros, em Pernambuco, pedindo sementes de jaraguá, soja e outras, — Satisfaca-se.

Carta do Sr. Dr. F. M. Draenert agradecendo a communicação da eleição da Directoria e participando haver remettido dois folhetos sobre o clima do Brasil. (O 1º secretario communica não terem sido recebidos esses folhetos).

Offello do Sr. Bernardino Machado, da Villa da Palhoça, Estado de Santa Catharina, agradecendo a remessa de publicações da Sociedade.

O Dr. Aristides Calre : apresenta uma carta do gerente da Fazenda de Santa Monica communicando continuar a grassar na fazenda o arredores a febre aphtosa, se bem que benigna, e pedindo a remessa de creolina, mercenrio doce e outros medicamentos.

A Directoria autoriza o Sr. Director de Cultura a fazer aquisição desses medicamentos pedidos.

ORDEM DO DIA

O Sr. Augusto Bernacchi: refere-se em termos elogiosos ao major Julio do Carmo, que acaba de ser admittido no seio da Sociedade, e recorda os esforços que S. S. quando intendente Municipal, empregou para bem servir á causa da agricultura, pugnando pela creação dos campos de experimentação agricola e defendendo sempre tudo quanto se referia ao desenvolvimento da pequena lavoura do Municipio.

O Sr. Wencesláo Bello: pede desculpas por não ter trazido o resultado de sua commissão sobre syndicatos nem o trabalho referente ás commissões estaduais, o que fará na proxima sessão.

O Sr. Silva Gandra: fez identica communicação relativamente ao questionario do Sr. Consul de Venezuela.

O Sr. Aristides Cairo: communica que o Dr. Assis Brasil, ministro brasileiro na America do Norte, deverá partir para os Estados Unidos, no dia 20; e lembra, o que é immediatamente approved, que a Directoria deve ir em sua despedida cumprimentar o illustre ministro que tantos beneficios tem prestado ao paiz e a esta Sociedade.

O Sr. Augusto Bernacchi: participa ter comparecido com o Dr. Aristides Cairo á sessão magna da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

O Sr. Jacy Monteiro: repete a communicação que fez na sessão anterior e que por um lapso deixou de ser inscripto na respectiva acta, relativamente á noticia dada em telegramma nos diarios desta Capital, da descoberta feita pelo Sr. Loeffler, de Berlim, de um poderoso preservativo contra a febre aftosa, preservativo experimentalmente com exito completo.

E communica outrossim que a Republica Argentina já fez seguir para a Alemanha, afim de estudar o caso um especialista na materia, conforme decam contra outros telegrammas.

O Sr. João Baptista de Castro: apresenta á apreciação da Sociedade as seguintes amostras de productos fabricados com fibras nacionaes.

1.ª amostra de estopa de linho originio do Rio Grande do Sul, que fornece á industria da cordoaria em S. Paulo e Rio de Janeiro, sendo o novelo de barbante exhibido, confeccionado com a referida materia prima bruta, o que é muito auspicioso para tal industria;

2.ª uma amostra da fibra de uma arvore denominada « mandioculha do mato » proveniente da municipio do Pamba, Estado de Minas Geraes, offerecida pelo Sr. commedador J. C. Pardal; 3.ª uma pequena amostra do Sissat hemp, proveniente do Mexico;

4.ª uma dita de Manila Kemp., proveniente das Ilhas Philippinas—18—3—902 —J. B. Castro.

Encerra-se a sessão.

Antônio Fialho.—Aristides Cairo.—João da Silva Gandra.—Wencesláo Bello.—João Baptista de Castro.—Domingos Sergio de Carvalho e E. Jacy Monteiro.

Acta da 139 — 148ª de Directoria em 1 de abril de 1902

PREZENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, 1.º VICE-PRESIDENTE.

No dta 1 de abril de 1902, ás 11/2 horas p. m., presentes os Srs. João Baptista de Castro, Aristides Cairo, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jacy Monteiro, Augusto Bernacchi, Alberto Jacobina e João da Silva Gandra, assume a presidencia o Dr. João Baptista de Castro, 1.º vice-presidente, e declarou aberta a sessão.

E' lida e posta em discussao a acta da sessão 141ª de 25 de fevereiro.

O Sr. Bernacchi: pede a palavra para reclamar contra um lapso que notou na redacção da acta.

Quando o Dr. Aristides Cairo leu a exposição, contendo o plano de serviços da Fazenda Santa Monica, o orador, concordando plenamente com as opiniões expendidas pelo Director de Culturas, manifestou-se com toda a franqueza favoravel ao aproveitamento das *cozas*, já preparadas, em numero superior a mil; existentes na encosta do morro proximo á residencia da Fazenda, para o plantio do café; o havendo sido lembrado o alvitre de se encarregar um sub-gerente de cuidar do cafezal que se acha muito distante da sede da Fazenda, oppoz-se a essa medida que viria dividir o serviço do gerente, cuja responsabilidade deve caber a este unicamente.

Ningnem mais pedindo a palavra é encerrada a discussão da acta, e, em seguida, submettida á votação é approvada.

Passa-se a leitura, discussão e votação da acta da sessão 145ª do Directoria do 4 do março.

É approvada sem discussão.

EXPEDIENTE

Officio da Associação Commercial do Porto, Portugal, remettendo o « Relatório » dessa associação correspondente no anno de 1901. — Agradeça-se.

Officio do Consul Geral do Brazil no Havre, França, agradecendo a communicação sobre a eleição da Directoria e offerecendo os seus serviços á sociedade. — Agradeça-se.

Carta do Dr. Joaquim Ignacio Costa, da Bahia, referindo-se á organização da Sociedade Bahiana de Agricultura ao Comicio Agricola realizado na Capital daquelle Estado e ao Congresso Assuareiro.

Essa carta acompanhou uma circular do presidente da Sociedade Bahiana de Agricultura dirigida aos agricultores do Estado pedindo amostras do café, fumo, cacáo, assucar etc., para serem enviadas para as Republicas Argentina, do Chilo e do Uruguay. — Agradeça-se.

Officio da Camara Municipal de Palmeira dos Indios, Alagoas, agradecendo a communicação relativa á eleição da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

No mesmo sentido: officios das Camaras Municipaes de Mogy das Cruzes e Jaboticabal, Estado de S. Paulo. — Arquivo-se.

Officio da Directoria Central do Governo Municipal de Lagos, Estado de Santa Catharina, inserindo essa municipalidade no rol dos socios effectivos da Sociedade Nacional de Agricultura. — Agradeça-se.

Carta do Sr. Barão de S. Francisco ao Dr. Sergio de Carvalho, remettendo um exemplar do Regulamento Geral da Escola Agricola da Bahia de 1893:

— A' commissão dos Srs. Sergio de Carvalho, Fabio Leal e Venescláo Bello.

Officio do Club de Engenharia agradecendo a communicação referente á eleição da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura.

Officio do Club Calceiral do Livramento, Rio Grande do Sul, no mesmo sentido do precedente. — Arquivo-se.

Circular do Club Literario da Villa de Collares, Estado do Pará, pedindo as publicações da Sociedade. — Satisfaz-se.

Circular do Club Literario de Estancia, Estado de Sergipe, communicando o resultado da eleição de sua nova administração. — Agradeça-se.

Carta do Sr. A. A. Pereira da Fonseca em resposta a officio da Sociedade.

Memorandum do Sr. Olympio Esther, de Jaraguá, Alagoas, remettendo um caixote com diversas latas contendo amostras de a-sucar, offerecidas pela Sociedade de Agricultura Alagoana. — Agradeça-se.

Carta do Sr. Americo Silvestre, de Farias, de Capioba, Bahia, reclamando « A Lavoura », que não tem recebido. — Providencie-se.

Cartas do Sr. José A. Boltonel, agradecendo a participação relativa ao resultado da eleição da Directoria e remettendo uma amostra de trigo do Sr. Joaquim da Costa Sena, Estado de Santa Catharina. — Arquivo-se e agradeça-se.

Carta do Sr. Adolpho Lion Teixeira da Campanha, sobre amostras do vinho de sua fabricação que foram analysadas no Laboratorio Nacional de Analyses e outros assumptos. — Responda-se.

ORDEM DO DIA

O Sr. Sergio de Carvalho: reporta-se á carta do Sr. Dr. Joaquim Ignaelo Tosta, lida no expediente; e entrando em judiciosas considerações sobre os resultados praticos que advirão á propaganda da agricultura com a installação do conselho agrícola da Bahia e a creação da Sociedade Bahiana da Agricultura, termina pedindo que a Sociedade Nacional de Agricultura manifeste todo o seu apoio e solidariedade á nova associação que no Estado da Bahia ha de sempre pugnar pelos legitimos interesses daquelle departamento brasileiro.

O Sr. Aristides Castro: apresenta a conta dos salarios do encarregado da Fazenda Grande da Ponta; e torna a repetir mais uma vez o pedido já formulado para que a directoria diga sobre o caso dessa propriedade rural.

A directoria autoriza o pagamento; e, quanto á segunda parte, pede ao Dr. Castro aguarde solução.

O Sr. Jacy Monteiro: lembra que é preciso iniciar as experiencias com os tecidos impermeaveis trazidos á Sociedade pelo Sr. major Diniz Lagarde, como ficou combinado.

O Sr. Aristides Castro: declara que já se entendeu a esse respeito com o major Lagarde, explicando quaes as principais experiencias a que deveriam ser submettidos os saccos feitos com os referidos tecidos, o que convlidava mesmo S.S. a comparecer na sede da sociedade.

O Sr. João Baptista da Castro: precisamos remetter os alludidos saccos, devidamente cheios dos generos, para transporte dos quaes são feitos como o café, milho, farinha, etc, nos portos do norte e do sul do palz, devendo desses portos voltar aqui,—afim de ser então examinado o estado em que se achavam aquelles generos e estudadas as alterações que, por ventura, venham a soffrer.

Cã que eram essas experiencias principais que deviam ser feitas, como se combinou.

O Sr. Jacy Monteiro: essas eram as mais importantes e praticas; outras, porém, havia a fazer e para encetar-as devemos aguardar a presença do Sr. Diniz Lagarde ou de um representante de S. S.

O Sr. Jacobina: a respeito do assumpto communica que duas importantes casas importadoras desta praça estão, por experiencia, fazendo as remessas dos generos em saccos de tecido impermeavel do major Lagarde.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se em termos elogiosos aos Srs. Ignacio Tosta, Satyro Dias, Cornelio da Fonseca, José Duarte e outros representantes da Nação, cujos serviços á causa da agricultura não podem ser esquecidos; e lembra que, não tendo sido possível ir a directoria, como ficara combinado, visitar esses illustres conselheiros e recebê-los a bordo por occasião de sua volta dos Estados da Republica aos trabalhos do Congresso Federal—fosse a cada um envia-lo um cartao de felicitações e bons vindas.

E' approvada sem discussão e unanimemente essa indicação.

O Sr. Aristides Castro: julga conveniente que se apresse o convite ao Sr. ministro da Viação e congressistas para a visita a Fazenda da Santa Maria: dentro em breve tempo será feita a colheita dos cereaes; e após essa colheita perderá a oportunidade a visita á Fazenda.

O Sr. Augusto Bernacchi: traz ao conhecimento e deliberação da directoria da sociedade varios indicações e propostas que passa a expor:

Em primeiro lugar refere-se á noticia publicada pelos diarios desta Capital e relativa á petição que os pequenos lavradores do Districto Federal pretendem apresentar ao illustre prefeito Municipal, solicitando que lhes seja permitido vender, na praça General Osorio, pela manhã os productos de suas chacaras e hortas.

Em apoio; e ampliação desse pedido já o Congresso de Agricultura, em sua 79ª conclusão, manifestou a necessidade da multiplicação na Capital Federal e demais cidades da Republica, de praças livres ou feiras para a pequena lavoura, em que o agricultor possa vender a retalho os seus productos.

Não procede a falta de hygiene que nessas feiras se tem verificado, para impedir-as; a Municipalidade tem meios de fazer observar o maximo asseo nessas praças de venda de generos agrícolas.

Propõe, portanto, que a directoria da sociedade officie nesse sentido ao Sr. prefeito amparando a petição dos lavradores do Districto Federal (approvado).

Em segundo lugar, refere-se aos telegrammas de Buenos Aires de que a imprensa deu noticia, communicando que haveria sido feita a redução de 40 % do imposto sobre o café brasileiro e rebaixado o imposto sobre o fumo nacional; e propõe que por esse facto seja felicitado o Governo e o ministro brasileiro Dr. Cyró de Azevedo. (Approvado, aguardando a directoria a confirmação desses telegrammas).

Em terceiro lugar, propõe que a directoria da sociedade se manifeste com relação ao estado afflictivo em que se debatem os interesses agricolas da zona percorrida pela Estrada do Ferro União Itana e Sorocabana.

A directoria da Sociedade, lastimando os prejuizos que tem soffrido a referida zona cafeeira, conlla que o Governo providenciara no sentido de attornar e melhorar essa situação (approvado).

Em quarto lugar, lê a noticia do *Correio de Manhã*, de 29 de março, sob o titulo *Gado empastado*, e pede que a directoria da sociedade providencie a respeito no que lhe compete. (A directoria aguarda a confirmação dessa local).>

O Sr. Aristides Caire apresenta a seguinte informação sobre sua ultima visita à Fazenda Santa Monica:

«Visitei a Fazenda de Santa Monica a 22 do mez proximo passado. Devido ás continuas chuvas pouco serviço pôde effectuar-se.

Continúa a colheita do arroz e semeou-se um pouco de feijão do cor.

Está em concerto a banqueta, empregando-se calhas de madeira, onde não pôde ser reparado de outro modo.

Mandei preparar o terreno em frente ao sobrado para semear as sementes cedidas pela casa Hange & Schmidt.

Devido ás grandes chuvas desabou uma parte do muro do terreiro de pedra, que carece ser consertado.

Continúa a febre aphtosa no gado bovino, porém de caracter benigno e que tem facilmente cedido á medicação empregada, tendo se ranettido os medicamentos aconselhados para tal fim.

. . .

Sobre a Fazenda Grande da Penha tenho a dizer que o cidadão que estava encarregado de tomar conta, achando-se doente, pediu exoneração e sendo-lhe pago, retirou-se, ficando provisoriamente encarregado de tomar conta outro cidadão, antigo morador na fazenda.

Tivo noticia pelo Dr. Bello haver sido morto pelo trom da Estrada do Ferro do Norte um dos bois da fazenda e que foi autorizado o nosso consocio Dr. Bernardo do Figueiredo a encarregar alguém a aproveitar a carne, vendendo-a do que prestará conta.

E' encerrada a sessão. — Antonino Fialho. — João Baptista de Castro. — Domingos S. de Carvalho. — Augusto Bernacchi. — Alberto Jacobina. — Wencesláo Bello. Ph. Aristides Caire. — Sylvio Rangel. — Jens Sand. — João da Silva Gandra. — E. Jacy Monteiro.

Acta da 12.^a sessão, 129.^a de Directoria realizada em 8 de abril de 1902

PRESIDENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, 1.^o VICE-PRESIDENTE

No dia 8 de abril de 1902, ás 4 horas p. m., presentes os Srs. João Baptista de Castro, Wencesláo Bello, Aristides Caire, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jacy Monteiro, Augusto Bernacchi, Alberto Jacobina, João da Silva Gandra, Joaquim Ignacio Fosta, Moysés Montt, Antonio Tavares, Demétrio Schoueri e G. A. Henri, assumo a presidencia o Dr. João Baptista de Castro, 1.^o vice-presidente, e declara aberta a sessão.

E' lida e approvada sem discussão a acta da sessão de 11 de março.

A directoria resolve adiar a leitura do expediente para ulterior sessão.

ORDEM DO DIA

O Sr. Sergio de Carvalho: dá sinceros parabens á Sociedade Nacional de Agricultura, pela satisfação de ver honrando á sessão de directoria os illustres consocios Dr. Joaquim Ignacio Tosta e coronel João Antonio Tavora.

Recorda e enaltece os serviços prestados com sobeja dedicação ao Congresso de Agricultura por esses prestimosos companheiros, cuja presença, neste momento, no seio da sociedade deve ser justo motivo de jubilo para a directoria desta associação.

Termina, pedindo que se inseriva em acta um voto de congratulação pelo facto do comparecimento do Dr. Ignacio Tosta e do coronel Antonio Tavares á sessão de directoria da sociedade.

O Sr. Ignacio Tosta: agradece em seu nome e em nome dos agricultores do Estado de Bahia, as honrosas referencias e amistosias palavras do Dr. Sergio de Carvalho.

Comparece á sessão de directoria para communicaar pessoalmente animadoras noticias sobre o trabalho e resultados praticos da propaganda agricola em seu Estado Natal.

Obedecendo aos intuitos do Congresso de Agricultura, remiu na Bahia o Comicio Agricola, cuja installação levo a fortuna de ser coroada de pleno exito, com a presença do governador do Estado e demais autoridades, todos sollicitos em prestar o seu apoio á idéa.

Foram votadas 39 conclusões nesse comicio, de accordo com as resoluções do Congresso de Agricultura e affirmando toda a solidariedade á Sociedade Nacional de Agricultura.

Refero-se em seguida o orador á creação da Sociedade Bahiana de Agricultura, sua installação, organização, intuitos e meios de acção, refere-se ainda á elaboração dos estatutos dessa instituição, seus artigos capitaes etc., e termina congratulando-se com a Sociedade Nacional de Agricultura por mais esse passo dado, essa victoria, na realização dos desejos dos propagandistas da Agricultura no Brasil.

O Sr. Wencesláo Bello: pede a palavra para ampliar o discurso do Dr. Sergio de Carvalho: a presença do Dr. Joaquim Ignacio Tosta em sessão de directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, e as informações que S. S. acaba de fazer, devem ser recebidas como prova inconcussa de que a propaganda agricola em nossa paz é uma realidade!

Já se tom felto alguma coisa. O exemplo da Sociedade Bahiana de Agricultura é digno de ser luitado.

Dovemos dar a maior publicidade aos estatutos dessa nova associação que, nos termos em que expoz o Sr. Dr. Ignacio Tosta, poderá servir de norma ás demais associações congengeres.

O Sr. João Antonio Tavares: agradece as palavras do Dr. Sergio de Carvalho e referindo-se á sua missão junto ao Congresso de Agricultura, communica ter prestado conta dessa missão á Camara Municipal de Campos, da qual viera como representante, expondo succintamente os trabalhos effectuados no Congresso, suas deliberações, etc.

O Sr. Sergio de Carvalho: aproveita a occasião para apresentar o Sr. Moyses Montt, cidadão chileno que se tem dedicado á propaganda agricola.

O Sr. Presidente agradece o comparecimento dos illustres consocios e do Sr. Montt á sessao.

. . .

Entra em discussão a questão da conferencia sobre assucar, sua industria e commercio, que terá lugar em junho na Bahia.

E' approvada a prelliminar da nomeação de uma commissão promotora dessa conferencia; e o Sr. Presidente nomeia para esta commissão os seguintes Srs. Drs. Silva Mariz, deputado pela Parahyba, Cornelio da Fonseca, por Pernambuco, João Duarte, por Alagoas, senador Coelho e Campos, do Sergipo, conselheiro Sodrê Pereira e Ignacio Tosta, deputados pela Bahia, Manoel Galvão, Augusto Ramos, de S. Paulo, Antonino Flalho, Wencesláo Bello, Sergio de Carvalho e João Antonio Tavares.

Dão-se por communicados os presentes.

Em seguida o Sr. Presidente convida os membros da Directoria e socios presentes para irem em commissão no dia 10 communicar ao Sr. Ministro da Viação o que acaba de ser resolvido com relação á conferencia do assucar e ouvir S. Ex. a respeito do assumpto.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se á Isenção dos direitos de importação, lembrada pelo Congresso de Agricultura na sua 51ª conclusão votada, para as lampadas, candeleros e material empregado na iluminação ou produção de força motriz por meio do alcool.

O Sr. Ignacio Tosta: promette estudar o assumpto para de melhor modo ser presente ao Congresso.

O Sr. Sergio de Carvalho: apresenta uma communicação escripta do consocio Demotrio Schonori, contendo preciosas informações sobre a ameaça que aguarda a importação de café brasileiro nos portos da Turquia.

O Sr. Presidente nomeia uma commissão composta dos Srs. Sergio de Carvalho, Alberto Jacobina e Aristides Caíre, para dar parecer sobre o caso.

Procurando retirar-se, pedem dispensa de sua presença os Srs. Dr. Joaquim Ignacio Tosta e Coronel João Antonio Tavares.

O Sr. Jacy Monteiro: Informa á Directoria sobre a proxima exposição que deve ser effectuada em Petropolis, organizada pela Associação Agricola e Pastoral, á qual a sociedade deve prestar todo o apoio.

A Directoria resolve que se officio á referida Associação, offerecendo os servíçes da Sociedade e manifestando o testemunho de solidariedade e applauso á idéa da proxima exposição.

Em seguida o 1º Secretario transmite o pedido que teve a honra de receber do Sr. Campos da Paz, filho do Illustrado Vice-presidente da Sociedade, para que a Directoria envide os seus bons officios no sentido de serem vendidos a alguns Estados vinhateiros do paiz os exemplares que ainda restam do "Manual pratico do viticultor brasileiro" e que se acham depositados, por favor, em caixotes, no saguão da Repartição de Estatística.

A Directoria resolve satisfazer o pedido.

O Sr. Director de Culturas apresenta a seguinte communicação:

Sessão do 8 de abril de 1902.

No dia 3 do corrente fiz a visita á Fazenda Santa Monica. Pouco se fez durante a semana, alhã por causa das continuas chuvas e, demais, ser semana santa e fazorem feriado.

Terminou-se a malor parto da colheita de arroz. Isto é, o primeiro corte; falta pouco para se concluir a reparação da banqueta.

Encetou-se a colheita do milho. Já desapareceram completamente a febre aphtosa do gado bovino na fazenda.

Morreu de desastre a egua "Nivem", deixando dous productos — uma potranca de um anno e uma bestinha de mez e meio.

Mandei apressar o preparo do mechanismo de beneficiar o arroz.

Autorizei mandar serrar taboas e regoas para reparos necessarios na Fazenda.

Sala das sessões, 8 de abril de 1902. — Dr. Ph. Aristides Caíre.

Encerra-se a sessão ás 6 horas da tarde. — Antonino Pialho. — João Baptista de Castro. — Joaquim Ignacio Tosta. — Dr. Ph. Aristides Caíre. — Augusto Ramos. — Alberto Jacobina. — Domingos S. de Carvalho. — João da Silva Gandra. — E. Jacy Monteiro.

Acta da 172ª sessão — 130ª de Directoria de 13 de abril de 1902

PRESENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 15 de abril de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Wenceslão Bello, Aristides Calro, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jacy Monteiro, Augusto Bormacchi, Alberto Jacobina, João da Silva Gandra, conselheiro Dr. Carlos Leoncio de Carvalho e Sampaio Corrêa, abre a sessão o Dr. Antonino Fialho.

E' transferida a leitura do expediente.

ORDEM DO DIA

O Sr. Wenceslão Bello: apresenta um projecto de regimento interno discriminando os serviços dos diversos cargos da Directoria e dando outras providencias; e pede que o Sr. presidente inclua esse trabalho na ordem do dia de uma das proximas sessões para ser discutido.

(Adoptado).

O Sr. Aristides Calro: participa que por doente deixou de fazer a visita semanal á Fazenda de Santa Monica.

Póde entretanto informar que ja se encelon a colheita do milho e que a machina de beneficiar arroz foi consertada e está dando melhor producto.

A' pergunta feita pelo Dr. Wenceslão Bello responde que não obstante os convites nem um lavrador foi visitar a Fazenda.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se á lei n. 508, de 14 de dezembro de 1901, promulgada pelo presidente do Estado do Rio de Janeiro sobre premios para o assucar; e, depois de varias considerações, propoe, o que é approvedo, que se offele ao Sr. general Quintino Bocayuva, presidente daquelle Estado, felleitando S. Ex. por esse acto.

O Sr. Wenceslão Bello: propoe e é approvedo, que se nomeie uma commissão para promover em todo o paiz uma campanha contra os impostos inter-estaduaes.

O Sr. presidente nomeia para essa commissão os Srs. conselheiro Leoncio da Carvalho, Sampaio Corrêa, Sergio de Carvalho e Wenceslão Bello, que aceitam e agradecem a nomeação.

O Sr. Augusto Bormacchi: refere-se ao facto da adulteração de alguns generos de produçáo nacional, a mantenga por exemplo, não aproveitando por consequente de modo algum ao consumidor a elevada tariffação, quasi prohibitiva, de generos similares estrangeiros estabelecida no intuito de fazer progredir a industria do paiz.

Os Srs. Jacy Monteiro e Aristides Calro: adulteração feita pelo vendedor a retalho, pelo fabricante, não.

O Sr. Sergio de Carvalho: trata da questão das farifas do assucar na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Os Srs. conselheiro Leoncio de Carvalho e Sampaio Corrêa agradecem a sua nomeação para o conselho superior da Agricultura.

E encerra-se a sessão. — Antonino Fialho. — João Baptista de Castro. — João da Silva Gandra. — Jens Sand. — Domingos S. de Carvalho. — Alberto Jacobina. — Aristides Calro. — Augusto Ramos. — Emmanuel Couret. — Geraldo Martins. — E. Jacy Monteiro.

Acta da 173ª sessão — de Directoria 131ª, de 22 de abril de 1902

PRESENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 22 de abril de 1902, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Wenceslão Bello, Aristides Calro, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jacy Monteiro, Augusto Bormacchi e João da Silva Gandra, é aberta a sessão.

E' lida e approveda a acta da sessão 147ª, do 25 de março.

São aceites como socios effectivos os Srs. Dr. José Cesarão de Miranda Ribeiro, residente em Niteroy e o Dr. José Couto, residente em Barbacena.

E' lida e despachado o seguinte expediente:

Carta do Dr. Alfredo Maia accusando o offello de 19 de março do corrente anno.

Offello da Commissão do Culto Civico Glorificação de Tiradentes convidando á directoria a assistir as festas de 21 de abril.

Offello do Governo do Estado do Piauy accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Offello da secretario da Sociedade Perseverança e Auxilio dos Emprogados no Commercio de Macelô accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Offello do secretario do Governo Executivo Municipal de São Miguel de Guanhães, Estado de Minas Geraes, accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Offello do presidente da Camara Municipal de Sant'Anna dos Ferros, Estado de Minas Geraes, accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Offello da directoria da grande Associação Beneficente do Senhoras em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Offello do presidente da Camara Municipal de Sousa, Estado da Parahyba, inserendo-se como socio, e pedindo diversas sementes.

Offello do presidente da Camara Municipal da cidade de Condeôba, Estado da Bahia, inserendo-se como socio.

Offello do presidente da Camara Municipal de Thomazina, Estado do Paraná, inserendo-se como socio e accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Offello do presidente da Associação Commercial do Amazonas, em Manaus, participando a eleição da nova directoria.

Offello do presidente da Sociedade Bahiana de Agricultura na cidade da Bahia, participando a instalação dessa Associação e a eleição da respectiva directoria.

* Carta do secretario da Sociedade Bahiana de Agricultura, na cidade da Bahia, remetendo um diploma.

Carta do Dr. Paulino Resendo declarando aceitar o logar de membro do Conselho Superior.

Offellos dos Drs. Bernardo José de Figueiredo e A. de Paula Rodrigues Alves declarando aceitar o logar de membro do Conselho Superior.

Carta do Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva remetendo 500 exemplares de erratas, para serem adicionadas em sua memoria sobre a « Herva Matte ».

Carta de Alfredo Osorio de Corqueira pedindo a remessa de sementes.

Carta de Alberto F. Rodrigues pedindo numeros d' *A Lavoura*.

Carta de E. Couret, de Campos, declarando que só no fim de maio poderá enviar as amostras de assucar e alcool. Cartão de J. C. Rodrigues, agradecendo.

Cartas do Dr. Augusto Ramos, de S. Paulo, fazendo varios considerandos sobre a conferencia assucareira que se tem de realizar na cidade da Bahia, em 25 de Junho proximo futuro.

ORDEM DO DIA

O Sr. Sergio de Carvalho: volta a tratar da questão das tarifas, via Estrada do Ferro Central; propõe que a Directoria da Sociedade solicite do Ministerio da Vição seja modificada a tarifa estabelecida para o assucar transportado desta capital por aquella ferro-via.

Refero-se em seguida á industria de lacticinios nos Estados de Minas Geraes e Rio de Janeiro e á vantagem que adviria á industria se fosse admittido o transporte de leite e de manteiga pelos trens nocturnos da Central, conformo a Directoria da Sociedade expõe ao Sr. Ministro da Vição.

O Sr. Aristides Calre, Director de Culturas, traz a seguinte communicação:

Sessão de 22 de abril de 1902.

Visitel a fazenda de Santa Monica, a 19 do corrente.

Durante a semana, de 14 a 19 effectuaram-se os seguintes trabalhos:

Concluíram-se os reparos da banquetta; beneficiou-se arroz; ceifou-se parte do campo n. 4 com a ceifadeira globo que tem funcionado muito bem.

Está-se procedendo ao preparo do terreno (antigo jardim) para viveiro e sementeira, tendo custado um pouco, visto procurar-se diminuir senão extirpar toda a tirica.

Fez-se a limpoza da horta e pomar em parte.

Fizeram-se reparos na cerca do curral. Em consequencia da seca de 15 dias, suspendeu-se a lavoura ha pouca oncotada, visto achar-se o terreno muito compacto e não render o serviço.

A seca já vai causando damno aos feijoaos.

Já chegaram á fazenda a machina do matar formiga concertada, e o quobra-dor de sabigo.

Sala das sessoes, 22 de abril de 1902. — Dr. *Ph. Aristides Caíre*.

Tendo de se retirar alguns membros da Directoria, o Sr. Presidente encerra a sessão. — *Antonio Pinho*. — *Wenceslao Bello*. — *Aristides Caíre*. — *João da Silva Gandra*. — *Jens Sand*. — *Domingos S. de Carvalho*. — *Augusto Ramos*. — *Immanuel Couret*. — *Geraldo Martins*. — *Alberto Jacobina*. — *R. Jacy Monteiro*.

Acta da 123ª sessão - 152ª da Directoria, em 29 de abril de 1902

PRESIDENCIA DO SR. DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, 1º VICE-PRESIDENTE

No dia 29 de abril de 1902, ás 3 1/2 horas da tarde, na sede desta Sociedade, presentes os Srs. Domingos Sergio de Carvalho, Aristides Caíre, Alberto Jacobina, Antonio Carlos Simões da Silva, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Vaz Pinto e Augusto Bernacchi, abre a sessão o Sr. Dr. João Baptista de Castro.

E' transferida a leitura da acta.

E' lido e despachado o seguinte expediente :

Officio do Ministro da Viação sobre a conservação das aguas da Fazenda de Santa Monica, que abastecem a povoação do Desengano.

Officio do director da seccção de Industria do Ministerio da Industria e Viação, perguntando se a Sociedade pôde dar execução a um pedido de sementes feito pelo chefe da commissão de Ajuda e Irrigação do Quixadá.

Carta da Directoria da Escola Agricola em Assumpção, Paraguay, enviando diversas publicações.

Carta do Encarregado de Negocios do Brasil em Washington, Estados Unidos da America do Norte, participando ter embarcado no vapor *Tennison*, dous volumes com plantas para a Sociedade (mudas de agave sisalana).

Carta do Consil do Brasil em Nova-York, juntando conhecimento d'esses dous volumes.

Carta do thesoureiro da Sociedade Brasileira para Animação da Criação o Agricultura, em Paris, agradecendo a remessa da *A Lavoura*.

Officio do Presidente da Camara Municipal de Macajuba, Estado da Pará, inscrevendo-se como socio.

Officios do Presidente do Estado do Maranhão, do Conselho Municipal da Villa da Princesa, Estado da Parahyba, do Conselho Municipal do Itaporanga, Estado de Sergipe, accusando recebimento da circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Officio do presidente do Conselho Municipal da cidade de Alagoas, Estado de Alagoas, inscrevendo essa municipalidade como associado.

Officio do Presidente do Conselho Municipal da cidade do Remano, Estado da Bahia, inserovendo essa municipalidade como associada e pedindo diversas seccções.

Officio do Presidente do Conselho Municipal da Villa de Ubuaranas, Estado da Bahia, accusando recebimento da circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Officio do Presidente da Camara Municipal de Araras, Estado de S. Paulo, pedindo inscrever essa municipalidade como associado.

Officio do Presidente do Conselho Municipal da Villa S. Joaquim da Costa Serra, Estado de Santa Catharina, accusando recebimento da circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Officio do Presidente da Intendencia Municipal da cidade de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, accusando recebimento do officio da Directoria da Sociedade, de n. 1936, de 28 de fevereiro do corrente anno.

Officio do Presidente da Camara Municipal da Villa da Pedra Branca, Estado de Minas, pedindo inserir essa municipalidade como associada.

Officio do Presidente da Camara Municipal da Villa da Januaria, Estado de Minas, enviando a quantia de cinquenta mil réis correspondente á annuidade do corrente anno e pedindo para inserir essa municipalidade como associada.

Officio do Director do Gynnasio Plimmense, em Petrópolis, pedindo a remessa da *A Lavoura*.

Officio do Francisco Izidoro Rodrigues da Costa, representante do serviço de propagação da Sociedade Alagoana, em Macalé, accusando o recebimento de sementes.

Circular do Dr. Francisco Portella, participando a fundação da Sociedade Brasileira Exportadora do Café.

Carta do Secretario do Club Commercial Liferario e Recreativo em Estancia, Estado da Sergipe, accusando recebimento da circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Carta da Gerencia da Companhia Agricola de Julz de Fóra, pedindo sementes.

Carta do Secretario do Club Catharinense, nesta Capital, pedindo sementes.

Circular do Director da Bibliotheca do Gynnasio Paralyba, no Estado da Paralyba, pedindo a remessa da *A Lavoura*.

Carta do Dr. Joaquim Ignacio Costa, declarando aceitar o lugar de membro do conselho superior.

Officio do Joao de Carvalho Borges Junior, de Valença, declarando aceitar o lugar de membro do conselho superior.

Carta de A. Honant, desta Capital, acerca de alguns instrumentos agricolas.

Officio do Manoel Galvão accusando o recebimento de sua nomeação como socio effectivo e membro da commissão promotora da Conferencia Asuceareira.

Carta do José Marcondes Ferraz, do Ceará, pedindo sementes.

Carta de Clara Damer, da cidade de Blumenau, Estado de Santa Catharina, fazendo communiqueações sobre o plantio de batata.

Carta de Aldeas Xavier de Gouveia, pedindo a remessa do diploma.

Carta do Alfredo Osorio de Corqueira, secretario do Club Agricola de Barreiros, em Pernambuco, sobre a remessa de sementes.

Carta do Antonio Carneiro Junior, reclamando a remessa da *A Lavoura*.

Carta do Jens Sand & C., desta Capital, offerecendo um catalogo de plantas, encadernado, da casa Haage, Schmidt & C., de Erfurt.

Telegramma do coronel José Antonio Lavras de Campos, declarando não poder comparecer á sessão da Conferencia Asuceareira.

Carta do Dr. Bernardo José da Figueirolo, remetendo a quantia de cinquenta e um mil réis, do que produz o boi morto pelo trem da linha da Estrada de Ferro do Norte, pertencente á fazenda da « Penha ».

Carta de Antonio José Maria Mommert, pedindo informações sobre adubos chimicos, a quantidade a empregar-se para diversas plantações, etc.

Carta do Joao Baptista Lopes e José Soares Pereira Junior, pedindo á Directoria da Sociedade para lhes informar se já existe credito aberto pelo Ministerio da Industria para frete e seguro de annuaes de raça.

ORDEM DO DIA

O Sr. Sergio de Carvalho : diz que acaba de ser lido no expediente, o officio do Sr. Director Geral da Directoria da Industria do Ministerio da Industria e Viação perguntando se a Sociedade pôde fornecer sementes de salla e de sója á Commissão de Agude e Irrigação do Quixadá ; e de surprehender que a Sociedade tenha envidado esforços no sentido de serem consignadas no orçamento deste anno varias medidas em beneficio da agricultura do paiz e não se tenha empenhado em promover os meios de tornar effectivas essas medidas, deixando de requisitar a abertura dos respectivos credits, abandonando essas idéas.

Assim é que a verba de cem contos para a aquisição e distribuição de sementes, assim como, para passagens e seguro de annuaes de raça e reproductores, acha-se até agora intacta e inactiva e a Sociedade não obteve ainda do Ministro da Industria e Viação a abertura desse credito em parte ou no total.

Aprovada a occasião em que está com a palavra para referir outro facto que val ficando no esquecimento : resolve a Directoria da Sociedade nomear o seu representante junto á Companhia Asuceareira e organizar as respectivas instrucções

para esse representante, sobre as quaes tem de ser elle ouvido. Os dias entretanto estão se passando sem que se dê cumprimento a essas resoluções.

O Sr. Alberto Jacobina: lembra igualmente, entre outras questões de urgente resolução ultimamente proteladas, as que dizem respeito á Fazenda Santa Monica, cujas condições de administração dependentes do regulamento da Sociedade, ainda não dissenido nem approvedo, se ham-se indeterminados.

O Sr. Presidente: não se pôde accusar a Directoria de haver abandonado ou propositadamente demorado a solução dessas questões. Somos poucos aqui a trabalhar, onze pessoas somente, algumas das quaes com muitos afazeres extranhos; e de dia para dia augmenta o numero de serviços que pesam sobre os nossos hombros.

Não nos podemos multiplicar e fazer mais do que estamos fazendo.

Pensa entretanto que por isso mesmo é forçoso se adoptar um methodo para o andamento dos trabalhos da Directoria da Sociedade.

O Sr. Augusto Bernacchi: referio-se ao Congresso de Agricultura e pede informações sobre as despesas feitas com a organização desse certamen: se já se acham todas pagas, o que falta pagar, como e quando serão publicados os respectivos annuos e parados por todos.

O Sr. presidente: Informa que todas as despesas feitas constam dos respectivos livros de escripturação e que todas as contas, quer as que já estão pagas quer as que ainda não o são, foram devidamente estimpilhadas e postas em ordem, remetidas ao Sr. Ministro de Carvalho, pedindo a todo o tempo ser examinadas.

O Sr. Sergio de Carvalho: já o disse uma vez e repete que está terminada a sua missão de secretario do Congresso de Agricultura. Não obstante a deliberação da directoria sobre o assumpto determinando que a Comissão Executiva do Congresso competia ultimar os respectivos trabalhos até a publicação dos Annuos, ratifica esse seu proposito, como declaram na sessão de 13 de fevereiro.

O Sr. Jacy Monteiro: V. Ex. não pode destruir resolução tomada pela directoria da sociedade; a directoria da sociedade continúa portanto certa de que V. Ex. não abandonará a ultimação dos trabalhos do Congresso de Agricultura.

O Sr. Augusto Bernacchi: voltando a tratar de questões attinentes á Fazenda de Santa Monica, lembra a necessidade de se pedir ao Congresso Nacional o credito necessario para o desenvolvimento das culturas nessa Fazenda, visto ter lleado tão reduzido o capital depositado no Banco da Republica com a crise ultimamente havida.

O Sr. Alberto Jacobina: ha falar tambem sobre o assumpto; pede entretanto que seja adiada a discussão para a proxima sessão, desde que se trata de questões da maxima importancia e se acha adiantada a hora.

E' approvedo o pedido.

O Sr. Joao da Silva Gandra: propõe que se officio ao director do Instituto Agromonico do Estado de S. Paulo, em Campinas, pedindo alguns exemplares dos folhetos do mesmo Instituto, que tratam da questão da estruturação dos cafezeiros, a fim de poder a sociedade satisfazer os pedidos que nesse sentido tem recebido.

E' approveda a proposta.

Sendo a hora bastante adelantada, encerra-se a sessão.

João Baptista de Castro. — João da Silva Gandra. — Dr. Aristides Cairo. — Alberto Jacobina. — Augusto Bernacchi. — Domingos Sergio de Carvalho. — E. Jacy Monteiro.

Acta da 176ª sessão — 133ª do Directoria de 6 de maio de 1902

PRESENCIA DO SR. ANTONINO FIALHO

No dia 6 de maio de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., na sede da sociedade, presentes os Srs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Joao da Silva Gandra, Alberto Jacobina, Sylvio Rangel, Jens Sand, Aristides Cairo, Augusto Bernacchi, Wenceslão Bello, Domingos Sergio de Carvalho e Jacy Monteiro é aberta a sessão pelo Dr. Antonino Fialho.

E' lida e approveda a acta da 148ª sessão do directoria, realizada em 1 de abril do corrente anno.

E' transferida a leitura do expediente para ulterior sessão.

ORDEM DO DIA

Entrou em discussão e é em seguida approvedo o regulamento da directoria da sociedade de accordo com o parecer da respectiva commissão.

O Sr. presidente: consulta a directoria sobre a escolha do representante da sociedade na Conferencia Assucareira da Bahia. Julga que acertada sera a escolha e Indicação do Dr. Augusto Ramos, professor da Escola Polytechnica de S. Paulo e que tño bons serviços prestau ao Congresso de Agricultura, dissentindo com sobeja proferencia os assumptos referentos á Industria do assucar.

Sendo recebida essa Indicação com applauso e sem contestação alguma, o Sr. presidente resolve nomear, em nome da directoria o Dr. Augusto Ramos, representante da Sociedade Nacional de Agricultura junto a Conferencia Assucareira a realizar-se brevemente na Bahia, o que é approvedo unanimemente.

O Sr. Bernacchi: voltando a tratar do assumpto cuja discussão Inletou na ultima sessão, justifica uma proposta, que apresenta, no sentido de se pedir ao Congresso o auxilio necessario ao desenvolvimento da Fazenda de Santa Monica.

Dissentida essa proposta pelos Srs. Antouino Fialho, Aristides Cairo, Ferrelra Jacobina e Wenceslão Bello, propõe este ultimo director, o é approvedo, que seja nomeada uma commissão á qual seja remettida a proposta do Dr. Augusto Bernacchi, a fim de apresentar um projecto, devidamente documentado e ampliado para ser levado ao conhecimento e deliberação do Poder Legislativo.

O Sr. presidente nomela para formarem essa commissão os Srs. Wenceslão Bello, Aristides Cairo e João Baptista de Castro.

O Sr. Sylvio Rungel: uma vez que se estão dissentindo assumptos relativos á Fazenda de Santa Monica, pede a palavra para Intervir na discussão.

Como já foi dito, pensa tambem que é preciso justificar documentadamente o fazer acompanhar de uma exposição detallhada com discriminção das despesas feitas e por fazer, qualquer pedido de credito para a Fazenda de Santa Monica.

Os relatorios até agora publicados sobre os trabalhos executados e resultados obtidos nessa Fazenda não são animadores.

É preciso que se culdo dos cafezaes e da criação.

O Sr. Aristides Cairo: apenas foi publicado o relatorio do primeiro anno e esse anno consumiu-se em trabalhos de desbravamento, pode-se dizer.

Falta publicar o segundo relatorio que mostrará alguma coisa de novo feita com relação aos cofres; é preciso notar que se acham elles muito distantes do centro da Fazenda.

Foi iniciada a limpa de alguns desses cafezaes e abriram-se mil e tantas covas para novas plantações em pastos velhos, proximos a Fazenda.

O Sr. Silva Gaudra: communica que o Sr. Coronel Dr. Alfonso Faustino possui em sua propriedade em Santa Rosa, Nitheroy, uma variedade de cacão de frutos vermelhos, pouco communs.

Pedin alguns frutos dessa variedade para trazol-os ao conhecimento da directoria o que espera realizar brevemente.

Indica que se officie ao Dr. Faustino, pedindo alguns frutos dessa variedade de cacão.

O presidente agradece.

O Sr. Sergio de Carvalho: propõe que seja nomeada uma commissão para formular as instrucções que devem ser dadas ao representante da sociedade na Conferencia Assucareira, desde que já se fez a nomeação do nosso representante.

São nomeados para essa commissão os Srs. Antouino Fialho, Wenceslão Bello e Sergio de Carvalho.

O Sr. Wenceslão Bello: apresenta um carta, que lê, dirigida pelo Dr. Rossi, do Blumonau, Santa Catharina, ao Sr. Jens Sand sobre interessante assumpto de entomologia agricola.

A directoria resolve que se officie ao Sr. Dr. Rossi pedindo completar as suas informações e remetter especimens dos insectos nocivos a que se refere a alludida carta.

O Sr. Aristides Cairo lê a communicação sobre a sua visita á Fazenda de Santa Monica: « no dia 3 p.p., fui á Santa Monica. Continuum os mesmos serviços: colheita do arroz de sóca; beneficiamento do arroz.

Terminou-se a colheita de milho e encetou-se a de feijão.

Proceden-se a roçado para facillitar a lavra em lugares onde não pôde ser effectuado com a colfadeira.

Continúa paulatinamente a lavoura de outonno, não podendo fazer-se mais, vista o estado do gado, sendo que alguns que soffreram mais da fôbre aphtosa ainda não podem trabalhar.

De accordo com o presidente, preparou-se um terreno para semear um pouco de trigo; precisa-se de sementes.

Ainda continúa o serviço de carpinteiro nos reparos do curral.

Pequenos amanhos no pomar.

Continúa-se a atacar ás formigas saivas.

Estão em consertos os dous molinhos de fubá, que devem deixar resultado.

Não funcionando regularmente a machinica de beneficiar arroz do Sr. Xavier, acho conveniente convidar o autor a ir mais uma vez consertá-la ou substituir por outra que funcione bem.

As despesas do mez p. p., foram maiores do que a dos outros mezes, visto ter de se fazer as colheitas que não podem ser adladas.

O Sr. 1.º secretario: traz ao conhecimento da directoria a agradável noticia da proxima realização da « Festa das Arvores », que terá lugar, pela primeira vez, em nosso palz, na cidade de Araras no Estado de S. Paulo, pela iniciativa do digno Inspector do 2.º Districto Agronomico desse Estado, o Sr. Dr. João Pedro Cardoso, o propõe, o que é approvedo, que a esse Inspector sejam enviadas entuslasticas felicitações por aquelle facto.

Encerrou-se a sessão.

João Baptista da Castro. — Aristides Cairo. — Alberto Jacobina. — João da Silva Gandra. — Augusto Bernacchi. — Domingos S. de Carvalho. — E. Jaey Monteiro.

Acta da 12.ª sessão, 13.ª de Directoria em 14 de maio de 1902

PREZIDENCIA DO SR. DR. ANTONINO FIALHO

No dia 14 do maio de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., na séde da sociedade, presentes os Srs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Joaquim Ignacio Tosta, Augusto Bernacchi, Phelipe Aristides Cairo, Augusto Ramos, Domingos Sergio de Carvalho, Alberto Jacobina, Gandra e Jaey Monteiro, é aberta a sessão pelo Dr. Antonino Fialho.

E' lido e despachado o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Ministro do Paraguay, accusando o da Directoria de n. 2.042, de 6 do corrente (arquivo-se).

Officio do ministro da Viação, declarando que o café embarcado para Europa a ordem do Dr. Demetrio Ribeiro, é livre de todos os impostos (selente).

Officio do Presidente do Estado do Rio de Janeiro, declarando não poder mandar representante á Conferencia assucareira, que se deve realizar em 25 de junho p. f. na Capital da Bahia.

Officio do Secretario do Governo do Estado de S. Paulo, declarando que se fará representar na Conferencia Assucareira que se deve realizar na Capital da Bahia, em 25 de junho p. f. (selente).

Officio do Director Geral do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, enviando copia do officio do Consul Brasileiro em Montevldéo, acerca da conveniencia de estabelecer na exportação dos productos do Brasil mareas indeleveis, assim como já o pratica a Republica Oriental.

Envia mais um exemplar n. 6, de 31 de março de 1902 da *Revista de la Asociación Rural del Uruguay* que em um dos seus artigos trata do carbunculo nos couros do Rio da Prata (selente, agradeça-se).

Officios dos Presidentes das Camaras Municipaes de Aratuhypo, Estado da Bahia, Villa S. João do Triunpho, Estado do Paraná, da Labrea-Estado do Amazonas, accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno (arquivo-se).

Officio do Presidente da Camara Municipal do Catolé do Rocha, Estado da Parahyba, inscrevendo-se com socio (agradeça-se).

Officio do Gerente da Sociedade Auxiliadora da Agricultura do Pernambuco, enviando dois exemplares de Jornal do Recife em que se acha publicando o «manifesto á lavoura» (á comissáo promotora da Conferencia Assucareira).

Officio do Presidente da Associação dos Agricultores do Municipio do Valença, Estado do Rio de Janeiro, fazendo diversos considerandos sobre a creação de cooperativas agricolas e pedindo o auxilio da Sociedade Nacional de Agricultura junto ao Governo, para o estabelecimento de leis adequadas a essas instituições.

Officio do Manoel Galvão, juntando uma carta do Dr. Augusto Ramos sobre a Conferencia Assucareira (selente).

Officio do Secretario do Club Agricola do Alto Imbé, em Santa Maria Magdalena, Estado do Rio de Janeiro, recusando a remessa de sementes e facilitando a sociedade pela franca attitude que tem tomado em prol da industria assucareira (arquivo-se).

Officio do Director de propaganda da Sociedade de Agricultura Alagoana em Maceió, Estado de Alagoas, accusando a remessa d'A *Lavoura* e diversos folhetos (arquivo-se).

Proposta de Manoel Heleno Rodrigues dos Santos Junior para coordenar e imprimir os annuaes do Congresso de Agricultura (á comissáo executiva do Congresso).

Carta de José Theophilo Carneiro sobre a traducção que tem quasi prompta do livro *Guia do planteur de Canica* por N. Bassot (responda-se).

Carta do Coronel João Antonio Tavares, enviando a relação dos fazendeiros de canna e assucar do municipio de Campos, Estado do Rio de Janeiro (á comissáo assucareira).

Carta do Dr. Antonio Marques da Silva Mariz, deputado pela Parahyba do Norte, enviando uma lista dos lavradores de canna de açúcar (á comissáo assucareira).

Carta do Dr. Joaquim Ignacio Tosta, deputado pela Bahia, enviando uma lista dos fazendeiros de canna de assucar em Iguaçu e Cachoeira, no Estado da Bahia (á comissáo assucareira).

Carta de A. Blanchini & Irições, de Novo Trezeiro, Estado de Santa Catharina, accusando o recolhimento d'A *Lavoura* e fazendo diversos considerandos sobre a agricultura nesse Estado (agradeça-se).

Carta do Thesouroiro da Camara Municipal de Araras, Estado de S. Paulo, enviando a quantia de 50\$000, annullado do corrente anno (agradeça-se).

Carta de Avelino Novães Teixeira, da Fazenda de Salto Grande, Estação Joaquim Egydio, ramal ferreo campineiro Campinas, Estado de S. Paulo, participando que em breve fará inauguração dos novos machismos para o fabrico da farinha de mandioca, e pede a Sociedade do responder a elleo que nos que formula sobre o cultivo dessa planta (responda-se).

Carta do Seraphim Juliano, de Mogo, Iquitos, Republica do Perú, pedindo a remessa d'A *Lavoura*, que em breve fará uma remessa de uma collecção completa do Boletim de Agricultura editada em Lima no anno de 1901, a qual offerece á Bibliotheca da Sociedade (agradeça-se).

Carta do Coronel João Antonio Tavares, de Campos, Estado do Rio de Janeiro, accusando a circular de 23 do mez passado sobre a conferencia assucareira (arquivo-se).

Carta do A. J. Balleceros, de Buenos Aires, pedindo a remessa d'A *Lavoura* e de outras publicações (satisfaça-se).

Circular da Directoria do Centro Italiano, cidade de Itabora, Minas Geraes, pedindo remessa d'A *Lavoura* (satisfaça-se).

Circular do Centro de Sciencias, Letras e Artes em Campinas, em S. Paulo, pedindo a remessa d'A *Lavoura* (satisfaça-se).

Circular do Secretario do Club Recreativo dos Artistas em Amargosa, Estado da Bahia, participando a eleição da nova Directoria (agradeça-se).

O Sr. Aristides Calre, lê a communicação relativa a sua visita á Fazenda de Santa Monica: A 10 do corrente fiz a visita semanal. Não chover durante toda a semana, estando o terreno proprio para a lavra, que está sendo effectuada no campo n. 3. Está-se destacando um terreno em um morro para ser lavrado logo que chova.

Está prompto o terreno para semear o trigo, regulando nos 14 a 18 ares, que será brevemente medido; esperam-se só as sementes.

Continúa a extirpar tíflica no terreno para sementeira em frente a casa. Tem estudado muito, tanto que se tem fupeto de suspender o serviço, se não fosse o que já está feito e ser em frente á casa, muito á vista, e que causaria má impressão nos visitantes.

Fizeram-se mais pequenos serviços.

A respeito do offleto do Sr. Antonio Candido Rodrigues, communico o Dr. Augusto Ramos que o Governo do Estado do S. Paulo, tendo pedido ao Centro da Lavoura e Commercio desse Estado para indicar uma pessoa que pudesse ser o representante do Estado na Conferencia Assucareira, essa associação o indicou e essa indicação foi accolta pelo Governo.

Sobre o offleto da Associação dos Agricultores de Valença resolve a Directoria enviar ao Congresso uma cópia desse offleto acompanhada de uma mensagem da Sociedade.

Sobre a carta do Sr. Avefino Teixeira, lembra o Dr. Sergio de Carvalho a traducção que fez, e que se acha publicada na *A Lavoura* de um trabalho do Dr. Berton, do Paraguay acerca da cultura da mandioca.

O Dr. Sergio de Carvalho: quisera que continuasse a presente sessão somente para as manifestações de congratulações e alegria com que pretende saudar ao Dr. Augusto Ramos; duas notellas, porém, que tem de transmittir á Directoria impedem que assim seja: falleceu ha dias um irmão do estimado consocio Carlos Moreira e a Patria Brasileira está de lucto com a horrivel catastrophe que aniquillou para sempre o illustre aeronauta Augusto Severo.

Propõe que se lancem em acta votos de pesar por esse duplo facto.

O Sr. Presidente: interpreta o sentimento da Directoria, dando por approvada a proposta do Dr. Sergio de Carvalho e determina ao Sr. Secretario que nesse sentido offleto ao Sr. Carlos Moreira e ao Sr. Santos Pedro Velho, assim como ao Governador do Estado do Rio Grande do Norte.

Anunciou-se em seguida a entrada da Ordem do dia, Conferencia Assucareira.

O Sr. Presidente: declara que continúa em discussão o programma referente a essa conferencia.

O Dr. Sergio de Carvalho: refere-se em termos elogiosos ao Dr. Augusto Ramos, cuja presença á sessão da Directoria é mais uma prova de seu amor á causa da agricultura e do progresso do paiz e do sua eslima á esta Sociedade, o que muito nos penhora.

O Sr. Presidente: reforça sobretudo as palavras do Dr. Sergio de Carvalho, e, congratulando-se com os seus companheiros da Directoria, agradece ao Dr. Augusto Ramos o ter accedido ao convite para ser o Representante da Sociedade na Conferencia Assucareira e o interesse que tem manifestado em acompanhar a Sociedade Nacional de Agricultura prestando á mesma relevantes serviços.

O Sr. Augusto Ramos: sente-se desvanecido deante das palavras que acabi de ouvir e da manifestação de sympathia de que é alvo por parte da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura. Agradece de todo o coração aos seus companheiros de propaganda agricola em cuja lucta o encontrarão sempre a postos.

O Sr. Alberto Jacobina: lembrando-se presente o Dr. Augusto Ramos que representará a Sociedade na Conferencia Assucareira, e demorando-se esse illustre consocio poucos dias no Rio, recela que não haja tempo para se bem discutido o estudado deante do seu representante o plano de instrucções que a Directoria da Sociedade organizou para ser apresentado e defendido naquella conferencia, pelo por isso urgencia para a discussão das mesmas instrucções.

Não pôde occultar o recio que nutre, dovendo o Dr. Augusto Ramos comparecer a referida reunião como representante tambem do governo do Estado de São Paulo e da Escola Polytechnica da Capital desse Estado, de que se veja muitas vezes S. S. embaraçado na defesa dos interesses dessas tres representações, pelas differenças do ponto de vista em que cada uma possa encetar a conferencia.

Basta citar a respeito um exemplo: a extincção dos impostos Inter-estadnaes é questão feclida e capital para a Sociedade Nacional de Agricultura — pensará do mesmo modo o governo do Estado de S. Paulo?

Uma vez que á Sociedade cabe a prioridade do convite para seu representante ao Dr. Augusto Ramos, como elle proprio o declara e já que é inevitavel que S. S. accubulo e sas tres representações, de cjaria ter certeza de que o programma da Sociedade será sempre preferido em caso de antagonismo.

O Sr. Augusto Ramos: tem cogitado mais de uma vez nessa situação, nesse antagonismo a que acaba de se referir o Sr. Ferreira Jacobina. Julgo por isso mesmo que o assumpto deve ser discutido já.

Deixa á Directoria da Sociedade decidir sobre o programma a seu representante a que deve obedecer e ao qual nunca prejudicarão as outras incumbências que leve para a Bahia.

Em seguida é discutido o programma de Instruções para o representante da Sociedade na Conferencia Assucareira, e redigido nos seguintes termos e approved, sendo ao mesmo representante entregue uma cópia dessas Instruções:

« A Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, de accordo com a commissão promotora da Conferencia Assucareira, convocada para 25 de junho do corrente anno, na capital do Estado da Bahia, indica as seguintes medidas para serem apresentadas áquella conferencia por seu representante, Dr. Augusto Ramos, que as approva e promette defendel-as.

Medidas de resistencia actual

1.^a Empréstimo por parte do Governo da União:

a) mediante garantia de mercaderia, assucar ou alcool, em deposito, devendo ser feita a restituição das quantias adeantadas á medida que as mercaderias forem vendidas e retiradas do deposito;

b) mediante responsabilidade solidaria illimitada de pessoas idoneas para esse fim associadas.

2.^a Creação de premios de exportação, por parte dos Estados, para o assucar, mediante um imposto especial lançado sobre esse producto.

Medidas de prevenção

1.^a Organização de syndicatos agricolas e formações de cooperativas a fim de manterem usinas de repressão destinadas a substituirem os engenhos de moendas simples (banguês), sendo levantados os capitães precisos, mediante responsabilidade solidaria dos associados.

2.^a Representação solenne aos poderes publicos da União e dos Estados, pedindo:

a) ao Congresso Federal:

Promulgação de leis regulamentares dos Syndicatos Agricolas e das cooperativas e que facilitem as operações dos *carrants*.

Medidas indirectas que promovam o melhor aproveitamento da riqueza saccharica das canhas, quanto aos apparatus de extracção, e que tendam a limitar a criação de novos engenhos de tacha.

Isenção do imposto de importação para os apparatus destinados á utilização do alcool.

b) Aos Congressos e Governos da União e dos Estados, pedindo medidas que tendam a supprimir os impostos Inter-estadnaes e Inter-municipaes, bem como a redução dos fretes do assucar e do alcool nas estradas de ferro e no Lloyd Nacional.

Emenda: — Folha 39 v. 1. 29 — supprimam-se as palavras moendas simples e diga-se de « tacha ».

N. B. O programma de Instruções para o representante da Sociedade, na Conferencia assucareira, se bem que discutido nesta sessão só foi votado e approved na sessão de 20 de maio.

Fica portanto consignado nesta acta que « discutiu-se o programma de instruções que serão dadas ao representante da Sociedade na Conferencia A sucroira, ficando adiada essa discussão ». E no final da acta da sessão de 20 de maio consignem-se todas as palavras de F. 39 v. até F. 40, desde « Em seguida é discutido etc, até no Lloyd Nacional. E. Jacy Monteiro.

João Baptista de Castro — Ph. Aristides Caire — Augusto Ramos — João da Silva Gandra — Domingos S. de Carvalho — Alberto Jacobina — E. Jacy Monteiro.

**Acta da 149ª sessão — 153ª de Directoria em 16 de maio de 1902
(sessão extraordinária)**

PREZIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 16 de maio de 1902, ás 4 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, conselheiro Francisco Sodre, Joaquim Ignácio Tosta, Ph. Aristides Caire, Alberto Jacobina, Wenceslão Bello, Augusto Ramos, Manoel Galvão, Augusto Bernacchi, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Silva Muniz e E. Jacy Monteiro, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da 148ª sessão de directoria em 8 de abril do corrente anno.

E' tranferida a leitura do expediente para ulterior sessão e dada a palavra ao Dr. Wenceslão Bello que, depois de breves considerações, apresenta em nome da respectiva commissão o seu programma de instruções que tem de ser dadas ao representante da sociedade na Conferencia A-sucareira da Bahia.

Por varios dos directores e socios pre-então são distribuidas as diversas proposições do referido programma, discussão que, pelo adiantado da hora, é adiada para a proxima sessão.

Encerram-se os trabalhos.

João Baptista de Castro — Wenceslão Bello — Ph. Aristides Caire — João da Silva Gandra — Alberto Jacobina — Augusto Bernacchi — Domingos S. de Carvalho — E. Jacy Monteiro.

Acta da 150ª — 156ª de Directoria em 20 de maio de 1902

PREZIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 20 de maio de 1902, ás 4 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Wenceslão Bello, Aristides Caire, João da Silva Gandra, Jons Sand, Domingos Sergio de Carvalho, Augusto Ramos, Emmanuel Couret, Manoel Galvão, Alberto Jacobina, Geraldo Martins e E. Jacy Monteiro, é aberta a sessão pelo Dr. Antonino Fialho.

E' lida e approvada a acta da 149ª sessão de Directoria de 15 de abril do corrente anno.

E' lido o seguinte expediente:

Officio do director da Secretaria do Ministerio da Industria communicando que, o Sr. Ministro, attendendo ao exposto em officio de 21 de março ultimo desta sociedade, resolveu ceder á mesma o uso do edificio da antiga notaria.

Officio do Director da Secretaria do Ministerio da Industria accusando o officio de n. 2013, de 21 do passado, no qual a directoria desta sociedade envia cópia do telegramma da Associação Commercial do Amazonas pedindo redução nas tarifas do Lloyd para os productos nacionaes.

Officio do Director da Secretaria do Ministerio da Industria communicando, de ordem do Sr. Ministro, ter a directoria dos telegraphos, ordem de passar, como officiaes, os telegrammas referentes á Conferencia Assucareira.

Officio do Governador do Estado do Rio Grande do Norte, communicando a nomeação do deputado estadual coronel Luiz Emygdio Pinheiro Camara para representar aquelle Estado na Conferencia Assucareira.

Officio do Presidente do Estado da Parahyba, accusando a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Officio do Director da Secretaria Geral dos Negocios do Estado do Sergipo, communicando, de ordem do Sr. presidente, que aquelle Estado se fará representar na Conferencia Assucareira.

Officio do Secretario do Interior do Estado de Alagoas, accusando, em nome do presidente daquelle Estado, o recebimento do officio de 16 de abril ultimo o po-

dando com urgencia o programma da Conferencia Assucareira, allu do que possa instruir o seu delegado perante aquella reuniao.

Telegramma do Governador da Bahia declarando que prestará todo o seu apoio á Conferencia Assucareira que se realizará na capital daquelle Estado em 25 de junho p. t.

Telegramma do Governador do Estado da Bahia dirigido ao Dr. Ignacio Costa a quem fez igual communicação.

Carta do Sr. Manoel A. dos Santos Dias Filho, do municipio de Escada, Estado de Pernambuco, pedindo saccos de vidreiras e Informaçoes sobre seu plantio.

Officio do chefe da Comissao de Açúcar e Imigração do Queimada, Estado do Ceará, accusando recobito a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Officio do Presidente da Associação Commercial da Bahia, accusando recobito da circular e vultu para a Conferencia Assucareira e offerecendo os saccos daquelle Associação para nellos ter lugar a referida conferencia.

Circular do 1º secretario da Sociedade Bahiana de Agricultura, Bahia, remetendo a lista dos directores e dos membros do conselho superior daquelle sociedade.

Officio do presidente da Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná, Curitiba, communicando que o Governo daquelle Estado distribuiu, por intermedio daquelle sociedade, vinte e tres mil kilos de sementes de trigo pelos agricultores paranaenses agradecendo as sementes remetidas pela sociedade.

Officio do presidente da Sociedade de Agricultura Marzoana de Macaé, accusando o recobito do officio de n. 2.028, de abril proximo pasado e communicando ter aquella sociedade uma comissao para representá-la na conferencia assucareira.

Carta do director da Escola Polytechnica do S. Paulo, communicando que foi escolhido o Dr. Augusto Ramos para representante daquelle escola na conferencia assucareira.

Carta do Sr. João Couto, de Barbacena, Minas Geraes, accusando o recobito da carta de 26 de abril ultimo e offerecendo algumas sementes.

Carta do Dr. Francisco A. de Carvalho Lima Junior, de Bonaventura, Estado do Espírito Santo, pedindo diversas sementes.

Communicaçao da Repartição dos Telegraphos, dizendo que os telegrammas para as redações da *Cidade* e do *Commercio*, do Recife, deixaram de ser entregues por não existirem mais n'elles jornaes.

Carta do Sr. Gonçalo Rollenberg, de Maroim, Estado de Sergipe, pedindo cinco kilos de sementes de capim Juragua.

Carta do Sr. Carlos Moreira desta capital agradecendo em seu nome e no de sua familia os pesames pela morte de seu irmão.

O Sr. Aristides Calvo apresenta as informações relativas a Fazenda de Santa Monica. Lê: Communico que visitei a Fazenda Santa Monica a 17 do proximo pasado. Continuam os mesmos serviços de lavra do outonno que vão regularmento, não podendo fazer-se grandes vantagens por falta de gado de serviço.

Alguns colonos iniciaram a colheita de café.

ORDEM DO DIA

Continúa a discussao sobre o programma de instruções que têm de ser dadas ao representante da Sociedade na Conferencia Assucareira.

O Dr. Augusto Ramos apresenta duas indicações: a primeira é um additivo ao programma de instruções da Sociedade: desde que julga medida necessaria nos aparelharmos desde já com eugenios apertaçoes e de bom rendimento, propõe que se indique ao governo do Estado os meios tendentes a impedir, por modos indirectos, a installação de eugenios de assucar n'ellas s'itruas, antinquados, facilitando entretanto a creação de fabricas bem apparelhadas com machinismos os mais aperfeçoados.

A segunda indicação diz respeito á necessidade de se obterem informações exactas sobre a safra actual e a do proximo anno no norte do paiz, para que se possa entrar com esses dados no que se houver de decidir na Conferencia Assucareira.

É forçoso saber ao certo se temos ou não temos excesso de produçao de assucar.

Julga conveniente que a sociedade comissiona pessoa capaz desse encargo, e lembra para essa comissão o Sr. Manoel Galvão, que se acha presente e que se compromette a ir ao Norte colher os dados necessarios a respeito.

O Sr. Wenceslão Bello: prefere que se proponham medidas animando o aperfeiçoamento dos engenhos, em vez de medidas coercitivas contra a rotina. Tem segura esperança que a Conferencia Assucareira não cogitará de profanar engenhos de *banquês*.

O Sr. Emmanuel Couret: como medida Indirecta que julga dever ser Indicada propõe que a sociedade Inclua em suas Instruções a necessidade de ser lavada o preço á canna de assucar nos engenhos pelo seu valor em assucar puro, pelo seu teor succharino e não pelo peso bruto.

O Sr. Wenceslão Bello: essa medida já está aconselhada nas resoluções do Congresso de Agricultura, será portanto reiterada nas presentes Instruções, se assim approvou a directoria da Sociedade.

Com relação á segunda Indicação do Dr. Augusto Ramos, pensa que é exiguo o tempo para poder ir um proprio ao Norte colher Informações sobre a safra.

O Sr. Sergio de Carvalho: acha Inefficaz o alvitre de se mandar um emissario ao Norte, embora reconheça na pessoa desse emissario Indicando qualidades superiores para desempenhar o encargo.

Não ha tempo para o desempenho do serviço. Julga que muito mais se fará e mais depressa enviando telegrammas aos Estados, ás Municipalidades, aos productores.

O Sr. Emmanuel Couret: as Informações recebidas em respostas aos telegrammas, viriam corroborar os dados obtidos pelo emissario da Sociedade.

O Sr. Wenceslão Bello: depois de se referir ás observações dos Srs. Dr. Augusto Ramos, Couret e Galvão, pede licença para considerar e collocar a questão de outro modo se o representante da Sociedade affirmar que necessita Imperativamente dessas Informações relativas á safra, assim collidas, isto é, obtidas por emissario particular, dá a esse pedido o seu voto, não tem outra opinião.

Pensa que se deve satisfazer o representante da sociedade.

O Sr. Ferreira Jacobina: refere-se ao que disse o Dr. Wenceslão Bello sobre exigir o representante essas Informações.

A convocação da Conferencia Assucareira obedece a um plano de propaganda, já no Congresso de Agricultura heara determinado que se realizassem outros congressos e conferencias.

Na que terá lugar proximamente na Bahia vão-se tomar providencias de promptos resultados. Julga que para o caso não haverá urgencia de Informações tão minuciosas e exactas sobre a safra actual. Para outra conferencia ou reunião as acareira que se tiver então de effectuar serão apresentados dados os mais exactos possiveis e que se não poderão tomar do momento.

O Sr. Augusto Ramos: pede a retirada de seu requerimento.

Submettido a votos esse pedido do Dr. Augusto Ramos, a maioria vota contra, sendo portanto mantido o primeiro pedido, isto é, que seja enviado um emissario aos Estados do Norte da Republica, afim de obter dados exactos sobre a safra do assucar.

Encerrada a discussão sobre o assumpto, o Sr. presidente submete a votação como proposta, o pedido para que seja enviado ao Norte o emissario encarregado de colher os dados da safra.

O Sr. Wenceslão Bello: já deu o seu voto, nma vez que o representante da Sociedade julga necessaria a ida desse emissario, approva a.

Os Srs. Jens Sand, Silva Gandra e Aristides Guro: votam a favor do accordo com as palavras do Dr. Wenceslão Bello. O Sr. Sergio de Carvalho abstem-se de se pronunciar; o Sr. Jacy Monteiro vota contra, unicamente por julgar exiguo o tempo para o desempenho de semelhante tarefa.

O Sr. Ferreira Jacobina: vota contra. Pensa que a situação commercial do assucar deve provar exuberantemente o equilibrio ou desequilibrio entre a produção e consumo do assucar no patz, nada adelantando por conseguinte a viagem do emissario para que sejam aconselhadas na Conferencia Assucareira, medidas protectoras do genero.

O Sr. presidente: não obstante ser dispensado o seu voto no caso vertente, declara todavia que, repetindo as palavras do Dr. Bello, vota a favor do pedido.

O 1º Secretario: communica que as vinte e tres mudas de « agavo Sisalana » recebidas do Mexico por Intermedio da Sr. Reydner do Amaral, foram distribuidas pelos seguintes senhores:

Dr. Viriato Dultz Mascarenhas, 6 ; A. A. Pereira da Fonseca, 5 ; Dr. João Baptista do Castro, J. da Silva Gandra, Dr. José de Barros Frazão Junior, Jens Sand, 2, cada um ; coronel Antonio B. M. do Barros, Dr. Moura Brasil, Dr. Aristides Cairo e coronel Cornelio Lima, 1, cada um.

Nada mais havendo que tratar, encerra-se a sessão.

Em tempo:

As instruções dadas ao representante da Sociedade para a Conferencia Assucareira, foram approvadas nesta sessão de 20 de maio e não na de 14 desta mez como, por engano, foi consignado na respectiva acta.

João Baptista do Castro, Wenceslão Bello, Ph. Aristides Cairo, João da Silva Gandra, Alberto Jacobina, Augusto Bernacchi e Domingos S. de Carvalho.

Acta da sessão 184^a (extraordinaria) e 187^a de Directoria, em 21 de maio de 1902

Em 21 de maio de 1902, ás 4 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, João da Silva Gandra, Manoel Galvão, Joaquim Ignacio Tosta, Wenceslão Bello, Domingos Sergio de Carvalho, Alberto Jacobina, Augusto Ramos, Emmanuel Couret e Jacy Monteiro, é aberta a sessão pelo Dr. Antonino.

Não havendo leitura de acta nem expediente, é dada a palavra ao Sr. Emmanuel Couret que diz: ter conferenciado com o Sr. Presidente da Republica, Dr. Campos Salles, em nome da commissão que representava, sobre o *convenio* que se projectava dispensar aos lavradores de canna do Estado do Rio de Janeiro, ouvindo em tal occasião, de S. Ex., manifestações francas de plena acquiescencia ao que, com o Sr. Ministro da Fazenda, havia fleçido e tabelado, em accordo com a Directoria do Banco da Republica.

Nada mais havendo que tratar é encerrada a sessão.

Emenda: em vez do *convenio*, diga-se auxilio.

João Baptista do Castro — Wenceslão Bello — Ph. Aristides Cairo — João da Silva Gandra — Alberto Jacobina — Augusto Bernacchi — Domingos S. de Carvalho — E. Jacy Monteiro.

Acta da 182^a — 188^a de Directoria, em 3 de junho de 1902

PRESIDENCIA DO SR. ANTONINO FIALHO

No dia 3 de junho de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, João Baptista do Castro, Wenceslão Bello, Aristides Cairo, Sergio de Carvalho, Jens Sand, João da Silva Gandra, Alberto Jacobina e Jacy Monteiro, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

É lido o seguinte expediente: Propostas para socios:

De João Baptista do Castro e Wenceslão Bello, propondo os Srs. Arthur Fernandes Dias, Augusto Celso de Moura e Dr. Luiz Lombardi; de João da Silva Gandra e Jens Sand propondo o Exm. Sr. Visconde de Quissamã. (Approvados).

Telegrammas

Dos Governadores e Presidentes dos Estados da Paralyba, Sergipe e Rio Grande do Norte, nomeando representantes juncto á Conferencia A sucareira na capital da Bahia, a realizar-se em 25 do corrente mez.

Dos Presidentes das Associações Commerciaes dos Estados da Paralyba, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Sergipe e S. Paulo, nomeando representantes á Conferencia Assucareira a realizar-se na capital da Bahia, em 25 corrente mez.

Do Inspector Commercial do Guyabá — Estado do Mato Grosso — remittendo dados estatísticos da safra de açúcar de 1902 a 1903.

Do Presidente da Sociedade de Agricultura do Paraná, com séde em Curitiba, enviando duzentos e oitenta e sete sacos de açúcar.

Do Dr. Paulo de Amorim Salgado, do Cabo, Estado de Pernambuco, dando conta do resultado satisfactorio da reunião sobre a representação na Conferencia Assucareira, a realisar-se na Capital da Bahia, em 25 do corrente mez.

Do Vice-presidente da Sociedade Bahiana de Agricultura, na Capital da Bahia pedindo diversas informações sobre a Conferencia Assucareira.

Do *Journal de Noticias*, da capital da Bahia, offerecendo as columnas do seu Journal para a propaganda da Conferencia Assucareira.

Do Secretario da Sociedade de Agricultura de Alagoas, com séde em Maceió, enviando dados estatísticos sobre a safra de açúcar.

Circular — Do Director do Museu Nacional de Buenos Aires, pedindo remessa d'«A Lavoura».

Carta — Do Abino Canteno — *La Plata* — Buenos Aires, pedindo publicações da Sociedade.

Offícios

Do Moysés Montt, pedindo diversas amostras de café, a fim de enviar ao Consulado do Chile, em Madrid, e offerecendo diversos livros para a bibliotheca da Sociedade.

Do Governador do Estado da Bahia, accusando recebimento dos officios ns. 1.196 e 1.198 do 16 abril proximo passado, sobre a Conferencia Assucareira.

Do Dr. Pedro Augusto Borges, Presidente do Estado do Ceará, accusando recebimento do officio n. 2.006, de 16 de abril proximo passado, relativo á Conferencia Assucareira e declarando não poder nomear representante.

Do Presidente da Camara Municipal de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, enviando a quantia de 5 \$, annuidade do corrente anno.

Do Presidente da Camara Municipal de Cataguazus, Estado de Minas, fazendo diversos Considerandos sobre a Lei Municipal n. 146, e declarando ter dado ordem para pagamento da annuidade do corrente anno.

Do Presidente da Camara Municipal da Escada, Estado de Pernambuco, accusando a circular da Conferencia Assucareira.

Do Presidente do Club Commercial, Literario e Recreativo, em Estancia — Estado do Sergipe — accusando a circular da Conferencia Assucareira, e nomeando seu representante o Dr. João Tillemont Fontes.

Do Vice-presidente da Sociedade Bahiana de Agricultura, accusando o officio de 20 de abril proximo passado, relativo á Conferencia Assucareira.

De Emanoel Couret, de Campinas, participando que a commissão Campesina vai prestar informações em reunião geral de lavradores e fabricantes de açúcar, do resultado de sua missão no Rio de Janeiro, sobre a crise assucareira.

De Antonio Rodrigues Peixoto, accusando a circular da Conferencia Assucareira e fazendo diversos considerandos sobre a crise de açúcar e de outros productos.

Circulares

Da commissão do Gabinete Municipal de Lettura da cidade de Pomba, Estado de Minas Geraes, pedindo a remessa d'«A Lavoura».

Do secretario da Sociedade Fraternalidade e Instrução Commercial, em S. Felix Estado da Bahia, participando a eleição da Directoria para o anno de 1902 a 1903.

Da Directoria do Centro de Sciencias, Letras e Artes da cidade de Campinas, Estado de S. Paulo, enviando o programma social.

Cartas

De Alfredo Osorio do Carmo, accusando o recebimento de diversas sementes e enviando um numero do Journal *A Provincia* em que foi publicado o manifesto da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco á lavoura.

Do Dr. Augusto Ramos, sobre a Conferencia Assucareira.

De Manoel Galvão, participando seguir para o norte no vapor Alagôas a 6 do corrente moz.

Do Dr. João Pedro da Veiga Franco, enviando diversos trabalhos sobre a lavoura.

De Luiz Lombard pedindo seja incripto como socio.

De Arthur Fernandes Dias, pedindo a inscrição de socio, e enviando a quantia de 30\$ Jota e annuidade do corrente anno.

De Zenba Ramos & Comp., participando estar dando execução a encomenda de assucar para Montevideo.

De José Theophilillo Carneiro, fazendo observações sobre a publicação da monographia « A cultura do milho » — « A cultura da mandioca ».

De Luiz Augusto Renault pedindo diversos numeros da *A Lavoura*.

De Guarda Livros da Companhia Agricola, de Luiz de Fôra, enviando com recibo a giza de sementes.

De Alberto F. Rodrigues, director da Bibliotheca Pelotense, reclamando « A Lavoura ».

Do Senador Pedro Velho agradecendo posames.

Bilhete postal

Do Augusto Celso Moura pedindo remessa da « A Lavoura ».

Do director do Museu Paulista pedindo remessa do fasciculo « Moléstias do Cafeeiro » pelo Dr. Aristides Castro.

Cartão de J. C. Rodrigues, agradecendo.

O Sr. Aristides Castro apresenta a noticia da sua ultima inspecção á Fazenda de Santa Monica (16):

Visitei a fazenda de Santa Monica, nos dias 26 e 31 do maio proximo passado. Continua a lavra no campo n. 2, sómente nas partes baixas, visto como nas elevadas achá-se muito compacto o solo, por falta de chuvas.

Semearam-se a 22, 50 kilos de trigo de Santa Fé no campo n. 4, semente cedida pelo Moimho Inglez.

Continua a extirpação da tirica no terreno para viveiro, em frente á casa, tendo sido, em a parte pronta, semeadas, em canteiros, as sementes de cereaes e ferragens provenientes da casa Haage & Schimidt.

Plantaram-se com kilos de batatas (da Ingleza) do Perú, producto de uma primeira plantação.

Na visita do 31, verifiquei que germinaram bem as sementes, tanto de trigo no Campo, como as do viveiro — tendo chegado um pouco, o que foi benefico.

Visitei tambem a Fazenda Grande, na Penha, combinando com o cidadão encarregado de vigia-la, gratificando-o com a quantia de 10\$ mensaes.

O Sr. 1.º Secretario: refere-se ao manifesto da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, remetido pelo Dr. Paulo de Amorim Salgado e pelo consocio Alfredo Osorio de Corqueira, e pede instrucções a respeito.

O Sr. Presidente: communica que, sendo presente o alludido manifesto, publicado nos Jornaes de Pernambuco, á commissão promotora da conferencia assucareira, ficou resolvido que fosse entregue essa publicação ao Dr. Cornelio da Fonseca para dar parecer a respeito, visto que a Directoria da Sociedade julgou de melhor alvitre, por deferencia á mesma commissão, já constituida, não deliberrar sobre questões affinentes á industria do assucar sem ouvir a essa commissão.

Espera portanto o juizo do Sr. Dr. Cornelio da Fonseca para seu governo.

E, até esta data não havendo a Directoria da Sociedade ou a commissão promotora da Conferencia Assucareira recebido o parecer do Dr. Cornelio da Fonseca, propõe (o que é approved) que se offlice ao Sr. Dr. Paulo de Amorim Salgado, communicando o occorrido.

O Sr. Sergio de Carvalho: propõe que, além de se officiar ao Dr. Paulo de Amorim Salgado, dando conta do que occorrer a respeito da representação da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, se office ao Exmo. Sr. Presidente da Republica, que já recebeu a quella mesma representação remetida directamente de Pernambuco, apolando-a e reforçando-a. (É approved).

O 1.º Secretario: apresentou um folheto do Sr. Adolpho Lion Teixeira, membro honorario da sociedade e vinhicultor na cidade da Campanha, Estado de Minas Geraes, sobre vinicultura, ao qual se refere uma carta do mesmo Sr. já apresentada em sessão anterior.

(A' commissão dos Srs. Ferreira Jacobina, Silva Gandra e Sergio de Carvalho, para dar parecer.

O Sr. Ferreira Jacobina : lembra a necessidade de haver mais regularidade na apresentação das actas, de modo que não flegsem tão atrasadas como se acham actualmente.

O 1.º Secretario : diz que bem contra sua vontade vai se atrasar esse serviço, por circunstâncias imperiosas.

Espera que, em breve, serão apresentadas regularmente as actas das sessões.

O Sr. Sergio de Carvalho : a propósito, lembra tambem outro caso sobre que é forçoso regular a situação : refere-se ao Director de Culturas, que tem feito as visitas á Fazenda de Santa Monica, e continúa a dirigir o serviço dessa Fazenda em obediencia ao Regulamento da Directoria da Sociedade, quanto aos deveres, não se tendo resolvido coisa alguma quanto aos seus direitos.

Propõe reunião do Conselho Superior para o dia 6 do corrente affim de se decidir a questão. — É approvada.

Estando com a palavra, vai tratar de outro assumpto de não menor importancia.

A Sociedade Interressou-se junto ao Poder Legislativo pela concessão dos premios para a sericultura. Esses premios foram consignados em dois organimentos consecutivos e até o presente não se tornaram effectivos.

A concessão desses premios deve ser feita de accordo com um regulamento, que é preciso organizar e apresentar ao Governo. O Estado de Minas já tem muita coisa estudada a respeito do assumpto : seria pois conveniente que se officiasse ao Sr. David Campista pedindo o que ha publicado sobre premios á sericultura o respectiva legislação. — É approvada essa indicação.

O Sr. Ferreira Jacobina : de algum tempo para cá tem se accumulado muita materia para serviço da Directoria e não nos tem sobrado tempo para dar conta de tantas obrigações.

Para regularizar o caso, apresenta a seguinte proposta :

« Com o fim de obter solução prompta dos trabalhos que tomou a seu cargo e cujo andamento tem soffrido com a presença de novos serviços de urgente importancia, a Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura resolve não incluir materia alguma na ordem do dia de seus trabalhos, salvo a deliberação expressa, por votação da Directoria, reconhecendo a urgencia do assumpto, emquanto não o permitir a solução de uma, pelo menos, das cinco seguintes questões mais urgentes, dentre as muitas que dependem do estudo de suas comissões :

1.ª Resolução sobre a norma e orientação a imprimir aos serviços relativos á fazenda de Santa Monica e sobre os recursos necessarios á sua exploração.

2.ª Regulamento dos mercados para a pequena lavoura no Districto Federal.

3.ª Organização do ensino agrícola no país.

4.ª Apresentação e defesa perante o Congresso Nacional da lei em discussão na Sociedade, sobre locação do serviço agrícola.

5.ª Aproveitamento da verba votada para distribuição de sementes e introdução do reproductores da raça e organização do respectivo serviço.

As novas medidas e serviços que forem apresentados de ora em diante só poderão entrar em ordem do dia, salvo a deliberação acima, á proporção que se resolverem as questões de que trata a presente proposta, cujas vagas serão preenchidas uma a uma. — Fica sobre a mesa para ser discutida em ulterior sessão.

O 1.º Secretario : proce á leitura de uma minuta organizada pelo Dr. Wenceslão Bello, para a ordem dos trabalhos da Conferencia Assucareira, assumptos que deverão ser discutidos, etc., minuta que será enviada, como proposta, á Sociedade Bahianna de Agricultura. (Lé) — Fica sobre a mesa para ser discutida posteriormente.

O 1.º Secretario : apresenta uma communicação do Sr. senador Dr. Benedicto Leite, do Maranhão, acompanhada de uma serie de quesitos sobre cultura e commercio do arroz. — A' commissão dos Srs. Arturides Calre, Silva Gandra e Jans Sand para responder.

O Sr. Director de Culturas : refere-se á cultura do tino que pretende desenvolver na Fazenda de Santa Monica.

Aguarda a discussão do plano geral do serviços dessa fazenda para voltar ao assumpto.

O Sr. Sergio de Carvalho : recorda os serviços prestados pelo Sr. Emmanuel Couret á lavoura de canna e industria do assucar, e, ultimamente, ainda o interesse com que patrocinou a causa dos lavradores e fabricantes de Campos.

Propõe que a Sociedade felicite esse illustre consocio. — É approvedo, sendo na occasião redigido o telegramma ao Sr. E. Courot, em Campos.

O Sr. Sergio de Carvalho: propõe, e é approvedo, que a Directoria vá em commissão conferenciar com S. Ex. o Sr. Ministro da Viação sobre varios assumptos pendentes de solução, entre outros o pedido de passagem no Lloyd para os membros da Conferencia Assucareira.

O Sr. Aristides Cairo: seria conveniente insistir na questão das tarifas da Central junto do Sr. Ministro.

Ha poucos dias ainda, um pequeno calxote contendo quatro pés de videiras e uma pequena ananassa, e pesando 10 kilos, da Central para Entre Rios pagou de frete 8\$700 Rs. Por tal preço torna-se quasi impossivel a introdução de fruteiras e desenvolvimento da promocultura exotica no interior dos Estados vizinhos.

O Sr. Jacy Monteiro: não lio sendo possivel, por seus afazeres na occasiao, comparecer á Conferencia, pede que seja lembrada a questão do transporte do loto e mantolga pelos trens nocturnos.

O Sr. Sergio de Carvalho: communica á Directoria o passamento de pessoa da familia do prezado consocio Dr. Neves Armond, e propõe (o que é approvedo) que ao mesmo consocio a Directoria envie pesames.

O Sr. João Baptista de Castro: — O ultimo numero do « Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France », que a Sociedade hoje recebeu, trouxe a dolorosa noticia do fallecimento do grande patriota francez M. Welche, presidente do referido syndicato. Inumeros e dos mais relevantes foram os serviços prestados á propaganda e progresso dos syndicatos agricolas em França por M. Welche.

Deante da noticia do luctuoso acontecimento, propõe que a Sociedade offlelo á Directoria d'aquelle Syndicato Central manifestando todo o seu pesar pelo traspaso de M. Welche. — É unanimemente approvedo.

Nada mais havendo que tratar, encerra-se a sessão.

Antonio Bialho — Alberto Jacobina — D. S. de Carvalho — João da Silva Gandra — Dr. Ph. Aristides Cairo — Wenceslao Bello — João Baptista de Castro — E. Jacy Monteiro.

184ª Sessão — 133ª de Directoria em 10 de Junho de 1902

PREZIDENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

No dia 10 de junho de 1902, ás 3 horas p. m., presentes os Srs. João Baptista de Castro, Joaquim Ignacio Tosta, Alberto Jacobina, João da Silva Gandra, Sergio de Carvalho, Aristides Cairo, Augusto Bernacchi e Jacy Monteiro, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

São lidas e approvedas as actas 152ª e 153ª, de 29 de abril e 6 de maio do corrente anno.

É lido o seguinte expediente :

« Communicação do Sr. R. Hudson, de Marlow, Banesfield, Engl. remettendo um catalogo de animaes de raça e reproductores cavallares, bovinos, suinos e lanigeros;

Recibo da *Royal Society Agr. of England* qual é associada a Sociedade Nacional de Agricultura, correspondente á contribuição annual de 1902.

Carta do Sr. Manoel Roiz Vieira, de Montevideo, Uruguay, accusando o recebimento de alguns productos brasileiros que a Sociedade remetteu para propaganda e referindo-se aos impostos exaggerados que naquella Republica vizinha pesam sobre os nostros productos.

Carta do Sr. Acma, de Assumpção, Paraguay, agradecendo a nomeação de socio correspondente da Sociedade.

Offlelo da Superintendencia Municipal de Manicoré, Estado do Amazonas, accusando o recebimento da communicação da eleição da Directoria da Sociedade.

Offlelo da Associação Commercial de Maceló, Estado das Alagôas, confirmando telegramma remettido dando conta dos resultados da safra e exportação do assucar.

Officio da Associação Agrícola e Pastoral, em resposta a officio da Sociedade ;

Cartão do Sr. Adolpho Lion Teixeira, membro honorario da Sociedade, fazendo a seguinte correção no folheto sobre vinicultura, que ultimamente remetteu:— na pagina 11, onde se lê 100 % leia-se 400 % ;

Carta do Dr. Neves Armond agradecendo as manifestações de pesar da Sociedade, por motivo do pagamento de pesaria de sua familia ;

Officio da Commissão dos Lavradores do Canna do Estado do Rio de Janeiro agradecendo as provas de solidariedade que a Sociedade lhe dispensou ;

Carta do Sr. E. Couret sobre assumptos relativos á Conferencia Assucareira ; Officio do Sr. Manoel Galvão communicando ter ombreado para o norte e pedindo outrossim que se lhe remettersse para o Recife a ajuda de custo que lhe não tinha sido possível receber em pessoa da thesouraria da Sociedade ;

Officio do Sr. P. Xavier de Almeida agradecendo sua inscrição de socio effectivo ;

Cartão do Sr. A. F. Rodrigues, de Pelotas, communicando já haver a Bibliotheca Pelotense recebido as publicações da Sociedade ;

Carta do Sr. João Carlos Junior, da cidade de Castro, pedindo que a Sociedade obtenha do governo conceder-lhe privilegio para o estabelecimento de uma colonia proxima do logar das Sete Quedas.

É proposto e acceto como socio correspondente em Santiago, Chile, o cidadão Sr. Moysés Montt.

..

O Director de Culturas lê as seguintes communicações relativas á sua visita á Fazenda de Santa Monica:

Communico que fiz a visita á Santa Monica, a 17 do corrente.

Infelizmente continua a secca, que tem difficultado a lavoura e, a continuar, tem de suspender o trabalho.

Fiz a colheita do feijão que foi muito pequena, devido á irregularidade do tempo; nulla ebuva a principio nas primeiras semanas após o plantio, e depois muita falta d'ella.

Está em concerto (ligeiros reparos) o caminho para os cafezacs afim de poder ser transportado o fructo colhido.

O trigo e demais sementes dos vividos em geral germinaram bem.

Estão promptos os pequenos serviços de carpinteiro no curral, mangedoura, etc., suspendendo outros pequenos reparos não muito urgentes para não augmentar de pesas.

ORDEM DO DIA

O Sr. Ignacio Tosta: participa que seguirá no dia 12 do corrente para a Bahia afim de dar começo aos preparativos da Conferencia Assucareira, reunindo a Sociedade Bahiana de Agricultura, entendendo-se com o governo do Estado a respeito da mesma Conferencia.

O Sr. Presidente: agradece em nome da Sociedade o auxilio effeaz e devotados serviços prestados pelo Sr. Dr. Joaquim Ignacio Tosta e a franca solidariedade e sympathia que S.S., desde a reunião do Congresso de Agricultura, tem para com esta associação manifestado.

Faz sinceros votos para que S.S. tenha boa viagem e possa ver coronada de mais completo exito a Conferencia Assucareira da Bahia.

(Retira-se o Sr. Dr. Ignacio Tosta, acompanhado por todos os directores.)

Reaberta a sessão, o Sr. Jacy Montelro propõe e é unanimemente approvedo que se consigne em acta um voto de reconhecimento ao Sr. Dr. Ignacio Tosta pelos serviços prestados á causa da Agricultura.

O Dr. Aristides Calro: pede que seja adiada a discussão do plano geral de culturas e mais serviços da Fazenda de Santa Monica, visto que se acham ausentes dous directores.

(É satisfeito o pedido.)

O Sr. Aristides Calro: desejava saber outrossim o que a seu respeito ficara resolvido na sessão do Conselho Superior. Aguardará, porém, a presença tambem daquelles directores.

O Sr. Ferreira Jacobina: vou pedir informação sobre uma queção que reputa do mais alto alceance: O Governo do Estado de S. Paulo, segundo telegrammas publicados pelos jornaes desta Capital, mandou perguntar ao Governo da Estado da Italia qual o programma da Companhia Assucareira, dando isso em resultado ser publicado um programma da Sociedade Italiana de Agricultura, allás muito bom applaudido, si se tratasse de um Congresso propriamente dito, mas que no caso da Conferencia Assucareira, como foi planejada pela Sociedade Nacional de Agricultura, não tem applicação e não traduz o pensamento desta associação.

E dá-se esse facto, que do modo algum não nos pôde ser agradável, justamente depois de haver seguido daqui para S. Paulo o representante da Sociedade com as respectivas instrucções e programma adoptados pela Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. Presidente:—Cumpre-nos ouvir, antes de formular qualquer juizo, o nosso representante. Pôde muito bem ser que o facto não se tenha dado como noticiam os jornaes. Até aqui temos feito quanto nos cabe e nos tem sido possível fazer. O *Journal do Commercio* de hoje publicou o projecto de regulamento da Conferencia Assucareira, que vai ser presente a deliberação da Sociedade Italiana de Agricultura.

O Sr. Sergio de Carvalho: abunda nas mesmas idéas do Sr. Presidente; e, a respeito, vai escrever ao Dr. Augusto Ramos, informando-se do occorrido.

O 1º Secretario: pede que a Directoria determine sobre o modo por que deve responder a carta do Sr. Couret, lida no expediente.

O Sr. Sergio de Carvalho: pensa que não se pôde dispensar, na Conferencia Assucareira, a presença do Sr. Couret, cujos conhecimentos profundos de tudo que diz respeito á industria de açúcar são de muito valor.

Propõe que se passe um telegramma a esse illustre consocio insistindo por sua presença na Conferencia Assucareira.

(Essa proposta é approvada unanimente, com applauso; e é redigido o respectivo telegramma.)

Nada mais havendo que tratar encerra-se a sessão. — *Antonino Filho*, — *Alberto Jacobina*, — *D. S. de Carvalho*, — *João da Silva Gandra*, — *Wenceslao Bello*, — *João Baptista de Castro*, — *F. Jacy Monteiro*.

Acta da 183ª sessão, 160ª de Directoria, em 13 de Junho de 1902 (extraordinária)

PREZENCIA DO SR. DR. J. CAPETA DE CASTRO

Em o dia 13 de junho de 1902, ás 1 1/2 horas p. m., presentes os Srs. João Baptista de Castro, Alberto Jacobina, João da Silva Gandra, Sergio de Carvalho, Augusto Ramos e Jacy Monteiro, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta de 14 de maio do corrente anno. E' transferida a leitura do expediente para ulterior sessão.

São propostos e approvados socios effectivos os Srs. Apollonio Zenaides, do Alagon Grande, Paralyha do Norte, e Marcondes Ferraz, de Fortaleza, Ceará, e como associada a Associação Commercial do Amazonas, com sede em Manaus.

O Sr. Presidente: tendo regressado da America do Norte a esta Capital o Sr. Reynold do Anaral, a quem deve esta Sociedade servicos de não pequeno valor, nomeia uma commissão composta dos Srs. Ferreira Jacobina e Augusto Bernacchi para visitar e apresentar as boas vindas a esse illustre e estimado senhor.

O Sr. Sergio de Carvalho: propõe que seja nomeada uma commissão para se entender com o Sr. Rosa e Silva a respeito da Companhia Assucareira e pedir instantemente a S. Ex. que empregue os seus bons officios no sentido de se fazer representar o Governo do Estado de Pernambuco na alludida Conferencia.

(Approvada esta proposta, o Sr. Presidente nomeia para a referida commissão os Srs. Augusto Ramos, Aristides Cairo e Ferreira Jacobina.)

O Sr. Ferreira Jacobina: communica que no dia 18 devem ter lugar as exequias por intenção do Dr. Augusto Severo e a transladação do corpo desse illustre brasileiro para o cemiterio de S. João Baptista, e pergunta como a Sociedade se fará representar nessas exequias?

O Sr. Presidente — A Sociedade se fará representar por todas os membros da Directoria que puderem estar presentes e acompanhar as certidões.

O Sr. Jacy Monteiro: lembra o caso occorrido, conforme os telegrammas a respeito publicados, relativamente ao pedido de informações do Governo do Estado de S. Paulo ao da Bahia sobre o programma da Conferencia Assucareira e a que muito justamente se referiu na sessão passada, estranhando-o o Sr. Ferreira Jacobina.

O Sr. Augusto Ramos: ficou surprehendido ao ler os referidos telegrammas. Acredita ter havido engano na noticia dos jornaes.

Quando seguiu desta Capital e chegou a S. Paulo achava-se ausente o Sr. Dr. Antonio Candido Rodrigues, Secretario da Agricultura do Governo do Estado; e teve por sua vez novamente de seguir viagem, quando regressava o Dr. Candido Rodrigues, — o que quer dizer que não ponde estar com o Secretario da Agricultura.

Pensa que ha, como já disse, engano na noticia dada pelos telegrammas.

O Sr. Aristides Calre: propõe que continue em adiantamento a discussao do plano de cultura da Fazenda de Santa Monica.

(E' approvedo o adiantamento.)

O Sr. Presidente: — O Dr. José Bonifacio de Andrada, de Barbacena, nosso illustre consocio, publicou ha dias um magnifico artigo sobre syndicatos agricolas, artigo que os Srs. Directores naturalmente conhecem. Julga que devemos nos congratular com esse presado consocio pelo serviço que presta á propaganda dos Syndicatos agricolas, na qual tanto se tem empenhado a Sociedade.

Determina que o Sr. secretario officie ao Dr. Bonifacio de Andrada applaudindo S. S., e agradecendo o serviço que presta á propaganda. Espera que este seu acto seja approvedo.

(A directoria approva unanimemente, com applauso.)

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente: declara que continúa em discussao a proposta do Sr. Ferreira Jacobina, apresentada na sessão anterior.

O Sr. Silva Gandra: propõe que se organize um quadro com os nomes das pessoas nomeadas para as diversas commissões e com a di criminacão do assumpto de cada commissao, e que fique esse quadro exposto na sala das sessões, affim de, diariamente, saberem os directores das commissões de que fazem parte e dos serviços que lhes cabem.

O Sr. Jacy Monteiro: — Desde muito tempo tem a secretaria um livro especial para esse fim, que substitue perfeitamente o quadro a que se refere o Sr. Gandra. E' o livro 1º «trabalhos especiaes, commissões», que, naturalmente, precisa ser posto em dia.

O Sr. Presidente: — A' vista da declaracão do Sr. secretario, julga mais acertado que se continue a escripturacão do livro 4º da secretaria, pelo qual os Srs. directores poderao ver as commissões a que pertencem os trabalhos especiaes determinados pela directoria.

E' novamente lida, discutido e approvedo o parecer sobre a situacão do café brasileiro na Turquia depois da lei municipal, elevando os impostos para o commercio ambulante.

Antes de terminar a sessão declara o 1º secretario que tem deixado de incluir no expediente das ultimas sessões os telegrammas referentes á Conferencia Assucareira, que são em numero avultado, por se ter de fazer obra com os alludidos telegrammas e ficarem por isso separados dos demais papeis do expediente.

Em qualquer das actas das sessões vindouras durá a relação completa desses telegrammas.

O Sr. Sergio de Carvalho: aproveita a occasião para declarar á directoria que muitos desses telegrammas trouxeram os dados relativos á safra do assucar, cujas informações a sociedade pedira por telegramma a varios Estados.

Está, portanto, confundido o que havia previsto na sessão de 20 do maio, quando affirmara que essas informações podiam ser obtidas por telegrammas e julgara desnecessaria a ida ao norte de um emissario especial para as colher.

E nada mais havendo que tratar, encerra-se a sessão. — Antonino Filho. — Alberto Jacobina. — D. S. de Carvalho. — João da Silva Gandra. — Dr. Ph. Aristides Calre. — Wenceslao Bello. — João Baptista de Castro. — E. Jacy Monteiro.

Acta da sessão 186ª - 187ª da Directoria - em 17 de Junho de 1902

No dia 17 de Junho de 1902, ás 3 1/2 horas da tarde, presentes os Srs. João Baptista de Castro, Domingos Sorzio de Carvalho, Aristides Calro, Augusto Hornumchi, João da Silva Ganha, Wencesláo Hello e Jacy Montello, assumo a presidencia o Dr. João Baptista de Castro e declara aberta a sessão.

E' apresentado o lido o seguinte expediente:

Officio da Directoria Geral da Industria do Ministerio da Viacao, communicando que o Sr. Ministro, attendendo nos pedidos da sociedade, autorizou ao director da Estrada do Ferro Central a aceitar despacho do leite e da manteiga nos trens nocturnos que se destinam a esta Capital.

(Officio-se ao governo agradecendo e communico-se aos interessados na Industria do laticuloso.)

Officio do Ministro das Relações Exteriores, remettendo o relatorio apresentado áquello ministerio pelo consul do Italo em Genova, João Antonio Rolz Martins, sobre a viticultura e a produçáo do vinho na Italia.

Officio-circular do governo municipal da Victoria, Espirito Santo, communicando a reeleição do Sr. Joaquim C. de Lima ao cargo de presidente do mesmo governo e remettendo o relatorio dos negocios municipaes.

(Agradeça-se.)

Carta do Sr. Dr. Victor Ferreira de Amaral em resposta á communicação da secretaria.

Officio da superintendencia municipal de Joinville, Santa Catharina, sollicitando ser inscripta no rol dos associados da sociedade o pedindo sementes.

(Agradeça-se; quanto ás sementes, communico-se que se remetterá o que fór possível.)

Circulares da commissáo municipal de S. João da Boa Vista e do Club dos Lavradores dessa localidade no Estado de S. Paulo, remettendo um exemplar do projecto do lei adoptado pela mesma commissáo municipal de agricultura para a locação de serviços agricolas.

(Agradeça-se.)

Telegramma do secretario do Interior, do Estado do Alagoas, communicando que o Dr. Euzobio de Andrade, representante daquello Estado na Conferencia Assucareira, embarcará no vapor *Mandos* e pedindo providencias sobre passagens para o mesmo senhor.

Officio do superintendente municipal de Humayti, Estado do Amazonas, accusando recebida a circular de 15 de fevereiro do corrente anno.

Officios do presidente e secretario da Camara Municipal de Itabira, Minas Geraes, offerecendo á sociedade uma amostra de linda seda, resultado da industria do Sr. Casemiro Jorge, syrio, residente naquella cidade.

Officio do Conselho Municipal do Brejo Grande, communicando annuir ao convite feito pela Sociedade Nacional de Agricultura, e ter nomeado representante, na Conferencia Assucareira o deputado estadual coronel José Pires de Oliveira e Silva.

Officios do Inspector de agricultura do Estado de S. Paulo, offerecendo á Sociedade Nacional de Agricultura tres exemplares da *Tribuna do Povo*, e 10 cartões Ignaes nos que foram distribuidos por occasião da primeira festa das arvores, e agradecendo os cumprimentos endereçados por tão amplexos acontecimento.

Officio do presidente do Grenio Litterario Le Monde Marche, da cidade do Natal, Rio Grande do Norte, annuindo ao convite de coparticipação na Conferencia Assucareira, a realizar se na Capital da Bahia, e communicando haver indicado o pharmaceutico Pedro Soares de Amorim para representalo.

Officio do 1º secretario do Club Agricola de Barreiros, Pernambuco, communicando estar a sociedade inteirada do convite que lho fora feito para representar-se na Conferencia Assucareira, devendo, em opportuna reunião, ser escolhido o representante.

Officio do 1º secretario do Club Agricola Alto Limbé, pedindo á Sociedade Nacional de Agricultura para ser, com outros cavallheiros, interpretes junto ao Dr. Barrow, gerente da Estrada do Ferro Leopoldina, do pedido que ao mesmo senhor faz no sentido de uma reduçáo nas tarifas de café.

Carta do Sr. Marcondes Ferraz, Fortaleza, agradecendo a remessa do sementes e pedindo os menores d'Á *Lacoua*, correspondentes aos mezes de ja-

noiro, fevereiro, abril e maio de 1900 e mais ainda os de novembro e dezembro do anno de 1899, o apresentando numa rosetta empregada no norte para resguardar as sementes armazenadas da acção destructora dos insectos.

Carta do Sr. Apollonio Zorullo, Alagôas Grande, Estado da Parahyba, dando permissão para ser proposto socio da Sociedade Nacional de Agricultura.

Carta do Sr. Antonio Gomes Leite, Santo Amaro, Bahia, na qual manifesta a sua adhesão e dá todo o seu concurso á realisação da Conferencia Assucareira.

Carta do Sr. Joaquim Ignaelo Loureiro, Maceló, agradecendo ao convite feito para collaborar na Conferencia Assucareira.

Telegramma do Dr. Amorim Salgado communicando haver a Sociedade Auxiliadora nomeado cinco membros para representala na Conferencia Assucareira e ter o municipio da Escada Indicado tres representantes.

Telegramma do Sr. Angelo Roselli, presidente da Associação Commercial do Rio Grande do Norte, pedindo urgencia na disposiçao das passagens para os representantes da Lavoura e Commercial na Conferencia Assucareira e communicando o embarque do Dr. Augusto Leopoldo Raposo da Camara, no vapor *Mundos*.

Telegramma da Associação Commercial da Parahyba, pedindo passagem para o seu representante na Conferencia Assucareira.

Telegramma do presidente da Sociedade de Agricultura de Alagôas, communicando a partida de cinco representantes na *Mundos*.

Telegramma do presidente do Club Commercial da Estancia, Sergipo, accusando o recebimento de um telegramma da Sociedade Nacional de Agricultura o prometendo zentificar a imprensa e aos interessados a concessão feita pelo Sr. Ministro da Viação.

Telegramma da Associação Commercial do S. Paulo, communicando dever aqui chegar em 16 o engenheiro Summel das Neves, para quem pede passagem.

Carta do Sr. Hnanit, pedindo resposta da carta que remetteu á sociedade para que esta fique com as machinas agricolas do Ch. Melximeron do Dombasle.

Carta do Sr. Casimiro Jorge, gyrio, sercultor, residente em Itahira do Mattos Dentro, Minas Geraes, remetendo uma amostra de sola fiada.

São propostos e accetios como socios effectivos os Srs. Felberto Freire, Dr. Sylvio Anacleto de Souza Bastos, Alexandre Bastos Freire e Adolpho do Faro Roemberg, residentes em Itaporanga, Estado de Sergipo.

O director de culturas lê a seguinte communicação referente á visita á fazenda de Santa Monica:

«A nova visita á Santa Monica foi a 14 de corrente. Houve uma pequena chuva que veio melhorar um pouco o estado secco em que se achava o terreno, resentindo-se já as plantas dos effeitos benéficos.

Tendo a chuva, ainda que pouca, melhorado as condições do terreno, continúa a lavoura. Tem estado tambem em serviço a cafadoura «Globo», colhando os capullos altos para facilitar a lavoura.

A plantaçao de trigo por enquanto vai perfeitamente.

Algunas variedades de canna já estão flochando (florescendo.)

O *Jaraguá* está todo florido e alguns com as sementes quasi maduras.

Continúa a colheita do café, feita pelos colonos.

O 1º secretario pede de culpas á directoria por ter ficado atrazado o serviço de actas e expediente por circumstancias de força maior.

(E' desculpado.)

O Sr. Wencesláo Bello: tendo estado doente e não tendo podido comparecer á Sociedade, agradece em primeiro lugar a visita do Dr. Aristides Calra feita em nome de seus companheiros; e pede algumas informações sobre o movimento social, acquisição de socios, circulares expedidas, etc.

(Prestam as informações necessarias os Srs. Silva Gandra e Jacy Monteiro.)

O Sr. Augusto Bernacchi: pede explicações sobre o que tem feito a commissão nomeada para estudar o plano dos serviços de Santa Monica e a proposta que em tempo apresentou relativa á mensagem que deve ser dirigida ao Congresso.

O Sr. 1º Secretario: informa que essa commissão não tem sido possível se reunir.

Proseguindo-se na escripturaçao do livro 4º da secretaria, que torna apresentar em sessao, ter-se-ha em dia a inscriçao dos nomes e assumptos das diversas commissoes nomeadas e facil será fazer lembrar os trabalhos que faltam concluir.

O Sr. Wencesláo Bello: a continuação da escripturação desse Hyro 4º é uma necessidade.

Cumpro-nos além disso obedecer ao regulamento: é preciso que seja nomeado o presidente de cada commissão.

Não podendo se demorar mais na sessão por se achar ainda adiantado, pede licença para se retirar.

(Retira-se o Dr. Wencesláo Bello.)

O Sr. Aristides Calro: volta a insistir sobre a questão dos serviços de Santa Monica.

Como vão tudo, as cousas não podem continuar.

Ainda não se discutiu nem se deliberou cousa alguma sobre o plano que apresentou.

Já duas vezes pediu o adiamento da discussão desse plano por se acharem ausentes dois directores cuja opinião desejava ouvir.

Mas vai desse modo passando o tempo. A sua responsabilidade augmenta.

O Sr. Presidente: julga conveniente se determinar um dia em cada semana ou mais de um para a reunião das commissões nomeadas; e lembra ao secretario que officio aos membros dessa commissão a que se referiram o Dr. Augusto Bernacchi e Dr. Aristides Calro pedindo que resolvessem sobre o caso arguido.

O Sr. Aristides Calro: faz parte da commissão a que se referiu o Dr. Augusto Bernacchi, mas por si só nada pôde fazer.

Com relação á Fazenda Grande, da Penha, tom do obedecer á determinação da directoria, nada fazer, deixar as cousas no *statu quo*.

O Sr. 1º Secretario: communica ter-se visto obrigado a suspender do serviço o Sr. Gomes Ferreira; e, expondo o occorrido, propõe a demissão do mesmo empregado.

(A directoria approva sem discussão.)

O Sr. Silva Gandra: traz ao conhecimento da directoria que recebeu do Sr. Ferreira, que tambem serviu á thesouraria, o balanço, contas e dinheiro, tudo em boa ordem e conforme, até o dia 9 de junho, data em que se retirou aquelle empregado.

É apresentado pelo Sr. Silva Gandra, relator, o parecer em resposta ao questionario remettido pelo Sr. Emilio de Barros, consul geral de Venezuela, sobre assumptos relativos á cultura e commercio do café.

(Fica sobre a mesa até a proxima sessão.)

O Sr. Sergio de Carvalho: varias commissões tem sido nomeadas e não se tem reunido.

A questão dos syndicatos agricolas reclama sacrificio e abnegação. É forçoso cuidar dessa propaganda.

Julgo necessario nos dirigirmos a todos os jornaes do interior e ao clero: precisamos levar a convicção a todos para o congraçamento da classe agricola com a formação dos syndicatos.

O Sr. Presidente: apoludo. O clero e o professor primario, pela sua natural influencia no interior do palz, seriam excellentes propagandistas.

O Sr. Sergio de Carvalho: outra questão magna que não devemos deixar de ter na maior attenção é aquella a que se referiu o director de culturas, a questão da Fazenda de Santa Monica.

Não tem sido possível á directoria visitar regularmente os trabalhos nessa Fazenda, mas é forçoso cumprir os a visita.

Em seguida o Sr. Sergio de Carvalho apresenta aos seus companheiros de directoria o Sr. Paul Philippe François Michéa, portador de uma patente do Governo Brasileiro, concernente a «novos modos de preparar o mate».

O Sr. Presidente offerece ao Sr. Michéa o salão da sociedade para o caso de querer S.S. realizar alguma conferencia sobre a materia.

É, após uma palestra havida entre o Sr. Michéa e os directores presentes sobre o assumpto da alludida patente do Sr. Michéa e apresentação de alguns productos obtidos pelo mesmo senhor, é encerrada a sessão, ás 6 horas da tarde.—*Antonino Fialho.*—*Alberto Jacobina.*—*Carlos Raulino.*—*João Baptista de Castro.*—*Wencesláo Bello.*—*Dr. Ph. Aristides Calro.*—*João da Silva Gandra.*—*E. Jucy Monteiro.*

•••

Acta da 187ª sessão — 1902 do Directorio — em 25 de Junho de 1902

PRESENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

No dia 25 de junho de 1902, ás 3 horas da tarde, presentes os Srs. João Baptista de Castro, Domingos Sergio de Carvalho, Wenceslão Bollo, Aristides Calro, Augusto Bernacchi, João da Silva Gandra e Alberto Jacobina, assume a presidência o Dr. João Baptista de Castro e abre a sessão.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 16, 20 e 21 de maio.

São propostos e approvados como socios effectivos o Dr. Francisco da Rocha Lima, do Santo Amaro, Bahia, pelos Srs. Augusto Bernacchi e Alberto Jacobina, e o Dr. Arthur Baptista de Castro, pelos Srs. João Baptista de Castro e Wenceslão Bollo.

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Ministro do Exterior, remettendo o relatório sobre viticultura na Italia, organizado pelo consul geral do Brazil em Genova.

(Agradeça-se. Fica nomeada uma commissão composta dos Srs. Aristides Calro, Silva Gandra e Aristoteles Calça para estudar o relatório e dizer a respeito.)

Officio da Secretaria da Associação Commercial do Amazonas, pedindo sementes e reiterando o pedido de inscripção no numero dos associados da Sociedade.

(Agradeça-se. Quanto ás sementes, remetta-se ao Ministerio da Viação, devidamente informado.)

Officio do Presidente do Conselho Municipal de Almas, Estado da Bahia, communicando que esse municipio se fará representar na Conferencia Assucareira.

(Integrado.)

Officio da Secretaria da Camara Municipal de Leopoldina, pedindo inserver essa municipalidade como associada da Sociedade a começar de 1 de julho.

Clarear do Club Cafetal do Livramento, Rio Grande do Sul, communicando o resultado da eleição da directoria.

(Agradeça-se.)

Officio do Dr. Francisco da Rocha Lima, do Santo Amaro, Bahia, pedindo inserver-se no rol dos socios da Sociedade.

(E' proposto e approved. Communique-se.)

Carta do consocio Vicente Aguiar Pereira, do Alogr do Itapemirim, Estado do Espirito Santo, remettendo ordem para pagamento de suas annuidades e applaudindo a propaganda dos syndicatos agricolas.

(Agradeça-se.)

Carta do Sr. Santos Dias Filho, do municipio de Escada, Pernambuco, communicando que esse municipio se fará representar na Conferencia Assucareira.

Carta do Sr. Garcia Dias Pires de C. e Albuquerque adherindo á idéa da Conferencia Assucareira e solicitando que no programma dessa conferencia seja incluída a visita á fabrica do assucar do Rio Fundo a á zona assucareira de Santo Amaro.

(Devendo effectuar-se nesta data a abertura da Conferencia Assucareira, não ha tempo para satisfazer o pedido.)

Carta dos Srs. Borlido & Comp. pedindo o pagamento de 209\$, importancia da compra de uma correa para a Fazenda de Santa Monica.

(Desde muito tempo está autorizado o pagamento dessa despeza. Entregue-se ao Sr. thesoureiro para satisfazer.)

O Sr. 1º Secretario apresenta o officio da Secretaria da Viação mandando entregar á Sociedade o officio da antiga Hincharia para nelle se installar, officio que por varias circumstancias deixou de ser incluído no expediente das sessões anteriores.

(Pode ordens a respeito.)

O Sr. Augusto Bernacchi propõe que seja nomeada uma commissão para tomar effectivamente posse da Hincharia, com poderes plenos para dar os passos necessarios a respeito, o que se agradeça ao Sr. Ministro da Viação.

(E' approvada essa proposta.)

O Sr. 1.º Secretario: communica que foi, em companhia do Sr. Silva Gandra e Aristides Oaire, no dia 18 deste mez, entender-se com a casa F. Lambert, na rua nova do Ouvidor n. 22, a respeito de uns instrumentos agricolas de Charles Merxmoron de Dombasle, de Nancy, França, que haviam sido doados á Sociedade Nacional de Agricultura, quando esta associação tinha sede na Casa da Moeda, em 1897, e que mais tarde, por circunstancias que não valem a pena repetir, foram entregues pelo então Presidente ao Sr. Lambert, instrumentos que o Sr. A. Hornault, representante de Ch. Merxmoron de Dombasle, nesta Capital, novamente havia offercido a esta Sociedade, como consta das cartas de o mesmo senhor de 13 de junho e 18 de abril do anno corrente.

A pessoa com a qual nos entendemos, na casa Lambert, declarou-nos que não está mais em seu poder, de de muito tempo, nem um só desses instrumentos. Esses objectos, disse-nos mais, estiveram em uma casa da rua Theophilo Ottoni, dahi não sabe para onde foram.

O Sr. Silva Gandra: traz ao conhecimento da Directoria que tem recebido as annuidades de varios socios residentes na Capital Federal.

Pede autorização para se dirigir directamente aos socios do interior, lembrando o cumprimento das obrigações determinadas nos Estatutos.

E' concedida essa autorização.

E' discutido e approvedo o parecer sobre a situação do café brasileiro na Turquia, depois da lei municipal elevando os impostos do commercio ambulante.

O director de culturas apresenta a seguinte communicação relativa á visita á Fazenda de Santa Monica:

Communico que a 21 do corrente fiz a visita semanal á Fazenda de Santa Monica.

O serviço de lavra vai paulatinamente na parte baixa, onde acaba de ser feita a segunda colheita de arroz (soca) e está se completando o destocamento desta parte que faltava para tornal-a aravel com facilidade e perfeição.

Não tenho atacado, como desejava, a lavra e entrada com mais actividade no desbravamento do terrenos incultos porquanto ha recomendação e necessidade de restringir as despesas o mais possivel. Continúa a colheita do café, que, como já disse, é insignificante.

Foi mondado o trigo na vargem dos coqueiros e tanto este como as demais sementeiras que vingaram vão desenvolvendo bem.

Mais uma vez lembro a necessidade de, quanto antes, ser beneficiado o arroz que nas tulhas só tem a perder, e por isso convide a Directoria a assistir ao funcionamento do machinismo Xavier, de beneficiar arroz, no dia 27 do corrente, ao meio dia, á rua da Alfandega n. 92, ahi de verificar de visu a sua bondade e resolver sobre a vantagem de permitta do que existe em Santa Monica e que não funciona bem, por outro cedido pelo mesmo fabricante, em melhores condições.

O Sr. Baptista de Castro: refere-se á necessidade da propaganda agricola no Estado de Minas Geraes.

Discorre sobre as riquezas desse Estado, demonstra o lugar saliente que lhe cabe na communha brasileira.

E' preciso, diz S. S., que alguém tome a iniciativa da criação das sociedades agricolas no Estado.

Na administração do Governo do Estado está um homem superior, intelligente, illustrado e progressista. Cumpro á Sociedade Nacional de Agricultura dirigir um offcio ao Sr. Costa Senna, pedindo que S. S. tome a iniciativa da criação dessas associações, que S. S. ponha-se á frente da propaganda agricola.

E' approveda esta indicação.

O Sr. 1.º secretario: apresenta o lê um offcio do Sr. Cornelio da Fonseca, deputado por Pernambuco e membro do Conselho Superior, sollicitando uma sessão do Conselho Superior para apresentar um projecto do auxilios á lavoura.

A directoria resolve convocar sessão do Conselho Superior para o dia 1 do julho, ás 3 horas da tarde.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a sessão.

Em tempo: na folha 59, linha 34ª, onde se diz: é approveda essa proposta — accrescente-se: e nomeada a seguinte commissão para dar cumprimento ao appro-

vado: Wenceslão Bello, presidente, Ferreira Jacobina e Augusto Bernacchi. — E. Jacy Montelro, 1.º secretario.

Antonino Fialho. — Aiberlo Jacobina. — Carlos Raulino. — João Baptista de Castro. — Wenceslão Bello. — Dr. Ph. Aristides Calre. — João da Silva Gandra. — E. Jacy Montelro.

Acta da 180.ª sessão — 103.ª de Directoria, em 8 de Julho de 1902

PRESENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia oito de julho de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Baptista de Castro, Wenceslão Bello, Aristides Calre, Sergio de Carvalho, Ferreira Jacobina, João da Silva Gandra, Jacy Montelro e Miguel Nogueira, é aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 3, 10 e 13 de junho.

É proposto e approvado como socio effectivo o Sr. Hugolino A. Mello Mattos, residente em Theophilo Ottoni, Minas Geraes.

O Sr. Sergio de Carvalho (pela ordem): propõe inversão da ordem dos trabalhos da sessão, adiando-se a leitura do expediente.

É approvada.

O Sr. Wenceslão Bello: pede a palavra para trazer ao conhecimento da Directoria que uma comissão do «Centro do Commercio de Café do Rio de Janeiro» procurou a comissão da Sociedade encarregada de dar parecer sobre a petição que o alludido Centro dirigiu a S. Ex. o Sr. Ministro da Viação, relativa á applicação de tarifas differenciaes para os cafés despachados directamente das estações da E. F. Central para a praça do Rio de Janeiro — tendo se realizado na sede desta Sociedade, no dia 3 do corrente mez, demorada conferencia entre essas duas comissões.

Nessa conferencia ficou combinado, como conclusão, dirigir a comissão da Sociedade um officio ao Centro do Commercio, contendo uma série de quesitos aos quaes podia resposta.

Esse officio já foi feito e endereçado ao Centro do Commercio, de quem aguardamos a competente resposta.

Havendo sido o assumpto discutido em sessão do Conselho Superior, julga de melhor alvitre que a resposta do Centro do Commercio e o novo parecer, que será annexado ao primeiro já approvado, sobre essa resposta, sejam em Conselho Superior discutidos e tomadas quaesquer deliberações a respeito do caso.

É approvado.

O Sr. Antonino Fialho: foi procurado por uma comissão de lavradores do Santo Antonio de Padua, Cantagallo e outros municipios do Estado do Rio, que velu pedir sua intervenção junto á administração da Estrada de Ferro Leopoldina, no sentido da redução de tarifas dessa ferro-via.

Sem tomar compromisso algum, prometeu todavia acompanhar e secundar os passos que essa comissão desse nesse sentido.

Já teve occasião de conversar, a respeito do assumpto, com o Sr. Frederico Barrow, que prometeu estudar o caso e fazer o que fosse possível.

O Sr. Aristides Calre: esteve tambem com o Sr. Barrow, que lhe repetiu o que havia promettido ao Dr. Antonino Fialho.

O Sr. Ferreira Jacobina: pede informações sobre os tramites que seguem os pedidos de sementes e do pagamento de seguros e despesas de viagem dos animais de raça e reproductores, dirigidos á Sociedade; se esses pedidos devem ser trazidos ao conhecimento e deliberação da Directoria ou não; como deve ser feito esse serviço, que á Sociedade foi comotido pelo Sr. Ministro da Viação.

O Sr. Jacy Montelro: — S. Ex. o Sr. Ministro da Viação determinou que esses pedidos fossem dirigidos á Sociedade Nacional de Agricultura, á qual competia, p. r. indicação de S. Ex., o que muito nos honra, examinar os respectivos pedidos e informar a respeito.

Esse serviço, julgo, deve caber á secretaria da Sociedade.

Quando o secretario tenha duvidas sobre qualquer informação a dar, consultará pessoa competente, um de seus companheiros de Directoria, a fim de orientar-o.

A secretaria fará então um officio com as informações necessarias, resultado do exame do pedido, parecer a respeito, etc., para ser dirigido ao Sr. Ministro

com o requerimento do peticionário, officio que será assignado pelo presidente da Sociedade.

O Sr. Antonino Flahio: ratifica o que acaba de expor o 1º secretario. Julga que justamente esses devem ser os trâmites a seguir com taes pedidos.

O Sr. Ferreira Jacobina: propõe que a Sociedade officie aos Srs. Sebastião Mendes e José Bittencourt, importantes negociantes desta Capital e muito relacionados no interior do paiz, pedindo que sejam portadores, junto de seus committentes e freguezes do interior, da noticla de que se achá aberto o credito para a aquisição de sementes e pagamento de seguro e passagens de animaes de raça.

O 1º secretario: — Não sómente a esses senhores, senão a todos os interessados no assumpto, devem se dirigir identes pedidos.

Convêta até mandar imprimir circulares para serem distribuidas profusamente.

A Directoria resolve que se communique o facto a todas as pessoas que estejam em relação com os criadores do interior do paiz e em geral aos interessados na materia, dos quaes tenha noticia a secretaria da Sociedade.

O Sr. Ferreira Jacobina: pede aluda a palavra para apresentar duas indicações.

A primeira diz respeito ao que referiu o Sr. Presidente, participando haver sido procurado por uma commissão de lavradores dos municípios de Santo Antonio de Padua, Cantagallo e outros, para que a Sociedade intercedesse junto á Administracão da Estrada do Ferro Leopoldina, no sentido da reduccão das tarifas dessa ferro-via: pede que a Sociedade dirija officio ás camaras municipais desses municípios, que ainda não se inscreveram no rol dos associados da Sociedade Nacional de Agricultura, solicitando que se inscrevam.

A segunda indicação se reporta a uma proposta que apresentou na sessão de 3 de junho, sobre serviços urgentes e trabalhos de commissões que até agora não tiveram ainda andamento. Nesse sentido apresenta a seguinte proposta: (1)

Propoño que fique attribuida aos Presidentes das commissões nomeadas pela Directoria da Sociedade, cujos trabalhos se acham em andamento, o dever de communicarem o resultado dos respectivos trabalhos em todas as sessões da Directoria.

(A secretaria da Sociedade fará selento da presente deliberação ás commissões nomeadas.)

O 1º Secretario: com relação á primeira indicação, cumpre communicar que foram dirigidas a todas as camaras municipais do paiz uma circular pedindo que essas municipalidades se inscrevam como socios da Sociedade Nacional de Agricultura. Dirigirá novas circulares.

Quanto á segunda indicação e proposta nada tem que dizer — approva-a.

Submettidas á discussão e votação as indicações e proposta do Sr. Ferreira Jacobina, são approvadas.

O Sr. João Baptista de Castro: — precisamos ter aqui catalogos diversos de estabelecimentos de criação, para que poderemos informar os pedidos relativos á importação de animaes de raça e reproductores, que nos são dirigidos.

(É approvada essa indicação.)

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se á necessidade de se decidir o caso da fazenda Santa Monica, cujos serviços precisam ser desenvolvidos e cujo futuro precisa ficar amparado e defendido, como tantas vezes tem pedido o Director de Culturas.

Propõe que as duas commissões nomeadas — a que tem de estandar o plano de culturas e a que tem de formular o projecto e mensagem que se tem de dirigir ao Congresso, sobre a proposta do Dr. Augusto Bernacchi — activem com urgencia os respectivos trabalhos; e desde que estes estejam promptos, convoque-se a Directoria para se reunir em sessão extraordinaria todas as sextas-feiras, até se terminiar a discussão do assumpto e subsequente votação, não se tratando nas referidas sessões de nenhuma questão extranha, com excepção de qualquer medida urgente sobre os Syndicatos Agricolas.

Em segundo lugar lembra a medida aconselhada em uma das conclusões do Congresso de Agricultura, com relação á remonta do exercito; e propõe que seja nomeada uma commissão para conferenciar com S. Ex. o Sr. Ministro da Guerra. Essa commissão approvulará o ensejo para referir a S. Ex. a vantagem da introducção da manteiga nacional nos hospitales militares e quartels.

Em terceiro lugar vem dizer algumas palavras sobre a conferencia assu-carreira, cujo exito foi completo, e outro resultado não era de esperar, attondeudo

aos elementos que concorreram a prestigiar aquella certamente, a presença do que de mais escolhido podem dar os Estados e municípios assucareiros e as associações agricolas.

Propõe, por consequente, que se consigne na acta da presente sessão um voto de applausos a todas as corporações e pessoas que tomaram parte na alludida conferencia, aos governadores, municípios, sociedades, lavradores e industriaes.

Pede permissão para salientar o procedimento nobre, generoso e altamente patriótico de duas entidades que vincularam seu nome á Conferencia Assucareira: quer se referir ao Sr. Malatrin da Viação e ao Sr. Governador do Estado da Bahia.

Em sessão do Conselho Superior já teve occasito de communicar o valioso auxilio e prestizjo que a Sociedade Nacional de Agricultura e a Conferencia Assucareira mereceram do Sr. Ministro da Viação: S. Ex. franqueou o Telegrapho Nacional á Sociedade e concedeu passagem gratuita nos vapores do Lloyd a todas as pessoas que foram tomar parte na Conferencia.

Veiu tornar publico uma proposta que, sabo, está já formulada no pensamento dos seus compaheiros da Directoria: propõe que a Directoria da Sociedade vá em comissao cumprimentar o Sr. Ministro da Viação e agradecer a S. Ex. os serviços que tão generosa e patrioticamente se dignou prestar-nos, em beneficio do progresso agricola do paiz.

Com relação ao Sr. governador do Estado da Bahia, nao vem rememorar o acolhimento cavalheiresco e fidalgo que de S. Ex. mereceram os representantes dos Estados assucareiros e associações que compareceram á Conferencia; mas vem lembrar que do Sr. Governador do Estado da Bahia partiu o primeiro voto contra os impostos inter-estadaes, voto de enorme valor para esta Sociedade que já declarou guerra de morte a taes impostos. Propõe que tambem se envie a S. Ex. uma mensagem de agradecimento, salientando a questão da necessidade da extincção daquelles impostos.

Em quarto e ultimo lugar vem propor que a Directoria realisa uma sessão especial para receber os representantes que da Conferencia Assucareira voltam a esta Capital, principalmente o representante da Sociedade o Sr. Dr. Augusto Ramos.

São approvadas unanimente e com applausos todas essas propostas e indicações.

A Directoria nomela os Srs. João da Silva Gandra, presidente, e os Srs. Ferreira Jacobina e Jacy Monteiro para conferenciarem com S. Ex. o Sr. Marechal Ministro da Guerra.

O Sr. Antonino Fialho: refere-se aos relevantes serviços prestados pelo Dr. Sergio de Carvalho á Sociedade e á propaganda agricola desde que se levantou a idéa da reuniao da Conferencia Assucareira, até o encerramento dessa Conferencia.

Propõe que se lance em acta um voto de reconhecimento ao mesmo illustre consocio.

(Essa proposta é approvada com applausos.)

O Sr. Sergio de Carvalho: agradece. Julga, porém, não haver razao para tão honroso voto.

Aproveita a occasião, em estando com a palavra, para solicitar á Directoria a auxiliar o Sr. Fausto Pedreira Machado, jovem industrial brasileiro, na installação e experiencias do alambique de sua invenção.

A thesouraria da Sociedade, infelizmente, não pode comportar semelhante despesa, aliás pequena, pelos encargos que tem.

A montagem do alambique importará em cerca de quinhentos mil réis: talvez fosse possível obter do governo esse auxilio.

O Sr. Aristides Cairo: — Na Fazenda de Santa Monica se poderiam fazer essa installação e ns experiencias si se concertassem umas moedas que lá estão e se fizessem outros pequenos serviços, o que acarreta despesas que a verba da Fazenda não pode supportar.

Si o Governo consente em autorizar as despezas de installação do referido alambique na Fazenda de Santa Monica licerará com isso a Fazenda.

O Sr. Presidente: pede ao Sr. Director de Culturas que estude o caso para se resolver ulteriormente.

O 1º Secretario: propõe que seja nomeado para auxiliar os trabalhos da Secretaria o Sr. Carlos Loureiro, com a gratificação de 220\$ por mez, desde que a Sociedade não está em condições de supportar maiores despezas e fazer maior

ordenado, sendo augmentado de 20\$ os honorarios mensaes do Sr. Facó, que ha muito tempo ali trabalha.

A directoria approva depois de consultar o Sr. thesoureiro a respeito dessa despesa.

O Sr. João Baptista de Castro : apresenta a seguinte justificação que é approvada :

Considerando a necessidade de promovermos por todos os meios e fórmãs ao nosso alcance a maior união possível dos agricultores brasileiros, em vista de realizarmos um dia os Syndicatos Agricolas, conforme as conclusões do Congresso de Agricultura, para o que é essencial a legislação adequada, indico :

que a Sociedade Nacional de Agricultura, ao corresponder-se com as associações similares, as municipalidades e os proprios governadores dos Estados, promova a fundação de sociedades agricolas municipais e estaduais, o que constituirá um grande avanço quando tentarmos de, legalmente, organizar os referidos Syndicatos Agricolas. — 8 de julho de 1902 — *J. B. de Castro*.

O Sr. Aristides Cudre: participa á Directoria que se achã nesta Capital, de regresso do Chile, o Sr. Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, consul do Brasil em Valparaiso, que muito bons serviços tem prestado á Sociedade, relacionando-a com varias associações chilenas e pessoas conceituadas daquela Republica.

Propõe que a Directoria offeie ao Dr. Oliveira Botelho, apresentando a S. S. as boas vindas.

(É approvado.)

O Sr. Silva Gandra: a proposito da necessidade do se dar andamento urgente a certos serviços affectos á Directoria, vem pedir informações sobre o que se ha feito com relação ao predio da antiga Hucharia, da lo pelo governo á Sociedade para sua installação.

O 1º secretario: communica que Ji proceder a uma ligeira vistoria no referido predio, o que no estado de estrago e ruina em que se achã inteiramente esse proprio nacional, não se poderá adaptal-o á installação da sociedade, sem concertos e modificações interiores, que, muito molestos, não importarão em menos de uns cincoenta contos de réis.

O Sr. Ferroira Jacobina: informa que a commissão nomeada para tornar effectiva a posse do edificio da antiga Hucharia, ainda não deu os primeiros passos nesse sentido, por falta absoluta de tempo.

O Sr. director de culturas apresenta a seguinte communicação relativa a essa ultima visita á Fazenda de Santa Mouca:

Tenho de dar informações de duas visitas que fiz á Fazenda, sendo que uma, a de 28 de junho, devia ser lida na sessão passada (de 1 do corrente), na qual não houve tempo.

Continúa a sêcca, ha quasi dois mezes, contrariamente ao que tem succedido nesta capital onde tem chovido regularmente e ainda toda a semana de 24 a 28 do mez proximo passado.

Pelo que, repito o que tinha dito em anteriores communicações, a lavra continua difficil, sendo apenas possível na parte baixa, onde o terreno permitto, mas justamente onde as hervas más (os matos) tomaram grande desenvolvimento, de modo a engasgarem muito os arados, perturbando o serviço.

Isto não teria acontecido se tivessesmos gado sufficiente de trabalho, pois que a lavra de Outubro já devia de ha muito estar terminada.

Si continuar a sêcca, prevejo que o serviço ficará muito prejudicado, não sendo possível a lavra nos morros sinão depois de uma boa chuva.

Continúa o destocamento.

Mondon-se o trigo do campo n. 1 com mais perfeição e economia, tendo este sido plantado com o semeador em linha e não a lanço como o outro.

Fez-se a amontôa (chegou-se terra) a uma pequena plantação de batatas, — da Ingloza amarella, — da semente provoniente do Perú.

Capinou-se um partido de batata doce e fizeram-se mais alguns pequenos serviços, — como limpeza de pasto, extirpações do Angola no terreno já lavrado, estumeira, etc.

Continúa a ser tratado convenientemente o viveiro das sementes de Haage & Schmidt, que germinaram e continuam a se desenvolver bem, á excepção de umas quatro variedades do centeio, que não germinaram.

Mandei plantar um pouco do tupinambour que obtivo em minha chacara, a vor si conseguirmos propagar novamente a cultura dessa planta americana, si

não brasileira, que tende a desaparecer, ou pelo menos, não é mais muito commum entre nós, quando ella na Europa, uma vez plantada é do difficil extincção, e de uma rusticidade sem igual, dizem todos.

A outra visita foi feita a 5 de julho e verificou-se ainda estarmos nas mesmas condições, quanto á falta de chuvas. Ainda assim vamos proseguindo na lavoura, extincção do capim de Angola, das formigas saúvas, etc.

As plantações de batatas e trigo vão se desenvolvendo bem. A do trigo do campo n. 1 está começando a sentir um pouco da sêcca pelo que mandei fazer o rogo para condução da agua para irrigação.

Comunico que morren um carneiro, de molestia cujo diagnostico não ponde ser feito.

Apresento, de conformidade com o regulamento, a nota dos serviços e despesas mensaes do junho a fim de ser examinada pela directoria, e approvadas as despesas, seja autorizado o pagamento.

Nada mais havendo que tratar, encerra-se a sessão.

Antonino Fialho, — Alberto Jacobina, — Carlos Raulino, — João Baptista de Castro, — Wenceslão Bello, — Dr. Aristides Coire, — João da Silva Gandra, — E. Jacy Monteiro.

Acta da 190ª sessão — 164ª da Directoria em 15 de Julho de 1902

PREZIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 15 de julho de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Wenceslão Bello, Alberto Jacobina, João da Silva Gandra, João Baptista de Castro, Aristides Coire, Carlos Raulino, Sergio de Carvalho e Jacy Monteiro, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 17 e 25 de junho e 8 de julho.

São propostos e approvados como socios effectivos os Srs. Drs. Baltazar Bernardino Baptista Pereira, Nietheroy; Charles Berthaud, Minas; Nilo Pecanha, Estado do Rio.

E' lido o seguinte expediente:

Carta da Société Nationale d'Horticulture de France, Paris, convidando a esta sociedade a fazer-se representar na assembléa geral de 26 de junho do corrente anno;

Officio da secretaria da industria e viação encaminhando e capeando as informações e papeis fornecidos pela legislação de Madrid, sobre o commercio do café na Hespanha;

Carta do presidente do Conselho Municipal da Villa Duro, Estado de Goyaz, accusando o recebimento de sementes e pedindo outras;

Officio do Club da Lavoura de Batatas, communicando o adiantamento do Congresso Agricola a realizar-se em Ribeirão Preto no dia 21 do corrente, e convidando esta sociedade a fazer-se representar;

Carta do director de propaganda da Sociedade de Agricultura Alagoana, agradecendo a remessa de sementes;

Carta do presidente e vice-presidente da Sociedade Scientifica Protectora da Infancia, convidando esta sociedade a assistir a installação solemne da mesma;

Carta do presidente do Gremio Litterario Recreativo de Casa Branca, pedindo a remessa de jornaes, livros, etc. como auxilio á sua bibliotheca;

Carta do 1º secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, agradecendo o «Manifesto á Lavoura»;

Carta do bibliothecario do Club Romeiros do Porvir, pedindo a remessa d'A Lavoura;

Carta do Sr. Alcides Gouvêa, de Theophilo Ottoni, remetendo um artigo publicado no «Minas Geraes» sobre a cultura da poaya.

Carta dos Srs. C. B. Knapp, R. Jendy e S. Morrison, desta capital, offerecendo os serviços seus, como especialistas em escripturação por meio de machinas e tachygraphia;

Carta do Sr. Azevedo Machado, de Petropolis, communicando o lugar para onde deve ser endereçada A Lavoura;

Carta do Dr. Benjamin Flores, do Bello Horizonte, participando a proxima installação da Sociedade de Agricultura Mineira;

Carta do Sr. Geraldo Marthius, de Nethoroy, pedindo a remessa de um sacco de Jaraguá e um kilogrammo de soja do Japão para a estação do Rodão;

Carta do Revm. padre Joaquim Marthius Teixeira, da villa do Alegre, pedindo que se remetta um cento de bacellas (ao director de culturas);

Carta do Revm. Luiz Pasquale, do Aracajú, pedindo bacellos e sementes;

Carta e relatorio do Dr. Bernardo Dias Ferroira, sobre os serviços feitos em Santa Monica (ao director de culturas);

Carta do Sr. Mario de Oliveira Barbosa, fazenda do S. Luiz do Rio Preto, pedindo sementes de algodão vulgarmente conhecido por horbaeco;

Carta do Sr. Francisco Guimarães Alves Nogueira, de Florianopolis, agradecendo as sementes remittidas e pedindo outras;

Carta-officio do Sr. Felisberto de Oliveira Freire, de Itaporanga, Estado do Sergipe, impetrando a intervenção da sociedade em favor da licença de direitos de importação sobre uma bomba e machina de irrigação que, como agricultor, mandou vir da Inglaterra (a directoria resolve intervir a favor);

Officio do vice-presidente da Camara Municipal de Valença, Estado do Rio, declarando ter o Sr. ministro da Viação comunicado a recomendação que lhezera a esta sociedade no sentido do não serem prejudicadas as aguas dos correjos que abastecem a população do Desaguano;

Officio do presidente do Conselho Municipal do Remanso, Bahia, pedindo dois kilos de sementes de feijão da China;

Officio do sanatorio do Club Agricola do Alto Imbé, pedindo 50 grammas de sementes de soja;

Officio do chefe da commissão de açuda e irrigação Quixadá, Ceará, pedindo a analyse de uma porção de terras enviadas;

Officio do Centro do Commercio de Café do Rio de Janeiro, respondendo aos quesitos formulados pela commissão respectiva;

Carta do official da marinha José Martim, Maranhão, pedindo exemplares d'A *Lavoura*;

Carta de Arens Irmãos, Rio, enviando folhetos especiais sobre arados e outros apparelhos para a lavoura;

Carta do Dr. José Joaquim Pizarro, Rio, sciencificando ser indispensavel a analyse chimica do matto Michêa, para poder elaborar o seu parecer;

Carta dos Srs. Libanio & Tavares, de Sant'Anna do Sapucahy, pedindo esclarecimentos sobre a raça caprica que melhor convem importar.

O Sr. director de culturas lê a seguinte communicação relativa á Fazenda Santa Monica:

Viziter, a 12 do corrente, á Fazenda, e ainda a encontrei no mesmo estado quasi desolador devido á secca. Ha mais de dois mezes que não cêo uma gotta de agua, pois a ultima chuva, ainda assim muito diminuta, foi a 11 do malo — o tempo dias de sol abrasador, que mais parece estar-se no verão.

O resultado desta secca anticipada já se nota, viajando pela Estrada de Ferro Central, podendo se observar o estado dos pastos devorados pelo fogo, isto que geralmente só costuma dar-se no mez de agosto o seguinte.

Continúa a lavoura, destocamento, extirpação do capim de Angola. As plantações de trigo estão se resentindo dos effeitos da secca. Concluiu-se o rêgo para conducção de agua para irrigação do campo.

O trigo do campo n. 1 está já sendo irrigado, ainda que já um pouco tardiamente, mas espero que ainda assim aproveitará.

Os colonos continuam a colher café.

Verifiquei o producto das colheitas.

Milho — Plantaram-se 14 alqueires ou 560 litros em 37 hectares, mais ou menos. Produziram 87 carros de 20 alqueires cada um, isto é, 1.740 alqueires — 696^h, 00 litros — ou 870 saccos de 80 litros, regulando de 124:1.

Em geral, é o milho bom desenvolvido. Em alguns logares mais pobres, do terreno muito ordinario, as espigas foram naturalmente pequenas e muitas chôchias (não granada).

Nas pequenas porções em que foi feita a estrumação simples, o resultado foi muito molhor; igual sinão superior em rendimento e qualidade ao colhido em terra superior, nova (capoeira), como o da margem do Parahyba, em frente á estação de Vassouras, devendo regular 3 1/2 a 4 carros por hectare.

Arroz — Plantaram-se 14 1/2 alqueiros ou 580 litros em 5 hectares mais ou menos. Produziram 800 alqueiros em casa, isto é, 57:1. Convem notar que fahou muito.

Foram seleccionados para semente 92 alqueires ou 3.680 litros, sendo: 39 alqueires — 1.200 litros de castete branco; 24 alqueires — 960 litros: douradinho; 20 alqueires — 800 litros: pacholinha; 18 alqueires — 720 litros: japonês.

Já se tem cedido uma boa porção e ainda ha muitos pedidos para plantio.

As demais particularidades relativas á cultura ficam especificadas no livro especial, que se está reorganizando.

Letigo — Falhou muito e em consequencia da irregularidade da estação quasi nada produziu; do 11 alqueires plantado colhoram-se apenas 40.

Apreto duas amostras de arroz de Santa Monica beneficiado no machinismo Xavier.

Polas amostras, verá a directoria que é bem bom o resultado; que não pôde ser melhor para uma machina singela, sem grande complicação e, portanto, de preço relativamente baixo.

Os Srs. directores Gandra e Jacy Monteiro assistiram conmigo a uma das experiencias. Desejo, portanto, saber se deve effectuar-se a permuta segundo a proposta feita pelo mesmo Sr. Joaquim da Silva Xavier, isto é, sem maior despesa para a sociedade.

Apresento mais um polvilho extrahido em Santa Monica dos rísumas de uma scitambica, chamada em Minas — araruta pelmeira.

Um metro quadrado produziu 1^o, 100 grammas de polvilho e acredito que dará muito mais quando feito em melhores condições e em occasião opportuna.

Comunico mais que recabi um officio do vice-presidente da Camara de Valença, relativamente ás aguas do Desengano, pedindo cumprir o determinado pelo Sr. ministro da Industria.

Desejo ouvir a opinião da directoria — achando que devemos saber o que deseja a Camara do Vassouras, tendo ella sciencia de parecer remetido ao ministro.

A directoria approva que se faça a troca do aparelho Xavier para beneficiar arroz, conforme indicou o Dr. Aristides Cairo.

O Sr. Carlos Raulino: em nome e a pedido do Sr. Joaquim da Silva Xavier, vem trazer ao conhecimento da directoria uma pequena reclamação.

O que foi publicado no Relatório da Fazenda de Santa Monica sobre o descascador de arroz «Xavier» parece uma censura aosapparelhos desse fabricante.

Possuo, entretanto, o primeiro apparelho construido, o descascador «Xavier» n. 1, que ha muito tempo funciona em sua fazenda dando os melhores resultados.

O Sr. Jacy Monteiro: — Si ha censura refere-se essa somente ao descascador assentado na Fazenda de Santa Monica, e não a todos descascadores desse fabricante; o tanto que vae ser installado outro machinismo do mesmo Sr. Joaquim da Silva Xavier.

O Sr. Ferreira Jacobina apresenta e justifica as seguintes propostas:

N. 1. Proponho que sejam indicados, dentre os membros das commissões abaixo, os presidentes responsaveis pelo respectivo serviço, para regularidade desses trabalhos e nomeados os sub-titulos para as vagas que nellas existirem:

1.^a Commissão nomeada em 28 de maio de 1901 para fazer propaganda dos syndicatos agricolas, composta dos Srs. Barão de Capanema, Baptista de Castro, José Carlos de Carvalho, Fabio Leal e Wencesláo Bello.

2.^a Commissão nomeada em 10 de dezembro de 1901 para estudar as condições em que se acha a fazenda da Penha, composta dos Srs. Baptista de Castro, Jens Sand e Silva Gandra.

3.^a Commissão nomeada em 15 de abril proximo passado contra impostos inter-estaduaes: composta dos Srs. Leonado de Carvalho, S. Corrêa, Sergio de Carvalho e Wencesláo Bello.

4.^a Commissão para dar parecer sobre o projecto Bernacchi (Santa Monica): Wencesláo Bello, Aristides Cairo e Baptista de Castro.

5.^a Commissão—officio Benedito Leite, sobre arroz: Aristides Cairo, Silva Gandra e Jens Sand.

6.^a Commissão sobre o relatório viticultura na Italia: Aristides Cairo, Silva Gandra e A. Calaga.

O Sr. Presidente: submette a proposta á approvação da casa e, depois de approvada, propõe os seguintes presidentes para essas commissões e os seguintes membros para preencher-lhes as vagas:

1.^a Commissão—syndicatos: presidente Wencesláo Bello, e para preencher as vagas dos Srs. Barão de Capanema e José Carlos de Carvalho, Sergio de Carvalho e Ignacio Tosta.

2.^a Comissão — fazenda da Pexha: presidente Baptista de Castro.

3.^a Comissão — impostos interestaduais: presidente Sergio de Carvalho; para completar o numero de cinco membros Indica o Sr. Ferrelra Jacobina.

4.^a Comissão — projecto Bernacchi: (Santa Monica): para auxillar os trabalhos, elvya a cinco o numero de membros, propouo para isso os Srs. A. Fialho e Silva Gandra; para presidente dessa commissão a directoria propoe o Sr. Antonino Fialho.

5.^a Comissão — offello Benedito Leite (arroz): para presidente Aristides Cairo.

6.^a Comissão — relatório viticultura (Italia): para presidente Silva Gandra.

Submettidas a votos, numa por uma, as propostas do Sr. Presidente são successivamente approvadas, lembrando o Sr. presidente que, uma vez organizadas definitivamente essas commissões, esperava ouvir semanalmente em sessão os seus presidentes sobre o andamento dos respectivos serviços.

O Sr. Ferrelra Jacobina: apresenta, em additamento a esta proposta, uma segunda, restabelecendo commissões dissolvidas e creando novas.

Proposta n. 2. Propenho que a directoria nomeie as commissões necessarias para o proseguimento dos seguintes trabalhos, ha tempo interrompidos:

1.^o Regulamentação dos mercados para a pequena lavoura do Districto Federal.

2.^o Organização do ensino agrícola no palz.

3.^o Exame e modificação de tarifas e fretos das estradas de ferro.

Depois de discutida essa proposta, é unanimemente approvada; e a directoria resolve nomear os seguintes senhores para formarem as respectivas commissões:

1.^a, Ferrelra Jacobina (presidente), Wenceslão Bello, Baptista de Castro, Sergio de Carvalho e Silva Gandra;

2.^a, Antonino Fialho (presidente), Dr. Christino Cruz, Wenceslão Bello, Sergio de Carvalho e Ferrelra Jacobina;

3.^a, a commissão já nomeada para dar parecer sobre a questão de tarifas a que se reportou o pedido do Centro do Commercio do Café do Rio de Janeiro.

A directoria resolve ainda annexar á commissão nomeada para estudar o plano de culturas e serviços em geral da fazenda de Santa Monica, composta dos Srs. Antonino Fialho, Aristides Cairo e Wenceslão Bello (e que por um lapso não foi consignada na acta) a commissão que tem de dar parecer sobre a proposta Augusto Bernacchi.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se ás vantagens que adviriam á industria de canna de assucar si se introduzisse e se desenvolve-se no palz o emprego do alcool como força motriz e na illuminação.

Essa questão foi estudada no Congresso de Agricultura e consignada novamente ainda nas conclusões da Conferencia Assucareira.

Julga da maior conveniencia, e nesse sentido apresenta a respectiva Indicação, — que a directoria da sociedade procure se entender com o Sr. director da Estrada de Ferro Central e o Sr. ministro da Viação a fim de ver si se conseguiu que a illuminação dos carros, estações e mais dependencias dessa ferrovia sejam illuminaadas por meio das lampadas a alcool.

Com relação ás estações talvez já não seja possivel, pelo contracto estabelecido para a illuminação a acetyleno.

O Sr. Ferrelra Jacobina: não acha que o contracto para a illuminação a acetyleno seja o mais proprio para a installação da illuminação a alcool da Central, mas sim o contracto pelo qual a companhia *Light and Power*, que actualmente está explorando as cachoiras de Sapucaia, é obrigada a illuminar as estações dessa Estrada.

O Sr. Baptista de Castro: O Dr. Silva Freire, sub-director da Central, pretende fazer encomenda de um motor a alcool do 30 HP e vai introduzir a illuminação a alcool na estação de Entre Rios, a título de experiencia.

O Sr. Sergio de Carvalho: seria tambem conveniente que o mesmo pedido que a directoria vai fazer ao Sr. ministro da Viação fizesse ao Sr. ministro da Guerra relativamente á illuminação dos quartéis e outros estabelecimentos pertencentes a esse ministerio.

A directoria resolve approvar a Indicação apresentada pelo Dr. Sergio de Carvalho, constituindo a respectiva commissão os Srs. directores que possam se reunir no dia designado— quinta-feira, 17— para se conferenciar com o Sr. director da Central e ministro da Viação.

O Sr. Baptista de Castro apresenta e justifica a seguinte indicação:

Tendo na devida consideração o estado e projecto emanado do Ilustre governador do Estado do Rio, o Exm. Sr. general Quintino Bocayuva, no tocante á crise por que está passando o principal producto da nossa cultura — o café — no que diz respeito ao nosso commercio de exportação, sendo esse producto, como é sabido, a principal artigo de parança de nossas relações commerciaes internacionaes, indico que esta sociedade nomeie uma commissão para estudar o plano apresentado e publicando do *Jornal do Commercio* e sobre o mesmo manifesto a sua opinião. — Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1902. — *J. B. Castro*.

E' approvada a indicação e nomeada a seguinte commissão composta dos Srs. Baptista de Castro (presidente), Wenceslão Bello, Ferreira Jacobina, Silva Gandra e Aristides Calre.

O Sr. Sardo de Carvalho lembra que em breve regressarão a esta capital os compunheiros e consocios que foram tomar parte na Conferencia Assucareira, e que esta sociedade, por sua directoria, deve ir recebê-los com ligamento (approved sem discussão).

Approveta o ensejo para lembrar tambem a conveniencia de se estabelecer na Fazenda Grande da Penha um grande viveiro de plantas, arvores fructiferas e outras, para distribuil-as pelos agricultores, como meio de propaganda. Idéa que lhe foi suggerida pelo consocio Augusto Pereira da Fonseca.

A directoria resolve estudar a assumpto opportunamente.

O 1.º secretario traz ao conhecimento da directoria que recebeu de seu mestre e amigo o Dr. Joaquim Candido da Costa Senna um cartão accusando o recebimento do officio que lhe foi dirigido no sentido de se fundar uma sociedade de Agricultura Estadual em Belo Horizonte e communicando que o *Minas Gerais* do 12 deste mez inseri em duas columnas uma noticia.

O Sr. Baptista de Castro participa ter recebido do Dr. Costa Senna idêntico cartão.

O Sr. 1.º secretario informa á directoria que no *Jornal do Commercio* de 12 do corrente vem estampado o contracto provisório celebrado pelo governo do Estado do Rio para as obras de dessecamento e saneamento da baixada do Rio de Janeiro, serviço cuja realização importa em consideravel beneficio para a lavoura desse Estado visinho, que tem as suas terras alagadas em enormes areas e que de dia a dia esta vendo a inundação desses terrenos cada vez mais se alastrar invadindo os campos de cultura.

Indica que a sociedade envie um officio ao Sr. general Quintino Bocayuva, governador do Estado, manifestando o seu applauso pela effectividade das referidas obras e fazendo votos para que esse serviço possa ser executado promptamente e sem interrupção.

E' approvada a Indicação.

No expediente foi lido o officio do Club Agricola de Batataes, dando parte da transferencia, para o dia 21 do corrente, do Congresso Agricola, que terá lugar na cidade de Ribeirão Preto. Sómente por esse officio se sabe da realisação projectada do alludido congresso, que outro qualquer officio anterior, attinente ao assumpto, não se recebeu.

Pelo que a directoria resolve sobre o pedido de se fazer representar a sociedade nesse congresso, conforme consta do mesmo officio.

Discutido o caso e não tendo a sociedade no Estado de S. Paulo, na cidade de Ribeirão Preto ou immediações, pessoa de intimidade, socio effectivo, a quem, sem obrigar a sacrilicio, podesse commetter a incumbencia de representá-la no certamen em questão, e offerendo-se para essa representação o Sr. director Ferreira Jacobina, o Sr. presidente e mais directores apolam o offercimento e a directoria resolve nomear esse consocio para o cargo de representante da sociedade junto ao Congresso Agricola de Ribeirão Preto.

Antes de encerrar-se a sessão o 1.º secretario distribue com os directores presentes o catalogo de sementes e plantas da Companhia Hortícola de Santa Cruz, Estado do Rio Grande do Sul, que a secretaria recebeu.

Nada mais havendo que tratar, encerram-se os trabalhos. — *João Baptista de Castro*. — *Wenceslão Bello*. — *João da Silva Gandra*. — *Dr. Phelippe Aristides Caire*. — *Augusto Bernacchi*. — *Augusto Ramos* (coronel). — *Augusto Ramos*. — *Jacy Monteiro*.

Acta da 191ª sessão, 165ª de Directoria em 22 de julho de 1902

PREZIDENCIA DOS SRS. ANTONINO FIALHO E BAPTISTA DE CASTRO

No dia 22 de julho de 1902, às 11 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, João Baptista de Castro, Wenceslão Bello, Domingos Sergio de Carvalho, Aristides Castro, Augusto Ramos, coronel Augusto Ramos, Antonio Candido Ferreira Paula, Augusto Bernacchi e Jacy Monteiro, á aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de 15 de julho, depois de algumas observações do Sr. Presidente, Wenceslão Bello e Jacy Monteiro.

Passa-se á leitura do seguinte expediente :

Officio do consul dos Estados Unidos da Venezuela no Rio de Janeiro, communicando o recebimento do officio desta sociedade, de 7 do corrente, e agradecendo ;

Carta do presidente da Sociedade Rural Argentina, de Buenos Ayres, pedindo a *Lavoura* ;

Officio da Intendencia Municipal de Santo Angelo, Rio Grande do Sul, pedindo sementes ;

Carta do Sr. J. B. de Barros Franco, Estação da Pedra do Rio, pedindo sementes de arroz ;

Carta do Sr. Francisco Azarias de Queiroz Botelho, Caxambú, apresentando um additivo ao projecto Quintino, sobre a valorização do café ;

Officio do Sr. Manoel Galvão, Buhla, communicando o que havia feito na conferencia assucareira ;

Carta do Sr. Torquato Alves, Eldado do Pará, communicando o bom exito que teve o plantio da mandioca ;

Carta do Sr. Bromburg & Comp., chamando a attenção da sociedade para o decreto n. 302, de 27 de dezembro ;

Telegramma do Dr. Ignacio Tosta, Bahia, pedindo transferencia de passagem para o representante de Sergipe.

COMMUNICAÇÕES E INDICAÇÕES DOS SRS. DIRECTORES

O Sr. Wenceslão Bello: — Fazendo parte de tres commissões, vem dar conta do occorrido á cerca das mesmas commissões.

Relativamente ao pedido da antiga Ucharia, informa á directoria que a commissão respectiva esteve na Secretaria da Viação, em conferencia com o Sr. Dr. Leandro da Costa, que declarou que o Ministerio da Viação desoccupará a parte que ainda occuja na antiga Ucharia, logo que o Corpo de Bombelros desoccupe tambem a parte em que se acha o respectivo posto.

Dahi foi a commissão entender-se a esse respeito com o Sr. coronel Jardim, commandante daquelle corpo, a quem communicou o que occorreu na Secretaria da Viação.

S. S. promptamente prometteu desalojar o posto de bombelros, desde que obtivesso local competente para sua nova installação.

Foi para esse fim lembrado o *Pedagogium*, pavimento terreo, local que o Sr. coronel Jardim necessitaria.

Tendo lido o Dr. Augusto Bernacchi, que faz parte da commissão, procurar o Sr. Dr. Xavier da Silveira, Prefeito do Districto Federal, para tratar do caso, soube do S. Ex. que o officio do *Pedagogium* acha-se todo occupado, não sendo portanto possivel a installação ahi do alludido posto.

A Repartição dos Telegraphos já desoccupou a parte da Ucharia de que se estava utilizando.

Com relação á commissão dos syndicatos communica que já se iniciou a propaganda pela imprensa. No *Jornal do Commercio* já sahiram publicados alguns artigos e outros ha promptos para serem dados á luz da publicidade. Os jornaes do interior estão cuidando do assumpto ; e varias pessoas mesmo tem se interessado pela questão da propaganda da idéa dos syndicatos e cooperativas agricolas.

Quanto á terceira commissão, da que é presidente, informa que recebeu resposta do Centro do Commercio de café do Rio de Janeiro aos quesitos que a commissão respectiva apresentara ao referido centro.

Pede convocação do conselho superior, como ficou determinado, affirmado, em reunião com a directoria, ser feita a leitura do parecer elaborado sobre a resposta do centro e se deliberar sobre as respectivas conclusões, para que possa esse parecer, conjunctamente com o primeiro já approvedo, ser remettido ao Sr. Ministro da Viação.

A directoria dá-se por inteirada das informações prestadas; e, quanto ao ultimo pedido, feito pelo Dr. Wencesláo Bello, resolve convocar sessão do conselho superior para o dia 24, ás horas da costume.

O Sr. Aristides Cairo lê a seguinte communicação relativa aos trabalhos da Fazenda Santa Monica:

Vislta a Fazenda de Santa Monica a 19 do corrente.

Ainda continúa a secca, tendo já o fogo começado a devastar os pastos, como succede annualmente nesta época, casual ou a males das vezes propositalmente por valiosos.

Continúa a lavoura no campo de cultura do arroz, parte bastante humida.

Ainda se está destocando.

E' sensível a differença entre o trigo que foi irrigado e o outro; aquelle está vliçoso, tendo-se manifestado o beneficio logo em seguida. Uma parte do outro parece perdida.

Sinto não ter levado tambem a agua ao outro quartel de trigo; o que talvez ainda o faça, se verificar que a despeza será pequena, sendo que servirá para as demais culturas futuras.

Começou a ser conduzido o estrume de curral para os campos de cultura.

Relativamente á utilisação dos estrumes chimicos, resolve a directoria que, embora não se tenha a analyse das terras da Fazenda de Santa Monica, sejam elles empregados convenientemente, deixando-se sempre parte da cultura como padrão, conforme lembra o Dr. Aristides Calre.

O Sr. Aristides Calre: apresenta em seguida uma relação de sementes, bulbos e plantas que julga de grande utilidade serem introduzidos em nosso paiz e distribuidos pelos lavradores.

Pede aos consocios que indiquem mais alguma planta de valor cujo nome fosse esquecido nessa relação.

O Sr. Presidente: ratifica o pedido do director de culturas. Essa relação deverá ser dirigida ao Sr. Ministro da Viação, acompanhada de um offiço da sociedade justificando as vantagens da introdução dessas plantas em nosso paiz.

Quanto á despeza exacta a effectuar não se pode previamente determinar. Si algum dos Srs. directores tem a dizer sobre o caso, ser-lhe-ha concedida a palavra.

Accorda a directoria em que a relação de sementes e bulbos de plantas que a sociedade pretende importar seja directamente remettida ao Sr. Ministro da Viação, com um offiço justificativo, conforme indicou o Sr. presidente, sem se determinar exactamente, o que não é possível, a despeza respectiva.

O Sr. Wencesláo Bello: Indaga sobre pedidos de importação de animaes de raça; si a sociedade não tem recebido pedidos dessa ordem.

O Sr. Jacy Monteiro: informa que ha pedidos nesse sentido—não propriamente de animaes já encomendados, mas de pessoas que pretendem importal-os.

De animaes já importados recebeu a sociedade communicação do Sr. João Baptista Lopes, que mandou vir da America do Norte porcos *Poland Chine*. Esse requerimento já foi remettido ao Sr. Ministro da Viação, devidamente informado.

Quanto aos outros, serão remettidos á Secretaria da Viação, para que conste o pedido feito.

O Sr. Presidente: em outra sessão já se referiu á necessidade que tem a sociedade do possuir catalogos de animaes de raça e reproductores.

Lembra que o Dr. Sergio de Carvalho poderia obter excellentes catalogos dos criadores da Republica Argentina, onde tem amigos e pessoas de suas relações.

O Sr. Sergio de Carvalho: promette mandar esses catalogos. Aproveita a occasião para lembrar que é forçoso discurrir-se o plano de culturas da Fazenda Santa Monica.

O Sr. Aristides Calre:—O presidente da respectiva commissão ausentou-se da sessão por motivo de serviço da sociedade; pede que se adie, mais uma vez, a discussão do assumpto.

A directoria resolve adiar a respectiva discussão.

O Sr. Sergio de Carvalho: participa que já regressaram da Conferencia Assu-careira e se acham nesta Capital o Dr. Ignacio Tosta e o Dr. Augusto Ramos.

Pede que a directoria determine o dia da sessão especial para receber seus illustres consócios.

A directoria resolve que a referida sessão especial seja realizada no sabado, 26.

O Sr. Augusto Bernacchi: pede informações sobre o que ficou assentado com relação ao diploma do Dr. Moura Brazil.

O Sr. Jacy Monteiro presta informações: está resolvido que o primeiro diploma distribuido, o n. 1, seja conferido ao Dr. Moura Brazil. Resta resolver a duvida se lhe será conferido o diploma do presidente honorario ou vice-presidente honorario.

Pelos antigos e primitivos estatutos tinha a sociedade um presidente e dois vice-presidentes honorarios, que eram respectivamente o Dr. Luiz Pereira Barretto, que ainda o é, e os Srs. Frederico Albuquerque e Pedro Soares Caldeira, que já são fallecidos.

Com o fallecimento de Frederico de Albuquerque, que foi substituido no respectivo cargo honorario pelo Sr. Barão de Capanema, este, em sua modestia, pediu que dessa noticia nao dessemos publicidade.

Conservou-se vago ao depois o lugar do benemerito brasileiro Pedro Soares Caldeira.

Os novos estatutos não cogitam do assumpto; e a alguns dos actives directores se affigruva que, tendo já a sociedade um presidente honorario, não parecia ter segundo, pensando-se o assumpto, o Dr. Wenceslão Bello e outros directores justificam a opinião que não importa o numero de presidentes honorarios, uma vez que o caso nos novos estatutos não ficou determinado. E propõe portanto que ao Dr. José Cardoso de Moura Brazil seja conferido, na categoria do presidente honorario o diploma n. 1, da Sociedade Nacional de Agricultura.

Essa proposta é aprovada unanimemente e com applauso.

O Sr. Augusto Bernacchi: lembra uma conversa que teve com o Dr. Wenceslão Bello acerca da Incharia, na qual se tratou dos meios de se effectuarem os concertos desse antigo edificio, entre outros o de ngarbar para esse fim donativos por meio de subscrições.

O Sr. Wenceslão Bello: essa indicação foi realmente conversada, não ficando nada assentado. Nessa mesma occasião lembrou que seria talvez possível obter constructores capazes de fazer alguma dadiua de seus serviços em benefício da propaganda. Até mesmo os materiais poderíamos obter pelo preço do custo.

Pede que a indicação Bernacchi fique sobre a mesa para ser convenientemente estudada com os additivos que apresentou.

É approvedo o pedido.

O Sr. Sergio de Carvalho: lembra o pedido feito pelo filho do Dr. Campos da Paz relativo a compra por alguns Estados da União dos exemplares do *Manual do Vilecultor Brasileiro*, daquello illustre e devotado propagandista.

O Sr. 1.º Secretario: ainda não tendo sido possível saber ao certo quaes os Estados que já adquiriram exemplares do referido *Manual*, aguarda essas informações para então offecler ao governo dos outros Estados.

O coronel Augusto Ramos: declara que está prompto para comparecer ás sessões e prestar seus serviços.

O Sr. presidente agradece.

O Sr. 1.º Secretario: traz ao conhecimento da directoria que não tendo podido seguir para Ribeirão Preto, por motivo de força maior, o Sr. Ferreira Jacobina, representante da Sociedade, foi passado ao Congresso daquella cidade um telegramma dando conta do occorrido e enviando saudações.

O Sr. Silva Gandra communique que entregou ao Dr. Augusto Ramos a quantia de 200\$, que o mesmo Dr. Ramos adiantara ao Sr. Manoel Galvão.

O Sr. 1.º Secretario: communique que por um lapso deixou de incluir na acta a do dia a deliberação da directoria de se dar uma ajuda de custo de 200\$ ao Sr. Manoel Galvão, ao partir para a sua missão de ir ao Norte colher dados sobre a safra.

E, estando adiantada a hora, encerra-se a sessão. — *Antonino Froho*. — *Ignacio Tosta*. — *Wenceslão Bello*. — *Ph. Aristides Caíre*. — *João da Silva Gandra*. — *João Baptista de Castro*. — *Augusto Bernacchi*. — *Augusto Leopoldo R. Canara*. — *Hector de Sá*.

Acta da 133ª sessão — 134ª da Directoria (especial) — em 26 de
Julho de 1902

Em sessão especial, reuuiu-se, no dia 26 de Julho de 1902 a Sociedade Nacional de Agricultura, sob a presidencia do Dr. Antonino Fialho, achando-se presentes os Srs. Ignacio Testa, Augusto Ramos, Baptista de Castro, Weccelão Bello, Aristides Cairo, Sergio de Carvalho, Jacy Montelro, Raposo Camara, Pedro Bellrão, Ferrelra Jacobina, coronel Augusto Ramos, Jons Sand, Silva Candra, Pereira Lima e outros membros da Sociedade.

O Sr. Antonio Fialho diz que convocara aquella reunião com o proposito de prestar homenagem a dons dos mais illustres membros da Conferencia Assucareira da Bahia, o Dr. Ignacio Testa, digno presidente da Sociedade Bahiana de Agricultura, e o Dr. Augusto Ramos, que se dignara de acceptar a missão de representar a Sociedade no seio daquella importante assembléa.

A Sociedade Nacional de Agricultura sente-se jubilar ao receber em seu seio os dons illustres e esforçados propagandistas que conquistaram mais um titulo ao apreço e admiração de seus consoctos pela correção com que desempenharam sua respectiva missão, um collaborando effeazmente com a Sociedade de que é digno presidente para cabal cumprimento do programma da Conferencia Assucareira, outro defendendo e propugnando as medidas concretizadas nas instrucções que a Sociedade confiou a sua solicitude e á sua competencia.

Saudando os dons illustres propagandistas, dava a palavra no Dr. Augusto Ramos para expor o occorrido naquella assembléa, no que entende com as instrucções e, em geral, com os trabalhos da Conferencia.

O Dr. Augusto Ramos começa por assignalar o exito memoravel da Conferencia, quo, pelo concurso lisonjeiro das classes interessadas na solução da crise, pela presenca dos representantes officiaes dos Estados assucareiros e pela importancia das resoluções adoptadas, avultará sempre como um dos mais notaveis acontecimentos e a nossa vida economica.

O orador refere em traços largos o acolhimento fidalgo e generoso que lhe foi prodigalizado na Bahia, graças ao seu illustre governador e á gentilissima Sociedade Bahiana que se esmerou em fluezas e homenagens de apreço aos seus hospedes.

Diz que a Sociedade Bahiana de Agricultura cumpria desveladamente o encargo que lhe commettera a Sociedade, mercê dos estímulos, do devotamento de seu dedicado presidente Dr. Ignacio Testa, secundado por seus dignos companheiros do directoria, entre os quaes lhe empree sidentar o Dr. Reis Magalhães.

Das questões debatidas na Conferencia Assucareira merecem especial menção a dos impostos interestaduais e intermunicipaes e dos syndicatos agricolas e a dos premios de exportação.

Tratado da primeira das questões enunciadas, lembra a attitudo elevada e patriótica assumida pelo Dr. Severino Vieira e diz que todos os representantes dos Estados bateram-se contra essas contribuições vexatorias e inconstitucionaes e alguns fizeram declarações muito positivas.

Apresentaram-se diversos projectos sobre syndicatos, questão que assumia a maior preponderancia no seio daquella assembléa, entre os quaes um apresentado pelo illustre Dr. Joaquim Ignacio Testa, que merece aclamação, não havendo opinião divergente sobre a materia.

Com relação aos premios, deve dizer que havia contra ellos prevenção manifesta de alguns conferencistas, tornando-se preciso ao orador, para o cumprimento das instrucções que lhe foram confiadas, desenvolver o assumpto e explicar os intuitos dos que reclamavam aquella providencia.

O projecto apresentado sobre o assumpto foi remetido á commissão respectiva onde, por circunstancias justificaveis, foi demorado, sendo apresentado no penultimo dia de sessão.

Não tendo sido possível, pela urgencia do tempo, estudar-o convenientemente, ficou resolvido levá-lo a sessão plena, que se prolongou até 3 horas da madrugada.

Approvedo, foi entregue a uma commissão de 16 membros, que já se achava constituída, e da qual foi destacada uma commissão especial de tres membros, de que fez parte o orador; o respectivo parecer foi inserto nas e lumnas do *Diario da Bahia*, e será publicado em folhetos.

Pensa que os preços só podem ter oportunidade no corrente anno; mais tarde não serão justificáveis.

Depois de estudar detidamente a questão diz que a Sociedade Nacional de Agricultura deve estudar a e interceder junto aos governos estaduais em favor de sua adopção, nos termos propostos pela commissão ou em outros que o seu criterio suggerir.

Passa a referir-se a excepção que com outros conferencistas realizou á zona do Rio Fundo, em Santo Amaro, e diz que voltou muito mal impressionado, quanto ao que viu na usina allí existente.

A usina a que se refere foi muito bem montada, porém achava-se em completo abandono, com graves prejuizos dos lavradores da zona, sem dúvida uma das mais férteis e futuras do municipio.

Descreve a situação do referido estabelecimento, que offerce aspecto verdadeiramente desolador e julga que com boa vontade em um ou dois mezes se poderia transformar aquelle fôco de infecção que é a usina do Rio Fundo, onde, além do estado lamentavel em que se acham custosos apparelhos, se vê grande quantidade de canhas totalmente perdidas, em uma fabrica poderosa capaz de remover ou attenuar as difficuldades com que luctam os operarios, lavradores que vivem naquellas terras aberrimas.

Informaram ao orador que faltava não só a empresa concessionaria, sino tambem a casa commercial da praça da Bahia que arrendava a referida fabrica, garantida pelo Governo da União.

Lembra a necessidade de uma acção combinada da União, do Estado e dos lavradores para salvar a usina que nunca teve falta de canna, que aliud aliud se vê aos promissoes, porque a usina não ás pó lo moer sem pagar.

Para o elle, o é muito justo, que os lavradores tomem conta da usina para moer suas canhas e declara que elles pedem a intervenção da Sociedade Nacional de Agricultura para solver a situação difficil em que se acham.

O Sr. Tosta: a companhia tem outra fabrica no Iguaçu, que ha dois annos não móe, tendo causado nos lavradores o prejuizo de duas safras.

O Sr. Baptista de Castro: pensa que assim como o Governo tem resgatado estradas de ferro com garantias de juros, poderia tambem resgatar essas usinas.

Os Sr. Tosta e Augusto Ramos: provavelmente é o que se dará.

O Sr. Augusto Ramos: voltando a tratar da Conferencia assucareira, diz que foi proposta e accolta a reunião de uma conferencia, em 1904, em Pernambuco, o que, no seu entender, será de grande alcance.

Houve idéas de se pedir auxilios directos ao Governo para salvar a mesma safra, attenta a situação desoladora da industria assucareira e a pessima organização commercial, chegando-se até a cobrar ao lavrador 30 %.

É logico, porém, que o Governo não poderá adiantar dinheiro sem garantias e, portanto, não se pôde contar com esses auxilios.

O orador e o Sr. Couret, digno representante do Estado do Rio, e um dos mais afimosos conferencistas propuzeram que o Governo lançasse um imposto de 50 réis sobre o assucar mascavo e 100 réis sobre o branco para os regulares fins: indemnizar os Governos estaduais que aboliram os impostos interestaduais, pagar os premios e indemnizar o Governo da União da quantia que adiantasse aos lavradores.

O orador faz outras considerações sobre o occorrido na Conferencia Assucareira e entrega ao presidente da Sociedade Nacional de Agricultura a penna de ouro com que foram assignadas as conclusões da mesma conferencia, offerta que fazia por seu intermedio a Sociedade Bahiana de Agricultura.

O Dr. Antonino Pialho: louva o esforço e o devotamento com que o Dr. Augusto Ramos desempenha a missão que lhe foi confiada e formula os mais elevados conceitos em relação ao Dr. Ignacio Tosta, illustre presidente da Sociedade Bahiana de Agricultura, a quem se deve em grande parte o brilho que teve a conferencia assucareira da Bahia.

Pede ao Dr. Tosta, como presidente que é da Sociedade Bahiana de Agricultura, se digno manifestar suas impressões sobre a conferencia assucareira.

O Dr. Ignacio Tosta: começa congratulando-se com a Sociedade Nacional de Agricultura pelo exito da conferencia, que assumiu as proporções de um grande acontecimento, encalhendo todos de surpresa e constituindo um dos testemunhos mais eloquentes da iniciativa individual.

Assigna que, no correr dos trabalhos da conferencia, dominou sempre a mais carinhosa cordialidade, a mais perfeita identificação de vistas, não tendo

surgido absolutamente nenhuma preocupação regional, nenhuma distincção do norte e sul.

Chegou à Bahia no dia 15 e no dia immediatamente seguinte reuniu a directoria e o conselho superior da Sociedade Bahiana de Agricultura, tendo sido a alludida reunião assaz numerosa.

Refero o que se passou com a approvação do regulamento e regimento da conferencia accetios sem discrepancia e as seções preparatorias naquelle assemblea, cujos trabalhos correram com a maior regularidade, tendo sido eleito presidente da conferencia o esclarecido lavrador e distincto propicandista Dr. Paulo do Amorim Salgado.

Sem poder adiantar nenhuma com dezação ao que expoz o Dr. Augusto Ramos em relação aos trabalhos da conferencia, alludirá apenas a magna questão dos impostos interestaduais e intermunicipaes, salientando a attitude assumida pelo Dr. Severino Vieira e do entusiasmo que despertou o projecto sobre a materia, o qual foi acclamado delirantemente.

As sessões da conferencia foram concorridissimas, comparecendo a algumas cerca de 500 pessoas. Os assumptos em discussão foram debatidos com a maior amplitude e com thuo pratico, tendo sido instituida uma commissão executiva, escolhendo as de quaesquer fallas para concretizal-as nas conclusões que, em breve, serão publicadas em avulsos.

Todas as resoluções ficaram dependentes em sua execucao da Sociedade Nacional de Agricultura.

Alludindo ao convenio sobre impostos interestaduais e intermunicipaes, pensa que a Sociedade deva dirigi-se aos Governadores, pedindo-lhes queentam assignal-o. O secretario da Sociedade Bahiana de Agricultura vai extrahir cópia de todos os documentos para remetter á Sociedade Nacional de Agricultura.

Os trabalhos da conferencia foram stenographados e serão publicados em annaes.

Termina offerecendo a Sociedade Nacional de Agricultura uma photographia da commissão executiva.

O Sr. Sergio de Carvalho, secretario geral, saúda, em nome da sociedade, os Drs. Augusto Ramos e Ignacio Tosta, exaltando os servizos prestados á propaganda agricola e, em particular, a Conferencia Assucareira da Bahia e termina offerecendo-lhes, dons artisticos bouquets de flores naturaes, respondendo o Dr. Ignacio Tosta.

O Sr. Sergio de Carvalho diz que é de toda a vantagem constituir-se no solo da sociedade uma commissão executiva, para velar pelo cumprimento das medidas votadas pela Conferencia Assucareira, o que foi approved, sendo indicados e accetios os seguintes Srs. Antonino Flalho, Ignacio Tosta, Wencesláo Bello, Silva Mariz, Cornelio da Fonseca, Christino Cruz, Augusto Ramos, Sergio de Carvalho, Emmanuel Couret, Baptista de Castro, Aristides Calre e Manoel Victorino.

O Dr. Augusto Ramos propõe que se conceda o titulo de socio benemerito á Sociedade Bahiana de Agricultura, sendo approved.

Nada mais havendo que tratar, encerra-se a sessão.

Antonino Flalho. — Wencesláo Bello. — Aristides Calre. — Ignacio Tosta. — Moraes Barros. — Sylvio Kangel. — Geraldo Dannemam. — Domingos S. Carvalho. — João da Silva Gandra. — Christino Cruz. — Alberto Jacobina.

..

Acta da 194ª sessão — 167ª de Directoria — em 29 de julho — de 1902

PRESENCIA DO DR. ANTONINO FLALHO

No dia 29 de julho de 1902, ás 3^h, horas p. m., presentes os Srs. Antonino Flalho, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Ignacio Tosta, Heitor de Sá, Aristides Calre, Augusto Bernarchi, Wencesláo Bello, Augusto Leopoldo Rapozo da Camara, J. G. Pereira Luna, Augusto Ramos, Silva Mariz, Christino Cruz, Democrito Cavaleante e Jacy Montelro, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Deixa de ser lida a acta da sessão de 26, que, por muito longa, não foi possível transcrever em tempo para o respectivo livro.

É' adunada a leitura do expediente.

São propostos e unanimemente acceptos como socios effectivos os Srs. Dr. José Coelho dos Santos—S. Pedro de Itabapirama, coronel Nominato Ferreira da Silva — Espírito Santo, coronel Misael Eugenio de Palva — Cachoeiro de Itapocorim, coronel Antonio da Silva Martins — Cachoeiro de Itapocorim, Dr. Augusto Leopoldo Raposo da Cunha — Natal, J. G. Pereira Lima — Ribeirão, Pernambuco, Dr. Ignacio de Barros Barreto — Pernambuco, Barão de Sussanna — Limoeiro, Pernambuco, Dr. Heltor de Sá — Capital Federal; Dr. Christino Cruz — Capital Federal, — Dr. Antonio Marques da Silva Mariz — Parahyba, a Sociedade Bahiana de Agricultura como socio benemerito.

O Sr. Wencesláo Ballo: communiquei que foi, com os seus companheiros de commissão, entregar ao Sr. Ministro da Viação o parecer relativo á questão das tarifas differenciaes, motivada pelo reprimimento do mesmo Sr. Ministro dirigido pelo Centro do Commercio de Café da Rio de Janeiro, e que S. Ex. espontaneamente me pediu que esse parecer fosse lido á publicidade.

O Sr. Aristides Cairo apresenta a seguinte communicação sobre sua ultima visita á Fazenda de Santa Monica:

Fiz a visita á Fazenda no dia 25 p. p. Ainda não choveu. Continúa a lavoura só na parte húmida e fazem-se roçadas na sua parte para facilitar a lavoura. Continúa a extracção de tócos. Continúa o concerto da banqueta e limpoza do rego. Fizeram-se mais alguns pe-punos concertos de cereas etc.

Resolvi mandar fazer o rego para irrigação do outro campo de trigo, com esperanças de que ainda aproveite.

Lembro á directoria a necessidade de compras de novilhas para inicio da criação, umas 15 ou 20, conforme o preço pelo qual poderemos obter, não excedendo de 1.500\$000 a 2.000\$000, sendo que o capital empastado nesse sentido não tem risco de prejuizo, pelo contrario deve dar grandes juros.

Conforme tenho dito por vezes, o gado de serviço é insufficiente; precisava mais umas 8 ou 10 juntas para regularizar o serviço, ampliando-o cada vez mais; mas não me animo a pedir por enquanto, attendendo ao estado de finanças.

Contemporizemos por mais algum tempo a ver os meios de que poderemos dispor.

No dia 27 fui á Fazenda Grande da Penha, foi feita a mouda do vinhedo conforme havia determinado, tendo-se gasto a quantia de 25\$000.

No proximo mez de agosto deve-se proceder á poda, devendo-se aproveitar os sarmentos para serem distribuidos em bacellos.

Relativamente ao pedido do vitellos para a Fazenda de Santa Monica, a Directoria resolveu commetter ao Sr. Director de Culturas a incumbencia de as adquirir.

O Sr. Baptista de Castro: acha de todo justo o pedido que fez o Dr. Aristides Cairo para que a Directoria visite frequentes vezes a Fazenda de Santa Monica, principalmente na presente quadra, má para a lavoura.

O 1º Secretario: traz ao conhecimento da Directoria que teve a honra de receber na Sociedade a visita do Sr. José Alexandrino de Oliveira, 1º official da Secretaria do Estado do Ministerio das Relações Exteriores, encaregado da revisão, publicação e distribuição dos Relatorios Consulares e Diplomaticos.

O Sr. Alexandrino de Oliveira vem pedir os Relatorios sobre viticultura e outros, remetidos á Sociedade, para serem publicados, sendo que o primeiro que sahira impresso seria o Relatorio sobre cultura e commercio de trigo nos Estados Unidos, devendo seguir-se o Relatorio sobre viticultura na Suissa e assim os demais.

Alguns desses trabalhos pretendia a Sociedade incluir nos Annaes do Congresso de Agricultura, tanto que já tinha retirado as respectivas cópias. Uma vez, porém, que elles vão ser publicados em folhetos para distribuição— tanto melhor que se adianta desse modo a tarefa.

O Sr. Alexandrino de Oliveira prometteu remetter á Sociedade varios exemplares dos Relatorios que fossem sendo publicados para que esta Sociedade os distribuisse.

Communica ainda o 1º Secretario que já regressou da Europa e acha-se nesta capital o Sr. Arango e Silva que com muita distincção occupou o cargo de Consul do Brasil em varias cidades do velho e do novo continentes e que sempre se mostrou amigo dedicado da Sociedade Nacional de Agricultura, que de S. S. recebeu seimtes e informações preciosas.

Rio de Janeiro, e agra-lhe os bons serviços que presta á sociedade, quer como Consul na Republica Argentina, quer na Europa - com o que mostrou-se S. S. immensamente melhorado. Comunique outrossim que sómente agora conseguiu saber onde se achava residindo o Sr. Dr. Oliveira Botelho, ex Consul brasileiro em Valparaiso, a quem deve tambem uma visita por parte da sociedade.

O Sr. Sergio de Carvalho: refero-se á necessidade de se realizar uma exposição internacional de apparatus a alcool nesta Capital, como já se tem feito em quasi todos os palcos assucareiros.

Discorre sobre o assumpto; recorda o que a respeito ficou consignado nas conclusões do Congresso de Agricultura e da Conferencia Assucareira. Declara que se pôde contar com o apoio de S. Ex. o Sr. Ministro da Viação, que já foi fallado e mostrou-se favoravel á idéa.

O Sr. Baptista de Castro: e não poleramos deixar de appellar para os poderes publicos, desde que se trata de um certamen internacional.

Submettida á votação a indicação do Sr. Sergio de Carvalho, é approvada, sendo então nomeada a seguinte commissão para levar a effecto a exposição de apparatus a alcool:

Sergio de Carvalho, presidente; Silva Gandra, Wencesláo Bello, Baptista de Castro e Jaey Monteiro.

O Sr. Sergio de Carvalho: refero-se ao artigo ultimamente publicado pelo *Jornal do Commercio* sobre as creanças abandonadas, que por toda parte são encontradas diariamente nesta Capital, vendendo bilhetes de loterias e metá duzia de jornaos, atiradas ao vicio e aos más costumes.

Amparar essas creanças é praticar um acto de humanidade. Desde muito tempo houve idéa de se criar na Fazenda de Santa Monica uma escola pratica de agricultura, justamente para receber menores desamparados e applical-os aos trabalhos rurais, dando-lhes educação e ensino necessarios, para que mais tarde pudessem viver por si e serem úteis á sociedade.

Vem, polo que acaba de expor, apresentar duas indicações á directoria, e que são as seguintes:

1.ª Que uma commissão da Directoria vá cumprimentar a redacção do *Jornal do Commercio* e manifestar os applausos desta sociedade á redacção desse periodico pelo artigo publicado em defesa das creanças abandonadas;

2.ª Que seja estudado o caso da creação da Escola Pratica de Agricultura na fazenda Santa Monica.

(São approvadas ambas as indicações.)

Vem, por ultimo, trazer ao conhecimento da Directoria mais uma informação. Leu o relatorio sobre o commercio de café na Hespanha, que foi enviado á sociedade para dello ter conhecimento. É um trabalho bem feito, contendo optimas informações. Julga de muita vantagem que se sollicita do Sr. ministro a necessaria permissão para ser publicado o alludido relatorio. (Approvado.)

O Sr. Antonio Flallio: communique que dias antes de partir para a Europa, em commissão do governo o Sr. Dr. Demétrio Ribeiro, incumbido de fazer a propaganda do café brasileiro no velho continente, teve com S. S. diversas conferencias sobre o assumpto e a S. S. pediu que promettesse se entender com o Syndicato Central dos Agricultores de Franca, afim de ver se seria possivel a propaganda do café por intermedio do referido Syndicato, do qual era associado a Sociedade Nacional de Agricultura.

Não tendo a sociedade, até a presente data, recebido communicação alguma a respeito, julga do seu dever trazer ao conhecimento da Directoria esse facto, para que se não diga que a Sociedade de Agricultura não tentou a propaganda por mais esse meio que estava a seu alcance.

O Sr. Aristides Cairo: communique que na proxima semana vao se proceder á distribuição de bacellos de videlras e procede á leitura do que se segue:

Foi a visita semanal a 2 de agosto.

Felizmente, nesta visita tive por companheiros, collegas de Directoria Dr. Baptista de Castro e João Gandra, e os deputados federaes Drs. Ignacio Tosta, Christino Cruz, Silva Mariz e tambem o socio Nicólio Marcos, interessado no machilismo Xavier.

Os visitantes acharam a fazenda em excellentes condições, não só para um campo de demonstração pratica, como tambem possuindo um officio muito apropriado para nelle ser adoptada uma escola pratica de agricultura, ou pelo menos, um estabelecimento para receber meninos a serem educados para a vida rural.

Continua a socca. Fizeram-se mais algumas lavras e semeam-se adubos.

O machinismo Xavier não funcionou como era de esperar, devido á pequena velocidade, pelo que necessita augmentar-se nua das rodas de transmissão.

O Sr. Neves Armond: communica que em setembro, conforme já annunciaram os jornaes, deve-se realizar nesta Capital nua exposição de flores em beneficio das *crianças* infantis. Pede á directoria da sociedade, em nome da commissão organizadora desse certamen, que envie todos os seus esforços para auxiliar e engrandecer a referida exposição.

O Sr. Antonio Flahio: agradece a communicação. Transmitta aos consocios presentes o pedido do Dr. Neves Armond e promette enviar malhoes, com os seus companheiros da directoria, em prol da exposição de flores.

E queira-se a sessão.—Dr. Wenceslao Bello — João da Silva Gandra.—Ph. Aristides Cairo.—Emmanuel Courel.—Moraes Barros.—Aristoteles Colaça.—Augusto Leopoldo R. da Camara.—Augusto Bernacchi.

Acta da 200ª sessão — 168ª de Directoria — em 12 de agosto de 1902

PREZIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 12 de agosto de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Wenceslao Bello, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Manoel de Moraes Barros, Oscar Varady, Augusto Leopoldo R. da Camara, Ph. Aristides Cairo, Heitor de Sá, Domingos S. de Carvalho, Napoleão Reys e Fabio Leal, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

Por não estarem promptas, deixaram de ser lidas as actas das duas sessões anteriores.

E' apresentado e lido o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Dr. Leandro da Costa, communicando ter o Ministro da Industria e Viação deferido o pedido do José Soares Pereira, sobre importação de animaes;

Officio do Dr. Leandro da Costa, remettendo um aviso do Ministerio do Exterior e nua nota da Legação Francaza sobre saccharimetro no commercio de assucar;

Telegramma de Umbellino Gonçalves, presidente da Associação Commercial da Bahia, agradecendo a communicação que lhe fôra feita;

Officio do presidente da Associação Commercial do Maranhão, respondendo aos telegrammas e officios á mesma endereçados sobre os representantes na Conferencia Assucareira;

Carta de Luciano José de Almeida, director da Escola Pratica de Agricultura, Luiz de Queiroz, Piracicaba, pedindo *A Lavoura*.

Carta de Apollonio Zenades, Alagôa Grande, Parahyba, pedindo reconhecer a amostra do feijão que remette;

Carta do Sr. Hannibal Porto, pedindo sementes para serem distribuidas aos lavradores do Estado do Amazonas;

Carta de Ararico José Villa Nova, pedindo sementes;

Carta do Francisco Azarias de Queiroz Botelho, communicando que a Camara de Caxambu associa-se a esta sociedade;

Cartão postal do bibliotecario Laminense, Lamim, agradecendo a remessa *d'A Lavoura* e de opusculos;

Telegramma do Dr. Reis Magalhães, communicando confiar nos esforços da sociedade em prol da lavoura do norte;

Carta do Club Caixelral do Livramento, agradecendo;

Carta do Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho, pedindo informações sobre sua monographia apresentada ao Congresso de Agricultura;

Telegramma da Messis de Gusmão solicitando a cooperação da sociedade junto do Governo em favor da lavoura alagoana;

Telegramma do Antonio Bernardino, communicando a installação da Sociedade de Agricultura Parahybara;

Telegramma do Pedro Ligramanti, communicando terem seguido os bacellos;

Officio de Napoleão Reys, pedindo que a sociedade consiga do ministro da industria e Viagem transporte gratuito para 500 mudas de eucalyptus que tem de ir para o Consello Districtal de Lamin;

Officio de Napoleão Reys agradecendo a communicação que lhe fôra feita de ter sido eleito socio.

Em seguida o 1.^o secretario procede á leitura da informação prestada pelo Dr. Baptista de Castro sobre questões attentas á exportação e commercio do gengibre, em resposta a uma carta sobre o assumpto dirigida á Sociedade.

O Sr. Presidente: submette á discussão e votação a referida informação, que tem de ser dada em nome da Sociedade, se n'lo a mesma approvada.

O Sr. Baptista de Castro: aproveita a occasião para tornar a questão da propaganda do café brasileiro por intermédio do Syndicato Central dos Agricultores de França, espera que dentro em pouco possam ser remetidas ao referido syndicato algumas amostras de café como em tempo foi pedido.

O Sr. Senador Moraes e Barros: a proposito da cultura e commercio do gengibre, vem lembrar outro producto a saber da facil cultivo e grande rendimento, cuja propaganda a Sociedade devia aconselhar: quer se refirir as diversas variedades do araruta, cuja gomma ou fureína podia ser com vantagem exportada, encontrando facil mercado.

O Sr. Aristides Caire: traz todo o seu apoio á indicação do Sr. Dr. Moraes e Barros. Refere-se ás experiencias de cultura de algumas variedades de araruta feitas na Fazenda de Santa Monica, com muito bom resultado.

A Directoria resolve approvar a indicação do Dr. Moraes e Barros.

O Sr. Wenceslau Bello: lembra á Directoria que vai ser encetada a distribuição de bacellos de videllas e sementes de plantas uteis, serviço esse que compete á secção do Museu, da qual é director, não obstante não estar ainda organizada a referida secção. Para poder dar execução a esse serviço, no que será coadjuvado pela secretaria, conforme o offercimento que teve do Sr. 1.^o secretario, precisa que a Directoria o autorize a tomar pessoal si o caso exigir.

(É concedida a autorização pedida).

O Sr. Oscar Varady: vem secundar o pedido do Dr. Neves Armond, feito na ultima sessão, no sentido de envidar a Sociedade Nacional de Agricultura os seus esforços para o exito da exposição de flôres que se vai realizar nesta capital.

(A Directoria ratifica o que havia promettido ao Dr. Neves Armond.)

O Sr. Wenceslau Bello: refere-se á commissão nomeada para tomar posse da Hucharia e dar as providencias necessarias para a installação da Sociedade nesse antigo edificio.

Dois dos membros dessa commissão, por motivos de força maior, tem estado impedidos de comparecer á Sociedade, não podendo dar cumprimento ao serviço que á mesma commissão compete.

É esse impedimento podendo-se prolongar, pede á Directoria que lhe dê mais um companheiro para o auxiliar nos passos que tem de dar para execução da missão que lhe coube.

Indica para o cargo o Sr. João da Silva Gandra.

A Directoria, aceitando as razões expostas pelo Dr. Wenceslau Bello, nomeia o Sr. João da Silva Gandra para fazer parte da alludida commissão.

O Sr. Jacy Monteiro: communica que aguarda o parecer e respectivo projecto de um constructor, que lhe havia si lo indicado, sobre as obras de adaptação a fazer no edificio da antiga Hucharia, affm de apresental-os á Directoria. Até agora não mais compareceu á Sociedade o referido senhor.

O Sr. Aristides Caire apresenta a seguinte communicação sobre a visita á Fazenda Santa Monica:

Fiz a visita no dia 7 p. p. Felizmente choven bastante nas noites de 2 para 3 e 5 para 7, humedecendo o terreno das montanhas, o que permitiu as lavras naquelles logares, morros do Bom Successo, Pyreneos, Asylo e partes dos Alpes. Pfinalizou-se por esta vez o reparo da Banqueta, fez se limpeza das valletas, drenos, trabalhou-se na roda do engenho e fizeram-se concertos de semeadores, arados e grades.

O Sr. Baptista de Castro apresenta a seguinte proposta que é unanimemente approvada:

Tendo a Sociedade Nacional de Agricultura, pela imprensa, noticia do fallecimento do illustre agricultor e videlluctor, Adolpho Lion Teixeira, occorrido na cidade da Campina, Estado de Minas Geraes, onde ora morador ha longos annos, e, apreciando devidamente os trabalhos desse operoso brasileiro, modelo do vir-

tudes e de uma constancia que não é vulgar, pois consagrou cerca de quarenta annos de sua existencia á viticultura e vinicultura em Minas, obtendo premios em varias exposições pelos seus productos vinhateiros, encarregado ainda recentemente de ensaiar os fermentos seleccionados e adquiridos pelo Estado de Minas, do que teve as provas esta Sociedade;

Propozi: que seja lançado em acta um voto de posarosa homenagem á memoria do operoso agricultor e vinicultor Adolpho Lion Teixeira; que se offieio á familia do lido pelo luctuoso acontecimento, fazendo votos para que sejam aproveitados os trabalhos legados pelo Ilustre morto aos seus descendentes que sabem, estamos certos, imitar os nobres exemplos de tão distinto varão.

Encerrou-se a sessão. — *Wencesláo Bello.* — *Aristides Cairo.* — *João de Carvalho Borges Junior.* — *João da Silva Gandra.* — *Augusto Bernacchi.*

Acta da 201ª sessão — 109ª de Directoria — em 19 de agosto de 1902

No dia 19 de agosto de 1902, ás 3 1/4 horas da tarde, presentes os Srs. Antonino Flalho, Wencesláo Bello, Sylvio Rangel, Aristides Cairo, Ignacio Tosta, Moraes e Barros, Dr. J. J. Pizarro, João da Silva Gandra, Napoleão Reys, Christino Cruz, Alberto Jacobina, Jens Sand e Sergio de Carvalho, o Presidente Dr. Antonino Flalho e o secretario, servindo de secretario, na ausencia do 1º, o Sr. A. Jacobina 3º secretario.

Foram lidas as actas das sessões de 26 de julho e de 29 do mesmo mez e approvadas sem discussão.

Os Drs. Wencesláo Bello e Aristides Cairo apresentam e é acceto socio o Dr. Benedicto Raymundo da Silva.

Em seguida procede-se á leitura do expediente, finda a qual tem a palavra sobre assumpto nelle contido o

Sr. Sergio de Carvalho: diz que a Sociedade não pôde ser indifferente á questão dos impostos onerosos sobre o fumo, que acabarão por exterminar essa industria. Acha que a Sociedade deve intervir nesse assumpto.

O Sr. Presidente: diz que a Sociedade procurará publicar a representação lida pelo Secretario e apresentará ao Congresso, caso o approve a Directoria, representação sua em apoio da Idéa.

O Sr. Ignacio Tosta: previne da necessidade de urgencia, pois qualquer medida sobre o assumpto só pode ser apresentada em 2ª discussão do orçamento da receita e essa discussão vai começar.

O Sr. Presidente: encarrega o Dr. Sergio de Carvalho de redigir a representação da Sociedade ao Congresso e compromette-se a apresentar a emenda.

O Sr. Wencesláo Bello: como presidente da commissão nomeada para dar parecer sobre o projecto Quintino, communica que o trabalho está prompto. Lembra a necessidade de se o apresentar ao Conselho Superior conforme fleon combinado. Pergunta á Directoria se é preferivel ler em sessão ou publicar antes?

O Sr. Sergio de Carvalho: propõe a publicação previa com declaração de faltar a approvação do Conselho Superior.

O Sr. Presidente: submette á approvação e é approvada a publicação previa e, depois, resolve convocar o Conselho Superior logo após a publicação.

O Sr. Wencesláo Bello: communica que, na qualidade de Lente da Secção de agronomia da Escola Polytechnica, aproveita a oportunidade na reforma do programma dessa escola para propor modificação no sentido do tornar mais attractivo e util o curso de agronomia.

Acha indispensavel ao lido do ensino pratico da agricultura no Brasil, a creação do curso scientifico para formar o pessoal capaz de interpretar scientificamente os phenomenos agricolas e collaborar na administração agronomica do palz.

Procurou o apoio da commissão de agricultura da Camara e viu bem accета a Idéa.

Pede ao Sr. Senador Moraes e Barros, presente á sessão, o seu auxilio no Senado.

(O Senador Moraes e Barros promette auxiliar.)

Continúa dizendo que o methodo a seguir no programma não virá emparelhar com os cursos da Europa mas sim dar feição correspondente ás nossas necessidades, simplifcando a parte de engenharia e desenvolvendo a parte de agronomia do curso que é o seguinte mais ou menos:

1º anno, Physica, clinica inorganica, sens processos de analyses, topo-

graphia, legislação de terras, principios geraes de colonização, desenho topographico, planos cotados, curvas de nivel;

2º anno. Chimica organica, seus processos de analyse, mineralogia e geologia, botanica geral e systematica, cartas geologicas.

3º anno. Physica e chimica agricolas, zoologia geral e systematica, economia politica, finanças, desenho organographico;

4º anno. Agricultura e sylvicultura, zootecnia e veterinaria, direito constitucional e administrativo, estatistica, contabilidade e suas applicações.

Haverá exercicios praticos para todas as cadeiras de applicação.

Os preparatorios são os mesmos que os do curso actual da Escola Polytechnica.

Este programma foi approvedo pela Congregação da Escola.

O Sr. presidente propõe um voto de lavoura ao Dr. Bello.

O Sr. Sergio de Carvalho: faz considerações sobre a propaganda do café, lembrando a necessidade de convergir esforços de propaganda na Hespanha. Fala sobre a cultura e preparo do fumo da Bahia e cacaó, e propõe que a Sociedade peça ao Governador da Bahia contractar em Venezuela e Cuba pessoas capazes para ensinar nas fazendas processos de preparação para o cacaó e o fumo.

O Sr. Aristides Calro lê a seguinte comunicação relativa á sua ultima visita á Santa Monica:

Fiz a visita a 14 de agosto.

Continúa a lavoura no antigo pomar e encotou-se a 2ª lavoura no campo que ficará prompto, para brevemente receber as sementes de milho e arroz. Prepararam-se cantalros para viveiros de videiras.

Concluiu-se a rola do eugenho. Foram remetidos para a Sociedade distribuir 12 saccos de arroz em casca, selecionado, para planta, das quatro variedades.

Lê tambem o relatório que foi encarregado de fazer para distribuição de bacellos, do teor seguinte: «Quasi todas as castas de videiras pagam bem, plantados os bacellos de pé franco, mas quem já tiver videiras communs, melhor será enxertar as boas variedades proprias para vinho e mesa.

O plantio pôdo ser feito no proprio lugar em que tem de ficar definitivamente ou, sendo em grande quantidade, a plantação em viveiros facilitará o trato.

Em qualquer dos casos deve-se preparar convenientemente o terreno, mobilizando-o e estrimando com esterco de curral bem curtido, cal e cinzas e até mesmo adubos chimicos, entre os quaes a escoria Thomaz.

Deste modo preparado, quasi todo terreno presta-se ao cultivo da videira, menos os logares sombrios e humidos. Convirá regar e cobrir as plantas se houver muitos dias de sol.

Si os bacellos chegaram um tanto seccos será bom deixal-os de molho em agua ou areia humidecia, durante 24 horas antes de plantar ou enxertar.

Para as videiras de luxo deve ser preferido o enxerto em porta-garfo (cavallo) dos mais resistentes, taes como as *Rupestris*, *Riparias*, algumas hybridas como a *Campes da Paz* e *Rupestris Paulista*, o quo facilita o apressa o desenvolvimento e fructificação.

Logo que os brotos ou pampanos tenham 0^m, 10 a 0^m, 15 convem fazer-se o tratamento preventivo das molestias cryptogamicas (ferrugens) por meio de pulverizações com soluções cupricas de acetato bibasico do cobre a 1/2 por cento, isto é, 50,0 para 10 litros d'agua (Dr. Pereira Barreto) ou com calda bordaloza, borgonhesa ou outras formulas recommendadas pelos autores.

Estas pulverizações, feitas com appparelhos especiaes como o pulverizador do Vermorel e outros, devem ser repetidas de 8 em 8 dias, principalmente si o tempo correr chvoso.

Mais tarde, na occasião da fructificação, convirá fazer as pulverizações com enxofre.

Os demais conselhos e detalhes sobre o cultivo da vinha podem ser obtidos consultando o livro do Dr. Campos da Paz «Manual do Viticultor Brasileiro» ou o Catalogo do Estabelecimento Agrario de Pirituba, onde vem os conselhos dados pelo Dr. Pereira Barreto».

Discriminação do expediente lido:

Officio do Ministro da Industria e Viação autorizando a Sociedade fazer encomenda do sulla argeltaua e soja, e remetter a comissão do Açude do Quixadá.

Officio do Dr. Leandro da Costa devolvendo a conta do assucar e do alcool enviados ao Prata para propaganda, e pedindo a mesma em duas vias;

Telegramma do Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura agradecendo e esperando o concurso desta Sociedade em prol da lavoura;

Telegramma do Presidente do Club Agrícola do Barreiros communicando ter sido approvada a Indicação Estadual;

Telegramma do Viveiros, membro do Syndicat Agrícola de S. Luiz do Maranhão, agradeceu lo os serviços desta Sociedade e dando instruções sobre a colheita do assucar;

Carta do Dr. Alberto Diniz Junqueira subindo si a Sociedade se incumba de adquirir animaes;

Telegramma do José Bezerra congratulando se com esta Sociedade e communicando a Inauguração da indinação a alcool da cidade de Nazareth;

Officio do secretario da Associação dos Empregados no Commercio aliando-se a Sociedade contra os impostos interestaduais;

Telegramma do Presidente da Associação Commercial do Natal communicando não existir associação agrícola;

Cartão postal de Luiz Job pedindo sementes de trigo;

Carta do Virgilio de Abreu pedindo instruções sobre o cultivo do trigo;

Carta de Coelho Cintra & C. de Istado do contracto da caçra;

Carta de José Theotônio Pacheco pedindo bacellos e videiras, mudas de canas e sementes;

Officio do presidente da Associação dos Agricultores do municipio de Vassouras communicando a sua installação;

Officio do secretario da Sociedade Bahiana de Agricultura pedindo o auxilio da Sociedade em favor da representação dos lavradores do fumo.

E nada mais havendo a tratar encerra-se a sessão.

Em tempo: O Sr. Jacy Monteiro communicou que esteve na sede da Sociedade o antigo consocio e excellente companheiro José Ribeiro Bastos de Freitas, que, tornando a residir fixamente nesta Capital, veio offerecer seus serviços.

Wenceslão Bello. — *Dr. Ph. Aristides Calre.* — *João de Carvalho Borges Junior.* — *João da Silva Gandra.* — *Augusto Bernacchi.*

Acto da 202ª sessão — 170ª de Directoria — em 26 de agosto de 1902

PREZIDENCIA DO DR. WENCESLÃO BELLO

No dia 26 de agosto de 1902, ás tres e meia horas p. m., presentes os Srs. Ignacio Tosta, Domingos Sergio de Carvalho, Wenceslão Bello, José Ribeiro Bastos de Freitas, Aristides Calaçã, João da Silva Gandra, Aristides Calre, Augusto L. R. da Camara, Manoel de Moraes Barros, Emmanuel Courrot, Augusto Ramos, Augusto Bernacchi e Jacy Monteiro, assume a presidencia o Dr. Wenceslão Bello e declara aberta a sessão.

Foi lido e despachado o seguinte

EXPEDIENTE

Telegramma do Dr. Susviela Guarch, agradecendo e fazendo votos pela prosperidade da Sociedade;

Officio do Governador do Amazonas pedindo sementes;

Convites do Ministro das Relações Exteriores sollicitando da Sociedade o seu comparecimento á trasladação e exequias aos diplomatas chilenos;

Officio do Dr. Leandro da Costa remettendo o aviso do Ministerio do Exterior acompanhado de uma nota da Legação Franccza sobre cujo conteúdo pede parecer da Sociedade;

Officio do Presidente da Sociedade Estadual de Agricultura da Paraná, communicando favor dado a maxima publicidade ao telegramma e pedindo sementes;

Telegramma do Presidente Municipal de Guarapary pedindo autorização para encaminhar um pedido de sementes e animaes;

Officio da Associação Commercial de Maceló, respondendo ao telegramma de 10 e dizendo confiar no exito da Conferencia Assucarreira;

Circular do Director secretario da Associação Commercial do Maceló, communicando a posse da nova directoria;

Carta de Antonio do Magalhães, pedindo *A Lavoura*;

Carta do Sr. Augusto Roberto Wallostein Paeca accusando o recebimento de um telegramma, lembrando a conveniencia de um campo de demonstração na zona em que se acha e a ida do Dr. Sergio de Carvalho para verificação da mesma zona ;

Circular de Adolina Lopes Vieira, pedindo o auxilio da Sociedade na Exposição de Flores ;

Carta do Modesto de Arango Lacerda, participando a proxima fundação de uma Sociedade Agricola e pedindo a *Lavoura* ;

Carta do Barão de Suassuna, agradecendo a remessa da *A Lavoura* e a inclusão de seu nome na lista de socios ;

Carta do Visconde de Agumar Paiva, pedindo instruções sobre o cultivo do trigo e propondo socios ;

Carta do Dr. Alvaro Pereira Jorge, pedindo informações sobre o modo por que deve agir para obter o diploma de socio fundador da Sociedade ;

Carta do Cosme Carfaxo pedindo um catalogo de sementes e de annuaes de raça ;

Carta de R. E. Ferreira de Carvalho devolvendo as provas da sua monographia ;

Carta do Commandante Campos, enviando um jornal onde se lê um estado sobre Eupatoriem Robundansium ;

Carta do Carlos Manoel de Jesus, accusando o recebimento de impressos e agradecendo ;

Officio de B. Piquet Carneiro, communicando enviar o officio n. 18, de 21 de março endereçado ao Ministro da Viação sobre pedido de sementes ;

Officio de Luciano J. de Almeida, agradecendo a remessa de impressos desta Sociedade ;

Officio de Joaquim Henriques Costa Reis, pedindo bacellos de vidieras ;

Officio do Dr. Elias Antomo de Moraes, pedindo bacellos de vidieras ;

Officio do Visconde Ferreira de Moraes, pedindo bacellos de vidiera ;

Carta da familia Bernacchi, agradecendo.

O Sr. Aristides Cairo lê a seguinte communicação relativa á sua ultima visita á Fazenda de Santa Monica :

Visitei a Fazenda a 21 do corrente. Continúa a lavoura no pomar ; está se procedendo á 2ª lavoura no campo.

Procede-se a capina á enxada em parte da vargem de Vassouras onde existem muitos tócos e não pôde ser feita a machina.

Começom-se a abrir as covas para plantar o café no morro, Plantou-se mandioca, quantidade do maniva que occupou mais ou menos dois hectares do terreno.

No dia 22 visitei, em companhia do Dr. Wencesláo Bello, o Herto Vinicola da Fazenda Grande e deu-se começo á póla, de modo a poder-se aproveitar para grande numero de enxertos que devemos fazer na proxima sexta-feira, das melhores, smao de todas as melhores variedades que temos.

Os porta-garfos estão em excellentes condições. Lembro a conveniencia de experimentarmos em Santa Monica para o serviço de arados, cavallos e para isso poderíamos aproveitar aquelles julgados inutilizados para o exercito e que são vendidos muito barato ; nesse sentido deveriamos nos entender com o Ministro da Guerra.

Approximando-se a época da reunião do Conselho Municipal devemos ir lembrar ao Sr. prefeito a inclusao no orçamento da verba para a Fazenda Grande da Penha.

O Sr. Silva Gondra: communica ter comparecido com os seus companheiros da commissão ás exequias realizadas na Cathedral no dia 23 por intenções dos ministros e secretarios chilenos.

O Sr. Wencesláo Bello: a proposito dessa communicação lembra que a Sociedade Nacional de Agricultura tem no Chile varios socios honorarios e correspondentes, aos quaes não foram feitas as respectivas participações por não estarem promptos os diplomas da sociedade ; uma vez, porém, que estes estão agora promptos, pede que sejam quanto antes extrahidos os diplomas dos socios chilenos para serem remettidos aos seus destinatarios. (É approvedo o pedido.)

O Sr. Aristides Cairo: lembra á Directoria que será conveniente nomear-se uma commissão para se entender com o Sr. prefeito do Distrito Federal acerca da Fazenda Grande da Penha.

A Directoria nomeou para essa commissão os Srs. Drs. Aristides Cairo, presidente ; Wencesláo Bello e Augusto Bernacchi.

Encerra-se a sessão. — *Baptista de Castro*. — *Wencesláo Bello*. — *Dr. Aristides Cairo*. — *João da Silva Gondra*. — *Domíngos S. de Carvalho*. — *Augusto Bernacchi*.

Acta da 203ª sessão — 171ª de Direcção — em 2 de setembro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. WENCESLÃO ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO (2º VICE-PRESIDENTE)

No dia 2 de setembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Wenceslão Bello, presidente; Aristides Cairo, João Baptista do Castro, João da Silva Dandra, Augusto Bernacchi, Carvalho Borges Junior, Domingos S. Carvalho, Heitor do Sá e E. Jacy Monteiro, assim a presidencia o Dr. Wenceslão Bello, 2º vice-presidente, e dechura aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 12 e 19 de agosto.
E' lido e despachado o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Governador do Estado do Paraná pedindo que a Sociedade adquira um reproductor de boa raça para tração;

Carta do Dr. Olyntho de Magalhaes pedindo a sociedade a distribuição de relatorios consulares;

Officio do 2º Secretario da Camara dos Deputados pedindo informações sobre o projecto Quintino, relativo a valorização do café;

Officio do Dr. Leandro da Costa pedindo informações sobre o assumpto da carta que remette ao professor D. J. Hansen, da Academia de Agricultura em Bonn sur lo Rhein;

Carta do Dr. Leandro da Costa pedindo ao presidente para assignar duas contas;

Officio do Presidente da Associação Commercial de Campos louvando a Sociedade na campanha contra os impostos interestadaes;

Officio do Secretario da Sociedade de Agricultura Alagoana communicando ter sido proclamado socio benemerito esta sociedade;

Officio do Secretario da Sociedade de Agricultura Parahybana communicando a sua installação;

Carta de Pedro Ligrante explicando a duvida que havia sobre a remessa de bacellos;

Carta de José Libanio de Souza, pedindo instrucções sobre machina de moer arroz;

Officio do Eduardo da Silva Arango pedindo plantas, arvores fructíferas, etc;

Carta de Antonio José Pereira Junior pedindo instrucções sobre qualidade do gado vaccum;

Telegramma de André Maria Pinheiro agradecendo e communicando haver telegraphado ao Presidente da Republica pedindo para auxilliar a lavoura;

Carta de Napoleão Reys, pedindo sementes;

Carta de Boecio Badaro pedindo sementes;

Cartão de Antonio Joaquim Oliveira e Costa remettendo a quantidade da Intendencia Municipal de S. Miguel do Pau Ferro;

Officio do Lourenço José de Santiago pedindo um cabrito de raça;

Carta do Aluisio Accioly communicando o recebimento de diversos numeros d'A Lavoura.

O Sr. Sergio de Carvalho: a proposito do offello do Sr. Ministro da Viagem remettendo para informar uma requisição do professor J. Hansen, relativa as medidas tomadas em nosso paiz para o aperfeiçamento das raças de animaes e respectivas estatisticas, cumpre lembrar que, desde muito tempo, a Sociedade Nacional de Agricultura tem se esforcado para que sejam creados os cargos de veterinarios nesta Capital e nos Estados; e ainda ultimamente essa questao foi apresentada e discutida no Congresso de Agricultura que formulou em uma de suas conclusões a necessidade da criação da policia sanitaria, sob a direcção do projectos veterinarios para esse fim contractados pelo governo, bem como assistiu na necessidade da estatistica do gado em toda a Republica, com força obrigatoria,

sob pena de multa, promulgando-se para esse fim a respectiva lei. Sabo que em São Paulo já se iniciou o serviço de veterinária; fóra dahi nada mais se ha feito.

O Sr. Heltor de Sá: em S. Paulo, além do estudo feito na Escola Polytechnica, na cadeira respectiva, da qual é professor o Sr. Robert Hottinger, que já está em exercicio, existe o estudo incluido na cadeira de Agricultura do Piracicaba.

O Dr. Hottinger já fez exercicio com alumnos no Interior, para colher elementos sobre a febre aphtosa e outras epizootias, na escola do Piracicaba e fará tambem pratica destes estudos para alumnos.

Ha intuito egualmente por parte do Governo da criação de postos zootecnicos. Todas as publicações a respeito para orientar os interessados são feitas pelo Boletim da Agricultura, organ mensal da Secretaria, e composto por todos os empregados do serviço agronomico de Campinas e dos Inspectores de Agricultura.

Am mesmo tempo ha publicações annexas sobre todos esses assumptos, como um ultimo sobre a febre aphtosa, feito pelo Dr. Germano Veart.

Importa tambem a Secretaria serem antipestosos do Stuttgart, para o carbunculo e a ranget dos porcos.

A Directoria resolve nomear a seguinte commissão para estudar o assumpto e officiar ao Sr. Ministro da Viação:

Drs. Sergio de Carvalho, Augusto Bornacchi e Aristides Cairn.

O Sr. Jacy Monteiro: tendo se recebido, na sessão passada, em que foi lido, identico offello do Sr. Ministro da Viação relativo a um pedido de informações sobre o emprego dos macharimetros no commercio do assucar, e não se havendo nomeado a respectiva commissão para responder ao caso, pelo que a Directoria o faça na presente sessão.

São nomeados para essa commissão os Srs. Jacy Monteiro (presidente), Dr. Aristides Cairn e Silva Gandra.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se com muitos encontros á reforma do curso de agronomia da Escola Polytechnica elaborada pelo Dr. Wencesláo Bello e cujo programma foi apresentado ainda em uma das nossas ultimas sessões.

Indica que a Directoria da Sociedade officie á Congregação da Escola Polytechnica applaudindo a idéa da alludida reforma.

O Sr. Augusto Bornacchi: se é considerada a referida reforma como obra feita, intangivel, approva a indicação do Dr. Sergio de Carvalho; se é aberta a discussão sobre essa reforma, tem idéas assentadas a respeito e modificações a propor, principalmente quanto á seriação das materias do curso.

O Sr. Presidente: a reforma do curso de agronomia linha que obedecer ao programma geral da escola e ás cadeiras existentes. Julga não ser caso de discussão, nem esse intuito teve a indicação do Dr. Sergio de Carvalho.

Submettida á votação, é approvada a indicação do Dr. Sergio de Carvalho.

O Sr. Sergio de Carvalho: pensa que a Sociedade deve se congratular com a presença do illustre consocio Dr. Heltor de Sá, Inspector de agricultura do Estado de S. Paulo, na sessão da Directoria.

Nenhum outro Estado comprehendeu tão perfeitamente o assumpto agricola e o progresso que se tem ali notado em materia de agricultura, e desenvolvimento dos varios serviços agronomicos, em grande parte é devido aos esforços dos Inspectores de agricultura.

Sauda o Dr. Heltor de Sá e o Estado do S. Paulo.

O Sr. Heltor de Sá: agradece penhorado as palavras generosas do Dr. Sergio de Carvalho, e sente-se verdadeiramente satisfeito por ver que são com justiça reconhecidos os serviços que o Estado de S. Paulo tem dispendido em prol da agricultura.

O Sr. Presidente: communica que na ausencia do Dr. Antonio Fialho o Dr. João Baptista de Castro foi conferenciar com o Sr. Ministro da Viação relativamente ás obras que a Sociedade pretende iniciar no edificio da antiga Hucharia, para a installação do Museu de agricultura e as demais dependencias da Sociedade.

Na mesma occasião pediu a S. Ex. que se dignasse attender ao requerimento do Sr. Napoleão Reys, que sollicitava o transporte gratuito de quinhentas mudas de eucalyptus para a cidade de Lamim, em Minas Geraes, ao que S. Ex. prometeu attender.

Assignou ainda um offello dirigido ao Sr. Ministro da Fazenda acompanhando um requerimento no qual o Sr. Felisberto Freire, de Alagôas, pedia isenção de direitos para a importação de uma bomba de irrigação e respectivo motor.

A Directoria approva os actos praticados pelo Dr. Wencesláo Bello.

O Sr. Aristides Cairo lê a seguinte communição relativa á sua última visita á Fazenda da Santa Monica.

Visitei á Fazenda no dia 27 de agosto p. p. Continham as lavras nos campos e na vargem do pomar. Continham a abrir as covas para plantio do café.

Nos lugares já preparados, a atubação com escoria Thomaz, começou; limpeza de drenos, extrahindo capim de Angola.

Capinou-se o trigal. Continua o destocamento nos campos ns. 5 e 6. Fizoram-se reparos nos instrumentos aratorios.

Durante o mez findo visitei por vezes o Horto Vinícola da Pouha, sendo a de 22 com o Director, Dr. Wenceslão Bello, dando-se principio á poda.

A 29 foi, além do Dr. Bello, o Director Joao da Silva Gandra, dando-se começo á enxertia de boas qualidades.

Está se procedendo á curpa em pouco profunda, de modo a se extrahir toda a gramma miúda que existe em quantidade, para cujo serviço chamei pessoal extra ordinario.

Dos surmentos podados vieram para a Sociedade 4.000 bacellos de Herbemont de 0^m.50 e foram remettidos outros tantos para a Fazenda Santa Monica.

O Sr. Heitor de Sá: communica que está prompto a mandar todas as publicações pertencentes á Secretaria de Agricultura de S. Paulo, o que fará do muito bom grado.

A Directoria aceita e agradece.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a sessão. — *João Baptista de Castro.* — *Aristides Cairo.* — *Ignacio Tosia.* — *Augusto Bernacchi.*

Acta de 200^a sessão — 172^a de Directoria — em 19 de setembro de 1902.

PRESIDENCIA DO DR. ANTONINO FRALHO.

No dia 19 de setembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fralho, João Baptista de Castro, Aristides Cairo Augusto Bernacchi, Wenceslão Bello, Domingos S. do Carvalho, Joao da Silva Gandra e Jacy Montolro, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de 26 de agosto.

Passa-se á leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do Presidente da Sociedade Rural Argentina convidando esta Sociedade a assistir a Exposición Nacional y Feria;

Carta das familias Petermann e Schuller, Gembloux—Belgica, communicando o fallecimento de Mr. Dr. Arthur Jules Petermann;

Officio do Dr. Leandro da Costa pedindo informações sobre o assumpto do documento n. 2.292 de 1902, da Secretaria da Viação;

Officio do Dr. Leandro da Costa communicando haver o Sr. Ministro da Viação tomado conhecimento dos requerimentos dos Srs. Rodolpho de Abreu, Arthur Torres e J. Modesto Leal;

Officio do Dr. Leandro da Costa communicando ter o Sr. Ministro da Viação concedido autorização para fazer encomendas de sementes;

Officio do Sr. Presidente do Governo Municipal de Guarapary accusando o recebimento do telegramma em que se autorizava o encaminhar dos pedidos de sementes para esta Sociedade;

Officio do Presidente da Associação Commercial do Maranhão communicando a publicação do telegramma que lhe fora enviado;

Officio do Presidente da Sociedade de Agricultura Parahybana enviando á Sociedade uma representação dirigida ao Presidente da Republica contra as novas tarifas da Estrada de Ferro Conde d' Eu;

Officio da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco communicando a remessa do diploma de socio benemerito conferido a esta Sociedade;

Telegramma da Associação Commercial do Natal agradecendo e pedindo informações sobre a entrada dos vapores do Lloyd no porto do Natal;

- Carta de M. da Silva Pontes, Consel Geral do Brasil em Lisboa, remetendo um boletim da Direcção Geral da Agricultura do Portugal ;
- Carta do 1.º Secretario do Instituto da ordem dos Advogados Brasileiros agradecendo a remessa d' *A Lavoura* ;
- Circular do Presidente da Sociedade Commercial Beneficente do Pernambuco communicando a posse da sua Directoria ;
- Circular do Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura communicando a installação solenne da Sociedade ;
- Telegramma do Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura communicando a proxima installação da mesma e convidando esta Sociedade a fazer-se representar ;
- Circular do Presidente da Sociedade F. Paladinos da Democracia pedindo jornaes e opusculos ;
- Carta do secretario da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro communicando a remessa de uma cópia da representação dirigida pela Associação á Camara dos Deputados sobre a creação de um registro especial para documentos civis ;
- Telegramma de Viveiros, membro do Syndicato Agricola do Maranhão, julgando desatendida a reclamação feita, visto não ter o Banco da Republica providenciado conforme prometten o Dr. J. Martinho ;
- Carta do Napoleão Rays pedindo sementes para o Sr. Francisco Pereira Ferraz ;
- Carta do padre Henrique Mourao pedindo bacellos de videiras ;
- Carta do Dr. Francisco M. Sodré Pereira agradecendo as condolencias que se lho transmiltiram ;
- Memorandum de James Andrew Junior pedindo que se lho indique onde se encontra um trabalho do Dr. Pereira Barretto, sobre forragem ;
- Carta do João do Prado Jordão accusando o recebimento de bacellos de videiras e agradecendo ;
- Carta de Antonio Augusto Maia perguntan lo se a Sociedade aceita o offerecimento feito para fornecer videiras e sementes de forragem ;
- Officio do Dr. Modesto Araujo Lacerda enviando uma Chorographia resumida da Comarca do Alto Rio Doce ;
- Carta de Francisco Azarias de Queiroz Botelho pedindo bacellos de videiras e sementes e indagando se a Sociedade póde encarregar se da importação de dons sementes ;
- Carta do Ednardo da Silva França offerecendo á venda sementes de jaraguá e de gordura róxo ;
- Carta do Francisco Paula Braga pedindo bacellos ;
- Carta do Bandello Joaquim Nogueira pedindo bacellos ;
- Carta de Jaegher communicando ter recebido os bacellos e pedindo publicações ;
- Carta do Dr. von Ihering offerecendo á *A Lavoura* um artigo sobre as « abelhas sociaes indigenas do Brasil » e pedindo informações sobre a apicultura nos Estados do norte ;
- Carta de Sebastião Luiz Wanderley pedindo jaraguá ;
- Officio de João Xavier de Barros pedindo um cavallo de raça Inglesa ;
- Carta de A. Henault pedindo resposta ás cartas de 18 de abril e 13 de junho ;
- Officio de Amleir Savassi pedindo bacellos e *A Lavoura* e communicando que das sementes de sorgo enviadas parte vingou ;
- Carta de J. Martin remetendo 50 saccos de jaraguá ;
- Carta do Fernando Mello pedindo bacellos de videiras, sementes de forragens e mudas de arvores fructiferas ;
- Carta do Dr. Aristoteles Calça communicando a remessa de 3.800 bacellos ;
- Cartão do Dr. Ignacio Tosta, agradecendo ;
- Carta do Albuquerque Cavalcanto remetendo um vale postal na importancia de 35\$, para sua annuidade e joia ;
- Carta do Francisco Xavier Carneiro de Albuquerque pedindo sementes ;
- Carta de Manoel Monteiro pedindo bacellos ;
- Carta do José Bonifacio agradecendo os bacellos remetidos ;
- Carta do Francisco José Monteiro Bastos pedindo sementes ;
- Carta do Carlos Rezende accusando o recebimento da carta e indicando a residência da Exma. Sra. sua Mãe ;
- Carta de João Francisco de Assis pedindo sementes ;
- Telegramma de Leandro Diniz esperando providencias solicitadas na Conferencia Assucarera ;

Carta do Apolônio Zenaides pedindo um casal de gado suíço, raça Schwitz;
 Carta do Dr. Sylvio Rangel pedindo Jaraguá;
 Carta de José Theophilto Carneiro pedindo sementes;
 Carta do Ignacio Raballo pedindo sementes.

Com relação á representação dirigida pelo Presidente da Sociedade de Agricultura Parahybana ao Sr. Presidente da República, por intermédio desta Sociedade, a Directoria resolve ir em comissão dar cumprimento ao pedido.

O Sr. Antonio Fialho: traz ao conhecimento da Directoria ter sido procurado pelo Sr. Dr. Nilo Peçanha, Deputado federal, que na qualidade de membro da comissão de orçamento, lembrara-se de propor á Camara a passagem da Escola Qulizo de Novembro para a Fazenda Santa Monica, com os mesmos favores que até agora goza aquella escola.

O Sr. Sergio de Carvalho: a esse respeito communica que tendo tido sciencia de que na Camara se ia apresentar proposta nesse sentido, veio á Sociedade procurar o Sr. Presidente para conferenciar a respeito. Tendo podido anteriormente conversar com o Dr. Wenceslão Bello, que encontrou na séda da sociedade, e urgindo o tempo, voltou logo á Camara e fallou ao Dr. Nilo Peçanha apolando a Idéa, sob condições que em nome de seus companheiros da Directoria apresentou.

O Sr. Wenceslão Bello: na qualidade de presidente de duas comissões da Directoria da Sociedade, vem dar conta do andamento dos trabalhos dessas mesmas comissões:

1.º Da comissão dos syndicatos agricolas: essa comissão está organizando, auxiliada pelo Dr. João Baptista do Castro, uma collecção de typos de café brasileiro, para remetter ao Syndicato Central dos Agricultores de França;

2.º Da Comissão da Bucharia: esse proprio nacional ainda se acha occupado pelo Corpo de Bombeiros, que ali tem Posto.

O Sr. Silva Gandra: foi entender-se a respeito com o Sr. Coronel commandante do Corpo, o qual prometter remover esse posto logo que fossem iniciadas as obras no alludido predio.

O Sr. Dr. Leandro da Costa: declarou tambem que removeria o deposito de papeis que ali se acha quando as obras começassem.

Pediu nessa occasião que a Sociedade reservasse no referido predio um pequeno cominodo para servir de Agencia de Imigração, que actualmente está funcionando em um pequeno escriptorio alugado pelo Governo. Ao Sr. Dr. Leandro da Costa declarou ser possível satisfazer esse pedido, que traria ao conhecimento da Directoria.

(A Directoria approva satisfazer o pedido.)

Já foram convidados alguns constructores para que apresentem os seus projectos e orçamentos, de accordo com as indicações ministradas pela Sociedade, quanto ao numero de compartimentos, suas dimensões relativas etc.

O Sr. Aristides Caire: tendo o Sr. Senador Benedicto Leite remettido á Sociedade, para que informasse, um questionario sobre a cultura do arroz, de cuja resposta foi incumbido, e não podendo dar cumprimento a essa incumbencia sem que lhe fossem prestadas certas informações sobre o mesmo questionario, pediu ao Sr. Benedicto Leite as referidas informações. Aguarda a resposta do S. Ex. para cumprir o trabalho de que foi incumbido.

O Sr. Silva Gandra: communica que se acha atrasada a escripta da Sociedade. Pede que a Directoria o autorize a contractar um guarda-livros para pôr em dia a escripturação.

(A Directoria autoriza o Sr. Thesoureiro a chamar pessoa de sua confiança para o referido serviço de escripturação das contas da Sociedade.)

O Sr. Wenceslão Bello: de accordo com a autorização que teve da Directoria, da Sociedade admitiu o pessoal strictamente necessario para o serviço de distribuição de sementes e plantas. Chamou para esse serviço os Srs. Accioly Monteiro e Leovegildo Pires Simões que, auxiliados pelo pessoal da Secretaria, já tem feito distribuição de grande numero de bacellos de videiras, plantas e sementes.

(A Directoria approva o acto praticado pelo Dr. W. Bello, adquirindo pessoal para o serviço de distribuição de sementes, plantas etc.)

São propostos e acceptos como socios effectivos desta Sociedade os Srs. Dr. Leonardo Cavalcanti de Albuquerque, Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, Manoel Gonçalves Correa, Bento Augusto Cruz, Major Miguel Antonio Bruno, Major Firmino Dias Toste, Capitão Gonçalo M. de Figueiredo e Dr. José Caetano Rodrigues Horta.

O Director de Culturas: visitou a fazenda nos dias 4 e 12 do corrente mez.

Continúa a segunda lavra nos campos que estão promptos a receber sementes, esperando a chuva.

Fez-se a limpeza das valletas, a extracção do capim de Angola.

Encetou-se a plantação de videiras em viveiro. O trigo está espiçando, porém, em um dos campos está sendo atacado de ferrugem.

Na visita do 12 verificou estar se procedendo á abertura das covas para café.

Plantou-se uma boa porção de tuberculos de Inhame, em os logares humidos.

Continuou o mesmo serviço, removendo o queimado, depois de secco, o capim de Angola, que tem sido difficil de extinguir.

Terminou-se o plantio das videiras e fizeram se alguns enxertos.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão. — *João Baptista de Castro*, — *Domingos S. de Carvalho*. — *Dr. Ph. Aristides Caixe*. — *João da Silva Gandra*.

Acta da 209ª sessão — 173ª de Directoria — em 30 de setembro de 1902

PREZIDENCIA DO DR. J. B. DE CASTRO

No dia 30 de setembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. João Baptista de Castro, Augusto Bernacchi, Jens Sand, Aristides Caixe, Domingos S. de Carvalho, Ignacio Tosta e Jacy Monteiro, é aberta a sessão.

É lida e approvada a acta da sessão de 2 de setembro.

Passa-se em seguida á leitura do seguinte

EXPEDIENTE

Cartão do Ministro do Chile agradecendo os cumprimentos ;
Carta do Dr. José de Saldanha da Gama agradecendo o officio quo a Sociedade lhe endereçára ;

Officio do Dr. José de Saldanha da Gama accusando o recebimento do officio quo lhe fôra dirigido e agradecendo o diploma de socio honorario ;

Cartão postal do Dr. Jawodry pedindo os estatutos desta Sociedade ;

Carta de Antonio J. Ribello pedindo bacellos de videiras e sementes ;

Carta de Helefonso Mouteiro Barros pedindo sementes ;

Carta de Francisco de Paula Motta pedindo bacellos de videira e sementes ;

Carta de Fortunato Pereira Campos pedindo informações sobre o preço do gado lanigero e caprino ;

Carta de Antonio Gomes Leite dando informações sobre a safra do assucar ;

Carta de Sergio Ivo pedindo sementes ;

Carta de Carlos da Silva e Souza pedindo bacellos de videiras ;

Circular de Laemmert & Comp. remettendo um boletim para inscripções no seu almanak.

Carta do Moinho Ingloez offerecendo 50 saccos de trigo ;

Carta de Antonio Claudino da Fonseca pedindo sementes e arvores fructiferas.

Requerimento de Joaquim Cimerio Danas Bião pedindo transporte de um touro do Estado de Minas para o da Bahia

Carta de Antonio C. Dantas pedindo instrucções sobre a melhor machina para extinguir formigas.

Carta do Dr. Aristoteles Calaçá remettendo a conta dos bacellos pelo mesmo fornecidos.

O Sr. Augusto Bernacchi: teve noticia, pelos jornaes, de que se acha enfermo o Sr. Dr. Antonio Augusto da Silva, Ministro da Viação. Vem por isso propôr que seja nomeada uma commissão para, em nome da Sociedade, fazer uma visita a S. Ex.

O 1º secretario: Informa que S. Ex. o Sr. Ministro acha-se restabelecido e quo a Directoria enviou em tempo a S. Ex. um cartão de visita, fazendo votos pelo seu restabelecimento.

O Sr. Augusto Bernacchi: pede continuar com a palavra para tratar de mais dous assumptos. Refere se ao passamento do grande vulto Emilio Zola, que á humanidade preston inestimaveis serviços e á sociedade em geral: propõe que se lance em acta um voto de pesar e quo no mesmo sentido se officie ao Sr. Ministro da França nesta Capital. (Approvado.)

Em seguida apresenta um retrilho da secção editorial do *Correio da Manhã* de 21 de setembro, no qual, a propósito das vantagens que se aproporam de um preparado contra a extirpção da seiva, denominado *Fornicida Schomaker*, se declara dispensável a intervenção dos poderes publicos, reclamada para o caso ainda ha pouco pela Sociedade Nacional de Agricultura.

O Sr. P. secretario: vem justamente ao encontro de uma reclamação que tinha em mente apresentar, a communicação que acaba de fazer o Dr. Augusto Bernacelli. Além da publicação a que S. S. se referiu, a *Gazeta de Notícias*, na 1ª pagina do seu numero de 4 deste mez, chamando a attenção dos agricultores para um artigo do Sr. Rodolpho Schomaker, inventor do *Fornicida Schomaker*, insere que no momento em que a Sociedade Nacional de Agricultura pede intervenção dos poderes publicos, etc. Quer o que publica o *Correio da Manhã*, quer a informação da *Gazeta de Notícias* não se refero de modo algum á Sociedade Nacional de Agricultura.

Explica-se o facto pela timosia do Sr. Ennes de Souza em usar e abusar do nome desta Sociedade; essa tal sociedade a que se referem os alludidos jornaes é a supposta associação (?) da qual se diz presidente perpetuo o Dr. Ennes de Souza! Sob o nome da Sociedade Nacional de Agricultura o *Jornal do Commercio* de 26 de agosto ultimo publicou na secção *Associações* uma noticia de uma sessão phantastica, presidida pelo Sr. Ennes de Souza; no dia 11 de setembro, na *Gazetilha*, estampa uma representação do Dr. Ennes de Souza dirigida á Comissão Legislativa da Camara dos Deputados do Estado de S. Paulo, como si o fôra pela Sociedade Nacional de Agricultura; no dia 19 do corrente publica outra noticia de uma sessão do Sr. Ennes de Souza com o titulo Sociedade Nacional de Agricultura.

No *Correio da Manhã* de 20 do corrente mez de setembro, o proprio Sr. Ennes de Souza, em um artigo assignado, a propósito de uma publicação editada em folhetos e na imprensa bahiana em 1885, escreve que essa publicação foi reeditada na *Lavoura*, boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira que (diz S. S.), «tonho a honra de presidir desde a sua fundação, em 16 de janeiro de 1897!»

Não tem qualificação semelhante procedimento: depois de lavrada a sentença unanime da Corte de Appellação, que confirmou o laudo da Camara Civil, condemnando o Sr. Ennes de Souza na acção judicial que lhe moveu a Sociedade.

Arrogantemente, menosprezando a lei, o Sr. Ennes de Souza lleou-se com objectos e dinheiros que lhe não pertenciam, não pagou sequer as custas do processo que perdeu, e, ainda hoje, dois annos depois da sentença da Corte de Appellação, insiste em se apropriar do nome desta Sociedade.

A nossa longanimidade tem limites: propõe que se publique um protesto formal contra esse abuso do Dr. Ennes de Souza. (Approvedo unanimemente, sem discussão.)

O Sr. Aristides Calre lê a seguinte communicação relativa á Fazenda de Santa Monica:

Visitei a fazenda a 29 do corrente. Tendo chovido bastante durante a semana, plantou-se milho nos morros e arroz nas planícies.

Plantaram-se mais quatro carroções de maniva de aipim no morro destinado á plantação de café.

Semeou-se capim jaraguá nos morros queimados. Concertaram-se cercas. O trigo sulfatado melhorou consideravelmente e está espigando. Fizeram mais servicos de lavra e gradagem.

Verificou-se que com mais agua, augmentando a velocidade, a machina Xavler funciona muito melhor, pelo que temos que augmentar as calhas.

O Sr. Sergio de Carvalho: propõe que se lance em acta um voto de profundo pesar pelo fallecimento do eminente brasileiro Dr. Sylvano Brandão, cujos meritos enaltece. Em seguida refere-se á digna attitudo do Dr. Christino Cruz na Camara dos Deputados, interessando-se pelos assumptos que dizem respeito ao progresso do palz o, ultimamente ainda, apresentando um projecto de erocção de um novo ministerio — o da Agricultura. (Ambas as propostas são unanimemente approvadas.)

O Sr. Baptista de Castro apresenta e justifica a seguinte proposta que é approvada:

Considerando o alianco que terá a orientação eminentemente pratica e altamente patriótica que se inicia no governo actual do Estado de Minas Geraes, com a convocação de um congresso que se reunirá em Belo Horizonte, sob o appello do Exmo. Sr. Dr. Francisco Salles, Presidente do Estado, ao qual seriao chamados a comparecer os Srs. agentes executivos de todos os municipios do vasto territorio mineiro;

Considerando uma tal reunião como promissora de mais fecundo exemplo de loque de reunir, digno de ser generalizado, no patriótico empenho de apertar os laços da nossa federação, corrigindo-se os defeitos de uma malfeita comprehensão da autonomia municipal, prolongamento do mesmo vicio entre os próprios Estados da União Federal, cujos resultados tanto ferem e affrouxam os laços da Unidade Nacional nas relações sociais e economicas entre nós :

Considerando ainda que o Exmo. Secretario das Finanças do Estado, Sr. Dr. J. C. de Miranda Ribeiro, Ministro da Corte de Appellação e nosso consocio, incumbiu-se de formular á Sociedade Nacional de Agricultura o pedido de todos os trabalhos elaborados por occasião do Congresso de Agricultura e os da Conferencia Assenoreira, na Bahia, affim de ha serem expedidos para Bello Horizonte, no inevitavel e não menos patriótico intuito de promover a fundação de associações agricolas locais, que viriam accelerar o movimento em prol da organização dos syndicatos agricolas, por cuja realidade tanto nos esforçamos, sancionada que seja a tel correlata, em elaboração no seio do Congresso Federal ;

Considerando, finalmente, a relevancia de tão assignalados servços, que nos fazem augurar seguras esperanças de emancipação e fortaleza, derivadas da união solidaria dos agricultores em torno dos seus mais legitimos interesses e justas reivindicações, tudo impulsionado tambem pelos poderes competentes, na parte que a cada um couber interforir;

Propoño que a Sociedade Nacional de Agricultura, em offello assignado pelos membros de sua Directoria e mais consocios presentes, manifesto os seus mais sinceros applausos ao governo do Estado de Minas Geraes, nas pessoas dos Exmos. Srs. Des. Francisco Salles e Antonio Carlos de Andrada, pelas patrioticas iniciativas já referidas, offorcendo os seus servços para a consecução do tão elevado intuito, si a essa grande obra for chamada a cooperar, além de satisfazer o pedido formulado pelo Exmo. Sr. Secretario das Finanças do Minas.

Sala das sessões, 30 de setembro de 1902. — *João Baptista de Castro.*

O Sr. Sergio de Carvalho: aproveita a occasião para mais uma vez lembrar a necessidade de se publicarem os *Annaes do Congresso de Agricultura*. Para esse servço foram apresentadas, conforme presunne, duas propostas. Convém estudal-as e decidir o caso.

O Sr. Presidente nomea os Srs. Sergio de Carvalho, Silva Gandra e Jacy Monteiro para, em commissão, estudarem essas propostas, apresentando o respectivo laudo para ser discentido e votado em sessão de Directoria.

O Sr. Presidente: informa que o Sr. Dr. Ignacio Tosta recebeu do Sr. Trul uma importante communicação escripta sobre questões attinentes á fabricação do assucar. Essa communicação cujo original estava escripto em Inguez, já se acha traduzido; e essa traducção, que apresenta, julga de vantagem ser publicada na imprensa diaria desta Capital.

O Sr. Augusto Bernacchi: pelo informações á directoria sobre o que se ha decidido com relação a Fazenda Grande da Penha.

O Sr. Aristides Cairo: a esse respeito traz ao conhecimento de seus compariheiros de Directoria que a commissão nomeada para conferenciar com o Sr. Prefeito do Distrito Federal, depois de haver dirigido a Sua Ex. um offello, foi á Prefeitura: nesse mesmo dia pedia demissão do cargo de Prefeito o Sr. Dr. Xavier da Silveira.

O Sr. Presidente: pensa que a mesma commissão deve entender-se a respeito de sua missão com o novo Prefeito, o Sr. Coronel Leite Ribeiro.

O Sr. Augusto Bernacchi: refere-se á creação do servço municipal de bromatologia e veterinaria nesta Capital. Faz sinceros votos para que os bons intuitos do Conselho Municipal e creanddo esses servços, sejam coroados do melhor exito.

O 1º Secretario: a respeito da creação dos cargos de veterinarios, cumpre informar a Directoria que a Sociedade Nacional de Agricultura tendo, desde muito tempo, insistido na necessidade de se ter nesta Capital veterinarios diplomados, profissionais capazes de prestar reaes servços no exame das vacas de leite e dos animaes de corte destinados á alimentação publica, dirigiu um offello ao Sr. Prefeito lembrando a vantagem de se mandar contractar no estrangeiro veterinarios senhores de sua profissão, technicos perfeitos, á semelhança do que fez o Estado de S. Paulo, com effectivo proveito.

Mal sabia a Sociedade Nacional de Agricultura que já estavam nomeados os veterinarios para os logares creados.

Em seguida é apresentado, lido e approvedo o parecer da respectiva commissão sobre o invento de bomba hydraulica do Sr. Fausto Pedreira Machado.

Encerram-se os trabalhos.— *João Baptista de Castro.* — *Wenceslao Bello.* — *Dr. Ph. Aristides Caire.* — *Sylvio Rangel.* — *João da Silva Gandra.* — *Domingos Sergio de Carvalho.*

Acta da 210ª sessão — 12ª de Directoria — em 7 de outubro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. ANTONINO FLALHO

No dia 7 de outubro de 1902, ás 3 ¹/₄ horas p. m., presentes os Srs. Antonino Flalho, João Baptista de Castro, Ph. Aristides Caire, Jens Sand, João da Silva Gandra, Napoleão Reys e Jacy Monteiro, o Sr. Prossidente declarou aberta a sessão.

São apresentados e acceitos como socios effectivos os Srs. Dr. Raul Franklin, Royduer do Amaral, Secretario de Logaço, e Coronel Jenino da Silva Mello, Director do Instituto Benjamin Constant.

E' lido o seguinte

EXPEDIENTE

Carta do Dr. Leandro da Costa agradecendo as condolencias que lhe foram dirigidas;

Carta do Dr. José Caruso Macdonald pedindo sementes;

Projecto de João Maria da Silva Luz, de tarifas sobre cereaes, vinho etc.

Carta de Domingos da Silva Lopes communicando a remessa de jornaes onde veiu o seu plano sobre valorização do café;

Carta de Napoleão Reys pedindo sementes;

Telegramma da Associação Commercial de Alagoas protestando contra o augmento de tarifas do Lloyd e pedindo o apoio desta sociedade;

Carta de Wladimir Motta, pedindo sementes e agradecendo a remessa de publicações;

Carta do Dr. Bonifacio Castro propondo para socio o Sr. José Barbosa Senna;

Officio de Carlos Prates enviando folhetos sobre sricicultura sobre a lei n. 333, do Estado de Minas;

Telegramma da Sociedade de Agricultura Alagoana pedindo providencias sobre o augmento de fretes no Lloyd;

Carta do Dr. Theodoro Peckolt agradecendo o diploma de socio honorario;

Telegramma de Angelo Rozelli communicando a chegada áquelle porto do vapor *Planeta* e agradecendo;

Carta de Manoel Marcellino da Mello remettendo um pedido de animaes e um attestado de idoneidade;

Carta de Alberto Rangel remettendo a mensagem do Governator do Amazonas e pedindo a *Lavoura*;

Officio de Julio Celso de Albuquerque Bello communicando a eleição da nova Directoria;

Officio do Presidente do Governo Municipal de Guarapary pedindo sementes para lavradores cujos nomes constam de uma relação annexa;

Carta de Bernardo da Silveira pedindo instrucções sobre o meio de fazer um pedido relativo á aquisição de animaes;

Telegramma de Amorim Salgado pedindo a intervenção da Sociedade junto do Governo para que sejam concedidos favores eguaes aos de Campos;

Telegramma de Fernando Werneck requisitando dois saccos com batatas;

Carta de J. C. Rodrigues agradecendo;

Cartão postal de Jeronymo Pinto;

Carta do José Bonifacio enviando um pedido de animaes e sementes;

Officio de Joaquim J. R. Oliveira Junior pedindo instrucções sobre a maneira de endereçar um pedido de animaes;

Carta de Dooecio Borges pedindo sementes para diversos lavradores e communicando a proxima organização de um syndicato agricola;

Carta de Gonçalo M. de Figueiredo agradecendo a sua inclusão entre os socios desta sociedade;

Carta do Hampshire & Comp. pedindo informações sobre a época da exposição de apparatus a alcool.

O Sr. Sergio de Carvalho: continuando a Sociedade Nacional de Agricultura a receber d'arbitramento reclamações de associações agricolas do Norte contra o augmento das tarifas do Lloyd, pensa que se faz mister ir a Directoria desta Sociedade se entender a respeito do caso com os Srs. Directores do Lloyd e o Sr. Ministro da Industria e Viação.

Passado a tratar de outro assumpto, lembra a conveniencia de não se declarar nas noticias para a imprensa o nome dos signatarios das propostas apresentadas e approvadas em sessao, para tornar bem patente o caracter de collectividade que nos roubo e anima, e afastar a presumpção de personalidade que sempre condemnamos; convem mais que taes noticias ou communicados sejam dados sempre em nome da Directoria ou da Sociedade unicamente.

(Ambas essas indicações são approvadas unanimemente.)

O Sr. Antonio Flalro: communica que recebeu na Sociedade a visita do Dr. Silva Freire, Sub-Director da Estrada do Ferro Central do Brasil, o qual lhe offereceu um bom elaborado trabalho concernente á Industria das applicações do alcool.

Podendo ter o Dr. Silva Freire levado esse trabalho á Imprensa, que de bom grado o publicaria, como houve até pedido, ficou immensamente penhorado com a delicadeza de S. S. em preferir trazer directamente o alludido manuscrito á Sociedade Nacional de Agricultura, que muito agradeceu.

Pensa que por seu turno a Directoria deve agradecer ao Dr. Silva Freire o subsídio que vem prestar á questao do alcool. (Approvado.)

O Director de culturas: tem recebido de alguns lavradores servidos pela Leopoldina, varias reclamações contra o serviço dessa ferro-via. Mais de uma vez tem-se entendido a respeito do caso com o Sr. Barrow, que o tem recebido sempre com todas as atenções e delicadeza, promettendo attender ao que fôr de justiça e estivo ao seu alcance.

Traz outrossim ao conhecimento da Directoria que o Sr. Marechal Ministro da Guerra, com quem se entendem a respeito, esta prompto a ceder á Fazenda de Santa Monica alguns cavallos que não se prestam mais ao serviço do Exército.

Em seguida apresenta duas propostas para o arrendamento da caleira da Fazenda de Santa Monica: a dos Srs. Manoel José Marques & Comp. e a dos Srs. Gustavo Valle, Porto Junior e Vloira de Freitas.

(Lidas e discutidas essas propostas, a Directoria resolve aceitar a dos Srs. Manoel José Marques & Comp. e rejeitar a outra.)

Por último, lê a sua communicação sobre a visita á Fazenda de Santa Monica: < Visitei a Fazenda a 4 de outubro.

Continuando as chuvas regularmente, tem se plantado milho e arroz e continúa-se a ultimar o preparo dos terrenos para o plantio do cereaes, passando o esmagador de torrões Croskill e em seguida a grade.

Está-se benelheando o café.

Mandei para a Fazenda mudas de diversas gramineas — grammas do Pernambuco, Jaguaré, Larga Cabellada e Parahyba para serem plantadas, visto lá não haver destas variedades bem reputadas para pasto.

Nada mais havendo a tratar, encorra-se a sessão. — *João Baptista de Castro.* — Dr. Ph. Aristides Cairo. — *Domingos S. de Carvalho.* — *João da Silva Gandru.*

Acta da 211ª sessão — 173ª de Directoria — em 14 de outubro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

No dia 14 de outubro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Domingos S. de Carvalho, Aristides Cairo, João Baptista de Castro, João da Silva Gandru, Jons Sand e Jacy Monteiro, assumio a presidencia o Dr. João Baptista de Castro, e declara aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de 19 de setembro.

E' proposto e acceto como socio effectivo o Sr. Antonio Branco dos Santos, lavrador, residente em Ouro Fino, Minas Geraes, apresentado pelo socio Dr. Bonifacio Castro.

E' lido o seguinte

EXPEDIENTE

Cartão do Vice-Presidente da Republica, Dr. Rosa e Silva, agradecendo;
 Convite do Ministro da Justiça para as exequias do Dr. Silviano Brandão;
 Officio do Dr. Leandro da Costa communicando haver o Ministro autorizado
 á Sociedade a aquisição de sementes;
 Officio do Dr. Leandro da Costa communicando ter o Ministro despachado o
 requerimento de José Ricardo Augusto Leal favoravelmente;
 Carta do Adolpho Schmidt pedindo sementes;
 Carta de Boccacio Baduró agradecendo a remessa de sementes e *A Lavoura*;
 Carta de Gustavo Huttig pedindo bacellos de videiras e enviando 10\$ para
 de pesos e transporte;
 Carta de Fidells de Souza Lobo pedindo jaraguá;
 Carta do Firmino Antonio Bruno de Martino pedindo jaraguá;
 Carta do Gerardo Bruno de Martino pedindo jaraguá;
 Carta do Angelo Carlos Bossario pedindo jaraguá;
 Carta de Vicente Pedro Martins agradecendo a remessa de sementes;
 Telegramma da Auxiliadora do Pernambuco pedindo que a Sociedade repre-
 sente contra o augmento de fretes;
 Telegramma de Octavio do Amaral pedindo sementes de algodão herbaceo;
 Officio do Presidente do Club dos Lavradores de S. Joao da Boa Vista agrade-
 cendo a remessa de Relatorios Consulares;
 Officio de Alexandre de Mello Cabral communicando que a quantia de 50\$
 remetida é para a annuidade da Camara Municipal da cidade da Estrella
 do Sul;
 Carta do Dr. Bonifacio Castro propondo um socio effectivo;
 Officio de Napoleao Reys pedindo a protecção da Sociedade para o viti-vimecullor
 Antonio Gomes Gonsa Goncalves, residente em Lamlm;
 Circular de Pedro Antonio da Silveira communicando a eleição da Directoria
 do Club Commercial, Littorario e Recreativo;
 Carta de Antonio Dias Barbosa prestando apoio á Sociedade Nacional do Agri-
 cultura;
 Carta de Ferroira Netto pedindo sementes;
 Cartão do Coronel Manoel Rodrigues Campos pedindo jaraguá e outras for-
 ragens;
 Carta de Antonio José Maria Monnerat pedindo soja, trigo, plantas e vi-
 delras.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se em primeiro logar á representação da
 Sociedade de Agricultura Parahybana, que por motivo da força maior ainda não
 foi possível ser levada ao conhecimento do Chefe da Nação.

Indica que se peça dia e hora para uma conferencia com S. Ex. o Sr. Presi-
 dente da Republica, afim de desobrigar a Directoria dessa incumbencia que lho
 commettou a Sociedade de Agricultura Parahybana. (Approved.)

Em segundo logar communica que conferenciou com o Ministro das Relações
 Exteriores relativamente á exposição deapparelhos a alcool; S. Ex. lho declarou
 que a esse respeito já havia dirigido circulares ao ministro e aos consules bras-
 leiros afim de favorecerem a remessa dos referidos apparelhos. Essa exposição
 ontretanto está ameaçada de não se realizar, com o imposto de expediente que a
 Camara dos Deputados acaba de lançar sobre esses apparelhos, impostos de 10 %,
 dos quaes 2,5 % serão cobrados em ouro, o que corresponde a um imposto total de
 13 %.

Julga acertado ir a Directoria do Senado se entender com a Commissão do
 Orçamento afim de ver si aquella medida deixa de ser attendida nessa outra casa
 do Congresso.

Nessa mesma occasião se tratara tambem da emenda apresentada pelo Sr. Dr.
 Ignacio Costa taxando o alcool artificial ou synthetico, medida infelizmente
 rejeitada pela Camara.

Por ultimo indica que a Directoria represente á Camara dos Deputadas a
 favor do projecto de marca e signaes. (Approved.)

O Sr. Baptista de Castro: indica que a Sociedade offlelo no Syndicato Central
 dos Agricultores do França pedindo que tambem se intores e pela aquisição e
 remessa de apparelhos a alcool para a respectiva exposição. (Approved.)

O Dr. Aristides Cairo : visitou a 10 de outubro a Fazenda.

Tem havido chuvas pesadas. Continúa a Leva da vargem de Vassouras, ultimando o preparo do terreno para plantação.

Continúa o plantio de milho e arroz, extirpação do angola e beneficia-mento dos rogos e drenos, procurando nivelar as margens com o resto do terreno.

Plantou-se batata inglesa e preparou-se o terreno para plantio de cafeeiros.

Encerra-se a sessão. — *João Baptista de Castro.* — *Napoléon Reys.* — *Wenceslao Bello.* — *Mendonça Guimarães.* — *Aristides Cairo.* — *João da Silva Gandra.*

Acta da 212ª sessão—126ª de Directoria—em 21 de outubro de 1902

PREZIDENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

No dia 21 de outubro de 1902, ás tres e meia horas da tarde, presentes os Srs. João Baptista de Castro, Aristides Cairo, Wenceslao Bello, Napoléon Reys, Antonio Carlos, Simões da Silva, João da Silva Gandra, Joaquim Ignacio Fosta, John L. Lewis, Domingos S. de Carvalho e Jacy Monteiro, assumo a presidencia o Dr. João Baptista de Castro e declara aberta a sessão.

E' lido o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do presidente da commissão executiva da Exposição Municipal de S. Paulo, Germano Vert, convidando a Sociedade a se fazer representar ;

Carta do secretario geral da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, de Pernambuco, remetendo copias da Representação e Memorial ao Congresso Federal ;

Carta de Vicente de Aguiar Paiva fazendo considerações sobre a sericicultura e a verba para aquisição de sementes e animaes ;

Carta do Dr. Alexandrino Froure do Amaral determinando o dia 18 para a conferencia com o Prefeito ;

Carta de Manoel Ribeiro do Nascimento Vasconcellos pedindo instrucções sobre a cultura da baunilha, ou uma obra que disso trate ;

Officio de Francisco Pereira Passos agradecendo o diploma de socio honorario ;

Carta de Adolpho Schmidt & Comp. agradecendo a remessa de jaraguá ;

Carta de Annibal Esteves enviando uma serie de artigos para publicação n.º 1 *Lavoura* e pedindo sementes ;

Carta de Chrispin Mira apresentando o Sr. Alves Nogueira ;

Carta de Ernesto do Aquino Leite pedindo sementes de jaraguá e guiné ;

Carta de Francisco de Assis Alves pedindo jaraguá e guiné ;

Carta de Constantino Xavier pedindo haccellos de videiras e *A Lavoura* ;

Carta de Fr. Telles Ribeiro indagando a quanto monta o debito de suas annuidades ;

Carta de João de Mattos & Comp. pedindo sementes de arroz e jaraguá ;

Officio do Antonio David de Souza Costa pedindo sementes de trigo branco e de manihoba ;

Officio do agente executivo municipal de Pomba enviando uma lista contendo nomes de lavradores para quem se deve expedir as sementes ;

Carta de Octavio F. do Amaral pedindo jaraguá ;

Carta de Alexandro Ribeiro Pinto Cardoso pedindo informações sobre o preço de um garrote ;

Officio do secretario da Associação Commercial do Macaé contra o levantamento dos fretos no Lloyd Brasileiro ;

Officio de Arthur Thompson pedindo sementes e informações sobre o custo do gado vaccum ;

Carta do Antonio Candido Ferreira Paula agradecendo a remessa de publicações ;

Officio de Carlos Novaes pedindo informações sobre o projecto que crea o Ministerio da Agricultura.

O Sr. Baptista de Castro: apresenta aos seus companheiros de directoria e demais associados o Sr. Lewis, representante da Exposição de S. Luiz, que, em com-

panhia do Sr. Buchanan, veio á Sociedade tratar de assumptos attinentes á mesma exposição, e referir as difficuldades que tem encontrado em obter productos do Brasil para aquelle certamen.

O Sr. Sergio de Carvalho: diante a questão, o termina propondo que se nomele uma commissão para estudar o caso.

O Sr. Wencesláo Bello: apóla as palavras do Dr. Sergio de Carvalho, mas não basta dizer que ha toda vantagem em concorrer o Brasil á Exposição do S. Luiz. Sendo a questão já conhecida, convem que a commissão proposta apresente, quanto antes, um parecer, devidamente justificado, sobre o caso.

O Sr. Ignacio Tosta: julga que se deve tambem, desde já, lançar a idéa na Imprensa, demonstrando as vantagens do comparecimento do Brasil á Exposição Americana.

São approvadas a indicação do Sr. Dr. Sergio de Carvalho e a do Dr. Ignacio Tosta, sendo em seguida nomeada a commissão para tratar do assumpto e apresentar parecer, o que foi resolvido ser feito com toda urgencia, visto já estar em discussão na Camara dos Deputados o orçamento da Viação.

Essa commissão ficou composta dos seguintes Srs.: Drs. Joaquim Ignacio Tosta, presidente; João Baptista do Castro, Wencesláo Bello, Ph. Aristides Cairo, Domingos Sergio de Carvalho, E. Jacy Montolro, João da Silva Gandra, Antonio Carlos Simoens da Silva e Napoleão Reys.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se ao proximo regresso do Sr. Barão do Rio Branco a esta capital, e propoe que seja nomeada uma commissão para comparecer ao desembarque do S. Ex.

Approvada a proposta, é nomeada a seguinte commissão: Drs. Antonino Flalho, Baptista do Castro, Sergio de Carvalho, Augusto Bernacchi, Napoleão Reys e Simoens da Silva.

O Sr. Ignacio Tosta: refere-se á questão da extincção dos impostos Interestadaoas.

Apresenta um telegramma que recebeu do Sr. Dr. Saverino Vieira, governador do Estado da Bahia, no qual S. Ex. participa que continua a agir, no intuito de eliminar os referidos impostos, ou, em ultimo caso, está disposto a defender, perante o poder judicial, o direito de livre entrada dos productos da Bahia nos outros Estados, e lembra, finalmente, a grande vantagem de uma tel federal a respeito do caso.

A Directoria agradece a informação que acaba de prestar o Dr. Ignacio Tosta, e applaude, mais uma vez, a attitude do Sr. Governador da Bahia com relação á questão dos impostos Interestadaoas.

O Sr. Simoens da Silva: pede licença para apresentar e offerocer á Directoria da Sociedade e demais consocios presentes algumas amostras de vinho moscatel o tinto, da fabrica do Sr. Domingo Tomba, de Belgrano de Mendoza, na Republica Argentina, fabrica que teve occasiao de visitar e que muito apreciou. (A Directoria agradece.)

O Sr. Sergio de Carvalho: Informa á Directoria que, a respeito de alguns dos vinhos do Sr. Adolpho Lion Teixeira, da cidade da Campanha, Minas Geraes, que a Sociedade ha tempos recebeu, obteve a opinião de um illustre negociante desta capital, opinião insuspecta, que muito honra aquelle producto nacional.

Declarou-lhe o alludido negociante que os vinhos que experimentou, do Sr. Lion Teixeira, são superiores aos vinhos communs do mercado e podem ter grande commercio.

O Sr. Aristides Cairo: visitel a fazenda a 17 do corrente; continuam os mesmos serviços da semana passada, isto é, segunda lavra, gradagem, destorroamento com o *craxhill*, limpeza de regas, extirpação de angola, plantio de milho e replantio, plantio de feijão e de araruta palmeira. Estruminação das covas para café.

Com relação á escolha dos semeadores ou plantadores, escreveu uma carta ao Dr. Assis Brasil, nosso ministro em Washington, que, sempre pressuroso em prestar seus serviços á Sociedade e ao paiz, promptamente lhe respondeu, informando sobre o caso.

Apresenta e lê a carta do Dr. Assis Brasil.

A Directoria resolve autorizar o Dr. Aristides Cairo a fazer a aquisição dos semeadores norte-americanos que julgar necessarios á Fazenda de Santa Momea.

O Sr. Aristides Cairo: pede licença para continuar ainda com a palavra; convida seus companheiros de Directoria e os demais consocios presentes a visitarem a Fazenda de Santa Momea; pede mesmo que se dê noticia aos jornaes; convidando

os interessados e os lavradores em geral a visitarem a Fazenda de Santa Monica; já se iniciou o trabalho mecânico de lavra das terras e nesse sentido muita coisa ha para ver. (Aprovado.)

O Sr. Jacy Monteiro; pede informações sobre o que se ha resolvido com relação á Hucharia, visto que a Prefeitura mandou desapropriar esse e os demais predios contiguos afim de os demolir.

O Sr. Wenceslão Bello; communica que o Sr. Coronel Leite Rebelro, Prefeito do Distrito Federal, lhe declarou que a desapropriação pretendia unicamente os predios situados entre a Camara dos Deputados, a Repartição dos Telographos e o quartelão formado pela Hucharia e predios contiguos, não estando portanto a Hucharia e esses predios contiguos incluídos na lei.

Refere-se em seguida ao facto da execução da lei sobre premios aos criadores de gado para côrto, promulgada pelo Governo do Estado do Rio. (Lei n. 501, de 14 de dezembro de 1901, art. II.)

Em nome de seus companheiros de commissão, aproveita a occasião para manifestar o seu reconhecimento ao Sr. Governador do Estado do Rio pela honra que lhes dispensou nomeando-os para constituirem a commissão julgadora do respectivo concurso.

Concorren apenas ao premio de 20:000\$, que obteve, o Sr. Commendador Domingos Theodoro de Azouedo Junior que apresentou um lote de 20 bois nascidos e criados em fazenda no Estado do Rio. Nenhum outro concorrente se apresentou.

A lei sobre o caso, do modo por que está escripta, sente-se de alguns senoes que convulha se fizessem de apparecer. Mesmo como esta, porém, é de grande alcance e de boas vantagens, e com proveito podla muito bem ser adoptada em outros Estados da Republica.

O acto de exame do gado apresentado e a outorga do respectivo premio, deviam ser revestidos de solemnidade e não de modo tão simples e sem cerimonia alguma como foram.

A concessão desse premio é um incentivo que deve animar os criadores do Estado; deve ser feita com formalidades e ceremonias adequadas ao acto.

Pensa que a Directoria da Sociedade deve officiar ao Sr. General Quintino Bocaynva, felicitando S. Ex. pela execução da referida lei. (Aprovado.)

Aproveita a occasião em que está com a palavra para se referir ao facto da transferencia da Escola Quinze de Novembro para a Fazenda de Santa Monica.

Lugo que os jornaes deram essa noticia, veio á Sociedade o Sr. Conego Amador Breno qua, com o orador, conferenciou a respeito.

Pensa que a Sociedade prestará relevante serviço ao paiz tomando mais esse encargo, mas receberá tambem enorme responsabilidade com a aquisição dessa Escola.

Propõe que a Directoria da Sociedade faça uma visita á Escola Quinze de Novembro e estude acuradamente o caso. (Aprovado.)

Encerra-se a sessão.—*Antonino Fialho.*—*Wenceslão Bello.*—*Domingos Sergio de Carvalho.*—*Dr. Aristides Cairo.*—*João da Silva Gandra.*—*Jens Sand.*—*João Baptista de Castro.*

Acta da 213ª sessão — 177ª de Directoria — em 28 de outubro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. WENCESLÃO BELLO

No dia 28 de outubro de 1902, presentes os Srs. Wenceslão Bello, Dr. Aristides Cairo, Domingos S. de Carvalho, João da Silva Gandra, Christino Cruz, Emmanuel Couret, Ignacio Tosta, Mendonça Guimarães, Napoleão Reys, Antonio Carlos Simões da Silva e E. Jacy Monteiro, assume a presidencia o Dr. Wenceslão Bello e declara aberta a sessão.

É lido o seguinte

EXPEDIENTE

Carta do General Quintino Bocaynva agradecendo as congratulações que lhe foram dirigidas;

Telegramma do Dr. Borges de Medeiros affirmando o apoio da bancada rio-grandense ao projecto Sarzedello sobre a eliminação do impostos inter-estadaes;

Telegramma do Dr. Gonçalves Ferreira communicando haver se dirigido á banca da Pernambuco pedindo para apolar o projecto Serzedello;

Carta do Secretario do Presidente da Republica designando dia e hora para uma conferencia pedida pela Sociedade;

Carta do Director da Bibliotheca Nacional pedindo que a Sociedade mande buscar um pacote de publicações a ella destinadas;

Circular do Centro Paranaense communicando a fundação de uma bibliotheca o pedindo publicações;

Memorandum de Rocha & Comp. pedindo sementes;

Carta de J. Leno Balseira communicando que as 10 dúzias de cadetras emprestadas ao *Jornal do Commercio* voltaram todas, uma, porém, quebrada. Das emprestadas ao Dr. Abilio Borges fuitou uma;

Telegramma da Associação Commercial de Macaé pedindo que a Sociedade auxilie a entrada livre dos saccos devolvidos;

Carta de Ararico José Villa Nova pedindo sementes e porcos;

Officio do Dr. Leandro da Costa communicando haver o Governo deferido o requerimento de J. G. Cardoso;

Carta de José Alves Cyrino pedindo jaraguá e ginné;

Telegramma da Auxiliadora de Pernambuco dando informações sobre o augmento de fretes e pedindo providencias;

Carta da Directoria da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional convidando para uma reunião;

Carta de E. Couret communicando a sua proxima vinda;

Carta de Joaquim Tavares Junior pedindo jaraguá;

Carta de Antonio Augusto Machado pedindo jaraguá;

Carta de Augusto Pereira Torres pedindo jaraguá;

Nota de Vasconcellos & Comp. dando relação de plantas distribuidas;

Carta de Martiniano de Hollanda Cavalcante pedindo sementes;

Officio do J. C. Fonseca Pereira communicando a remessa de dez amostras do algodão;

Carta do J. B. do Castro communicando não poder comparecer á sessão por doente;

Carta de John Lewis pedindo que a Sociedade responda ás questões constantes da carta do Agente do departamento de agricultura em Washington;

Projectos da Camara do Estado do Rio sobre o serviço agronomico do Estado.

O 1º Secretario informa que por um lapso deixou de inclir na acta da sessão anterior duas resoluções da Directoria, a 1ª nomeando uma commissão composta dos Srs. Drs. Wenceslao Bello, presidente, Manoel Victorino, Sergio de Carvalho e Aristides Calre, para dar parecer sobre o projecto de criação de um Ministerio de Agricultura, apresentado á Camara dos Srs. Deputados pelo Sr. Dr. Christino Cruz, parecer que foi pedido pela Commissão de Agricultura da referida Camara; e a 2ª approvando a redacção final do protesto que a Sociedade apresentou contra o abuso que faziam do seu nome.

O Sr. Wenceslao Bello expõe as razões que por força maior inhibiram a Directoria da Sociedade de comparecer á conferencia que havia sido pedida ao Exmo. Sr. Presidente da Republica e que S. Ex. marcara para o dia 27.

O Sr. Sergio de Carvalho: essa conferencia tinha principalmente por intuito a entrega da representação da Sociedade de Agricultura Parahybana referente ao Lloyd Brasileiro e a companhia arrendataria da Estrada de Ferro Conde d'En. Sobre o caso da Conde d'En obtivemos entretanto informações que não estão de accordo com o que allega a Sociedade de Agricultura Parahybana e que nos foram ministradas por pessoa de confiança. Compree portanto aguardar que melhor se faça a luz sobre o assumpto.

O Sr. Silva Gandra: apresenta uma carta que recebeu do Dr. João Baptista de Castro remettendo-lhe varias communicações do Sr. John T. Lewis sobre a Exposição de S. Luiz e pede que seja nomeada uma commissão para dar parecer sobre o assumpto das referidas communicações.

E' approvado o pedido e nomeada a seguinte commissão: Drs. João Baptista de Castro, presidente; João da Silva Gandra e Aristides Calre.

O Sr. Wenceslao Bello: communica que recebeu do Sr. Major Pedro Cunha, membro da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, um exemplar dos projectos de lei apresentados á mesma Assembleia sob os ns. 1235 e 1272, o primeiro concedendo uma subvenção de 10:000\$ a cada um dos cinco primeiros campos de demonstração que se fundaram no Estado por iniciativa municipal — e o segundo

criando o serviço agronomico no Estado o requer que se nomeie uma commissão para dar parecer sobre esses projectos de lei, afim de satisfazer o pedido que neste sentido fez o Sr. Major Pedro Cunha que deseja onvir a Sociedade a respeito.

E' nomeada a seguinte commissão: Drs. Christino Cruz presidente, Aristides Caire e Sergio de Carvalho.

O Sr. Wencesláo Bello: ficon suspenso, como os seus demais companheiros da Directoria, ao ter sciencia de que o Sr. Prefeito Interino sancionara a lei votada pelo Conselho Municipal mandando desapropriar afim de serem demolidos todos os predios actualmente existentes entre a Camara dos Deputados, a Secretaria da Viação, a rua de S. José e a Repartição dos Telegraphos, incluindo portanto o antigo edificio da Hucharia codido á Sociedade, quando, entretanto, poucos dias ha, teve a esse respeito uma commissão da Directoria da Sociedade uma confereneta com o Sr. Prefeito Interino, conforme consta da acta da sessão anterior.

Nessa occasião a commissão da Directoria expoude as condições precarias em que se achava installada a Sociedade, em duas nucas salas da Repartição de Estatística, sem local para estabelecer o seu Museu de Agricultura, communicou ao Sr. Prefeito que pretendia executar as obras de reconstrução do edificio da antiga Hucharia afim de adaptal-o aos serviços da Sociedade.

Não pareceo justo portanto que logo agora se pretendesse demolir aquelle edificio, o qual, se actualmente apresenta máo aspecto, dentro em pouco seria reconstruido e melhorado.

Pareceu-nos qua o Sr. Prefeito concordara com o que diziamos, declarando mesmo S. Ex. que a preliminar lei do Conselho Municipal concernente a alludida desapropriação comprehendu unicamente os predios situados entre a rua de S. José, a Repartição dos Telegraphos, a Camara dos Deputados e a Hucharia e edificios contiguos.

Comprehendida, porém, a Hucharia na lei publicada, julga que se faz mister ir a Directoria novamente conferenciar com o Sr. Prefeito e com o Sr. Ministro da Viação sobre o caso.

Disentido o assumpto, é approvada a indicação do Sr. Wencesláo Bello.

O Sr. Director de Culturas: visitel a fazenda a 25 do corrente mez. Continúa o serviço de lavras, capina de milho e replanta nas fallas.

Plantou-se algodão no morro. Fez-se drenagem e concerto da banquetta. Preparou-se o terreno para sementeira.

Em seguida o Sr. Manoel de Mendonça Guimarães apresenta o lê uma representação sobre questões attinentes á industria do assucar, e pede seja dirigida ao Senado Federal.

Disentem o assumpto os Srs. Ignacio Tosta e Emmanoel Conret e varios membros da Directoria da Sociedade.

E' approvada a referida repre entação.

O Sr. Ignacio Tosta: cumpre redigir ontrosin a representação que tom de ser dirigida ao Ministro da Fazenda pedindo um emprestimo para a industria do assucar do norte do palz, á semelhança do que ja se pediu para o municipio de Campos. E' preciso determinar o *quantum*, as bases do emprestimo, os juros, as garantias etc. Já fol pedida e determinada a conferencia com S. Ex. o Sr. Presidente da Republica para se tratar o caso.

Disentem o assumpto os Sr. Dr. Christino Cruz, Mendonça Guimarães, Emmanoel Conret e Ignacio Tosta.

Fiem combinadas e redlgidas as bases da referida representação.

Encerra-se a sessão. — Antonino Piatto, — Dr. Ph. Aristides Caire, — Wencesláo Bello, — João da Silva Gandra, — João Baptista de Castro.

Acta da 214ª sessão — 128ª da Directoria — em 4 de novembro de 1902

PREZIDENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

No dia 4 do novembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Sylvio Rangel, Carvalho Borges Junior, Napoleão Reys, Ph. Aristides Caire, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Ignacio Tosta, Domingos S. de Carvalho, Antonio Carlos Simões da Silva e Jaey Montelro, é aberta a sessão.

É lida e approvada a acta da sessão 20.ª — 173ª do Directoria — de 30 de setembro ultimo.

É lido e despachado o expediente constante dos ns. 1580 a 1597 do respectivo protocollo.

A carta do Dr. A. Gomes Carmo, referente aos campos de cultura que o mesmo estabeleceu em Itaguahy, é entregue á commissão que tem de dar parecer sobre os projectos de leis ns. 1236 a 1272 da Assembléa Legislativa do Estado do Rio.

Para dar parecer sobre o projecto de organzação bancaria para auxilios á lavoura formulado pelo Sr. José Maria Fernandes Carreira, de Campos, Estado do Rio, é nomeada a seguinte commissão : Dr. Joaquim Mattoso Duque Estrada Camara, presidente, Demócrito Cavalcanti de Albuquerque e Fabio Nunes Leal.

São propostos e accetos como socios : correspondente, o Dr. Daniel Mouffallet, medico, ex-professor do Instituto Agricola e ex-chefe de clinica do Hospital Veterinario da Quinta Normal de Agricultura, de Santiago, Chile ; e effectivos: os Srs. Drs. Antonio Lopes do Amaral, Fabricio de Mendonça Uchôa, Arthur Thompson e Joaquim Antonio de Oliveira Botelho.

O Sr. Director de Culturas: visitou a fazenda no dia 30 de outubro. Em os serviços feitos durante a semana de 27 de outubro a 1 de novembro. (Sol abrazador não choveu.) Continua o serviço de lavoura no antigo pomar e tambem no campo.

Plantação de milho e feijão no antigo pomar. Planta de canna mbá e diversas pequenas culturas.

Continua ainda a extirpação do Angola, limpeza de drenos e da lanqueta.

Já se está capinando o milho com os Planos Junior.

O Sr. 1.º Secretario: tem lembrança de já haver sido resolvido que os projectos e quaisquer outros documentos apresentados offelalmente em sessão do Directoria ou do Conselho Superior para se re os mesmos dar-se parecer, ficam pertencendo ao Archivo da Sociedade de onde não poderão ser retirados. Propõe entonanto que seja reiterada a alludida resolução. (Approvado.)

Comunica, em seguida, que no dia 29 foi ao Senado entregar pe soalimento ao Exmo. Sr. Senador Nogueira Paranaçu a representação sobre Industria assucareira e pedir a S. Ex. que obtivesse da Mesa daquelle Casa do Congresso a publicação da referida representação no *Diario Official*, pedido que S. Ex. promette satisfazer. E, continuando com a palavra, apresenta as seguintes propostas que são approvadas :

1.ª Que a Directoria da Sociedade vá em commissão fazer uma visita ao Exm. Sr. Dr. Francisco da Paula Rodrigues Alves, Presidente eleito da Republica;

2.ª Que se consigne em acta um voto de agradecimento á Exma. Sra. D. Verdiana Prado, socia benemerita da Sociedade Nacional de Agricultura, por haver S. Ex. mandado remetter gratuitamente a esta Sociedade uma grande quantidade de bacelhas de videira, de qualidades escolhidas, para a distribuição que a Sociedade pretendia fazer, como effectivamente fez ; e que se officio á mesma Exma. senhora transmittindo esse voto de agradecimento;

3.ª Que seja convocada uma sessão do Conselho Superior para o dia 8 do corrente a fim de se discutir o projecto de auxilios á lavoura do Sr. Dr. Cornelio da Fonseca, deputado federal.

O Sr. Director de Culturas: refere-se á sempre decantada questão dos prejuizos causados pelas formigas saúvas; lembra a necessidade de se estudar o caso scientifcamente.

Cita alguns factos que observou com as formigas denominadas paraguayas que atacavam e destruíam as saúvas.

O Sr. 1.º Secretario: pensa que a resolução do problema da destruição da formiga saúva deve-se encontrar ou na applicação de uma substancia malolida que produza um morbus contagioso nos formigueiros, ou na descoberta do outro insecto que destrua a saúva.

Com relação a outros inimigos da lavoura ambos esses processos tem sido empregados com proveito.

O Sr. Presidente: já é tempo realmente de se levar por outro caminho o estado da destruição da formiga saúva, que não o da applicação dos formicidas até agora empregados.

Campro estudar essa magna questão scientifcamente; pensa que se deve nomear uma commissão da Directoria da Sociedade que estudo acuradamente o caso e proponha os meios de que se deve lançar mão para tentar, mais uma vez, a destruição da formiga saúva, o maior flagello da lavoura do paiz.

O Sr. Sergio de Carvalho: os Srs. Allpio de Miranda Ribeiro e Carlos Moreira, do Museu Nacional, por sua competencia e estudos poderão sobre o caso prestar-nos muito bons serviços.

O Sr. 1.^o Secretario: a Sociedade Nacional de Agricultura já mereceu dos Srs. Carlos Moreira e Allpio de Miranda Ribeiro trabalhos technicos que honram as paginas d' *A Lavoura*.

O Sr. Presidente: a commissão que será nomeada estudarã o assumpto.

Approvada a Indicação do Sr. Presidente, são nomeados os Srs. Aristides Cairo, presidente, Sergio de Carvalho e Wenceslão Bello para em commissão estudar o caso e proporem as medidas que julgarem necessarias para a solução do problema.

O Sr. Presidente apresenta um *croquis* e photographias do estabulo e estrumeiras economicas que o Sr. José Couto, de Barbacona, construiu em sua propriedade rural.

Conforme soube do Sr. 1.^o Secretario, ainda não se agradecem por força maior ao Dr. José Couto a remessa de sementes que fez a esta Sociedade.

Propõe que se offereça portanto áquelle Illustre consocio agradecendo as sementes que nos remetter e felicitando-o pelos melhoramentos que tem estabelecido em sua propriedade rural, que podem servir de exemplo aos agricultores do paiz. (Approvado.)

Em seguida, é submittido á discussão e votação, sendo approvado, o parecer da commissão composta dos Srs. Drs. João Baptista de Castro, Aristides Cairo, João da Silva Gandra e Wenceslão Bello sobre os projectos de valorização do café, do Sr. Fauto Pedreira Machado e outro.

O Sr. Silva Gandra: participa que em companhia do Dr. João Baptista de Castro compareceu á reunião de dia 26 de outubro no Lyceu de Artes e Officios, convocada pela Sociedade Auxilladora da Industria Nacional.

Encerra-se a sessão. — *Antonino Fialho*. — Dr. *Aristides Cairo*. — *João da Silva Gandra*. — *Wenceslão Bello*. — *João Baptista de Castro*.

Acta da 213.^a sessão — 179.^a de Directoria — em 11 de novembro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. J. BAPTISTA DE CASTRO

No dia 11 de novembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Wenceslão Bello, Ph. Aristides Cairo, João Baptista de Castro, M. do Mendonça Guimarães, João da Silva Gandra, Napoleão Roys, Antonio Carlos Simões da Silva e E. Jacy Monteiro, é aberta a sessão.

E' lida a acta, e, sem debate, approvada a da sessão de 7 de outubro do anno vigente.

E' lido o despachado o expediente relativo aos ns. 1598 a 1612 do respectivo protocollo.

O Sr. Wenceslão Bello: communica ter lido em commissão entender-se com o Sr. Ministro da Viação acerca ainda do caso da Huecharia e saber sobre o andamento de alguns papéis da Sociedade, entre outros o que se refere ao pedido de despacho no Lloyd para quaranta saccas de sementes de trigo para planta que tem de ser remettidas á Camara Municipal de S. Bento, em Santa Catharina, conforme pedido dessa Camara.

Refero-se em seguida á questão da distribuição de sementes e plantas importadas do estrangeiro e expõe as vantagens que haveria com o desenvolvimento do serviço de cultura e selecção dessas sementes effectuado que fosse na Fazenda de Santa Monica, não somente quanto ao lado economico mas tambem com relação á propaganda de sementes escolhidas e já acclimatadas ao nosso paiz como se fazia.

Propõe que á Directoria da Sociedade proenre o Sr. Ministro da Viação para se entender sobre o caso. (Approvado.)

O Director de Culturas: a visita foi feita a 8 do corrente. Continúa o serviço de lavras, gradagem e plantio de milho no antigo pomar. Prepara-se, a enxada, um pequeno terreno onde nao pôde ser feito a charrúa. Prossegue a capina de milho a Planot e a monda das sementeiras.

As formigas continuando a tudo devastar, foram atacadas com a machina Cardoso.

Tendo o Sr. Shomacker offerecida para ir á Fazenda fazer applicação do seu fornecida, o fez nesse dia em dous formigueiros grandes: o resultado deverá ser verificado depois de 30 dias.

Esta a terminar o beneficiamento do café. Infelizmente não tem chovido. As roças estão se resentido.

Plantaram-se algumas mudas de capim moirão para experiencia.

O Sr. Jacy Monteiro: traz á Directoria a dolorosa noticia do passamento do Dr. Manoel Victorino Perelra, illustre membro do Conselho Superior de Agricultura da Sociedade.

Em resumidas e sentidas phrasas lembra os relevantes serviços prestados á causa da agricultura do palz pelo Dr. Manoel Victorino, e propõe que se inseriva em esta um voto de profundo pesar por esse luctuoso facto e se suspenda a sessão.

O Sr. Wencesláo Bello: ratifica as palavras do 1º Secretario.

Relembra desonvolvimento o auxilio prestado pelo Dr. Manoel Victorino aos trabalhos do Congresso de Agricultura, do qual foi vulto proeminente. E termina propondo que a Directoria procure adquirir o retrato do illustre morto para inaugurar-o na gala das sessões da Sociedade.

(Todas as propostas são unanimemente approvadas.)

O Sr. Presidente antes de encerrar a sessão, cumpre o dever de communicar que, ao ter noticia do infuasto passamento do Dr. Manoel Victorino, tomou as providencias no sentido de se fazer representar a Sociedade no enterramento do seu saudoso consocio, tendo desde logo convidado aos companheiros do Directoria para comparecerem a todas as manifestações de pesar que se realizza em nesta capital por intenção do illustre morto e determinado que em seu atafide fosse depositada uma grande coroa de flores naturaes como lembrança da Sociedade, o que effectivamente se fez.

Encerra-se a sessão.— *Antonino Fialho.*— *Dr. Aristides Cairo.*— *Jens Sand.*— *João Baptista de Castro.*— *João da Silva Gandra.*

Acta da sessão 216ª — 180ª de Directoria — em 18 de novembro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

No dia 18 de novembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. João Baptista de Castro, Aristides Cairo, Wencesláo Bello, Napoleão Reys, Domingos S. de Carvalho, João da Silva Gandra, M. de Mendonça Guimarães, Carvalho Borges Junier e Jacy Monteiro, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

E lida e approvada a acta da sessão de 14 de agosto.

E lido e despachado o expediente constante dos ns. 1613 a 1638, do respectivo protocollo.

São apresentados e accoitos como socios effectivos os Srs. Dr. João Manoel Carlos do Gusmão, Manoel Luiz Moreira e Machado, Estacio & Comp. desta Capital.

O Sr. Napoleão Reys apresenta algumas amostras do vinho do cajú « Alvarante » fabricado pelo Dr. Alvaro Joaquim de Oliveira, desta Capital. (A Directoria agradece.)

O Sr. Baptista de Castro: refere-se á necessidade de se apressar a remessa de amostras do café brasileiro ao Syndicato Central dos Agricultores de França; convida a insistir com os commissarios e fazendeiros que nos enviasssem amostras de seus cafés.

Pensa que de grande vantagem seria tambem a remessa de varios typos de café nacional a alguns syndicatos norte-americanos, visto que já estamos em relação com o Sr. J. Hanley, presidente das associações agricolas desse palz.

Tem escripto e fallado a muitos fazendeiros sobre o assumpto; muitissimo poucos toem attenção.

O Sr. Silva Gandra: communica que o Sr. Perelra da Fonseca offerece, para a propaganda, sementes de trigo.

O Sr. Sergio de Carvalho: refere-se ás attentões que a Directoria da Sociedade mereceu do Dr. Antonio Augusto da Silva, ex-Ministro da Viação, e á boa vontade que S. Ex. sempre manifestou para com a propaganda agricola e para com todas as medidas que interessavam o progresso da agricultura do palz.

Propõe que se envie a S. Ex. uma mensagem de agradecimento e que a S. Ex. seja conferido o diploma de membro honorário da Sociedade.

O 1.º Secretário propõe que o mesmo título seja conferido ao Dr. Manoel Ferraz do Campos Salles, ex-Presidente da República.

(São approvadas ambas as propostas.)

O Sr. Sergio de Carvalho: insiste sobre a necessidade de se obter local para a installação da Exposição deapparehos a alcool, caso se consiga a verba para esse certamen.

Pensa que o sa Exposição deve ficar marcada para se inaugurar em Junho ou Julho do proximo anno.

Dissentem o assumpto os Drs. Wenceslão Bello e Baptista de Castro, abundando nas mesmas idéas do Dr. Sergio de Carvalho.

O Director de Culturas: communica que visitou a fazenda a 14 do corrente.

Com a chuva cahida, ainda que em pequena quantidade e em dias anteriores, as plantações melhoraram.

Na madrugada de 14, tendo chovido regularmente, foi encetada a plantação do café de varias qualidades no morro do Alpes.

Continuou o serviço de preparo do terreno do antigo pomar, duas lavras, gradagem, destocamento etc.

Fez-se capina de arroz, milho e feijão; planta e replanta de milho. O machi-nismo de arroz necessita mais força para dar bom resultado.

O 1.º Secretário: communica que a Directoria da Sociedade recebeu do Dr. Carlos Lessa um convite para assistir, no dia 14 do corrente, no Club de Engenharia, ás experiencias de uma nova machina de torrar café, de recente invenção, experiencias ás quaes deixou de comparecer por força maior.

Apresenta em seguida o original manuscripto do Sr. José Theophilo Carneiro de Albuquerque, do Estado de Pernambuco, contendo a traducção completa e annotada do «Guide du planteur de cannes», de N. Basset; e pede que a Directoria da Sociedade nomeie uma commissão para dar parecer sobre o pedido do mesmo Sr. Theophilo Carneiro, para que seja publicada essa traducção.

São nomeados para essa commissão os Srs. Drs. Aristides Caire, Sergio de Carvalho e Silva Gandra.

E' lido e approvado o parecer da respectiva commissão sobre os projectos de lei ns. 1235 e 1272, da Assembléa Legislativa do Estado do Rio, além de ser enviado á mesma assembléa, conforme pediu o Sr. Major Pedro Cunha.

E' inserido em acta um voto de profundo pesar pelo fallecimento da Exma. Irmã do Dr. Antonino Fialho e convidada a Directoria da Sociedade a comparecer á missa que por intençaõ da mesma linadase ha de realizar.

Encerra-se a sessão. — Antonino Fialho. — Dr. Aristides Caire. — Jens Sand, — João Baptista de Castro. — João da Silva Gandra. — E. Jacy Monteiro.

Acta da 212.ª sessão — 181.ª de Directoria — em 23 de novembro de 1902

PREZIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 25 de novembro de 1902, ás tres e meia horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Wenceslão Bello, Domingos S. de Carvalho, Aristides Caire, Oscar Teixeira de Figueiredo Côrtes, João da Silva Gandra, Jens Sand, João Baptista de Castro e Jacy Monteiro, é aberta a sessão.

E' lida e approvada a acta da sessão de 21 de outubro.

São apresentados e acco tos como socios effectivos os Srs. Bernardino Monteiro do Barros, fazendeiro em Sobragy; Coronel Oscar Teixeira de Figueiredo Côrtes, de S. José d'Além Parahyba, Minas Geraes; Dr. Antonio Vicente Culmon Vianna e F. Lumay, desta capital.

E' transferida a leitura do expediente.

O Sr. Wenceslão Bello: depois de se referir aos relevantes serviços prestados com elevado patriotismo pelo Sr. Dr. Joaquim Ignacio Testa á Sociedade Nacional de Agricultura e á digna attitude que S. Ex. assumiu entre os seus pares, na Camara dos Deputados, propondo, dissentindo e defendendo varias medidas do mais alto interesse para a lavoura e classes annexas do paiz, depois de salientar ainda a dedicação que do S. Ex. merecem o Congresso de Agricultura, ao qual dedicou telos

os seus esforços e intelligencia, propõe que seja conferido o diploma de membro honorario desta Sociedade a S. Ex. o Sr. Dr. Joaquim Ignacio Tosta e lho seja dirigida uma mensagem agradecendo aquelles serviços.

(Essa proposta é unanimente approvada com applauso.)

O Sr. Antonio Fialho: diz que o Sr. Wenceslão Bello o procedeu nisto mesmo sobre que ia fallar. Outras mais que pudessem ser as homenagens prestadas ao Dr. Ignacio Tosta, está certo que a Sociedade Nacional de Agricultura gostosamente as prestaria, cumprindo um dever de justiça, em reconhecimento dos serviços prestados pelo deputado baldano.

Como sempre succede em qualquer collectividade, houve, certamente, o que é de lastimar, um pequeno grupo de collegas seus no Congresso, muito dignos aliás, e merecedores de encomios por outros serviços que prestaram, pequeno grupo que, entretanto, votou contra algumas medidas propostas em prol da lavoura; mas a bancada mineira, por exemplo, e os companheiros da commissão de agricultura e muitos outros deputados estiveram sempre ao lado do Dr. Ignacio Tosta, na causa que isto defendia. A todos os seus devemos tambem o nosso reconhecimento.

Terminaa propondo que a entrega do diploma ao Dr. Ignacio Tosta tenha lugar em sessão especial da Sociedade.

(É approvada essa proposta e determina-se o dia da referida sessão.)

O Sr. Wenceslão Bello: propõe que seja então convidada para essa sessão a commissão de agricultura da Camera dos Deputados. (Approvado.)

O Sr. Antonio Fialho: aproveita estar com a palavra para lembrar a visita que devemos aos ministros com que temos de conferenciar sobre questões de interesse vital para a lavoura nacional.

O Sr. Baptista de Castro: relatando os serviços prestados pelo Dr. Ignacio Tosta em prol da lavoura, o Dr. Wenceslão Bello salientou muito judiciosamente os que se referiam á empresa em beneficio da organização e installação dos syndicatos agricolas em nosso paiz, desde as sessões do Congresso de agricultura até a promulgação da respectiva lei.

Acompanha inteiramente tudo que disse o Dr. Wenceslão Bello com relação ao assumpto.

E a proposito lembra, mais uma vez, que convem activar a remessa de amostras de café para o syndicato central dos agricultores de França.

Seria tambem conveniente que se annunciasse pelos jornaes o que nesse sentido tem em vista a sociedade e se pedisse nos fazendeiros que nos remetterssem amostras de seus cafés.

Do mesmo modo, torna-se preciso não demorar a abertura da relações desta sociedade com a America do Norte.

A carta do Sr. Hanloy já foi publicada; precisamos responder-lha o travar relações.

E paremos ali: façamos o mesmo para com outros paizes: para exposição deapparelhos a alcool, por exemplo, alem do que puder fazer o Ministro das Relações Exteriores, poderão nos prestar muito auxilio os syndicatos da Alemanha e do França.

Lembra finalmente que o anno está a findar e cumpre á sociedade mandar renovar a sua cotização de membro do syndicato central dos agricultores de França. (Approvado).

O Sr. Wenceslão Bello: applaudindo o que acaba de referir o Dr. Baptista de Castro, propõe que essas questões attinentes aos syndicatos agricolas fiquem adstrictas á respectiva commissão allem de lhos dar andamento.

O 1º Secretario: conforme consta do livro 1º e da acta da sessão do Directoria de 15 de julho de 1902, essa commissão compõe-se actualmente dos Srs. Wenceslão Bello, Presidente, Baptista de Castro, Fabio Leal, Sergio de Carvalho e Ignacio Tosta.

O Director de Culturas: declara que o Sr. Bernardo de Figueiredo desistiu do contracto de arrendamento dos pastos da Fazenda Grande da Penha, a favor do Sr. Carlos Custodio Nunes, a partir do 1 de outubro do corrente anno.

Reconhecendo idoneidade na pessoa do Sr. Nunes, que tambem é membro desta sociedade, accetou o referido ajuste que submete á sancção da Directoria.

Foi approvada a resolução do Director de Culturas, sob condição do Sr. Nunes declarar em officio que acceta todos os encargos que decorrem do referido accordo.

O Sr. Coronel Figueiredo Cortes: tendo de adquirir alguns carneiros para serem empregados em sua fazenda como reproductores, pede que a Directoria informe si

poderá obter transporte gratuito dos alludidos arlmas na Estrada de Ferro Central.

O Sr. Antonino Fialho: expõe o que sobre o assumpto resa a lei. Promette entretanto que procurará obter do Sr. Ministro da Viação o transporte em questão.

O Sr. Baptista de Castro: congratula-se com a Directoria da Sociedade por ver presente á sessão o Coronel Figueiredo Cortes, membro de importante familia de lavradores e por sua vez fazendeiro importante tambem em Minas Geraes.

O Sr. Figueiredo Cortes: agradece o promette envldar todos os seus esforços em prol da propaganda agricola.

O Sr. Director de Cultura: visitel a fazenda a 21. Durante a semana foram feitos os seguintes serviços: plantação de milho e capim no pomar e no campo, do feijão e do café.

Lavrrou-se o morro no campo. Concertaram-se machinismos agricolas. O milho melhorou com a chuva que cahiu.

Encorra-se a sessão. — Antonino Fialho. — Dr. Aristides Calre. — Jons Sand. — João Baptista de Castro. — João da Silva Gandra. — E. Jacy Monteiro.

Acta da 218ª sessão — 182ª de Directoria — em 9 de dezembro de 1902

PRASIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 9 de dezembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Aristides Calre, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Jons Sand, M. de Mendonça Guimarães, J. A. do A. e Vasconcellos, Augusto Ramos, Ignacio Tosta e Jacy Montelro, é aberta a sessão.

E' lido e despachado o expediente de ns. 1639 a 1710 do respectivo protocollo.

Não ha leitura do acta.

São apresentados e acceltos como socios effectivos os Srs. Dr. Antonio Cavalcanti Sobral, Dr. Agostinho Cosarilo de Figueiredo, João Barbosa Rodrigues Junior, Antonio Candido Ferreira Paula, Coronel Raymundo Barbosa de Souza e Dr. Otto Raulino.

O 1º Secretario: communica que por aviso n. 161, de 19 de novembro, dignou-se o Sr. Ministro da Viação conceder transporte gratuito na Estrada de Ferro Central para as plantas e sementes que a Sociedade Nacional de Agricultura houver de distribuir — prestando S. Ex. com esse acto valioso auxilio á propaganda agricola.

Representando a distribuição de sementes que a sociedade faz por intermedio das estradas de ferro-vias, pela exportação que é de esperar, dos productos resultantes do plantio e cultura das referidas sementes, — propõe que se officie aos directores das demais estradas de ferro que tem trafego mutuo com a Central, expondo a questão e pedindo a mesma concessão de gratuidade para o transporte de sementes e plantas distribuidas pela Sociedade. (Approvedo).

O Sr. Director de Culturas: visitel a fazenda de Santa Monica a 28 de novembro 6 de dezembro.

Tendo chovido bastante, as plantações melhoraram consideravelmente, mas a capina lleou atrasada, tendo-se desenvolvido as ervas más em quantidade.

Fez-se a lavoura no morro do Campo, onde plantou-se a bobora, capinou-se o milho e fizeram-se concertos de cercas, banquetas e machinismos agricolas.

O Gerente, por motivo de molestia, teve de se ausentar por alguns dias da fazenda. As chuvas foram pesadas em demasia.

Durante a semana de 1 a 6 de dezembro pouco serviço foi feito, pois que chovou quasi todos os dias, pelo que o serviço de capina dos cercas acha-se algum tanto atrasado, sendo claro que se não pôde empregar as capinadeiras e que o serviço a enxada pouco adianta, servindo apenas para mudar o malto do logar.

Contudo capinou-se, replantou-se arroz, millto nos morros do campo e o mandiocal; fez-se limpeza das sementeiras, plantou-se ainda algum café Maragogipe vindo da fazenda do Dr. Moura Brasil e continuou-se a atacar as saúvas que damnicam as plantações.

O viveiro de vidoiras já soffreu varios ataques.

O Sr. Antonino Fialho: sobre a questão da transporte gratuito pela Central, de animais destinados á reprodução e adquiridos por lavradores e criadores do paiz, conforme tem sido pedido á Sociedade, não pôde o Ministro da Viação attender ao pedido.

O Sr. Baptista de Castro: refere-se em sentidas palavras ao pensamento do Dr. Prudente José de Moraes Barros, o homem juizo e bom, em cujo governo foi a fundada a Sociedade Nacional de Agricultura que de S. Ex. recebeu então os primeiros auxilios.

Propõe que se lance em acta um voto de profundo pesar o que a Directoria da Sociedade faça-se representar nas exequias que por intenção do Ilustre morto terao lugar nesta Capital.

O Sr. Antonino Fialho: assim que soube da infausta noticia do fallecimento do Dr. Prudente de Moraes dirigiu telegramma de condolencias ao Dr. Manoel Moraes Barros, Ilustre irmão do morto.

O Dr. Aristoteles Calça envia á Directoria as primeiras uvias de sua colheita do anno. (A Directoria agradece.)

Encerra-se a sessão. — *João Baptista de Castro.* — *Wenceslao Bello.* — *Ph. Aristides Cairo.* — *Augusto Bernacchi.* — *E. Jacy Montelro.*

Acta da 219ª sessão — 183ª de Directoria — em 11 de dezembro de 1902 — Sessão especial

PRESENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 11 de dezembro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Dr. Jovinaldo de Carvalho, Ignacio Tosta, Domingos S. de Carvalho, Dr. Eruinio Cosar Continho, J. Padua Rozenda, Penido Filho, Feliciano Penido, Christino Cruz, Augusto Ramos, Antonio de Medeiros, Augusto Bernacchi, J. A. de A. Vasconcellos, Jens Sund, João da Silva Gandra, Carlos Raulino, Wenceslao Bello, Mendonça Guimarães, Aristides Calre e Jacy Montelro, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

E' transferida a leitura da acta e do expediente.

O Sr. Antonino Fialho: refere-se aos serviços prestados pelo Dr. Joaquin Ignacio Tosta á causa da lavoura, desde as sessões do Congresso de Agricultura; dessa época até o presente o Ilustre deputado bahiano, diz S. S., tem-se collocado sempre ao lado da Sociedade Nacional de Agricultura, de enjos ideaes tem sido extrenuo defensor.

Como membro do Congresso Federal esforçou-se em pugnar sempre pelo beneficio do paiz e principalmente em prol dos agricultores, do que deu mostra patente nos ultimos dias alda dos trabalhos legislativos com a victoria da campanha dos syndicatos agricolas que a eito em grande parte se deve.

Não precisa insistir nas vantagens e no grande alcance desse projecto de lei quanto ao impulso que pôde imprimir ao progresso da lavoura e industrias connexas do Brasil.

O Dr. Ignacio Tosta collaborou alda em todos os projectos de iniciativa desta Sociedade.

Deu mesmo outra feição á Camara dos Deputados, pôde-se até dizer, pela importancia que ligava ás questões agricolas e o empenho e o carinho com que as tratava.

Outro meio não tinha a Sociedade Nacional de Agricultura para testemunhar o seu apreço ao Dr. Ignacio Tosta senão o conferir-lhe o diploma de socio honorario, o que neste momento faz.

Em toscas palavras traduz todo o seu enthusiasmo e estima, e de seus companheiros, pela pessoa do distincto Deputado bahiano.

O Sr. Ignacio Tosta: sómente do pé pôde agradecer as generosas palavras do Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura.

Aproveita a occasião para discorrer mais uma vez acerca da instituição dos syndicatos agricolas; e para que seu espirito se não desvie no correr do assumpto, pede licença para ler o que havia escripto para apresentar aos seus companheiros da Sociedade Nacional de Agricultura.

(Lê o que foi publicado *in extenso* no *Jornal do Commercio* de 15 de dezembro de 1902 e está constante do livro 16-5 desta Sociedade.)

Ao terminar a leitura, e o Dr. Ignacio Tosta abraçado por todas as pessoas presentes.

O Sr. Antonio de Medeiros: as palavras que o Dr. Tosta acaba de proferir deviam ser ouvidas por todos os lavradores.

Calaram tanto no seu espirito essas palavras que diz de coração que com um companheiro dessa ordem, desse valor, a victoria da causa da lavoura é certa.

Em nome do *Jornal dos Agricultores* saudou com effusão o Dr. Tosta.

O Sr. Wencesláo Bello: ouvimos com o acatamento que nos merecem as palavras do Dr. Ignacio Tosta.

A modestia com que S. Ex. se manifestou realçou mais ainda o espirito que as animava. S. Ex. referiu-se a trabalhos anteriores aos seus; mas a esses trabalhos soubo o Dr. Tosta, proveyta e patrioticamente, dar salutar impulso: de então para cá foi S. Ex. o apóstolo da propaganda agricola.

Muito devemos tambem á Illustre commissão de agricultura do Parlamento: seja consignado um voto de louvor a essa commissão e a cada um dos seus membros em particular pelo esforço e carinho com que amparavam a idéa dos syndicatos agricolas e outras medidas em beneficio da classe agricola do palz.

Antes de encerrar a sessão, o Sr. Presidente apresenta como socios effectivos e como taes são accellos os Srs. Deputados: Monsenhor João Tolentino Guedolha Mourão, do Maranhão; Dr. João Henrique de Souza Gayoso Almeida, do Piahy; Dr. Ermilino Cesar Coutinho e Manoel Gomes do Mattos, do Pernambuco; Dr. Jovilvano Joaquim de Carvalho, do Sergipe; Dr. Manoel Caetano de Oliveira Passos, Eugenio Gonçalves Tourinho e Nicoláo Tolentino dos Santos, da Bahia; e o Dr. Joaquim da Silva Leite Fouseca.

O 1º Secretario: participa que por motivo de molestia deixam de comparecer á presente sessão os Directores Drs. João Baptista de Castro e Domingos Sergio de Carvalho, os quaes pediram que declarasse que de coração se associam ás honra-gens prestadas ao Dr. Joaquim Ignacio Tosta. E apresenta a seguinte communicacao escripta que acaba de receber do Dr. João Baptista de Castro que se destinava á imprensa. (Lê):

SYNDICATOS AGRICOLAS

Ao Dr. Ignacio Tosta

Não seroi talvez o ultimo a vir manifestar ao benemerito Dr. Ignacio Tosta todos os applausos e agradecimentos de que é merecedor pela campanha que acaba de vencer no seio da Camara Legislativa da União, acompanhando e impulsionando a passagem da lei que virá preencher uma grande lacuna que se verifica na nossa legislação, onde não existiam garantias especiaes amplas, de amparo e protecção para as associações agricolas profissionais, consultando as necessidades e aspirações das idéas mais modernamente consagradas por homens eminentes das varias nações cultas, inspirados na solidariedade e mutualidade dos productores e trabalhadores do solo.

Creio poder falar tambem em nome da lavoura mineira, nessa justa manifestação cabendo-me ainda a satisfação intima de haver dado os primeiros passos na propaganda dos Syndicatos Agricolas no Brasil, assistindo com indizivel e não menos grata satisfação os progressos que a Idéa realizou em tão curto periodo, conquistando numerosos adeptos no seio da Sociedade Nacional de Agricultura, para onde a levei, e que a comprehensão da sua nobre missão limita perfeitamente a mesma attitudo assumida pela sua congeneere franceza: a Societé des Agriculteurs de Franco, quando impulsionou a fundação dos Syndicatos Agricolas naquella nação, após a lei de 1884.

Lá se vão 18 annos, o sómente agora é que nos devotamos ao estudo dessas instituições, graças á crise que nos soffoca actualmento.

Oxalá! a agricultura brasileira possa aproveitar praticamente a realisação dos Syndicatos Agricolas, tanto para vencer a actual crise, como para prevenir futuras difficuldades.

Icarahy, 11 de dezembro de 1902.

Encerra-se a sessão.— *João Baptista de Castro*.— *Wencesláo Bello*.— *Ph. Aristides Caíre*.— *Augusto Bernacchi*.— *João da Silva Gandra*.— *A. Gomes Carmo*.— *E. Jay Monteiro*.

Acta da 220.^a sessão — 184.^a de Directoria — em 23 de dezembro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 23 de dezembro de 1902, ás 3^h 00', horas p.m., presentes os Srs. Antonino Fialho, Domingos Sergio de Carvalho, Wencesláo Bello, Aristides Calro, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Antonio de Medeiros e Jacy Monteiro, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

São lidas e approvadas as actas das sessões de 28 de outubro e 4 de novembro. São apresentados e acceltos como socios effectivos os Srs. Jorge Hoggendorf, do Estado do Rio, e Dr. José Joaquim Montelro Bastos, de Minas Gornes.

São lidos e despachados os papéis de ns. 1.711 a 1.745 do respectivo protocollo, dentro os quaes se destaca um longo officio do Sr. Dr. Demetrio Ribeiro, que por conta do Governo se acha na Europa em commissão da propagauda do café.

O Sr. Director de Culturas: no dia 5 de dezembro fui com o collega Dr. Olivra Bello á Fazenda Grande da Penha

Foi feita a applicação de Formicida Schomacker em dois formigueiros e foram postas em vasos de barro 10 videllas das enxertadas e que vieram com cachos.

Foi captado o vinhedo e foram substituidas algumas estacas deterioradas, com o que se despendeu a quantia de 20\$000.

Pagou-se ao fiscal 20\$000, correspondentes aos mozes de outubro e novembro, e á olaria 11\$000, custo dos 10 vasos e carreto.

Não tendo havido sessão na semana passada, tenho hoje de fazer a communição de duas visitas feitas á Fazenda da Santa Monica.

Durante a semana de 8 a 13, continuou-se a capina de milho no campo e nos diferentes morros e do algodoad. Plantou-se mais algum milho e dronou-se a vargem do Pomar.

Na semana de 14 a 21 continuou a capina.

Não choveu durante a semana e, com alguns dias de sol, que tem sido abrasador, as plantações de milho se resentiram, e se continuarem dias de tão ardente sol, ficara comprometido o milho que está espigado.

Infelizmente continúa doente o gorento J. Martin, pelo que o serviço tem sido um pouco mais irregular, visto não haver facilidade em encontrar um auxiliar regular, chefe de serviço dos chamados «fereiros de turma».

Visitei a 22 a Fazenda Grande da Penha, examinando o estado dos enxertos de videllas, providenciando relativamente á colheita de mangas.

O Sr. Wencesláo Bello: refere-se em termos laudatorios ao patriótico procedimento do general Quintino Bocayuva, presidente do Estado do Rio de Janeiro, impondo veto a resolução da Assembléa Legislativa desse Estado que taxava com o sello de trezcentos réis todos os volumes que entrassem no territorio do Estado.

Discorre sobre as razões do alludido voto, as quaes enalteece; e declara que a Sociedade Nacional de Agricultura não deve deixar passar em silencio esse facto, principalmente quando na pouca o Estado do Ceará sancionou uma lei creando impostos em grande numero, acto esse que, bem contra a sua vontade, não pôde merecer applausos da Sociedade.

Traz ainda ao conhecimento da Directoria a noticia da approvação da lei da Assembléa Legislativa do Estado do Rio que concede favores á lavoura por intermedio dos syndicatos agricolas e cooperativas que no Estado se crearem. E termina enviando a mesa as duas indicações seguintes:

1.^a Que se officie ao Sr. Presidente do Estado do Rio applaudindo o voto acima referido; 2.^a Que se officie a Assembléa Legislativa desse Estado applaudindo a approvação da lei que concede favores á lavoura por intermedio dos syndicatos e cooperativas agricolas.

Ambas essas indicações são unanimemente approvadas.

O Sr. Antonino Fialho: tem acompanhado com todo interesse o movimento dessas questões agricolas que se hão agitado no Rio de Janeiro, Estado do qual é representante na Camara dos Deputados.

Não devemos esquecer outros projectos mais que foram approvados na Assembléa Legislativa do Estado e que aguardam sancção — o da criação dos campos de demonstração e o que se refere á destruição da formiga salva, por exemplo.

O Sr. Wencesláo Bello: pede authorização á Directoria para mandar concertar

a balança romana que a Sociedade possui, a fim de ser utilizada no serviço de distribuição de sementes e bem assim adquirir mais uma balança Roberval para o mesmo serviço.

(É concedida a autorização).

O 1.º Secretário comunica que já foram remetidas ao Ministério da Viação algumas contas de fornecimento de plantas e sementes dos Srs. Vasconcellos & C., Schilick & C., Jons Sand & C., Aristoteles Calça.

Tem agora em mãos as contas de Vilmoren Andrieux & C., de Paris, (primeiro fornecimento de batatas e outras sementes) e de Haago Schmidt, de Eriart, Alhouanha (batatas), que a Sociedade precisa pagar, a fim de se requerer ao Ministério da Viação o reembolso dessa despesa.

O Sr. Hesoureiro: pede autorização á Directoria para o pagamento das contas, que apresenta, de Vilmoren e de Haago.

(É concedida a autorização).

O 1.º Secretário: refere-se em sentidas phrases ao infuusto passamento do senador Moraes Barros, membro do Conselho Superior da Sociedade e um dos seus dedicados e prestimosos amigos.

Propõe que se inscreva em acta um voto do mais profundo pesar por motivo desse infuusto facto.

(Aprovado unanimemente).

Encorrou-se a sessão. — *João Baptista de Castro.* — *Wenceslao Bello.* — *Ph. Aristides Cayre.* — *Augusto Bernacchi.* — *João de Silva Gandra.* — *A. Gomes Carmo.* — *E. Jacy Monteiro.*

Acta da 102.ª sessão — de Assembléa Geral ordinaria — realisada no dia 4 de febreiro de 1902

PRESIDENCIA DO DR. ANTONINO FIALHO

No dia 4 de febreiro de 1902, ás 3 1/2 horas p. m., na séde da Sociedade Nacional de Agricultura (edifício da Directoria de Estatística), presentes os Srs. Antonino Fialho, Cornelio de S. Lima, E. Jacy Monteiro, Aristoteles Calça, João da Silva Gandra, Dr. A. Vaz Pinto Coelho da Cunha, Domingos Sergio de Carvalho, Carlos Raulino, Alberto Jacobina, João Brumond Junior, Wenceslao Bello, Aristides Cayre, Luiz D. do Lago, Fabio Leal e Augusto Bernacchi, assume a presidencia o Dr. Antonino Fialho e declara aberta a sessão.

Não ha expediente.

O Sr. Antonino Fialho expõe os fins da reunião da Assembléa Geral que foi convocada para tratar da reforma dos Estatutos, apresentação de contas e eleição da nova Directoria que tem de funcionar até a Assembléa Geral ordinaria do proximo anno de 1903.

Tendo sido em uma das sessões passadas de Directoria nomeada uma commissão para rever os Estatutos e modificá-os de accordo com o desenvolvimento que a Sociedade tem tido e conforme tem aconselhado a pratica dos varios ramos de serviços a cargo da mesma Sociedade, concede a palavra ao relator daquella commissão para ler o projecto dos novos Estatutos, attas já conhecido de muitos dos consocios presentes, a fim de submeter em seguida esse trabalho á discussão e deliberação da Assembléa.

O Sr. Wenceslao Bello: expõe de um modo geral os varios artigos do projecto de novos Estatutos e mostra as lacunas dos estatutos vigentes cujas idéas aproveitaveis foram conservadas.

Em seguida, lê separadamente esses artigos, a fim de facilitar a respectiva discussão. (Lê).

O Sr. Sergio de Carvalho: propõe que se substitua o titulo de director de propaganda pelo de secretario geral.

(É approvada a emenda).

O Sr. Augusto Bernacchi: julga deficiente o numero de membros do Conselho Superior, que o projecto propõe seja de vinte e cinco.

Apresenta nesse sentido a seguinte emenda: em vez de vinte e cinco, diga-se trinta e cinco.

(É discutida e em seguida approvada essa emenda).

O Sr. Araujo Jacobina: julga de vantagem que se conserve a distribuição dos serviços da thesouraria pelos dous thesoureiros, conforme se acha consignado nos actuaes estatutos; e apresenta emenda nesse sentido.

(Discutido esse ponto e deante das razões expostas principalmente pelo Dr. Wenceslão Ballo, o Sr. Araujo Jacobina retira a emenda que apresentara).

Sr. Augusto Bernacchi: não concorda tambem com o numero de faltas, por ausencia, estatuido no projecto em discussão para ser considerado resignatorio do respectivo cargo o Director ou Membro do Conselho Superior que as commetter.

Propõe que o numero de faltas a que o projecto se refere seja de tres para os Membros do Conselho Superior e de quatro para os Membros da Directoria.

(É discutida e approva a a emenda).

O Sr. Vaz Pinto: o projecto não diz cousa alguma a respeito da remuneração que a justo titulo deve caber ao Secretario Geral e ao 1º Secretario pelos serviços materiaes dos respectivos cargos.

O Sr. Antonino Fialho: os cargos da Directoria são gratuitos; mas o Director de Culturas, que tem viagens e mais despesas obrigadas a fazer, o Secretario Geral, que tem a seu cargo a direcção e organização da revista agricola da Sociedade, e ainda o 1º Secretario cujo serviço material é consideravel e lho acarreta despesas, devem e precisam receber, a titulo de indemnização de despesas e prejuizos que lhes causam os serviços materiaes do cargo, uma pequena gratificação, cuja importancia será determinada pelo Conselho Superior da Sociedade, o que vai ser regulamentado.

Não é assumpto dos estatutos propriamente dito.

O Sr. Vaz Pinto: depois das explicações do Sr. Presidente dá-se por satisfeito e deixa de apresentar uma emenda propondo justamente essas gratificações para indemnização de despesas ao Director de Culturas e aos dous Secretarios.

Em seguida são discutidos ainda varios artigos do sômeno importancia; submettido depois á votação, é approvedo o projecto de novos estatutos, com as emendas consignadas e approvadas na presente acta.

São em seguida apresentadas, discutidas e approvadas as contas da Thesouraria, que constam do respectivo balanço publicado n' *A Lavoura*, ns. 11 e 12, tomo V, de novembro a dezembro de 1901, pag. 346. Proceheu-se logo depois á eleição da Directoria que dá o seguinte resultado:

Para Presidente — Dr. Antonino Fialho 14 votos (reeleito).

Para 1º Vice-Presidente — Dr. João Baptista de Castro 15 votos (reeleito).

Para 2º Vice-Presidente — Dr. Aristoteles Ambrosino Gomes Calça 11 votos (reeleito); Dr. Fabio Leal 1 voto.

Para Director de Culturas — Dr. Philippe Aristides Cairo 14 votos; Dr. Fabio Leal 1 voto.

Para Secretario Geral — Dr. Domingos Sergio de Carvalho 14 votos; Dr. Fabio Leal 1 voto.

Para 2º Secretario — Dr. Augusto Bernacchi 14 votos; Dr. Fabio Leal 1 voto.

Para 3º Secretario — Alberto de Araujo Ferreira Jacobina 14 votos (reeleito); Dr. Eduardo Augusto de Caldas Britto 1 voto.

Para 1º Thesoureiro — Jous Sand 15 votos (reeleito).

Para 2º Thesoureiro — João da Silva Gandra 14 votos (reeleito).

O Sr. Antonino Fialho: agradece a generosidade e confiança da Sociedade elogendo-o do novo seu presidente.

E nada mais havendo a tratar encerra-se a sessão. — Antonino Fialho. — João Baptista de Castro. — Philippe Aristides Cairo. — Aristoteles A. Gomes Calça. — João da Silva Gandra. — Domingos Sergio de Carvalho.

Sessão 183ª — 8ª de Directoria do Conselho Superior — em 6 de Junho de 1902

PREZIDENCIA DO DR. WENCESLÃO ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

No dia 6 de junho de 1902, ás 3 horas e 45 minutos p. m., presentes os Srs. Wenceslão Ballo, João da Silva Gandra, Alberto Jacobina, Aristides Cairo, Sergio de Carvalho, Leoncio de Carvalho, Jous Sand, Dr. A. Vaz Pinto Coelho da Cunha, João Baptista de Castro, Nogueira Paesagnã, Augusto Bernacchi, Cornello da

Fonseca, J. J. Pizarro, Joaquim Ignacio Tosta e Jacy Monteiro, assumo a presidencia o Dr. Wencesláo Bello e declara aberta a sessão.

Pelo adiantado da hora deixa de ser lida a acta da 7ª sessão do Conselho Superior e é adlada a leitura do expediente para a proxima sessão de Directoria.

O Sr. Wencesláo Bello; agradece o comparecimento dos membros do Conselho Superior.

Refero-se ao pequeno numero de luctadores e propagandistas que compo a Directoria da Sociedade; lembrou-se, por isso, esta Instituição de reorganizar o seu Conselho Superior, constituindo-o de elementos escolhidos entre os consocios que mais serviços tem prestado á propaganda agricola e á Sociedade Nacional de Agricultura, afim de supprir a insufficiencia dos directores e poderem ser resolvidas muitas questões de interesse social e agricola da mais alta relevancia que, presentes á Directoria, esta por si só não deve resolver.

Em obediencia aos Estatutos expõe, em seguida, a resenha dos principaes trabalhos effectuados pela Sociedade, a começar pelo Congresso de Agricultura, sua installação, organização das diversas secções, sessões plenas, resoluções approvadas etc.

Refero-se ás Comissões Estaduaes de Agricultura, algumas das quaes já foram nomeadas pela Directoria, e á Commissão de Agricultura da Camara dos Deputados, cujos serviços á causa do progresso agricola do paiz devemos esperar que não de ser os mais proficuos e efficazes.

Depois disso, a lavoura chamou principalmente a attenção da Sociedade; continuadas eram as queixas que nos chegavam dos Estados assucareiros, desoladoras noticias, desanimadora a situação da Industria do assucar.

Dahi a idéa da reunião da Conferencia Assucareira, que terá lugar na Bahia em 25 de junho.

A Industria de lacticínios continúa a merecer cuidados; e ultimamente amla a Directoria da Sociedade obteve de S. Ex. o Sr. Ministro da Viação proveitosa medida que muito favorece a essa industria: o transporte do leite e da manteiga pelos trens nocturnos da Estrada do Ferro Central.

Com relação á lavoura de café a Directoria da Sociedade tem em mãos, para ser devidamente estudado, um valioso trabalho do Dr. Augusto Ramos.

Proseguindo em sua fama de tentar a propagação dos productos nacionaes nos paizes estrangeiros e obedecendo aos dictames do Congresso de Agricultura, que aconselhou como pratica o util a acção commercial, a Sociedade fez uma grande remessa de aguardente, alcool e assucar, de varios typos e diferentes procedencias, consignada a um importante negociante brasileiro domiciliado em Montevideo.

Na Fazenda Santa Monica proseguem os trabalhos de cultura; e, tendo o actual Director voltado a assumir o respectivo cargo, apresentou um plano geral para continuação dos referidos trabalhos, de iniciação de novos serviços da Fazenda.

Eis o que no momento me occorre de mais importante trazer ao conhecimento dos Srs. Membros do Conselho Superior.

ORDEN DO DIA

O 1º Secretario procede á leitura da minuta do regulamento para a Conferencia Assucareira, que será enviada á Sociedade Bahiana de Agricultura, incumbida da direcção dessa conferencia na capital da Bahia. (Lê).

O Sr. Sergio de Carvalho: pensa que essas indicações traduzem perfeitamente o pensamento da Sociedade. Julga entretanto necessario insistir num ponto: é forçoso evitar que se desvie a discussão nessa conferencia; cumpre excluir terminantemente todo o qualquor assumpto theorico.

O Sr. Jacy Monteiro: as indicações que acabou de ler são claras com relação a esse ponto.

O Sr. Ignacio Tosta: precisa em primeiro lugar de uma informação, mesmo porque partirá por estes dias para a Bahia, onde tem de reunir a Sociedade Bahiana de Agricultura, afim de se dar inicio aos trabalhos preparatorios da Conferencia Assucareira; precisa saber se essas indicações, que formam a minuta de regulamento, podem ou não ser alteradas.

O Sr. Wencesláo Bello: a Sociedade Nacional de Agricultura não podia de modo algum pretender impor a sua vontade á Sociedade Bahiana de Agricultura.

Tendo daqui partido a idéa da reunião da Conferencia Assucareira e obedecendo essa idéa a um plano methodicamente preestabelecido, julgou de seu dever a Directoria desta Sociedade organizar as bases da Conferencia Assucareira, confiando as no alevantado criterio da Sociedade Bahiana de Agricultura.

O Sr. Ignacio Costa: refere-se aos dois artigos capitães do Regulamento da Conferencia Assucareira. O mais é secundario: dá para a reunião, organização da mesa etc.

Encorajada a discussao e submettida a votos, a Directoria approva a minuta para regulamento da Conferencia Assucareira, que será lida no conhecimento e deliberação da Sociedade Bahiana de Agricultura, redigida nos seguintes termos:

« A Sociedade Nacional de Agricultura, confiante a patriótica Sociedade Bahiana de Agricultura a direcção dos trabalhos da Conferencia Assucareira, convocada para 25 de junho proximo futuro na capital do Estado da Bahia, afferece ao seu esclarecido julgamento as seguintes indicações relativas á marcha dos referidos trabalhos.

FINS DA CONFERENCIA

Art. 1.º A Conferencia dos Estados Assucareiros do Brasil convocada pela Sociedade Nacional de Agricultura para o dia 25 de junho do corrente anno na capital do Estado da Bahia tem por fim:

a) Promover, entre os referidos Estados e a União, medidas de prompta execução, que habilitem a lavoura de canna e a industria de assucar e aguardente a resistir á crise que as assoborba no momento actual.

b) Promover, entre os mesmos Estados, a União e os proprios productores, medidas que provinam e evitem a repetição da situação anomala, ruinosa e acobrunhadora em que se acham aquelles ramos da produção nacional.

DOS TRABALHOS DA CONFERENCIA

Art. 2.º As pessoas que quizerem tomar parte na conferencia deverão lançar sua assignatura em livro para esse fim destinado.

Art. 3.º Reunidos no dia 24 de junho em sessão preparatoria, os membros da conferencia resolverão sobre a marcha a seguir em seus trabalhos e elegerão a mesa directora da conferencia, composta de um presidente, dois vice-presidentes e dois secretarios.

Art. 4.º Installada a conferencia no dia 25 de junho, será iniciada a discussão sobre as questões e propostas relativas ao duplo fim da conferencia, com exclusão de todos os assumptos theoreticos e dos que visarem outros interesses ou intuitos.

§ 1.º A mesa directora organizará proposições que condensem as medidas aconselhadas e que serão submettidas á votação nominal dos membros da Conferencia.

Art. 5.º Poderão ser nomeadas commissões para a relação de projectos e representações relativos ás medidas que tiverem sido approvadas, bem como para promoverem nos Estados, ou junto aos Poderes da União, a realização dessas medidas.

Art. 6.º As actas das sessões e as discussões havidas serão dadas á publicidade.

Art. 7.º Terminados os trabalhos, a Sociedade Bahiana de Agricultura archivará os papéis e documentos relativos á Conferencia, enviando as respectivas copias á Sociedade Nacional de Agricultura, afim de tambem recolhelas ao seu archivo e desempenhar a parte que porventura lhe couber para o exito da Conferencia.

O Sr. Wencesláo Bello: apresenta ao Conselho Superior o Regulamento dos serviços da Directoria, justificando plenamente a necessidade e vantagens desso mesmo regulamento.

Refere-se em seguida á ajuda de custo ao director de culturas e ás verbas para despesas mindas da Secretaria e d'A Lavoura, pedindo ao Conselho que as determine.

O Conselho Superior julgou dever eximir-se de arbitrar essas despesas, commettendo á Directoria, que conhece melhor os encargos e trabalhos da Sociedade, a autorização de determinar o quantum necessario a esses serviços.

O Sr. Wencesláo Bello: em nome da directoria, propõe que ao Director de culturas lhe seja dada uma ajuda de custo de quatrocentos mil réis e ao secretario

goral e ao 1.º secretario uma verba de cento e cincoenta mil réis por mez a cada um para despozas muidas dos serviços a seu cargo. (Aprovado).

O Sr. Ignacio Tosta: propõe que se nomeie uma commissão para desenvolver a propaganda dos syndicatos agricolas, elucidando os agricultores a respeito etc.

O Sr. Baptista da Castro: a sociedade já tem nomeada uma commissão permanentemente para cuidar dessa questião. Pensa que o governo podia prestar valioso auxilio, facilitando passagem nas estradas do ferro e companhias de navegação aos membros da Sociedade que se prestassem a fazer propaganda, conferencias, etc.

O Sr. Ignacio Tosta: depois do que acaba de ser exposto, retira a sua proposta. Lembra entretanto que convém conseguir a approvaçào do Congresso para o projecto sobre syndicatos e cooperativas, que já existe.

O Sr. Presidente: consulta a assemblêa se não seria conveniente augmentar o numero de membros da commissão a que está entregue a propaganda dos syndicatos agricolas, attendendo á importancia do assumpto.

O Sr. Augusto Bernacchi: propõe que essa commissão seja composta de sete membros.

O Sr. Presidente: propõe e justifica a respectiva proposta, que seja de cinco membros essa commissão, indicando para completal-a os Srs. Drs. Joaquim Ignacio Tosta e Domingos Sergio de Carvalho. (É approvada a proposta do Dr. Wenceslão Bello, ficando prejudicada a do Dr. Augusto Bernacchi).

O Sr. Sergio de Carvalho: communica ao Conselho Superior que o Sr. Ministro da Viação tem empenhado os seus bons officios em facilitar os trabalhos da Conferencia Assuareira, concedendo passagem gratuita nos vapores do Lloyd aos representantes dos Estados e municipios, franqueando o telegrapho ao serviço da sociedade etc.

Refero-se em seguida á distribuiçào de sementes e importaçào de animaes de raça, a cujo respeito a Directoria tem conferenciado com o Sr. Ministro, que prometteu resolver em breve a questião.

Encerra-se a sessão ás 6 horas da noite.— *Antonino Fialho, — João Baptista de Castro, — Dr. J. J. Pizarro, — Sylvio Rangol, — Carvalho Borges Junior, — João da Silva Gandra, — Jens Sand, — Dr. Neves Armond, — Urbano de Gouvêa, — Alvaro Jacobina, — Cornelio da Fonseca, — Aristides Caire, — Democrito Cavalcanti, — Wenceslão Bello.*

Acta da 208.ª sessão — 14.º de Conselho Superior — em 23 de setembro de 1902

Aos vinte e cinco dias do mez de setembro de 1902, presentes os Srs. Antonino Fialho, Wenceslão Bello, Aristides Caire, Moraes Barros, Ignacio Tosta, José Agostinho, Augusto Ramos, João Baptista de Castro, João da Silva Gandra, Domingos S. de Carvalho, Democrito Cavalcanti, Carlos Rozende e E. Jacy Monteiro, assume a presidencia o Sr. Antonino Fialho e declara aberta a sessão.

O Sr. J. Baptista de Castro: discorre sobre os syndicatos. Julga que essas instituições é que salvarão a lavoura.

Quanto á limitaçào das culturas, julga que essa medida devia ser tomada por accordo mutuo entre os lavradores, ou então adoptada sómente pelo Estado onde se dá a superproduçào do café.

A medida entretanto não deixa de ser util.

Historia o que se tem passado com o café, a questião dos typos, dos intermediarios; cita o que diz Von Darden Lerne: « Java não deve se arrecolar da concorrência porque, quanto maior a quantidade, peor a qualidade », aconselhando Java a continuar apurar e melhorar a qualidade de seus cafés; e termina fazendo um appello aos lavradores para que se unam, afim de que possam levar de vencida as difficuldades e os avanços que asoberbam á classe a que pertencem.

O Sr. Democrito Cavalcanti: diz que quer unicamente justificar o seu modo de ver.

Não podla deixar de approvar as conclusões do parecer no que diz respeito á critica ao projecto Quintino.

Ronda toda a justiça e louva immensamente os intuitos do general Quintino. Mas nota que elle fez um projecto onde nao se trata do lavrador, do principal interessado. O projecto é inviavel. Occorre que um dos oradores notou que a commissão não indicou um meio de resolver de prompto a crise.

A comissão defendeu-se perfeitamente. Vem também em apoio da comissão; a crise é complexa, não poderá ser resolvida assim de momento e por um único meio.

Foi também objecto de larga discussão a superprodução e a limitação das culturas.

Ha talvez um *mal entendido*; não pôde haver superprodução para um producto que tem sempre saída nos mercados, e que além disso não tem ainda expansão bastante nos países estrangeiros.

Pensa que o assumpto está debatido; propõe uma modificação na solução 4ª.

O Sr. Augusto Ramos; dá uma explieação relativa á superprodução do café e aos *stocks*.

O Sr. Carlos Rezende; apresenta um additivo.

O Sr. Wencesláo Bello; discorre sobre a historia do trabalho agrícola no Brasil. A Irreflexão, diz, é a causa da crise. Tivimos fazendeiros, mas não agricultores. Já hoje, porém, vai se modificando. O monopólio do Governo poderia vir de momento fazer alguma coisa ou muito, mas só de momento. Depois, o monopólio não melhorará o productor, mas sómente o producto.

A crise voltará talvez pelo.

O Sr. Sergio de Carvalho; apresenta em nome de alguns companheiros uma emenda.

O Sr. Moraes Barros; apresenta igualmente uma sub-emenda redigida nos seguintes termos: « Na impossibilidade de indicar medida prompta para debellar immediatamente a crise, a comissão aconsella a organização da união agrícola nos termos exarados no parecer e nos moldes dos syndicatos agrícolas, já consagrados por esta sociedade, pelo Congresso de Agricultura e pela Conferencia Assucarreira da Bahia, a propaganda commercial confiada aos mesmos syndicatos, facilitar a exportação para o estrangeiro dos typos inferiores do café, que serão isentos de impostos quando destinados ao consumo do país ». — *Sergio de Carvalho*. — *Democrito Cavalcanti*. — *E. Jacy Monteiro*. — *Moraes Barros*. — *Wencesláo Bello*. — *João Baptista de Castro*. — *Aristides Cairo*.

O Sr. Augusto Ramos; accolta a emenda como solução remota. Como medida immediata apresenta a sua emenda.

O Sr. Agostinho dos Reis; pede uma explieação antes da votação; fallou-se primeiro em taxar os cafés inferiores, depois em isentar de imposto.

Não concorda que fique no Brasil só o café ordinario.

O Sr. Antonino Fialho; vota também contra a emenda; o general Quintino pediu medida prompta e nós não aconsellamos isso, nem coisa alguma.

Votação: 1ª conclusão apoiada, salva a emenda A. Ramos; 2ª, 3ª e 4ª conclusões approvadas.

Encerrou-se a sessão. — *Antonino Fialho*. — *Wencesláo Bello*. — *Ph. Aristides Cairo*. — *Nees Armond*. — *Heitor de Sá*. — *Alfredo Dias*. — *Napoleão Rys*. — *A. Pereira Frazão*. — *Alberto Jacobina*. — *Bernardo Hortá*. — *Silva Castro*. — *V. Marcomby*. — *Barão de Capanema*. — *Carlos Raulino*. — *Jean Martin*. — *J. Alves de Souza*. — *João da Silva Gandra*. — *Aristoteles Calaça*. — *Augusto Bernacchi*.



